A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 1823—6.º Anno

Direcção e propriedade de Manuel Guimarães
Editor—Camillo Sousa e Almeida
Redacção e Administração—R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA—Quarta-feira, 1 de Setembro de 1915

Telephone n.º 2298—Endereço teleg. CAPITAL
Composição—Rua do Norte, 5, 1.º
Officina de impressão—71, Rua da Bica, 71

Preço 1 centavo

Ainda o parlamento

Estão votados os orçamentos. Cumpriu-se uma das bases do programma da Republica, que regula a sua administração pela norma d'essa approvação imprescindivel. O mesmo é dizer que o parlamento, eleito em 13 de junho, e que poucos dias depois entrou nas suas funcções, realisou o seu dever constitucional. Votou o que era essencial votar.

A sua missão pode, pois, considerar-se terminada por emquanto, e não é só a opinião que assim o julga, mas tambem muitos dos seus membros que já não assistem ás suas sessões, do que tem resultado baixar o «quorum» ao ponto em que ainda hontem se salientou na sessão conjuncta das duas camaras.

Uma das caracteristicas d'este final de sessão foi o augmento de despeza resultante de muitas propostas. O sr. ministro das finanças, ao ser chamada a sua attenção para o facto de a muitas d'essas despezas não se estabelecer a receita correspondente, declarou que estava armado com a lei travão, e a empregaria como lhe cumpre. Não póde ser senão digna de elogios a sua attitude, que desejamos se mantenha firme e escrupulosa. Já se tentou fazer incidir sómente a lei travão sobre a despeza que se reputa superflua. E' uma classificação que tem de ser applicada a toda a despeza que não caiba nos limites do orçamento. Quando se declara um «déficit» de mais de 10.000 contos, sem falar nas despezas especiaes resultantes da guerra, não ha nenhum gasto novo que não deva ser considerado superfluo.

A orientação d'esta rigorosa economia é a que revelou desassombradamente, no seu governo, a personalidade mais representativa do partido a que pertence a maioria parlamentar. O sr. Affonso Costa, mesmo depois de conseguir um «superavit» no orçamento do Estado, sempre se oppoz resolutamente a augmentos de despeza, porque as sommas d'esse «superavit» as destinava, seguindo um plano de larga visão politica, á reconstituição do nosso exercito e da nossa marinha, assegurando a defeza nacional.

Os acontecimentos precipitaram-se, não consentindo que esse plano de preparação militar se effectivasse, e bem se tem feito sentir a falta da sua execução. Mas se, com a existencia d'um «superavit», a necessidade d'uma rigorosa economia se fazia sentir, pensar em abandonar essa regra, em presença d'um «déficit» avultadissimo, é verdadeiramente absurdo se não absolutamente monstruoso.

Se o parlamento tem de continuar reunido, só se justificará esse facto, como hontem o accentuámos, pela necessidade de discutir algum assumpto muito importante e urgente. Fala-se na questão do Douro. Ninguem nega a sua importancia, mas affigura-se-nos que ella não será, apesar de tudo, discutida n'esta sessão. E não o será pela ausencia da maior parte dos parlamentares. Parante essa ausencia, como persistir em semelhante discussão? Uma questão como a do Douro não se discute n'um parlamento funccionando com meia duzia de membros.

Tudo indica, com effeito, a tendencia do «quorum» para baixar, e chegando-se a um determinado ponto, o parlamento sentiria a invalidade moral as suas resoluções. O parlamento é constituido por um certo numero de representantes da nação. Cada um d'elles representa uma parcella do povo portuguez. Se amanhã só a terça, a quarta, ou a quinta parte dos legisladores se reunirem como é que poderemos suppor que elles representam, pelo menos, a maioria do eleitorado?

N'estas condições mais uma vez apontamos a conveniencia d'uma grande ponderação. E' preciso cercar o parlamento de prestigio e é preciso não comprometter o futuro.

Os ataques allemães repellidos pelos russos

PETROGRADO, 1.—Official. Na região de Riga contivemos a offensiva inimiga a oeste de Friedrichstadt, desalojámos o inimigo da margem direita do Dwina, repellindo todos os ataques com grandes perdas para o inimigo. Na margem direita do Vilia desenvolvemos a offensiva com sucesso. Na Galicia o inimigo pronunciou encarniçados ataques, n'uma grande extensão da linha de combate nas regiões de Ponorzani e Iborow. No rio Styrpa graças aos nossos contra-ataques alcançámos um consideravel successo n'uma ampla extensão. Tomámos 30 peças de artilharia e 24 metralhadoras e fizemos 3.000 prisioneiros, sendo metade allemães.—(*Havas*).

Estão em erupção os tres principaes vulcões da Europa

Uma curiosa carta de Flammarion

PARIS, 30

Na sua edição franceza publica o «New York Herald» a seguinte carta de Camille Flammarion:

«Acabo de receber, do observatorio do Vesuvio, a noticia de se terem quebrado os apparelhos meteorologicos devido á violencia de uma nova erupção vulcanica extraordinariamente forte; a abertura da cratera está a 2.020 metros de distancia horisontal dos instrumentos. Houve doze abalos sismicos.

O mais curioso é que, ao mesmo tempo, abriram-se duas novas crateras no Etna, o qual manifesta vivissima excitação, estremecendo o solo até Brindisi e Tarento.

Mas ainda não é tudo: tambem o Stromboli faz acto de presença ignea, despedindo linguas de fogo, e lava ardente que chega ao mar. Parece que estão em ebulição as tres grandes caldeiras vulcanicas da Italia.

Tinhamos já observado uma certa pallidez no sol; a claridade que actualmente nos envia mais lembra as pallidas ondas de Febo do que o ardor das brilhantes flechas de Apollo. A que se deve attribuir o phenomeno? Ao proprio sol? á Terra? ou será devido ás tempestades levantadas pelos homens que n'este momento revolucionam o mundo inteiro?

Eu sou de parecer que aos vulcões em febre se deve attribuir a causa; não seria para estranhar que as erupções simultaneas das tres famosas montanhas vulcanicas tivessem projectado para a athmosphera uma quantidade de finas particulas sufficiente para formar um véo...

Esta hypothese fundamenta-se em solidos argumentos, isto é, em observações de grande precisão. Mais de uma vez se viu, a seguir a formidaveis explosões, escurecer o céu com a invasão de cinzas que vinham pelos ares a grande altura formando uma cortina entre o sol e a terra, ao mesmo tempo que as medições thermicas da radiação solar accusavam uma diminuição de intensidade.

Em todo o caso é raro que o Etna e o Vesuvio estejam ao mesmo tempo em erupção, e torna-se interessante notar esta coincidencia com a intensificação da actividade solar.

Tudo n'este momento vibra furiosamente na Natureza e atravez da Humanidade.

PORTUGAL DEVOTO

O livre exercicio do culto

Os representantes catholicos no parlamento—Os padres não ensinam o catecismo

A cada passo os nossos impagaveis catholicos se queixam de constantes perseguições. Sob o regimen republicano—dizem—mal os deixam respirar! Os factos, porém, se encarregam de desmentir quem taes affirmações faz, como o prova a seguinte pormenorisada noticia que reproduzimos da «Liberdade» de hontem:

Revestiu as proporções d'uma grandiosa manifestação de fé catholica a peregrinação no domingo realisada ao alto do Monte Sameiro, onde milhares de fieis elevaram as suas preces á Virgem Immaculada, n'um mixto de amor e supplica.

Durante os imprevistos acontecimentos de ha poucos dias, ninguem previa tão grande concorrencia e tão fervoroso enthusiasmo.

A alma christã, o sentimento catholico, as manifestações de amor á Santissima Virgem, expandiram-se hontem notavelmente e d'um modo como ha muito não vinhamos.

O dia apresentou-se d'um sol bellissimo, como para se associar á imponente romagem, que sempre decorreu luzida e sem uma unica nota discordante.

Logo ás primeiras horas da manhã era enormissima a affluencia de familias das povoações circumvizinhas e de aquelles pontos bem distantes, que se dirigiam ao templo do Populo, assistindo ali a uma missa, que foi celebrada pelo rev. Antonio Domingos Correia. Commungaram centenas de fieis.

Pouco depois das 9 horas organisou-se a magestosa peregrinação, cuja sahida foi annunciada por uma girandola de foguetes.

Abria o prestito a cruz de prata da irmandade do Sameiro, seguindo-se-lhe as seguintes corporações, com seus estandartes:

Congregação de Maria Immaculada do Seminario, Braga; Confrarias do Coração de Jesus, de S. Vicente, Braga; idem de Gondizalves; idem de S. Jeronymo de Real; idem de Maximinos; Nossa Senhora de Lourdes de Cabanellas; Coração de Jesus da mesma freguezia; Nossa Senhora, de Ruilhe; idem de S. Lazaro, Braga; «Musica Nova», das Taypas; Associação de Maria Immaculada do Lanhoso; Pia União das Filhas de Maria, da Tamanca, Braga; Pia União das Filhas de Maria, do Populo, Braga; Associação Marianna, de S. Jeronymo de Real, Braga; Coração de Jesus, do Seminario, Braga; «Tuna União», de Sequeira; Catechese de S. Victor; Associação dos Agricultores, de Braga; Associação de Soccorros Mutuos da Fabrica Social Bracarense; Associação dos Alfaiates Bracarenses; Monte Pio de Santo Antonio, de Braga; Associação dos Fabricantes de Calçado, de S. Chrispim e S. Chrispiniano, de Braga; Associação Funebre Familiar Bracarense; Monte Pio de S. José, de Braga; Juventude Catholica da Veiga do Penso; Juventude Catholica, de Cervães; Juventude Catholica, de S. Jeronymo de Real; Juventude Catholica e Grupo Dramatico «Arnaldo Lamas», de Braga.

Presidiu á peregrinação o rev. abbade de S. Lazaro e digno arcypreste de Braga, padre Antonio Gomes d'Amorim, e fechava o prestito a banda dos Bombeiros Voluntarios.

Durante o desfile do magestoso cortejo, repicaram festivamente os sinos da cidade, comprimindo-se nos passeios massas compactas de povo. Todos deram mostras do mais profundo respeito.

Cerca das 10 horas, chegou a peregrinação no templo do Bom Jesus do Monte, havendo n'aquella estancia meia hora de descanço.

De novo se organisou depois o cortejo, com a mesma boa ordem, sendo então encantador ver a alegria que se divisava no rosto dos peregrinos, que entoavam, em côros, os mais harmoniosos hymnos de louvor á Virgem.

Pelas 11 horas, e por entre explosões de enthusiasmo que o espaço não nos permitte descrever, chegou o sumptuoso prestito no sanctuario do Sameiro, havendo missa campal pelo rev. Sebastião de Sequeira Lopes, cura de S. Lazaro, e allocução, n'um pulpito improvisado, pelo eloquente orador e nosso distincto collega na imprensa, rev. José Ribeiro Braga.

Depois da missa, foi enormissimo o movimento de fieis, que entravam e sahiam do templo. Este apresentava um aspecto lindissimo, com os primorosos adornos que o revestiam e lhe davam um caracter solemnissimo.

Começou em seguida a festa, com missa cantada, pelo rev. Manuel da Costa, executando a capella da Sé um escolhido programma, de que fizemos menção ha dias.

O celebrante foi acolytado pelos revs. padre Luiz da Costa e padre Manuel Maria de Miranda Oliveira. Mestre de cerimonias, o rev. Arcypreste Gomes de Amorim, e credenciario o rev. Augusto dos Santos, parocho de Espinho. Assistiram de pluvial os revs. Arthur Campos, Antonio Augusto Pinto, Manuel Gonçalves Maia, Antonio Braga, Jorge de Lima Machado e Antonio José de Carvalho. Foi turiferario o seminarista sr. João da Costa.

Depois do Evangelho, subiu ao pulpito o rev. dr. Clemente Ramos, professor do Seminario Conciliar e distincto orador sagrado.

Por ultimo, houve «Te-Deum», «Tantum-Ergo» e benção eucharistica, sahindo pela estrada do Sanctuario uma linda procissão em que foi conduzida n'um andor, a imagem da Virgem, que a todos parecia sorrir e abençoar.

Atraz do pallio, seguiam milhares de pessoas, entoando suavissimos canticos.

Pela tarde adeante prolongou-se o arraial, que esteve sempre muito animado. Foram depostas nas bandejas e na sachristia, valiosas esmolas em dinheiro e cera.

O sr. governador civil do Porto não permittiu, como se sabe, que d'aquella cidade sahisse no mesmo dia um comboio especial conduzindo a Braga algumas centenas de pessoas, associadas sob a denominação de «Amigos de Santo Antonio». Foi uma medida dictada pela prudencia e que teve por fim evitar contra-manifestações talvez de caracter grave, sabido como os catholicos são por via de regra anti-republicanos e os monarchicos acabavam de realisar em Braga uma tentativa de sedição que facilmente se suffocou. O correspondente da «Nação» no Porto, que é pessoa muito lida, muito informada e muito sabida, considera o facto «simplesmente triste» e attribue-o á «falta de organisação catholica»—tamanha falta «que chega a ponto de não haver, mesmo no parlamento e na hora presente, a quem os catholicos possam dirigir as suas reclamações...»

Que lhe agradeçam o elogio os srs. padres Castro Meyrelles e Silva Gonçalves, deputado e senador eleitos por iniciativa do Centro Catholico Portuguez, e ainda os outros reverendos que no parlamento teem feito a defeza dos principios catholicos como o sr. abbade Casimiro Rodrigues de Sá e o sr. conego José Maria Gomes, ambos no pleno exercicio das suas ordens sacras, o que quer dizer que a auctoridade ecclesiastica, em cuja dependencia se encontram, não reprova a sua presença nas camaras, facto que, a dar-se, podia ter consequencias identicas ás do caso do padre Lemire em França, quando o seu bispo se oppoz, baldadamente, a que esse celebre e illustre sacerdote continuasse investido d'um mandato eleitoral que elle soube sempre honrar...

O correspondente da «Nação», a proposito da romaria ao Sameiro, recorda palavras que de muito longe lhe escreve um amigo, a quem acha toda a razão, e que não queremos deixar de transcrever. Eil-as:

«Ha por ahi gente *demasiado satisfeita* com as devoções que se fazem em alguns centros de piedade e com o escassissimo catecismo d'algumas egrejas e capellas. Bom será dizer-lhes que não sejam tão bons de contentar.»

O «escassissimo catecismo de algumas egrejas e capellas...» Bem podia o amigo do correspondente da «Nação» escrever «muitas» em vez de «algumas». E se o catecismo é «escassissimo» nas egrejas e capellas, o logar mais adequado para o seu ensino, porque se lastimam então de que não seja permittido ensinal-o nas escolas? Por acaso é o professor a pessoa mais idonea para o desempenho de semelhante ministerio? Porventura, ainda mesmo que a lei lh'o permittisse, estaria elle disposto a substituir o padre, emquanto este fica, de braços cruzados, á porta das tabacarias, ou na botica jogando o loto e o gamão?

De tudo quanto deixamos escripto e transcripto duas conclusões insophismaveis se tiram e que importa registar:

Primeira, que, a despeito do que teem dito os energumenos da imprensa chamada catholica, continuam a realisar-se romarias, procissões, missas campaes, sermões dentro e fóra dos templos, cantorias religiosas ao ar livre, repiques de sinos, etc., e isso não só em Braga como em muitos outros pontos do paiz;

Segunda, que os padres descuram o ensino do catecismo, que lei alguma lhes prohibe, e que a organisação catholica, ao cabo de quatro annos de separação da Egreja e do Estado, é uma santa léria que quasi se tem resumido em obter para os bispos e para os clerigos mais sympathicos aos catholicos abonados aquillo de que precisam a fim de atravessarem o melhor possivel este vale de lagrimas...

Poeira da Arcada

Um jornal de Badajoz—Correo de la Mañana tem o velho estro de se occupar de Portugal em estilo que seria biblico, se porventura uma ou outra vez não descambasse na prophecia picaresca que é o contrario das da Biblia. Segundo n'elle escreve João de Rueda Rebollo, nós corremos loucamente para o abismo, impellidos por uma fuerza atavica. Ninguem nos póde salvar, a não ser que aproveitemos os seus conselhos sabios e experientes.

E' caso para dizer que é peor a cura que a doença. Antes morrer do que conservar a vida, utilisando os serviços de um hespanhol tão conspicuo como Rueda Rebollo.

* * *

A regulamentação das horas de trabalho vae-se fazendo lentamente, penosamente, porque entravam a séde de lucro da gente que não tem um vivo respeito pelo esforço dos outros. Este periodo tormentoso ha de passar, entre reclamações e protestos. E então vêr-se-ha quão bellos são os triumphos da justiça social, mesmo quando os obstinados se recusam a reconhecel-os.

* * *

Por causa de um soneto dois moços insultaram-se nas gazetas e depois soquearam-se. Não valia a pena chegarem a taes extremos. Bastava que cada um de per si désse ás musas o que lhes teem pilhado. Não ficavam esmurrados e com certeza sentir-se-hiam a bem com a sua consciencia.

PORTUGAL DESCONHECIDO

A admiravel região barrozã

Porque se não faz hoje por ella o que os romanos fizeram ha perto de dois mil annos?

Quando os arabes dos desertos do oeste chegam ao valle do Nilo e param na contemplação do rio sagrado, o seu grito irreprimivel é sempre: «Tanta agua!» Se o alemtejano, que vem para as Pedras ou para Vidago curar o estomago derrancado pela respectiva sopa e suavisar na contemplação das veigas e dos longes do norte os olhos queimados da charneca—se o alemtejano se visse no Côto dos Corvos ou no marco das Alturas o seu grito irreprimivel seria á certa: «Tanta serra!»

O Gerez, o Larouco, a Cepeda, o Leiranco, o Brunheiro, S. Domingos, a Choupica, a Cabreira, a Picorela formam um immenso circulo azul. Dir-se-hia que se dão as mãos e que, sob o sol loiro, que se derrama sobre os cimos como um oleo quente, todas essas serras dançam a roda. No meio, a serra de Barroso ou das Alturas parece esperar o momento de escolher o seu par, meneando imperceptivelmente a cabeça gentil e sorrindo ás leves poeiradas d'oiro que sirandam em volta dos côtos e modelas voluptuosamente os recortes. O vento, emquanto as serras dançam, toca a sua flauta eterna. No ultimo plano, para o sul, entremostra-se a cabeça calva do Marão e, para sudeste, a cabelleira fulva da Padrela.

Eu não sei qual seja o sabor do mel do Himeto, mas juro que as trutas que comi, a 1.257 metros de altitude, na serra de Barroso, pelas 18 horas do dia 26, apoz uma estirada de algumas leguas, eram bem um manjar dos deuses. Tambem não sei o que seja a bemaventurança, mas juro que as duas horas que passei n'esse dia, 1.200 metros acima do Terreiro do Paço, conversando com um guia analphabeto e dois pequenos pastores de cabras, os ouvidos cheios do silencio da amplidão, os olhos cheios da magestade da montanha, quasi tocando o céo com os cabellos, o coração dormindo dentro do peito como uma creança dentro d'um berço, a alma librando-se como uma calhandra na atmosphera silente, todo o ser impregnado do extase das coisas—juro que essas duas horas foram bem dois instantes de bemaventurança eterna.

Comprehende-se que as altitudes sejam as grandes santas milagreiras dos dias de hoje. Como é possivel morrer-se tão perto do sol que basta estender o braço para se lhe tocar? Como é possivel perder-se a vontade de viver tão longe das paixões que os labios, se se abrem, é apenas para dizerem uma oração, e que os pulmões, se se dilatam, é apenas para receberem o ar?

Como dizia algum pobre poeta, se em Portugal os poetas não se houvessem transformado em directores da policia de emigração clandestina ou acaso das commissões de separação dos funccionarios—que bom devia ser errar por aqui alguns dias, convivendo com os astros, conversando com a noite, dormindo sobre as urzes e acenando ás nuvens para que viessem poisar perto de nós...

Emfim, emfim, não fosse este paiz a enorme Jumencia, de que costuma falar Joaquim Madureira, e a serra das Alturas teria deixado de ser ha cem annos o pasto de verão das cubradas de Campos, Villarinho Secco e outros pequenos aglomerados de cabanas primitivas, surgindo no Côto dos Corvos ou no Côto do Sudro um esplendido hotel servido por estradas, funiculares e todos os modernos meios de transporte, onde os tuberculosos viessem refazer os pulmões, as pobres victimas dos habitos citadinos viessem retemperar a saude com o leite purissimo e a agua purissima, e os politicos e litteratos viessem apagar as varias febres na contemplação das coisas pacificas.

N'um paiz que não fosse, como effectivamente é, o «habitat» de uma população de animaes politicos, entre os quaes honrosamente me conto, aproveitar-se-hia a circumstancia de Pedras e Vidago serem as nossas melhores estancias d'aguas, e ter-se-hia valorisado, para o turismo, esta admiravel região barrozã.

Os romanos fizeram atravessar Barroso por duas magnificas vias, uma que vinha do Portus Cale a Bracara Augusta, passava por Aquae Flaviae e Asturica Augusta e penetrava nos Pirineus, e outra que, destacando-se da primeira, para além da «mansio» Salatia atravessava o planalto pelas actuaes povoações de Bezerrinhos, Covêlo do Monte e Atilhó, *nas faldas das Alturas*, entrando em Aquae Flaviae pelo sul. Ainda, atravessado o Gerez, e internando-se nas regiões galaicas, os romanos construiram a grande via militar, que é conhecida vulgarmente pela Geira.

Dizer que se faça hoje por Barroso o que se fez ha perto de dois mil annos será porventura uma exigencia demasiada? Pois não estará qualquer politiquelho de hoje quarenta furos acima de Augusto, e qualquer joven capitão quarenta furos acima de Cezar?

Antonio Granjo

Leiam-se os artigos publicados nos dias 22, 26, 27, 30 e 31 de agosto.

Migalhas

Na café

Entrei hontem para escrever a minha chronica n'um dos primeiros cafés de Lisboa. *Eram duas da tarde*, a sala estava deserta, um caixeiro cochilava ao balcão e só estava o creado de piquete, encasacado, barbeado e penteado. Pedi um xarope com soda, papel e tinta e, assim que me achei servido, lancei o titulo no alto d'uma folha e, accendendo um cigarro, esperei que chegasse a ideia.

Passados vinte segundos de meditação, senti pesar sobre mim uma influencia estranha. Não me achava bem, havia qualquer coisa e, mal lancei os olhos em redor, percebi o que era. O creado observava-me. Encostado á meza onde se accumulam as illustrações, o homem mirava-me com certa ironia. Sabe quem eu sou e o que faço e, á mingua de outra distracção, divertia-se a vêr como se escreve para os jornaes. Havia na ironia do seu olhar um certo desprezo, aquella antipathia surda que inspiram sempre os que n'este mundo vivem do suor dos seus miolos.

Puz-me a escrever e—para que negal-o?—preoccupava-me aquella curiosidade anthipatica. Emquanto fazia a diligencia por pensar alguma coisa, pensava principalmente no

---

FOLHETIM D'«A CAPITAL»—1-9-1915

FERNANDO BRANCO
1.º tenente da armada

A acção dos submarinos na actual conflagração

Durante o primeiro anno da guerra foram afundados 22 navios e avariados 7 por submarinos, representando uma tonelagem approximada de 160.610. Esses navios tinham custado 11.186.579 libras, approximadamente, e o total de vidas perdidas foi de cêrca de 5.080. Segundo as nacionalidades, esses navios afundados ou avariados eram: allemães, 4; austriacos, 2; francezes, 2; inglezes, 16; italianos, 3; russos, 1; turcos, 1.

Apezar de todas as discussões technicas, que revolucionaram os meios navaes antes da guerra, as operações de submarinos não começaram immediatamente, notando-se, antes pelo contrario, uma certa indecisão de parte a parte, occasionada decerto pelo desconhecimento pratico da efficacia de tal arma.

Assim é que, tendo começado a guerra em fins de julho, principios de agosto, apenas em setembro se iniciaram as operações de submarinos, em que cabe a honra de abrir a brilhante série aqui enumerada ao submarino inglez E 9, do tipo absolutamente moderno.

OPERAÇÃO N.º 1: Afund. do cruz. prot. all. «Hela», em 13-9-914, ao sul de Heligoland, pelo sub. inglez «E 9», de 430 ton. Custo do navio afundado, 300.000 libras.

O caracteristico mais importante d'esta operação é que representa da parte do submarino um audacioso serviço de exploração, pois que sabendo-se que todas as attenções estariam concentradas na manobra dos submarinos, isso não lhe impediu que se approximasse á distancia de 6' apenas, da base naval allemã de Heligoland, onde torpedou e afundou em 15 minutos apenas um cruzador modernissimo de cêrca de 5.000 toneladas, perdendo-se perto de 700 vidas.

Vem aqui a proposito fazer notar que, se é facto que as operações navaes de submarinos são mais numerosas pela parte dos allemães, pelo simples facto de que os outros não teem navios allemães nos mares para afundar; o que é tambem para registar, é que, aparte os difficeis e longos «raids» commettidos por estes, a honra das operações arriscadas, brilhantes e essencialmente estrategicas cabe, como veremos, aos submarinos das outras marinhas.

OPERAÇÃO N.º 2: Afundamento do cruz. cour. inglez «Aboukir», em 22-9-914, no mar do Norte, pelo sub. allemão «U 9» de cerca de 400 ton. que na mesma occasião afundou os navios inglezes do mesmo typo «Hogue» e «Cresey».

Alguns dias apoz a operação n.º 1, e tendo os submarinos allemães tomado o alento e a confiança que lhe deu a brilhante operação do inglez «E 9», coube então a vez ao allemão «U 9», de tonelagem mais pequena, de executar a operação, que veiu, por assim dizer, despertar no animo de todos os marinheiros, quer em guerra, quer em paz, a necessidade de se precaverem contra a formidavel acção dos submarinos.

Foi o caso que um submarino apenas torpedou e afundou em poucos minutos, e seguidamente, tres cruzadores-couraçados inglezes bastante novos, anniquilando assim repentinamente e sem perda alguma á sua parte, 36.000 toneladas, 2.250.250 libras e 1.400 homens!

Operação como esta devia evidentemente dar-se logo no começo da guerra e não mais se repetir, porque apenas no começo, quando ainda o desconhecimento dos seus enormes recursos era quasi geral, é que se tornava desculpavel tão absoluta falta de vigilancia, e desprezo tão completo pelas regras, que mais tarde, com a pratica, começaram a ser usadas na hipothetica defeza contra os submarinos.

Se ao inglez «E 9» coube a honra de iniciar a série de operações de submarinos, foi ao allemão «U 9» que coube, sem duvida, a honra de revolucionar completamente todas as ordenanças de guerra, pois que até do proprio almirantado inglez sahiram ordens immediatas para que os varios navios nunca se approximassem de outro que tivesse acabado de ser torpedado.

Foi esta ordem devida, como se sabe, ao facto de dois dos cruzadores-couraçados terem sido torpedados quando se approximaram do primeiro para salvar os seus naufragos, tendo sido o seu torpedamento feito de muito perto e a alvo parado.

E' este facto que faz com que esta operação, apesar da retumbancia que naturalmente lhe deu o ser a segunda, a terem sido afundados tres só por um submarino, etc., não seja das mais brilhantes pelo que diz respeito ao trabalho, pericia e coragem do pessoal do submarino.

Apesar d'isso o seu commandante, tenente Weddingden, foi—antes de morrer, porque dois mezes mais tarde foi mettido no fundo por esporoamento do destroyer inglez «Badger»—coberto de gloria, propondo-se até no almirantado allemão que ao torpedo automovel se passasse a chamar «Weddingden».

OPERAÇÃO N.º 3: Afundamento, em 6-10-914, do destroyer all. «S 126», de 420 ton., lançado á agua em 1905 e tendo custado 97.200 libras. Vidas perdidas, cerca de 50.

Tres pontos curiosos caracterisam esta operação, e são elles os seguintes:

1.º Foi o submarino inglez «E 9» o mesmo que, afundando o cruzador protegido allemão «Hela», abriu a brilhantissima série das operações dos submarinos n'esta guerra, que egualmente tomou parte n'esta operação, afundando o destroyer tambem allemão «S 126».

Não foi esta ainda a ultima operação em que este feliz submarino tomou parte, como adeante veremos, demonstrando-se assim necessariamente, não só o alto valor dos submarinos modernos, como este é, e por conseguinte a rapidez com que a technica da construcção tem avançado n'este importante ramo, como tambem o valor profissional, moral e intellectual, individualmente grandes, do seu glorioso commandante.

Para nós, e certamente não teremos um grande numero de contestadores, muito mais brilhante é a technica e muito mais em evidencia se colloca o valor profissionalmente guerreiro d'um commandante de submarino, d'aquelle que, com intervallos de tempo, em «raids» persistentes, em campanhas aturadas, consegue afundar varios navios inimigos, hoje um, amanhã outro, depois ainda outro, e quem sabe se ainda mais algum, do que aquelle que egualmente afunda tres, mas todos na mesma occasião, porque elles se apresentam descuidadamente parados.

E comquanto a «porte bonheur» da guerra actual de submarinos seja o ter o n.º 9 (como se vê do quadro), não tentando sequer desmerecer (visto ser este um artigo apenas technico) o valor do allemão «U 9», entendemos dever classificar de maior valor o serviço do inglez «E 9».

2.º E' uma parte tambem importante e para notar n'esta operação o facto de o navio afundado ter sido um destroyer, porquanto, sendo estes os navios actualmente destinados a flanquear e a proteger os navios de linha, irrisorio parecerá sempre o facto de serem elles os atingidos. Outros factos denotam ainda o caracteristico da operação, taes como: a grande velocidade de que esta especie de navios dispõe (por assim dizer e por ventura hoje a unica defesa provavel contra os submarinos), a enorme vigilancia que o pessoal a seu bordo deve dedicar ao ataque dos submarinos, por se aventurar em mares nos quaes os navios de linha não se aventuram e ainda pelo fraco calado d'agua e menor alvo, que pódem até certo ponto difficultar um tanto ou quanto o tiro feito pelo submarino.

3.º Egualmente torna importante esta operação o facto de este ataque ter sido feito muito perto da côsta e perto tambem de uma base naval allemã, a 12' a NE das embocaduras do Ems, o que demonstra a audacia no serviço de exploração feito pelo submarino, facto este que tantissimas vezes se tem repetido durante a guerra, demonstrando assim evidentemente a grande efficacia do submarino sob o ponto de vista de explorador, com enormes vantagens sobre qualquer outro navio empregado em identico serviço, em determinadas circumstancias.

OPERAÇÃO N.º 4: Afundamento no Baltico, em 11-10-914, do cruz. cour. russo «Pallada», lançado á agua em 1906.

Notavel por ter sido a unica em que se deu o combate entre uma esquadrilha de submarinos e uma divisão de cruzadores-couraçados.

Após o encontro no Baltico, em que os submarinos, tentando torpedar os cruzadores couraçados, foram descobertos—muito provavelmente por pouco cuidadosa manobra dos submarinos—deu-se um ligeiro combate, em que ainda assim os submarinos levaram a melhor, pois um dos cruzadores couraçados, o «Pallada», foi afundado.

Diz-se que dois dos submarinos da esquadrilha foram egualmente afundados pelo fogo do «Pallada» e tambem do «Bayan», que o acompanhava, mas não o podemos confirmar.

De resto, mesmo que assim fosse, a victoria teria sempre cabido á esquadrilha de submarinos, pois que só á sua parte perdeu duas unidades, ou sejam 800 toneladas, 40 homens e 320.000 libras, causou á divisão de cruzadores (ainda que fosse a pique apenas uma unidade) um prejuizo de 7.900 toneladas, cerca de 800 homens e 474.000 libras.

OPERAÇÃO N.º 5: Afundamento do cruz. protegido inglez «Hawke», 7.350 ton., custo 400.750 libras, vidas perdidas, cerca de 500.

Foi esta uma outra operação em que tomou parte o celebre submersivel allemão «U 9», atacando, semelhantemente á sua primeira operação, dois cruzadores protegidos inglezes, «Hawke» e o «Theseus», conseguindo o submarino afundar apenas o primeiro.

Conta-se como caso curioso que, durante a execução d'esta operação por parte do submarino allemão, houve uma grave discussão entre o commandante e o immediato do mesmo barco sobre a fórma de a executar, discussão fundada sobre os resultados obtidos pela tactica empregada, a quando do afundamento do «Aboukir», «Hogue» e «Cressy», e sobre as ordens que, em virtude d'esse desastre para os inglezes, foram emanadas do almirantado inglez; tendo razão aquelle que dizia que a operação já não poderia tão facilmente ter resultados identicos á outra, porquanto effectivamente o «Theseus» conseguiu pôr-se a salvo, facto este que aliás nada prova em desabono dos submarinos, pois que o ataque efficaz a dois navios em columna depende, mais do que tudo, da posição em que se sabe collocar o submarino atacante, conforme ainda não ha muito ficou provado nas nossas manobras na costa de Cezimbra.

OPERAÇÃO N.º 6: Afundamento, em outubro de 914, a este da Escocia, do scout inglez «Pathfinder», ton. 2.940, custo libras 273.147, vidas perdidas, 259.

Esta operação inicia, por assim dizer, a brilhante serie de «raids», que tem sido o caracteristico das operações dos submersiveis allemães.

Além de ter sido o afundamento de uma unidade relativamente moderna e veloz, que n'um periodo de guerra como este—em que os dreadnoughts não servem—faz sentir a sua falta, representa o facto, pelo local em que se deu, um afastamento já grande do submersivel da sua base, prefazendo um «raid» de 350' ou sejam 700' ida e volta ao seu ponto de apoio.

Muito pouco isto é em presença do que mais tarde se tem feito em materia de longos «raids», porém como inicio d'este genero de operações, marcou sem duvida um logar brilhante.

(Continua amanhã).

ULTIMAS NOTICIAS

que estaria pensando o «larbin», que, de sorriso escarninho no canto do seu labio glabro, seguia com os olhos o girar da minha pena.

Risquei, voltei atraz, recomecei... Já não me atrevia a erguer os olhos. Adivinhava que o homem ia seguindo as minhas hesitações, que lá por dentro se estava rindo dos meus esforços, elle, que como todos os que ignoram este supplicio de ennegrecer papel, suppõe que isto é um officio de mandriões, de gente que não serve para outra coisa.

Por fim lá cheguei ao cabo da chronica. Puz a assignatura n'um impeto e, chamando o creado com um gesto, requisitei um moço para levar o papel á redacção. Com um profundo ar superior, o homem chegou á porta, chamou um gallego do passeio fronteiro e, sem lhe dar uma palavra, com um volver de cabeça, indicou-me ao moço de fretes.

Isto abalou, eu paguei a despeza, deixei a gorgeta e, quando ia a sahir, não pude conter-me que não olhasse para traz. O creado lá estava, de novo encostado á meza das illustrações e nos seus olhos havia agora piedade, um dó profundo por mim, pobre diabo que—pensava elle—seria absolutamente incapaz de servir um almoço ou pôr a meza para um jantar de quatro thaleres.

André Brun.

Negociantes multados

A policia encarregada da fiscalisação do preço dos generos multou em 20 escudos José Antonio Cartaxo, residente em Aldegallega, por ter augmentado o preço da banha, e em 10 escudos José Joaquim Sequeira, da rua do Conde das Antas, 22, por elevar o preço do carvão de coke.

«Historia Illustrada da Grande Guerra»

Dividido em volumes, cada um dos quaes com cerca de 200 paginas, de modo a formar um livro portatil, economico, elegante e de facil encadernação, o folhetim que vimos publicando *Historia Illustrada da Grande Guerra* tem alcançado grande exito.

O primeiro volume abrange desde março a 15 de abril, tendo 184 paginas, o segundo de 10 de abril a 3 de junho, com 188, e terceiro de 4 de junho a 20 de julho, egualmente com 188 paginas profusamente illustradas. Na administração d'*A Capital* são immediatamente satisfeitos todos os pedidos, que venham acompanhados das respectivas importancias.

Declaração

Podendo-se deprehender que os abaixo assignados ao fazerem a declaração publicada nos jornaes de 27 de agosto p. p., sobre a falta de farinhas, tiveram qualquer fim politico, entendem do seu dever tornar publico que nenhum intuito politico ou menos patriotico os moveu e que sómente tiveram em vista chamar a attenção dos poderes publicos para a crise que se lhes antolhava imminente.

Teem auxiliado o governo e collaborado com elle mantendo em laboração a sua fabrica do Beato e pondo á disposição da Manutenção Militar a mesma, e continuarão prestando ao governo todo o concurso de que necessite.

João de Brito, Limitada

Declaração

O abaixo assignado vem affirmar, pela sua honra, que ao subscrever a declaração sobre a falta de farinhas, de 27 de agosto p. p. nenhum intuito politico ou anti-patriotico teve em vista nem tão pouco pretendeu crear embaraços ao governo a quem, aliaz, tem prestado todo o seu auxilio e continuará prestando em tudo quanto as suas forças permittam porque a isso o obrigam os seus brios de bom portuguez.

Lisboa, 1 de setembro de 1915.

Raul Monteiro Guimarães
Administrador da Companhia de Moagens «Invicta» (Porto)

PARTE COMMERCIAL

Situação da praça

CAMBIOS.—O mercado fechou ás seguintes cotações:

	Compra	Venda
Londres, cheque	35 1/2	35 3/8
Londres, 90 d/v	36 1/16	—
Paris, cheque	$78,5	$71
Allemanha, cheque	$28,3	$20,8
Hollanda, cheque	$57	$58
Madrid, cheque	1$35	1$36
New York	1$41	1$46
Rio/Londres	12 3/4	
Libras	6$90	7$00
Agio do ouro	45 %	50 %

BOLSA — As inscripções effectuaram-se:

	Assent.	Coup.
Titulos de 1.000$	—	40,00
» » 500$	—	40,00
» » 100$	—	40,00

Obrigações d'Estado: 3 0/0 1905, 9$40; 4 1/2 88-89, coup. 60$.

Externas: 1.ª serie 70$ e 3.ª 74$.

Acções: Lisboa e Açores 115$; Banco Commercial do Porto 48$50; Assucar 40$00, Companhia Nacional dos Caminhos de Ferro 4$10.

Obrigações: Ultramarinas, coup. ouro, 92$; Ambacca 90$50; Norte e Leste, 1.º grau, 72$30; Assucar 41$50.

Espectaculos

Cartaz de ámanhã

AVENIDA—A's 21 — As pilulas do Hercules.
POLITEAMA—A's 20,30 e 22,30 —Não desfazendo... (Revista).
EDEN — A's 20,45 e 23,45 — O diabo a quatro. (Revista).
COLISEU DOS RECREIOS—A's 21 — Eva—Cançonetas hespanholas.

Primeiras representações

COLISEU DOS RECREIOS—*A menina do cinematographo.*

Com uma casa quasi cheia estreiou-se hontem no Coliseu dos Recreios a operetta A menina do cinematographo *que de Italia vinha precedida de fama extraordinaria.*

Bem justa era essa fama, pois A menina do cinematographo é das mais lindas e interessantes operetas que teem subido á scena em Portugal. Possue um enredo muito comico e a partitura, de Weinberger, é adoravel. Muito facil, agradavel e escripta n'um momento de superior inspiração, a musica ouve-se com o maximo agrado. Quanto ao desempenho todos os artistas bem, merecendo particular registo Anita Patrisi e Granieri no duetto do primeiro acto e Fernanda Razzoli e Marchetti na valsa dos beijos, no segundo acto, que o publico fez bisar.

Scenario e guarda roupa muito bom e muito bonito, merecendo referencia especial a decoração do segundo acto.

Hoje repete-se a mesma operetta o que significa que esta noite o Coliseu terá uma enchente.

Amanhã a simpathica e irrequieta Fernanda Razzoli faz a sua festa artistica apresentando-se pela primeira e unica vez como cançonetista no repertorio das celebres cançonetistas Fornarina, Raquel Meller e Carmen Flores. Cantar-se-ha tambem pela primeira e unica vez a operetta Eva, que a companhia Granieri considera como um dos seus exitos seguros.

Ao correr da penna

Ha quem compare as coristas portuguezas ás coristas estrangeiras que ahi nos apparecem principalmente nas companhias italianas. Estas cantam, representam, dançam, arranjam-se bem para a scena, etc., ao passo que é muito difficil manejar um corpo coral em Lisboa.

D'accordo; mas a razão é muito simples. As companhias estrangeiras estão providas de coristas profissionaes. Nos nossos theatros a grande maioria dos coros femininos é composta de raparigas que estão no theatro de passagem, á cata de melhores destinos. Ha ainda nos theatros portuguezes coristas com annos de pratica; mas são bem poucas. As outras apparecem e se teem um palminho de cara desapparecem no fim de tres semanas a não ser que, apenas se sintam com um chapeu de plumas na cabeça, se não promovam a actrizes e peçam os ordenados correspondentes. Mal pagas, sem gosto pelo que estão fazendo, acceitam todos os meios de evasão e portanto não ha meio de as reter, de as adestrar, de as habituar a um repertorio e aos processos do ensaiador.

De cada vez que se monta uma peça metade do corpo coral é formado de debutantes, de meninas e moças que nunca pisaram um palco, que não percebem uma palavra do que se lhes pretende ensinar e que ao minimo ensejo tratam de se escapulir.

Nas companhias estrangeiras vemos raparigas que acompanham durante annos a mesma tournée, correndo o mundo todo, divertindo-se quando podem, mas sem nunca perder de vista a sua profissão principal.

Cyrano

Boatos e informações

Entre nós

No theatro Avenida vae ser posta em scena uma revista n'um acto dos auctores da *Rosa tyranna*, com musica de Vasco de Macedo. Dará tres sessões por noite.

Circos & Music-halls

SALÃO DA TRINDADE—A's 20 e 22 —Companhia infantil—O collar da princeza.

ANIMATOGRAPHOS E CONCERTOS —Olimpia e Paradis, *matinées* diarias e sessões á noite; Central, Chiado Terrasse, Salão Foz, Rocio; Sociedade Promotora de Instrucção, em Alcantara, sessões ás quintas feiras, sabbados e domingos.

CINEMATOGRAPHOS OU ESPECTACULOS VARIADOS—Chantecler, Imperio, Salão Graça, na Caixa Economica Operaria. Variedades, na calçada da Estrella—A's 21,30—O diabo no convento.

Casino de S. José de Ribamar

Na explanada d'este magnifico Casino, em Algés, continuam as festas da temporada de verão, havendo todas as noites estreias de artistas expressamente contratados no estrangeiro para ali trabalharem no elegante palco-terrasse.

Hontem estiveram n'aquella explanada centenares de pessoas, pelo facto de se ter estreiado um verdadeiro phenomeno artistico, D'Harnouville, transformista original. No dia 4 do corrente, estreia das quatro encantadoras irmãs Blanches, verdadeiras celebridades artisticas.

PEQUENAS NOTICIAS

José Maria Dias Pairalhão, morador na rua Direita do Grillo, 15, queixou-se á policia de que Maria Adelaide lhe furtou objectos de ouro e roupas no valor de 120 escudos.

—Foi preso Francisco Duarte, empregado no hospital de S. José, por se achar pronunciado na comarca do Fundão pelo crime de offensas corporaes em Antonio Adrião, proprietario em Valle dos Pazares.

Noticias parlamentares

Que pena, contribuinte amigo, não teres podido ir hontem até S. Bento, para veres com os teus proprios olhos como os teus representantes em côrtes zelam os teus sagrados interesses. Terias surprehendido episodios estranhos e convencer-te-hias, decerto, que a desorientação assentou definitivamente arraiaes em S. Bento e que é preciso fechar *aquillo* quanto antes, para prestigio da Republica e dos republicanos. Mas como serias apenas tu que tal observação faria, o teu tempo e a tua indignação seriam improficuos para chamarem os srs. legisladores ao respeito que elles devem ás suas funcções, continuando assim, apezar de tudo, a fazerem-se pagar caro as suas orgias legislativas. A não ser que te mandassem pôr fóra, para não se incommodarem com a tua presença.

* * *

A noite passada, no Congresso, uma voz alti-sonante se ergueu para clamar que se tornava indispensavel cumprir a lei travão. E o thema serviu nas mãos de quem o glosou, para considerações cuja bizarria merece um verdadeiro monumento. O portador das economias foi o sr. Sousa Junior, que só se lembrou de que estavam a cabanjar-se os dinheiros publicos ao discutir-se o orçamento da instrucção. Pelo entono com que alli se houve, todos tiveram a impressão de que esse ex-ministro era ainda quem queria mandar no ministerio onde, diga-se a verdade fez a mais brilhante figura, quando, para proveito do ensino, por lá passou. As escolas moveis, transformadas em organismos politicos, que o digam...

* * *

Um senhor senador propoz no Senado que se equiparassem as propinas do Instituto Superior Technico ás das outras escolas superiores. Não percebeu o bom homem que taes propinas são de menor custo para attrahir grande parte dos alumnos que d'antes se dirigiam para o bacharelato, onde aprendiam, quando muito, a estragar as leis. Mas isso é o menos. O facto grave é haver um homem que já foi ministro da instrucção, que não duvidou applaudir tão extraordinaria doutrina. Disse elle que, lá fóra, os cursos technicos são os mais caros. Mas não disse porquê, decerto por o não saber. Façam-no de novo ministro e verão o trambulhão que o ensino apanha em Portugal...

* * *

E' conhecida a ancia de crear empregos que corroeu a Camara nos ultimos dias em que se discutiu o orçamento. Fez-se tudo para tirar do nada inspectores de varias especies, de varias aguas, de varios selos, de varios perfumes e de varios fumos. Augmentaram-se vencimentos e distribuiram-se gratificações com uma prodigalidade absolutamente admiravel. E a respeito de reduzirem o numero de burocratas? Nada. Ou antes extinguiu-se o cargo de inspector dos museus regionaes, que não tinha sombra de remuneração nem dava dez réis a quem o exercia. Ha quem diga que o logar gratuito desappareceu agora para resurgir d'aqui a pouco, opulentamente pago. Será assim? Sabe-se lá! A verdade é que nunca faltam certos bichos odientos, sempre dispostos a cravar o ferrão nos bolos apetitosos que o seu olfato descubra onde quer que seja.

* * *

A reforma da policia, coitada, que sorte terá? Naturalmente a que não merecer, porque se alcançar a que merece irá, definitivamente, para o limbo. Mas parece que quem vae para onde estava antes de subir ao poder é o sr. ministro do interior, que quer á viva força que a reforma, sua filha dilecta, se discuta, sob pena de se divorciar da sua pasta. Ah! Os srs. commissarios e os srs. chefes, os srs. prefeitos e todos os outros conegosinhos que se preparam para, sob o pretexto de nos guardarem as costas, passarem vida regalada! Como elles devem andar inquietos, devorados pelo receio de que a reforma não se discuta! E' que um monstro de tal grandeza não poderá fazer-se passar facilmente pelo minusculo fundo de uma agulha.

* * *

Parece que está tudo de accordo, os que apoiam o governo e os que fingem combatel-o, os que se sentam nas direitas e os que teem o seu logar nas esquerdas parlamentares. O Congresso irá ainda até sabbado por consenso unanime dos que o compoem. E para quê, se o orçamento está votado e se, em boa razão, não ha projecto de absoluta urgencia que tenha de ser votado? Ha, porém, outros, os que servem as clientelas e os que conquistam prestigio eleitoral. E' ha ainda os que interessam a uma certa fauna exotica que ha muito não abandona os corredores parlamentares, á espera que lhes toque a vez de se fazer ouvir pelos que tudo dão e tudo mandam n'este Paiz. Depois, cada sessãosinha rende para os que a ellas assistem cinco benevolos escudos. A este argumento até o sr. Arrada se rende, por solidariedade, já se vê...

* * *

Era bem certo que o sr. Barroso tambem se apropincuava para aquelle logarsinho de arregalar o olho, a que pozeram o nome de inspector das aguas mineraes. Hoje já andou elle pela Camara exhibindo a ultima moda de Braga e collando-se aos amigos para não ficar a ver navios á beira do lago do Bom Jesus do Monte. Pobre sr. Barroso que fez mais este sacrificio de vir por ahi abaixo á sua custa, desfalcando os haveres, para os augmentar á custa de nós todos os que soffremos de dispepsias e precisamos de nos encharcar nas alcalinas aguas transmontanas! Como elle a estas horas deve estar arrependido da viagem, tão longe vae já a *sine cura* preciosa com que lhe acenaram para o calar e para o não fazer, uma vez mais, deputado. O feliz será o sr. Botelho de Sousa, e para o servirem, vae ser demittido o sr. Cimbron, que é quem até agora tem bebido a para limpha medicinal. E como o logar foi creado definitivamente no ministerio do interior, agora já não são as emprezas d'aguas que pagam ao inspector, mas o paiz. Para se chegar a isto, não era preciso tanto barulho, como não era necessario metter o sr. Barroso em fôfas. E' que o homem póde muito bem morrer de desalento e de anemia...

CONGRESSO NACIONAL

Na Camara dos deputados

Discutem-se e approvam-se varios projectos de lei

E' o sr. Nunes Godinho quem preside, coisa que ha muito lhe não succedia. A acta é approvada por 36 deputados. E assim se foram as esperanças dos que julgavam que não haveria sessão por falta de numero. Faz-se a inscripção para antes da ordem. O sr. José Maria Gomes quasi supplica que o deixem falar. Ha mais de oito dias que reclama a palavra, e nada. O sr. Ramos da Costa reclama varias obras nos esteiros do sul do Tejo cheios de entulho que impede a atracação das embarcações. Ha verba para essas obras e tambem pede que se repare quanto antes a ponte da Trafaria, para que se não dê ahi um desastre semelhante ao do anno passado. O chefe do governo diz que transmittirá as considerações do sr. Ramos da Costa ao sr. ministro do fomento. Approvam-se, a requerimento do sr. Trancoso dois pareceres que interessam ao pessoal fabril do arsenal de marinha e dos escriptorios d'esse estabelecimento. Tambem se vota, a requerimento do sr. Portocarrero, um outro parecer, referente á contagem da antiguidade a um sargento. O sr. Simões Raposo, apoiado pelas direitas, declara que não approva mais nenhum parecer antes da ordem. O sr. Mesquita de Carvalho entende que todos os pareceres que devem ser approvados o sejam durante a ordem do dia.

O sr. Francisco Cruz pede providencias para o facto da povoação de Sernache do Bomjardim estar sendo posta em sobresalto por um bando de provocadores que enxovalha toda a gente, espalhando, constantemente, por ali, ameaças, desassocego e toda a casta de inquietações. O sr. Abilio Marçal declara que em Sernache a ordem é completa e affirma que o tal bando não existe. O que se deu foi ha dias ter havido quem pretendesse realisar em Sernache a procissão do corpo de Deus, dividindo-se os habitantes em dois grupos mas não chegando a dar-se alteração da ordem. O chefe do governo confirma as palavras do sr. Abilio Marçal, replicando ainda a ambos o sr. Francisco Cruz que mantem as suas primeiras palavras.

O sr. Simões Raposo occupa-se do caso da Companhia do Gaz. Como o governo sabe, esteve para dar-se na séde d'essa empreza uma tremenda catastrophe, que podia pôr em risco uma parte da cidade. Que providencias se tomaram para que, de futuro, taes casos não possam repetir-se? A camara municipal não perde a Companhia de vista, mas bastará isso? O chefe do governo responde que se tratou apenas da manobra errada d'uma valvula, conjurando-se logo todo o perigo que esse facto fez nascer. Por ora, parece-lhe que não ha motivo para sustos. O sr. Fernandes Costa faz approvar um projecto de lei mandando pagar ás professoras da secção feminina do liceu de Coimbra, cujos vencimentos por lapso não foram incluidos no orçamento.

Passa-se á ordem do dia. O sr. Arthur Leitão requer, e é approvado, que se discuta, o parecer que fixa os quadros do pessoal auxiliar da Universidade de Coimbra. Continúa a discussão, interrompida hontem do, projecto que estabelece um novo regimen para as carnes. O sr. Alexandre Braga combate o artigo que ordena a rescisão do contracto da camara com a Companhia do Mercado Central dos Gados. A camara, se deixasse passar esse artigo, daria provas d'uma absoluta incompetencia. Averigua-se, afinal, que o artigo está já approvado. Segue a discussão e a votação, falando os srs. Pimenta de Aguiar, Costa Junior, Constancio d'Oliveira e outros, sendo o projecto, por fim, approvado com ligeiras emendas. Approvam-se a seguir outros projectos, figurando entre elles o que cria uma freguezia em Caneças e Loures. E' mandada para a meza uma proposta de lei regulando a questão do peixe e determinando que a venda d'esse genero alimenticio só será permittida a peso.

Votam-se projectos referentes a empregados administrativos e a thesoureiros de finanças, sendo um e outro ligeira discussão.

No Senado

Trata-se do caso do gaz e nomeia-se o sr. Alvaro de Castro governador de Moçambique

Sessão ás 15 horas.

Preside o sr. Correia Barreto.

Approvada a acta e lido o expediente o sr. Estevam de Vasconcellos envia para a meza um projecto de lei auctorisando a camara municipal de Villa Real de Santo Antonio a adquirir um edificio para construcção d'uma escola.

O sr. Faustino da Fonseca trata mais uma vez da questão da carestia da vida para a qual chama a attenção do governo. Acima de todos os regimens, acima de todas as ideias está a obrigação de viver e prover, e para isto é indispensavel comer, alimentar-se convenientemente.

Em negocio urgente o sr. José Maria Pereira trata do caso de hontem na Companhia do Gaz. Descreve como os factos se deram e diz que para segurança de todos nós o governo necessita de tomar medidas energicas para que taes factos se não repitam ali, fazendo sahir para outro sitio as installações da Companhia. (Appoiados geraes).

O sr. ministro das colonias promette transmittir estas considerações ao seu collega do fomento.

Approva-se depois com urgencia e dispensa o projecto de lei já approvado nos deputados, equiparando o curso do commercio da Casa Pia aos cursos das escolas elementares do commercio.

E entra-se na ordem do dia sendo a sessão interrompida para se proceder á eleição do governador de Moçambique.

Reaberta a sessão e feitos a chamada e o escrutinio ficou o sr. Alvaro de Castro governador de Moçambique por 27 votos contra 2.

Votam-se depois os seguintes projectos:

—Auctorisando o governo a regularisar varios pagamentos ao pessoal dos quadros technicos e administrativos de obras publicas e minas. Approvado.

—Encorporando na área da freguezia de Vendas Novas as herdades da Alalaia, Ajuda, Misericordia e Monte Branco que actualmente pertenceu á freguezia de Cabella, do concelho de Montemór-o-Novo. Approvado.

—Destinando a Panthéon Nacional o antigo templo de Santa Engracia.

Retirado da discussão por não estar presente o sr. ministro do fomento.

Em urgencia e com dispensa mais uma vez requerida e finalmente concedida discute-se o projecto da desannexação da freguezia do Salto do concelho e comarca de Montalegre para ser annexada ao concelho e comarca de Cabeceiras de Basto. Fala contra o projecto o sr. Teixeira Rebello e a favor o sr. Sousa Fernandes.

O sr. Fortunato da Fonseca diz que em vista do assumpto não estar esclarecido e terem apparecido extra-officialmente novos esclarecimentos deve o projecto voltar á commissão de administração publica o que propõe.

Os srs. Sousa Fernandes e Alves Monteiro não concordam.

Os srs. Madureira e Castro e Celestino de Almeida defendem.

Como tivesse dado a hora é a sessão encerrada e marcada a proxima para amanhã á hora regimental.

A questão do peixe

E' apresentado na Camara um projecto, resolvendo-a

Pelos srs. Levy Marques da Costa, Constancio d'Oliveira e Costa Junior foi hoje apresentado na Camara dos Deputados um projecto de lei regulando a questão do peixe, cuja venda, quer por grosso quer por meudo, só será permittida a pezo e por preços constantes das respectivas tabellas, as quaes serão elaborada em cada concelho pelas camaras. Os preços serão fixados por especies, podendo havel-os, dentro de cada especie, para duas cathegorias differentes. Em Lisboa, o preço médio da venda do peixe, por grosso, não poderá ser superior a $09 por kilo. Por meudo, esse preço não irá além de $13. As infracções serão punidas por posturas municipaes especiaes. Se os actuaes vendedores de peixe deixarem de fazer essa venda, as camaras podem effectual-a por sua conta. Se se manifestar escassez de peixe no mercado, o governo fica auctorisado a tomar todas as providencias que julgar precisas para remediar essa escassez. E para isso pode permittir a vinda aos nossos portos de vapores de pesca estrangeiros, expropriar as fabricas de gelo, quando estas se neguem a abastecer os mesmos vapores, baixar as tarifas ferro-viarias e conceder subvenções ás camaras para as indemnisar de prejuizos que porventura soffram. A exportação de peixe só será permittida quando as quantidades expostas á venda excedam as que forem precisas para o consumo. A lei, devidamente regulamentada, deve ser posta em execução dentro de 30 dias a contar da sua publicação. O projecto baixou com urgencia ás commissões, a fim de obter parecer e ser devidamente discutido.

NOTAS DIVERSAS

O conselho de ministros voltou a reunir esta manhã no ministerio da marinha, occupando-se de assumptos de administração publica e da questão das subsistencias.

—Com o sr. ministro da guerra conferenciou o coronel commandante de artilharia 6 sr. Abel Hyppolito, que hoje partiu para a séde do seu regimento.

—Foram louvados o 1.º tenente sr. Nunes Ribeiro, commandante do rebocador «Berrio», e a guarnição d'esse navio pelo zelo e dedicação que empregaram durante as tentativas de desencalhe do cruzador «Republica».

Divisão naval portugueza

A divisão naval portugueza largou hoje do quadro, fundeando em frente de Caxias. Sahirá ámanhã a barra, indo continuar os exercicios.

A questão do pão

Declarações das firmas Dias, Borges & C.ª e Correia & Gomes

Sr. director d'*A Capital*.—Tivemos conhecimento de uma carta publicada no seu muito conceituado jornal de 30 de agosto p. p. e na qual se affirma que a nossa firma não tinha auctorisado a sua assignatura no annuncio que se publicou nos jornaes da manhã de 28 p. p. sob a epigraphe «Falta de pão».

Em abono da verdade vimos declarar a v. que a nossa firma foi auctorisada a assignar esse communicado por um dos nossos socios e que para isso fômos procurados em nossa casa no dia 27 á noite por um dos nossos collegas, o qual se fez transportar de carro electrico até proximo da nossa casa, e a pé até lá, e não de automovel como tambem se pretende affirmar.

E' facto ter um dos nossos socios tido uma conversa com o signatario da referida carta a quem disse ignorar o que se passava, por não ter visto o nosso nome no «Seculo» nem ter ainda conhecimento da visita do nosso collega, por não estar em casa n'essa occasião.

Mas foi apenas uma conversa, e não uma auctorisação para esse senhor se servir do nosso nome para vir a publico fazer affirmações gratuitas.

Auctorisámos a nossa assignatura e somos solidarios com todos os collegas que assignaram o communicado porque tambem estamos plenamente de accordo com elle.

Pela inserção d'esta lhe fica muito grato o de v. etc.—Pela firma Dias, Borges & C.ª, *Manuel Gonçalves Borges.*

Sr. director d'*A Capital*.—Tendo conhecimento por uma carta inserta no seu muito conceituado jornal de 28 de agosto do p. p. na qual se dizia que nós não tinhamos auctorisado ninguem a fazer uso da nossa firma para o communicado que sahiu nos jornaes da manhã de 28 sob a epigraphe «Falta de pão», temos a declarar que estamos de accordo com o que se fez, e a pessoa que assignou por nós estava e está auctorisada a assignar todas as representações e communicados que seja preciso fazer-se a bem dos nossos interesses.

Pedindo desculpa do tempo que lhe tomamos, agradecemos reconhecidos este favor esperando tambem que esta nossa declaração sirva de lição ao cavalheiro que pretende intrometter-se nos assumptos que não conhece nem tem competencia. «Os de padeiro».—*Correia & Gomes.*

No governo civil são ouvidos alguns representantes da panificação

O ajudante do director da policia de investigação esteve hoje ouvindo os srs. Manuel da Costa, Antonio dos Santos Correia, representantes da firma Correia & Gomes; Custodio dos Santos Rodrigues Leite, pela firma Netto, Oliveira & Almeida; Manuel Mortagua; Segismundo Nunes da Silva, João Marques Dinis, pela firma Saldanha, Diniz, Limitada, e Antonio Marques Oliveira, todos representantes da panificação. As suas declarações foram reduzidas a auto, nada transparecendo. Dos moageiros faltam ser ouvidos dois e dos padeiros, as firmas Invicta, do Porto, e Nova Empreza de Moagens, de Castello Branco, assim como o sr. Manuel Mendes Godinho, de Thomar. Um official da administração militar, acompanhado do agente Belmarco, esteve de tarde, hoje, na antiga fabrica de moagens da Estrella e na Nova Fabrica de Moagens da rua 24 de Julho, onde se dizia que havia grande quantidade de trigo. De essas diligencias nada resultou, parecendo que se trata de uma denuncia falsa.

A apprehensão de 65.000 kilos de trigo

Sobre a noticia que demos de terem sido apprehendidos 65.000 kilos de trigo, recebemos a seguinte carta:

Sr. redactor.—A noticia que o seu jornal de hontem publicou, de que haviam sido apprehendidos 65.000 kilos de trigo que viajavam á minha consignação e se destinavam ao Mercado Central, carece inteiramente de fundamento, pelo que peço a v. o favor de a mandar desmentir, o que muito agradecerei.

Tanto a minha qualidade official, como a do proprio estabelecimento a que, no dizer da noticia, o trigo se destinava, afastam completamente qualquer ideia de menos acatamento pelas providencias que se estão tomando no sentido de facilitar á Manutenção Militar a missão que lhe foi confiada, e á qual todas as estações officiaes procuram dar o seu melhor concurso, como lhes cumpre. Sou de v. etc.—C. *Amaral Netto.*

A grande guerra

A lucta no theatro occidental

PARIS, 1. — Communicação official das 15 horas.

Durante a noite houve algumas acções de artilharia em redor de Neuville-Saint-Vaast, na região de Roye e na do Oise, nas margens do Phillipp. Na Argonne, vivo canhoneio no dia de hontem ao norte de Fontaine, em Hoisette e Haute Chevauchée.

Nos Vosges, depois de um bombardeamento com granadas de gazes asphixiantes, o inimigo dirigiu á noite contra as nossas posições de Lingekopf e Schratzmaennele um violento ataque; mantivemos as nossas posições. No meio da noite pronunciou-se um novo ataque allemão que foi egualmente repellido.—(*Havas*).

As operações italianas contra os austriacos

ROMA, 31.—Official. No planalto do Arsiero tomámos a forte posição de Monte Maronia. Houve acções favoraveis aos italianos em volta de Plav, no Carso, e na zona de Seibusl, a leste de Cavedisela. O inimigo bombardeou Monfalcone.—(*Havas*).

Os inglezes desmentem os allemães

LONDRES, 1.—O *Foreign Office* n'um longo communicado fornecido á imprensa faz declarações relativas ás negociações anglo-allemãs em 1912, refutando ponto por ponto um relatorio publicado o mez passado pelo jornal officioso *Gazeta da Allemanha do Norte*, e demonstrando a sua absoluta falsidade.—(*Havas*).

Um comboio pelos ares

Explosão de 3.500 kilos de dynamite

SAN FRANCISCO, 31.—Um comboio que conduzia 3.500 kilos de dynamite descarrilou em Pinola, California, explodindo a dynamite, nada restando do comboio.—(*Havas*).

Carmen de Burgos

A illustre escriptora regressou hoje a Madrid

«Colombine», a illustre escriptora e jornalista hespanhola que nos honrou com a sua visita a Portugal, regressou hoje, no rapido, a Madrid, acompanhada de sua gentilissima filha.

Na gare do Rocio, no momento em que o comboio partia, viam-se muitos dos amigos e admiradores que Carmen de Burgos tem na nossa terra, sendo-lhe feita uma despedida muito affectuosa.

Entre outras pessoas viam-se as sr.as D. Lucinda Simões, D. Anna de Castro Osorio, D. Antonia Bermudez e filhas e os srs. dr. Magalhães Lima, Nunes da Palma, chefe do gabinete do ministro do fomento, Rozendo Carvalheira, D. Manuel del Castillo, Ferreira Martins, redactor d'*A Capital*, etc.

«Colombine» leva do nosso paiz as melhores impressões, tendo-nos affirmado, a cada momento, a sua gratidão por todas as pessoas que contribuiram para essa atmosphera de attenções e de carinhos em que foi envolvida durante a sua permanencia em Lisboa.

O dr. Magalhães Lima, que é um fervoroso admirador do talento da nossa hospede, offereceu-lhe hontem, no Casino de Algés, um jantar a que assistiram tambem as sr.as D. Anna de Castro Osorio e D. Antonia Bermudez, os srs. Rozendo Carvalheira e N. Palma, secretario do ministro do fomento, encontrando-se ainda por parte d'*A Capital* os nossos collegas D. Virginia Quaresma e Ferreira Martins.

Ao Champagne foram levantados varios brindes, sendo saudada em Carmen de Burgos a Hespanha intellectual e liberal.

Depois do jantar, a distincta redactora do *Heraldo*, acompanhada de todos os outros convivas, seguiu de automovel para os Estoris, ficando deslumbrada com os formosos panoramas que se desfructam na nossa Côte d'Azur.

Escolas de repetição

O sr. ministro da guerra, acompanhado do chefe do seu gabinete, major Mimoso Guerra, ajudantes capitão Mathias de Castro e tenente Florentino Martins, segue amanhã de automovel em visita ás escolas de repetição.

O sr. Norton de Mattos só regressará a Lisboa depois das escolas terminarem.

Uma circular do ministerio da guerra

Pelo commando da 1.ª divisão do exercito foi-nos enviada a copia d'uma circular emanada do gabinete do ministerio da guerra em que se diz ser inconveniente que os militares recorram á imprensa para dar conta do modo como desempenharam quaesquer serviços, recordando-se disposições anteriores tomadas a tal respeito.

Tambem a circular prohibe expressamente que os officiaes e praças se refiram na imprensa ao estado de preparação do exercito para a guerra, á sua instrucção ou á sua disciplina.

ECHOS & NOTICIAS

INFORMAÇÕES—COMMUNICADOS

NA PRAIA DAS MAÇAS

E' amanhã que se realisa a grande festa na Praia das Maçãs, com caracter infantil e terminada com concertos musicaes, das 8 ás 10 pela banda dos marinheiros da armada, das 10 ás 12 pela banda de Collares.

A população de Cintra e das povoações dos arredores vae, em massa, assistir á festa, que deve ser um encanto, animada pela vibratilidade de centenas de creancinhas, que um jury formado pelos srs. Magalhães Lima, tenente Costa, Angelo Oliveira, Alagoas, A. Braga, A. Pinto, Bento da Costa e Victor Assenso collocará em ordem para que disputem originaes e curiosas provas d'um «gymkhana».

Nas exhibições rigorosas de gymnastica e de patinagem entra uma fracção das classes dos Recreios Desportivos da Amadora. São elles os meninos Henrique Pontes, Fernando Costa, João Santos Mattos, Antonio Pontes, Arnaldo Vieira, Manuel Correia, José Aprigio Gomes, Francisco Vizeu, Victor Carriço, José Outeiro, José d'Araujo, Maria Luiza Gouveia Correia, Maria Luiza Santos Mattos, Leonor Santos Mattos, Aida Fladeiro, Maria José Outeiro, Maria Pontes, Aurora Outeiro, Rachel Correia, Elisa Costa, Celeste Santos Mattos e Alzira Sacavem.

A companhia dos electricos Cintra ao Atlantico estabelece carreiras consecutivas e preços reduzidos. A festa começa ás 4 e meia da tarde.

NOTAS MUNDANAS

Pela sr.ª D. Isabel de Sousa Netto foi pedida em casamento, para seu filho o sr. Henrique Netto Viola, a sr.ª D. Dulce Magalhães Campos, filha da sr.ª D. Hermínia Magalhães Campos e do architecto sr. Alfredo da Costa Campos, já fallecido.

—Para Cintra seguiu hoje com sua esposa, filho João, e sobrinhas o sr. dr. Manuel Pimenta de Castro, desembargador da Relação de Lisboa.

—Seguiu hoje para Espinho o senador sr. dr. Paes de Almeida.

—Para a séde do seu regimento, Abrantes, partiu hoje o commandante de artilharia n.º 6 coronel sr. Abel Hypolito.

—Partiram para Portimão, onde vão assistir ao congresso algarvio, os srs. Jacintho Ferreira, Justino de Bivar, Joaquim Corte Real, Manuel Duarte, Magalhães Barros, Correia Ribeiro, Menezes Pimentel, Francisco Grillo, Silva Leal e Julio Anjos.

NA AMADORA

Tem um programma magnifico a festa de sabbado no «rink» dos Recreios da Amadora, á noite, á luz de lampadas electricas. E' um programma d'um grande espectaculo, que até merece a publicação d'um numero unico «A Amadora», que insere o programma e no qual collaboram alguns elementos de destaque no meio sportivo.

Foi n'esse programma que vimos a inclusão de brilhantes numeros, como os de argolas pelos srs. Carlos d'Abreu e João de Deus Tavares Homem, da imitação de Otto Viola pelos srs. Manuel Ferreira e Antonio Alves e pesos e alteres pelos campeões Francisco Padinha e Francisco Serpa Pimentel.

ESCOTEIROS

Fundou-se o grupo n.º 17 dos escoteiros de Portugal. A sua direcção é composta pelos srs. Francisco de Magalhães Dominguez, Antonio Manuel Ribeiro e Luiz de Aguiar. O escoteiro-chefe é o sr. Nuno de Gusmão de Magalhães Dominguez e o seu ajudante o sr. Manuel A. Ribeiro. A inscripção de socios auxiliares e de escoteiros está aberta na séde provisoria, [illegible] do Tijolo, 6, palacio Mancellos.

MARIO DE ALMEIDA

Tendo de seguir hoje para as Escolas de Repetição, o nosso distincto collaborador sr. Mario de Almeida não pôde escrever, por esse motivo, o seu folhetim para «A Capital», o qual conta enviar dos do bivaque.

JOAQUIM COSTA

O «Album theatral» insere no seu numero 13, o retrato do actor Joaquim Costa, uma das mais notaveis e populares figuras da scena portugueza. Avelino de Sousa firma o artigo biographico em que se presta ao illustre artista uma justa homenagem.

SPORT

O concurso para inspector de gymnastica

Desde que se poz de banda a primitiva idéa de nomear um inspector de gymnastica para as escolas primarias e se manda proceder a um concurso para o logar, todos exigem que as bases d'esse concurso sejam sérias, duras e comprovativas do merecimento dos que fôrem classificados.

E porque se deve ser tão exigente?

Pela razão de que a Camara Municipal, approvando a proposta do sr. dr. Corvinel Moreira, dá ao inspector nomeado a auctoridade de dirigir o ensino, que póde ser o sueco ou outro que a sciencia indicar e estabelece-lhe a confiança de nomear os professores.

N'estas condições, o inspector tal como a Camara Municipal o deseja, não póde ser um professor qualquer. Tem de possuir além do que a um professor se exige, uma somma maior de conhecimentos technicos. Ora professores ha por ahi muitos que nem para «monitores» de classe servem! Consequentemente teem de ser postos de banda como todos aquelles que o sr. Ruy da Cunha diz que ensinam gymnastica... de ouvido. Ficam outros, mas d'esses conhecemos poucos, que estejam nas condições requeridas. Ora para se averiguar d'essas condições é que o concurso deve ser sério, honesto, duro e comprovativo da competencia do classificado.

Quer isto dizer...

Que o classificado deve saber o que um professor tem obrigação de saber para poder ensinar gymnastica.

Que deve possuir mais conhecimentos do que um professor porque vae dirigir e nomear.

Que deve saber executar os exercicios que indicar, coisa relativamente facil porque a gymnastica das escolas primarias é para alumnos de edade de 7 aos 11 annos, approximadamente.

Nota do dia

Fechou o Velodromo?

A carta que o sr. José Roquette (Alvalade) mandou aos jornaes, declarando que ia fechar o seu Velodromo do Stadium, causou surpreza áquelles que não acompanham a «vida interna» do ciclismo nacional. Assim se explica que nos façam insistentemente a pergunta:

—Porquê?

Pelo motivo de que os nossos homens do velocipedia não se entendem uns com os outros e arrastam nas suas discussões e com os seus actos a União Velocipedica a, impensadamente, «ferir» umas vezes de mais, «perdoar» outras vezes de mais e «condescender» tambem sem opportunidade!

Ora, no meio d'esta barafunda é que não podia nem devia misturar-se o nome de José Alvalade, que um dia, por um louvavel capricho e por um grande espirito de bom portuguez, commetteu a loucura de gastar mais de cincoenta contos no Stadium.

Assim, elle abandona a velocipedia e no seu Stadium vão fazer-se apenas grandes espectaculos d'outros generos de sport.

Algumas anecdotas

E foi salvo por um alumno seu...

O professor Awala estabeleceu uma escola de natação na Trafaria. Era uma iniciativa em que collaborava o Gymnasio Club Portuguez, a quem, de resto, se devem quasi todas as iniciativas do athletismo nacional.

Já lá vão alguns annos!

A escola funccionava n'um batelão collocado a uns 30 metros da praia. Os alumnos iam para lá n'uma chata, remada por um banheiro typico, o Réco, sempre alegre, sempre berrador, fumador de cachimbo, tisnado pelo sol e com o nariz «arborizado» pelo alcool.

Awala levava algumas vezes um ou outro amigo, um ou outro jornalista até ao batelão para que verificassem como elle ensinava. Ora appareceu uma critica, assignada pelo fallecido Eduardo de Noronha no «Tiro e Sport», que contristou todos. Era aggressiva para o methodo d'ensino.

Awala convidou o jornalista a ir vêr. Noronha acceitou. Foi para a Trafaria, vestido de «ponto em branco», bengalinha d'ebano, chapéu de palha, moldurando a sua cara viva de grandes barbas negras.

Os alumnos de Awala, de fato de banho tomaram logar na «chata» e Noronha, de pé, ia no meio d'elles de viagem até ao batelão. O «Réco» queria impellir a «chata», mas a areia impossibilitava a marcha; José Burgos empurrou-a mas tão desastradamente que a «chata» ia tombando.

O «Réco» zangou-se:

—Esteja quieto!... Maus diabos o levem!... Que maneira d'empurrar!...

E emquanto ia praguejando, dava com o punho do remo no fundo da «chata». O fundo rompeu, a agua entrou e os passageiros foram para a agua. E o nosso Noronha? Foi salvo por José Portugal!

Horas depois, perguntavam ao Awala se o methodo era bom.

—Ora essa! Tão bom que até os meus discipulos salvam naufragos!...

Noticias

ENTRE NÓS

Torneio de tennis em Carcavellos

E' grande o enthusiasmo no meio sportivo pelo torneio de «tennis» da «Taça Recreios de Carcavellos», que se disputa no dia 12 de outubro, nos «courts» dos Recreios de Carcavellos e que é organisado por estes. Na rua Aurea, Salão do Sport, e na séde dos Recreios em Carcavellos, tem estado aberta a inscripção, que tem sido concorridissima e fecha no dia 9. O torneio tem duas grandes vantagens: a de ser definitivo o primeiro premio, ou seja a artistica taça que tem estado exposta no Salão Sport, e a de ficar provavelmente concluido no proprio dia, por ser disputado em eliminatorias, systema rapido e pratico.

Concurso hippico do Estoril

E' nos dias 9, 10 e 14 de outubro que se realisa no Estoril, n'um novo e vastissimo hipodromo, cuja construcção vae adeantadissima, o grande concurso hippico de obstaculos organisado pela Sociedade Hipica Portugueza, de accordo com a Sociedade Anonyma «Estoril». Contam-se já com perto de dois contos de premios em dinheiro e com objectos de arte, entre os quaes uma riquissima taça, tendo-se marcado definitivamente as provas de cada dia, que serão as seguintes: Dia 9, Omnium e parelhas; dia 10, Nacional, «Habits rouges» e caça; dia 14, Amazonas e Grande premio do Estoril.

Passeio ciclista

A casa velocipedica Magalhães, do largo da Annunciada, 18, realisa no domingo um passeio ciclista a Cintra e Cascaes. Effectuar-se-hão diversas corridas ciclistas como velocidade, negativas, etc., para as quaes serão conferidas valiosas medalhas de ouro e prata e objectos de arte e valor, como relogios de pulseira, algibeira, estojos, etc. O preço da inscripção é de 1$00 por cada pessoa e está aberta até depois d'amanhã. O almoço é em Cintra e o jantar em Cascaes, estando incluido o seu preço no da inscripção.

Foot-ball

O capitão geral do Sport Grupo Portugal pede a comparencia de todos os jogadores, no campo de Entre-Muros ás 9 e meia horas da manhã, no proximo domingo, 5.

«A Capital»

Vende-se nos Recreios Desportivos da Amadora.

INTERESSES DE CABO VERDE

Com a administração militar gastam-se 54:370$

E não se corresponde ás salvas no porto de S. Vicente e é preciso ir da metropole uma força para guardar o cabo submarino

Não somos, nem jamais seremos antimilitaristas, porque a pratica, a grande mestra da vida, está agora a ensinar-nos que, se o codigo civil se apresentar sósinho a querer vencer pela força do direito, será immediatamente vencido pela lei escripta com a ponta das espadas, ou pelo direito da força de uma Mauser ou de uma Maxim. Dito isto, vamos ao que interessa a Cabo Verde.

E' uma mania portugueza, desde os conquistas inveterada, gastar-se sempre á larga; ninguem logrou convencer-nos nem hoje será possivel tental-o, que sendo nós um povo pequeno, a maioria dos nossos serviços publicos, visando a fazer tudo ou mais ainda do que se faz nos grandes paizes, o deveriamos fazer com uma economia digna de quem não tem minas de ouro por todos os lados.

Precisamos seguir o que diz a sabedoria das nações: quem não tem dinheiro não tem luxos.

Tem Cabo Verde uma população de 147:571 habitantes, dividida por 9 ilhas. Os seus serviços publicos estão atrazados pelo menos 60 annos dos d'aqui, quando sabemos que o progresso anda por cá muito atrazado em relação aos mais avançados paizes do velho mundo. Pois, sendo assim, Cabo Verde é obrigado a gastar 54:370 escudos annuaes com a sua administração militar. Muitos dos nossos leitores verão n'isso a necessidade de manter a nossa soberania em Cabo Verde. Nada d'isso. A perda da nossa soberania vae-se dando com uma propaganda muito passiva, pela qual custa a dar, sendo as proprias auctoridades que se encarregam de a fazer muito de mansinho. A população, em si, é o que ha de mais ordeiro, mas é sempre necessaria a força militar bem disciplinada para conter um ou outro doido com manias bellicosas, que são raras, mas que apparecem.

O orçamento de Cabo Verde, para o anno que corre, apresenta a seguinte despeza com a administração militar: Officiaes do exercito da metropole, 3 capitães, 5.184$; 5 tenentes, 6.444$; 2 alferes, 2.016$; Officiaes do quadro das colonias, 3 capitães, 2.940$; 1 tenente, 936$; Secção de artilharia de S. Vicente; 2 segundos sargentos, 6 primeiros cabos, 35 soldados, 1 corneteiro e 1 aprendiz, 4:222$; Secção de artilharia da cidade da Praia; 3 segundos sargentos, 4 primeiros cabos, 20 soldados, 1 corneteiro, 1 aprendiz, 3:278$; praças em serviço no deposito do M. G., 759$; pelotão de infantaria indigena da Praia: 1 primeiro sargento, 2 segundos sargentos, 4 primeiros cabos, 46 soldados, 2 corneteiros, 1 aprendiz, 1.945$; praças adidas, 049$; rancho, fardamento, etc., 4.576$; conselho de guerra, expediente, 6$$; material de guerra, 1.054$; ajudas de custo, bagageiras e subsidios, 2.160$; subsidios de renda de casa, 2.380$; despezas diversas, 650$; reformados: officiaes, 12.000$, praças, 2.082$; Total: 54.370$00.

Vê-se que as despezas militares se fazem só com a Praia, capital da provincia, e S. Vicente. Mas ainda não é tudo. O governo gasta ainda, pelo capitulo primeiro do orçamento de Cabo Verde, a quantia de 22:593$ escudos annuaes, com a policia rural do interior da ilha de St. Iago, e com a policia civil de S. Vicente, assim distribuida:

Policia rural: 1 commandante, 2 segundos sargentos, 2 primeiros cabos, 24 soldados e 1 ferrador, 9:030$; policia civil: 1 commandante, 1 escrivão, 6 primeiros cabos europeus a 1$50, 2 segundos cabos indigenas a $60, 10 guardas de primeira classe a $50, 40 de segunda a $40, 13:593$.

Vê-se que só com duas ilhas do archipelago é que se fazem despezas com o que se chama a administração militar.

Nas outras sete ilhas não ha que temer, e bastam os cabos de policia ás ordens dos regedores para manter a ordem.

Mas de que serve o pelotão de infantaria indigena da Praia? Nem nós o sabemos, nem ninguem o sabe tambem. E' uma escola de mandriice, nem mais. Umas vezes por outras, cabe a este pelotão o serviço de policia na Praia, e sempre que tal acontece as reclamações são ás centenas, pela fórma atabalhoada como tal serviço é desempenhado; e quanto a nós o que mais nos incommodava era ver homens fardados commettendo á mais clara luz do dia os mais baixos actos de immoralidade pelas ruas da cidade, e o que é mais, junto ás proprias estações de policia, é claro que dando provas de não serem muito incommodados com o que se chama o cumprimento de um dos mais comezinhos preceitos da disciplina militar. Para a população ter assim um exemplo de immoralidade, antes dissolver semelhante pelotão.

Quanto ás secções de artilharia, que servem para dar salvas, o que actualmente não fazem por não haver peças, mais valia tambem acabar com ellas, porque como estão é uma vergonha para o nome portuguez. Em S. Vicente, onde o porto é constantemente visitado por navios de de guerra estrangeiros, corre o arrepio pelo corpo de todos os bons portuguezes, quando um navio salva á bandeira e o fortim não responde, porque se ha peças não ha cargas, se ha cargas não ha escorvas, e lá tem o capitão dos portos de ir a bordo apresentar desculpas, nem sempre bem recebidas pelos commandantes das unidades estrangeiras. Isto é uma vergonha.

Se é verdade que quem não tem dinheiro não tem luxos, acabe-se por uma vez com as secções de artilharia e faça-se saber que não ha salvas em Cabo Verde. Se se quizer manter a artilharia, que haja peças e munições, com que se possa corresponder, para não córarmos de vergonha, por sabermos que se gasta um dinheirão com o que se chama administração militar, para se não cumprirem os mais elementares preceitos de cortezia internacional.

Com estes dois desorganisados serviços militares gasta a provincia enormes quantias, quando só a Praia e S. Vicente são pessimamente servidas, mas tem-se um pessoal de 6 capitães, 6 tenentes, 2 alferes, 1 primeiro sargento, 11 segundos sargentos, 10 primeiros cabos e 102 soldados!!

Impõe-se a necessidade de modificar tal estado de coisas, de fórma a acabar-se com tudo quanto é vergonhoso, e ainda conseguir uma organisação militar extensiva a todas as ilhas do archipelago.

Se não erramos, um batalhão de guarda republicana e um esquadrão de cavallaria da mesma guarda fariam o serviço de policia civil e rural de todas as ilhas, distribuindo-se o commando por todos os concelhos, pelos officiaes e sargentos, de fórma a assegurar-se convenientemente a ordem em toda a parte, incluindo as mais insignificantes parochias. E' claro que se dissolveriam o pelotão de policia rural, infantaria indigena, secções de artilharia e a policia civil do Mindello.

Desde então estabelecer-se-hia para Cabo Verde o mesmo sistema do recenseamento geral e a obrigatoriedade do serviço militar, em uso aqui, como se permittiria a instrucção militar obrigatoria. O sistema hoje em uso em Cabo Verde, de quem é desprotegido vae para a fileira, e quem tem padrinhos passeia, é indecoroso. Todos devem passar pelas fileiras militares, para que, sendo necessario, possam saber defender a Patria onde quer que seja preciso. Só assim a vida militar será sympathica a todos, não constituindo como actualmente um castigo para os pobres e uma vergonha para o civismo do povo de Cabo Verde. E' a estatistica que tanta verdade põe a nu, revela-nos que em 1918, tendo sido recenseados para o serviço militar 1:528 mancebos, foram rejeitados 506, sendo 893 pelo n.º 9, 68 isentos pelo art. 6.º n.º 4 do regulamento, apurados 140, *refractarios nos termos do art. 45.º* 815. Vejam os nossos leitores se querem mais e melhor: em 1:529 mancebos recenseados para o serviço militar, 818 foram considerados refractarios, ou sejam 53 0/0 do total.

Não acreditamos que isto seja devido a medo ou a falta de civismo da população do archipelago, mas simplesmente ao facto do serviço militar não ser geral e obrigatorio, e é ainda a mais formal reprovação da desorganisação militar de Cabo Verde, que ainda ha pouco, para guardar em S. Vicente o cabo submarino, teve de requisitar para aqui uma força de marinha. Não ha em Cabo Verde meia duzia de portuguezes que merecessem a honra de prestar tão insignificante serviço, gastando a provincia tanto dinheiro com o capitulo V. E morre o povo de fome..., de annos a annos!

Armando Xavier da Fonseca

Hygiene dentaria

nos adultos e nas creanças

Sobre *Clinicas dentarias escolares infantis* promettemos falar n'uma nossa chronica e, na verdade, muito haveria a dizer para bem incutir no animo d'aquelles a quem bem compete essa iniciativa, mais do que iniciativa, esse dever de cuidar dos dentes das creanças. Para acudir á falta de higiene dentaria e com principio, apenas, d'uma bem formada inspecção das boccas das creancinhas, poderiamos começar por fazer a inspecção parcial de todas as escolas municipaes e cada um dos especialistas encarregados do tal serviço, no seu consultorio, prover, pelo menos, ás extracções necessarias e á sanidade que relativamente pudesse ir administrando, o que minoraria já um pouco o fétido ambiente das boccas infantis, e que no collegio provoca uma promiscuidade de halitos contrarios a todos os principios de higiene pedagogica. E depois as creanças precisam habituar-se a tratar dos seus dentes desde de tenra edade. Quando não fosse para preparar-lhes a dentição do futuro, seria, pelo menos, para os habituar ao complemento do asseio geral e a não temerem o operador da especialidade que, para ellas (o mesmo para muita gente adulta) ainda é um *bicho de sete cabeças*.

Na Associação Odontologica, quando á sua direcção pertencemos, esboçámos essa iniciativa propondo á camara municipal quaesquer contractos de muita conveniencia para ella e de immensa utilidade para as creanças. Depois d'isso, embora affastados por afazeres, d'essa Associação, soubemos que as suas direcções teem secundado com frequencia o primeiro gesto esboçado por aquella a que pertencemos, mas o facto é que até agora nada... absolutamente nada!

Porque não se ha-de fazer, como atraz dissémos, e porque para isso se não unem por exemplo os esforços materiaes da camara municipal e do ministerio da instrucção? Lembrem-se que até na Turquia (antes da guerra, pelo menos), a assistencia dentaria infantil era um facto!

Dizendo isto... está tudo dito...

Mario Duarte
Especialista de doenças da bocca

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

Associação de Regis'o Civil

Reunem hoje os corpos gerentes, pelas 21 horas, na séde associativa, largo do Intendente, 45, 1.º, para tratar de assumptos importantissimos, que não admittem a minima delonga. Por ser segunda convocação, o que pela primeira vez succede, a sessão começa á hora prefixa, com quem estiver presente.

Caixeiros de Lisboa

Visitas de estudo

No proximo domingo, a commissão de instrucção e educação d'este sindicato promove uma visita de estudo ao Museu Ethnologico Portuguez, junto aos Jeronimos. Seguidamente, será visitado o Museu Nacional dos Coches, que tão digno se torna de attenção publica pelas preciosidades que encerra.

As visitas iniciam-se ás 13 horas prefixas sendo os socios do sindicato acompanhados pelos directores dos museus, que darão aos visitantes as mais completas explicações.

Os bilhetes de admissão podem ser requisitados desde já na séde da Associação, rua Antonio Maria Cardoso, 20, das 21 ás 24 horas.

Na Turquia

A perseguição dos gregos

Dedeagatch, 27 d'agosto

Mesmo em Constantinopla toma proporções alarmantes a perseguição dos gregos; para obrigar estes a enviarem os filhos ás escolas turcas, as suas melhores escolas foram transformadas em hospitaes.

Muitas egrejas gregas, a principio utilisadas como hospitaes, pouco a pouco teem sido transformadas em mesquitas.

Os officiaes allemães e suas mulheres vestem-se luxuosamente das casas de modas propriedade de gregos pagando com vales de requisição. Os allemães, tanto soldados, como officiaes, e até os civis, insultam os gregos nas ruas, abandonando-se ás maiores orgias, a tal ponto que as mulheres honestas não se atrevem a sahir de suas casas.

Movimento maritimo

Brazil e R da Prata «Darro», Liverp.	2
Brazil e Rio da Prata, «Hesnemer»	3
Bahia, R. Jan. e Santos, «Dryden», Liv.	3
Afr. or., via S. Thomé, etc., «Africa»	5
Archipelago dos Açores «Funchal»	5
Liverpool «Antony», Pará	6
Brazil e R. Prata, «Zeelandia», Amst.	6
Africa oriental, «Kerenna», Liverpool	7
Bordeus, «Samara», Brazil	7
R. Jan. e R. Prata, «Flandre», Bordeus	7
Br. R. Pr. e Pac., «Oriana», Liverpool	8
Vigo, Liverpool, etc., «Orita», Brazil	8
Africa Occidental, «Portugal»	12
Africa Occidental, «Casengo»	18

roff», «Pallada» e «Bayan» andavam vigiando no Baltico. O primeiro foi atacado por um submarino inimigo. Alguns torpedos foram contra elle despedidos, mas, felizmente, não foi attingido. No dia 11, os submarinos allemães atacaram, ás 2 horas da tarde, o «Bayan» e o «Pallada», que fizeram fogo intenso sobre os atacantes. O «Pallada» foi attingido por um torpedo, indo a pique com toda a sua tripulação. Tinha 7.775 toneladas e fôra construido em 1906.

A [illegible] d'outubro, o almirantado fazia a seguinte communicação:

«Os monitores «Severn», commandante Eric J. A. Fullerton, «Humber», commandante Arthur L. Snagge, e «Mersey», commandante tenente Robert A. Wilson, teem estado ultimamente em operações na costa da Belgica, fazendo fogo sobre o flanco direito do exercito allemão.

Devido á sua rapidez, puderam contribuir materialmente para o exito das operações n'essa região e justificaram plenamente a acquisição que d'elles se fez no principio da guerra. Destacamentos com metralhadoras, que desembarcaram d'esses navios, auxiliaram a defender Nieuport, prestando ahi um serviço digno de louvor».

Com essa noticia, de grande alcance para as operações em França, terminou a primeira phase das operações navaes no Mar do Norte, no Baltico e no Mediterraneo.

da costa hollandeza, no dia 17 d'outubro. O relatorio official diz:

«O novo cruzador ligeiro «Undaunted» (capitão Cecil H. Fox), acompanhado pelos destroyers «Lance» (commandante W. de M. Egerton), «Legion» (tenente C. F. Allsup) e «Loyal» (tenente F. Burges Watson), travaram combate hontem á tarde com quatro destroyers inimigos e foram afundados. As nossas perdas foram um official e quatro homens feridos. Os damnos causados foram ligeiros. Houve 31 allemães aprisionados».

Uma circumstancia interessante que tem connexão com essa pequena acção é o facto do official mais antigo que estava no cruzador «Undaunted» ser o capitão Cecil H. Fox. Esse official tomou parte no primeiro combate naval, quando o «Amphion» destruiu o lança-minas «Königin Luise», assim como no «Amphion» estava quando esse cruzador bateu n'uma mina, tendo escapado milagrosamente. A explosão da primeira mina fizera-o perder os sentidos, mas tres minutos depois voltava a si sob o choque produzido pela explosão d'uma outra mina, sendo uma peça de 6 pollegadas arremessada ao ar como a pella d'uma creança, tal fôra a violencia da explosão.

Foi nomeado para o novo destroyer «Faulkner», que na occasião de rebentar a guerra estava em construcção em Inglaterra para o Chile. Poucos dias antes do combate tinha sido transferido para o «Undaunted», que era o segundo cruzador ligeiro do typo a que pertencia o «Arethusa». Os destroyers do typo «L» faziam parte do programma de 1911-1912. Eram navios formidaveis da velocidade de 35 nós, armados com tres peças de 4 pollegadas e 4 tubos lança torpedos, descarregando torpedos de 21.

Os destroyers allemães eram navios velhos, armados apenas com duas peças e eram não só muito mais vagarosos, mas não podiam comparar-se de fórma alguma com os navios inglezes.

A destruição do «Hawke» deu-se no dia 15 d'outubro, mas o afundamento dos quatro destroyers allemães dois dias depois veiu contrabalançar essa perda. A perda de vidas, uns 300 homens em cada caso, foi quasi a mesma, mas a perda d'um cruzador como o «Hawke» era muito menor para a Inglaterra do que a dos quatro destroyers para a Allemanha.

Em menos de duas horas o combate estava decidido. N'uma narrativa da acção diz-se que o fogo começou á distancia de quatro a cinco milhas. Fôsse qual fôsse a distancia, o resultado nunca foi duvidoso sequer por um momento, devido á superioridade do fogo dos destroyers inglezes.

Ao regressarem, o «Undaunted» e os quatro destroyers que haviam tomado parte na lucta tiveram uma calorosa recepção pelos navios que estavam em Harwich, pelo povo e em especial pelos soldados feridos que estavam no hospital e que tinham forças para chegarem ás janellas e acclamarem os marinheiros.

No dia 18 d'outubro houve a lamentar a perda do submarino E 3. Qual foi a sua sorte, nunca o almirantado britannico o soube com certeza. Essa perda, assim como as soffridas por ambos os lados vieram demonstrar quanto custa em vidas a moderna guerra naval.

Na guerra, como o almirante Mahan disse com muita razão, deve ferir-se directamente o coração. O golpe ao coração tinha sido despedido nas aguas do mar do Norte, mas havia um theatro subsidiario de enorme importancia, mesmo comparando-o á area do norte—o Mediterraneo.

Pelo accordo com a França, a Gran-Bretanha, que se encarregou no principio da guerra das aguas do norte, tinha tambem de prestar auxilio nas do sul. O resultado d'esse accordo era que a armada franceza se encontrava no principio das hostilidades no Mediterraneo e até a França era apoiada pela armada ingleza d'esse mar.

Todos os que haviam estudado a guerra no tempo de paz sabiam que uma das principaes preoccupações do estado maior general francez havia sido durante annos a questão do como, no caso de collisão entre a Triplice Alliança e a Triple Entente, deviam ser transportados da Argelia para o Meio Dia os 120.000 homens de tropas de primeira linha que havia n'aquella possessão. Muitas das manobras feitas pela armada franceza nos ultimos annos eram apenas para estudar esse problema e a fim de se lhe encontrar solução. Tendo-se a Italia recusado a entrar n'uma guerra que era apenas d'aggressão, o problema ficava reduzido á expressão mais simples.

Engenheiro naval vice-almirante sir Henry J. Oram

No Mediterraneo apenas ficava a armada austriaca, a qual, imitando o exemplo da sua alliada, resolveu conservar os seus navios nos portos. Não havia modo de vêr um navio austriaco no mar. Só os navios francezes sulcavam as aguas do Mediterraneo e do Atlantico.

Commandando as forças francezas estava o almirante Boué de Lapeyrère, em quem tanto a Inglaterra como a França teem a maior confiança. Não sendo politico, embora tenha occupado o logar de ministro da marinha, em toda a sua carreira o grande marinheiro apenas tem tido um ideal: a maior gloria do seu paiz e a mais alta efficiencia do serviço.

Seria injustiça não mencionar os serviços que a França tem prestado no mar. Foi pela acção do Boué de Lapeyrère e da bella armada que elle commandava que o Mediterraneo é um lago francez e inglez, assim como póde a Grande Armada conservar intactas as suas communicações com todas as forças. Tambem se não deve esquecer que a França prestou auxilio na area norte do conflicto, onde tinha uma esquadra de cruzadores, além do grande numero de unidades mais pequenas, como destroyers e submarinos, as quaes, como já dissemos, são designados pelo nome de «poeira naval».

No principio da guerra, os cruzadores allemães «Goeben» e «Breslau» estavam no Mediterraneo. A 6 d'agosto, dizia-se que esses dois navios se haviam visto obrigados a refugiar-se em Messina apoz uma perseguição encarniçada dos cruzadores inglezes, e no dia 8 sabia-se que elles haviam d'ali sahido para destino desconhecido. Esse destino eram os Dardanellos.

Uma tentativa havia sido feita pelo cruzador ligeiro «Gloucester» para impedir a fuga dos navios allemães. Depois d'uma fingida entrega ás auctoridades turcas, as tripulações e os officiaes foram mandados para Constantinopla, sendo os dois cruzadores guarnecidos, nominalmente, por marinheiros da armada turca. Finalmente, estimulado pelos seus amigos allemães, Enver Pachá induziu o seu infeliz paiz a declarar guerra aos alliados.

Coisa alguma de importancia sob o ponto de vista naval succedeu ou pareceu prestes a succeder no Mediterraneo, o que é facil de comprehender attendendo ás forças enormes que ali havia.

As forças austriacas consistiam em tres «dreadnoughts», o «Viri-

bus Unitis», «Tegetthoff» e «Prinz Engen», seis navios mais pequenos, um dos quaes, o «Zrinyi», foi mettido a pique, e dois cruzadores couraçados, além de unidades de menor importancia. Para opporem a essa força, os francezes tinham oito «dreadnoughts» de primeira classe na sua primeira esquadra de batalha, cinco «pre-dreadnoughts» na segunda esquadra, seis navios de reserva, seis cruzadores-couraçados e grande numero de navios antigos, que haviam sido aproveitados depois da guerra começar.

A armada ingleza do Mediterraneo no principio das hostilidades compunha-se de tres cruzadores de batalha, quatro cruzadores-couraçados e quatro cruzadores ligeiros, além de pequenas unidades.

Quando a Turquia entrou na guerra teve de se contar com a sua armada, que, além do «Goeben» e do «Breslau», se compunha de navios antiquados. Os serviços navaes, apezar dos allemães terem n'elle querido introduzir os seus methodos, continuavam em grande confusão. Desde os dias em que o imperio ottomano se fundou, vindo os seus fundadores da Asia Menor em 1453, comprehendendo o tempo de Solimão, o Magnifico, quando a Turquia estava no seu apogeu, até aos nossos dias, a Turquia nunca teve grande importancia por mar.

O governo inglez ácerca do canal de Suez dirigiu uma nota aos representantes em Londres das potencias estrangeiras maritimas. Parece que, contrariamente a todo o direito e a todos os precedentes, alguns navios mercantes se estavam utilisando do canal como d'um porto de refugio para evitar a captura. A conclusão d'essa nota era assim concebida:

«O governo de sua magestade não póde admittir que o direito convencional de livre accesso e uso do canal de que gozam os navios mercantes implique qualquer direito a fazer uso do canal e dos seus portos de accesso por tempo indefinido para evitarem a captura, desde que o resultado de tal permissão traria a obstrucção dos portos do canal para outros navios.

São por consequencia justificadas as medidas que o governo egypcio tomou para fazer sahir do canal todos os navios inimigos que teem estado nos seus portos e que mostravam claramente a intenção de não sahirem d'ali, demorando-se indefinidamente».

Logo no principio da guerra os allemães perderam um bello cruzador novo, o «Magdeburg», da mesma classe do «Breslau», no Baltico. Havia sido construido em 1911 e tinha 4.550 toneladas de deslocamento.

Diz-se que no meio do nevoeiro correu a direito á margem e que foi mettido a pique pela sua propria tripulação quando viu que se approximavam alguns navios da esquadra russa. O correspondente naval do «Times», commentando o facto, diz «que parece mais provavel que os navios russos atacassem o navio inimigo e que este, no decurso da lucta, ao querer fugir, encalhasse, indo depois a pique».

A 4 de setembro, o almirantado noticiou que «sete destroyers allemães e torpedeiros haviam chegado a Kiel com muitas avarias», accrescentando que «sabe-se que muitos outros foram afundados nas proximidades do canal». Na occasião, nada mais se soube a tal respeito, mas no dia 16 o «Times» publicava uma correspondencia de Petrogrado em que se dizia confirmar-se a noticia d'um desastre soffrido pela armada allemã no Baltico.

Os boatos d'um combate com a armada russa eram destituidos de fundamento. O que houvera fôra o seguinte: uma numerosa flotilha, apoiada por alguns cruzadores, que andava á caça dos paquetes de passageiros, tomára alguns navios dos seus como inimigos, travando-se um vivo combate. Quando se deu pelo engano, já grande numero de navios estavam avariados e havia muitos feridos.

A 10 d'outubro, os cruzadores-couraçados russos «Almirante Mak-

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 1824 — 6.º Anno

Direcção e propriedade de Manuel Guimarães
Editor—Camillo Sousa e Almeida
Redacção e Administração—R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA—Quinta-feira, 2 de Setembro de 1915

Telephone n.º 2298—Endereço teleg. CAPITAL
Composição—Rua do Norte, 5, 1.º
Officina de Impressão—71, Rua da Bica, 71

Preço 1 centavo

A cruzada

A entrada dos japonezes na guerra europeia, cooperando com os russos na defeza da Polonia, é uma demonstração evidente de que a guerra galga as suas ultimas «étapes». Por toda a parte se chega á utilisação dos recursos mais extremos, e esse facto tanto se comprova com as munições como com os homens.

Pela primeira vez, os representantes da raça amarella vão influir n'um conflicto armado europeu, e ninguem ignora quanto esta consideração demorou a sollicitação do seu concurso na grande pugna travada ha mais d'um anno. Apesar do auxilio importantissimo que elle representaria, só algumas vozes em França se ergueram a reclamal-o, sem que vissem até agora attendidos os seus desejos.

Mas o Japão é chamado á lucta na Europa, com os seus admiraveis soldados e os seus grandes recursos de guerra. E não é só elle que tem de intervir. A campanha é tão formidavel que não se torna possivel a nenhum paiz civilisado desinteressar-se ou alheiar-se d'ella.

Faz sorrir a pretensão da permanencia d'uma neutralidade impossivel, o que os factos já desmentem, porque, na realidade, nenhuma nação tem deixado de cooperar na guerra. Alguns paizes fazem-o abertamente, outros disfarçadamente. Ha a cooperação que vae até nos fornecimentos, e aquella que só a essa extremidade não chega. Mas todas as nações, todos os governos manifestaram já para onde os impellem a sua sympathia ou o seu interesse.

A esperança d'uma conjuncção de esforços, no sentido da paz, operada pelos Estados não envolvidos directamente na guerra, desfez-se por completo. Esses Estados hão de intervir cada vez mais efficazmente, cada vez mais patentemente, não no sentido d'um accordo que conduza á paz, mas sim no d'uma participação violenta que a faça terminar por meio de actos de guerra.

Desde que começou a evidenciar-se que a lucta se eternisaria, pelo equilibrio mais ou menos assegurado das forças em presença, o mundo inteiro comprehendeu que não ha senão uma maneira da guerra cessar. Essa maneira consiste em que os paizes alheios á guerra definam a sua attitude, e não podem logicamente o efficazmente definil-a senão pronunciando-se em massa em favor d'um ou outro dos contendores. E' preciso, é forçoso mesmo, lançar n'um dos pratos da balança um peso que faça pender a victoria para um dos lados.

Se os prejuizos tremendos resultantes da guerra só affectassem as potencias que dirimem o seu pleito colossal, poder-se-hia presumir que as outras nações, alheiadas de sentimentos humanitarios pela visão pratica dos seus interesses immediatos, as deixassem longamente dilacerarem-se. Mas esses prejuizos affectam o mundo inteiro, tornam-lhe impossivel a vida, e por isso ellas teem de intervir d'uma maneira esmagadora.

As attitudes já claramente reveladas demonstram que se não todas essas nações, pelo menos as mais importantes, propendem para a causa dos alliados. Por isso mesmo tudo leva a crer que, n'um praso que não pode ser largo, ellas cahirão sobre a Allemanha, sobre a Austria e sobre a Turquia, com todo o peso dos seus importantes armamentos, com todas as suas energias absolutamente vigorosas, com as suas levas frescas de combatentes. Alguem ha de perder n'este duello, e o mundo unir-se-ha mais facilmente contra a Allemanha, que o quer conquistar, do que contra a Inglaterra, a França, a Italia e os outros paizes que se batem pela liberdade de todos os povos.

Vamos assistir a uma cruzada colossal, contra o imperialismo romano renascente. Se fôr preciso, luctar-se-ha de foice em punho, combater-se-ha á pedrada, mas o mundo inteiro ha de vencer as ambições que o perturbam, por mais poderosas que ellas sejam.

Migalhas

Scenas de revista

Como sabem, ha mezes, rebentou parte da fabrica do gaz. Morreram uns tantos ou quantos contribuintes, outros ficaram avariados e, dadas as circumstancias, reconheceu-se que era um perigo a permanencia das installações n'aquelle local. Depois nunca mais se pensou n'isso.

Ha tres dias a coisa ia sendo falada. Assim, «por um boccadinho», não foi a Boa Vista visitar Santo Antonio dos Capuchos e, tendo-se varios paes da patria occupado do assumpto na sessão de hontem, tive hoje o prazer de ler nas gazetas que o sr. presidente do ministerio (José de Castro) diz estar já informado da forma como as coisas se passaram, referentemente ao desastre que ali ia succedendo. Foi devido a uma manobra errada, facto que pode succeder, mas que elle lamenta».

Como um deputado insistisse na necessidade de affastar de ali aquelle perigo permanente, o chefe do governo «reconhecendo essa necessidade, acha comtudo que o caso é para estudar, affirmando que pela sua parte empregará todos os esforços para que o mal apontado desappareça».

Todos nós que vivemos a mais de tres kilometros da Companhia podemos, pois, viver socegados. Se aquillo rebentar um dia, não será á falta do assumpto ter sido devidamente ponderado.

No mesmo relato das camaras, soube noticias d'aquella velha ponte da Trafaria que, no anno passado, abaleu parcialmente e foi então reconhecida como um grave perigo nacional. A pobre ponte, á falta de outros affazeres, continua ameaçando ruina total e, se um dia se apanha carregada de gente, ferra comsigo definitivamente no charco. Disse-se hontem na Camara e com a maior seriedade que as obras não teem sido feitas porque não apparece quem d'ellas se queira encarregar.

Logo a seguir um destemido orador abordou a questão da crise de trabalho e o ministro das colonias ficou de communicar o caso ao da marinha, a fim de que o das finanças, por intermedio do seu collega da instrucção, o faça saber ao do fomento.

Depois, com urgencia e dispensa do regimento, votou-se a creação de um novo inspector geral dos effeitos das aguas de Carabaña.

André Brun.

Um accordo da Grecia com a Quadrupla

ATHENAS, 2.—Foi assignado um accordo definitivo entre as potencias da *Entente* e a Grecia, relativamente ao commercio e navegação hellenicos compromettendo-se a Grecia a impedir o contrabando de guerra por meio de providencias legislativas.—(*Havas*).

PARA A HISTORIA

AINDA ALGUMAS NOTAS sobre O COMBATE DE NAULILA

No *croquis* que reproduzimos, com a escala approximada de 1 por 50.000, pode o leitor seguir facilmente as phases do combate de Naulila, a que se referem as narrativas ha dias publicadas n'este jornal. A acção do tenente Marques e a do esquadrão de dragões está claramente indicada no desenho.

O acampamento allemão, situado ao sul do vau de Caloeque, podia ter sido atacado pelas nossas forças antes do dia 18 de dezembro com alguma infantaria, dragões, e o apoio das duas peças Canet do destacamento do major Salgado, que tinham uma excellente posição no alto dos morros da margem direita do Cunene, ponto marcado no esboço que reproduzimos com as palavras *posto de observação*. Era essa a opinião do sr. capitão Maia Magalhães, chefe do Estado Maior, e dos tenentes Aragão e Andrade, que dias antes do combate subiram ao alto dos morros e poderam observar perfeitamente o acampamento inimigo. Tanto mais que, n'essa occasião, ainda os allemães não dispunham de artilharia, que chegou mais tarde sob o commando do major Frank.

A columna allemã dispunha de uma bateria de 6 peças, de 2 metralhadoras e trazia comsigo uma estação portatil de telegraphia sem fios, que estava em constante communicação com a poderosa central de Windhuk, de onde se fallava directamente com Berlim. Um quarto de hora depois de terminado o combate já na capital do Sudoeste Africano, a muitas centenas de kilometros de distancia, eram conhecidos os pormenores da acção. A columna inimiga compunha-se de infanteria montada, artilharia e metralhadoras, e trazia, ao todo, entre 500 e 600 homens.

Do nosso lado, havia, como dissémos, cerca de 760 homens, mais algumas forças dispersas na região, auxiliares ingonas e o destacamento do major Salgado, acampado junto do vau do Caloeque, na margem direita do Cunene, com cerca de 500 homens. Na região existiam as seguintes unidades, que registamos indicando o numero approximado de homens que as compunham:

Forças do commando do capitão Reis em torno de Naulila

2.º pelotão da 9.ª companhia (infanteria 14)—60 homens.
3.º pelotão da 9.ª companhia (infanteria 14)—97 homens.
12.ª companhia de infanteria 14—240 homens.
Bateria Erhardt (4 peças)—120 homens.
Bateria de metralhadoras (4)—50 homens.
86 cavallos do 1.º esquadrão com 40 homens.

Tropas coloniaes

16.ª companhia de landins—173 homens.
Auxiliares cuamatos em postos avançados, á cossaca—342 homens.
1 pelotão da 9.ª companhia de infanteria 14, guardando o vau do Quvero—60 homens.
2 pelotões de dragões em serviço de exploração—50 homens.

Forças do major Salgado junto do vau de Caloeque

10.ª companhia de infanteria 14—240 homens.
1 pelotão do 1.º esquadrão—25 homens.
1 divisão Canet (2 peças)—7 homens.
1 pelotão de landins—80 homens.

Junto do vau de Nengola estacionavam ainda 15 a 20 auxiliares civis que tambem não chegaram a tomar parte no combate. A sua posição está marcada no *croquis* acima reproduzido com o algarismo (5).

A posição do tenente Marques com o seu pelotão está representada em (1), em (2), quinto do vau de Quevero, o pelotão do alferes Figueiredo. Em (3) vemos a posição dos dragões do tenente Aragão, que na vespera do combate, depois de ter sabido da marcha dos allemães, foi acampar proximo do vau de Mugbolo (4), onde passou a noite. As vedetas que o tenente Marques deixou no flanco esquerdo da nossa primeira linha estão indicadas em (6). Em (7), as duas peças allemãs que logo no inicio do combate incendiaram o posto, em (8) a peça allemã que foi ali tomar posição sob o disfarce de uma maca da Cruz Vermelha, e lançou fogo a uns carros que se encontravam proximo do forte, ao nordente. Vemos em (9) o local onde começaram a explodir as nossas munições, o que determinou o tenente Marques a dividir o seu pelotão, avançando com uma secção até ao forno proximo, onde duas vezes foi ferido e onde por ultimo o aprisionaram.

Em (10) está indicado o ponto em que o tenente Aragão resolveu atacar as 2 peças allemãs (13) que as suas patrulhas tinham avistado; em (11), o local onde se iniciou o tiroteio com a infanteria inimiga (14) a 50 metros, durante o qual o alferes Sereno carregou e foi ferido. Em (12) o ponto approximado onde egualmente foi ferido o tenente Aragão.

E' claro que este *croquis* é um simples plano mais ou menos approximado, que reconstituimos sobre as informações obtidas ácerca do que foi o combate de Naulila. E, já agora, vem a proposito lembrar a conveniencia de munir todos os soldados portuguezes, que tomam parte em qualquer campanha, de uma placa de identidade, indispensavel muitas vezes para effectuar o reconhecimento dos mortos. Como já vimos, em Naulila foram enterrados seis soldados portuguezes cuja identificação se não fez, o que certamente não teria succedido se se tivesse adoptado o uso das placas.

Poeira da Arcada

A quem pertencerá a freguezia de Salto? A Cabeceiras de Basto ou a Montalegre? N'este pleito não é facil dizer quem tem razão. Conforme se ouve gente de um ou outro lado, assim nos parece que Salto quer e não quer mudar de provincia, districto e concelho.

Os proprios saltenses não se exprimem com clareza sufficiente: hesitam nas suas predilecções. D'aqui a incerteza, a confusão. O Senado, que hontem se preparava para resolver a difficuldade, dando Salto a Cabeceiras, tremeu, conteve-se nos seus propositos. E, provavelmente, tudo ficará como d'antes. Salto não justificará o seu nome. Quedar-se-ha indecisa, lá ao pé da fronteira, marcando bem esta situação de nós todos—que não pedimos nunca uma coisa sem desejar o seu contrario.

* *

Felizes os que comem trutas de mil e trezentos metros de altitude! O sr. Antonio Granjo é um dos poucos portuguezes que se permitte este tão raro prazer gastronomico. Corre serras, povos ignorados, mostrando que Portugal possue nas terras de Barroso muita riqueza, paisagens largas e uma população talhada em rocha, se bem que de alma branda e christã. Com estes calores que abrazam Lisboa, criando aos jornalistas, em cada linguado, uma labareda do Inferno, com quanto gosto nós partiriamos para Barroso, abandonando a esteril civilisação alfacinha, para a sério adoptarmos a vida pastoril, offerecendo aos montes e ás hervinhas as cinzas de algumas illusões que tão caro nos teem custado!

* *

Segundo o coronel Repington, a guerra já fez cinco milhões de mortos e quasi sete milhões de feridos.

Admiravel! A Europa priva-se da fina flor das suas gerações, para se convencer que as fronteiras dos Estados são elasticas. Só a ferocidade humana seria capaz de tanto e de tão pouco!

UM GRAVE PROBLEMA

Milhões de analphabetos

O que tem sido a instrucção elementar em Portugal: 68,5 % dos homens e 81,2 % das mulheres não sabiam ler em janeiro de 1912

Continuando o estudo que encetámos ácerca do analphabetismo em Portugal, feito sobre os trabalhos publicados pela direcção geral da Estatistica, vêmos que, na generalidade, o mal é menor entre os homens do que entre as mulheres, pois ao passo que para os primeiros a média geral dos illetrados na metropole é de 68,5 0/0, para as segundas essa média sobe a 81,2, isto é, em cada 100 mulheres encontram-se apenas 18,8 que saibam ler!

Se compararmos o letrismo do homem insulano com o do homem continental vê-se que áquelle é menor 11,1 0/0; se o compararmos por provincias vê-se que a mais letrada é o Minho, e a menos o Algarve, cujo illetrismo só é ultrapassado pelo da Madeira onde attinge o seu maximo para a população masculina.

Na Madeira 84,3 0/0 dos seus homens não sabem ler, isto é, apesar do desenvolvimento material de aquella ilha, os Açores que sob este ponto de vista estão em relativa inferioridade, teem mais instrucção pois n'estes só 74,0 0/0 são analphabetos, uma differença para menos egual a 9,4 0/0.

Dizemos acima que a média geral do analphabetismo masculino na metropole era, em janeiro de 1912, representado pela proporção de 68,5 0/0; se compararmos esta média com a de cada provincia, vêmos que lhe ficam inferiores, por ordem ascendente o Minho, com 60,3 0/0, depois a Extremadura e por ultimo a Beira Alta; Traz-os-Montes, Beira Baixa e Açores estão pouco mais ou menos em condições eguaes entre si, 74,1—74,6—74,0. As provincias continentaes onde mais largamente impera o illetrismo masculino são o Alemtejo, 79 0/0, e o Algarve onde 87,2 0/0 dos seus homens não conhecem o alphabeto.

Resumindo. Só o Minho, a Beira Alta e a Extremadura estão abaixo da média do analphabetismo masculino, ultrapassando-a, em ordem ascendente, Traz-os-Montes, Beira Baixa, Alemtejo e Algarve; os Açores ficam entre a Beira Baixa e o Alemtejo, notando-se o maximo do analphabetismo masculino na ilha da Madeira.

Se considerarmos os 21 districtos singularmente, vemos que só oito ficam abaixo da média, ultrapassando-a os treze restantes; os primeiros são, por ordem de maior lettrismo, Lisboa, Porto, Vianna, Aveiro, Braga, Horta, Coimbra e Villa Real; os segundos, obedecendo á mesma ordem, são Vizeu, Guarda, Santarem, Angra, Bragança, Leiria, Evora, Castello Branco, Portalegre, Ponta Delgada, Beja, Faro e Funchal.

No districto do Funchal, onde fica a capital da Madeira, a formosa estação d'inverno procurada por tantos estrangeiros, centro d'importante movimento commercial, porto de escala entre a Europa e a America, é onde se encontra a população masculina mais illetrada do Portugal europeu!

* *

Passando agora ao analphabetismo feminino nos seus pormenores. Ao passo que nas ilhas o analphabetismo masculino sobrepuja o do continente, com o feminino dá-se o phenomeno inverso; nas ilhas este é menor 7,8 0/0.

Sendo a média geral das mulheres illetradas entre Açores, Madeira e provincias continentaes 81,2 0/0 ficam abaixo da média, por ordem crescente, os Açores com 68,9 0/0; a Extremadura com 73 0/0; e o Minho com 80,4 0/0; a Madeira fica um pouco abaixo da média, dois decimos apenas, bem como o Algarve, nove decimos, seguindo-se-lhes Traz-os-Montes, Alemtejo, e por fim, a Beira Alta, com 87,8 mulheres analphabetas em cada cem, e a Beira Baixa com 88,9.

Descriminando por districtos, vemos que onde ha mais mulheres sabendo ler é no de Horta, apenas 61,2 0/0 são illetradas; seguem-se-lhe Lisboa, Angra, Ponta Delgada e Porto, todas abaixo da média; vem depois Coimbra que já a ultrapassa, 89,1 0/0, Leiria com 90,2 0/0 e Castello Branco com 90,6.

Vê-se, pois, pelo que deixamos dito, que em média ha mais mulheres illetradas do que homens, mas destrinçando regionalmente vê-se que nos Açores, na Madeira e no Algarve é maior a proporção de mulheres letradas do que a de homens.

Note-se que as tres regiões são maritimas; esta circumstancia talvez explique o phenomeno. Homens do mar, homens d'aventura, e a vista constante do Oceano despertando-lhes idéas d'emigração leva os seus habitantes a irem procurar fóra melhores condições de vida do que as disfructadas na sua terra. Como o emigrante lettrado é mais capaz de achar collocação fóra do seu paiz do que o analphabeto, são aquelles de preferencia os que emigram, e os outros se o fazem ou morrem lá por fóra de miseria ou voltam desanimados ao torrão natal. E assim se explicaria o phenomeno.

No entanto, é indubitavel que nos Açores a instrucção elementar feminina está mais diffundida do que no continente, pois que no districto da Horta tem 38 0/0 de mulheres sabendo ler, isto é, mais 1,3 0/0 do que o districto de Lisboa, sendo estes dois districtos, juntamente com os de Angra, Ponta Delgada, e Porto os unicos que ficam abaixo da média do analphabetismo feminino em Portugal. Nos tres districtos dos Açores ha maior proporção de mulheres que saibam ler do que no districto do Porto, o segundo do paiz pela sua importancia politica e commercial.

FOLHETIM D'«A CAPITAL»—2-9-1915

FERNANDO BRANCO
1.º tenente da armada

A acção dos submarinos na actual conflagração

II

OPERAÇÕES N.os 7 e 8: Afundamento do cruz. prot. inglez «Hermes», no estreito de Dover, em 1-11-914. Ton., 5.600; custo, libras 251.770.
Afundamento, proximo de Dover, em 11-11-914, do draga-minas inglez «Niger». Ton., 810; custo, 19.960 libras; vidas perdidas, 10.

Estas duas operações, comquanto não sejam das que mais elementos forneçam para a discussão technica, possuem um caracteristico interessante, o que vem a ser o facto de serem ellas as operações que inicialmente demonstraram a difficuldade em manter a apertada vigilancia sobre os submarinos, em qualquer especie de local, visto que ambos estes ataques foram praticados com efficacia em pleno estreito de Dover, onde necessariamente se concentrava uma grande parte da vigilancia da esquadra alliada.

OPERAÇÃO N.º 9: Afundamento nos Dardanellos, em 14-12-914, do cour. turco «Messoudieh». Ton., 9.120; custo, 450.000 libras; vidas perdidas, cerca de 100. Afundou-o o inglez «B 11».

«E' esta incontestavelmente, d'entre todas as operações aqui enumeradas, a que por todos os motivos alcançou um logar de verdadeiro destaque, podendo considerar-se a mais celebre de todas as operações de submarinos e talvez mesmo a maior de todas as operações navaes!

Falamos evidentemente sob o ponto de vista do brilho do feito militar, da coragem e pericia de que o pessoal que o dirigiu deu provas, e da cabal demonstração do valor da arma que assim se provou. Não se pretende, claro está, dar á operação um valor excepcional pelo que ella representou de decisivo para a guerra actual, porquanto o afundamento de um couraçado turco, demais a mais de cançado valor militar, pouco representa sob esse aspecto; pretende-se, bem entendido, elevar a opração no conceito de todos os technicos, pelo que ella representa de pericia, audacia, coragem, valor militar e conhecimento absolutamente completo da manobra do submarino.

Sabido é que o submarino inglez «B 11», de tipo antigo (4.ª serie, tipo BB, 1905/1907, 300 toneladas, 12/8', 4 torpedos, motores de benzina), percorrendo uma distancia consideravel—ida e volta—e visto que o seu raio d'acção é apenas de 1.300' (bastante inferior por todos os motivos ao nosso «Espadarte»), valentemente commandado pelo tenente Holbrook, forçou o estreito dos Dardanellos, quando ainda a esquadra alliada o não tinha feito, passou a salvo todas as linhas de minas fundeadas da defeza do Estreito, torpedou e afundou o couraçado turco «Messoudieh», de 9.120 toneladas, onde morreram cerca de 100 homens, e sem nunca ter sido attingido, volta coberto de gloria, pelo mesmo caminho, e por entre a mesma floresta de minas, chegando á sua base completamente indemne!

Em nossa opinião representa esta operação, além de tudo que acima dissémos, o exemplo mais completo da utilidade estrategica da combinação das duas armas modernas: o submarino e o aeroplano.

Tendo o commandante Holbrook recebido ordem para explorar os Dardanellos, afundando os navios inimigos que ao seu alcance pudesse encontrar, serviu-se de um hidroavião, no qual talvez elle proprio tivesse embarcado, e do espaço, a uma altura conveniente, foram observadas cuidadosamente as posições relativas em que as varias linhas de minas estavam collocadas, descobrindo assim o canal limpo que ao interior do Estreito daria ingresso.

Uma vez descoberto esse canal e observada a sua rigorosa posição, foi logo marcado em uma carta da região o rumo a seguir para galgar indemne a entrada do Estreito. Restou-lhe depois, cheio de confiança nos seus valiosissimos meritos e na sua brilhantissima coragem, seguir em immersão pelo rumo previamente marcado na carta, até observar o couraçado turco, torpedando-o. Após esse serviço, seguiu em rumo opposto o mesmo caminho, até marcar o ponto em que estava safo da região minada.

Clara está que um abatimento na navegação em immersão provocado pelas correntes submarinas poderia tornar a operação ingloria, por desviar o submarino para qualquer das margens d'esse canal, fazendo-o abalroar com qualquer mina; porém não só era do seu conhecimento que as correntes no Estreito correm sempre no mesmo sentido, factor, consequentemente, com que elle já tinha entrado, como tambem, sempre que a largura do Estreito o permittia—para não ser visto—subia a descobrir a objectiva do seu periscopio e a rectificar portanto o seu ponto e o seu rumo, corrigindo qualquer desvio que a corrente lhe tivesse occasionado.

E' pois, sem duvida, esta uma operação de uma importancia altamente notavel, sendo por nós considerado o tenente inglez Holbrook um heroe da guerra actual!

E' este portanto, um dos motivos que nos fazem affirmar que os submarinos alliados teem praticado factos mais valiosos e militarmente mais brilhantes que os submarinos allemães.»

OPERAÇÃO N.º 10: Grande avaria, em 21-12-914, no canal de Otranto, do dreadnought francez «Jean Bart», de 23.100 ton., lançado á agua em 1911. Custo, libras 2.528.880.

Algumas vezes se ouviu dizer aos antagonistas dos submarinos que o torpedo moderno seria de emprego bastante contingente, e inefficaz contra as modernas protecções dos cascos dos «super-dreadnoughts». Comquanto seja realmente um facto que ainda nenhum «super-dreadnought» foi afundado por submarino—pelo unico motivo de que esses navios estacionam nos portos desde o inicio da guerra—o que é positivo é que o «super-dreadnought» inglez «Audacious», de 23.000 toneladas, foi a pique nas costas da Irlanda, em Dezembro de 1914, por ter chocado com uma mina, tendo assim ficado provado que a protecção moderna dos cascos dos super-dradnoughts» contra as explosões submarinas—quer de torpedos automoveis, quer de minas—é ainda insufficiente.

Egualmente o «super-dradnought» francez «Jean Bart», de 23.100 toneladas, foi no Adriatico torpedado pelo submarino austriaco «U 12», sendo muito avariado. Ainda o facto de este navio ter sido apenas avariado e não afundado serviu aos technicos contrarios para a continuação da sua these de que os navios d'essa especie eram insubmersiveis pela acção dos submersiveis.

Porém, os factos passaram-se assim: O navio foi atacado pelo submersivel, tendo sido d'este disparados dois torpedos: dos quaes o primeiro passou á popa sem o attingir, e o segundo, attingindo-o, foi feril-o á proa, que como se sabe é a parte menos vital do navio. Factos como este nada poderão provar em desabono nem do torpedo nem do submersivel, mas sim talvez provém, ou a má manobra do submersivel, ou a má regulação dos apparelhos reguladores dos torpedos lançados.

Seguidamente ao ter sido o navio ferido á proa—e apenas á proa—a agua, na quantidade de uma centena de toneladas, penetrou rapidamente no interior do navio, fazendo-o cahir muitissimo A V.

Muitas das anteparas estanques tiveram de ser aguentadas com pontaletes de madeira, tendo-se recorrido a todos os meios extraordinarios para salvar o navio.

Como ultimo, foram então alagados alguns compartimentos da popa, para que o cahimento do navio fôsse o normal e assim pudesse navegar, fazendo-o então devagar—visto que as machinas, os helices e os lemes estavam intactos—para o porto de Malta, onde immediatamente começaram as necessarias reparações.

Não foi o navio afundado realmente, e não o foi, porque o torpedo o attingiu á proa e não mais para ré; não obstante, se assim fivesse sido, não lhe bastariam todas as suas anteparas elasticas e toda a sua labirintica compartimentagem—como não bastou ao «Audacious» para evitar o seu afundamento.

E a prova mais completa de que esse problema não está resolvido é que a maior preoccupação actual dos constructores navaes é o estudo da defeza dos grandes navios de linha contra o ataque das armas submarinas.

Será esse o problema mais interessante que sahirá da guerra naval actual (além do desenvolvimento e aperfeiçoamento do submarino, é claro); muitas coisas apparecerão, taes como, cofferdanos especiaes cheios de substancias adequadas, muitos fundos dentro uns dos outros —especie d'aquelle jogo chinez das muitas espheras dentro umas das outras—, redes d'aço rigidas envolvendo os cascos, anteparas numerosissimas elasticas e incombustiveis, etc., etc., mas a esses melhoramentos certamente corresponderá o augmento da tonelagem do submarino, e consequentemente o augmento do numero de torpedos, do seu calibre e do peso da sua carga, augmentando tambem necessariamente o volume da carga das minas, lucta esta sempre semelhante á tradicional lucta da couraça e do canhão.

OPERAÇÃO N.º 11: Ataque, em Pola, em 30-12-914, do dreadnought austriaco «Viribus-Unitis», de 20.000 ton., lançado á agua em 1911. Custo, 2.500.000 libras.

Se a discussão d'esta operação fôsse desenvolvida, nada mais faria do que vir confirmar tudo quanto se disse a respeito da operação anterior, pois que o «Viribus-Unitis», super-dreadnought austriaco modernissimo, que foi torpedado por um submarino francez, não se afundou porque estava dentro do porto de Pola e poude entrar immediatamente em doca secca.

Merece, em todos os casos, menção especial esta operação, porquanto o referido submarino francez conseguiu passar a salvo o canal de Tasana, entrar no porto de Pola, torpedar o super-dreadnought e regressar indemne á sua base.

Para certos criticos não teve esta operação a retumbancia que lhe era devida, pois que o navio ficou a fluctuar... em doca secca, porém, foi ella, da parte do submersivel, bem entendido, das de maior valor, pois demonstrou pericia e audacia como poucas outras.

Teremos apenas a mencionar o facto de que aquelle coeficiente virtual chamado «in vulgo» a «sorte» não bafeja completamente os submersiveis francezes, que são de resto dos mais treinados e dos mais valorosos.

OPERAÇÃO N.º 12: Afundamento, no canal da Mancha, em 1-1-915, do couraçado inglez «Formidable», de 15.000 ton.; custo, 1.092.743 libras; vidas perdidas, cerca de 300.

Como nas operações 7 e 8 acima discutidas, é caracteristico d'esta o facto de esse couraçado ter sido torpedado e afundado em pleno canal da Mancha onde a vigilancia era sem duvida desenvolvidamente apertada.

OPERAÇÃO N.º 13: Avaria do «Gazelle», cruzador allemão de 3.ª classe, no Baltico, em 21-1-915. Ton., 2.600; custo, 225.000 libras.

Com mais esta operação ficará provado que nem pelo facto dos navios serem afundados são as operações de maior valor, pois que n'esta, nem o cruzador foi afundado nem os outros attingidos.

Todavia os submarinos inglezes que fizeram parte d'este ataque, e que manobravam em esquadrilha—o que é notavel, tanto mais que regressaram sem avarias—passando ao N. da Dinamarca, atravessaram os Estreitos (Sunds), penetraram no Baltico e tendo percorrido uma distancia de 430' (só ida) sem serem descobertos, penetraram no porto allemão de Rügen-Walde, atacando todos os navios que lá se encontravam e conseguindo avariar um dos cruzadores, o «Gazelle».

Continua amanhã

ULTIMAS NOTICIAS

A QUESTÃO DO PEIXE

OS VAPORES DE PESCA

Estão sendo vendidos para o estrangeiro e serão gravissimas as consequencias do seu desapparecimento

Os trez membros da camara dos deputados que hontem apresentaram no parlamento um projecto de lei regulando a questão do peixe propuzeram, entre outras providencias, a de se permittir, caso o peixe escasseie, a vinda aos nossos portos de navios estrangeiros. Os trez parlamentares, cujas intenções e cujos esforços apenas merecem louvores, não conhecem evidentemente todos os aspectos do problema, que é mais complexo do que á primeira vista se póde imaginar. Como todas as questões vitaes para a economia da nação, algumas agora mesmo debatidas no parlamento ou na imprensa —a dos cereaes, a do Douro, a do assucar,—a do abastecimento e do barateamento do peixe exige estudo aprofundado e reflectido.

E' um erro suppor que n'esta occasião pódem vir navios estrangeiros abastecer de peixe o mercado de Lisboa. A guerra está monopolisando quantos barcos lhe é possivel obter para a caça de minas e os proprios navios portuguezes que se dedicavam á pesca estão sendo adquiridos por agentes inglezes que os pagam por muito bom preço. Só quem fôr cego deixará de ver a gravidade do facto do desapparecimento d'esses navios...

Antes da guerra, havia em Lisboa e Porto uns vinte e oito vapores de pesca, trez dos quaes foram já ha tempo comprados pelos inglezes: dois no Porto, o «Serra do Gerez» e o «Serra d'Agrella» e um em Lisboa, o «Vasco da Gama».

Actualmente, os agentes inglezes andam em negociações para adquirir mais doze: sete em Lisboa e cinco no Porto. Estão quasi fechados os contractos relativos a quatro vapores: O «Victoria Laura», o «Douro», o «Cabo Verde» e o «Chire». O que significa isto?

Que uma vez fóra da barra, tendo outros donos e outra funcção a cumprir, esses navios não mais voltam com peixe aos nossos portos e que este genero de primeira necessidade rareará então assustadoramente, acabando por desapparecer do mercado.

O peixe, atravez d'uns poucos de intermediarios, chega, como se sabe, á meza do consumidor por um alto preço, a que a maioria das bolsas não póde chegar, e muito bem fazem os srs. Levy Marques da Costa, Constancio de Oliveira e Costa Junior procurando remover as causas do preço exaggerado. Mas, se os nossos vapores de pesca sahem uns atraz dos outros para não mais voltarem, como obter peixe seja por que preço fôr? Tal aspecto da questão merece ponderar-se antes de qualquer outro n'este momento. Para elle chamamos a patriotica e esclarecida sollicitude dos parlamentares acima mencionados, com a certeza de que o assumpto reveste uma excepcionalissima importancia.

Declaração

A «Nova Companhia Nacional de Moagem» conscia de sempre ter cumprido com todos os seus deveres de Companhia portugueza, tendo prestado indistinctamente a todos os governos o auxilio que era de seu dever prestar e tendo introduzido a politica na sua vida commercial, entendeu, embora tivesse conhecimento dos boatos que corriam, que o seu passado e os serviços sempre prestados, eram garantia da absoluta correcção do seu proceder.

Tendo, porém, visto nos jornaes declarações de alguns collegas seus, repellindo as infundadas accusações que surgiram contra os signatarios da declaração de 28 d'agosto, e não desejando de fórma alguma que ao seu silencio, seja dada uma interpretação errada, a «Nova Companhia Nacional de Moagem» vem cathegoricamente affirmar que tal declaração não teve, nem podia ter, outro intuito que não fôsse o de chamar a attenção do governo sobre a crise que se estava desenhando, nem outro interesse que não fôsse o de evitar que se désse a falta de pão.

De resto, facilmente se comprehende que aos enormes capitaes interessados no commercio e na industria por maneira nenhuma conveem especulações politicas ou agitações de qualquer natureza.

Lisboa, 2 de setembro de 1915.

A «Nova Companhia Nacional de Moagem»

TOURADAS

Campo Pequeno.—O espectaculo de domingo, tres corridas na mesma tarde, deve attrahir enorme concorrencia, pelos magnificos elementos que figuram no programma. «A divisão da praça» é um dos attractivos que está despertando curiosidade, pois ha muitos annos se não realisa em Lisboa, e, a accrescentar o facto da estreia da «cuadrilla» de «niños sevillanos», que é assim constituida: espadas, Manuel Belmonte e José Blanquito; bandarilheiros, Rafael Sanchez (Cara Ancha), Fidel Rosales (Rosalito), Antonio Mora, Rafael Garcia (Arjona) e Enrique Gonzalez (Perdigon); picadores, Francisco Leiva (Chanes) e José Gutierrez (Gamero). O curro pertence ás ganaderias de Emilio Infante e dr. Augusto Assis, de Alhandra.

A grande guerra

As operações nos Dardanellos

LONDRES, 2. — Official—Sir Yan Hamilton communicou que os recentes combates de 27 e 28 de agosto ultimo na secção norte da linha tiveram por resultado a tomada de uma importante posição tactica que domina o valle de Biyuk e Anafarta para o lado de leste e norte, e o sensivel ganho de terreno que foi occupado pelos corpos de exercito australiano e de Nova Zelandia. Os combates foram dados quasi todos em formação cerrada e tiveram um caracter bastante severo, sendo infligidas grandissimas perdas ao inimigo e tomadas tres metralhadoras, tres lança-bombas, 300 espingardas, 500 bombas e grandissima quantidade de munições de espingarda.—(*Havas*).

Os russos luctam energicamente

PETROGRADO, 1. — Official—Na margem direita do Wilija continuamos a avançar. No dia 30 de agosto tomámos 4 canhões e 1 metralhadora. Entre o Wilija e o Niemen um regimento russo, envolvido pelo inimigo, libertou-se anniquilando um batalhão allemão. Na região de Sotek, na Galicia, contivemos o inimigo infligindo-lhe perdas enormes. O total de prisioneiros que fizemos é de 100 officiaes e 7000 soldados, entre os quaes 1|3 são allemães.—(*Havas*).

No theatro occidental e nos Dardanellos

PARIS, 22. — Communicação official das 15 horas:

Durante a noite apenas se registaram combates á granada em redor de Souchez, algumas acções de artilharia no sector de Neuville e na região de Roye, e nos Vosges lucta com petardos em Schratzmaennele.

Nos Dardanellos, a ultima semana de agosto foi no seu conjuncto muito calma na linha de combate do sul. Na zona do norte as tropas britannicas travaram combates felizes que as tornaram senhoras d'uma elevação que era vivamente disputada, a oeste de Bynk e Anafarta.

Ao transporte mettido no fundo no dia 20 d'agosto por um dos nossos aviões perto de Acdaphilinan ha a accrescentar mais quatro torpedeados pelos submarinos britannicos, dois n'esse mesmo ponto e outros dois entre Gallipoli e Magan. Os canhões dos navios de guerra attingiram varios navios ancorados no Estreito.—(Havas).

Noticias parlamentares

Pois é verdade... Os srs. legisladores, que se teem farto de perder tempo e de fazer cera, mandaram ao diabo o cansaço e estão dispostos a não mais se arrancarem de S. Bento. Era o que se dizia hoje, era o que se affirmava pelos corredores do Congresso, que é onde, em tempo de camaras, se affirmam as mais estranhas coisas. Que tonificante energico terão ingerido os srs. deputados e senadores para assim se sacrificarem pela patria, á razão de cinco escudos por dia? Elles não o dizem, mas ha quem affirme que ao caso não são estranhas as famosas pilulas do *vaudeville* conhecido. E não perceberam suas senhorias que a patria, por agora, está disposta a dispensar-lhes os serviços. Pois já vae sendo tempo de abrirem os olhos, para não se julgarem fortes só com o apoio dos pretendentes...

Decididamente, a esquerda da Camara é qualquer coisa bastante falta de cohesão para ter o direito de continuar reunida. O que hoje se passou em volta do projecto dos cambios não é coisa que possa dizer-se em poucas linhas. Cada um puxou para seu lado; e as papoulas mais altas foram as que mais se contorceram em curvaturas varias, batidas por aquelle vento de insania que de ha muito ameaça crestal-as e destruil-as. E' voz corrente que as opposições parlamentares teem sido para com os seus adversarios politicos de uma benevolencia sem limites. E porque haviam de proceder d'outra forma se, em geral, é a maioria quem faz opposição, quem barafusta, quem grita, dividindo-se, aggredindo-se, maltratando-se? Era da maioria que devia surgir aquella disciplina sem a qual não pode haver harmonia parlamentar. E o que tem acontecido? E' melhor não o dizer, para que não se diga que o exaggero se sobrepõe á verdade, tão pouco consoladora ella é...

Foi o anno passado. Disse-se então, ao discutir-se o orçamento dos estrangeiros, que era de inadiavel urgencia crear uma legação portugueza junto dos paizes balkanicos. A Camara deu-se por convencida e a nova legação passou. Mas no Senado e no Congresso foi abaixo. Grande desapontamento e, consequentemente, protestos de voltar á carga, por parte dos iniciadores de tal *sinecura*. Hontem, a iniciativa resurgiu, vindo a galope, quasi á desfilada, para entrar por uma porta e sahir por outra, com todos os sacramentos e mais alguns. E quem pagará ao futuro patriarcha diplomatico nos Balkans? O Estado? Pelo amor de Deus, seria caso para abrir em seu favor uma salvadora subscripçãosinha...

Ainda agora, já no lavar dos cestos parlamentares, ha quem se estreia. Oh! como a eloquencia é imperativa e como ella irrompe, clamorosa, por mais peias e por mais barreiras que pretendam oppôr-lhe! Mas o caso de hoje vale registo especial, já porque se trata de um novo que só tem de antipathico o... monoculo, já por se ter ventilado um assumpto, cuja importancia, n'esta terra de anormaes e de doentes, é desnecessario encarecer. O estreante foi o sr. Sergio Tarouca. Palavra facil, ausencia de pretensão, um certo ar modesto, que fica bem a todos e muito principalmente aos deputados. Mas, sr. Tarouca, o seu projecto humanitario cria inspectores? Não? N'esse caso, tenha paciencia, mas não passa. E' dos livros.

Hoje á noite, depois das sessões nas duas camaras, as maiorias reuniram n'uma das salas do Congresso. Para quê? Ora, para que havia de ser! Trata-se ainda de averiguar quando deve findar o periodo legislativo, como se isso não estivesse no animo de toda a gente que não tem fôfa poltrona em S. Bento. A discussão foi acalorada, girando, sobretudo, em torno da reforma da policia. Disse-se que ou ella passava ou o governo se ia embora, e que a crise so o abundante alfobre de opulentos nichos não passasse, seria fatal. E se ficassemos sem uma coisa e sem outra? E' uma solução. De resto, um paiz que tão bem vive sem policia bem melhor poderá, talvez, viver sem governo.

Ha dois dias que o Senado anda embrenhado n'uma grave questão. Como sahirá d'ella? E' difficil prevel-o. E' aquella historia de Salto, a freguezia mais disputada por Montalegre e Cabeceiras que a mulinha appetitosa da cenção. Mas ponhamos os pontos no sitio onde elles devem estar. Em Salto ha minas de wolframio, que um francez explora e que a Montalegre pagavam dois contos por anno. A Camara, porém, elevou essa contribuição a oito contos, e o francez dono das minas da Borralha cae em Cabeceiras, offerece-lhe Salto desde que não lhe levassem mais de dois contos e o negocio passou. D'ahi a apparecer em S. Bento o projecto salvador do... francez, obrigando Salto a saltar para Cabeceiras, foi um saltinho verdadeiramente insignificante. A Camara votou-o, mas o Senado não esteve pelos ajustes com a facilidade que se suppunha. Evidentemente, este caso é curioso. Elle mostra como a imaginação de certas creaturas não conhece limites e revela a promptidão com que certos politicos servem todos os interesses desde que em paga lhes deem votos. Leitor—pensa e medita n'este caso de Salto, que é tipico, para que não te impingem gato por lebre e não te tomem por qualquer saltapocinhas.

Parece á primeira vista que cada um que se mette dentro d'uma funcção ou faz parte integrante d'uma instituição que tudo aconselha manter cheio de grandeza e de nobreza deve empregar todos os esforços para lhe dar tanto prestigio e tanto brilho quanto possa. E' assim que os srs. deputados estão procedendo para com a Representação Nacional? Quem frequenta S. Bento que o diga, ao ver o que se passa pela sala n'estas tardes em que a faculdade de legislar está a pedir xarope iodotanico, para não se extinguir de inanição. A Camara não é já o templo augusto onde se elaboram leis sabias e justas. E' um recinto onde se conversa para matar o tempo e onde se fumam pessimos cigarros que, enchendo de fumo a atmosphera, dão á sala um ar de *cabaret* barato, que nauséa. O que é pena é o sr. Azevedo Coutinho não dar por tal, para mandar ir lá fora os que não sabem conter-se nem reprimir os seus vicios...

O mysterioso Vasco de Leiria e o seu A B C

Quem é o sr. Vasco de Leiria que de Lisboa escreve para o «A B C» de Madrid chronicas sobre assumptos de Portugal?

Apesar de tão caracterisadamente portuguez, esse pseudonymo não encobre um compatriota nosso. Repugnaria acreditar que alguem nascido n'este paiz, vivendo aqui, se escondesse sob a mascara d'um nome supposto para falar das coisas e das pessoas da sua terra como o faz o sr. Vasco de Leiria! Tambem não cremos que se trate d'um hespanhol. O cavalheirismo tradicional dos filhos de Hespanha não se casa com o procedimento do individuo que se occulta com extremos de cautela e se disfarça com um nome portuguez. O sr. Vasco de Leiria, que vive entre nós, que espia todos os nossos movimentos, que commenta todas as nossas palavras, que se dá ares de orientador, a quem tudo fede e que de tudo desdenha, não póde ser hespanhol e muito menos portuguez. Quem quer que seja, porém, está longe de ser corajoso e tanto sente a ignominia da sua attitude que receia que lh'a castiguem, velando-se com um nome improvisado e rodeando-se de impenetravel mysterio.

Na sua ultima correspondencia, o sr. Vasco de Leiria todo se espaneja porque ha muitos portuguezes que se deliciam com a leitura do «A B C», cujos merecimentos exalta enthusiasticamente. Não nos dá novidade nenhuma. Ainda não ha muitos dias que registámos o facto da extracção que a gazeta madrilena tem entre nós, mas d'ahi a concluir que só ella diz a verdade e que na imprensa portugueza se mente e «medran las artes equivocas» ninguem a não ser o sr. Vasco de Leiria era capaz de fazel-o.

O correspondente do «A B C» não desconhece, por certo, a existencia d'um periodico madrileno intitulado «España», redigido e collaborado por muitas das mais distinctas mentalidades do paiz visinho. Pois nas columnas da «España», numerosos homens illustres disseram francamente o que pensam do «A B C». Ocioso se torna dizer que estão longe de ser lisongeiras essas opiniões ácerca do famoso periodico conservador e clerical que tem por director o sr. Luca de Tena. Já aqui reproduzimos alguns conceitos sobre o «A B C». Não temos duvida em reproduzir os restantes. E quem os formulou não se escondeu sob qualquer pseudonymo. Poz o nome por baixo!

Mas quem será esse corajoso e insolente Vasco de Leiria e quanto lhe pagarão para nos ser constantemente desagradavel?

CONGRESSO NACIONAL

Na Camara dos deputados

O projecto dos cambios é remettido de novo para as commissões

Depois d'uma segunda chamada, o sr. Azevedo Coutinho declara que a acta é approvada por 54 deputados. Lido o expediente, não falta quem pretenda metter á força, antes da ordem, o seu projectosinho eleiçoeiro. Esforço, inutil. O sr. ministro da instrucção apresenta duas propostas de lei—uma manda pagar as empregadas que figuram na remodelação das Escolas Normaes; outra rege o provimento das escolas primarias de Lisboa, creando para ellas, n'essa cidade, um quadro especial. O sr. Costa Junior diz que a actual crise das subsistencias é o assumpto que mais deve prender as attenções parlamentares, visto do seu estudo depender a melhoria economica do povo portuguez. Até agora, pouco se tem feito n'esse sentido, do que resulta um constante aggravamento dos generos de primeira necessidade. Os conflictos são innumeros, citando o facto dos padeiros terem procurado levar a Cooperativa Previdencia Agraria, do Fayal, a entrar em accordes pouco legitimos, o que não conseguiram. E como essa cooperativa tem prestado optimos serviços, propõe que ella seja considerada benemerita e que a camara isente de franquia a sua correspondencia. O sr. Almeida Garrett diz que a guarda fiscal dos concelhos visinhos do Porto está vexando toda a gente por causa da isca, pedindo, por isso, providencias contra esse facto. O sr. ministro da justiça diz que transmittirá ao seu collega das finanças as considerações d'aquelle deputado. O sr. Sergio Tarouca manda para a meza um projecto de lei creando um instituto para anormaes no extincto edificio do collegio de S. Fiel. O sr. José Maria Gomes queixa-se de não ter sido dada para ordem do dia uma interpellação que annunciou ao sr. ministro da instrucção. Este responde que já se deu por habilitado a quantas interpellações lhe annunciaram. O sr. Evaristo de Carvalho apresenta um projecto de lei creando uma nova epoca de exames em outubro para os alumnos de instrucção primaria. E' approvado.

O sr. Adriano Pimenta apresenta e justifica um projecto de lei mandando sustar todos os processos que estiverem instaurados por causa do não pagamento de contribuição de rendas de casas. As duas propostas apresentadas pelo sr. ministro da instrucção foram approvadas.

O sr. Bernardo Lucas manda para a meza o parecer da commissão respectiva sobre o projecto que define o que sejam crimes de alta traição. Fica para ser discutido na ordem do dia, em quarto logar. Entra em discussão o projecto sobre cambios. O sr. Malva do Valle combate-o vivamente, falando por bastante tempo e dizendo que o assumpto, sendo de extraordinaria gravidade, não póde ser votado d'animo leve. Lê-se na meza um telegramma dos banqueiros do Porto, protestando contra a approvação do projecto. Elle reforça as declarações do sr. Malva do Valle. O sr. Abilio Marçal requer que o projecto volte ás commissões. O sr. Levy Marques da Costa protesta contra esse requerimento, dizendo que em volta do projecto se teem erguido tantas suspeitas que não ha maneira de deixar de o discutir. O sr. Barbosa de Magalhães diz que o telegramma lido na meza é a reedição d'um outro que já em tempos foi enviado ao Parlamento. Não quer apreciál-o, mas dirá que nas commissões outros foram apreciados, sobre o assumpto, dizendo o contrario. O sr. Malva do Valle diz que, no seu discurso, não melindrou ninguem e affirma que, sobre o assumpto, não trocou uma palavra com ninguem. O sr. Alexandre Braga justifica o requerimento do sr. Abilio Marçal, dizendo que o projecto baixando ás commissões, dará tempo a que o paiz o conheça melhor, não representando isso desprimor para quem quer que seja. Na meza lê-se um telegramma do Centro Commercial do Porto, pedindo que o projecto não se discuta. Procede-se á votação, depois da troca viva de phrases entre o sr. Alexandre Braga e varios membros da maioria. O requerimento é approvado. Faz-se a contraprova, com contagem. Votam a favor 37 deputados e contra 26.

A seguir, approva-se um projecto auctorisando o governo a vender uma casa que o Estado Portuguez possue em Roma, «via» Palazzolos, para com o producto da venda, que é de 60.000 liras, se proceder a obras em Santo Antonio dos Portuguezes. Vae depois á commissão da policia das colonias, militarmente organisada, para a commissão outro projecto concedendo pensões de sangue ás mães divorciadas de officiaes mortos em campanha. Falam os srs. Bernardo Lucas, que apresenta um contra-projecto, e Mesquita de Carvalho. E' approvado um projecto considerando como de commissão extraordinaria o serviço prestado pelos officiaes da metropole nos corpos de policia das colonias, militarmente organisados. Discute o projecto que auctorisa o governo a nomear revolucionarios civis para as vagas que se forem dando nos diversos ministerios.

No Senado

Approvam-se varios projectos e o contracto com o Banco de Portugal

Sessão ás 15 horas com o sr. Correia Barreto na presidencia, dezenove senadores presentes e o sr. ministro das finanças no seu «fauteuil». Approvada a acta e lido o expediente, varios senadores, para aproveitar este final da sessão pedem uma infinidade de urgencias e dispensas de regimento para um sem numero de projectos.

D'esses concede-se a urgencia e dispensa e approvam-se os seguintes:

—Incluindo, no orçamento, os vencimentos das professoras do Lyceu Central de Coimbra, que por engano não figuram n'aquelle diploma.

—Regulando a situação do funccionario de finanças Mello Marques.

—Tratando dos vencimentos dos funccionarios administrativos.

—Regulando os concursos dos thezoureiros da fazenda publica.

—Reintegrando o padre da freguezia de Abiul, concelho de Pombal, na posse da respectiva pensão.

—Regulando a reforma do pessoal extraordinario do Arsenal de Marinha.

—Creando a freguezia de Caneças no concelho de Loures.

E entra-se em seguida na ordem do dia com a discussão do contracto com o Banco de Portugal já approvado na outra camara.

O sr. José Maria Pereira não está habilitado para discutir tal proposta. Por isso limita-se a perguntar ao sr. ministro das finanças se n'este contracto estão assegurados os legitimos interesses do Estado quanto á divida do Banco ao mesmo.

O sr. Victorino Guimarães explica e o sr. José Maria da Costa confia em que o Estado saberá salvaguardar esses interesses como o sr. ministro das finanças prometteu.

O sr. Celestino de Almeida lastima a precipitação com que assumptos de tal monta se trazem á discussão do Senado. Por isso envia para a mesa uma proposta para que tal projecto se discuta apenas no principio da proxima sessão legislativa com o que não concorda o sr. Victorino Guimarães.

Seguidamente é approvado na generalidade e especialidade, sem alterações nem emendas.

A proxima sessão é ámanhã á hora regimental.

Marido que se vinga ao fim de quatro annos

Dá uma facada na mulher, deixando-a ás portas da morte

Na quinta das Commendadeiras, á travessa Lazaro Leitão, residiam o trabalhador José Antonio, de ■ annos, filho de José Antonio e Maria Antonia, natural de Castello Branco, e sua mulher Delphina Russa, de 38 annos, filha de Antonio Gravito e de Helena Russa, natural da freguezia de Lavacolhos, concelho do Fundão. Casados haverá ■ annos, o casal deu-se sempre bem, mas, haverá uns 4 annos, o José Antonio abandonou o trabalho e passou a viver do que a mulher ganhava, dando-lhe maus tratos. Não podendo supportar a vida que levava, a Delphina fugiu ao marido e foi viver para a companhia de uma sua prima, juntando-se mais tarde com um tal Bernardino, viuvo e com filhos, indo residir para os lados do Poço do Bispo, onde se estabeleceram com uma pequena taberna. Se com o marido a Delphina fôra infeliz, com o Bernardino o mesmo lhe succedeu, pelo que resolveu abandonal-o, voltando para a quinta, onde se empregou nos trabalhos agricolas. Ahi, passou a dar-se com uma familia residente na quinta e de que é chefe Manuel Bernardino. Com saudades do marido, a Delphina pediu a este que lhe escrevesse uma carta pedindo ao José Antonio para voltar para a sua companhia e dizendo que lhe arranjava trabalho.

Effectivamente, ha 15 dias, o marido voltou para a quinta, onde se empregou como trabalhador. A harmonia no casal restabeleceu-se e nada fazia presagiar a scena que hoje se deu. Cêrca das 7 horas da manhã estavam trabalhando na quinta o José Antonio, a Delphina, o Bernardino e um rapaz chamado Agostinho. Em dado momento os dois ultimos ouviram um grito e olhando para o lado d'onde elle partira viram que a Delphina estava cahida por terra e o marido em cima d'ella. Correram para o local, mas quando chegaram viram-no erguer-se e seguir quinta acima como se nada se tivesse passado. Quizeram ajudar a Delphina a levantar-se, mas viram então que ella tinha um enorme ferimento no ventre por onde sahiam os intestinos.

Os dois homens e outros trabalhadores que accudiram trataram de fazer uma pequena padiola na qual transportaram a ferida ao hospital da Marinha. O medico ahi de serviço, verificando que o estado da Delphina era grave ordenou que fosse conduzida immediatamente para o Hospital de S. José, onde se verificou que a facada lhe atravessara o estomago de lado a lado. Feita a operação da laparotomia, recolheu em estado gravissimo á enfermaria 11.

Entretanto o criminoso era preso e levado para a esquadra, vindo á tarde para o governo civil, recolhendo a um dos calabouços.

ECHOS & NOTICIAS

INFORMAÇÕES—COMMUNICADOS

NOTAS MUNDANAS

E' melindroso o estado de saude de José de Sampaio (Bruno), venerando democrata e director da bibliotheca do Porto.

—Tem estado retido no leito com um violento ataque de «grippe» o abastado agricultor sr. Eduardo Vieira de Araujo.

—Regressou a Lisboa, vindo das thermas do Gerez, o sr. Carlos Gomes, presidente da Associação Commercial.

—Estão em Lisboa, de passagem para as Caldas da Rainha, os srs. viscondes de Oliva.

—Está em Caldellas o sr. Frederico Gonçalves.

—Das Pedras Salgadas seguiu com sua esposa e filho para a Figueira da Foz o sr. Pinto de Carvalho (Tinop).

—Partiu hoje para a Ericeira o sr. Antonio Martins Gonçalves.

—Encontram-se nas Caldas da Rainha os srs. dr. Alberto de Campos Mello, Alberto Pereira Leite e familia, Madame Edouard Picq, Armando de Vasconcellos Massano, Alberto Reis e familia e Carlos Durnay.

—Regressou ás Caldas com sua esposa o sr. Antonio Gomes Netto.

—Partiu das Caldas para a Figueira da Foz o sr. Abel de Carvalho Monteiro.

DOUGLAS RAWES

Revestiu grande imponencia o funeral, hontem realisado, do sr. Douglas Rawes, que foi ferido no combate de Ypres, vindo depois a fallecer no hospital de sangue em Londres.

O sr. Douglas Rawes era socio do Royal Mail Steamships Company, em Lisboa, sendo estimadissimo pelo seu grande caracter e bella alma.

Logo que teve conhecimento de que a Inglaterra definira a sua attitude a favor dos alliados, alistou-se como voluntario no King's Royal Rifles, em cujas fileiras immediatamente se salientou pela sua bravura. Em pouco tempo, os seus serviços foram reconhecidos e galardoados, tendo-lhe sido conferido o posto de 1.º tenente.

Como dissémos o tenente Rawes morreu no hospital de Londres, onde assistiu aos seus ultimos momentos sua extremosa mãe, sendo trasladado o seu cadaver para Lisboa por expresso desejo da familia.

O funeral effectuou-se hontem á tarde para o cemiterio dos Cyprestes [illegible] encorporado no prestito [illegible] do conselho, representantes [illegible] ministro e secretario de [illegible] França, encarregados dos [illegible] gentina e Uruguay, cons[illegible] ra e França, general da [illegible] do-se ainda todo o pessoal [illegible] numerosas pessoas da [illegible] ainda outros amigos e [illegible] linclo, alguns dos quaes vindos propositadamente do Porto e da Granja para assistir ao enterro.

As honras militares foram prestadas por uma força de marinheiros, sob o commando do segundo tenente sr. Barbosa Carmona, sendo feitas as descargas do estylo. O ataude foi coberto com a bandeira ingleza, ficando depositado no jazigo da familia Rawes.

Calcula-se em mais de cem as corôas e cruzes depostas sobre o caixão.

A ceremonia foi religiosa, observando o rito inglez. Não houve discursos nem se formaram turnos por desejo expresso da familia do finado.

UM RAPTO

Como os senhores sabem, a poucos minutos de Lisboa ha um retiro que mereceu as honras de ser cantado por Byron e Garrett e cujos panoramas formosissimos teem emoldurado alguns dos mais interessantes episodios de que reza a nossa historia... do amor. Pois, foi lá, n'um luxuoso e elegante palacio de Cintra, quando a noite de hontem já envolvia a atmosphera de poesia e de mysterio, que o quadro se desenrolou. Naturalmente, ali pelas proximidades um automovel com um magnifico motor e guiado por um «chauffeur» de confiança... A um signal dado, uma silhueta de mulher, quasi creança, graciosa e aristocratica, transpõe o portão do palacio e dirige-se para o auto, onde a esperam as preces frementes de paixão de um sympathico mancebo. Depois, uma onda de poeira tenta sepultar nas dobras do impenetravel o rapido drama que havia de servir para enriquecer ainda mais as tradições amorosas de Cintra.

Mas, uma hora depois, em toda a parte se sabia e discutia o rapto, citando-se nomes e esmiuçando-se pormenores.

Ella é neta de um archi-millionario, erudito, philosopho e collecionador; sua mãe, morta na flôr da edade, fôra das mais formosas e gentis damas da sociedade portugueza, tendo-lhe ella herdado os dotes physicos e as qualidades affectivas. Elle, o apaixonado joven, é filho de um fallecido aristocrata hespanhol e neto de um elegante titular portuguez, muito conhecido.

O avô paterno contrariou os amores, oppoz-se terminantemente ao casamento e, depois, este episodio desenrolado pela calada da noite no formosissimo retiro de Cintra, d'onde um automovel sahiu velozmente a caminho de Hespanha...

FESTAS EM OEIRAS

Continuam com todo o brilhantismo as festas que a commissão balnear de Oeiras se propoz realisar, no magnifico salão do Balneario-Casino Eden de Santo Amaro de Oeiras.

Para domingo proximo está sendo organisado um bello programma, cheio de attractivos, tanto para a «matinée», como para a noite, havendo espectaculo, no qual tomam parte varios artistas.

Depois do espectaculo haverá baile, promovido por uma commissão de senhoras ali residentes.

LUTUOSA

Falleceu em Lisboa a sr.ª D. Carlota Emilia Peixoto, realisando-se o seu funeral amanhã, ás 15 horas, da rua 24 de Julho, 96, 2.º

Tratamento dos anormaes

Projecta-se crear em S. Fiel, um instituto para os recolher

O sr. Sergio Tarouca levou hoje á Camara dos deputados, de que faz parte, um projecto interessante. Tem elle por fim crear no antigo Collegio dos Jesuitas, em S. Fiel, um instituto medico-pedagogico, para educação de menores anormaes. Esse instituto terá por fim corrigir e educar as creanças que lhe forem entregues pela Tutoria da Infancia ou pelas instituições dependentes da Federação Nacional dos amigos da infancia, que soffram de doenças mentaes, fraqueza de espirito, epilepsia, histeria ou instabilidade mental, o bem assim os que soffrem de taras menos accentuadas. O Instituto funccionará em secções especiaes, conforme a natureza e accentuação das taras de que soffrerem os internados.

Os alienados serão recolhidos em pavilhão á parte. Dirigirá o futuro instituto um medico, e o pessoal será todo especialisado, podendo fazer parte d'elle os professores primarios mais distinctos, indicados pelos inspectores. O projecto determina minuciosamente as funcções do pessoal do instituto, que são curiosas e que se chegarem a ser discutidas bem merecem a attenção do Parlamento.

Navios inglezes na costa

A' vista de Sagres pairaram hoje um torpedeiro inglez e um transporte da Cruz Vermelha da mesma nacionalidade.

Divisão naval portugueza

A divisão naval portugueza, que hontem fôra fundear em frente de Paço d'Arcos, levantou ferro hoje, pelas 5 horas, seguindo para o mar a fim de continuar em exercicios.

NOTAS DIVERSAS

O conselho de ministros volta a reunir esta manhã no ministerio da marinha, occupando-se das ultimas occorrencias em Angola, das questões cerealifera e de subsistencias e de assumptos de administração publica.

—Uma commissão delegada da Federação da Construcção Civil procurou hoje o sr. ministro do fomento, a fim de lhe pedir que se ordene que os delegados da federação sejam encarregados de vigiar as construcções nos concelhos do districto.

—Vae ser presente á junta de saude naval, para mudança de situação, o capitão de mar e guerra sr. Antonio Jervis de Athouguia Ferreira Pinto Basto.

—O deputado sr. dr. Paiva Gomes entregou hoje, no ministerio do fomento, representações das camaras municipaes de Villa Nova de Paiva e de Moimenta da Beira, pedindo para ser estudado um desvio da estrada n.º 14, no lanço entre Soutosa e a capella do Senhor dos Afflictos, de fórma a ser servida a população de Granja de Paiva.

—No rapido da manhã seguiu hoje para Vizella o sr. dr. Augusto Soares, ministro dos negocios estrangeiros.

—Como dissémos, o sr. ministro da guerra seguiu hoje, em automovel, acompanhado dos srs. capitão Mathias de Castro e Florentino Martins, para os locaes onde se encontram as unidades sahidas hontem para os exercicios das escolas de repetição.

Espião allemão preso?

Acompanhado de um agente de policia, chegou hoje a Lisboa e recolheu a um dos calabouços do governo civil um individuo preso em Montemór-o-Novo. Interrogado pelo director da policia de investigação declarou chamar-se Paul Lister, natural de Anlz, Russia, e ser professor, dizendo, porém, umas vezes que é russo, outras que francez. O administrador do concelho enviou juntamente com o preso um embrulho lacrado com varios documentos que lhe foram encontrados. A policia [illegible] se d'um espião allemão.

Negociantes multados

A policia encarregada da fiscalisação do preço dos generos alimenticios multou em 20 escudos os commerciantes Adelino Dias Leitão, da rua de Buenos Ayres, 53, por ter elevado o preço do toucinho, e Aurora Rosa Gomes, da praça da Figueira, por augmentar o preço da cebola.

Informações da "Liberdade,,

Do orgão [illegible]-clerical portuense *A Liberdade*, d'esta manhã, transcrevemos:

Confirma-se a noticia de que o valente official [illegible] Aragão, dirigiu ao parlamento [illegible] petição para que a lei que o [illegible] distincção, a capitão, seja annullada.

Se este pedido não fôr deferido, o sr. Aragão [illegible] offerecer a sua demissão do off[illegible].

Ao que [illegible] official mandou declarar á [illegible] commissão que não acceitará a [illegible] honra que lhe querem offerecer; [illegible] que o dinheiro que n'ella deveria gastar-se seja destinado aos filhos do seu camarada Sereno, que em Africa morreu, combatendo.

O distincto official vae requerer para frequentar, em França, uma escola de aviação.

Ignoramos qual o fundamento d'estas informações.

Transporte de passageiros

Foi hoje assignado o accordo entre a direcção das obras do porto de Lisboa e a direcção da Associação de classe dos catraeiros do porto de Lisboa, para que esta possa transportar os passageiros de 3.ª classe dos vapores vindos do Brazil. Por parte da associação e do sr. governador civil assignou o accordo o sr. Alfredo Pinto.

PEQUENAS NOTICIAS

—Alvaro Guedes de Freitas, morador na rua do Carrião, 21, 4.º, queixou-se de que lhe furtaram um maiole com linguetas de estanho no valor de 50 escudos. Tambem José Peres, morador na rua dos Sapateiros, 85, 4.º, se queixou de que Felicidade de Jesus, moradora na mesma rua, 66, lhe furtou differentes objectos no valor de 50$00.

—Durante o mez de agosto foram passados na 1.ª repartição do governo civil 78 passaportes, sendo 34 para a America do Norte, 21 para o Brazil e 17 para varios portos da Europa. Foram tambem passados 81 bilhetes de identidade.

—Na residencia de Raymundo d'Oliveira, factor dos caminhos de ferro, no apeadeiro de Chellas, entraram os gatunos, furtando a quantia de 80 escudos.

Feiras e mercados

Nos dias 5 e 7 do corrente realisa-se em Montemór a feira annual, havendo bilhetes de ida e volta a preços reduzidos das principaes estações das linhas do sul e sueste para ali, sendo os preços de Lisboa: em 1.ª classe 3$70, em 2.ª 2$80 e em 3.ª 1$50. Ha comboios especiaes que partem de Torre da Gadanha em 4 e 5 ás 4 horas e em 5 e 6 ás 17 horas e que regressam de Montemór em 4 e 5 ás 3 horas e em 5 e 6 ás 22 e 16. Os bilhetes são validos até 9.

Para Moura tambem ha bilhetes reduzidos de Lisboa até Pias, sendo os preços de Lisboa em 1.ª classe 5$90, em 2.ª 4$70 e em 3.ª 3$60. Estes bilhetes vendem-se de 6 até 9 do corrente e são validos até o dia 11.

PARTE COMMERCIAL

Situação da praça

CAMBIOS.—O mercado fechou ás seguintes cotações:

	Compra	Venda
Londres, cheque	35 9/16	35 1/4
Londres, 90 d/v.	35 7/8	—
Paris, cheque	$73,5	$71,2
Allemanha, cheque	$28,5	$2,5
Hollanda, cheque	$57	$58
Madrid, cheque	1$36	1$37
New York	1$46	1$50
Rios, Londres	11 7/8	—
Libras	6$90	7$00
Agio do ouro	45 %	50 %

BOLSA — As inscr[illegible] effectuaram-se:

	Assent.	
Titulos de 1.000$	—	[illegible]
» » 500$	—	[illegible]
» » 100$	—	[illegible]

Obrigações d'Estado: 4 1/2 66$[illegible], [illegible] 60$.

Acções: Banco de Portugal, 160$, Ultramarino, nom., 111$50; Carengo, 1$12; Phosphoros, assent., 56$20 a 58$10.

Obrigações: Prediaes, 6 %, 91$30 a 5 %, 87$15; Ambaca, 90$50; Norte e Leste, 1.º gran, 72$30.

CONTOS E CHRONICAS

D. PACO

Como foi que eu vim aqui parar? Sei lá! Lembro-me apenas de que, no Caes do Sodré, tomei um bilhete de 2.ª e uma data de pó de carvão de 1.ª. Depois o comboio desatou a apitar e eis-me a caminho da *Batota les bains*.

Quem haverá que não conheça essa linha de Cascaes? De um lado, a vegetação luxuriante do Aterro, com as suas palmeiras, os frescos relvados, o palacio das hortaliças, o edificio da *Insistencia nos tuberculosos*, os grandes hoteis do Militão (camas para pernoitar com aceio) e tantos outros edificios magestosos cuja serie é apenas interrompida pelos lindos chalets dos guardas da linha, minusculas edificações que são verdadeiros mimos. Do lado opposto, creio que corre o Tejo, para lá dos tapumes e do Museu do Desperdicios da Camara Municipal.

Agora são as praias, as lindas praias da margem norte. Lá está a rendilhada torre de Belem, está no fumeiro, a pobresinha! Passamos junto ás margens dos poeticos lagos de Borras de Gaz e logo nos apparece *Pedrouços les bains* com o seu grande casino Paulo Pataco. Ao longe, tão longe que nem as vemos, as nossas esquadras: a de Leste e a do Oeste. As barracas de banho, na ancia de verem as esquadras, encarrapitam-se nos estrados de madeira, na praia.

Passamos n'um sitio árido, onde não ha vegetação, onde nunca choveu uma gotta de agua; esse sitio chama-se *Cae Agua*.

Chego, finalmente, a *Batota les bains*. A minha vista extasia-se logo ante a estação do caminho de ferro. O edificio é em estilo Caixa de Charutos; a tampa serve de *marquise*. Sob a *marquise*, dois bancos estofados a ripas de madeira. E' assentados n'esses bancos que os passageiros, de manhã, tomam o seu banho de sol. N'uma gaiola, um canario neurasthenico e que conheço de vista todos os batoteiros.

Decido-me a ir para o hotel; para não perder o appetite desisto de tomar uma carruagem *taxi* antes do jantar.

N'esta terra os hoteis são todos recommendados pela Propaganda de Portugal. Já que os hoteis se não recommendam por si proprios, bem é que haja quem os recommende.

Servem-me um jantar theorico. Noto que os creados tratam os hospedes com uma attenção directamente proporcional ao valor das joias que estes apresentam. O meu alfinete de perola (que por signal é authentico) deixou os creados absolutamente frios. Nem me serviram queijo.

Depois do jantar fui até ao Casino Internacional, onde, attendendo a que o jogo está prohibido em Portugal, existem apenas trez roletas em serviço. Ali travei relações com um sujeito chamado Pleno, que estava em companhia de D. Cruzota; foram de uma gentileza captivante.

Recolho ao meu quarto, no hotel. O quarto é bom. No chão, a servir de *carpetes*, uma amostra de alcatifa e outra de oleado; esta junto ao lavatorio. Os moveis são de estilos varios: cama Grandella, guarda-fato José Matheus, toilette-commoda Portas de Santo Antão, etc.

Leio os jornaes e disponho-me a dormir, mas logo desisto. No quarto ao lado ha dois noivos que fazem uma visinhança simplesmente agoniativa. Levanto-me, abro as persianas da janella n'uma grande ancia de ar. Tusso, espirro, assobio, cantarolo; quando será que se ha-de inventar uma surdina para noivos?

Foi n'essa noite agitada que eu travei relações com D. Paco. Gorducho, indolente, saracoteando-se muito, com o seu *frack* castanho e mal talhado, D. Paco tem todo o aspecto de uma creatura pachorrenta. Não sei d'onde veiu nem por que motivo aqui veiu parar. Tem o mau gosto de se perfumar com uma essencia desagradavel. E, comtudo, D. Paco não deixa de ser uma creatura aceiada pois que muda de roupa todos os dias.

Eu e D. Paco conhecemo-nos de ha apenas oito dias e entre nós já existe uma grande confiança. Da primeira vez que o vi creio que pensou que havia de cear á minha custa. Consegui dissuadil-o. Ficou combinado que elle dormiria na minha cama. A partir d'essa noite, ali por volta das duas da madrugada, desce do leito e dirige-se para o quarto dos noivos. Volta ás 10 da manhã e espera que mudem a roupa da nossa cama. D. Paco—não o disse eu já?—gosta de roupa lavada. Nunca vae comer á mesa do hotel; servem-lhe a comida no quarto.

Mas quem é afinal o D. Paco?

V. Chagas Roquette

Hygiene dentaria
nos adultos e nas creanças

Como poderoso argumento para pôr em relevo a imperiosa necessidade de que a higiene da bocca deva deixar de ser olhada como uma idéia theorica para se converter n'um bom senso pratico, observaremos que, em paizes que, sem razão, alcunhamos de menos cultos que o nosso, os governos crearam, nos seus departamentos, clinicas publicas exclusivamente destinadas á cura das enfermidades boccaes. Não exponho, porém, muitas outras razões demonstrativas, que revestem o asseio dos orgãos dentarios para não peccar por prolixo, fazendo largas e enfadonhas considerações.

Como seguimento iremos apresentando gradualmente e de uma maneira pratica e breve todas as indicações uteis para a vida dos dentes, considerando-a em relação com a do homem, em trez epochas, cada uma das quaes offerece especiaes caracteres de que se hão de deduzir o meio sufficiente e pratico para conservar os orgãos dentarios e boccaes no seu perfeito estado phisiologico.

E ainda sobre o assumpto do nosso anterior artigo—*Creação de clinicas dentarias escolares*—voltaremos mais tarde.

Mario Duarte
(Especialista de doenças de bocca)

Festas associativas

Na Tuna Commercial de Lisboa realisa-se, domingo, uma festa em que toma parte o grupo dramatico «Os Modestos» composto de socios da tuna.

E' já grande a inscripção para o «pic-nic» que se realisa no dia 12 no aprasivel sitio da Senhora da Rocha, sendo a partida do Caes do Sodré ás 8,30.

Haverá varias surpresas, corridas de saccos, de trez pernas, de pucaras, agulhas, velocidade, etc.

No Club Recreativo Luzitano realisa-se no proximo domingo uma recita promovida pela direcção com a peça em 4 actos «Silvio, o cigano», desempenhada pelo grupo dramatico do Club e abrilhantada pela orchestra, seguindo-se baile.

A expulsão dos jesuitas

A Associação do Registo Civil, Federação Portugueza do Livre Pensamento, commemora amanhã, na sua séde, largo do Intendente, 45, 1.°, o 156.° anniversario da expulsão dos jesuitas, com uma conferencia, ás 21 horas, pelo sr. João de Deus, que dissertará sob o thema «A Companhia de Jesus e a sua nefasta influencia na humanidade». A entrada é publica.

SPORT

Natação

Realisa no domingo a sua prova annual da travessia do Tejo, a nado, por «equipes» o Club Naval de Lisboa, concorrendo o Gymnasio Club Portuguez, o Sport Algés e Dafundo e o Club Naval.

Reune esta prova 18 nadadores, o que já a torna interessante e digna de ser vista.

A travessia é entre Trafaria e Pedrouços, sendo a largada dada d'aquella praia ás 11,30 horas prefixas.

O Club Naval tem um vapor para conducção dos nadadores e convidados, jury e imprensa, o qual larga do caes do Club ás 9 e meia horas em direcção á praia da Trafaria, onde os membros do jury obsequiosamente já cederam os seus bellos barcos automoveis.

O jury é formado, além do presidente, sr. Francisco da Silva Carvalho, doador da taça, pelos srs. C. Miramon, chronometrista, Carlos Villar, arbitro, juiz de partida e fiscal de pista, dr. Carlos Orauta, juiz de chegada, Arthur Consolado e fiscal de pista sr. A. Testa.

Entre trabalhadores ruraes

Rapaz em perigo de vida

Em Olheiros, concelho de Torres Vedras, quando andavam na roça do matto no logar da Charneca, houve accesa discussão entre os trabalhadores Francisco dos Santos, de 15 annos, filho de Francisco dos Santos e de Candida de Jesus, e Antonio Moreira, de 29 annos.

O primeiro, ao ouvir uma phrase mal soante, cresceu sobre o Moreira, vibrando-lhe uma paulada á cabeça. O aggredido puxou d'uma navalha e cravou-a no ventre do aggressor. Interveio um irmão do Santos, de nome José d'Oliveira, aggredindo o Moreira á paulada e deixando-lhe a cabeça n'um bolo.

O resultado foi o José d'Oliveira ser preso, o Antonio Moreira ficar internado no hospital de Torres Vedras e o Francisco dos Santos vir para o de S. José, onde lhe foi feita a operação da laparatomia pelo sr. dr. Alberto Gomes, recolhendo em seguida, em perigo de vida, á enfermaria 8.

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

«Annaes da Academia de Estudos Livres»

O numero 1 da 8.ª serie d'estes «Annaes» apresenta-se extraordinariamente melhorado, inserindo bellas gravuras e escolhida e variada collaboração, entre a qual destacaremos o artigo do sr. dr. Luiz Augusto d'Oliveira sobre «Collecções de arte em Vianna do Castello» e os extractos das conferencias dos srs. dr. Joséde Magalhães e capitão Corrêa dos Santos.

Espectaculos

Cartaz de ámanhã

AVENIDA—A's 21—As pilulas de Hercules.
POLITEAMA—A's 20,30 e 22,30—Não desfazendo... (Revista).
EDEN—A's 20,45 e 22,45—O diabo a quatro. (Revista).
COLISEU DOS RECREIOS—A's 21—A musica do cinematographo.

Boatos e informações

Entre nós

A companhia Mendonça de Carvalho estreiou hontem na Figueira da Foz.

● Acha-se em construcção um novo theatro no Porto nos terrenos do Jardim Passos Manuel.

● Estão quasi terminadas as obras de decoração do atrio e corredores do theatro do Gimnasio.

● Das lindas operettas de Franz Lehar, *Eva* é uma das melhores e das que teem sempre alcançado o mais ruidoso successo. Bem andou Fernanda Razzoli, a gentil actriz da companhia Granieri, em a escolher para a sua festa artistica. Juntando as cançonetas que Fernanda Razzoli cantará no intervallo do 2.° para o 3.° acto, teremos a explicação da enorme affluencia que houve á bilheteira do Coliseu dos Recreios, reservando logares para a noite de hoje. As cançonetas que serão cantadas por Fernanda Razzoli pertencem ao repertorio da Fornarina, Raquel Meller e Carmen Flores e teem-lhe valido as maiores ovações nos principaes theatros de Hespanha.

● O illustre maestro David de Souza escreve-nos declarando não ter collaborado musicalmente na revista *Não desfazendo...*

No estrangeiro

Julião Machado, o caricaturista portuguez ha annos residente no Brazil, escreveu uma peça, *O modelo*, que será representada no Rio de Janeiro pela companhia Adelina Abranches.

● Segundo consta a *tournée* Galhardo prolongar-se-ha até ao fim do anno corrente.

● A companhia Antonio Gomes reappareceu no Rio com a revista *O 31* depois de uma bella temporada em S. Paulo e Santos.

● A companhia Christiano de Souza representou no theatro Trianon da capital brazileira a peça de Daniel Roche *Le pretexte*.

● Leopoldo Froes está representando n'um cinema carioca peças genero Grand Guignol.

● Luiz Filgueiras anda percorrendo o Brazil com uma *tournée* lirica de que fazem parte o baritono De Marco e a cantora Izabel Fragoso.

Circos & Music-halls

Deixou de fazer parte do sextetto do Chiado-Terrasse o apreciado professor de violino Julio Caggiani.

SALÃO DA TRINDADE—A's 20 e 22—Companhia Infantil—O dollar da princeza.
ANIMATOGRAPHOS E CONCERTOS—Olimpia e Paradis, *matinées* diarias e sessões á noite; Central, Chiado Terrasse, Salão Foz, Rocio; Sociedade Promotora de Instrucção, em Alcantara, sessões ás quintas feiras, sabbados e domingos.
CINEMATOGRAPHOS OU ESPECTACULOS VARIADOS—Chantecler, Imperio, Salão Graça, na Caixa Economica Operaria, Variedades, na calçada da Estrella—A's 21,30—O diabo no convento.

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

Centro dr. Alves da Veiga

Do relatorio d'este centro, installado no Porto, vê-se que a receita durante o anno findo foi de 815$26,5 e a despeza de 657$300, havendo, portanto, um saldo de 158$96. O numero de socios em 31 de dezembro de 1914 era de 229, sendo a media de frequencia de alumnos ás aulas diurnas de 38 e ás nocturnas de 22. Do 1.° grau ficaram approvados 12 alumnos e do 2.° grau 3.

PEQUENAS NOTICIAS

A' enfermaria 1 do hospital Estephania recolheu o menor de 15 mezes João Pereira, que na casa da sua residencia, travessa da Peixeira, 30, foi attingido por uma porção d'agua a ferver, ficando queimado por todo o corpo.

Movimento maritimo

Brazil e Rio da Prata, «Hennemor»	5
Bahia, R. Jan. e Santos, «Drydon», Liv.	5
Afr. or., via S. Thomé, etc., «Africa»	5
Archipelago dos Açores «Funchal»	5
Liverpool «Antony», Pará...........	6
Brazil e R. Prata, «Zeelandia», Amst.	6
Africa oriental, «Koranna», Liverpool	7
Bordeus, «Samara», Brazil...........	7
R. Jan. e R. Prata, «Flandre», Bordeus	7
Br. R. Pr. e Pac., «Orianna», Liverpool	8
Vigo, Liverpool, etc., «Orita», Brazil	8
Africa Occidental, «Portugal»........	12
Africa Occidental, «Cazengo»........	13

a proposito dizer que não foram o cruzador «Undaunted» e os destroyers «Lance», «Legion» e «Loyal» que foram afundados, como poderia deprehender-se da leitura do nosso folhetim de hontem, onde, em vez da palavra «que», sahiu a conjuncção «e». Os destroyers allemães é que foram afundados.

Fallemos agora da parte de que estamos tratando, que se refere á destruição do commercio inimigo.

Os cruzadores inglezes não ficavam inactivos. O «Berwick», commandado pelo capitão Lewis C. Baker, apresou no Atlantico do norte o paquete «Spreewald», da Hamburg Amerika, que havia sido transformado em cruzador auxiliar, assim como dois navios que elle comboiava com 6.000 toneladas de carvão e 180 de provisões para os cruzadores inimigos. O «Berwick» aprezou tambem um navio americano carregado de munições, e um norueguez com carvão, tendo o cruzador francez «Condé» aprezado tambem dois navios com munições para os allemães.

Na costa oriental d'Africa o pequeno cruzador inglez «Pegasus» foi menos feliz. Tinha cumprido bem as missões de que havia sido encarregado, entre as quaes a destruição de Dar-es-Salaam, na Africa Allemã Oriental, com a sua estação de telegraphia sem fios, assim como o afundamento d'uma canhoneira e de uma doca fluctuante.

No dia 20 de setembro, quando estava em Zanzibar procedendo a reparações indispensaveis, o cruzador allemão «Königsberg» appareceu de subito e atacou-o. O «Pegasus», assim colhido de surpreza, não poude corresponder convenientemente ao ataque, embora a sua tripulação se batesse bem, tendo em 234 homens, de que ella se compunha, 25 mortos e 80 feridos. O «Königsberg» seguiu a sua rota, não se sabendo se tinha ou não avarias.

O «Yarmouth», commandado pelo capitão Henry Cochrane, apresou nas Indias Orientaes e metteu no fundo o «Markomania», da Hamburg-Amerika, aprezando tambem mais tarde o paquete grego «Pontoporos», que ia carregado de carvão para os navios allemães.

Na costa occidental da Africa, o cruzador «Cumberland», commandado pelo capitão Cyril Fuller, levou a cabo um magnifico trabalho, no meiado de setembro, no porto allemão de Kamerun, na enseada de

Tenente de marinha ingleza D. M. Fell, do submarino «A 12»

Biafra, destruindo dois pequenos paquetes fluviaes carregados de munições, apoderando-se da canhoneira «Soden», que guarneceu com tripolação ingleza, utilisando-se d'ella em seguida, e aprezando nada menos de nove navios mercantes, todos em boas condições e n'um total superior a 30.000 toneladas. Foi, póde dizer-se, a resposta ás proezas do «Emden» e tanto mais que, devido ao dominio do mar pela armada ingleza, esses navios não foram afundados, representando pelo menos um valor de 400.000 libras.

Um outro cruzador allemão auxiliar, o «Karlsruhe», cruzava o Atlantico, afundando treze navios no espaço d'uma ou duas semanas. No mar Pacifico, o «Leipzig» e o «Nürnberg» tambem conseguiram aprezar e afundar alguns navios. O «Dresden», o «Strassburg» e o «Bremen» andavam tambem cruzando no Atlantico.

CAPITULO X

Os navios mercantes na guerra

Até á guerra da Criméa eram universalmente reconhecidos: o direito de apprehender os navios que levavam viveres e munições para a armada inimiga; o direito de apprehender os navios mercantes inimigos e a sua carga; finalmente o direito da apprehensão da propriedade e pessoas de nacionalidade inimiga, mesmo quando transportadas em navio sob bandeira neutral, o que implicitamente envolvia o direito de atracar e passar busca aos navios neutraes.

Em 1856, depois da paz de Paris ter sido concluida, um documento, a que se chamou a Declaração de Paris, redigido pelos plenipotenciarios da paz, devia ser acceite e reconhecido por todas as potencias. Alterava um pouco a lei maritima, principalmente nas clausulas em que se estatuia que a bandeira neutral cobria a mercadoria do inimigo, com excepção do contrabando de guerra, em que se não podia apprehender essa mercadoria e em que um bloqueio, para ser obrigatorio, tinha de ser effectivo. Essa Declaração nunca chegou a ser ratificada.

Em 1905, apoz a conclusão da guerra russo-japoneza, levantou-se uma certa agitação para ser abolido o direito de apprehensão de navios mercantes inimigos e das suas cargas no mar. A propriedade particular, allegava-se, era immune em terra. Porque o não havia de ser no mar? Essa agitação não deu, porém, resultado algum.

Seguiu-se a Declaração de Londres, de 1909, resultado d'uma conferencia dos representantes de todas as grandes potencias, que se realisara a convite do governo inglez.

N'essa occasião, a questão de transformar os navios mercantes em navios de guerra no alto mar era desconhecida. Fizeram-se longas listas do absoluto e condicional contrabando de guerra. Seria inutil transcrevel-as aqui. Os belligerantes fazem, usualmente, as suas proprias listas e o que é contrabando n'uma guerra não o é n'outra. Por consequencia nunca se sabe ao certo quaes os generos ou materias considerados como contrabando de guerra.

O principal objectivo da Conferencia Naval de Londres, como se mostrou no protocollo final, foi estabelecer um codigo de lei internacional, em vista instituir um tribunal internacional de prezas, como fôra proposto na Conferencia da Paz de Haya em 1907. Mas a Declaração de Londres tambem nunca foi ratificada, nem o tribunal internacional de prezas foi estabelecido antes da actual conflagração rebentar.

A armada tinha assim que limitar-se ao que estatuia a Declaração

de Paris, mas o governo inglez, logo apoz a declaração de guerra, fez saber que a Declaração de Londres seria a base do procedimento naval, embora não tivesse sido ratificada, a qual concedia o direito de passar revista aos navios neutraes e, em determinadas condições, apprehender as suas cargas ou mesmo destruir os navios. As clausulas que a tal materia se referiam eram muito mais favoraveis a um Estado militar do que á Gran-Bretanha.

Taes eram, pois, as circumstancias com relação ao ataque e defeza do commercio maritimo quando a guerra foi declarada.

A principal armada allemã, devido á rapida acção do almirantado britannico, limitou o seu movimento á bahia de Kiel, a parte do mar Baltico, do canal de Kiel e ao estuario do Elba, não querendo correr os riscos de ter um recontro com uma força que lhe era muito superior.

As esquadras inglezas fóra da metropole eram assim constituidas:

China: uma fragata, quatro cruzadores, seis navios mais pequenos, oito destroyers, quatro torpedeiros, trez submarinos.

Indias orientaes: uma fragata, dois cruzadores, quatro unidades mais pequenas.

Cabo: trez cruzadores.

Nova Zelandia: trez cruzadores, uma chalupa.

Costa occidental da Africa: trez chalupas.

Costa occidental da America: trez chalupas.

Costa oriental da America do Sul: um cruzador.

Armada australiana: um cruzador, trez cruzadores ligeiros, trez destroyers, dois submarinos.

A quarta esquadra de cruzadores, composta de cinco navios, estava a ponto de regressar do Mexico e do Atlantico occidental.

Não eram só estes os navios que podiam ser empregados na defeza e na destruição do commercio, porque grande numero de paquetes foram immediatamente empregados em commissão sob o commando de officiaes de marinha de guerra. Esses paquetes transformaram-se em genuinos navios de guerra, hasteando a insignia branca, sem a minima tentativa de disfarce.

Mais tarde, um certo numero de navios mercantes foram, a requisição dos seus proprietarios, providos de canhões, com o fim de se defenderem no caso de serem perseguidos. A differença entre um «navio mercante armado» e um navio de guerra foi sempre reconhecida. Um navio mercante armado só póde usar dos canhões em defeza propria e nunca póde iniciar um combate. Se, porém, tem o poder sufficiente para vencer e capturar o assaltante, tal captura é reconhecida e o navio inimigo é «boa preza», o que póde parecer paradoxal, mas que não é desarrazoado.

Os allemães tinham oito ou nove cruzadores para empregar contra os navios mercantes inglezes, muitos d'elles dotados de grande velocidade, pelo que preciso era que a marinha mercante ingleza tomasse grandes precauções.

A Allemanha havia sustentado sempre o direito de transformar os navios mercantes em navios de guerra, ou no alto mar, ou até n'um ponto neutral, quando chegasse o momento opportuno, e sabia-se que alguns dos seus navios traziam o seu armamento de guerra em porões especiaes. Além d'isso, quasi todos os seus grandes paquetes eram commandados por officiaes de marinha de guerra, em commissão.

Tal assumpto havia sido discutido na imprensa de quando em quando e até mesmo no parlamento. O perigo era, porém, consideravelmente exagerado, como se provou apoz a declaração da guerra; o numero de paquetes allemães que se podiam assim transformar era relativamente pequeno.

A bahia de Bengala foi um dos logares onde um unico navio inimigo causou grandes damnos. Foi ahi que o cruzador allemão «Emden», commandado pelo capitão Karl von Müller, se distinguiu.

O «Emden» era um pequeno navio de cerca de 3.500 toneladas com a

velocidade de 25 nós. Apparecia onde menos era esperado e depois de praticar as suas proezas desapparecia como tinha vindo. No praso de seis semanas aprezou quasi vinte paquetes. Apoderava-se do que lhe convinha, principalmente de viveres e munições, guardava um navio, afundava os outros, e mandava as tripulações e passageiros para terra n'aquelle que havia guardado.

O «Emden» entrou uma manhã no porto de Madrasta e bombardeou os suburbios da cidade durante meia hora ou pouco mais—alguns depositos de oleo foram incendiados e dois ou trez indigenas mortos—e tendo o forte George respondido—provavelmente sem resultado—o cruzador allemão retirou-se.

Asseverou-se que von Müller recebia informações, pela telegraphia sem fios, dos outros navios e mesmo dos espiões seus patricios que estavam em diversas localidades, mas isso não impede que se diga que era um valente e um emprehendedor.

Allegou-se contra o «Emden» e alguns outros navios allemães que elles se approximavam sob a bandeira franceza ou ingleza a alcance de tiro. Sempre tal acto é admissivel, emquanto não é commettido qualquer acto hostil. O mesmo se não dá quando um navio faz fogo sobre outro, a coberto d'uma bandeira neutral. N'esse caso commette um acto de pirataria.

No fim d'agosto, soube-se que havia sido destruido um dos mais consideraveis navios allemães que havia sido armado em guerra. Era o «Kaiser Wilhelm der Grosse», paquete de 14.000 toneladas e 22 nós de velocidade, armado com dez peças de 4 pollegadas.

Tinha-se escapado de Bremerhaven logo depois da guerra ter sido declarada e foi provavelmente um dos primeiros a ser provido com canhões, transformado em navio de guerra, depois de sahir do porto como um navio mercante ordinario. Foi esse paquete que afundou, ao que se suppõe, o navio inglez «Hyades», ao largo de Pernambuco; de ahi cruzou o Atlantico e vigiou a rota dos paquetes do Cabo da Boa Esperança, encontrando n'essa occasião o paquete «Galician», que deixou, porém, em paz, avançando a toda a velocidade, talvez por ter sido prevenido pela telegraphia sem fios da proximidade de um cruzador inglez.

Não teve muito repouso. No dia 27 d'agosto era visto pelo «Highflyer», cruzador de 5.600 toneladas armado de peças de 6 pollegadas, mas sendo inferior em dois nós de velocidade ao navio allemão.

Houve lucta, mas de curta duração, porque o «Kaiser Wilhelm», valendo-se da circumstancia de ser mais rapido que o cruzador inglez, fugiu depois de ter disparado um ou dois tiros de peça, matando um homem e ferindo cinco. Mas tinha sido attingido pelo fogo do «Highflyer» e pouco poude fugir, indo a pique e salvando-se a sua tripulação. A lucta teve logar na costa de Africa, ao norte das nossas ilhas de Cabo Verde, proximo do Rio do Ouro.

Outro incidente que despertou immenso interesse foi a lucta entre o «Carmania», um dos paquetes que fôra transformado em cruzador auxiliar, commandado pelo capitão Noel Grant, e um navio allemão de egual natureza e quasi de egual força, o «Cap Trafalgar».

Os dois antagonistas encontraram-se no dia 14 de setembro ao largo da costa leste da America do Sul. A lucta foi violentissima. Durante uma hora e trez quartos pelejaram valentemente.

A distancia a que o duello—chamemos-lhe assim—começou foi a de 8 kilometros e nunca estiveram os dois contendores a menos de 3. A artilharia ingleza revelou-se, porém, superior á allemã e o «Cap Trafalgar», depois de se ter incendiado, foi a pique. O «Carmania» teve nove homens mortos e vinte e seis feridos.

Da missão dos navios inglezes e francezes falámos largamente no ultimo capitulo, no que tocava propriamente á guerra naval. E vem

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 1825 — 6.º Anno

Direcção e propriedade de Manuel Guimarães
Editor—Camillo Sousa e Almeida
Redacção e Administração—R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA—Sexta-feira, 3 de Setembro de 1915

Telephone n.º 2293—Endereço teleg. CAPITAL
Composição—Rua do Norte, 5, 1.º
Officina de Impressão—71, Rua da Rosa, 71

Preço 1 centavo

Ensino technico

Recebemos do sr. senador F. de Pina Lopes a seguinte carta:

Lisboa, 2 de setembro de 1915.—... sr. redactor d'*A Capital*.—Nas suas «Noticias Parlamentares» publica «A Capital» de hontem um echo em que se affirma ter um senador proposto no Senado, que se equiparassem as propinas ao Instituto Superior Technico, ás das outras escolas superiores. Como esse facto não é exacto e fosse eu o senador que apresentou essa proposta, venho rogar-lhe o favor de esclarecer os seus leitores sobre o assumpto.

As propinas do Instituto Superior Technico são actualmente, 5$00 para a primeira matricula e 1$00 por inscripção em cada cadeira.

Estas propinas são tão exiguas que um alumno no ultimo anno do curso de engenharia civil paga apenas por uma só vez 4$00.

A Faculdade de Sciencias tem-se queixado que a exiguidade das propinas do Instituto lhe tira a frequencia.

No ultimo anno lectivo matricularam-se no Instituto cerca de 400 alumnos e tudo indica que no anno proximo essa frequencia augmentará, teremos em poucos annos tantos engenheiros que não será facil collocarem-se no paiz.

Com a minha proposta as propinas eram elevadas a 20$00, a de primeira matricula e a 5$00, a de inscripção por cadeira. «Estas ultimas ficavam 4 vezes menores que as das faculdades das Universidades da Republica», margem que julgo mais que sufficiente para proteger os cursos technicos.

As propinas destinam-se a constituir um fundo para missões de estudo, etc., revertem portanto em favor dos proprios alumnos e não affectam os «sem meios» porque estes são dispensados do seu pagamento.

Não teem portanto razão de ser as criticas do articulista á minha pobre proposta.—Com a maior consideração, de v. etc. *F. de Pina Lopes.*

Em que peze ao sr. Pina Lopes, mantemos a opinião já expressa n'«A Capital». Somos, em principio, oppostos ás propinas elevadas, e no caso sujeito ainda as julgamos menos recommendaveis.

De medicos e bachareis, que tanto tem pesado na politica portugueza, e portanto nos destinos patrios, d'uma forma que se não poderá considerar a mais benefica, ninguem negará que não haja uma sufficiente quantidade em Portugal, ou, pelo menos, ninguem contestará que a sua distribuição se tem feito pelo paiz d'uma maneira defeituosa, estando as cidades saturadas d'elles a ponto tal que se creou um proletariado especial que por essas razões de desequilibrio, já faz sentir perturbações no organismo da nossa sociedade.

O Instituto Superior Technico, onde se cursa a engenharia civil, desdobra o seu ensino em especialidades que muito uteis devem ser para o futuro do nosso paiz, no qual as industrias, o commercio, a agricultura e o progresso das nossas colonias necessitam um desenvolvimento urgente e proficuo.

Não ha em Portugal uma technica agricola, em que se empreguem os processos chimicos que permittiram á Allemanha a sua assombrosa preparação para a guerra, depois de a tornarem um solo eminentemente fertil. Não ha a technica industrial, cuja falta se revela não só na fabricação de productos similares aos importados do estrangeiro, mas até n'aquelles que nos são privativos. Não ha uma technica maritima, remodelando as condições da nossa navegação. Não ha uma technica colonial, do que é exemplo a situação deploravel das nossas possessões, apesar das condições uberrimas do seu solo. Não ha uma technica commercial, pelo que nos conservamos n'uma rotina que não nos permitte aquelle desenvolvimento que ao commercio d'outras nações está assegurado.

N'estes termos, tudo quanto seja facultar o ensino d'essas especialidades é esforço patriotico e sensato. E' preciso não esquecermos que Portugal só póde contar com um futuro desassombrado se se integrar inteiramente nas correntes da civilisação moderna, com os seus processos cada vez mais scientificos no dominio das grandes conquistas economicas e sociaes.

Julgar pelo que é hoje a situação portugueza o que deva ser essa situação dentro de poucos annos, é não ter uma noção exacta do que tem de ser a obra da Republica, tanto mais que circumstancias imprevistas vieram apontar ao mundo a imminencia de formidaveis remodelações.

Não se póde negar que no momento actual a funcção que exerce o Instituto Superior Technico é das mais uteis á sociedade portugueza, e tudo indica que essa utilidade só póde progressivamente augmentar. Pensar o contrario é um erro tanto mais profundo quanto a evidencia d'essa utilidade é cada vez mais patente.

Migalhas

Bilhete a um amigo

Meu caro Eduardo de Noronha:—Tinha acabado de folhear o quarto volume dos seus «Episodios dramaticos da guerra europeia», quando li n'um jornal francez esta historia veridica, que bem poderia ter servido de assumpto a um dos seus contos.

No principio da guerra o marido abalara para a frente de combate. Ella ficara corajosamente no seu lar humilde, cêrca d'um berço onde dormia um anjinho de poucos mezes, fructo de um casamento de amor, cujo idilio a mobilisação viera interromper.

A' mingua dos ganhos do marido e para reforçar a modica subvenção do governo, ella deitou-se a trabalhar e até altas horas da noite, frisava plumas com que outras mais felizes, outras, que a guerra não impedia de usarem chapéus caros, se haviam de enfeitar.

De certa vez um gesto mais brusco derrubou a lampada de alcool onde ella aquecia os ferros. As plumas inflamaram-se e ella, querendo salvar a obra que lhe fôra confiada, precipitou-se sobre as chammas. O fogo communicou-se-lhe ao fato e quando mez e meio depois ella sahiu do hospital estava irreconhecivel. O rosto era uma chaga cicatrisada e hedionda.

N'isto chegou uma carta d'um hospital. O marido fôra ferido e, por intermedio de uma enfermeira, pedia-lhe que fôsse vêl-o. O seu primeiro momento foi partir, arranjar de qualquer maneira o dinheiro da viagem; mas uma ideia terrivel a deteve: que horror seria para o ferido vêl-a assim desfigurada! Uma segunda carta decidiu-a. Iria fôsse como fôsse. E, com a ajuda de conhecidos e visinhos, partiu. Entrou no hospital, a cabeça embrulhada n'um véu e pediu para vêr o «seu homem». A enfermeira, que lhe escrevera, veiu buscal-a; mas, antes de a levar á cabeceira do enfermo, recommendou-lhe que tivesse coragem, que se preparasse para um grande choque, para uma grande desgraça...

—Morto?—indagou allucinadamente a desgraçada.

—Não,—respondeu-lhe a enfermeira—e, tomando-lhe a mão carinhosamente levou-a até cerca do doente.

Este, ao saber que estava ali a sua mulher, a mãe do seu filho, sentou-se sobre a cama... Mas as suas mãos ávidas apalpavam o vacuo, as orbitas fechadas não lhe ensinavam o caminho dos braços que o esperavam. O pobre diabo estava cego. Então a mulher rompeu em soluços, de dôr por vêl-o assim, de alegria porque aquelle a quem amava nunca descobriria a hediondez do rosto d'ella...

Não é verdade, meu caro Noronha, que isto lhe daria um lindo conto?

André Brun.

Aviação militar

Para frequentar a futura escola de pilotos-aviadores offereceu-se o sr. José de Menezes Trilho, empregado commercial, residente em Coimbra, no Adro de Baixo, n.º 8.

EM TORNO DE NAULILA

Os nossos "marathonas"

Officiaes de espirito fraco e pernas solidas — O que fez a dictadura — O paiz inteiro reclama luz

Por muito respeitavel que seja, o prestigio do exercito não é superior ao da nação. O exercito, delegação do paiz que o sustenta, fornecendo-lhe homens e satisfazendo tributos de que uma importante parte n'elle tem a sua applicação, está sujeito a ser apreciado e deve sel-o por amor do seu proprio prestigio, quer quando cumpre apontar-lhe os meritos e enaltecer-lhe os serviços, quer quando ha que frisar deficiencias, erros ou culpas, que convem remediar ou corrigir sem demora. Não é apenas o exercito, mas a nação que o instituiu para sua defesa e sua honra, que soffre com o silencio de que porventura se cerquem os seus males e que só contribuirá para os fazer alastrar. Da luz que se projecte sobre as enfermidades a que é mister acudir de prompto, só resultarão vantagens, porque ella permittirá a utilisação da melhor therapeutica.

O sr. ministro da guerra, suscitando a rigorosa observancia dos regulamentos, simplesmente quis afastar os membros do exercito de discussões jornalisticas, sobre materias que interessem ao exercito. Mas ficará, por isso, a imprensa inhibida de versar as questões militares? Assim succederia, se ellas só pudessem ser versadas por militares, o que não acontece. As occorrencias de Naulila temos o direito e o dever de commental-as, porque a honra da nação, que é a do exercito, o reclama em absoluto. E a dignidade nacional necessita ser desaffrontada, não se conhecendo ainda meio de a desaffrontar que dispense a publicidade do delicto e a punição correspondente.

E' ponto assente que, no combate de Naulila, officiaes houve que fugiram ao avistar-se o inimigo. Não bateram os allemães, mas bateram authenticos «records» de velocidade. De um d'elles se conta que tendo abandonado o seu posto de honra aos primeiros estampidos do tiroteio, depois de calcurrear sem descanço mais de 50 kilometros para o nordeste, foi visto á boquinha da noite empoleirado n'uma arvore, dormindo o somno reparador dos justos. Foram esses valentes campeões sportivos de corridas pedestres que o espirito zombeteiro dos seus camaradas classificou desde logo com o pittoresco epitheto de «marathonas».

Os «marathonas» incorreram então, naturalmente, no desprezo geral. Em qualquer outro exercito regular teriam sido summariamente fusilados; entendeu-se que no combate de Naulila, porém, houvera já sufficientes mortos, e a questão liquidou-se mandando ir para o local um juiz auditor e instaurando-se aos «marathonas» processo pelo crime de deserção em face do inimigo. Salvo erro, apurou-se que eram cinco os officiaes de espirito fraco e pernas solidas, mas entretanto, ao que me informam, o governo da dictadura expedia de Lisboa ordem terminante para serem archivados os autos, attendendo a que a continuação das diligencias collocava em grave risco o prestigio do exercito. Ficaram assim os «marathonas», e, se o sr. Pimenta de Castro não completou o seu gesto mandando-os condecorar, pelo menos um d'elles póde gabar-se de ter obtido já a promoção ao pôsto immediatamente superior, como se nada tivesse havido.

Quer-me comtudo parecer que o prestigio do exercito teria ganho muito mais se, em vez de occultarem a chaga de Naulila, desde logo a verdade fôsse dita e proclamada, sem reticencias e sem hesitações, e inflexivelmente tivessem sido castigados aquelles que delinquiram. Ficariam assim os campos extremados, e quanto mais retumbante fôsse o exemplo, tanto menos probabilidades haveria de repetir-se a vergonha. Por outro lado, o facto de se manter nebulosa a historia do desastre, implica a existencia de uma tremenda suspeição generalisada por todos os que n'elle se encontraram.

Ora é preciso saber-se que em Naulila houve officiaes do exercito que dignamente procederam e que não podem por mais tempo supportar a confusão creada pelo silencio official feito em torno dos «marathonas». E' necessario que as responsabilidades caiam sobre quem de direito devem cahir. Oito mezes rolaram sobre aquella tragica manhã: é mais que tempo de se esclarecer o assumpto. Porque motivo não concluiu ainda o seu relatorio o sr. tenente coronel Roçadas, quando o sr. major Reis, que commandava o destacamento da Hinga, ha muito já que lhe entregou o seu? Porque motivo agora, que a dictadura terminou, se não mandam proseguir as investigações judiciaes ácerca do caso dos «marathonas»? Porque motivo ha de a opinião publica continuar por mais tempo a englobar no mesmo epitheto de cobardes os que retiraram, em cumprimento de uma ordem, e os que fugiram estupidamente ao primeiro embate?

O caso de Naulila já não póde ser exclusivo objecto de exame nas espheras officiaes. O caso de Naulila pertence-nos, a todos nós; tem de ser apreciado e discutido á mais ampla luz da publicidade. Periga com isso o prestigio do exercito? Ainda que assim fôsse: que importa, se se salva o prestigio da nação e da justiça? Em Naulila prevaricou-se. Pois bem. Queremos saber quem são os culpados, queremos que os «marathonas» sejam escorraçados da classe militar, solemnemente exautorados das suas honras e prerogativas, abandonados á margem como coisas inuteis. Queremol-o, nós, a classe civil, e exige-o a classe militar pela bocca dos seus honrados officiaes, d'aquelles que, precisamente no facto de terem sido mandados archivar os autos de investigação judicial vêem o triumpho da indisciplina e o desprestigio da farda. E' o paiz inteiro, a quem pesados sacrificios foram impostos para manter uma defeza armada, que com todo o direito reclama a luz.

Esta mesma linguagem me tem sido falada por officiaes que em Naulila se bateram e o conjuncto de varias circumstancias levou a retirar em seguida ao combate. Não pedem outra coisa senão que justiça seja feita, dôa a quem doer. E' preciso attendermos a que a honra e a dignidade d'esses homens é, na maior parte dos casos, a unica herança que podem legar aos filhos.

Fale, pois, o sr. tenente coronel Roçadas, publique-se o seu relatorio quanto antes e castiguem-se os «marathonas». A bem dizer, visto ter sido banida dos codigos militares a pena ultima... A possivel que lhes prestemos ainda um optimo serviço excluindo-os do exercito. Quem sabe quantos triumphos não poderão elles obter mais tarde, se resolverem inscrever-se um dia para disputar premios de corridas pedestres no «Stadium» do Lumiar?...

Hermano Neves.

A industria corticeira no Algarve

só poderá desenvolver-se prohibindo a exportação da cortiça em prancha

No Congresso Regional Algarvio, que hoje começou, vae ventilar-se a questão da industria corticeira n'aquella região. Como o Congresso se pronunciará sobre o assumpto não o sabemos ainda, mas ha a respeito d'essa industria n'aquella uberrima provincia alguns dados curiosos, que nos parece opportuno tornar conhecidos.

Foi o Algarve a primeira das nossas provincias em que se fez o descortiçamento dos montados de sobreiros, sendo a cortiça exportada por via maritima. Deu-se o facto ha uns bons 80 annos e só mais tarde a industria se desenvolveu, sendo a principio o processo do fabrico pelo systema francez, que só cedeu o logar ao mechanico ao cabo de uns 50 annos, pouco mais ou menos.

Ha a notar o curioso pormenor de ter sido o Algarve a ultima das nossas regiões corticeiras onde o fabrico manual foi substituido pelo mechanico, tendo, para conseguir manter-se, baixado extraordinariamente, e por diversas vezes, o preço da mão d'obra.

Entendem os corticeiros algarvios que devia ser prohibida a exportação da cortiça em prancha, unica fórma de se salvar ahi a industria corticeira, apenas se permittindo a exportação do refugo e do delgado. De ha muito que o Algarve vem pedindo que se tome essa medida a seu respeito e alguem, que conhece bem tudo o que com a questão corticeira se relaciona, dis-nos que o governo devia decretar essa medida, excepcionalmente para aquella provincia.

O principal centro da industria corticeira do Algarve é Silves, seguindo-se-lhe Faro, Portimão, S. Braz d'Alportel, S. Bartholomeu de Messines e Albufeira, empregando ao todo dois a tres mil operarios, na maioria rolheiros, os quaes teem as suas associações de classe, excepto na ultima localidade que mencionamos.

Os operarios, intelligentes, dotados de grande vivacidade, com uma natural inclinação para as aventuras, como todos os meridionaes, se até ha pouco ainda não estadavam, sendo raros os que sabiam ler, hoje mudaram por completo; instruem-se, acompanham os progressos da civilisação e não fazem má figura, a par dos seus companheiros d'outras regiões. E' o mais artista de todos os corticeiros, produsindo verdadeiras obras d'arte no producto que factura. Falta apenas, para que seja um operario eximio no seu mister, quem saiba aproveitar convenientemente as suas aptidões.

O trafego principal da cortiça faz-se pelos portos de Portimão, Faro e Albufeira, mas que, a serem patrocinados pelo governo as resoluções que o Congresso regional algarvio tome, de esperar é que n'um futuro mais ou menos proximo os restantes portos algarvios se desenvolvam. Attendendo-se ao pedido da exportação da cortiça em prancha, não só lucrariam os corticeiros algarvios, mas o paiz.

«Historia Illustrada da Grande Guerra»

Dividido em volumes, cada um dos quaes com cerca de 200 paginas, de modo a formar um livro portatil, economico, elegante e de facil encadernação, o folhetim que vimos publicando *Historia Illustrada da Grande Guerra* tem alcançado grande exito.

O primeiro volume abrange desde março a 15 de abril, tendo 184 paginas, o segundo de 16 de abril a 3 de junho, com 188, o terceiro de 4 de junho a 20 de julho, egualmente com 188 paginas profusamente illustradas. Na administração d'*A Capital* são immediatamente satisfeitos todos os pedidos, que venham acompanhados das respectivas importancias.

Congresso Regional Algarvio

A sessão inaugural decorre brilhantissima

PRAIA DA ROCHA, 3.—(*Do enviado especial d'«A Capital»*)—A sessão inaugural do Congresso hoje realisada decorreu brilhantissima. Presidiu o sr. Thomaz Cabreira, secretariado pelos srs. Padua Franco e Francisco Bivar, discursando o presidente, que enalteceu as bellezas naturaes do Algarve, e srs. Carrasco Guerra e Antonio Cabreira.

O sr. presidente da Republica enviou um telegramma saudando o Congresso. O sr. Agostinho Lucio agradeceu á imprensa o seu concurso, agradecimento a que respondi em nome dos jornalistas presentes.

Depois da inauguração, reuniram as secções de agricultura e turismo.

Na Praia da Rocha é grande a affluencia, tendo hoje aqui desembarcado os officiaes do *Guadiana*.

EM TORNO DA GUERRA

No theatro occidental

A distribuição das forças anglo-franco-belgas — O problema das munições—A guerra decidir-se-ha no occidente

D'um notavel critico militar:

Desde que cessou a offensiva franceza no Artois, pouco se tem luctado na frente occidental, tendo havido apenas operações locaes na Argonne onde os allemães atacaram, e na Alsacia onde os alpinos reforçados conseguiram passar além de Munster e approximar-se de Colmar. Afóra d'estas acções, que ha trinta annos teriam sido consideradas como grandes batalhas, mas hoje não passam de emprehendimentos tacticos de segunda ordem, sómente a artilharia e a aviação, auxiliares capitaes dos sapadores mineiros, teem mostrado uma actividade quasi continua.

Os allemães teem substituido a maioria das suas forças veteranas do Occidente por gente nova, recrutas de recente instrucção procedentes das novas formações. Como estes recrutas eram ineptos para a guerra como está sendo feita na frente oriental mandaram-os soterrar-se nas trincheiras da Belgica, França e Alsacia.

Ali escondidos irão habituando-se ao fogo e passando de bisonhos a veteranos. Com as naturaes excepções, póde dizer-se que a Allemanha concentrou na Russia tudo quanto possue em tropas escolhidas e aptas para manobrar. Desde outubro do anno passado que os soldados do czar veem supportando o maior peso do embate, como ainda nenhuma outra nação soffreu á excepção da França em agosto e setembro de 1914.

* * *

Muita gente se admira de que haja passado o verão sem que os alliados do occidente tenham emprehendido ataques a fundo. Os communicados de Joffre e de French peccam pela monotonia; duellos de artilharia, escaramuças em geral com dinamite e expedições aereas constituem por meio de minas carregadas com dinamite, e expedições aereas constituem todo o activo da campanha durante os ultimos mezes; e as aggressões do kronprinz na Argonne e os assaltos de Maud'huy na Alsacia não alteraram grande coisa tão estranha situação que vem prolongando-se mais do que se esperava.

No entanto, ha radiogrammas de Pokhu e telegrammas de Paris e Londres dando uma noticia que illumina fortemente a treva que envolve os successos da Belgica e da França. Diz essa noticia que o exercito expedicionario inglez em operações no occidente é constituido por 800.000 homens experimentados, abrigados pelas trincheiras, e por uma reserva já desembarcada cujo força é de 200.000, tendo por isso a frente soffrido sensiveis modificações.

Quaes? O correspondente do «Petit Parisien» em Londres disse com licença da censura de Paris, muito mais severa do que a britannica, que as forças anglo-franco-belgas estão distribuidas, a contar da esquerda para a direita, da seguinte fórma:

Do oriente de Neuport até ao sul de Dixmude está o exercito belga, o qual, completamente reorganisado e abastecido, é hoje mais numeroso do que no principio da lucta; as suas retaguardas estão entre Furnes e Dunkerke, e ao sul d'esta povoação fortificada. Ha depois um exercito francez ligando os belgas com o antigo corpo expedicionario britannico, tão posto á prova nas duas cruentas batalhas da Flandres.

Este corpo expedicionario cobre Ypres, apoiando por Armentières, a direita na Flandres franceza; as suas linhas ameaçam Lille e terminam no Artois, norte de Souchez.

O sector do Artois, que é exclusivamente francez, começa a oeste de Liens e Lievin e termina ao sul de Arras. Melhorou muito a sua potencia defensiva porque as povoações e alturas conquistadas em maio são-lhe muito uteis para bater o inimigo. Ao sul d'Arras,—noticia que se occultava — está outro exercito inglez mais forte do que o da Flandres, estendendo-se por mais de cem kilometros e protegendo assim todo o sector da Picardie e fechando o caminho de Amiens e Treport. D'ali por deante, todas as tropas são francezas.

Quando Kitchener, Joffre, French e Millerand conferenciaram em Calais, disseram os jornaes de Paris que tinham resolvido, entre outras coisas de menor importancia, confiar aos inglezes a defeza de uma grande zona da frente occidental, porque French considerava já sufficientemente adestrados os voluntarios inglezes.

São bem conhecidas a prudencia e previsão britannicas; em França estavam 700.000 soldados de Albion, e French defendia apenas 57 kilometros de posições porque não ousava arriscar os seus bisonhos nas vanguardas. Pouco a pouco, graças a um simples systema de substituições, foi familiarisando todos os recrutas com a guerra; hoje, todos elles passaram já pela prova do bombardeamento, e, ao que parece, tornaram-se intrepidos até ao exaggero, querendo fazer ataques á baioneta e sendo necessario por vezes acalmar-lhes o ardor. Finalmente, decorrido um longo periodo, French considerou-os aptos a baterem-se contra qualquer adversario, o que para os francezes representa um grande allivio.

Agora pode a França dispôr de mais de meio milhão de soldados veteranos, acostumados a medirem-se com os allemães, que sabem fazer uma offensiva e oppôr uma encarniçada resistencia. E' fóra de duvida que esses 500.000 homens formam já um nucleo importante para uma massa de manobra.

Teria razão o «yankee» Harrison quando disse que Joffre e French iniciariam os seus movimentos no outomno?

Em breve o saberemos. Tudo depende do problema das munições. A Inglaterra e a França estão produzindo quantidades espantosas de projecteis d'artilharia; do exercito activo foram retirados todos os homens que podem prestar serviços nas officinas e fabricas onde se produzem elementos d'exterminio para os combatentes, e fatalmente, ao fim de certo tempo, a producção dos alliados em projecteis, metralhadoras e canhões terá ultrapassado a dos austro-germanos. Graças ao dominio do mar, japonezes, «yankees», canadianos, hindustanicos, australianos, todos trabalham exclusivamente para os alliados.

* * *

A guerra decidir-se-ha no occidente; os successos na Russia e nos paizes balkanicos podem influir muitissimo na duração das hostilidades, mas a chave da situação está em Paris e, sobretudo, em Londres.

E' por isso que Joffre e French, certos de que a Russia não pode a paz e prefere retirar, sacrificando não só as anteriores conquistas mas tambem vastas extensões do seu proprio territorio, não querem avançar um passo sem terem a certeza de que fizeram tudo quanto humanamente era possivel fazer-se para assegurarem a victoria final...

Poeira da Arcada

Um passeio de manhã cedo pelas ruas da cidade, dá-nos aspectos da vida lisboeta de um pittoresco tão intenso que nós sentimos logo que os primeiros raios do sol são os mais beneficos para fazer desabrochar esperanças, activar passos, aclarar sorrisos e gerar bons desejos. Os predios desabrumados, banhados de fulvas claridades, bebem no azul essa graça limpida, forte e inesgotavel que os astros manteem na harmonia eterna dos seus giros.

Operarios, costureiras, varinas, creadas e vendedores ambulantes marcam rithmos de uma força tão segura nos seus movimentos que se percebe promptamente que elles são, na lentidão fastienta de uma raça que sonha e preguiça, o grito juvenil, a energia creadora que assegura aos apetites o prazer tranquillo das digestões que põem uma base solida aos sonhos de bemaventurança.

Para que o homem possa illudir-se, compondo canticos em que os corações se contemplam como mensageiros de um amor tão largo como o universo, milhões de braços executam tarefas tão humildes e ignoradas que só percebem os que apreciam a historia como o termo fatal de tantas vidas que contal-as o mesmo seria que determinar a formação de um mar no qual se espelha o Infinito.

* * *

O projecto de lei sobre cambiaes parece estar decisivamente sepultado. Em torno d'elle, levantaram-se duvidas e suspeitas que lhe garantem incontestavel direito a umas pazadas de terra. Que durma em paz com alguns goivos sobre a campa. Apesar de tudo, ainda merece uma saudade.

* * *

Exames primarios em outubro... E' a roda da fortuna em permanente actividade, a fim de profusamente distribuir diplomas de exames como quem distribue confeitos. O nosso peor analphabetismo não é o dos ignorantes, mas o dos que se inutilisam para o estudo, sobrecarregando-se de noções confusas e conceitos abstractos.

FOLHETIM D'«A CAPITAL»—3-9-1915

FERNANDO BRANCO
1.º tenente da armada

Na actual conflagração
A acção dos submarinos

III

OPERAÇÃO N.º 14: Afundamento, em 13-5-915, na costa da Escossia, do cruz. aux. inglez «Bayan», perecendo todos os homens que transportava, menos 26.

Apenas notavel por ter sido o navio atacado um transporte de tropas.

OPERAÇÃO N.º 15: Afundamento, em 2-5-915, no mar do Norte, do destroyer inglez «Recruit», de 360 ton.: custo, 50.000 libras. Vidas perdidas, cerca de 30.

Outra operação em que se demonstrou a efficacia do ataque dos submarinos aos destroyres, repetição do acima descripto para a operação n.º 3.

OPERAÇÕES N.os 16 e 17: Afundamento, em 25 e 27-5-915, dos couraçados inglezes «Triumph» e «Majestic», o primeiro lançado á agua em 1903 e o segundo em 1895. Ton. do primeiro, 11.800, o custo, 845.479 libras; do segundo, 14.900, e 910.381 libras. As vidas perdidas no primeiro foram 56, no segundo poucas.

Conglobadas em uma só, pelo facto de fazerem parte, por assim dizer, da mesma operação, como vamos vêr, são ellas verdadeiramente notaveis pelo que encerram de lições sobre o assumpto.

Com estas duas operações perderam os inglezes em dois dias seguidos os couraçados «Triumph» e «Majestic», que, comquanto antigos, serviam—como se viu—para os bombardeamentos da costa dos Estreitos, com maiores vantagens do que os proprios dreadnoughts.

Ambos elles foram afundados pelo submersivel allemão «U 15», que lhes provocou terriveis explosões, submergindo-se os couraçados de flanco, em pouquissimos minutos, ficando de quilha para o ar, e morrendo bastante gente.

Semelhantes factos deram-se no Estreito dos Dardanellos, quando estes couraçados apoiavam as operações do exercito alliado de desembarque na peninsula de Galipolli, e se mais nenhuma prova houvesse do formidavel valor do submarino, bastaria esta, para convencer os mais irreductiveis no assumpto.

Essa esquadra, operando n'um Estreito apertado, com a liberdade plena do mar que a esse Estreito dá accesso, com a vigilancia d'esse Estreito, d'esse mar e ainda do Estreito—Gibraltar—que a esse mar tambem dá accesso, não poude obstar a que os submersiveis inimigos ali penetrassem e seguidamente lhes afundassem duas das melhores unidades que ali permaneciam!

Foram estes submersiveis transportados em secções pelo comboio e acabados de montar em Constantinopla, ou—para este caso—em Pola? Vieram estes submersiveis pelo mar desde as suas bases navaes do Mar do Norte, pelo Estreito de Gibraltar, até ao Mediterraneo?

Muitas e variadas opiniões, como é natural, se teem emittido sobre este assumpto. Nós, baseados na nossa opinião, e tambem em todos os dados que podemos colher, quasi podemos affirmar que estes vieram do Mar do Norte pelo Estreito de Gibraltar, o que não quer dizer que outros se não armassem em Pola e em Constantinopla.

O facto de por uma vez ter sido assignalada a passagem de um submarino em Gibraltar, de por um magnifico ardil ter outro sido aprisionado no Mediterraneo, de nas costas da Siria e da Asia menor se terem descoberto bases de submarinos inimigos, de terem elles sempre desde ha muito passado do Mar do Norte para o Atlantico, de o enorme desenvolvimento na sua construcção (de fórma a terem no começo da guerra 35 e agora já terem 75) permittir o augmento do seu raio de acção, de ainda se ter descoberto o raio d'acção elastico—chamemos-lhe assim—pelo abastecimento feito no mar pelos navios de toda a especie, pelos tanques de combustivel submersos, pelo navegar em immersão de dia e até pelo dormir no fundo de noite, pelo reboque dado em immersão por navios de pesca com bandeiras neutras, etc., todos estes factos, diziamos, fazem com que possamos affirmar que effectivamente este submersivel veiu do Mar do Norte pelo Estreito de Gibraltar.

Não quizemos citar, muito propositadamente, a descripção da viagem do «U 15», a que nos referimos, feita pelo seu proprio commandante.

Claro está que tudo que acima dizemos não prejudica a affirmação de que outros submersiveis se armassem ou se estejam armando em Pola ou em Constantinopla.

Tudo isso é natural! Tambem em Lisboa, ou em qualquer outro local, se armariam com o tempo devido, desde que todo o material necessario para ali fôsse mandado. Simplesmente o que é necessario deixar assente, para aquelles nossos leitores que ainda não tivessem assistido a construcções de submarinos, é que por muito desenvolvidas que estejam todas as iniciativas e vontades, um submarino nunca se poderá transportar em tres ou quatro secções pelo comboio e, uma vez chegadas, ligar essas secções n'um instantinho, com parafusos, anilhas, porcas e alguma massa de zarcão, como se faz ás lanchas de rios!

Podem-se transportar pelo comboio as chapas já viradas, as cantoneiras tambem cortadas e viradas, as torres já provadas, as bombas feitas, as baterias de accumuladores de centenas de elementos, todos a granel, para serem montados um por um, todos os milhares de tubos, torneiras, valvulas, manometros, uniões, bocins, portas, vedações, empanques, agulhas, lemes, veios, helices, dezenas de motores electricos, quadros, cleptoscopios, etc., etc., e depois... operarios e engenheiros conhecedores para montarem isto tudo, tal qual como se faz nos Estaleiros, em 2 annos, em 1 anno, ou em 6 mezes, trabalhando sem dormir e sem comer!

Assim então pode ser, e é assim certamente que os austriacos vão lentamente augmentando a sua esquadrilha, construindo-os nos seus arsenaes de Pola e de Fiume, e os turcos em Constantinopla. O resto são phantasias, que nós, salvo o erro, só acreditariamos vendo.

OPERAÇÃO N.º 18: Afundamento, no canal de Otranto, em 26-5-915, do cruz. cour. fr. «Léon Gambetta»; custo, 1.100.000 libras.

Foi motivo de discussão esta operação, porque algumas informações diziam que este cruzador-couraçado tinha sido torpedado a alvo-parado.

Não era verdadeira esta versão. O navio (de 12.500 toneladas) navegava, e a 20' da costa italiana do Adriatico foi torpedado, com dois torpedos por BB, pelo submarino austriaco «U 5», e afundado em 20 minutos, morrendo 500 e tantos homens, entre os quaes o almirante Senès.

E' esta sem duvida nenhuma uma das operações mais brilhantes.

OPERAÇÃO N.º 19: Avaria, em 29-5-915, no Adriatico, do «Tegethoff», de 20.000 ton., custo, 2.500.000 libras, lançado á agua em 1912.

Mais um super-dreadnought austriaco—o «Tegethoff»—que apenas foi avariado, salvando-se, porque estando muito perto do seu porto de armamento (Pola)—como sempre acontece aos Dreadnoughts—ali entrou immediatamente para reparar.

OPERAÇÃO N.º 20: Grande avaria, em 30-5-915, nos Dardanellos, do couraçado inglez «Agamemnon», de 16.500 ton.; custo, 1.651.980 libras; lançado á agua em 1906.

O que esta operação representa de importante já está dito na discussão feita para as n.os 16 e 17, com a differença de que este navio—o «Agamenon»—foi mais feliz do que os seus compatriotas—«Triumph» e «Magestic»—visto que apenas foi avariado.

Todavia não nos parece pouco em quatro dias afundar dois couraçados e causar importantes avarias a um terceiro.

OPERAÇÃO N.º 21: Afundamento, em 10-6-915, no mar do Norte, dos torpedeiros inglezes n.º 10 e n.º 12; custo de cada, 6.000 libras.

Para que em tudo a discussão e a apresentação do presente quadro se torne bastante curiosa, basta observar que quasi todas as operações representam só por si differentes exemplos, com caracteristicos diversos; assim esta, por exemplo, é a demonstração completa da facilidade de torpedamento por parte de um submarino, de duas unidades que navegam em esquadra, uma a seguir á outra, e com a nota curiosa de serem ambas ellas de fraca tonelagem (250 toneladas).

Continúa amanhã

Na fabrica do gaz

Desaba uma prancha, ferindo ligeiramente um operario e fracturando o craneo a outro

Hoje pelas onze horas e tres quartos deu-se na fabrica do Gaz, á Boa Vista um desastre que poz em alvoroço a visinhança sempre sobresaltada pela perigosa proximidade d'aquelle estabelecimento.

Felizmente o desastre foi relativamente ligeiro, não justificando a inquietação que produzia a presença de todo o material de incendios no local.

Entrando pelo boqueirão do Duro, que ladeia a fabrica e desemboca no Aterro, a meio, e á esquerda, fica um largo portão que communica da rua para o deposito do coke. E' este um vasto recinto, conhecido no estabelecimento pela designação de Praça e para onde vae o coke sahido dos fornos, cuja bateria lhe forma uma das faces. Negro, cheio de carroças que vão carregar coke e pó de coke, apresenta um aspecto pittoresco com a multidão de carroceiros que esperam e o movimento de carroças que entrando e sahindo constantemente abrem fundos sulcos no solo de pó negro que dá á Praça o aspecto da entrada de uma hulheira em exploração.

No recinto está montada uma cabrea de ferro, que áquella hora levantava uma prancha de madeira para umas obras de canalisação em que estava trabalhando um soldador italiano, chamado João Fransetti, de 54 annos, solteiro, morador na rua Maria Pia, Casal Ventoso, 20, loja.

Uma das carroças que ali andavam, inadvertidamente, foi de encontro á prancha que, desequilibrando-se, sahiu sobre o soldador e um outro operario que na occasião ia passando. Este, de nome José Mendes Velludo, 31 annos, solteiro, é serralheiro da companhia, natural de Armamar, concelho de Monforte, e morador na calçadinha do Tijolo, 57, sobre-loja.

Sob o impulso da prancha, os dois homens cahiram por terra, ensanguentados, e como n'essa occasião ali passasse o sr. Moreira, apontador do cabo electrico, vendo o succedido, correu á estação de chamadas da companhia, requisitando para o quartel da Esperança o carro de prompto soccorro.

Ali, como o pedido fosse feito da fabrica do gaz, n'uma justificavel previsão do que se tratasse de qualquer accidente da maior gravidade, deram aviso para todos os postos de incendio, e poucos minutos depois, com o automovel do quartel da Esperança para conducção de feridos, apparecia na rua da Boa Vista o material de incendio dos bombeiros voluntarios da Ajuda, lisbonenses, voluntarios de Lisboa, e de varios postos de bombeiros municipaes.

O apparato fez affluir ás janellas toda a visinhança que, alvoroçada, julgava que alguma grande catastrophe ameaçava a fabrica, e na rua o povo agitava-se inquieto na ancia de saber do que se tratava.

Apurou-se então o que tinha succedido, e quinze minutos depois, conduzidos os feridos para o hospital, tudo voltava á normalidade.

O soldador Franzetti recebera ligeiros ferimentos na cabeça, pescoço e dedos, recolhendo a sua casa depois de pensado. José Velludo é que foi mais infeliz, apresentando fractura do craneo na região frontal, em virtude do que foi trepanado, recolhendo á enfermaria n.º 4.

D'um terceiro andar á rua

cae uma operaria, que fica em estado gravissimo

Entre as operarias que trabalham na Nova Fabrica de Moagens, na rua 24 de Julho, 640, ha uma de nome Maria Rosa, de 19 annos, solteira, natural da Marinha Grande, filha de José Domingues e de Julia dos Santos, moradores na rua Possidonio da Silva, pateo do Carvalho, porta n.º 9.

Tem o enorme edificio grande numero de janellas, algumas das quaes sem resguardo de especie nenhuma. Hoje, á hora de jantar, Maria Rosa subiu até ao 3.º andar e assomou a uma das taes janellas sem resguardo. De repente uma violenta corrente de ar fez fechar as vidraças, as quaes empurrando a operaria a precipitaram á rua.

Emquanto alguns operarios acudiam á victima do desastre outros reclamaram a comparencia de um automovel para a conduzir ao hospital de S. José onde chegou sem fala. O sr. dr. Fernando Cabral, que estava de serviço, verificou que ella tinha varias lesões internas e forte commoção cerebral, recolhendo em estado gravissimo á enfermaria n.º 13.

Espectaculos

Cartaz de ámanhã

POLITEAMA—A's 20,30 e 22,30—Não desfazendo... (Revista).
EDEN—A's 20,45 e 22,45—O diabo a quatro (Revista).
COLISEU DOS RECREIOS—A's 21—Manobras de outomno.

Ao correr da penna

Annuncia-se para breve uma revista em um prologo, tres quadros e uma apotheose. Pouco a pouco nos vamos encaminhando para o que deve ser o nosso theatro popular de opereta. Ainda espero ver este inverno espectaculos compostos de duas operettas em um acto e varios quadros e de uma revista do typo d'aquella que dentro em pouco vamos poder applaudir.

A fazer-se uma revista todos os quinze dias ha que reduzir-lhe o formato. Acontecimentos, ou não os ha ou os revisteiros não lhe pegam, para se pouparem ao incommodo de tomarem um partido. A critica de costumes anda tambem quasi banida por completo d'esses trabalhos. Que resta, pois? Phantasia? Pernas? Numeros de musica popular? Tudo isso dá para um acto, cança ao fim de dois e já se não aturava em tres. Viva, pois, a revistinha n'um acto e, como não tenho grande palpite no theatro de tres sessões, nem mesmo no theatro de duas durante o inverno, v. ex.as vão ver que, mais volta menos volta, havemos de cahir no systema já aqui preconisado varias vezes e que tem o apoio, entre outros, de Eduardo Schwalbach.

Assim, fariamos um theatro pittoresco e muito nosso. Não ha compositores para essa zarzuella portugueza? Ha. Alguns por ali andam desorientados a fabricar aos kilos musica de revista, que, estou certo, em face d'um libretto sympathico, encontrariam inspiração para partituras interessantes, que viriam a dar-lhes um nome que nunca conquistarão no trabalho em que se occupam.

Cyrano

Boatos e informações

Entre nós

Na recita do auctor da revista *Não desfazendo...* estrear-se-hão numeros novos entre os quaes *O heroe das ideias* pelo actor Ignacio Peixoto e a *Gaivota das aviadoras*.

● A reabertura do Gimnasio far-se-ha no dia 1 do proximo mez com a peça de Gervasio Lobato *Em boa hora o diga...* retomando Alegrim o papel de Valle e Maria Mattos o de Barbara Volkardht.

No mesmo theatro representar-se-ha uma comedia em tres actos intitulada *O conto da princeza tonsa*, cujo principal papel feminino será creado por Luiza Lopes.

● Noite de alegria a de hontem no Coliseu dos Recreios para o publico que por completo enchia aquella linda casa de espectaculos pois teve occasião de assistir a um esplendido espectaculo, e para a festejada que poude avaliar pelas grandes ovações que lhe tributaram que é hoje como sempre a querida do publico de Lisboa.

Fernanda Razzoli pela sua belleza e graciosidade e pelas suas excepcionaes qualidades de artista, impõe-se á estima de todos.

Applaudindo-a como hontem fez, o publico apenas praticou um acto de justiça. A operetta escolhida, a linda partitura *Eva*, teve uma interpretação magnifica por parte de todos os artistas, merecendo especial referencia Ettore Razzoli, que no 2.º acto na scena violenta com Octavio foi magistral, fazendo o publico bisar a scena. Fernanda Razzoli a quem foram offerecidas muitas flores cantou admiravelmente as cançonetas hespanholas e o fado em portuguez que teve de repetir.

Hoje canta-se *A menina do cinematographo* e ámanhã primeira representação, n'esta temporada, da operetta *Manobras de outomno*.

No estrangeiro

A companhia Antonio Gomes representa na Republica do Rio de Janeiro a revista *Chaves e parafusos* de Cardoso de Menezes e Abreu Dantas, com musica do Luz Junior.

● Lucilia Peres está representando a *Dama das camelias* no theatro Pathé, da capital brazileira.

● No theatro Recreio da mesma cidade representou-se a revista *De capote e lenço*, com o actor Pinto filho no papel do *cabo Elygio*. A revista foi ampliada com um quadro novo *O barbeiro Ananias*.

● Titta Ruffo vae cantar no Municipal do Rio de Janeiro.

Circos & Music-halls

SALÃO DA TRINDADE—A's 20 e 22—Companhia infantil—O collar da princeza.

ANIMATOGRAPHOS E CONCERTOS—Olimpia e Paradis, *matinées* diarias e sessões á noite; Central, Chiado Terrasse, Salão Foz, Rocio; Sociedade Promotora de Instrucção, em Alcantara, sessões ás quintas feiras, sabbados e domingos.

CINEMATOGRAPHOS OU ESPECTACULOS VARIADOS—Chantecler, Imperio, Salão Graça, na Caixa Economica Operaria, Variedades, na calçada da Estrella—A's 21,30—O diabo no convento.

Sorteio de obrigações

No escriptorio da Companhia Nacional de Caminhos de Ferro, rua de S. Nicolau, 88, 1.º, realisa-se no dia 15, ás 14 horas, o sorteio das obrigações da 1.ª serie, Mirandella-Vizeu, que devam ser amortisadas no dia 1 do proximo mez.

NAS REGIÕES DO TURISMO

Não haverá mais cheias no Mondego

O sr. dr. Costa Lobo, lente da Universidade, expõe o seu plano de normalisação do curso do rio

O sr. dr. Costa Lobo, lente da Universidade de Coimbra, que n'outros tempos presidiu, como auctoridade superior do districto, á velha cidade do Mondego, teve a amabilidade de nos dispensar o mais captivante acolhimento quando, seguindo a nossa derrota, atravez das regiões do turismo, o procurámos para que alguma coisa nos dissesse ácerca das necessidades urgentes da terra classica de estudantes e tricanas.

Levara-nos a sua casa, onde se respira uma carinhosa atmosphera d'arte, uma indicação preciosa, fornecida por informador solicito, ao ter conhecimento da tarefa, que motivara a nossa viagem pelo centro do paiz. O illustre homem de sciencia, disseram-nos, tem elaborado um plano completo de transformações da cidade universitaria, melhoramentos que vae modificar litteralmente a região coimbrã, pois que o principal d'elles tem por fim normalisar as correntes do Mondego, aproveitando as aguas como energia productora ao serviço da industria.

Assim que descemos na cidade da rainha Santa, não perdemos tempo em buscar o complemento d'essas informações, dirigindo-nos para isso á residencia do illustre cathedratico. O sr. dr. Costa Lobo falla-nos amavelmente d'essa cidade e das iniciativas do seu municipio, que é incontestavelmente um d'aquelles que mantem alto o prestigio do municipalismo luso. Foi a edilidade conimbricense a que tentou em Portugal as primeiras iniciativas de municipalisação de serviços publicos; a lendaria cidade dos amores de Ignez deveu a José da Costa e Almeida a municipalisação da agua, a Dias da Silva a do gaz, a Marnoco e Sousa a da tracção electrica. Os encargos provenientes d'esta primeira municipalisação, acrescenta o sr. dr. Costa Lobo, devem terminar ainda no corrente anno, o que, por certo, vae permittir ao municipio o executar novos beneficios para a cidade.

Os nomes que apontei, esclarece o illustre professor, representam apenas os presidentes da municipalidade, que concluiram as referidas municipalisações de serviços. Seria injustiça suppol-os desacompanhados n'essa obra meritoria, pois foram valiosamente coadjuvados não só pelas vereações a que presidiram, mas ainda pelo grande jornalista e homem de Estado que foi Emigdio Navarro, o qual dedicou sempre a mais franca e profunda sympathia á cidade de Coimbra, dando egualmente o mais valioso concurso a todas as iniciativas, que tendessem ao seu desenvolvimento material ou moral.

Não seria talvez necessaria esta apreciação retrospectiva, declara o sr. dr. Costa Lobo, para que toda a gente fizesse justiça ao municipio de Coimbra que, em todos os tempos, tem procurado melhorar e desenvolver a cidade. A iniciativa particular tem egualmente contribuido para que mais formosa se torne a filha do Mondego. Nos ultimos dez annos construiu-se uma cidade nova e o bairro de Santa Cruz, com as suas edificações elegantes, torna-se especialmente digno de nota.

Coimbra, no emtanto, necessita urgentemente de dois melhoramentos: construir o seu caes, de forma a preservar-se contra as cheias do Mondego e organisar o serviço de esgotos. Se a salubridade e a higiene citadinas reclamam urgentemente esta obra, a conclusão do caes, por egual deve merecer os nossos instantes cuidados. Sem ella, a parte baixa da cidade encontra-se em perigo permanente. E' preciso affastal-o de vez.

Mas V. Ex.ª tem um plano que modifica inteiramente as actuaes condições do Mondego...

—Sim, —responde o sr. dr. Costa Lobo.—Tenciono até, por estes dias, apresentar officialmente os meus trabalhos nas repartições technicas, pedindo uma concessão. Com as aguas do Mondego poude adquirir-se a energia electrica de 30 a 40 cavallos, que poderá ser distribuida em illuminação publica, em força industrial, por Figueira, Aveiro e Leiria, por um preço minimo. Em troca da concessão offereço-se ao Estado a solução de um problema vital para a cidade de Coimbra: a regularisação das cheias do Mondego. Concluida a obra do aproveitamento das quedas de agua, sem o menor dispendio para o thesouro publico, não mais haverá inundações na cidade baixa, nem tão pouco, nos mezes da estiagem, o rio ficará reduzido a esse aspecto de rachitismo, que causa desolação. N'essa epocha, em que o leito do rio é apenas um lençol de areia, onde se estira uma serpente de prata, passará a ser um verdadeiro rio, com um caudal de 60 metros cubicos por segundo.

«N'esse plano, a que a publicidade de detalhes poderia acarretar inconvenientes e por isso lh'os occulto, está projectada a construcção de duas extensas lagôas, ligadas entre si e medindo qualquer d'ellas vinte kilometros.

«Estou certo, —affirma o illustre cathedratico—que esse trabalho, uma vez concluido, será sem duvida um motivo de attracção regional. Coimbra, como todas as cidades que teem o seu destino ligado ao desenvolvimento do turismo, necessita cuidar da sua *toilette*, preparar-se para receber as suas visitas. Ha vinte annos, pelo menos, que proclamo essa necessidade e que, no que tenho podido, jámais deixei de procurar realisal-o.

E' preciso que a cidade conserve o seu sabor antigo mas que ao mesmo tempo faça os melhoramentos indispensaveis á commodidade dos forasteiros. Possue bellezas naturaes de superior valia, mas que podem ainda ser postas em relevo, valorisando-se muito mais. Convem conservar os lindos pontos de vista, que esta cidade possue, cumprindo á municipalidade oppôr-se á invasão de casaria que por toda a parte alastra, com a maior semcerimonia, sem respeito nenhum pela esthetica. Coimbra deveria construir, a meia encosta, uma avenida no genero da de Henrique IV em Pau, a qual lhe seria sem contestação muito superior. Essa avenida deveria passar pelos sitios da Estrella, um dos pontos mais surprehendentes da cidade, pelo vasto e lindo panorama que d'ali se disfructa. N'esse mesmo local, um incendio destruiu uma antiga fabrica. A camara deveria oppôr-se á venda do terreno e pensar em construir ali um casino.

Por ultimo, o sr. dr. Costa Lobo recorda as gratas impressões, que a cidade do Mondego tem produzido em illustres visitantes, salientando a da missão astronomica que ultimamente veiu a Portugal.

Divisão naval portugueza

A divisão naval portugueza, que hontem fundeou em Cascaes, largou hoje de manhã para o mar, voltou a Cascaes pelas 12 horas, sahindo pouco depois para voltar a fundear na bahia ás 17 horas.

Estão quasi concluidas as beneficiações do submersivel «Espadarte», que sahirá do dique do Arsenal ámanhã ou depois.

Declaração

A Nova Empreza de Moagens de Castello Branco, Limitada, affirma que não teve intuito politico, menos patriotico ou de embaraço ao governo na declaração sobre falta de farinhas, publicada nos jornaes de 28 de agosto, pois que é norma d'esta Empreza, no exercicio da sua industria, prestar a sua coadjuvação aos poderes publicos, sempre que o interesse geral o necessite, como o tem feito e continuará a fazer.

Castello Branco, 2 de setembro de 1915.

Pela Nova Empreza de Moagem de Castello Branco, Limitada
Os gerentes
A. R. Fragoso Corca

PEQUENAS NOTICIAS

Luiz Rodrigues, morador na rua de Santa Marinha, 48, 1.º, foi preso esta madrugada por furtar a José Valtar, 2.º cabo n.º 119 da 9.ª companhia de infanteria 14, a quantia de 90 escudos e uma corrente de ouro, tudo no valor de 104 escudos.

—Queixou-se á policia Laura Nobre d'Avila, moradora na avenida Almirante Barroso, 24, 2.º, de que no trajecto da sua residencia até á rua Paschoal de Mello perdeu duas lettras no valor de 90 escudos.

PARTE COMMERCIAL

Situação da praça

CAMBIOS.—O mercado fechou ás seguintes cotações:

	Compra	Venda
Londres, cheque. . .	35 7/16	35 5/16
Londres, 90 d/v. . .	36	—
Paris, cheque. . .	$73,5	$74,5
Allemanha, cheque . .	$28,8	$29,8
Hollanda, cheque . .	$57	$58
Madrid, cheque . . .	1$36	1$37
New York	1$46	1$50
Rio s/Londres. . . .	11 15/16	—
Libras.	6$05	7$00
Agio do ouro. . . .	46 %	50 %

BOLSA—As inscripções effectuaram-se:

	Assent.	Coup.
Titulos de 1.000$	—	—
» » 500$	—	—
» » 100$	—	—

Obrigações d'Estado: 3 0/0 1905, 93$40 4 1/2 86 87, coup. 81$50.

Externas: 1.ª serie 74$30 e 3.ª 74$60.

Acções: Lisboa e Açores 115$; Banco Commercial do Porto 46$30; Aguas, 90$; Assucar 40$60.

Obrigações: Norte e Leste, 1.º grau, 72$30; Beira Alta, 2.º grau, 19$50; Caminhos de Ferro de Benguella 77$.

ULTIMA HORA

Na Camara dos deputados

Approvam-se varios projectos e são apresentadas as novas bases para a reforma policial

A's 15 horas o sr. Ramos da Costa, estando presentes 55 deputados, abre a sessão. Acta approvada e expediente ao seu destino. Na bancada ministerial os srs. ministros da justiça, finanças e fomento. Galerias, logo de entrada, regularmente concorridas.

Antes da ordem, o sr. ministro do fomento (dr. Manuel Monteiro) envia para a mesa duas propostas: uma auctorisando um emprestimo, pela Caixa Geral dos Depositos, de 500 contos, á Direcção do Sul e Sueste, para a construcção da linha ferrea de Faro a Ferragudo, e outra auctorisando tambem um emprestimo para se proceder ao estudo de ensaio de materiaes de construcção. Pede urgencia e dispensa de regimento.

O sr. Eduardo Sousa pede uma syndicancia ao professor de Villar Paraiso, o que lhe é permittido pelo sr. ministro do fomento que promette transmittir o pedido ao seu collega de instrucção, e ao mesmo tempo responde a uma pergunta do sr. Cabral de Castro, feita na vespera, sobre presidentes dos jurys de exames do 2.º grau. A resposta não satisfaz ao sr. Cabral de Castro e entre os dois oradores trocam-se varias explicações.

O sr. João Chrysostomo, em nome do syndicato agricola de Elvas, queixa-se de que a guarda fiscal d'aquelle districto não deixa circular na via ferrea, pequenas quantidades de cereaes para sementes o que muito prejudica a lavoura.

O sr. dr. Manuel Monteiro elucida o orador de que pela nova lei dos cereaes isso se não póde fazer, providenciando, portanto no caso presente como de justiça.

O sr. Simões Raposo, chama novamente a attenção do sr. ministro do fomento para os ultimos factos occorridos na Companhia do Gaz e que põem em risco a vida dos operarios que ali trabalham e da população residente n'aquella area.

O sr. dr. Evaristo de Carvalho pede á mesa para ser posto á discussão o projecto destinado a evitar que certas industrias de padarias e negociantes de farinhas sejam obrigados a pagar ao Estado umas quantias indevidas.

O sr. Vasco de Vasconcellos elucida umas duvidas do sr. Paiva Gomes sobre os acontecimentos de Lamego. O sr. Moura Pinto trata mais uma vez do fiscal dos impostos de Oliveira do Hospital e pergunta ao sr. ministro das finanças o que ha sobre umas accusações feitas n'um jornal do Porto a um alto funccionario do seu ministerio, que o sr. Victorino Guimarães declara não poder castigar por não encontrar por onde. E entra-se na ordem do dia com o projecto do emprestimo de 500 contos para o caminho de ferro de Faro a Ferragudo.

O sr. dr. Costa Junior dá-lhe o seu voto, mas lastima que a administração dos Caminhos de Ferro lhe não tenha fornecido os documentos que lhe pediu. Refere-se depois ao Congresso Algarvio, que elogia nas suas intenções, esperando que as theses d'esse Congresso sejam pedidas para serem distribuidas n'esta Camara. Falam ainda e dão-lhe egualmente o seu voto os srs. Moraes Rosa e Francisco Cruz, sendo o projecto approvado na generalidade e especialidade sem emendas.

Approvam-se rapidamente os seguintes projectos:

—Prohibindo a exportação de wolfran e algodão.

—Concedendo pensões de sangue ás mães divorciadas e cujos filhos tenham morrido em campanha.

Entra depois em discussão o projecto de lei regulando a situação de funccionarios do ministerio dos estrangeiros julgados prejudicados pela guerra actual.

O sr. Moura Pinto protesta contra tal projecto que quer dizer pelo menos que ha funccionarios d'esse ministerio que não estão nos seus logares, e isso não póde ser. Todos os ministros das nações em guerra estão nos seus logares. Ainda ha pouco, n'uma viagem perigosa, o sr. Teixeira Gomes veiu a Lisboa receber instrucções. Se ha pois empregados fóra dos seus logares que o governo os mande para elles e para isso não precisa novas leis. O sr. Victorino Guimarães responde que ha funccionarios n'essas condições, como por exemplo os da Belgica.

O sr. Moura Pinto:—Que estejam junto do governo belga. A Belgica moralmente e de facto pelo seu governo não deixou de existir.

Posto á votação ficou approvado.

Approva-se depois na generalidade o projecto de lei creando o Sanatorio Colonial da Madeira, não destinado ao tratamento de doenças agudas, mas sim a receber os funccionarios civis e militares e os colonos que, regressando das provincias ultramarinas, careçam de mudança de ares e de regimen alimentar especial.

Na especialidade o sr. Almeida Ribeiro ataca o projecto por trazer augmento de despeza e estar portanto sob a alçada da lei-travão.

O sr. Paiva Gomes, relator, defende-o pela necessidade que elle representa.

O mesmo faz o sr. Rodrigues Gaspar.

Em negocio urgente o sr. Alexandre Braga envia para a mesa a seguinte proposta (bases para a reforma da policia) que largamente justifica pela impossibilidade de se discutirem os projectos em estudo nas commissões:

Artigo 1.º—E' o governo auctorisado a remodelar todos os serviços da policia, fixando as respectivas dotações e determinando os direitos e obrigações do seu pessoal, nos termos das bases seguintes:

1.º—Os differentes serviços da policia civica de natureza essencialmente civil serão unificados, coordenados, descentralisados por fórma a poderem corresponder cabalmente ás funcções de protecção dos cidadãos, manutenção da ordem, investigação de crimes, com os indispensaveis serviços de identificação e cadastro, vigilancia de elementos perniciosos e fiscalisação do cumprimento das leis e regulamentos dependendo a direcção superior de todos os serviços de segurança publica de um orgão adequado ao ministerio do interior.

2.º—Os serviços policiaes serão desempenhados por um corpo de pessoal que só o poder central recruta, instrue, dirige e distribue conforme as necessidades dos meios urbanos a que se destina ou por convenção com as corporações ou entidades com existencia legal interessadas.

3.º—A selecção do pessoal tenderá á dignificação da corporação da policia civica pela exigencia de aptidões e condições que a imponham ao respeito publico pela melhor remuneração dos serviços prestados, pela abolição de emolumentos e comparticipação em multas e finalmente pelo estabelecimento na profissão policial d'um accesso largo e remunerador.

4.º—Na organisação dos serviços policiaes será aproveitado o pessoal idoneo das actuaes instituições policiaes e administrativas que n'elle sejam encorporados devendo fixar-se as disposições a adoptar para que esta transição seja feita gradualmente no respeito dos legitimos direitos adquiridos sem perturbações das funcções de segurança publica e sem que o augmento total das verbas dispendidas exceda no corrente anno economico a somma de 24.000 escudos.

5.º—Fica revogada a legislação em contrario.

No Senado

E' encerrada a sessão por falta de numero

Bem se vê que o parlamento tem que fechar por si, sem uma ordem, sem previo accordo, para isso. O que se passou hoje no Senado é d'isto prova.

Os illustres senadores estão fatigados do trabalho extenuante d'estes ultimos dias, tendo sido a discussão dos orçamentos uma étape extenuantissima que ainda por cima foi continuada na freguezia de Salto, que não conseguiu da esta saltar para Cabeceiras.

Os dias ainda estão lindos, as praias animadas, os campos verdes e alfombrados. Toca a abalar!

E, cumprido o sagrado dever de approvar os orçamentos, os srs. legisladores vão tratar de avigorar a sua saude, para as pugnas de dezembro.

E assim foi que hoje, á hora regimental, nem meia duzia de senadores havia na sala. Só ás 15 horas, quasi rouca já a campainha, o sr. Correia Barreto, occupando a presidencia, se decidiu a mandar fazer a chamada, conseguindo-se que 17 vozes pronunciassem a palavra—presente.

Perante esses 17 senadores se leu a acta, que foi approvada, e se leu o expediente, que devia ter o devido destino.

Mas, emquanto isto se fez, nem mais um senador entrou na sala.

Esperou-se.

A's 15,20, desoladamente, o sr. Paes Abranches fez a segunda chamada.

Havia mais quatro na sala.

O sr. presidente declara estarem presentes 21 senadores, numero insufficiente para se tomarem deliberações.

Por isso declara encerrada a sessão, marcando a seguinte para ámanhã, com a mesma ordem do dia.

A ordem, portanto, deve ser—não haver numero...

Escolas de repetição

O commandante da 1.ª divisão militar assistiu ao desfile das unidades da divisão que marcharam para as escolas de repetição, acompanhado dos seus ajudantes e officiaes do estado maior em serviço n'aquelle commando, o seguiu a assistir aos exercicios realisados diariamente e cujo programma é o seguinte:

Hoje, Sabugo, Fanhões, Mafra e Alverca; dias 4 e 5, Loures, Cabeça de Montachique e Povoa da Galléga; dia 6, Ribaldeira, Runa e Torres Vedras (exercicio de combate); dia 7, Torres Vedras, Carvoeira e Freixo-Freira (exercicio de combate); dia 8, Jaramelo e Malveira (ultimo dia de exercicio de combate); dia 9, as tropas estacionam em Odivellas para no dia immediato recolherem aos seus quarteis.

A questão das farinhas

O chefe do districto conferenciou hoje com o sr. tenente-coronel Vasconcellos Dias, director da Manutenção Militar, sobre o abastecimento das padarias independentes, visto em algumas d'ellas se notar já falta de farinhas.

O agente Jeronymo Figueiredo esteve hoje ouvindo um dos directores da Companhia Invicta, do Porto.

ECHOS & NOTICIAS

INFORMAÇÕES—COMMUNICADOS

CONSIGLIERI PEDROSO

Passa hoje o quinto anniversario do fallecimento de Consiglieri Pedroso, professor illustre, orador eloquente e vulto do partido republicano, nos primeiros tempos da propaganda, em que a sua palavra, como a de Elias Garcia e a de Magalhães Lima, enthusiasmava o povo. Consiglieri Pedroso desappareceu quando ainda havia a esperar grandes serviços da sua poderosa intelligencia e da sua actividade incançavel, sobretudo na cathedra e na tribuna.

NAS CALDAS DA RAINHA

Realisar-se-ha na noite de 12 do corrente um notabilissimo concerto nas Caldas da Rainha. O orpheon de Condeixa, formado por 60 trabalhadores, operarios e creanças de aquella localidade, dará uma audição no parque do sr. visconde de Sacavem (José), um illustre amador de arte que imprime um alto cunho de distincção a todas as festas que dirige. O orpheon, sob a regencia do sr. dr. João Antunes, seu benemerito organisador, executará o seguinte magistral programma, em que tomará parte, por especial deferencia, a distinctissima cantora sr.ª D. Alice Rey Colaço.

I parte: «Hymno á noite», Beethoven; «Cantiga da Mofina Mendes», João de Badajoz, pela ex.ma sr.ª D. Alice Rey Colaço, com acompanhamento pelo orpheon; «Coral da Paixão, segundo S. Matheus», Bach; «Coral», Bach. II parte: «Canção popular russa»; «Canção popular gallega»; Coro dos pastores da *Serrana*, Keil; «Coro dos caçadores do *Freychütz*», Weber. III parte: «Canções populares portuguezas»—«A moda da Ritta», «Senhora do Livramento», «Canções transmontanas», «Santo Antão», «Ciganos».

NOTAS MUNDANAS

Fala-se no casamento da sr.ª D. Maria Thereza Potter de Carvalho Monteiro, neta do sr. dr. Carvalho Monteiro, com um filho do fallecido barão de Ortega, e neto, por parte de sua mãe, do sr. conde do Paço do Lumiar.

—Está nos Cucos o sr. dr. Adriano Anthero de Sousa Pinto.

—Consorciou-se no Porto com a sr.ª D. Umbelina Chagas Pontes o sr. Pedro Alves de Castro.

—Seguiu hoje do Porto para Melgaço do Minho com sua familia o sr. dr. Angelo Vaz.

—Regressou de Caldellas o sr. dr. Silvestre de Almeida.

—Está na Povoa de Varzim o sr. dr. José Antonio da Costa Machado.

—Partiu para Marco de Canavezes o sr. Ernesto Madeira Pinto.

Apprehensão de trigo

PORTALEGRE, 3.—A guarda fiscal realisou hontem uma apprehensão de 1.000 kilos de trigo.

Festas associativas

Na Tuna Commercial de Lisboa ha depois d'ámanhã, ás 21 horas, recita promovida pela commissão administrativa, com a representação do drama «A modesta» e a comedia «Maldito relogio!...», seguindo-se baile.

Expedições a Angola

A bordo do vapor «Ambaca» seguem ámanhã para Mossamedes 13 operarios contractados para prestar serviço junto das tropas em operações em Angola.

Na primeira opportunidade seguirão os restantes, para completar o numero requisitado pelo governador geral da provincia.

Os operarios que seguem ámanhã são: João Machado, João Fernandes da Costa, Angelo Martins e Herculano dos Anjos Baptista, serralheiros mechanicos; José Antonio, Francisco Antonio, Antonio José Rodrigues e Jayme Neves, serralheiros; Julio Fernandes da Silva e José João Marques, torneiros; João Barbosa Coutinho, ferreiro e Joaquim Sequeira e João da Silva, ajudantes de ferreiro.

Reclamações operarias

PORTALEGRE, 3.—Reuniram os operarios manufactores de calçado, resolvendo pedir augmento de salario.

NOTAS DIVERSAS

O conselho de ministros reune hoje, pelas 21 horas, no ministerio da marinha.

—A fim de tratar da questão do Douro chegou a Lisboa o senador sr. Carlos Richeter.

—Apresentou-se hoje no ministerio das colonias, tendo conferenciado demoradamente com o respectivo ministro, o coronel de artilharia sr. Josué d'Oliveira Duque, ex-governador da Guiné.

—Realisou-se hoje a conferencia da direcção da Associação Industrial com o general Correia Barreto, director do Arsenal do Exercito, sobre o fornecimento do material de guerra requisitado á industria portugueza por intermedio da Associação Industrial.

—No expediente da Camara dos Deputados foi lido um officio da Associação Commercial dos Lojistas de Lisboa protestando contra o projecto ha pouco apresentado pelos srs. Adriano Pimenta e Jayme Cortezão, tornando obrigatoria a lettra de cambio na liquidação de transacções commerciaes.

A grande guerra

As operações no theatro oriental

PETROGRADO, 3.—Official.—Repellimos novos ataques na região de Friedrichstadt; avançámos com successo entre Siventa e Vilija; tomámos á bayoneta duas villas proximo de Szirwinty, onde fizemos prisioneiros; progredimos tambem na região de Doukscty, onde tomámos um morteiro. A situação entre Vilija e o Niemen não se modificou; repellimos varios ataques persistentes do inimigo, ao longo da estrada de Olita a Morechz.

Proximo de Grodno, contivemos primeiro o inimigo para podermos evacuar um ponto por nós occupado, depois do que passámos para a margem direita do Niemen. Ao sul de Grodno não se deu modificação alguma essencial.

Na região de Lusk depois de obstinados combates no rio Styr recuámos á nossa linha de Clyka a Radziwiloff, fazendo durante aquelles combates centenas de prisioneiros e algumas metralhadoras. O inimigo occupou Loutzk, tendo as nossas guardas da relaguarda protegido o recuo da linha russa sobre o rio Styr, infligindo ao inimigo graves perdas na região de Zoloczow e Zborno bem como na foz do Sthypo. Passámos depois á offensiva parcialmente, tomando algumas metralhadoras e munições e fazendo varios prisioneiros.—(Havas).

Os progressos da artilharia n'estes ultimos tempos tem demonstrado a superioridade dos canhões de sitio em relação ás obras de defeza que uma fortaleza lhes pode oppôr. N'estas condições a resistencia das fortalezas depende do exercito de campanha que pode mais ou menos impedir a efficacia dos cercos.

Como a falta de munições obrigasse o exercito russo a reconcentrar-se, a conservação das fortalezas tornára-se um encargo muito difficil e oneroso.

A preponderancia da artilharia e a abundancia de munições de que dispõem os allemães conferem-lhes consideraveis vantagens. A fim de conservar a liberdade de acção do exercito de campanha, os russos preferiram abandonar temporariamente certas praças fortes, servindo-se d'ellas somente para conservar intacto o exercito de campanha.

Sport

Escoteiros de Portugal

A commissão executiva da Associação dos escoteiros de Portugal, declara que nada tem de commum com quaesquer grupos como a «Missão Scouting» que n'ella não estejam filiados, sendo completamente estranha aos seus trabalhos de propaganda em todo e qualquer sentido.

Movimento maritimo

Archipelago dos Açores «Funchal» 6
Liverpool «Antonys», Pará. 6
Brazil e R. Prata «Zeelandia», Amst. . . 6
Africa oriental, «Koranna», Liverpool . . 7
Bordeus, «Samaras», Brazil 7
R. Jan. e R. Prata, «Flandre», Bordeus . 7
Br. R. Pr. e Pac., «Orianas», Liverpool . 8
Vigo, Liverpool, etc., «Oritas», Brazil . 8
Africa Occidental, «Portugais». 12
Africa Occidental, «Cazengo» 12

SPORT

O festival na Praia das Maçãs

transformou-se n'uma festa da região de Collares e foi concorrida por milhares de pessoas

Ninguem faturou o exito obtido por uma festa sportiva na Praia das Maçãs, como aquella que se realisou hontem n'esta localidade. Excedeu os calculos ainda os mais exaggerados sobre a concorrencia. Transformou-se para a região de Collares e Cintra n'uma verdadeira festa regional, quasi uma romaria e mais que um arraial, vestindo as mulheres os fatos mais garridos, os homens os seus fatos domingueiros, jaleco ao hombro, pau ferrado nas mãos, harmonium dizendo modinhas populares...

Em volta do recinto da patinagem, onde se effectuava a festa, e que os herdeiros de Eugeno Levy generosamente cederam aos organisadores, vendedores ambulantes estabeleceram as suas tendas improvisadas e o mercado dos saborosos fructos da região, pecegos, maçãs, melões, uvas e melancias. Em cima de carroças, sobre jumentos, barris de vinho jorravam o bello *ramisco* vendido a copo e por um preço mais barato do que em Lisboa se vende um copo d'agua!...

A multidão formigava, inquieta, animada, desejosa de ver uma festa, absolutamente nova para a região, que de *sport* apenas conhecia até hoje, umas mal organisadas cavalhadas. E a cada carro electrico que chegava, os ares eram atroados com foguetes. Quando appareceu a Banda dos Marinheiros, cuja visita á Praia era discutida porque ninguem acreditava n'ella, constituiu-se um aspecto curioso de movimentação e enthusiasmo.

Em volta do *rink*, a paciente e methodica organisação de José dos Santos Mattos, que descança na Praia, trabalhando mais que na Amadora, tinha posto dezenas de mastros, em cujos topes se baloiçavam, vergastadas pela brisa do Atlantico, galhardetes e as bandeiras dos paizes alliados, com a distincção do maior mastro e do maior panno, para a bandeira nacional e para a dos Recreios da Amadora, cujos elementos constituiam a base do programma.

O *rink* foi-se enchendo. Os seiscentos logares sentados foram tomados de assalto por muitas senhoras dos veraneantes, por familias de Cintra, Collares, Almoçageme e Azenhas. Em pé, a multidão apertava-se. Na rua, eram de milhares as pessoas. As creanças da Escola de Collares, com grandes bandeiras portuguezas e com um cortejo de cem pequenitos, appareceram acompanhadas da banda da villa, tocando a *Portugueza*. E lá dentro, no recinto da festa, o jury presidido pelo dr. Magalhães Lima, secretariado por A. Alagoas e auxiliado, como *commissarios de prouve*, pelos srs. dr. Augusto Barreto, Alfredo Braga, Bento Costa, José dos Santos Mattos, tenente de marinha Costa, A. Pinto e Angelo d'Oliveira, ia procedendo á inscripção dos pequenitos que concorriam ás provas. Eram muitos esses pequenitos, destacando-se os que iam da Amadora, mais ou menos uniformisados nos trajes, elegantes, chics, vistosos... Antonio de Castro, Santos Mattos, acudiam aqui e além para cuidar de um detalhe de organisação e davam ordens aos trabalhadores para que estivessem a postos e ao tipico Canadas para que a verdura que limitava o *rink* fosse disposta, mais ligeiramente, mais artisticamente...

Começou o certamen.

Entrou no recinto a classe de gymnastica, imponente pela harmonia do conjuncto no vestuario e até nos caritas gentis dos gymnastas. Executaram uma serie de exercicios, que a assistencia applaudiu delirantemente, porque era uniforme a execução e artistica, a *tempo* e bem combinada. E as evoluções e marchas dos pequenitos foram cadenciadas por um *passe-calle*, vibrante, animado, que a Banda dos Marinheiros executava. Depois, nos saltos, a lucta em competencia enthusiasmou. Houve quem saltasse o que nos jogos sportivos nacionaes se saltou! João Araujo passou além d'um metro e sessenta de altura! Antonio Pontes transpoz á vara 2m30. Seguiram-se as corridas *classicas* dos *gimkhanas*, com o ovo e a colher, as barricas, as andas, trez pernas, agulha e linha, que fizeram rir, que dispuseram bem e que arrancaram palmas. E de tal fórma os pequenitos tomavam a serio o seu papel de athletas que, um d'elles, no ovo e colher, seguiu imperturbavel, sereno, minutos depois da corrida acabada, atravez do *rink*, o ovo na concavidade da colher, levando-o até aos juizes. Era esse imperturbavel concorrente o sr. Virgilio Horta Junior, filho do grande influente de Cintra, um *hercules* de apenas trez annos!...

Nas corridas de animaes surgiu uma bizarra collecção zoologica: cães, coelhos, patos, perus, gatos... E um dos cães correu riscos de ganhar se o juri não percebesse que a sua carreira rapida se devia ao chamamento da dona, collocada em frente!

Fez-se a corrida ao contrario e o cão foi derrotado por um pato, guiado pela menina Aurora Outeiro.

A segunda parte, precedida d'uma *ouverture* pela banda, foi preenchida por um certamen de patinagem, que teve a sua lucta de tracção á corda como uma novidade e um jogo da rosa por dois grupos de meninas. N'este jogo, todas se affirmaram soberbas do *sangfroid* e de habilidade. N'um grupo ganhou a menina Maria Luiza Correia, n'outro a menina Celeste Santos Mattos, filhas dos srs. Antonio Correia e Santos Mattos, directores dos Recreios Desportivos da Amadora, benemeritos a quem a causa da educação physica muito deve e que levam a toda a parte a sua prestimosa cooperação, obreiros d'uma santa cruzada, verdadeiros patriotas contribuindo para o bem do paiz. Terminou a festa com um grande numero de conjuncto em patinagem, por 14 pequenitos da Amadora, que foram admiraveis e que são inexcediveis...

Depois, das 6 ás 10 a Banda dos Marinheiros e das 10 ás 12 a banda de Collares animaram um baile, no *rink*, illuminado artisticamente pela companhia dos electricos, que foi uma boa cooperadora do festival e que muito teve que fazer. Os ultimos carros sahiram da Praia ás duas da madrugada!...

Notas do dia

Em homenagem a Carlos Martyres

Amanhã, o melhor nucleo de gimnastas e athletas portuguezes promove uma brilhante festa de homenagem a um antigo amador, feito profissional o anno passado em *vôos á Leotard*, o sr. Carlos Martyres. Effectua-se a festa no *rink* dos Recreios Desportivos da Amadora, hoje preferido como centro de reunião sportiva e que apresentará um aspecto deslumbrante, illuminado por centenas de lampadas electricas de forte intensidade. O programma reune o que ha de mais distincto no athletismo nacional, com muitos campeões e professores de cultura physica. E' o seguinte:

1.º — Simphonia; 2.º — Triplo-trapezio pelos srs. João Castellar, Angelo Furtado, de Mendonça e Julio Reprezas; 3.º — Argolas, Carlos Abreu e João de Deus Tavares Homem; 4.º — Esgrima, Jorge Paiva, detentor da *Taça Amadora* e Carlos Farinha (campeão de Portugal de 1915); 5.º — Hirano, professor de *jiu-jitsu*, que luctará contra o amador Antonio Alves, que prometteu resistir-lhe 10 minutos; 6.º — Os Inzos, acrobatas equilibristas; 7.º — Escoteiros de Portugal, Exercicio pelo grupo n.º 13, da Amadora. Intervallo de 15 minutos. 1.º — Simphonia; 2.º — Pesos e alteres — Francisco Padinha, campeão de Portugal, e Francisco de Serpa Pimentel; 3.º — Assalto de Box, Francisco Xavier de Araujo, campeão da Universidade de Manchester, e Silva Raivo, campeão de Portugal, leves de 1915; 4.º — Assalto de jogo do pau, Humberto Caldas e Carlos Martyres; 5.º — Imitação de Otto Viola, Manuel Ferreira e Antonio Alves; 6.º — Saltos á vara — 3 *equipes* — Angelo Furtado de Mendonça (G. C. P.) — Luiz Ronband e José d'Araujo (R. D. A.) — Antonio Augusto Pontes e Arnaldo de Carvalho Vieira (E. P.)

Já chegaram as «Pope»

Quando, n'este verão, se disputaram corridas de bicicletes e de motocicletes no Velodromo do Stadium, houve um corredor que se tornou invencivel e algumas motocicletes que se tornaram *chronicas*. E todos diziam:

E' por falta de motocicletes.

E na verdade, havia qualquer cousa n'esta affirmativa. As machines tinham forças diversas, facto a considerar para os que disputam premios em dinheiro. Outros, quasi a maioria, acrescentavam:

—Se já tivessem chegado as *Pope*!...

Referiam-se ás bellas motocicletes americanas, que Santos Beirão, o pae Beirão, o homem que introduziu o ciclismo em Portugal, havia encommendado ha mezes mas que a guerra retardava...

Ora chegaram as *Pope*... E agora? Veremos o que ellas farão, tanto mais que se diz que o Stadium vae reabrir, sem olhar á bicicleta...

Algumas anecdotas

Partiu a roda e a cabeça...

Passou-se o caso durante uma festa n'um *rink* de patinagem. Uma menina rodopiava, vertiginosamente, sobre patins. Um saloio, que a seguia com a vista, admirado e satisfeito, explicava ao outro:

—Aquillo é corda que tem nos pés!... E' como os brinquedos que se veem nas lojas!...

Ao lado, um medico, cirurgião illustre cá de Lisboa, politico democratico, ouviu e sorriu...

A menina continuava rodopiando... De repente, n'um salto, uma roda partiu e a menina tombou!... O saloio explicou solicito:

—Partiu-se a mola...

E o medico, acudiu logo, metendo-se na conversa:

—E a cabeça!...

Noticias

ENTRE NOS

Campeonato de Portugal de Lawn-Tennis

Vae realisar-se o campeonato de «lawn-tennis» de Portugal, nas seguintes condições geraes: 1.º, os campeonatos de Portugal de «lawn-tennis» em terreno duro são disputados segundo as leis da Lawn-Tennis Association; 2.º, no presente anno tem logar os campeonatos de: «gentlemen's singles»; «ladies singles»; «gentlemen's doubles»; «ladies' doubles»; «mixed doubles»; 3.º, Dos premios: Aos campeões de cada prova será conferido a posse da taça especial por um anno e respectiva inscripção. Outros premios a conferir e sua distribuição opportunamente annunciados nos programmas especiaes; 4.º, Os campeonatos realisam-se nos «courts» do Sporting-Club de Cascaes nos dias 16, 17, 18 e 19 de setembro; 5.º, os campeonatos são a «por fóra», sendo a ordem de entrada tirada á sorte; 6.º, todas as «voltas» e «meias-finaes» são jogadas no melhor de trez partidas com todas as vantagens, excepto as «finaes» que são jogadas no melhor de 5 partidas tambem com todas as vantagens.

Paragrapho unico, as «finaes» de «ladies' singles» e «ladies doubles» são jogadas no melhor de trez partidas com todas as vantagens; 7.º, os jogadores poderão mudar de «lado» no fim do 1.º, 3.º, e todos os seguintes jogos alternados de cada partida, ou sómente no fim de cada partida, excepção feita na terceira partida de cada encontro e na terceira ou quinta partida das «finaes» em que serão sempre obrigados a mudar de lado nos jogos impares; paragrapho unico, a execução do artigo anterior terá de ser resolvida antes do encontro, por accordo mutuo entre os jogadores e consentimento do «umpire» ou «referees» escolhidos; 8.º, a inscripção para todas as provas está aberta até ao dia 12 de setembro no Sporting Club de Cascaes e no Centro Nacional de Sport, rua do Crucifixo, 86, 1.º, sendo de 1$50 para as provas de «singles» e de 3$00 para as provas de «doubles».

Paragrapho unico, as importancias das inscripções deverão ser entregues no dia 15 de setembro na secretaria da commissão organisadora no Sporting Club de Cascaes; 9.º, os concorrentes receberão um bilhete que lhes facultará a entrada no Sporting durante os dias do campeonato; 10.º, a commissão organisadora empenhar-se-ha junto da imprensa sportiva para a publicação dos encontros a realisar, com horas e «courts» marcados, assim como fará affixar com a possivel antecedencia as tabellas no quadro do Sporting Club de Cascaes; 11.º, ao jogador que se não apresente a disputar o seu encontro até quinze minutos depois da hora indicada no quadro, será marcado W. O.; 12.º, nos encontros em que o «Umpire» marcar, as suas decisões são finaes. Marcando «referees» escolhido de commum accordo, poderá reclamar-se para o «Umpire» em materia de interpretação da lei do jogo, sendo em todos os outros casos as decisões do «referees» escolhido irrevogaveis; 13.º, «Umpire» e «referees» poderão escolher o numero de «juizes de linhas» que julgarem necessarios; 14.º, quaesquer indicações sobre casos omissos nas presentes condições geraes deverão ser dirigidas á secretaria do Sporting Club de Cascaes, onde tambem serão dados todos os esclarecimentos.

Grande regata de vella em Pedrouços

Organisada pelo Club Naval de Lisboa, deve effectuar-se no domingo, 12 do corrente mez, em frente das praias de Pedrouços e Algés uma grande regata de vella, tomando parte cerca de 60 embarcações, sendo: 5 chalupas, 2 internacionaes, 2 center-boards, 4 botes de armação (espicha), 6 canôas de 9 toneladas de armação (latina), conhecidas por canôas do Seixal, 4 embarcações pequenas registadas em clubs, 3 escaleres com armações diversas, 3 canôas de 4 toneladas, e 25 a 30 botes de armação (espicha) de pequena tonelagem, para se differençarem todos os barcos que correm em classe usarão o numero que lhe pertence, cosido na vella.

O Club Naval entregou a organisação d'esta regata ao presidente da junta directora D. José de Noronha e ao presidente da secção de vella do mesmo club, Frederico Burnay, que se esforçam para que esta regata seja uma grande festa nautica (vella) e que seja uma demonstração do que se póde fazer a bem d'este sport, desde que não faltem iniciativas nem falleçam energias. O jury é composto pelo vice-commodoro do Club Naval Henrique Seixas e pelos srs. Jayme Athias, Joaquim Leotte, D. Francisco de Heredia, D. José de Noronha, Frederico Burnay que funccionará a bordo do «yacht» a vapor «Ida», propriedade do vice-commodoro Seixas.

Na séde do Club Naval dão-se todos os esclarecimentos a respeito da regata, todas as tardes e á noute, das 21 ás 23 horas. Os mappas das corridas e programmas serão distribuidos dias antes da regata, a todos os concorrentes.

Grupo Sportivo do Gremio Lafoense

Está despertando interesse entre os socios d'este florescente grupo, o «pic-nic» que a direcção projecta no proximo dia 12 de setembro na villa do Seixal.

Ali realisa-se um concurso de «sports» athleticos, na quinta do sr. dr. Almeida, que gentilmente foi cedida para este fim.

O programma das provas sportivas é o seguinte: 1.º, corrida de 100 metros; 2.º, corrida de 100 metros para damas; 3.º, corrida de trez pernas; 4.º, corrida de batatas; 5.º, corrida de laços; 6.º, corrida de botas; 7.º, corrida de «equipes», 2 damas e 2 cavalheiros; 8.º, corrida de agulhas. O jury é composto pelos srs. Luiz Campanella, Clemente Gaspar e Antonio Ladeira. A's 21 horas realisa-se na séde do grupo uma «soirée» dançante «A ingleza», dirigindo a sala a ex.ma sr.a D. Ignez de Brito.

A ultima homenagem

A' memoria de um meu camarada de marinha (a «sentinella do 14 de maio»).

A morte, com a sua perseguição constante e feroz, vae colhendo, dia a dia, as suas victimas, lançando-lhe a garra horrivel. Para ella não ha posições nem qualidades, não ha riquezas nem miserias, não ha prazeres nem tormentos, nem sorrisos nem lagrimas... não, o que para ella ha é só isto—morrer.

E, no cumprimento exacto d'esta palavra, prosegue na lucta sem cansaço nem desfallecimento, abatendo ricos e pobres, sabios e ignorantes, humildes e soberbos, heroes e miseraveis e... todas as categorias, ella, misturando e confundindo, reduz a uma só—No nada.

O destino humano é este.

Existe ainda uma differença mas não pertence á morte mas sim a vida porque a primeira não admitte excepções; para ella é tudo o mesmo: tudo se transformará em pó, tudo depois se reduzirá a nada.

Essa differença é o ultimo passo dado á beira do abysmo.

Assim ella deixa gravada atravez de futuras gerações a memoria do heroe porque a morte o surprehendeu quando procurava salvar o seu paiz, a veneração do sabio que buscara nos seus estudos o progresso da humanidade, a gratidão ao clinico porque no seu laboratorio se esforçara por livrar os seus semelhantes dos males que os affligem, a admiração do aeronauta porque no meio das nuvens luctava para descobrir os segredos da natureza...

Estes são os que teem a felicidade de «Morrer a tempo», como disse a illustre escriptora D. Virginia de Almeida: deixam uma esteira, um esforço, um invento ou uma obra a attestar á humanidade a sua extincta metamorphose em ser humano. Os outros, esses não.

Ou morreram antes de tempo ou morreram depois. O fim é que é immutavel, o mesmo: confundirem-se, misturarem-se e desapparecerem da face da terra sem deixarem n'ella a mais intima recordação da sua passada existencia.

Tu tiveste a infelicidade de pertenceres aos ultimos, porque a morte não quiz colher-te quando, fazendo-o, te cobriria de gloria. Por isso o momento passou, tu continuaste vivendo, esperando que n'outra occasião, menos propicia, ella se abeirasse de ti e te fizesse soçobrar.

Assim foi e o momento não se fez esperar.

A tarde decorria tranquilla e limpida. O mar estava sereno, o sol acariciava-nos com os seus raios vivificantes e amenos, algumas nuvens de formas gigantescas atravessavam vagarosamente a atmosphera azul e crystallina e algumas gaivotas esvoaçavam pela atmosphera. Uma tarde, emfim, cheia de amenidade e de frescura! Até a brisa, beijando-nos a face, ciciando-nos ao ouvido, nos convidava a elevarmos o nosso espirito até ás regiões do infinito em doce extasi e calma e contemplar a natureza, livres do peso oppressor das agruras da vida. Porém, rapido como um relampago, estrondoso como o trovão, a amenidade fogo, as trevas approximam-se e, atravez d'ellas, ouve-se um grito funesto:

—Homem ao mar!

Senti o pulso agitado, o coração batendo com violencia e a tranquillidade fugindo-me do peito, deixando ali a inquietação.

Approximei-me, correndo, da amurada e contemplei a superficie das aguas.

Pareceu-me então vêr uma nuvem densa atravez da qual, n'uma clareira, vi um ser humano que se despenhára no abysmo, arremessando ao entrar na agua, espuma em todas as direcções. Retomou depois o oceano a sua tranquillidade e, atravez d'ella, parecia vêl-o sorrir, satisfeito com a sua obra e dizer:

—Nunca mais o verás.

E a tua vida, como ser humano, findava.

Cerca de oito dias depois o mar arremessava-te á praia com o mesmo desprezo do vencedor arremessando os despojos inuteis do vencido.

Encontraram-te e transportaram-te para «onde se tem descanço quem ali baixou», abrindo uma cova de sete pés de comprimento. E, singela e modestamente, baixaras á terra, aquella d'onde vieste e para a qual tornarás a ir, com a mesma singeleza da tua vida e a modestia do teu haver para seres roido pelos vermes, transformando-te em pó, seres uma particula de seiva vivificadora, depois, correndo atravez dos ramos d'uma planta; ainda depois um botão que desabrocha ao raiar da aurora d'um aprazivel mez de abril; mais tarde uma rosa cheia de vigor e perfume... seguindo, emfim o curso das immutaveis leis da natureza.

... E, pois, esta a minha ultima homenagem para ti.

Em logar de uma corôa acompanhada de phrases lacrimosas pronunciadas á beira do tumulo para enternecer a multidão que as ouve, protestando a maior amisade por ti e bon camaradagem emquanto vivo, eu prefiro outra mais simples, mais singela e muito mais significativa: conservar no cerebro a tua memoria e erigir no fundo do meu espirito a tua imagem para lamentar, em segredo, sem apparentar exteriormente sentimentos hypocritas com o fim de me acreditarem como benemerito ou filantropo, a perda de um camarada leal e sincero como o eras tu e a hora tragica em que te sumiste entre as aguas para não appareceres jamais á superficie d'ellas...

José Mario Martins
Marinheiro da armada

Festas associativas

Na Academia 1.º de Setembro de 1867 realisam-se amanhã e domingo festas solemnisando o seu 48.º anniversario, havendo amanhã baile e no domingo alvorada ás 8 horas, sessão solemne ás 15 e recita ás 21 pelo grupo dramatico André Pereira, seguindo-se baile.

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

«Douka», «Burla do casamento» e «O juramento dos homens vermelhos»

Da conceituada casa editora Guimarães & C.ª, da rua do Mundo, acabam de ser postas á venda estas trez obras, todas do genero completamente differente e portanto proprias para agradar a todos os paladares.

Douka é uma tragedia do litterato brazileiro Osorio Duque Estrada, em que entra uma figura primacial n'este momento: nada menos que Annita Garibaldi, mãe dos membros da familia que tanto renome tem dado á Italia na actual conflagração. Obra muito bem escripta.

O livro *Burla do casamento*, de René Emery, pertence á collecção dos chamados livros galantes. Finalmente, *O juramento dos homens vermelhos* pertence á Collecção Ponson du Terrail, de que são o 81.º e 82.º volumes.

«A Capital»

Vende-se nos Recreios Desportivos da Amadora.

A 22 de setembro, os dois cruzadores «Scharnhorst» e «Gneisenau» chegaram a Papeete, capital de Taiti, ilhas da Sociedade, colonia franceza completamente desprotegida. Afundaram uma pequena canhoneira desarmada, depois do que bombardearam a cidade, que era aberta.

Nos fins de outubro, o «Emden» tornou a apparecer e, disfarçado em navio japonez, conseguiu lançar um torpedo contra um pequeno cruzador russo e um destroyer, na bahia ingleza de Horbour. Finalmente, no dia 10 de novembro, soube-se que esse cruzador allemão tinha sido perseguido na ilha de Keeling pelo navio da armada australiana «Sydney», fôra obrigado a encalhar e em seguida incendiado.

Tenente de marinha ingleza W. B. Schofield

Tal era a situação no fim de tres mezes de guerra. Em vez de soffrer fome e ter falta de generos de alimentação, o povo inglez usufruia as commodidades habituaes, devido ao poder das suas armadas, que asseguravam, combinadas com a franceza, o dominio dos mares.

Em contrario ás suas lamentações, a Allemanha possuia, ao começar a guerra, um bom numero de «logares ao sol»—colonias espalhadas por diversas regiões do globo. Citemos: Africa Oriental Allemã, Africa do Sudoeste Allemão, Camerun e Togolandia; no Pacifico, Nova Guiné Allemã, archipelago de Bismarck, uma das maiores das ilhas Salomão, as ilhas Carolinas, dos Ladrões, Pellew e Marshall, e, mais a leste, as ilhas Samoas, ou, pelo menos, a parte principal d'estas.

Todas essas possessões eram accessiveis por mar, por consequencia incumbia á armada ingleza o haver-se de modo a que rapidamente cahissem em poder dos alliados.

Cada uma d'essas possessões tinha uma installação de telegraphia sem fios.

A Allemanha havia estudado e aperfeiçoado de modo surprehendente, a nova invenção, erigindo em Nauen, em 1906, uma poderosa estação, que foi sendo posta gradualmente em communicação com todas as dependencias principaes do territorio do imperio. Em 1912, essa estação alcançava um raio de acção de 5.000 kilometros, de modo que os cruzadores allemães que estivessem na costa da America do Sul, na Africa Allemã e nas Indias Orientaes podiam communicar directamente com Berlim.

Este facto era sabido pelos officiaes inglezes, tanto de marinha como do exercito, e, por isso, onde quer que uma possessão allemã fôsse atacada a primeira coisa que tinham a fazer era destruir as estações telegraphicas.

O cruzador «Pegasus» fôra incumbido, logo no principio da guerra, de destruir a estação de Dar-es-Salaam, um pouco ao norte de Zanzibar. Desempenhou-se d'essa missão, mas, como já dissemos, foi atacado de surpreza e não poude desempenhar-se d'outras, que não seriam menos valiosas.

No principio d'agosto planeou-se uma expedição da Nova Zelandia para tomar as ilhas Samôa, que partiu sob o commando do contra-almirante sir George Patey. A expedição sahiu de Wellington, n'aquella possessão, a 15 d'agosto, e dirigiu-se para a ilha franceza da Nova Caledonia, pois era preferivel seguir um caminho indirecto, attendendo á provavel intervenção de dois poderosos cruzadores allemães, a

«Scharnhorst» ■ o «Gneisenau», que se sabia andarem no Pacifico.

N'um ponto d'ante-mão combinado, os cruzadores inglezes «Psyche», «Pyramus» e «Philomel» juntaram-se-lhe e comboiaram-na.

Chegando á Nova Caledonia no dia 20, os cruzadores sahiram no dia 23, indo tambem com elles ■ cruzador francez «Montcalm» ■ juntando-se-lhes poucas horas depois os cruzadores «Australia» e «Melbourne», da armada australiana — arvorando o primeiro ■ insignia do contra-almirante sir George Patey.

Depois d'uma pequena demora nas ilhas Fiji, a expedição chegou á vista das ilhas Samoa no dia 30 e dirigiu-se para Apia, séde do governo allemão. Depois de ter tomado as precauções necessarias para não bater em alguma mina, o «Psyche» dirigiu-se para o porto arvorando a bandeira de parlamentario. Levava a intimação do almirante inglez para a ilha se render.

Os allemães, embora esperassem alguns dos seus navios, não tinham a força sufficiente para resistirem efficazmente. Renderam-se. Desembarcou uma força, que tomou posse da ilha, sendo os funccionarios allemães tratados com a maior cortezia, embora aprisionados.

A ilha principal do archipelago de Bismarck, ao norte da Nova Guiné, era Neu Pommern (Nova Pomerania, antigamente Nova Britannia). O centro do governo era em Herbertshöhe, na extremidade nordeste da ilha. Sabia-se que havia na sua proximidade uma estação de telegraphia sem fios e uma tentativa havia sido feita em principio d'agosto para a tomar, mas nada se havia conseguido. A 11 de setembro, porém, uma força de desembarque, sob a direcção do commandante J. A. H. Beresford, conseguiu alcançar uma praia que não estava vigiada e ás sete horas da manhã appareceu perante os espantados habitantes da cidade, onde hasteou, sem opposição, a bandeira ingleza.

Dirigiu-se para a estação do telegrapho sem fios, para a destruir, mas ahi encontrou grande resistencia e suspeitando que ■ caminho estava minado recuou uns seis kilometros. Desembarcando depois algumas peças, os allemães foram intimados a render-se, o que fizeram ao verem que a resistencia era impossivel.

O governador havia-se retirado para a ilha de Bougainville, nas ilhas Salomão, mas dois dias depois as forças inglezas dirigiram-se para ahi. Encontraram pouca resistencia e ■ governador, apoz uma conferencia com o parlamentario que lhe havia sido mandado, rendeu-se

Wilhelmshaven, na Nova Guiné Allemã, foi occupada ■ 24 de setembro, sem resistencia. As estações de telegraphia em Yap, ilhas Carolinas, e em Pleasant foram tambem destruidas.

Como n'outro capitulo d'esta obra já dissémos, os japonezes tomaram Kiao-Chau, assim como se apoderaram das ilhas Marshall, onde os allemães tinham grande quantidade de viveres e munições, além de uma estação de telegraphia sem fios. O dominio allemão nas ilhas do Pacifico terminou assim.

Um pouco antes da tomada de Samoa, um cruzador allemão, ao que se suppõe o «Nürnberg», appareceu no dia 7 de setembro na ilha Fanning, estação do cabo submarino inglez entre Fiji ■ a Columbia, e cortou-o. De nada, porém, serviu isso aos allemães. Haviam d'uma vez para sempre visto desapparecer o seu poder no mar Pacifico. A sua marinha mercante, que já não apparecia nos mares occidentaes, desappareceu tambem por completo dos orientaes.

FIM DO 4.° VOLUME

INDICE DO 4.° VOLUME

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 1826 — 6.º Anno

Direcção e propriedade de Manuel Guimarães
Editor—Camillo Sousa e Almeida
Redacção e Administração—R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA—Sabbado, 4 de Setembro de 1915

Telephone n.º 2293—Endereço teleg. CAPITAL
Composição—Rua do Norte, 5, 1.º
Officina de impressão—71, Rua da Bica, 71

Preço 1 centavo

Falso pudor

Uma leitora de «A Capital» queixa-se, com justificado motivo, do que se passa nas praias mais proximas de Lisboa, e por isso mesmo aproveitadas pelas classes médias. Joga-se descaradamente,—diz ella, e especialisando Algés e Dafundo accentúa que nenhuma especie de distracção alli existe, á noite, que não seja a de ir para os casinos, que só vivem do jogo, havendo alli musica e espectaculo, gratuitos, é certo, mas que na realidade impõem a obrigação de jogar. «Se uma senhora, esclarece ella, entra para assistir a esses espectaculos, o marido tem que ficar na sala de jogo, e se não jogar quatro vezes por semana, pelo menos, é vêr a grosseria do porteiro e adeptos de que os casinos estão cheios». E não é só isso. As senhoras, não podendo deixar os filhos em casa, teem de os levar comsigo, o que é inicial-os n'uma perigosa escola de vicio.

As justas observações da leitora de «A Capital» corroboram as que já temos feito ácêrca da falta de medidas que solucionem a questão do jogo, d'uma maneira mais pratica, mais franca e indubitavelmente mais moral. Está provado que se não deixa de jogar em Portugal, e desde o momento em que todos reconhecem que não é possivel evitar o jogo, mais ou menos tolerado e mais ou menos clandestino, occorre perguntar porque é que se não dá uma sancção clara, com regras e disposições rigorosas, aquillo que já representa um facto assente e estabelecido?

Se o jogo fôsse regulamentado, a frequencia ás casas de jogo seria determinada por prescripções que evitassem uma pessima educação moral para os menores e mesmo salvaguardassem da miseria ou do crime muitos lares de trabalhadores. E nas praias onde o jogo se estabelecesse haveria distracções, inteiramente alheias ao jogo, sem que verdadeiras coacções, do genero d'aquella a que a nossa leitora se refere, obrigassem a frequental-o aquelles mesmos que d'essa paixão se encontram isentos.

A verdade é que nós nos distinguimos por um falso pudor que só pensa em salvar as apparencias. Para darmos a perceber que não queremos o jogo, que não nos deixamos conquistar por esse vicio, deixamos jogar em toda a parte, accelando o mal, sem pensarmos no bem que uma attitude definida nos poderia grangear. Contentamo-nos com o cheiro do pudor, não com a sua elevada essencia. Somos pudorentos. E afinal de contas não trabalhamos senão para a desmoralisação e não pensamos em tirar nenhum proveito justo para uma situação creada.

Não ha administração, nem ha politica, digna d'este nome, sem que se eximam á fraqueza, á hypocrisia e ao relaxamento. Uma moral accommodaticia não é moral. As questões encaram-se de frente, e perante o seu significado e as circumstancias que as revestem resolvem-se com clareza e segurança.

Não é só na questão do jogo. E' em muitas outras que este falso pudor se manifesta. E tudo quanto se fizer para o desterrar nos nossos costumes é uma obra de saneamento moral e social. O que a leitora de «A Capital» revela é um facto corrente, e todavia inacceitavel.

Migalhas

A proposito de Camões

Acabo de ter com o ministro do interior uma cordealissima palestra para que fôra amavelmente convidado hontem á noite. V. ex.as já sabem do que se tratou? Pois foi d'isso mesmo. Hontem na Camara dos Deputados, fui accusado de ter fallado ao respeito a Luiz de Camões. O sr. ministro do interior, que não tinha dado por isso, declarou que ia indagar do caso, accrescentando, porém, antecipadamente que me julgava absolutamente incapaz de tal irreverencia. Hoje conversámos um bom quarto de hora, li-lhe o pedaço da revista do Polytheama que motivou os reparos de hontem e chegámos ambos á conclusão que Camões continua de bronze e que não houve da minha parte a menor intenção offensiva para com a memoria do immortal cantor das nossas glorias, antes o bom desejo de chamar a attenção publica para o facto da Biblia nacional estar todas as tardes exposta no asphalto do Rocio de mistura com uns cachorros fedorentos e pelo modico preço de «dois' tões p'ra acabar».

O dr. Ferreira da Silva concordou que, ainda que houvesse desprimor para com a grande figura historica, não encontraria na lei disposição em que se estribasse para mandar cortar o trecho incriminado, pois que, se a censura policial se póde exercer sobre passagens offensivas da moral e das instituições não ha texto legal que obrigue qualquer escriptor a respeitar Camões e outros vultos semelhantes da nossa historia. Devia haver; mas não ha. Todos nós, que não somos analphabetos, temos, porém, a obrigação moral e mental de respeitar certas tradicções e certas memorias e eu, entre outros, não preciso de lições n'esse sentido. E' possivel que a minha ideia não tivesse sido expressa com clareza e, sobretudo, com interesse theatral. O que não preciso de affirmar é que não tive pelo infeliz amante de Nathercia um menor respeito do que o dos seus procuradores e defensores.

Ambos de accordo sobre estes pontos de doutrina, despedi-me do dr. Ferreira da Silva, voltando eu atraz para lhe dizer que o numos que devia á sua gentileza era cortar, «Sponte mea», o tal numero da revista, o que de resto o não prejudicará em coisa alguma. O incidente não terá servido senão de um reclamo gratuito e pouco vulgar.

André Brun.

«Historia Illustrada da Grande Guerra»

Dividido em volumes, cada um dos quaes com cerca de 200 paginas, de modo a formar um livro portatil, economico, elegante e de facil encadernação, o folhetim que vimos publicando *Historia Illustrada da Grande Guerra* tem alcançado grande exito.

O primeiro volume abrange desde março a 15 de abril, tendo 184 paginas, o segundo de 16 de abril a 3 de junho, com 188, o terceiro de 4 de junho a 20 de julho, egualmente com 188 paginas profusamente illustradas. Na administração d'*A Capital* são immediatamente satisfeitos todos os pedidos, que venham acompanhados das respectivas importancias.

REVELAÇÕES DO ALGARVE

O que são os seus fructos

As maravilhas que poderiam ser, se industrialisassem a sua cultura—Impressões de viagem

PRAIA DA ROCHA, 3.—Chego ao Algarve, manhã clara, depois d'uma noite inteira de supplicio, encafuado n'uma insupportavel gaiola de caminho de ferro... As pernas mal se me distendem, entorpecidas, endurecidas, quasi rigidas pela imobilidade cruel a que as forçou uma viagem longa de mais de doze horas. Portugal chega, por vezes, a dar-me a illusão d'um paiz onde se accumulam todas as coisas velhas, para arrelia de quantos, pouco affectos ao que lá vae, anceiam por tudo o que de melhor possa vir. Houve em tempos nos *Wagons-Lits* umas carruagens, enormes, pesadissimas, que os homens condemnaram e o destino precipitou para outras linhas. O que ellas mereciam era camartello e serrote. Pois fazem ainda agora um figurão, rolando, com um grande e confrangedor ruido de «ferraille» a desconjuntar-se, do Barreiro até Villa Real de Santo Antonio. Com trez logares em cada cubiculo é preciso confessar, leitor, que não podia inventar-se, para estas noites torridas de verão, melhor e mais sopurifera estufa.

Pois é verdade... Cheguei a Tunes com o sol nado, ás primeiras horas da manhã. Accordo estremunhado. A voz do pregoeiro previne-me que tenho de mudar de comboio. Pego nas malas, renjo violentamente contra mim mesmo e precipito-me para a «gare» como quem se atira para um poço. Grupos de algarvios pairam lento, deixando escorrer uma a uma, sobre a minha curiosidade de forasteiro, a toada dorida dos seus cumprimentos e das suas despedidas. Olho para os montes que se erguem suavemente, tristemente, para as bandas de leste. Cobre-os uma luz violacea que tem seducções de andaluza e maciezas profundas de velludo. Canço o olhar mal habituado a estes coloridos estranhos do dia nascente a contemplar um velho pinheiro que se ergue, como um guarda-chuva enorme, sobre uma doirada mancha de restolho. O comboio parte. D'aqui por meia hora deve estar em Portimão...

Alojo-me n'uma carruagem que deve ser coeva da mala posta. Sobre o chão de oleado esborracham-se bagos d'uvas e fumegam ainda, mal apagadas, pontas amarellas de cigarros. O meu companheiro, homem abastado, dos que resonam como se no estomago, ao mesmo tempo, tivessem em alarido meia duzia de trombones, foi para outro compartimento. Tento dormir agora, na pacatez affavel d'este isolamento em que me encontro, inteiramente esquecido, no fundo d'uma velha carruagem de caminho de ferro. Mas a paizagem seduz-me. O Algarve d'este fim de verão é-me quasi desconhecido. Na rotina, baitam-me as terras vermelhas, por onde a custo secca um fio d'herva fresca; os restolhos calidos, que o sol torrou e cobriu d'uma côr fulva, que tem reverberos metallicos de palhetas d'oiro, semeadas pelos campos, por mãos delicadas d'anjos; as figueiritas copadas e redondas, offerecendo á minha gula os figos molles, com a sua pupila vermelha a sorrir; as alfarrobeiras tristes, de braçadas retorcidas, negras e torturadas, como se n'esta terra de ventura a dôr houvesse uma vez creado raizes... Desfilam aldeias e montes, em correria doida, emquanto o comboio avança para o mar, que se adivinha já, pelo cheiro da marezia, que o vento espalha pelos vales e pelas colinas. O sol é já quente e alaga de brilho claro as arvores, as veigas, os pomares e os vinhedos carregados de cachos maduros.

Portimão. A ria. Velas que se enfunam e partem para a pesca. Uma carrinha tradiccional, uma d'estas typicas carrinhas algarvias, e ahi vou eu, balouçado como n'um berço, por essa estrada fóra, em direcção á Praia da Rocha. Primeiro o mar. Cá de cima, cá do alto, bem lavado de ares, olho o oceano largo, que lá em baixo, immovel e sereno, parece um fofo tapete verde, a offerecer-se á irreverencia de quem queira pisal-o. Passam barcos, de pannos retezados, navegando rapidos para o sul. Para os lados de Villa Real, um «destroyer» evoluciona. Faço uma grande reverencia ao mar e sigo além. A povoação mal deu ainda accordo de si. Dir-se-hia que as sereias vieram embalal-a a outra noite e que fazel-a despertar seria desafiar todas as suas iras.

A dois passos fica-me a exposição, inaugurada hontem. Trata-se apenas d'uma tentativa. E' o primeiro ensaio d'uma bella obra que será fecundissima quando fôr completa. E' uma ideia que começa a ter a sua realisação e que só quando a comprehenderem bem fructificará abundantemente. Percorro, sem grande pressa, as diversas barracas. E fico encantado. E' que, pelo que respeita a fructos, não os ha, não póde havel-os melhor em parte nenhuma. Peras natas, uvas, maçãs, tudo o que os pomares e as hortas criam perpassam por mim como preciosidades que me maravilham e me encantam. E ao vêr as enormes ameixas sorridentes, os cachos rubros como coraes, as maçãs ruborisadas como faces de virgens depois de tocadas pelos primeiros beijos, eu pergunto a mim mesmo o que seria ámanhã este Algarve fertil, este Algarve uberrimo, se a pomicultura primitiva d'agora désse o logar á cultura do fructo racionalmente industrialisado e se das suas veigas agaralhadas podessem sahir um dia todos os productos agricolas que ellas podem dar.

E ainda não tinha construido na minha imaginação o El-dorado tão vagamente entrevistado quando o meu amigo me leva a almoçar. Dão-me peixe que é do melhor do mundo e envolvem-me n'essa hospitalidade que para os portuguezes é uma das melhores tradições. Por fim, trinco, deliciado, bagos tumidos de diagalves, que bem podiam ir á meza dos deuses...

Ah! Se os inglezes os apanhassem assim!...

Adelino Mendes

Poeira da Arcada

As ideias tomam sempre a indole das pessoas que as acceitam e defendem. Umas são delicadas e outras grosseiras, conforme os sentimentos humanos que as inspiram. Algumas cheiram mesmo a vinho, quando fermentam com as longas bebedeiras dos apostolos que as propagam. E como os limos na agua putrida, ha umas tantas que, nos peitos torvos, se alimentam do lôdo das feias paixões. São estas, principalmente, que provam que o homem traz dentro de si a sina do mau ladrão.

* * *

Blasco Ibañez, para exaltar a fé da França na victoria, diz que Paris não perdeu ainda o riso ironico dos seus dias estúrdios e felizes. Cremos que o chronista trahiu um pouco o seu amor á patria de Voltaire. Nunca a França tão seriamente pensou no seu destino. A sua confiança vem-lhe precisamente da coragem com que mediu o abismo em que a queriam lançar. Estremeceu, despertou, sacudiu os espectros que lhe annunciavam o seu fim e appelou para as forças invenciveis do seu genio. Este foi o seu milagre. Hoje não tem tempo para cultivar o scepticismo que é o creador das ironias e das graças falazes do engenho. A sua alma paira tão alto que lhe é mais facil chorar que rir.

* * *

Partiu hontem para França, em viagem de recreio. Que alegria e que leviandade na sua abalada! Que alto desdem para a patria que paga a sua mediocridade palreira, a sua elegancia de boneco! D'aqui a dois mezes conta regressar. Que trará elle no toutiço? Provavelmente, uns nomes de cidades, praias, lagos, monumentos e algumas anedoctas sobre mulheres e seus vicios. E assim municiado tornar-se-ha intoleravel de todo. Em torno d'elle as moscas girarão, como se fôra um torrão de assucar.

Melhoramentos do porto de Lisboa

O governo é auctorisado a gastar 5.000 contos

No «Diario do Governo» de hoje vem publicado o seguinte decreto:

Artigo 1.º—E' o governo auctorisado a levantar, mediante a emissão dos necessarios titulos de divida publica, até 5.000 contos (ouro ou equivalente) e a applical-os successivamente no porto de Lisboa á conclusão da modificação da doca de Alcantara e construcção do molhe oeste da doca de Santos, á construcção do molho leste da mesma, á construcção da 3.ª secção (de Santa Apolonia ao Poço do Bispo) e aos trabalhos do caes da Alfandega acquisição de material de equipamento, installação de carvão, armazens e outras obras complementares.

Paragrapho unico. Os titulos acima referidos serão isentos de impostos, do valor nominal e tipo de juro mais accommodados ás condições dos mercados financeiros, de modo que os encargos effectivos, incluindo a amortisação, não excedam a annuidade de 300.000$.

A amortisação effectuar-se-ha semestralmente, por sorteio ou compra no mercado, no prazo maximo de cincoenta annos. A respectiva annuidade será paga pela Junta do Credito Publico, para o que lhe serão entregues mensalmente, pelo conselho de administração do porto de Lisboa, as quantias necessarias.

A emissão será feita por uma só vez ou em quatro séries, a começar em 1 de Julho de 1914, sendo a primeira de 2.000 contos e as restantes de 1.000 contos, podendo o governo vender ou mobilisar os titulos nas melhores condições, quando o julgar opportuno.

Art. 2.º—Na hypothese de não convir ao conselho de administração do porto de Lisboa a collocação parcial ou total do emprestimo de que trata o artigo anterior, fica o governo auctorisado a contrahir um ou mais emprestimos até o limite referido, na Caixa Geral de Depositos ou em qualquer estabelecimento bancario, com taxa de juro não superior a 5 e tres quartos por cento.

Paragrapho unico. As importancias d'estes emprestimos não devem ter applicação diversa da auctorisada no artigo 1.º e seu paragrapho.

Art. 3.º—Os encargos do emprestimo ou emprestimos referidos, na sua totalidade, serão satisfeitos pelas importancias que forem ficando disponiveis das receitas annuaes da exploração.

Art. 4.º—Os recursos obtidos, nos termos dos artigos 1.º ou 2.º, serão gradualmente applicados com os limites seguintes: Modificação da doca de Alcantara e construcção do molhe oeste da doca de Santos, 1.000.000$; construcção do molho leste da mesma doca, 1.000.000$; construcção da 3.ª secção (Santa Apolonia ao Poço do Bispo), 1.300.000$; caes da Alfandega, acquisição de material de equipamentos, installações de carvão, armazens e outras obras complementares, 1.100.000$.

Paragrapho 1.º—Incumbirá ao conselho de administração do porto de Lisboa fixar a ordem de preferencia a dar á execução das obras acima mencionadas.

Paragrapho 2.º—O saldo que, porventura, resulte d'alguma d'estas verbas poderá, precedendo auctorisação do governo, ser destinado a reforçar qualquer das restantes.

A CRISE DAS SUBSISTENCIAS

Em volta do pão e do peixe

A carestia do trigo—Falam os lavradores—A pulverisação do trabalho e a miseria nacional

A conflagração europeia, revolucionando economicamente os paizes em guerra, suscitou tambem, ao mesmo tempo, em quasi todos os que se conservam neutraes ou fóra da contenda, o aggravamento das condições economicas, por uma natural repercussão tanto mais profunda quanto maior tem sido a dependencia em que se encontram das grandes nações productoras. Tal é o nosso caso. Mas, entre nós, o intenso reflexo da revolução economica originada no actual conflicto não só aggravou singularmente as difficuldades da vida nacional sob o aspecto economico, como veiu pôr em relevo os artificios mediante os quaes viemos arrastando até agora e continuaremos ainda a arrastar uma existencia em que os expedientes dilatorios de ordinario substituem as rasgadas medidas, de resultados permanentes e efficazes.

A attitude que o governo assumiu perante o problema do pão e que aos espiritos simplistas se afigurou d'uma pouco vulgar energia e de consequencias promptamente beneficas e fecundas não trouxe remedio á crise, pois que apenas deslocou a questão sem a solucionar. Quem reflectir um momento sobre o assumpto verificará a exactidão do que dizemos. O que se fez, com effeito? Determinou-se que o trigo existente fôsse dado ao manifesto na Manutenção Militar. Apurou-se que a moagem não estava fazendo, como se suppunha, uma especulação criminosa. Annunciou-se, por fim, que se podia garantir o fornecimento de pão no paiz, em face d'aquelle manifesto, até meados de outubro, quer dizer durante mez e meio...

O facto de se determinar que só á Manutenção Militar é permittido vender trigos levantou protestos dos lavradores, que as circumstancias collocam assim na maxima evidencia após os moageiros, que passam, d'esta arte, para um segundo plano. O sr. Brito Camacho, occupando-se hoje da situação da lavoura, diz em que consistem as reclamações dos lavradores de Beja. Entendem elles não poder vender o seu trigo á Manutenção pelo preço da tabella de 1899, «visto terem-no produzido em condições bem mais onerosas que nos annos anteriores» e tambem não o poderem «entregar em Lisboa á sua custa, sujeitando-se a descaminhos e quasi certas demoras no recebimento do seu dinheiro». Os lavradores consideram lei de guerra aquella que lhes foi imposta, sujeitam-se á restricção da liberdade de venda quanto ao preço e á natureza do comprador, mas, segundo o sr. Brito Camacho, desejam ser dispensados de exigencias que para elles representam grandes transtornos. E se o não forem? «Se o Estado se mostrar hostil para com os lavradores, tratando-os como inimigos confessos,— escreve o antigo ministro do fomento, — elles procurarão diminuir as suas relações com o Estado, o que, na hypothese de que se trata, viria a traduzir-se n'uma perigosa restricção de culturas».

Assim se deslocou o problema do trigo, para cuja solução os moageiros pareciam ser o unico grande embaraço, não o sendo, como afinal o não são tambem exclusivamente os lavradores, que não desfiguram a verdade quando affirmam ser muito mais onerosa do que nos annos anteriores a producção dos cereaes.

Ainda hontem no Bombarral se effectuou uma reunião de varios syndicatos agricolas, frisando-se n'essa assembleia a necessidade de se estabelecer uma tabella official de preços dos adubos, que augmentaram muito, como egualmente augmentou o custeio braçal. Os lavradores argumentam com essa carestia e com a elevação das jornas, quando asseguram que não podem vender o trigo pelo preço fixado na lei. Negará alguem que tenham razão? A verdade é que o trigo já se não adquire lá fóra pelo preço anterior e que o governo, adquirindo-o, ha de sobrecarregar, ainda mais do que até agora, o thesouro com o excesso, para o fornecer em condições acceitaveis ao publico... Quer dizer, em ultima analyse, que ao Estado incumbe attenuar a presente crise menos com quaesquer violencias que attinjam classes do que com sacrificios que envolvam todo o paiz e que, embora transitorios, são inevitaveis, como sejam os encargos que aos seus cofres acarretam essas despesas extraordinarias.

*

Se o problema do pão é dos que se não resolvem efficazmente de prompto, o do peixe, que n'este instante tambem se agita, não é dos menos complexos. Já aqui accentuámos a extrema gravidade do facto da venda, que está sendo feita para Inglaterra, dos vapores de pesca portuguezes, ignorando se por acaso algumas diligencias se empregaram no sentido de evitar o seu total desapparecimento, que equivaleria ao do proprio peixe. A commissão nomeada no congresso das subsistencias, que não deve perder de vista o importante assumpto, empenha-se por que muito brevemente sejam criados trinta postos de venda de peixe nos pontos mais populosos da cidade, ligados entre si telephonicamente, para em todos elles se vender o peixe por preços eguaes, impostos pela camara, sobre a base do preço da compra e mais o lucro para o vendedor limitado ao legitimo afixado em placards, sendo apprehendido todo o peixe que apparecer á venda por preço superior para ser vendido em seguida n'esses postos.

O que a commissão averiguou é verdadeiramente interessante e digno de registo. Os pescadores teem vendido a sardinha a 50 centavos o milheiro e os intermediarios vendem-na ás varinas a 8 centavos a duzia, ou seja a 4$50 o milheiro. As varinas não a vendem ao povo a menos de 5 centavos a duzia ou seja a 6$64 o milheiro. Averiguou ainda a commissão que o carapau que as varinas vendem a 2 centavos a duzia, tem sido vendido a 20 centavos o milheiro aos primeiros intermediarios, ficando assim a 1$66 o que custou 20 centavos e que a pescada e o peixe grosso foi vendido nos mercados Aloia á razão de 6$60 cada 60 kilos ou seja a 11 centavos o kilo e foi vendido ao povo á razão de 30 centavos cada kilo.

O estabelecimento dos postos de venda, já uma vez tentado, será agora possivel? Bom, optimo seria que o fôsse, mas ha que luctar com a pulverisação do trabalho, que afinal significa miseria, e que é o motivo por que o peixe chega ás mãos do consumidor por um preço tão elevado. A série de intermediarios que vae terminar na varina não é facil de destruir porque se apoia na legião numerosissima d'essas creaturas que calcurriam de canastra á cabeça as ruas de Lisboa e cuja actividade não teria immediata applicação se fôssem forçadas a abandonar o seu mister...

A causa fundamental da nossa crise economica póde, sem duvida, dizer-se que é uma velha e constante crise de trabalho. Não ha industria, não ha agricultura, não ha commercio, não ha navegação. Como póde haver riqueza? Um symbo-

---

FOLHETIM D'«A CAPITAL» —4-9-1915

FERNANDO BRANCO
1.º tenente da armada

A acção dos submarinos na actual conflagração

IV

OPERAÇÃO N.º 22: Grande avaria, em 17-6-915, do submersivel italiano «Medusa», no Adriatico, lançado á agua em 1910: custo, 60.000 libras; ton., 245/300.

Certamente de todas ellas a mais curiosa pelo inesperado e imprevisto que representa. Primeira operação de submarino contra submarino.

Muitas vezes se tem dito tambem, quando se discute a respeito de submarinos, que o ser-se apaixonado por essa arma representaria o desarmamento, porquanto combates só entre submarinos eram impossiveis!

Completo engano! E isso prova-o a operação que ora discutimos. O submersivel italiano «Medusa», que foi, por assim dizer, a mãe do nosso «Espadarte», pois que representa o primeiro do tipo ao qual aquelle pertence, e portanto com as mesmas caracteristicas, apenas com ligeiras differenças de detalhes, após audaciosas explorações no Adriatico, foi gravemente avariado por um submarino austriaco, morrendo cerca de 15 homens e sendo aprisionados 1 official e 4 praças.

Apesar de este facto se ter passado ha já cerca de mez e meio não houve ainda descripção alguma detalhada da operação á qual nos possamos reportar, muito embora tivessemos feito a maxima diligencia para isso. Todavia, no campo das hypotheses, podemos ainda dizer qualquer coisa sobre o assumpto.

Tres casos, em nossa opinião, se podiam ter dado:

1.º Navegavam ambos em immersão total, occasionalmente no mesmo local e um abalroamento se produziu de forma tal, que o mais avariado foi o «Medusa», não impedindo o abalroamento que elle viesse ainda á superficie e cinco pessoas fossem salvas. N'este caso devia ter contribuido para isso a falta do apparelho de S. S., que o «Medusa» não tem, e que muito provavelmente tambem o austriaco não tinha, dada a hipothese que não fosse dos mais modernos.

2.º O «Medusa» navegava de noite á superficie em região onde operavam, sem que elle o conhecesse, os submarinos austriacos, o que representa da sua parte uma grande audacia no serviço de exploração, como effectivamente foi annunciado.

N'essas condições, sendo avistado pelo austriaco, este, comquanto o uso do periscopio de noite seja limitado, immergiu a curta distancia, torpedeando-o efficazmente, como se elle fôsse um navio de qualquer outra especie.

3.º O «Medusa», tendo-se affastado da sua base uma distancia tal que reputou grande bastante para necessitar economisar a sua energia electrica, para que, caso o necessitasse, pudesse voltar a ella em immersão, navegava á superficie e teve uma avaria nos seus motores de combustão, ficando portanto a pairar até a remediar, ou mesmo até fazer a sua immersão estatica, tempo esse o bastante para ser avistado pelo austriaco e torpedado por elle.

Qual d'elles teria sido não o podemos sequer prever, deixando todavia aqui bem patente o nosso profundo desgosto por tal facto, visto elle se ter dado n'uma marinha que, se para nós representa o exemplo da correcção sob todos os pontos de vista, o seu pessoal é constituido, especialmente na parte de submarino, por distinctissimos camaradas que foram e serão nossos amigos.

Egualmente foi n'esse paiz que a nossa aprendizagem em tal especialidade se fez; foram os seus conhecedores engenheiros que com toda a gentileza sempre nos elucidaram, devendo-se destacar o celebre inventor Sr. Laurenti que sempre consideraremos como mestre e que foi o creador do «Medusa», e portanto da série d'esse typo de que aquelle foi mãe, como já dissemos.

Todas estas coincidencias se reunem de forma a que com grande pezar aqui lastimemos tão grande perda e consignemos os nossos profundos sentimentos aos nossos distinctos camaradas italianos, ao nosso digno e celebre mestre Laurenti e á muito briosa e valente marinha de guerra italiana.

OPERAÇÃO N.º 23: Avaria, em 21-6-915, do cruz. cour. inglez «Roxburgh», no mar do Norte: ton., 10.850; custo, 869.667 libras.

Mais um cruzador-couraçado foi torpedado em pleno Mar do Norte.

O «Roxburgh», cuja velocidade é de 23',5 e que certamente não navegava devagar em mares que, de ha um anno a esta parte, são frequentados insistentemente e sem que toda a especie de vigilancia — nem mesmo o celebre dominio dos mares, dado pela posse de uma formidavel esquadra de super-dreadnoughts, fundeados nos portos—o possa impedir, foi torpedado e avariado por um submarino allemão conseguindo seguir viagem.

Este facto é bem differente, muito embora não o pareça a todos, do facto de conseguir escapar ao torpedamento. Uma coisa é livrar-se e seguir indemne, outra é ser attingido e poder seguir viagem, pois que, se bem que o «Jean Bart», com centenas de toneladas de agua a bordo e anteparas aguentadas com pontaletes, tambem pudesse seguir viagem, o que é verdade é que tambem o torpedo que o attingiu, avariando-o apenas, tambem o podia ter attingido afundando-o. Bastava só que ou o torpedo estivesse melhor regulado ou o commandante do submarino fosse tão conhecedor como o eram aquelles que mais tiros efficazes teem feito.

OPERAÇÃO N.º 24: Afundamento, no Adriatico, em 24-6-915, do cruz. cour. italiano «Amalfi»: ton., 9.956; custo, 880.000 libras; vidas perdidas, 200.

Para apreciar as operações de submarinos ou mesmo as de qualquer outra arma naval ou terrestre, não basta tomar conhecimento com os despachos chegados do campo de operações.

Necessario se torna ponderar as suas palavras, obter confirmações, estudar e comparar factos e em seguida fazer a discussão technica, peor ou melhor, conforme as bases de que dispõe aquelle que a faz. Assim, por exemplo, a operação a que nos estamos referindo, que certamente a muitos passou quasi despercebida, representa apenas a perda de mais um «pequeno» cruzador de 9.000 toneladas, a accrescentar á «diminuta» lista de outros tantos «insignificantes» cruzadores e «velhos e obsoletos» couraçados! Ao contrario, é ella uma das mais notaveis, uma das mais caracteristicas e uma das que maiores ensinamentos dá áquelles que dizem que a guerra ainda não os deu em quantidade sufficiente!

Senão... vejamos:

A esquadra italiana, para obstar a que a austriaca, fazendo um novo «raid» á sua costa, a incommodasse com novo bombardeamento, avançou em explorações, «de noite»—reparemos bem—«com pharoes apagados e em formação de batalha».

A' frente, em exploração, os torpedeiros e scouts; aos lados, flanqueando, os destroyers; ao centro os cruzadores-couraçados. Pois muito bem. Apesar de ser de noite, apesar de seguirem com pharoes apagados, e em completa formação de batalha, seguindo todas as regras da vigilancia em mares que elles sabiam frequentados por submarinos inimigos, foi o «Amalfi» torpedado e afundado por um submarino austriaco, em tão pouco tempo, que morreram cêrca de 200 homens!

Nem o facto, considerado capital, de que o submarino serve para operar de dia, nem aquelle que diz que o periscopio de noite é escasso, nem o facto deveras importante de faltarem os pharoes dos navios, para as objectivas terem melhores pontos de referencia, nem ainda o facto de os cruzadores-couraçados seguirem envolvidos pela cintura de protecção dos navios velozes e ligeiros, nada d'isto obstou a que o submarino austriaco manobrasse com todo o sangue frio, lançando com a maxima segurança o seu torpedo, que surtiu um effeito maravilhoso — permitta-se-me o termo — escapando se completamente e salvo até entrar no porto de Pola, apesar de ter até ali sido perseguido inutilmente pelos torpedeiros italianos.

Convem que nem este facto nos passe despercebido, pois que, já de ha muito nós considerávamos inutil a perseguição de um submarino por torpedeiros ou destroyers, desde que o submarino tenha qualidades evolutivas e o seu commandante qualidades... de commandante de submarino.

OPERAÇÃO N.º 25: Afundamento, em 18-7-915, no Adriatico, do cruz. cour. italiano «Giuseppe Garibaldi», lançado á agua em 1899: custo, 800.000 libras. Victimas, cerca de 200.

Poucos dias depois da anterior, nova operação se produziu quasi em circumstancias identicas, porém, com a differença que esta serviu para demonstrar, conforme tambem já se tem dito, que os submarinos são de grande utilidade para evitar bombardeamentos ou pelo menos a sua continuação, como se deu n'este caso.

Uma divisão de cruzadores-couraçados italianos approximou-se da costa da Dalmacia bombardeando Cattaro e Quavoza, destruindo um deposito de machinas e uns quarteis.

Logo apoz o começo do bombardeamento foi assignalada a presença de submarinos austriacos e a divisão, retirando para o N a toda a força, foi atacada perto de Ragusa por um submarino austriaco, sendo torpedado e afundado em 15 minutos o «Giuseppe-Garibaldi» de 7.294 toneladas.

OPERAÇÃO N.º 26: Afundamento, em 21-7-915, no Baltico, do cour. allemão «Pommern»: ton., 13.040; custo, 1.314.000 libras.

Para que a apresentação da série, que abrange, como se sabe, um anno completo de guerra, seja deveras curiosa, precisava fechar com a operação de que agora nos occupamos.

Os submarinos inglezes, com a enorme audacia que os caracterisa, mais uma vez penetraram no Baltico e apoz varias tentativas o couraçado allemão «Pommern», de 13.040 toneladas, é torpedado e afundado rapidamente.

O submarino que este grande e valoroso feito praticou foi o inglez «E 9», que como sabemos foi o que abriu a série enumerada.

Foi este o seu terceiro feito. Abriu com o torpedamento do cruzador allemão «Hela», mais tarde afundou o destroyer tambem allemão «S 126» e por ultimo fecha a série afundando o «Pommern».

Foram a primeira e a ultima operações do primeiro anno de guerra, executadas pelo «E 9», que é brilhantemente commandado pelo tenente Max Herton. Coincidencia esta sem duvida notavel e que prova exuberantemente que o bom material, desde que seja manobrado por bom pessoal, torna-se optimo, valorisando duplamente as suas qualidades guerreiras.

* * *

Não deveriamos fechar por aqui a série de considerações que acabamos de fazer ás varias operações enumeradas sem fazermos notar que ultimamente tem augmentado de uma forma consideravel a actividade dos submarinos alliados nos Dardanellos, sendo estes estreitos, que pelos navios de linha ainda não o foram completamente, totalmente forçados por elles e chegando os submarinos alliados quasi em frente de Constantinopla, onde teem afundado barcos de munições, transportes de tropas e evitado que os abastecimentos da cidade se façam como anteriormente.

FIM

lo trasunto da nossa miseria está no pobre saloio que vem á cidade e a percorre d'um extremo a out-o para vender por alguns poucos vinténs duas mãos cheias de carneços que apregoa e conduz n'um cabazito, enfiado no braço.

.... ECHOS & NOTICIAS

INFORMAÇÕES — COMMUNICADOS

NOTAS MUNDANAS

Partiu para o Estoril com sua familia o sr. coronel Braz Mousinho de Albuquerque.

Encontra-se no Bussaco com sua esposa o sr. João Arroio.

Regressou do Porto o sr. João Nunes da Palma, chefe do gabinete do sr. ministro do fomento.

Regressaram a Lisboa os srs. João Sarava e Leopoldo Wagner.

Partiu para a Curia o sr. presidente do ministerio que deve regressar a Lisboa ámanhã, ou segunda-feira.

Declaração

O abaixo assignado vem publicamente affirmar que nenhum intuito politico ou menos patriotico teve quando em 26 de agosto passado subscreveu uma declaração sobre falta de farinhas, pois que unicamente teve a intenção de chamar a attenção do governo para a crise que suppunha vir a dar-se e prevenir o publico da situação. De forma alguma poderia ter em vista crear embaraços ao governo a quem está sempre prompto a prestar todo o seu concurso.

Thomar 4 de setembro de 1915.

Manuel Mendes Godinho.

O presidente eleito

Sessão de homenagem

Promette revestir desusado brilho a sessão solemne que uma commissão de republicanos, sem caracter partidario, promove n'um dos proximos domingos em homenagem ao presidente eleito da Republica.

Tem a commissão, que trabalha activamente, recebido valiosas adhesões, para que resulte imponente a festa que se propõe realisar n'um dos melhores theatros. Vae ser convidada a assistir a academia, que assim prestará homenagem ao grande cidadão que, sendo lente da Universidade, em 1907, se solidarisou com os estudantes por occasião do grande movimento academico em Coimbra.

Farão uso da palavra os melhores oradores dos partidos da Republica, e devem assistir á sessão todas as entidades officiaes.

Toda a correspondencia, provisoriamente, deve ser enviada para o largo da Graça, 122, 1.º, E.

O preço dos generos

Negociantes multados

A policia encarregada da fiscalisação do preço dos generos alimenticios multou os seguintes commerciantes: Francisco Gonzales & C.ª, rua dos Bacalhoeiros, 8; G. Gomes da Silva & C.ª, rua Eugenio dos Santos; Joaquim Bareta da Silva, rua do Loreto, 65; Manuel Antonio Esteves, rua Nova da Piedade, 32; Domingos M. Barbosa, rua do Mundo, 74, e Antonio Fernandes da Costa, de Aldegalega do Ribatejo, em 20 escudos cada um, por augmento do preço do bacalhau, e em 10 escudos Bernardo Duarte, calçada do Combro, 11, por elevar o preço da cebola. Os ovos baixaram 40 reis em cada duzia, sendo avisados os negociantes de que logo que vendam os ovos que teem em deposito os que comprarem só podem ser vendidos a 24 centavos a duzia.

O encalhe do "Republica"

Continuam os trabalhos de salvamento

Continuam com grande actividade os trabalhos de salvamento do cruzador Republica.

No ministerio da marinha foram hoje recebidos telegrammas do engenheiro encarregado dos trabalhos, dizendo que foram salvos os ferros e amarras sem intervenção estranha. O vapor Finisterre pedia 100 libras por esse trabalho.

Continua tambem sendo feito o salvamento de material diverso. A coberta protegida está quasi desencravada sobre as machinas.

Retiraram-se do paiol, que estava todo alagado, 74 granadas de 15.

Marinha de guerra

Um novo destroyer

A canhoneira torpedeira Tejo, que ha mais de cinco annos se encontrava no Tejo de Belem, foi rebocada para o poço do Arsenal, onde atracou, a fim de preparar para entrar no dique logo que saia o submersivel Espadarte.

Vae soffrer as modificações para a adaptação a destroyer conforme o projecto existente e já approvado.

A Tejo, que, como dissemos, estava no Tejo de Belem, encalhou em principios de 1910 no Cerro da Velha, Berlenga Grande, tendo tido a proa cortada de alto a baixo. Por diversas vezes tem vindo ao Arsenal para ser reparada, o que até hoje nunca se conseguira. No Arsenal existe já as novas machinas que lhe vão ser montadas.

Desastres no trabalho

Quando o cabouqueiro José Mendes, de 30 annos, natural de Mousão, morador na rua Maria Pia, 167, rez-do-chão, andava hoje trabalhando nas obras da doca de Santos, foi attingido pelos estilhaços d'um tiro de dinamite, tendo de ser conduzido ao hospital de S. José onde ficou na enfermaria n.º 4. Receia-se que fique cego.

Na enfermaria 5 do mesmo hospital deu entrada José Henriques Custodio, descarregador, morador na rua do Salvador, 47, 1.º, que foi colhido a bordo d'um vapor atracado em Alcantara por um cesto de carvão, ficando muito contuso pelo corpo.

Jantares concertos

Realisa-se ámanhã, no magnifico Casino de S. José de Alhamar, em Algés, o habitual jantar concerto dos domingos. No elegante palco-terrasse da esplanada do Casino, estreiam-se hoje as quatro irmãs Blanchard, que nos dizem serem formosissimas e artistas de grande merito.

Para o «menu» do jantar e programa do concerto, que vae publicado em outro logar, chamamos a attenção dos leitores.

A Musica na Avenida

E' o seguinte o programma que a banda da musica de infanteria 5 executa ámanhã, das 17 ás 20 horas no coreto da Avenida: «Joffre», passo redoublé, B. Costa; «Lilianne», simphonia, A. Jómmi; «Savo», Petrovich-Phantasia, G. Tarditi; Bailado da Opera «D. Carlos», Verdi; «Festa di Nozze», phantasia in 3 Tempi: I, «Movimento di gioia nel popolo»; II, «In Chiesa»; III, «Festa in famiglia», L. Montagne; Açoreano, passo dobrado, Campos.

ULTIMAS NOTICIAS

Na Camara dos Deputados

Um artigo de «A Capital» — Um requerimento do tenente Aragão — A reforma da policia

Sob a presidencia do sr. Azevedo Coutinho, abre-se a sessão ás 15 horas com 48 deputados presentes. Secretariam os srs. Balthazar Teixeira e Costa Junior.

D'ahi a pouco 56 deputados approvam a acta sem reparos e concedem mais algumas licenças, ouvindo, despreoccupadamente, ler o expediente.

Antes da ordem o sr. Costa Junior agradece o envio dos documentos que hontem pediu pelo ministerio da justiça, chamando em seguida a attenção do governo para uma local d'A Capital que trata da venda de vapores de pesca, o que considera um perigo, pois tendo sido apresentado um projecto de lei em que se regula o preço por que o peixe se deve vender, se o governo não tomar energicas providencias para evitar a venda d'esses vapores, dentro em pouco, apezar de toda a boa vontade, a escassez do peixe será um facto. Tem a dizer á Camara que o projecto apresentado por elle e pelos seus dois collegas foi optimamente recebido pelo publico, tendo só a opposição dos armadores e intermediarios, uns que desejam ganhar mais e outros para não perderem o que já hoje ganham. Chama, pois a attenção do governo para que tome todas as providencias que julgue necessarias.

O sr. ministro da justiça agradece as palavras amaveis que o sr. Costa Junior lhe dirige e declara que os documentos que mandou foi em cumprimento de um dever. Acha grave o assumpto a que o illustre deputado se referiu sobre a venda dos barcos de pesca e promette transmittir aos seus collegas as observações expendidas a fim de de se tomarem as necessarias e urgentes medidas de precaução.

O sr. Costa Junior volta ainda a falar dizendo que o governo com a auctorisação parlamentar já votada pode pôr em execução immediatamente o projecto relativo ao barateamento do peixe, assim como pode desde já evitar que a venda de mais navios se effectue. O sr. Catanho de Menezes affirma que o governo usará parcimoniosamente da auctorisação parlamentar, mas d'ella se servirá n'esta questão se tanto for preciso.

O sr. João Pedro de Sousa chama a attenção da camara para a bella iniciativa do Congresso Algarvio e pede ao sr. ministro do fomento que, como vae a esse Congresso, observe de perto todas as instantes necessidades d'essa linda provincia de Portugal.

O sr. Bernardo Lucas refere-se mais uma vez ás apprehensões do algodão-trama amarello feitas pelos fiscaes da Companhia dos phosphoros, promettendo-lhe o sr. Victorino Guimarães que vae enviar uma circular aos varios commandos para que taes factos se não repitam.

O sr. Sergio Tarouca analisa algumas verbas do orçamento do ministerio da instrucção, verbas que em seu entender reputa inexeitaveis, ao que o sr. ministro das finanças responde, dizendo que essas verbas foram votadas de accordo com o seu collega da instrucção e que portanto só elle lhe pode responder. Pela sua lado dirá porém que intervirá nas medidas do possivel para remediar esses inconvenientes.

O sr. Jayme Cortesão envia para a mesa um projecto de lei concedendo pensões ás victimas e ás familias das victimas do movimento de 14 de maio para evitar o espectaculo doloroso de se ver por ahi estendendo a mão á caridade publica. Pede para elle urgencia e dispensa do regimento.

O sr. ministro das finanças concorda com a doutrina do projecto, mas não o julgando em termos de ser immediatamente approvado acha melhor pedir apenas a urgencia a fim do projecto descer immediatamente á commissão de finanças para ser ainda hoje discutido, caso o que o auctor do projecto concorda e é approvado pela Camara.

O sr. ministro das colonias envia para a mesa o seguinte requerimento, que é lido:

Ex.mo sr. presidente da Camara dos Deputados. — Francisco Xavier da Cunha Aragão, tendo sido promovido ao posto de capitão do exercito pelo poder legislativo, e, considerando que tendo apenas cumprido com o seu dever não se acha com direito á distincção que lhe foi dada; considerando que foi promovido sem a apresentação do relatorio do sr. tenente-coronel Roçadas, commandante da columna de operações, sob cujas ordens serviu; considerando que não estando disposto a pôr nos braços os galões de capitão lhe seria penoso desobedecer á lei que o promoveu; considerando por todos estes motivos que está inhibido de acceitar a promoção — vem rogar a V. Ex.ª se digne apresentar este requerimento á Camara, a fim de que reconsiderando na lei que promoveu a capitão o tenente de cavallaria Francisco Xavier da Cunha Aragão, a annule, permittindo assim a este official o continuar a servir o exercito da Republica. Lisboa 1 de setembro de 1915. (a) Francisco Xavier da Cunha Aragão.

Baixou á commissão de guerra.

Passa-se depois á ordem do dia, requerendo o sr. Malva do Valle a contagem, o que se faz. Estão presentes 46 deputados. E a sessão continúa.

O sr. Alexandre Braga requer que seja posto á votação o seu pedido de urgencia e dispensa para a immediata discussão das bases da reforma da policia. Approvado. As direitas murmuram. Os srs. Moura Pinto e Malva do Valle protestam.

O sr. Mesquita de Carvalho pede a palavra para um negocio urgente — a opportunidade d'esta discussão. Concedida.

Usando da palavra envia para a mesa uma moção em que considerando da maxima importancia o assumpto e discutir o do mais largo alcance de interesse publico julga impossivel discuti-lo agora de afogadilho, com manifesto prejuizo para tão importante assumpto.

O sr. Moura Pinto diz que o facto da maioria ter trazido estas bases de improviso, inopinadamente, dá a perceber que não deseja se fizesse uma discussão ampla e larga da reforma da policia projectada. Concorda por isso com a doutrina da moção enviada pelo partido evolucionista e em nome da União declara que, perante tal attitude, o seu partido se abstem de entrar em qualquer discussão ou votação.

Em larguissimas considerações, o orador refere-se á situação creada pela parlamento perante a opinião publica. Não podemos nem mais um dia continuar aqui, e, n'este sentido, a União Republicana manda para a mesa uma moção, mais declarando que não receberá os subsidios que lhe cabem. Não abandona o mandato. Desinteressa-se, ficando á maioria a responsabilidade integra e absoluta do que se approvar.

Por entre, por vezes, violentos apartes, o sr. dr. Alexandre Braga defende a necessidade que ha de discutir agora, approvando-se, as bases hontem enviadas para a mesa.

E' preciso não acompanhar as campanhas anti-parlamentares movidas pelos inimigos da Republica. Não acha justas as palavras dos srs. Mesquita de Carvalho e Moura Pinto e espera que as minorias reconsiderem e as bases sejam discutidas e votadas. Assim o exige e o reclama a opinião republicana.

O sr. Antonio da Fonseca diz que a demora na apresentação do projecto, regulamentando a policia, não é culpa da commissão a que pertence. O mesmo declara o sr. Hermano Corte em nome tambem da commissão a que pertence. As commissões são, respectivamente, legislação e guerra.

O sr. Victorino Godinho, em nome da commissão de guerra, diz que devendo-se respeitar a vontade do sr. tenente Aragão e as suas razões apresentadas, envia para a mesa um projecto de lei em que se revoga a lei de 23 de agosto ultimo que promovia aquelle official ao posto immediato. Pede para este projecto, que já tem o parecer da respectiva commissão, urgencia e dispensa do regimento.

Posto este requerimento á votação é concedida a urgencia e dispensa, entrando desde logo em discussão.

O sr. Mesquita de Carvalho faz o elogio do caracter e dos feitos do tenente Aragão e diz que tudo isto se teria evitado se fossem ouvidas as suas palavras quando em 23 de agosto propunha que se aguardasse a publicação do relatorio do commandante Roçadas. Identicas declarações faz pela União republicana o sr. Moura Pinto, ambos declarando porém que votam o projecto apresentado.

O sr. Moura Pinto propõe ainda que no projecto de lei venham as palavras «a seu pedido», com o que concorda o sr. Victorino Godinho pela commissão de guerra. O sr. Alexandre Braga, em nome da maioria, fazendo justiça á honestidade e ao caracter do tenente Aragão, dá tambem o seu voto ao projecto que é approvado sem a emenda apresentada pelo sr. Moura Pinto.

E segue de novo em discussão a reforma da policia, falando ainda largamente em resposta ao sr. Alexandre Braga, o sr. Mesquita de Carvalho. Repete os seus argumentos. Não concorda e não vota.

Como tenha dado a hora, fala antes de se encerrar a sessão o sr. João Gonçalves, sendo marcada sessão para segunda-feira á hora regimental.

No Senado

Approvam-se muitos projectos de lei, com urgencia e dispensa do regimento

A's 14,30 abre a sessão, presidindo o sr. Correia Barreto.

Presentes 17 senadores e os srs. ministros da instrucção e fomento.

Approvada a acta e lido o expediente, varios senadores pediram urgencia e dispensa do regimento para os seguintes projectos de lei:

Desannexando a freguezia de Lordello do concelho de Paredes, e annexando-a ao de Paços de Ferreira;

Transferindo para o Estado os encargos do emprestimo contrahido pela camara de Lagos, para a construcção do caminho de ferro de Ferragudo á mesma cidade;

Collocando em Lisboa e Porto varios professores do ensino infantil e primario;

Auctorisando o governo a reorganizar os serviços de ensaios e resistencia de materiaes de construcção;

Mandando pagar á commissão regulamentadora do ensino normal;

Cedendo as ruinas do antigo convento de S. Francisco, da Ribeira Brava, para a installação do edificio das repartições publicas d'aquelle novo concelho;

Auctorisando a venda, por 72:000 liras, do edificio do Hospital Portuguez de Santo Antonio, em Roma;

Concedendo gratificação aos officiaes dos corpos fiscaes e da policia, em serviço no ultramar.

Antes de se tomarem deliberações sobre estes projectos, foram eleitos para a commissão de estradas os srs. Nunes da Silva e Herculano Galhardo.

Em seguida são approvados todos os projectos, para os quaes fôra pedida a urgencia, á excepção do respeitante á freguezia de Lordello, que foi regeitado na generalidade.

Approva-se sem discussão a proposta de lei auctorisando o abono de vencimentos aos funccionarios do ministerio dos estrangeiros que, por causa da guerra, não podem ir occupar os seus logares.

Do mesmo modo se approva a proposta incluindo no orçamento a verba de 4:000$00, relativa aos vencimentos do consul portuguez em Vigo.

Idem, a que concede pensões ás mães divorciadas, que tenham perdido os seus filhos na guerra.

Trata-se depois do projecto prohibindo a exportação de gado, emquanto durar a anormalidade produzida pela guerra europeia.

O sr. Paes Abranches diz que este projecto é mais um attentado á agricultura nacional. Pasma de que seja seu relator o sr. Vasconcellos Dias, que na ultima reunião legal da commissão de fomento declarára que não assignava o parecer, dizendo até que sahiria da commissão.

Póde prohibir-se a exportação de todo o gado, menos a do ovino e caprino, o que seria um grande prejuizo para a agricultura. N'este sentido manda para a mesa uma moção.

O sr. Estevão de Vasconcellos justifica o procedimento do sr. Vasconcellos Dias.

O sr. Vasconcellos Dias explica que não abandonou a commissão, tendo apenas discordado d'ella n'um ponto.

O sr. Faustino da Fonseca entende que, nas actuaes circumstancias, devemos prohibir toda a exportação.

O sr. Celestino d'Almeida acha melhor que o governo tome medidas d'esta ordem por sua conta.

O sr. Paes Abranches affirma que o sr. Vasconcellos Dias se nomeou a si mesmo relator.

A requerimento do sr. Faustino da Fonseca, proroga-se a sessão até se votar o projecto.

O sr. Estevão de Vasconcellos declara que, embora contra o regimento, o que não é novo, foi elle quem, na sua qualidade de presidente da commissão de fomento, escolheu o sr. Vasconcellos Dias para relator.

Esgotada a inscripção, foi o projecto approvado na generalidade.

O sr. Vasconcellos Dias lê uma declaração dos membros da minoria unionista, que não teem assistido á discussão, e na qual reconhecem a importancia do assumpto.

Na especialidade o projecto beou approvado, sem emendas.

A proxima sessão é na segunda-feira.

A chronica da roubalheira

Os gatunos entraram por meio de arrombamento na residencia do sr. Antonio Mendes de Lima, escrivão da 5.ª vara civel, rua da Trindade, 5, 1.º, e ahi revolveram tudo. O sr. Lima, que estava em Pombal com sua familia, chegou hoje a Lisboa, verificando que lhe haviam levado roupas no valor de 301 escudos, tendo escapado ao saque uma caixa onde estavam joias e objectos de prata. A policia investiga.

—Sophia Rodrigues, moradora na rua Domingos Tendeiro, 23, loja, foi presa a pedido de Antonio Francisco, residente na rua Vicente Valmor, lettra, S. L., que a accusa de lhe ter furtado um brilhante de grande valor e a quantia de 10 escudos.

—Queixou-se Augusto Pinto da Silva Tello, morador na rua de D. Estephania, 24, de que os gatunos lhe entraram em casa e lhe furtaram 6 toalhas de mesa, 24 guardanapos, uma porção de lenços, toalhas de rosto, 2 cortinados de seda, algumas colchas brancas, 1 panno de meza, 1 vestido bordado, 6 cobertores de papa e diversos pannos de costuha, não podendo precisar o valor do roubo.

A desannexação da freguezia do Salto

Sobre o conflicto havido por causa da desannexação da freguezia de Salto do concelho de Montalegre, recebeu hoje o senador sr. Madureira e Castro o seguinte telegramma:

MONTALEGRE, 4. — Ex.mo sr. Madureira e Castro — Senado — Lisboa. — O presidente da camara d'este concelho acaba de enviar ao presidente do Senado o seguinte telegramma: «Deputado Augusto José Vieira telegraphou ao presidente da junta de parochia da freguezia de Salto para que esta telegraphasse a v. ex.ª, o que effectivamente fez em 2 do corrente, dizendo serem falsas 30 assignaturas que figuram no protesto contra a annexação d'aquella freguezia a Cabeceiras de Basto. Contra tão insidiosos processos protestos perante v. ex.ª e perante o ex.mo Senado, o mesmo fazendo a camara da minha presidencia, e garantimos que taes assignaturas são verdadeiras. Os parochianos de Salto vão novamente protestar perante um notario contra a violenta annexação, caso este assumpto fique addiado para a proxima legislatura. — Victor Branco.

A confirmar este telegramma, foi pelo mesmo senador recebido um telegramma dos membros da junta de parochia de Salto protestando contra o procedimento do seu presidente, que telegraphou em nome da junta, sem que esta d'isso tivesse conhecimento e sem que a tivesse consultado. A maioria da junta protesta egualmente contra o projecto de desannexação da freguezia de Salto do concelho de Montalegre.

Congresso regional algarvio

Votação de theses e regulamentação do jogo

PRAIA DA ROCHA, 4. — O congresso votou hoje as seguintes theses: «Zona de turismo», apresentada pelo sr. Thomaz Cabreira, «Kurtaxe», apresentada pelo sr. Manuel Emygdio da Silva, e approvou por unanimidade uma proposta para a regulamentação immediata do jogo. Presidiu o sr. Oliveira Pires.

Foram apresentadas no congresso mais duas theses: uma pelo sr. José Parreira, «Cantos, Musicas e Danças» em que aprecia as danças e cantos populares do Algarve e a necessidade de conserval-os como caracteristica regional; outra pelo sr. Vasconcellos Correia, «Caminhos de ferro do Algarve» em que defende a ideia das camaras municipaes serem auctorisadas a contrahir emprestimos para o estabelecimento, transformação ou melhoramento d'uma estação de caminho de ferro dentro do respectivo concelho.

O sr. ministro do fomento, acompanhado do chefe do seu gabinete, sr. João Palma, e director geral da agricultura, sr. Camara Pestana, segue hoje, pelas 20 horas e meia, para a Praia da Rocha, onde vae assistir ao congresso.

Os evolucionistas

Resolvem affastar-se dos trabalhos parlamentares

A minoria evolucionista reuniu hoje n'uma das salas do Congresso para fixar o caminho a seguir na marcha dos trabalhos parlamentares.

Embora a reunião fôsse de caracter reservado consta-nos que n'ella se resolveu o seguinte: abstenção absoluta na continuação dos trabalhos deixando á maioria da Camara a responsabilidade de quaesquer projectos que venham a approvar-se e fiscalisando intransigentemente o funccionamento legal das sessões que a maioria deseja ainda effectuar.

Barcos de pesca vendidos

Para completar a informação que ha dias démos ácerca dos barcos de pesca vendidos a estrangeiros, podemos hoje dizer que os que já o foram são: Vasco da Gama, que era propriedade do sr. Wiese; Cabo Verde e Chiro, do sr. Casimiro José Sabido; Maria Amelia, do sr. Villarinho; Rio Tejo, do sr. Joaquim Pessoa.

Em ajuste para venda estão os seguintes: Aida Benvinda, do sr. Pereira Bastos; Elite, do sr. Bensaude; Margarida Victoria, do sr. Cyrillo Laranjeira; Oito de Setembro, do sr. Moreira; Neptuno, do sr. Pereira da Costa, e Victoria Laura, do sr. Cilio.

A questão cerealifera

O Diario do Governo publicou hoje a seguinte lei, regulamentando a venda de farinhas e de trigos:

Em nome da Nação, o Congresso da Republica decreta, e eu promulgo, a lei seguinte:

Artigo 1.º — A partir da data da publicação d'esta lei e até ao fim do anno cerealifero de 1915-1916, todas as fabricas de moagem matriculadas excepto as que unicamente forneçam farinhas para o fabrico de massas e de bolachas, e todas as fabricas que se fabriquem farinha em rama, serão obrigadas a produzir tres typos de farinha de trigo (1.ª, 2.ª e 3.ª qualidades), com as percentagens de extracção de 16, 36 e 23 por cento ao preço de $13, $09(6) e $08(3) por kilogramma na cidade de Lisboa e os mesmos preços accrescidos de $00(7) na cidade do Porto.

Paragrapho unico. O governo fica auctorisado a limitar o preço da venda das farinhas em rama, peneiradas e espoadas.

Art. 2.º — As fabricas de moagem não poderão impôr a venda de qualquer qualidade de farinha, juntamente com outra que lhe seja pedida em quantidades que não estejam em proporção com as percentagens de extracção estabelecidas no artigo anterior, designadamente tres saccas de farinha de primeira, seis de segunda e quatro de terceira.

Art. 3.º — O trigo nacional não poderá ser vendido por preço superior ao da tabella a que se refere a base 1.ª da lei de 14 de julho de 1899. E' absolutamente prohibida a sua exportação.

Paragrapho unico. O que pretender exportar ou effectivamente exportar trigo nacional pagará a multa de $4 por cada 100 kilogrammas, perderá o trigo quando possa ser apprehendido e ficará sujeito a quaesquer outras penalidades estabelecidas para os casos de contrabando.

Art. 4.º As vendas de trigo nacional só serão feitas a peso, devendo o governo regulamentar a fórma de se determinar o peso especifico.

Art. 5.º — A fim de se determinar a existencia de trigo nacional, proceder-se-ha ao immediato arrolamento das quantidades na posse dos productores e detentores d'esse cereal, mediante declaração obrigatoria dos mesmos.

Paragrapho 1.º E' tolerada a differença em 5 por cento, para mais ou para menos, nas declarações de que trata este artigo.

Paragrapho 2.º As infracções ao disposto n'este artigo serão julgadas pelo competente juizo criminal e em Lisboa e Porto nos tribunaes de transgressões.

Art. 6.º As fabricas de moagem matriculadas são obrigadas a adquirir todo o trigo nacional que o productor fôr manifestado para venda, e que lhes será distribuido pelo Estado segundo a força productiva e laboração effectiva de cada fabrica devidamente comprovadas.

Paragrapho 1.º — O trigo nacional que haja de ser laborado pelas fabricas de moagem, matriculadas ou não, só pode ser adquirido pelo Estado, que o fornecerá ás fabricas, nos termos do artigo 3.º, aos preços da tabella a que se refere a base 1.ª da lei de 14 de julho de 1899 e mediante pagamento effectuado no acto da entrega.

Paragrapho 2.º Todo o trigo nacional que as fabricas a que se refere este artigo adquirirem, sem ser por intermedio do governo, será apprehendido e os donos multados na razão de $20 por kilogramma.

O governo mandará affixar editaes fazendo constar o disposto n'este paragrapho.

Art. 7.º — E' prorogado até 30 de novembro de 1915 o prazo da apresentação de requerimentos para a matricula a que se refere o regulamento de 16 de julho de 1899, artigo 48.º e a portaria de 30 de junho de 1900, artigo 5.º, unicamente para as fabricas de farinhas que provem:

1.º — Que não estiveram matriculadas nos ultimos tres annos;

2.º — Que não puderam completar as suas installações até 31 de maio do corrente anno, por motivo da guerra europeia lhes ter difficultado a importação de machinismos, e que a esse tempo tinham feito as suas encommendas.

Paragrapho unico. Além das verificações regulamentares para a admissão á matricula o governo mandará inquirir do fundamento das affirmações referentes á condição 2.ª d'este Artigo.

Art. 8.º — E' fixado em $00(1) por kilogramma o direito para o trigo que fôr importado.

Art. 9.º — Os lucros provenientes das transacções sobre trigo exotico serão escripturados em capitulo especial e serão destinados a fazer face aos encargos originados pela necessidade da regularisação dos preços dos generos alimenticios ou de garantia do abastecimento dos mesmos generos e ainda aos encargos resultantes da execução d'esta lei. Os saldos que porventura existam ao findar o anno economico corrente transitarão para o seguinte;

Art. 10.º A importação de trigo a que o governo está auctorisado no corrente anno cerealifero, será exclusivamente feita por intermedio da Manutenção Militar.

Paragrapho unico. Além da quantidade já auctorisada, a que se refere este Artigo, a Manutenção Militar poderá importar a que julgar necessaria á laboração das suas fabricas.

Art. 11.º — Emquanto vigorarem os preços das farinhas de trigo fixados no artigo 1.º d'esta lei, as fabricas de moagem matriculadas são obrigadas a receber o trigo exotico importado pelo governo, ao preço de $08(7) «cif» Lisboa, «cif» Leixões, «cif» portos das capitaes dos districtos insulares.

Art. 12.º — Fica o governo auctorisado, se fôr necessario para diminuir prejuizos para o Estado ou garantir o abastecimento de pão, a modificar o preço do fornecimento do trigo ou ainda os preços das farinhas, e, se tanto fôr necessario, os typos de pão.

Art. 13.º — Os fabricantes matriculados, para poderem despachar o trigo exotico que lhes fôr distribuido mediante os competentes pertences, deverão apresentar previamente na devida repartição das alfandegas:

1.º — Certidão authentica passada pela Secção do Fomento Commercial da Direcção Geral de Agricultura, indicando o numero de kilogrammas que estão auctorisados a despachar nos termos d'esta lei e seus regulamentos.

2.º — Certidão authentica, passada pela mesma Repartição, em que se prove ter o fabricante comprado toda a quota parte do trigo nacional, nos rateios realisados no anno cerealifero corrente.

Art. 14.º — Os pertences a que alude o art.º antecedente serão passados pela Manutenção Militar, e pela mesma entregues aos interessados em troca de documento authentico, que prove terem depositado no Banco de Portugal como caixa geral do Thesouro, as importancias, em dinheiro, do trigo exotico que lhes fôr distribuido.

Art. 15.º — Para obviar ás crises da alimentação publica em qualquer ponto do paiz o governo poderá fornecer trigo exotico ás fabricas não matriculadas, por intermedio da Manutenção Militar, ao preço estabelecido para a moagem matriculada, accrescido das despezas.

Art. 16.º — A importancia do trigo que couber a cada fabrica será considerada como credito do Estado que além do privilegio mobiliario especial, nos termos do n.º 1.º do artigo 883.º do Codigo Civil, gozará de privilegio immobiliario geral equiparado ao n.º 1.º do artigo 887.º do mesmo Codigo.

Art. 17.º — Se alguma fabrica se recusar a pagar, a receber ou a laborar o trigo que lhe fôr distribuido, ou se em geral desrespeitar o disposto n'esta lei, ser-lhe-ha retirada a licença para laboração, podendo o governo, se tal fôr necessario, para garantia da alimentação publica determinar que a Manutenção Militar tome temporariamente conta da fabrica ou fabricas para as pôr em laboração por conta do Estado. O trigo nacional pertencente ás fabricas ficará de conta do Estado, que o pagará ao preço da tabella official.

Art. 18.º — Nenhuma fabrica que tenha estado matriculada durante o anno cerealifero de 1914-1915 poderá sahir da matricula, nem a essas fabricas será permittida a laboração exclusiva de trigo nacional.

Art. 19.º — Fica absolutamente prohibido ás fabricas de moagem preparar e vender farinhas mixtas sob pena de $5 de multa por cada 100 kilogrammas e perda da farinha.

Art. 20.º — O pão de farinha de trigo será classificado, para os effeitos legaes, nos seguintes typos:

a) «Pão superfino de luxo», com qualquer peso, fabricado exclusivamente com farinha do typo de 1.ª qualidade.

b) «Pão de familia», com o peso de 500 grammas e fabricado com farinha de 2.ª qualidade;

c) «Pão de uso commum», com o peso de 1 kilogramma e fabricado com o lote de farinhas da 2.ª e 3.ª qualidades, entrando a farinha de 2.ª na proporção minima de 10 por cento;

d) «Pão economico», com o peso de 1 kilogramma e fabricado com farinhas não inferiores á 3.ª qualidade.

Art. 21.º — Os preços do pão de familia, do pão de uso commum e do pão economico não podem exceder nas padarias $10, $08 e $07 por kilogramma.

Paragrapho 1.º Todas as padarias de Lisboa e Porto são obrigadas a produzir estes tres typos de pão, em harmonia com o disposto nas alineas b), c) e d) do artigo anterior.

Paragrapho 2.º Para distinguir os tres typos de pão deverão adoptar-se as marcas ... X, XX, que serão assignaladas na côdea, excepto quando se trate de pão com feitios especiaes.

Paragrapho 3.º Os pães de familia de uso commum e economico não poderão ser vendidos com quebra superior a 5 por cento dos pesos dos respectivos typos. Em todos os casos porém a falta de peso nos pães de 500 grammas e 1 kilogramma deve ser sempre completada com contrapesos de pão do typo não inferior.

Paragrapho 4.º Fica o governo auctorisado a crear novos typos de pão se d'isso advier vantagem para a alimentação publica, quer na qualidade quer no preço.

Paragrapho 5.º Fóra de Lisboa e Porto o preço do pão será estabelecido pela respectiva Camara Municipal de accordo com a auctoridade administrativa (nas localidades onde não houver camara municipal será esta substituida pela junta de parochia) tendo em attenção os preços por que ficaram as farinhas nas localidades onde houver de ser fabricado o pão.

Art. 22.º — Fica o governo auctorisado, quando o julgar necessario, a permittir a livre entrada do pão por qualquer zona da raia.

Art. 23.º — A Manutenção Militar, a fim de auxiliar a fiscalisação, fornecerá a todas as auctoridades que as requisitem, responsabilisando-se pelo seu pagamento, amostras de diversos typos de pão.

Art. 24.º — Se o governo julgar necessario, a fim de normalisar os typos de pão, e como medida de repressão de fraudes, fica auctorisado a estabelecer casas de fabrico e venda de pão, podendo entender-se, para esse effeito, com as camaras municipaes ao auxiliar estas no estabelecimento de padarias reguladoras dos preços.

Art. 25.º — A Manutenção Militar são desde já commettidas todas as attribuições e correlativos direitos e deveres que pertencem á commissão de subsistencias, creada e modificada pelos decretos n.º 787, 1.274, 1.300, 1.364 e portarias de 10 de agosto de 1914 e 18 de janeiro de 1915, commissão na qual fica extincta.

Paragrapho unico. O governo nomeará os individuos que julgar necessarios para formarem um corpo consultivo sem remuneração, e auxiliarem o conselho gerente da Manutenção no cabal desempenho da missão que lhe é confiada.

Art. 26.º — No anno cerealifero de 1916-1917 serão concedidos aos proprietarios de trigo os seguintes premios:

a) Vinte premios de 400$ ás melhores producções de trigo obtido pelos melhores processos culturaes em areas não inferiores a 10 hectares e acima de 30 hectolitros por hectare.

b) Vinte premios de 100$ ás melhores producções de trigo obtido pelos melhores processos culturaes em areas não inferiores a 5 hectares e acima de 20 hectolitros por hectare.

Paragrapho 1.º O governo regulamentará as condições de concessão d'estes premios, devendo os productores que a elles pretendam concorrer declaral-o até 30 de outubro á Direcção Geral da Agricultura.

Paragrapho 2.º Os agricultores poderão requisitar á Direcção Geral da Agricultura todas as indicações de que necessitem para o melhoramento da sua cultura.

Art. 27.º Os premios a que se refere o artigo antecedente serão pagos pelos lucros que, porventura, obtenha o Estado na venda do trigo exotico.

Artigo 28.º Fica o governo auctorisado a despender, dos lucros a que se refere o artigo 27.º, até á quantia de 50.000$ com edificações, mobiliario material e gado para os estabelecimentos de ensino agricola e outras quaesquer despezas de installação.

Art. 29.º — No anno cerealifero de 1916-1917 será permittida a venda de trigo nacional por mais um decimo de centavo (até o limite de quatro decimos de centavo) por cada excedo que o preço do ... ... de 19 por cento sobre ... acima de ...

Art. 30.º E' o governo auctorisado a tomar as medidas necessarias para evitar a especulação sobre os adubos.

Art. 31.º — O governo providenciará no sentido de tornar effectiva a fiscalisação quer no commercio do trigo quer na extracção e venda de farinhas, quer no fabrico e venda de pão estabelecendo as penalidades necessarias para o rigoroso cumprimento das disposições contidas n'este diploma.

Paragrapho unico. A's infracções serão applicadas as penas de multa e perda de generos que reverterá a favor do Estado.

Art. 32.º A fim de fazer a revisão da tabella do trigo nacional e exotico a que se refere o artigo 39.º do regulamento de 16 de julho de 1899 a partir da promulgação d'esta lei para os effeitos dos artigos 1.º e 8.º das instrucções para o serviço de revisão de 18 de março de 1901 os fabricantes de farinha para panificação e para massas enviarão até ao dia 10 de cada mez, á Direcção Geral da Agricultura declaração por escripto das quantidades, pesos especificos e origem (nacional ou exotico) dos trigos que tiverem recebido, dos que tiverem moido e das quantidades e qualidades de farinha que tiverem produzido no mez anterior.

Art. 33.º A falta de cumprimento do disposto no artigo anterior importará na multa de 50$ da primeira vez, 100$ pela segunda vez e, por cada vez a mais que se repita, no producto de 50$ pelo numero de ordem da repetição da falta, sem prejuizo da applicação da penalidade indicada no artigo 17.º do regulamento de 1899.

Paragrapho unico. A applicação da multa será julgada pelos tribunaes de transgressões, em Lisboa e Porto, e no competente juizo criminal da respectiva comarca.

Art. 34.º Dentro de oito dias a contar da data da promulgação d'esta lei as fabricas de moagem matriculadas ou não, enviarão á Direcção Geral da Agricultura declaração escripta das quantidades, peso especifico e origem dos trigos que possuirem e das quantidades e qualidades de farinha que tenham armazenadas em suas fabricas, armazens, depositos ou succursaes á data d'esta promulgação, e das quantidades e qualidades de farinhas que fabricaram com trigo nacional e exotico desde 1 de agosto até essa data.

Paragrapho 1.º A falta de cumprimento ao disposto n'este artigo importará a multa de 1.000$.

Paragrapho 2.º A primeira declaração de que trata o artigo 32.º referir-se-ha ao espaço de tempo que decorrer desde a data da promulgação d'esta lei até o fim do mesmo mez.

Art. 35.º — Continua em vigor o regulamento para commercio de trigos e dos productos da sua farinação e panificação, de 16 de julho de 1899 e bem assim toda a mais legislação posterior que não contrarie as disposições d'esta lei.

Art. 36.º — O governo fará os regulamentos necessarios á execução d'esta lei.

Reclamações

Um jornal da [illegible] ministro da Allemanha [illegible] governo [illegible] allegações recentemente [illegible] publica.

Pode ser que assim seja [illegible] de ó que o sr. Rosen [illegible] governo portuguez [illegible] guerra rebentou [illegible]

O sr. commandante da policia

pede a demissão do seu cargo, e varios antigos funccionarios d'aquella corporação pretendem a reforma

Devido a umas apreciações feitas no parlamento pelo sr. dr. Alexandre Braga sobre a policia, o commandante da corporação, 1.º sr. coronel Tristão da Camara Pestana, pediu hoje a demissão do seu cargo. Parece que os restantes officiaes em serviço na policia, majores Penha Coutinho, 2.º commandante, e Amaral, capitães ... e Esmeraldo e tenente Ochôa ... acompanham o sr. Camara Pestana. O chefe Alexandre Morgado, que conta 35 annos de serviço e é o n.º 2 da ordem, pediu para ser aposentado, tendo tambem pedido a reforma os chefes Sarmento, Alves Dias, Amaral, Oliveira e Antunes e cêrca de 300 cabos e guardas.

Segundo consta, o governo nomeará interinamente novos officiaes para a policia e dará as aposentações requeridas, mas gradualmente, dentro das forças do respectivo cofre.

A grande guerra

As operações italianas contra os austriacos

ROMA, 4. — Official — No alto Rienz e no Monte Piana, o inimigo foi repellido com graves perdas. Na zona de Paralba e alto Piave, tomámos por uma acção habilmente dirigida, intrepida e tenaz o macisso do Monte Chiddenis e Monte Avanza, repellindo nós os subsequentes contra-ataques inimigos.

No Carso occupámos algumas trincheiras. Um dos nossos aviões bombardeou os acampamentos austriacos na estrada de Kostanjevica a Vouzes. — (Havas).

O movimento naval em Inglaterra

LONDRES, 3. — O almirantado britannico annuncia que durante os 8 dias que terminaram no dia 1 do corrente entraram ou sahiram dos portos da Gran-Bretanha 1353 navios, dos quaes foram afundados ou apresados 3 pelos submarinos allemães, sendo a grossa tonelagem d'aquelles 6750 toneladas. Não foram afundados nem apresados nenhuns navios de pesca. — (Havas).

A lucta no theatro occidental

PARIS, 3. — Communicação official de hoje ás 23 horas — Bombardeamento violento e reciproco n'um grande numero de pontos da linha, principalmente em Artois, no sector de Loretto e em Neuville.

Entre o Somme e o Oise, na região de Fouquescourt, Dancourt e Cilloloy, na Champagne nos arredores de Souain, na Argonne e na linha da Lorena, no valle de Bemabois e nos arredores de Gondrexon e Chazelles houve canhoneio, o mesmo succedendo nos Vosges, na região de Lesseux e no Barrenkopf. (Havas)

Confirma-se a tomada de Grodno

GENEBRA, 3. Telegraphiam de Berlim que os allemães transpuzeram o Niemen e tomaram Grodno, depois de combates que se travaram nas casas. — (Havas).

Pensões a ecclesiasticos

O Diario do Governo publica hoje o decreto concedendo a pensão a que se refere a lei da separação aos reverendos Henrique Rodrigues y Rodrigues e Antonio Mello, parochos, respectivamente, das freguezias da Graça do Divor, Evora, e João Antonio, Guarda.

PEQUENAS NOTICIAS

Da revista «O Arauto» sahiu o numero 8, que se apresenta, como de costume, muito interessante na parte litteraria e na destinada a annuncios, muito bem illustrado.

—Na enfermaria provisoria do hospital do Desterro deu hoje entrada Manuel José Rodrigues, ferro-velho, de 66 annos, morador na rua Marquez de Fronteira, terras do Seabra, que ao seguir pela rua Marquez d'Alegrete com um sacco ás costas cahiu por lhe terem puxado pelo sacco, fracturando uma perna.

Horario de trabalho

Por portaria hoje sahida no Diario do Governo, foi fixado o trabalho effectivo diario na industria de pintura em 8 horas, não podendo ir além de 48 por semana.

NOTAS DIVERSAS

O sr. ministro da justiça mandou publicar no «Diario do Governo» os relatorios e contas de gerencia de 1913-1914 da commissão central da lei de separação e mandou louvar essa commissão pelo zelo e intelligencia com que se tem desempenhado do seu cargo.

—Foi exonerado, a seu pedido, de governador civil de Vianna do Castello o sr. dr. Rodrigues Baptista e nomeado para o mesmo cargo o sr. Daniel José Lourenço Junior.

—A' assignatura presidencial, pela pasta da marinha, foram hoje os decretos nomeando para exercer o cargo de commandante do vapor Lima o 2.º tenente Manuel da Cunha Rego Chaves e mandando regressar ao serviço da arma o 2.º tenente auxiliar do serviço naval José Martins.

—As matrizes da contribuição industrial relativas ao corrente anno estão patentes nas repartições de fazenda dos quatro bairros desde o dia 16 ao dia 21, das 10 ás 16 horas.

—Uma commissão de professores das Escolas Moveis do Estado, que pelos bons serviços prestados mereceram ser reconduzidos na terceira missão e gratificados com 25$ durante os mezes de agosto e setembro, procurou hoje o ministro da instrucção para o cumprimentar e agradecer-lhe a resolução, bem como aos srs. dr. Sousa Junior, dr. Balthazar Teixeira, Teixeira de Azevedo e Bernardo Gomes.

Reclamações operarias

Uma commissão de socios da Associação de Classe dos Fragateiros de Lisboa procurou hoje o sr. governador civil de quem solicitou a intervenção, a fim de conseguir que lhes seja concedido o augmento de 20 0/0 conforme as suas reclamações. Os fragateiros publicaram hoje e fizeram distribuir um manifesto em que expõem as suas reclamações e contradictam o manifesto dos proprietarios de fragatas.

Loteria de Lisboa

Numeros mais premiados

4471	20:000$
3819	2:000$

1479	600$	2026	100$
1798	200$	1067	100$
4331	200$	2561	100$
4682	200$	2580	100$
994	100$	4385	100$
1529	100$	4386	100$

SPORT

A gymnastica nas escolas primarias

Nos extractos jornalisticos da sessão camararia de ante-hontem, lemos o seguinte:

«O sr. Corvinel Moreira referiu-se á sua proposta, approvada pela commissão executiva n'uma das ultimas sessões, para o restabelecimento do ensino da gymnastica sueca; d'aquella que a sciencia aconselhasse. O n.° 4 d'aquella proposta alvitra que os professores auxiliares, cuja nomeação seria proposta pelo inspector, sejam admittidos a titulo provisorio, podendo, no fim de um anno, em que tenham revelado as suas aptidões, tornar-se definitiva a sua nomeação, e que o vencimento mensal d'aquelles professores auxiliares seja de 15$00.

O orador observou que, ao apresentar a sua proposta, ignorava a obrigatoriedade do serviço de gymnastica nas escolas e declara causar-lhe admiração que, de 80 escolas, apenas em seis esse ensino seja ministrado, como fôra informado por uma commissão de professores dos referidos estabelecimentos, que lhe declararam ensinarem a gymnastica nas suas escolas e que, tendo sido admittidos n'essas condições, não deveriam ser gratificados por tal motivo. O procedimento de taes professores, dispensando a gratificação, é digno de elogio. Tambem outros professores, os das escolas onde não se ensinava a gymnastica, lhe tinham declarado que estariam a ministrar o referido ensino e se o não faziam era por as casas das suas escolas o não permittirem. Conclue o orador por apresentar a seguinte proposta, que foi approvada por unanimidade:

«Proponho que se elimine da proposta que apresentei na ultima sessão a parte do artigo 4.° que começa nas palavras: «E para que se inicie»—até no fim do mesmo artigo e que se accrescente o artigo seguinte.

Artigo 5.° Logo que seja nomeado o inspector, submetterá este os differentes professores das escolas centraes a uma prova de gymnastica e indicará á Camara quaes os que estão habilitados a fazer este ensino».

Esta proposta veiu confirmar, com manifesto agrado nosso, que o concurso para inspector de gymnastica nas escolas primarias tem de ser duro, exigente e absolutamente comprovativo do merecimento dos classificados. Porquê? Pela simples razão de que o inspector «tem de examinar», seleccionando ou eliminando depois, os professores primarios que até agora já ministraram gymnastica.

Ora...

Alguns professores primarios de Lisboa sabem instruir perfeitamente os seus alumnos. Uns já foram organisadores de «paradas» gymnasticas, com muito brilhantismo; outros fizeram na Escola Normal a sua gymnastica. Consequentemente, o inspector tem de ser superior a elles em conhecimentos. Tem portanto de ser mais que um instructor e que um professor.

Assim...

O sr. dr. Corvinel Moreira, ponde de banda palavriados e criticas, seguindo apenas o seu desejo de fazer uma boa obra, tem de exigir um grande concurso em que o inspector se mostre «instructor, professor e pedagogo».

Como os adeptos da gymnastica sueca são alguns em Portugal e exaggeradamente partidarios d'esse systema, cremos... devem pelo menos exigir ao sr. dr. Corvinel Moreira que o inspector saiba o que na Suecia se requer. Se não fôr assim procure a Camara Municipal no seu professorado quem ministre gymnastica. E' que encontrará por lá quem seja excellente instructor.

Mas o que exige a Suecia? O seguinte: Para ser um instructor de gymnastica: —theoricamente: anatomia, gymnastica pedagogica, gymnastica militar e esgrima, phisiologia; «praticamente»: exercicios de gymnastica pedagogica, de gymnastica militar, manejamento de armas, exercicios pedagogicos ou d'ensino.

Para ser professor de gymnastica—theoricamente: anatomia, phisiologia, higiene, mechanica dos movimentos, gymnastica pedagogica, gymnastica militar, principios fundamentaes para dirigir o ensino, gymnastica medica principalmente a que se refere ás creanças doentes; «praticamente»: exercicios de gymnastica pedagogica, de gymnastica militar, esgrima, exercicios para saber dar lições nas escolas, exercicios de gymnastica medica.

Nota do dia

Morreu Alvaro Gaspar

O «foot-ball» portuguez está de luto porque morreu hontem um dos seus mais valorosos «players» Alvaro Gaspar, que honrou muitas vezes em desafios internacionaes e sempre nos campeonatos da Associação o grupo do Sport Lisboa e Bemfica. Foi um dos jogadores que salientou a sua personalidade athletica. Impôz-se. Creou partidarios e tambem pelo seu caracter, de feitio modesto, delicado e grato, conquistou amigos. E foram dois d'esses amigos, os srs. dr. Antunes dos Santos e Francisco Calleja que lhe prolongaram mais alguns mezes a existencia, levando Alvaro Gaspar para o ar vivificador da praia, com o producto de festas em que a imprensa collaborou.

O Sport Lisboa e Bemfica perde um dedicado consocio e o «foot-ball» um grande jogador.

Que descance em paz.

Algumas anecdotas

E Francisco Padinha levava tudo...

O hercules Francisco Padinha, que é um phenomenal homem de força, cuve com certa difficuldade. Ha quinze dias, entrou n'uma mercearia e pediu uma coisa qualquer no momento em que o patrão e o marçano estavam discutindo quem levaria uma respeitavel carga de bacalhau, de mais de 200 kilos, a casa d'um freguez.

—Mas como se ha de levar?

—Não sei. Isto é muito pesado. E' carga para um brutol...

N'isto, o caixeiro que servia Padinha quiz tambem dar opinião sobre o assumpto e voltando-se para o patrão inquiriu:

—Mas qual será o animal que leva isso?

Padinha percebeu só o final da phrase e respondeu a seguir:

—Levo eu.

Noticias

ENTRE NÓS

Sport Lisboa e Bemfica

Os novos corpos gerentes d'este club eleitos em sessão de assembleia geral, para a época de 1915-1916, ficaram constituidos da forma que segue: Assembleia geral: presidente, dr. João Carlos de Mascarenhas de Mello; vice-presidente, dr. Alberto Lima; 1.° secretario, João de Carvalho Persenio; 2.°, Julio Ribeiro da Costa; direcção: presidente, dr. José Antunes dos Santos Junior; vice-presidente Eduardo Conceição Silva; 1.° secretario, Eduardo Martins Pereira; 2.°, Eduardo Cerveira Serra; thesoureiro, Henrique Jayme Ferreira de Sousa; 1.° vogal, Francisco Alberto da Silveira; 2.°, Alberto dos Santos; conselho fiscal: presidente, Alfredo Silveira Avila de Mello; secretario, Julio da Silva Nascimento; relator, Antonio Ribeiro Reis.

Travessia do Tejo a nado

E' amanhã que se realisa a importante prova annual de natação do kalendario sportivo do Club Naval, disputando-se pela segunda vez a «Taça Silva Carvalho» que o Club Naval ganhou no anno anterior.

Os clubs inscriptos são o Sport Algés e Dáfundo, Gymnasio Club Portuguez e Club Naval, sendo as «equipes» formadas pelos seguintes: «Do Algés», Bessoni Basto, João Duarte Gulbeche, Manuel Moniz, Edmundo Cunha, Raul Cordeiro e Gilberto Borjejo; do «Gymnasio», João e José Formosinho, Antonio Vieira Caldas, Fernando Bordallo Pinheiro, Manuel Correia e Sousa Brandão; do «Club Naval», Arnold Stocker, Ryder da Costa, Oliveira Duarte, Thomaz d'Aquino, Henrique Telles e Augusto Dias da Silva.

Cada nadador será acompanhado por uma «chata», dentro da qual seguirá um homem da sua confiança.

Um dos barcos de motor serve unicamente para o serviço de saude, para mais rapidamente se prestar o devido soccorro em caso accidental.

O serviço de saude irá completo n'esse dia, sob a direcção do medico dr. Fernando Pessôa e do enfermeiro official João Chrisostomo Teixeira, indo como ajudantes, Alberto Carneiro Jorge, conservador, Guilherme da Fonseca, Carlos Frieto, Esteves e Luiz de Magalhães. O club tem um vapor expressamente para transportar os nadadores e convidados á Trafaria, partindo do caes do club ás 9,30 horas da manhã.

A corrida promette ser interessante, pois reune 18 nadadores n'uma prova de importancia como a travessia do Tejo.

Convocações de «foot-ball»

O capitão do «team» infantil do Sporting Club de Portugal pede a comparencia amanhã, pelas 13 horas, no seu campo, dos seguintes jogadores: F. Costa, H. Vieira, C. Vieira, Salter, C. Cousigliari, Silveira, F. Bugalho, A. Bruno, J. Reis, J. Serrano, M. de Sousa e R. Sousa.

Escoteiros em Portugal

Grupo n.° 8—Carmo.—O domingo passado foi um dia cheio de animação para os escoteiros d'este grupo.

Dirigiram-se cerca das 8 horas, em dois turnos, do jardim de Santos para a Tapada da Ajuda, em exercicio de exploração, tendo o segundo turno seguido passo a passo a pista do primeiro.

Reunidos na Tapada, foram as patrulhas do «Lobo» e do «Veado», encarregadas de estabelecer uma linha de sentinellas dividindo a Tapada em duas zonas, norte e sul, com o fim de evitar a passagem da patrulha do «Tigre», da segunda para a primeira d'aquellas zonas.

Este exercicio, que pela fórma como decorreu muito enthusiasmou os escoteiros, deu logar a agradaveis peripecias pois os dois partidos empenhavam-se por vencer, cabendo afinal a victoria á patrulha do «Tigre», que conseguiu illudir a vigilancia d'uma sentinella distrahida, visto que todas as outras estavam perfeitamente occultas.

Esta patrulha atravessou a linha, valendo-se da astucia e coragem, e executando de rastos uma boa marcha.

Depois do lanche e de um pequeno repouso, além de diversos exercicios de parada, organisaram-se corridas de velocidade e resistencia, prestando um dos escoteiros algumas provas para a segunda classe.

Fizeram-se egualmente alguns exercicios de saltos em altura, em comprimento, á vara, ascensões a arvores, etc.

Só com o auxilio de cordas e varas e cada escoteiro com os seus recursos, tendo apenas a vigilancia dos seus instructores, desceram a uns subterraneos que se lhes depararam, exercicio que lhes foi bastante util, pois apenas tinham de contar com a sua energia visto que haviam de içar-se a si mesmos, n'uma disposição analoga ás das rolhanas.

O regresso fez-se ás 17 horas.

Na nova séde, rua da Magdalena, 91, 4.°, continuam a prestar-se todos os esclarecimentos sobre a admissão de novos socios. No domingo ha exercicio.

Esgrima em Santo Amaro

Na distribuição de premios aos esgrimistas, realisada no dia 29 em Santo Amaro de Oeiras, foi feito um agradecimento á imprensa, aos esgrimistas, aos concorrentes e ao jury do campeonato, que os organisadores pedem que por intermedio da «Capital» se torne extensivo a toda a imprensa do paiz.

Os 150 kil. da U. V. P.

Na secretaria da U. V. P. abriu hontem, para se encerrar no dia 20, a inscripção para a prova classica de 150 kilometros da União Velocipedica Portugueza, que se realisa no dia 26, no percurso de Campo Grande, Encarnação, Sacavem, Povoa, Alverca, Alhandra, Villa Franca, Carregado, Villa Nova da Rainha, Azambuja, Cartaxo, Valle de Santarem, Santarem e volta a Lisboa pelo mesmo itinerario.

Como noticiámos, os premios para esta prova constam de medalhas officiaes da União e objectos d'arte no valor de 15$00, 10$00 e 6$00 escudos.

A proposito de desafios de «box»

Sr. redactor.—Lendo n'*A Capital* de 30 do corrente um artigo sobre desafios de «box» assignado pelo sr. Bazilio de Oliveira, em resposta a um desafio lançado, anteriormente, pelo sr. Maximiano José Domingos, cuja existencia no nosso planeta julgo um pouco duvidosa, e concordando, apesar d'isso, com parte do artigo do sr. Bazilio, e reconhecendo a razão que lhe assiste em lançar, correctamente, quantos desafios queira, na sua qualidade de campeão de Portugal, discordo, porém, no restante vendo-me na dura contingencia de dizer alguma coisa a este respeito, vindo assim, contra os meus habitos, fazer jornalismo.

Refiro-me ás allusões de exhibicionismo plastico nos clubs, o que acho infundado porquanto, como v. muito bem sabe, os exercicios devem ser praticados, com respeito a «equipe», o mais simplesmente possivel.

Mais me refiro ao muito amor que o sr. Bazilio diz certos «sportsmen» terem á pelle, esquivando-se a combates, o que eu, no meu entender, acho uma fórma delicada de chamar a estes cobardes, parecendo querer á viva força obrigar todos os portuguezes a passarem-lhe pelas mãos.

Ora, como eu, ha e eu conheço innumeros homens que praticam exercicios, tendo em vista unica e simplesmente uma boa saude e tambem um bom moral e não para a galeria nem para «epater les borgeois».

Outros tambem, como eu, não estão dispostos a supportar «treinos» longos e fastidiosos, como o «box» por exemplo, para o qual é necessaria uma longa e massadora preparação, para se poder combater devidamente dentro das innumeras convenções da «nobre arte».

Certo estou que todo o athleta, organicamente bem constituido, é susceptivel de ser tão bom «boxeur» ou melhor que outro qualquer «treinado». Mas, pelo facto de eu e tantos outros apenas praticarmos «sport» por mera medida hygienica e não estarem dispostos a acatarem os muitos convencionalismos do «ring» não dou a ninguem o direito de me chamar cobarde, porquanto cobarde só é o que na rua volta as costas a outro que lhe queira bater e eu prezo-me de nunca as ter voltado, nem tencionar voltar.

E com respeito á nossa exhibição de plasticas, pela minha parte prometto ao sr. Bazilio de Oliveira que de futuro me exercitarei de sobrecasaca, pois assim não verão as minhas estonteantes fórmas senão muito superficialmente. E com isto ponho ponto nas «exhibições» jornalisticas. Agradecendo a publicação, subscrevo-me com toda a consideração, *Joaquim Mario Ribeiro.*

—Sobre estes assumptos de «box», recebemos mais a seguinte carta: *Sr. dr. José Pontes.*—Ha já dias que vi na secção de um jornal que v. mui criteriosamente dirige um «repto» do sr. Bazilio de Oliveira a todos os «boxeurs», fazendo esse senhor saber aos desafiados que ia partir para o norte para «treinar» e que na volta combateria um por um todos os oito dias. Rogo a v. a finesa de por intermedio do seu jornal fazer saber ao sr. Bazilio d'Oliveira que fico aguardando a sua chegada para com elle fazer um «match» de seis «rounds» com luvas de seis onças.—*José Agostinho Pereira*, o boxeur mais leve, 67 kilos, e campeão dos «meios-medios».

Exposição de cães

Sr. redactor do jornal A Capital.—Permitta-me v. que pelo seu mui lido jornal, sempre attencioso para os alvitres e reclamações do publico, venha apresentar ás Ex.mas e mui dignas direcções da Sociedade Protectora dos Animaes e da revista «A Caça» o seguinte:

Realisar no proximo inverno—novembro ou dezembro—uma exposição canina, cujo fim era para o apuramento das melhores raças de cães, especialmente de caça.

Ha annos, e se não estou em erro, realisou-se uma nos terrenos da praça Marquez de Pombal, que foi muito concorrida pelo publico e expositores.

Desde então mais nenhuma se realisou, ao contrario do que succede, especialmente em Londres, onde se realisam tres e quatro exposições annuaes.

Creio bem que esta minha carta terá do publico em geral e mui principalmente dos caçadores o melhor acolhimento.

Agradecendo a v. a publicação, sou,

Um caçador.

«A Capital»

Vende-se nos Recreios Desportivos da Amadora.

Festas associativas

Realisa-se amanhã, pelas 17 horas, na séde da Federação da Construcção Civil, escadinhas da Olaria, uma velada social a favor de Bartholomeu Constantino, representando o Nucleo Juventude Syndicalista *Os vagabundos*, *O canalha* e *Desperlando*, havendo canções educativas e canções nacionaes, além d'um duetto anti-clerical.

Na Academia Recreativa de Lisboa, promovida pela commissão administrativa, ha amanhã recita com a comedia *Aventura complicada*, seguindo-se baile.

TOURADAS

Campo Pequeno.—Realisa-se amanhã o espectaculo constituido por tres corridas na mesma tarde, sendo duas em *Divisão de praça*, genero de lide que pela primeira vez se effectua no Campo Pequeno, e em que toma parte a «quadrilha de niños sevillanos» assim como os novilheiros Regatero e Papaleta. O programma é o seguinte:

Corrida mixta: 1.° touro, para o cavalleiro; 2.°, Quadrilha de niños; 3.°, Luciano e Thomaz da Rocha; 4.°, dois novilheiros.

Divisão de praça: Duas corridas ao mesmo tempo: 5.°, Quadrilha de niños; 6.°, Xavier e L. Alves; 7.°, Salgado e Thadeu; 8.° dois novilheiros; 9.°, Quadrilha de niños; 10.°, Luciano e T. Rocha.

O gado pertence ás ganadarias de Emilio Infante e dr. Augusto Assis, d'Alhandra.

Os matadores de novilhos Manuel Belmonte e José Blanquito gosam de excellente reputação em Hespanha, onde teem obtido grandes ovações pela fórma brilhante e arrojada com toureiam.

JANTAR-CONCERTO

E' o seguinte o menu do jantar-concerto que amanhã se realisa no Grande Casino de S. José de Ribamar, em Algés.

POTAGE
Creme Santé
POISSON
Filet de soles Colbert
ENTRÉE
Poulets a la Valencienne
LEGUMES
Salsifis Poulette
ROTI
Contre-filet cresson
Salade de saison
ENTREMETS
Glace aux abricots
Patisserie variée

PROGRAMMA DO CONCERTO

1.ª PARTE

I	*Le Carnaval Romain*, ouverture	Berlioz
II	*Celebre serenade espagnole*	Albeniz
III	*Aires andaluces*, pot pourri	Lucena
IV	*El pobre Valbuena*, selection	Vallerde y Torrejosa

2.ª PARTE

I	*Tosca*, selection	Puccini
II	*Gavotte Joylle*	Lincke
III	*Rapsodia Popular Portugueza*	J. Paiva
IV	*Bi-be-bo*	Lerdo

No espectaculo da noite tomam parte as quatro irmãs Blanchard e os insignes artistas Los Villasiul.

Espectaculos

Cartaz de amanhã

POLITEAMA—A's 20,30 e 22,30—Não desfazendo... (Revista).
EDEN—A's 20,45 e 22,45—O diabo a quatro. (Revista).
COLISEU DOS RECREIOS—A's 21—Eva—Canções hespanholas.
MODERNO—A's 20,45—O cabo Simão.

Boatos e informações

Entre nós

Foi enorme o exito da esplendida operetta *Manobras de outomno* que a companhia Granieri alcançou entre nós. Hoje, no Coliseu dos Recreios, volta a cantar-se essa linda partitura e podemos dizer que o luxo de scenario e guarda-roupa em nada será inferior ao que se tem visto entre nós.

A distribuição das *Manobras de outomno* é a seguinte:

Cadete Marosi, Fernanda Razzoli; Baroneza Riss, Rosella Pangrazi; Treska, Elisa Patrizzi; Tenente Larenty, Amedeo Granieri; Cadete Wallestein, Adriano Marchetti; General von Lokoney, Ettore Razzoli; Lagos, Gioachino Soccardi; Stark faltore, Gaspari Favi; Tenente Etskes, Manlio Servini; Tenente Frik, Attilio Tosi; Fecete, Antonio Riccobono; Pareco, Silvio Collete.

Amanhã, a pedido geral, repete-se a Eva e Fernanda Razzoli, como na noite da sua festa, cantará belles canconetas hespanholas e o fado portuguez, que lhe valeram tão merecidas ovações.

Circos & Music-halls

SALÃO DA TRINDADE—A's 20 e 22—Companhia infantil—O collar da princeza.

ANIMATOGRAPHOS E CONCERTOS—Olympia e Paradis, *matinées* diarias e sessões á noite; Central, Chiado Terrasse, Salão Foz, Rocio; Sociedade Promotora de Instrucção, em Alcantara, sessões ás quintas feiras, sabbados e domingos.

CINEMATOGRAPHOS OU ESPECTACULOS VARIADOS—Chantecler, Imperio, Salão Graça, na Caixa Economica Operaria, Variedades, na calçada da Estrella—A's 21,30—O diabo no convento.

Movimento maritimo

Archipelago dos Açores «Funchal»	5
Liverpool «Antonya», Pará	6
Brazil e R. Prata, «Zeelandia», Amst.	6
Africa oriental, «Koranne», Liverpool	7
Bordeus, «Samara», Brazil	7
R. Jan. e R. Prata, «Flandre», Bordeus	7
Br. R. Pr. e Pac., «Oriana», Liverpool	8
Vigo, Liverpool, etc., «Oritan», Brazil	8
Africa Occidental, «Portugal»	12
Africa Occidental, «Ossengo»	18

eas promettiam ainda maiores vantagens d'uma offensiva contra a Hungria. Assim, em fins de dezembro, a posição do exercito russo desde o Baltico até ás eminencias das altas margens do Dunajec e do Biala transformou-se na principal defensiva e a Hungria tornou-se o principal objectivo da offensiva dos russos.

A fronteira estabelecida em 1815 entre as tres potencias que haviam dividido entre si a Polonia tinha sido sempre um absurdo estrategico e ainda se tornou maior nos nossos dias quando a «linha recta» tomou a primazia tanto em estrategia como na tactica. A fronteira da Polonia russa fórma uma curva gigantesca; o seu comprimento, medido do ponto onde o rio Bug corta a fronteira austro-russa até áquelle em que a linha Osowiec-Lyck entra da Russia na Allemanha, é superior a tres vezes o d'uma linha recta entre esses dois pontos.

Nunca poderia formar a base de operações estrategicas, mas, no passo que a linha recta do Oder continuava a ser um sonho dos estrategicos russos, assim como a do Bobr-Bug continuava a ser a aspiração dos desejos do lado allemão, uma nova linha fôra encontrada na planicie polaca, a planicie que corre das florestas e pantanos entre o baixo Vistula e o Niemen para o norte e os montes Carpathos para o sul.

Os traços principaes d'essa linha eram dados pelos exitos e pelos insuccessos dos cinco mezes de guerra de 1914; póde chamar-se-lhe a linha dos rios polacos. Estende-se do Vistula abaixo de Varsovia até aos outeiros ao sul de Tarnow. Começando ao norte na foz do Bzura, segue o curso d'esse rio e do seu affluente o Rawka, e mais para o sul o do Pilica superior, e o do Nida até á sua confluencia com o Vistula, distendendo assim como que a corda de um arco dentro da grande curva do Vistula; ao sul do alto Vistula segue a linha do Dujanec e do seu affluente Biala até alcançar o sopé dos montes Carpathos na região entre Zaklezyn e Gorlice.

Essa linha, que fórma o centro da frente de batalha oriental, sahiu, como acima dizemos, da confusa posição estrategica que prevalecia nos primeiros dez dias de dezembro; o seu traçado affirmou-se nas batalhas que se deram em roda d'ella durante as ultimas tres semanas do mez, batalhas que marcaram o insuccesso final do ataque de Hindenburg contra Varsovia.

Depois da occupação de Lovicz e Skiernievice—a 19 de dezembro—os allemães continuaram os seus ataques contra a linha Bzura-Rawka, mas sem vantagem. Tentaram flanqueal-a pelo sul por uma ruptura entre o Rawka e o Pilica, na região entre Inovlodz, Opoczno e Novemiasto, mas foram repellidos com grandes perdas.

Nos ultimos dias de dezembro tentaram atravessar o Nida proximo da sua confluencia com o Vistula, e de novo foram repellidos. No periodo entre o dia 10 de dezembro e o anno novo egualmente houve o insuccesso dos ataques de flanco na direcção de Mlava contra Varsovia e do sul pelos Carpathos contra Przemysl, que acompanhou os ultimos estagios da segunda invasão allemã da Polonia. Com as forças livres pela retirada para o centro, o gran-duque poude desobstruir os flancos do seu exercito. A derrota na primeira batalha de Prasnysz—no meiado de dezembro—forçou os allemães a recuarem para a sua fronteira; por uma vigorosa contra-offensiva russa ao sul da linha Tarnow-Przemysl os exercitos austro-allemães foram repellidos de todos os desfiladeiros dos Carpathos occidentaes, que haviam conquistado na primeira quinzena de dezembro.

Para boa comprehensão do que estamos descrevendo necessario é dar as linhas principaes da posição russa ao principiar o anno de 1915.

Póde dizer-se que toda a area oriental da guerra está dividida em tres partes. Essas tres divisões podem chamar-se: a zona prussiana oriental, a zona polaca e a zona dos Carpathos. Cada uma d'ellas tem as suas particularidades geographicas que imprimem um caracter especial

Folhetim de "A Capital,,

VOLUME V

CAPITULO I

O final da campanha de inverno na Russia

Póde dizer-se que a lucta na fronte oriental durante os primeiros cinco mezes de guerra foi, do lado allemão e tambem um tanto ou quanto do russo, uma offensiva tomada para conquistar uma linha defensiva que fôsse firme; e, na realidade, dos movimentos offensivos alternados dos dois exercitos resultou uma especie de «balanço» que fórma a base da lucta durante os tres mezes seguintes,—janeiro a março.

O insuccesso da campanha austriaca entre o San e Bug, em agosto de 1914, e a poderosa contra-offensiva russa na Galicia tirára aos imperios centraes a probabilidade de envolverem, da sua posição avançada na Galicia oriental, a linha defensiva russa do Vistula e de obrigarem o inimigo a recuar para além do Bug. O insuccesso de Hindenburg na Polonia fez-lhes perder a esperança de romperem a linha do Vistula por meio de um ataque de frente pela Polonia occidental.

Por outro lado, a derrota russa de Tannenberg, em agosto de 1914, foi a prova da existencia de difficuldades quasi insuperaveis para uma offensiva russa na Prussia oriental e no baixo Vistula emquanto a Allemanha dispuzesse de forças consideraveis. Mais tarde, pelos acontecimentos de dezembro, provou-se que um avanço sobre Cracovia seria forçosamente muito arriscado e, por isso, tarefa impraticavel emquanto a Polonia occidental estivesse em mãos allemãs ou aberta a ataques allemães e a Hungria fôsse um campo facil para a concentração dos exercitos austro-allemães, porque em taes circumstancias um movimento russo contra a linha Czenstochowa-Cracovia equivaleria a um avanço ao longo d'uma estreita estrada aberta pelo sul e pelo norte aos ataques de flanco do inimigo. Pelo menos devia ter-se a certeza de que por um dos flancos não poderia dar-se um ataque antes do avanço para occidente ser iniciado.

A Polonia occidental nunca poderia ser occupada pela Russia e ainda menos ser reconquistada emquanto os exercitos allemães não fôssem derrotados formalmente em qualquer outra zona de guerra. Um avanço de Varsovia pela Polonia occidental, ao longo das tres divergentes linhas de caminho de ferro, contra a rêde concentrada dos caminhos de ferro do lado da fronteira prussiana era muito difficil.

A offensiva russa, logo que a linha do Dunajec fôsse assegurada, tinha de dar-se pelos Carpathos, e especialmente porque razões politi-

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 1827 — 6.º Anno

Direcção e propriedade de Manuel Guimarães
Editor—Camillo Sousa e Almeida
Redacção e Administração—R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA—Domingo, 5 de Setembro de 1915

Telephone n.º 2293—Endereço teleg. CAPITAL
Composição—Rua do Norte, 5, 1.º
Officina de impressão—71, Rua da Rosa, 71

Preço 1 centavo

PORTUGAL DESCONHECIDO

O COMMUNISMO BARROSÃO

O papel que desempenham os chefes de familia

Ponhamos por agora ponto na descripção da paisagem, do solo, do ambiente em que este admiravel povo de Barroso realisa a maravilha de viver, conservando solidamente o seu tipo de familia e os seus costumes, a sua indumentaria e o seu religiosismo pagão.

N'um paiz em que as imigrações, as invasões e as conquistas succesivas engendraram o tipo da familia desorganisada, o povo de Barroso, com o seu tipo de familia communalista bem definido, offerece o mais espantoso exemplo de resistencia á dissolução e desagregamento geraes.

Quem manda em Barroso é o chefe de familia. Os chefes de familia reunem-se, a convite do regedor ou dos cabos de policia, ou de dois ou tres visinhos, em volta do cruzeiro, no adro da egreja, na casa do forno, e deliberam por maioria sobre as mmas do povo, os logradouros communs, as regas, as coutadas, a compra ou venda do touro, quaesquer melhoramentos ou concertos. São os *chamados* e os *contos*. A hora da chamada é annunciada pelo toque do *côrno* (chifre), da buzina ou do sino.

Os chamados administram tambem a justiça. Apresentam-se as queixas ácerca dos terrenos communs indevidamente apropriados por algum visinho, ácerca da invasão da *fazenda* (os gados) em dominio privado. O chamado nomeia logo dois arbitros, faz-se uma averiguação summaria e, no caso de se provar o delicto, os arbitros assignalam o prejuizo e fixam a multa.

O dr. Léon Poinsard, convidado por alguns socios portuguezes da *Société Internationale de Science Sociale* a vir fazer o estudo do nosso grupo nacional, atravessou Barroso de Ruivães a Boticas, e no seu livro *Le Portugal Inconnu* demora-se um pouco na analise das instituições e costumes barrosões.

Diz o veterano das sciencias sociaes:

«... estabeleceu-se entre esta pobre gente um conjuncto de costumes, destinado a assegurar-lhe o usufructo pacifico do seu ingrato solo, costumes que, a despeito das suas formas simples e elementares, são admiraveis pela sua engenhosa precisão.

«D'onde lhe vem esta sabedoria tão pratica e providente? Algum legislador genial terá elaborado esses regulamentos á força de muito pensar e meditar? De modo algum. Possuindo uma organisação de familia muito robusta, tendo o chefe de familia uma grande auctoridade, este povo, constatando as suas necessidades praticas, foi pouco a pouco modelando os costumes e regulamentos mais apropriados a satisfazel-as. Governando cada um a sua casa, os chefes de familia, desde tempos immemoriaes, entendem-se uns com os outros para encontrarem a solução mais simples e mais logica do problema vital que a natureza lhes apresenta: adaptarem o mechanismo da familia comunalista á gerencia dos interesses da visinhança, regulando amigavelmente as questões de interesse geral, tanto de caracter privado, como de caracter publico».

Os *chamados* deliberam tambem sobre a celebração das festas, á administração dos rendimentos das egrejas, a venda das offertas aos santos.

A pobreza das terras dá logar ao afolhamento, ou ao regimen da *veiga cheia* e *veiga vasia*. E' da veiga vasia que se faz em geral o pascigo do gado miudo, emquanto o armentio se delicia com a herva fresca e tenra dos lameiros. Desde o S. Miguel até ao primeiro de maio o gado está nos estabulos, submettido ao regimen secco. Em chegando o mez de maio o gado sae das *côrtes* e vae para as terras pastoraes, baldias ou apropriadas. Nas terras baldias o gado miudo (ovino e caprino) anda sempre de *vezeira*, e ainda n'algumas ha vezeiras de gado bovino.

Um rebanho de *vezeira* é a reunião de cabeças de gado de uma mesma especie, pertencentes a diversas pessoas de uma mesma povoação em um rebanho commum ou adua, que é pastoreado á vez nos pastos communs.

Em regra, quem tem dez cabeças anda sempre á roda, *dá sempre um dia* isto é, toca-lhe sempre a vez de guardar o rebanho em cada roda dos visinhos; quem tem menos de dez *folga um dia*, isto é, guarda uma vez em duas rodas. A obrigação de ir com a vezeira impende sobre os donos da *fazenda*, que mandam os seus filhos ou os seus creados; mas ás vezes assalariam entre todos um pegureiro para esse serviço.

A' hora habitual, o pegureiro ou o visinho a quem cabe a vez, solta o pregão *deita a rez á vezeira!*, ou chama a vezeira pelo toque do *côrno* ou buzina. Em Pedrario e n'outros sitios chama-se a rez á vezeira por toque de sino.

A' noite, a vezeira volta e o pegureiro vae metendo para o curral de cada um a respectiva rez.

Em Pitões e n'outros logares mais proximos do Gerez a vezeira das vaccas anda na serra desde maio a setembro. O touro meiral é então o rei da serra, que percorre magestosamente em todos os sentidos com o seu cortejo de dezenas e dezenas de vaccas.

A cultura rotativa ou o alternamento da cultura com o pousio dá tambem logar a costumes interessantes. No anno da semeada, a folha *cheia* ou *afruitada* é coutada ao pasto commum dos gados da povoação. N'algumas partes, nomeia-se guardador para a veiga cheia, cargo que anda á roda por todos os que teem semeadas. A veiga vasia, destinada ao apascento commum, tem tambem o seu guardador, egualmente andando á roda. Então o guardador ou pegureiro que se deixa á porta do que deve entrar um cajado, a *cajata*, e assim fica avisado de que lhe cabe a vez.

Lembro-me de que em Coimbra se estudava com alguma abundancia de pormenores o mir russo e certos costumes e instituições das tribus indias do Orenoco e das populações nomadas do plató central da Asia, vestigios do communismo primitivo, no qual a humanidade fruiu a sua edade d'oiro e para a volta ao qual se anda preparando a grande Revolução. Não se fazia, porém, a mais leve referencia aos povos dos massiços de Barroso e de Miranda. Preferiu-se sempre fazer obra facil sobre o livro estranho, com citações exoticas, do que fazer sciencia sobre a phenomenalidade ambiente, com observações rigorosas.

Estes artigos, sem pretenções scientificas ou litterarias, pretendem chamar as attenções para Barroso, especialmente do turista, mas isso não quer dizer que o lente não deva tambem deitar para lá a sua vista d'olhos.

Antonio Granjo

Leiam-se os artigos publicados nos dias 22, 26, 27, 30, 31 de agosto e 1 de setembro.

Migalhas

Questão grave

Encontrei hoje o Praxedes no Moinho de Vento e, quando ia a estender-lhe os braços, o nosso amigo quadra os pés, põe as mãos atraz das costas, estende a outra em gesto de anathema e diz-me com voz cava e furibunda:

—Para traz, miseravel! Eu não aperto as phalangetas d'um homem que faltou ao respeito ao Camões...

E, sem me deixar abrir bico, Praxedes continuou:

Porque é preciso que v. saiba que eu estimo Luiz de Camões como se fosse pessoa da minha familia. Sou Luziada e tenho muito honra n'isso.

—Venha cá, homem de Deus, atalhei eu. Eu lhe explico...

E em duas palhetadas contei-lhe o caso. Houvéra má comprehensão das minhas intenções por parte de pessoas que me querem bem e d'ahi fazer-se um cavalleiro do que não passará d'um tenue argueiro.

—Bem, se as cousas são assim, não se fala mais n'isso; mas sirva-lhe isto de lição. Se v. torna a bulir no «meu» poeta, o caso não fica assim. E tome muita cautella em não se metter com o Vasco da Gama, que é tambem da minha estimação. Com Albuquerque terribil e com o Castro forte tão pouco se querem brincadeiras. Respeite D. Ignez de Castro, D. Sancho, o gordo; o cardeal D. Henrique e D. Carlota Joaquina. Seja decente, que diabo, e lembre-se que não temos mais nada hoje em dia senão esse museu de figuras de bronze. V. diz que não quiz brincar com a trinca fortes. Acredito. Mas que não lhe passe semelhante idéia pela cabeça ou então commigo se ha-de haver. N'outro dia quando me vieram contar que estavam a bater no Camões nas portas de St. Antão, subiu-me uma furia, que nem imagina. Desde que v. jura pela sua sorte que não teve intenções offensivas acabou-se e venha de lá um abraço.

Abraçámo-nos chorando e, quando já me ia embora, o Praxedes voltou atraz e pediu-me:

—Olhe lá: v. não terá, por acaso, os «Luziadas» que me empreste. Desde pequeno que ando com vontade de ler essa coisa e agora calhava bem. Estou quasi a acabar de ler na repartição a «Sherlok Holmes contra Diogo Alves»...

André Brun.

Pelo telegrapho

As operações italianas contra os austriacos

ROMA, 4.—Official. Na parte montanhosa das operações a acção continúa não obstante a neve que cae em abundancia. No alto de Cordevole produzimos novas avarias no forte Lucorte. No valle de Seden, na bacia do Plezzo, repelimos violentos ataques. No Isonzo recolhemos uma mina fluctuante que fôra lançada ao rio para destruir pontes.—(*Havas*).

Prosegue o bombardeamento de Reims

PARIS, 4.—Communicação official de hoje ás 23 horas.

Continuação da lucta de artilharia em Artois, entre o Somme e o Oise e ao norte do Aisne. Respondendo aos nossos tiros de destruição, dirigidos contra as suas trincheiras e as suas obras de fortificação, o inimigo lançou sobre Reims com granadas. Não consta que houvesse victimas nos combates á bomba e com granadas na Champagne e na orla occidental da floresta de Argonne. No norte de Flirey e proximo de Leintrey houve canhoneio reciproco.—(*Havas*).

Bento XV e os seus esforços pela paz

ROMA, 4.—A *Tribuna*, d'esta capital, desmente a informação recebida de Washington, dizendo que o papa teria dirigido uma mensagem especial ao presidente Wilson. Acrescenta o mesmo jornal que nos circulos catholicos crê-se que o cardeal Gibbons apresentou ao presidente Wilson o appelo do papa aos chefes de Estado e aos povos exortando-os á paz. O appelo era talvez acompanhado d'uma carta autographa, particular, do papa ao presidente Wilson.—(*Havas*).

A fuga d'um "imperador„

Lebaudy safa-se d'uma casa de saude—As suas excentricidades—Soberano guerreiro, senhorio, mathematico, bispo...

Noticiavam ha pouco os jornaes dos Estados-Unidos o internamento de Jacques Lebaudy, o celebre «imperador do Sahará», no sanatorio de Lowden, em Amotyville, Long Island, e já hoje nos dão a nova da sua evasão.

O sr. Jacques Lebaudy, cujas phantasias por muito tempo alimentaram a curiosidade parisiense, estava vivendo, havia annos, nos Estados-Unidos, entregando-se a excentricidades taes que, motivando queixas dos seus visinhos, teve que ser examinado por dois medicos da prisão do condado de Nassau, os quaes ordenaram o seu internamento n'uma casa de saude. A operação não se fez, porém, sem alguma difficuldade.

Contam os jornaes que o *sheriff* foi encontrar o sr. Jacques Lebaudy na sua propriedade, que fica proximo do Meadow Brook Hunt Club, commandando um exercito de creanças que manobrava sob as suas ordens. O imperador do Sahará tinha sobre a farda uma bandeira tricolor, trazia a tiracollo uma corneta de folha e montava um cavallo coxo; mal viu o *sheriff* metteu esporas á alimaria seguindo n'uma carreira desenfreada, mas, vendo uma sebe a cortar-lhe a retirada, parou e declarou solemnemente que «se rendia ao governo dos Estados-Unidos».

Mas depressa encontrou meio de evadir-se do sanatorio, e o *sheriff* está convencido de que teve quem o auxiliasse na evasão, podendo, por isso, fugir em automovel para a bahia de Carman que fica proximo, tendo seguido depois d'ali para GreatSoth Bay. Affirma-se que quando se evadiu «tinha as algibeiras abarrotadas de notas».

Está ainda na memoria de todos como o sr. Jacques Lebaudy se fez sagrar em «Troja» imperador do Sahara, e como depois abandonou os tripulantes do seu navio *Frasquita*; a questão levantada entre os sobreviventes e o seu riquissimo chefe causou sensação, n'aquella epoca. Mas o que mais valeu ao sr. Jacques Lebaudy a celebridade parisiense que despertou foi a sua extravagante phantasia e o imprevisto dos seus actos, que davam origem aos effeitos mais inesperados. Uma vez intentou uma acção contra o administrador de uma das suas propriedades por ter mandado dourar o corrimão d'uma escada. Mas ao mesmo tempo que castrava esta avareza, propunha a um seu inquilino que pagava dez mil francos de renda ficar na casa durante dez annos, mediante o pagamento de vinte mil francos, por uma só vez, com a condição de nunca lhe pedir obras no predio.

Outra vez lembrou-se d'ensinar algebra, trigonometria e agrimensura aos guardas das suas mattas, e dava-lhes para resolver complicados problemas, como por exemplo calcular quantos stereos de madeira haveria em cem hectares de matta, ou fazer a conta de quanto podia render no fim de duzentos annos o producto dos cortes, collocado a juros compostos. Se os guardas do sr. Lebaudy chegaram a aprender trigonometria não foi, por certo, com as lições que elle lhes deu.

Das suas phantasias, a mais curiosa, a que o tornou o egual de Vivier, de Sapeck e de Romieu, foi a de fazer-se um dia bispo. Estava n'uma das suas propriedades do Aisne quando de subito lhe veiu essa idéia. Elle proprio, deante dos creados e dos rendeiros todos, procedeu á ceremonia da investidura, prégando depois um sermão que, no dizer dos que o ouviram, foi eloquentissimo, cheio de sonetos e declamado com o mais inprehensivel aprumo.

Finda a ceremonia, o novo bispo lançou a benção ás suas edificadas ovelhas.

Ha uns cinco annos, o sr. Jacques Lebaudy, esquecendo o caracter sacerdotal de que se tinha revestido, lembrou-se de escrever uma peça de theatro. Foi annunciada. Intitulava-se *O coração do Sahara*, e devia subir á scena em um dos theatros parisienses nunca chegou a entrar em ensaios e eternamente se ignorará o que havia nos cinco actos do phantasioso auctor.

Segundo dizem os que com elle viveram intimamente, o sr. Jacques Lebaudy por muitas vezes se revelou um notavel homem de negocio, e a sua cultura litteraria era na verdade vasta; como Guilherme II, «sabia tudo». Mas o exercicio das suas faculdades parecem sentir-se um pouco difficultado pelas exigencias da civilisação moderna, e para mostrar todo o seu valor, evidentemente lhe convem mais a immensidade solitaria do Sahara do que os arredores policiados de New-York.

Para os monarchicos germanophilos

O que pensa a sr.ª D. Amelia de Orleans Bragança a respeito da guerra

O correspondente do «Petit Parisien» em Londres entrevistou a ex-rainha de Portugal ácerca da guerra, para o que procurou aquella senhora no hospital que ella dirige e em que são tratados os officiaes inglezes feridos em campanha. Vale a pena traduzir as eloquentes palavras da sr.ª D. Amelia de Orleans Bragança e que decerto farão torcer o nariz aos nossos incriveis monarchicos germanofilos que se deliciam doletreando o «A B C». Eil-as:

Não ha dia em que não sinta confranger-se-me o coração com a idéia da terrivel dôr que devem experimentar as mulheres pobres do meu paiz quando a noticia da morte d'um ente querido as vae surprehender na miseria d'um tugurio de operario, ou no colmado desconfortavel do camponez.

E, a essas que eu desejava falar, mais ainda do que áquellas cuja posição social mais intimamente liga aos seus deveres para com o proximo, esposas de officiaes, mulheres aristocratas e burguezas, previligiadas do sacrificio, mais preparadas para a dedicação estoica.

A's outras, ás operarias, ás camponezas, a que se dá a bella designação de mulheres do povo francezas, eu desejaria dizer, com a maior simplicidade, não como rainha, mas como princeza franceza para quem o destino foi mais cruel do que para com a mais humilde d'ellas: «Mulheres de França, não temos o direito de mostrar as nossas lagrimas; o nosso brio consiste em soffrer caladas, esperando o dia em que a victoria nacional vingue com o commum triumpho as desgraças individuaes de cada um.

O nosso dever é occultar o soffrimento, vêr na dôr que nos ferir sómente uma escolha gloriosa de Deus que faz de cada victima d'esta guerra emprehendida com desprezo de todas as noções da lealdade um heroe do paiz a que pertence.

Duvidar por um só momento da victoria, admittir um só momento que a nossa nação pode ser vencida, é uma cobardia, uma blasphemia. E' impossivel não ficar a França victoriosa; é impossivel que o direito servido pela coragem não triumphe, e seja vencido pela vilania; embora esta se apresente armada com os mais poderosos canhões, e para nós, mulheres de França, a maior honra será ter preparado com a resignação da nossa dôr esta victoria que os nossos soldados das trincheiras arrancarão ao inimigo».

Visitas de estudo

Promovida pela commissão de instrucção, e educação da Associação de classe dos caixeiros, realisou-se hoje a visita dos seus associados aos museus Ethnologico Portuguez e Nacional dos Coches.

Pelas 13 horas era já grande o numero de caixeiros que aguardavam no largo de Belem a chegada dos restantes collegas, iniciando-se a visita ao Museu Ethnologico pelas 13 horas e meia.

Os visitantes foram acompanhados pelo conservador sr. Virgilio Correia Pinto da Fonseca, que prestou todos os esclarecimentos.

Seguidamente os caixeiros seguiram para o Museu dos Coches.

O QUE SE ESCREVE E O QUE SE LÊ

Batendo os mattos

por *Neves de Carvalho*

«Notas de riso por entre tojos e giestas» lhe chama o auctor. E são-no realmente, pois o volume é um repositorio de anecdotas de caça, algumas deveras interessantes e todas escriptas n'um estylo corrente, sem pretenções litterarias, mas que por isso mesmo agradam sobremodo. Neves de Carvalho não é um novo na arte de escrever e, apaixonado caçador como é, ninguem melhor do que elle para descrever scenas de caçadas. *Batendo os mattos* é, por isso, um livro que se lê com agrado.

IMPRESSÕES DO SUL

AS MOIRAS ENCANTADAS

Substituem, no Algarve, o genio das aguas

PRAIA DA ROCHA, 4.—Hontem, na sessão inaugural do Congresso, o sr. Thomaz Cabreira, placido, sereno, bom *raisonneur* expondo principios e atacando questões regionaes com a leveza de um lente que dá aos seus alumnos uma boa lição de esthetica e de arte, disse-nos em duas palavras o que eram as moiras encantadas e fez descer até nós, confundindo-as com o nosso patriotismo, as lendas que em volta da tradição arabe os portuguezes crearam por toda a terra algarvia. Devo dizer que, até agora, foi esse episodio do congresso, que para muitos pôde ser banal, o que mais me encantou. E' que, apesar de todas as anesthesias que nos corroem, raramente se pode ficar indifferente quando se ergue deante de nós, para nos deslumbrar, a alma do passado, com todo o seu encanto, com toda a sua magia, com o seu immenso e invencivel poder de suggestão...

Disse-nos o sr. Thomaz Cabreira, com o ar affavel de quem prelecciona, que em toda a parte houve, na edade média, o genio das aguas a explicar muito misterio e a semear, pela terra arida e pelos corações queimados, muita frescura e muita poesia. No Algarve, os portuguezes, ao tomarem conta da provincia, arrancando-a á custa de prodigios de tenacidade, o dominio mourisco que n'ella predominou até quasi á adolescencia da nossa nacionalidade, trataram de crear uma região bem lusitana, aproveitando para isso todos os elementos que podiam favorecer os seus planos patrioticos. E então tudo adaptaram á sua psichologia, á psichologia das populações com quem tinham de conviver, de quem era necessario arrancar todo o proveito, todo o apoio, toda a cooperação...

E o genio das aguas, que era, por essa Europa fóra, o grande inspirador de lendas e de tradições; que consubstanciava o espirito poetico e enchia de graça clara os motivos ornamentaes dos balnearios, dos templos, dos atrios sumptuosos e dos palacios maravilhosos, desappareceu n'este Algarve, cuja estructura moral tem as suas regras e as suas bases proprias absolutamente incomparaveis. Vieram então as moiras encantadas, os romances de amor, as paixões não correspondidas, que ficaram pelos seculos fóra, a atrahir para as loiras virgens martires a piedade dos que soffrem e a simpathia dorida dos que vão pela vida além como uma vela enfunada, em mar tranquillo, sobre as aguas sem arrepios, a caminho de ignotos e venturosos destinos.

E é por isso que o Algarve está cheio de lendas e de historias sentimentaes em que as filhas de principes mpiros gemem de tristeza e carpem, pelos velhos castellos roqueiros, os seus amores infelizes. Regionalisou-se assim um sisthema que era de todos e creou-se uma tradicção exclusivamente algarvia, cujo encanto só pode ser entendido por quem, vindo de longes terras, se dispõe a querer surprehender, n'este povo bizarro e simples, qualquer coisa que o ligue ao passado, um traço, emfim, que o distinga dos outros povos e nol-o mostre um pouco como elle era aqui ha uns poucos de seculos...

Como se verifica, o congresso não tem sido um simples areopago de eruditos, apostados em tratar sómente de assumptos importantes mas pouco attrahentes para a grande maioria de futeis que, em geral, não cuidam excessivamente de coisas serias. Se o fosse, elle seria um tremendo desastre, porque tiraria a simpathia da mulher, d'esta mulher algarvia, que é senhora como nenhuma outra em Portugal e que, sabendo mandar, chega por vezes, pela graça com que o faz, a saber ser rainha... E a verdade é que a mulher do Algarve, por motivos que não sei explicar mas que presinto serem da mais alta importancia, tem seguido os trabalhos do congresso com uma persistencia que faltou a muitos homens de influentissima situação n'esta provincia. Porque?

Bem pode ser que para esse facto tenha concorrido qualquer historia d'essa moira desencantada que se chama a politica e que molesta tudo aquillo de que se abeira. E' que o portuguez raras vezes deixa de ser um politico, mesmo quando, para se disfarçar, deita pelos hombros a capa salvadora da abstinencia partidaria.

Adelino Mendes

EM REGIÕES DE TURISMO

Melhoramentos de Coimbra

As modernas dependencias do hospital da Universidade e o liceu merecem ser visitados

A cidade do Mondego é incontestavelmente a terra de Portugal que maior numero de curiosidades offerece aos visitantes. Quem lá chega só se encontra deante da difficuldade da escolha, tantos são os logares, os monumentos, as attracções que reclamam a presença do viajante. Ha, todavia, n'essa linda cidade, dois estabelecimentos que, não figurando por certo no *Block-notes* do turista, o forasteiro não deve deixar de visitar, na certeza de que em qualquer d'elles colherá magnificas impressões. Esses estabelecimentos são o antigo seminario, onde presentemente se encontra funccionando o liceu, e o hospital da Universidade, com as suas modernas installações.

Serviu-nos de *cicerone* em ambos o sr. Pedro Bandeira, vereador do municipio e membro da Sociedade de Propaganda de Coimbra que jámais deixou perder o ensejo de exaltar a sua terra com um carinho que não conhece limites.

O edificio por onde acabam de passar os novecentos e tantos estudantes do curso secundario está fechado n'esta altura do anno. Foi-nos facilitada a visita pelo reitor, sr. dr. Silvio Pellico, a quem devemos a mais extrema amabilidade de nos acompanhar atravez das dependencias.

Visitando o liceu, verifica-se bem que dado maravilhoso possuiam os frades para escolherem o seu retiro. O antigo convento occupa uma das culminancias da cidade. Deante d'elle desenrola-se um panorama inolvidavel. A casa parece traçada por gigantes, com um desperdicio de terreno que daria á vontade para um extenso bairro operario.

Quem se assomar a uma das janellas d'aquelle edificio não accusará de futuro a mocidade escolar de não ser demasiadamente applicada aos livros. E comprehenderá, então, quanta difficuldade devem ter os professores do liceu de Coimbra em chamar a attenção dos discipulos para o estudo, elles que constantemente vêem deante dos olhos aquellas maravilhas panoramicas que não cansam nunca a retina.

A extraordinaria visão das bellezas naturaes era bastante para justificar a visita ao edificio do actual liceu. Mas o viajante curioso, para quem as questões pedagogicas não sejam inteiramente alheias, receberá tambem ali excellentes impressões.

Pois estuda-se no liceu de Coimbra! O corpo docente organisou um plano de trabalhos escolares, verdadeiro modelo, e a rapaziada não se entrega apenas á contemplação dos horisontes. Essa avalanche de estudantes que habita um casarão enorme dá provas d'uma grande educação. Em todo o edificio não encontrámos um risco na parede.

FOLHETIM D'«A CAPITAL»—5-9-1915

A REPUBLICA

Passou hontem o 45.º anniversario da proclamação da terceira Republica Franceza. Cada um d'estes anniversarios é um lato ensinamento. Constitue, de cada vez, a prova mais eloquente, porque é a do facto, de que o systema republicano se acclimatou decididamente em França, e tendo sido essa grande nação a terra privilegiada das experiencias liberaes, a semelhante constatação corresponde a de que, na evolução politica, os outros paizes vão gradualmente seguindo-lhe o exemplo, e adaptando-se a essa formula moderna de governo, que é a mais perfeita expressão da democracia triumphante.

Quem, em 4 de setembro de 1870, prognosticasse 45 mezes de duração á Republica correria o risco de ser tomado por um insensato. A propria França, tirando as grandes cidades e a sua admiravel capital, era porventura quasi em massa hostil ás instituições republicanas. E isso ainda torna mais frisante a lição que o advento e a consolidação da Republica Franceza constituem.

Com effeito, que prova esse facto senão que a Republica é de tal forma o regimen mais adequado á corrente das idéas actuaes que não ha maneira de o dispensar? Uma assembléa, quasi inteiramente monarchica, teve de a sanccionar com o seu voto. Um alto vulto monarchico, Thiers, acceitou ser o presidente das novas instituições. A França comprehendeu que só com a Republica podia salvar-se, porque só a Republica a integrava em principios que seriam a base da sua resurreição moral e material.

* * *

Apoz a queda do poder absoluto, em França, derrubado pelo impeto formidavel da grande Revolução, varios regimens se instituiram n'esse paiz. Em 1792 proclamava-se a primeira Republica. Em 1804, fundava-se o primeiro Imperio. Se a primeira Republica durou apenas doze annos, o primeiro Imperio, com todo o seu assombroso poderio, não durou mais de onze, porque em 1815, apoz o rapido periodo dos «Cem dias», era definitivamente anniquilado em Waterloo. A velha monarchia não conseguiu, na Restauração, mais de quinze annos de vida. Em 1830, uma nova revolução a expulsa, inaugurando-se a monarchia liberal de Luiz Filippe, com a garantia ingenua de Lafayette de que seria a melhor das Republicas. Não o foi, e, decorridos dezoito annos, o povo de Paris proclamava os verdadeiros principios democraticos com a revolução de 1848. Só durou tres annos a segunda Republica, atraiçoada por Luiz Bonaparte que, mercê da sua traição em 1851, conseguiu instituir o segundo Imperio. Foi de dezanove annos essa derradeira reacção monarchica. Em 1870 a terceira Republica Franceza era proclamada em Paris e ha quarenta e cinco annos que ella preside aos destinos da França.

A forma de governo chimerica, predilecta dos espiritos exaltados, que em 1851 a burguezia franceza e a massa ignorante das populações do campo deixara assassinar vilmente, a Republica dos lunaticos e dos poetas, dos demagogos e bebedores de sangue, salvou a França, reconstituiu a nacionalidade, libertou-a das perigosas ambições conquistadas, deu-lhe um amplo desenvolvimento em todas as manifestações da actividade humana, e, mercê d'uma politica habil, cercou-a de amisades poderosas, que hoje a sustentam no duello mais titanico da sua historia. O exercito da Republica, preparado para assegurar a defesa da integridade patria, tem resistido como não conseguiu resistir o exercito do Imperio, preparado para as conquistas, e o seu generalissimo Joffre, que não é um imperador, que a não conduziu a um Sédan, tem o direito de exclamar que a Republica tem um exercito em que a nação pode inteiramente confiar.

Essa forma de governo todos a reputaram transitoria. Durante annos, o mundo esfregava os olhos, ao ver passar um novo anniversario da Republica, perguntando a si mesmo se sonhava ou estava acordado, de tal forma o espirito de rotina, o poder da tradição, certas considerações especiosas haviam acostumado os povos a julgar que era indispensavel á sua segurança e felicidade que houvesse um homem, com uma corôa na cabeça e um sceptro na mão, estivesse assentado n'um throno. Todavia, essa forma de governo não só se acclimata em França, como, com o seu alto exemplo, leva outras nações do mundo a adoptar um regimen egual.

* * *

A França é a patria da Republica. Os admiraveis principios da Revolução constituem os estimulos que teem, pelo mundo, creado as Republicas, ou pelo menos transformado velhos regimens em monarchias nominaes. Apoz a proclamação da terceira Republica Franceza, o Brazil tornou-se uma Republica, Cuba tornou-se uma Republica, Portugal tornou-se uma Republica, a propria China é já uma Republica. Não ha em toda a America um pedaço de terra em que fluctue uma bandeira real. A Inglaterra outhorga ás suas principaes colonias organisações republicanas, de que é o maior espelho a Australia. E, ao mesmo tempo, que as monarchias são substituidas pelas Republicas, nem uma só Republica desapparece para dar logar a uma monarchia, restaurada ou não.

A explicação d'este facto é a mesma que se deve dar aos espiritos pouco penetrantes que concluiram da existencia transitoria de algumas Republicas no seculo XIX que ellas pereciam pela inanidade dos seus principios. Não reflectiam que se tratava de novos regimens, implicando não só novos principios como novos costumes, um novo direito, uma justiça nova. Por isso a Republica se afigurou prematura, quando a realidade percorria as etapes necessarias do seu triumpho.

Não se sustentou a primeira Republica em França, como não se sustentou a segunda. Não se sustentou a Republica romana. Não se sustentou a Republica hespanhola. Os povos pareciam ainda assustados com o advento da sua soberania. Por isso o que deu mais resultado foi o pacto constitucional, ou seja a transigencia mutua do povo e do rei reconhecendo este a soberania popular, acceitando aquelle, embora como uma ficção, a permanencia do direito divino. Nada mais illogico, porque não podem co-existir realmente o direito popular e o direito divino, senão abdicando, na realidade, um perante o outro. A logica dos principios ha de levar ás realisações historicas. A Republica ha de ser, em todo o mundo civilisado, n'uma epoca que já não pode considerar-se longinqua, não só o regimen de facto como o regimen de direito.

O seculo em que nos encontramos pertence á democracia. O que ainda não ha muito se julgaria prematuro é hoje opportuno. Corresponde a uma imposição civilisadora.

Eis porque a Republica Franceza celebra o seu quadragesimo quinto anniversario com a segurança absoluta da sua estabilidade. Mais ainda: com a convicção justa de que continua a dar o typo dos governos modernos ás outras nações do mundo. O seu messianismo prosegue. Já não o executam as suas armas: executa-o o seu exemplo. Basta-lhe raiar, como um sol, para esclarecer o globo inteiro.

Estamos no seculo da democracia, e quando a guerra actual acabar, como é firme crença de todos os amigos do progresso e da liberdade, pela victoria da ala heroica em que a França combate, mais do que nunca a democracia triumphará. Combate-se pela liberdade, e a democracia é a expressão politica da liberdade que melhor a representa não já só no futuro, mas no presente. A nós, homens do ideal, é-nos dado ver, no momento que passa, as alvoradas que sempre, ao espirito infinito dos annos predecessores, se affirmaram só possiveis no futuro. Vivemos n'uma irradiação. Palpitamos de esperança e vibramos de orgulho na propria hora meridiana da humanidade.

MAYER GARÇÃO

—Pois este liceu será frequentado por espiritos celestiaes?...

—São rapazes como os outros, esclarece amavelmente o sr. dr. Silvio Pellico. Estão, todavia, educados. A policia no interior do edificio, que não é numerosa, cumpre porém a sua obrigação. Não reprehende o estudante. Quando encontra algum d'elles escrevendo na parede, apaga o que estiver escripto. Repete tantas vezes esta operação, até que o estudante, envergonhado do seu feito, desiste do riscar as paredes. Hoje são os camaradas mais antigos que reprehendem os novos, se estes se descuidam em qualquer facto d'esta natureza. Por isso, o nosso liceu esta sempre limpo e asseado.

Proseguindo a nossa visita, o sr. dr. Silvio Pellico leva-nos ás salas das aulas, convenientemente adaptadas e possuindo um mobiliario capaz. Nas classes de latim cartas parietaes recordam aos alumnos as scenas das tragedias gregas, os logares da Hellade e de Roma, onde se passaram, para que, por ellas, os estudantes sigam as traducções, fazendo idéa do scenario em que se desenvolve a acção da narrativa litteraria.

Os estudantes do lyceu de Coimbra realisam tambem excursões para complemento dos seus estudos, principalmente na classe de sciencias, dirigidos pelo sr. dr. Adriano de Carvalho, um dos mais devotados propagandistas dos modernos processos de ensino.

O hospital da Universidade, aonde, em seguida, nos dirigimos, é tambem um antigo convento. Na varanda, que deita para o amplo claustro, uma dezena de mulheres fazem a sua cura de sol. São convalescentes, a quem o ar puro que desce das montanhas colora prodigiosamente as faces, com um tom de saude que muitos sãos invejariam. Uma gentilissima enfermeira, especie de naiade fugida do Mondego, ao desapparecimento das aguas do rio, leva-nos atravez das enfermarias. Dir-se-hia que estamos n'uma casa de recreio, n'uma camarata onde mulheres dormem a sésta, e não n'um estabelecimento hospitalar. A luz entra a jorros, pelas amplas vidraças, para além das quaes se descortinam os mais risonhos arvoredos. Paira, por toda a parte, um ar de coquetismo, que alegra a vista, pois em todos os cantos da sala e nas mezas de cabeceira se destacam vasos de flores e vasos de plantas decorativas. Por ultimo somos conduzidos á cosinha, installada nas melhores condições de hygiene, e ao balneario.

Esta recente dependencia do hospital da Universidade vale o melhor estabelecimento do genero em toda a parte do mundo. Nada ali falta para uma completa installação, que se vê ter sido feita seguindo rigorosamente todos os preceitos da higiene e do bom gosto. As cabines de banho são dotadas de todos os melhoramentos da industria, havendo em todas ellas uma campainha electrica que marca no respectivo quadro o numero correspondente. Esse balneario fornece todos os banhos, desde a simples lavagem de agua dôce, em compartimentos que são artisticos gabinetes de *toilette*, aos banhos de receita medica, tudo por preços convidativos, quando os necessitados não são os doentes hospitalisados.

—Este hospital, — diz-nos o nosso amavel *cicerone* — mostra-nos bem as extraordinarias vantagens da descentralisação administrativa. Com os recursos proprios e a mais dedicada gerencia, dia a dia vão apparecendo novos melhoramentos e dentro de pouco tempo ficará concluido o instituto de medicina legal, cuja construcção obedece tambem aos mais rigorosos preceitos scientistas.

Entardecia quando visitámos o hospital. Sob o circulo das montanhas abatia-se o sol, enrubecido que punha manchas de fogo no areal do rio.

Era preciso fazer os preparativos de viagem, despedimo-nos. E como, desde logo, fizemos tenção de incluir os estabelecimentos visitados no numero das attracções de Coimbra, agora nos desempenhamos do compromisso que, para comnosco proprio, então tomámos.

A chronica do furto

Foi presa Elvira da Conceição, gatuna de forasteiros, por attrahir ao seu covil o sr. M. R. S., provinciano, e quem furtou uma carteira com 750 escudos. O agente Tavares apurou que Micas Gouveia e Virginia Augusta foram cumplices no furto. A policia procura-as.

—Manuel Nunes, residente no largo de Santo André, 12, 1.º, queixou-se á policia de que, de madrugada, quando passava na rua Silva e Albuquerque, fôra assaltado por um grupo de individuos que o aggrediram, deitando-lhe as mãos ao pescoço, furtando-lhe n'essa occasião a quantia de 14 escudos.

—Foi preso Manuel Alves Junior, da rua dos Douradores, 177, 4.º, que recebeu a quantia de 35 escudos, de um vale do correio destinado a Antonio Roberto, morador na rua do Norte, gastando a importancia em proveito proprio.

EM TORNO DA GUERRA

A marinha ingleza

E' formidavel e está como estava: uma machina prompta para funccionar

Joseph Galtier, o grande jornalista parisiense que vimos em Lisboa quando da dictadura franquista e que ligou o seu nome a uma entrevista celebre com o rei D. Carlos, encontra-se em Londres realisando um notabilissimo inquerito. Da sua ultima carta dirigida ao Temps *reproduzimos o seguinte:*

Se o exercito inglez attingiu um grau de força temivel que ainda dia a dia vae augmentando, a marinha conserva-se o que era antes da guerra: a mais forte do mundo. Em nenhuma das suas partes componentes soffreu qualquer diminuição; nada tem perdido do seu vigor nem da sua aptidão para o combate. Está como estava: uma machina prompta para funccionar. Ao passo que o exercito foi surprehendido pela guerra, isto é, não estava a principio em circumstancias de desempenhar a tarefa que lhe coube no continente—os proprios inglezes o reconhecem: não desejando, nem preparando esta guerra, apenas dispunha d'exercito colonial, e um deposito—a marinha encontrava-se n'um pé que lhe permittia desempenhar o papel que ha muito tempo lhe foi distribuido. Os inglezes sabiam que podiam contar com ella, que era aquella a sua arma de salvação.

Sentindo que não tinham uma necessidade urgente d'exercito, não lhe tinham consagrado grandes cuidados; mas quanto á marinha, nunca cessaram d'empregar todos os seus esforços para a manterem sem rival. Tinham visto avisinhar-se o perigo e deffendiam-se; prova brilhante do que o inglez é capaz de fazer quando reconhece os verdadeiros perigos que o cercam. Afora os recontros, de que sempre tem sahido com vantagem, a marinha real tem desempenhado um papel preponderante, embora discreto, mas sem visos de misterio; o valor do seu papel pode apreciar-se pelos resultados, principalmente pela conservação da liberdade dos mares.

«Imaginem, disse o sr. Balfour no discurso que pronunciou em 4 de agosto a proposito do anniversario da guerra, em que circumstancias teria ficado o oeste da Europa e do Mediterraneo se a esquadra allemã vogasse triumphante no Mar do Norte, no Atlantico e no Mediterraneo quando rebentou a guerra, e pudesse continuar a fazel-o. N'esse caso, estou bem convencido, os nossos alliados não poderiam luctar».

E' uma absoluta verdade, e comprehende-se o legitimo orgulho com que o sr. Balfour a proclamou.

Conscio do muito que tem feito, o almirantado encara tranquillamente o que ainda lhe resta fazer.

«O inimigo não nos encontrará desprevenidos, teem-me dito. A nossa armada, magnificamente preparada, está pronta a partir ao primeiro signal; um simples aviso, e, sem perda de um minuto, lançar-se-ha sobre os adversarios, se estes se apresentarem; que até agora não teem manifestado grande vontade de o fazer. Não era em combates de submarinos que a Allemanha pensava quando mandou construir os seus dreadnoughts; que venha, pois, para o alto mar!

«Entretanto, a nossa actividade continua manifestando-se por toda a parte, intensificando-se particularmente nos estaleiros, que estão produzindo mais rapidamente do que nunca, apesar de terem sido sempre os que mais depressa trabalhavam.

Tem a nossa esquadra perdido algumas unidades; perdas sem importancia pois que os navios afundados estavam para ser abatidos no effectivo da esquadra; e como salvámos as equipagens, a desapparição d'esses barcos não representa a minima diminuição da nossa força naval. Temos aproveitado as lições da guerra, e agora só construimos o que nos parece util para vencer o inimigo com as suas proprias armas, como se verá. Sem entrar em pormenores, note-se o que se está passando no mar de Marmara e no mar Baltico; a esquadra ingleza cumprirá tudo o que prometteu. Eu mesmo tive occasião de ver, em certo posto da Inglaterra, parte d'esta esquadra á espera d'entrar em acção; era um espectaculo impressionante. No primeiro plano, os navios de baixa tonelagem passando rapidos, sempre vigilantes; por traz os robustos cruzadores, de flancos elegantes e flexiveis, como galgos de aço, frementes, promptos para formarem o salto; depois, mais ao fundo, a massa solida, pesada, dos monstruosos couraçados, respirando fortemente o seu halito espesso, espalhando sobre a paisagem maritima um veu que o sol tentava atravessar, fazendo brilhar luminosos resplendores, halos emacrellentes, como n'um Turner guerreiro.

Com um exercito sempre em augmento, uma formidavel marinha, tem a Inglaterra solidos varões para encarar destemidamente o futuro; alem d'isso a sua posição diplomatica é particularmente forte, o que lhe fornece uma preciosa arma. «Estamos, dizia-me ha pouco um ministro, em uma situação excepcional para com a Allemanha; de nós não tem ella penhor algum, ao passo que nós já temos d'ella penhores valiosos; temos em nosso poder as suas colonias. Não pode exercer sobre nós as suas perfidas tentativas para nos separar dos alliados; não tem provincia alguma a restituir-nos ou a evacuar. Não pode acenar-nos com qualquer Trentino, nem prometter-nos a Alsacia ou a Polonia; contra nós não pode exercer tentação nem ameaça. Os seus processos de velhacaria, as suas alternativas de promessas e d'ameaças não teem acção sobre nós. Está claro que não duvidamos da firmeza dos nossos alliados, mas mesmo sob esse ponto de vista estamos n'uma situação privilegiada. Dissémos que haviamos de ir até ao fim, e havemos de ir».

Joseph Galtier

A arca de carvalho

No sacrario da nossa memoria existem recantos de crepusculo onde conservamos certas recordações como se fossem reliquias.

Os factos que assim se sebestam na nossa memoria dão-nos uma impressão de doçura infinita e, ao tiral-os da sombra onde os conservam, ao descançar sobre elles o pensamento, sentimo-nos invadir pela paz que emanam as coisas desenterradas cuja alma não morreu.

Estas recordações são como objectos muito antigos aos quaes o tempo deu uma côr especial que não se pode reproduzir e que o uso atraves dos seculos poliu, adoçando-lhe os angulos, uniformisando-lhes o aspecto, prestando-lhes uma belleza ideal envolta em misterio e guardadora de segredos.

Quando avançamos pela vida fóra e nos magoamos e nos ferimos em attrictos dolorosos com os acontecimentos do presente, factos novos, imprevistos, duros, e que nos parecem muitas vezes inutilmente crueis, a comparação d'esses acontecimentos que fórmam a trama da nossa vida, com objectos modernos, reluzentes, de angulos agudos, impõe-se-me invariavelmente.

* * *

Uma vez, em Florença, n'uma ruasinha estreita, para os lados de S. Miniato, entrei na loja escura de um negociante de antiguidades.

Foi ha tantos, tantos annos!

N'um canto vi uma arca de carvalho, de puro estilo gothico.

Era uma d'estas arcas baixas e compridas que serviam para guardar as roupas e os objectos de valor e que, encostadas á parede, serviam tambem de escabello.

Esculpida em todas as suas faces, o desenho, de linhas austeras e simples, tinha nas suas columnatas esbeltas, nos seus arcos ogivaes, no corte simetrico e calmo dos seus trevos cavados fundo e cheios de sombra, a graça piedosa e casta da grande arte gothica, a mais homogenea, a mais harmonica e suave que jámais creou a imaginação do homem.

Era o gothico das primeiras epochas, o mesmo que ergueu a lanterna de Coutances, antes das opulencias decorativas que produziram o campanario de Bruges; era o gothico sereno e puro como duas mãos juntas levantadas ao céu; o gothico dos primeiros vitraes, das tapeçarias d'Angers e das illuminuras estilisadas sobre fundo espesso de oiro; o gothico ingenuo e profundo repassado da alma de um povo religioso, fervente, absorto pela ideia radiosa de um paraiso promettido e capaz da concepção de uma outra vida, além da morte, n'uma extatica e eterna beatitude.

Era o gothico nascido em França com a espontaneidade e a belleza perfeita e pura de uma flôr singela no qual renasce o grande principio que morrera com os antigos egypcios e com os gregos do periodo heroico e que, baseando-se na razão e no equilibrio, abrange n'uma homogeneidade maravilhosa todas as manifestações da arte; toma como thema a flora local e, estilisando-a, transforma-a na decoração racional e viva, que se adapta e se apropria a cada objecto differente sem nunca se affastar da expressão que define o impulso formidavel do ideal e traduz o caracter mistico e sincero de uma epocha unica.

Abrange todo, engloba os minimos detalhes. Desde a architectura religiosa e militar até á symphonia de côres da rosacea Sainte Chapelle, desde os apostolos de Reims até aos esmaltes translucidos, desde as tapeçarias de Arrás até ás illuminuras das *Grandes horas do Duque de Berry*, até aos cofres de talha, até ás fechaduras de ferro batido e polido, até aos mais pequenos e insignificantes objectos de uso commum, por toda a parte se expande e palpita e transparece e vibra a grande febre de amor, a grande esperança de liberdade suprema, o desejo de perfeição, a adoração extatica, immensa, dolorosa, muda e eloquente como a chama de um esplendido bravido de holocausto.

E eu olhava para a arca e pensava:

«Um bom marceneiro moderno pode reproduzil-a com exactidão até nos seus minimos detalhes; pode copiar-lhe as formas, as decorações, as linhas graves e esbeltas, o jogo da luz e da sombra nos seus relevos. Mas essa obra será fria e morta porque lhe faltará a devoção do artista que creou o original e cuja alma ficou gravada na madeira a cada golpe do ferro que era guiado pelo mesmo sonho enorme que erguia as cathedraes e lhes recortava no azul do ceu os divinos campanarios e as agulhas arrendadas e leves.»

* * *

E, de volta para casa, descendo a estrada bordada pelos ciprestes florentinos que não teem a pesada melancholia dos nossos, dizia de mim para mim:

«Não ha desesperos nem tristezas incuraveis para o homem que, chegado ao fim da vida e percorrendo com o pensamento o seu passado, n'elle pode encontrar uma só recordação que seja, comparavel á arca antiga que me encantou: recordação de um facto cuja conservação na memoria a illumine de significações grandes e bellas e lhe defenda a alma, como um talisman, contra a melancholia e contra o scepticismo.»

Virginia de Castro e Almeida

VISITAS DE ESTUDO

Na Manutenção Militar

Percorrem-n'a os socios da Universidade Livre — Mais melhoramentos: Um matadouro, um talho, uma salchicharia e novos machinismos

Uma dezena de socios da Universidade Livre foram hoje ao Beato visitar o edificio da Manutenção Militar. Visita quasi improficua esta... Quando, em meados de agosto, a direcção da Universidade pedia á directoria da Manutenção licença para a sua visita, a um domingo, foi-lhe dito que aos domingos estava parada toda a laboração nas diversas fabricas, á excepção da fabrica de pão, e que, portanto, valeria mais á Universidade escolher para a sua visita de estudo qualquer outro dia util, a fim de melhor poder observar o que de interessante ahi houvesse.

Não o entenderam, porém, assim a direcção e socios d'aquella benemerita Universidade, e hoje, pelas 13 horas, com os directores srs. Luiz Manuel de Sousa, José Antunes Fernandes e Gomes Leite, deram ingresso na parte do edificio, lado sul, onde os aguardavam o official de serviço sr. capitão Valente da Costa e o 2.º sargento sr. André Dias da Silva.

A visita começou pela lavandaria, casa das machinas, officinas de latoaria, conservas e outras dependencias, percorrendo-se depois os alojamentos, secretarias e cantinas da ala norte. Comprehende-se que decorresse tristissima e monotona, perante a immobilidade d'aquelles machinismos. Os visitantes fixando a vista em dezenas de apparelhos, cujo fim e funccionamento desconheciam, quasi que deram por mal empregado o seu tempo.

A visita, no entanto, animou-se um pouco na fabrica de pão. Hoje, ás ordens do mestre Alfredo Branco, fabricaram-se ali 36 amassaduras de pão alvo e 14 de pão de munição, alem d'umas poucas de variedades de massas finas, coisa parecida com trinta mil pães. Imagine-se, só para o hospital de S. José vão diariamente 4200 pães de 400 grammas, 3000 de 50 e 1700 de 100.

Embora em plena laboração, á hora a que ali estivemos, a fabrica impunha-se pela boa ordem, aceio e disciplina.

Como já por mais d'uma vez *A Capital* tem descripto os progressos da Manutenção Militar, suppunhamos não ter hoje que registar novidades. Pois temos, e vamos dal-as em primeira mão, mercê da amabilidade com que nos recebeu o sr. tenente coronel Vasconcellos, seu director.

E' elle quem, n'uma especial visita, nos vae mostrar as novas installações da refinaria de assucar, quasi terminadas, e que ficam na ala direita do edificio sul. Occupam dois barracões arejados e cheios de luz. A' esquerda de quem entra ha ainda mais construcções que se destinam a novas machinas de energia electrica já começadas a montar.

Ao fundo, ganhando terreno ao Tejo, vê-se já uma avenida espaçosa e arborisada que promette prolongar-se ainda em comprimento e largura e cujas obras já vão alem de 40 contos. Por ella deve passar em breve a linha ferrea, ligando Santa Apolonia á fabrica do material de guerra.

—E agora para finalisarmos, disse-nos o sr. Vasconcellos Dias, vá lá uma noticia á *sensation*: acabo de receber um officio do meu ministro auctorisando-me a construcção d'um matadouro, talho e salchicharia para fornecimento de carnes frescas ás unidades e estabelecimentos militares da guarnição de Lisboa e campo entrincheirado, e para fornecer ainda todos os estabelecimentos do Estado, embora civis, que queiram utilisar-se das enormes vantagens que vamos conceder.

E, gentilmente, o director da Manutenção vae ainda indicar-nos o local onde, d'aqui a poucos dias, se vae dar começo ás obras das novas edificações.

O matadouro, talho e salchicharias ficarão installados n'uma larga travessa conhecida pela rua da Manutenção, já fóra do edificio, á direita da linha ascendente, junto ao Tejo, onde hoje existem os depositos de carvão e onde se construirá uma ponte-caes para acostagem de pequenos navios, devendo a futura linha ferrea contornar o edificio pelo lado norte.

O ponto não podia ser melhor escolhido para satisfazer as mais meticulosas exigencias higienicas. D'este talho sahirão as carnes de primeira qualidade para fabrico de rações de reserva para o exercito de companha.

ULTIMA HORA

A grande guerra

As operações no theatro occidental

PARIS, 5.— Communicação official. Hoje ás dez horas houve violento canhoneio ao sul de Arras na região de Vailly. Lucta de minas particularmente activa nas margens do Somme, nos arredores de Frise. Acções reciprocas de artilharia e engenhos nas trincheiras nos sectores de Quennevières, Vic e Nouvron, nas quaes as nossas baterias fizeram calar em varios pontos as do inimigo. Bombardeamento bastante intenso na Champagne ao norte de Capus e de Chalons. Nos Vosges, a intervenção da nossa artilharia deteve a fuzilaria allemã deante das nossas posições no Linge.—(Havas).

"O Sentinella do 14 de maio"

No cemiterio do Monte de Caparica faz-se uma sentida manifestação de saudade ao desventurado marinheiro

Revestiu uma tocante simplicidade o que não faltou uma certa imponencia a manifestação de homenagem a Albano Rodrigues Viegas, o desditoso marinheiro que cahiu do bordo da fragata «D. Fernando» a cuja guarnição pertencia, morrendo afogado.

Como foi opportunamente noticiado o seu cadaver só dias depois foi arrojado á praia do Porto Brandão. Foi n'esta localidade que hoje a familia, a armada, as guardas fiscal e republicana e o povo de Lisboa lhe fizeram uma sentida e piedosa manifestação de saudade.

Eram 13 horas quando o cortejo se poz em marcha em direcção ao cemiterio do Monte de Caparica.

Fizeram-se representar largamente os navios de guerra surtos no Tejo, por deputações compostas de sargentos e marinheiros que, sob o commando do 1.º tenente Queiroz, que representava tambem o commandante da divisão naval, fechavam o cortejo, levando á frente a banda da Sociedade Maritima do Porto Brandão.

No coval, onde foi collocado um berço offerecido pela guarnição da fragata «D. Fernando», foram depostas varias corôas tambem offerecidas por este navio, pelos guardas da 16.ª esquadra de policia, commissões republicanas da Estrella e Santo Amaro e por um grupo de amigos e senhoras tambem de Santo Amaro e Alcantara.

Fizeram-se representar varias collectividades e grupos de revolucionarios civis e o Occidental Sport Club de que o desditoso marinheiro era socio, vendo-se encorporados no cortejo centenas de pessoas de todas as classes sociaes.

A' beira do tumulo fizeram uso da palavra os srs. capitão de mar e guerra Canto e Castro, sargento da armada Miguel Alves, pelo estado menor de marinha, Fernando Antonio Gonçalves e varios representantes da imprensa, que salientaram as qualidades do extincto que era um bello caracter e um excellente camarada.

Eram cerca das 15 horas quando se retiraram aquelles que prestaram á «Sentinella do 14 de maio» a derradeira homenagem, bem merecida, diga-se de passagem, porque sob o alcache azul da sua blusa de marinheiro pulsou um ardente coração de patriota e republicano.

Sport

Travessia do Tejo a nado

O Club Naval de Lisboa ganhou hoje, pela segunda vez, a taça Lisboa

Correu animadissima a corrida da travessia do Tejo a nado, á qual concorreram equipes do Club Naval, vencedora; Gimnasio Club Portuguez, segunda classificada, e do Sport Algés e Dafundo.

A's 10 horas largou do Caes das Columnas um vapor do Arsenal, que transportou nadadores, juri e convidados á Trafaria.

Ahi deu-se a largada aos nadadores ás 11,30 horas precisas, faltando apenas Borrego, do Sport Algés e Dafundo, correndo por fóra madame Pala, que fez uma bonita travessia. Logo de começo tomaram a cabeça do pelotão Bessoni Bastos e Formosinho, seguidos de perto por Thomaz de Aquino, Oliveira Duarte, Ryder da Costa e Manuel Moniz.

Muito perto de terra, Souza Brandão, atacado de uma caimbra, desiste, depois de uma boa corrida. O mar em vaga difficulta a marcha dos nadadores.

Ao meio dia e dez minutos, chega a terra o primeiro nadador. E' Bessoni Bastos, do Sport Algés e Dafundo, nadador esplendido, que tem um estilo muito correcto e consegue passar Formosinho, que chega em segundo logar com uma differença de tres minutos porque fez um rumo muito para oeste que muito o prejudicou.

A seguir chega Thomaz de Aquino, (do C. N. L.), que este anno se revella um optimo nadador de fundo, seguido de Bordallo Pinheiro, que fez uma boa corrida, entrando em seguida os nadadores da equipe do Club Naval, Stocker, Oliveira Duarte, Ryder da Costa, Telles e Dias da Silva, de que resultou a brilhante victoria da equipe do Naval, que era bastante homogenea.

Prestaram optimos serviços os esplendidos barcos-automoveis de Alfredo de Castro, Silva Caneto, Soares de Almeida e J. de Almeida, este ultimo que não foi até ao fim, devido a um desastre em que este senhor demonstrou a maior serenidade e decidida coragem.

Bens congreganistas

Realisou-se hoje, no extincto convento do Sacramento em Alcantara, o leilão de varios livros de assumptos religiosos, papel d'embrulhos e para impressão, sob a presidencia do vogal da commissão jurisdiccional das congregações extinctas, tendo a praça rendido approximadamente 800 escudos.

Excursão republicana

De Lisboa ao Porto

Um brilhante acolhimento na capital do norte

PORTO, 5.—Pouco depois do meio dia, chegou a Campanhã o comboio que partira de Lisboa pelas 6 horas, conduzindo cerca de oitocentos excursionistas. A excursão, como se sabe, foi promovida pelo comité do sul da Junta de Propaganda Republicana e anti-clerical e pode dizer-se coroada do melhor exito.

Na gare aguardavam os excursionistas milhares de pessoas e a banda da guarda republicana, erguendo-se calorosos vivas ao Porto, á Republica, ao dr. Affonso Costa, etc.

Organisou-se, em seguida, um cortejo no qual tomaram parte muitas collectividades, vendo-se desfraldadas 15 bandeiras. Os excursionistas foram ao governo civil, onde o sr. Gentil Sanches Gonçalves apresentou os cumprimentos do povo de Lisboa e saudou a laboriosa e illustre cidade que tão hospitaleiramente recebe os seus visitantes.

O sr. dr. Pereira Osorio, governador civil, agradeceu dizendo ser para desejar mais excursões como esta, a fim de que se estreitem os laços de sympathia entre o norte e o sul, acabando com mal entendidos.

Depois foram á camara municipal sendo recebidos no salão nobre. Deu-lhes as boas vindas o vereador Sant'Anna, em nome da commissão executiva, e o dr. Jayme de Almeida pelo senado. Falou tambem o sr. Americo Cardoso e agradeceu a carinhosa recepção o excursionista sr. Gentil Sanches.

Os excursionistas, em grupos, percorreram em seguida varios pontos da cidade.

ECHOS & NOTICIAS

INFORMAÇÕES — COMMUNICADOS

NOTAS MUNDANAS

Partiu para Caldellas com sua esposa e filha o sr. dr. Simões Carneiro.

—Para as Caldas das Taipas partiu o sr. Elisio Pereira do Valle.

—Já se encontram nas Caldas da Rainha, hospedados no hotel Madrid, os srs. viscondes da Oliva.

—Segue brevemente para o norte o sr. Mattoso da Fonseca.

Encontra-se no Porto o sr. Francisco Santos Tavares.

LUTUOSA

Falleceu a sr.ª D. Luiza Magdalena da Silva Segurø, irmã do sr. Gaspar Victor Costa. O seu funeral realisa-se ámanhã, pelas 13 horas, sahindo o prestito da avenida Almirante Reis, 91, 1.º, para o cemiterio oriental.

NOTAS DIVERSAS

Consta que o deputado democratico, 1.º tenente sr. Fernando Rego, enviou hontem uma carta ao sr. presidente da camara dos deputados renunciando o seu mandato.

INTERESSES DE CABO VERDE

Os serviços de justiça

Os seus defeitos e como remedial-os—Interessantes notas estatisticas

A provincia de Cabo Verde está dividida em tres comarcas: a de Sotavento, cuja jurisdicção se estende ás ilhas de S. Thiago, Maio, Fogo e Brava; a de S. Vicente, cuja jurisdicção se estende ás ilhas de S. Vicente, S. Nicolau, Boa Vista e Sal; e a de Barlavento, limitada á ilha de Santo Antão.

O orçamento para 1915-16 consigna a verba de 20:963$ para os serviços da justiça, assim divididos: Comarca de Sotavento, juiz 2:000$; delegado 1:400$; conservador 800$; substituto do delegado 50$; 3 sub-delegados 340$; 2 escrivães de direito 600$; 3 officiaes de diligencias 340$; interprete 100$. Total 5:830$. Comarca de Barlavento: Juiz 2:000$; delegado 1:400$; conservador 800$; 2 escrivães de direito 600$, 3 officiaes de diligencias 340$; interprete 100$. Total 5:[illegible]$. Comarca de S. Vicente: Juiz 2:000$; delegado 1:400$; conservador 800$; substituto do delegado 50$; 2 sub-delegados 200$; 2 escrivães de direito 600$; 3 officiaes de diligencias 300$; interprete 100$. Total 6:050$. Alimento e vestuario dos presos indigentes 3:000$. Carcerários 675$.

Uma coisa salta á vista de todos quantos conhecem o archipelago. E' o vencimento dos escrivães de direito, diminutissimo, se considerarmos que as custas mal chegam para pagar o papel que esses funccionarios teem de fornecer para os processos. Tirem-se-lhe as custas e se julgar que são um rendimento fabuloso, mas faça-se um inquerito ás receitas dos escrivães de direito, e desde logo se verificará que 80 escudos mensaes não chega para um funccionario prover ao seu sustento e ao da familia, impondo-se a necessidade do augmento do vencimento a esses modestos funccionarios, como muitos magistrados o teem reconhecido e proposto, na passagem por Cabo Verde.

Os serviços de justiça em Cabo Verde não estão muito mal repartidos, mas na nova organisação administrativa, sujeita á apreciação do Conselho Colonial, são creados mais uns julgados municipaes cuja falta muito se tem feito sentir. Assim, os novos concelhos irregulares dos Carvoeiros e Paul, em Santo Antão, Tarrafal de S. Thiago e Mosteiros da ilha do Fogo, passam a ter julgados municipaes.

No andamento dos processos nota-se muitas vezes uma lentidão perniciosissima para a applicação rigorosa da boa justiça. Entre a data do crime e a da inquirição das testemunhas, mediando um longo periodo, dá-se o suborno das testemunhas, quer pela influencia pessoal ou politica dos implicados, quer pelo medo das testemunhas em dizerem toda a verdade, com medo de futuras represalias. Quer portanto dizer que, quanto mais tempo mediar entre a pratica do crime e a inquirição de testemunhas, menos probabilidade existem de que a prova testemunhal seja verdadeira, por haver tempo de sobejo para ensinar ás testemunhas o que convenha aos incriminados. O remediar este caso é uma causa vital para os interesses da justiça em Cabo Verde.

Vejamos agora o movimento dos processos crimes e reus, referidos ao anno de 1913.

A comarca de Sotavento tem jurisdição sobre 87.622 habitantes, e a criminalidade dá 0,05 0|0 n'esta comarca. Durante o anno foram instaurados 72 processos, tendo sido julgados 61, tendo havido 11 absolvições e 54 condemnações.

Descriminando as condemnações por natureza de crimes, referidas aos 54 reus condemnados, mostra-se que as offensas corporaes deram 23 condemnados, seja 42 0|0, os crimes de furto 10 condemnados seja 18 0|0, e os crimes de desobediencia 5 condemnados, seja 9,2 0|0. Nas cadeias d'esta comarca passaram em 1913 304 presos, sendo 1[illegible] homens e 112 mulheres.

A comarca de S. Vicente tem jurisdição sobre 25.669 habitantes, e a criminalidade dá 0,19 0|0 n'esta comarca. Durante o anno foram instaurados 139 processos, tendo sido julgados 60, tendo havido 19 absolvições e 50 condemnações.

Descriminando as condemnações por natureza de crimes, referidas aos 50 reus condemnados, mostra-se que as offensas corporaes deram 25 condemnados, seja 50 0|0, os crimes de furto 12 condemnados, seja 24 0|0, e as violencias contra a auctoridade 7 condemnados, seja 14 0|0. Nas cadeias d'esta comarca passaram, em 1913, 163 presos, sendo 141 homens e 22 mulheres.

A comarca de Barlavento tem jurisdição sobre 33.676 habitantes, e a criminalidade dá 0,59 0|0 n'esta comarca. Durante o anno foram instaurados 200 processos-crime, tendo sido julgados 140, tendo havido 47 absolvições e 131 condemnações. Descriminando as condemnações por natureza de crimes, referidas aos 140 condemnados, mostra-se que os crimes de furto deram 35 condemnados seja 72 0|0, as offensas corporaes 14 condemnados seja 10 0|0, e as desobediencias 5 condemnados, seja 3,8 0|0. Na cadeia d'esta comarca passaram em 1913 232 presos, sendo 191 homens e 41 mulheres.

O systema prisional enferma em Cabo Verde do mesmo mal que aqui. Os presos, a quem não falta comida, casa e roupa teem mais conforto e ociosidade que em casa. Evidentemente que para quem gosto facil é praticar qualquer crime para que o governo lhe dê na cadeia o que ella fóra d'ali e não consegue. Isto é um regimen puramente portuguez. N'outros paizes ser criminoso é o mais completo desastre, e se se é reincidente, peor um pouco, porque a liberdade é vigiada, para o que em simples reclusos se estabelecem toda a especie de trabalhos em que os delinquentes são empregados sob a vigilancia da policia.

De fórma que ser condemnado em cadeia representa para os reus a sorte grande; mas, dir-nos-hão, porque não se condemnam os reus a serviços publicos? Porque o Estado tem da mesma fórma que os sustentar. Em Cabo Verde os condemnados a trabalhos publicos vencem 2|3 do salario dos trabalhadores livres: o salario do trabalhador livre é actualmente de 15 centavos em Cabo Verde, e o condemnado receberá então 10 centavos o que não chega para a sua alimentação, visto que o Estado gasta com o rancho de uma praça do exercito e a farda 15 centavos diarios. Portanto, mesmo condemnados a trabalhos publicos, os presos dão deficit ao Estado.

A unica coisa que daria certo seria obrigar os presos a frequencia de escolas de artes e officios, onde não só aprenderiam para poderem ser uteis terminado o captiveiro, como ainda se daria um desenvolvimento conveniente á provincia, por conseguir abundantes profissionaes que hoje escasseiam, o que torna carissimas todas as obras de carpinteiro, ferreiro, etc. etc. E o que é extraordinario é saber-se que vimos muitas vezes alguns presos trabalhando nas cadeias por sua propria conta, fazendo cestos, meias, etc. para conseguirem dinheiro para tabaco e vestuario. Resta os presos dando lições ao proprio Estado, que as não aproveita.

A estatistica onde fomos buscar parte dos dados atraz transcriptos revela-nos alguma coisa para ser considerada. E' o que se refere á extensão do crime de furto em Santo Antão de Cabo Verde. Setenta e dois por cento dos reus foram condemnados pelo crime de furto, ou sejam 25. E' uma percentagem já demasiada. E o que faria se a ilha fosse policiada como é a de Santo Iago pela policia rural: nós tivemos occasião de ver ricas propriedades de canneiros no Paul, limpas de café n'uma noite, campos extensos de mandioca, batata doce, etc. etc., assaltados e cujo estrago era total. Reclama-se, representa-se, as providencias nunca apparecem, embora a propria estatistica mostre a necessidade de providencias urgentes, porque se não forem dadas, uma vez que os condemnados por taes crimes, logo que sahem da cadeia, voltem á vida antiga, para voltarem a aproveitar-se da unica fórma de assistencia publica existente em Cabo Verde, não haverá mais recurso do que cada um defender o que é seu, fazendo respeitar a inviolabilidade da propriedade, applicando a força defensiva contra a offensiva, reconhecida a auctoridade como impotente.

Armando Xavier da Fonseca

SPORT

A gymnastica nas escolas primarias

Perguntaram-nos hontem:

—Então devia ser um medico o inspector de gymnastica das escolas primarias?

—Não é necessario que o seja...

—Mas assim parece pelas considerações de v. exigindo grande copia de conhecimentos aos futuros candidatos...

Puro engano. E quem assim leu as nossas considerações não sabe lêr. Evidentemente que um medico tem garridas vantagens para corresponder aos intuitos da proposta do dr. Corvinel Moreira, mas conhecemos professores de gymnastica, sem serem medicos, que possuem todas as condições e todos os conhecimentos. São poucos? Evidentemente que sim, mas nos proprias escolas primarias ha d'esses mestres? Ora sendo assim voltamos a insistir na «duração do estatuto». E' que um inspector tem de saber mais que esses professores.

Mas os medicos?

Mesmo esses teriam de ser especialisados. Lá pela Suecia, o falamos d'este paiz para convencer os fanaticos de cá, os medicos que desejam ensinar gymnastica praticam-n'o alguns mezes juntamente com os alumnos do 3.º anno do curso do Instituto.

Nota do dia

O Club Naval trabalhando sempre...

A natação é um exercicio natural. E' dos melhores exercicios physicos, um dos mais hygienicos e mais completos. Os antigos diziam para mostrar a inutilidade d'um homem:—Não sabe lêr nem nadar! E assim essa formula educativa conseguiu fazer dos romanos um povo aguerrido, culto e forte.

Ora, por todos estes motivos, quem faz a propaganda da natação merece todos os elogios e até a justa consideração de todos aquelles que se empenham pelo bem estar do paiz. Por esta razão tambem, consideramos benemerito o Club Naval e patriotica a sua acção, intensa e productiva, fazendo uma propaganda diaria da natação. Hoje, promove o Club a travessia do Tejo, ha dias promoveu a prova dos 500 metros, ha um mez a prova de 100 metros, tendo attrahido milhares de espectadores e interessado ministros e o chefe do Estado.

Mas será bom não esquecer que n'estes trabalhos dentro do Club Naval, pró-natação, a actividade e dedicação de Ryder da Costa tem sido tudo...

Algumas anecdotas

E Marseille teve receio e depois sentiu-se burlado...

O famoso luctador Marseille, que Hossignol Rolin chamou o «Mounier de Lapalide», fazia uma noite a «parada» na feira de Neuilly e provocava os que passavam para vir luctar com elle, que sendo forte, vigoroso e invencivel não precisava recorrer ao «chiqué» com os seus collegas.

—Quem levanta a luva?—gritava do alto da barraca.

Glatigny passou. Ora Glatigny era um typo delgado e secco, d'aspecto tão pouco athletico, que Marseille teve medo de se ver provocado por elle, pois certamente esse homem, para se apresentar deante d'elle, tinha de conhecer algum «truc». O celebre Marseille, porém, resolveu vencel-o depressa. Em frente d'elle, avançou com resolução, levantou Glatigny como uma pena e arrojou-o a terra!

Então Glatigny, muito seriamente, com ares de imponente actor, voltou-se para o publico e exclamou:

—Senhoras e senhores, não vos occulto que este cavalheiro é mais forte do que eu!...

O publico riu e Marseille córou porque fôra burlado.

Noticias

ENTRE NÓS

A gymnastica natural e a guerra

Meu caro dr. José Pontes.—Sob o titulo acima publicou «A Capital» de 23 de p. p. uns considerandos sobre a fórma como se portaram os fusileiros da marinha franceza nos combates do littoral belga.

Louvo-lhe a referencia que faz á gymnastica natural codificada pelo tenente Hébert da marinha franceza, pois sendo eu talvez o que primeiro a ella se referiu e defendeu por vêr quanto se adaptava ao nosso temperamento meridional, me tornei apologista e a todos recommendo como sendo a que praticamente dá melhores resultados, quer se encare pelo lado simplesmente educativo, quer pelo lado do desenvolvimento physico.

Combati e combato sempre o systema sueco, que já teve tempo de dar provas do seu valor utilitario no nosso meio. O que se vê? Nada. A propaganda a favor da gymnastica sueca foi bem feita e intensiva, a pontos de ser officialmente adoptada; mas, se não fossem os exercicios athleticos e jogos sportivos, creia que a mocidade morria da gymnastica sueca por ser demasiado monotona.

O portuguez gosta de correr, saltar, andar á pancada, levantar pezos, etc., pois tudo isto faz parte da base da gymnastica natural.

Os proprios suecos para tornarem supportavel a gymnastica sueca já juntaram tambem jogos sportivos.

A gymnastica boa e util para Portugal e portuguezes é a gymnastica natural. Com esta se formam caracteres e gente apta para os maiores commettimentos.

Quanto ganharia o nosso exercito e armada se seguisse o systema natural?

Depois, este systema tem a grande vantagem de ser facilmente comprehendido pelo menos intelligente.

Agora que tanto se fala em ir para a guerra nada custa principiar-se já preparando o soldado e o official e treinal-os com a gymnastica natural em que a base tem a «marcha», a «corrida», o «salto», o «lançar ou atirar qualquer pezo», o «levantar pesos», o «trepar», o «nadar», etc. Junte-se a isto um pouco de recruta e muito exercicio de tiro e teremos bons officiaes e soldados capazes das maiores façanhas.

V. não é d'esta opinião?

Espero, portanto, que na sua secção de «A Capital» não deixe de fazer propaganda á gymnastica natural e animar todos a cultival-a.—De v. etc., *A. de Sousa Magalhães.*

Luiza Magdalena da Silva Seguro

FALLECEU

R. I. P.

Gaspar Victor Costa e sua mulher Joanna Adelaide da Silva Costa, Thereza Maria Libania da Costa Braga e seu marido José Ferreira Braga, Carlos da Costa Ferreira Braga e sua mulher Maria da Conceição Damasceno Braga e seu filho, Maria Magdalena da Silva Vandrell e suas filhas, participam a todos os seus parentes e pessoas das suas relações o fallecimento da sua muito querida e chorada irmã, cunhada, tia e prima Luiza Magdalena da Silva Seguro, cujo funeral se deve realisar amanhã, 6 do corrente, pela 1 hora da tarde, sahindo da Avenida Almirante Reis, 94, 1.º para o cemiterio oriental.

PEQUENAS NOTICIAS

Foi suspenso do exercicio e vencimento o civico n.º 1724. O sr. commandante da policia mandou registar, em ordem do corpo, ter-lhe sido muito agradavel a communicação que recebeu do conselho de Oiras, acerca do bom serviço prestado pelos guardas n.os 260 e 1944, destacados, que capturaram tres perigosos gatunos.

—Informa-nos a empreza de pesca a vapor Oito de Setembro, Limitada, que não é exato ir vender o seu vapor denominado *Oito de Setembro.*

—Pelo guarda n.º 623 foi detido Francisco Antonio Gomes, por ser desertor do regimento de infantaria n.º 1, onde tinha o n.º 173 da 9.ª companhia.

Especiaculos

Cartaz de ámanhã

POLITEAMA—A's 20,30 e 22,30—Não desfazendo... (Revista).

EDEN—A's 20,45 e 22,45—O diabo a quatro. (Revista).

COLISEU DOS RECREIOS—A's 21—Revista da moda—Primeira representação da operetta A Divorciada.

MODERNO—A's 20,45—O cabo Simão.

Agenda da semana

TERÇA-FEIRA—Coliseu dos Recreios—A's 21 horas—Festa artistica de Adriano Marchetti—*O Conde de Luxemburgo.*

QUARTA-FEIRA—Politeama—Recita do auctor. A revista *Não desfazendo...* com numeros novos.

Ao correr da penna

Segui com interesse as entrevistas publicadas no Seculo da noite em que o actor brazileiro João Barbosa apreciava o theatro da sua terra. Quando ha cerca de quatro annos pisei terras da capital carioca, um jornalista amavel lembrou-se de me perguntar o que eu pensava sobre o theatro brazileiro. Na minha curta permanencia de dois mezes na grande cidade sul americana não tinha tido tempo de formar uma ideia assente sobre o assumpto. No entanto disse, com a maxima prudencia, coisas que hoje folgo em ver confirmadas pelo actor e professor João Barbosa, que lá vi trabalhar em companhia de Adelaide Coutinho, Marzullo e Lucilia Peres.

O grande mal do theatro brazileiro é não haver emprezarios. Algumas pessoas, que lá fazem negocios de theatro, exploram principalmente as tournées portuguezas e estrangeiras, o que lhes poupa o trabalho de organisar elencos e reportorios e reduz a exploração ao simples machanismo da bilheteira. Vendem theatro feito com o mesmo esforço intellectual com que podiam vender chouriços.

Se surgissem no Rio pessoas competentes que reunissem os artistas que lá vegetam á aventura e convocassem os auctores de talento que anceiam por dar as suas provas de confirmarem os seus exitos anteriores, tenho por certo que se organisariam temporadas methodicas e com brilho artistico.

Assim não se organisam, quer para a capital quer para a exploração dos estados visinhos, senão mambembes heterogeneos com um reportorio desiquilibrado que não lustram, antes pelo contrario, o theatro brazileiro.

Os artistas arrastam uma vida de aventuras. Os auctores desviam para outros campos de acção talentos incontestaveis e o publico desinteressa-se, como é logico e natural.

Se possivel fosse organisar no Rio uma companhia com uma certa subvenção do governo e dirigida por pessoa estranha ao mister de comediante, creio que alguma se faria no sentido reclamado por João Barbosa.

Cyrano

Primeiras representações

Teve hontem a companhia Granieri mais um exito a juntar aos muitos alcançados.

A linda operetta Manobras do outomno teve um explendido desempenho, ouvindo os artistas muitos applausos. Mereceu especial referencia as sr.as Pangrazi e Razzoli e os srs. Granieri, Marchetti e Razzoli que aos seus papeis deram o maior realce artistico.

Hoje canta-se o mesmo programma da festa da sympathica Razzoli, isto é, a operetta Eva, cançonetas hespanholas e o fado portuguez que Fernanda Razzoli canta com tanto sentimento e bom gosto.

Amanhã, em recita da moda, a primeira representação da Divorciada.

Boatos e informações

Entre nós

A companhia do Gimnasio chega amanhã a Lisboa, no comboio do meio dia, de regresso das Caldas, onde deu o ultimo espectaculo da sua *tournée*, que foi fructuosa e deixou a melhor impressão pela provincia.

● A revista *Dominó*, de Pereira Coelho, Gustavo Sequeira e Alberto Barbosa, que entrou em ensaios no Eden, terá duas apotheoses, ambas de Luiz Salvador.

● O *compère* da revista do Avenida será desempenhado, em *travesti*, pela actriz Angela Pinto.

● A apresentação da companhia do Republica realisa-se, como de costume, em fim de outubro.

Circos & Music-halls

SALÃO DA TRINDADE—A's 20 e 22—Companhia infantil—O collar da princeza.

ANIMATOGRAPHOS E CONCERTOS—Olympia e Paradis, matinées diarias e soirées á noite; Central, Chiado Terrasse, Salão Foz, Rocio; Sociedade Promotora de Instrucção, em Alcantara, serões ás quintas-feiras, sabbados e domingos.

CINEMATOGRAPHOS OU ESPECTACULOS VARIADOS—Chantecler, Imperio, Salão Graça, na Caixa Economica Operaria, Variedades, na calçada da Estrella—A's 21,30—O diabo no convento.

O mormo em cavallaria 2

Devido a ter-se manifestado a doença de mormo em cavallaria n.º 2, ficou sem effeito a sua partida para os exercicios das escolas de repetição, que deviam começar hoje.

No hospital de medicina veterinaria foi já abatido um cavallo.

Ferro-viarios

A commissão do pessoal demittido em consequencia das gréves do anno vem solicitar a comparencia dos collegas ainda não reintegrados, na séde do Syndicato do Pessoal dos Caminhos de Ferro, na proxima segunda-feira, 6 do corrente, pelas 20 horas e meia, a fim de serem apresentados os trabalhos referentes á ultima entrevista com a Companhia e bem assim para tratar de assumptos de grande interesse.

A provincia n'A CAPITAL

COIMBRA, 5.—As juntas de parochia de S. Silvestre, Lamarosa, S. Martinho de Arvore, Botão, Souzellas, Villela, Vil de Mattos e Trouxemil, enviaram á camara municipal uma representação pedindo a creação do novo partido medico para beneficio dos povos d'aquellas parochias, que muitas vezes morrem sem assistencia medica.

Foi promovido a cabo o guarda n.º 74 da policia civica sr. Mathias Alves.

Principia no dia 10 e termina em 25 do corrente, o praso para apresentação dos requerimentos pedindo matricula para o proximo anno lectivo, no lyceu d'esta cidade.

—A' Porta Ferrea da Universidade foi affixado um edital annunciando o concurso por espaço de 90 dias para o provimento de 7 vagas de assistentes da Faculdade de Medicina da Universidade do Porto, com o ordenado de 400$00 de cathegoria e 2:0$00 de exercicio.

—Termina no dia 26 do corrente o praso do concurso para o logar de porteiro-machinista do Observatorio Astronomico da Universidade, podendo por isso até áquella data apresentar os seus documentos os candidatos ao referido logar.

—Foi nomeado chefe do posto de Condeixa o 2.º cabo Soure, da guarda republicana.

Movimento maritimo

Liverpool «Antony», Pará 6
Brazil e R. Prata, «Zeelandia», Amst. 6
Africa oriental, «Kosanne», Liverpool 7
Bordeus, «Samara», Brazil 7
R. Jap. e R. Prata, «Flandre». Bordeus 7
Br. R. Pr. e Pac., «Oriana», Liverpool 8
Vigo, Liverpool, etc., «Orita», Brazil 8
Africa Occidental, «Portugal» 12
Africa Occidental, «Cazengo» 18

fortaleza de Sierock, proximo da foz do Bug e de Novo-Georgievsk. As margens d'esses rios são na maior parte pantanosas. Na frente do Niemen e do alto Bobr ficam os pantanos e as florestas de Suvalki e de Augustovo; o baixo Bobr e o Narev são rodeados por uma região montanhosa, que offerece magnifico terreno para defeza.

Atraz d'essas linhas os russos dispõem de boas communicações lateraes, no passo que os allemães, logo que atravessam a fronteira, não teem nenhuma na fronteira do Narev. Apenas tres caminhos de ferro ligam a linha Petrogrado-Varsovia com os caminhos de ferro prussianos.

Mais para o norte uma linha de caminho de ferro atravessa o Niemen em Kovno e corre por Vilkovyshky para Stalluponen; a segunda de Bielostok por Osoviec e Grajevo para Lyck; a terceira de Varsovia por Novo-Georgievsk, Chiechanow e Mlava para Soldau. Ha, porém, dois grupos de caminhos de ferro estrategicos baseados na linha Petrogrado-Varsovia que não tocam em territorio prussiano. Uma linha semi-circular corre de Orany por Olita, Suvalki e Augustovo para Grodno. Tres ramaes sahem da linha principal entre Bielostok e Varsovia, entroncando além da fortaleza de Ostrolenka; dois d'elles correm parallelamente ao Narev, que faz alli uma curva pronunciada; o terceiro fica no triangulo que as outras duas linhas formam com a linha Petrogrado-Varsovia.

Assim, na zona prussiana oriental a situação é differente originada pelos rios e montanhas que formam a linha divisoria. Esses rios e montanhas pódem ser guarnecidos d'um ou d'outro lado. Mas cada lado tinha a sua barreira natural e um territorio proprio.

Depois da derrota de Tannenberg os russos recuaram para a sua barreira propria e os allemães experimentaram pela primeira vez a sua força intrinseca. Desde outubro os russos haviam recuperado gradualmente o terreno entre as barreiras e pelos meiados de dezembro repelliram na primeira batalha de Prasnysz um avanço allemão para o sul.

No principio do anno estavam na elevação oriental da Prussia ao longo da linha dos lagos Augerapp e Grande Masurio e na elevação meridional mais ou menos ao longo da fronteira para Mlava.

Na região a oeste de Mlava é incerta e não de grande importancia. A unica parte da margem direita do Vistula entre Novo-Georgievsk e Thorn que é d'alguma importancia para os russos—principalmente para fazer frente ás trincheiras no Bzura—está nas suas mãos. A unica parte que é de importancia para os allemães é a que fica entre Vloclavek e Thorn, mas n'ella corre o caminho de ferro Thorn-Lovicz tão perto da margem esquerda do Vistula que póde ser bombardeado da margem opposta. Essa parte da margem direita está occupada pelos allemães.

Com relação á zona prussiana oriental deve notar-se que é ella de especial importancia para todas as operações militares a dentro d'ella, tanto mais que a agua fórma os principaes obstaculos d'ambos os lados. Com excepção dos lagos Masurios e do Vistula, que são de grande profundidade, os obstaculos da agua são os mais serios, devido principalmente a gelar no inverno.

A acalmia da lucta que houve na frente oriental nas primeiras tres semanas de janeiro foi apenas devida em parte ao mau tempo, que foi um serio obstaculo ao desenvolvimento de qualquer eschema estrategico. N'uma região onde a falta de caminhos de ferro difficulta os transportes, pareceria extemporaneo encetar grandes emprezas emquanto as condições de transporte mudavam todos os dias.

No principio de janeiro o tempo estava tão chuvoso que até as pequenas torrentes, como por exemplo o Rawka, estavam livres de gelos; toda a Polonia era um vasto lençol de agua. Antes do meiado de janeiro é que começou a cahir neve e gelo e só depois do dia 20 é que pela primeira vez se poude vêr uma campa-

a guerra dentro dos seus limites e cada uma d'ellas tem um eschema differente no eschema geral da guerra na fronte oriental.

A linha de batalha na zona polaca estabeleceu-se no anno novo ao longo de uma linha recta correndo de norte a sul. As posições nas outras duas zonas, ... os seus flancos; formam curvas concavas, a dentro das quaes as potencias germanicas occupam as posições interiores.

Toda a zona polaca é uma planicie. As margens dos rios são em extremo pantanosas, offerecendo assim boas linhas para defeza. O terreno não é semelhante ao da Flandres. O Vistula entre Varsovia e Thorn tem uma largura média de dois kilometros e meio e não é vadeavel. Não ha pontes desde a fortaleza de Novo-Georgievsk a leste até Plock a oeste. O lançamento de uma ponte difficilmente poderia ser feito, a não ser que houvesse uma linha firme e segura em ambas as margens. Comtudo a ausencia total de caminhos de ferro na região entre a linha Novo-Georgievsk-Mlava a leste, a fronteira prussiana a noroeste e o Vistula a sudoeste restringe a lucta n'essa área a operações meramente secundarias, accentuando por consequencia ainda mais fortemente o limite norte da zona de guerra polaca.

Condições semelhantes produzem, como é natural, effeitos semelhantes. Na zona que no theatro oriental da guerra mais se parece com a Flandres, em dezembro foi a guerra de sitio e de trincheiras que predominou. O novo methodo de operações do occidente espalhou-se áquella parte da fronte de batalha oriental. Apparece na sua fórma mais perfeita nas duas extremidades oppostas: Varsovia e Tarnow.

As trincheiras não podiam transformar-se n'uma linha permanente a não ser que os meios de communicação na sua retaguarda facilitassem o fornecimento continuo de munições e homens e tambem a execução de rapidas concentrações no caso d'um ataque pelo inimigo. Um bom systema de communicações é pelo menos indispensavel para a execução de taes ataques.

Na fronte occidental os caminhos de ferro estão mais ou menos egualmente desenvolvidos em toda ella. Na Polonia russa o systema de communicações limita a offensiva allemã á secção norte da linha. As tres linhas principaes de caminho de ferro Thorn-Lovicz, Kalisz-Skierniewice e Czenstochova-Skierniewice, de que os allemães se apoderaram em meiados de dezembro, formam uma base para ataque contra a linha Bzura-Rawka.

Mas, por outro lado, essa linha, nas visinhanças de Varsovia, não

O tenente E. A. Bear

deixa de estar bem provida de meios de communicação. Mais para o sul, a vantagem de communicações pertence aos russos e depois da tentativa allemã de romper a linha em redor de Inovladz ter falhado, d'essa parte central da zona polaca raras vezes se ouviu falar. Na extremidade sul, em ambas as margens do Vistula, o Nida e o Dunajec formam uma linha ao norte, constituindo um obstaculo mais serio do que o Bzura e ou Rawka.

A posição em toda a zona polaca no principio do anno póde dizer-se extremamente favoravel aos russos. Occupavam uma posição avançada na fronte do Vistula, a que devia accrescentar-se como addicional arteria de communicação aquelle grande rio, que durante a primeira invasão da Polonia pelos exercitos

de Hindenburg servira como defeza aos exercitos russos.

Se a linha das suas trincheiras fôsse rôta, podiam recuar para a linha do Vistula e essa retirada fortaleceria ainda a sua posição.

As ligações do seu principal caminho de ferro ficam a leste do Vistula e uma linha parallela á fronte do rio corre no lado oriental, fóra do alcance de alguns canhões que possam ser collocados na margem occidental. A linha approxima-se mais do rio entre Ivangorod e Novo-Alexandria e ao sul de Varsovia.

Mas em redor d'esses dois pontos, antes da primeira offensiva allemã ter sido repellida em outubro, posições inexpugnaveis haviam sido desde então construidas. Em redor de Varsovia essas fortificações, correndo n'um semi-circulo baseado sobre o Vistula, tinham ainda a vantagem d'uma curta linha de caminho de ferro ao longo da margem occidental do rio, a linha Varsovia-Gora-Kalvaria. Os russos podiam ter abandonado a posição avançada ao longo da corda de arco sem perda alguma estrategica.

Se a posição na curva do Vistula fôsse abandonada, seria impossivel manter a posição avançada no Dunajec ou mesmo uma nova linha mais a leste no Wisloka. Como os acontecimentos de outubro mostraram, uma retirada completa na linha do Vistula, guardando na margem esquerda apenas as pontes-cabeças de Yvangorod e Varsovia, tornaria impossivel uma retirada para a Galicia pela linha do San e daria occasião a ser de novo cercada Przemysl.

Se Przemysl ficasse nas mãos das potencias centraes sem ter sido tomada pelos russos, daria aos exercitos austro-allemães um enorme poder em toda a linha do San, como Varsovia e Yvangorod o davam aos russos na do Vistula. Um rio não é um mar e quando está entre dois exercitos o lado que domina os vaus é aquelle que domina na realidade o rio.

Uma retirada dos russos sobre a linha do San arrastaria a sua retirada dos desfiladeiros dos Carpathos e o abandono da sua posição que ameaçava a Hungria. Demonstrava-se de tal fórma a evidencia estrategica d'essa cadeia de montanhas que a posição na linha Bzura-Rawka na fronte da mais forte posição em redor de Blonie estava em indirecta ligação com a offensiva nos Carpathos, e os ataques allemães contra ella eram talvez mais para chegar á rendição de Przemysl.

A posição dos exercitos russos ao longo da fronte da Galicia e na zona dos Carpathos era, no principio do anno, extraordinariamente vantajosa. A linha do San e do Dniester ou mesmo uma linha na sua retaguarda seria perfeitamente sufficiente para mera defeza, podendo sempre os russos recuar com excellentes probabilidades do successo. Mas em vez de recuarem estavam, a esse tempo, senhores de todas as passagens para a Hungria e n'uma posição avançada no Dunajec, que valia muito mais como cobrindo as operações nos Carpathos do que como uma ameaça contra Cracovia.

Sob o ponto de vista estrategico, podemos distinguir duas zonas nos montes Carpathos. Uma estende-se d'uma linha ao sul de Tarnow e o valle do Biala até ao desfiladeiro de Beskid, a outra desde esse desfiladeiro até á fronteira rumaica. O sector occidental apresenta as maiores facilidades para uma invasão da Hungria pelos russos. A cadeia de montanhas e os desfiladeiros são muito mais baixos do que no sector oriental ou para oeste em redor do grupo Helo-Tatra. N'aquelles difficilmente ha picos de 3.000 pés d'altura, ao passo que n'este grupo as montanhas a leste do desfiladeiro Baskid excedem a 6.000.

Entre a linha do Biala e o desfiladeiro Beskid, n'uma fronte que se estende por mais de cento e sessenta kilometros, dez estradas e trez linhas de caminhos de ferro atravessam os Carpathos: o caminho de ferro Sanok-Homona, sobre os desfiladeiro Lupkow, o de Lwow-Sambor-Ungvar sobre o Uzsok e o de Lwow-Stryj-Munkacz sobre o Beskid.

Uma invasão da Hungria pelos desfiladeiros do sector oriental dos Carpathos só poderia ser levada a effeito d'accordo com a Roumania. Para uma invasão exclusivamente russa o caminho natural é o mesmo que foi escolhido em 1849, quando o dominio do joven imperador Francisco José I sobre a Hungria foi salvo pela intervenção russa. Esse caminho leva aos desfiladeiros em redor de Dukla.

E' evidente que demoradas operações de sitio nos montes Carpathos eram impossiveis. As trincheiras podem servir para proteger uma posição especial, mas não póde haver uma linha ininterrupta de trincheiras em montanhas cobertas de bosques, de milhares de pés d'altura. Cada posição separada póde ser torneada, muitas d'ellas pódem ser enfiadas d'uma outra posição em nivel mais alto. D'aqui, toda a lucta nos Carpathos se ter limitado a tomar um caracter completamente differente do do occidental ou da zona polaca. A artilharia não tinha ahi tanta importancia, pois a sua acção sobre uma fronte tão espaçosa provou ser impossivel. Devido a esse facto, tomavam-se grande numero de prisioneiros d'um e d'outro lado e era baixa a proporção do numero de canhões tomados em relação com o dos prisioneiros. Antes de passarmos a falar da zona prussiana oriental—o flanco direito da fronte da batalha russa—ha um facto significativo para que devemos chamar a attenção do leitor. Muitos dos mais importantes ataques austro-allemães n'essa região visavam o recanto entre Tarnow e Jaslo, na juncção das duas zonas, a da planicie polaca e a dos montes Carpathos. Ahi não podiam empregar-se trincheiras ligadas umas ás outras, por causa da elevação dos outeiros, os quaes, porém, não formam barreiras sufficientemente altas para impedir o desenvolvimento d'uma acção offensiva combinada. Foi ahi que os austro-allemães quizeram rompêr a linha russa em maio passado.

Tratemos agora da zona prussiana oriental. Parece que n'essa região a natureza se compraz em percorrer a gamma da guerra de sitio. Cada lado tinha a sua linha fortificada por obstaculos naturaes. A' fronte prussiana corre desde Filsit no Niemen, por entre florestas e pantanos, a Insterburg, d'ahi, ao longo da linha dos lagos Angerapp e Grande Masurio a Johannisburg, e d'ahi por entre pequenos lagos, pantanos e florestas até á fortaleza de Thorn no Vistula.

A distancia de Filsit a Thorn é de cerca de trezentos e vinte kilometros. Dezeseis linhas de caminho de ferro correndo para a fronteira russa transpõem a linha que liga essas duas cidades; essas dezeseis linhas saem d'ambos os lados da do caminho de ferro Filsit-Thorn. Não ha nenhuma que não seja servida por menos por trez linhas-ramaes. Mas emquanto na Silesia serve uma região onde a industria está extremamente desenvolvida e é grande a riqueza mineira, a leste do Vistula a região é pobre e pouco populosa, devido aos pantanos.

A linha russa de defeza segue o curso de Niemen acima de Kovno. Ao norte, a região não tem importancia estrategica. Os allemães teriam de avançar ahi durante uma grande distancia em regiões sem estradas e caminhos de ferro antes de alcançarem um ponto vulneravel. De Grodno a um ponto a cêrca de dezaseis kilometros a leste de Kovno o Niemen corre na direcção norte. Essa parte do Niemen n'uma fronte de cêrca de oitenta kilometros cobre o caminho de ferro de Petrogrado-Vilna-Varsovia.

A uns dezaseis kilometros acima de Grodno o rio Bobr approxima-se mais da linha do Niemen. Em frente e a sudoeste de Grodno, para a confluencia do Bobr e do Narev, ha a linha do Bobr, que protege o caminho de ferro Petrogrado-Varsovia e o flanco da fronte do Vistula na zona polaca. Mais para sudeste a linha defensiva segue o Narev até á sua confluencia com o Bug e finalmente o Bug até á sua confluencia com o Vistula.

Na foz do Narev fica a poderosa

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 1828 — 6.º Anno

Direcção e propriedade — Manuel Guimarães
Editor — Camillo Sousa e Almeida
Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA — Segunda-feira, 6 de Setembro de 1915

Telephone n.º 2293 — Endereço teleg. CAPITAL
Composição — Rua do Norte, 5, 1.º
Officina de impressão — 71, Rua da Bica, 71

Preço 1 centavo

Aspectos d'uma situação

Os aspectos em que se nos apresenta a actual situação parlamentar são todos, pelo menos, singulares.

Ultrapassou-se o praso normal da sessão legislativa, e precisamente n'estes ultimos dias surgem da maioria appellos insistentes aos seus membros, que abandonaram os trabalhos parlamentares, para que regressem a esses trabalhos, cuja imperiosa necessidade assim implicitamente se affirma.

Não se comprehende que havendo questões essenciaes a tratar no parlamento,—e só essas justificam semelhantes appellos—seja preciso formulal-os, porque o dever dos parlamentares é seguir esses trabalhos, sempre que elles representam necessidades impreteriveis da politica ou da administração do paiz. E tanto mais é para surprehender o seu afastamento, e depois a sua relutancia ao sollicitado regresso, quanto é certo que elles não podem affirmar-se indifferentes ás grandes conveniencias republicanas e nacionaes.

Por sua parte, as opposições declaram que só occuparão os seus logares para impedir, ou pelo menos difficultar, a discussão d'essas questões. Não é esse o papel das opposições, porque não é uma missão parlamentar. Quem acceitou o mandato de representar um determinado numero de eleitores sabe muito bem que esse mandato não prescreve a abstenção ou o obstruccionismo. Esse mandato determina a discussão. Os representantes do paiz vão ao parlamento para discutir e votar. Discutem segundo a sua consciencia, votam segundo a sua consciencia, mas o seu papel é discutir e votar; não é não discutir, não votar, e procurar impedir que os outros discutam ou votem.

O terceiro aspecto da situação parlamentar, resultante dos que enumerámos, relativos á attitude da maioria e á attitude das opposições, é o que se deriva da ausencia d'estas opposições, e d'uma grande parte da maioria. Não ha duvida que o «quorum» para a realização das sessões e para a votação dos projectos póde baixar, mas tudo tem um limite. Se ámanhã esse «quorum» estiver reduzido á quarta ou quinta parte dos representantes da nação, isso significaria que, sem a fiscalisação opposicionista, uma pequena parcella, apenas, da soberania nacional tomará resoluções que deveriam ter a garantil-as o apoio da maioria do paiz, representado pela maioria dos seus eleitos. Estaremos em presença d'uma ficção, que não é já a convenção constitucional, mas a sua caricatura.

A observação d'estes aspectos corrobora a opinião d'aquelles que entendem que, sendo pessimo e inadmissivel que uma sociedade regida pelo systema representativo, veja fechada, nos prasos legaes, a assembleia nacional, não deixa de ser mau e lastimavel que essa mesma assembleia funccione além d'esses prasos, que a Constituição lhe marca. Se o estatuto fundamental do regimen marcou esses prasos é porque se entendeu que dentro d'elles se poderiam tratar com ponderação e sobriedade as mais altas questões que aos parlamentos compete resolver. E não ha razão para os achar curtos. Se percorrermos os relatos das sessões parlamentares veremos que a maior parte d'ellas são gastas em torneios da sediça rhetorica politica, em incidentes escandalosos, e na approvação de medidas que quasi sempre teem um interesse limitado ou particular em vez d'um grande interesse geral.

Não ha duvida que fóra do praso normal das sessões legislativas ou quando ellas estejam a terminar podem surgir importantes questões, cuja discussão e resolução se não podem protelar. Mas se essas questões teem realmente essa caracteristica, todos os partidos representados no parlamento, os que possuem a maioria e os que teem a minoria, todos, sem excepção, devem concorrer para o debate que as esclareça e para a votação que as sanccione. Todos devem querer fazer valer os seus argumentos, todos devem querer varrer a sua testada. O que se não percebe é que uns tenham de estar a chamar afflictivamente pelos outros, e que os seus adversarios, que deveriam ter tanto que dizer, comecem por declarar que não discutem.

Poeira da Arcada

Ha quem negoceie empregos publicos? Pelo menos, de tempos a tempos, a justiça topa conta de uns sujeitos mal arrumados na vida a quem accusa de tão feio crime. Em geral são absolvidos. Não vale a pena condemnar quem pretende melhorar a sua propria situação, collocando um seu similhante á mesa farta do orçamento. Se o merito fosse a lei que preside á escolha dos burocratas, os suicidas cresceriam em cardumes. Quantas almas bem nascidas ficariam sem esperanças!

* * *

Já temos alguns especialistas em questões coloniaes. Falam e escrevem como oragos. O assumpto torna-se-lhes tanto mais facil quanto é certo que as colonias ficam longe e o Terreiro do Paço proximo. O instincto da conservação possue artificios maravilhosos...

* * *

O papa não desiste de levar os povos á paz. Os belligerantes, porém, persistem cegos na sua furia. Os mortos contam-se aos milhões e os feridos idem. Quando a paz vier, os que a celebrarem, lançando os olhos em torno de si, hão de medir a grandeza da humanidade pelo tamanho das suas ruinas.

* * *

O estilo simples é o mais proprio para traduzir ideias fortes. Nem toda a gente assim o entende. Leia-se isto:—«A democracia excita as multidões como o vento as ondas do mar». — Se assim fosse, ha quanto tempo o illustre pensador estaria a escrever com vehemencia meneo apopletica!

Engenheiro Sá Carneiro

A *Gazeta de Moçambique*, um dos melhores e mais importantes jornaes de Lourenço Marques, no seu numero de 15 de julho faz um caloroso elogio do capitão de engenharia e nosso prezado amigo sr. Carlos de Sá Carneiro, director dos caminhos de ferro d'aquella provincia, que n'esse cargo se tem affirmado, embora o exerça ha apenas perto d'um anno, não só como engenheiro distincto, mas ainda como bom administrador, pondo-se a par n'esse breve espaço de tempo de todos os problemas, deveras complicados, relativos ás linhas ferreas do littoral que competem com a de Lourenço Marques.

O engenheiro Sá Carneiro não só dotou já a linha entre Lourenço Marques e Komatipoort de mais duas locomotivas do typo Baldwin, de grande potencia, proprias para o enorme trafego de mercadorias e de carvão, como não descurou a questão do trafego do carvão, merecendo-lhe tambem especiaes cuidados a distribuição equitativa do trafego de além-mar para a zona de competencia do Transvaal.

Dotado de grande actividade e pelo seu fino trato, o capitão Sá Carneiro tem conquistado as maiores sympathias, sendo muito considerado pelas auctoridades superiores dos caminhos de ferro da União.

UN NOVO GENERO DE SPORT

O que é o "camping,,

Porque não ha de o homem, de quando em quando, approximar-se da natureza?

Não é tão absoluta como parece á primeira vista a affirmação de que para o desenvolvimento do turismo em Portugal é condição *sine qua non* a existencia de numerosos e sumptuosos hoteis. Se entre nós estivesse vulgarisado o *camping*, uma grande parte da clientella estrangeira que busca distrahir o espirito na contemplação de paizagens longinquas teria sido já irresistivelmente attrahida aqui. Mas em primeiro logar: em que consiste o *camping*?

E' simples. Dispõe-se de uma tenda de campanha, de um mobiliario rudimentar, de um resumido trem de cosinha. Arranjam-se uns dias de ferias e parte-se para qualquer parte, longe do bulicio incommodo e enervante das cidades; escolhe-se um local tranquillo e abrigado na margem de um ribeiro ou na orla de um pinhal e vive-se assim, durante algum tempo, a vida salutar e pouco complicada da natureza. De manhã cedo, ainda com estrellas no ceu, aspira-se a plenos pulmões o ar purissimo que refresca as veigas, vê-se o raro espectaculo (raro para nós, é clarissimo) do sol que desponta sobre as montanhas, tingindo o ceu de purpura e de rosa, ouvem-se as aves que cantam, familiares, na ramaria; repoisa-se o olhar na doçura da paizagem... As refeições são feitas ao ar livre, o appetite é excellente. A' hora do calor, sobre o tapete de relva que medra á sombra do arvoredo, lê-se. Em cerrando a noite, dorme-se. O *camping* não é mais nem menos do que isto.

Mas será porventura possivel que, n'uma epocha de conforto como a nossa, haja creaturas que prefiram a vida quasi rude e primitiva do *cow-boy* á commoda villegiatura do hotel ou da pensão familiar?

Sem duvida. E o mais curioso é que o costume, como a palavra, é originario de Inglaterra. Ora os anglo-saxões, como é sabido, são o povo que mais adora o conforto. Não obstante, em 1903, na grande corrida de automoveis que se realisou na Irlanda, muitos forasteiros ficaram estupefactos ao deparar-se-lhes, proximo de Ballyshanan, uma pequena e ephemera cidade de tendas de campanha.

Dava-se o caso que em Dublin os grandes hoteis não abundam, e perante a excepcional concorrencia de turistas attrahidos pelo certamen os preços tinham subido vertiginosamente. Chegava-se a pedir por um quarto 8 a 10 libras—cerca de 50 escudos por dia e por cabeça!

Foi assim que duas ou tres mil pessoas preferiram viver durante uma semana no acampamento a vida rude do soldado com a mesma alegria e o mesmo tradicional bom humor.

Hoje, Alem-Mancha, na America, na França é frequentissimo encontrarmos uma familia inteira que passa a epoca da villegiatura praticando o *camping*. As tendas são, actualmente, verdadeiras maravilhas de conforto. Construidas com dupla tela, são impermeaveis á chuva, ao frio e ao calor; os leitos ficam bastante affastados do chão para que nada haja a temer da humidade do solo, a ventilação é sabiamente comprehendida, podendo respirar ar puro mesmo quando a chuva nos encerre longas horas lá dentro. De resto, a recente organisação dos *boy-scouts* tem demonstrado que as proprias creanças podem, com vantagem, acampar de noite longe das cidades...

E' claro que o *camping*, considerado como *sport*, tem manifestamente o seu lado utilitario. O homem moderno soffre um excesso de civilisação. A vertigem da vida urbana enerva, o trabalho cerebral fatiga e conduz ao *surmenage*. Por isso, nada melhor que cortar, de quando em quando, a nossa existencia por curtos periodos de vida natural. A necessidade do *camping* é portanto justificada nos motivos identicos aos dos methodos de cultura physica natural que tão favoravelmente influem no aperfeiçoamento da raça humana. De resto, é evidente que para fazer *camping* não é indispensavel remontar á edade da pedra lascada: o novo *sport* comporta commodidades, higiene e conforto que debalde procurariamos em muitos hoteis. O *gourmand* pode almoçar sobre a relva e no entanto deliciar-se com trufas e champagne, como se estivesse n'um pic-nic. O turista que prefere o *camping* viaja com a propria casa, a elle compete tornal-a mais ou menos confortavel.

Destruamos ainda um possivel mal entendido: o *camping* não pretende, por fórma alguma, substituir os hoteis. Sob este ponto de vista, serve apenas para obviar á sua insufficiencia ou á sua ausencia: caso que infelizmente não é raro em muitos dos mais bellos pontos da nossa terra. Ha paizes, no entanto, onde o *camping* constitue uma necessidade: são aquelles onde os hoteis não existem. Na Algeria, por exemplo, o barão Pedro de Crasobas ha dez annos que visita periodicamente a região com o seu automovel-tenda, que é uma verdadeira maravilha no genero. Na Irlanda é frequente encontrarem-se na epoca propria turistas inglezes acampando longe dos povoados e entretendo os seus ocios com a pesca da truta. Na India, na Africa, na região dos Grandes Lagos, na Rhodesia, no Canadá, na Argentina, o *camping* é o corollario obrigado da viagem. Lá é uma necessidade, aqui um *sport* utilissimo.

Em França, todos os invernos, René de Préjelan, o celebre desenhador das elegancias parisienses, parte para o campo durante tres semanas, vestido de *cow-boy* e transportando n'uma piroga canadiana todo o seu material de acampamento, á caça do pato bravo. Furoy, director da *Scala* e da *Belle à Furoy*, gosta tambem de percorrer as Cévennes acampando ao acaso da jornada em companhia de alguns amigos. O *camping* tem servido inclusivamente para se passarem, com deliciosa originalidade, encantadoras luas de mel. Outras vezes, é toda uma sociedade que se desloca, fazendo admiraveis excursões e villegiaturas: em 1907, por exemplo, os redactores e illustradores da revista parisiense *Nos Loisirs* decidiram alugar uma soberba ilha arborizada, em Samois-sur-Seine, e acamparam ali durante o verão com suas familias. Muitos numeros do seu interessante e prospero *magazine* foram redigidos ali, á sombra do arvoredo. Nas horas vagas passeavam, andavam de barco, ou occupavam-se em confeccionar os objectos indispensaveis do *ménage*: bancos, mesas, camas, etc. Ao jantar chegaram a reunir-se á mesa nada menos de trinta e oito pessoas, entre jornalistas, escriptores, pintores e desenhadores.

A agglomeração das tendas dá ao ephemero povoado um ar de bohemia verdadeiramente encantador. A alegria, o appetite, o ar puro, a vida simples tornam essas villegiaturas singularmente salutares. Pratiquemos, pois, o *camping*. Já que tanta coisa copiamos do estrangeiro, não se diga, ao menos, que importamos frivolidades e desprezamos cuidadosamente quanto nos pode ser util e proveitoso.

«Historia Illustrada da Grande Guerra»

Dividido em volumes, cada um dos quaes com cerca de 200 paginas, de modo a formar um livro portatil, economico, elegante e de facil encadernação, o folhetim que vimos publicando *Historia Illustrada da Grande Guerra* tem alcançado grande exito.

O primeiro volume abrange desde março a 15 de abril, tendo 184 paginas, o segundo de 16 de abril a 3 de junho, com 188, o terceiro de 4 de junho a 20 de julho, egualmente com 188 paginas, e o quarto de 21 de julho a 3 de setembro, com 180 paginas, sendo todos os volumes profusamente illustrados. Na administração d'*A Capital* são immediatamente satisfeitos todos os pedidos, quer da collecção completa, quer de qualquer numero de exemplares do jornal, que venham acompanhados das respectivas importancias.

DIFFICULDADES NA ALLEMANHA

As reservas de cobre

encontram-se quasi totalmente exgotadas

Lemos no periodico de Berlim *Vossische Zeitung* que o governo allemão resolveu finalmente apprehender todo o cobre que exista na mão de particulares, e que, segundo dados officiaes, se calcula em 2 milhões de toneladas. A respectiva ordem foi publicada no dia 31 de julho em quasi todos os jornaes do imperio, e refere-se a «apprehensão, manifesto obrigatorio e entrega de todos os objectos novos e usados de cobro, latão e nickel». A ordem do ministerio da guerra allemão comprehende tambem as diversas ligas em que entra cobre e nickel a 90 por cento, o *rotguss*, o *tombak* e o bronze vulgar. São por emquanto exceptuados da referida disposição pequenos objectos como chavenas e saleiras de latão, machinas de café e paliteiros, mas o governo pede ao povo que se sacrifique entregando-os voluntariamente. Todos os outros objectos: caçarolas e panellas de cobre, bandejas, esquentadores de banho, objectos de luxo etc., devem ser entregues em determinados locaes, abertos das 8 horas ao meio dia e das 5 ás 7 da tarde.

E' simptomatica esta ordem, porque denuncia insophismavelmente uma tremenda difficuldade que começa a assoberbar os allemães. Effectivamente, sabe-se que a melhor garantia de victoria na guerra actual consiste no emprego da maior quantidade possivel de munições. Para o fabrico de munições, porém, é indispensavel o cobre, não só para escorvas e espoletas, como ainda para as cintas de travamento que guarnecem as granadas, onde é insubstituivel, visto que qualquer outro metal morderia rapidamente as estrias das peças.

Vê-se pois que são os proprios allemães que começam a denunciar a sua inferioridade.

Pelo telegrapho

As operações no theatro oriental

PETROGRADO, 6. — Official. — Na margem esquerda do Dwina a chegada de reforços inimigos obrigou-nos a passar de novo para a margem direita. Do lado de Riga em Jacobstadt os allemães limitaram-se a entravar o nosso avanço. Na região de Bourgorany expulsámos os allemães da villa de Smalniki e fizemos 200 prisioneiros. Na linha do Niemen repellimos alguns ataques entre os rios Gorin e Styr. O inimigo consideravelmente reforçado continúa a desenvolver a sua offensiva. Na Galicia, proximo de Loutsk, repellimos os persistentes ataques do inimigo e fizemos 300 prisioneiros.—(*Havas*).

O torpedeamento do «Hesperian»

LONDRES, 5.—A companhia proprietaria do *Hesperian* declara que se salvou toda a gente que ia a bordo do paquete.—(*Havas*).

NA TERRA DAS CHIMERAS

Tudo está por fazer!...

E virá um dia em que Portugal resurja para a grande civilisação?

PRAIA DA ROCHA, 4 — Basta sahir de Lisboa, pôr pé na Outra Banda ou deixar o electrico nos limites do Lumiar ou de Bemfica, para se ter a impressão nitida e entristecedora de de que n'esta nossa formosissima terra portugueza tudo, absolutamente tudo, está por fazer. Mais:—convence-se a gente de que só se tem feito o que a politica tem exigido, e d'ahi, attenderem-se interesses secundarissimos em prejuizo d'outros que são para os povos como novas almas e inexgotaveis fontes de energia, nunca postos em vibração e jámais tateados para um aproveitamento intenso, proficuo, rendoso. Chegámos a um tempo em que não é de bom conselho encobrir mazelas antigas para lhes favorecer a existencia. Tem de ser tudo posto no seu logar, para que aquillo que até agora tem persistido em se manter em desequilibrio o alcance quanto antes.

Este congresso algarvio... Elle não passa, coitadito, d'um primeiro passo vacillante na estrada que esta previlegiada provincia tem de andar para attingir toda a sua valorisação. Mas apesar da sua modestia, da sua simpathica simplicidade, da quasi ingenua fé com que tem discutido problemas de mais alto valor, que porção de coisas interessantes lá se teem dito, a provar que, se nos falta espirito pratico, não nos fallece aquelle poder de imaginação que, por si só, bastaria para mudar o mundo de avesso! Boa vontade, dedicação, estudo, intelligencia e desejo ardente de fazer nascer para o Algarve uma nova epocha ridentissima não faltam ás pessoas que levaram a cabo o primeiro congresso regional portuguez. Entretanto, depois de ouvirmos, depois de se assistir á discussão de theses, que são tratadas, e de se presencear a doce confiança que todos põem n'um melhor futuro sem repararem que, para o conquistar é preciso dinheiro, não ha quem possa furtar-se á ancia de preguntar a si proprio como a chimera consegue arreigar tão profundamente em espiritos os mais lucidos, cegando-os para a verdade e roubando-lhes a ventura de não se illudirem...

O Algarve, com o seu littoral immenso cortado de praias, de enseadas e de angras onde, por certo, altas horas, quando o luar escorre em ondas, as nimphas veem banhar as carnes rosadas e as formas suavissimas; o Algarve, com o seu mar feiticeiro, azul glauco, azul claro, azul profundo e translucido como outro não existe; com o seu mar que é o seu coração claro e limpido a deixar-nos ver, bem no seu intimo, uma alma gentilissima, prompta para todas as aventuras e para todos os sacrificios; o Algarve opulento, onde toda a gente é rica por não haver ninguem ao abandono e nem existir quem conviva a cada instante com a miseria esverdeada e desdentada; o Algarve que tem uma exportação superior á importação, que invade os mercados estrangeiros com as suas amostras de peixe e triumpha em Londres com a sua laranja preciosa; o Algarve tão farto, tão resignado, tão acolhedor e tão lindo é uma terra que está por fazer, que se conserva arredada da civilisação e que, vivendo como ha um seculo, aggride com o seu desconforto quem o demanda para deixar no seu seio benevolo as amarguras que o destino lhe entregue e as canceiras que a labuta quotidiana haja accumulado no seu organismo, ancioso de paz, de tranquillidade, de repoiso. O Algarve não tem hoteis, não tem higiene, não tem conforto. Faz lembrar uma cigana formosissima que não se lava e deixa afflorar nos labios finos duas fieiras magnificas de dentes. Ha dez annos, o Algarve era o que é hoje. Quem nos afiança que, mais dez annos decorridos, não tenha soffrido ainda uma uma mudança sensivel?

Tudo isto eu pensei hontem quando, na primeira sessão do Congresso, ouvi falar de assumptos que são outros tantos problemas escaldantes, cuja resolução é, de ha muito, inadiavel. A' agricultura reconhece-se que mal se afasta, por esta provincia que os moiros transformaram em hortas e pomares, das regras empiricas que a não deixam progredir. Irrigação não existe. A viação ordinaria é defficiente e má. Quem quizer ir, por uma boa estrada, do Algarve para o Alemtejo não pode. Tal estrada não existe. O caminho de ferro é uma coisa detestavel, com comboios que mal se mexem, constituidos por carruagens velhissimas, incommodas e sujas. Além d'isso é caro. Pergunta-se então: assim desprovida de elementos de progresso, assim abandonada pelos poderes publicos, entregue a si mesmo, sem poder contar com o thesouro da nação, cuja pobreza é franciscana, como pode o Algarve, como pode esta prodigiosa terra de promissão transformar-se, cuidar de si, instruir-se e civilisar-se, cultivar melhor os seus campos e cuidar com mais amor dos seus pomares?

A Praia da Rocha, por exemplo. Como ella é rica de bellezas naturaes, como a sua area é fulva e vasta, como os morros que se erguem para a proteger, aqui e além, são caprichosos, bizarros, originaes! Emquanto a agua os beija, elles dão a essa agua agasalho e sombra; quando o calor aperta nas outras praias desabrigadas, aqui ha sempre onde cada um possa refugiar-se da violencia cruel dos raios solares. Pois bem: com todos os seus encantos, a Praia da Rocha, no que fala ao povoado, é, em dias de Levante aspero como o de hontem, inhospita, ameaçadora, quasi inhabitavel. A poeira anda pelo ar em nuvens que suffocam, parecendo que todo o calcareo das ruas se desfaz para betumar os pulmões de quem tem de as percorrer. E digam-me: onde ir buscar os recursos necessarios para acabar com este flagelo regando as ruas e plantando arvores! E poderá, acaso, a Rocha ser uma estação de repouso e de recreio emquanto este mal tremendo que a devasta não desapparecer? Eu creio que não.

E pesa-me que seja assim, porque ninguem quer mais a esta provincia do que eu. Dêem-lhe soluções praticas para as questões que mais a interessam e salval-a-hão. Dêem-lhe, sobretudo, para as suas veias sãs, dinheiro, muito dinheiro. Só assim o Algarve das amendoeiras e das moiras encantadas lograria ser um dia o Eden de Portugal e o mais florido e rico jardim do velho mundo em que vivemos.

Adelino Mendes

Quem será P. M.?

Um furibundo realista que insulta o povo republicano de Lisboa

O *Commercio de Vizeu*, orgão monarchico muito ardoroso e que tem como director o sr. visconde de Semboupio, perdão, o sr. visconde do Banho, mette-se comnosco, desdenhando dos nossos collaboradores, o que pouco ou nada nos importa. Fal-o em carta de Lisboa, firmada por P. M., furibundo realista, que termina a sua correspondencia por esta fórma:

> E para coroar a consoladora resenha da semana, dir-lhes-hei que, tendo o povo republicano desterrado como trastes inuteis as crenças antigas, se não privou comtudo de mostrar o seu civismo e copiosa moralidade, indo á romaria do Senhor da Serra e transformando-a n'um arremedo das linhas do Yser. Oh senhores! aquillo é que foi tapona de crear bi

Trovadores e troveiros

Consideram os historiadores litterarios como o segundo periodo da producção trovadoresca a epoca comprehendida entre os annos de 1195 e 1230; se bem que esta divisão não seja de grande rigor em relação á historia da musica, pode adoptar-se por commodidade de exposição.

Foram numerosos os trovadores d'este periodo, mas, como já vimos com os do anterior, de poucos restam as composições completas, isto é, as poesias acompanhadas da melodia propria: por isso nos referiremos apenas aos que estão n'estas condições, pois só esses entram no campo que nos interessa.

Arnaut de Maroill era um clerigo de pobre origem, que escreveu entre 1170 e 1200, cujo limido e silencioso amor pela condessa de Burlats, inspiradora da sua obra, lhe valeu o ser despedido por ella, a instancias de Affonso II de Aragão.

Folquet de Marselha teve uma tumultuosa existencia, em que as aventuras de amor se seguiram, ininterruptas. Tendo morrido uns após outros os senhores que o protegiam, Folquet desgostou-se do mundo e tomou ordens, vindo a acabar bispo de Tolosa. Os criticos attribuem á sua producção poetico-musical o periodo comprehendido entre 1180 e 1195. O que é certo é que elle morreu em 1231. Sendo assim, havia muito que deixara de escrever. Parece que os contemporaneos do bispo de Tolosa gostavam muito de fazer cantar deante d'elle por qualquer jogral alguma das suas canções: n'esses dias o pobre bispo, contricto, ficava a pão e agua.

Peire Vidal era um exaltado que se apaixonava por todas as mulheres que conhecia. O seu talento musical era grande, segundo se lê nas «Biographias dos trovadores»: «e cantava mielhs d'ome del mon, e fo bos trobaire», cantava melhor que ninguem e foi bom trovador.

O monge de Montaudon, que compoz entre 1180 e 1200, e de quem apenas chegaram até nós duas obras completas, era um monge farcista, d'uma veia comica um tanto grosseira, o que o tornava temido e lhe valia frequentes convites e numerosos presentes dos senhores, que procuravam captal-o. Elle, como homem desinteressado que fez voto de probreza, abandonava tudo ao seu priorado.

De Gaucelm Faidit diz-se nas «Biographias»: «Fils fo d'un borzes e cantava pieitz d'ome del mon. E fetz molt bos sos e bonas chauses. E fetz se joglar per ochaison qu'el perdet tot sosa avec a joc de datz. Hom fo larcs et mot glotz de manjar e de beure: per que endesdec gros otra mesura...», filho d'um burguez, cantava melhor que ninguem. Compoz muito boas melodias e boas canções. Fez-se jogral porque perdeu todos os seus haveres ao jogo de dados. Muito amigo de comer e beber, engordou excessivamente. A sua obra, produzida de 1180 a 1216, devia ser consideravel, mas só quatorze canções conservam as melodias.

Guiraut de Borneil, que compoz entre 1175 e 1220, foi, no dizer dos contemporaneos, «maestre dels trobadors», mestre dos trovadores. A sua vida era tal, «que tot l'iveru estava a scola et aprendia e tota la estat anava per cortz e menava ab se dos cantadores que cantavan las soas causas». Esta é a vida propria do trovador: de inverno, frequentar as escolas de menestrandia, onde se aperfeiçoa na sua arte, na sciencia musical; de verão, andar de solar em solar, levando comsigo dois jograes que lhe cantam as canções. Guiraut foi protegido de Affonso VIII de Castella.

De Rambaut de Vaqueiras, que ainda compunha em 1207, já falámos a proposito da sua «estampida».

Gui d'Ussel pertencia á familia dos senhores de Ussel e tinha dois irmãos, Ebles e Elias, tambem poetas, e um terceiro, Pine, que era o interprete das composições dos outros. Gui era conego, o que o não impediu de ter tantas aventuras galantes que alarmaram o legado do papa, que conseguiu que elle abandonasse a perigosa arte de «trobar».

Raimon de Miraval, cujo periodo de producção vae de 1190 a 1220, foi commensal de Pedro II de Aragão, e deixou-nos vinte e duas poesias com a sua notação musical.

Peire Cardinal, diz-nos o seu biographo, «a pres letras e saup ben lezer e chantar», instruiu-se nas letras e soube bem lêr e cantar. Andava pelas côrtes dos reis e barões, levando comsigo o seu jogral que lhe cantava as canções. Foi muito estimado pelo rei Jayme de Aragão, morrendo quasi centenario. A sua obra foi composta entre 1210 e 1230.

São estes os dez trovadores d'este periodo, de quem restam composições musicaes; é claro que o numero de trovadores foi muito maior, mas, dos outros, todas as melodias se perderam. Na mesma epoca, os troveiros são mais numerosos; mas é difficil ter esclarecimentos sobre a sua vida, por falta de biographias da epoca, ou de outra proxima. Em regra, sempre que o troveiro não foi notavel por qualquer feito, que o torne personagem historica, nada se sabe d'elle, nem sequer a data em que compoz. Exceptuam-se os troveiros de Arras, graças a um documento que se conserva, o «Registo da Confraria dos Jograes e Burguezes de Arras». A caracteristica mais notavel d'esta epoca é a diffusão do gosto da poesia por toda a França de lingua de oil; provincias até então indifferentes á «gaya scienza», começam a produzir troveiros de valor.

Colin Musel é um dos mais interessante poetas-musicos d'este periodo; jogral de profissão, é ao mesmo tempo um troveiro, por isso que elle proprio compõe as canções que canta. Bohemio da arte, a sua preoccupação dominante é o desejo d'uma vida regalada, bellos pratos n'uma mesa sempre abundante.

Audefroi, o Bastardo, é um troveiro de Arras. Esta escola é curiosa: os seus cultores não se recrutam na aristocracia feudal, mas na classe burgueza; por isso, e pelo senso pratico peculiar dos homens do norte, esta poesia traz ideias novas, de uma especulação menos elevada, mas mais conformes ás realidades materiaes. Os mais antigos troveiros de Arras pertenciam todos á Egreja, alguns até ao cabido, o que não impede que a sua obra seja semeada de notas mais ou menos brejeiras. Audefroi, depois de ter cultivado a canção de amor, fez reviver a «canção de teia», ha muito esquecida. Mas entre as velhas canções de teia a que já nos referimos e as de Audefroi ha uma enorme distancia; as d'este são composições sabias, agradaveis de lêr, d'um grande cuidado de factura. Pouco se sabe da vida do troveiro, a não ser que vivia em Arras, sendo uma das suas composições de 1225.

Deixando a escola artesiana, citaremos alguns troveiros d'outras provincias.

Guilherme de Ferrières era de Chartres. Tomou parte na quarta cruzada, juntando-se aos cruzados em Veneza em 1202. O grão-mestre da ordem dos Templarios, Guilherme de Chartres, que morreu em 1219, talvez seja o mesmo troveiro, que tivesse entrado para a ordem.

Bouchard de Marly era um poderoso senhor da casa de Montmorency, que morreu em 1236, quando regressava da cruzada contra os albigenses.

N'esse mesmo anno morreu Gautier de Coinci, cuja obra é toda de inspiração religiosa. A sua obra celebre é a collecção dos «Miracles de Notre-Dame» e não existe mais sincero troveiro religioso.

Richard de Fournival, chanceller da Egreja de Amiens, deixou-nos quinze canções; este troveiro era um authentico lettrado, auctor de um tratado em latim, «Biblionomia», de um romance, «Abladane», talvez uma traducção do latino, e do «Bestiaire d'amours», a mais conhecida das suas obras.

Richard de Semilli deixou-nos dez canções com as suas melodias; Steffens publicou em 1202 uma edição critica da sua obra, intitulada «Der Kritische Text der Gedichte von Richart de Semilli».

A estes nomes podem accrescentar-se os de Roger d'Andeli, troveiro normando, Robert Mauvoisin e Thibaut de Blason, que deixou nove canções.

N'este periodo que decorre de 1195 a 1230 são estes os poetas lyricos que interessam egualmente a historia musical.

Humberto de Avellar

ULTIMAS NOTICIAS

cho! Tapona e carrancão!... Porque a paulada fervia nos lombos do proximo que era mesmo um louvar á fraternidade e quanto a bebedeira houve mesmo que a tomou de modo a ficar em estado comatoso. Aquillo foi por vezes uma segunda edição do 14 de maio. A tapona foi de tal ordem que — isto não falaram os jornaes, porque não convem — por vezes, além da cacetada, do soco, da navalhada no bandulho aviahado do parceiro, houve tiros e... bombas.

Não se desmentiram, pois, as tradições de honestidade e brandura de costumes do povo republicano, — este povo da capital, povo affonsista e sempre copiosamente aviahado. Deu-lhe no goto o 14 de maio e agora toca a imita-lo por dá cá aquella palha. Questões de educação, afinal.

Tal mestre, taes discipulos!

¿Quem será P. M.?

Dis-nos alguem que P. M. se traduz por Pinheiro Marques. Estará certa a traducção? Ignoramol-o, mas quasi diriamos que nos custa crer que o esteja. Pois então o sr. prior de Alcantara que, se não nos equivocamos, declarou afastar-se da politica militante para se consagrar exclusivamente ao pastoreamento das suas ovelhas, ainda não perdeu o vicio, depois das duras lições sofridas?

Não! P. M. não pode ser o sr. Pinheiro Marques. Ha apenas uma extraordinaria coincidencia. Pinheiro Marques escreveu, em tempos, para o *Commercio de Vizeu*; presentemente, porém, só escreve as homilias que prega aos seus freguezes. Ou não será assim?

Que P. M. tenha a coragem de dizer quem é para conversarmos, se merecer a pena...

A alliança greco-servia

Milão, 3 de setembro

O correspondente especial do *Corriere della Sera*, em Athenas, enviou para o seu jornal o telegramma seguinte:

«Ultimamente, os orgãos venizellistas tinham desenvolvendo argumentos contradictorios a proposito da attitude da Grecia para com a Servia, occasionando uma tal ou qual preoccupação nos meios servios a ponto do sr. Venizellos reconhecer a necessidade de dar amplas explicações. Com effeito, soube-o de fonte auctorisada e garantida, foi á casa do ministro da Servia, o sr. Balucic, para lhe affirmar que continuava considerando em vigor o tratado de alliança servio-grego e que, no caso de uma aggressão da Bulgaria, a Grecia pôr-se-ha immediatamente ao lado da Servia.

«Garantiu-me o sr. Balucic pessoalmente que existe entre os dois Estados o mais amplo desejo de facilitar a situação da Servia, limitando-se a Grecia a fazer algumas observações a respeito dos seus interesses vitaes, mas sempre animada do espirito da mais sincera amizade para com a Servia.

«Uma nota, officiosamente inspirada, publicada nos jornaes gregos diz que a Servia, communicando á Grecia as suas intenções, se declarou prompta a fazer concessões mesmo além do Wardar. E' importantissima tal declaração; no valle d'este rio passa o caminho de ferro que liga a Servia á Salonica, precisamente no districto de Monastir cuja posse é um dos maiores obstaculos á approximação servio-bulgara. Ignora-se até que ponto está a Servia disposta a ceder territorio para além do Wardar; no emtanto, accedendo a ultrapassar esta linha que até agora parecia limitar irrevogavelmente as concessões servias, o gabinete de Nisch entra n'uma nova phase das negociações, e este facto é de tão alta importancia que de ninguem passa despercebido».

Simões Bayão

Participa a sua chegada do estrangeiro e reabertura da clinica.
Largo de S. Paulo, 10, 1.º.
Telephone 3078

Exames em outubro

A commissão de paes de alumnos reprovados convida estes a reunirem ámanhã ás 18 horas, na séde do «Nucleo Educativo», na rua Andrade Corvo, A B, 1.º, E, a fim de se tratar de um urgente e importantissimo assumpto de interesse geral.

A QUESTÃO DO DIA

O parlamento e a reforma da policia

Medidas que conviria adoptar desde já, deixando-se para a proxima sessão legislativa a solução completa do problema

A questão da reforma da policia converteu-se no assumpto do dia, pela série de incidentes que ao seu redor teem surgido desde que o sr. ministro do interior levou á Camara a sua proposta de lei. Affirmou-se logo, com todo o fundamento, que o sr. Ferreira da Silva abandonaria as cadeiras do poder se o parlamento não votasse a sua proposta n'esta sessão extraordinaria, embora introduzindo-lhe as alterações que julgasse necessarias para o seu aperfeiçoamento. Na impossibilidade de se satisfazer plenamente esse desejo, a maioria decidiu adoptar uma plataforma que a todos congraçasse: approvar umas bases que auctorisassem o governo a decretar a reforma fóra do periodo legislativo. Como resultado d'esse expediente, as opposições resolveram afastar-se dos trabalhos parlamentares, deixando á maioria a inteira responsabilidade da solução que fôr dada ao intrincado problema. Por outro lado, parece tambem que ainda não se estabeleceu na maioria uma perfeita unidade de vistas sobre o assumpto.

Suppomos que estão dentro da boa doutrina todos aquelles que defendem a necessidade d'uma reforma urgente da policia, por modo que ella se transforme n'um seguro instrumento de defeza da Republica, capaz de garantir a ordem e a defeza das vidas e dos haveres de todos os cidadãos. Mas não podemos concordar em que essa reforma se effectue precipitadamente, porque se é facil demonstrar que a policia não possue hoje as qualidades e prestigio bastante para bem exercer a sua missão, é um tanto difficil assentar em todos os detalhes d'uma reforma complexa, que altere e renove radicalmente a sua organisação actual. Tambem nos parece imprudente que o Congresso vá conferir ao poder executivo, dentro das bases já apresentadas, a faculdade de decretar a reforma. Na melhor das intenções, o governo podia fazer uma obra detestavel, que viesse aggravar o problema em vez de o resolver. Vêr-se-hia cercado de pressões de toda a ordem, sem poder oppôr-lhes uma resistencia efficaz, visto que a reforma seria elaborada no remanso dos gabinetes do Terreiro do Paço, sem nenhuma especie de fiscalisação. E é tão larga a amplitude das bases submettidas á apreciação do parlamento que o governo muito bem poderia fazer o que lhe aprouvesse!..

* * *

Mas quer isto dizer que a questão deva ser inteiramente posta de parte mais uma vez, á espera d'uma opportunidade que já se vem domorando muito? Não. O que o parlamento deve fazer, em logar de perder tempo a discutir as bases que uma parte da maioria pensa conferir ao governo, é resolver o aspecto mais urgente da questão, adoptando medidas que possam mais tarde ser aproveitadas n'um plano de remodelação geral. Esse aspecto urgente consiste, a nosso vêr, em criar-se um organismo que corresponda cabalmente ás necessidades de defeza da Republica, com os serviços centralisados em Lisboa e com as ramificações indispensaveis na provincia. Esta tem de ser a primeira parte a considerar n'uma reforma de policia, havendo o cuidado de criar esse organismo por fórma que elle possa ser mais tarde integralmente aproveitado quando se effective a remodelação completa dos serviços de segurança publica.

Esses serviços deviam obedecer a estas divisões: policia administrativa, policia de segurança, sub-dividida em urbana e rural, policia preventiva, policia de investigação criminal, policia das fronteiras, dos portos e dos caminhos de ferro, e policia sanitaria ou de higiene. Todos esses ramos dos serviços de segurança teriam os seus archivos e estatisticas bem organisados, cuidando-se especialmente na policia de investigação de desenvolver os processos scientificos para a averiguação de crimes e identificação de criminosos.

Estabelecida essa base como ponto de partida para uma remodelação geral, haveria que cuidar agora do aspecto urgente que apontámos: a policia de defeza da Republica, concentrando os serviços que existem n'esse sentido e dando-lhes uma nova orientação. Criar-se-hia desde já em Lisboa a funcção do prefeito de segurança publica, tendo sob a sua dependencia os serviços da preventiva, de emigração, das fronteiras, dos portos e dos caminhos de ferro. Todos esses serviços já existem hoje, embora o das fronteiras não tenha organisação especial e o dos caminhos de ferro seja feito sem grande regularidade. Estabelecer-se-hiam sub-prefeituras no Porto, em Coimbra e Evora, e delegações em Vianna do Castello, Chaves, Bragança, Castello Branco, Portalegre e Villa Real de Santo Antonio. A localisação das sub-prefeituras obedeceria ao criterio da divisão regional do paiz, e a das delegações á necessidade de se vigiarem os pontos fronteiriços e os centros de repetidas perturbações politicas, como Braga.

Tanto a prefeitura como as sub-prefeituras e delegações teriam os chefes de secção e agentes necessarios para o bom cumprimento da missão que lhes competiria exercer. Assim, alguma coisa de pratico se faria desde já, deixando-se a realisação da reforma geral para a proxima sessão legislativa.

Na Camara dos deputados

Votam-se as bases para a reforma da policia — Um projecto de lei que desapparece

A sessão abre com 41 deputados e sob a presidencia do sr. Azevedo Coutinho. Não se vê na sala um unico representante da União Republicana e do partido evolucionista está apenas o sr. Vasco de Vasconcellos. Do ministerio o sr. dr. Catanho de Menezes. Galerias pouco menos de desertas. No expediente ha mais pedidos de licença por parte de deputados, que a Camara, embora contrariada, approva.

Antes da ordem, o sr. Ribeira Brava protesta contra a ideia de se estabelecer o novo sanatorio em todas as propriedades chamadas do sanatorio, quando para o consignado no projecto a discutir-se bastam os territorios da Marmelleira. O sr. ministro das finanças concorda com a opinião do sr. Ribeira Brava e tanto assim que pensava apresentar uma proposta n'esse sentido.

O sr. Costa Junior lê um telegramma da commissão ferro-viaria de Lisboa, Entroncamento, Coimbra, Abrantes, Gaya e Porto que em nome dos seus collegas de toda a linha reclama do sr. ministro do fomento a execução urgente da regulamentação das horas de trabalho conforme a lei já approvada. Chama para o caso a attenção do respectivo ministro. Reclama tambem contra a desaforada ... que se está fazendo em Povoa do Varzim. Lê um outro telegramma de Setubal pedindo uma amnistia para os delictos por questões sociaes e chama mais uma vez a attenção do governo para o caso da venda dos navios de pesca.

O sr. dr. Catanho de Menezes promette transmittir aos seus collegas do fomento e do interior as questões que lhe dizem respeito e affirma que todas as medidas foram tomadas já para resolver a questão da venda dos navios que o governo está disposto a não consentir.

E entra-se na ordem do dia com as bases da reforma da policia tendo o sr. Mesquita de Carvalho a palavra para dizer que o partido evolucionista está disposto, caso a maioria rejeite a sua moção, como parece desejar fazel-o, a desinteressar-se dos trabalhos parlamentares quer na discussão quer na votação. Estas palavras provocam murmurios na esquerda principalmente por parte do sr. Alvaro Pope.

O sr. Alexandre Braga diz que regista o gesto da minoria evolucionista que é extraordinario e illogico tanto mais partindo d'um partido que apoiou ainda ha pouco uma dictadura. A maioria não votará, pois, a moção do sr. Mesquita de Carvalho, porque isso seria uma subversão de direitos parlamentares. A maioria não votará tambem votação nominal como requereu o sr. Eduardo de Sousa.

Feitas as votações é rejeitada a moção Mesquita de Carvalho e o requerimento Eduardo de Sousa.

A minoria evolucionista abandona a sala no meio do mais profundo silencio. Na sala ficam apenas os membros do partido democratico e o do partido socialista sr. Costa Junior.

E' depois posto á discussão na generalidade o projecto Alexandre Braga e suas bases, fallando sobre elle o sr. ministro do interior que o julga imprescindivel no actual momento para defeza da Republica. E' approvado na generalidade. Na especialidade approva-se sem discussão a base 1.ª, e com uma insignificante alteração a 2.ª. As 3.ª e 4.ª sem discussão.

O sr. Cruz e Sousa (evolucionista), que entrára n'essa altura, requer a contagem.

Feita a contagem, estão presentes 53 deputados. O «quorum» é de 54. A discussão continua. A base 5.ª soffre tambem uma ligeira alteração de redacção. A 6.ª e ultima é igualmente approvada.

Os srs. Costa Junior e Domingos Cruz mandam para a meza declarações de voto. Os parlamentares evolucionistas, terminada a votação, entram e tomam os seus logares.

Approvam-se seguidamente tres projectos, contando a antiguidade a tres sargentos de 28 de Janeiro e um outro projecto concedendo uma pensão á viuva do official de marinha José Alexandre Rodrigues.

Tem depois larga discussão o projecto de lei creando um estabelecimento denominado «Sanatorio Colonial da Madeira», sendo approvado na generalidade e especialidade com algumas pequenas alterações.

O sr. Antonio da Fonseca requer que entre immediatamente em discussão o projecto de lei que classifica os crimes de alta traição. O sr. Julio Martins requer a contagem. A meza declara que approvaram o requerimento 48 e rejeitaram 7 deputados.

Dá-se depois um caso extraordinario — o projecto não apparece. Desapparecera! Deputados da maioria procuram-no afanosamente. Debalde.

Entram outros projectos em discussão, ficando approvados os seguintes: Revogando as disposições do artigo 13 do decreto 1371 de 1 de março de 1915 relativos ás farinhas laboradas na panificação desde 5 a 14 de março de 1915, nas quantidades e importancias constantes de relações que faz parte d'este projecto de lei; e que admitte a concurso, por provas publicas, para o logar de secretario geral da Universidade do Porto o primeiro official da secretaria geral da mesma.

N'este meio tempo o sr. Antonio da Fonseca que já tivera tempo de escrever de novo o seu desapparecido projecto, envia-o para a meza e renova o seu requerimento.

São 17,35'. Como não haja numero na sala o sr. presidente manda proceder a segunda chamada que o sr. João Luiz Ricardo pausadamente faz. Respondem 51 deputados e encerra-se a sessão.

A proxima é provavelmente ultima — ámanhã á hora regimental.

No Senado

Votam-se a annullação da lei que promoveu o tenente Aragão, e a proposta contendo as bases da reforma da policia

A sessão abre ás 15 horas, sob a presidencia do sr. Correia Barreto, estando presentes 23 senadores. O sr. Pina Lopes lê um telegramma do professorado de Penamacor protestando contra a passagem do circulo escolar para o Sabugal. Pede tambem a construcção da estrada que liga aquellas duas localidades. O sr. Sousa Junior pede providencias para fazer cumprir a lei de desinfecção publica. O sr. Paes Abranches pede que seja dado para ordem do dia o projecto 181-A, *sobre vinhos*, que tem o respectivo parecer da commissão de higiene, o que o consente.

O sr. Arantes Pedroso fala sobre a questão da venda de vapores de pesca, dizendo que não é esse facto o que produz o augmento do preço. Ha vapores a mais. O governo deve lançar mão d'elles e obrigal-os a ir á pesca, 1) que não advirá prejuizo.

O sr. ministro das colonias responde que o governo não descura a questão das subsistencias e que tomará conta dos vapores logo que o julgue necessario.

Na ordem do dia approvam-se, sem discussão, a proposta de lei modificando os artigos 430.º e 446.º do decreto de 25 de maio de 1911, referente ás habilitações para promoção aos postos de alferes milicianos, e de 1.º e 2.º sargento, e a que permitte, nos casos de urgencia, a posse de cargos publicos, antes de recebidos os respectivos diplomas com a declaração de vizados.

O sr. Sousa Junior pede urgencia, que foi concedida, para a discussão e votação do parecer da commissão de guerra annullando a lei que promovia a capitão o tenente Francisco Aragão. Presta homenagem ao brio e valentia do tenente Aragão, dando o seu voto ao parecer. O sr. Celestino de Almeida, em nome do partido evolucionista, approva o projecto, dizendo ser elle mais um gesto nobre d'esse valente militar, que é honra do nosso exercito.

O sr. ministro das colonias, pelo governo, vota tambem o parecer e elogia o procedimento do tenente Aragão. Em seguida foi approvado o parecer, ficando annullada a lei da promoção.

Entra em discussão o projecto sobre a fiscalisação de vinhos, dentro das barreiras de Lisboa e Porto, para o qual pedira urgencia o sr. Paes Abranches, e cuja generalidade já fôra votada ha dias. São lidos e votados, na especialidade, e sem discussão, os 20 artigos do projecto, com todas as emendas que lhe introduziu a respectiva commissão do Senado.

O presidente participa á Camara ter recebido um officio do sr. Simões Soares, senador democratico pelo circulo do Funchal, declarando renunciar ao seu mandato. A meza vae instar com o sr. Simões Soares para que desista do seu pedido. E suspende a sessão, até que volte de realisar essa «demarche».

São 16,45.

Um quarto de hora depois volta o sr. Correia Barreto, declarando que não conseguira demover do seu pedido o sr. Simões Soares, cujo pedido é depois deferido pelo Senado.

O sr. Sousa Junior requer urgencia e dispensa do regimento para a discussão da proposta de lei contendo as bases da reforma da policia. A urgencia é approvada pelos 22 senadores democraticos e rejeitada pelos 3 evolucionistas presentes.

Começa a discussão na generalidade. O sr. Celestino de Almeida combate a proposta que é defendida pelo sr. Sousa Junior.

O sr. Arantes Pedroso levanta uma phrase attribuida ao sr. Celestino de Almeida, de que lavra a indisciplina entre a população armada. Quanto á marinha, póde assegurar que isso não é exacto.

Os srs. ministros das colonias, Antonio Maria da Silva e Faustino da Fonseca, falam tambem sobre a disciplina no exercito, affirmando nunca ella ter sido tão perfeita.

O sr. Celestino de Almeida explica que a sua phrase fôra filha do seu muito patriotismo, pois ninguem é mais cioso, do que elle, do prestigio e da disciplina no exercito e na armada, que muito preza.

Depois de falar o sr. ministro do interior e a proposta approvada, marcando-se sessão para ámanhã, ás 14 horas, com a ordem do dia sanatorios da Madeira.

No Estoril

Uma visita do sr. ministro da França

O illustre ministro da França, sr. Daeschner acompanhado pelo primeiro secretario da legação, sr. L. de Mantille, visitou no sabbado os terrenos do Parque do Estoril onde proseguem com grande incremento as obras de transformação a que nos temos referido. Ambos os diplomatas almoçaram, em seguida, em casa do nosso presado amigo sr. Fausto de Figueiredo com quem passaram o resto da tarde.

Ao almoço assistiram tambem os srs. Henri Martinet, architecto auctor do plano das construcções, e Mamel, director da «Société Centrale des travaux publics», que vae executal-as.

Ao que nos consta, as impressões do sr. Daeschner foram excellentes.

O que escreve o «Daily Mail»

A proposito do Estoril e da importantissima transformação por que vae passar, traduzimos do «Daily Mail», a conhecida folha londrina:

«Vae abrir-se em Portugal uma estação de thermas n'um local excepcionalmente aprazivel que está destinado a ser o ponto de villegiatura da moda dos touristas inglezes e americanos. Fica no Estoril, a vinte milhas de Lisboa; tres hoteis estão sendo edificados em um sitio que, pelas suas bellezas naturaes, rivalisa com as mais bellas das «rivièras» da França e da Italia.

A ideia da constituição da Companhia do Estoril é devida a dois portuguezes, o sr. Figueiredo e o sr. Souza, que, juntamente com o sr. C. Ritz, filho do fundador dos «Ritz Hotel», são os seus directores.

A nova estação de thermas, durante todo o anno aberta aos viajantes, possue aguas mineraes identicas ás de Chatel Guyon; respirando-se ali explendidos ares.

Um grande jogo de «golf» será traçado pelo sr. Berthier, que planeou o parque de Vichy, obedecendo aos planos do conde O'Byrne, que é secretario do Nivelle Golf Club, em St. Jean de Luz; haverá tambem um Casino e os divertimentos desportivos usuaes, como o «tennis» e tiro aos pombos. Os hoteis com os seus 600 quartos serão verdadeiros edificios monumentaes; os planos são do sr. Martinet, o architecto do Hotel Escualduna, em Hendaya. Os bellos parques que rodeiam os hoteis são tambem delineados pelo sr. Martinet.

A revolução não teve a menor influencia na continuação dos trabalhos, e a nova estação deve ser inaugurada dentro de dezoito mezes, o mais tardar».

A grande guerra

O bombardeamento no theatro occidental

PARIS, 6. — Communicado official das 15 horas:

Durante a noite houve bombardeamento violento tanto d'uma como da outra parte pela artilharia de todos os calibres ao norte e ao sul de Arras e de Roclincourt a Bretencourt.

Na Champagne, na região de Obrigo canhoneio bastante vivo. Na Argonne lucta de minas em Court-Chausse. Os nossos aviões bombardearam os quarteis de Dieuse e Morhange. — *(Havas)*.

O problema do peixe

A venda de sardinha e os intermediarios — Uma tabella de preços

Do sr. Nuno Peixoto recebemos a seguinte carta, devendo já esclarecer que foi no «Diario de Noticias» que encontramos os preços a que se refere:

Costa da Caparica, 6 de setembro de 1915 — *Sr. redactor* — Na «Capital» de sabbado ultimo veiu publicado um artigo sobre a crise das subsistencias, «A questão do pão e do peixe», no qual ha um erro de informação. Diz o referido artigo que a sardinha é vendida nos locaes da pesca a 50 centavos o milheiro, quando a verdade é a seguinte:

Ha muito tempo que o preço da sardinha pescada n'esta costa regula por 8 a 10 escudos cada «carga» que contém o maximo duas mil e quinhentas sardinhas, o que dá em media o custo de 3$50 a 4$00 por milheiro. Todos conhecem o viver miseravel dos pobres pescadores, não se pode dizer que enriquecem vendendo a sardinha a este preço, não poderiam, porém, viver, se tivessem que a vender a 50 centavos o milheiro.

Ao preço do custo da sardinha pago ao pescador accresce depois o transporte carissimo até á Trafaria, feito a dorso de animaes por falta d'um boccado de estrada, o imposto do pescado, o transporte para Lisboa em barco, cargas e descargas o que tudo sommado faz elevar consideravelmente o preço.

Já vê, pois, sr. redactor, que não é o intermediario que eleva o preço, este é elevado porque as despezas são muitas e grandes. São estas as informações que tenho a dar sobre esse artigo em nome d'esta sociedade composta de individuos «absolutamente estranhos» á sua terra e por isso mesmo competentes para informar sem «parti-pris». Saude e fraternidade, Nuno Peixoto.

* * *

Pela policia encarregada da fiscalisação do preço dos generos alimenticios foi elaborada e posta hoje em vigor a seguinte tabella do preço do peixe:

Para revendedores: sardinha grande cada cento 40 centavos; idem regular $24; idem petinga, $12; carapau grande cada cento, $50; idem regular, $40; idem meudo, de gato, $06. Para o publico: sardinha grande cada duzia $05, idem regular, $04 o idem pequena, petinga, $02; sarda fresca cada par $01; idem salgada, par $02,5; carapau grande, duzia $08; regular $06 e meudo $01.

O chefe Santos, encarregado da mesma repartição, tendo hoje voltado ao mercado de peixe, verificou a boa vontade dos negociantes bem como das ovarinas para que seja barateado o preço do peixe pois assim será um grande beneficio prestado ao publico e muito principalmente ás classes pobres. Tambem foram tomadas providencias para se estabelecer desde já as respectivas tabellas nos mercados de origem. Aos guardas encarregados da fiscalisação do preço dos generos foram dadas instrucções para procederem energicamente contra todos aquelles que desrespeitarem a tabella.

O relatorio da commissão parlamentar

E' o seguinte o relatorio da commissão parlamentar encarregada de dar parecer sobre o projecto de lei, já conhecido, que regula a venda do peixe.

Senhores deputados — As causas determinantes da carestia do peixe, como alias da de qualquer producto, são, além das anormaes, a escassez e a intervenção dos intermediarios. A forma primacial, pois, de obstar á carestia consiste em promover a abundancia e em eliminar os intermediarios ou soffocar-lhes a habitual ganancia.

Tudo tem, porém, os seus limites naturaes ou economicos. O productor, que n'este caso é o armador, carece de auferir lucros compensadores do seu trabalho e capital, porque, de contrario, abandonará a industria; o contacto directo do productor com o consumidor nem sempre é possivel, sendo por isso indispensaveis em muitos casos os intermediarios, que precisam tambem de ter convenientemente remunerados.

A escassez do peixe para consumo em Lisboa resulta, normalmente, da sua exportação para Hespanha, da industria das conservas, da falta de concorrencia do pescado estrangeiro e, finalmente, da detenção do peixe a bordo dos vapores quando o seu desembarque immediato possa occasionar baixa de preço.

Para obviar á escassez deverá, pois, desde já, prohibir-se a exportação do peixe sempre que as quantidades entregues ao consumo não sejam sufficientes para o seu provimento. A vinda aos nossos portos dos vapores de pesca estrangeiros é uma medida que não deve ser descurada, e quanto á demora do peixe a bordo dos vapores nacionaes, ha formas indirectas de a evitar.

Mas, como atraz ficou dito, o encarecimento do peixe não só provém da escassez, mas ainda dos lucros, por vezes exagerados, dos negociantes por grosso e dos vendedores a miudo.

Não sendo possivel eliminar os intermediarios, especialmente, os da venda a miudo que é exercida por uma numerosa classe, a unica forma de limitar os seus lucros no que fôr justo e razoavel e estabelecer que a venda do peixe a miudo se faça a peso e por preços constantes de uma tabella para esse fim organisada.

Tal medida, porém, não poderá ser imposta aos vendedores a miudo, sem que se lhes garanta o preço maximo pelo qual o poderão comprar ao armador, sendo portanto indispensavel que a venda do peixe por grosso se faça tambem por peso e preços fixados em tabellas substituindo-se assim nos mercados de peixe, por este processo de venda aquelle que se está seguindo e que se denomina a lota. Tambem se deverá promover que o peixe vendido pelos armadores o seja em quantidades taes que os vendedores a miudo o possam comprar aos mesmos armadores, dispensando-se assim quaesquer outros intermediarios.

E' possivel que estas medidas levantem opposição por parte d'aquelles cujos interesses actuaes sejam affectados, reduzindo-os ao que se pode considerar justamente remunerador.

Não tem, porém, razão para o fazer, porque quanto aos armadores, o preço que no projecto de lei que elaboramos se propõe para cada kilo de peixe vendido por grosso é superior ao preço médio por que se venderam durante o anno findo e ainda no ultimo semestre, e relativamente aos vendedores a miudo o preço médio que fixamos é tal que, segundo cremos, lhes permitte tirar os lucros a que lhe da jus o seu trabalho.

Todavia, se esta opposição se levantar, pode e deve recorrer-se a providencias efficazes, taes como o promover a vinda aos nossos portos de vapores de pesca estrangeiros, medida a que já nos referimos, a expropriação das tabellas de preço no caso de se negarem a abastecel-as d'este producto, o que não seria caso novo, e finalmente, a exploração por conta do Estado da industria da pesca e por conta das camaras municipaes da sua venda a miudo, a qual poderia ser feita nos mercados, em estabelecimentos fixos ou em barracas especialmente designadas a esse fim.

Encarado o problema de frente, sem outra preoccupação que não fosse a encontrar a forma de baratear o preço do peixe prestando assim um serviço aos consumidores, os quaes são, em todas as conjuncturas, as unicas victimas, julgamos ter encontrado a sua solução sem prejuizo dos legitimos interesses dos que intervem na industria da pesca e venda de peixe, interesses que, justo é confessal-o, tambem são dignos de serem respeitados.

Internados nos hospitaes

Victimas de desastres

A' enfermaria 1 do hospital Estephania recolheu o menor de 3 annos José de Oliveira, morador na travessa do Fé de Ferro, 24, 4.º, queimado na sua residencia com café a ferver.

No hospital de S. José deram entrada: na enfermaria 1, José Sebastião Graça, cocheiro, que na Trafaria foi colhido pelo couce de uma muar, ficando com a perna direita fracturada, e na 5 João da Conceição maritimo, morador na rua José Estevam, 8, 1.º, que foi atropellado por um automovel no largo do Intendente, ficando muito ferido na cabeça.

Jayme Silva, de 15 annos, aprendiz de pintor, morador na rua de S. Cyro, cahiu hoje d'um andaime na rua de Santa Martha, da altura de um segundo andar. Ficou muito contuso pelo corpo e com fractura dos dois braços, pelo que recolheu ao hospital escolar. No mesmo hospital ficou o conductor dos carros electricos Manuel Lopes, que ao proceder á cobrança na alameda do Lumiar cahiu do carro, fracturando a perna esquerda.

NOTAS DIVERSAS

O conselho de ministros, que reuniu esta manhã no ministerio da marinha, occupou-se da questão das subsistencias e da administração publica.

— Começaram hoje no campo entrincheirado os exercicios das escolas de repetição.

— O sr. dr. Augusto de Vasconcellos, ministro de Portugal em Hespanha, conferenciou hoje demoradamente com o sr. presidente do ministerio, seguindo no rapido da tarde para o norte.

— Chega ámanhã a Lisboa, vindo da Praia da Rocha, onde foi assistir ao congresso algarvio, o sr. ministro do fomento. O da guerra, que tem andado a assistir aos exercicios das escolas de repetição, deve chegar a Lisboa na proxima quinta-feira.

PEQUENAS NOTICIAS

No rapido da tarde chegou hoje a Lisboa João Rodrigues da Costa Carvalho, o *Carvalhinho*, preso na Figueira da Foz pelo agente Tavares, quando ali andava passando moedas falsas de 50 centavos e que ha tempos fugiu a um policia quando era enviado para a Boa-hora. Recolheu á cadeia do Limoeiro.

Foi demittido, a seu pedido, o guarda civico n.º 1:5.., Manuel Silverio.

— Pediu licença para se tratar o chefe da 1.ª secção da policia judiciaria sr. Albino Sarmento, que ficou sendo substituido pelo agente Manuel Sequeira.

— Alexandre Martins da Fonseca, morador na rua do Olival, 114, queixou-se á policia de que Julio Vidal, morador na mesma rua, 116, lhe raptou sua filha de 17 annos Anna Candida dos Anjos Fonseca, ignorando o seu paradeiro.

Congresso regional algarvio

No expediente de hoje da camara dos deputados figurava um officio do sr. José Parreira, em nome da commissão executiva do Congresso Regional Algarvio, significando o seu agradecimento pelas amaveis expressões de louvor e incitamento ao Congresso pronunciadas por diversos deputados na sessão de 3 do corrente.

Este officio foi mando inserir integralmente no *Diario do Governo*, bem como a participação do que acompanhava o officio uma collecção das theses apresentadas e que foram para o archivo a fim de poderem ser consultadas.

A reorganisação do exercito servio

Turim, 2 de setembro

O correspondente especial do *Stampa* nos Balkans, tendo visitado a Servia, dá informações interessantes ácerca da reorganisação do seu exercito.

«Na fronteira austro-servia ha seis mezes tão tranquilla manifesta-se novamente uma bellica actividade: o povo servio, se uma nova offensiva do inimigo se produzir, não será encontrado desprevenido. Ha seis mezes que o exercito servio vem recebendo continuamente comboios de armas e munições de Salonica, as quaes lhe teem sido tão largamente fornecidas que actualmente a artilharia servia dispõe de enorme quantidade de provisões.

Graças á dedicação dos medicos francezes, as doenças infecciosas teem sido efficazmente combatidas. Aviadores vindos da França desempenham habilmente o serviço de reconhecimento. A missão de artilharia organisou perfeitamente a defeza natural do Danubio e do Save.

Os quadros da officialidade, que tinham soffrido baixas numerosas nas batalhas de dezembro ultimo, foram completados com officiaes novos e enthusiastas, que tiveram tempo bastante para se instruirem, e aproveitando este intervallo de tranquilidade os albanezes das provincias recentemente conquistadas teem formado regimentos em que domina o ardor e a coragem.

Ao exercito já existente teem-se juntado milhares de voluntarios bosnios que tinham sido aprisionados pelos russos quando combatiam nas fileiras austriacas e depois pediram para ir bater-se ao lado dos seus irmãos servios.

O exercito da Servia está preparado para repellir a nova offensiva austriaca, prompto para formar, no momento opportuno, o nucleo do grande exercito do Oriente que, depois da tomada de Constantinopla, se alastrará atravez da Tracia e da Macedonia, pelas estradas do Danubio e de Budapest, arrastando comsigo a cooperação de bulgaros e rumaicos».

ECHOS & NOTICIAS

INFORMAÇÕES — COMMUNICADOS

DOIS MENUS

São do celebre jornal satirico inglez «The Punch» (O Polichinelo) os dois curiosos menus que em seguida publicamos. Como é sabido, os redactores e desenhadores do «Punch» fazem, geralmente com muita graça, amiude sarcastica, o commentario dos principaes acontecimentos e a critica das pessoas em evidencia. Folha liberal, foi nas suas columnas que o celebre romancista inglez Thackeray publicou o seu admiravel estudo physiologico sobre os «snobs», em que se fustigam com o mesmo espirito os ridiculos da sociedade e da administração inglezas. Eis os dois menus:

Diner du Kaiser
Le menu

Consommé Chiffon de Papier
Purée Barbare

Anguilles de la Marne

Bulletins Variés
Sauce Crème de Menteur

Petites Vérités à la Dentiste
Mot en Dégringolade
Otages Fusillés à la Croix d'Enfer

Langue de Boche à la Kultur
Suprême de Dégout Américain
Incendiés à l'Amour de Dieu

Bombe Visée à la Cathédrale
Squelettes Cent Souels
Amendes en Milliards

Diner du Général Joffre
Le menu

Consommé aux Oeufs Boches
Purée de Renforts

Filets de Sol Natal
Sauce Rataplage

Petites Tranchées à la Baïonnette
Soixante-quinze en Surprise

Aloyau Français à la Loyauté
Concours Anglais à la French

Timbales de Progrès à la Rongeur
Obus en Autobus

Silences Assortis de Journalistes en Gâteau
Piou-Pious en Bonbonnière
Accueil de Glace aux correspondants

Ocioso se torna dizer que são fabricados na terra as duas listas e ambas mui engenhosamente compostas...

NOTAS MUNDANAS

Seguiu de Souro para a Figueira da Foz o sr. Luiz Augusto d'Oliveira.

— O sr. Adalberto Soares do Amaral Ferreira partiu de Figueiró dos Vinhos para o Gerez.

— No rapido da tarde chegaram hoje os srs. Arthur Costa, Antonio Tudella e Lino Ferreira.

— Regressou de Caldellas com sua esposa o sr. Arthur de Sousa Lima.

— Partiu para o Curia, acompanhado de sua esposa, o sr. Augusto Carreira de Sousa, director dos Caminhos de Ferro Portuguezes.

LUCTUOSA

Falleceu hoje, realisando-se ámanhã pelas 16 horas o seu funeral, o chefe da policia reformado sr. Pedro Augusto. O prestito sahe da rua Thomaz Ribeiro, 6, villa Pinto, sendo as honras funebres prestadas por uma força de 40 guardas, dois cabos e chefe Figueiredo. Tambem falleceu o sr. Antonio Alves, guarda civico, cujo funeral se realisa ámanhã, ás 10 horas, sahindo da rua Claudio Nunes, 96, em Bemfica. Presta as honras funebres uma força sob o commando de um cabo com 8 guardas.

Falleceu o sr. Camillo Augusto de Sá Santos, que deixa viuva a sr.ª D. Maria Luiza Ghira Dias de Sá e Santos. O funeral sahe ámanhã, pelas 11 horas, da Avenida da Liberdade, 116, 1.º D., para o cemiterio oriental.

SÁ CARNEIRO

O illustre engenheiro e nosso amigo sr. Sá Carneiro deu uma queda no Charleston Hotel, de Johannesburg, soffrendo um extenso ferimento no couro cabelludo. Foram-lhe applicados vinte pontos naturaes. Já regressou, quasi restabelecido, do Transvaal a Lourenço Marques.

NA AMADORA

O sr. Accacio Santos devia fazer a sua apresentação na Amadora como maestro, regendo uma grande orchestra symphonica de 70 professores. A festa, e consequentemente a estreia, foi transferida para o dia 19, porque no domingo a banda da Guarda Republicana vae fazer-lhe... de Mr. Agrago e d'ella era tudo o elemental de acção.

PARTE COMMERCIAL

Situação da praça

CAMBIOS. — O mercado fechou ás seguintes cotações:

	Compra	Venda
Londres, cheque.	35 11/16	35 9/16
Londres, 90 d/v.	36 1/4	—
Paris, cheque.	$725	$714
Allemanha, cheque	$33.5	$30
Hollanda, cheque	$37	$00
Madrid, cheque	1$34	1$36
New York	1$48,5	1$47,5
Rio/Londres.	11 15/16	—
Libras.	6$60	6$56
Agio do ouro.	45 %	50 %

BOLSA — As inscripções effectuaram-se:

	Assent.	Coup.
Titulos de 1.000$	—	—
» » 500$	—	40,00
» » 100$	—	40,00

Obrigações d'Estado: 3 0/0 1902, coupon 80$50.

Externas: 1.ª serie, 73$30, e 3.ª, 74$30.

Acções: Ultramarino, coup., 112$40; Aguas, 90$; Assucar, 40$60; Moagem nova, 65$; Ghosphoros, coup., 80$40, e assent. 79$50.

Obrigações: Aguas, assent., 91$50; Predios, 4 0/0, 91$50, e 5 0/0, 87$; Ultramarino, hipothecarias, 93$70; Caminho de Ferro de Benguella, 77$.

SPORT

Amadores e profissionaes

A questão do *amateurismo* é das que existem desde que existe o sport. Voltou agora novamente á discussão com um acto brusco e inesperado da União Velocipedica Portugueza.

Mas qual é a definição do amador?

«E' um cavalheiro que faz sport para se recrear e d'elle retirar uma boa saude».

Foi esta a formula mais corrente depois d'uma discussão de longos mezes em França e n'ella votou Telié, um jornalista considerado no meio athletico. Quando o mesmo Telié approvou aquella formula, juntou-lhe as seguintes considerações que podem ser applicadas ainda hoje:

«Mas senhor, eu sou um amador—grita a cada instante um concorrente de provas... E' verdade que não tomo parte senão em concursos com muito bons premios e depois de me haver certificado do seu valor, mas esses premios não os recebo em dinheiro. Esta é a razão porque sou amador...»

«Mas, não sois amador, é athleta porque é unicamente o interesse do ganho que vos incita a praticar o sport. Sois um hipocrita, porque esses premios são depois trocados por preciosas moedas».

Não resta duvida que tres quartos dos amadores possuem esta mentalidade.

Nota do dia

Os futuros «teams» de «foot-ball»

Perguntaram-n'os hontem:

—Quaes serão os futuros *teams* de *foot-ball*?

Respondemos immediatamente que não sabiamos e acrescentámos que talvez ninguem o soubesse. Porquê? Pelo costume portuguez de tudo organisar á ultima hora e porque os clubs nacionaes de athletismo enfermavam do mesmo defeito contando com as probabilidades e não tendo certezas. Em todo o caso—e lá vae uma probabilidade—segreda-se:

—que o *team* campeão do Sporting Club de Portugal será pouco mais ou menos o da epocha passada, com a vantagem de ter Armour, que não consentiram na Inglaterra que fôsse para a guerra, ainda com os dois Morlos, Francisco Cruz, Rosa Rodrigues, Boaventura, os irmãos Stromp, Arthur José Pereira, Vieira, etc.

—que o *team* do Sport Lisboa e Bemfica estará melhorado apparecendo na sua *linha* alguns jogadores que pertenceram ao Internacional e que, na epocha passada, jogaram contra o Barcelona.

—que o Imperio e o Internacional teem tido difficuldades em arranjar novos *players*.

Será assim? Não o podemos dizer.

Algumas anedoctas

E o Schackman teve medo, muito medo...

Rako, o famoso *ju-jutsman*, quando saiu a primeira vez de Lisboa foi trabalhar para Hespanha e ali conheceu uma andaluza, ao tempo a mais famosa, elegante e requestada bailarina do paiz visinho. Conheceu-a depois com muita amizade, tanto que os dois artistas appareceram durante dois mezes n'uma *tournée* pela Andaluzia e pela Catalunha, n'um numero combinado de *ju-jutsu*, fazendo a gentil andaluza o que em Lisboa fazia o ajudante Deko, isto é, demonstrações de defeza na rua.

Rako voltou a Lisboa e deixou em Hespanha a sua companheira de lucta com um contracto vantajoso n'um café concerto. Rako voltava para combater os luctadores Poirée, Lassartesse, Schackman, etc.

Este forte allemão tornou-se um amigo do japonez e aproveitando a popularidade d'este queria que se combatessem mais vezes, pois esses combates eram pagos *extra* pelo emprezario. Rako, porém, respondeu a Schackman:

—Não, meu amigo. Você não tem vantagens, porque não me vence e eu nunca me deixo vencer. D'esta maneira, o publico cança...

—E' pena.

—Mas arranjo-lhe um adversario magnifico, é uma mulher que está em Hespanha...

—Uma mulher?

—Sim, que lucta muito bem, que já sabe *ju-jutsu* e é valente!...

—E ella deixa-se vencer?

—Depende do dinheiro que v. lhe der...

Schackman empallideceu. Olhou muito o japonez, quiz perceber-lhe as reservas dos pensamentos e exclamou:

—Não, amigo Rako, ella que fique por lá! Eu nunca paguei dinheiro para vencer. E então uma mulher! Nunca lhe pagaria. Não estou costumado...

E foi esta a razão por que Lisboa não viu uma bailarina feita luctadora de *ju-jutsu* e apenas conheceu praticando essa arte a ingleza Roberts, mulher de Kirano.

Noticias

ENTRE NOS

A festa na Amadora

Decorreu com notavel brilhantismo a festa athletica que se realisou no *rink* dos Recreios Desportivos da Amadora. Francisco Padinha maravilhou com os seus exercicios de força. Os Lusos enthusiasmaram com os seus trabalhos acrobaticos. Jorge Paiva e Carlos Farinha sustentaram um bello assalto de espada. De resto todo o programma agradou por completo.

«125 kilometros em bicicleta

Em Villar Secco, alguns amadores velocipedistas realisaram no dia 4 do corrente uma corrida em bicicleta cujo percurso foi de 125 kilometros. Foram vencedores o sr. Mario Augusto d'Assumpção Marques, que fez o percurso em 6,8), Adelino Luiz Lonheiro, em 6,52, e Manuel Almeida Pinheiro em 6,56. Desistiram 7 concorrentes dos 15 que se inscreveram».

Espectaculos

Cartaz de ámanhã

POLITEAMA—A's 20,30 e 22,30—Não desfazendo... (Revista).

EDEN—A's 20,45 e 22,45—O diabo a quatro. (Revista).

COLISEU DOS RECREIOS—A's 21—O conde de Luxemburgo.

MODERNO—A's 20,45—O cabo Simão.

Agenda da semana

AMANHÃ—Coliseu dos Recreios—A's 21 horas—Festa artistica de Adriano Marchetti—*O Conde de Luxemburgo*.

QUARTA FEIRA—Politeama—Recita do auctor. A revista *Não desfazendo...* com numeros novos.

SABBADO—Avenida—Festa do actor Nascimento Fernandes—A revista *O diabo a quatro*, em espectaculo completo, com o quadro novo *Eusébio, sai!*

Boatos e informações

Entre nós

A celebre operetta *A Divorciada*, que em todos os theatros da Europa e America tem sido representada em milhares de recitas, ouvindo sempre os seus interpretes as mais ruidosas ovações, vae hoje á scena no *Colyseu dos Recreios* em recita da moda. Tanto basta para a enchente ser completa, tanto mais que na *Divorciada* entram as primeiras figuras da companhia como se v pela distribuição seguinte:

Joana Douglas, sr.ª Anita Patrizi Granieri; Sonda Vander Loo, sr.ª Fernanda Razzoli; Marta, Elisa Patrizi; Adelina, sr.ª Elettra Favi; Carlos Douglas, sr. Amedeo Granieri; Cornelio Scrop, sr. Adriano Marchetti; Pedro Smith, sr. Ettore Razzoli; *Presidente* do Tribunal, sr. Felice Tati; Guilherme Krowel, sr. Manlio Servini; ministerio publico, sr. Gasparo Favi; escrivão, sr. Gioachino Seccardi; advogado, sr. Attilio Tossi; Wegol Cancillor, sr. Antonio Riccobono.

O apreciado actor comico Adriano Marchetti faz amanhã a sua festa artistica com o *Conde de Luxemburgo*, operetta sempre applaudida e sempre desejada.

● Consta que no principio da epocha apparecerá um semanario de critica teatral destinado a fazer sensação. Diz-se que será redigido por trez conhecidos escriptores que timbrarão no rigoroso escrupulo das suas apreciações, fazendo justiça a quem a merecer.

Circos & Music-halls

SALÃO DA TRINDADE—A's 20 e 22—Companhia infantil—O collar da princeza.

ANIMATOGRAPHOS E CONCERTOS—Olimpia e Paradis, *matinées* diarias e sessões á noite; Central, Chiado Terrasse, Salão Foz, Rocio; Sociedade Promotora de Instrucção, em Alcantara, sessões ás quintas feiras, sabbados e domingos.

CINEMATOGRAPHOS OU ESPECTACULOS VARIADOS—Chantecler, Imperio, Salão Graça, na Caixa Economica Operaria, Variedades, na calçada da Estrella—A's 21,30—O diabo no convento.

«A Capital»

Vende-se nos Recreios Desportivos da Amadora.

Almanachs para 1916

Para o futuro anno, nada menos de tres acaba a Parceria Antonio Maria Pereira de lançar no mercado. Todos elles edição da conceituada casa, cada um tem as suas tradições e o seu feitio especial, despertando a attenção e o interesse do leitor.

Os publicados são: «Novo almanach de lembranças luso-brazileiro», que entra no seu 66.º anno, «Almanach das senhoras», no 46.º anno, e «Almanach illustrado», que entra no 16.º anno. São publicações já bem conhecidas para que precisemos recommendal-as.

TOURADAS

Algés.—Para domingo está sendo organisada uma garraiada, com numeros de sensação, entre os quaes a lide de uma vacca por um ciclista que se encontra veraneando no Estoril. A corrida é dedicada ás colonias balneares de Algés, Estoril e Cascaes. Todas as pessoas que no kiosque Sol do Socio e Tabacaria Graça do largo de Santo André comprem o Facebulo rio Tourino ultimamente publicado teem entrada gratis, pagando apenas dois centavos de sello.

Praça de Ovar.—Por motivo das tradicionaes festas a Santa Eufemia que se realisam em Santa Comba depois d'amanhã, realisa-se na praça de Ovar uma tourada sendo cavalleiro Francisco Bento de Araujo. Luriago Moreira lidará dois touros a sós. N'essa tarde farão a sua apresentação os alumnos mais laureados da escola do Luciano Moreira, entre os quaes figuram Fernando Cigarra, João dos Santos e Eduardo Cebolla, que em competencia darão saltos de vara. O ultimo touro, destinado aos afficionados, levará ao pescoço uma libra em ouro, que será dada a quem conseguir arrancal-a do pescoço do animal.

PEQUENAS NOTICIAS

A commissão parochial republicana do Sacramento reune amanhã, ás 20 e meia horas.

—Foram publicados, pela repartição dos serviços pecuarios, da direcção geral de agricultura, os boletins de janeiro a outubro de 1912. Trabalho cuidado, como de costume, e com indicações valiosas para os estudiosos.

—A livraria Rodrigues & C.ª, da rua do Ouro, 186 a 188, publicou, ao preço de 5 centavos, um Cifrante americano para banqueiros, commerciantes, politicos, ministerios, repartições publicas, etc., de absoluta segurança para correspondencia confidencial. Trabalho bem feito e que deve, na realidade, prestar grande auxilio aos que careçam de corresponder-se por meio de cifra.

As inquietações do kaiser

O cheque do kronprinz na Argonne e o avanço dos francezes nos Vosges

Londres, 2 de setembro

Segundo declara um official belga, que exerceu um importante commando na fronteira belga, o kaiser mandou recentemente cartas autographas a todos os commandantes que estão na frente occidental, em que manifesta a sua admiração por serem tão fracos os resultados das recentes operações, e lhes pede se compenetrem da necessidade de serem mais activos, de maneira que possam obter vantagens apreciaveis, para se dissipar a impressão que reina na Allemanha e nos paizes neutraes de que os alliados estão prestes a dominar os esforços allemães e que já se encontram senhores da situação.

Estas cartas continham o texto d'uma imperial ordem do dia para ser lida ás tropas, convidando-as a continuar combatendo com inquebrantavel coragem para que assim possam entrar rapidamente n'uma epoca de paz e tranquillidade pela conclusão da guerra.

Tambem o kaiser pedia aos generaes commandantes de exercitos que lhe enviassem as suas opiniões ácêrca da maneira de dirigir a campanha tanto sob o ponto de vista geral, como sob o ponto de vista dos pormenores.

O resultado será haver algumas mudanças nos commandos, e estabelecer-se um novo plano de campanha. Confirmam estas noticias a impressão, agora tornada em certeza, de que os allemães estão muito inquietos e exasperados com as modificações de situação na linha do oeste onde o cheque do kronprinz na Argonne e o avanço dos francezes no Artois e nos Vosges lhes gravemente enfraqueceu as posições.

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

Juncção do Bem

Foi distribuido pelos associados o relatorio e contas do anno de 1914-1915. Até essa data existiam 402 subscriptores.

Durante o anno economico concedeu 938 esmolas na importancia de 463$00, 74 subsidios de lactação na de 86$50, 3:700 jantares das cozinhas economicas na de 349$90, 1:589 banhos de mar, refeições e transportes na de 309$15,5.

No dia 14 reuniu a assembleia geral para discussão, votação do relatorio e tratar de uma proposta para se comprar um edificio para um sanatorio, por meio de acções de 10$00.

Não reunindo n'este dia, fica transferido para o dia 22, ás 20 horas, na séde, rua dos Douradores, 57, 1.º.

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

«O Arauto»

D'esta revista sahiu o numero 0, correspondente a 1 do corrente mez, trazendo varia e escolhida collaboração litteraria e um retrato do nosso presado camarada de redacção André Brun, acompanhado de um soneto de Armando A. Xavier. Na parte destinada a annuncios, *O Arauto* apresenta-se muito bem illustrado.

Movimento maritimo

Africa oriental, «Kuranne», Liverpool	7
Bordeus, «Samaras», Brazil	7
R. Jan. e R. Prata, «Flandre», Bordeus	7
Br. R. Pr. e Pac., «Orissa», Liverpool	8
Vigo, Liverpool, etc., «Oritas», Brazil	8
Africa Occidental, «Portugal»..........	12
Africa Occidental, «Cazengo»........	18

Vinhos da Madeira

A commissão encarregada de dar parecer sobre o novo regulamento manifesta-se abertamente contra elle

Em opusculo foi agora publicado o parecer apresentado pela commissão encarregada de estudar o projecto de regulamento para o commercio dos vinhos da Madeira á commissão de viticultura em sua sessão de 29 de agosto findo.

A commissão manifesta-se contra muitas das disposições do projecto e propõe as alterações que no seu entender o poderão tornar viavel. Confrontando esse projecto com o regulamento em vigor de novembro de 1913, nada ha n'elle de novo a não ser a creação de impostos e tabellas inaceitaveis e a creação de um exercito de empregados tão dispendioso que absorve a receita do imposto, uma grande quota da Junta Agricola e outra talvez não inferior da Junta Geral.

O parecer, que é assignado pelos srs. Antonio Silvino de Macedo, Luiz Pedro de Soden Pereira e João Alexandrino Fernandes dos Santos, conclue assim:

«A fiscalisação dos lagares não pode custar menos de 30 a 40 contos; a fiscalisação da entrada do vinho não pode ser feita com menos de 20 contos em cada anno, a fiscalisação do alcool, os delegados idoneos e o demais pessoal em que é prodigo o projecto não custará menos de 80 contos.

Bem alto falam estes algarismos.

Escusam de commentarios!

O projecto é o *mané, thécel, pharès* da viticultura da Madeira.

E' a morte certa sim, mas morte feroz, truculenta, tormentosa.

Contra esse sacrificio, contra essa morte torturante, bem alto fica consignado o nosso mais vehemente protesto e bom é que se saiba, lá fóra, que a alma madeirense sangra de dôr perante o cutello d'esse imposto abominavel, imposto que é um crime de horrorosa memoria praticado contra uma terra honesta para ganho de ociosa empregadagem.

Aqui tendes, senhores, summariamente, o que é esse anonimo projecto de regulamento de tão famosa urdidura, que nem uma assignatura achou que o abonasse; e a vossa Commissão propondo as emendas e modificações que deixa exaradas inclue n'ellas todas as demais disposições que andam atreladas aos respectivos artigos, numeros e §§ não poupando os 33 phantasticos modelos de impressos capazes de, por si sós, transformarem tudo isto n'um manicomio.»

Festas escolares

A do Grupo Civil «A Republica» numero 4

Foram os seguintes os alumnos apresentados a exame pelo Centro Escolar d'este grupo: 1.º grau, José Dias, bom; João Silva e Fernanda Silva, distinctos; 2.º grau João Silva, Humberto Ferreira, Ayres Ferreira, Sebastião Lage, Antonio Correia e Augusto de Figueiredo, todos approvados.

No proximo dia 20 a direcção, a cargo do sr. Julio Estrella, promove uma sessão solemne para distribuição dos premios aos alumnos, sendo-lhes n'essa occasião fornecido um lanche. Já estão convidados alguns oradores.

Os srs. Manuel dos Santos, Alfredo Silva, Eugenio Fonseca e José Antonio Gomes, por especial fineza, abrilhantam o acto tocando varios numeros de musica.

Banhos ás creanças

Junta da Pena

Esta junta previne os seus parochianos pobres de que está procedendo á inscripção de creanças para banhos no Lazareto, devendo as petições ser entregues na séde da Junta, Beco de S. Luiz da Pena, 9, ás terças e sextas-feiras, até 20 do corrente.

A chronica do furto

Joaquim Custodio de Almeida, morador na rua Ferreira Borges, 51, loja, queixou-se á policia de que na estação do Rocio lhe subtrahiram uma carteira com varios papeis de valor e uma lettra na importancia de 93$80.

Tambem se queixou Luiz Augusto da Motta, residente no Parque Eduardo VII, junto ao lago, de que os gatunos entraram na sua residencia e lhe furtaram a quantia de 61 escudos, uma medalha com aro de ouro, uma bolsa de prata e um annel, tudo avaliado em 70 escudos.

A Antonio Fernandes, morador no Poço do Borratem, 4, 4.º, furtaram na Feira de Agosto um relogio de plaquet fino e uma corrente com berloques de ouro, tudo no valor de 57 escudos. Finalmente, José Peixoto, da Estrada de Sete Rios, 51, loja, queixou-se de que os gatunos entraram em casa do seu patrão Joaquim Ferreira Borges, residente na mesma estrada, 08, levando objectos de prata no valor de 200 escudos.

trincheiras nas suas margens ou proximo deixam de estar em posição favoravel.

A extensão da margem d'um rio pode ser facilmente calculada pelos mappas. Uma margem abrupta offerece terreno bom egualmente para o lado atacante. Os russos acharam muito melhores posições a uns trez kilometros a leste de Rawka, em redor de Borzymow, Humin e Wola-Szydlowska, que ficam situados n'um alto nivel sobre uma elevação entre o Rawka e o Sucha. Os bosques proximos offereciam mais vantagens na escolha do terreno.

Desde o meiado de janeiro pouco se ouviu falar da lucta em redor de Sochaczew, onde batalhas se haviam dado em dezembro. O centro da lucta mudára agora mais para o sul, primeiro em redor de Barowes (Mogily), em seguida em roda de Borzymow. Desde que as trincheiras apenas eram separadas pelo rio, a guerra tomou ahi o caracter da lucta na Flandres. Um grupo de arvores, as ruinas d'uma unica construcção, uma pequena eminencia tornavam-se o objectivo de acções em que centenares de vidas se perdiam. Em alguns sitios, por exemplo em um sector proximo de Mogily, a artilharia pouco podia fazer porque as duas linhas de trincheiras estavam quasi juntas. O communicado official de 27 de janeiro contém uma phrase que é familiar aos que teem seguido a lucta no occidente. «Na região de Borzymow as nossas tropas, apoiadas por sapadores, atacaram na ultima noite as obras de sapa do inimigo e desalojaram os allemães por meio de minas». Exactamente o que se dá em França e na Belgica.

Nos primeiros dias de fevereiro chegou-se ao ataque geral. N'uma frente de nada menos de onze kilometros os allemães desenvolveram sete divisões, apoiadas pelo fogo de umas cem baterias. Só no espaço de uma hora essas baterias lançaram 24.000 granadas nas trincheiras russas. Muitas divisões desenvolveram-se n'uma fronte d'um só kilometro. Atacaram em cerração formado, em filas de dez a vinte e dois homens.

No dia 2 conquistaram algum terreno, que perderam no dia seguinte. No dia 3, os russos, por meio de ataques de bayoneta, reconquistaram as trincheiras perdidas proximo de Borzymow, repelliram os allemães de Humin e apoderaram-se de novo de Wola-Szydlowska.

A lucta continuou no dia 4 e no dia 5. Durou toda a noite e tornou-se mais violenta ao romper do dia. No dia 7 começou a contra-ataque russo. Da margem direita do Vistula dirigiram um fogo cruzado contra as posições germanicas na margem esquerda do Bzura, proximo da sua confluencia com a Vistula e proseguiram os ataques em redor de Kamion e de Witkovice. No mesmo dia progrediram no avanço no angulo entre o Bzura e o Rawka. Os germanicos tinham de desfazer forças da fronte Borzymow para defeza das posições ameaçadas. A batalha em roda de Borzymow ia perdendo a sua intensidade.

A 8 de fevereiro a artilharia russa destroe a fabrica de distillação de Wola-Szydlowska, que os allemães haviam transformado n'um forte. Os allemães haviam perdido toda a esperança de repellir os russos para a linha Blonie e na do Bzura-Rawka conservaram-se socegados. Desde então não se tornou a ouvir falar nos ataques diarios, que se tornavam habituaes, como na fronte occidental. Só no dia 27 de novo se falou na lucta entre Mogily e Bolimow.

Até fins de janeiro não se ouviu falar em combates violentos nos Carpathos talvez por serem grandes as difficuldades derivadas dos obstaculos naturaes. Os ataques de infantaria eram difficilimos em muitos casos. E' quasi impossivel permanecer sem ser visto na neve, offerecendo assim os homens um magnifico alvo, devido á côr dos uniformes. De noite, mesmo quando não ha luar, tornam-se visiveis com a claridade reflectida pela neve.

Onde não ha neve, o entrincheiramento é muito difficil, porque se a

nha de inverno obascada no gelo e na neve.

Comtudo o tempo não era a unica causa do caracter d'essas primeiras semanas de janeiro. No fim de dezembro viu-se os ultimos arrancos da gigantesca campanha de Hindenburg com as suas duas invasões da

Commandante do submarino inglez «E 6», C. P. Talbot

Polonia e o grande numero de operações auxiliares que se alargavam a toda a fronte oriental. Antes d'um novo eschema de tal grandiosidade ser tentado, ambos os exercitos precisavam pelo menos d'um curto periodo para descançarem e se refazerem.

As operações que se seguiram quando as potencias centraes retomaram a offensiva dão a impressão de não terem entre si ligação e quasi não terem objectivo. Tinham-na, porém, e havia uma idéa dominante nos differentes operações que se deram n'uma fronte d'uma extensão de mais de 800 kilometros. Varsovia, na sua posição central, parece tambem ser o centro de toda a actividade militar. E a tomada d'essa cidade parecia não ser o principal objectivo da campanha dirigida por Hindenburg, antes sel-o a linha do Niemen-Bobr-Narev-Vistula-San-Dniester. Parecia antes querer tirar aos russos os territorios que ficam entre a linha do San e do Dniester e da do Dunajec, do Biala e dos Carpathos.

Esses districtos da Galicia são para os russos a base indispensavel para uma offensiva contra a Hungria e para um subsequente avanço contra Cracovia e a Silesia; nem o cêrco de Przemysl poderia continuar se elles tivessem sido reconquistados pelos exercitos germanicos. Se esses exercitos alcançassem a linha do Vistula, San e Dniester, os russos teriam perdido toda a possibilidade de tomarem a offensiva nas duas zonas do sul, ainda que retivessem em seu poder as cidades de Varsovia e Ivangorod, as pontes-cabeças na margem esquerda do Vistula. Essas portos para o oeste podiam facilmente ser mascarados pelos allemães.

Se Przemysl continuasse a resistir e não pudesse ser tomada teriam ahi os exercitos allemães uma firme e valiosa base além da linha dos grandes rios. E assim a Austria e a Allemanha poderiam concentrar toda a sua attenção na campanha do occidente.

A acalmia na lucta durante as tres primeiras semanas de janeiro foi menos accentuada na linha Bzura-Rawka, onde as operações haviam assumido uma importancia quasi inteiramente tactica. As linhas defrontavam-se, chegando em alguns sitios a não haver entre ellas mais de 90 metros de distancia, estando sempre tudo preparado para a acção e sendo aproveitado qualquer momento que parecesse vantajoso para as operações em menor escala.

A 30 de janeiro começou o conhecido ataque allemão á linha Borzymow-Wola-Szydlowska, que durou uma semana. Muito se falou, na occasião e ainda depois, a tal respeito. Tinha o marechal Hindenburg a esperança de entrar em Varsovia? Não conhecia elle a segunda e forte linha de defeza em redor de Blonie? Falou-se e escreveu-se ácêrca da lucta d'essa semana na frente de Varsovia e ácêrca das forças que n'ella tomaram parte e da sua intensidade.

Parece mais que provavel que no ataque apenas entraram o que podemos chamar as forças locaes. Avaliam-se as forças do exercito allemão que entraram na lucta na fron-

Camillo Augusto de Sá e Santos

FALLECEU

R. I. P.

Confortado com todos os Sacramentos da Egreja

D. Maria Luiza Ghira Dias de Sá e Santos e seus filhos Maria do Carmo, Camillo José, Agostinho Luiz, João Carmo, Carlos Cypriano Dias de Sá e Santos, D. Maria Carlota de Brito e Santos Grillo e seu marido Isidoro Augusto de Sá e Santos Grillo, seus filhos, genro e netos, D. Camilla Maria dos Santos Carrilho, D. Maria Magdalena de Sá e Santos Grillo, Agostinho José da Fonseca Dias, Carlos Cypriano Ghira Dias, Alfredo Victor Ghira Dias, Arthur de Sá e sua filha, D. Laura Bertolani Ghira, João da Costa Couraça, João Maria de Sousa Pereira e sua mulher D. Christina Maria de Salles Castilho de Sousa Pereira, Christovão Alberto Castilho de Sousa Pereira, D. Mathilde Leal do Canto e D. Julia Leal do Canto, cumprem o doloroso dever de participar a todos os parentes e pessoas das suas relações que foi Deus servido chamar á sua presença seu marido, pae, irmão, cunhado, tio, sobrinho, genro, primo e amigo Camillo Augusto de Sá e Santos e que o seu funeral terá logar amanhã, 7 do corrente, ás 11 horas, saindo o prestito funebre da sua residencia na avenida da Liberdade, 116, 2.°, Dir., para o cemiterio oriental.

Não se fazem convites especiaes devido ao estado de consternação em que se acham.

te Borzymow na primeira semana de fevereiro em cêrca de 140.000 homens e umas cem baterias. Na lucta em rêdor de Barrows (Mogily) entre os dias 5 e 11 de janeiro diz-se que entraram dois corpos allemães, um entrando sempre em acção, ficando outro de reserva.

Em fevereiro mais forças vieram ao que parece por uma concentração de reservas do Bzura e talvez tambem do sul. O facto de, em fins da semana os russos terem conseguido com forças relativamente pequenas romper as linhas allemãs proximo da foz do Bzura parece confirmar a supposição de que tropas foram retiradas d'essa parte da fronte. Um outro facto significativo relativo á batalha de Borzymow parece ter sido estabelecido nitidamente—que os allemães não tinham atraz das suas linhas reservas proporcionadas ás forças que combatiam.

E' evidente que o marechal von Hindenburg não podia esperar, com três ou quatro corpos d'exercito sem reservas, primeiro passar por entre as linhas avançadas russas—facto que, a dar-se, attendendo ás anteriores tentativas n'aquella parte da fronte lhe custaria enormes perdas—e em seguida apoderar-se d'uma segunda linha de fortificações e tomar uma cidade tal como Varsovia. E' provavel que o seu objectivo fôsse obrigar as forças russas a recuarem para a linha Blonie, o que era importante.

Em Borzymow precisavam occupar uma das posições que dominasse a linha russa, a qual se estendia na fronte dos grandes rios, Vistula, San e Dniester. Se o tivessem conseguido, é provavel que toda a linha russa houvesse sido esmagada, pois ao seu rompimento n'um logar seguir-se-hiam outros e outros. Tanto mais que tudo demonstra que as forças austro-allemãs se preparavam na occasião para tomarem a offensiva em grande numero de pontos importantes em toda a fronte.

A hypothese muitas vezes emittida de que forças consideraveis eram retiradas d'um lado para serem enviadas para outro parece infundada. Calcula-se que no theatro oriental da guerra havia em fevereiro nada menos de 30 corpos d'exercito allemães e 20 austriacos, não havendo portanto necessidade de recorrer á transferencia de forças.

O ataque a Borzymow, por tres ou quatro d'esses cincoenta corpos, póde ser considerado como a batalha principal da segunda campanha de inverno na fronte oriental. As forças allemãs em frente de Varsovia nunca foram inferiores a 100.000 homens. Não só atacavam essa cidade, mas tinham de defender Lovicz e Skierniewice, os dois mais importantes entroncamentos de caminhos de ferro da Polonia occidental.

O ataque a Borzymow não foi uma nova tentativa contra Varsovia, nem mesmo uma tentativa para distrahir a attenção dos russos. Foi um golpe a um ponto da fronte russa que cobria a linha dos grandes rios. Se os russos fôssem obrigados a recuar para a sua segunda linha e arredor de Blonie vêr-se-hiam obrigados a abandonar o resto da região na margem esquerda do Vistula para além da ponte-cabeça de Ivangorod. A linha do Nida teria sido esmagada, arrastando com ella a fronte russa no Dunajec e no Biala. Os austro-allemães poderiam avançar a direito sobre o San—prolongamento natural da linha do Vistula médio—e Przemysl teria sido soccorrida.

A primeira tentativa para tal não foi bem succedida.

A offensiva austro-allemã nos Carpathos começou uma semana antes do ataque final a Borzymow. A 23 de janeiro as forças germanicas começaram a avançar para os desfiladeiros ao longo de toda a fronte, n'uma extensão de trezentos e vinte kilometros, de Dukla a Kirlibaba. Depois do insuccesso na fronte de Varsovia, a direcção da principal offensiva tornou-se discernivel; os ataques nos Carpathos occidentaes em roda de Dukla e do desfiladeiro de Lupkow diminuiram consideravelmente de intensidade, ao passo que

a offensiva a leste proseguia com o maior vigor.

A gravidade do movimento em breve se tornou evidente. Se os exercitos germanicos conseguissem fazer recuar os russos para o Dniester, estes teriam provavelmente de recuar tambem para o San e para o Vistula ao longo de toda a linha desde Przemysl, para além de Varsovia.

Um exercito austro-allemão começou a avançar no fim de janeiro pelo desfiladeiro de Uszok para Sambor, um outro pelos desfiladeiros proximos de Vereczke e Beskid para Stryj, um terceiro por Wyszkow para Dolina, um quarto (sómente austriaco) pelo desfiladeiro de Jablonica para Delatyn e Nadvorna, e um quinto estava invadindo a Bukovina por Kirlibaba e Dorna Vatra.

Só os dois ultimos conseguiram o seu objectivo; os outros tres, apezar dos mais desesperados esforços, não conseguiram avançar a grande distancia além da cumiada dos montes Carpathos. Os exercitos a leste chegaram a Stanislawow a 21 de fevereiro e continuaram a avançar, seguindo o caminho de ferro transversal para oeste, em direcção a Kalusz; comtudo, começaram a fazer pressão sobre a linha do Dniester entre Jozupol e Halicz. Se pelo menos o exercito de Wyszkow tivesse conseguido romper a linha russa e juntar-se assim com os que operavam á sua esquerda teria consolidado a sua posição. Mas não recebeu auxilio algum d'esses exercitos, porque os russos não só contiveram o exercito que avançára de Wyszkow para Dolina, como ainda puderam destacar forças para ameaçar por sudoeste o avanço dos austriacos entre Stanislawow e Kalusz.

Entretanto um outro exercito russo, tendo repellido a tentativa austriaca para avançar atravez do Dniester, começou a ameaçar Stanislawow pelo norte. A posição dos austriacos em toda a linha Kalusz-Stanislawow tornou-se, por isso, extraordinariamente precaria. Depois de soffrerem terriveis perdas foram obrigados a recuar para Nadvorna e Kolomea.

Nos ultimos dias de fevereiro uma nova offensiva começou nos Carpathos occidentaes. Tornou-se evidente que o golpe sobre Stanislawow falhára e que só um ataque directo bem succedido contra a ala que sitiava Przemysl poderia salvar essa fortaleza. Essa offensiva falhou tambem e Przemysl cahiu em poder dos russos a 21 de março.

As operações allemãs na Prussia Oriental começaram a 7 de fevereiro, mas não conseguiram o seu objectivo principal, porque, excepto para duas das suas divisões—uma oitava parte das suas forças—os russos retiraram d'ali sem grandes perdas. Os allemães chegaram ao Niemen, que atravessaram n'um ponto, mas não conseguiram apoderar-se da linha de caminho de ferro Petrogrado-Varsovia, não podendo por isso levar reforços, viveres e munições para a linha Narev-Bobr. A sua offensiva ao sul falhou ainda mais miseravelmente: foram derrotados n'uma grande batalha travada na fronte ao sul—a batalha de Prasnysz—e o grande movimento redundou n'uma série de batalhas de importancia muito secundaria, muitas das quaes, além d'isso, foram desvantajosas para os austro-allemães.

Ao fim de trez mezes de esforços titanicos, a posição dos alliados germanicos era peior do que no principio do anno. Tinham ganho terreno na Prussia Oriental e reconquistado parte do valle do Pruth. Tinham perdido Przemysl.

Durante semanas, a attenção da Europa e da America esteve concentrada na linha de combate do Bzura e do Rawka.

No principio de janeiro os germanicos conseguiram estabelecer as suas trincheiras na margem esquerda do ultimo d'esses rios n'uma fronte de mais de trez kilometros. Não se sabe como o conseguiram e é possivel que os russos tivessem d'ahi retirado por conveniencias estrategicas. As margens do Rawka são abruptas. Logo que gela e pode ser atravessado com facilidade, as

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 1829 — 6.º Anno — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Editor—Camillo Sousa e Almeida — Redacção e Administração—R. do Norte, 5,1.º

LISBOA—Terça-feira, 7 de Setembro de 1915

Telephone n.º 2293 — Endereço teleg. CAPITAL — Composição—Rua do Norte, 5,1.º — Officina de impressão—71, Rua da Bica,71

Preço 1 centavo

JULIO GOMES

A *Luta* tem expendido as opiniões do sr. Brito Camacho sobre a nossa participação na guerra. São conhecidas, como são conhecidos os seus effeitos. Agora expende as opiniões do sr. Julio Gomes, que são as mesmas, apenas com a pretensão de serem mais ousadas.

Quem é o sr. Julio Gomes? O sr. Julio Gomes não existe. O sr. Julio Gomes é o sr. Brito Camacho, que troca o seu nome de jornalista e de chefe de partido por este vago pseudonymo, quando pretende entrar em divagações politicas d'uma determinada indole. O processo é novo no jornalismo portuguez; cremos até que nunca se estabeleceu essa dualidade entre os jornalistas lá de fóra, com responsabilidades politicas iguaes ou semelhantes ás do sr. Brito Camacho. Tem havido jornalistas politicos que usaram pseudonymos que se tornaram celebres, mas nunca os utilisaram para apparentar uma diversa individualidade. Em todo o caso é uma innovação, e nas espheras da alta intellectualidade em que o sr. Camacho se move pôde ser que essa innovação seja considerada como mais um rasgo de genio.

E' pois o sr. Julio Gomes segunda personalidade do sr. Brito Camacho, como diriam os vates do «Orpheu», nos quaes a alta intellectualidade assumiu em vez do aspecto politico o aspecto litterario; é pois o sr. Julio Gomes que hontem veiu assacar numerosas responsabilidades aos que entenderam que a participação de Portugal na guerra só poderia exaltar o nome portuguez, assegurar a communhão da nossa patria com os outros paizes que luctam por um grande ideal e servir poderosamente os interesses materiaes nossos, não só legitimos como sagrados.

Diz o sr. Julio Gomes:

«Mas a guerra acabará?

Já houve uma que durou cem annos... bastaria que esta durasse cincoenta para que os responsaveis pela situação que creámos, mandando-a para fóra e intrujando cá dentro, recebessem pela morte o justo castigo que deveriam ser-lhes applicados».

Aqui a troça intellectual chega ao auge. Não só nós não pensámos em expulsar os allemães de Africa como nem a nossa fronteira guardámos convenientemente. Os allemães é que penetraram em territorio nosso, e com forças inferiores ás nossas nos infligiram a derrota de Naulila, em que o esforço heroico de meia duzia de bravos, que não compartilhavam das ideias do sr. Camacho, salvou n'um gesto sublime, a honra portugueza.

Quando um povo marcha para a guerra é obra de alta traição introduzir no seu seio as sementes venenosas da sizania ou do desanimo, prejudicando o seu impeto collectivo. Como se hão de bater os que acreditaram que se não deviam bater? O espectaculo que nos dão todos os povos em guerra é o d'uma decisão unanime, é o d'um ideal commum. E' isso que torna venerados o nome da Belgica, o nome da Servia, o nome do Montenegro, pequenos paizes batendo-se contra grandes imperios, como venerados são os nomes dos poderosos paizes que n'esta guerra são seus camaradas de lucta.

Em Portugal essa decisão manifestou-se por parte d'um povo inteiro, esse ideal vivo expandiu-se em fremitos de enthusiasmo. Infelizmente houve quem se abalançasse para o apagar, quebrando as energias nacionaes. Se mandássemos para os campos da batalha da Europa uma ala de combatentes, desfraldando a bandeira da Republica Portugueza ao pé dos estandartes das nações mais livres e progressivas do mundo, teriamos conquistado a mesma auctoridade moral que hoje tem a Belgica, e seriamos recebidos na conferencia da paz, ainda mais do que com sympathia, com respeito.

As guerras actuaes não se travam apenas em nome de interesses, travam-se em nome de ideias. O ideal dos povos que luctam contra os imperios centraes é o da liberdade. Não se esquecem de o apregoar os estadistas d'esses paizes, os seus tribunos, os seus jornalistas, os seus chefes de partido. A fleugma britannica desapparece para dar logar á invocação enthusiastica d'esse ideal, a propria Russia começou girando libertando a Polonia, e na palavra official da França esse nome sagrado resôa com tanta harmonia e vibração como no canto dos seus poetas.

Não desejamos delongas na liquidação das nossas responsabilidades, como partidarios da participação de Portugal na guerra. Oxalá em nosso poder estivesse liquidal-as amanhã mesmo, para se saber quem pugnava pelo brio do nosso exercito, pelo prestigio da nossa Republica, pela gloria da nossa patria, pelo progresso das ideias da democracia e pela garantia do nosso patrimonio e da nossa independencia! Simplesmente, n'essa liquidação de responsabilidades, quando procurassemos o sr. Julio Gomes, não o encontrariamos decerto, porque, como já dissemos, o sr. Julio Gomes não existe.

A guerra não durará cem annos. A guerra não durará cincoenta annos. Ha de durar o que durar. Mas temos a firme convicção de que ha de haver tempo para se liquidarem todas as responsabilidades: as dos que teem pugnado pela participação na guerra, procedendo em conformidade com solemnes declarações, e que o proprio chefe unionista e o seu partido deram o seu assentimento, e as d'aquelles que não pensavam senão em quebrantar as energias nacionaes, para que se não fôsse para a guerra, introduzindo a divisão no proprio exercito e promovendo situações como a de Naulila, em que se evidenciou a falta de coesão n'um mesmo pensamento patriotico e a da dictadura, nascida d'um pronunciamento que desfazia, se fosse viavel, a disciplina militar e porventura as proprias instituições republicanas e, com ellas, a independencia da patria.

Se tivessemos participado na guerra, a nossa situação seria totalmente outra. Desde o dia em que se desencadeiou a conflagração europeia, Portugal, alliado da Inglaterra, ficou virtualmente condemnado, pelo menos, a perder as suas colonias se a Allemanha fôsse a vencedora. O triumpho da Inglaterra tornou-se pois para nós de vital interesse. Cooperar para esse triumpho era portanto não só uma obrigação da nossa lealdade como uma imposição do nosso interesse. Diz o sr. Julio Gomes que bem podiamos ter nós feito em Africa o que os inglezes fizeram, se não preferissemos guardar a nossa fronteira evitando que os allemães a atravessassem.

O presidente eleito

Sir Thomas Barclay escreve ao sr. Bernardino Machado—Os municipios e a posse presidencial

Sir Thomas Barclay, o principal auctor da *Entente Cordiale* anglo-franceza, dirigiu uma carta de felicitações ao sr. Bernardino Machado na qual se lê:

«A eleição de V. Ex.ª é uma homenagem ao seu patriotismo e ás suas luzes que deve dar a maior satisfação aos seus amigos, entre os quaes quero reivindicar a honra de me contar».

As camaras municipaes do paiz tencionam fazer-se representar na posse do presidente da Republica em 5 de outubro.

PORTUGAL DESCONHECIDO

A lavoura de Barroso

Uma bella lição de trabalho obstinado e de amor á terra e ao lar

Em Barroso, como em regra no norte, a propriedade está pulverisada. A abolição dos morgadios trouxe como consequencia a divisão e subdivisão das antigas casas; os bens de mão morta foram egualmente divididos e sub-divididos, depois do regimen constitucional, em virtude do codigo civil.

Por outro lado, a população augmentou, e a terra aravel ficou quasi estacionaria. Sendo a riqueza constituida pelo armentio, os melhores bocados são os lameiros espontaneos ou artificiaes, nas margens dos ribeiros.

Existiam em Barroso, grosso modo, 12:000 vaccas em 1859, segundo o testemunho de Silvestre Bernardo de Lima, que n'esse anno e fins do anterior publicou no *Archivo Rural* uns excellentes *Estudos pecuarios sobre a provincia de Traz-os-Montes*. E já dizia este erudito e portuguezissimo escriptor, que pedia sempre desculpa ao leitor quando empregava — e raro o fazia—um gallicismo:

«Para a tão pequena e limitada area que constitue a região de Barroso, é esta quantidade de vaccas uma quantidade admiravel, extraordinaria até, comparando-a com a existencia de semelhante armentio em egual area, não direi de outros paizes, mas do nosso nos pontos mesmo mais ajustados e consentaneos a esta especie de granjaria».

Não está feito ainda o recenseamento, que Silvestre Bernardo Lima substituia por informações dos parochos e pessoas gradas.

O computo, porém, é muito superior; e, se já em 1859 causava admiração o facto de a região ser tão armentosa, actualmente em que as terras limadas e os lameiros espontaneos são quasi os mesmos, o esforço que este povo faz, augmentando a sua *fazenda* em enorme desproporção dos bens de raiz, inteiramente desprovido de meios de communicação, sem o mais ligeiro bafo do poder, ignorado e ignorante, é certamente uma bella lição de trabalho obstinado e de amor á terra e ao lar, sobretudo n'este paiz em que a preguiça, a indolencia, a tristeza são os principaes motivos dos poetas e em que pobres creaturas derrancadas imaginaram dar á gente portugueza um ideal com essa limonada fresca do saudosismo.

Como se explica o desenvolvimento do armentio (em quantidade, que em qualidade vae degenerando) em Barroso? O barrosão compra a fazenda com o que ganha fóra da terra.

As sementeiras fazem-se em fins de agosto e setembro. Ainda o pão não está na arca, ainda muitas vezes o malho não canta na eira, e já o barrosão, com o seu arado celta, levanta a terra para receber o grão, que no inverno germinará sob as camadas de neve e de geada. As mulheres espadelam o linho, sacham o milho, guardam o gado. E entretanto os barrosões vão em *camaradas* fazer as ceifas á Terra Quente, as vindimas do Douro.

Um dia, de Mirandella, de Valpassos, Torre de D. Chama, ás vezes de Macedo de Cavalleiros, chega ao tio Fóca ou ao tio Peguisto, que foram os catapazes das camaradas do anno anterior, uma carta convidando-os a ir fazer as ceifas. O tio Foca avisa os da terra e manda aviso aos das aldeias em roda; e no dia marcado juntam-se os da camarada e eis ahi vão, logo de madrugada, no despontar do dia, atravez dos caminhos trepando outeiros, galgando serras, com os seus harmonicas e os seus ferrinhos, os seus lodos e as suas mantas, cantando a ultima moda, enchendo o ar da sua alegria saudavel, bracejando e rindo sob o sol loiro e amigo.

Ha ainda a tradição do que outr'ora os catapazes, quando chegava a occasião das ceifas, se iam até ás feiras da Terra Quente, com tantas ceitouras ou fouces quantos eram os das camaradas. Na feira, punham as ceitouras no chão e quem tinha as messes contractava esta ou aquella camarada conforme as suas precisões.

Em 20 dias de ceifa, os barrosões trazem para casa os seus 7 ou 8 escudos. As mulheres ganham 0,25 e os homens 0,30 por dia, e a molhada. Os rapazes, se atam as molhadas, ganham como os homens ou pouco menos; se os seus braços ainda não podem com esse trabalho, ganham como as mulheres.

O catapaz é que recebe o dinheiro de todos, dirigindo a pequena tribu errante, dispondo onde dormem os homens, onde dormem as mulheres, applicando multas, garantindo o trabalho diario. No fim das ceifas, o catapaz recebe de cada um dos da camarada 0,04. Este pataco é ainda uma sobrevivencia dos tempos em que os catapazes iam ás feiras offerecer as camaradas. Cada um que se acamaradava contrahia a obrigação de pagar essa quantia ao catapaz, a titulo de indemnisação pelas despesas e trabalhos da jornada.

Tenho ainda viva a impressão que me ficou da primeira vez que vi partir uma camarada. Havia ainda luar. Dentro das casas abarracadas, o ar aborralhado da noite de julho pesava sobre as camas como uma vara metafica. Tinha-me levantado e estava á varanda olhando um monte que ardia ao longe. De repente, do lado das Lavradas uma camarada assoma. Uma voz canta:

> Toda a moça qu'é bonita,
> Nunca havia de nascer:
> E' com' a pera madura,
> Todos a querem comer.

E logo outra voz responde:

> Todos a querem comer,
> Olha lá que comerão:
> Inda qu'alimpes a bôcca,
> Não te chega lá a mão.

A camarada passa. Vão descalços, os sócos na mão, a manta ao hombro. Algumas moças vão á frente, em fila, pondo cada uma a mão direita no hombro da que lhe fica ao lado. No meio vae a cantadeira.

Enchem a rua de tumulto, chamam uma na outra conhecida, e somem-se n'um cotovello, entre os castanheiros. Apparecem n'um pequeno outeiro, um pouco adeante. As suas sombras projectam-se no chão, estirando-se sobre os penedos. Por fim, apagam-se as vozes como o murmurio d'uma levada.

Era a avançada d'um povo que emigrava, á procura do valle, onde encontrasse ao seu trabalho uma terra mais ubere e um ceu mais clemente? Era a *vis ancestralis* que arrancava dos seus eidos essa mocidade e a obrigava a levar os seus braços de terra em terra, cantando e trabalhando, rindo e amando, como outr'ora os seus antepassados levavam de terra em terra os seus rebanhos?

Antonio Granjo

Migalhas

Ora graças!

Entrámos, por fim, no campo das realisações praticas. A's declarações dos moageiros promettendo-nos a fome respondeu o governo com as medidas que se sabem e produziram a melhor impressão. Agora prohibiu-se a tempo a venda em massa de vapores de pesca, cujo resultado seria mais um encarecimento da vida. Essa deve ser a attitude dos governos: defender os contribuintes das manobras dos açambarcadores, dos syndicatos e das companhias, que, sem o menor rebuço ou consciencia exploram com as necessidades publicas a sorrenamento, atravez das difficuldades geraes, vão accumulando lucros illicitos.

Surgem depois declarações de patriotismo de todos os que, servindo os seus interesses, andam fazendo a nenhuma patriotica das tarefas. Pouco importam. O que nos serve é que esses senhores deixem de ser os donos d'este povo de escravos e sintam sobre elles a fiscalisação dura e severa dos governantes. Outras medidas de rigor ha a adoptar e urge que se adoptem. Já que os poderes publicos se decidiram a operar, que vão até ao fim. Se as coisas chegaram ao ponto em que estão, deve-se isso unicamente ao facto da ampla liberdade concedida aos que exploravam sem limites uma situação cheia de commodidades para elles.

Todos os grandes negocios, interessando a alimentação, estão reunidos em meia duzia de mãos e são movidos por pessoas conhecidas. Pois que se lhes faça saber que é tempo de mudar de processos e antes uma intervenção governativa os reprima a tempo do que se chegue á triste collisão de ser o proprio povo que tenha que defender os seus direitos lesados.

André Brun.

André Brun

A sua festa de ámanhã no Polytheama

André Brun tem ámanhã a sua festa de auctor no Polytheama, onde com innegavel exito, aliás merecidissimo, está sendo representada a sua bella revista «Não desfazendo...», entre cujos interpretes se contam alguns dos mais distinctas figuras da scena portugueza, como Palmira Torres, Maria Pia, Ignacio Peixoto, Antonio Gomes e Luciano.

«Não desfazendo...» ,pela actualidade e brilho dos seus quadros, pelo seu espirito, pelos magnificos achados que encerra, pela critica, por vezes contundente, que n'ella abunda, e ainda pelo desempenho, impoz-se ao publico que com a sua concorrencia e os seus applausos a consagrou logo nas primeiras noites.

André Brun, que para o espectaculo de ámanhã escreveu numeros novos, vae, mais uma vez, verificar como é apreciado o seu talento de escriptor de theatro que na comedia e na revista se fez, em poucos annos, uma justa reputação.

A offensiva allemã na Russia

PETROGRADO, 6.—Official. Na linha de Riga a Dvinsk até ao Niemen não houve mudança na situação. No Niemen medio os allemães estão agora tentando a offensiva. Nas regiões de Volkovysk e Drogotchine entravámos as tentativas de offensiva. O resto da linha sem alteração importante. No dia 5, proximo de Norbno, fizemos 300 prisioneiros. No dia 4, nas margens do Sereth, fizémos 400 prisioneiros e tomámos 4 metralhadoras ao inimigo.—(*Havas*).

POLITICOS, OUVI!

Regulamenta-se o jogo

O congresso algarvio entende ser isso necessario e moral—Para que negal-o?

PRAIA DA ROCHA, 5.—As sessões d'hontem do Congresso foram interessantissimas. Discutiram-se assumptos d'uma actualidade flagrante. O jogo, sobretudo, foi alvo de acalorado e largo debate. D'um lado, formou quasi todo o Congresso. Do outro, postou-se um congressista que de manhã chegára de Lisboa, encharcado ainda do ar de S. Bento, que não é, certamente, o que mais tonifica e fortifica... Falou-se muito da regulamentação. Disseram-se, com maior ou menor vehemencia, os logares communs do costume. E emquanto o Congresso reclamava com energia uma lei que colloque o jogo sob a alçada directa das nacionalidades, fiscalisando-o, utilisando-o, moralisando-o, o forasteiro que mal tivera tempo de sacudir o pó das botas manifestou opinião contraria, declarando que, pensando assim, era solidario com o seu partido, que pelo jogo tem uma especial e invencivel embirração.

O Congresso votou a regulamentação. E votou-a porque já hoje não póde haver quem, em Portugal, possa preferir que se jogue ás escancaras, como agora, sem que aos exploradores cupidos d'esse vicio se exijam responsabilidades, a que se jogue honestamente, como quem exerce um direito que a lei concede, como quem pratica um acto, que póde ser censuravel, mas que não póde prohibir-se, por quem o praticar ter toda a liberdade para isso. Este é o dilema. E devo dizer que não faltou quem no Congresso o formulasse com clareza e exactidão para demonstrar que o jogo não deve servir só para os banqueiros enriquecerem, porque tambem deve procurar-se extrahir d'elle reduzindo os lucros de quem manobra roletas, em favor dos desgraçados, das terras onde se joga e onde ninguem vae, quando as ferias chegam, para se aborrecer. E ainda não está provado que o jogo seja, para o jogador profissional ou para aquelle que apenas, por desfastio, arrisca uma corôa do dezesete, uma maçada tão grande como um discurso do sr. Arruda ou do sr. Phidias de Sousa...

Depois, anda em tudo isto um «bluff» adoravel de hypocrisia e de ingenua cegueira. O Congresso algarvio está funccionando no casino da *Praia*. Occupa o salão de baile—recinto de avantajadas proporções, com todo o aspecto d'uma egreja profanada, tendo o palco ao fundo a substituir o antigo altar-mór. Ao lado d'esse salão rasga-se um corredor sem luz, em cujas paredes morrem, mergulhados em sombra, carvões de Lister Franco, reproduzindo trechos typicos da opulenta paisagem algarvia. E da banda de lá? Alinham-se trez ou quatro salas, que não fugiram ainda ao destino que lhes marcaram.

—Joga-se em todas ellas—dizia-me ainda ha pouco um velhote de grandes barbas patriarchaes, que não quer nada com os jogos de azar.—No maior ha duas roletas, que funccionam até altas horas da noite. Na que se lhe segue, talha-se o monte, sem vislumbre de rebuço. Os jogos de vaza teem tambem os seus adeptos e todos nós, ao entrarmos n'esta casa, nos sentimos irreprimivelmente encharcados em batota. E é isto, meu caro, um paiz onde o jogo é prohibido. Que faria se o não fosse.

Exactas palavras as do velhote. Ellas representam o commentario flagrante á situação a que se chegou. Sendo poucas, dizem tudo. O proprio congressista que discordou da opinião dos seus collegas, emquanto falava, teve, de seguro, a penetrar-lhe os ouvidos um som metalico vivo e estranho, attrahente e irresistivel, suave e imperioso ao mesmo tempo. D'onde provinha essa musica que é, d'entre todas, a que mais encanta e a que mais fascina? E' que a dois passos, do outro lado do corredor, as duas roletas não cessavam de girar, de rodopiar, de levar a uns e dar a outros o que se perdia e se ganhava, fazendo-o com uma solemnidade regular de machina que não desafina nunca...

Fechada a terceira sessão, fui tambem até á sala das roletas. Em volta d'ellas, duas duzias de individuos, quasi todos doutores, semeavam pelos numeros, alinhados em filas, tostões e corôas com uma prodigalidade de nababos. A volupia que lhe faiscava no olhar denunciava um gozo intimo que deve ser, para quem o experimente, uma ardente parcella da vida. Os seus gestos eram, ora rithmicos, ora sacudidos, conforme era o sanguineo placido que fazia a sementeira do seu dinheiro, ou o nervoso irritavel que, perante as negas da sorte, abrigava, para os segurar, os milhares de centavos que os rodos implacaveis lhe levavam para o abysmo tenebroso das suas ambições.

Dei-me, por largo espaço, á ardua tarefa de procurar adivinhar nas faces d'aquella gente que atirava fóra, de bom mente, punhados de moedas, alguma coisa que me désse a sua exacta psicologia. E reconheci que o vicio não existia nos jogadores que estavam deante de mim. Jogava-se, em geral, por desfastio, para matar o tempo, para obrigar as horas a passar mais depressa, n'esta praia onde as diversões são ainda uma bem longinqua hypothese. Feita semelhante observação, que reputo exacta, pergunta-se que direito tem o Estado para forçar quem quer que seja a não comprar as suas distracções pelo preço que entender, dando por ellas o dinheiro que quizer, como o podia dar por uma joia rara ou por um simples par de calças, de fina casimira ingleza. Eu creio que nenhum.

Adelino Mendes

OS PROBLEMAS DO ENSINO

O Instituto Superior Technico

O que se deve fazer para que elle não produza inuteis

Lê n'*A Capital* de 3 do corrente a carta, em que o sr. senador Pina Lopes justifica a sua proposta ao Senado para que fossem elevadas as propinas do Instituto Superior Technico.

Nos commentarios da redacção que seguem á referida carta, combate-se o principio da elevação d'essas propinas, por se julgar que tal medida viria diminuir a frequencia do Instituto e augmentar a das Universidades.

O numero de «medicos e bachareis que tanto tem pesado na politica portugueza... d'uma forma que não poderá considerar-se a mais benefica» e ainda o facto de «não se poder negar que no momento actual a funcção que exerce o Instituto Superior Technico é das mais uteis na sociedade portugueza» são as considerações que parecem determinar a opinião do contradictor do sr. Pina Lopes que deseja desviar a

rigentes da nossa politica que depois do advento da Republica dotaram o paiz com mais duas Universidades e crearam na de Lisboa uma nova faculdade de direito.

Não nos parece rasoavel admittir que a instrucção universitaria seja inutil no nosso meio, podendo talvez discutir-se se a instrucção ministrada nas nossas universidades é aquella que mais nos convem. A nossa falta de especialistas e cultores das varias sciencias que se professam nas universidades é a causa principal da nossa infima producção scientifica e a que explica ser o nosso paiz quasi tão desconhecido, sob o ponto de vista scientifico, como o Imperio de Marrocos.

mocidade sobretudo para as escolas technicas e limitar a frequencia das Universidades.

Não é decerto essa a opinião dos di-

Folhetim d'A CAPITAL—7-9-915

O amor em Portugal no seculo XVIII

XXXVI

Os marotinhos

Como se namoravam o peralta e a peralta—elle e ella—no ultimo quartel do século XVIII?

São ainda as «Cartas sobre as Modas» que nol-o dizem, em 1789: «Namorava o peralta com o chapéu, ridiculo traste de papelão e de tafetá que a moda inventou, e a peralta com o léque, que ainda mesmo em tempo frio e humido usava sempre». O lenço, «animado cambraia», «peste de nove que matava pelo ar», eloquencia *suprema* do *taceira* amoroso de 1750, tinha passado de moda como as velhas cabelleiras e como os velhos donaires. O quitó, pequena joia que no tempo de D. João V servia mais para namorar do que para matar, começava a ser substituido na rua pela bengala burgueza de castão enorme de prata ou de faiança,—a bengala que, trinta annos antes, fôra bastão nas mãos finas dos cordeaes da Cunha e da Motta, e que, trinta annos depois, havia de tornar-se cacête no sovaco felpudo do «Tarrabuzo» ou do «Cambaças». De toda a lithurgia do namoro lisboeta do século XVIII restavam o chapéu e o léque. O chapéu, herdeiro da «bacia das almas» do faceira, do «chapéu de tres cantos», do «chapéu á malbruca» de 1720, do «chapéu á Anastacia» de 1750, da «almotolia» pombalina de 1770,—era já o enorme «limão á hollandeza» de Bocage, o «paspalhão» apresilhado, cortado de couros, armado pelo admiravel chapelleiro de Lisboa Constantino Albertini, especie de mitra de tafetá preto que os peraltas — diz Twiss — tinham infallivelmente de tirar da cabeça para caberem nos côches, e com os quaes se podiam fazer de longe, no namoro de estafermo, vinte e quatro signaes differentes correspondentes a cada uma das vinte e quatro lettras do alphabeto. A esses signaes, que obrigavam o peralta a uma serie vertiginosa e dançada de attitudes, respondiam «as da sécia», elegantes namoradoras de 1780, em outros tantos manejos e posturas de léque, expressivos de todos os sentimentos e de todas as commoções. O namoro a distancia, na Lisboa beata e apostolica de Pina Manique, reduziu-se, afinal, a uma successão rythmica de movimentos de léque e de chapéu, executados com tanta gravidade e tanta solemnidade, como se obedecessem, na «Sala das Talhas» de Queluz, ás batutas de Jomelli ou de David Perez.

Os léques, na mão das mulheres portuguezas, são velhos como os anneis. Os proprios homens usaram abanicos e regalos no século XVII, e que determinou Pedro II, pela consulta de 19 de outubro de 1672, a prohibir que meneassem léques as mãos nascidas para brandir espadas. A frança de D. João V, a casquilha de D. José, creadas nas «leis da turina» e nas «leis da sécia», tiveram como a peralta de D. Maria I o seu léque, a «borboleta de enfeites», o «favonio de melindres» dos Gongoras do «Anatomico Jocoso», scintillando e arfando, como uma aza doirada, sob os focinhitos triqueiros e anciosos. O léque foi a grande arma de volupia e de seducção. Era por detraz dos abanicos de séda comprados nas lojas do João Espiter a Cata-que-farás, ou do Antonio Maltez aos Remolares, que as

franças-damas, eriçadas de pellos e de contas d'oiro, mariscavam aos homens debaixo dos arcos do Rocio. Nas noites de luar, quando as casquilhas pombalinas davam os seus passeios de côche pelo Terreiro do Paço, empenachadas de plumas e de diamantes, «vestidas á franceza»,

diz o duque Du Châtelet, «mirando com os olhos mais negros e mais ardentes do mundo», diz o allemão Link,—os léques serviam-lhes para esconder a cara da «luz humida e fria da lua», que a medicina do tempo, pela bocca de Frei Antonio Teixeira, accusava de causar paralysias e abortos, e e que os capellos amarellos de D. João V tinham já attribuido, em 1743, um dos ataques de epilepsia jaksonniana do rei. E' Dalrymple que em 1774, por occasião da sua viagem, surprehende e revéla este singular costume das portuguezas: «On a dans ce pays ci (Portugal) comme en Espagne, un plaisant préjujé dont je veux vous faire part. Durant les plus beaux clairs-de-lune du monde, j'ai remarqué que les femmes se couvrent soigneusement le visage de leur evantail, pour empêcher les malignes influences de cette planète qui attaquerait leur santé». Léque-brinquedo com a bandarra; léque-rebuço com a casquilha,—essa arma eterna de seducção feminina transforma-se em léque-telegrapho com a peralta da Viradeira. A' medida que muda de moda, vae mudando de dimensões. Pequenino com a frança, como uma aza d'oiro de borboleta; grande e forte com a casquilha viril das caçadas e dos capotes de saragoça, —torna-se outra vez, com as da sécia de 1778, delicado e leve como um sopro de rendas, e chama-se «desdem»; attinge, nos ultimos annos do século XVIII, as proporções minusculas d'um mosquito, o brilho intenso d'uma joia, a transparencia inverosimil d'uma teia d'aranha,—e chama-se «marotinho». Desdens e marotinhos foram os léques namoradores do tempo de D. Maria I. Era com elles que se faziam signaes do postigo das rótulas, do estribo dos côches, da grade dos mosteiros, das frisuras doiradas da Opera de S. Carlos. Eram elles que respondiam, em clarões, em sopros, em lampejos, aos grandes chapéus de papelão e tafetá preto dos peraltas do Passeio Publico. Foi pela sua aza ligeira que passou, como um estremecimento luminoso, o genio de Tolentino. Foi no seu pequenino coração de séda que poude refugiar-se, como uma sombra triste, a alma amorosa d'um quarto de século. Foi com um pequenino «desdem» que a linda condessa de Assumar, rival da hespanhola Maria de Mendonça, ensinou a côrte do Arcebispo de Thessalonica a abanar-se e a namorar. E se o proprio Amor, n'uma revoada côr de rosa, viesse no fim do século XVIII escolher um berço a Portugal, —iria ficando a dormir, baloiçando, na aza de espuma d'um «marotinho»...

Em 1800, com os chapéus de palha e as contradanças, os «marotinhos» viviam e namoravam ainda. Usou-os a ministra Lannes. Encontrou-os a duqueza d'Abrantes. Eram névoas d'oiro arfando, ao sol, adiante dos josésinhos encarnados. Por volta de 1829, José Agostinho de Macedo, ao reviver, na «Besta Esfolada», os tempos da sua mocidade, recorda ainda o namoro ingénuo dos «marotinhos» e a intolerancia monastica das mães: «Se na Egreja, de manto ou mantilha, havia signaes telegraphicos com os léques, levavam as moças cada beliscão, que ao recolher a casa os facultativos de agora lhes deitariam bichas; as mães tinham o remedio nas mãos, que era em cima esbofeteal-as e lão devéras, que a roca ficava ao canto, e o corrupio do fuso tinha seus dias de luto...»

JULIO DANTAS

Terça-feira, 14:

XXXVII—Cómicas italianas

E' justo accrescentar porém que outra causa determina a escassez de homens de sciencia o que vem a ser o desinteresse do publico pelos estudos scientificos, desinteresse natural n'um meio pouco culto.

Nas universidades allemãs, inglezas e francezas, o alumno de qualquer faculdade vive na intimidade com um ou mais professores da especialidade a que se dedica, passa pelo menos um anno nos laboratorios e outros annexos universitarios, para se familiarisar praticamente com os methodos d'investigação, sem o que todo o saber adquirido nas aulas ouvindo discursar os professores de nada lhes valeria para a acquisição do seu diploma.

N'essa especie de tirocinio scientifico vae applicando praticamente o que aprendeu e ao mesmo tempo preenchendo as lacunas que o trabalho de investigação pessoal lhe revela existirem no seu saber theorico.

O professor passa geralmente o dia inteiro em contacto com o alumno para o guiar n'essa especie de aprendizagem que se segue aos estudos nas aulas e que precede a entrada do mesmo alumno na vida pratica.

Sem essa iniciação de pouco ou nada serviria a erudição livresca, sem ella o alumno iria provavelmente engrossar o proletariado intellectual, constituido de pseudos-eruditos inuteis destinados a viver mais ou menos como parasitas á custa da collectividade.

A existencia de muitas d'essas creaturas no nosso meio não significa que a boa instrucção universitaria seja inutil ou nociva, mas poderá significar apenas que o ensino nas universidades ainda não attingiu aquelle grau de perfeição que seria desejavel embora nos ultimos tempos se tenham feito grandes esforços para conseguir esse fim.

A instrucção technica, com aguaes deficiencias, conduzirá exactamente ao mesmo resultado. Se a sua orientação, que depende mais da qualidade e do zelo dos mestres do que da sua pomposa organisação no papel, não fôr a que convem, virão a sahir das aulas das escolas technicas egualmente proletarios semi-lettrados tão nefastos como os de proveniencia universitaria.

Para que o Instituto Superior Technico não venha a produzir uma alta percentagem d'esses inuteis, será necessario:

1.º—Incutir nos alumnos a repulsão pelas situações dependentes das boas graças dos chefes burocraticos ou politicos e a vontade de conquistarem pelo proprio esforço situações dignas e desafogadas.

Ora esta aspiração é normal em toda a gente desde que tenha confiança absoluta nos recursos intellectuaes de que dispõe para a lucta pela vida. Para que essa confiança exista é necessario:

2.º—Ministrar aos alumnos uma instrucção que lhes permitta logo ao sair da escola encontrar situações na industria particular (onde ha falta de homens competentes) mais rendosas do que as que lhe pode facultar o Estado, cujos quadros conteem geralmente mais empregados do que os necessarios.

Se para o ensino universitario são absolutamente necessarios os tirocinios praticos em todos os ramos, essa necessidade é ainda maior n'uma escola que tem por objectivo fazer de cada alumno *um operario intelligente com uma instrucção scientifica desenvolvida*. Será esta uma definição demasiada plebea do engenheiro, mas é assim que devem ser os alumnos d'uma escola technica superior, para que corresponda ás necessidades do paiz.

Para cumprir este programma são necessarios laboratorios e officinas, embora modestos, quasi tão numerosos como as cadeiras que se regem n'essa escola; é necessario pessoal habilitado, que tenha dado provas da sua competencia, não com discursos mas sim com obras, que tenha, em summa, as qualidades que se pretende incutir nos alumnos; é preciso que os alumnos viajem por todo o paiz e que examinem o que a nossa industria tem digno de estudo; é preciso que os melhores alumnos visitem no estrangeiro installações industriaes, minas, estabelecimentos metalurgicos, fabricas, etc., de que não temos exemplos entre nós; é preciso que antes de sahirem da escola, elles provem por trabalhos pessoaes nos laboratorios e annexos escolares, não só que retiveram as lições magistraes, mas que sabem applicar o que aprenderam, que são, em resumo, creaturas autonomas, mas com experiencia propria e com saber pessoal baseado n'essa experiencia.

Tudo isto não se póde fazer com pedra, giz, e o classico copo d'agua. Alem da boa vontade do pessoal docente são necessarios meios para a organisação e desenvolvimento de laboratorios, officinas e mais installações, que no nosso Instituto apenas se começaram a installar alguns, embora a maior parte exista ainda em projecto.

Para que a escola disponha d'estes meios só existem dois processos:

1.º—Augmentar o Estado consideravelmente a dotação do Instituto.

2.º—Augmentar as propinas dos alumnos que em nenhuma escola do mesmo genero são tão ridiculamente exiguas.

E' evidente que no estado actual das nossas finanças o primeiro alvitre não é applicavel e Deus sabe até os transes por que passâmos para que na discussão do orçamento não reduzissem a já modesta dotação do nosso Instituto.

Resta-nos, pois, a segunda hypothese: elevar as propinas, para que o Instituto, por falta de meios, se não transforme em uma nova fabrica de bacharelice nacional.

Esta medida virá talvez diminuir a frequencia, mas augmentará certamente as probabilidades de podermos fornecer ao paiz technicos competentes, aptos a contribuir para o desenvolvimento da riqueza nacional, em grande parte desaproveitada.

Eis as considerações que me levaram a achar não só justificada, mas absolutamente necessaria, a elevação das propinas do Instituto e a agradecer publicamente ao senador sr. Pina Lopes, que não tenho a honra de conhecer, os seus esforços para melhorar a nossa escola.

Alfredo Bensaude
Director do Instituto Superior Technico

O encalhe do "Republica„

Foi ordenada a formação de culpa como suspeito auctor do crime previsto no art. 141.º do Codigo de justiça da armada, cuja situação no decurso do processo é regulada pelo art. 214.º do Codigo do Processo Criminal Militar, ao capitão-tenente José Flel Stokler, que commandava o cruzador *Republica* quando encalhou em Peniche.

REGIÕES DE TURISMO

O caminho de ferro da Louzã-Arganil

A sua construcção impõe-se como verdadeira necessidade, diz o sr. Julio Ribeiro dos Santos, vereador e proprietario de «O Futuro» da Louzã

O primeiro comboio de Coimbra para a Louzã despede-se da estação velha ás cinco horas da madrugada. E' noite ainda na velha cidade universitaria. Começam a apagar-se os candieiros da illuminação e os primeiros alvores da aurora tingem os altos das montanhas longinquas. Foi n'esse comboio que nos dirigimos á Cintra da Beira, como por ahi lhe chamam. A estação está transformada n'um dormitorio. Não se encontra um banco desguarnecido e o solo é um completo acampamento, onde dormem, aconchegados uns aos outros, grupos de familias, paes, mães e filhos, n'uma promiscuidade primitiva. Nas proximidades da partida a mulhersita do improvisado bufete distribue uma ração de café, por um preço que estando ao alcance d'aquella clientella de magros recursos não pode rivalisar com o saboroso nectar de *A Brazileira*.

Tentamos aligorar a chavena que nos deram, derramando-lhe um pouco de alcool. Nem assim o misero alcançou forças que estimulassem as nossas energias, que uma somnolencia invencivel reduzia ás minimas proporções do combate. Em vista d'essa tentativa frustrada resolvemos distrahir-nos, passeando, até que a bilheteira erguesse a sua palpebra escura, convidando-nos á compra do bilhete. Durante cerca de meia hora realisâmos verdadeiros prodigios de equilibrio, cambaleando por entre ranchos adormecidos, como se o destino nos houvesse confiado o papel de sentinella vigilante. Por fim o factor abriu a bilheteira e foi como se o clarim tivesse dado o signal de «A'lerta». Estremunhados, esfregando os olhos, compondo as roupas, calçando os sapatos, toda aquella gente se ergue, como se pretendesse tomar de assalto, com todo o vigor campesino, o primeiro logar junto da venda das passagens.

Na *gare*, o pessoal do comboio, munido de lanternas, anda n'um vae-vem apressado, como quem foi arrancado ao primeiro somno. Atiram-se para o *fourgon* de mercadorias os carregamentos, que são na sua quasi totalidade cestos contendo peixe, vindo da Figueira e destinado ás principaes povoações do percurso entre o Mondego e Serra da Louzã. Ouvem-se os primeiros toques do apito e a machina solta ruidosamente as suas respirações. Cahem sobre a cidade os clarões iniciaes do dia, pallidos, ligeiramente rozados. A gente do campo, as mulheres com as bilhas de leite, trepam ás carruagens de terceira, até que a *gare* fica deserta e o chefe da estação dá o signal de partida.

Tentamos um derradeiro esforço para não cahirmos adormecidos sobre o banco do nosso compartimento, onde mais ninguem se lembra de entrar e que se nos offerece como uma caricia quasi irresistivel.

O comboio encetara a sua marcha, ladeando o Mondego, pela estrada da Beira. A' direita, estende-se o valle, coberto de arvoredo, onde scintillam as lagrimas do orvalho e se erguem os primeiros cantico da manhã. A' esquerda, a estaria, desde a Alegria ao Calhabé, reveste os tons purpurinos d'uma cidade phantastica.

Dizem-se momentaneamente adeus á cidade das tricanas em cujos arruamentos vislumbramos as primeiras palpitações da vida. O comboio, indifferente a tudo, corta mais apressado por entre a vegetação, que o sol ameaça dourar. A primeira estação, em que descança está em pleno campo. O modesto *hoeyer*, que ri no seu lindo açafate de flores, não vê a sombra de um visitante. Por descargo de consciencia, o chefe agita a bandeira vermelha, assopra o apito e a locomotiva trepida de novo. D'ahi por deante nunca mais o somno tentou vencer-nos, de tal maneira o aspecto da paisagem se apoderou de todos os nossos sentidos.

Toda a linha de Coimbra a Louzã é um verdadeiro deslumbramento, especialmente em Ceira, com o seu pittoresco fio de agua, em Miranda do Corvo, com os seus vastos horisontes e, por ultimo, nas cercanias da Louzã, onde ha trechos que reclamam a paleta de um grande paisagista.

Tem razão aquelles, que proclamam as maravilhas d'essa região, dizendo que poucas merecem, como esta, as attenções do forasteiro.

A Louzã, onde nos apeamos, cerca das oito horas, é uma povoação incaracteristica, tendo mais aspectos de burgo campesino do que de villa. A sua principal arteria é constituida pela estrada nacional, a cujos lados, aqui e alem, surge uma construcção mais «coquette», por onde florescem as trepadeiras. Tem a vida primitiva dos logares sertanejos, onde o viajante desce a uma pousada, com o nome pomposo de hotel, tendo defronte as grades da cadeia. No albergue não havia caixeiros viajantes; na prisão não havia hospedes, coisa rara em hoteis e prisões da provincia.

Depois de encommendar a primeira refeição, pois é preciso normalisar o estomago pelos habitos da terra, fomos em busca de pessoa que nos pudesse fornecer algumas informações sobre as necessidades locaes e principalmente ácerca da reclamada linha ferrea da Louzã a Arganil.

A nossa hospedeira, especie de «Bottin» da localidade, indica-nos, á entrada da villa, o proprietario e administrador de *O Futuro*, semanario democratico, o qual é, ao mesmo tempo, vogal da commissão executiva do municipio. O sr. Julio Ribeiro dos Santos, a pessoa indicada, comparece pouco depois nas officinas de typographia, onde o procurámos.

—Sinto muito, diz-nos, que n'esta occasião se não encontre aqui alguem com mais competencia para lhe falar das nossas aspirações locaes. Venho de procurar um dos meus amigos e soube que se tinha ausentado. Lamento agora principalmente, porque elle bem podia dizer-lhe coisas que seriam de todo o interesse para a região e que nós bem desejariamos ver ventiladas em jornaes da capital e, por consequencia, sob os olhos dos governantes.

«A construcção do caminho de ferro da Louzã a Arganil é uma necessidade evidente, para quem tenha feito esse percurso, com os actuaes meios de transporte. A construcção d'essa linha ferrea espalharia a prosperidade e a riqueza por uma região extraordinariamente fertil, servindo ao mesmo tempo povoações que, já hoje, desprovidas d'esse recurso, tudo teem tentado para o seu desenvolvimento.

Mas não é apenas, no ponto de vista do melhoramento local, que esta região reclama tal melhoramento. A linha Louzã-Arganil serve a mais pittoresca, a mais notavel região de turismo no centro do paiz.

Não falta quem, dentro d'este trecho que o senhor acaba de percorrer, entenda que a região deve ser atravessada por outras vias ferreas, collocando o entroncamento onde lhes parece e segundo as conveniencias proprias.

«Eu creio que semelhantes exigencias só produzem animosidades entre povoações que deviam viver na melhor harmonia, desde que se fizesse apenas justiça e se attendesse ás necessidades de ordem geral. Fazer o contrario, é provocar perturbações futuras. O que ha a fazer está indicado: construa-se a linha a Arganil, no prolongamento da Louzã. Perderemos todas as vantagens da estação terminus, mas estamos certos de que, com esse sacrificio, promoveremos o bem geral da região, que a todos nós deve merecer o mais profundo carinho.

O sr. Julio Ribeiro dos Santos não quiz adeantar mais a sua palestra, em que havia o mais vivo enthusiasmo em cada palavra, por esta linda terra, a que o futuro por certo ha de reservar dias mais felizes e prosperos.

Aviação militar

Para frequentar a futura escola de pilotos-aviadores offerece-se o sr. Tobias dos Santos, morador na calçada do Forte, 23, 4.º.

A chronica do roubalheira

Manuel Antonio dos Reis, morador na rua da Prata, 165, 3.º, queixou-se á policia de que os gatunos entraram por meio de chave falsa na sua residencia, d'onde furtaram objectos de ouro, prata e roupas no valor de 51$920. Tambem se queixou Agostinho Alves, morador na rua 4 de Infantaria, 47, 2.º, de que tendo adormecido n'um banco da Avenida da Liberdade, quando accordou deu por falta de uma corrente de ouro e um relogio de prata, no valor de 58 escudos.

Para juizo foram enviados Raul Lourenço Barbosa, rua Palmira, 6, 2.º, Antonio dos Santos, rua do Arco do Cego, 11, 1.º, Eduardo Santos, rua do Arco [illegible], 130, 2.º, e Adriano Alves, travessa do Forno, 36, 20', accusados de terem furtado roupas no valor de [illegible] a Adelaide Gouveia Prates Salgueiro, moradora na rua de Andaluz, lettras C. S. M. 4, D.

O guarda n.º 927, da 2.ª secção, deteve hoje Raul Ferreira, «o Mulato», seu irmão Hilario Ferreira e Henrique Mario, por serem conhecidos como gatunos e se entregarem á vadiagem. No acto da captura foi-lhes apprehendida uma medalha com uma photographia e tres alfinetes para gravatas, estando a policia a proceder a investigações a fim de apurar a quem pertencem esses objectos bem como a quem pertencem uns papeis cujas cautelas de penhores lhes foram apprehendidas.

Na Amadora

Centro Dr. Affonso Costa

A inauguração official d'este centro só se realisará depois de concluidas as obras a que se vae proceder na séde, estando, porem, as suas salas abertas todas as noites das 21 ás 24 horas. A commissão installadora tem recebido valiosos donativos, entre os quaes o d'uma bandeira nacional e o do custeio das obras pelo sr. A. F. Cunha.

Desastres e aggressões

Na enfermaria 1 do hospital Estephania ficou o menor de 6 annos João Galvão, morador na calçada da Picheleira, em Chellas, que na sua residencia ficou queimado com agua a ferver.

Ao hospital de S. José recolheram: á enfermaria 11, Maria Emilia, moradora em Loures, que ali cahiu d'uma carroça, ficando muito ferida na perna direita, e á enfermaria 8, José Luiz, carveiro, residente no beco do Surra, 5, 2.º, que cahiu na escada da sua residencia, fracturando a perna direita.

Armando da Conceição Almeida e Clemente de Jesus Monteiro envolveram-se no largo do Jardim do Regedor, em desordem, com dois desconhecidos, do que resultou ficarem muito feridos na cabeça. Foram curar-se ao banco do hospital.

Poeira da Arcada

Os nossos barcos de pesca vão passando para a mão de estrangeiros, emquanto os nossos dialeticos encaram a questão das subsistencias como uma coisa capciosa, digna das mentes subtis e argutas. Não ha nada como o patriotismo dos interesses para fechar bons negocios. Os barcos abalam para nunca mais voltar, mas os seus donos mettem nas algibeiras sommas tentadoras. Assim se estabelece um justo equilibrio. Nós proprios o celebrariamos como merece, se não se desse o caso triste de elle pôr em grave risco a publica paz e tranquillidade tão dependente do rithmo dos apetites.

• •

Ha tres ou quatro dias que os jornaes fallam incessantemente de um passador de moeda falsa, O Carvalhinho. As suas virtudes são conhecidas e as suas trajectorias no tempo e no espaço tambem não offerecem misterio. Tem uma biographia de irregular. Creuos, porém, que se quizesse aproveitar-se da sua celebridade para uma penitencia das suas culpas, cahiria no esquecimento. Era um homem ao mar. Como não quer cavar a sua ruina, continuará avariando a nossa circulação monetaria. As prisões e condemnações ir-lhe-hão apurando o sentimento do seu destino. E talvez elle um dia chegue a passar moeda tão perfeita que ninguem o surprehenda. Adquirirá então um certo semblante de honradez, parecendo-se com muita gente boa.

• •

Um publicista francez, Edmond Laskine, propoz-se estudar este assumpto cheio de interesse—relações da philosophia com a guerra actual. Entende elle que o pensamento metaphisico levou á mente do kaizer os raciocinios erroneos que o determinaram a agir criminosamente. A cultura é uma invenção do Diabo. E para pôr a França a coberto de tamanho mal, sustenta que as universidades latinas devem banir a philosophia allemã. A sua these copiosa de citações e argumentos é razoavelmente cara. Seria precisamente o contrario que elle deveria pedir.

Pela policia

O commandante da policia, sr. major Tristão de Camara Pestana, reuniu hoje no seu gabinete todos os chefes e officiaes em serviço n'aquelle corpo, de quem se despedia, indo em seguida apresentar-se no ministerio do interior.

Na ordem do corpo deve ser amanhã publicada a aposentação dos chefes Albino Sarmento, da 1.ª secção judiciaria, Alexandre Morgado que esteve na secretaria, Alves Dias, Amaral e Oliveira, da segurança, Cyro, encarregado da policia preventiva, um cabo e um guarda.

ULTIMAS NOTICIAS

A CRISE DAS SUBSISTENCIAS

Abunda o feijão mas receia-se o seu açambarcamento

Vae haver um monopolio do sal?

A crise do peixe, já de si muito grave, estava ameaçada de se aggravar ainda mais com a venda dos vapores de pesca portuguezes, que, segundo noticiámos, desappareceriam dentro em breve a não se tomarem energicas providencias impeditivas d'aquella venda a estrangeiros. Tomou-as o governo e só lhe são devidos applausos por isso. O decreto de hontem corresponde a uma necessidade inadiavel, a de obstar a que o peixe rareie assustadoramente no mercado, e satisfaz justissimas reclamações da opinião publica, manifestadas em quasi toda a imprensa.

Se o peixe é um dos elementos indispensaveis na economia domestica, que diremos do feijão? N'uma sessão do senado municipal do Porto, a minoria socialista propoz—e por vezes varias insistiu—em que o governo prohibisse a exportação de feijão.

Foi a este proposito que alguem, que bem conhece de questões economicas, importante negociante e proprietario portuense, nos disse:

—A exportação de feijão orçava entre 13 a 15 milhões de kilos annualmente. Nunca faltou o feijão para consumo. E' certo que alguns exportadores,—quando a colheita era fraca—mandavam vir feijão da Austria e, aqui, enfardando-o em saccas de 30 kilos, reexportavam-no para o Brazil—que é o nosso primeiro mercado—e faziam assim, para não abrir caminho directo d'aquelle paiz para a nossa nação irmã d'uma exportação que nos poderia prejudicar pela concorrencia.

«Agora porém,—continuou o nosso intelligente informador,—não se dá nada d'isso. Não ha escacez. Ha, felizmente, uma abundancia extraordinaria d'esse cereal. Ha inclusivamente um «stok» importantissimo de muitos milhões de kilos da producção do anno findo—que foi a mais intensa, a maior, desde ha 10 annos. Depois, é bom saber-se que, em vez de se exportarem 13 a 15 milhões de kilos, como em geral, no anno ultimo só se exportaram 5 milhões: 2 para França, 2 para Africa e 1 para o Brazil. Ha ainda, da colheita de 1914, pelo menos 7 milhões de kilos.

«Agora, ha a notar o seguinte:—é que a producção d'este anno é abundantissima.

—Portanto...

O que se conclue é que ha no paiz feijão de sobra para o consumo. O que é necessario, porém, é que o governo tome todas as medidas possiveis para evitar o açambarcamento d'esse genero de primeira necessidade, e que mais usam na sua alimentação especialmente as classes pobres.

«E póde ainda fazer-se uma certa exportação, cujas quantidades o governo determinará. Essa exportação—desde que não falte o feijão no mercado—só redunda em proveito geral economico, porque representa ouro que entra no paiz.

E diz-nos mais:

—Quer saber de uma proposta ultimamente apresentada ao governo?

«Foi offerecido, por uma parceria de negociantes d'esta cidade, á Manutenção Militar fornecer-lhe todo o feijão necessario para o consumo, ao preço de 5 centavos o litro (o feijão manteiga) e outras qualidades inferiores, a inferior preço relativo.

«Acceitará a Manutenção Militar a proposta? De qualquer maneira, do que o governo deve cuidar é de evitar o açambarcamento. E' certo que esse açambarcamento, no anno findo, foi uma operação infeliz para alguns exploradores... Um negociante ha que tem um «stok» de 6 mil saccas, em que não perderá menos de 20 contos, não lhe sendo permittida a exportação...

E, concluindo:

—Vou dar-lhe outra informação, inedita, para o seu brilhante jornal «A Capital»: é a formação d'um «trust» para a exploração da venda do sal.

«Imagine! Nem o sal escapa á avidez dos que querem enriquecer depressa, á custa da alimentação publica!

«Foi fechado no Porto um contracto—que é um verdadeiro «trust», em que uma parceria tomou, pelos cinco annos proximos, todo o sal que se produzir nas salinas de Aveiro, Figueira da Foz e Ergueira, ao preço de 25$000 cada vagon. O preço actual orçava entre 12 a 13 escudos. A producção d'essas salinas é de 5 mil vagons por anno.

«Só um proprietario, que produz apenas 800 vagons, é que não quiz entrar no conluio.

Não é isto uma questão séria, seriissima, em que o governo deve interferir? Até o sal ha de augmentar de preço? E' uma barbaridade. E' uma exploração ignobil.

NOTAS DIVERSAS

O sr. ministro da guerra seguiu hoje de Ponte do Lima para o Porto, onde pernoitará.

—Sobre assumptos da junta de emigração e trabalho em S. Thomé conferenciou hoje com o sr. ministro das colonias o sr. Freire d'Andrade.

Tenente Aragão

O sr. tenente Aragão foi hoje cumprimentar os membros do governo e agradecer a manifestação feita á sua chegada.

Quem será P. M.?

O sr. prior de Alcantara declara não ser elle e affirma não escrever artigos politicos

Do sr. padre Pinheiro Marques, prior de Alcantara, recebemos a seguinte carta:

Lisboa, 7 de setembro de 1915... Sr.—Ainda ha poucos dias desmenti n'um jornal da provincia e no *Seculo* que fosse eu o correspondente do *Commercio de Vizeu* que costuma assignar as suas *Cartas de Lisboa* com as iniciaes P. M.

Não obstante, *A Capital* de hontem insinua-se novamente, embora se não affirme, que seu o auctor das alludidas correspondencias.

Ha de v. concordar, sr. redactor, em que é para mim bastante penoso vêr-me na necessidade de fazer com tanta frequencia desmentidos e declarações.

A verdade é que, depois da implantação da Republica, não escrevi mais uma unica palavra sobre politica; os rarissimos artigos que desde então tenho escripto são todos de ordem strictamente religiosa ou social, escrupulosamente isentos da minima allusão a coisas ou pessoas politicas.

Hoje mais do que nunca abhorreço a politica, toda a politica, que tem sido a causa unica da desgraçada situação em que se encontra a nossa querida patria.

Fique, pois, entendido d'uma vez para sempre que me afastei definitivamente da politica e que n'este inabalavel proposito não escrevo actualmente para nenhum jornal de Lisboa ou da provincia que seja de indole politica.

Com a maior consideração.—De v., etc.—*Padre Pinheiro Marques*, prior d'Alcantara.

Tinhamos, pois, razão quando duvidavamos de que ainda fosse o sr. Pinheiro Marques o correspondente do *Commercio de Vizeu*. Resta que o P. M., tão facil em censurar e em cobrir de insultos os republicanos, tire a mascara...

Divisão naval

A divisão naval de instrucção e manobras vae fazer exercicios de tiro, para o que já seguiram para o mar os alvos que se encontravam na Azinheira.

EM AFRICA

As operações contra o gentio

As tropas do general Pereira d'Eça bem merecem do paiz

O general Pereira d'Eça partiu de Mangua no dia 2 com a columna destinada a N'giva, onde chegou em 5, ás 14 horas, encontrando a embala incendiada de pouco tempo. Durante a marcha a columna não encontrou resistencia alguma, o que confirma a desmoralisação produzida no gentio pelas inumeras baixas que soffreu nos combates de Mangua.

São numerosas e importantes as apresentações de gentio.

A linha de communicações entre o Cunene e N'giva ficou constituida por 7 postos.

As tropas do commando do general Eça bem merecem do paiz, não só pelo seu valor, do que deram provas nos dias de combate, como ainda pela grande resistencia e resignação perante as privações derivadas da extensissima linha de communicações, da deficiencia de transportes e da grande falta de agua.

Informa tambem o general Eça que o estado dos feridos é muito satisfatorio.

Na Camara dos deputados

Conhecem-se pormenores do brilhante feito das nossas tropas contra o gentio em Africa. A Camara congratula-se com a victoria alcançada

Faz-se a chamada ás 15 horas, a ella respondendo 29 deputados o que não chega para se approvar a acta. Espera-se. Meia hora mais tarde com 56 presenças approva-se a acta e lê-se o expediente. Antes da ordem o sr. Eduardo de Sousa requer uma syndicancia aos actos do administrador do concelho de Louzada, pedido que o sr. ministro da justiça promette attender.

O sr. Costa Junior chama a attenção do governo para o facto de no Porto por vingança, se andarem prendendo graphicos para se descobrir quem editou ha tempos um manifesto. O sr. dr. Catanho de Menezes promette fazer justiça.

O sr. Luiz Derouet envia para a mesa uma proposta auctorisando a mesa a nomear uma commissão de cinco membros para proseguir na escolha, compilação e publicação dos documentos encontrados nos Paços Reaes.

Approva-se, sem discussão, um projecto de lei auctorisando os tenentes da administração militar a fazerem parte das escolas de repetição.

O sr. Abilio Marçal chama a attenção do governo para o facto de terem partido para a Africa portugueza 15 missionarios estrangeiros. Moçambique e Angola estão abertas ás missões de todas as confissões religiosas e de todas as nacionalidades, o que faz com que em 1906, por exemplo, houvesse em Angola 47 missões estrangeiras e apenas 3 portuguezas. Pela retirada dos poucos missionarios que ainda ali temos, em breve a bandeira portugueza não tremulará n'uma unica missão em toda a Africa Portugueza. As missões estrangeiras são, se não um centro de conspiração contra a nossa soberania, pelo menos um fóco de perturbação da nossa vida administrativa e não poucas vezes um perigo e uma affronta ao nosso dominio. E' necessario fiscalisar os actos d'essas missões, que se internam pelos nossos dominios e se estabelecem onde querem.

Pede, pois, ao governo que faça sem demora seguir para a Africa os agentes de civilisação que nos dois ultimos annos sahiram do collegio das missões.

Desejaria bem que o clero acceitasse as garantias que lhe dá o decreto de 22 de novembro de 1913, concedendo-lhe terrenos, passagens gratuitas, e subsidios. Seria até uma boa plataforma de entendimento com o Estado, tão necessario á Egreja e á Republica.

Crie o Estado as missões civilisadoras e a egreja as suas missões religiosas e cada uma com os seus diversos fins, e sua diversa orientação, mas cada uma na sua esphera auxiliando-se e dando as mãos para por egual luctarem e vencerem a impiedade, a ignorancia e a indolencia do gentio.

O sr. ministro da justiça promette recommendar o caso ao seu collega das colonias.

E entra-se na ordem do dia com o projecto de lei que trata de classificar os crimes de alta traição.

O sr. Mesquita de Carvalho pede explicações sobre a nova lei em discussão, explicações que o sr. ministro da justiça lhe fornece depois do que o sr. Mesquita de Carvalho volta a usar da palavra n'um grande discurso obstruccionista em que aloca o projecto por ser contrario ao direito, á justiça e aos proprios principios republicanos.

O sr. ministro do interior limita-se a declarar que ha de cumprir strictamente o seu dever defendendo a Republica de todas as traições. Para isso necessita que o projecto em discussão se approve.

O sr. Bernardo Lucas defende largamente o projecto. Elle é mais do que necessario. E' indispensavel, mas para que tal se dê é preciso modifical-o, restringil-o, tornando-o compativel com os principios da Republica. Que se não dê a impressão de que buscamos leis excepcionaes de perseguições e vindicta. Prudencia para que a Republica não perigue.

O sr. Alexandre Braga defende egualmente o projecto sem restricções. E' absolutamente necessario o projecto tal qual está sem alterações nem emendas; e n'esta orientação o analisa para demonstrar a sua suprema utilidade em defesa da Republica.

Falam ainda os srs. Antonio Fonseca e Bernardo Lucas.

O sr. Abilio Marçal requer a prorogação da sessão até se votar o projecto. Approvado.

O sr. ministro das colonias comunica á Camara que o sr. general Pereira d'Eça telegraphou participando que as tropas do seu commando, apos os ultimos combates, avançaram até N'giva encontrando ali a embala do soba incendiada, o que prova que depois das perdas soffridas pelo indigena se havia produzido a desmoralisação entre as suas hostes. Congratula-se com o facto, tanto mais que o sr. Pereira d'Eça tem luctado com verdadeiras contrariedades.

O sr. Alexandre Braga congratula-se egualmente e propõe que ao general Eça se envie um telegramma de saudações pelos serviços por elle prestados á patria.

O sr. Julio Martins, pelos evolucionistas, approva o envio do telegramma que é approvado pela Camara.

E volta-se novamente á discussão da lei dos crimes d'alta traição.

O sr. Costa Junior envia para a mesa uma proposta de eliminação de uma parte do artigo 1.º.

O sr. Julio Martins ataca o projecto por inutil e contraproducente. E' approvado depois o projecto na generalidade.

A sessão deve acabar tarde, talvez ás 20 horas, devendo o projecto ser approvado apenas pela maioria da Camara.

O projecto foi depois approvado na especialidade com algumas emendas feitas d'accordo entre democraticos e evolucionistas.

Foram rejeitadas as emendas do Senado ao projecto de lei sobre importação de gado.

Foi approvada uma proposta apresentada pelo sr. Antonio Fonseca para que a meza marque sessão do Congresso, para encerramento dos trabalhos. A sessão continua.

No Senado

São saudados o exercito, a armada e as nações alliadas

Abre a sessão ás 16,30, presidindo o sr. Correia Barreto. Secretarios, os srs. Paes Abranches e Pina Lopes. Presentes á chamada 18 senadores, e do governo o sr. ministro das colonias.

Entrando-se na ordem do dia, foi pedida a urgencia e dispensa do Regimento para as seguintes propostas de lei: Permittindo que seja admittido a concurso para o logar de secretario geral da Universidade do Porto, o secretario interino da mesma Universidade, sr. Eduardo Lopes; concedendo uma pensão á viuva d'um machinista da armada, que morreu de febre amarella na Guiné; approvando o quadro de vencimentos do pessoal hospitalar da Universidade de Coimbra.

Foi rejeitada a urgencia da primeira, sendo approvadas as outras duas sem discussão.

Entra em discussão a proposta de lei vinda da outra Camara, creando na ilha da Madeira um sanatorio colonial, para tratamento de funccionarios civis ou militares e colonos que tenham adoecido no ultramar.

O sr. Celestino de Almeida declara que rejeitou a urgencia d'este projecto, como a de tantos outros de importancia, porque elle foi apresentado em condições que não permittem o seu estudo.

O sr. ministro das colonias concorda com o inconveniente d'estas urgencias, mas justifica a do presente projecto, pois o sanatorio é já preciso, principalmente para os soldados doentes, regressados de Africa.

Aproveita a occasião para communicar á Camara terem as nossas tropas em Angola alcançado novas victorias, chegando á embala, capital do Cuanhama, sem resistencia de maior, por parte do inimigo.

O sr. Celestino de Almeida congratula-se com a victoria das nossas armas.

O mesmo fazem os srs. Arantes Pedroso, Antonio Maria Baptista, Sousa Junior e Thomaz da Fonseca, que apresenta uma moção saudando o exercito e a armada, e as nações alliadas.

A moção foi approvada por unanimidade.

Em seguida approva-se a generalidade.

Na especialidade o projecto foi tambem approvado, sem discussão e sem a mais ligeira emenda.

O sr. Sousa Junior, referindo-se ao concurso para secretario da Universidade do Porto, diz que em virtude de uma lei do governo provisorio, esse logar deve ser provido por um individuo diplomado em direito. Pede depois para se tornar conhecido o inquerito ha tempos feito ao Instituto Central de Hygiene de Lisboa, por motivo de graves accusações feitas ácerca dos seus serviços. E' preciso saber se houve ou não motivo para taes accusações.

O sr. presidente interrompe a sessão, até vir da Camara dos Deputados o officio pedindo a convocação do Congresso.

São 17,45.

A sessão reabre ás 20,30 de hoje.

Congresso Regional Algarvio

O sr. dr. Julio de Castro, presidente do governo, communicou esta tarde ao sr. José Parreira, como membro da commissão executiva do Congresso regional algarvio, que na sua qualidade de presidente da Associação Protectora da Arvore enviára para o Congresso, em officio, algumas bases de theses para serem ponderadas.

Versavam ellas sobre o desenvolvimento da arborisação da alfarrobeira, sobre enxertos e super-enxertias.

A grande guerra

O bombardeamento no theatro occidental

PARIS, 7.—Communicado das 15 horas.—Canhoneio e lucta com bombas e petardos em volta de Souchez e Neuville durante parte da noite. Ao sul de Arras, na região de Agny e Wailly, na região de Roye, assim como nos planaltos de Quenneviéres e Nouvron, o violento bombardeamento sobre as nossas posições provocou uma resposta efficaz das nossas baterias sobre as posições inimigas. Em Champagne, entre Aubérive e Souain, proximo de Beauséjour e nos Vosges, na região de Lasse, a actividade das duas artilharias foi egualmente vivissima. A noite decorreu sem incidente no resto da linha. Os aviões allemães voaram hontem e esta manhã sobre Gerardmer, lançando algumas bombas que da primeira tentativa não deram resultado, e da segunda causaram duas victimas.—(Havas).

O colera e o tipho nos imperios centraes

ROMA, 6.—Annuncia-se officialmente o apparecimento do colera e do tipho exantematico, os quaes se desenvolveram nos imperios centraes. Na Allemanha ha grande numero de familias atacadas.—(*Havas*).

A Bolsa de Londres

LONDRES, 7.—O Stock Exchange estará fechado no proximo sabbado, 11 do corrente.—(Havas).

•••• ECHOS & NOTICIAS

INFORMAÇÕES—COMMUNICADOS

THEATRO REPUBLICA

O Republica que, dentro em pouco, terá resurgido das proprias cinzas, não é apenas o theatro das mais gloriosas tradições artisticas. Todos o sabem. Essa encantadora «bonbonnière» representou sempre, para a sociedade, que põe nos divertimentos uma nota de elegancia, de alegria e de «chic», o ponto affavel dos seus «rendez-vous». O carnaval no Republica! Quantas recordações não surgiram, envolvidas n'um amplexo de saudade, n'aquella hora matutina em que esse theatro foi pasto das chammas! Pois esse Republica tradicional não desapparecerá e a desgraça que d'elle nos privou uma epocha contribuiu, mercê da rara iniciativa de F. Luiz Braga, para que a falta fosse compensada com os melhoramentos que ali estão sendo introduzidos.

Antes do fim do anno, a companhia, de que Augusto Rosa é a principal figura, voltará a brilhar n'aquelle tablado. O Republica será então o primeiro theatro da peninsula, pelas condições da reconstrucção. A experiencia é mestra e a tragedia servirá para precaver os proprietarios contra o risco futuro da destruição pelo fogo. Mas não ficam por aqui os melhoramentos que ha de apresentar o elegante theatro da rua do Thesouro Velho. O sr. Giuseppe, auctor do projecto de restauração, planeou um machinismo que vae ser adoptado á sala de espectaculo e com o qual se evitará, na occasião da epocha carnavalesca, a demora na entrada para o baile, que levava, como se sabe, mais hora bem estirada, em preparar o recinto.

De futuro, não haverá mais delongas: o baile principiará immediatamente ao espectaculo, seguindo-se o processo que nenhum outro theatro adopta.

A meio da sala está sendo construido um eixo em volta do qual, a platea, com todas as cadeiras, faz um movimento de rotação, ficando immediatamente ao nivel do palco.

Tal é uma das novidades que o Republica renovado apresentará aos seus frequentadores.

NOTAS MUNDANAS

O sr. presidente da Republica recebeu hoje os cumprimentos dos srs. Joaquim Maria Valdez, primeiro secretario da legação na Haya, e Santiago Presado, consul de Portugal em Madrid.

—Fazem amanhã annos o sr. Joaquim Rogerio do Carmo Freitas, o menino José da Natividade Gaspar Pereira e a menina Ophelia Gomes Nunes.

—Partiu com sua esposa para o Algarve o sr. Francisco Nepomuceno Cardoso.

—Para Lourenço Marques partiu hoje, a bordo do «Africa», o sr. Alvaro Vaz Ferreira de Andrade.

—Seguiu hoje para a Madeira o sr. visconde da Ribeira Brava.

—Da Curia regressou a Oliveira de Azemeis o sr. Bento Landureza e sua familia.

—Passa hoje o anniversario do sr. Raul Terenill.

LUTUOSA

Falleceu hoje a sr.ª D. Claudina Adelaide dos Santos, de 76 annos, mãe da sr.ª D. Claudina Elvira dos Santos Bandeira e sogra do sr. Francisco Bandeira Junior, antigo jornalista, socio da firma Bandeira & Brito. Era avó dos srs. drs. Carlos Santos e Carlos Santos Filho, Antonio Bandeira, nosso ministro em Berne; Miguel Bandeira, da repartição de fazenda do 1.º bairro, Alvaro Santos, secretario de finanças do Barreiro e Pedro Santos, funccionario da Misericordia de Lisboa.

—Realisa-se amanhã, pelas 11 horas, o funeral da sr.ª D. Rita Rosa Ferreira, tia do sr. Alberto Pereira Magro e sogra do sr. José Franco de Mattos. O prestito sahe da rua de Santo Antonio dos Capuchos, 96, 1.º, para o cemiterio oriental.

PARTE COMMERCIAL

Situação da praça

CAMBIOS.—O mercado fechou ás seguintes cotações:

	Compra	Venda
Londres, cheque	35 9/16	35 3/8
Londres, 90 d/v	36 5/16	—
Paris, cheque	872	875
Allemanha, cheque	825,3	830
Hollanda, cheque	857	309
Madrid, cheque	1034,5	1035,5
New York	1640,5	1640,5
Rio s/Londres	11 15/16	—
Libras	6$90	6$95
Agio do ouro	48 %	50 %

BOLSA.—As inscripções effectuaram-se:

			Assent.	Coup.
Titulos de	1.000$		40,10	40,00
»	»	500$	—	40,00
»	»	100$	40,15	40,00

Obrigações d'Estado: 3 0/0 1905, 38$40; 4 1/2 88-89, assent. 60$.

Externas: 3.ª serie, 74$00.

Acções: Lisboa & Açores, 113$; Ultramarino, nomin., 111$50; Zambezia, 1$60.

Obrigações: Prediaes, 6 0/0, 114$00, 1.ª, 96, e serie A, 90$00; Ambaca, 90$50, Beira Alta, 2.º grau, 8$50.

SPORT

Palavras [illegible] um grande mestre de gimnastica

Agora que seguimos os trabalhos da Camara Municipal de Lisboa, na sua louvavel idéia de crear um inspector de gimnastica, para com essa nomeação incitar a pratica dos exercicios physicos nas escolas primarias achamos da maxima opportunidade todos os esclarecimentos sobre o assumpto e todas as indicações que provem o que desejamos, isto é, que o concurso para esse logar seja duro, exigente o comprovativo do merecimento do classificado.

Já demonstrámos que pela proposta do dr. Corvinel Moreira, o inspector tem de ser mais que um professor, porque vae *dirigir* e até *examinar professores* que já deram provas de que não desconhecem o assumpto.

Ora, sendo assim...

Poucos serão os concorrentes ao tal concurso, porque poucos se sentirão, n'esse instante, fazendo um «exame consciencioso» ao proprio merecimento, com a bagagem scientifica para tal occupação. Na maioria até, nem para professores servem! E porque fazemos esta affirmativa, que vae certamente ferir muita vaidade, havendo por ahi quem se intitule um authentico mestre de gimnastica sueca? Porque lemos o que dizem os mestres e não encontramos quem corresponda ás exigencias que elles fazem.

Por exemplo...

Wide, o grande universitario sueco, diz o seguinte, que esclarece sufficientemente o que dizemos e que dispensa commentarios:

«... Os homens que desejem inscrever-se no Instituto Central de Stockolmo, tem de estar munidos com um certificado de «exame de madureza» e as mulheres de um diploma superior.

«As condições de admissão, no que se refere ás condições physicas são severas. O numero de candidatos é sempre muito elevado e tem havido necessidade de recusar tres quartos. Os gimnastas medicos formam, por consequencia, uma corporação de escolha.

«As qualidades necessarias a um gimnasta medico são as seguintes: solida constituição, musculatura forte e regularmente desenvolvida, grandes disposições para adquirir a *souplesse* necessaria á boa execução dos movimentos, resistencia e perseverança no trabalho, boa saude, vontade de progredir e bom humor.

«A par dos gimnastas que são diplomados, ha grande numero de outros gimnastas que teem uma educação incompleta ou nulla. A consequencia de tudo isto é que a gimnastica sueca não goza por toda a parte a estima que merece».

Nota do dia

Nas vesperas da epocha de «foot-ball»

Dissemos hontem o pouco que até nós jornalistas havia chegado sobre a constituição dos «teams» de «foot-ball». Hoje vamos cuidar d'outro ponto que tem ainda interesse n'este jogo athletico, talvez o mais praticado em Portugal.

Quando começam os treinos na «equipes» da futura epoca de 1915-1916?

E' tempo de começar. Já vão apparecendo as primeiras brumas outomnaes e com ellas desapparecendo as quentes tardes de sol. Ora o «foot-ball», sendo um sport rude, exige dos que o executam treino e resistencia physica. Evidentemente, que a «preguiça» de verão, adormecendo os musculos dos «players», não pode ser expulsa apenas em dois ou tres dias de trabalho antes da abertura da temporada.

A não ser que se queira dar o triste exemplo d'outros annos, vendo-se aos primeiros desafios jogadores que queriam correr e não podiam, faltos de energia e faltos de folego...

Algumas anecdotas

Como se estreiou o jogador de socco Jim Corbett...

O campeão americano Jim Corbett nasceu em S. Francisco em 1 de setembro de 1866, de pae irlandez, que foi estabelecer-se na California. Fez muitos e bons estudos que aos quinze annos estiveram em riscos de ser cortados por um lamentavel incidente succedido á hora do recreio escolar. Discutiu com um camarada e jogou o socco com elle, mas com tal violencia que o ia matando! O desgraçado esteve doente trinta e quatro dias!

O director chamou Corbett para o expulsar. Corbett protestou:

—Senhor, isso é uma arbitrariedade...

—Ora essa?!

—Sim, senhor. Jogámos o socco mas segundo as regras do «boxe», que foram estabelecidas de commum accordo. Ora eu venci lealmente. Elle apanhou, mas o que lhe succedeu a elle, podia succeder a mim... Depois, nem um nem outro tinhamos segurado a cara e o nariz!..

E com esta resposta salvou-se.

Noticias

ENTRE NÓS

Um gimkhana na Amadora

Na tarde do proximo domingo 19 realisa-se no bello *rink* dos Recreios Desportivos da Amadora um grande gimkhana sportivo, organisado por uma commissão de socios, que serão auxiliados pelos directores dos Recreios, os incançaveis srs. José dos Santos Mattos e Antonio Rodrigues Correia.

Regata de vela

O Club Naval de Lisboa, terminado o seu kalendario de natação d'este anno, vae incidir todos os seus activos e rapidos esforços na propaganda do sport da vela e para o dia 19 d'este mez já annuncia uma grande regata, que terá a valorisal-a a inscripção superior a 60 embarcações.

TOURADAS

Em Setubal.—Com motivo das festas bocageanas, realisa-se no domingo, na praça Carlos Relvas, uma magnifica corrida, na qual tomam parte o cavalleiro José Casimiro, o cinador Accacio d'Oliveira e Silva e o novilheiro Theophilo Anton, «Taboneito». Tambem entram na corrida, por especial deferencia, os amadores Jayme Cardoso e Mario Luiz Lopes, além dos nossos melhores artistas, lidando-se touros do lavrador Francisco da Silva Victorino.

Durante os dias das festas ha comboios a preços reduzidos, em todas as linhas do Sul e Sueste.

Figueira da Foz, 6.—Ha aqui enthusiasmo pela corrida do proximo domingo, promovida pelo cavalleiro Morgado de Covas, na qual toma parte o grande mestre do toureio Victorino Froes. Na lide de pé entram os trez irmãos Mascarenhas, Edmundo Perestrello, Matheus Amaro e Pedro de Bragança, auxiliados pelos artistas Manuel dos Santos e José da Costa, lidando-se touros do sr. Pinto Barreiros. Ha comboios a preços reduzidos nas linhas da Beira Alta, Vizeu e Companhia Portugueza.

Festas associativas

Guilherme Cossoul

N'esta sociedade prepara-se uma magnifica recita para o dia 12, representando-se a comedia «Ninguem diga» e a operetta «Os cinco sentidos», havendo em seguida baile.

Nos dias 10, 17, 2 e 31 de outubro e 7 de novembro haverá festas para commemorar o 30.º anniversario d'esta collectividade, representando-se os «20.000 dollars» e «D. Cesar de Bazan», ficando os dias 17 e 31 d'outubro reservados para 2 saraus com attrahentes novidades. A 21 do mesmo mez haverá um «cotillon» cujas marcas, lindissimas, são de molde a satisfazer a mais exigente.

A direcção acaba de [illegible] aos seus socios [illegible] aulas de musica [illegible]

O luto dos Bulow

Treze membros da familia morreram já na guerra

A familia do antigo chanceller allemão principe de Bulow, que ainda recentemente exerceu as funcções de embaixador, tem na guerra 107 dos seus membros. Treze d'elles foram já mortos, segundo noticia o jornal *Mecklemburger Nachrichten*, nas seguintes circumstancias:

1—Na manhã de 7 de agosto de 1914, na Belgica, com um tiro disparado á traição por um franco-atirador, o general commandante da 9.ª divisão de cavallaria Carl Ulrich de Bulow, irmão do principe de Bulow.

2—A [illegible] de agosto de 1914, Frederico de Bulow, fideicommissario em Bothkamp, tenente no regimento das *Gardes du corps*, commissionado no ministerio dos estrangeiros, e que n'essa data pertencia a um regimento de uhlanos de reserva, foi morto durante um recontro de patrulhas na região de Saillo-sur-Meuse, na Belgica.

3—A 16 de setembro de 1914, Vicco de Bulow, tenente, morto durante um assalto a uma collina proximo de Cernay.

4—A 20 de setembro de 1914, Kurt de Bulow, major. A [illegible] do mesmo mez fora attingido em Javincourt por um tiro na cabeça. Succumbiu ao ferimento no hospital de sangue de Diedencourt.

5—A 28 de setembro de 1914, n'um recontro de patrulhas ao sul de Arras, morreu Hans de Bulow, tenente de reserva.

6—A 3 de outubro, em Gurawka (Russia), coube a sorte a Gottfredo, conde de Bulow von Dennervitz, tenente commandante da companhia no regimento de fuzileiros n.º 33.

7—A 6 de dezembro de 1914, ferido por uma bala perdida, morreu Bodo, barão de Bulow, capitão. Conversava com alguns camaradas seus em Bucquoi quando foi attingido.

8—A 8 de dezembro morreu na batalha naval de Falkland, Max de Bulow, filho do finado general Adolpho de Bulow. Era 1.º official do *Nurnberg*.

9—A 12 de dezembro, o ajudante de batalhão Carl de Bulow morreu n'um assalto proximo de Korakow, ao norte de Lowicz (Russia).

10—A 20 de fevereiro de 1915, morreu na Polonia, proximo de Bialazow, Frederico de Bulow, *Landmarschall* hereditario do ducado de Lauenburg, fideicommissario em Gucow e capitão de cavallaria da reserva.

11—A 22 de abril de 1915 coube a vez a Guilherme de Bulow, major. Morreu nas Flandres com um tiro na cabeça.

12—No principio de julho de 1915, Busso de Bulow, filho do general *feldmarschall* Bulow, morreu em aeroplano.

13—Pela mesma epocha morreu na Russia Carl Werny de Bulow, capitão, antigo ajudante de campo do grão-duque de Mecklemburgo-Strelitz.

Em resumo, desde o começo da guerra, a familia Bulow perdeu 1 general, 2 majores, [illegible] capitães, 6 tenentes e um official de marinha.

Espectaculos

Cartaz de ámanhã

POLYTEAMA—A's 20,30 e 22,30—Não desfazendo... (Revista).

EDEN—A's 20,45 e 22,45—O diabo a quatro. (Revista).

COLISEU DOS RECREIOS—A's 21—A Mascote.

Agenda da semana

A'MANHÃ—**Polyteama**—Recita do auctor. A revista *Não desfazendo...*, com numeros novos.

QUINTA FEIRA—**Coliseu dos Recreios**—*Paraiso de Mahomet*.

SABBADO—**Eden**—Festa do actor Nascimento Fernandes—A revista *O diabo a quatro*, em espectaculo completo, com o quadro novo *O casamento do Colla-tudo*.

Ao correr da penna

Nunca me esqueceu o que me disse Zacconi na sua ultima estada entre nós. Falavamos da sua interpretação do Othello *e como eu lhe manifestasse o meu assombro por aquelle trabalho colossal, o grande comediante sorriu modestamente e disse-me:*

—Ainda não está prompto. Dentro de tres annos devo representar-o bem.

Isto é: de cada vez que representava a peça o illustre actor ia apurando o seu trabalho, ensaiando novos effeitos, procurando a perfeição.

O methodo dos nossos artistas é um pouco diverso. Consiste em chegar á primeira representação com o texto engrolado, a marcação vacillante e todo o trabalho esboçado e, passado esse escolho, representar cada vez peor alterando o texto com a sem-cerimonia dos inconscientes, inventando novos movimentos e falseando os tipos e os caracteres.

Quem vir uma peça n'uma primeira representação e a tornar a vêr quinze dias depois não a conhece. Haveria talvez um meio para remediar um pouco este estado de coisas: o que se usava no theatro D. Maria quando já havia um director de scena e elle se chamava José Carlos dos Santos. A's vezes, já uma peça tinha trinta ou quarenta representações e surgia na tabella o annuncio de ensaios de apuro de certo acto ou de certas scenas, que os artistas de então, cuja probidade se não compara com a dos de hoje, tinham alterado ou deixado de representar consoante o que o auctor ou ensaiador determinára.

Cyrano

COLISEU DOS RECREIOS —A divorciada.

A divorciada teve hontem no Coliseu mais uma noite de applauso a juntar á serie extraordinariamente grande das ovações que tem alcançado em todos os theatros do mundo. A casa estava cheia, com tudo quanto ha de distincto na nossa melhor sociedade.

Hoje o comico Adriano Marchetti, sempre tão applaudido pelo nosso publico faz a sua festa artistica com a *O conde de Luxemburgo*, operetta que entre nós tem encontrado sempre o melhor acolhimento.

A'manhã, primeira representação da *Mascotte*, cuja partitura tem sido immensamente applaudida.

Na quinta-feira a *Paraiso de Mahomed* e no sabbado, em recita extraordinaria para festa artistica do notavel soprano Cina do Valdis, com a primeira representação do *Reizinho*.

Podemos já dar aos nossos leitores a agradavel noticia de que a epoca de inverno se inaugura no Coliseu dos Recreios no dia 25 do corrente com a estreia da extraordinaria e incomparavel companhia de circo, organisada pelo activo e grande emprezario commendador Antonio Santos e da qual fazem partes os melhores *clowns* do mundo e um numero que, sem receio de desmentido, podemos affirmar ser na actualidade a maior de todas as attracções, numero que tem feito em muitas noites successivas encher os maiores circos do mundo, ouvindo as ovações mais extraordinarias, vibrantes e unanimes. Este numero é uma verdadeira maravilha e um assombro colossal.

Boatos e informações

Entre nós

Começam no proximo dia 13 no theatro Apollo, os ensaios da phantasia satirica em 3 actos e 12 quadros *O diabo que o carregue...* de André Brun e João Fôco, musica de Luz Junior e Vasco de Macedo, que subiu á scena ha cinco annos no theatro da Rua dos Condes e que conta algumas centenas de representações no Brazil.

● No futuro theatro Republica representar-se-hão, além de outras, na proxima epocha originaes de Marcellino Mesquita, Eduardo Schwalbach e Vasco Mendonça Alves.

● Os ensaios no theatro da Trindade começam no dia 15 do corrente.

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

Associação do Registo Civil

Reune a assembleia geral no dia 14, ás 21 horas, com a seguinte ordem de trabalhos: apresentação do parecer da commissão revisora de contas da gerencia de 1914, discussão e votação; apresentação, discussão e votação do projecto de reforma de estatutos da Associação e Federação Portugueza do Livre Pensamento.

Escolas de repetição

COIMBRA, 6.—No dia 10, pelas 7 horas sahem d'esta cidade para os exercicios da escola de repetição os regimentos de infanteria 23 e 35, devendo o primeiro fazer o seguinte percurso: dia 16, Castello Viegas; 17, Lamas; 18, Louzã; 19, descanço n'essa villa; 20, 21 e 22, exercicios entre Louzã e Arganil; 23, Arganil; 24, S. Fructuoso, e em 25 regresso a Coimbra.

ALVITRES e RECLAMAÇÕES

Obras de estrada paralisadas

Diz-nos o nosso correspondente de Mortagua:

E' deveras lamentavel que os trabalhos de construcção da estrada n.º 79 d'esta villa ao Campo de Besteiros estejam paralisados ha mais de dois annos, apezar de se dizer que em 1914 foi dotada com 5.000 escudos. A verdade é que n'aquelle anno não se gastou um ceitil e no corrente parece que sofre a mesma cruel sorte.

A provincia n'A CAPITAL

COIMBRA, 6.—A viação electrica rendeu o mez d'agosto findo a quantia de 2.067$01, ou mais 204$20 do que em egual periodo do anno anterior.

—Foram mandados recolher aos postos a que pertenciam as forças da guarda republicana da secção d'esta cidade, que para cá vinham vindo por motivo dos ultimos acontecimentos no norte.

MONTALEGRE, 5.—Partiu para Alfandega da Fé, para onde ha pouco foi transferido, o sr. José Pereira de Figueiredo, estimado secretario de finanças d'este concelho. A' sua despedida concorreram numerosos amigos.

—Foi resolvido que as escolas moveis de Almaça e Villa Pouca continuem a funccionar em 1916.

Movimento maritimo

Br. R. Pr. e Pac., «Orianas», Liverpool	8
Vigo, Liverpool, etc., «Oritas, Brazil	8
Africa Occidental, «Portugal»	12
Africa Occidental, «Cazengo»	18

troncamento do caminho de ferro de Stanislawow, apenas a trinta e dois kilometros ao norte de Nadvorna. Finalmente tiveram de ceder terreno. Os austriacos entraram em Kolomea, que estava em poder dos russos desde 16 de setembro, e a 21 de fevereiro chegaram a Stanislawow.

No dia seguinte tropas frescas russas penetraram na cidade, mas não puderam retel-a em seu poder por muito tempo. Uma grande batalha começou no valle entre o Bystrzyca e o Dniester. Durou uma semana, mas nem os communicados de Petrogrado, nem os de Vienna dizem qualquer coisa a respeito dos incidentes e das alternativas da lucta.

A 25 de fevereiro, os russos tomaram a aldeia de Luky, ao sul de Dolina, e a meio caminho entre Kalusz e os montes Carpathos. No dia seguinte houve uma batalha a poucos kilometros a nordeste, inicio de um contra-ataque para apoiar as tropas que guarneciam em Halicz e Jezupol as pontes-cabeças na margem sul do Dniester. A não ser que os austriacos conseguissem alcançar as pontes de Halicz, Jezupol e Niznlow, detendo assim a vinda de reforços russos para a area da batalha entre o Dniester e os Carpathos, não podiam ter esperanças de se apoderarem de Stanislawow. Tinham apenas um unico caminho de ferro, o que atravessa o Jalonica, pelo qual podiam trazer tropas frescas da Hungria. Foram batidos n'uma batalha dada ao sul de Halicz a 1 de março.

No dia 4 de março os russos entraram em Stanislawow; os austriacos recuaram sobre Nadvorna e Kolomea.

Os russos tomaram n'aquella região durante a lucta que teve logar entre 21 de fevereiro, o dia em que evacuaram Stanislawow, e 4 de março, o dia em que alli reentraram, 153 officiaes e 18.522 soldados austriacos, [illegible] canhões, 62 metralhadoras, etc.

Depois do dia 5 de março houve uma acalmia na lucta ao sul de Stanislawow. Só no dia 16 os dois exercitos de novo vieram ás mãos no planalto por onde passa a estrada de Stanislawow a Ottynia.

Przemysl não podia ser salva por victorias distantes e resultados de complicada estrategia. Devia conseguir-se pelo caminho mais curto se tivesse de continuar em poder das potencias centraes. A 28 de fevereiro os ataques austro-allemães recomeçaram ao sul de Przemysl, entre os desfiladeiros de Lupkow e de Uzsok. Seguiram para Baligrod e Lutoviska, a uns oitenta kilometros da fronteira hungara.

E de oeste avançaram resolutamente contra o recanto entre Gorlice e Ciezkowice, onde a linha ribeirinha da planicie polaca se vae perder entre os sopés dos Carpathos. Nem um unico dia se passou sem se pelejar, mas não só os austro-allemães não conseguiram ganhar terreno, como ainda perderam posições que durante muitas semanas haviam tido em seu poder no Uzsok e no Lupkow.

A 22 de março soube-se que Przemysl tinha caído.

Durante semanas e mezes os exercitos russos e austro-allemães tinham-se defrontado nas cercanias das florestas da Prussia Oriental e ao longo da linha dos lagos e pantanos. Ao sul, entre Angerburgo e Johannisburgo, as linhas germanicas eram inexpugnaveis; as passagens que guardavam entre os lagos eram estreitissimas; de modo que não permittiam um ataque em fórma.

Como o periodo do tempo frio estava proximo, os russos começaram a avançar por ambos os flancos dos lagos Masurios. No fim de dezembro tinham de novo repellido os austro-allemães de Mlava; pelo inicio de janeiro continuaram a avançar de ambos os lados da linha do caminho de ferro de Varsovia-Mlava. De Ostrolenka ao Narev estavam agora avançando para a fronteira prussiana; a oeste de Mlava occuparam Sierpiec—a 72 kilometros de Thorn—e chegaram á linha do rio Skrwa.

A 20 de janeiro continuaram a avançar nessa direcção; chegaram

superficie não é dura, a terra por baixo está gelada. Pode, porém, dizer-se que n'essa parte os russos tinham vantagem sobre o inimigo, porque estavam providos de utensilios mais proprios para tal fim e mais habituados a manejal-os.

A campanha austro-allemã nos Carpathos começou no fim de janeiro. Cada desfiladeiro foi a principio um theatro isolado de guerra. Não podiam estabelecer-se communicações entre as tropas que estavam operando em diversos desfiladeiros. Comtudo havia uma especie de interdependencia entre os corpos que estavam avançando ou recuando por estradas ou caminhos de ferro parallelos.

Exactamente por causa do enorme perigo de ficarem isolados ou serem cercados, cada corpo parece ter seguido os acontecimentos que se passavam na sua visinhança. A 23 de janeiro os exercitos austro-allemães encetaram o ataque contra os desfiladeiros dos Carpathos ao longo de toda a linha, em extensão superior a trezentos e vinte kilometros.

Uma semana mais tarde podemos distinguir trez grupos ao longo da frente dos Carpathos. A oeste, acima do desfiladeiro de Lupkow o ataque falhou por completo. No grupo central, entre o Lupkow e o rio Lomnica, os exercitos austro-allemães conseguiram transpôr os desfiladeiros, mas o seu avanço foi constantemente detido nas extremidades septentrionaes. Só na secção extrema sudeste a offensiva conseguiu o seu immediato objectivo.

Entre o Dukla e o desfiladeiro de Uzsok os exercitos germanicos foram repellidos para a Hungria; do lado d'esse paiz os russos tinham os importantes entroncamentos de estradas em Zboro—oito kilometros ao norte de Bartfeld—e em Swidnik—por outras palavras, as extremidades meridionaes de todos os desfiladeiros em roda de Dukla. Do ramo oriental do Dukla os russos tentaram, a 7 de fevereiro, envolver de flanco a posição austriaca no desfiladeiro de Lupkow, avançando por Czeremcha para Mezo-Laborcz. Conseguiram um certo exito no seu movimento envolvente, pois que entre 26 de janeiro e 6 de fevereiro o corpo russo que operava no Lupkow aprisionou 170 officiaes e 10.000 soldados do exercito austriaco.

Apesar d'isso, os austriacos retiveram em seu poder as alturas a leste do desfiladeiro. Um mez mais tarde falou-se n'uma lucta violenta em roda de Wola Michowska, a leste do Lupkow, e só a 11 de março os russos conseguiram tomar Smolnik e o proprio Lupkow.

O principal dos desfiladeiros occidentaes tomados pelos austriacos depois de trez dias de batalha—25 a 26 de janeiro—foi o Uzsok. A configuração do terreno em roda d'esse desfiladeiro é tal que não póde ser defendido contra um inimigo numericamente superior, que se sujeite a soffrer perdas. Todas as posições no desfiladeiro de Uzsok podem ser envolvidas. Esse desfiladeiro tem uma altura de 2.500 pés e é cercado de todos os lados por montanhas que se elevam de 3.000 a 4.500 pés.

Os declives da montanha são cobertos de denso arvoredo, a coberto do qual é possivel avançar mesmo na neve, sem ser avistado pelo inimigo. As posições do lado meridional do desfiladeiro não offerecem campo favoravel para tiro. A estrada e o caminho de ferro seguem uma estreita depressão, que cahe abruptamente para a planicie hungara. Em cerca de dezenove kilometros a altitude da estrada é superior a mais de 1.500 pés.

Era natural que no fim de janeiro e principio de fevereiro o ataque austro-allemão no Uzsok tivesse sido feito com maior insistencia do que em qualquer outro, porque d'ahi podiam ameaçar as communicações ferro-viarias directas que correm por via de Sambor entre Lwow e os exercitos russos ao sul de Przemysl. E uma offensiva bem succedida do recanto sudeste da Galicia teria tornado insustentavel a posição russa nos Carpathos occidentaes, a não ser que os exercitos germanicos conseguissem avançar pelo desfiladeiro

D. Claudina Adelaide dos Santos

Falleceu

Claudina Elvira dos Santos Bandeira e seu marido Francisco Alfredo Bandeira Junior, Carlota Philomena dos Santos Bandeira seu marido, filhas, filhos, nora e genro, Amelia Belmira dos Santos Miranda, sua filha, filhos, nora e genro, Palmyra Adelaide dos Santos, suas filhas, filhos e genros, Carlos Santos sua mulher e filho, Alfredo Santos, sua mulher e filhos, Libania Duarte Santos, sua filha e filho, Alvaro da Cunha Santos e sua mulher, Pedro da Cunha Santos sua mulher e filhos e Alberto Jayme dos Santos, dolorosamente participam a todos os seus amigos e pessoas das suas relações o fallecimento da sua muito querida mãe, cunhada e tia D. Claudina Adelaide dos Santos, cujo funeral se realisa amanhã, quarta feira, 8, ás 4 horas da tarde, saindo o corpo da casa da residencia da finada, rua do Conde Redondo, 10, 2.º, E., para o cemiterio Oriental.

D. Claudina Adelaide dos Santos

Falleceu

BANDEIRA & BRITO dolorosamente participam a todos os seus clientes, freguezes e amigos o fallecimento da ex.ma sr.ª D. Claudina Adelaide dos Santos, sogra do socio Francisco Alfredo Bandeira Junior e que o funeral da saudosa senhora se realisa amanhã, quarta feira, 8, ás 4 horas da tarde, devendo o corpo sahir da casa da residencia da extincta, rua Conde de Redondo, 10, 2.º E. para o cemiterio Oriental.

de Uzsok para Sambor, pelos de Vereczke e Beskid para Styj.

Perante as forças superiores que o inimigo tinha n'esse sector central os russos recuaram das suas posições nos desfiladeiros para um

Tenente inglez do submarino «C 38», R. N. C. Pope

terreno mais favoravel, em cada um d'elles para cerca de dezeseis kilometros a nordeste. Essas novas posições eram inexpugnaveis para ataques de frente e não era facil envolvel-as por movimentos de flanco. Ao norte do desfiladeiro de Uzsok os russos recuaram no alto terreno para alem do rio Styj, proximo da cidade de Turka; do desfiladeiro de Vereczke para os declives em roda de Koziowa, para aquem do rio Orawa; do desfiladeiro Beskid para uma posição proximo de Tuchla, protegidas nas suas alas pelos desfiladeiros dos torrentes montanhosas. No desfiladeiro de Wyszkow repelliram o avanço germanico para a fronteira da linha de Seneczow.

A 6 de fevereiro uma da mais desesperadas batalhas que se deu na zona da Galicia se desenvolveu na frente das posições russas em Koziowa. A estrada Munkacz-Skole-Styj atravessa, ao sul de Koziowa, uma montanha chamada Lysa Gora — a montanha nua —. Essa montanha eleva-se a 3.290 pés e desce gradualmente para o valle de Orava, em frente dos declives por cima de Koziowa, offerecendo um excellente campo de tiro. Os declives do Koziowa, no outro lado, são na parte superior cobertos de densos bosques que occultavam da vista, e em parte tambem do fogo do inimigo as forças russas que esperavam os austro-allemães que se approximavam pela estrada que atravessa a «Montanha nua».

O inimigo a principio tentou tomar as posições russas por meio de bombardeamento, seguido de assaltos. N'um só dia—7 de fevereiro—nada menos de vinte e dois ataques foram por elle dados, mas onde quer que conseguiam pôr pé nas linhas russas eram repellidos por furiosos contra ataques á bayoneta. O assalto falhou e os declives abertos abaixo dos bosques occupados pelos russos ficaram cobertos de allemães mortos.

Desde esse dia os ataques á posição russa n'essa região repetiram-se nas seguintes semanas com uma regularidade que relembra um dos ataques contra a linha Bzura-Rawka. As operações mais tarde foram em roda de Koziowa, antes do fatal dia em que a queda de Przemysl mudou por completo o caracter da lucta nos Carpathos, a 16 de março. Os russos haviam então tomado Orawczyk, um ponto que ameaçava o flanco esquerdo da posição germanica em Koziowa.

No entretanto uma lucta deveras interessante se desenvolvia no extremo sudeste a que podemos chamar o Districto do Pruth, no sector Pokucie-Bukovina. Esse sector é cortado ao sul pelo massiço dos Carpathos da Transylvania, ao norte pelo fundo desfiladeiro do baixo Dniester, que com as florestas que rodeiam as suas phantasticas curvas forma uma especie de divisão entre a Podolia austriaca e a Bukovina.

A oeste a sua principal arteria de communicação corre ao longo do Pruth para Kolomea. D'ahi, o caminho de ferro divide-se em dois ramaes, um dos quaes conduz para Stanislawow e d'ahi para Lwow. O outro conduz de Kolomea na direcção sudoeste pelo desfiladeiro de Ja-

blonica e por Marmaros-Szigel para Budapest. Aquelle que occupa Kolomea tem em seu poder todas as communicações d'esse pequeno districto do Pruth com o mundo occidental. Na extremidade opposta, o seu caminho de ferro pelos valles do rio e as suas estradas dão para a Romania.

No principio do anno essa região começou a attrahir as attenções. A população da Bukovina sudeste e da Transylvania é principalmente romaica pela linguagem e pelos costumes. Os valles do Pruth, do Seret e do Moldava, que formam por assim dizer toda a Bukovina, conduzem á Romania; em direcção opposta, sobre os desfiladeiros de Dorna Vatra e Kirlibaba e mais a oeste na Pokucia por Jablonica ficam as estradas para a Transylvania.

Nos fins de 1914, a intervenção da Romania na guerra era quasi dada como certa n'um prazo muito proximo. O avanço das tropas russas na Transylvania, onde teriam sido acolhidas pelos hungaros romaicos como libertando-os da oppressão magyar, teria precipitado a entrada da Romania na guerra europeia.

No principio do anno de 1915 poucas tropas austriacas havia na Bukovina. Nos primeiros dias de janeiro as tropas russas começaram a avançar na extremidade mais a sudeste da Bukovina e ao mesmo tempo na Pokucia, para a fronteira da Transylvania. De Gora Humora marcharam para Kimpolung sobre desfiladeiros da altura de 2.000 pés e entre montanhas de 5.000. Chegaram a Kimpolung a 6 de janeiro.

O communicado official russo de 8 de janeiro diz:

«Durante a ultima semana, as nossas tropas, batendo-se continuamente, percorreram uma distancia de 120 versts (cêrca de cento e vinte kilometros) e chegaram á fileira de montanhas que formam a fronteira entre a Bukovina e a Transylvania.»

De 8 de janeiro em deante a historia do seu avanço é para nós incerta. São tantas as datas em que se diz que os russos travaram batalhas que a mente se confunde. O certo é que as tropas russas occuparam o Kirlibaba (3.000 pés de altura) a 16 de janeiro. Ha apenas uma estrada de Kimpolung a Kirlibaba; segue o caminho de ferro para Dorna Vatra por Vale Putna até á aldeia de Jacobeni, volta para nordeste, seguindo o valle do Bystrzyca Aureo e conduz, atravessando Ciocanestie, a Kirlibaba.

A 21 de janeiro o avanço russo terminou. Um exercito austriaco, da força de cêrca de 50.000 homens, sob o commando do general Freiherr von Pflanzer-Baltic, approximava-se do valle do Pruth, marchando pelas estradas que conduzem da Transylvania á Bukovina e á Pokucia.

A 13 de fevereiro os austriacos chegaram á linha Wizni-Kuty-Kosow-Delatyn. No mesmo dia, avançando do oeste, chegaram a Storozyniec, no Seret. A sua columna oriental na Bukovina estava progredindo vagarosamente; parece ter sido intenção sua avançar rapidamente do oeste para o valle do Seret e cortar assim a pequena columna russa que avançara na Bukovina meridional. O seu plano falhou.

A guarnição russa de Czernowitz, embora contasse pouco mais de mil homens, mandada em auxilio dos seus camaradas que retiravam, effectuou a juncção com elles a 16 de fevereiro e no dia seguinte toda a divisão russa retirou de Czernowitz para leste, para a cidade russa de Novosielica. Era-lhe impossivel operar a juncção com as forças mais occidentaes, que estavam recuando sobre Stanislawow.

A 14 de fevereiro, os austriacos, sahindo do desfiladeiro do Jablonica, chegaram a Nadvorna. Nos seis dias seguintes uma violenta batalha se deu entre Nadvorna e Kolomea, tendo os austriacos trazido pelo caminho de ferro um poderoso trem de artilharia.

Os russos a principio haviam considerado a expedição austriaca á Bukovina mais como uma manobra politica do que como um movimento estrategico. Estavam agora combatendo pela posse do importante cu-

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 1830 — 6.º Anno | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Editor — Camillo Sousa e Almeida — Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º | LISBOA — Quarta-feira, 8 de Setembro de 1915 | Telephone n.º 2295 — Endereço teleg. CAPITAL — Composição — Rua do Norte, 5, 1.º — Officina de impressão — 71, Rua da Bica, 71 | Preço 1 centavo

SOBRE O FUTURO

O que pensa o rei de Hespanha

O escriptor argentino D. Roberto Levillier, ao terminar os seus primeiros trabalhos no Archivo das Indias, de Sevilha, e que constituem quatro grossos volumes, visitou Affonso XIII, a fim de o informar ácerca das suas investigações. Da interessante conversa que teve com o soberano hespanhol resultou o seguinte artigo que La Nación, *de Buenos Aires, e* España, *o brilhantissimo semanario madrileno, publicaram simultaneamente:*

Na regia camara onde me recebe o general Aznar, estão o marquez da Torrecilla e o marquez de Viana; o general indica-me uma porta pequena. Entrevejo um rapaz alto, delgado, vestido de cinzento, em pé ao canto d'um gabinete de trabalho. Entro, e encontro-me perante S. M. o Rei de Hespanha.

Inclino-me respeitosamente, e D. Affonso XIII estende-me a mão, apertando com affabilidade a minha, emquanto o seu sorriso juvenil se abre franca e affectuosamente. Tem o olhar penetrante e nas suas pupillas pardo-azuladas brilha um espirito finamente observador; sorri com frequencia, e com voz clara, de tonalidades medias, fala depressa e amigavelmente. Os gestos são rapidos, e toda a sua pessoa exhala benevolencia, decisão e confiança em si.

—Agradeço-lhe muito os livros que me trouxe, disse. Está trabalhando em Sevilha? Quanto tempo tenciona demorar-se em Hespanha?

—Desde 1912 que estou trabalhando no Archivo de Indias, e estes são os primeiros resultados das minhas investigações...

—Sonho em Sevilha, com certeza, qual é o meu plano. Mandei sahir os inquilinos do pavimento terreo, fizeram-se grandes reformas, e cada dia mais adequado ficará o edificio ás suas funcções de archivo, onde os senhores, sul-americanos, poderão encontrar toda a sua historia passada. Tenciono fazer um appelo ás republicas sul americanas para que enviem a Sevilha paleographos, mas esta guerra traz-me tão occupado que não tenho tido tempo para pôr em pratica o meu desejo. São tantos os assumptos respeitantes a Hespanha em que intervenho que, francamente, quando chego á noite, já não posso mais. A respeito da crise argentina? Resolvem-a?

—Os agricultores, creadores de gado, e alguns industriaes conseguiram equilibrar-se, Magestade; mas o governo continúa em difficuldades por causa da diminuição do rendimento alfandegario devida á falta d'exportação dos Estados em guerra.

—Pois eu creio que terminada a guerra teremos ainda annos peores; produzir-se-ha uma contra emigração. Francezes, russos, italianos e allemães regressarão aos seus paizes para trabalharem na reconstrucção nacional; por toda a parte as baixas serão tantas e tão grande a procura de braços e de cerebros para o commercio e para a industria que, logicamente, nenhum d'elles terá necessidade de emigrar pois que o futuro lhes ficará garantido dentro do seu proprio paiz.

«Hespanhoes virão menos do que os das outras nacionalidades, mas diminuirá o numero dos que lá vão annualmente para as colheitas, porque como encontrarão bons salarios na França e na Italia preferirão ir para ali, que lhes fica proximo, a fazerem uma larga viagem para a America.

—O peor é que, com esta guerra tão cheia de surprezas, é difficil prever quando se regressará ao trabalho.

—Com effeito—confirmou S. M. sorrindo—é impossivel prophetisar o termo da guerra.

—No emtanto, V. M. já deu provas da sua clarividencia, quando disse a Garcia Velloso, em 1913, que não poderia realisar n'esse anno a sua desejada viagem á America por considerar a situação internacional muito grave e muito proximo o rebentar do conflicto.

—E' verdade, lembro-me perfeitamente. Era então, e é ainda, o meu sonho dourado ir á America, mas tão cedo, por estes annos mais chegados, não poderei realisal-o. Quando acabar a guerra terei muito que fazer aqui, um enorme trabalho de reconstrucção, de reformas, e para apressal-o será necessario destruir os velhos moldes; e, se não me engano ácerca do papel que cumprirá á Hespanha desempenhar, o nosso resurgimento, que até agora se tem feito a passo de tartaruga, caminhará então a passo de gigante.

—Se o resultado da guerra actual fosse o geral desarmamento, esse progresso devia prever-se não só para a Hespanha mas para toda a Humanidade.

—Desarmamento? Não penso em tal! Depois da guerra, ainda os povos se armarão melhor. Vendo-se que um paiz como a Belgica, neutralisado com o consentimento de todas as nações, apenas na força armada encontrou defeza, é facil comprehender que os outros paizes, grandes ou pequenos, reconhecerão que para existirem lhes é indispensavel trabalharem em tempo de paz e rodearem-se das mais positivas garantias.

—E V. M. não prevê a possibilidade das camadas sociaes inferiores exercerem tal pressão sobre os governos que estes se vejam tolhidos de impôr-lhes novamente os pesadissimos encargos da paz armada? Desculpe-me V. M. esta pergunta, dictada apenas pelo grande interesse que tem a Argentina em conhecer a sua opinião...

—Creio, e pode repetil-o, que o socialismo cada vez se irá tornando mais governamental e que os socialistas conseguirão as suas mais justas aspirações pelas vias legaes, sem necessidade de recorrerem á força.

«Creio tambem que evolucionarão; hão de comprehender que teem vindo sendo enganados por alguns politicos que fizeram do pacifismo internacional uma bandeira á custa da qual teem vivido. Depois d'esta guerra, os proprios socialistas reconhecerão que emquanto a Humanidade não modificar os seus instinctos não haverá melhor salvaguarda para os direitos, em questões internacionaes, do que a previsão e a força. Assim como creio que depois da guerra terminar não haverá falta de trabalho, antes de sobra para todos, e necessidade de produzil-o. O mundo continuará como até aqui, e dentro de dez ou doze annos todos nós perguntaremos admirados: mas o que houve?

—Poderemos então gabar-nos de termos assistido ao mais estupendo acontecimento dos seculos...

—E' verdade—exclamou S. M. sorrindo espirituosamente—sobretudo os que, como nós, viram a tourada do pateque! E apertou-nos a mão amavelmente.

Tinha terminado a audiencia. Mas acrescentou ainda:

—Adeus; espero tornar a vel-o para o anno, em Sevilha.

Os inimigos da Republica

Um amigo de «A Nação», que assigna modestamente «Ignotus», analysa a situação actual portugueza, que pinta com negras côres, e aconselha, para a modificar, o que em França se chamou a «união sagrada», ou seja a cessação de luctas politicas attribiliarias, estabelecendo-se uma especie de pacto cujo fim seria o da pacificação dos espiritos.

A «Nação» collabora n'este desejo, embora levante duvidas sobre a sua realisação. Tambem ella desejaria paz, tranquillidade, communhão nacional, abstenção de luctas violentas e prejudiciaes á propria patria.

São muito para louvar os bons desejos da «Nação» e do seu amigo, mas não é facil concilial-os com os insistentes boatos que correm sobre proximas alterações da ordem publica, promovidas pelos seus correligionarios, alliados a elementos que com elles se julgariam incompativeis, mas que desvairadas paixões levam a cooperar com os seus abominaveis designios.

Ainda não ha muito, no norte, eram assaltados dois quarteis e dynamitada uma ponte. Nenhuma duvida de que se tratava do inicio d'um movimento destinado a destruir as instituições. Os orgãos monarchicos negam que esse golpe fosse feito por monarchicos, mas averigua-se que os presos como seus auctores ou cumplices são creaturas que teem intervindo em tres ou quatro movimentos, caracterisadamente monarchicos.

Agora novamente se propalam atoardas de movimentos subversivos de diversa natureza. Mais uma vez a conspiração monarchica renasce. Citam-se factos, apontam-se datas. O que porventura se passar, vindo lançar uma nova perturbação na sociedade portugueza, será obra de monarchicos e de elementos que apesar de reivindicarem a qualidade de republicanos não hesitam em vibrar na Republica um golpe traiçoeiro e assassino.

E' assim que os monarchicos demonstram a sinceridade das suas affirmações? E' assim que querem promover a pacificação da sociedade portugueza?

Votou-se uma lei sobre os crimes de alta traição. Os elementos que na sombra pretendem apunhalar a Republica não o devem ignorar. Não podem allegar que o ignoram. Se, portanto, esses maus designios se transformarem em factos, que os homens que os puzerem em pratica não venham vilmente lastimar-se de que são injustamente perseguidos. Tenham uma vez, ao menos, a coragem dos seus actos. Appareçam de pé, honrando as suas convicções, e não cobrindo-as novamente do opprobio, com a sua hypocrisia, a sua pusilanimidade, a sua villeza.

Imitem, emfim, o exemplo dos primeiros revolucionarios da Republica. Imitem os homens da revolta de 31 de janeiro de 1891, para quem a imprensa monarchica pedia o fusilamento, e que perante a imminencia da morte intrepidamente reivindicaram a responsabilidade do seu acto, enchendo de espanto e admiração os proprios juizes que os julgaram!

Poeira da Arcada

O projecto de lei destinado a converter o templo de Santa Engracia em Panthéon Nacional não chegou a ser discutido. Nós temos pelos nossos mortos illustres um tão vago respeito que se concilia com clamorosas profanações. E, todavia, quem dá á patria o esforço desinteressado do seu espirito, renovando os moldes do pensamento e da actividade popular, merece bem que na morte a publica gratidão a acompanhe. Os ricassos installam as suas ossadas em soberbos jazigos. Pretendem assim crear-se uma apparencia de immortalidade que os torna sublimes de ridiculo. Mas os outros, os que na pobreza e no sacrificio retocaram ou recompuzeram as gastas virtudes das gerações?

•
• •

Já ha quarenta annos o Diario de Noticias *se queixava da insalubridade da capital. O assumpto reveste-se hoje de uma maior urgencia. A mortalidade na população lisboeta dá percentagens superiores ás das grandes cidades europeias. Porquê? Talvez pela deficiencia de condições higienicas, collaborando com a má alimentação das classes pobres. A verdade é que a morte ceifa, á grande, vidas, principalmente de creanças. São as energias da raça que baixam de anno para anno. Se providencias acertadas e justas não forem tomadas, os nossos bairros populares tornar-se-hão a manção do Rei Peste de que fala Poe.*

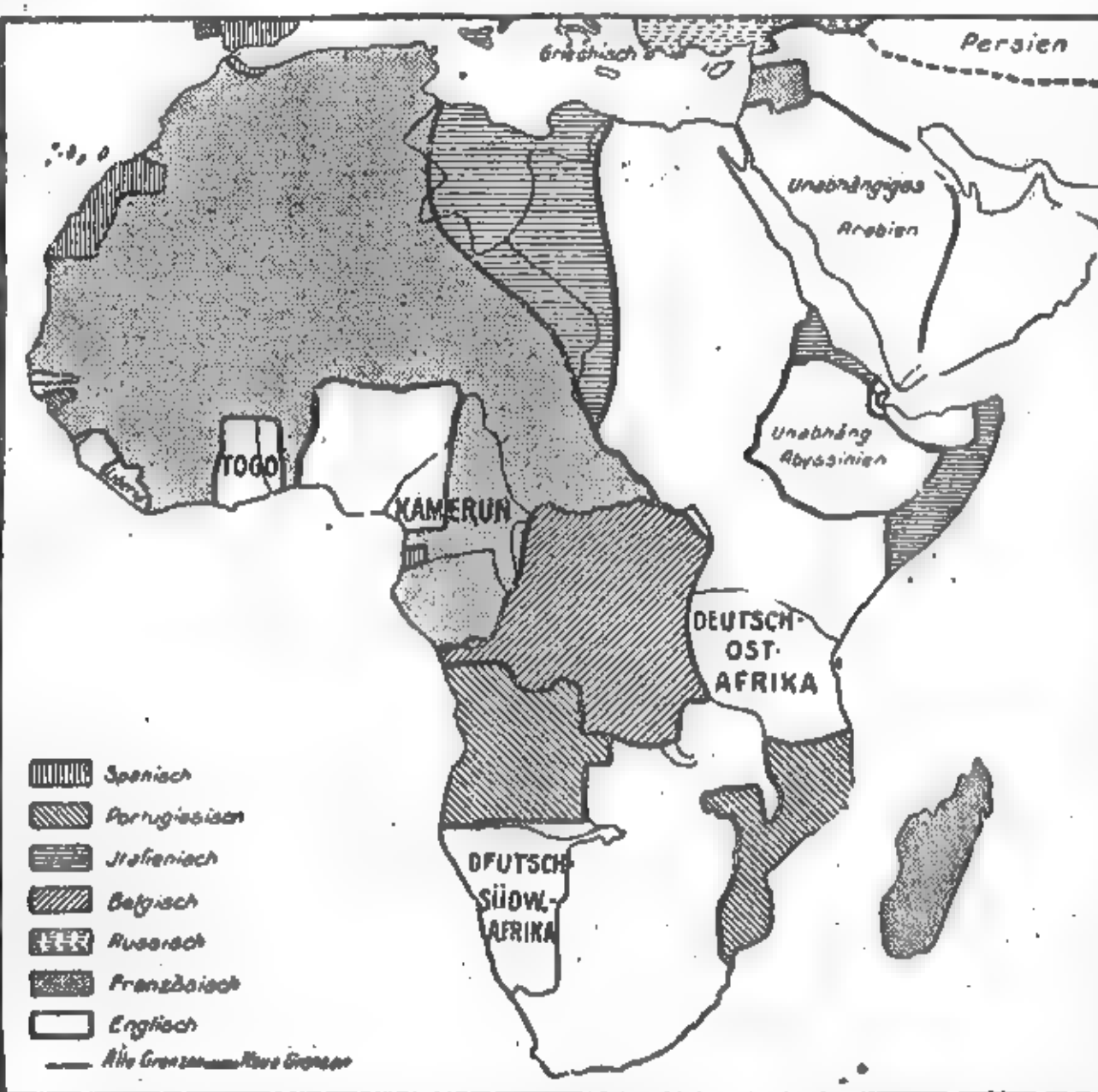
•
• •

Ouvimos hontem uma perigosa discussão sobre este assumpto: — quem mais vale, os revolucionarios de cinco de outubro ou os de quatorze de maio? Adduziram-se razões em quantidade a favor de uns e de outros, não chegando, porém, a certezas. Duvidas, duvidas e duvidas.

Felizmente que o nosso povo é o pendulo da prudencia e do bom senso.

DEPOIS DA GUERRA

A partilha da Africa

Segundo as prophecias de sir Harry Johnston, na Real Sociedade Geographica de Londres

Do futuro mappa da Africa, desapparecem todas as colonias allemãs. Togo e parte do Kamerun ficam para a Inglaterra, bem como a Deutsch-Sudw Afrika (Sudoeste allemão) e a Deutsch Ost Afrika (Africa Oriental Allemã). A França alem de uma parte do Kamerun, adquire alguns territorios na Tripolitania e na Asia Menor, da qual grande parte cae sob o dominio russo. Na Africa ficam apenas, independentes, a Liberia e a Abyssinia; parte da Arabia fica egualmente independente. Este curioso mappa representa a realisação do sonho imperialista de Cecil Rhodes, que consistia em ligar o Egypto com a colonia do Cabo.

Zeitbilder, supplemento illustrado da *Vossische Zeitung*, publica no seu n.º 36 a carta africana que acima reproduzimos, e que por sua vez foi buscar á revista da Sociedade Geographica de Berlim. A illustração allemã acompanha o mappa com as seguintes linhas:

«A Real Sociedade Geographica de Londres, que vive em intimas relações com o estado maior inglez, julgou necessario dedicar uma sessão especial em 24 de fevereiro de 1915 á *prevista* partilha das colonias allemãs, depois de terminada a guerra. O conferente, Sir Harry H. Johnston, é um profundo conhecedor da Africa, a cuja exploração se dedica desde o anno de 1879, e tem concorrido bastante para o alargamento do dominio inglez. Ultimamente foi consul geral em Tunis e no protectorado da Uganda. Johnston, cujo discurso foi transcripto na revista da Sociedade Geographica de Berlim, teve, apesar da Guerra, a franqueza de concordar com as razões que levaram a Allemanha a fundar colonias e, no seu discurso, não duvidou mesmo reconhecer os extraordinarios serviços prestados pela Allemanha na exploração da Africa, o que justificou as suas acquisições.

«Apesar d'isso, na sua opinião, a Grã-Bretanha deve aproveitar esta guerra para tirar á Allemanha todas as colonias, visto que o perigo dos allemães se installarem em todo o norte africano se tem tornado cada vez maior. A posse do norte de Africa teria collocado a Allemanha em condições de poder facilmente interceptar o caminho inglez para a India e de ameaçar a navegação para o Cabo, Indias Occidentaes e America do Sul. Johnston emitte a opinião de que, com a guerra actual, a Allemanha teria sob o seu dominio em 1910 um imperio de mais de 8 milhões de kilometros quadrados, adquirido com indemnisações em dinheiro e trocas territoriaes com potencias europeias, tanto mais que a França com certeza gostaria de trocar todas as suas colonias do Congo pela posse da Alsacia e Lorena. (Isto privaria naturalmente a Allemanha das suas mais importantes minas de ferro, enfraquecendo-a como concorrente industrial da Inglaterra, sem falar no enfraquecimento das suas fronteiras do lado da França)».

No mappa que acompanha estas linhas reproduzimos a carta de Johnston, onde as colonias allemãs desapparecem conquistadas pela Inglaterra. Os traços mais finos representam as fronteiras actuaes, os mais grossos são as fronteiras futuras. A Inglaterra dominaria pois toda a Arabia, a Mesopotamia, o sul da Persia; a Russia receberia a Asia Menor e a Armenia, para a França iria uma pequena parte do Kamerum (visto que a maior ficaria naturalmente para a Inglaterra); á Italia caberia uma parte do deserto na Tripolitana.

«A conferencia de Johnston produziu, como é de suppôr, um jubilo enorme, visto o presidente da Sociedade, no final, se ter referido emphaticamente á «passagem de um pesadello para um bello sonho». Os nossos exercitos cuidarão de fazer com que todo isso não passe de um bello sonho.»

A'parte a ameaça que se contem nas ultimas palavras acima traduzidas, que por sua vez os exercitos alliados, cuidarão de fazer com que não passe de ameaça, não se póde negar um vivo interesse no assumpto, que tão de perto nos toca.

Como se vê, as colonias portuguezas são conservadas, e só a Allemanha desapparece do mappa africano. Vê-se no emtanto que o auctor da carta que reproduzimos fiz passar para a União Sul Africana uma parte do nosso territorio do sul de Angola, que corresponde pouco mais ou menos á região do Cubango e do Cuatir. O enclave de Cabinda não figura tambem na carta.

E' certo que a Inglaterra, logo no começo da guerra europeia, nos garantiu a integridade colonial, mas nunca será demais todo o cuidado, a fim de que se evite a formação de quaesquer correntes de opinião ás quaes venhamos a ter de sacrificar uma só parcella que seja dos nossos territorios, quer continentaes quer ultramarinos.

«Historia Illustrada da Grande Guerra»

Dividido em volumes, cada um dos quaes com cerca de 200 paginas, de modo a formar um livro portatil, economico, elegante e de facil encadernação, o folhetim que vimos publicando *Historia Illustrada da Grande Guerra* tem alcançado grande exito.

O primeiro volume abrange desde março a 15 de abril, tendo 184 paginas, o segundo de 16 de abril a 3 de junho, com 186, o terceiro de 4 de junho a 20 de julho, egualmente com 188 paginas, e o quarto de 21 de julho a 3 de setembro, com 180 paginas, sendo todos os volumes profusamente illustrados. Na administração d'*A Capital* são immediatamente satisfeitos todos os pedidos, quer da collecção completa, quer de qualquer numero de exemplares do jornal, que venham acompanhados das respectivas importancias.

Pelo telegrapho

A lucta entre os russos e os austro-allemães

PETROGRADO, 8.—Official. — As regiões de Riga e Dwinsk não soffreram alteração. Ao sul de Friedrichstad os ataques inimigos foram destruidos. No medio Niemen o inimigo continua a desenvolver as operações de Grodno nas direcções de leste e sueste. Nas regiões do caminho de ferro de Kovel a Sarny a nossa cavallaria deu audaciosas cargas proximo da villa de Volochki, prendendo trez officiaes e 150 soldados. Travaram-se renhidos combates na margem direita do Styr superior.

Em consequencia da pressão de consideraveis forças inimigas recuámos para posições mais firmes.

As offensivas inimigas na região de Tarnopol foram repellidas.—(Havas).

As operações italianas contra os austriacos

ROMA, 7.—Official. — Destruimos a serração e a fabrica electrica de Lenzumo. Repellimos um forte ataque nas vertentes de Seibusi e Monte Nero, sendo graves as perdas inimigas. O inimigo bombardeou San Pietro Isonzo, Casseliano e Monfalcone, fazendo algumas victimas na classe civil.—(Havas).

A TERRA FARTA

O Algarve e as suas industrias

PRAIA DA ROCHA, 6.—No Algarve ainda ha moiras... A lenda materialisou-se, tomou corpo, ganhou vida e veio, afinal, nove seculos decorridos, mostrar-nos em toda a frescura da sua graça e da sua belleza as virgens de longas tranças macias que por ella perpassam em cortejo, como um bando de archanjos a caminho da suprema bemaventurança... O Algarve ainda tem moiras que deixam cahir pelos hombros esbeltos os compridos cabellos negros e espalham, na luz quente do seu olhar, em volta de si, a graça dos movimentos cheios de harmonia e a das suas vestes cheias de exotismo e de misterio. Quem fez o milagre d'esta resurreição prodigiosa? O Congresso. Quem trouxe assim até nós, de tão longe, um pedaço de tradição, para a fazer reviver e para a fazer amar? O sr. Magalhães Barros.

Já tive occasião de dizer que a exposição de productos algarvios, que é como que a justificação do Congresso, não vae além de uma interessantissima iniciativa. Entretanto, ha n'esse certamen regional alguma coisa que, não sendo uma promessa, representa uma bella affirmação de actividade intelligente, de energia pratica, de intemerata e inquebrantavel tenacidade. Esse alguma coisa é a barraca do sr. Magalhães Barros. Eu não sei se o conhecem... Não ha ninguem mais amavel nem menos affectado. Não encontrei nunca quem, como esse rapaz meopo, nervoso, por vezes *fócade*, saiba ser tão bom um industrial, um commerciante e um *gentleman* ao mesmo tempo. Foi hontem á noite que o encontrei no seu pavilhão, dando indicações, fornecendo esclarecimentos, dirigindo a venda dos seos productos e semeando, para todos os lados, na sua voz pouco timbrada, palavras amaveis, sem reparar em que mãos ellas iriam cahir.

E então conversámos. Junto de nós, tomando parte na palestra amiga travada sob as lonas do tecto, a dois passos da multidão, alastrava sobre o seu banco arabe de authentico e nobre castanho de Monchique, em califa de Fps. Largas e ondulantes vestes brancas cobriam um tronco de gigante, dando-lhe todo o aspecto de um arabe civilisado e culto. Mais além, n'outros bancos semelhantes, tres senhoras resuscitando o traje tradicional da moira medieval iam ouvindo o que se dizia e polvilhando de vez em quando a conversa com observações e commentarios cheios da mais graciosa leveza. Na barraca recortada em arcarias finas, o sr. Magalhães Barros não se limitava a fazer uma banal exposição dos seus productos. Isso seria pouco. Seria quasi nada, porque ter-lhe-hia sido facilimo.

Fez mais. Reconstituiu, creou, soube attrahir sobre a sua installação o interesse de todos. Como? Rehabilitando, em plena terra algarvia, a *juppe culote*, transformando a saia calça n'um objecto de extrema curiosidade e dando ao povo algarvio, que é arabe, uma admiravel lição de coisas. E' que as moiras do sr. Magalhães Barros teriam facilmente vencido em gentileza e em garbo as authenticas princezas da moirama se ellas, n'estes dias febris que a Rocha vem vivendo, houvessem tido o capricho estranho de se fazerem vendedeiras de figos passados á porta do Casino.

E emquanto conversamos o sr. Magalhães Barros vae-me dizendo o que é a industria do Algarve. O peixe tem preparadores eximios que, mercê da excellencia das suas marcas, conquistaram de ha muito mercados que já agora ninguem se atreve a disputar-lhes. As fructas vão agora começar sendo regularmente exploradas. E' a sua hora gloriosa que se approxima. Deixae-a chegar, prometedora e attrahente, envolta em hymnos e coroada de rosas...

—O Algarve, diz-me o sr. Barros, pode comparar-se a uma grande officina que se prepara para labutar, para produzir. As suas riquezas por aproveitar hão de valorisar-se dentro em pouco. O que é preciso é ter fé. O que é necessario é persistir, teimar e teimar sempre. Ha tres annos apenas que sou industrial. Pois bem: devo dizer-lhe que não tenho razão de queixa. O que produzo? Como o produzo? Foi para o dar a saber que vim a esta exposição. Os meus productos estão para ahi á vista de todos. E creio que não me envergonham...

Percorro rapidamente a installação. Ha de tudo. Conservas de peixe as mais variadas, doces, estes divinos doces algarvios que não teem, em Portugal, outros que os egualem; fructos seccos, figos passados em latas, vinhos licorosos, cuja côr parece ter sido roubada ao rubim sangrento, tudo, emfim, quanto um rico lavrador e um industrial emprehendedor podem arrancar das suas terras e das suas fabricas. E fico sabendo, no pouco tempo que me abrigo n'esta mesquita onde o trabalho tem o seu mais completo triumpho e onde a lenda humanisada veiu até mim para me fazer reviver um pouco da vida que, talvez n'este mesmo sitio, ha uns poucos de seculos se viveu, que se o Algarve um dia puzesse em acção todos os seus elementos de vida seria a mais bella, a mais sumptuosa e a mais rica de todas as provincias portuguezas.

A' saida, abre-se uma garrafa de vinho de 1880. Prova-o com recolhida devoção. Tinham-me falado já muito d'elle e não é sem um ligeiro sobresalto que levo aos labios gulosos o calice em que o nectar d'oiro ri. Fico deslumbrado com semelhante preciosidade e pergunto a mim mesmo como é que pode haver quem reclame ainda, para uma só região portugueza, o exclusivo do fabrico dos vinhos licorosos. Não, não entendo. E' que este velho Algarve do sr. Magalhães Barros pode, triumphantemente, bater-se com vinhos do Porto reputados dos melhores. E custa, afinal, apenas um crusado cada garrafa...

Adelino Mendes

126:000 contos em ouro

Gastará a França para ter pão até á futura colheita

Quanto a cereaes e vinho, o corrente anno agricola é um dos peiores que n'estes ultimos seis lustros a França tem conhecido, devido ás más condições climatericas que nos fins da primavera e principios do estio de 1915 se produziram nas suas regiões do sul, sudoeste e centro.

Os trigos, que a principio se mostravam prometedores, sobrevindo-lhes as humidades de junho e julho, que terrivelmente encheram de «mildium» as vinhas, pouco produziram por estarem então os bagos em via de formação, e assim a colheita de este anno foi inferior á do ultimo anno em quatorze a quinze milhões de quintaes metricos, recolhendo-se apenas sessenta e cinco milhões.

Se procurarmos a média da producção nos cinco annos decorridos de 1910 a 1914, vêmos que esta foi de 82.756.000 quintaes; juntando-lhe o trigo importado no mesmo periodo, sobe aquella a 97.108.000 quintaes. Tal foi a média annual da quantidade de trigo de que a França dispoz n'este ultimo lustro.

A colheita do anno passado, 79.300.000 quintaes, sommada com as importações feitas no ultimo semestre de 1914 e nos primeiros seis mezes de 1915, 14.727.000 quintaes, mostram-nos que durante o primeiro anno da guerra teve a França para seu consumo um total de trigo de 94.027.000 quintaes metricos.

Está officialmente calculado que as sementeiras absorvem oito a dez milhões de quintaes de trigo, mas tambem está reconhecido que o consumo alimentar não esgotta nunca a totalidade do trigo posto á sua disposição, e que quando uma colheita entra, isto é, no decorrer do mez d'agosto, ha sempre em França trigo sufficiente para abastecer a população durante um mez a mez e meio. Com effeito, em 15 d'agosto passado dispendiam os francezes ainda de 10 milhões de quintaes de trigo nos celleiros de todo o paiz.

Ora como a colheita d'este anno foi mais fraca, e se, como é natural, as necessidades do consumo se mantiverem as mesmas, isto é, 94 milhões, numeros redondos, menos os 10 milhões existentes, terá a França que importar uma quantidade de trigo superior á que importou no anno passado, que subirá a vinte milhões de quintaes, para se alimentar até á colheita de 1916.

E vinte milhões de quintaes de trigo custar-lhe-hão a bagatella de 108.000 a 126.000 contos em ouro.

A situação no Mexico

PARIS, 8.—Telegrapham de Washington ao «Petit Parisien» que a tensão com o Mexico se aggravou, estando mobilisadas tropas em Texas e nas fronteiras.—(Havas).

Estylo allemão, basofia allemã

Uma «rica colheita» — «Abundancia de carne»

Os allemães fazem uma larguissima propaganda em jornaes, folhetos e folhas soltas, que imprimem em Hespanha e em hespanhol. Esse «serviço de informações» está montado em Barcelona. E' typico o estylo adoptado. Ao noticiarem que já cahiram nas suas mãos dois milhões de prisioneiros de guerra, consideram o facto uma «rica colheita», accrescentando que «nenhuma abundancia de carne humana podia reparar estas perdas havidas durante a guerra».

Nas suas papeletas, dizem os allemães que uma casa commercial de Francfort recebeu uma carta procedente dos Estados Unidos que passou por um paiz neutral e por casualidade não cahiu nas mãos da censura ingleza, chegando ao destinatario sem ter sido aberta. N'essa carta encontrou pegada uma ficha impressa a encarnado com estas palavras:

«A' censura ingleza: Podeis os senhores confiscar esta carta, se quizerem, mas não poderão deter todas as copias da mesma. Podem destruir um milhão de cartas e deter milhares de barcos neutraes mas não poderão deter a verdade na sua marcha atravez do mundo. Não intentem os senhores seccar o oceano em papel mata-borrão! Quanto mais procurem occultar que o seu paiz está decadente, tanto mais reconhecerá o mundo que a «potencia britannica» apenas é o maior «bluff» que tem existido.»

Como se sabe, os allemães são numerosissimos nos Estados Unidos e devem ser elles e não os norte-americanos quem se entretem com semelhantes [illegible].

INTERESSES DE CABO VERDE

O estado da viação ordinaria

O que dizem as estatisticas officiaes e o que é a verdade

A estatistica official de 1914, referindo-se á viação ordinaria por districtos em Cabo Verde, dá como construidos 216 kilometros de estradas, 8 kilometros em construcção e 31 kilometros estudados. Isto é tudo quanto ha de menos verdadeiro.

Em primeiro logar, só a partir de 1911 se começa em Cabo Verde a construcção de estradas carreteiras, cujo leito é de terra, mas, obedecendo as curvas, rampas, drenagem de aguas, etc., aos systemas adoptados para a construcção de estradas macadamizadas. Mas, analysemos as estatisticas. Figura em primeiro plano a ilha de Santo Iago, com uma estrada principal da Praia ao Tarrafal com 50 kilometros. E' claro que devia existir uma estrada principal na ilha de Santo Iago, mas de facto não existe. Vejamos o que lá existe: ao sahir do Mont'Agarro, ha a descida da Boa Vista, com 25 por cento de declive, calcetada á portugueza, e em que o abaulado do leito é tão exaggerado que leva os carros de encontro ás valetas e continua a seguir aquillo a que se chama estrada entra n'um leito de ribeira onde a altura da areia difficulta extraordinariamente a passagem dos vehiculos, chegando-se, emfim, á Villa Nova; d'aqui a estrada vae á meia encosta, e uma variante executada em 1911 não foi feita porque para encurtar não diminuiu a percentagem total das rampas para o que devia ter ido, facilitando a passagem de carros com cargas, que ainda hoje gemem para vencer aquella primeira subida.

Do antigo mussa-pé do Monte Agarro, estão os viandantes hoje livres: em Ribeirão Chiqueiro fez-se em 1911 uma outra variante, cujo fim pratico, difficil se torna justificar: ao sahir d'este povoado, fez-se uma nova variante para a Nora, que é, aliaz, a unica cousa justificavel da revolta das obras publicas de 1911. Ao longo do valle de S. Domingos, não se attendeu em absoluto á drenagem das aguas, percorrendo-se enormes extensões da estrada sem encontrar o mais simples aqueducto ou pontão que dê vasão ás enormes quantidades de agua que affluem á valeta esquerda da estrada, e que inundam e rompem o leito da estrada todos os annos na epoca das chuvas. Em compensação em S. Domingos foram feitas duas pontes em cimento armado, de 1911 a 1912: estão bem construidas, justiça é dizel-o, mas foram pessimamente projectadas: quem quer que o fez não esteve para se incommodar com calculos, e as quantidades de aço e beton empregados davam para outras tantas pontes; quer dizer que se fôssem conhecidas do publico as despezas feitas com aquellas pontes, julgar-se-hia que o beton armado que é hoje adoptado pela engenharia moderna em toda uma série infinita de trabalhos, é o mais caro systema de construcção conhecido, quando tal não é. Ao sahir de S. Domingos, ha a celebre subida do Gudin, com 20 a 25 por cento de percentagem, seguindo-se a descida para os Orgãos Pequenos, com percentagens eguaes, uma série infinita de curvas e contra-curvas apertadissimas, o que constitue um sério perigo.

Ao sahir dos Orgãos, ha a subida de João Góte, que chega a ter 30 por cento de rampas, com curvas tambem apertadissimas, e a estrada principal tem muito pouca largura. Até Santa Catharina a estrada offerece centenas de defeitos, quer de traçado em planta e em perfil, quer no que diz respeito á vasão de aguas, que foi em muitos sitios absolutamente descurada. De Santa Catharina para o Tarrafal não ha estrada alguma, havendo sim um estreito caminho de cabras. Da Achada Alem para o porto da Ribeira da Barca é que existe um troço de estrada carreteira com 9 kilometros que foi construido de 1911 a 1913 e está nas melhores condições possiveis. Ninguem reconhece em Santo Iago mais um palmo de qualquer coisa a que se possa chamar sequer, um caminho carreteiro. Mas a ilha de Santo Iago merecia ter uma estrada capaz, de fórma a poder transportar para os portos de mar os seus productos da agricultura e da industria. Segundo as estatisticas officiaes o movimento de entrada e sahida de mercadorias foi em 1913 o seguinte: Praia 8.943 toneladas; Tarrafal 946 toneladas; Ribeira da Barca 2.989 toneladas; Pela unica via mais ou menos carrossavel que Santo Iago possue, só podem transitar carros de bois, que conduzem escassos 200 kilogrammas de carga. Veja-se por quanto fica a tonelada-kilometro, de productos que transitem n'aquella ilha: Da Praia a S. Domingos, 17 kilometros, $23 por tonelada e kilometro; aos Orgãos, 25 a 27 kilometros, $43; aos Picos, 34 kilometros, $58; a Santa Catharina, 40 kilometros, $60. De Santa Catharina á Ribeira da Barca, 17 kilometros, $17 por tonelada e kilometro.

Aqui está o que é a rêde de estradas da ilha de Santo Iago, que apparece na estatistica official como tendo 90 kilometros de estradas.

A ilha do Fogo, figura na estatistica como tendo o melhor de 75 kilometros de estradas. Quer dizer que officialmente uma estrada é um caminho de cabras: está bem. Pois no Fogo, ha dois annos é que se começou a fazer um troço de estrada da villa de S. Filippe ao porto da Barca Baleeira, mas que ainda não está concluida. Fóra d'isso o que lá ha são uns carreirinhos, seguindo ao sabor das inclinações da terra, cheios de pedregulhos, por onde muitas desgraçadas almas penadas teem de transitar em cumprimento de penas, emquanto os algozes se recostam nas preguiceiras. Pois a estatistica official mostra que a ilha do Fogo teve em 1913, um movimento de entrada e sahida de mercadorias, de 1.109 toneladas.

Quanto não custará uma tonelada de mercadorias, transportada do interior para o porto e vice-versa, ás costas de homens ou em burros que não podem ser carregados com mais de 40 kilos?

O progresso em Cabo Verde é o será ainda por muitos annos de duvidoso exito, por causa dos que contra elle se oppõem como a muralha da China.

A ilha Brava, é apresentada na estatistica como tendo 8 kilometros de estradas. Não tem nada d'isso. Tem um caminho amplo, que liga o porto da Furna á séde do concelho, só accessivel a peões e cavalleiros, dada a percentagem das rampas, que não permitte a circulação de carros. Ha pouco se fez um troço de estrada com 2 kilometros, para um dia chegar a ligar a séde do concelho com a freguezia rural do Monte. Mais nada. Todavia a Brava teve um movimento de mercadorias em 1913, de 1.656 toneladas que tem de ser transportadas por homens ou mulheres para a séde do concelho. Como se vê, mesmo nas ilhas no apogeu da civilisação como esta, não se pensa em progressos.

A ilha de S. Vicente, figurava como tendo 10,30 kilometros de estradas. Tem ella effectivamente isso e tem hoje muito mais, com a construcção mais ou menos bem acabada da estrada para Viana, futura séde da estação de T. S. F. Mas, é de leito de terra, como a do Lazareto e a do Matto Inglez. Ao todo S. Vicente tem hoje 21 kilometros de estradas carreteiras. E' evidente que o movimento para o interior da ilha, resume-se no transito de passageiros apenas, porque no interior da ilha ha já hoje innumeras casas de veraneio dos mais ricos dos seus habitantes portuguezes e inglezes, que desde ha muito pediam a construcção de estradas para com todo o commodo se dirigirem a essas residencias. O que falta n'esta ilha é terminar a estrada para o Monte Verde, que poderá então permittir aos passageiros que desembarquem no porto, um lindo passeio de tiberia, ponto mais alto da ilha d'onde se disfructa um soberbo panorama.

A ilha de Santo Antão, é apresentada como tendo em 1913, 20 kilometros de estradas. N'esse tempo não os tinha: o que a estatistica diz ser uma estrada da Ponta do Sol ao Paul, é um caminho ordinarissimo, accessivel a peões e a bons cavalleiros. Hoje a ilha possue já dois troços de estrada que partem dos Carvoeiros, futura séde d'uma circumscripção administrativa: um troço dirige-se ao Larajo, e tem já construidos 20 kilometros; o outro dirige-se ao planalto do Paúl e tem construidos 11 kilometros. Pena é que na estrada dos Carvoeiros ao Laranjo, se tivessem respeitado crassos erros do projecto, que influirão n'um bom anno de chuvas para que a estrada seja cortada em varios pontos, porque, n'umas largas ribeiras não se contou com o volume d'agua nas cheias e consequentemente as obras feitas não dando debito á corrente, destruirão a especie de dique que o aterro da estrada fórma: isto dá-se na ribeira do Bufador: n'outras ribeiras passou-se com a estrada em escavação cortando transversalmente o leito da ribeira, e em tempo de cheias a estrada ficará destruida uma parte, sepultada outra: é o que se nota na Ribeira da Praia Grande. Tempo e dinheiro que se atirou fóra, querendo economisar-se onde economia não havia.

Nada mais em Santo Antão, onde as estradas ou funiculares aereos seriam precisos para transportar para os portos de mar os variadissimos productos das ferteis ribeiras d'essa ilha.

A ilha de S. Nicolau, figura como tendo em 1913, 7 kilometros de estradas. Tem dois kilometros feitos de 1911 a 1912. A séde do concelho dista do porto de mar 7 kilometros, e as 1.170 toneladas de mercadorias que são importadas ou exportadas, não podem ser transportadas em carros porque se não cuidou do rapido acabamento d'essa estrada.

Nas restantes ilhas o progresso ainda não lhe deu, nem simples caminhos carreteiros.

Apreciem os nossos leitores a consciencia com que se apresentou uma estatistica, e como se altera a verdade sem responsabilidades.

Armando Xavier da Fonseca

O horario do trabalho na industria

A importancia do inquerito da União Operaria Nacional

—Quaes foram as causas que levaram a União Operaria Nacional a fazer um inquerito ao horario de trabalho na industria?

—Uma circular dimanada da repartição do trabalho industrial e dirigida ás associações de classe a fim de obter informações para o governo que o habilitem a adoptar no regulamento da lei do horario de trabalho na industria a solução mais conciliadora.

Isto nos respondeu um delegado da União Operaria Nacional, quando o interrogámos ácerca das deliberações tomadas pela União Operaria Nacional para se obter a formula pratica e média, que alcance o maior numero de adhesões.

—Tem probabilidades de conseguir o seu objectivo?

—Cremos que sim, visto que o questionario por nós formulado foi enviado a todas as associações de classe do paiz.

—E suppõem que poderão dar uniformidade ao resultado dos seus trabalhos?

—Assim o suppomos embora as condições de trabalho sejam muito variaveis nos diversos pontos do paiz, mas faremos todo o possivel para o coordenar conscienciosamente, dando-lhe probabilidades de poder ser se não de todo utilisado, pelo menos tido em consideração. Comprehende quanto tino pratico e bom senso é necessario empregar para obter o fim desejado.

—O questionario formulado pela União Operaria Nacional tem por fim apenas interesses immediatos no respeitante ao horario de trabalho na industria ou tambem se refere a futuras aspirações?

—E' evidente que não convinha a um trabalho d'esta ordem ter uma acção restricta e sim o mais ampla possivel, pois de contrario o inquerito não corresponderia de um modo cabal ao fim que nos propuzemos.

O nosso desejo é dar um caracter collectivo ás aspirações proletarias e dar-lhe a que ellas possam ser viaveis n'um futuro mais ou menos proximo.

—A União Operaria Nacional confia na boa vontade do governo em resolver com equidade o problema do horario de trabalho na industria?

—Não temos uma confiança absoluta mas apenas relativa e, formulando o questionario, quizemos apenas provar ao governo que da nossa parte encontraria todas as facilidades para resolver o assumpto satisfatoriamente.

Proceder sempre com criterio tal é a nossa divisa, mas queremos ser considerados como uma força digna de apreço.

Protecção á infancia

Banhos a 44 creanças

A junta da parochia civil dos Restauradores participa a todos os parochianos pobres, que tenham filhos que frequentam as escolas, na edade dos 6 aos 12 annos e que precisem de banhos na colonia balnear do Lazareto por 15 dias, que devem fazer os seus requerimentos e entregal-os até ao dia 15 do corrente na: rua da Praça da Figueira, 26, rua do Amparo, 51, rua Nova do Amparo, 22, e rua do Amparo, 36.

PROBLEMAS NACIONAES

Centralismo e regionalismo

Os parlamentos provinciaes devem substituir as juntas geraes de districto

A creação de districtos administrativos, com que se substituiu a antiga divisão de provincias, inspirou-se em propositos centralistas, visando a restringir as iniciativas locaes e tendo como consequencia o exercicio d'uma tutela absolutamente opposta ao verdadeiro espirito democratico. Semelhante herança apenas pode ser prejudicial ao regimen que nada fará com as juntas geraes de districto, que desviam o povo da administração publica e adormecem o sentimento regional.

Enervar o povo, tirar-lhe a noção exacta da missão que tem a cumprir foi n'outros tempos um dos maiores cuidados do poder. A escravatura politica, creando os carneiros de Panurgio, doceis ao cajado dos maus pastores politicos, trouxe a inercia esterilisante que caracterisou o regimen deposto.

Por todo o Paiz se esboça um anceio forte de progresso; todos desejam collaborar na obra da nossa regeneração economica e financeira por meio de um largo fomento economico. Como aproveitar as energias latentes senão com um organismo moderno, que condense e concentre o sentir geral, evitando assim as perturbações que a diario se registam? O systema federativo tem raizes seculares na Suissa, tanto mais para estranhar, quanto é certo que os aggregados sociaes que formam esse paiz são heterogeneos e divergentes, quer pela lingua, quer pelos seus costumes tipicos e regionaes.

A Suissa deve a sua independencia á liberdade e autonomia cantonal ou provincial, que permitte a todos os cidadãos da republica helvetica viverem com as ideias mais diametralmente oppostas sem se atropelarem no livre exercicio dos seus direitos e no cumprimento dos seus deveres.

A Republica Portugueza, unitaria, conservadora e centralista, segue nas suas linhas geraes as velhas normas quanto aos agrupamentos politicos constituidos, havendo apenas a mudança nas personagens.

• • •

A nossa Constituição tem erros e defeitos organicos fundamentalmente graves, pois que anormaliza todas as actividades politicas.

Se na organisação administrativa que aconselhamos as camaras municipaes seriam compostas de delegados das juntas de parochia, entendemos tambem que os parlamentos provinciaes devem ser compostos de delegados dos municipios. Por esta fórma, os defeitos da politica partidaria, pela federação das juntas de parochia formando o municipio e pela federação municipal creando o parlamento provincial, desappareceriam, com o que o paiz muito teria a lucrar.

O parlamento nacional, a nossa camara de deputados, transformar-se-hia lentamente devido á acção regionalista ou provincial; *Qui fuera cela.* Isto matará aquillo. O regionalismo matará o centralismo. A' nossa organisação administrativa caduca succederá outra mais racional e logica, compativel com as aspirações modernas.

Assim como se organisam os nucleos associativos populares, se devem organisar tambem os nucleos constituidos por aldeias, villas, cidades e provincias até á nação. Procurar os pontos de contacto que a todos nos devem ligar pela solidariedade dos individuos como dos agrupamentos que elles constituem é a orientação mais propria a seguir e a que se coaduna com o nosso caracter ethnico e psichologico.

As juntas geraes de districto são verdadeiros abafadores do sentimento regional, que em vão se pretende apagar.

Renasce, como a lendaria fenix das proprias cinzas, creado e alimentado pelos interesses communs, que se torna necessario oppor ás invasões dos barbaros centralistes, que profanam e conspurcam tudo, sem respeito de especie alguma pelas tradições seculares dos povos, que amam ardentemente a sua liberdade e independencia.

O despertar regional do sul é o alarme lançado nos arraiaes politicos proclamando o seu fim proximo. Como um clarim vibrante, chama e reune os elementos despertos, a fim de lançarem as bases solidas em que deve assentar a constituição abrindo uma nova era de liberdades populares e regalias administrativas.

E' a revolução pacifica feita sem canhões nem fusilaria viva nas ruas. A Republica portugueza tem fatalmente que enveredar por este caminho senão quer que lhe succeda o mesmo que á Republica hespanhola: dividida intestinamente pelas luctas politicas de Salmeron, Castellar e Pi y Margall que deram causa ao golpe de Estado do general Pavia e á restauração da monarchia em Sagunto.

Basta de insensatez. Sigamos roteiros seguros que nos conduzam ao fim ambicionado que é a nossa prosperidade economica e o nosso equilibrio financeiro.

Precisamos desenvolver as industrias que jazem adormecidas uma lethargia inquietadora, bastar-nos a nós mesmos nos nossos recursos economicos por um trabalho persistente e tenaz, mas para isso necessitamos de socego. Nunca é tarde demais para assentarmos n'uma acção purificadora de procedimentos politicos e sociaes, que tenham em vista um largo ideal de perfectibilidade, provando á evidencia que somos um povo progressivo, intelligente, com espirito de ordem e amor ao trabalho.

Matheus Reivo

Problema resolvido

Varias pessoas d'este paiz, sabedoras de que o *professor Deranapoff* dá consultas a quem as solicitar, sobre sciencias occultas, dirigiram ao notavel propheta perguntas sobre o que de mais importante aconteceria no mez de setembro em Portugal, e o sabio respondeu o seguinte:

—Mortal! Tendes quasi a vida feliz. Falta-vos apenas que a guerra acabe e uma grande parte da população se cure de doenças que a martirisam. Como o podereis conseguir? Para a ultima tendes em vossas mãos o remedio. Dispondo-vos a fazer uso da Agua Caldas Santas, de Carvalhelhos, que são infalliveis em todas as molestias de pelle, figado, estomago, rins, bexiga, intestinos, etc. Effeitos assombrosos no artritismo. Esta Agua tem sido o assombro do mundo scientifico. E' a mais radio-activa do paiz e muito mais do que Evian, Vitel, Contrexeville, etc. Depositarios: Mario de Lima Netto, largo de S. Julião, 12, 1.º, D, Lisboa: Dourado Carvalho Irmãos Limitada, praça da Liberdade, 133, 1.º, A, Porto.

Tambem se vende a copo, em garrafas e garrafões na Tabacaria Serrano, rua do Ouro, n.º 26, Lisboa.

ULTIMAS NOTICIAS

A questão do peixe

Entra em vigor a nova tabella

MULTAS E CONFLICTOS

O caso do dia na cidade foi hoje a tabella reguladora para a venda do peixe fresco.

Nos mercados da Ribeira Nova e Praça da Figueira notou-se desde manhã uma agitação desusada, havendo grupos, discussões, gritaria e até de vez em quando um ou outro conflicto pessoal promptamente suffocado.

A' hora das primeiras lotas a policia destacada para fiscalisar rigorosamente as vendas, segundo a tabella já publicada, começou percorrendo os mercados obrigando os intermediarios entre as emprezas e vendedores a respeitar os preços fixados que não podiam sob pretexto algum exceder.

Ora se algumas peixeiras estavam dispostas a cumprir as ordens policiaes, outras houve, porém, que a breve trecho alteraram os preços a seu bel-prazer provocando conflictos varios e prolongadas altercações a que os agentes da auctoridade se viam obrigados a pôr cobro, impondo multas e effectuando prisões. Estes factos repetiram-se com mais frequencia no mercado da Ribeira Nova e largo do Poço do Borratem, immediações da praça da Figueira. N'algumas ruas da cidade as scenas de altercação entre compradores e vendedeiras repetiram-se ainda. Se a policia ali de giro comparecia estava sanado o conflicto; mas em caso contrario, era ouvir as peixeiras, canastra á cabeça, braços na cintura, vociferando palavrões e obscenidade de fazer corar um carrejão.

Sobretudo, para os lados do Chafariz de Dentro era um chuveiro de provocações sujas e de gestos bem pouco limpos.

De tarde, pelas 15 horas, na Ribeira Nova, o caso tomou proporções assustadoras taes foram a vozearia e a confusão que se estabeleceu.

A essa hora, chegara ao mercado mais uma giga de sardinha que o pregoeiro Arthur Martins se propunha leiloar. Eis senão quando o cêrco das peixeiras, em volta, se apertava cada vez mais, até n'um dado momento cahirem todas sobre ella. O Martins para se defender do apertão deu no mulherio um empurrão formidavel. Houve correrias, insultos, improperios, todos falando e gesticulando como possessos sem ninguem se entender. A augmentar a barulheira deu-se o caso d'uma das varinas, Maria de Oliveira, da travessa das Isabeis, 15, se encontrar estendida por terra, a espernear com um violento ataque de nervos. Passado este e serenados os animos tudo voltou á normalidade, indo para ali mais agentes a fiscalisarem as lotas.

Nos mercados de Alcantara e Belem a tabella foi rigorosamente cumprida, apenas havendo ligeiros conflictos sem importancia de maior.

Na Praça da Figueira, já de tarde, foi multado em dez escudos o vendedor José Carlos de Azevedo, por ter vendido dois pares de sardas por oito centavos quando a devia ter feito por 5, o maximo, como estipula a tabella.

Depois das 16 horas a policia viu-se obrigada a prohibir a venda do peixe por lota, para evitar mais conflictos e poder mais facilmente obrigar as vendedeiras a respeitarem strictamente os preços fixados e já publicos. As prisões effectuadas não foram mantidas.

NOTAS DIVERSAS

O conselho de ministros voltou a reunir hoje pelas 17 horas no ministerio da marinha.

—Foi hoje assignado pelo sr. presidente da Republica um decreto alterando as taxas das licenças para o exercicio da pesca.

—Uma commissão de pintores procurou hoje o sr. ministro do interior a fim de lhe pedir que aos delegados da Associação fossem fornecidos bilhetes de identidade, que os habilitassem a fiscalisar o cumprimento do regulamento do horario de trabalho.

A escola de aviação

estará prompta a funccionar dentro em breve

O sr. presidente do ministerio, acompanhado pelo pessoal do seu gabinete, capitão-tenente sr. Oliveira Muzanty, 1.os tenentes Athias e Villarinho, alferes Paula Pacheco, e pelo presidente da commissão de aviação, coronel sr. Hermano d'Oliveira, foi hoje pelas 7 horas, em automovel, a Villa Nova da Rainha visitar o campo de aviação.

As obras, que vão bastante adiantadas, devem estar concluidas dentro de um mez. As valtas foram já aterradas, os edificios, que foram construidos seguindo as modernas exigencias, são isolados uns dos outros, e as officinas, quarteis, cozinhas e «hangars» devem ficar promptos em breves dias.

O sr. dr. José de Castro teve palavras de louvor pela fórma como teem sido dirigidas as obras e pelo seu rapido andamento, regressando a Lisboa pelas 12 horas.

PEQUENAS NOTICIAS

Na enfermaria n.º 3 do hospital de S. José falleceu hoje Joaquim Marques Picarra, que ha dias foi aggredido no Campo de Santa Clara, á facada, pelos irmãos «Oariques».

—Entre os moedores de cereaes e a Nova Companhia Nacional de Moagem foi hoje perante o governador civil fechado o seguinte accordo: a Companhia attender em primeiro logar os interesses da referida collectividade.

HISTORIA ANTIGA

A VENDA DE PALAZZOLA

Nos tempos do senhor D. João V houve um papa que doou a Palazzola a um filho natural do senhor rei...

Foi approvado ha dias no parlamento um projecto de lei auctorisando o governo a vender por 65.000 liras o convento de Palazzola, situado a uns vinte e tantos kilometros de Roma, em frente da historica vivenda papal de Castelgandolfo.

Esse convento tem uma historia, que vale a pena contar em resumidas linhas. Nos tempos do muito poderoso senhor D. João V, o desvelado protector de madre Paula, estava em Roma, como ministro, o padre franciscano José Maria da Fonseca. As más linguas d'essa epocha diziam que o padre era filho natural do «senhor rei», e, talvez porque assim fosse, nunca lhe faltaram dobrões para uma larga munificencia em prol da Egreja. O papa, desejando mostrar-lhe um dia o seu reconhecimento, assignou uma bula em que lhe concedia, a elle e aos seus successores, a posse de varios bens, entre elles o famoso convento de Palazzola. Os annos passaram, passaram, até que um dia, desapparecido o poder temporal do papa, o governo italiano quiz assenhorear-se dos bens que pertenciam, mercê da antiga bula, ao Estado portuguez. Estabeleceram-se as démarches diplomaticas inevitaveis em casos taes e chegou-se a este accordo: Portugal ficaria com Palazzola a troco de renunciar aos outros bens que tinham sido concedidos, pela mesma bula, ao padre José Maria da Fonseca e seus successores.

Surgiu n'essa altura uma difficuldade. Os padres franciscanos, que habitavam o convento, recusaram-se ao pagamento de qualquer renda. Porquê? Explicavam, os bons dos frades, que o convento lhes pertencia—a elles, á sua Ordem, e não ao Estado portuguez. Pois não tinha o papa concedido a sua posse a um padre franciscano e aos seus successores? Ora, como os franciscanos não podem ou não devem ter filhos, os seus successores legitimos são os filiados na mesma Ordem... E assim se andou, um anno, outro anno, emquanto Palazzola, porventura magoada e aborrecida das tricas a que dava logar entre os padres e o governo, ia envelhecendo de dia para dia, sem que uma alma piedosa se lembrasse de a remoçar para as alegrias da vida... A Palazzina quasi se desmoronou, as paredes do convento abriram fendas que gritavam angustia, os paredões da matta ameaçaram ruina e até as flores do jardim principiaram de mostrar um tom amarellecido que só podia ser a tristeza do abandono.

Ao que dizem as pessoas intelligentes dos negocios publicos, foi isto que levou agora o governo a pedir auctorisação para aquelle mesquinho negocio das 65.000 liras. Mesquinho negocio, em verdade, porque dentro da Palazzola ha uma preciosidade archeologica que é, affirmam os entendidos, o mais notavel e maravilhoso de todos os monumentos antigos da Italia. E' o «mausoleu consular», edificado muitos annos antes de Roma ser fundada pelo seu primeiro rei—aquelle bellicoso Romulo que, se a lenda nos não engana, um dia desappareceu por entre uma tempestade. E depois, ainda as pessoas que conhecem Palazzola affirmam que não ha no mundo um pedaço de terra d'onde se aviste panorama mais grandioso e mais bello.

Ha de vender-se, tudo isso, por 65.000 liras? Se assim tiver de ser, se a penuria do Estado não lhe permittir gastar o indispensavel para reparar a velha Palazzola, ferra portugueza n'um recanto encantador da Italia, que, ao menos, ella seja vendida a um portuguez. Não haverá por ahi um homem de gosto e de dinheiro que queira dar-se ao luxo de possuir o velho convento que um papa doou ao filho do muito poderoso senhor D. João V?

Expedições a Angola e Moçambique

Preparando novas unidades para renderem as que regressam

Pela secretaria da guerra foi hoje expedida a seguinte circular aos commandantes das divisões:

Devendo brevemente ser rendidas parte das forças expedicionarias que se acham nas provincias de Angola e Moçambique e convindo reunir desde já todos os offerecimentos de officiaes e praças que desejam tomar parte nas expedições a enviar áquellas provincias, encarrega-me o ex.mo ministro da guerra de dizer a v. ex.ª o seguinte:

1.º—Que desde já seja feito convite a todos os officiaes (do quadro permanente e milicianos) e praças (do quadro permanente, licenceadas ou reservistas) de todas as armas e serviço do exercito para fazerem parte das unidades expedicionarias.

2.º—Que os offerecimentos dos officiaes, sargentos e artifices constem de relações em separado e por classes formuladas nas unidades e por estas enviadas directamente a esta repartição do gabinete, acompanhadas de qualquer declaração, requerimento ou nota de assentos, designando se n'ellas a provincia em que deseja ir servir e devendo as referidas relações darem entrada n'esta secretaria até ao dia 18 do corrente impreterivelmente.

3.º—Que os offerecimentos das restantes praças sejam enviados pelas differentes unidades aos commandos das divisões, campo entrincheirado e brigada de cavallaria, onde se conservarão até nova ordem, devendo os das restantes praças, que pertençam a unidades ou estejam em serviço em estabelecimentos não dependentes de aquelles commandos, serem enviados, tambem até ao dia 18 do corrente mez, á 3.ª repartição da 1.ª direcção geral d'esta secretaria da guerra.

Que depois d'aquella data não sejam enviados quaesquer outros offerecimentos que tenham sido feitos depois da remessa dos mesmos á esta repartição, não se acceitando offerecimentos condicionaes e não pouco se permittindo retirar os offerecimentos, quer de officiaes quer de praças, salvo por motivo de doença devidamente comprovada.

Operarios para Angola

Terminaram na fabrica de Braço de Prata os exames dos operarios da industria particular que vão ser contractados pelo governo para prestarem serviço na columna de operações em Angola.

Compareceram 33, sendo todos approvados e devendo seguir ainda este mez para Mossamedes os que obtiveram maior classificação, a fim de completar o numero dos requisitados pelo governador geral da provincia.

São os seguintes os operarios mais classificados e que devem, como dissemos, seguir em breve: Arthur dos Santos Justino e Arthur Mathias de Carvalho, serralheiros mechanicos; Antonio Bispo Martins e Miguel Simões Thiago, serralheiros de lima; João Andrade, torneiro; Raul dos Santos, ferreiro e Joaquim Ferreira d'Almeida, ajudante de ferreiro.

Cahindo de uma janella

Victor Rodrigues, de 4 annos, morador na «villa» Celeste, 29, 1.º, no Caminho de Baixo da Penha, cahiu da janella da sua residencia, fracturando o craneo. Depois de soffrer a operação do trepano, recolheu á enfermaria n.º 1 do hospital Estephania.

Negociantes multados

Foram hoje multados em vinte escudos os commerciantes Alfredo Paulo de Carvalho, da Praça da Figueira, e Maximo Antonio da Silva & Irmão, de Aldeia Gallega, por terem augmentado respectivamente os preços do toucinho e da banha.

Tambem para o tribunal das transgressões foram hoje nove processos contra egual numero de commerciantes pelo mesmo motivo.

As multas sobem á importancia total de 160 escudos.

•••• ECHOS & NOTICIAS

INFORMAÇÕES—COMMUNICADOS

NA PRAIA DAS MAÇÃS

Retirou hoje da Praia das Maçãs o nosso presado amigo José dos Santos Mattos a quem a população da localidade e a colonia veraneante prestaram uma carinhosa manifestação de sympathia, porque o sr. José dos Santos Mattos durante a sua permanencia na Praia foi o mesmo intelligente organisador de festas, de reuniões intimas e de concertos que tem transformado em poucos annos a Amadora. Ainda hontem elle affirmou a sua actividade organisando uma linda festa, com baile, no hotel Taple, que teve graciosos numeros de canto por creanças, concerto por madame Carolina Costa e ao qual concorreram as familias dos srs. dr. Magalhães Lima, Arthur Alagoa, Alfredo Brazo, Julio Cardona, dr. José Pontes, Francisco Santos, Alberto Tolla, José Matta Tavares, capitão Portugal, Francisco Pereira, José Bento da Costa, Miguel Claudio, etc.

NOTAS MUNDANAS

Partiu hoje para a Curia o sr. Nuno Salgueiro.

—Com sua familia regressou do Rio de Janeiro o sr. Henrique Coutinho, que se quer ausentar para o Gerez.

—Faz hoje annos a sr.ª D. Maria de Almeida Perestrello.

—Partiu para as Pedras Salgadas o sr. tenente João Rozendo Dias.

LUTUOSA

Falleceu o sr. Miguel Augusto Arez de Mascarenhas, cujo funeral se realisa amanhã, pelas 16 horas, sahindo da rua Martens Ferrão, 9, 1.º, para o cemiterio oriental.

Incendio no Campo Grande

Já depois das 17 horas rebentou com grande violencia um incendio n'umas barracas, á rua oriental do Campo Grande, no pateo dos Gallegos, ardendo duas d'ellas por completo. Compareceu o material de varias estações e a policia da área.

As barracas pertenciam a Manuel Marques Viegas e eram situadas na «Villa Migueis». Os prejuizos são calculados em 2000 escudos.

•A Capital•

Vende-se nos Recreios Desportivos da Amadora.

PARTE COMMERCIAL

Situação da praça

CAMBIOS.—O mercado fechou ás seguintes cotações:

	Compra	Venda
Londres, cheque	26 9/16	25 7/16
Londres, 90 d/v.	26	—
Paris, cheque	$72,5	$73,5
Allemanha, cheque	$29	$29,5
Hollanda, cheque	$57	$58
Madrid, cheque	1$04,5	1$05
New York	1$45	1$46
Rio s/Londres	11 15/16	—
Libras	4$99	5$03
Agio do ouro	45 %	[illegible] %

BOLSA — As inscripções effectuaram-se:

	Assent.	Coup.
Titulos de 1.000$	40,90	41,00
» » 500$	40,90	—
» » 100$	40,90	—

Obrigações d'Estado, 3 % 1905, 9$60; 4 1/2 % 88$50, assent. 60$.

Externas: 1.ª serie 73$90 e 3.ª 74$90.

Acções: Ultramarino, nominal 117$ e 118$; Banco Commercial do Porto 40$50, Aguas 90$; Assucar 40$00; Ilha do Principe 28$0; Gaz, coupon 19$50, Tabacos, coupon 74$.

Obrigações: Prediaes, 6 % 91$60 e serie A 90$50, Ultramarino, assent 07$50; Ambacas 90$.0.

A grande guerra

A acção da artilharia e dos aviões no theatro occidental

PARIS, 8.—Communicado official das 15 horas:

A noite foi assignalada por algumas acções da artilharia na Belgica ao norte de Ypres, em Artois, em volta de Arras, em Roye, e nos planaltos entre o Oise e o Aisne. N'alguns pontos da frente da Champagne e entre Reims e Argonne violenta lucta com bombas, precedida de fusilaria com intervenção da artilharia, mas sem n'ella se empenhar a infantaria.

Na Argonne violento bombardeamento sobretudo no sector de Haraxée. Na Woevre septentrional canhoneio bastante activo. A noite passou-se sem novidade no resto da linha.

Cinco aviões allemães lançaram bombas esta manhã no planalto de Mauzeville, onde não causaram prejuizo algum, e sobre Nancy, onde houve algumas victimas.

De combinação com a aviação naval britannica os nossos apparelhos bombardearam os «hangars» d'aviação em Ostende. Uma das nossas esquadrilhas lançou 60 granadas no campo de aviação de Saint Medor e na estação de Dieuze.—(*Havas*).

Um avião sobre Inglaterra

LONDRES, 8.—Uma informação official diz que um avião voou a noite passada sobre os condados do leste onde lançou bombas que causaram incendios e perdas.—(*Havas*).

Attentado contra um ministro

CAIRO, 7.—Um indigena feriu, desfechando tres tiros, Fathy Pachá, ministro das instituições pias. O aggressor foi preso.—(*Havas*).

A creação d'uma Legião do commercio

Escreve-nos um estrangeiro que se subscreve com as iniciaes A. B. C. apresentando o seguinte alvitre:

Que se crie uma Legião do Commercio composta exclusivamente de individuos filiados no commercio, por todo o paiz, sem distincção de cathegorias, quer nacionaes quer nacionalisados, exceptuando-se d'esta os que teem sido inimigos de Portugal. Esta legião seria instruida e commandada por officiaes do exercito, e as despezas custeadas individualmente pelos legionarios.

E acrescenta:

«Sou estrangeiro, mas muito prazer teria em contribuir para a defesa e segurança do paiz que tão boa hospitalidade me tem dispensado. Conheço muitos estrangeiros que, como eu, se inscreveriam com prazer, para no caso de ser preciso defenderem esta hospitaleira terrinha».

E para finalisar, esta nota sympathica:

«Tenho um filho que é portuguez por aqui ter nascido; é ainda muito pequenino não pode inscrever-se tambem, mas é portuguez!»

A provincia n'A CAPITAL

FIGUEIRA DA FOZ, 7.—Em todos os comboios estão chegando milhares de forasteiros que veem assistir aos festejos de Senhora da Encarnação, que amanhã se realisam em Buarcos.

—Nota-se enthusiasmo pelas duas récitas de assignatura que nos dias 9 e 10 do corrente se devem effectuar no Parque Cine pela companhia do Theatro da Trindade, de Lisboa. As peças escolhidas são *Amores de Principe* e a revista *Verdades e Mentiras*. A' bilheteira tem accorrido muita gente a marcar logares.

SPORT

A acção do Club Naval

Trez «sports» dominam a razão de existencia do Club Naval de Lisboa: o remo, a vela e a natação. Ora este anno qualquer d'elles tem tido o seu kalendario com provas designadas para dias fixos e todas essas provas motivaram grandes espectaculos que attrahiram milhares de pessoas. Isto documenta que no prestimoso club se trabalha. Na verdade assim succede. Os seus directores e os dirigentes das respectivas secções querem provar que o club póde ser o mais prospero dentro da vida actual portugueza. Depois, a ideia da divisão de trabalho por secções deu optimos resultados. E' que o remo, a vela e a natação teem os seus fanaticos e os seus «acólitos». São elles que multiplicam os seus esforços e, orientando-os, segundo a sua preferencia athletica, tudo conseguem.

Acabou a epocha da natação, que foi, seguramente, a mais brilhante desde que esse exercicio entrou no quadro dos «sports». Este anno, teve no club as suas provas classicas de 100 e 500 metros e a travessia do Tejo por «equipes». Não quiz o club promover mais certamens porque ao Gymnasio Club Portuguez cabe a gloria de haver iniciado a prova, hoje tornada «classica», da travessia do Tejo com caracter individual.

Vae começar a epocha da vela e o Club inaugura-a promovendo uma festa esplendida, mettendo em regata mais de 40 embarcações.

Nota do ...

Beneficos effeitos d'uma propaganda

Na Praia das Maçãs realisou-se na semana passada uma bella festa que ainda hoje é designada como a mais linda que, nos ultimos dez annos, viu a região de Collares e de Cintra.

A base do programma foi sportiva. O «mise-en-scene» moldou-se por um «gymkhana» infantil, com provas de rigoroso athletismo e com provas alegres e de comica movimentação.

Seja o que fôr, o certo é que o exito obtido produziu uma benefica consequencia porque para o proximo domingo está annunciada uma grande reunião na casa em que habita o sr. José Bento da Costa, na Praia das Maçãs, com o proposito de tornar viavel o alvitre do dr. Magalhães Lima, creando uma Liga de Amigos da Praia, para a melhorarem moral e materialmente e segundo os progressos da vida moderna. Isto equivale a dizer que o sport motivou uma vantajosa iniciativa.

A reunião foi convocada pelo dr. Magalhães Lima, o nosso collega dr. José Pontes, o benemerito propagandista da educação physica José dos Santos Mattos, o bemquisto proprietario Antonio Garcia de Castro e os camaristas de Cintra srs. Bento da Costa, Francisco Martins, Ramos Lourenço e Ludgero Gomes da Silva—este o activo chefe da casa Viuva Gomes, de Collares.

Algumas anecdotas

Um almoço que se ia perturbando...

No verão, alguns dos nossos amadores de sport costumam fazer as suas pequenas excursões pelos arredores, mettendo um dia de descanço nos treinos diarios dos clubs.

Ha tempos, quatro rapazes, um d'elles jornalista sportivo e tres gymnastas do Gymnasio Club foram almoçar a Cintra. N'um qualquer restaurant, serviu-os um alentado e adiposo creado, duro de cara, carrancudo de maneiras e que era d'uma morosidade capaz de arreliar um santo. Tanto os demorou que elles nem tempo viam disponivel para visitar a Pena e comer umas queijadas! Um dos gymnastas exclamou:

—Se se faz fino, vou-lhe para a cara.

—Eu parto-lhe um braço...

—Ora adeus a coisa resolve-se mais serenamente, disse o terceiro.

—Como?

—Batendo as palmas.

—N'essa não caio eu!—disse o jornalista, que tem espirito e rapidez de respostas.

—Porquê?

—Porque era capaz de marcar...

Noticias

ENTRE NÓS

Campeonato de Portugal de «lawn-tennis»

Estão despertando verdadeiro interesse no nosso meio sportivo as provas marcadas para os dias 16, 17, 18 e 19 do corrente, que fazem parte dos campeonatos de Portugal de «lawn-tennis». A inscripção é já numerosa e contem os nomes dos nossos melhores jogadores e jogadoras.

A commissão organisadora está empenhada na vinda de jogadores hespanhoes o que muito valorisará os campeonatos.

A inscripção fecha no dia 12 no Sporting Club de Caçapes e no Centro Nacional do Sport, rua do Crucifixo, 86, 1.º

Gimnasio Club Portuguez

Estão concorridissimas as classes de esgrima que a direcção d'este importante club, a pedido dos seus socios, resolveu manter durante a epocha de verão. Os esgrimistas d'esta sala teem organisado «poules» de treino, que são outras tantas provas em que o merecimento dos atiradores é comprovado.

A ancia de bem representar o seu club nos futuros campeonatos tem levado á sala d'armas do Gymnasio innumeros socios que esperam com um treino aturado levantar bem alto o nome do grande centro de educação physica.

A «Taça Recreios de Carcavellos»

Vae decorrer com animação o torneio de «lawn-tennis» que os Recreios de Carcavellos organisaram e que dotaram com uma artistica taça de prata a que deram o seu nome. O torneio deve ser animado—dizemos—porque ha já muitas inscripções e entre ellas algumas dos nossos melhores tennistas. Como o torneio é por eliminatorias, deve ficar concluido logo no dia 19, que é a data marcada para a sua realisação. A taça é disputada por uma só vez.

O regulamento da prova, cuja inscripção fecha depois de amanhã, é o seguinte:

1.º—Os Recreios de Carcavellos organisam um campeonato de «tennis», «men's singles» ao qual podem concorrer os jogadores de todos os clubs de Portugal.

2.º—O campeonato será feito por eliminatorias e os encontros jogados no melhor de trez partidas com todas as vantagens, excepto a «final» que será jogada no melhor de cinco partidas, tambem com todas as vantagens.

3.º—Os premios a disputar serão dois: 1.º, uma taça de prata denominada «Taça Recreios de Carcavellos», a qual ficará em posse definitiva do vencedor do campeonato, e 2.º, um objecto de arte.

4.º—O segundo premio será disputado como qualquer eliminatoria entre o jogador derrotado na «final» e o derrotado na «meia final» pelo campeão.

5.º—O campeonato será jogado no segundo domingo de setembro e continuado no domingo seguinte se fôr necessario, tendo logar nos «courts» dos Recreios de Carcavellos.

6.º—A inscripção abre no proximo domingo, 5 do corrente, e fecha na segunda quinta feira de setembro, dia 9 d'esse mez.

Paragrapho unico—Sendo este regulamento uma modificação do que já fora publicado para esta mesma «Taça», os Recreios de Carcavellos considerarão inscriptos para o dia 19 de setembro todos os amadores que, tendo-se já inscripto nas condições do primeiro regulamento, não reclamarem até ao dia 15 do corrente nos proprios locaes de inscripção.

7.º—A taxa de inscripção é de $50 por jogador e paga no acto da inscripção, recebendo o inscripto em troca um cartão de identidade que o acreditará como concorrente.

Paragrapho unico—As inscripções são acceitas directamente na séde dos Recreios de Carcavellos ou no Salão de Sport, rua Aurea, podendo os requerentes, querendo, indicar o club pelo qual se inscreverem.

8.º—Os concorrentes devem sujeitar-se a todas as indicações da commissão organisadora.

Um gymkana n'um pic-nic

Continua despertando grande interesse entre os socios do grupo sportivo do Gremio Lafonense o «pic-nic» que a direcção projecta levar a effeito no proximo domingo, 12, na pittoresca villa do Seixal, realisando-se na quinta do sr. dr. Almeida um «gymkana» que deverá despertar grande enthusiasmo. A partida effectuar-se-ha ás 7,45 da manhã da ponte da Parceria dos Vapores Lisbonenses. A' noite, ás 21 horas, realisar-se-ha um baile, dirigindo a sala sr.ª D. Ignez de Brito.

"Ao ultimo figurino,,

Parte ámanhã para a capital franceza o sr. Antonio Gonçalves Marques, proprietario do «Ultimo Figurino», o elegante estabelecimento do Chiado, que dá o tom da moda em todas as estações. Visitará além de Paris, Londres e Manchester, Lyon e Zurich, contando, como de costume, fazer o mais completo fornecimento em tecidos e confecções.

O activo e intelligente proprietario do «Ultimo Figurino» demora-se um mez n'esta viagem.

Espectaculos

Cartaz de ámanhã

POLITHEAMA—A's 20,30 e 22,30 —Não desfazendo... (Revista).

EDEN — A's 20,45 e 22,45 — O diabo a quatro. (Revista).

COLISEU DOS RECREIOS—A's 21—O paraizo de Mahomet.

Agenda da semana

HOJE—Politeama—Recita do auctor. A revista *Não desfazendo...* com numeros novos.

A'MANHÃ — Coliseu dos Recreios—*Paraizo de Mahomet.*

SABBADO —Eden— Festa do actor Nascimento Fernandes—A revista *O diabo a quatro*, em espectaculo completo, com o quadro novo *O casamento do Colla-tudo.*

Noticias

Entre nós

Cantou-se hontem no Coliseu dos Recreios, em festa artistica do apreciado actor comico Adriano Marchetti, a applaudida operetta *O conde de Luxemburgo*, ouvindo o festejado muitos applausos. Foram-lhe offerecidos alguns brindes, testemunho do muito apreço dos seus amigos e de admiradores do seu talento artistico. Por motivo de doença a sr.ª Anita Granieri não poude cantar, substituindo-a a sr.ª Cina de Valdis, que ouviu applausos.

Hoje canta-se a linda opera-comica *A Mascotte*, cuja partitura é uma das melhores producções do maestro Eduardo Audran.

A'manhã, primeira representação do *Paraizo de Mahomet*, que vae posta em scena com grande deslumbramento de scenario e guarda-roupa.

No sabbado Cina de Valdis faz a sua festa artistica com o *Reizinho*, cantando um fado e algumas canções.

Circos & Music-halls

Entre nós

Como já dissémos hontem, a inauguração da epocha de inverno no Coliseu dos Recreios realisa-se no dia 25, estreando-se uma companhia de circo admiravelmente organisada pelo intelligente emprezario commendador Antonio Santos que contractou para essa companhia os melhores «clowns» da actualidade, entre os quaes os nossos conhecidos Antonet e Walter. Tambem da companhia faz parte um extraordinario numero, que presentemente tem alcançado grande exito.

SALÃO DA TRINDADE—A's 20 e 22 —Companhia infantil— O collar da princeza.

ANIMATOGRAPHOS E CONCERTOS —Olimpia e Paradis, *matinées* diarias e sessões á noite; Central, Chiado Terrasse, Salão Foz, Rocio; Sociedade Promotora da Instrucção, em Alcantara, sessões ás quintas feiras, sabbados e domingos.

CINEMATOGRAPHOS OU ESPECTACULOS VARIADOS—Chantecler, Imperio, Salão Graça, na Caixa Economica Operaria, Variedades, na calçada da Estrella—A's 21,30—O diabo no convento.

NO PORTO

A colonia agricola para educação profissional

começará já a funccionar no proximo anno, devido á iniciativa da Junta Geral do Districto

PORTO, 5

E' de um extraordinario alcance educativo e social—diz-nos um distincto professor—a iniciativa da Junta Geral do Districto creando uma grande colonia agricola para habilitar praticamente em todos os trabalhos dos campos os internados das duas casas de Hospicio que administra, e nos trabalhos de enfermagem e de verdadeiras donas de casa as raparigas dos mesmos hospicios.

—E será um projecto viavel?

—Que brevemente vae ter realidade. O presidente da commissão executiva da Junta, sr. Napoleão da Malta, não descura um momento a realisação d'esse problema. E como é um homem activo, coadjuvado por uma intelligencia lucida e d'uma rara tenacidade, a colonia agricola é, pode dizer-se, um facto. Está já em transacções para a compra d'uma grande quinta agricola em condições e já para o anno proximo a colonia deve ser inaugurada.

—Ha já o capital necessario, visto isso?

—Desde o anno findo que a Junta, podendo, aliás, lançar até 15 por cento como sobretaxa ás contribuições geraes, só lançou 4 por cento, e isso a habilitou á compra de uma grande propriedade, como é necessario ao fim a que se destina. Para a installação, compra de alfaias, sementes, professorado e pessoal, só para o anno, e depois de adquirida a propriedade, é que será lançada nova contribuição ou addicional em todos os concelhos do districto.

—Como surgiu a ideia da creação d'essa colonia agricola?

—D'uma proposta apresentada á junta geral pelo seu vogal sr. Côrte Real, e a que toda a junta deu o seu melhor apoio. Realmente, sendo avultado o numero de creanças maiores de 7 annos internadas nas duas casas hospicios—a do Porto e a de Penafiel—e para as quaes não tem havido educação profissional, vendo-se que esse numero augmenta constantemente e sendo certo que o internado no hospicio termina aos 17 annos, sahindo, assim, na edade em que mais preciso se torna aos rapazes estarem armados para as luctas da vida, e reconhecendo que, para as raparigas, é a edade mais perigosa—por que sahem apenas habilitadas no serviço de creadas — vendo este perigo, esta quasi deshumanidade em lançar no meio da rua, sem uma educação pratica e profissional, tantos infelizes, abandonados, sem familia, sem protecção, sem arrimo, foi que a junta geral, applaudindo a iniciativa do sr. Côrte Real, resolveu estabelecer na Casa Hospicio do Porto cursos praticos de trabalhos domesticos, de enfermagem e de contabilidade, a fim de habilitar as raparigas internadas para os misteres de creadas, enfermeiras e caixeiras, e para os rapazes a colonia agricola onde aprendam trabalhos praticos dos campos. Não se querem agronomos. Mas preparar-se-hão bons agricultores, sabendo seleccionar as culturas, segundo a região e as condições dos terrenos; bons podadores e enxertadores, com positivas noções sobre a creação de animaes; sabendo das industrias que se relacionam com a agricultura, como é a industria do queijo e a da manteiga; de apicultura e oleicultura, etc. E' uma grande iniciativa, que honra a junta geral do districto do Porto.

—São muitos, então, os internados das casas hospicios?

—Só na casa hospicio do Porto ha, actualmente, internados 101, e sob a sua tutela ou vigilancia — entregues já a patrões ou empregados em pequenas e humildes industrias — 334, o que perfaz 435.

«Na casa hospicio de Penafiel ha 26 internados e 198 sob a sua tutela. São, no todo, 659 creanças a quem vae, ser dada uma nova educação, pratica, util, moderna, de maneira a tornal-as capazes de ganhar honradamente a vida, sem humilhações e sem vexames, quando, ao attingir os 17 annos, tiverem de deixar a casa hospicio e tenham de lançar-se no mundo, ellos coitados—coitaditas—sem conhecer os perigos que correm, na sua innocencia, atravez das ruas, pelos meandros de uma sociedade que não conhecem.

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

Associação do Registo Civil

Reune a assembleia geral no dia 14, ás 21 horas, com a seguinte ordem de trabalhos: apresentação do parecer da commissão revisora de contas da gerencia de 1914, discussão e votação; apresentação, discussão e votação do projecto de reforma de estatutos da Associação e da Federação Portugueza do Livre Pensamento.

Festas associativas

Na Concentração Musical 5 d'Outubro ha no sabbado sarau dramatico desempenhado por um grupo de socios, subindo á scena as comedias *Valentes e medrosos* e *Os dois estroinas* e o entre-acto dramatico *Os dois operarios*, seguido de baile.

PEQUENAS NOTICIAS

A banda da guarda republicana executa amanhã, na parada do quartel do Carmo, das 14 ás 15 1/2 horas o seguinte programma: «El Niño do Jorez» passo-doble, Zabala; «Rienzi», ouverture, Wagner; «Capricco», solo de clarinete, Magnani; «Fedora», selecção, Giordano; «Charmes» valse, Torone; «Móros e Cristianos», zarzuela, Serra; «Marcha Militar», Schubert.

Dr. Affonso Costa

A commissão parochial republicana de S. Christovão e S. Lourenço distribuiu 50$00 por 100 pobres da freguezia, como prova de congratulação pelas melhoras do illustre estadista dr. Affonso Costa.

Eden de Santo Amaro

A commissão organisadora das festas que se estão promovendo no elegante balneario casino de Santo Amaro de Oeiras conseguiu que os artistas do theatro Nacional Augusto de Mello e Henrique de Albuquerque vão ali no domingo dar um espectaculo extraordinario. A actriz Pilar Monteiro toma tambem parte no espectaculo, dizendo varios monologos e canções.

Miguel Augusto Arez de Mascarenhas

Falleceu

José Augusto Corte Real de Mascarenhas e sua filha (ausentes), Maria Augusta Mascarenhas Raymundo, seu marido Antonio da Costa Raymundo e filho, Maria do Carmo Mascarenhas Vieira da Motta, seu marido João Vieira da Motta e filho e Maria do Carmo Gomes Corte Real participam a todas as pessoas de suas relações o fallecimento de seu pae, sogro, avô e cunhado e que o seu funeral deve ter logar no dia 9 do corrente, pelas 10 horas, sahindo o prestito da sua residencia, rua Marquez Ferrão, 3, 1.º, para o cemiterio Oriental.

Casino de S. José de Ribamar

Constituiu um verdadeiro acontecimento a estreia, hontem realisada no elegante palco Terrasse da ampla esplanada d'este luxuoso casino, em Algés, dos incomparaveis duettistas Wiswerkis. Durante os trabalhos dos lopreados artistas, a multidão que enchia a linda esplanada não se cançou de os applaudir.

Para amanhã preparam-se grandes surprezas.

Movimento maritimo

Africa Occidental, «Portugal» 13

Africa Occidental, «Cazengo» 15

em Mochovo, entre Sierpiec e Dobrzyn; no dia seguinte recuaram para a linha Plock Raciaz.

No dia 18 houve lucta proximo de Plonsk, a uns vinte e sete kilometros a noroeste da fortaleza de Novo-Georgievsk. A região entre o baixo Vistula, a fronteira da Prussia Oriental e o caminho de ferro Mlava-Novo-Georgievsk é, como anteriormente dissémos, de importancia estrategica secundaria. A sua posse não podia ser de valor para os russos excepto para um ataque contra a Prussia Oriental pelo sul, além

O tenente da marinha ingleza H. H. Furner, commandante do submarino «D 3»

da sua occupação representar uma dispersão de forças e, no caso de uma offensiva allemã ser coroada de exito na região Prasnysz-Ciechanow, os destacamentos avançados em redor de Serpiec facilmente podiam ter as communicações cortadas com as forças principaes em redor de Novo-Georgievsk.

Muito menos accentuada foi a retirada para leste de Prasnysz. A região offerece magnifico terreno para defeza; muitos dos seus outeiros elevam-se a mais de 1.000 pés, sendo cobertos de bosques e as margens dos rios são pantanosas. Alliando essa disposição do terreno á falta absoluta de caminhos de ferro e á escacez d'outros meios de communicação, vê-se que a região não é favoravel para movimentos offensivos em grande escala.

Esse o motivo por que nunca se ouviu falar de um avanço allemão em força no districto entre o rio Orzec e a linha de caminho de ferro Grajevo-Osowiec.

Durante a retirada geral que teve logar no principio de fevereiro, os russos foram obrigados a recuar para a linha do Bobr. O momento foi deveras perigoso. A principal defeza d'essa linha, os grandes pantanos na margem norte do rio, tinha desapparecido com a chegada do tempo frio. Poderia a fortaleza de Osowiec, em taes circumstancias, offerecer uma resistencia effectiva?

Tinha, é certo, algumas vantagens, que possue em todas as estações. Ao longo da margem esquerda do Bobr corre uma longa elevação coberta de bosques.

A artilharia russa obtem d'aquella elevação um excellente campo de tiro, os bosques e o terreno quebrado de onde a onde por barrancos offerecem um bom abrigo, ao passo que é difficil achar qualquer para a artilharia na margem opposta.

A 18 de fevereiro, quatro dias depois da evacuação de Lyck, houve lucta violenta no Bobr, em redor de Sucha Vola, a uns dezenove kilometros acima de Osowiec. Mas ahi a concentração russa era mais forte e a sua contra-offensiva foi mais vigorosa.

Os allemães não avançaram de Osowiec, mas pelos dois flancos da fortaleza. Tendo-lhes falhado o movimento de envolvimento de Osowiec trouxeram as suas forças pelos dois lados da linha do caminho de ferro e entrincheiraram-se em frente da fortaleza.

A lucta ahi limitou-se a um duello de artilharia entre os allemães e a fortaleza. O general von Bulow era o commandante em chefe n'essa região. Resolvera não dar combate em campo aberto, mas sim abrir caminho á força pelo Bobr, trazendo artilharia de sitio, que tão bons resultados dera em Namur, Maubeuge e Antuerpia.

No dia 26, os allemães estavam bombardeando Osowiec com morteiros de 11 e 12 pollegadas e até mes-

a Dobrzyn e poucos dias depois ameaçavam as posições austro-allemãs em Lipno. O restabelecimento do serviço de automotores entre Varsovia e Plocl, mostra que a segurança n'esse districto augmentava dia a dia. O movimento tinha valor, principalmente para formar uma base para um avanço para oeste ou, o que parece mais provavel, para um novo avanço contra Osterode.

Ao norte da linha dos lagos Masurios o progredimento dos exercitos russos era mais accentuado em roda de Darkelmen, a oeste de Pilkallen e a sudeste de Tilsit, nos valles do Szeszuppe e do Inster. Ao longo do seu curso superior as margens d'esses rios são cobertas de bosques e pantanos, mas mais a oeste essas margens elevam-se e offerecem um terreno facilimo para um avanço militar.

Nos fins de janeiro, os pantanos em roda das posições de Insterburgo estavam gelados. Se os russos, aproveitando a vantagem da estação, tivessem avançado atravez d'essa barreira, um perigoso ataque de flanco poderia ter sido dado contra as posições dos austro-allemães que se estendiam ao longo da linha do Angerapp e dos grandes lagos.

Nos primeiros dias de fevereiro os austro-allemães começavam a offerecer vigorosa resistencia ao avanço russo a sudeste de Tilsit e tambem na elevação meridional da Prussia Oriental, na frente Myszyniec-Chorzele. Esses movimentos não eram, comtudo, o começo d'uma contra-offensiva n'essas regiões, mas antes uma demonstração destinada a occultar a concentração de tropas a leste, por detraz dos grandes lagos. A contra-offensiva allemã era para tomar a linha dos lagos como base, a fim de poderem avançar para leste.

O objectivo real da sua offensiva era a linha do Narev e Bobr; precederam o ataque a essa linha d'uma tentativa de romperem as linhas russas, que defrontavam então a linha dos lagos, na linha do Niemen. A offensiva que contra ella dirigiam tinham de a executar atravez do Niemen e da linha Petrogrado-Vilna-Varsovia. Se o conseguissem, poderiam cortar as communicações entre o sul e os exercitos russos que estavam em redor de Olita e de Kovno.

Assim, da sua tentativa contra a linha do Narev, planeavam cortar a sá lerias que a ligavam com o seu deposito norte de reforços e de viveres. O campo em que tentaram cortar a retirada dos exercitos russos offerece muito accentuadas vantagens para a sua offensiva.

Ao longo dos lagos os russos guarneciam uma linha parallela á dos austro-allemães, mas, se começassem a retirar, a sua linha naturalmente seria muito extensa, porque as linhas de retirada, pelos caminhos de ferro e pelas estradas d'aquella região, são divergentes.

O exercito austro-allemão que atacava compunha-se de oito ou nove corpos, o russo apenas contava quatro.

Os austro-allemães tinham, além d'isso, grande vantagem quanto aos meios de communicação. Nos ultimos dias de janeiro e no principio de fevereiro tinha cahido muita neve. Os russos estavam entre Johannisburgo e Angerburgo a consideravel distancia da sua base; não podiam facil e rapidamente adaptar os seus meios de transporte ás mudanças de estação. Só o paciente heroismo do soldado-camponez russo e o poder de iniciativa do official russo salvaram o exercito do anniquilamento que os germanicos haviam planeado e que, mais tarde, annunciaram como um facto consummado.

Os austro-allemães haviam feito preparativos para assegurar os meios d'um rapido avanço. Uma passagem do seu communicado official de 29 de fevereiro parece suggerir que estavam retardando a offensiva de a nove lhes dar decisiva vantagem na rapidez. E' possivel, porque as suas operações na Prussia Oriental só começaram semanas depois do avanço nos Carpathos e uma semana depois das suas ope-

sistentes tentativas contra a linha Bzura-Rawka.

O avanço devia começar no dia 9 de fevereiro. No dia 4, os russos souberam da extraordinaria concentração de forças allemãs e rapidamente fizeram preparativos para a retirada. Teria sido impossivel trazer reforços sufficientes para resistir ao impulso allemão ao longo da linha Mallwischken-Angerburgo-Johannisburgo. Tendo conhecimento dos preparativos russos, os austro-allemães resolveram avançar em massa.

A 7 de fevereiro começaram o avanço da extremidade sul da sua linha, occuparam Johannisburgo e fizeram principalmente pressão sobre o oeste, passando o Biala, em direcção a Lyck.

E' impossivel formar uma ideia clara dos movimentos estrategicos que se deram n'essa região durante os poucos dias seguintes, mas d'algumas passagens dos communicados officiaes parece deprehender-se que os austro-allemães tentaram executar um movimento envolvente de flanco, para o que interpozeram as suas forças entre o exercito russo que retirava e a linha do Bobr, assim como planearam apoderar-se da linha de caminho de ferro Suvalki-Grodno entre Augustovo e Bobr.

Para conter esse movimento contra o flanco esquerdo do seu exercito em retirada, os russos tentaram da direcção de Kolno e Osowiec contra-ataques dirigidos ao flanco direito do exercito que pretendia envolvel-os.

Não conhecemos os pormenores d'esses movimentos, nem das batalhas que se seguiram, mas conhecemos o seu resultado. Metade sul do exercito russo na Prussia Oriental—por exemplo o 26.° corpo d'exercito russo e o 3.° siberiano—alcançaram a linha do Bobr com perdas que não foram superiores ás soffridas pelos austro-allemães, tendo as suas communicações com Grodno e a linha do Niemen ficado intactas.

A campanha na parte norte da sua linha foi menos favoravel para os russos. A offensiva germanica entre Krauspischken e o Niemen começou a 8 de fevereiro, avançando a ala norte até a sua fronte se estender de oeste a leste e a sua linha de avanço correr do norte a sul.

Executando esse movimento, obrigaram os russos a escolher entre duas possiveis linhas de retirada: sobre Kovno e Suvalki. Na extrema ala direita, as forças russas—o 3.° corpo d'exercito—recuou em direcção noroeste, para Kovno.

A 12 de fevereiro os germanicos alcançaram a linha Mariampol-Kalwarja-Wizajny—sendo o ponto mais saliente Kalwarja—interpondo as suas forças entre o 3.° corpo d'exercito russo e o 20.° corpo que estavam retirando em direcção sudeste para Suvalki; ao mesmo tempo o avanço germanico privava os russos do uso da linha de caminho de ferro Suvalki-Olita, de que os germanicos se estavam approximando n'uma fronte que se estendia por muitos kilometros.

Se o movimento do inimigo na região norte não tivesse sido precedido d'um outro a leste, os dois corpos russos teriam provavelmente alcançado a são e salvo a sua base na linha Kovno-Grodno, ao passo que n'essa occasião o 20.° corpo de exercito, sob o commando do general Bulgakoff, se achava no topo da linha de caminho de ferro circular Olita-Grodno, não o podendo, porém, aproveitar.

Era forçado a retirar para as florestas e pantanos que se estendem entre Sejny e Augustovo; ameaçado em todas as direcções por um inimigo muito superior em numero, retirou vagarosamente, cobrindo sempre com a sua resistencia o flanco direito dos dois corpos ao sul.

Logo que alcançou as florestas que se estendem ao norte de Augustovo, a batalha fragmentou-se em centenares de recontros isolados, pelejados nos pantanos dos bosques ou em clareiras em redor d'aldeias que até então não haviam conhecido da Grande Guerra senão os echos distantes.

Em perseguição do 20.° corpo do

exercito russo, os germanicos entraram nas florestas de Suvalki e Augustovo. Não foram felizes, porque não conheciam bem o terreno, o que aos russos não succedia, de modo que a maior parte dos perseguidos, embora sempre combatendo, poude alcançar o resto do exercito em Sopockin, Jastrzemba, Lipsk e Shtabin.

Emquanto o decimo exercito assim estava recuando na linha do Niemen e Bobr, reforços eram trazidos d'além d'esses rios. Os austro-allemães nunca conseguiram o que se tinham proposto. Trez quartas partes do exercito do barão Sever ficaram intactas e só entre Swientojansk e Gozin—a cerca de dezeseis kilometros ao norte de Grodno—puderam os inimigos alcançar o Niemen; um destacamento conseguiu até atravessar o rio no dia 24 de fevereiro, mas não poude abrir caminho e approximar-se do seu objectivo—o caminho de ferro Vilna-Varsovia.

No dia 25 foi repellido para a margem esquerda.

A 21 começou a contra-offensiva russa ao longo d'uma linha que se estendia por mais de cento e sessenta kilometros, desde Plonsk (ao norte de Novo-Georgievsk), por Ostrolenka, Lomza e Osowiec até Grodno.

Durante a semana seguinte avançaram ao longo de toda a fronte n'uma distancia que variava de cinco a dezeseis kilometros. Durante essa nova phase da campanha na Prussia Oriental, o districto do norte, isto é, o sector entre Kovno e Grodno, diminuiu de importancia.

O exercito germanico que havia avançado contra a linha Kovno-Olita, achando que as operações n'aquelle districto não eram «proveitosas», retirou nos primeiros dias de março, pelo valle do Seshuppa, por Pilvishki e Mariampol, para a fronteira prussiana.

O exercito do general Eichhorn foi encontrado pela contra-offensiva russa na linha Simno-Seree-Vietsiesi-Kopisiovo-Sopotskin e mais ao sul ao longo do Bobr. A 27 de fevereiro os russos apoderaram-se da elevação 1.005 entre Gozha e Sopotskin: essa elevação domina toda a região de operações em redor de Grodno.

O communicado official russo de 8 de março diz a respeito d'essa operação:

«N'esse combate tomámos 1.000 prisioneiros, 6 canhões, 8 metralhadoras. A elevação era defendida pelo 21.° corpo d'exercito allemão, o seu melhor corpo, que perdeu durante a lucta de doze a quinze mil mortos, a avaliar pelos cadaveres que foram abandonados».

Essa batalha marca a derrota final do avanço germanico no semicirculo da linha de caminho de ferro Grodno-Suvalki-Olita.

Durante o mez de março os russos fizeram alguns progressos. No sul chegaram a Augustovo no dia 9 e mais ao norte obrigaram os allemães a evacuar Lodzie no dia 10. Ameaçados de se verem envolvidos, os allemães tiveram de recuar tambem no centro. Antes do fim do mez os russos haviam retomado Seyny. Essas operações foram, porém, de importancia meramente secundaria.

Os allemães não podiam abrigar por mais tempo a esperança de atravessarem o Niemen e ainda menos a de se apoderarem de qualquer porção da linha de caminho de ferro Vilna-Varsovia. Por outro lado, os russos continuavam n'aquella região uma guerra lenta, mas que ao inimigo causava grandes perdas.

Depois de 24 de fevereiro o centro da lucta havia-se deslocado; a principal lucta desenvolveu-se durante a quinzena seguinte na linha Bobr-Narev em redor e além de Osowiec, na região onde os allemães tinham esperado dominar por completo.

Tomando em conta a enorme concentração de forças allemãs na Prussia Oriental, os russos entenderam prudentemente no principio de fevereiro recuar para a sua linha de defeza ao longo de toda a fronte; recuaram, pois, das posições avançadas, mesmo no baixo Vistula.

A 15 de fevereiro estavam ainda

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 1831—6.º Anno | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Editor—Camillo Sousa e Almeida — Redacção e Administração—R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA—Quinta-feira, 9 de Setembro de 1915

Telephone n.º 2293—Endereço teleg. CAPITAL — Composição—Rua do Norte, 5, 1.º — Officina de Impressão—71, Rua da Bica, 71

Preço 1 centavo

As manobras

As manobras a que está procedendo a nossa divisão naval tambem teem dado ensejo a boatos tendenciosos e malevolos, do genero dos que se não descuidam de persistentemente propalar os inimigos da Republica.

Assim, ainda ha pouco se espalhou que a bordo d'um dos nossos navios de guerra se tinham dado perturbações graves, quando a ordem e a disciplina são verdadeiramente modelares em toda a divisão naval, e o facto de ter o «Adamastor» soffrido leves avarias no decurso d'essas manobras serve já de pretexto para malsinar a sua utilidade.

Ora a verdade é que as actuaes manobras a que procede a divisão naval não se teem decorrido d'uma maneira extremamente satisfatoria como se destinam a um elevado fim. Esse fim é o de treinar as tripulações dos nossos barcos de guerra para o exercicio da funcção que lhes cabe desempenhar. Navios de guerra construiram-se para a eventualidade de guerra, e as suas tripulações teem necessariamente de estar adestradas para esse effeito.

Não se faziam manobras no tempo da monarchia, e o resultado d'essa inacção foi, na marinha, o mesmo que foi no exercito. Esses organismos emperraram, e por isso, quando se fallou na participação de Portugal na conflagração europeia, o primeiro argumento que adduziram os que tal participação não queriam foi o de que não tinhamos soldados, nem material, nem verdadeira preparação militar.

O exercicio das armas é uma profissão como outra qualquer. Necessita ter a sua technica e está arriscada a determinados perigos. Quantas profissões não implicam a eventualidade da morte, com um numero aterrador de probabilidades? O machinista, que conduz uma locomotiva, necessita conhecer bem a sua machina, e está sempre arriscado a um desastre fatal. O mineiro que desce ás profundidades da terra, exposto ás explosões e aos desabamentos, necessita ter uma longa pratica da sua profissão, e não receia morrer no seu desempenho. Até o pedreiro que trepa a um quinto andar e trabalha n'uma fachada, n'um equilibrio incerto e tendo de dar provas do maior sangue frio, até esse, na lucta constante da vida, realisa um verdadeiro desafio á morte.

Os instrumentos de trabalho só depois de largamente experimentados se tornam agentes d'um esforço fecundo. Nas manobras militares experimentam-se os homens e experimentam-se os instrumentos de guerra. Nas actuaes manobras da divisão naval tem-se averiguado deficiencias em certos pontos, como sejam o funccionamento dos torpedos e o funccionamento da artilharia, e bastaria essa averiguação, permittindo reparar essas deficiencias, para justificar as manobras que se estão executando. Por outro lado, os marinheiros necessitam exercitar-se em todos os serviços que competem a uma marinha de guerra, e o zelo, a boa vontade, o entrain com que procuram effectual-os é uma garantia de quanto amam a sua profissão, que é de todas a mais nobre porque consiste na defeza da patria.

Incriminar essas manobras porque n'ellas se podem dar algumas avarias nos navios é ao mesmo tempo absurdo e miseravel. Se os navios estivessem parados, as tripulações inactivas, seria para admirar que taes percalços se produzissem. Mas como os navios não se fizeram para não se mexer, como as marinhagens teem por missão ser entidades activas, dando o esforço do seu braço, da sua intelligencia e do seu valor para uma grande obra nacional, não só não admira que algum d'esses factos se produza como seria para espantar que uma ou outra vez não occorresse.

Exercitar as nossas forças de terra e mar, desemperrar os organismos militares, pôl-os em estado de corresponderem aos serviços que a nação d'elles espera, no momento do perigo, é o cumprimento d'um dever, e todo o zelo que no cumprimento d'esse dever se manifeste merece o louvor e o reconhecimento do paiz inteiro.

Poeira da Arcada

As paisagens do Algarve são maravilhas que dão a esta provincia encantos proprios para serem admirados por todos os que peregrinam por este vale de lagrimas, em busca de sensações capazes de manter viva a crença no Paraizo.

O mar e a terra, a serra e as planicies, o céu e os horizontes, as arvores e as rochas compõem quadros de tão intenso colorido e de um paganismo tão rutilante que os olhos bebem n'elles aquelles esparsos fluidos de emoção e sonho que elevam as forças a uma mais larga communhão com as forças sympathicas do universo. Os algarvios hão-de ser sempre eloquentes, porque a natureza os envolve n'uma tal rêde de seducções e tentações que, por mais que falem e cantem, nunca exgottarão o calido optimismo do seu berço.

No Rio de Janeiro, foi assassinado o presidente do senado federal Pinheiro Machado. Chefiava o partido conservador.

Era grande como amigo e como inimigo.

Tal morte tinge a sua mortalha d'uma cor que engrandece a sua memoria, apagando-lhe porventura certas manchas.

A guerra tem sido uma mina para os que fazem livros que correspondam a esta coisa fugaz—a actualidade. Muito se tem escripto em prosa e verso. A quantidade, porém, dos volumes só prova que os grandes assumptos esperam sempre alguem que os comprehenda. O genio é um presente tão grande que até os mediocres e os inuteis procuram nutrir-se á sua custa.

«Historia Illustrada da Grande Guerra»

Dividido em volumes, cada um dos quaes com cerca de 200 paginas, de modo a formar um livro portatil, economico, elegante e de facil encadernação, o folhetim que vimos publicando *Historia Illustrada da Grande Guerra* tem alcançado grande exito.

O primeiro volume abrange desde março a 15 de abril, tendo 184 paginas, o segundo de 16 de abril a 3 de junho, com 188, o terceiro de 4 de junho a 20 de julho, egualmente com 1[illegible] paginas, e o quarto de 21 de julho a 3 de setembro, com 160 paginas, sendo todos os volumes profusamente illustrados. Na administração d'*A Capital* são immediatamente satisfeitos todos os pedidos, quer da collecção completa, quer de qualquer numero de exemplares do jornal, que venham acompanhados das respectivas importancias.

O QUE PRECISA O ALGARVE

"FOI UM AR,,

E as amendoeiras e as figueiras vão secando sem que se saiba porquê...

PRAIA DA ROCHA, 8.—N'este congresso algarvio debateram-se questões que para a provincia são d'um capital, d'um indiscutivel interesse. E' preciso que se olhe bem para o que foi essa reunião d'homens intelligentes, que procuraram, n'uma assembleia de praticos e de eruditos, dizer á gente da região e ao paiz o que por cá se precisa e o que é indispensavel fazer. Eu já o disse mais do uma vez:—o congresso, em meu entender, não vae além d'uma tentativa sympathica, d'uma tentativa oscillante e talvez demasiado idealista. Mas foi uma tentativa cheia de boa vontade de acertar, de se fazer alguma coisa concreta, que ficasse a bradar bem alto e bem claro que ha em Portugal uma provincia que tem direito a merecer dos poderes publicos toda a attenção e toda a protecção.

Mas, afinal, de que precisa, principalmente, o Algarve? Não é facil responder com clareza a essa pergunta, que por si só representa uma amplissima generalisação. O Algarve precisa de tudo—affirmam uns; o Algarve não necessita de quasi nada—clamam outros. Resta, portanto, procurar o meio termo. Ora o justo equilibrio entre o que o Algarve tem e o que o Algarve precisa deu-m'o hontem á tarde um algarvio intelligente e culto, que occupa na sua terra uma posição de inconfundivel relevo. Segundo elle, tudo o que havia a fazer por esta provincia está feito.

Faltam apenas coisas de detalhe, coisas complementares, certos melhoramentos que, sendo indispensaveis, ainda até agora ninguem se lembrou de reclamar como quem reclama qualquer coisa de que dependa, por assim dizer, a propria existencia. E o meu interlocutor—vá lá o seu nome, apesar da modestia em que elle procura envolver-se—que não é outro senão o commandante Cabeçadas, accrescentou:

—Meu caro, nós, os algarvios, temos a nossa economia magnificamente estabelecida. A nossa exportação excede em mais de dois mil contos a importação, e a balança commercial da provincia vae a perto de quatro mil contos. As nossas conservas de peixe, as nossas fructas verdes e seccas, os nossos primores, tudo isso tem os seus mercados no paiz ou no estrangeiro, não chegando, em geral, para os abastecer. Não, não é de grandes emprehendimentos industriaes que o Algarve precisa. Temol-os por cá de primeira ordem, valiosissimos, fecundissimos, lançados por mão de mestre e explorados com um senso commercial absoluto. Mas o que nós não temos é quem nos eduque, quem nos inicie na moderna sciencia agricola, quem nos diga o que de melhor devemos fazer para que os nossos preciosos pomares, tão ricos, tão lindos e tão nossos, não morram estiolados, não sequem devastados por males que não conhecemos.

Passeavamos, conversando, no terraço do hotel Troia. Para o norte, a serra de Monchique, envolta em neblina, parece um gigante adormecido, á hora da sesta, descançando e aguardando o momento propicio para se erguer e sacudir a juba farta, a juba longa e opulenta. Para o sul, o mar, batido pelo sol do meio dia, é uma chapa d'aço reluzente, riscada aqui e além por velas latinas, seguindo tranquillas, avançando serenas, para a barra difficil de Portimão. Do mar vem-nos o ruido monotono, o ruido acarimador das vagas pequeninas, quebrando-se na praia e desfazendo-se na areia em fôfas cabelleiras de espuma. Da terra sopra uma brisa fresca que, acariciando-nos á passagem, difue na sua frescura uma boa parcella do calor que tira á atmosphera a sua translucida placidez.

...E o commandante Cabeçadas continuou assim:

—Ensinem-nos a tratar a amendoeira e a figueira. Digam-nos porque é que a primeira secca tantas vezes sem que se saiba porque e mostrem-nos como as nossas figueiras, que são das melhores do mundo, podem produzir os melhores figos do universo. A esse respeito não sabemos nada. Ainda o anno passado, as amendoeiras, ahi pelas alturas do mez de maio, foram castigadissimas por uma doença que lhes crestou a folha e inutilisou o fructo. O povo, que para tudo tem explicações rudimentares, encolheu os hombros e exclamou:

—Foi um ar que passou!

«E foi um ar escaldante, um ar de fornalha incandescente, que parecia de fogo e ao qual nada podia resistir. Mas, qual a origem d'esse ar? Até hoje, as estações officiaes ainda não no-l'o disseram, e os particulares, faltos de elementos para isso, tambem não cuidaram de o averiguar. Entretanto, posso affirmar-lh'o: as amendoeiras foram castigadissimas. Esta ignorancia que estiola a agricultura algarvia não pode manter-se. Urge dar cabo d'ella. Como? Montando quanto antes n'esta provincia um posto agricola, um posto agronomico completo, onde se façam estudos e ensaios e onde nós, os algarvios, possamos ir pedir todas as luzes, todos os esclarecimentos, todas as indicações que nos forem necessarias e uteis. E' isto o que o Algarve deve pedir, para aprender a tratar os seus pomares e a preparar e a seccar os seus preciosos fructos. Se o Congresso nos der esse melhoramento, prestará á minha provincia um serviço inestimavel. Se não o der, nem por isso a sua obra, pelas ideias que veiu agitar, será menos digna de elogio, de apreço e de agradecimento...

Agora, o sol é mais intenso e a brisa terrestre mais forte e cheia de pó. A menina Laura, esguia, magra, nervosa, toca, como n'uma cathedral immensa, á beira do terraço mourisco, a *campanilla* que chama para o almoço. Não ha duvida. Não ha como o Algarve para ter bom peixe e melhores fructos. Sente-se isso indubitavelmente na Praia da Rocha; depois de um almoço que termine á uma hora da tarde...

Adelino Mendes

O que se escreve a proposito de Portugal

O artigo d'um jornal norueguez—Opiniões allemãs—A attitude dos nossos representantes diplomaticos

A «Aftenposten», de Christiania, publicou ha mezes um artigo que fez sensação, intitulado: «A Noruega não quer ser Portugal!»

A Noruega, segundo o «Aftenposten», dispensava o papel que a Inglaterra pretendia destinar-lhe: de ser uma especie de Portugal no Norte da Europa. A questão foi muito debatida. Dizia-se que, ao passo que a Inglaterra queria fazer um Portugal da Noruega, ameaçando-a com as suas forças economicas, a Russia pretendia conseguir outro tanto sob a ameaça do seu poder militar.

N'esse artigo encaravam-se alguns problemas internacionaes com manifesta apprehensão. A hypothese de uma paz separada entre a Allemanha e a Russia apparecia ao jornal norueguez como um tremendo perigo. A Russia veria, em tal caso, perderem-se todas as suas esperanças sobre Constantinopla, e então seria para temer que, de accordo com a Allemanha, ella procurasse obter compensações na Noruega, abrindo atravez d'ella caminho para o mar.

Commentando esta maneira de vêr, a imprensa allemã declara que o fim principal da guerra consiste em destruir a colligação feita contra o imperio, e que se alguem tem interesse em auxiliar a Russia sobre as suas pretensões do littoral no mar do Norte, é a Inglaterra e não a Allemanha, visto que á Inglaterra convem sobretudo a approximação da Russia. Por isso a approximação com a Russia ou com a Gran-Bretanha seria o suicidio para a Noruega, cuja sorte ha de fatalmente acompanhar o destino da Allemanha.

«A Noruega, diz a «Vossische Zeitung», é um pobre paiz cuja maior riqueza consiste nos seus navios. Estes navios transportam para a Noruega mantimentos e dinheiro. O dinheiro vem de Inglaterra. Esta nação, com medo dos submarinos allemães, abandona cada vez mais a propria bandeira e paga aos armadores norueguezes fretes cada vez maiores. Os mantimentos, porém—trigo e farinha—vae a Noruega buscal-os á America, e o caminho dos seus navios passa por Inglaterra. O principal, comtudo, é que, para manter as suas industrias e a sua navegação, a Noruega precisa de hulha, e a hulha só podem ir buscal-a á Inglaterra, dizem os norueguezes. Sem carvão a Noruega está perdida, por isso a Inglaterra põe e dispõe n'esse paiz a tal ponto que, diz-se, o homem mais poderoso actualmente em Christiania é o ministro inglez. O carvão inglez obrigou a Noruega a interromper quasi todo o commercio de transito com a Allemanha...»

N'esta orientação, os allemães tentam desculpar-se dos frequentes attentados dos seus submarinos á navegação norueguesa, attribuindo á perfidia da Inglaterra a causa de todo o mal. Por isso, accrescentam, se a Noruega, obrigada pela colligação anglo-franco-russa «não quer vêr-se degradada á situação de um Portugal no Norte», só tem que desejar a victoria da Allemanha.

E' lamentavel o desconhecimento que ácerca das coisas portuguezas revela a gazeta de Christiania, a que nos referimos. Mais lamentavel, porém, é que o nosso representante junto do governo norueguez não haja lavrado o seu protesto contra as affirmações inexactas umas e injustas outras do «Aftenposten».

A attitude do representante de Portugal em Berlim, grande admirador da Allemanha, tambem seria para estranhar se fosse nova. Mas tem sido sempre a mesma, desde o principio. O sr. Sidonio Paes, que, segundo nos consta, se affige enormemente com todas as manifestações portuguezas de sympathia pelos alliados, afflicção patenteada por mais d'uma vez, parece não se incommodar com o que de deprimente e até affrontoso para nós se publica na imprensa germanica. Com effeito, já alguem ouviu dizer que o nosso ministro em Berlim se incommodasse com o que por lá escrevem de nós?

Os russos annunciam exitos contra os austro-allemães

PETROGRADO, 9.—Official—Na linha de Riga a Duvinsk não houve alteração. Affastámo-nos um pouco da margem direita do Loutza. Em Grodno repellimos um ataque inimigo, infligindo-lhe grandes perdas.

Na Galicia proximo de Tarnopol alcançámos um grande successo no dia 7, pois que, antecipando-nos a um ataque allemão na 3.ª direcção da Guarda, da 48.ª divisão de reserva allemã com uma brigada austriaca e numerosa artilharia, estas forças foram completamente batidas. A superioridade da sua artilharia impediu-nos, porém, de desenvolver a offensiva.—(*Havas*).

EM TORNO DA GUERRA

OS "ZEMSTWOS,,

Os municipios russos teem prestado excellentes serviços, em virtude da sua autonomia

Um dos factos mais notaveis resultantes da guerra actual é a transformação effectuada na organisação do povo russo, devida ao desenvolvimento e força que adquiriu a autonomia municipal.

Toda a população civil do imperio russo, considerando a actual lucta uma guerra nacional, decidiu cooperar com os meios de que dispunha na acção do exercito; a união e combinação d'estes esforços realisados pelas populações desde o Mar Branco ao Mar Negro, desde Petrogrado a Wladivostock, está sendo effectuada pelos *zemstwos*, que são as Camaras Municipaes.

Desde ha muito que os *zemstwos* veem exercendo grande influencia nos districtos ruraes da Russia, mas a sua acção, embora meramente administrativa, era frequentemente entorpecida e sempre limitada pelo governo central, a ponto de por varias occasiões, e ultimamente pela guerra russo-japoneza, o antagonismo entre estas organisações municipaes e a burocracia imperial ter dado motivo a gravissimas questões.

O pertinaz e fecundo trabalho d'estes organismos deu, porém, tão beneficos resultados que os *zemstwos* teem vindo ganhando credito e influencia cada vez maior.

Ao estalar da guerra actual, quando o povo comprehendeu a indole e a magnitude do conflicto, produziu-se na Russia um facto semelhante ao que se produzira em França: todos os partidos, escolas e doutrinas envolveram as suas bandeiras perante o perigo nacional e o governo central, reconhecendo a grande utilidade dos *zemstwos* para obter e organisar a cooperação da população civil na lucta, immediatamente creou disposições que alargavam e vigorisavam as faculdades d'estas corporações, concedendo-lhes verdadeira autonomia para certas funcções e auctorisando-as a constituir federações que, com faculdade e efficacia pudessem dispensar auxilios ás familias dos combatentes, concorrer e proporcionar commodidades aos soldados no campo da batalha, subministrar elementos para a campanha, n'uma palavra, juntar a cooperação do povo á acção do exercito.

Os *zemstwos*, respondendo ás disposições do governo, reuniram-se em Congresso Nacional a que concorreram representantes d'estas communidades municipaes de todo o paiz, examinando e discutindo todos os trabalhos que podiam ficar a cargo dos municipios e a maneira de leval-os a cabo, organisaram os serviços que haviam de effectuar-se.

D'est'arte, e graças á iniciativa d'estas corporações municipaes cuja acção se estende por todos os recantos do immenso imperio, se creou um verdadeiro exercito de medicos civis, de enfermeiros, enfermeiras e peritos sanitarios de todas as classes, exercito que coopera na obra de defesa nacional.

Os hospitaes organisados pelos *zemstwos* recebem feridos em todos os pontos do paiz e as ambulancias sanitarias, constituidas por civis que voluntariamente se apresentaram para este serviço, equipadas e mantidas pelas corporações municipaes, prestam soccorros nos campos de batalha, ao lado das instituições militares da mesma indole.

Outro ramo da acção autonoma dos *zemstwos* é o estabelecimento de cantinas que proporcionam aos soldados, mesmo nas trincheiras, o chá que tanto conforta o combatente e é a bebida nacional na Russia.

Egualmente estabeleceram depositos de materiaes pharmaceuticos e de roupas, installações moveis de banhos, secções de cirurgia dental, emfim, todo o que constitue o lado não exclusivamente militar em campanha, mas que durante ella é absolutamente necessario a um exercito para que a sua acção seja efficaz e o soldado possa bater-se sem que se veja paralisado pela falta de meios de vida, antes com o enthusiasmo e confiança que lhe dá a convicção de que tem atraz de si o apoio, o auxilio directo de toda a nação.

Esta forma de se conseguir a cooperação da acção popular, graças a uma organisação de effeitos rapidos, uniformes, sem embaraços da burocracia official, é o resultado da autonomia e federação dos *zemstwos*, e constitue uma lição d'incalculaveis consequencias para o futuro do povo russo.

O ATTENTADO DO RIO

A morte de Pinheiro Machado

O celebre homem publico foi victima da punhalada que, por vingança pessoal, lhe deu um operario

Produziu enorme sensação, principalmente entre a colonia brazileira residente em Lisboa, a noticia telegraphica de que fôra assassinado, no Rio de Janeiro, o senador Pinheiro Machado, uma das figuras mais influentes, se não a mais influente, da politica do Brazil.

A informação, dada laconicamente, não accrescenta pormenor algum sobre as causas de semelhante attentado. O telegrapho diz-nos apenas que o assassino foi um rapaz de nome Francisco Manso de Paiva Coimbra, ou Paiva Manso, de 27 annos de edade, natural do Rio Grande do Sul, onde havia nascido tambem o general Pinheiro Machado, o qual fizera d'esse Estado, por assim dizer, o seu baluarte politico.

Tudo, porém, que sabemos da sua vida nos leva a formular a hypothese de que o assassino, ou agindo individualmente ou com a cumplicidade d'outros, foi impulsionado por esse odio implacavel que os adversarios politicos do general Pinheiro Machado lhe votaram.

Sendo o vulto mais preeminente nas luctas politicas do paiz irmão, era tambem o mais combalido, aquelle contra quem se votavam mais encarniçadamente as paixões e os odios dos partidos contrarios ao seu. A imprensa opposicionista, representada principalmente pelo «Correio da Manhã» e pela «Epoca», sustentava contra elle uma campanha formidavel, sem precedentes nos jornaes brazileiros.

Pinheiro Machado mostrava-se impassivel e, quando algum dos seus amigos ou correligionarios na sua presença se referia a algum artigo mais violento, tinha de ordinario esta phrase:

—Não os leio, para não me intoxicar...

Quando Wenceslau Braz, o actual presidente do Brazil, tomou posse, começou-se a propalar que o dominio do general Pinheiro Machado nas coisas da administração do Brazil estava terminado. N'essa altura, o chefe do partido republicano conservador foi entrevistado por um jornalista que, á queima-roupa, lhe falou do que se dizia sobre o seu pretendido tombo nas regiões politi-

---

CHRONICA SCIENTIFICA

Telephonia sem fio

De um modo semelhante ao que succedeu com a telegraphia, as tentativas de transmissão acustica desprezando as conducções aereas, tiveram uma epoca de tentativas não menos arriscadas e inspiraram-se por vezes nas necessidades da guerra, para o estabelecimento de communicações difficeis. Ficaram celebres as experiencias de Bourbouze, que em 1870, durante o cerco de Paris, concebeu a ideia engenhosa de transmittir despachos pelo Sena.

A primeira diligencia feita no sentido de ligar telephonicamente duas estações, servindo-se da terra como conductor, (via telurica) data de 1892 e é attribuida ao engenheiro inglez Preece, que conseguiu estabelecer uma communicação entre as duas margens do canal de Bristol, a uma distancia de 5 kilometros. Se compararmos esta experiencia inicial e o seu fraco alcance com o prodigio, que mal nos contenta actualmente, de telephonarmos a muitas centenas de kilometros, parecer-nos-ha aquella uma infantilidade, como a lembrança historica das primeiras velocidades conseguidas hesitantemente pela locomoção a vapor, de 6 a 8 kilometros á hora, nos fazem sorrir contando seguramente com os rapidissimos transportes de hoje.

Collins na America aperfeiçoou o sistema de communicações terrestres, interpondo no circuito um arco voltaico, cujas vibrações seriam traduzidas por um microphono posto em derivação sobre aquelle circuito. Outros inventos foram experimentados, sem que se obtivesse mais de que um fraco effeito. Concluiu-se, portanto, que a communicação pelas ondas propagadas pela terra (ondas teluricas) só póde ser utilisada para pequenas distancias.

N'uma phase ulterior da telephonia sem fio, tentou-se aproveitar as ondas luminosas, para o que é necessario que os postos sejam visiveis um do outro. São muito curiosas as experiencias feitas n'este sentido, iniciadas ha muitos annos pelo proprio auctor do telephono, Graham Bell (1880), mas insufficientes na pratica, carecendo do emprego de apparelhos custosos e delicados, cuja regulação é difficil e que servem na actualidade para demonstrações elegantes de physica. A sua construcção assenta principalmente no conhecimento de uma propriedade do Selenio, a qual consiste na variação da conductibilidade electrica de este metaloide, conforme a incidencia da luz. As variantes de intensidade luminosa, modificando a resistencia do Selenio á passagem de uma corrente electrica, podem converter-se em vibrações sonoras, dando origem a communicações verbaes perfeitamente audiveis. Apesar dos aperfeiçoamentos introduzidos por Ruhmer e Ancel, este sistema não logrou insinuar-se na pratica.

* * *

O advento das ondas hertzianas veiu modificar por completo os processos de telephonia sem fio e centuplicar-lhe o alcance previsto. Os primeiros tentames feitos por este modo foram os do engenheiro dinamarquez Poulsen, que por seu turno poz em pratica os resultados das experiencias notaveis de Thompson e Duddell. A Ruhmer deve-se tambem um progresso sensivel na senda aberta por aquelles inventores. O sistema, que tem soffrido numerosas modificações, conforme os technicos que o teem posto á prova, funda-se principalmente nas propriedades oscillatorias do arco voltaico, pelas quaes, em certas circumstancias, elle merece a denominação de «cantante». Trata-se da producção de uma especie de ondas pelo arco electrico, reproduzindo em ponto grande o que uma simples faisca electrica produz em ponto pequeno, isto é, a formação de ondulações que amortecem mais ou menos rapidamente, separadas em grupos, que se podem succeder em intervallos muito curtos.

Para que estas ondas possam ser de effeito util para a telephonia, é preciso que realmente estes intervallos sejam pequenos e pouco numerosos, para que o numero de periodos sensiveis e de amplitudes eguaes seja da mesma ordem que o das ondulações sonoras. E' por isso que a telephonia sem fio aproveita sobretudo as ondas ininterruptas (entretenues). Thompson descobriu que o arco electrico é, em determinadas condições, um gerador d'estas ondas. Após esta revelação curiosa, os physicos lançaram-se com avidez no caminho esclarecido por ella e, já no começo d'este seculo, Duddell precisou a maneira como o arco voltaico pode dar a nota musical, phenomeno a que deram o nome de «arco cantante». Foi, porém, Blondel quem indicou claramente que este facto serviria para a geração de ondas hertzianas applicaveis á telegraphia e á telephonia, sem intermedio de conductores metalicos.

Estas ondulações são alteradas na sua amplitude pelas vibrações da voz e transmittidas atravez do espaço vão influenciar a antena do posto receptor. N'este existe um apparelho especialmente destinado a receber estas ondas modificadas (detector) e que percebe as variações impressas ás ondas, communicando-as ao receptor telephonico, que as transforma de novo em vibrações sonoras.

O arco productor das oscillações hertzianas forma-se entre um electrodo de carvão e outro de cobre (positivo), n'uma atmosphera de hidrogenio renovada; e está intercalado no circuito primario de um transformador apropriado, cujo secundario se liga á antena. Sobre a mesma corrente acham-se ligados em derivação o microphono transmissor e o telephono receptor, cada um com a sua pilha. De modo que cada posto é munido de um transmissor e de um receptor.

D'este apparelho, de que damos resumidamente a constituição typica, derivou, por successivos aperfeiçoamentos introduzidos por varios experimentadores, a radiotelephonia, tal como hoje se emprega, nas suas multiplas applicações praticas.

* * *

Foi em França que primeiro se serviram d'esta descoberta para a conversação a grande distancia. As primeiras experiencias foram feitas em 1908, entre Paris e Dieppe, por terra e depois por mar, entre Toulouse e Port-Vendres, por conta do governo francez, pelos officiaes de marinha Colin e Jeance, inventores de um sistema especial, empregando o «arco cantante» de Poulsen e Duddell. Desde então, aos elementos de perfeição introduzidos nos apparelhos teem-se seguido resultados, cada vez mais apreciaveis, de duas ordens: Maior alcance e consideravel clareza de som.

As experiencias repetidas com exito crescente e animador, principalmente no mar, tiveram por consequencia a officialisação do sistema e a sua entrada na pratica corrente. Dois navios de guerra da esquadra do Mediterraneo foram providos de apparelhos apropriados e assim foi possivel sustentar conversas a 200 kilometros, mesmo em circumstancias atmosphericas desfavoraveis.

A musica e o canto são ouvidos com maior facilidade, a distancias muito grandes. Fizeram-se tentativas de intercepção, por meio de outros navios, que emittiam poderosissimas ondas electro-magneticas, conseguindo apenas reduzir a distancia de audição effectiva.

O problema da independencia e exclusivismo de ondulações, dito de syntonização, estabeleceu-se para a radio-telephonia como para a telegraphia sem fio. Porém como as ondas são transmittidas com um determinado comprimento, póde resolver-se este interessante problema afinando os receptores, de modo a registarem apenas as ondas de um certo comprimento, com exclusão de outras, o que tem por fim evitar qualquer confusão nos despachos ou phrases trocadas entre os differentes postos.

Na America adoptaram o sistema Forest desde 1911, a bordo dos navios de guerra; assim tambem o almirantado inglez.

A Italia serve-se do aperfeiçoamento de Majorana, que tornou possivel a communicação entre Roma e San Giuliano, a 420 kilometros.

Poulsen com o seu apparelho cobriu este «record», telephonando pelo seu processo entre Copenhague e Berlim, a 460 kilometros. E' certo, porém, que estas communicações radio-telephonicas, para serem devidamente aproveitaveis, devem ter uma limitação de distancia, pois que, a partir de 240 kilometros o som enfraquece necessariamente e a palavra tende a tornar-se menos distincta.

E' facil de comprehender a utilidade que apresenta, particularmente em occasião de guerra, a troca de communicações telephonicas, que tem sobre as radio-telegraphicas a vantagem de serem menos facilmente interceptadas e de se conservarem confidenciaes, abrangendo, ainda assim, respeitaveis distancias. A telephonia sem fio tem, portanto, a bordo dos barcos de guerra a sua applicação mais importante, o que não quer dizer que seja unica. Este sistema permitte a quaesquer navios communicarem entre si e com as costas e, o que representa sem duvida inestimavel vantagem, possue a utilidade de prevenir, por meio de engenhosos dispositivos, as colisões imminentes no alto mar, causadas pelo nevoeiro, ou ainda dar aviso da approximação de escolhos perigosos ou de navios inimigos.

Póde dizer-se que a telephonia sem fio não sahiu ainda das espheras officiaes: não está por emquanto a ponto de entrar ao serviço do publico; as esperanças são bem fundadas de que, a despeito dos progressos e da extensão cada vez maior da radio-telegraphia, com a qual rivalisa, aquella virá a ser uma duplicação moderna, de utilidade geral.

J. Bethencourt Ferreira

cas e a sua discutida impopularidade.

O general Pinheiro Machado escutou-o serenamente e, por fim, com a linha de gentleman que nunca o abandonava, com o sorriso indefinivel, enygmatico que não perdia, ainda nas occasiões mais graves da sua agitada existencia politica, respondeu:

—Como se comprehende o meu tombo e a minha impopularidade se eu sou ainda o maior accionista dos jornaes que me combatem. As suas grandes tiragens devem-se ás campanhas que fazem contra mim. Ora, meu amigo, emquanto eu tiver um publico tão numeroso que se interesse por mim, não se póde considerar a minha queda.

Para ficar ainda mais accentuada a verdade de que as luctas politicas não intimidavam o general Pinheiro Machado, está a sua affirmação por varias vezes feita de que o desenvolvimento do Brazil se devia precisamente á agitação intensa em que a politica d'aquelle paiz tem vivido nos ultimos annos.

A figura de Pinheiro Machado

O senador riograndense a quem os seus adversarios politicos attribuiam uma influencia machiavelica na administração do Brazil era, tratado pessoalmente, um homem distincto, um palestrador interessante, ferindo de quando em vez a nota ironica com leveza e graça. Os seus discursos politicos eram feitos sempre com uma grande calma, ainda mesmo que fôssem para responder ás maiores violencias.

Chefe do partido republicano conservador, o mais forte do Brazil pela sua larga representação parlamentar, teve de sustentar principalmente campanhas contra o illustre senador bahiano Ruy Barbosa, a mais brilhante mentalidade da America do Sul, e que se encontra á frente do partido civilista. Foi o partido republicano conservador que poz na presidencia o marechal Hermes da Fonseca, tendo-se ferido n'essa occasião os mais violentos pleitos eleitoraes de que reza a historia politica do Brazil e que só teem precedentes na America do Norte. Pois, não obstante o grande prestigio e a grande corrente de popularidade de que gosa Ruy Barbosa, a vontade de Pinheiro Machado triumphou, tendo, depois, no governo hermista o papel mais preponderante no destino da administração brazileira.

O senador riograndense era formado pela faculdade de direito de S. Paulo, tendo exercido a advocacia no Rio Grande do Sul. Quando com o imperio, em 1889, foi eleito deputado por aquelle Estado, passando a fazer parte em 1891 do Senado federal, de que agora era presidente.

Como militar, teve uma acção briosa na guerra civil de 1893 e na batalha de Passafundo.

O general Pinheiro Machado contribuiu grandemente para os vinculos de amizade que ligam a Republica brazileira e a Republica Portugueza, tendo auxiliado muito o sr. Bernardino Machado, com quem mantinha excellentes relações, na creação da embaixada de Portugal no Rio.

A impressão na embaixada do Brazil

No intuito de colhermos impressões sobre o attentado de que foi victima o general Pinheiro Machado, estivemos hoje na embaixada do Brazil. Amavelmente recebidos pelo sr. Belfort Ramos, 1.º secretario, avistámo-nos, em seguida, com o encarregado de negocios, sr. Velloso Rebello. O illustre diplomata diz-nos:

—A impressão que nos causou a noticia, transmittida laconicamente pela Havas, é a mais dolorosa...

—Acredita n'um attentado politico?

—Inclino-me mais a acreditar n'uma monstruosa vingança pessoal. A politica no Brazil está agora relativamente calma; as paixões amainaram e os horisontes são todos de confiança e de patriotismo... A não ser que se trate de um exaltado, de um louco que tivesse agido isoladamente... Ha tanto casos assim...

Olhe o de Jaurès, por exemplo. E' verdade que o Brazil nunca nos havia dado exemplos d'estes, mas as paixões são cheias de surprezas.

—O general Pinheiro Machado continuava a collaborar na obra do governo actual, dando o seu apoio ao sr. Wenceslau Braz?

—Evidentemente. A candidatura do sr. Wenceslau Braz sahiu do partido republicano conservador, não podendo ser mais cordeaes as relações politicas e pessoaes existentes entre este governo e o general Pinheiro Machado.

—Acha v. ex.ª que com a morte do general Pinheiro Machado a força do partido republicano conservador soffrerá um grande abalo?

—O fallecimento de Pinheiro Machado será, sim, muito lamentado, deixando uma lacuna difficil de preencher, porque a sua figura tinha um enorme prestigio; no emtanto, o partido republicano tem antigas e brilhantes tradições, não podendo deixar nunca, ainda mesmo n'esta dolorosa conjunctura, de continuar a affirmar a sua cohesão e a sua força.

—E quem substituirá o general Pinheiro Machado na chefia do partido?

O encarregado de negocios do Brazil hesita na resposta, seguindo-se á nossa pergunta, talvez já um tanto indiscreta, o silencio de alguns instantes. Somos nós que o interrompemos, accrescentando:

—As probabilidades não serão favoraveis ao senador Azeredo?

—Sim, effectivamente, o senador Azeredo é uma figura de grande relevo dentro do partido e era o braço direito do general Pinheiro Machado, mas... a politica tem tantos caprichos.

As ultimas noticias do attentado

A ultima noticia transmittida pela Havas sobre o attentado diz o seguinte:

RIO DE JANEIRO, 8 de setembro, ás 11.55, n.—O senador Pinheiro Machado foi assassinado no momento em que entrava no Hotel dos Estrangeiros.

O assassino é um operario do Rio Grande do Sul, chamado Paiva Manso que declarou ter agido sem ter outros cumplices, attribuindo ao senador Pinheiro Machado as desgraças de sua familia.

Pelos telegrammas recebidos antecedentemente, sabe-se que a arma de que o assassino se serviu foi o punhal.

No boudoir

Respondendo..

Conseguir com esplendidos tecidos: sedas, veludos, brocados e peliças e com joias admiraveis e ricas adquirir um conjuncto artistico que faça realçar a belleza natural do rosto e do corpo é alguma cousa decerto. Mas saber conservar os traços puros e a frescura da mocidade e da formosura por meio de uma higiene bem orientada e de escrupulosissimos cuidados intimos é, sem duvida, muito mais: é o verdadeiro segredo. Pelas cartas que, frequentemente, recebo das minhas amaveis leitoras, quasi todas concernentes a este assumpto:—conservação da belleza—vejo que desejam estar na posse d'este decantado segredo. E' natural, naturalissimo, este desejo e eu ponho ao vosso dispor, minhas gentis leitoras, todo o meu fraco prestimo, todo o meu pequeno saber .. Mas peço-vos que não esqueçeis que a par da higiene, da belleza, a par dos perfumes, dos cremes macios, dos regimens salutares, que vos hão de conservar, dar ou augmentar a formosura e a saude physicas, ha tambem *perfumes, cremes e regimens* agradabilissimos que vos tornarão bellas, extremamente bellas aos olhos de todos, quando os vossos cabellos forem côr de neve e o vosso rosto estiver sulcado de rugas, alquebrado o vosso busto. E agora que a mocidade está comvosco—com aquellas que me teem escripto e com muitas outras, estes ultimos *regimens*, reunidos aos primeiros, hão de dar á vossa belleza, á vossa juventude ou esplendida maturidade, ou um brilho soberanamente encantador.

Certamente, minhas queridas leitoras, sabeis que me quero referir á belleza, á formosura do espirito.

E sabeis, tambem, quaes são os cosmeticos, os regimens que a tornarão bella, sempre e cada vez mais bella: uma cultura intellectual bem orientada, uma grande bondade e indulgencia e arte de saber ser velha a tempo, d'essas velhas encantadoras, em cujos olhos, em cuja phisionomia se lê um passado de amor, de vida ardente mas bondosa e intelligente.

E agora penetremos no nosso gabinete de «toilette» e comecemos os nossos cuidados. Attenderei primeiramente Maria Laura, que primeiramente me escreveu.

Maria Laura quer um pó, um elixir ou uma pasta que branqueie os dentes. Tem experimentado varios d'estes ingredientes sem obter resultado. Maria Laura começará por lavar os dentes após as refeições com agua morna addicionada de algumas gottas de agua oxigenada. Todas as manhãs e todas as noites ao deitar com o pó «Pompadour».

A escova de dentes deve ser macia e da primeira qualidade e aconselho Maria Laura a ter duas: uma para as lavagens depois das refeições e a outra para as lavagens de manhã e á noite.

Escusado será dizer que as escovas devem ser bem lavadas todos os dias e postas a seccar ao ar livre.

Espero que Maria Laura me escreverá depois d'uns vinte ou trinta dias d'este tratamento, dizendo-me se tirou ou não resultado.

Victoria.—Para cura das suas sardas faça lavagens com agua e borax, na proporção de 10 grammas de borax para 2 litros de agua. Estas lavagens são diarias e devem fazer-se pela manhã e á noite.

Deverá usar, juntamente, o creme «Pompadour» e o «Secret Pompadour», em substituição do pó de arroz. O «Secret Pompadour» branqueia a cutis, dando-lhe um tom natural de uma grande suavidade. Substitue, com vantagem, o pó de arroz, bem como o uso de outros cremes.

Pouco a pouco, destroe os pontos pretos e faz desapparecer as sardas.

Silvia Campos.—Faça gymnastica respiratoria. Ande bastante e tome phosphatos de cal. Talvez lhe dê resultado.

Maria Conti

Declaração

Pedro Joaquim Ferreira de Mesquita declara que não se responsabilisa por qualquer acto praticado por seu filho Carlos Valladas Ferreira de Mesquita.

Lisboa, 10 de Setembro 1915.

Pedro Joaquim Ferreira de Mesquita

O theatro Republica

Um protesto da Sociedade Nacional de Bellas Artes

O presidente da direcção da Sociedade Nacional de Bellas Artes, sr. A. A. da Costa Motta, enviou ao sr. visconde S. Luiz Braga um officio em que lhe dá conta da resolução tomada pelos artistas portuguezes na assembléa geral de 28 do mez findo, resolução que é um protesto contra a decisão tomada pela empreza do theatro Republica em entregar n'uma occasião tão critica como a actual a decoração d'essa casa de espectaculos a artistas estrangeiros, pondo de lado os portuguezes, em que figuram nomes como Columbano, Malhôa, Ramalho, Salgado, Reis e tantos outros, cujas obras são por todos admiradas.

Prestando a homenagem devida ao esforço feito pela empreza para a reconstrucção do theatro, a Sociedade Nacional de Bellas Artes appella para o sr. visconde S. Luiz Braga, confiando em que a resolução tomada não será mantida e que serão artistas nacionaes os que irão decorar o theatro Republica.

MUSICA

Homenagem ao tenente Aragão

Illustrado com o retrato do homenageado, publicou o sr. José Neira uma marcha militar para piano dedicada ao heroe de Naulila, revertendo 10 por cento da receita bruta proveniente da venda d'essa musica a favor dos feridos d'aquella acção.

José Neira é um moço compositor cheio de talento e por certo a sua composição deve encontrar o acolhimento que merece.

Espectaculos

Cartaz de ámanhã

POLITEAMA—A's 21,30 e 22,30—Não desfazendo... (Revista).
EDEN—A's 20,45 e 22,45—O diabo a quatro. (Revista).
COLISEU DOS RECREIOS—A's 21—Manobras de outomno.

Agenda da semana

HOJE—Coliseu dos Recreios—*Paraizo de Mahomet.*

SABBADO—Eden—Festa do actor Nascimento Fernandes—A revista *O diabo a quatro*, em espectaculo completo, com o quadro novo *O comment do Colla-tudo.*

A festa de André Brun

constituiu uma carinhosa manifestação de simpathia para o brilhante escriptor theatral

Como fôra annunciado, realisou-se hontem no Polyteama a festa de André Brun, com a representação da sua applaudida e engraçadissima revista *Não desfazendo.* A noite de hontem equivaleu á consagração de mais um triumpho do nosso querido camarada de redacção. Todos os seus amigos, escriptores, artistas, jornalistas se deram «rendez-vous» no elegante theatro, que trasbordava de publico, anciosa por exprimir, em vibrantes e calorosas ovações, a admiração que lhe merece o bello talento do André Brun, actualmente sem duvida o primeiro dos nossos escriptores humoristas.

E não foi só o publico que lhe manifestou assim a sua sympathia: os artistas quizeram egualmente endereçar-lhe a expressão do seu carinho, cobrindo de flôres, ao terminar o primeiro acto, o festejado auctor da revista. Ignacio, Palmyra Torres e Maria Pia, como interpretes conscienciosos, compartilharam justamente das ovações.

Estrearam-se, com muito applauso, dois numeros novos: o «Homem das ideias», que é um «charge» engraçadissimo, e o bailado dos aeroplanos, no qual appareceu pela primeira vez em publico a joven artista Virginia Martins, de que brevemente os espectadores do Polyteama vão ter occasião de admirar a voz excellente n'um numero novo de fados.

Noticias

Entre nós

A linda partitura de Edmundo Audran «A Mascotte» foi hontem muito bem cantada no Colyseu dos Recreios pela companhia Granieri, que ouviu merecidos applausos. Anita Patrizi Granieri na pastora «Nina», Amedeo Granieri no «Tonio» e Ettore Razzoli no «Lourenço XIV» foram magistralmente, ouvindo tambem muitos applausos o comico Marchetti.

Hoje canta-se «O Paraizo de Mahomet». Esta opereta, que póde ser considerada como nova entre nós, tem a seguinte distribuição:

«Bengalina», Cina de Valdis; «Bashir», Manlio Serrini; «Barbouche», Raffaele Vizzani; «Fattué», Rosalia Pangrazi; «Principe Brinidindim», Amedeo Granieri; «Radabomm», Adriano Marchetti; «O Grão Vizir», Felice Tati; «Saliha», Zelinda Tati; «Mabout», Ettore Razzoli; «Nerestan», Gioachino Saccardi.

E' das mais lindas operetas do reportorio da companhia e vae posta com verdadeiro luxo de scenario e guarda roupa.

A'manhã, em recita de assignatura, «Manobras de outomno», e no sabbado o «Bejabo» para festa de Cina de Valdis.

Circos & Music-halls

Noticias

Entre nós

A epocha de inverno no Colyseu dos Recreios inaugura-se no dia 25 com a estreia de uma esplendida companhia de circo, da qual farão parte os melhores numeros que existem n'este momento, podendo dizer-se que não existe em circo algum da Europa companhia melhor do que a que vem ao Colyseu. D'ella fazem parte os melhores «clows» e o numero de maior attracção da actualidade, que é um verdadeiro assombro e deve ter entre nós exito jámais alcançado por qualquer outro trabalho.

—Por iniciativa de dois socios dos Desportos de Bemfica foi montada com luxo, conforto e elegancia, n'um esplendido salão annexo aos mesmos Desportos uma casa de espectaculos, intitulada Salão Verde, cuja inauguração se realisa depois de amanhã com um esplendido programma animatographico composto de fitas da Companhia Cinematographica de Portugal, de que faz parte a fita de 2.500 metros «A esmeralda sangrenta».

Nos intervallos ha concerto musical pela orchestra dos Alumnos Cegos da Escola Feliciano de Castilho.

No domingo ha «matinée» dedicada ás creanças com um programma comico.

—No Salão da Trindade é hoje a «première» da operetta em 2 actos, de costumes portuguezes «Filha da Anica», de Camara Manuel e Mello Vieira, musica de Forjaz Rebello.

SALÃO DA TRINDADE—A's 20 e 22—Companhia infantil—Filha da Anica.

ANIMATOGRAPHOS E CONCERTOS—Olympia e Paradis, *matinées* diarias e sessões á noite; Central, Chiado Terrasse, Salão Foz, Rocio; Sociedade Promotora de Instrucção, em Alcantara, sessões ás quintas feiras, sabbados e domingos.

CINEMATOGRAPHOS OU ESPECTACULOS VARIADOS—Chantecler, Imperio, Salão Graça, na Caixa Economica Operaria, Variedades, na calçada da Estrella—A's 21,30—O diabo no convento.

ULTIMAS NOTICIAS

A grande guerra

Violentos combates no theatro occidental

PARIS, 9.—Communicação official das 15 horas—Em Artois houve lucta por meio de granadas manuaes e fusilaria de trincheiras para trincheiras nos sectores de Neuville e Roclincourt. Houve canhoneio vivissimo ao sul de Arras na região de Roye.

Em Argonne, na região de Fontaine-aux-Charmes, houve violentos combates que duraram toda a noite.

Os allemães renovaram os seus ataques com grande encarniçamento. A nossa linha, á excepção de um elemento de trincheira a leste de Layon-Binnarville, foi mantida em toda a parte, tendo nós feito alguns prisioneiros e tomado uma metralhadora.

Na Lorena, na floresta de Parroy, houve, segundo consta, alguns recontros nos postos avançados com vantagem para nós.

Nos Vosges houve combates com granadas nas alturas a leste de Metzeral.

Foram hontem lançadas umas cincoenta granadas pelos nossos aviões sobre a gare de Challerange. Na noite de hontem para hoje um dos nossos dirigiveis lançou bombas sobre a gare e fabricas de Nesle.—(*Havas.*)

Aeronaves allemãs sobre Londres

LONDRES, 7.—As aeronaves inimigas visitaram esta noite os condados de leste e região de Londres, onde lançaram bombas incendiarias e explosivas. A' meia noite recebeu-se noticia de estarem já extinctos os incendios provocados por ellas.—(*Havas*).

Os barcos allemães detidos em Lisbôa

PORTO, 9.—Devem largar hoje á noite para Lisboa o *Almirante Reis* e o *Douro*, que vão comboiando os barcos allemães *Vesta* e *Santa Ursula*, até darem entrada no Tejo.

Escolas de repetição

As unidades que sahiram de Lisboa a semana passada para as escolas de repetição regressam ámanhã a Lisboa, devendo a concentração de todas as forças fazer-se, ao que parece, em Carcavellos, d'onde marcham, ás 9 horas, em direcção aos seus quarteis. Os regimentos que teem estado nas manobras são: a bateria de artilharia n.º 1, do commando do major sr. Pereira Bastos, o 1.º grupo de metralhadoras e infanteria n.º 1, 7 e 16. Artilharia e infanteria 1 seguem pela estrada militar e os restantes veem passar á Rotunda.

PORTALEGRE, 8.—Sahem no dia 18 para os exercicios da escola de repetição o regimento de artilharia de montanha e o 1.º batalhão de infanteria 22, aquartelados n'esta cidade.

ECHOS & NOTICIAS

INFORMAÇÕES—COMMUNICADOS

TEIXEIRA LOPES

Estão em Lisboa os artistas portuenses Antonio e José Teixeira Lopes. O insigne estatuario de «A viuva» veiu entregar, incluindo uma placa, o busto da nobre senhora, grande de espirito e de coração, que foi a duqueza de Palmella e observar o andamento dos trabalhos do mausoleu d'aquella illustre dama, que foi uma das mais fervorosas admiradoras do grande artista.

Teixeira Lopes não [illegible] muito a Lisboa, sendo aqui desconhecidas as suas ultimas producções e [illegible] figuram aquellas adoraveis [illegible] de creanças, umas dormindo, [illegible] brincando, que são verdadeiros [illegible] de execução e o inexcedivel de [illegible].

Será dado a capital [illegible] de admirar todas essas lindas [illegible] do esculptor nos ultimos [illegible].

—Parece que sim, [illegible], pois não desisti ainda de organizar uma exposição em Lisboa. Não me [illegible] a idéa de exhibir esses meus trabalhos ao ar livre, que é o ambiente proprio da estatuaria. O jardim botanico ou o da Estrella, recintos fechados prestam-se admiravelmente para o effeito. Não é, pois, impossivel que, mais cedo ou mais tarde, os meus trabalhos aqui sejam expostos.

Que seja o mais breve possivel são os nossos votos e os de todos aquelles que admiram o grande artista, honra da terra portugueza.

NOTAS MUNDANAS

Realisou-se hoje o casamento do sr. Mario Garcez de Azevedo, filho do fallecido escriptor Maximiliano de Azevedo, com a sr.ª D. Julia Campos e Silva. Foram testemunhas por parte da noiva a sr.ª D. Helena d'Arriaga Lane e a sr.ª D. Beatriz d'Oliveira, e por parte do noivo a sr.ª D. Valentina Morisson de Azevedo, e o illustre actor sr. Augusto de Mello.

—De Aviz partiu para as Pedras Salgadas o sr. Antonio Paes.

—Acompanhado de sua esposa partiu hoje para as Caldas da Rainha o tenente da guarda fiscal sr. Pedro Augusto Correia.

—Encontram-se em Parede o sr. dr. Sobral de Campos e sua esposa a sr.ª D. Maria Amelia Caldas Xavier.

—Encontra-se restabelecido o sr. Eduardo Veiga de Araujo, abastado lavrador, proprietario do Mouchão da Povoa.

FRUCTAS

A exposição de fructas que hoje se inaugurou no salão da «Illustração Portugueza», promovida pelos horticultores do Porto srs. Alfredo Moreira da Silva & Filhos, foi visitada pelos srs. presidente da Republica, que se fazia acompanhar do seu secretario particular sr. Levy Bensabat e presidente do ministerio, acompanhado do seu secretario sr. alferes Paula Pacheco. Os srs. drs. Theophilo Braga e José de Castro, que visitaram demoradamente a exposição, inscreveram os seus nomes no livro dos visitantes.

NOTAS DIVERSAS

O conselho de ministros voltou a reunir hoje pelas 17 horas no ministerio da marinha.

—O sr. ministro da guerra, que hoje era esperado em Lisboa, de regresso da sua inspecção ás escolas de repetição, só chegará ámanhã.

—Com o sr. ministro do Interior conferenciaram os governadores civis de Lisboa e Beja, o director da policia de investigação e uma commissão de fundidores de metaes e torneiros.

—Navegando do sul para o norte, passou hoje á vista de Espichel e Oitavos um cruzador hespanhol.

—Conferenciaram com o sr. ministro do fomento os srs. José Belvas e coronel Vasconcellos Dias, director da Manutenção Militar.

—O sr. ministro do fomento recebe depois d'ámanhã, pelas 14 horas, os delegados dos sindicatos agricolas do paiz a fim de serem tratadas a questão dos adubos e outros. N'esse sentido foram hoje expedidos telegrammas, marcando a reunião.

CLASSES TRABALHADORAS

Na Companhia do Gaz

Reclama-se um quadro do pessoal e uma caixa de soccorros e reformas

A Companhia do Gaz é uma das mais importantes do paiz, pois conta uns dois mil empregados nas suas fabricas de Lisboa e Setubal.

Diariamente augmenta o seu consumo de gaz, electricidade, coke e subproductos, estando em via d'uma prosperidade crescente que servirá de garantia ao seu capital de nove mil e novecentos contos.

N'este momento, resente-se da alta do preço do carvão de pedra, o que a prejudica nos lucros a obter com a laboração das suas fabricas. Mas desde que cesse a situação anormal em que nos encontramos, devido á guerra europeia, entrará n'um periodo favoravel aos accionistas, que receberão dividendos mais elevados.

De ha muito que devia ter um quadro do pessoal e uma caixa de soccorros e reformas em harmonia com o que se tem feito em outras companhias e emprezas. Não é de hoje a reclamação do quadro do pessoal e da caixa de soccorros e reformas; o sr. Costa Goodolphim chegou a elaborar uns estatutos para a caixa e que, por motivos varios, não tiveram execução.

O momento, já o dissémos, não é muito proprio para ser attendida esta reclamação; comtudo nada impede que o problema seja estudado, sendo depois de resolvido satisfatoriamente posto em pratica logo que a guerra termine.

Na verdade, é pouco abonatorio para os bons creditos da Companhia do Gaz que o seu pessoal, depois de trinta, quarenta e mais annos de serviço se encontre na sua velhice desamparado e sem protecção de especie alguma.

Em todos os paizes civilisados e essencialmente industriaes se attendem todas as reclamações d'esta natureza, havendo até em alguns paizes legislação apropriada a regular semelhante assumpto.

O quadro do pessoal não é cousa muito dispendiosa para a Companhia; basta para isso ter bom senso e tino pratico na sua creação.

Quanto á caixa de soccorros e reformas, consequencia da creação do quadro, póde ser decalcada e organisada pelo systema da existente nos Caminhos de Ferro Portuguezes. Tanto a Companhia como o pessoal teem a ganhar com o acordo que se venha a estabelecer no sentido indicado, visto que se estabelem garantias mutuas para ambas as partes, contribuindo cada uma d'ellas com a sua quota parte para a organisação da caixa de soccorros e reformas.

A Companhia subsidia actualmente, em caso de doença, muitos dos seus empregados por meio d'uma verba destinada á beneficencia. Ora, se isto se faz hoje por espontanea vontade da Companhia, porque é que não fará ámanhã com direitos e deveres reciprocos estabelecendo-se a harmonia entre os interessados?

Sabemos que os delegados portuguezes que compõem o conselho administrativo estão dispostos a permittir o quadro do pessoal e da caixa de soccorros e reformas, contanto que o pessoal, por sua parte, faça tambem alguns sacrificios.

Bem procederá a Companhia do Gaz se tentar conquistar sympathias do pessoal e do publico de que tem andado alheada, pois que só terá a ganhar, afastando más vontades que podem crear embaraços no futuro.

A QUESTÃO DAS SUBSISTENCIAS

A venda do peixe

Ligeiros conflictos, multas e prisões

A venda do peixe entrou, desde hontem, como já dissémos, n'uma nova phase. Tendo sido prohibida a lota, o abastecimento das peixeiras foi feito nos mercados de uma fórma mais pratica: convencionalmente e á vista da quantidade de peixe contido em cada cabaz e em conformidade com a tabella de preços. E é da mesma fórma que o peixe vae sahindo da posse dos representantes das emprezas de pesca para a dos revendedores ou intermediarios. Com excepção d'estes ultimos, aos quaes parece não terem agradado muito as providencias tomadas, todos se vão conformando com ellas e mostram o proposito de as observarem.

Ainda hoje, porém, se deram ligeiros conflictos derivados da recusa de algumas vendedeiras fornecerem o publico em conformidade com a tabella, allegando que não estão sómente para ganhar 5 réis em cada duzia de sardinha ou carapau. A maior parte dos conflictos deu-se no mercado da Ribeira Nova e no Poço do Borratem. A policia interveiu auxiliada pelo povo, evitando que esses conflictos attingissem gravidade.

No Lumiar foi multado em 10 escudos, por ter augmentado o preço da sardinha, o vendedor José Branco, morador na azinhaga de Santa Luzia, ao Pote d'Agua. Na rua dos Anjos, foi presa a peixeira Isabel da Costa, moradora na estrada de Sacavem, villa dos Pacatos, por se recusar terminantemente a vender a sardinha pelo preço da tabella. No mercado do Poço do Borratem tambem foi presa a peixeira Julia Antonia, residente no beco da Amendoeira, 10, 2.º por se recusar a vender sarda ao preço marcado, dizendo ao guarda que compareceu que quem governava no peixe era ella e por isso que o podia vender pelo preço que entendesse. Em 10 escudos tambem foram multadas as peixeiras Joaquina Maria, da rua das Mudas, 53, loja, e Joanna Maria, do largo de Santo Antoninho, 13, loja, por não respeitarem a tabella.

Nos differentes mercados houve grande animação, notando-se, porém, a falta de peixe, ao que parece originada pelos revendedores.

PALAVRAS DE BOTHA

A Africa do Sul

sabe cumprir nobremente o seu dever

Se não nos preoccupassemos com os acontecimentos que se teem desenrolado na Africa do Sul, mereceriamos nós, os portuguezes, que justificadamente nos accusassem de ignorancia ou de inconsciencia. A politica sul-africana interessa-nos de perto; o nosso destino colonial encontra-se indissoluvelmente ligado a ella. Por isso os recentes discursos do general Botha devem ser escrupulosamente ponderados.

Ha hoje, na Africa do Sul, o germen de uma grande nação que a olhos vistos se desenvolve. Visinhos d'ella, com relações tão intimas com ella que a maior parte dos interesses é commum, temos a imprescindivel necessidade de attentar nas suas aspirações nacionaes e de auscultar os designios da sua vontade collectiva.

Botha, regressando da campanha do Sudoeste Africano, foi bem o interprete d'essa consciencia nacional. A União Sul-Africana cumpriu nobremente o seu dever, correspondendo ao appello do governo imperial britannico para que atacasse os allemães em Africa. Da lealdade com que inglezes e boers se portaram fala eloquentemente a lista dos mortos sacrificados á conquista da Damaralandia: 126 «africanders» de origem britannica e 127 de origem hollandeza. O sangue dos dois povos confundiu-se nos campos de batalha, combatendo por um ideal commum; os destinos de ambos vão egualmente confundir-se na futura existencia nacional. Mas ter-se-hão, porventura, com a conquista do Sudoeste Allemão, realisado totalmente as aspirações do povo sul africano?

Botha affirma que, ao contrario do que suppunha, as novas acquisições territoriaes são de immenso valor e compensam largamente os sacrificios empregados em obtel-os. A antiga colonia germanica tem com effeito, ao longo do littoral, uma larga faixa de terrenos aridos e absolutamente inaproveitaveis; mas a zona de altitude é excellente para exercer a agricultura em larga escala, e póde desde já ser povoada por 10.000 colonos brancos.

No entanto, a União não se julga ainda satisfeita. O seu presidente, ao concluir um dos ultimos discursos affirmou ser chegado o momento em que aquelles que pertenciam ao imperio britannico e a elle desejavam continuar a pertencer se devem preparar para novos sacrificios. A Africa do Sul tinha-se já batido pela verdade e pela justiça, pois no entender de Botha não vem longe o dia em que novo appello lhe seja feito para continuar combatendo.

Não é difficil interpretar estas graves palavras. Perguntando ao povo da União se elle está disposto a continuar cumprindo o seu dever, Botha allude á proxima intervenção das tropas sul africanas nos campos de batalha da Europa. Elle vê, com esse magnifico poder de visão que sempre distinguiu os grandes homens de Estado, a valorisação immensa que a Africa do Sul obtem com o simples facto de enviar alguns contingentes ao encontro dos allemães da metropole. Não é, porém, apenas a justiça e a verdade que Botha pensa defender; é, além d'isso, as aspirações e os interesses futuros da sua patria. Todo o sacrificio é feito na esperança de quaesquer compensações. Essas compensações, no final da guerra, teem de ser dadas á custa seja de quem fôr.

Não é inopportuno pensar em que especie de compensações se pensará na União Sul Africana, e começar a prever quem será, afinal, o ultimo sacrificado Em politica, prever um perigo é conjural-o um pouco, visto que porventura o conhecimento de esse perigo póde constituir razão determinante para arripiar caminho, se acaso o caminho não é bom.

TOURADAS

Algés.—Na corrida de domingo dedicada ás bandas das praias desde Pedrouços a Cascaes serão lidadas 10 vaccas e garraios, por 6 bandarilheiros e os cavalleiros José Casimiro Gomes do Carmo e Antonio Natario Junior. Entre os bandarilheiros de pé figuram o amador sr. José Ferreira e o praticante Joaquim Domingos, sendo os lidadores conjuncados pelo artista Luciano Moreira. O ciclista sr. Luiz Baptista, montado em bycicleta, lidará um touro. O grupo de forcados é composto de rapazes conductores de gados, do Mercado Geral, tendo por cabo Antonio Tourinha. Antonio Preto e a sua «cuadrilha» fará um intervallo comico. N'esta corrida teem entrada gratis, todas as pessoas que no kiosque Sol, do Socio, e tabacaria Graça, do largo de Santo André, comprarem o «Vocabulario Taurino», ultimamente publicado.

PORTALEGRE, 8.—Realisam-se nos dias 14 e 15, por occasião da grande feira annual denominada «Feira das cebolas», na praça de touros D. Luiz do Rego, d'esta cidade, duas corridas de touros. Os curros são fornecidos pela ganaderia do dr. Augusto Assis, sendo o cavalleiro Morgado de Covas e bandarilheiros Manuel dos Santos, irmãos Marcarenhas, Torres Branco, Paulo Mazanno e João Froes. Os forcados são compostos de rapazes do Campo Pequeno e d'esta cidade, estando a direcção das corridas confiada a um aficionado.

Congressos de classe

O dos officiaes de justiça

A commissão executiva do Congresso dos officiaes de justiça fixou os dias 18, 19 e 20 do corrente para a reunião do Congresso, devendo a sessão inaugural realisar-se no primeiro d'esses dias ás 15 horas.

As sessões effectuam-se na séde do Gimnasio Club de Coimbra, Avenida Emygdio Navarro, 58. As Companhias Portugueza e da Beira Alta fizeram o abatimento de 40 0/0 nas passagens dos congressistas e as Companhias Nacional e do Valle do Vouga 50 0/0.

Bombeiros voluntarios de Portalegre

Angariando receita para comprar material

PORTALEGRE, 8.—A corporação dos Bombeiros Voluntarios d'esta cidade, essa prestimosa collectividade que tão humanitarios serviços tem prestado, realisa nos dias 13, 14 e 15 do corrente, por occasião da grande feira annual, uma tombola no jardim publico cujo producto é destinado a augmentar e modificar o seu material de combate.

Os relevantes serviços que esta benemerita corporação tem prestado á cidade não teem, infelizmente, sido compensados, pois, se assim succedesse, se todos os grandes proprietarios d'este concelho comprehendessem os seus deveres, auxiliando com uma pequena quota esta benemerita corporação, já não necessitaria ella de angariar receita por meio de uma tombola.

Se não fosse a dedicação altruista d'esse valente grupo de rapazes que compõem a benemerita corporação, á frente da qual com grande dedicação e boa vontade, sempre temos visto e encontrado os seus commandantes srs. Alvaro Coelho Sampaio e Thomaz Aquino Pereira, auxiliados por um reduzido numero de socios protectores, já essa collectividade teria desapparecido.

Oxalá que todos aquelles de quem a benemerita corporação solicitou auxilio o comprehendam e a coadjuvem para que a sua iniciativa seja coroada de bom exito.

PEQUENAS NOTICIAS

Grande numero de guardas civicos tem nos ultimos dias requisitado á secretaria do commando as suas respectivas cadernetas militares, para com ellas poderem arranjar outros empregos publicos visto desejarem sahir da corporação.

—Na enfermaria 1 do hospital Estephania deu entrada o menor de 4 annos Arthur Marques da Silva, morador na calçada da Memoria, 48, 1.º, all queimado com agua a ferver.

—A contar de hoje está aberto concurso, por 15 dias, para chefes de policia, entre todos os cabos effectivos, devendo os concorrentes entregar as suas declarações na secretaria do commando até 8 dias antes de terminar o praso.

Sport

Ciclismo

Realisa-se no proximo domingo a corrida de 80 kilometros organisada pelo Sport Club Progresso e para a qual se acham inscriptos numerosos concorrentes.

Os premios são em numero de cinco, sendo o 1.º uma valiosa medalha de ouro.

A partida é dada ás 15 horas e meia, devendo os concorrentes estar no local da partida meia hora mais cedo.

Torneios de esgrima

E' ainda este mez que se realisa na Trafaria o torneio de esgrima de espada entre amadores. O campeonato para a «Taça Estoril» está marcado para dois domingos do proximo mez d'outubro, havendo como premios além da taça, seis medalhas de «vermeil» e uma de ouro.

Um «gymkhana» athletico

E' na tarde do proximo domingo que se effectua no «rink» dos Recreios Desportivos da Amadora o «gymkhana» athletico promovido por uma commissão de socios e auxiliado pela direcção dos Recreios. Entre as provas do programma figuram corridas em [illegible], lucta de tracção á corda, corrida de animaes, etc.

FIGUEIRA DA FOZ, 8. Decorreu muito animada a regata que hoje se realisou no bello estuario do nosso rio para a disputa da «Taça Mondego», que pela terceira e ultima vez foi ganha pela Associação Naval de Lisboa, que correu nas provas finaes com o Club Fluvial do Porto. O Gymnasio Club Figueirense e a Associação Naval 1.º de Maio perderam as eliminatorias.

PARTE COMMERCIAL

Situação da praça

CAMBIOS.—O mercado fechou ás seguintes cotações:

	Compra	Venda
Londres, cheque	35 9/16	35 7/16
Londres, 90 d/v.	36 1/8	—
Paris, cheque	$72,5	$73,2
Allemanha, cheque	$20	$20,5
Hollanda, cheque	$37,5	$38
Madrid, cheque	1$04,5	1$05
New York	1$44	1$45
Rio/Londres	12 1/4	—
Libras	6$90	6$95
Agio do ouro	43 %	50 %

BOLSA — As inscripções effectuaram-se:

	Assent.	Coup.
Titulos de 1,000$	40,20	—
» » 500$	—	40,00
» » 100$	—	40,02

Obrigações d'Estado: 4 0/0 1888, 21$80; 4 0/0 1890, coup. 51$90; 4 1/2 88-89, assent. 60$.

Externas: 1.ª serie 73$90, 2.ª 72$50 e 3.ª 74$60.

Acções: Lisboa e Açores 115$, Donança 136$50; Assucar 40$80; Moagem (nova) 65$90; Phosphoros, assent. 58$50; Gaz, port. 17$50.

Obrigações: Panificação 80$00; Assucar 41$80.

SPORT

Medicos, gymnastas e culturistas

...Mas os medicos devem andar «combinados» com os mestres de gymnastica?

—Evidentemente que sim. Bem andam aquelles que assim pensam. Alguns que são intelligentes educadores, como Arthur dos Santos, bem o comprehenderam porque ao estabelecerem um gymnasio de sua directa responsabilidade, chamaram como auxiliares e como associados os medicos que teem estudado estes assumptos.

Assim deve ser.

Os medicos e os educadores de cultura phisica teem de estar approximados e «dar-se as mãos». Prestam-se um auxilio reciproco, e estabelecem laços bem estreitos de interesse commum. Nada ha de mais natural, portanto, que peçam uns aos outros o complemento de conhecimentos que lhes faltam mutuamente.

Os educadores de cultura phisica já começam a comprehender esta necessidade. Alguns conhecemos nós, que acharam insufficientes a experiencia e a pratica das leis do desenvolvimento muscular e foram conhecer a anatomia e a phisiologia. E d'esse nucleo a que nos referimos, dois ou tres frequentavam as salas da Escola Medica.

Egualmente, os medicos devem investigar o valor strictamente pratico das noções ignoradas por elles e estabelecidas pelos empiricos. Assim se quizerem fazer «boa figura» ao lado dos professores de cultura phisica teem de fazer ensaios sobre elles proprios e comprehender pelo trabalho gymnastico e athletico o que elle tem de vantajoso.

E fazendo isto, não periga o seu amor proprio, porque só os parvos se convencem da sciencia infusa!

Nota do dia

A trapalhada é evidente

Querem mais uma prova flagrante de que a União Velocipedica Portugueza foi precipitada, quando d'uma penada, atirou para o profissionalismo, alguns dez amadores portuguezes? Leiam a seguinte carta que o sr. Arthur da Silva Amaral enviou á União:

«Ex.ma Direcção da União Velocipedica Portugueza. Antonio da Silva Amaral, corredor amador licenciado por essa Federação, vem perante v. ex.as contestar a classificação que me foi dada em nota official publicada nos jornaes de 25 de agosto p. p. na qual me passam a profissional por eu ter recebido da empreza do Stadium de Lisboa, em dinheiro, os premios que ali ganhei.

«Tal affirmação é menos verdadeira, porque tendo eu ganho unicamente dois premios nas corridas em que tomei parte no Stadium como v. ex.as podem verificar no livro onde devem ser registadas todas as corridas, como leio no artigo 2.º do Regulamento Geral de Corridas, esses me foram entregues por v. ex.as, um na sessão solemne da U. V. P. e outro no dia 11 de janeiro do corrente anno.

«N'estas circumstancias rogo a v. ex.as o obsequio de me informarem a razão da minha classificação para assim ou saber qual o artigo do Regulamento de Corridas que infringi pelo recebimento d'esses premios.

«Saude e Fraternidade—Lisboa, 7 de setembro de 1915—Arthur da Silva Amaral.—S/c. R. Bemformoso, 171, r/chão».

Perante esta simplicidade de expôr, desapparece o nosso commentario.

Então a federação ciclista proclama profissional um amador por actos de que ella é cumplice?

Algumas anecdotas

E durante muitos annos não se ficou percebendo porque Kara não foi vencedor...

Já lá vão quinze annos...

—Venham tomar os seus logares, meus senhores... Venham ver os homens que não teem medo, os deuses da força, os semideuses da lucta...

Assim arengava á porta d'uma barraca de feira um emprezario, deante de uma «parada» dos seus excellentes luctadores, fazendo algazarra ensurdecedora, ao som d'uma fanfarra infernal. E o homem quando sentia a garganta a fazer-se aspera pelo esforço terminou com o classico repto:

—Quem levanta a luva?

Ora n'esse dia succedeu a esses hercules uma aventura interessante, que o «Gaulois» contou.

O colosso turco Kara-Ahmed, campeão do mundo, homem invencivel, parou defronte da barraca, fabricadora de «bras roulés» e «gravatas», e ouviu o seguinte repto:

—Cincoenta francos a quem tombar o invencivel Tartempion.

—Acceito o repto, gritou alguem d'entre a multidão. E a alta estatura de Kara Ahmed appareceu. Fizeram uma ovação ao corajoso amador e todos os «fauteuils» e bancadas da barraca foram tomados de assalto!

Os dois combatentes appareceram na arena. Em menos tempo do que leva a escrevel-o, o turco agarrou o adversario e voltou-o como uma omolete! Como um vulgar fracalhão, o sr. Tartempion vae assentar as suas espaduas sobre o tapete, quando o patrão da barraca, louco de raiva, se inclina sobre a pista e com uma voz rouca, grita:

—Se te deixas bater, ponho-te na rua!...

N'esse mesmo instante, o coração de Kara Ahmed teve um sobresalto. Lembrou-se que podia ser a desgraça do pobre luctador de feira...

Viu-se então o turco vacillar e enfraquecer. Em alguns instantes Tartempion ganhou nos «pontos», mostrando-se incontestavelmente superior porque o adversario não se defendia!

Kara vencido!

O publico não comprehendeu nunca aquelle resultado! Só hoje podemos dizel-o.

INTERESSES REGIONAES

Caminho de ferro da Louzã a Arganil

O que diz um dos vogaes da commissão de propaganda a favor d'esse melhoramento

Ninguem se demora na villa da Louzã, detido pelas attracções da povoação. Além da rua Direita, que é a estrada nacional, e do largo da egreja, nada ali chama a attenção do forasteiro, e esse mesmo espectaculo, misero e mesquinho, não o entretem um quarto de hora. A paragem na Louzã é um pretexto para um almoço no Sarmento, albergue de familia, pensão asseada, com uma varanda sobre o quintal, que vale mais, com a sua latada e trepadeiras, do que a fachada principal. Tomada a refeição parte-se a caminho dos arredores, que pela sua extraordinaria belleza justificam o titulo de Cintra da Beira, que, em muitas leguas em redor, se dá áquella florida região.

Como a nossa missão era outra que não propriamente colher impressões da Natureza, trocámos o passeio á esplendida estrada da Alfocheira, que se recommenda a todo o viajante que ali chega, para ouvir mais alguem que nos falasse do futuro da região, das suas necessidades, das suas esperanças. Favoreceu-nos o destino, levando-nos ao encontro de um dos mais devotados filhos d'aquella terra, o commerciante de Lisboa sr. Abilio Simões Ferreira, que se dirigia á freguesia de Serpins, que já dotou com o edificio d'uma escola e onde tem presentemente a esposa e filhos, retemperando-se dos estragos da vida citadina.

—A nossa principal aspiração, diz o sr. Abilio Ferreira, acaba de soffrer um cheque na Camara dos deputados. Trata-se do caminho de ferro da Louzã a Arganil, que de ha muito está sendo reclamado por todas as localidades do traçado. Em Lisboa constituiu-se uma commissão composta dos srs. José Fernandes Junior, Antonio Francisco Florindo, Venancio Pereira Marques, Joaquim e Francisco Florindo e por mim, representando os pontos d'essa região á qual a linha ferrea viria trazer os necessarios elementos de prosperidade e riqueza.

Talvez precisamente por ser um melhoramento util, absolutamente necessario para o desenvolvimento e progresso de uma parte importante do paiz, o caso foi adiado e preterido por outros de somenos valia.

A commissão que, afincadamente trabalhou por ver a região servida pela linha ferrea, não desanima por este contratempo. Todos estamos convencidos de que na proxima legislatura as difficuldades hão de ser removidas e o caminho de ferro será construido para levar os necessarios meios de prosperidade a uma região que por todos os titulos merece melhorar as suas actuaes condições de vida.

A linha que se pretende construir vae servir uma região riquissima, quasi desvalorisada pela falta de transportes, pois as estradas por via de regra são más e inteiramente desprovidas de tracção accelerada. No trajecto da futura linha encontra-se a importante freguezia de Serpins, distanciada nove kilometros da Louzã, importante nucleo agricola e industrial. No concelho immediato, a Varzea e Goes reclamam ha muito os elementos de expansão ao seu labor agricola que, apesar de não existirem actualmente, já são de grandissimo valor, isto não falando em outras pequenas localidades que veriam, mercê do caminho de ferro, multiplicar extraordinariamente os seus recursos.

Resta dizer alguma coisa da villa de Arganil, terminus d'essa linha. E' uma das mais vastas comarcas do paiz, que se encontra completamente isolada da civilisação. O silvo da locomotiva é coisa que se não conhece por ali. O caminho de ferro está a 30 kilometros de distancia, da Louzã e a maior distancia ainda das outras linhas. Todo o seu trafego é feito penosamente em carros de bois e o transporte de passageiros faz-se nas antiquadas diligencias, tiradas por animaes lazarentos.

Estas são, em resumo, as circumstancias em que está a região onde, infelizmente, nascemos. Temos, por todos os meios, procurado fazer ouvir as nossas queixas pelos governantes, mas tudo baldadamente. Nos ultimos tempos conseguimos reunir em volta da nossa aspiração regional os delegados ao parlamento, sem a menor ideia partidaria. Era uma pretensão justa e por isso não olhámos á filiação dos deputados do nosso circulo.

De começo tudo foi bem. Os democraticos mostraram por ella todo o interesse; o sr. Fernandes Costa, evolucionista, contribuiu em tudo quanto poude para a fazer passar no Senado. A nossa espectativa era, n'essa altura, a mais confiante. Nem podia deixar de ser assim, visto que em volta d'esta aspiração se congregavam tantos e tão valiosos concursos. Ao mesmo tempo que estes trabalhos iniciaes proseguiam, no semanario «A Comarca de Arganil» appareceu um novo collaborador regional. O deputado unionista sr. dr. Moura Pinto escrevia n'esse jornal, queixando-se de não ter sido chamado a dar o seu concurso para essa iniciativa de progresso regional. Parece-nos que, depois d'isto, nenhuma difficuldade surgiria no momento em que a camara se devia pronunciar sobre o projecto de lei, pelo qual o Estado dava á Companhia a garantia de juros de 35 contos relativos aos encargos de um emprestimo de 700 contos necessarios ao prolongamento da linha.

Pois deu-se o que nunca imaginámos. Quando tudo devia correr serenamente, sem o menor embaraço, surge o sr. dr. Moura Pinto, o deputado pelo circulo, que tão amargamente se queixara de não ser chamado a collaborar n'esta justa pretenção local, e não ha pretexto que não evoque para contrariar a aspiração collectiva, conseguindo por fim, no meio dos trabalhos finaes da sessão, embargar todo o nosso trabalho, toda a nossa energia, inutilisando uma obra que todos, incluindo elle, consideravam digna de protecção. A politica tem, por vezes, d'estes aspectos lamentaveis; esperemos que a Republica, com o tempo, os faça desapparecer de todo. Esse contratempo, porém, não nos fará desfallecer e continuamos arvorando com a mesma dedicação a bandeira incolor das nossas aspirações regionaes, chamando para junto de nós os bons, os leaes amigos da nossa terra.

Caminhos de ferro do Algarve

Como se poderia completar a sua rêde mediante uma sobretaxa

Ao Congresso Regional Algarvio, que acaba de realisar-se na Praia da Rocha, apresentou o engenheiro sr. A. de Vasconcellos Correia uma these intitulada «Caminhos de ferro do Algarve», na qual, citando os estudos sobre o assumpto feitos pelo engenheiro sr. J. Fernando de Sousa, estudos notaveis a que o sr. Vasconcellos Correia presta a devida justiça, chega a conclusões que muito importa conhecer, porque trarão a effectivar-se, grande desenvolvimento áquella provincia.

No entender do sr. Fernando de Sousa duas linhas principaes tem que haver no Algarve: a que serve as relações internas do litoral desde Lagos até Villa Real e a de ligação com o resto do paiz. Com ou sem solução de continuidade, por carris ou por vapor na travessia do Guadiana, a primeira tem que ligar o seu serviço com o da linha de Ayamonte a Huelva. A segunda, entrando pelo centro da provincia, confundir-se-ha em dado ponto com aquella, na qual ha de entroncar para vir a Faro e seguir até Villa Real, devendo seguir o troço do entroncamento para oeste em direcção a Lagos.

No entender ainda do sr. Fernando de Sousa, a ligação nacional de Lisboa com o Algarve é constituida pela linha do Sado, actualmente em construcção, e que, separando-se da linha do sul no Pinhal Novo, vá por Setubal e Alcacer, siga o valle do Sado pelas proximidades de Grandola, Alvalade e Garvão, atravesse a divisoria das aguas do Sado e do Mira, corte este rio e procure a portella dos Termos, para ir por S. Marcos e Messines, proximidades de Albufeira e Loulé, a Faro, Olhão, Tavira e Villa Real. Nas alturas de Tunes sahiria um ramal para Lagôa, Portimão e Lagos.

Na sua these, o sr. Vasconcellos Correia, perfilhando por completo a opinião do seu distincto collega, propõe ainda que sejam construidas as seguintes linhas de via reduzida: da estação de Loulé, por Loulé, S. Braz d'Alportel e Faro, com um ramal de S. Braz por Santa Catharina a Tavira; de Portimão a Monchique e prolongado até á Praia da Rocha; de Lagos a Villa do Bispo e Aljezur, Odeseixe, S. Theotonio e Odemira, ligando possivelmente com Sines.

Ficaria assim o Algarve servido com uma magnifica rêde de caminhos de ferro e desde o momento em que ahi houvesse pelo menos um hotel nas condições actualmente exigidas pelo turismo e se estabelecesse um comboio rapido de Lisboa em breve os [illegible] fariam do Algarve um ponto [illegible] de visita.

Para fa[illegible] ás despezas com o estabele[illegible], transformação ou melhoram[illegible] qualquer estação ou apeade[illegible] caminho de ferro de interesse [illegible] ntro do respectivo conce[illegible] fazer as obras necessarias [illegible] dependencias de qualquer e[illegible] adeiro, nas estradas [illegible] accesso ou nas suas [illegible] apresenta o sr. Vascon[illegible] Correia um projecto de lei [illegible] do as camaras municipaes a [illegible] rahirem emprestimos para tal [illegible] destinados.

Os encargos d'esses emprestimos, amortisaveis [illegible] um praso de 30 annos, seriam custeados pela applicação d'uma sobretaxa nos bilhetes de caminho de ferro, sobretaxa que seria cobrada é claro, juntamente com a importancia do bilhete, mas que seria escripturada á parte e cujo producto seria depositado na Caixa Geral de Depositos, a fim de nos prazos fixados [illegible] respectiva auctorisação serem pagas as annuidades dos emprestimos de que são garantia.

Cita o sr. Vasconcellos Correia o que se tem [illegible] em França, como exemplo a seguir. Para a estação de Toulouse [illegible] n'essas condições, um emprestimo de francos 4.450.000. Para transformações nas estações Hendaya-plage e de Hendaya-ville foi levantado um emprestimo de [illegible] milhão de francos.

A sobretaxa poderia incidir só sobre o trafego de expedição, sobre o trafego de passageiros ou ainda só sobre as mercadorias. Dependeria isso do accordo a realisar entre a camara que contrahisse o emprestimo e a administração do caminho de ferro. Escusado será dizer que a sobretaxa augmentaria ou diminuiria conforme o percurso fôsse maior ou menor. Era boa fonte de receita importante e que o publico pagaria sem sentir.

Taes são [illegible] bases da these do engenheiro sr. Vasconcellos Correia, que se nos afiguram dignas de estudo e que a serem postas em execução concorreriam para o desenvolvimento e completa transformação do Algarve.

A provincia n'A CAPITAL

FIGUEIRA DA FOZ, 8. — Hontem e hoje teem dado entrada n'esta cidade alguns milhares de forasteiros para a festa da Senhora da Encarnação, que se realisa em Buarcos. Tambem as casas de espectaculos e de jogo, que este anno abundam por todo o Bairro Novo, abarrotam todas as noites de frequentadores.

— O menor João Ferreira, filho de Antonio Ferreira, d'esta cidade, foi esta manhã colhido por um americano, resultando-lhe o mutilamento d'uma perna que teve de ser amputada pelo terço superior no hospital da Misericordia. O desastre foi devido á imprevidencia do rapaz que subiu para o carro em andamento, caindo depois, sem que o conductor désse por isso. Os primeiros soccorros foram-lhe ministrados no Posto da Cruz Vermelha, sendo depois levado em maca para o hospital pelo pessoal em serviço no mesmo Posto.

Movimento maritimo

Africa Occidental, «Portogela»........ 12
Africa Occidental, «Casengo»........ 13

cuar o destacamento de sortida para a fortaleza».

Em janeiro e fevereiro uma relativa tranquillidade prevaleceu no sector de Przemysl. Os exercitos allemães estavam tentando soccorrer Przemysl por meio de ataque ás linhas de communicação das forças sitiantes russas. Forças algumas austro-allemãs estavam proximo da fortaleza e, portanto, era pequena a esperança de poderem escapar por meio de sortidas; entretanto, as forças russas iam-se approximando mais e mais da fortaleza.

O commando superior austro-allemão estava ao facto da proxima falta de viveres em Przemysl; regulares communicações estavam estabelecidas entre elle e a fortaleza sitiada por meio de aeroplanos. No principio de março uma nova e desesperada offensiva germanica foi feita pelos Carpathos, mas não poude passar além de Baligrod e Lutoviska. No meiado do mez a guarnição começou a poupar as munições. A hora da rendição approximava-se evidentemente.

Uma mensagem do estado maior general russo recebida em Petrogrado no dia 18 diz:

«No sector de Przemysl os canhões da fortaleza continuam a disparar mais de mil projecteis por dia, mas as nossas tropas sitiantes apenas perdem dez homens diariamente».

No mesmo dia, o general von Kusmanek em ordem do dia dirigiu-se ás tropas de Przemysl, exhortando-as a uma ultima sortida. «Heroes —dizia elle—dirijo-vos as minhas ultimas exhortações. A honra do nosso exercito e do nosso paiz o exigem. Desejo levar-vos a quebrar com as vossas pontas de aço o circulo de ferro do inimigo e depois avançarmos, sem pouparmos os nossos esforços, até nos juntarmos ao nosso exercito, que, depois d'uma violenta lucta, está agora proximo de nós...»

Não se sabe como essa ordem do dia foi recebida pela guarnição, mas boatos que parecem fundamentados dizem que os regimentos compostos de slavos, que nunca haviam pelejado de boa vontade por serem os seus maiores inimigos os allemães e os magyares, se recusaram a obedecer. Seja assim ou não, o certo é que a sortida de 18 de março apenas foi feita pela vigesima terceira divisão hungara, apoiada por uma brigada da «landwehr» e por um regimento de hussars.

Não foi dirigida para as distantes montanhas dos Carpathos, onde os exercitos austro-allemães estavam combatendo, mas para leste, para Mosciska. O commandante austriaco pensava que os russos tinham ahi os seus depositos de provisões.

Durante a noite de domingo para segunda-feira, 21 para 22 de março, a guarnição fez ir pelos ares os principaes fortes e ás 9 horas da manhã a fortaleza rendia-se formalmente ao exercito russo.

A queda de Przemysl tornava livre para ulteriores operações nos Carpathos um exercito russo de mais de 100.000 homens, e, o que era mais importante, assegurava aos russos o livre uso do excellente systema de caminhos de ferro e de estradas que cobre o quadrilatero entre Lwow, Stryj, Jaslo e Rzeszow.

Na realidade, Przemysl nunca cumpria as funcções que os seus dirigentes esperavam. As condições haviam mudado consideravelmente desde os dias em que fôra escolhida para ser a maior fortaleza austriaca. A idéa de construir uma fortaleza no San fôra discutida durante a guerra da Criméa. As primeiras fortificações em redor da sua pontecabeça foram construidas em 1865, os primeiros fortes nos annos de 1871-1873.

A fortaleza foi reconstruida e alargada cêrca de 1887, quando uma guerra entre a Austria e a Russia parecia imminente. Foi de novo reconstruida em 1896. Seguiu-se um longo periodo de descanço nos preparativos de guerra contra a Russia.

Em 1897 um accordo foi concluido entre os dois Estados com relação aos negocios balkanicos e causa alguma de controversia houve entre

mo com howitzers de 42 cm. Mas o seu fogo parece não ter feito mal algum ou pouco mal á fortaleza.

O communicado official do dia 27, vindo de Petrogrado, dizia: «As construcções russas são muito solidas».

Que assim era, provam-no as muralhas de Osowiec, que resistiram mais e melhor que os de Maubeuge e de Antuerpia. E muitas das baterias da fortaleza podiam reduzir ao silencio algumas das dos allemães sem que soffressem qualquer damno.

Os allemães foram obrigados a mudar de posição diversas vezes, mas não permaneciam muito tempo sem que os russos descobrissem onde elles se haviam abrigado, pois podiam facilmente vigiar a planicie do Bobr, da elevação que tem muitas centenas de pés d'altura.

Durante a segunda quinzena de fevereiro, no districto ao norte de Lomza e Ostrolenka, houve lucta de tanto secundaria importancia.

A principal tentativa germanica para avançar n'essa região foi dirigida ao longo da estrada Kolno-Lomza e não foi bem succedida. O movimento parece ter sido executado por pequenas forças, devido talvez, a como já dissémos, o terreno se não prestar a uma acção offensiva em larga escala.

O avanço pelos valles do Omulec e do Rozoga devia ser subsidiario do avanço principal contra Prasnysz; era necessario cobrir o flanco oriental d'este, conter as forças russas em roda de Ostrolenka e desviar assim a attenção do movimento principal.

Prasnysz era n'esse momento, e havia-o já sido em dezembro, o objectivo do avanço germanico para o Narev. A região assemelha-se na sua configuração á que fica em redor de Plock e de Sierpiec mais do que á que fica em roda de Lomza. E' aberta e pouco abrigo offerece. Atravessam-na muitas estradas, que se dirigem para leste. E Prasnysz é o centro d'essas estradas.

Uma d'ellas segue de Prasnysz para Mlava, outra para Ciechanow, uma terceira por Makow e Pultusk para a fortaleza de Sierock. Se tomassem Prasnysz, os allemães ficariam com preponderancia consideravel na região a oeste do rio Orzec, levariam a sua offensiva ás portas de Novo-Georgievsk e de Sierock e adquiririam uma linha de frente parallela á do caminho de ferro que segue de Radimir para Ostrolenka.

Pelos meiados de fevereiro, dois corpos d'exercito allemães estavam concentrados na linha Mlava-Willenberg. O avanço em força contra Prasnysz começou no dia 20. As forças russas n'aquella região eram poucas; consistiam apenas n'uma

O almirante inglez sir Percy Scott

brigada de infantaria e em alguns pequenos corpos de cavallaria.

Por um amplo movimento envolvente, que passou a leste de Prasnysz, os allemães flanquearam a posição russa até a terem cercado completamente por todos os lados. Entretanto, a 36.ª divisão allemã era destacada para guardar as passagens do rio Orzec e impedir assim qualquer interferencia de leste nas operações em redor de Prasnysz.

No dia 25, os russos foram atacados simultaneamente pelo norte e pelo sul. Tiveram de evacuar Prasnysz e pouca esperança havia de escaparem a um aniquilamento total. Mas receberam auxilio a tempo. As forças allemãs no Orzec não conse-

Continuam
As Pechinchas
Os Saldos
Os Abatimentos
A Liquidação Mais Assombrosa

de todos os artigos de Verão para dar logar aos variadissimos sortidos de Inverno que dentro em breve chegarão »

Casa do Povo d'Alcantara

que em todas as suas secções creou para esta

Occasião unica

varios grupos de artigos diversos que são vendidos por tão baixos preços que não só causa admirnção mas é incontestavelmente

A Mais Phenomenal Barateza

que se póde imaginar e que todos os economicos devem aproveitar.

Os nossos fatos

vendidos em condições tão excepcionaes teem feito o Maior Successo da Actualidade, pois que sendo de superiores fazendas com bons forros e perfeito acabamento e sendo o seu valor

20$000 18$000 e 16$500

liquidamos a

12$000 11$000 e 10$000

Aproveitae

Sociedade anonyma de responsabilidade limitada

CAPITAL: E. 600:000$00

SEDE—RUA DO COMMERCIO, 93, 1.°

ENDEREÇO TELEGRAPHICO: Probidade,—Lisboa
NUMERO TELEPHONICO: 1935
USA-SE O COD. TELEG.: RIBEIRO

Fundos de reserva Esc. 100:000$00

Prejuizos terrestres e maritimos pagos até 31 de dezembro de 1914:

Esc. 771:485$54,4

Effectua seguros terrestres, contra fogo casual ou precedido de raio, sobre predios, estabelecimentos, mobilias, e maritimos contra avaria grossa e particular.

Agencias em todas as cidades e nas principaes villas e povoações do continente, ilhas e ultramar.

SEGUROS CONTRA INCENDIO (incluindo riscos de explosão de gaz e raio).
SEGUROS CONTRA INCENDIO cobrindo tambem os riscos de gréves ou tumultos, (portaria de 14 de Março de 1914).
SEGUROS CONTRA INCENDIO cobrindo ainda os riscos de guerra (portaria de 30 de Novembro de 1914).
Unica Companhia auctorisada a segurar os riscos de guerra nas apolices de incendio
SEGUROS CONTRA INCENDIO E ROUBO—E' tambem «A MUNDIAL» a unica Companhia auctorisada a emittir uma apolice cobrindo os dois riscos.

"A MUNDIAL"

Companhia de seguros—Sociedade anonima de responsabilidade limitada

Capital Esc. 600.000$ (600 contos)

SÉDE EM LISBOA
95, Rua Garrett, 95
TELEPHONE N.° 4084

DELEGAÇÃO NO PORTO
Pinto da Fonseca & Irmão
Praça da Liberdade, 136

Endereço telegraphico: MUNDIAL

Agentes em todas as localidades do paiz, ilhas e colonias

Silva Ramos
Syphilis, doenças dos rins e vias urinarias
CLINICA GERAL
Medico do Posto da Misericordia e da Assistencia Nacional aos Tuberculosos
Consultas das 3 ás 5
CHIADO, 61, 2.°

José Antunes dos Santos
Medico dos hospitaes
Doenças do estomago, figado e intestinos
Rectoscopia
Esophagoscopia
Consulta da 1 ás 2 e 5 ás 7
Largo do Camões, 4, 1.°

Semnambula mundial
Com seus poderes maravilhosos adivinha e consegue tudo, SAUDE, RIQUEZAS, FELICIDADE.
Consultas do Curte nancia Egipcia, Chiromancia e Astrologia, das 10 da manhã ás 10 da noite. R. Jardim Regedor, 18, 4.° D.

Lugre "Açoreano," para S. Miguel
Para o resto da carga trata-se com o agente João Patricio Alvares Pereira, R. da Magdalena, 78.

Aviso á Lavoura

A Abastecedora de Gados, sociedade de proprietarios de talhos de Lisboa, avisa os srs. lavradores e creadores que recebe todo o gado da Beira e Alemtejano para consumo dos seus talhos, pagando-o sempre pelos melhores preços do mercado.
As offertas serão feitas para o escriptorio.

41, 1.°, Rua da Betesga, 41, 1.°
LISBOA

Dynamite

Explosivos ■ Fabrica da Trafaria
DYNAMITES
Gomma, N.° 1 e N.° 3, caixa de 25 kilos.
CAPSULAS
duplas, triplas, quintuplas e simples, caixas de 100.
RASTILHOS
meadas de 7m,5
AGENTES { Em Lisboa:—Lima Mayer & C.ª, rua da Prata, 30. No porto:—José Rodrigues Pinto e Pinho, rua do Almada, 623.

BUREAU INTERNATIONAL
Rua da Prata, 250, 2.°
LISBOA Telephone 4117
Assumptos de advocacia e procuradoria perante todos os tribunaes, repartições do Estado, Consulados, Bancos e Companhias e averbamento de papeis de credito.
Compra e venda de propriedades, papeis de credito, execução de testamentos, habilitações, administração de bens, cobrança de dividas, etc.
Letras, hipotecas em Lisboa e fóra.
JUROS CONVENCIONAES

Carlos Prata Agostinho
Falleceu

Maria Rosa Prata Agostinho e seus filhos participam o fallecimento do seu querido filho e irmão e que o seu funeral terá logar ámanhã, 1.°, pelas 10 horas, sahindo o prestito funebre da rua dos Prazeres, 19, 2.°, E, para o cemiterio occidental, sendo o acompanhamento a pé.

Manuel Nunes Correia, Limitada

A direcção technica da SECÇÃO DE ALFAIATARIA foi entregue ao habil «coupeur» SR. MANUEL ANTUNES CABRAL, ex-socio da firma J. Julio da Cunha & Cabral

Fardamentos para o exercito e para a marinha
Fatos para homem em lindissimos padrões
Vestidos para senhora genero tailleur
Fatinhos para creanças
Inexcedivel perfeição em corte e acabamento

Elegancia e bom gosto
SEMPRE A ULTIMA MODA
RUA DE S. JULIÃO, 188 a 198
Esquina da R. Nova do Almada, 2 a 10

Trapo e typo usado
Compra-se
Rua do Norte, 5

Mario Duarte
Doenças da bocca e dentes
R. do Carmo, 69, 1.°—Tel. 2205

Mozaicos—Azulejos
Cal hydraulica
Cimento Luzo
Goarmon & C.ª
F. de Corpo Santo, 17, 19 e 21 Telephone n.° 1244—LISBOA

Estabelecimento thermal dos mais perfeitos do paiz
Afamadas aguas nas doenças dos apparelhos respiratorio e digestivo, nas affecções da pelle e em todas as molestias derivadas do arthritismo, etc.

CALDAS DA FELGUEIRA
Canas-Felgueira: BEIRA ALTA
Os estabelecimentos thermal e GRANDE HOTEL CLUB abriram a 25 de maio

Grande Hotel Club
Vastos e elegantes salões, ... pharmacia ...

VIAGEM—Faz-se em caminho de ferro até á estação de Canas-Felgueira (BEIRA ALTA), ligada com todas as linhas hespanholas. Comboios ordinarios e Sud-Express.—Ha bilhetes para estas thermas. Para esclarecimentos: em Lisboa, Rua do Alecrim, ... Correspondencia para as Caldas da Felgueira, ao gerente do Grande Hotel. As aguas engarrafadas vendem-se nas pharmacias e drogarias e no deposito geral, Pharmacia Freire de Andrade & Irmão, Rua do Alecrim, 125.

Grandes vantagens!!
Vestidos, fazem-se e transformam-se desde 1$50, blusas desde $80, chapeus desde $40, na rua dos Fanqueiros, 199, 2.° ... Só vendo se acredita!!

Lavagem de fatos
Feitos ou desmanchados

Tinturaria CAMBOURNAC
Largo da Annunciada, 10, 11 e 12
Rua de S. Bento, 175
TELEPHONE 502
TELEPHONE 3720

Antonio Aurelio
Clinica geral
Doenças das senhoras — Massagens
Consultas:
Consultorio: Das 14 ás 16—Rua Garrett, 74, sobre-loja, direita

José Antunes dos Santos
MEDICO DOS HOSPITAES
Doenças do estomago, figado e intestinos
RECTOSCOPIA—ESOPHAGOSCOPIA
Consulta da 1 ás 2 e 5 ás 7
Largo Camões, 4, 1.°

Antonio Balbino Rego
Cirurgião dos hospitaes
CLINICA GERAL
Doenças dos rins e vias urinarias
Doenças das senhoras e partos
Consultas das 16 ás 18 horas
TELEPHONE 2930
R. do Mundo, 61, 1.°

COSTA SANTOS
Medico especialista
Doenças d'olhos
Consultas das 15 ás 17
R. Nova do Almada 95, 1.°, Esq.

ASSIS DE BRITO
Medico dos Hospitaes
Facultativo da Misericordia de Lisboa
Medicina geral
Doenças do apparelho respiratorio e do coração
Consultas das 15 ás 17 horas
Mudou o seu consultorio da rua do Sol ao Rato para
11 — Rua Infantaria 16

TOVAR DE LEMOS
Doenças venereas e syphilis
CLINICA GERAL
R. da Emenda, 110 2.°

Antiga Engommadaria Central
RUA DA CONDESSA, 63, LOJA
(junto á Escola Academica)
Esta casa é a que melhor póde servir o publico, tanto em engommados e polimento, como em lavagens de roupas usadas, pois tem pessoal habilitadissimo.
Pede-se ao publico para se certificar da verdade experimentando o trabalho d'esta casa.
Manda-se buscar os fregueses, qualquer que seja o ponto da cidade.
Remetter postal á ENGOMMADARIA CENTRAL
RUA DA CONDESSA, 63 — LISBOA
PROPRIETARIA
EMILIA DA CONCEIÇÃO

Empresa Nacional de Navegação

Primeiros vapores a sahir em setembro

Dia 12—*Portugal* para a Madeira, S. Vicente, Praia, Principe, S. Thomé, Cabinda, Banana, Ambriz, Loanda, Novo Redondo, Lobito, Benguella, Mossamedes, Bahia dos Tigres e Porto Alexandre.
Para a Madeira não se garante praça.
Dia 14—*Guiné* para Bissau, Bolama, Praia, Fogo, Brava, Tarrafal, Maio, Boa Vista, Sal, S. Nicolau, Santo Antão e S. Vicente.
Para o de Fernando Pó, recebem-se passageiros nos vapores que sahem a 7 e 23, com trasbordo na ilha do Principe.
Dia 23—*Angola*, só para carga, para Principe, S. Thomé, Loanda, Lobito e Mossamedes.
Dia 23—Carrega para S. Vicente, Praia, Principe, S. Thomé, Cabinda, Banana, Santo Antonio do Zaire, Ambriz, Loanda, (S. Nicolau, Cuio, Egito, Benguella Velha, Ambrizette, Quinzau, Quissanga, Bomo, Noqui, Matadi, Lucira, Mucuia e Mossamedes, com trasbordo em Loanda), Novo Redondo, Lobito, Benguella e Mossamedes.
Não recebe carga para S. Thomé, Loanda, Lobito e Mossamedes.
Avisam-se os srs. passageiros de que os volumes de bagagem destinados ao porão devem embarcar na vespera da sahida dos vapores, até ás 4 horas da tarde.
Para carga, passagens e quaesquer esclarecimentos, dirigir-se:

EM LISBOA — aos escriptorios da Empresa, RUA DO COMMERCIO, 85
NO PORTO — aos agentes Harm. Burmester & C.ª, RUA DO INFANTE D. HENRIQUE

guiram impedir que os reforços russos vindos de Ostrolenka atravessassem o rio e foram anniquilados na batalha de Krasnosielec.

Os allemães que haviam cercado Prasnysz pelo sul foram por seu turno envolvidos. Uma confusa e violenta batalha se seguiu nos dias 26 e 27. No dia 28, os allemães começaram a retirar para Mlava e Chorzele, deixando cerca de dez mil prisioneiros nas mãos dos russos, os quaes, proseguindo na sua victoria, alcançaram Mlava.

Cedo, porém, tiveram de se defrontar com uma nova offensiva allemã. Oito a dez corpos de exercito allemães, ao que se diz, foram concentrados na linha Willenberg-Soldau para um novo ataque contra Prasnysz. Parece ter havido exaggero no numero. Os allemães de novo avançaram, assegurando o seu movimento por progressos parallelos nos valles do Orzec e do Omulec.

Em toda a fronte se travou de novo a lucta pelos meiados de março, mas coisa alguma se deu durante a quinzena seguinte que confirme os ideaes da concentração contra Prasnysz.

A campanha allemã de inverno na Prussia Oriental, que a principio parecia offerecer as melhores probabilidades de exito, terminou, apoz o accentuado successo da primeira semana, por uma lucta incongruente e sem um objectivo determinado. A concentração para o ataque a Prasnysz terminou por uma derrota. Parece muito duvidoso se uma comparação das perdas soffridas durante toda a campanha dará vantagens em favor dos allemães.

A força da «barreira» russa na margem direita do Vistula mais uma vez se provou, correspondendo á tarefa que lhe estava incumbida, e Osowiec conseguiu resistir a ataques eguaes áquelles a que as fortalezas na fronte occidental haviam succumbido.

Na segunda feira 22 de março, ás 9 horas da manhã, cahiu Przemysl, a principal fortaleza do imperio austro-hungaro e uma das maiores da Europa. A sua queda arrastou a rendição d'uma guarnição composta de nove generaes, noventa e trez officiaes superiores, 2.500 officiaes subalternos e inferiores e 117.000 soldados. Os alliados germanicos perdiam assim um exercito inteiro, provido d'um consideravel trem de artilharia, incluindo um consideravel numero de canhões do typo mais moderno.

As forças dentro de Przemysl eram em maior numero do que as exigidas por uma defeza effectiva da fortaleza. A sua primitiva força parece que subia a cerca de quatro corpos de exercito, visto que depois de uma serie de desesperadas sortidas e d'um sitio de quatro mezes havia ainda na fortaleza 120.000 homens. Uma guarnição de sessenta mil bastaria amplamente para sua defeza; o excesso de numero contribuiu para apressar o terrivel dia da rendição. O numero excessivo e a falta de viveres foram devidos á mesma causa—a inesperada feição que a guerra tomou em fins de outubro de 1914.

O primeiro cerco de Przemysl começára a 16 de setembro e havia sido levantado a 14 d'outubro. As tropas russas recuaram perante as forças austro-allemãs na linha Medyka-Stary-Sambor. Essa retirada foi effectuada em perfeita ordem, tendo primeiro feito ir pelos ares as pontes e destruindo grandes troços do caminho de ferro e das estradas. Só em 22 d'outubro o primeiro comboio ido do occidente entrára em Przemysl. Durante esse periodo os exercitos austro-allemães que operavam no San parece terem sido abastecidos pelos generos dos depositos d'aquella fortaleza.

Tal medida, escusado será dizel-o, diminuiu o futuro poder da resistencia da fortaleza e esses «stocks» não puderam ser substituidos quando os exercitos austro-allemães foram obrigados a recuar para oeste. O numero excessivo de homens que havia em Przemysl foi devido a terem alli procurado refugio consideraveis corpos de tropas que não pertenciam á sua guarnição, para evitarem ser cercados pelos russos.

O segundo sitio começou a 12 de novembro. A experiencia de Port-Arthur fôra uma lição para os russos com respeito ás modernas fortalezas. Não tentaram, por isso, tomar Przemysl por meio de bombardeamento. Com a artilharia de sitio que tinham ao seu dispôr e de pouco alcance, uma tentativa da sua parte teria sido deveras difficil e custar-lhes-hia muitas vidas.

Durante annos, os melhores engenheiros austriacos haviam preparado o campo de tiro; a artilharia austriaca conhecia o alcance exacto de cada ponto em redor da fortaleza. Abrigo algum fôra deixado que pudesse favorecer o avanço do inimigo. A' noite, poderosos reflectores evitavam toda a possibilidade d'um ataque de surpreza.

O exercito russo sitiante, commandado pelo general Selivanoff, procedeu primeiro que tudo á construcção d'uma serie de trabalhos de fortificação. Przemysl, fortaleza com uma circumferencia de quarenta kilometros, foi cercada por uma fieira de contra-fortificações russas. Essas posições foram fortificadas como se fossem destinadas a offerecer uma resistencia effectiva a qualquer tentativa da parte da guarnição para abrir caminho por entre as linhas russas sitiantes.

Os problemas que faz nascer o sitio d'uma fortaleza moderna, que não póde ser batida efficazmente pelo fogo da artilharia, assemelham-se em parte aos de impedir que um inimigo atravesse um rio.

E' impossivel guardar toda a linha em força sufficiente para repellir quaesquer tentativas da parte do inimigo.

O mais que se póde fazer é guarnecer em força os pontos mais importantes e fortificar o resto da linha em tal extensão que as forças locaes possam alli manter-se até reforços serem trazidos das outras partes da linha.

Emquanto as fieiras de fortificações que cercavam Przemysl eram assim construidas, as tropas russas iam-se approximando dos seus fortes por meio de trabalhos de sapa; era um trabalho vagaroso, mas muito mais seguro e efficaz do que o seriam ataques directos e causando muito menos perda de vidas entre o exercito sitiante.

A guarnição de Przemysl era excessiva em numero, as provisões não podiam durar muito tempo. Esses factos eram conhecidos dos russos e assim não havia razão para tentar tomar de assalto uma fortaleza que dentro em breve se renderia. Os austriacos tinham de assumir a iniciativa no ataque. Tinham homens em demasia e sacrificaram livremente a vida em sortidas desesperadas. O commandante em chefe de Przemysl era o general Hermann von Kusmanek, mas foi formada uma força expedicionaria para sortidas: era principalmente constituida por magyares e commandada por um magyar, o general Arpad von Tamasy. Poucas sortidas foram feitas em novembro. Assumiram um caracter realmente serio no meiado de dezembro, quando os exercitos austro-allemães estavam avançando pelos Carpathos para a Galicia e tinham tentado apoderar-se da linha do caminho de ferro entre Kromo e Sanok.

Seis sortidas em força foram tentadas de Przemysl entre os dias 11 e 22 de dezembro. D'uma occasião, o destacamento de sortida conseguiu romper a linha sitiante n'um ponto e avançar vinte e quatro kilometros para além das linhas dos fortes.

Um official do estado maior do general Selivanoff, a pedido do correspondente especial do «Times», expressa-se assim a tal respeito:

«Só os que estavam presentes na occasião podem saber que trabalho foi preciso desenvolver durante esse periodo do cêrco. Os austriacos na fortaleza estavam em communicação com os austriacos dos Carpathos por meio dos seus reflectores. Os canhões de Przemysl podiam ser ouvidos do campo de artilharia austriaca. A situação era séria e o general Selivanoff tomou rapidas medidas. Mandou avançar tropas frescas para o ponto do perigo e fez re-

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 1832 — 6.º Anno | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Editor—Camillo Sousa e Araujo — Redacção e Administração—R. do Norte, 5, 1.º | LISBOA—Sexta-feira, 10 de Setembro de 1915 | Telephone 2293—Endereço teleg. CAPITAL — Composição—Rua do Norte, 5, 1.º — Officina de impressão—71, Rua da Rosa, 71 | Preço 1 centavo

MANEJOS NA SOMBRA

Chegam-nos rumores de que as apreciações feitas n'*A Capital* sobre o combate do Naulila, apreciações feitas, de resto, sobre informações até de dois ou tres militares, com perfeito conhecimento dos factos, mas de muitos mais, provocaram, ao que parece, vagos descontentamentos, certa irritação entre alguns elementos da sua classe, porventura mal impressionados com a critica que sobre as operações do exercito recae.

Não encontrariamos melhor maneira de fazer sentir a esses elementos quanto é injustificada a sua estranheza do que reproduzindo para as colunas d'este jornal as observações severas de um dos maiores criticos militares do Reino Unido, o coronel Repington, tem ultimamente feito ás operações militares do seu paiz.

Diz o coronel Repington, e di-lo no principal orgão da imprensa britannica, o *Times*, que a incapacidade de organisar rapidamente a producção de armamento e das munições, a incapacidade de adoptar o serviço militar obrigatorio, o fiasco de Antuerpia e finalmente a expedição dos Dardanellos são outros tantos erros cujos deploraveis effeitos se sentem a toda a hora. E acrescenta que não se pode encontrar uma palavra de louvor para a estrategia que conduziu á situação militar de mais do corrente anno.

Não sabemos se são justificadas estas asperas censuras do sr. Repington. O que sabemos é que elle as formula com toda a liberdade, e nas columnas d'um orgão conservador, de tão grandes tradições de ponderação. Isso bastaria para provar que o direito de critica é tão legitimo quanto é justo considerar que é a visão politica que determina a marcha das campanhas que aos exercitos cumpre executar.

Só quando se genio militar se allia o genio politico, e foi esse o caso de Napoleão, é que essas duas formas de acção se confundem. De contrario, a funcção militar tem que se subordinar ao pensamento politico, e, desde que é ella que assume a direcção dos acontecimentos, a critica, mesmo alheia á technica militar, pode e deve incidir sobre esses acontecimentos.

Não é dificil comprehender a justeza d'este principio, como só por má fé se poderá julgar que homens que façam do jornalismo um instrumento de dignificação do seu paiz possam hostilisar o exercito que o representa e que é para a patria a garantia da sua liberdade e da sua independencia, da sua honra e do seu progresso. Mas não é dificil tambem descortinar n'esses boatos de injustificado descontentamento o proposito de lançar novamente no exercito os germens d'um equivoco tão funesto como o que produziu, em janeiro d'este anno, o deploravel pronunciamento a que se deu o nome de movimento das espadas.

Não descançam certos elementos que se dizem republicanos, sem já conservarem da Republica a noção exacta dos seus principios essenciaes, em fomentar um estado de coisas que lhes permitta uma exploração politica com que logrem alcançar o poder que a sua fraqueza partidaria, o seu desconceito na opinião publica lhes não permittem atingir á clara e franca luz do dia. Esses republicanos, lançando mão d'essas pequenas habilidades que o nosso tempo já não consente, desejariam agradar aos monarchicos, pervertendo o caracter da Republica a ponto tal que ella não fosse Republica senão no nome. Mas como, ao mesmo tempo, reconhecem que se não pode ir até á restauração do throno, como os monarchicos exigem, segue-se que o que desejariam estabelecer seria uma fórma hibrida de governo, que deveria ter um titulo novo, como innovação simultaneamente ridicula e monstruosa d'uma anomalia de predominio, que só a vaidade levada ao auge e as paixões exacerbadas poderia decerto explicar.

Trame-se o que se tramar, o paiz está alerta. Estão alerta todos os bons e dedicados republicanos. A Republica não ha de ser vencida frente a frente, nem apunhalada pelas costas. O povo, o exercito, a armada a defenderão, e no dia 5 de outubro, apesar de todas as ameaças raivosas e de todos os manejos traiçoeiros, a Republica ha de inaugurar uma nova era de prosperidade para o paiz e de gloria para o regimen.

Migalhas

A faca

Ha quatro annos, estando eu no Rio de Janeiro, perguntei a um amigo, o dr. Flôres da Cunha, então chefe da policia e hoje deputado, porque trazia na cava do collete, presa com um gancho, como se usam as canetas permanentes, uma faca de cabo finamente trabalhado. Explicou-me que era um habito do Rio Grande.

Ninguem sahe sem uma faca e as pessoas de condição usam-nas—algumas verdadeiras preciosidades de lavrado—mettidas assim na cava esquerda do collete, como trariam uma flôr na botoeira, sem intenções hostis e sem ideias de defeza.

Dias depois, ouvia eu em casa de D. Virginia Lopes d'Almeida a sua peça «O cão de fila». Havia n'ella um medico riograndense, que, no primeiro acto, todo voltado atraz para buscar a sua faca, com que estivera pacificamente cortando as paginas d'um livro, de regresso a casa no final d'esse acto matava com ella a esposa, surprehendida n'uma entrevista com um irmão d'ella, que o marido não conhecia e tomára por um amante. Era com essa mesma faca que a mãe da morta—o «Cão de fila» velando pela memoria da desapparecida—matava o marido no dia em que o tribunal o absolvia.

Como eu observasse á distincta escriptora, quando me falou do possivel representação da sua peça em Lisboa, que talvez o nosso publico estranhasse aquelle medico sahindo sempre de faca, novamente me affirmaram que era um habito corrente do Rio Grande do Sul.

Na noite de 15 de novembro, o palacio Monroe resplandecia de luz electrica. Quizera-se ao longo os bordos do clarão da cavallaria da policia. Toda a avenida estavam illuminadas e, dentro, a grande palacio, acotovelavam-se as fardas e os vestidos decotados. Acabava de ser apresentado ao presidente Hermes, quando n'um terraço me indicaram Pinheiro Machado, o grande «chefão» da politica brazileira. Conversava alegremente n'um grupo, onde estava Coelho Netto, e, puxadas para traz as bandas da casaca, os dedos mettidos na cava do collete, o chefe do partido conservador brazileiro, o arbitro dos destinos politicos da sua terra, ostentava, ardindo sobre o apiquê branco, o cabo damasquinado d'uma faca riograndense.

Tambem elle não esquecia a tradição do seu torrão natal e honrava-a ali entre a fina flôr, o «dessus du panier» carioca, entre a Academia e o Parlamento, as dragonas e os decotes.

Largo tempo estive olhando para o cabo d'aquella faca e lembrei-me mais uma vez d'ella ao ler hontem o telegramma annunciando que Pinheiro Machado morrera assassinado á faca, á facada por um seu conterraneo.

André Brun.

A despedida do commandante da policia

Publicámos terça-feira uma noticia dizendo que o sr. Camara Pestana, commandante do corpo de policia, se despedira n'esse dia dos officiaes e chefes seus subordinados, indo em seguida apresentar-se no ministerio do interior. Appareceu depois nos jornaes uma especie de nota officiosa, parece que emanada da propria policia, em que se pretendia desmentir aquella informação. Ora nenhuma duvida temos de que ella era absolutamente exacta, isto é, de que o sr. Camara Pestana se despediu do pessoal seu subordinado, o que só podia significar que ia pedir a demissão do commando que exercia ou que esperava ser affastado d'essas funcções.

Agora, n'um telegramma de Lisboa publicado n'um jornal do Porto, vemos que o sr. Camara Pestana, ao fazer a sua despedida, proferiu palavras que não podem passar sem um esclarecimento da sua parte. São as seguintes:

«No seu discurso de despedida, o sr. commandante da policia declarou que se lhe despedira com a irreparavel indisciplina e, referindo-se aos serviços que prestou no governo Pimenta de Castro, affirmou ter cumprido o seu dever, acrescentando que o actual ministro entregou a situação ao sr. Pimenta de Castro á sua guarda.

Disse ainda o sr. Camara Pestana que a policia deve estar prevenida para qualquer surpresa revolucionaria em imminencia.»

Se ha na policia uma indisciplina irreparavel é preciso saber-se qual é e que o sr. Camara Pestana não a combateu ou não a impediu, porque era esse precisamente o seu dever. Quanto ao resto, resumimos as nossas observações n'estas perguntas:

De que natureza foram os serviços prestados ao governo Pimenta de Castro pelo sr. Camara Pestana? Qual é a surpresa revolucionaria que, no seu entender, está imminente?

ANDRÉ BRUN

Vae enviar-nos de Paris algumas interessantes chronicas

Com uma capeza, parte amanhã para Paris, onde se demorará alguns dias, o nosso prezado camarada de redacção e brilhante humorista André Brun. Desejo ella conhecer, *de visu*, os aspectos da capital da França durante a guerra e registará as suas impressões em chronicas que os nossos leitores decerto vão apreciar muitissimo.

A André Brun, nosso prezado amigo e sua esposa desejamos uma excellente viagem.

O ALGARVE DE TURISMO

Monchique, a abandonada

As antigas e celebres caldas pouco mais são hoje do que uma misera gafaria

PRAIA DA ROCHA, 9. — Acabo de regressar de um dos mais bellos passeios que me teem empolgado a alma n'este Portugal tão bello e tão desconhecido dos portuguezes. Foi a Monchique, a Cintra algarvia, cantada pelos poetas e bemdita, desde tempos immemoriaes, por quantos enfermos teem procurado nas suas aguas alivio para achaques impertinentes. Da Rocha a Monchique avista-se como uma grandeonda de sombra barrando pelo norte o horisonte empoeirado. A cordilheira é extensissima, desenvolvendo-se para leste em depressões pouco profundas, desenrolando-se lentamente, serenamente, com uma graça cheia de suavidade e com um instincto de protecção pela terra fertil que se alastra a seus pés, que nos leva a crer que tambem, no intimo d'aquelles morros altissimos, existe um grande, um enorme e enternecido coração...

Inicio a viagem ao começo da tarde. Vou de automovel. Tenho por *chauffeur* o dr. Cortez, que gentilissimamente quiz conduzir-nos no seu carro magnifico, á serrania distante, a attrahir-nos e convidar-nos á admiração demorada de todos os seus deslumbramentos. Da Rocha a Portimão, a estrada mal cuidada contorce-se em curvas apertadas, difficeis, perigosas, impossiveis. Uma d'ellas dobra-se quasi em angulo recto, resguardada por um alto muro, que não permitte a quem vae n'um lado d'esse angulo ver o que se passa no outro. Obega-se, porém, a esquecer todos os riscos e a perdoar tantos crimes da engenharia perante o quadro idilico que se desdobra a nossos olhos, captivando-nos, fascinando-nos, deslumbrando-nos. A' direita, o rio, azul, tranquillo, cheio de paz e de indiscriptivel belleza. Do outro lado, Ferragudo, toda branca, erguendo-se em amphitheatro, á beira da agua, e tendo a dominal-a e a coroal-a o campanario esguio da sua egreja matriz. Mais abaixo, o Castello de Arade, amarellento, quasi côr de oiro velho, esprieta para o mar e argue impassivel, ao passado longinquo, um hymno de doce e commovida saudade.

O auto transpõe com difficuldade a villa de ruas estreitas, irregulares, quasi immundas. O dr. Cortez faz prodigios de habilidade para não atropellar ninguem, para se desenvencilhar de quantos camponios e de quantos gericos se agglomeram pela estrada que se rasga na nossa frente. Deixamos a villa, que não é mais, dentro em pouco, na nossas costas, do que uma mancha clara a rir sob a luz que illumina em torrentes. Principia o campo. D'um lado e d'outro, veigas marchetadas a legumes, poças d'agua estagnada, apodrecendo ao sol. Uma ribeira secca deixa ver o leito de seixos denegridos e calcinados. Altos tufos de junco, aqui e além, esmaltam a paisagem triste com manchas de verdura relusente e terna. Caminhamos por entre monticulos achatados, regulares, quasi simetricos. Além, junto d'um campo de milho, dois ou tres novilhos roem sossegados a relva quasi invisivel que cobre a terra pulverulenta.

Principiamos a trepar. O carro roge agora com mais impeto. A estrada não tem uma cova. Reparada, ha pouco, as grossas rodas de borracha roiam por ella como por sobre uma superficie polida. Entramos no contraforte da cordilheira. O eucalipto fura, arrogante, o espaço levemente encoberto. Agora, apparece já uma ribeira um fiosito d'agua negra que vem lá de cima, das nascentes thermaes, para fertilisar e regar duas insignificantes faixas de terra, á beira d'ambas as margens.

Mais umas centenas de metros e entra-se em plena serra. A paisagem veste-se mais e mais em cada minuto que se avance. Vem-nos da charneca inculta um cheiro acre a resteva que faz lembrar a da cera virgem e o do mel acabado de colher. Surgem, de um lado e de outro, o pinheiro, o sobreiro e a oliveira. A estrada caracoleia, córta os monticulos escalvados em todos os sentidos e mostra-nos assim todos os encantos que esta pedaço de paysagem póde encerrar. Lá em baixo, um *saule pleureuse*, guarda magoado a ribeira, sorvendo com as raizes tenras toda a agua que póde.

O mar, de vez em quando, mostra-se n'um relance pelos quebrados sueves dos monticulos. Portimão, Ferragudo, a Rocha e tantas outras povoações alvas de neve vão entoando, na sua alvura immaculada, a maravilhosa oração á luz que as alaga todas... A fita de estrada, côr de tijolo, empina-se incessantemente. Estamos em plena serra. O ar torna-se mais fino. Os pulmões desopprimem-se e o horisonte, alargando-se mais e mais, não tem, pelo sul, nada que o talhe. A arvore multiplica-se. Vista da mais encosta, a enfiada arida de elevações que surgem da terra parecem cones de cartão, dispostos em filas parallelas ao lado uns dos outros. Dois empurrões mais fortes do motor e eis-nos em plena matta das Caldas thermaes de Monchique. O arvoredo cobre as duas encostas do valle. Lá em baixo, a agua canta, saltando de seixo em seixo, irisando, batida pela luz, em flocos de impalpavel espuma.

Chegámos. Desce-se uma rampa irregularmente arborisada, penetra-se no parque e apeamo-nos segundos depois. Um pouco cançado atira para o ar livre, como que em choro e grita, a vibração das suas cordas doridas. Mettemos pelo balneario, percorremos a matta, vamos ao Paraiso e depois, quando outra vez no automovel, não me furto á tentação de recordar uma phrase que sintetisa tudo o que das thermas posso pensar-se. Ahi por 1906 ou 1907, esteve em Lagos, para manobras, uma grande esquadra ingleza. Commandava-a o almirante Wilson. Um dia, o illustre marinheiro foi de visita a Monchique. Tinham-lhe dito que a estancia era digna de ser visitada, e visitou-a.

—Almirante, qual foi a sua impressão?—perguntou-lhe alguem no seu regresso a Lagos.

—Aquillo não passa de uma gafaria—replicou Wilson.

Pois a gafaria de ha sete annos é, presentemente, um chiqueiro. A phrase de Wilson, applicada agora ás Caldas de Monchique, vale, apesar de uma orla benevola, amiga e doce. Porquê? Havemos de vêl-o...

Adelino Mendes

POR TODO ESTE MEZ?...

A TOMADA de Constantinopla

parece estar para muito breve

Ha perto de um mez, um subdito britannico de elevada cathegoria, que ha muitos annos reside em Portugal, annunciava a um dos nossos redactores que até fins de setembro Gallipoli daria que falar. Pelo mistério do que essas palavras foram revestidas e pela origem da informação pensámos desde logo na tomada de Constantinopla.

Ora precisamente as noticias que começam a chegar dos Dardanellos são de molde a confirmar a alludida prophecia. Os turcos encontram-se cada vez em mais embaraçosa situação, e seus chefes militares communicaram já aos allemães que não podem resistir sem o auxilio do soccorros urgentes. Por outro lado, as 200 ou 300 mil homens de que os alliados dispõem nos Dardanellos vão agora juntar-se fortes contingentes italianos, que determinarão uma offensiva fulminante sob a protecção do fogo das esquadras.

A queda de Constantinopla é uma questão de semanas, se não de dias. E qual é a significação d'ella para o aspecto da guerra?

A tomada de Constantinopla constitue um golpe decisivo nos imperios centraes. A Russia poderá então abastecer-se do armamento e munições que lhe faltam, e fornecer aos alliados, por via Bosphoro, todo o trigo e petroleo que tem em depositos nos portos do Mar Negro. Além d'isso, submettida a Turquia, as tropas alliadas poderão contar com o reforço das forças que desembarcaram no Chersoneso, e que, bem treinadas para a guerra durante a campanha de Gallipoli, constituem o que já um precioso recurso.

Quer dizer, por um lado, a Russia fortalecida, armada e municiada, por outro, a linha occidental reforçada com fortes contingentes de experimentados guerreiros, eis o que espera a Allemanha e a Austria na proxima campanha de inverno.

O QUE SE ESCREVE E O QUE SE LÊ

Os Annaes das Bibliothecas e dos Archivos Publicos

Porque se não fala das publicações da Academia das Sciencias

Os «Annaes das Bibliothecas e Archivos Publicos», de que acabamos de receber o quarto numero, constituem uma prova brilhantissima da competencia e do zelo com que Julio Dantas, que dirige a magnifica publicação, vem exercendo o cargo de inspector d'aquelles importantes estabelecimentos. A obra do grande escriptor como funcionario do Estado é já agora das mais notaveis e pode classificar-se de verdadeiramente benemerita. As incorporações realisadas por sua iniciativa bastariam para que o considerassemos credor da gratidão do paiz e do nosso applauso e estudo do sr. Alvaro Balthazar Alves sobre «O cartorio da Nobreza», com que abre o presente numero dos «Annaes», diz-nos o que Julio Dantas, collocado pelo novo regimen á frente das bibliothecas e archivos, tem feito para impedir que se percam definitivamente preciosidades documentaes que sob a monarchia estavam por assim dizer abandonadas e corriam grave risco de destruição. Mas não é esse estudo alguma coisa mais que convem frisar: é a demonstração de que, ao contrario do que dizem acusadores facciosos e apaixonados, a Republica não quiz nem tentou apagar os vestigios do passado, sumindo no mesmo vortice velhas instituições e os documentos e monumentos indispensaveis para a sua historia. Para isso foi necessario salvar-se, como diz o sr. Balthazar Alves, do estado de profunda inercia em que se mais rigoroso commodismo tinha lançado a direcção superior das bibliothecas e archivos publicos, o que se conseguiu nomeando para ella Julio Dantas, cujo trabalho tem sido tão intelligente como fecundo. Os documentos do «Cartorio da Nobreza», agora acautelados, são dos mais valiosos para os investigadores historicos e linhagistas, a quem o sr. Alvaro Balthazar Alves prestou um bom serviço com o estudo que publicou nos «Annaes».

Outro artigo interessante que elles offerecem, e este illustrado com excellentes reproducções em photogravura, é o de Alberto de Sousa, sobre a organisação d'um gabinete de estampas na Bibliotheca Nacional de Lisboa, bello subsidio para a iconographia portugueza, organisação a que o distincto artista está consagrando o maior e mais carinhosa actividade.

A inspecção das bibliothecas e archivos, remettendo á imprensa os seus «Annaes», permitte que o grande publico conheça e aprecie a obra em que se encontra empenhada. Não procede do mesmo modo a Academia das Sciencias. D'ahi o não ter fundamento a queixa do illustre academico que é Julio Dantas, quando hontem, no «Primeiro de Janeiro», estranhava a indifferença dos jornaes pelos trabalhos trazidos a lume por aquella corporação scientifica. Escreveu o eminente litterato:

«Em volta das publicações da academia faz-se, d'ordinario, um grande silencio. O caracter especial d'essas publicações, limitadas em grande parte á vulgarisação de documentos de interesse historico, não é de molde a chamar sobre ellas a attenção viva da imprensa e do publico. Os jornaes não as annunciam. Os livreiros não as expõem. Os proprios eruditos estranhos á Academia ignoram-nas.»

Se os jornaes não annunciam as publicações academicas, a culpa é da Academia, que não remette alguns exemplares para os periodicos de maior tiragem, pelo menos. Se os livreiros as não as expõem, a culpa é da Academia que não lh'as remette com essa condição nem com qualquer outra porque parece desinteressar-se da venda. Se os proprios eruditos, estranhos á Academia, as ignoram, é pelas razões que deixamos apontadas e que mostram apenas por parte da Academia um profundo desdem pelo publico ou uma errada comprehensão do papel que lhe incumbe.

Não negaremos que os membros da velha instituição trabalhem e produzam lavores de singular merecimento, como aquelle a que se refere o nosso insigne collaborador, mas como conhecer a sua existencia, se a propria Academia não a conhecia?

A obra d'um avião allemão

LONDRES, 9.—O avião inimigo que visitou os condados de leste de Inglaterra e o districto de Londres na noite de 8 do corrente matou com as suas bombas 20 pessoas, ferindo gravemente 14 e ligeiramente 73. Um dos mortos e tres dos feridos eram soldados. Os restantes pertenciam á classe civil, comprehendendo-se n'ellas 48 mulheres e creanças.—(*Havas*).

«*Historia Illustrada da Grande Guerra*»

Dividido em volumes, cada um dos quaes com cerca de 200 paginas, de modo a formar um livro portatil, economico, elegante e de facil encadernação, o folhetim que vimos publicando *Historia Illustrada da Grande Guerra* tem alcançado grande exito.

O primeiro volume abrange desde março a 15 de abril, tendo 184 paginas, o segundo de 16 de abril a 3 de junho, com 188, o terceiro de 4 de junho a 20 de julho, egualmente com 188 paginas, e o quarto de 21 de julho a 5 de setembro, com 180 paginas, sendo todos os volumes profusamente illustrados. Na administração d'*A Capital* são immediatamente satisfeitos todos os pedidos, quer da collecção completa, quer de qualquer numero de exemplares do jornal, que venham acompanhados das respectivas importancias.

A Egreja e a Italia

O cardeal Cassetta fala ás tropas italianas

Roma, 5 de setembro

O *Giornale d'Italia* refere que esta manhã, em Rocca-di-Papa, perto de Roma, foi rezada uma missa no campo de manobras d'um batalhão de granadeiros.

O cardeal Cassetta, que compareceu durante o officio, approximou-se do altar, no fim da missa, e em voz commovida, dirigindo-se ao commandante e aos officiaes, disse: «Abençôo-vos, a vós e a vossas familias e a estes bellos soldados que vão conquistar uma tão bella victoria, pela justiça e pela nossa querida Italia».

A allocução foi profundamente impressionante. A musica executou o hymno real e um côro de soldados entoou hymnos patrioticos. A multidão, que assistiu á missa, acclamou as tropas. O commandante dos granadeiros offereceu em seguida um lunch.

A CAPITAL DO NORTE

Transformação do Porto

O engenheiro inglez que transformou Athenas contractado para presidir ás obras

Porto, 9 de setembro

—Ora ahi está como se quebram os dentes á calumnia de uns, á maledicencia de outros e ao riso sardonico de muitos... compatas».

«Vê—dis-nos um distincto engenheiro—vê como os grandes melhoramentos da cidade vão ter realisação».

—Explique-se. Isso é muito interessante. Eu quero enviar, desde já, as suas impressões para *A Capital*.

Quer explicações? Pois não está approvado pelo Senado o novo plano de melhoramentos da cidade? Está. Que falta? Apenas inicial-os. Haverá duvidas sobre isso? Não pode haver. E não se pode haver por duas razões muito praticas e convincentes: a primeira é que a camara tem já á sua disposição—para esses melhoramentos—mil contos, que é apenas o terço do emprestimo que foi autorisada a fazer, e fez, com a Caixa Geral de Depositos; a segunda é que tem na sua commissão executiva, e muito especialmente no seu vereador das obras, o sr. Elisio de Mello, uma d'estas energias que não torcem caminho, que não transigem com desgostos ou opposições e que vão directamente, passando por cima de todas as contrariedades, até á final e completa realização do seu plano. Lisboa, se não fôra a energia identica de um Rosa Araujo, não teria hoje a sua Avenida, que foi o inicio e o impulso para outras de grande valor esthetico, ornamental e hygienico que transformaram a velha cidade, a antiquada capital do paiz.

«No Porto está a dar-se exactamente o mesmo movimento, a mesma refracção—deixe-me empregar esta phrase—de visão intellectual do grande reformador de Lisboa.

«As primeiras avenidas do grande plano de reforma esthetica da cidade partem dos seus pontos centraes, de onde ha maior movimento, de onde se distendem as arterias auxiliares, para lhes dar mais vida, intensidade commercial e industrial mais activa, mais desenha, em condições de hygiene, e do hygiene, em bem estar, em opulencia, ou, pelo menos, em exterioridades architectonicas. As novas avenidas não só alargarão a canalisação de ar, com os seus «squares» e seus «parterres», como deixarão que, nas novas edificações, entre o sol, a promo, em luz directa, acabando estes meandros mephiticos de velho burgo em que nem o sol do alto nem a luz de «frests» entrava na maior parte da cidade, chamada a parte central.

«Veja—dis-nos—que a maior parte dos estabelecimentos do coração da cidade vivem de luz artificial. A rua do Bomjardim, que o immortal Camillo classificava de «a rua mais immunda do Porto»; a rua do Almada, todo arterias sahindo do coração da cidade, que é a Praça Nova, são ainda hoje o que eram no tempo do genial romancista. Então, se falassemos no Laranjal e nas travessas e becos que o rodeiam, nos Lavadouros e por ahi adeante... era de dizer coisas amargas. Quer dizer: a cidade tem, no seu centro, no seu coração, um verdadeiro fóco de insalubridade, um perigo immenso para a vida physica e para a vida social. Já não quero referir-me ao perigo moral...

«Ora—continuou—sendo assim, o projecto dos melhoramentos da cidade, alargando-a e saneando-a, é o mais racional, o mais bem pensado, o mais importante sob todos os pontos de vista.

—Estão a Avenida da Trindade deve ser o primeiro trabalho dos novos melhoramentos.

—A Avenida da Trindade é, indiscutivelmente, uma obra grandiosa. Sanea e limpa a parte central da cidade. Mas, deixe-me dizer-lhe: então que o primeiro projecto d'essa Avenida não será o que terá realisação. Por esse projecto, a Avenida, que tinha 40 metros de largo e 500 de comprimento, passaria a ser—não uma Avenida—mas uma praça quadrilonga.

«E assim, é que nos disem que o engenheiro inglez que foi convidado a vir examinar e dar o seu parecer sobre os novos melhoramentos da cidade é de opinião contraria ao primeiro projecto da Avenida da Trindade. Este engenheiro inglez, que vem ganhar, segundo se diz, quatro mil libras nos serviços a prestar á camara do Porto, é um homem que tem o seu nome ligado a grandes melhoramentos de muitas cidades modernas. Foi elle que transformou completamente a cidade de Athenas, na Grecia, tornando-a bella, formosa e hygienica.

«Aqui, tem feito estudos varios. E, como não tem compromissos, dá a sua opinião completamente independente, livre e technica.

«Ora, segundo nos disem, é de parecer que a Avenida da praça da Liberdade á Trindade, deve caminhar mais para a esquerda para não ir esbarrar na egreja da Trindade. Entende que essa Avenida deve ter um seguimento mais largo, mais extenso, indo além, muito além da Trindade.

—Até ao Marquez de Pombal?

—Não. A linha recta não leva lá. E avenidas de estevello são avenidas...

—Olhe,—terminou—sobre as novas avenidas e melhoramentos citadinos, falaremos depois. Ha tanto que dizer...

PORTUGAL DESCONHECIDO

Ainda o communismo barrozão

Os que emigram e a influencia que exercem quando regressam

Assim, os barrozões vão buscar á Terra Quente, ao Douro, as *camaradas*, os meios de subsistencia que lhes nega a terra avara onde nasceram.

Isoladamente, vão para o Alemtejo onde dão excellentes lagareiros; vão para Lisboa, onde uma pequena colonia barrosã moireja obscuramente; vão para o Brazil, para a America do Norte.

Mas onde quer que o barrozão se aninhe, nos montes alemtejanos, nos pateos de Lisboa, nas «praias d'além do mar», sempre dentro dos seus olhos e da sua alma vivem e cantam os colmados e as cannastras das suas aldeias, os campos de milho das suas veigas, os lameiros das suas ribeiras. A saudade é para elles, homens da montanha, verdadeiramente um sexto sentido. Fóra das horas de trabalho, a que se entrega com todas as forças, com toda a brutalidade do seu ser, os momentos mais deliciosos do barrozão são aquelles em que revive a sua mocidade, alembrando os primeiros olhos dos quaes o coração se ficou dependurado, como diz a cantiga, sobredoirando a altarinho humilde em que commungou a primeira vez o seu pae, ou os dedos maternos espalharam papelinhos de côr a fingir de petalas, sorrindo á ideia de que, todas as noites, ao levantar da mesa, os velhotes, lá muito longe, emquanto o vento uiva e os lobos fazem a bocca em roda das povoações, resam o seu padre nosso para que Deus o affaste dos perigos e o livre de más companhias.

Vão para o Brazil, para a America do Norte, «para além d'agua». Uns lá ficam; outros, judeus errantes á busca da imagem da fortuna, andam, andam, para afinal sem saber o seu ber onde cahiram para sempre; alguns voltam. Os que voltam, um bello dia entram na povoação escarranchados n'uma boa besta, de grossa cadeia de oiro, bota fina, bem apessoados; atraz, um carro de bois, chiando que o leva o dobo, carrega as malas enormes, a cadeira de borda e o papagaio.

As geiras das camaradas, o dinheiro do Brazil explicam o inexplicavel. Desgraçado passaro o que nasceu em ruim ninho, costuma dizer philosophicamente o barrozão. Como os passaros, essas creaturas emigram para os paizes do sol, mas voltam sempre ao seu ruim ninho. Gostam de morrer se todos nos seus penedos, vendo desapparecer o sol lentamente. Parece-lhes que o corpo lhes descerá á campa um pouco mais quente e que a alma lhes levará menos tempo a subir ao céu.

O papel social do brasileiro é por via de regra deleterio e dissolvente. Eivado dos habitos individualistes da cidade, pouco se lhes dando dos mais e olhado exclusivamente nos fins, não é raro que o brasileiro pretenda apropriar-se dos pastos communs, tapar servidões do povo, insurgir-se contra os usos e costumes, rebelar-se mesmo contra a auctoridade paterna. Tambem não é raro que o brasileiro se converta no usurario, levando juros exhorbitantes, fazendo contractos leoninos, promovendo execuções. A usura tem frequentemente a fórma de «pão aquartelado». O usurario empresta ao lavrador, para a sementa, um alqueire de pão, e o lavrador restitue ao usurario o alqueire e mais um quarto. Mesmo descontando a circumstancia de estar sempre o pão mais caro na sementeira do que na colheita, é qualquer coisa como 15 a 18 0|0. Nos annos em que a neve se demora mais, em que as aguas se desencadeam e o vento as leva, no anno de fome, attinge as proporções phantasticas de mais de 25 0|0!

Já o soldado, depois de acabar o tempo, sahia do quartel e vinha para

a aldeia espalhar, com a siphilis, o desrespeito pelos velhos usos e pelos bons costumes. O brazileiro espalha a confusão e a indisciplina.

Ainda ha poucos annos a moeda tinha em Barroso apenas o prestimo de por meio d'ella se comprarem na villa as coisas de mercearia. Seguia-se nas fainas agricolas o systema da mutualidade de serviços e pagava-se aos artifices (*artistas*) em generos.

A *carreja* (transporte da *messe* aos domicilios) era determinada para todos n'um dia fixado no *chamado*. Antes da carreja dois visinhos faziam a contagem das *pousadas* (cada *pousada* tem cinco mólhos) deante do guardador que arrematára a guardada pelo menor numero de alqueires. O preço do guardador era repartido pelos visinhos na proporção do que cada um colhera; e a carreja era feita em massa por todos os visinhos. Ainda uma fórma de communismo.

Levantadas as *médas* ou *medonchas*, conforme o tamanho, esperava-se a hora da malhada. Chamava-se á eira e cada qual acorria, não tendo o dono da messe outra obrigação além de dar de comer aos que trabalhassem. Era o serviço mutuo.

Nas espadeladas do linho, o processo era o mesmo. Ajudavam-se uns aos outros, sem que houvesse a necessidade da intervenção da moeda para o pagamento de serviços, que se davam, mas que se não vendiam.

Ainda por muitos sitios se obedece aos antigos costumes, mas os institutos da mutualidade de serviços e da troca de generos vão diminuindo de importancia. A compra e venda, e consequentemente a moeda, vão entrando definitivamente nos habitos.

Em grande parte esta evolução é devida ao brazileiro.

Em todo o caso, se o brazileiro, com os vicios que traz da cidade, é dentro da familia communalista barrosão um elemento critico, certo é que é elle quem quando a sua bolsa e a sua vaidade, erigem bons edificios por aldeias reconditas, semeando a abundancia, e que o exemplo da sua prosperidade e fortuna dão ensejo e força aos outros.

N'esta região pauperrima, a arte é nula. A' parte a canção popular, que brota espontanea como a agua das levadas, tudo se reduz a uns desenhos lineares nas espadelas, nos *cornos* de abanar as vezeiras. Não ha em todo o Barroso uma unica egreja em que appareça uma talha nobre, um azulejo, uma grinalda, uma rosacea, uma custodia. Pequenas capelas, com altares de ordinarissima talha, muitas vezes caiada. E' em volta d'estas capelas, alvejando entre os soutos dos castanheiros, ou apoiando-se no dorso das caminadas, que ainda se expõem os amortalhados e que se vacca, com ramos de giesta floridos nas hastes em forma de lira, veem offerecer-se aos oragos e padroeiros.

Antonio Granjo

Leiam-se os artigos publicados nos dias 25, 26, 27, 30, 31 de agosto, 2 e 7 de setembro.

TOURADAS

SETUBAL, 10.—E' já grande a animação n'esta cidade, onde se encontram numerosos forasteiros que veem assistir ás festas da cidade e á extraordinaria corrida, na tarde de domingo, na qual tomam parte o cavalleiro José Casimiro e o pegador Accacio de Oliveira e Silva, assim como alguns dos nossos melhores artistas.

Em attenção á imprensa, tomam tambem parte os amadores Jayme Cadete e Mario Luiz Lopes.

Chegou hoje no rapido o novilheiro Taboneritos, de Valladolid. No domingo os comboios de Lisboa para Setubal, ida e volta, custam apenas 30 centavos.

A questão do peixe

Costa da Caparica, 10 de setembro

Os pescadores d'esta praia andam afflictos com o ultimo decreto sobre o preço da sardinha de tamanho medio que os veio reduzir á fome. São cerca de mil os pescadores e cerca de 700 pessoas que se empregam na compra e venda da sardinha, auferindo o lucro medio de $13 a $40 diarios cada individuo, mas só durante seis mezes de pesca em cada anno e com estes diminutos interesses teem de viver todo o anno!

Para venderem a sardinha conforme o referido decreto, o lucro dos pescadores e da grande serie de intermediarios ficará reduzido a $10 a $25 diarios durante os seis mezes e para viverem tambem nos seis mezes em que não ha sardinha n'esta costa.

A commissão de subsistencias foi falsamente informada por quem lhe disse que os pescadores vendiam actualmente a sardinha, do tamanho medio a $50 cada milheiro, pois se assim fosse os pescadores d'esta terra não ganhariam mais de $03 a $04 por dia.

A sardinha media vendia-se em Lisboa antes do ultimo decreto entre $09 a $11 cada duzia e estabelecendo-se para a mesma sardinha o preço de $18 por duzia e a venda se fosse a $07, já assim todos ganhariam o sufficiente para não morrerem de fome.

Salvador José Ferreira

Excursões e Passeios

A Torres Vedras

A commissão organisadora da excursão a Torres Vedras resolveu transferil-a de 12 para 19 do corrente, a fim dos excursionistas poderem assistir á feira de gado que n'esse dia se realisa n'aquella villa.

A' commissão, que é composta de socios do Registo Civil, foi agregado o sargento Machado Toledo que, juntamente com os delegados da Associação, srs. Augusto José Vieira e Bastos Flavio, serão os oradores na sessão de propaganda, que se effectua em Torres Vedras, para commemorar os aniversarios da expulsão dos jesuitas de Portugal e da extincção do poder temporal do papa.

Acompanha a excursão uma banda de musica, e os bilhetes, ao preço de 1.ª classe $80 e 2.ª 1$20, continuam á venda nos seguintes locaes:

Rua da Palma, 194; A Brazileira, no Rocio; rua de Alcantara, 13 A, rua da Boa Vista, 77; rua Ferreira Borges, 15; tabacaria Marques, rua do Ouro; largo da Graça, 112; calçada do Combro, 113; rua do Salitre, 29; do Besto, 49; Gomes Freire, 166 e na séde da commissão, rua de João do Outeiro, 38 (á Mouraria).

OS PROBLEMAS DO ENSINO

Como pensa um estudante

Resposta ás considerações do sr. professor Bensaude sobre o ensino technico

Lisboa, 9 de setembro de 1915.—Sr. redactor de «A Capital».—Leitor assiduo do seu muito conceituado jornal, acompanho com vivo interesse todas as questões que dizem respeito ao desenvolvimento da nossa industria e, portanto, ao ensino technico que com ella se prende.

Desejoso andava eu, desde a creação do Instituto Superior Technico, que a questão do ensino n'elle ministrado viesse á luz da publicidade, para se poder notar os convenientes e inconvenientes da sua organisação de ensino. Chegou, porém, a occasião, e eu como alumno d'esse instituto, não quero deixar de concorrer para que luz seja feita sobre tão importante assumpto.

Como v. sabe, sr. redactor, levantou a questão no parlamento, o senador sr. Pina Lopes, a proposito da elevação de matriculas no Instituto Superior Technico. D'ahi resultaram as considerações feitas por essa redacção, com as quaes estou plenamente de accordo e, portanto, em opposição ás que s. ex.ª o sr. director do I. S. T. fez, sob esse ponto de vista. E s. ex.ª sabe muito bem que ellas ao principio eram muito mais elevadas (tabella II do Regulamento) e depois baixaram e, se baixaram, alguma coisa houve para isso.

E não estou de accordo com s. ex.ª, porque, augmentando-se as matriculas, difficulta-se a entrada aos alumnos pobres n'aquelle Instituto, sendo apenas facilitada aos que tiverem meios de fortuna. Estes como sabemos, não são, dada a nossa indole, os que mais se dedicarão ao trabalho de officinas e fabricas, querendo apenas o curso d'engenheiro, para se pavonearem com elle e obterem um logar de «mangas de alpaca» á mesa do orçamento, assim como tantos outros bachareis que tiram o seu curso com o fim unico de serem doutores e da mesma forma sobrecarregarem o orçamento do Estado.

Com o alumno pobre isto não acontece. Elle tira um curso technico porque precisa ganhar a vida á sombra dos conhecimentos que adquire. Cria em si o amor ao trabalho, á officina e á fabrica, porque é o modo de vida com que angaria os seus meios de subsistencia. Estuda e dedica-se para assim conquistar a finança, para melhor desenvolver a industria de que é encarregado. Mas para se alcançar este «desideratum» é preciso, imprescindivel mesmo, que se cuide a sério da organisação do ensino technico. Brado d'aqui bem alto para que me oiçam os que superiormente superintendem n'estes assumptos.

S. ex.ª o sr. director expoz publicamente a sua orientação respeitante á organisação do ensino do I. S. T.; disse muito e bem, mas a meu vêr não disse tudo. E' preciso, portanto, que eu diga o que naturalmente s. ex.ª não lembrou.

Vejamos primeiramente com um bocadinho de historia, para elucidação do leitor, qual a causa, já de eras remotas, da decadencia das industrias portuguezas, em relação aos outros paizes, e o que é necessario fazer para nos tornarmos um povo livre e independente.

Os economistas dividem a historia das nossas industrias em 5 periodos, a saber:

1.º—Desde o começo da nossa nacionalidade até D. João II;

2.º—De D. João II até á batalha de Alcacer Kibir.

3.º—De Alcacer Kibir até 1820;

4.º—De 1820 até 1890;

5.º—De 1890 até nossos dias.

No 1.º periodo a historia e a sinthese das nossas industrias não estão feitas, porque n'esse tempo, Portugal andou em constantes luctas com os mouros e depois com a Hespanha. As que predominaram eram apenas as que se prendiam com a arte da guerra.

No 2.º já houve organisação das industrias (Corporações de artes e officios), mas estas sob a forma de trabalho escravo. Por isso e pelas constantes guerras em que nos envolvêramos, resultou o pouco desenvolvimento. Só queriamos colonias e, portanto, dinheiro. Havia n'este periodo o systema mercantil, tambem chamado da balança commercial, que consistia em considerar o dinheiro principal fonte de riqueza. As nossas colonias eram prohibidas de manufacturar e, por isso, obrigadas a comprar os productos commerciaveis. Este systema adoptaram-o quasi todos os paizes coloniaes como Portugal, Hespanha, etc. Os outros paizes não coloniaes n'essa epoca, como Inglaterra, Allemanha, etc., para obterem dinheiro, viram-se obrigados a desenvolver as suas industrias. Assim esses paizes enriqueceram, supplantando todos os outros com os seus grandes progressos industriaes, e nós fomos empobrecendo dia a dia.

No 3.º periodo viu-se já a necessidade de cuidarmos das industrias.

Appareceram então alguns homens de sciencia, como o conde da Ericeira, o marquez de Pombal e D. Luiz da Cunha, publicando este alguns escriptos que serviram de base ás reformas do marquez de Pombal.

As luctas continuaram com a Hespanha até 1640, tendo nós que pedir o auxilio da Inglaterra. Em virtude d'esse auxilio, fomos quasi obrigados a fazer-lhe quantas concessões ella quiz. D'aqui resultaram os tratados de commercio de 1654, 1703 e 1810, sendo o de 1703 o mais ruinoso, d'onde resultou o movimento de 1820.

No 4.º periodo, chamado da livre concorrencia, foram extinctas as Corporações de Artes e Officios (decreto de 14 de fevereiro e 7 de março de 1834).

O 5.º periodo é o da liberdade regulamentada. Vieram a pauta das Alfandegas de Oliveira Martins, e lei das sobretaxas de Elvino de Brito, etc.

Vistas, em resumo, as causas da decadencia das nossas industrias, eu pergunto porque se não ha de dotar a unica escola superior technica, não só de laboratorios e officinas dignas d'esse nome, mas tambem de pessoal habilitado com pratica bastante para dirigir essas officinas?

Contractaram-se alguns engenheiros technicos com uma orientação de ensino moderno muito boa. Mas porque se não contractam tambem engenheiros praticos e mestres de officinas que nos ensinem o technico-pratico da construcção, obrigando-nos a executar, na parte que nos fosse possivel, os projectos que fazemos. Assim elles sahiriam do papel, adquiriamos amor ao trabalho, á officina, ao laboratorio; viriamos para a vida pratica e não encontrariamos difficuldades de maior em qualquer ramo de industria constructiva que quizessemos seguir. Creavam-se incentivos, fazia-se sahir dos cofres o capital, e a industria progredia. No estrangeiro, os alumnos teem as fabricas especialisadas nos differentes generos de construcção, para onde se dirigem ao terminarem os seus cursos. Entre nós como não ha fabricas nem officinas d'esse genero, era da maior importancia para o paiz, como fica demonstrado, que o Estado lhes désse o inicio, completando assim a obra que principiou quando do advento da Republica.

Por acaso já alguem tentou saber quantos milhares de contos sahem por anno para fóra do paiz para compra de machinas differentes especies e material electrico?

Respeitante á organisação dos cursos das differentes especialidades ha ainda muitos defeitos a apontar, mas como esta já é bastante extensa, não quero abusar mais da sua amabilidade.

Penhoradissimo agradeço, sr. redactor, a publicação d'estas mal alinhavadas linhas.

Sou com toda a consideração e estima, de v. etc.—Joaquim J. M. Paixão, alumno do 2.º anno da especialidade de engenharia electrica do Instituto Superior Technico.

A moda feminina regulamentada na Allemanha

A economia de fazenda impõe o uso das «travadinhas»

O facto de, pela Grã-Bretanha, ser o algodão considerado como contrabando de guerra produziu já na Allemanha os seus effeitos. Effectivamente, em fins do mez passado, a agencia Wolff diffundiu uma communicação semi-official que a *Vossische Zeitung* reproduz, e da qual extratamos os seguintes periodos:

«Emquanto ainda ha pouco reinava a economica moda das saias estreitas, precisamente no momento em que as industrias de tecidos de todo o imperio procuram de accordo com as auctoridades encontrar fórma de se pouparem as reservas de fazenda, começa já a notar-se a tendencia para a nova moda allemã de saias largas e com folhos que exigem o emprego de mais [illegible] a 80 por cento de tecido. As nossas mulheres e as nossas filhas, que nos bons tempos, por simples capricho, usavam economicamente as fazendas com que se vestem, devem conservar agora esse habito para o bem da patria».

A *Vossische Zeitung*, é verdade que em termos comedidos, protesta contra esta nova disposição e após algumas considerações sobre o assumpto publica o resultado d'um rapido inquerito entre varios industriaes. A firma R. Madsen é de opinião que a medida do governo, além de tudo, veiu tarde, visto que todas as compras para a proxima estação estão feitas n'esta altura; e os negociantes dispõem de grandes *stocks* de tecidos. A firma Ball e Müller queixa-se de que, se a disposição official sobre a moda tivesse sido tomada dois mezes mais cedo, evitar-se-hiam grandes prejuizos ao commercio. Outros contestam que a nova moda não exige tal 80 por cento de fazenda, mas apenas 20 a 25 por cento, declarando comtudo, que as saias com 10 metros de roda que algumas actrizes usam em scena constituem verdadeiras excepções.

Em summa, o facto é sintomatico e por isso merece registo. A *travadinha* continúa a ser moda em Berlim, por causa da escassez de algodão.

Caixeiros de Lisboa

A inauguração da sua séde

Realisa-se depois de amanhã, na rua Antonio Maria Cardoso, 20, a inauguração official da nova séde da Associação dos Caixeiros de Lisboa, havendo, ás 20 horas, uma sessão solemne, para a qual foram convidadas a fazer-se representar diversas associações de classe, bem como a imprensa. Espera-se tambem que n'esta sessão tomem parte delegados das associações da provincia.

No dia 19, como continuação das festas, realisar-se-ha uma sessão litteraria e musical, precedida de uma conferencia sobre assumpto de arte e de educação.

ULTIMAS NOTICIAS

EM ANGOLA

Victorias portuguezas

Occupámos o Cuamato e Evale e é batido o Cuanhama

Noticias recebidas do sul de Angola dão como terminada a campanha, tendo sido reoccupado o Cuamato e Evale e batido o Cuanhama, sendo tomada a embala de N'Giva.

Resta agora a occupação, que tem de ser seguida por forças differentes das que entraram na campanha, as quaes produziram um esforço extenuante, com uma dedicação digna de toda a admiração.

O relatorio final dirá os que se distinguiram e excepcionalmente se evidenciaram, mas desde já se póde dizer que todos cumpriram o seu dever.

As forças da expedição devem recolher brevemente em parte, e na sua totalidade logo que para ali sigam as forças pedidas para a reoccupação e guarnição dos postos creados e dos restabelecidos.

A grande guerra

Os russos luctam heroicamente contra a invasão allemã

PETROGRADO, 10.—Nas regiões de Riga, na direcção de Dwinsk, e nas estradas de Vilna na direcção de Grodno não houve alteração apreciavel, continuando porém os combates. Na região de Skidel e entre o Niemen e o Pripet continuamos a retirada prevista; entravámos, porém, a offensiva inimiga por meio de violentos contra-ataques. Nas estradas de Rowno detivemos o avanço inimigo apesar do violento fogo da artilharia.

Ao sul de Sereth e a sudoeste de Trembovla, desenvolvida que foi a nossa offensiva, alcançámos um successo tão importante como o de Tarnopol, prendendo ali no dia 7 mais de 150 officiaes e 7.000 soldados; tomámos 8 peças de artilharia e 36 metralhadoras. As nossas perdas são pouco importantes. O inimigo retirou a toda a pressa perseguido pelas nossas tropas. O total dos nossos ganhos desde 3 do corrente eleva-se a 383 officiaes e mais de 17.000 soldados feitos por nós prisioneiros, e pelo que respeita a material, tomámos 14 peças de grosso calibre, 19 peças ligeiras, 66 metralhadoras e 15 cofres de munições de artilharia. Os nossos exercitos estão realisando firme e resolutamente o fim proposto, encarando o futuro com confiança.—(*Havas*).

ECHOS & NOTICIAS

INFORMAÇÕES—COMMUNICADOS

NOTAS MUNDANAS

O sr. Levy Bensabat, em nome do sr. presidente da Republica, foi hoje apresentar os seus cumprimentos á sr.ª D. Alice Moderno.

—Para a Marinha Grande seguiu hoje, acompanhado de sua esposa, o sr. Vieira da Cruz.

—Do Monte Frio partiu para o Porto o alferes da guarda republicana sr. Manuel Encarnação.

—Partiu de Aveiro para o Luso o sr. Lourenço Regalla.

—E' esperado em Lisboa o sr. José Pereira Martins, director da Imprensa Nacional de Nova Goa, traductor do celebre poema *Ubira* e de varios outros poemas indostanicos.

—Está na sua casa da praia do Moledo, do Minho, o sr. dr. Bernardino Machado.

—Encontra-se no Porto o architecto sr. Adães Bermudes.

—Recolheu ao leito com um forte ataque de rheumatismo o sr. Ventura Terra, que se encontra na sua casa de Seixas (Minho).

ARTISTAS INFANTIS

No salão da Trindade estreou-se hontem uma nova operetta em dois actos, *A filha de Annica*, de Camara Manuel e Mello Vieira, musica de Fortão Rebello. Do seu innegavel merito disseram os calorosos applausos do publico, que enchia o salão e que fez bisar os numeros mais inspirados. A companhia infantil, que tem elementos de muito valor, houve-se briosamente. Que extraordinaria paciencia não revela, por parte do seu ensaiador, aquelle trabalho que não desmereceria artistas feitos. A operetta, de costumes minhotos, vae decerto conservar-se largo tempo em scena.

UM PAMPHLETO

Com o titulo de *O grande e terrivel crime* sahiu hoje á luz uma publicação semanal de combate e de critica politica e litteraria de que são redactores os srs. Bourbon e Menezes e Gonçalves Cotta.

LUTUOSA

Falleceu o sr. João Roberto Garcia de Carvalho, cujo funeral se realisa amanhã, pelas 15 horas, sahindo o prestito da rua Moraes Soares.

O navio "Santa Ursula"

Ao que nos consta, sahiu hoje de madrugada de Leixões este navio allemão, devendo entrar no Tejo amanhã da 1 para as 2 horas da tarde.

A questão do trigo

O governador civil de Beja, sr. Gomes Vilhena, conferenciou hoje demoradamente com os srs. ministro do fomento e tenente-coronel Vasconcellos Dias, sobre a forma de transportar para Lisboa 6 a 8 milhões de kilos de trigo existentes no seu districto.

A QUESTÃO DAS SUBSISTENCIAS

De peixe, só houve pescadinhas e sarda

A exportação para Hespanha e para a provincia—O que se passou nos mercados—Como se resolve a questão

A Praça da Figueira, a Ribeira Nova, Santos e Poço do Borratem continuaram hoje movimentados, chinfrineiros, havendo até de onde em onde a sua troca de sopapos, sem consequencias de maior. Houve scenas pitorescas, discussões interessantissimas pela rispidez e promptidão dos argumentos, vendo-se a policia em palpos de aranha para serenar os animos por vezes excessivamente exaltados.

A' esquina da travessa Silva e Albuquerque assistimos nós a uma altercação entre dois populares, um pela tabella, outro contra semelhante regulamentação. O primeiro, era um homenzarrão forte e bojudo, typo de merceeiro abastado, mas parecendo o seu contradictor um dos muitos intermediarios da venda do peixe que por aquellas paragens abundam.

Claro que, como authenticos portuguezes que eram, a paginas tantas da discussão caminhavam já para o desafio pessoal com as competentes classificações samaveasa á mistura.

Debalde a policia ali de giro, cuja paciencia e bons modos pareciam inexgotaveis, lhes pedia ordem e prudencia e o especial favor de se retirarem para evitar ajuntamentos. Peior! Quanto mais o delicado agente da auctoridade pedia, mais os dois contendores barafustavam. Até que, já cheia de tés-a-tés a estreita sim viella e prestes a interromper-se o transito dos electricos na visinha rua da Palma, o policia, nervoso, congestionado, mette-se entre os dois e tirando rapidamente o «bonnet», grita-lhes: «Os senhores por favor vão-se embora!»

E como elles o fitassem, desafiantes, accrescentou: «Se não ponho o chapeu e tiro a espada!»

Foi remedio santo. Immediatamente o homem gordo deslisava, rua da Palma abaixo, emquanto o seu contradictor, ia resmungando ainda, magro e bilioso, em busca d'uma taberna proxima onde entrou.

No largo Silva e Albuquerque, umas duzias de peixeiras, accocoradas sobre as canastras, respeitavam a tabella vendendo optimas sardas a dois centavos e meio o par. Tirando umas quantas canastras com pescada, póde mesmo dizer-se que foi a sarda que hoje imperou em todos os mercados, visto que, sardinhas e carapaus foi coisa que quasi não appareceu nas immediações da Praça da Figueira.

Na Ribeira Nova, onde abundou egualmente a sarda, apenas de manhã cedo chegaram oito cabazes com sardinhas que immediatamente desappareceram.

—Foi unicas que lhes dous dias... uma varina alta, esguia e flexuosa, gingando o seu debil corpo de arvéloa e piscando-nos brejeiramente o olho: «o senhor imagina lá! Aquillo não chegou nem para a ametade. Nós somos mais de dois milheiros, os oito cabazes podiam ter, muito a arrobenlar, uns quatro!»

E logo uma velha, do lado, encorreinada e sabida, accrescentou:

—Isto é uma pouca vergonha, senhor! Estas coisas de tabellas devíam começar a cumprir-se mas era lá por riba. Assim, não pega. A gente se comprar por quinze não póde vender por quatorze...

—T'avisto!—commentava a ovarineira, de mãos na ilharga, braços á mostra, pernas segurando a canastra de encontro á valleta.

Mais adeante um negociante de peixe para a provincia metteu conversa comnosco para nos elucidar:

—As mulheres teem razão. O senhor é dos jornaes, pois é? Então diga lá que se o governo quer que se cumpra a tabella faça com que venha peixe para Lisboa e prohiba a exportação para Hespanha. Ora imagine que hoje só vieram oito cabazes de Cascaes. Os primeiros foram vendidos, entre oito tostões e mil e duzentos. Pois o ultimo foi já arrematado por dezoito tostões!

Cada cabaz tem, o maximo, 500 sardinhas. Veja lá o que fica ganhando uma mulher comprando-a ainda em terceira e quarta mão.

—Mas então, vae muita sardinha para Hespanha?

—Um horror de caixotes. Milhares e milhares de sardinhas que são pagas a peso d'oiro. Claro, os homens tendo quem as pague a quatro e cinco mil réis, não veem vendel-a ao nosso mercado a dezoito tostões. E quem diz com as sardinhas, diz com as outras qualidades de peixe. Se o governo prohibisse essa exportação, nós tinhamos ahi peixe a rôdo.

Junto de nós passam agora mulheres ajoujadas sob canastras carregadas de sardas, cujas escamas, por entre o sal, brilham ao sol, mostrando as barrigas escancaradas.

A' margem do Tejo uma barcaça descarrega sardinha.

—Para onde vae?—perguntamos.

—Para a provincia—diz-nos o nosso informador. O senhor comprehende, para lá não ha ainda tabellas e a coisa da-nos mais a conta. Nós não havemos de rebentar com fome. Imagine que só na Ribeira Nova e no mercado de Santos ha seis mil peixeiros e mil vendedores...

—Mas indo o peixe para a provincia, que ganham elles com isso?

—Muito. Não havendo peixe em Lisboa, o povo recalcitra e o governo tem que pôr de parte a tabella que nos não convem de maneira alguma, a não ser que prohibam a ida do peixe para os hespanhoes, e então já podemos respeitar a tabella.

Mas do lado, um velhote, sentencioso e grave, disse tambem da sua justiça, fungando uma monstruosa pitada de simonte negro:

—A coisa não vae só por ahi. Fechadas as portas da Hespanha, ficavam ainda as fabricas do Algarve, do Porto e de Setubal, além da venda na provincia sem tabellas, nem fiscalisações. Eu já conheço esta questão ha cincoenta e cinco annos, e ainda sou do tempo em que tres centos de petinga custavam dez réis...

A questão não se resolve assim. O que é preciso é fechar a exportação, obrigar a vinda de peixe para Lisboa, n'uma quantidade relativa á apanha nas armações da Costa de Caparica, Cascaes, Setubal, Cezimbra, Ericeira, Peniche e Nazareth, e depois e depois a tabella de preços ao pezo. O senhor ouviu? A pezo. Tudo o que não fôr isto não presta e não resolve nada. Compra a peso para intermediarios, para vendedores, para peixeiras e para o publico. Assim, sim. E já não dá logar a lotas, a questiunculas, a porcarias. Percebeu?

Assim falou o velho «habitué» da Ribeira Nova. Terá razão, não terá razão? Os entendidos que o digam.

Lá dentro no barracão enorme pomposamente chamado mercado do peixe, grupos de peixeiras palestram. Não ha que fazer. Do mar, até meia tarde, não viera mais peixe e já hoje não viria.

E eis no que se resumiu hoje a magna questão do peixe.

Nos mercados de Alcantara e Belem, a normalidade manteve-se, com pescadinha marmota e canastras de sarda.

Negociantes multados

Foram multados:

Gomes da Silva & C.ª, rua Eugenio Santos, 2; Cunha Ribeiro, Limitada, praça do Municipio, 10; e Joaquim Barata e Silva, rua do Loreto, 65, todos em vinte escudos, [illegible] terem augmentado os preços do arroz e do toucinho.

Por terem desrespeitado a tabella foram multadas as peixeiras Maria Emilia, rua do Sol á Graça, 16, e Isaura Marques, calçada da Bica Grande, 24, 4.º, em dez escudos cada.

O carvão vae ter tambem tabella de preços

Uma commissão de carvoeiros composta dos srs. Manuel Joaquim da Cunha, João Manuel Affonso, Manuel João Dantas, Antonio Rodrigues Alves e Agostinho Peres Gonçalves, em nome da Associação de Classe dos Vendedores de Carvão procurou hoje o chefe Santos para lhe pedir que fosse organisada uma tabella de preços sobre o carvão que lhes é vendido por grosso, a fim dos mesmos poderem respeitar a tabella de revenda já existente. O chefe Santos achou o pedido justissimo e prometteu organisar a tabella requerida por toda a proxima semana.

SPORT

Grande regata á vela em Pedrouços

Trabalha-se com afan no Club Naval para a organisação da grande regata de vela que se effectua no domingo em frente da praia de Pedrouços.

Frederico Burnay, o incançavel trabalhador por este bello sporte, não descansa dirigindo todos os trabalhos com muito acerto para que a regata resulte com o brilhantismo que tem todas as festas organisadas pelo prestimoso Club Naval de Lisboa.

O jury para a regata funcciona a bordo do esplendido yacht *Aïda* do Henrique Seixas, vice-commodoro do Club Naval e um dos seus melhores amigos, sendo aquelle formado por D. José de Noronha, Carlos de Carvalho, Joaquim Mil Homens, Frederico Burnay, Henrique Seixas e D. Francisco de Heredia. Um vapor gentilmente cedido pelo Arsenal levará a bordo os fiscaes de corrida, convidados e imprensa, os quaes bem de perto poderão assistir ás varias phases que a prova nos offerece.

O programma será opportunamente annunciado na imprensa, podendo desde já informar o publico que entre as varias corridas figuram umas para amadores e outras para profissionaes.

Na de amadores tomam parte a classe de counter-boards completa, as internacionaes de 6 metros, canoes monotipos, etc.

No de profissionaes, além de barcos de espicha, canoas do Seixal, ha a prova mais interessante que é aquella em que tomam parte grande numero de barcos dos que vulgarmente são conhecidos por canoas do cacilheiro.

Além d'este programma que raras vezes apparece tão completo e que no rio dará um aspecto deslumbrante e interessante, ha a mencionar o grande numero de barcos tanto de vela como remos a motor, filiados no Club Naval, que encherão a bahia de Pedrouços, dando ao espectador um effeito surprehendente.

Para todas as corridas ha premios de valor, sendo em medalhas e objectos de arte para os amadores e em dinheiro para os profissionaes.

União Velocipedica

Nota official.—A direcção da U. V. P., na sua sessão de hontem e em obediencia ao regulamento geral de corridas, desqualificou por um anno o socio sr. José Antonio de Magalhães por ter realisado uma corrida de bicicleta fóra do regulamento da União.

Campeonatos de Portugal de Lawn-Tennis

A commissão organisadora dos campeonatos de Portugal, a realisar nos dias 16, 17, 18 e 19 do corrente nos courts do Sporting Club de Cascaes, pede-nos a publicação do seguinte. Das condições geraes: Art. 8.º—A inscripção fecha no dia 12 no Sporting Club de Cascaes e no dia 11 no Centro Nacional de Sport, rua do Crucifixo, 80, 1.º. Art. 11.º—O jogador que se não apresentar a disputar o seu encontro até 15 minutos depois da hora indicada no quadro exposto no Sporting Club de Cascaes, será marcado W. O. Art. 14.º—Quaesquer indicações nos dias dos campeonatos deverão ser dirigidas á secretaria da commissão organisadora no Sporting Club de Cascaes, onde serão dados tambem todos os esclarecimentos. A commissão convida todos os jogadores inscriptos a assistir á tiragem das sortes para os encontros, courts e horas a realisar no dia 16, e que se deverá effectuar no Sporting de Cascaes na noite de 12.

Navios de guerra estrangeiros

Pelas 8 horas entrou hoje a barra do Tejo, fundeando em frente de Santos, uma flotilha hespanhola composta do contra-torpedeiro «Terror» e torpedeiros n.ºs 8, 9 e 10.

O commandante da flotilha, sr. D. Fernando Gastin desembarcou, indo cumprimentar as auctoridades superiores de marinha, seguindo depois para o palacio da legação, nas Amoreiras, onde se demorou em conferencia com o ministro do seu paiz, sr. Marquez de Villasinda.

Os cumprimentos por parte das nossas auctoridades foram hoje mesmo retribuidos, tendo ido a bordo o ajudante do major general da armada, 2.º tenente sr. Cesar Ferreira.

A' administração dos serviços fabris do Arsenal da marinha foi solicitado o material e um mergulhador, visto que o torpedeiro n.º 10 tem um cabo enrascado na helice.

Foi a bordo o engenheiro constructor naval sr. Vaz de Carvalho, com o mergulhador, para desenrascar o cabo. No caso d'isso não se conseguir, o torpedeiro entrará amanhã no dique do Arsenal.

O commandante da flotilha tambem esteve no governo civil a cumprimentar o chefe do districto.

A' vista de Sagres e navegando para o sul passaram hoje os caça-minas francezes «Pavot» e «Marne».

Na Imprensa Nacional

A venda de livros impressos por conta propria

A partir de segunda feira, a venda do *Diario do Governo* e de todas as publicações da Imprensa Nacional passa a ser feita por conta propria, como succedia antes de 1900.

A lei orçamental, hontem publicada, assim o determina. A cargo do armazem de venda fica tambem a expedição de livros, impressos e *Diarios* que forem requisitados, para revender, por quaesquer livreiros estabelecidos, aos quaes será feito o desconto de 20 por cento, mas satisfazendo elles as despezas de remessa.

Por seu turno, a Imprensa Nacional obriga-se a estabelecer depositos em todas as capitaes de districto do continente da Republica e ilhas adjacentes, cujos encarregados serão individuos estabelecidos que se obriguem a fornecer ao publico todas as publicações e impressos editados pela Imprensa, ou por esta vendidos, encargo que será garantido por documento lavrado perante a auctoridade administrativa local.

Os depositarios districtaes prestarão caução, na Caixa Geral de Depositos, no valor da importancia do consumo provavel de um quadrimestre, e farão trimestralmente as suas liquidações nos fins dos mezes de março, junho, setembro e dezembro. Taes contractos serão celebrados pelo espaço de cinco annos, mas o ministro do interior terá a faculdade de os rescindir, por despacho fundamentado, sempre que haja reclamações publicas, dignas de ser attendidas, e ouvida previamente a Imprensa Nacional.

Todas as vendas serão realisadas a dinheiro, não se fazendo consignações senão das publicações que, por circumstancias especiaes, devam ser exceptuadas, o que só poderá ser determinado pelo director geral da Imprensa.

NOTAS DIVERSAS

O conselho de ministros reune, pelas 15 horas, no ministerio da marinha.

Apresentou-se hoje no ministerio das colonias, tendo conferenciado demoradamente com o respectivo ministro, o ex-governador de Cabo Verde sr. Fausto Bikér.

Acompanhado dos seus ajudantes srs. capitão Mathias de Castro e tenente Florentino Martins, regressou hoje a Lisboa o sr. ministro da guerra, que desde o principio do mez andava de visita ás escolas de repetição.

THEATROS

A bordo do paquete *Oriana* seguiram hoje para o Pará os distinctos duettistas Geraldos. No mesmo barco e fazendo parte da *tournée*, seguiu egualmente viagem o actor Alfredinho Albuquerque.

UM DESASTRE

A Mayer Garção

A' noite, á porta do estanco, Patricio Mosca disse:

—Aquelle homem que vae além, com as mãos nos bolsos e os olhos no chão, tem sessenta e cinco annos de edade e esteve durante quarenta e oito ao serviço da «Colonial», seguros terrestres e maritimos.

—E' um attestado—commentámos nós—e até bastante laconico!

Mas Patricio Mosca retorquiu:

—Foi o que elle me declarou logo de entrada, quando, já farto de o ver passar dias inteiros sentado ao canto do botequim, lhe fui interromper a bebérica da genebra entabolando conversa insinuante.

—Gosa então a sua reforma—cumprimentei á maneira de parabens.

Mas o homem velando os olhos murmurou:

—Não senhor, não goso. Depois de tanto tempo, e sem ter incorrido na mais pequena falta, dispensaram-me!

—O que me diz, senhor?!

—A verdade.

E ficou muito abatido.

Depois de um breve espaço de silencio, perguntei:

—E' solteiro?

—Sou. Por minha maior desventura!...

E sem me dar tempo a que lhe manifestasse maior admiração esclareceu:

—Porque, se tivesse mulher, se tivesse filhos, se tivesse netos (que já os podia ter e bem crescidinhos), a vida não seria agora para mim esta perpetua insipidez! Mas que quer? A «Colonial» houve por bem não permittir...

Fiquei abysmado!

Depois, recobrando alento, ponderei-lhe:

—Mas... meu caro senhor... eu... em summa... não pretendo negar as suas idéas, não quero contestar as suas opiniões... no emtanto não deve levar a mal que lhe diga o que penso. E penso, ou antes, pergunto:—supposto o caso da «Colonial» lhe haver permittido tomar estado, como resolvia o senhor presentemente o seu problema economico? Olhe que o homem só é sempre forte!

E elle, a desrolhar a botija de Focking:

—Engano, senhor! Crasso engano! O homem só é sempre fraco. E' mono, apathico, fastiento, é uma coisa sem prestimo!

Encarei-o. Achava extravagante aquelle sujeito do botequim com pretenções a destruir-me os conhecimentos adquiridos na pratica dos livros de boa doutrina e confirmados em tantas palestras intellectuaes! Vi-lhe os olhos embaciados, as mãos um pouco tremulas, pendia já para desculpal-o quando elle falou:

—Porque olha o senhor para mim d'essa maneira desconfiada? Não estou mentecapto, descance! O que o senhor asseverou deve ser verdade; mas para gente muito outra, para gente que segue ou seguiu caminho muito diverso.

Escorripichou o calice e disse mais:

—Servi quarenta e oito annos na «Colonial», não foram quarenta e oito dias, nem foram quarenta e oito mezes! Levantava-me ás sete. Almoçava ás 8. Entrava para o serviço ás nove e meia, pontualissimas! Em casa procedia sempre aos mesmos arranjos, cá fóra dobrava sempre as mesmas esquinas, e á tarde, quando recolhia para jantar, era sempre ás seis e meia, invariaveis!

Morava n'um quarto com comida. A patroa, viuva de major, era o modelo bom das donas de casa de hospede:—feia, limpa e serviçal. Quando morreu deixou ficar a casa com todos os seus moveis e utensilios a uma outra senhora viuva sua amiga. E eu fiquei tambem.

Depois de jantar, nos dias de semana, dei sempre o mesmo giro pelas ruas da Baixa, Chiado, Duas Egrejas, Alecrim e Arsenal.

Aos domingos, de chappéu-fino e gravata branca, ia até ao Passeio Publico.

E durante o tempo dos banhos vinte e cinco madrugadas no bote da «Flôr do Tejo», com licença dos meus superiores para entrar um bocadinho mais tarde.

Posso contar as vezes que fui ao theatro, aos cavallinhos, á praça do Campo de Sant'Anna: nunca perdi as noites pelos botequins e nunca arranjei tambem uma conquista assim mais a serio. A «Colonial» não dava animo para tanto.

E se durante esta vida pautada como o papel em que sempre escrevi houve por duas vezes ligeira mudança, a culpa não me pertence. Foi a senhora segunda patroa que se mudou da Betesga para os Cardaes de S. José e a séde da «Colonial» que se transferiu dos Algibebes para o Arco do Bandeira.

Ahi pela altura dos trinta não digo que não tivesse reconsiderado na minha soturnidade de vida, não senhor. Apparecia-me essa coisa, muito principalmente, quando no arvoredo do Passeio apontavam os rebentos novos. Mas que podia fazer? Unir duas miserias? Procurar quem me redimisse? Faltava-me talvez a audacia e tambem um pouco de physico. Tinha as costas abauladas por causa da carteira e a pelle macillenta pela falta de sól. Depois o casamento... A gente deve tanta coisa...

Talvez n'esse tempo eu pensasse, sem dar por isso, na sua theoria do homem só, do homem forte. Mas n'esse tempo... ou essas idéas não andavam muito apregoadas ou eu as ignorava como ignorava tudo quanto não dissesse respeito á «Colonial», seguros terrestres e maritimos.

Entrei para lá ainda sem buço, sahi de lá com os cabellos brancos. Nunca tive uma falta. Quando o guarda-livros morreu lembraram-se de mim. Fizeram-me justiça. Era o mais antigo. Então os proventos melhoraram. Appareceram em edado improprio para arranjo de casa ou mudança de habitos, tanto assim que as unicas alterações realisadas foram:—reformar uns tareços do quarto e dar um pouco mais de largas a certa estroinice de longa data. Oh! uma estroinice bem modesta, devo declarar, não aggravava o orçamento, não prejudicava a saude, nem póde ser considerada viciosa porque é legal e beneficiadora.

E no emtanto, se não fôsse ella, ainda hoje seria o que sempre fui:—um empregado modesto e zeloso. Escusava de andar para ahi como andei, desde manhã até á noite, sem saber para onde ir, nem a maneira de matar o tempo. Felizmente descobri este botequim pacato. Entro ás dez da manhã, sáio á noitinha, e passo melhor. Porque o senhor comprehende, eu nunca andei na rua durante estas horas da semana. Não sei andar. O sól faz-me dôres de cabeça, o movimento causa-me vertigens, a chuva constipa-me... E' tarde... bastante tarde... Assim... aqui... n'este cantinho... entretenho-me com os jornaes, com as revistas, com esta botija de Focking, ás vezes dormito o meu bocado, e o dia passa».

Serviu-se de genebra. Bebericava saboreando.

Ponderei-lhe:

—Mas o meu amigo ainda não disse...

Fez-me aceno para que esperasse. Engorgitou o resto da bebida. E vi-lho levar as mãos ao peito como se o coração lhe estalasse, vi-lhe os olhos rasos de agua e os beiços, ainda humidos do licor, tremerem como os das creanças no chôro reprimido, e ouvi-lhe declarar em voz sumida e de muita angustia:

—Que desde o Natal do outro anno recebia de juros seiscentos escudos por mez!

Eduardo Peres

Espectaculos

Cartaz de amanhã

POLITEAMA—A's 20,30 e 22,30—Não desfazendo... (Revista).

EDEN—A's 20,45 e 22,45—O diabo a quatro. (Revista).

COLISEU DOS RECREIOS—A's 21—O relejinho—Canções italianas.

Agenda da semana

AMANHÃ—Eden—Festa do actor Nascimento Fernandes—A revista *O diabo a quatro*, em espectaculo completo, com o quadro novo *O casamento do Celta-tudo*.

Boatos e informações

ENTRE NÓS

A revista de Eduardo Schwalbach com que se inaugura a epocha no theatro da Trindade intitula-se *O dia de juizo*.

● O Gimnasio abre as suas portas com a *reprise* de uma peça de successo na epocha finda e a primeira representação da farça em 1 acto, de André Brun e Chagas Roquette, *A tournée Saramago*.

● A revista *Dominó*, em ensaios no Eden, é de Pereira Coelho e Alberto Barbosa, tendo-se Gustavo Soqueira desligado de collaborar n'essa peça em virtude dos seus afazeres officiaes.

● Os titulos dos quadros do 1.º acto da phantasia satirica em 3 actos *O diabo que o carregue...* com que abre o Apollo são os seguintes: 1.º *O juizo de uma Excepção infernal*; 2.º—*Se ella fôsse tinta...*; 3.º—*A questão das carnes*; 4.º—*Os grandes amores* (Apotheose).

● Hontem mais um exito alcançado pela companhia Granieri com a representação do *Paraiso de Mahomet*, operetta lindissima pelo scenario e guarda roupa, entrecho e musica, que hontem o publico applaudiu calorosamente no Coliseu dos Recreios. Todos os artistas muito bem devendo especialisar-se Cina de Valdis e Pangrazi; Vizzani e Amadeo Granieri e os impagaveis comicos Marchetti e Razzoli.

Hoje canta-se em recita de assignatura *As manchas do outomno* e amanhã *première* do *Reisinho* para festa de Cina de Valdis que tambem cantará a canção *Lolita* e o *Fado dos Beijos*.

● O sr. Ramada Curto fez representar este anno, no Republica, como estava annunciado, a sua peça *Os tenores*. No Nacional já entregou *Os Redemptores da Illyria*, estando a trabalhar n'uma comedia, *Timoteo & C.ia* que destina ao Gimnasio.

Circos & Music-halls

SALÃO DA TRINDADE—A's 20 e 22—Companhia infantil—Filho da Annica.

ANIMATOGRAPHOS E CONCERTOS—Olimpia e Paradis, *matinées* diarias e sessões á noite; Central, Chiado Terrasse, Salão Foz, Rocio; Sociedade Promotora de Instrucção, em Alcantara, sessões ás quintas feiras, sabbados e domingos.

CINEMATOGRAPHOS OU ESPECTACULOS VARIADOS—Chantecler, Imperio, Salão Graça, na Caixa Economica Operaria, Variedades, na calçada da Estrella—A's 21,30—O diabo no convento.

SPORT

O concurso para inspectores de gymnastica nas escolas primarias

Os extractos da sessão camararia de hontem, publicados nos jornaes d'esta manhã, dizem o seguinte:

«O sr. dr. Corvinel Moreira, que tem a seu cargo o pelouro de instrucção, e que nas anteriores sessões se tem occupado da necessidade do ensino de gymnastica nas escolas municipaes, apresentou as seguintes condições do concurso para o logar de inspector de gymnastica:

Durante o periodo de 30 dias, a contar da ultima publicação d'este aviso, no «Diario do Governo», está aberto concurso, perante a Camara Municipal de Lisboa, para um logar de inspector de gymnastica, contractado, para as escolas municipaes, com o vencimento annual de 400$00. N'este concurso, só podem tomar parte professores portuguezes. Os concorrentes deverão apresentar: 1.º, diploma do curso de gymnastica de qualquer escola ou na falta d'esse diploma attestado passado pelo director de qualquer estabelecimento onde se ministre gymnastica e em que prove que o requerente está em condições de satisfazer a esse ensino; 2.º, certidão de edade em que prove não ter mais de 40 annos e certidão do registo criminal; 3.º, attestado medico de que não soffre de doença contagiosa.

Além d'estes documentos são os concorrentes obrigados a duas provas praticas, uma escripta e outra de exercicios gymnasticos, que serão prestadas publicamente, perante um jury nomeado pela Camara e composto de um medico, que será o presidente e dois vogaes, professores de gymnastica. As materias de que constarão as provas praticas são inteiramente da escolha do jury e será d'ellas dado conhecimento aos interessados, pelos menos 15 dias antes do começo das provas.

Esta proposta, que foi approvada pela commissão executiva, ficou dependente de ratificação da Camara».

Francamente não percebemos.

Então o tal concurso para inspector de gymnastica fica reduzido ás condições d'esta proposta?

E' pouco, muito pouco!... Certamente que no espirito esclarecido do dr. Corvinel Moreira, que é um medico e que mostrava desejos de fazer coisa util, houve o desejo exaggerado da simplicidade para terminar com o assumpto. Mas deixemos o palavriado e apresentemos argumentos.

O concurso é para inspector de gymnastica, que pela proposta primitiva tem de ser competente pois vae «dirigir o ensino de gymnastica e examinar professores».

Sendo assim, como é que um homem que vae ser examinador de professores pode ser por sua vez examinado por professores de gymnastica? A esta pergunta talvez nos respondam que os examinados pelo futuro inspector serão os actuaes mestres de gymnastica das escolas primarias. Sim, é este o texto da proposta do dr. Corvinel Moreira, mas certamente que o intelligente medico, ha um mez no pelouro de instrucção da Camara, não foi informado de que pelas escolas primarias ha mestres, cuja competencia é egual á d'outros que são professores em lyceus, pois que possuem os mesmos diplomas, tiveram os mesmos instructores, tiveram identica pratica e estudaram os mesmos livros.

Tem, porém, a proposta coisas boas, como aquella que exige que o futuro inspector fôsse pelo menos, durante um anno, instructor de classes de gymnastica e aquella em que obriga o nomeado á execução dos exercicios que constituem «lição» para as escolas primarias. Assim deve ser, porque não admittimos como professor ou como inspector de gymnastica senão um homem são, mais do que detentor do titulo de «isento de doença contagiosa», mas valido, agil, senhor de musculatura «souple» e trabalhada. E' preciso, porém, dizer que ha gente de mais de 40 annos, capaz de corresponder ás exigencias praticas de um concurso «apertado». Citamos, por exemplo, Arthur dos Santos, João Possolo, Tavares, etc. Mas, contra esta clausula não nos insurgimos, pois que está dentro da legislação e orçamentos camararios, para os effeitos de annos de serviço.

Outra exigencia da proposta é a da prova por escripto. Discordamos, porque é nosso desejo que o concurso seja «duro, apertado e documentador dos merecimentos do candidato». Ora uma prova escripta, para o logar de que se trata, é pouco, muito pouco. Queremos, em publica, deante de examinadores competentes, provas oraes, provas da analyse do «que se faz e porque se faz», porque o futuro inspector é, como temos dito e vamos repetir, homem para «dirigir» e para examinar».

Depois o concurso duro tem a vantagem de acabar de vez com o habito muito aportuguezado de desmerecer dos meritos dos outros sem os conhecer. Quem mais soubesse e melhor fizesse mais competente se affirmava. E então, o futuro inspector podia ousadamente nomear os seus professores auxiliares e os seus sub-inspectores, homens de sua confiança e com os quaes concertaria o seu programma. E, quando o fizesse, ninguem o atacaria por incompetente...

Nota de [illegible]

E o Velodromo do Stadium?

Mario Beirão, um dos nossos melhores motocyclistas, filho do «pae Beirão», que foi o introductor do ciclismo em Portugal, sahiu hoje para uma excursão de 2.000 kilometros, n'uma «Popo», levando um jornalista e um amigo n'um «side-car». A prova é ao mesmo tempo sportiva e commercial. Vae documentar o valor do corredor e a resistencia da machina pelas nossas más estradas.

Quem não vimos n'esta prova, mesmo como acção de presença, foi qualquer pessoa da União Velocipedica. Porquê? Dizem-nos que anda divorciada do ciclismo e tanto que uma resolução sua motivou o encerramento do Velodromo do Stadium. Será assim? Parece que assim é, porque foi por completo alterado o programma de festas no Stadium, segundo uma terminante deliberação do sr. José Roquette (Alvalade).

Algumas anecdotas

O alcool era anestesico!...

Um athleta portuguez, teve a sua epoca no Gymnasio Club, ha uns quatorze annos e como todos os rapazes do seu tempo a mania de maço forcado. Um dia, Luiz Pimentel levou-o para Santarém entre a gente do seu grupo. O nosso homem levou pancada de arrombar um cidadão robusto. Não desanimou, porém, e como andava pelos estudos da medicina, atirou-se aos tonicos e á «somatose» que ao tempo Camillo Boulton vendia para se robustecer ainda mais. Acceitou voltar a uma corrida em Alhandra mas mal chegou á villa, entrou a beber alcool. Antes da corrida estava meio embriagado. Luiz Pimentel appareceu:

—O' homem em que estado estás!... Vaes levar muita pancada!...

—Por isso mesmo...

—Ora essa!!

—Então, não sabes que o alcool é um anestesico!...

EM BELLAS

Theatro Sousa Coutinho

Realisa-se amanhã no Gremio Recreativo 18 de Outubro, em Bellas, a inauguração do theatro Sousa Coutinho, assim denominado em homenagem ao notavel artista e professor de canto D. Francisco de Sousa Coutinho (Chico Redondo).

São dois os espectaculos de inauguração, que se realisam sabbado e domingo, tomando parte as sr.as D. Elvira Loureiro, D. E. de Sousa, D. Cecilia Verdier e os srs. D. Francisco de Sousa Coutinho (Redondo), C. Lopes, Antonio, Garcia, Antonio Caldeira, Alves da Silva, Vasco Caldeira, maestro Luiz Gomes e Pavia Magalhães.

Amanhã realisar-se-ha um concerto, para o qual se organisou um excellente programma com trechos dos melhores auctores, e no domingo, além do concerto vocal e instrumental, cantar-se-ha o quartetto do *Rigoletto*, representando-se tambem uma linda comedia n'um acto, realisando-se em seguido baile no salão do theatro.

Movimento maritimo

Pernamb. Macelo, etc. «Travellers Liv.	11
Africa Occidental, «Portugal»	12
Africa occid., via Madeira, «Portugal»	12
New-York «Patria» (do Gibraltar)	13
Africa oriental «Koronnza» (Liv.)	13
Bissau, Bolama e Cabo Verde «Guiné»	14
R. de Janeiro e Santos «Dupleix»	14
Batavia, Timor, etc., «Kawis» (Amst.)	14
Africa Occidental, «Cassengo»	18

batalhas ininterruptas, como no outomno de 1914.

Mas ao passo que os quatro mezes que decorreram entre a primeira batalha de Ypres em novembro e a batalha de Neuve Chapelle em março marcam um periodo assignalado por esses recontros diarios, que apenas encherão, se tanto, uma pagina de um livro de historia para as escolas, representam uma era na guerra profundamente interessante e que contem dados importantissimos para o estudo das operações militares para aquelles que se dedicam a esses problemas.

Houve lucta—e lucta violenta—durante esse periodo invernoso e acontecimentos que variavam de dia para dia em roda das trincheiras. E' essa estranha mas muitas vezes movimentada historia da vida de inverno nas trincheiras a que vamos referir-nos principalmente n'este capitulo.

Dissemos que a primeira batalha de Ypres havia terminado com a derrota da Guarda Prussiana na noite de 11 de novembro, o que era o fim do golpe allemão, que falhára. O abandono definitivo, na occasião, da lucta para abrir caminho para Calais é, porém, habitualmente datado de 20 de novembro, porque a lucta foi terminando gradualmente depois do dia 11. No dia 20, o dia em que as exhaustas tropas britannicas foram rendidas por francezes, as indicações de que o ataque cessára eram sufficientemente claras para que sir John French dissesse no seu relatorio d'essa data, passando em revista a lucta desde o começo de outubro:

«Ao fechar este relatorio ha signaes evidentes de que estamos chegados aos ultimos estagios da batalha de Ypres-Armentières».

Na realidade, a lucta durante os dias intermedios era o sufficiente para constituir um «record» de guerra. Os allemães não haviam podido conseguir o avanço na frente de Ypres, o que tinham querido fazer no dia 12 de novembro—prova de que a esse tempo as suas tropas estavam dispersas. Ao norte de Ypres atravessaram o canal em dois pontos—para serem repellidos no dia seguinte—e ganharam algum terreno ao sul, terreno que depois foi retomado.

Na tarde do dia 13, a secção da linha britannica que corre ao sul da estrada Menin-Ypres foi violentamente bombardeada, havendo um ataque ao longo de toda a linha em redor de Ypres. Esse ataque, que n'um ponto conseguiu penetrar nas trincheiras inglezas, resultou em grandes perdas para ambos os lados.

Na noite seguinte, os inglezes tomavam a offensiva, apoderaram-se d'uma trincheira allemã, sendo mortos os que ahi estavam e que não quizeram render-se.

No dia 14, os allemães atacaram ao sul da estrada Ypres-Menin as linhas inglezas, que conseguiram romper, mas sendo logo a seguir repellidos. Os francezes n'esse dia ganharam terreno proximo de Wytschaete. Em todos os lados os allemães n'esse dia estiveram muito occupados, como no dia anterior, em bombardear cidades, aldeias e estradas, evidentemente com o fim de impedir a chegada de reforços.

Entre as cidades contempladas com esse bombardeio contava-se a propria Ypres, com o fim de impedir que a linha ingleza fôsse reforçada.

Mas em breve se tornou evidente que era a furia do despeitamento o principal motivo que guiava a pontaria dos canhões allemães. Os sectarios da «kultura», visto que a entrada triumphal do kaiser se não pudera realisar na cidade, quizeram pelo menos que esta conservasse uma recordação indelevel sua. E, assim, bombardearam os seus bellos monumentos, encarniçando-se n'essa tarefa como haviam já feito em toda a parte por onde passavam.

No seculo XIII, Ypres fôra a cidade mais rica da Flandres, tendo uma população avaliada em 200.000 habitantes. Além dos interesses adquiridos pela constante actividade de 4.000 artifices, os seus cidadãos, en-

elles até que o conde Æhrenthal, ministro dos negocios estrangeiros da Austria, pela sua declarada má vontade contra a Servia, fez mudar as coisas no mundo slavo.

Em 1900 começou a ultima e moderna reconstrucção de Przemysl.

Uma vista que se lance para um mappa facilmente explica as razões por que Przemysl foi escolhida para ser o local da principal fortaleza austriaca contra a Russia. Ahi o grande baluarte dos sopés que se estende em frente dos Carpathos occidentaes approxima-se mais da margem do Dniester. A muralha montanhosa é ainda reforçada pelo rio San.

Ao lado da grande curva do San, entre Przemysl e Jaroslaw, as eminencias elevam-se a 1.400 pés. Cobrem os flancos occidentaes e meridionaes da fortaleza; o San protege-a pelo norte. A leste corre uma vasta planicie; Przemysl domina-a da sua altura. Mais para leste os pantanos ao longo do Wieznia e mais ainda a leste as lagôas e os pantanos em redor de Janorow e Grodek reforçam as linhas defensivas na frente da fortaleza. Przemysl domina ainda a abertura entre as eminencias e o San a oeste e o Dniester superior a leste.

A leste de Sambor o Dniester fórma um enorme pantano. Em cêrca de sessenta e quatro kilometros nenhuns caminhos de ferro nem estradas o atravessam: apenas marginam o seu poderoso triangulo entre Sambor, Lwow e Stryj. Uma parte tem o nome de «Alta Vasa».

O pantano continua, embora n'uma estreita margem, entre Mikolajow e Zuravno. Entre Zuravno e Nizniow o Dniester póde ser atravessado com relativa facilidade, e era a unica região que podia ser guarnecida se Przemysl servisse como escudo entre as linhas de cobertura do Vistula, as eminencias occidentaes, o San e o Dniester.

Abaixo de Nizniow o Dniester de novo fórma uma boa linha defensiva. O rio serpenteia em grandes curvas através d'um desfiladeiro de muitas centenas de pés d'altura. As suas fundas margens são cobertas de florestas e essas florestas correm atravez d'uma margem pedregosa formada pela curva do rio e ainda atravez da baixa extensão dos seus tributarios. Os desfiladeiros ou gargantas—«Jarys»—da Podolia meridional formam a margem do baixo Dniester.

Quando Przemysl foi construida, a guerra offensiva contra a Russia não entrava na mente de ninguem na Austria. N'esses dias os planos eram feitos para defeza. Em caso de guerra contra a Russia, tudo a nordeste da linha San-Dniester devia ser abandonado, a linha dos rios devia ser guarnecida em força.

A fortaleza de Cracovia na estreita porta entre o Vistula e as montanhas devia guardar a estrada para oeste; Przemysl entre os dois rios devia ser a primeira defeza. Contudo, devia cobrir as melhores estradas e as passagens mais faceis que davam para a Hungria—o Uzsok, o Lupkow e o Dukla.

Nos ultimos annos, os planos estrategicos austriacos soffreram consideraveis mudanças. A Galicia oriental foi coberta de uma rêde de caminhos de ferro estrategicos, a offensiva contra a Russia entre o Vis-

Capitão S. S. Hall, chefe da repartição de submarinos do almirantado

tula e o Bug tornou-se a idéa absorvente dos estrategicos austriacos. O plano defensivo foi posto de parte.

Przemysl permaneceu fortaleza isolada n'esses dias, quando só uma linha de fortalezas póde servir de apoio para exercitos de campanha. A primeira offensiva russa varreu o Dniester até Halicz e o San até Jaroslaw. Przemysl nunca foi mais que um inconveniente para o exercito russo de avanço.

CAPITULO II

O inverno na fronte occidental

N'um dos capitulos anteriores de esta obra recordámos a lucta que ficará para sempre memoravel na historia da Grande Guerra como uma das mais importantes e sangrentas acções da campanha no occidente—a primeira batalha de Ypres. Essa batalha terminou com a derrota, a 11 de novembro, da famosa Guarda Prussiana, quinze batalhões da qual haviam sido trazidos para bater os exercitos inglez e francez, anniquilar os seus pequenos e exhaustos restos e abrir caminho para Calais.

Mas o grande golpe com que o kaiser queria assombrar o mundo falhou; pela valentia e força de resistencia do «desprezivel pequeno exercito», auxiliado pela valentia dos alliados, mudou de feição. O final de esse acto do sangrento drama foi na realidade muito differente d'aquelle que ■ seu real auctor imaginára.

Ser coroado rei da Belgica na cidade de Ypres era impossivel; podia apenas manifestar o seu despeito por um selvatico bombardeamento, de grande distancia, da sua bella cathedral e do seu afamado Cloth Hall. A destruição de Dover das penedias de Calais tinha de ser substituida por golpes inefficazes contra indefezas cidades da costa, onde umas poucas de bombas mataram um certo numero de innocentes mulheres e creanças, mas que pouco effeito material e moral produziram sobre os habitantes da Inglaterra.

Seguiu-se um periodo, d'ambos os lados, de relativa tranquillidade, mas os processos de guerra d'inverno eram muito differentes dos usados nas guerras d'outros tempos. Então, havia cessação total de hostilidades; agora, embora não fossem feitos esforços supremos, o inverno nas trincheiras assignalou uma epocha de lucta quasi ininterrupta.

A vigilancia era continua contra os ataques; a reconstrucção diaria das trincheiras era feita sob ■ fogo da artilharia, as unidades exhaustas eram substituidas por outras menos cançadas, tomando novos homens o logar dos mortos e dos feridos.

Foi uma epocha de trabalho ininterrupto e de provações, e todos nas trincheiras da França e da Flandres durante o inverno passado esperavam a chegada da primavera, embora a mudança do tempo humido e frio trouxesse uma maior, e provavelmente mais sangrenta série de

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 1833 — 6.º Anno | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Editor—Camillo Sousa e Almeida — Redacção e Administração—R. do Norte, 5, 1.º | LISBOA—Sabbado, 11 de Setembro de 1915 | Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL — Composição — Rua do Norte, 5, 1.º — Officina de impressão — 71, Rua da Bica, 71 | Preço 1 centavo

Alerta!

Continuam a circular insistentes boatos de movimentos sediciosos. E' indica-se o prazo para a sua realisação. Não se diz já sómente, com ares sybillinos, que se não inaugurará a nova epoca presidencial. Não é já por semanas, é por alguns dias que se rumoreja que esses acontecimentos se desencadearão em Portugal. Ha até, segundo parece, quem fixe uma data precisa e inadiavel: 19 de setembro, e essa data adquire uma especial significação desde que se observe que ella é a do anniversario natalicio d'um pretendente ao throno restaurado de Portugal: D. Miguel de Bragança, o amigo da Austria, onde nasceu, onde sempre residiu, apparentado com a côrte austriaca, elle proprio antigo official austriaco, como um dos seus filhos o foi tambem, e que, ao rebentar a conflagração europeia, nitidamente se affirmou ao lado do imperio a que tantos laços o prendem, e por isso mesmo ao lado da Allemanha e contra os inimigos da sua causa.

Uma coisa é absolutamente segura. São os allemães que hoje subsidiam e encorajam a conspiração monarchica. Não trabalhariam assim para favorecer o triumpho de D. Manuel, cuja attitude, favoravel á Inglaterra, é bem conhecida. O seu candidato é D. Miguel. Por isso mesmo a facção manuelista, dentro da conspiração, facção que tende a desapparecer, ou não será consultada para o projectado movimento, ou participando n'elle estará positivamente trabalhando para o rei da Prussia, visto que favorecerá o advento do rival do seu soberano.

Como se dará esse movimento, se effectivamente se ousar inicial-o? Diversos elementos concorreriam, segundo todas as probabilidades, para essa perturbação subversiva da ordem nacional. Seriam os miguelistas, subsidiados pelo ouro allemão; os manuelistas, animados das suas pueris esperanças, e além d'elles não só os chamados pimentistas, em que congiobaremos todos os adeptos d'uma politica de cobardia, como tambem certos elementos d'uma politica republicana bastarda, a que já alludimos, e que só pensam n'uma ignobil exploração de todos os factos anormaes da vida portugueza, para, pescando nas aguas turvas, adquirirem uma importancia que pelas vias normaes nunca obterão n'este paiz, e que, na sua condemnavel attitude, chegam, como os outros, ao ponto de querer desviar as correntes da nossa politica internacional, affastando-nos d'uma alliança de muitos seculos, que para mais é uma grande nação em que os principios liberaes adquiriram maior brilho e gosam de maior prestigio.

Não nos illudamos. O germanophilismo, patente ou disfarçado, de estes elementos não consiste no desejo de luctar pela Allemanha, nem mesmo sómente na ancia de fugir aos perigos da guerra. Não é ainda um facto a participação de Portugal no conflicto europeu; tudo indica que no momento actual nos encontramos n'uma phase de espectativa. Elles mesmos asseguram que tal participação nunca será possivel. Não é portanto sómente o medo. Não é só o desejo da neutralidade. Não é só a inercia. Não é só a satisfação do egoismo. O germanophilismo, entre nós, caracterisa-se pelo proposito de hostilisar a Inglaterra. Percebe-se, sente-se o designio de abandonar a nossa alliança secular com a Inglaterra para seguir os destinos da Allemanha, que essa gente admira, tanto pelo imperio brutal da força como pelos processos despoticos do seu regimen.

A campanha germanophila produz aqui os seus fructos como os tem produzido em Hespanha. Ainda n'um dos seus ultimos numeros, o «Heraldo de Madrid» extractava de um jornal allemão as opiniões d'um conhecido publicista germanico, o sr. Otto Hoetzsch, sobre a melhor forma de resolver os grandes problemas nacionaes da nação visinha. Para a Hespanha e para a sua monarchia que —diz elle— nos estão demonstrando a maior benevolencia» abrem-se, em seu entender, vastos horisontes de grandeza: «Gibraltar, Tanger, a união de Portugal, o dominio da embocadura de rios portuguezes e do magnifico porto de Lisboa, tudo isso seriam perspectivas da politica hespanhola de grande potencia, que se adapta completamente aos desejos allemães».

Dir-se-hia que ainda existem com profusão globulos de sangue escravo que refluem ás veias de modernos portuguezes, porque a admiração pela Allemanha, a ancia pela sua victoria, ou cynicamente são proclamadas em muitas partes ou se denunciam por sorrisos, retrahimentos e reticencias em numerosas creaturas, muitas das quaes teriam por supremo dever o culto mais ardente da patria e da liberdade. O movimento subversivo, cuja proximidade se propala, conjugar-se-hia com esta politica allemã, que abre vastos horisontes ao engrandecimento da Hespanha. E a sua proximidade não tem outra razão de ser senão a de que é preciso andar depressa, na esperança de evitar que a Republica, com a nova era presidencial, tendo triumphado de todos os obstaculos esmagando uma dictadura com a intervenção fulminante do povo, restaurando e sanccionando a legalidade constitucional com eleições perfeitamente regulares, havendo elegido o novo chefe do Estado em condições absolutamente normaes, não assuma, com o advento d'um novo governo, que para isso teria as facilidades que este governo, de pura transição, não possue, uma attitude decisiva que assegure a sua situação externa e intensamente garanta uma vida social harmonica e progressiva.

Para que estes miseraveis planos falhem impõe-se a cohesão de todos os bons republicanos, esquecendo quaesquer antagonismos pessoaes ou partidarios, de forma que reunidos em torno do governo, que legalmente occupa as cadeiras do poder, saibam esmagar os traidores de todos os matizes que tramam a perda da Republica e da Patria. O povo está alerta. O povo não abandona a Patria e a Republica, e com o povo estão os bravos soldados de Portugal, estão os seus intrepidos marinheiros. Que todos o saibam, cá dentro e lá fóra, a Allemanha que nos quer apunhalar pelas costas, e os paizes alliados, a quem nos liga uma santa communhão de ideal, para que se não surprehendam e confiem no nosso povo, se porventura elle, pela terceira vez, tiver que affirmar a sua vontade e salvar a sua Patria!

Poeira da Arcada

Mais um crime de amor veiu provar que o coração dos portuguezes segue a logica do absurdo. A esperança é a flor da mocidade, a materia prima de todas as chimeras. Quando os jovens perdem a fé na vida, não deviam pedir á treva o termo de seus males, mas sim erguer os seus olhos para tão alto que o seu pensamento não fosse tocado por uma sombra de impureza. Assim encontrariam uma nova aurora e um novo amor.

* * *

O radio era um metal carissimo: cada gramma custava 160 contos. Graças aos importantes jazigos de carnotite recentemente descobertos no Colorado, Estados-Unidos, perdeu quatro quintas partes do seu valor. Isto quer dizer que o preciosissimo metal se vae humanisando, podendo ser comprado por hospitaes e laboratorios. Deixa de ser o mais caro dos metaes, para ser um dos mais beneficos.

* * *

A vida economica da Madeira parece que gira em volta da cultura da cana. E' um bello eixo para rotações!

* * *

Todos nós tendemos a installar-nos na vida com certas commodidades. O desinteresse é tão violento para a nossa indole, como andar permanentemente de galas. E' por isso que o Estado entra nas aspirações dos portuguezes, como a India para os nautas da Descoberta.

O caso do "Santa Ursula,,

O correspondente no Porto do jornal «A Nação» publica hoje uma carta cheia de insidias e falsidades sobre o caso do vapor allemão «Santa Ursula». Affirma, por exemplo, que officiaes e praças da marinha portugueza se «hospedaram» a bordo d'esse vapor para o protegerem «contra um possivel attentado por parte d'algum navio de guerra da nossa fiel alliada». Isto, que seria deprimente para o brio dos nossos marinheiros, é, como não podia deixar de ser, absolutamente inexacto. De resto, o que se passou com o «Santa Ursula» conta-se em poucas palavras. Esse vapor estava a difficultar a entrada de navios no porto de Leixões. As auctoridades de marinha convidaram o commandante a sahir para Lisboa. Elle recusou-se, pretextando que podia ser aprisionado por algum navio de guerra inglez. Feita nova intimação, em termos mais cathegoricos, o mesmo commandante pedia que lhe fosse dada, por escripto, a garantia de que o governo portuguez se responsabilisava por qualquer incidente que occorresse na viagem de Leixões até ás aguas do Tejo. Não lhe foi dada garantia alguma, indo então ao Porto o «Almirante Reis» para o obrigar a sahir.

Foi isso o que se passou com o «Santa Ursula». Tudo o mais é uma historia inventada pelo correspondente da «Nação», que não quiz perder a opportunidade de mostrar mais uma vez os sentimentos germanophilos que o animam. Pois se elle entende que o poderio naval inglez é a coisa mais problematica do mundo...

«O MILAGRE DO MARNE»

A UM ANNO DA BATALHA

O que não noticiam as nossas folhas catholicas que querem a França bem castigada

A celebração do primeiro anniversario da batalha do Marne, principalmente em Meaux, revestiu uma grandiosidade impressionante. Como as cerimonias commemorativas se caracterisassem por alguns actos religiosos de muita imponencia, esperámos que as folhas catholicas portuguezas alludissem a ellas, pondo em relevo a sua importancia e significação. Esperámos, porém, baldadamente... Os nossos catholicos desejam a derrota da França como castigo dos seus tremendos peccados, põem em duvida a seriedade de homens como os cardeaes francezes que patrocinam publicações destinadas a mostrar os crimes dos allemães e collocam-se, embasbacados, de cocoras, deante dos soldados de Guilherme II, não acreditando que elles commettam as infamias de que os accusam as pessoas mais respeitaveis... Ora, apesar de averbados de jacobinos, atheus, livres-pensadores, filhos de Satanaz, inimigos da religião e do clero, vamos nós supprir as deficiencias de informação dos nossos impagaveis catholicos, dizendo o que foram as cerimonias realisadas e reproduzindo o discurso n'ellas proferido pelo bispo de Versailles...

Em Paris, foi necessario organisar comboios especiaes para a conducção de quantos queriam associar-se ás manifestações de Meaux, cuja grande cathedral não pôde conter todos os fieis que desejavam assistir aos actos religiosos. No côro viam-se o arcebispo de Sens, o bispo de Versailles, o bispo de Meaux, o vigario geral de Paris, o reitor do Instituto Catholico da mesma capital, o vigario geral de Meaux e todo o capitulo. Nos primeiros logares da nave estavam: o general Michal, o general Cherfils, varios officiaes superiores, o sub-prefeito de Meaux, o maire e o deputado pela mesma cidade, a maior parte dos membros da camara municipal, os directores d'obras, delegações do «Souvenir Français» das «Mulheres de França», das «Damas francezas», da Cruz Vermelha, de diversos patronatos de Paris, etc.

O templo estava ornamentado com bandeiras tricolores. Celebrou a missa o padre Dugoux, da Companhia de Jesus, tenente de infantaria, condecorado com a cruz de guerra, citado na ordem do dia e que tomou parte na batalha do Marne.

Antes da absolvição, monsenhor Gibier, bispo de Versailles, subiu ao pulpito e proferiu um discurso inflamado de fé patriotica e religiosa, causando excelente impressão no auditorio. Depois de prestar uma justa homenagem a monsenhor Marbeau, «guarda da cidade como os antigos bispos das Gallias», expoz o plano do seu discurso, que comprehendia duas partes: 1.º Uma pagina de historia; 2.º Um cantico de reconhecimento. Disse o bispo de Versailles:

Grande batalha, a do Marne, e em que se jogava o destino de Paris e tambem o da França! Ouvide o nosso generalissimo na sua ordem do dia de 6 de setembro, pela manhã:

«N'este momento em que se trava uma batalha de que depende a salvação do paiz, não ha que hesitar... Custe o que custar, antes morrer no nosso posto do que recuar».

Por seu turno, o general allemão, acampado em Vitry le François, ás 10 horas da manhã de 7, dirigiu ao seu exercito este supremo appello: «Tudo depende do dia de ámanhã!»

Tal qual os chefes do exercito, todos nós tinhamos a convicção de que do resultado da batalha dependeriam a salvação ou a ruina de Paris e da França. Não esquecêmos ainda os dias tragicos do fim de agosto e dos principios de setembro de 1914: o recuar continuo das nossas tropas de Charleroi para Compiegne, para Senlis, para Meaux; a marcha audaciosa, methodica, irresistivel, dos allemães sobre Paris, o exodo dos que fugiam da Belgica martirisada e do norte da França aterrorisado; 800:000 parisienses abandonando os lares e o proprio governo retirando-se para Bordeus. Tinhamos sob os olhos a visão aterradora d'um povo em derrota!

Começada a 5 de setembro, a batalha desenvolveu-se, no mais vasto theatro de que a historia militar mundial tem feito menção, pois que comprehendia as planicies de Brie, da Champagne, e as elevações da Lorena; ferindo-se n'esta immensa frente, o combate durou desde 5 até 14 de setembro.

Por fim, a victoria coroou o nosso esforço; victoria incontestavel, pois que até os proprios inimigos a proclamaram; victoria decisiva, porque desde então os allemães, de um modo geral, teem sempre recuado ou teem-se escondido sob a terra; victoria inesperada, porque o inimigo tinha sobre nós a superioridade do numero, do methodo, da organisação e d'uma preparação continuada durante mais de quarenta annos.

Pode designar-se, como o fez o eminente historiador sr. Gabriel Hanotaux, esta victoria pelo «Milagre do Marne». E agora, gloria a Deus, que por nós fez este milagre! Gloria á nossa França immortal que se revivificou na victoria do Marne! Gloria aos que cairam no campo da batalha!

Graças a elles, podemos hoje repetir da tribuna sagrada o que hontem se disse da tribuna parlamentar: «o anno que passou é um dos mais gloriosos da historia da França».

Gloria aos que ficaram sobre os campos de honra na batalha do Marne! Honral-os como heroes não basta; amemol-os como irmãos! Vamos visitar-lhe as ossadas, e choremos juntos sobre aquelles frageis restos da vida humana, sobre aquella triste immortalidade que nós damos aos heroes. Dizia uma viuva: «se não tiver a consolação d'encontrar o corpo do meu marido, quero ao menos que repouse no sitio onde caiu». Satisfaçamos este nobre desejo do coração humano; protejamos os despojos mortaes dos nossos amados mortos; cuidemos das suas sepulturas como se cuida d'um jazigo de familia, e visto que somos da sua raça, visto que são nossos irmãos, promettamos salval-os das ossadas da profanação, do abandono e do esquecimento.

Façamos mais ainda. A guerra não destruiu por completo toda aquella valente mocidade que choramos, toda aquella magnifica encarnação da vida que parece para sempre extincta no silencio do tumulo, no socegado d'uma sepultura commum. A morte não é o nada, o fim do homem não é uma eterna cava n'uma terra vulgar; sobre os restos d'um corpo sem vida paira uma alma que não morre. A razão, o sentimento, e a fé proclamam a immortalidade do homem, e as sancções d'alem da morte. Os nossos heroes estão vivos, embora invisiveis e silenciosos; entre nós e elles ha apenas um simples veu que não impede a communhão das nossas almas. Os nossos heroes estão vivos, e precisam que os ajudemos a pagar as suas ultimas dividas á justiça divina; reclamam de nós mais do que uma saudade symbolisada por um traje de luto, ou materialisada n'um marmore. Oremos pela perdão e pelo repouso das suas almas!

Unindo no mesmo cantico a emoção religiosa, a fé patriotica e o amor fraternal, digamos uma vez ainda:

Gloria a Deus!
Gloria á nossa França immortal!
Gloria na terra e no céo aos que por ella morreram!

Findo o discurso, o arcebispo de Sens lançou a absolvição, rodeado pelos prelados que se encontravam no côro da cathedral. Em seguida a um almoço offerecido pelo bispo de Meaux ás notabilidades presentes, foram todos, em pequenos grupos, visitar as sepulturas dos que morreram gloriosamente pela patria, e que estavam ornamentadas com cruzes e bandeiras tricolores.

De cocoras deante dos allemães, os nossos bons catholicos não deram pela commemoração do «milagre do Marne»...

Os dois ladrões

Ha muitos, muitos annos, quando eu era nova, havia uma velha cigana que todos os annos em fins de outubro passava pela nossa herdade a caminho da grande feira annual da villa.

Essa velha cigana contava-me a seguinte historia:

* * *

Era uma vez uma grande floresta que ficava entre duas cidades e tinha leguas e leguas de comprimento.

N'essa floresta viviam dois ladrões muito ricos e muito poderosos que se chamavam D. Salustio e D. Bartholo.

Era muito frequentada a estrada que atravessava a floresta: mercadores que vinham em caravanas com os machos carregados de fazendas; viajantes de alta cathegoria, nas suas berlindas com acompanhamentos de creados armados; cavalleiros, correios, tudo bem montado e com boas pistolas nos coldres; e a mala posta que passava entre nuvens de poeira, puxada pelos seus quatro cavallos que galopavam ao som das guisalheiras e dos estalos dos chicotes...

Mas quando chegavam ao aqueducto, que ficava além, entalado entre as duas ribanceiras altas, e que viam apontar entre as arvores e as rochas os chapeus ponteagudos dos ladrões e luzir os canos dos seus arcabuzes, todos sabiam que se tornava inutil qualquer resistencia.

Era preciso parar, parlamentar, pagar de boa vontade um pesado tributo, deixar muitas vezes alguem de refens; e só depois podiam seguir em paz.

Quem se atrevesse a oppôr qualquer resistencia via a sua vida ameaçada e os seus haveres perdidos.

Os dois bandidos commandavam uma grande quadrilha e inspiravam tanto pavor que nem as auctoridades os mandavam prender nem os soldados se atreviam a combatel-os.

D. Salustio e D. Bartholo continuavam portanto em plena segurança a levar aquella má vida enriquecendo cada vez mais as suas almas com toda a especie de crimes e de peccados horriveis.

A sua arrogancia era tamanha que vinham frequentemente ás cidades onde todos conheciam de longe os seus chapeus ponteagudos. Visitavam o alcaide e outras pessoas de consideração, vendiam o fructo dos seus roubos, frequentavam os espectaculos e alojavam-se nas melhores hospedarias.

O alcaide e outras pessoas de consideração recebiam-nos muito bem; davam-lhes palmadas nas costas dizendo:

«Este honrado D. Salustio!»
«O nosso virtuoso D. Bartholo!»

E offereciam-lhes o que tinham de melhor. As suas mulheres e filhas faziam-lhes as honras da casa, eram todas sorrisos e requebros e tocavam para os divertir.

Os mercadores a quem elles levavam os objectos roubados compravam-lhos sem pestanejar pelo dobro do valor e ainda por cima os acompanhavam até á porta, dobrados ao meio em cortezias sem fim, rojando pelo chão as bordas dos chapeus, agradecendo-lhes o favor de os terem escolhido para com elles fazerem o seu negocio.

Em todas as festas eram acclamados e sobre elles convergiam todas as attenções.

Os donos das hospedarias onde se alojavam e onde nunca pagavam as despezas davam-lhes os melhores quartos, saqueavam as despensas e as garrafeiras, devastavam as capoeiras, serviam-nos como se elles fossem principes ou reis.

O D. Salustio e o D. Bartholo voltavam para as suas cavernas cheias de riquezas, montados nos seus explendidos cavallos, seguidos pelo seu grande acompanhamento de ladrões, com os ventres abarrotados de manjares deliciosos, o cerebro perturbado pela excellencia dos vinhos, os bolsos trasbordantes de ouro e as almas perdidas em abysmos de vaidade e de peccado.

E os crimes, as atrocidades, os horrores amontoavam-se de tal modo sobre as suas cabeças soberbas de impenitentes, que o Diabo não cabia em si de contente e pensava com delicia nos supplicios eternos com que ia atormental-os apenas elles dessem entrada no Inferno.

* * *

A alegria do Diabo era tamanha que não a poude conter e uma noite appareceu em sonhos ao D. Salustio e ao D. Bartholo e mostrou-lhes entre nuvens de enxofre queimado e labaredas rubras os seus corpos meio carbonisados, atravessados por um espeto em braza e girando lentamente sobre um fogo lento...

Esta visão perturbou profundamente os bandidos que acordaram alagados em suor; e tal impressão lhes causou que, d'ahi por deante, a reviam constantemente.

Expedições arrojadas, tiros, correrias, desordenadas orgias... não havia embriaguez que os livrasse de aquella obsessão. Olhavam um para o outro durante as horas de maior loucura, e logo estremeciam de horror porque viam os dois corpos meio carbonisados, girando sem fim sobre o fogo eterno...

Por fim, abandonaram a floresta e foram fazer uma peregrinação. Voltaram convertidos e cheios de remorsos, ardendo no fogo sagrado do arrependimento.

Espalharam as suas enormes riquezas pelos pobres, entulharam a sua caverna maldita, e sobre ella construiram uma humilde capella e uma choupana miseravel onde passavam dias e noites em orações e penitencias, comendo raizes, bebendo agua salobra e mortificando-se com asperos e crueis cilicios.

De tempos a tempos iam á cidade pedir esmola: mas tinham de puxar os capuzes para o rosto a fim de não se darem a conhecer porque o alcaide ordenára que os prendessem e enforcassem.

Os mercadores que d'antes lhes compravam os objectos roubados insultavam-n'os e açulavam-lhes os cães; as mulheres bonitas que os acolhiam com musicas e cantos agora vazavam-lhes das janellas, sobre as cabeças humildes, potes de immundicies; os estalajadeiros enfureciam-se, corriam atraz d'elles com toda a creadagem, espicaçando-lhes os rins com os garfos da cosinha.

Elles que tinham guardado (para nunca esquecerem os crimes passados) os chapeus ponteagudos e os arcabuzes tentados pelo Diabo olhavam um para o outro e murmuravam:

—E se nós agora tornassemos a usar os chapeus antigos e engatilhassemos os arcabuzes?

E a tentação era enorme.

Mas resistiram sempre e morreram na forca.

* * *

A velha cigana concluia esta historia impressionante, dizendo:

—E ninguem se deva admirar; porque não é a justiça que governa o mundo, mas sim a força da maldade mascarada de justiça.

Eu ria da cigana porque era muito nova; mas agora, que sou velha, acho que ella tinha razão

Virginia de Castro e Almeida

«Historia Illustrada da Grande Guerra»

Dividido em volumes, cada um dos quaes com cerca de 200 paginas, de modo a formar um livro portatil, economico, elegante e de facil encadernação, o folhetim que vimos publicando *Historia Illustrada da Grande Guerra* tem alcançado grande exito.

O primeiro volume abrange desde março a 15 de abril, tendo 184 paginas, o segundo de 16 de abril a 3 de junho, com 188, o terceiro de 4 de junho a 20 de julho, egualmente com 188 paginas, e o quarto de 21 de julho a 3 de setembro, com 180 paginas, sendo todos os volumes profusamente illustrados. Na administração d'*A Capital* são immediatamente satisfeitos todos os pedidos, quer da collecção completa, quer de qualquer numero de exemplares do jornal, que venham acompanhados das respectivas importancias.

Pelo telegrapho

Porque foi torpedeado o «Arabic»

GENEBRA, 11. — A Allemanha enviou aos Estados Unidos, a proposito do afundamento do *Arabic*, uma nota declarando que o *Arabic* fôra mettido no fundo por haver elle proprio tentado perfurar com o esporão um submarino. A nota sugere a ideia de se submetter a questão das compensações á conferencia da Haya.—(*Havas*).

A linha ingleza no theatro occidental

LONDRES, 10.—O marechal *sir* John French informa que desde 30 de agosto não tem havido alteração na linha ingleza, excepto no que respeita a actividade em excavação de minas em ambos os campos sem resultados de importancia. A nossa artilharia tem estado activa a leste de Ypres. Um aeroplano allemão foi derribado pelo fogo de fuzilaria e de metralhadoras no 1.º de setembro, cahindo um pouco á retaguarda das linhas allemãs. Um outro aeroplano allemão foi tambem obrigado a aterrar por uma das nossas machinas de combate, no dia 5 do corrente, na retaguarda das linhas inimigas. —(*Havas*).

O ALGARVE PITTORESCO

A GAFARIA DE MONCHIQUE

Tem de desapparecer, sob pena de se sanccionar um verdadeiro crime contra a civilisação

PRAIA DA ROCHA, 10.—Eu não sei de quando datam as termas de Monchique. Procurei indagal-o, perguntei a mais d'uma pessoa e ninguem me soube responder. Creio bem que o edificio é antiquissimo, dada a sua configuração, a sua architectura e a sua disposição. Os mananciaes ou brotavam no valle ou para lá foram encanados, construindo-se sobre elles as tinas, todo o balneario e os alojamentos para os banhistas. Assim, a immensa mole d'alvenaria, com paredes espessissimas e corredores para o qual dão como que portadas de cellas, tem um tal aspecto monachal que só por milagre das aguas ali póde curar-se algum doente.

Entrando pelo topo do edificio, as aguas—e ha-as de varias temperaturas e com propriedades diversas, dentro do mesmo balneario—sahem pelo lado opposto n'um jacto enorme, continuando a correr pelo valle abaixo, até se sumirem a uns poucos de kilometros de distancia. Ellas são, principalmente, sulphurosas. A sua temperatura foi outr'ora de trinta e seis graus. O rheumatismo e todos os seus derivados tinham, n'essas aguas afamadissimas, um excellente agente de cura.

Percorrido o balneario, cujos quartos numerados, dando para o corredor central, teem ao meio da verga de pedra do portal o preço do aluguer; vistas as banheiras fradescas, provada a agua das fontes potaveis, prestado um ligeiro segundo de culto bem intimo á esquecida imagem de uma virgem angustiada que no altar da capella abandonada curte resignada as suas amarguras, entre cirios a cahir e flôres de papel cuja côr ninguem poderá determinar, precipito-me, com os meus illustres companheiros, para a matta, que rumoreja em baixo, levemente batida pela brisa.

Vamos até onde o nosso interesse nos conduz. A corrente salta, doidivanas, de pedra em pedra, formando pequeninas cascatas, rindo e gargalhando, gemendo sempre, fugindo sempre. Ha vinha de enforcado trepando pelo altos e viçosos choupos, pendurando-se em abraços, dos carvalheiros negros e fortes. Retrocedemos. Tornamos a atravessar o balneario, atafolhado de soldados que por aqui acompanham n'um intervallo da sua escola de repetição. Voltamos a ouvir o mesmo piano, que d'esta vez, batido pelos dedos rijos d'um sargento, trilura as notas dolentes e sensuaes da valsa da «Viuva Alegre».

Principiam os commentarios ao que acabamos de ver. A gafaria do almirante Wilson é hoje uma coisa inconcebivel, onde o lixo forma montões e o desleixo tem marcado tudo com a sua acção dissolvente. Cahe tudo de velho e de podre. Reparações não se fazem senão de fugida, como quem quer gastar pouco e não está disposto a sacrificios. O balneario é tudo o que ha de mais primitivo. A casa de applicações hydrotherapicas parece, a quem espreita de fóra, um recinto de tortura, tal é a sua rudimentar installação. O resto, tudo aquillo que devia haver em estabelecimentos d'esta natureza, não existe. Só ha agua, muita agua. Só abunda essa riqueza immensa, que foi ter a mãos improprias para a valorisar.

As revelações estranhas chegam-me, em cardume, aos ouvidos. Dizem-me, por exemplo, que o concessionario das thermas, que são do Estado, para augmentar o manancial da agua quente, que era a mais procurada, o estragou, misturando-lhe outra nascente d'agua mais fria; affirmam-me que nascentes, vindas do lado da Serra, foram por elle alienadas abusivamente e garantem-me que na matta, outr'ora formosissima, se tem feito córtes importantes, reduzindo-a a uma sombra do que foi. Por mim, posso dizer que ainda vi, a apodrecer, grandes pés de arvores diversas que o machado do lenhador ou do serrador deitaram, implacavelmente, a terra... E vi mais que em substituição das nobres arvores que se derrubaram se tinham plantado o eucalypto e a mimosa, banalisando-se, por esse modo, o que fôra opulento e depreciando-se uma riqueza florestal em que ninguem tinha direito de tocar.

E porque tem acontecido tudo isto e muito mais na matta e nas Caldas de Monchique? Por que motivo se encontram condemnadas ao abandono mais completo as unicas grandes termas do Algarve, que podiam attrahir gente de todo o paiz, se lá houvesse aceio, conforto, desejo de fazer cada dia mais e melhor, por tudo merecer esse verdadeiro paraizo encravado na região montanhosa algarvia?

E' que o concessionario, o actual explorador das aguas, está ligado por intimos laços de familia a um antigo politico que na monarchia vestiu os arminhos de par e foi, nos ultimos tempos do regimen deposto, um dos mais temidos accusadores dos politicos e da realeza. Assim apoiado, que admira ter havido um governo que lhe entregasse, de mão beijada, por noventa e nove annos, uma das maiores riquezas termaes de Portugal? Nada, evidentemente. E ahi está porque a estancia de Monchique, encravada em plena serra, é, presentemente, um logar d'onde só teem motivos para fugir aquelles que não dispõem, quando viajam ou quando cuidam da sua saude, hygiene, civilisação e conforto. Quem vae uma vez ás Caldas de Monchique não fica com desejos de lá voltar. Ou melhor, não póde, senão á força, resignar-se a passar uma ou duas semanas sepultado em semelhante chiqueiro quem necessitar dos beneficios da termas.

E sendo assim, porque não rescindiu ainda o Estado o contracto que o desapossou, por noventa e nove annos, das belissimas e antiquissimas Caldas? Por o concessionario o ter cumprido sempre integralmente? Mentira. Nunca fez caso d'elle. Dar-se-ha a circumstancia de contribuir ainda para que semelhante escandalo se mantenha a mesmo força poderosa que conseguiu a concessão? Não sei. Entretanto, o ministerio do interior não trata o usufructuario de Monchique como inimigo. Muito pelo contrario. Diga-se isto para honra e gloria dos que, consentindo que continue a envergonhar-nos a gafaria que elle creou, permittem ao mesmo tempo que um particular, reconhecido e feroz adversario da Republica, á custa da benevolencia d'essa mesma Republica, com prejuizo d'uma provincia e do paiz, vá governando a vidinha...

Adelino Mendes

O CASO DO DIA

"Por uma linda manhã de setembro...

Bateram-se hoje vigorosamente ao sabre os srs. Sanches de Miranda e Freitas Ribeiro

Só ha poucos dias poude regressar a Lisboa, depois de ter assistido na Haya, como delegado do nosso governo á conferencia internacional do opio, o sr. major Sanches de Miranda. Não tardou que começassem, em circulos reservados, a correr misteriosos boatos de uma pendencia em que o illustre official se achava envolvido: mas nem os mais intimos amigos, entrincheirados n'uma reserva de ferro, deixavam escapar um só pormenor a tal respeito. Ante-hontem encontrámol-o casualmente e a nossa indiscrição de reporter revelou-se n'uma pergunta impulsiva:

—Então? Vae bater-se?...

Elle encarou-nos com manifesta admiração, e retorquiu, tranquillo:

—Não sei uma palavra a tal respeito.

—Constou-nos que ha mesmo já testemunhas nomeadas...

Um sorriso amplo, d'esses sorrisos sem malicia, um «shake-hands» nervoso e a resposta breve:

—Não, meu amigo. Estiveram a mystifical-o. Commigo não ha duello algum.

Foi completo o mysterio. Contudo hontem á noite, subitamente, adquirimos a certeza de que ia de facto realisar-se o encontro. Aonde? Com quem? Testemunhas?

N'esses assumptos por sua natureza excessivamente melindrosos é mister o reporter servir-se de um tacto infinito para averiguar qualquer coisa. Depois, ninguem sabia. O duello ia realisar-se sem exhibicionismo, sem jornalistas, sem photographos, sem a presença de «habitués», sem galeria, enfim. Era excessivamente grave. Cautelosamente, aproveitando indicios colhidos em fontes diversas, deduzimos a seguinte rapida historia da pendencia:

O sr. capitão-tenente Freitas Ribeiro nomeára ha mais de um anno duas testemunhas para exigir do sr. major Sanches de Miranda, segundo a phrase sacramental, «cabaes explicações ou uma reparação pelas armas» a proposito de um apontamento encontrado no gabinete do governador de Macau, onde se continha uma grave injuria ao illustre official da armada. Ora esse apontamento era attribuido, nem mais nem menos, ao sr. major Sanches de Miranda, ex-governador de Macau. As testemunhas do sr. Freitas Ribeiro deviam, conforme está preceituado nos codigos de honra, notificar ao sr. Sanches de Miranda o cartel de desafio no praso maximo de 48 horas. Infelizmente ignoravam n'essa occasião a residencia d'este official, com quem só conseguiram avistar-se em 30 do mez passado. O sr. Sanches de Miranda nomeia logo as suas testemunhas, a questão é rapidamente negociada, com dois recursos de arbitragem por não apparecer o apontamento injurioso, mas o sr. Mello Barreto, arbitro escolhido, decide que a pendencia pode proseguir mesmo sem esse documento. O duello marcou-se para hoje, ás 6 horas da manhã.

Renunciamos á tarefa de narrar as correrias de automovel pelos arredores de Lisboa, a maneira habilissima como foram desquitados os curiosos, e a satisfação com que, tendo finalmente adquirido a certeza do local do duello, nos installámos ás 5 e meia da manhã nas proximidades da Senhora da Rocha, afamado local de romarias no termo de Carnaxide, dispostos a colher a enervante impressão de um combate entre dois rudes adversarios e de um combate sem publico, sem «badauds», só com a intervenção das individualidades indispensaveis. E' interessante: quatro antigos ministros de estado figuravam na pendencia. Por uma questão de methodo, e

SPORT

Para que servem os trapezios?

A pergunta foi formulada hontem, em fórma de questionario. Foi feita por um jogador do socco ao nosso redactor de «sport». Evidentemente que se não trata de trapezios, apparelhos de gymnastica, mas de trapezios musculos e no que elles dizem respeito ao trabalho de «box».

Quem nos escreve podia ter immediata resposta lendo as revistas da especialidade que teem os seus consultorios especialisados n'estes questionarios. Mas preferiu consultar-nos. Pelo nome que subscreve a pergunta, é que respondemos o seguinte:

—Os musculos trapezios servem para levantar as espaduas. O trapezio esquerdo trabalha fortemente, levantando a espadua esquerda quando ella vier proteger o mento. Nos «swings», o trapezio trabalha egualmente e levanta a espadua no momento em que se desfere o socco».

Nota do dia

Como trabalha o Club Naval de Lisboa

E' verdadeiramente pasmosa a actividade do Club Naval de Lisboa. Este anno tem merecido os elogios de todos e bem tem merecido do paiz, porque está fazendo, com perseverança e com intelligencia, a propaganda d'alguns dos exercicios physicos mais hygienicos e uteis ao homem. A'manhã organisa em Pedrouços uma grande regata de vela, que começa ás 13 horas e 30 minutos (1 hora e 30 da tarde) prefixas e que tem como jury os srs.:—presidente, Henrique M. de Seixas; vogaes: D. José de Noronha, D. Francisco de Heredia, Jayme Athias, Carlos Carvalho e Frederico Burnay; fiscaes de pista: Ryder da Costa, Arthur Consulado, Joaquim José Milhomens e Antonio dos Santos Catita.

O começo da regata será annunciado com tiros.

O programma detalhado é o seguinte:

1.ª corrida—A's 13,30 (1,30 da tarde). Signal A do Codigo. Yacht de 5 a 10 T. (4.ª classe) no percurso de 11 milhas—2 voltas ao triangulo grande. Estão inscriptos os yachts: «Mimi» de Carlos de Sousa Neves; «Estrella», de Sebastião Negrão; «Bonita» do Club Naval de Lisboa; «Queenee» de W. Connell; «Marion» de Sydney Mascarenhas, Harold Mascarenhas, N. Ennor. Esta corrida é só para amadores. 1.º premio—Medalha de ouro, um objecto d'arte e medalhas para a tripulação. 2.º premio—Objecto de arte e medalhas para a tripulação. A medalha d'ouro é offerecida pelos srs. Sydney Mascarenhas, Harold Mascarenhas e N. Ennor.

2.ª corrida—A's 13,45 (1,45 da tarde). Signal B do Codigo. Classe internacional dos 6 metros. Percurso—2 voltas ao triangulo grande. Estão inscriptos o «Hinemoa» com armação de sloop do sr. Armando Soares Franco; «The White» com armação de sloop do sr. J. L. Winterconstal. Premio—Objecto d'arte.

3.ª corrida—A's 14 (2 da tarde) Signal C do Codigo. Classe dos Center-boards. Percurso—3 voltas ao triangulo pequeno. Estão inscriptos os n.ºs: 1—«Gazella» do sr. João Djalme Bastos; 2—«Gaivota» do sr. José da Cunha e E. Pons; 3—«Maria Luiza» do sr. José das Neves Leal; 4—«Ariel I» do sr. Duarte Bello e Antonio Bello; 5—«Pierrot» do sr. Almada Negreiros; 6—«Shamrock» do sr. Bernardino G. Dias. 1.º premio—Objecto de arte e medalhas; 2.º premio—Objecto de arte e medalhas; 3.º premio—Medalhas.

4.ª corrida—A's 14,15 (2,15 da tarde). Signal D do Codigo. Botes armação de espicha (profissionaes). Percurso—2 voltas ao triangulo grande. Inscreveram-se os barcos n.ºs: 1—«Futuro e Dita» do sr. Alberto dos Santos; 2—«Curiosidade» do sr. Nuno da Silva; 3—«Surpreza» do sr. Marques & Viegas; 4—«Internacional» do sr. J. J. Pereira; 1.º premio—20$00; 2.º premio—10$00.

5.ª corrida—A's 14,30 (2,30 da tarde). Signal E do Codigo. Canoas do Seixal (profissionaes). Percurso—2 voltas ao triangulo grande. Inscreveram-se os n.ºs 1—«Nova Sociedade» patrão J. Lucas Ferreira; 2—«Adelino Canilo» patrão João Silva; 3—«Maria da Costa» patrão José da Silva; 4—«José 1.º» patrão Guilherme Lucas; 5—«Bom Dia» patrão Francisco Machado; 6—«Casimira» patrão Joaquim José. 1.º premio—20$00; 2.º premio—10$00.

6.ª corrida—A's 14,45 (2,45 da tarde). Signal F do Codigo. Armações diversas. Percurso—2 voltas ao triangulo pequeno. Inscreveram-se: «Lia» do sr. Silva Carvalho; «Mary» do sr. Carlos Pinto Esteves; «Tagide» do sr. Jorge Ferro; «Hermezinda» do sr. Manuel Braga Esteves; «Nancy» do sr. Kolmer; «Sanguiné» do sr. Antonio Sanguiné; «Gavina» do sr. Augusto Solero Esteves Junior. 1.º, 2.º e 3.º premios—Objectos d'arte.

7.ª corrida—A's 15 (3 horas da tarde). Signal G do Codigo. Armações diversas. Percurso—2 voltas ao triangulo pequeno. Inscreveram-se «Fly» do sr. João Peters; «Nemo» do sr. José Ricardo Domingues Junior; «Pilet» do sr. Luiz Miranda. Premio—Objecto d'arte.

8.ª corrida—A's 15,15 (3,15 da tarde). Signal H do Codigo. Botes pequenos—Armações diversas. Percurso 2 voltas ao triangulo pequeno. Inscreveram-se os n.ºs 1—«Arreda» do sr. Germano da Silva; 2—«Luzia 1.ª» do sr. Custodio da Silva; 3—«Pomba» do sr. Rodrigues do Sapateira; 4—«S. João Baptista» do sr. Francisco Cardido; 5—«Angelina 1.ª» do sr. Manuel Rendeiro; 6—«Flor do Tejo» do sr. Manuel Trolo; 7—«Alcantara» do sr. Gonçalves Rendeiro; 8—«Maria Luiza» do sr. José Léo; 9—«Alfreda» do sr. João Pedro Marques; 10—«Maria» do sr. Gonçalo Antonio; 11—«Palmira» do sr. João Esparrello; 12—«Theodoro» do sr. Augusto Theodoro.

O regulamento é o do Club Naval de Lisboa. As largadas são feitas sobre vela em todas as corridas excepto na 8.ª corrida em que a largada é sobre regeira. As largadas são feitas do seguinte forma:

Um quarto d'hora antes da hora que está marcada a largada de cada corrida será içado o signal respectivo, para os barcos se prepararem, passados 10 minutos, esse signal é arriado e no mesmo tempo içado o P dando n'essa occasião um tiro e considerando-se já os barcos em corrida, passados cinco minutos é o P arriado dando-se novamente outro tiro o que indica a largada e que vem a dar com a hora que vae indicada no mappa e no programma.

Algumas anecdotas

Como um rei do socco tombou...

Ferns, admiravel pugilista, á custa de muito trabalho e de ter derrotado definitivamente o seu adversario de 7 combates—Mathews, alcançou o titulo de campeão do mundo e por muito tempo o manteria se não tivesse a desgraçada idéa de se metter no caminho de Joe Walcott, o «assassino de gigantes», que o atirou para o reino dos sonhos!...

Quando Ferns foi derrotado, um dos seus admiradores disse-lhe:

—Tombaste do throno de gloria...

—E' verdade, sou um rei deposto; sem manto, sem sceptro e sem dinheiro.

—E o que vaes fazer?

—Partir para o exilio.—Vou para Paris e hei-de voltar...

—Para jogar o socco?

—Não, emquanto não houver companhias de seguro para narizes partidos e dentes quebrados!...

Noticias

Entre nós

Sociedade n.º 1

O capitão do 1.º «team» da Sociedade de Instrucção Militar Preparatoria n.º 1 pede a comparencia de todos os jogadores e reservas no campo do Sporting Club de Portugal, amanhã pelas 10 horas.

Amanhã na Amadora

O bello «rink» dos Recreios Desportivos da Amadora está amanhã em festa, porque os patinadores vão exercitar-se para o brilhante «gymkhana» que se effectua no domingo 19. São mais de trinta as meninas e senhoras que já se inscreveram para o torneio e todas ellas vão treinar-se nas sessões da tarde e da manhã. A' noite tambem, emquanto no Salão de Festas se effectua um grande espectaculo cinematographico, se realisam, no «rink», exercicios de patinagem.

Sport Club Progresso

Reune no proximo dia 20 a assembléa geral extraordinaria d'este club a fim de apreciar as alterações nos estatutos apresentadas pela commissão de revisão dos mesmos.

Caso não haja numero sufficiente ficará transferida a assembléa geral para o dia 27, funccionando com qualquer numero.

Escoteiros de Portugal

Grupo n.º 3 (*Estephania*).—Continua a instrucção sendo ministrada aos escoteiros. Uma patrulha do grupo teve de sabbado para domingo um acampamento em Linda-a-Velha onde se effectuaram varios exercicios. A'manhã realisa-se a partida para outro acampamento em Alcochete, onde se realisará uma sessão de escotismo.

A inscripção de socios ordinarios (escoteiros) e auxiliares, continua aberta ás quartas e sextas, na sua séde rua Angra do Heroismo, 5, das 20 ás 22 horas.

Sporting Club de Portugal

Convidado pelo Victoria Foot-ball Club, de Setubal, partem amanhã para aquella cidade o 3.º e o «team» infantil d'este club.

Jogam na segunda-feira, ás 4 e meia, no campo d'aquelle club para o que o capitão do 3.º «team», Alfredo Torres Pereira, pede a comparencia dos seguintes jogadores: Manuel Botas, N. N., Jayme Bruno, Theodoro Quistorpe, Gastão Ferraz, Vasco Gonçalves, Alberto Loureiro, Jayme Gonçalves, José Pombo e Eduardo Costa.

Egualmente o capitão do «team infantil» pede a comparencia dos seguintes jogadores: Fernando Costa, Casimiro Vieira, Carlos Martins, Carlos Consiglieri, J. Bugalho, N. N., Joaquim Reis, Militão, Serrano (cap.), Salter e Pitta.

Travessia do Tejo a nado

Fecha amanhã a inscripção para os concorrentes á travessia do Tejo a nado, organisada pelo Gymnasio Club Portuguez para disputa individual do Escudo de Prata, que ficará pertencendo durante um anno ao club que o vencedor representar.

Na segunda-feira, pelas 21 horas, reunirão na séde do Gymnasio todos os delegados dos clubs que concorrem á prova, a fim de se pronunciarem sobre as inscripções e entre si nomearem o jury para a prova, que se realisa no domingo, 19, ás 11 e meia horas, sendo a largada da Trafaria para Pedrouços.

Excursões e Passeios

A Torres Vedras

Foi transferida para domingo, 19, a excursão que devia realisar-se amanhã, a Torres Vedras, promovida por uma commissão de socios da Associação do Registo Civil.

A Alcochete

O Grupo União e Fraternidade, composto de 50 socios, realisa amanhã o seu passeio a Alcochete e ás herdades do fallecido lavrador José Maria dos Santos, em Rio Frio. Em Alcochete haverá almoço e jantar de confraternisação e em Rio Frio um *pic-nic* com diversas surprezas.

A partida é ás 5 1|2 horas da estação do Sul e Sueste, Terreiro do Paço.

JANTAR-CONCERTO

Como sempre, é delicioso o *menu* e programma do concerto, de amanhã, no grandioso Casino de S. José de Ribamar, em Algés.

POTAGE
Canja
POISSON
Cabilland Heloise
ENTRÉE
Entrecote á la Bordelaise
LEGUMES
Haricots verts au beurre
ROTI
Perdreaux sur canapés
Salade saison
ENTREMETS
Glace ananas
Patisserie assortie

PROGRAMMA DO CONCERTO
1.ª PARTE
I — *3.me Marche aux Flambeaux* .... Meyerbeer
II — *Pas de fleurs* .... Delibes
III — *A Mules* .... Charpentier
IV — *La Verbena de la Paloma, selection* .... Breton
2.ª PARTE
I — *L'arlesienne, 2.ª suite* Massenet
II — *Serenade d'arlequim* Lambelet
III — *Princeza dos Dollars* Leo Fall
IV — *El Despejo* .... Pacheco

No elegante palco-terrasse da ampla explanada do Casino, haverá espectaculos de variedades, por artistas de reconhecido merito.

Dr. Affonso Costa

A junta de parochia de S. Vicente, congratulando-se pelas melhoras do illustre estadista, distribue amanhã, pelas 10 horas, um bodo aos pobres mais necessitados da sua parochia.

Loteria de Lisboa

Numeros mais premiados

3043	12:000$
4814	1:000$

Numero	Premio	Numero	Premio
4860	400$	9434	100$
1934	200$	4741	100$
3080	200$	4700	100$
6247	200$	4832	100$
729	100$	5898	100$
1884	100$	5968	100$
1422	100$	6947	100$
8128	100$	7112	100$
3261	100$	7709	100$

Protecção á infancia

Banhos na Trafaria

A junta de parochia de S. Vicente previne as familias das creanças que estão a banhos no Lazareto que as visitas se realisam aos domingos, das 11 ás 16 horas, não sendo permittida a sahida das creanças do edificio, onde a admissão dos visitantes é feita por meio de cartões que devem ser requisitados á Junta.

TOURADAS

SETUBAL, 11.—Amanhã, além de concurso de musicas ás 11 horas e illuminações e arraial com fogos á noite, ha tourada ás 16,45, sendo a distribuição a seguinte:

1.º touro, para José Casimiro; 2.º, Jorge Cadete e Thomaz da Rocha; 3.º, José da Costa e Juan Herrero; 4.º, José Casimiro; 5.º, espada Tabonerito (a sós); 6.º, José Casimiro; 7.º, Jayme Cadete (a sós); 8.º, Accacio de O. de Oliveira e Silva; 9.º, Agostinho Coelho e Filippe Felix; 10.º, para todos.

Jantares-concertos

O casino de S. José de Ribamar é todos os dias frequentadissimo, o que não admira, pois reune todos os attractivos: magnificos jantares, excellente musica e espectaculos variados e gratis na explanada além do delicioso panorama de parte do Tejo que d'ali se disfructa.

Para o «menu» do jantar d'amanhã e escolhido programma do sextetto que publicamos na respectiva secção chamamos a attenção dos leitores.

Movimento maritimo

Africa Occidental, «Portugal»	12
Africa occid., via Madeira, «Portugal»	12
New-York «Patria» (do Gibraltar)	13
Africa oriental «Koroanna» (Liv.)	13
Bissau, Bolama e Cabo Verde «Guiné»	14
R. de Janeiro e Santos «Dupleix»	14
Batavia, Timor, etc., «Kawi» (Amst.)	14
Africa Occidental, «Cazengo»	16

Juizes de paz em Lisboa

O sr. José Sebastião Pacheco, juiz de paz do districto do Sacramento, convida todos os seus collegas de Lisboa a assistirem a uma reunião que se realisa no dia 13, pelas 21 horas, na sala das sessões no Centro de S. Carlos.

Dr. Manuel Lourenço Junior

Falleceu

Manuel Lourenço e sua mulher, Francisca d'Oliveira Lourenço e sua mulher, Adelaide Theodolinda de Oliveira, Rosa Vilarinho e seu marido, participam o fallecimento de seu filho, irmão, cunhado e primo o Dr. Manuel Lourenço Junior e que o seu funeral sahirá, amanhã, domingo, 12 do corrente, pelas 12 horas e meia, da estação do Rocio para o cemiterio occidental.

Dr. Manuel Lourenço Junior

FALLECEU

Vilarinho & C.ª participam o fallecimento do dr. Manuel Lourenço Junior, irmão do seu socio Francisco de Oliveira Lourenço, e que o seu prestito sahirá amanhã, domingo, 12 do corrente, pelas 12 horas e meia da estação do Rocio para o cemiterio occidental.

fumo das fabricas de Lille e Roubaix a dentro das linhas do inimigo e o seu olhar cahiu sobre um pedaço de terra que demonstrava a violencia do ultimo combate com as ruinas fumegantes das aldeias. E avistou tambem as ruinas do Clot Hall e da cathedral de Ypres, entre as quaes cahiam ainda as granadas allemãs.

Commandante Fremantle, do destroyer «Badger»

Ao desviar-se para leste d'esse espectaculo de barbarismo, o seu olhar pousou sobre os bosques onde se pelejára uma das mais violentas luctas com o exercito britannico e mais distante sobre as aguas do canal em cujas margens a lucta tinha sido tão terrivel. Ao norte ficava outro famoso campo de batalha, o valle do Yser.

N'essa occasião—embora essa semana tivesse sido casualmente uma das menos movimentadas da linha de fogo—o rei viu as suas proprias baterias em acção, porque emquanto elle estava no cume da elevação algumas d'ellas abriram fogo, podendo Jorge V observar o effeito das suas granadas nas trincheiras do inimigo.

O rei visitou tudo, desde os hospitaes e ambulancias nos postos avançados, até ao quartel general, terminando a sua visita pelo corpo de aviadores, onde teve a satisfação de não só verificar os progressos feitos, mas ainda de examinar um aeroplano que havia sido tomado ao inimigo.

A presença do soberano inglez no meio das tropas alliadas foi considerada como uma consagração solemne da indissoluvel fraternidade que a aggressão allemã creou entre a Inglaterra, a França e a Belgica. Os francezes viram n'essa visita uma homenagem ao seu proprio exercito. O alto commando d'esse exercito foi recebido pelo rei Jorge, sendo o general Joffre condecorado com a gran-cruz da Ordem do Banho e os generaes de Maud'huy d'Urbal, Conneau, de Mitry, Maistry, Dubois e Grossetti com a gran-cruz da Ordem de S. Miguel e S. Jorge. O presidente da Republica, Poincaré, foi esperar o rei ao quartel general inglez.

Havia um outro exercito que merecia uma visita do rei de Inglaterra: por isso, elle se dirigiu ao quartel general do exercito belga. Foi no unico recanto de solo belga que os allemães não haviam ainda pizado que se deu o encontro de Jorge V com o rei Alberto da Belgica, o qual recebeu das mãos do primeiro a Ordem da Jarreteira. E a revista passada aos veteranos belgas foi umas das notas mais impressionantes da visita de Jorge V.

A quinzena que se seguiu ao regresso do rei á Inglaterra foi assignalada por uma ou duas acções de alguma importancia. A primeira foi um resoluto ataque feito a 4 de dezembro pelos allemães entre Dixmude e Ypres. Foi repellido, não conseguindo os allemães o seu objectivo, se algum objectivo tinham.

A tomada pelos francezes de Vermelles, uma aldeia a poucos kilometros a sudoeste de La Bassée, no dia 7 de dezembro, deve mencionar-se, porque Vermelles foi, durante quasi dois mezes, theatro d'uma lucta violenta e a sua tomada foi importante, visto dar aos francezes uma forte

tre 1200 e 1304, crearam o Cloth Hall, que era a melhor edificação municipal da Edade Media na Belgica. A principal fachada tinha 433 pés de comprimento.

O interior havia sido, nos seculos XIV e XV, decorado com quadros muraes. Durante os ultimos cincoenta annos as paredes tinham sido embellezadas com frescos de distinctos artistas pertencentes á moderna escola belga. Esses pintores — Guffens, Swerts, Pauwels, Delbeke —haviam pintado as principaes phases da riqueza e do declinar de Ypres, que em 1914 continha uma população de mais de 20.000 habitantes.

Tudo ficou em ruinas, como em ruinas ficou a bella cathedral.

No dia 15, os allemães fizeram novos esforços e os inglezes retomaram as posições perdidas no dia anterior. Um prisioneiro allemão declarou que esse dia tinha sido fixado para um novo assalto pelo inimigo, mas que as perdas soffridas nos dias anteriores o haviam levado a esperar reforços; e no dia 16 essa secção da frente não deu signal de si, não tornando a ouvir falar-se n'ella durante um mez.

No dia 17 houve uma outra e ultima sortida feita principalmente pelo 14.º corpo. Trez ataques foram dados a leste e sudeste de Ypres, o primeiro dos quaes foi coroado de tal exito que algumas das trincheiras occupadas pelos inglezes foram tomadas pelos allemães apoz um violento bombardeamento; mas um brilhante contra-ataque á baioneta lançou-os fóra d'ellas e fel-os recuar 450 metros. O segundo ataque terminou por elles deixarem 1.200 mortos no campo e o terceiro foi repellido pelo fogo da artilharia.

Esses esforços pódem ser considerados como o final da poderosa tentativa para abrir caminho para Calais, embora um ou dois dias depois a actividade allemã na ala esquerda ingleza parecesse indicar uma ulterior tentativa para conseguir o desejado objectivo pela via da costa. Mas tambem essa falhou.

Os dias seguintes passaram sem novidade. Ao empregarmos esta palavra precisamos dar uma explicação e ninguem melhor do que a «Testemunha ocular» o póde fazer. Diz ella:

«O que é agora considerado como dia sem novidade não póde ser tomado no sentido litteral da palavra. Significa apenas que nenhuma operação activa de vigor especial se realisou de qualquer dos lados, além do bombardeamento da artilharia. Este é continuo de dia e de noite com intensidade que varia, cessando difficilmente... Significa tambem que centenas de granadas rebentam e explodem em todo o comprimento da frente de cada linha e que os homens estão sendo continuamente mortos e feridos. E comtudo, comparativamente, sem novidade é a unica palavra que póde applicar-se a taes dias—dias em cada um dos quaes dezenas de vidas são perdidas».

Os dias finaes da batalha de Ypres marcaram o começo dos ventos gelados e da queda da neve, que iam assignalar a epocha de inverno nas trincheiras.

Um outro acontecimento marcou esses dias. A 14 de novembro morreu lord Roberts, que tinha ido a França visitar as tropas indias das quaes era commandante em chefe. Os seus melhores dias tinham sido passados na India e os indios conheciam-no não só como seu chefe, mas como seu pae. A sorte quizera que quando elles estavam longe do seu paiz, expostos aos rigores do inverno europeu, elle viesse morrer, como desejava, no meio d'elles, victima elle proprio do inclemente clima.

Honrado em vida, feliz na morte, o seu cadaver foi conduzido da linha de batalha para o seu paiz natal entre commovedoras manifestações de respeito não só dos soldados do imperio, mas dos valentes alliados combatendo ao lado dos inglezes. Na egreja de S. Paulo, a cathedral da fé protestante, jaz elle com outros que deram a vida pelo seu paiz.

A inundação por meio da qual uma consideravel area do nordeste de Dixmude se ia tornar impraticavel para os allemães e que era destinada a deter-lhes o avanço com tanta efficacia como o fogo da artilharia estava concluida no dia 18 de novembro.

N'essa phase—o começo definitivo das operações de entrincheiramento, que iam caracterisar os mezes de inverno—póde seguir-se n'um mappa a linha dos exercitos contrarios na fronte occidental. Ao norte, a linha franco-britannica começava na costa belga em Nieuport e St. Georges que essas tropas occupavam. Ahi, o Yser corre para o mar e para o sul, e em Dixmude (que é dividida pelo rio e estava entre os exercitos contendores) formava a divisoria entre as linhas oppostas e cobria o unico recanto da Belgica que permanecia livre da occupação allemã.

Esse sector da linha era defendido pelo exercito belga.

De Dixmude a linha continuava para sul e sudeste n'um traçado muito irregular, marcando Ypres, ainda em mãos inglezas, uma das mais accentuadas saliencias d'essa irregularidade. De Armentières seguia n'uma curva inclinada para oeste para Béthune, na direcção opposta a La Bassée, onde a fronte ingleza terminava.

D'ahi, a longa linha até á fronteira suissa era exclusivamente franceza. Corria a principio quasi para o sul, passando Arras e La Boiselle (em mãos francezas), começando a sua curva para leste em Quesnoy. D'aqui atravessava o Oise, entre Noyon e Compiègne (mais proximo da primeira), onde os allemães estiveram mais perto de Paris, e dirigia-se para Soissons, seguindo o Aisne até Berry-au-Bac. Curvava-se para sudeste depois de passar Reims e seguia a leste pela floresta da Argonne para o Mosa.

Aqui, ha uma alta curva em redor da fortaleza de Verdun, que termina n'uma saliencia allemã em St. Mihiel. D'esse ponto, a linha corria para a fronteira lorena por Pont-á-Mousson e seguindo a fronteira, pelo desfiladeiro de Bonhomme, ao sul de St. Dié, entrava em paiz inimigo, restituindo parte do territorio allemão da Alsacia á França. A longa linha de 560 kilometros terminava na fronteira suissa, abaixo de Alkirch.

A lucta diurna e nocturna, n'uma ou n'outra parte da linha, degenerando aqui ou alli em recontros importantes, de quando em quando fazia perder umas centenas de metros a um ou outro dos combatentes, mas, para falar com exactidão, ficou quasi como acabamos de dizer durante todo o inverno—estacionaria e invisivel, visto que era constituida por uma linha de soldados occultos na terra.

A 20 de novembro as tropas inglezas na região de Ypres eram rendidas por tropas francezas e as trincheiras que com tanta bravura e tanto custo haviam sido mantidas durante um mez passavam a ser guarnecidas por francezes. A substituição não era temporaria. A linha britannica era definitiva e consideravelmente encurtada, e as tropas francezas e inglezas que durante a lucta haviam estado misturadas, do que derivavam difficuldades para o abastecimento e para a unidade do commando, foram separadas. Ao mesmo tempo o exercito inglez era reforçado e reservas effectivas eram estabelecidas.

Os soldados inglezes tinham conquistado uma bella fama para o seu exercito, mas não podiam permanecer indefinidamente nas posições que com tanto valor haviam defendido, a não ser que essa defesa se transformasse n'uma vigorosa offensiva. Os dias de novembro foram utilisados para uma consolidação e uma concentração que eram em extremo necessarias.

Não eram só necessarias no interesse geral da campanha: havia de quando em quando indicações de que os allemães tentavam ainda abrir caminho para Calais. A 23 de novembro, proximo de Festubert, o inimigo, depois de trabalhos de sapa contra as posições inglezas e de as bombardear com morteiros de trincheiras, avançou e apoderou-se

d'algumas d'essas posições, sendo necessarios grandes esforços durante esse dia e a noite seguinte para o repellir.

Foi uma lucta difficil e custosa, assignalando-se pela matança feita pelos ghurkas com os seus «kukris» e pelo uso de granadas de mão pelas tropas inglezas.

A 1 de dezembro esperava-se um novo e violento ataque na região do Yser, porque no dia anterior grandes massas de tropas allemãs tinham passado n'aquella direcção e esse dia havia sido assignalado por um incessante bombardeamento da artilharia n'uma vasta fronte. Mas tal expectativa foi illudida. No dia seguinte o fogo da artilharia affrouxou e não houve ataque algum de infantaria. Reconhecimentos e relatorios enviados ao quartel general indicavam tambem, a esse tempo, que alguma da artilharia inimiga estava recuando, acompanhada pela sua cavallaria, com excepção d'uma divisão da Guarda.

Tal era a situação na fronte occidental — bombardeamento intermittente e ataques e contra-ataques por pequenas massas de tropas, com a consolidação das obras d'entrincheiramento d'ambos os lados—quando o rei Jorge sahiu de Inglaterra para visitar o seu exercito.

O kaiser durante a guerra andára viajando d'um para outro lado entre as frontes oriental e occidental, dirigindo elle proprio algumas vezes as operações; o czar havia visitado as suas tropas proximo da linha de combate; o rei da Belgica estivera sempre com os seus soldados no campo de batalha; o presidente da Republica Franceza visitára já por vezes a fronte. Tornava-se por isso necessario, embora rompendo um longo precedente,—Jorge II, que combateu em Dettingen, fôra o ultimo rei de Inglaterra que sahira do seu paiz para se dirigir ao theatro da guerra—que o rei Jorge fosse com os seus proprios olhos avaliar e vêr o que se passava na França e na Flandres e animar com a sua presença os seus leaes e enthusiasticos soldados.

O principe de Galles estava já no campo de batalha, trabalhando sem ostentação como official no quartel general, onde havia sido nomeado ajudante de campo de sir John French, e a sua presença e o modo como desempenhava a sua missão eram um estimulo para os seus camaradas. Mas a presença entre elles do rei não podia diminuir o orgulho com que os soldados da força expedicionaria receberiam a visita real e a satisfação que tal visita causaria aos alliados.

Como medida de precaução, não se tornou publica a sahida do rei. Soube-se apenas que elle tencionava fazer uma visita á França, mas só se tornou publica essa noticia quando elle já estava no quartel general do seu exercito. Jorge V sahiu do palacio de Buckingham no dia 30 de novembro á tarde e atravessou o Canal de noite, n'um navio de guerra. Seguiu sem pompa, como um soldado em serviço activo, com o seu uniforme de kaki, desembarcando na manhã seguinte, sem ostentação, na costa franceza, onde o esperava o principe de Galles.

A visita prolongou-se por uma semana, não tendo Jorge V quasi um minuto de descanço durante esse tempo. Tinha ido vêr os seus homens e o trabalho por elles executado e o seu desejo de ser informado de tudo e de tudo inspeccionar parecia quasi insaciavel. Começou por visitar os hospitaes e tres dias foram destinados a passar em revista os diversos corpos de exercito que formavam a força expedicionaria.

Embora sem pompa, essa inspecção era uma marcha triumphal, porque a população das cidades e das povoações proximas sahia ao encontro do visitante e acclamava-o com tanto enthusiasmo e affeição como os seus proprios soldados.

Para dar uma nota mais impressionante ainda, essa visita era passada ao som do troar dos canhões e vendo as granadas explodir aqui e alli. D'um outeiro onde parou e n'um momento em que a atmosphera estava limpida, o rei viu erguer-se o

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 1834 — 6.º Anno — Direcção e propriedade de Manoel Guimarães — Editor — Camillo Souza — Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA — Domingo, 12 de Setembro de 1915

Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL — Composição — Rua do Norte, 5, 1.º — Officinas de Impressão — 71, Rua da Rosa, 71

Preço 1 centavo

ATRAVEZ DO ALGARVE

Monchique, a maravilhosa

A serra, com as suas mattas, é das mais bellas do paiz

PRAIA DA ROCHA, 10. — Deixamos as Caldas magoados, entristecidos, indignados. Como póde permittir-se, perguntavamos uns aos outros, que semelhante fonte d'oiro esteja para ali abandonada, entregue pelo Estado a alguem que só cuida d'ella para a devastar, para a damnificar, para d'ella afastar o turista rico e gastador? Como admittir-se que a Republica sanccione, resignada, uma immoralidade praticada pela monarchia, com prejuizo dos seus interesses e com manifesta lesão dos interesses de quantos, necessitando das aguas de Monchique, não podem nem devem ir tomal-as, por ser tudo ali sujo, mau e carissimo? Para estas perguntas nenhum de nós achou, desde logo, resposta cabal, clara, elucidativa. O sr. Bentes Castello Branco, que nutre pelo regimen uma intensa simpathia... negativa, tem com certeza, e apesar d'isso, lampada accesa em Meca para poder continuar a fazer, nas suas thermas, o que faz...

E' domingo — uma deliciosa tarde de domingo, egual áquellas que nos seus livros o grande Eça cantou. Trepamos de novo para os automoveis. Os banhistas veem assistir á partida. E' tudo gente do povo, mulheres, principalmente, e, na sua maioria, mulheres velhas. Mas ha excepções. Duas pelo menos. Essas, porém, bastaram para fazer esquecer toda a fealdade que os homens teem semeado pelo paraizo adoravel de Monchique. Descendem, com certeza, em linha recta, d'alguma tribu de moiros que nos tempos idos viveram pela Serra. Raras vezes tenho visto olhos mais profundamente negros. E moreno mais quente, mais illuminado, mais fulvo, nunca palpitou junto de mim para me encantar com a sua translucida belleza. Fixo, embevecido, as duas raparigas, que nos espreitam confusas por debaixo do grande alpendre do lenço preto, puxado para deante. Pequeninas, harmoniosas, flexiveis, fazem lembrar certas figuras d'album, reproduzindo typos de mulheres arabes. O primeiro arranco do automovel fal-as arredar para longe. Digo-lhes adeus com a solemnidade de quem se despede d'uma coisa que muito estima. Ellas correspondem, sorrindo.

— São lindas, não é verdade? — diz-me a pessoa que se senta a meu lado.

— Como os amores... moiros! — respondo-lhe, rindo.

Embicamos para a serra. Das termas para cima é que Monchique principia a deslumbrar. A estrada curveteia cada vez mais, deixando um troço despido de vegetação para entrar n'outro orlado de castanheiros. Estamos já a uma altitude respeitavel. Quinhentos ou seiscentos metros, pelo menos. O ar purissimo infiltra-se-nos pelos pulmões, deixando á sua passagem uma sensação estranha, parecida com a que nos dá o vacuo. O horisonte alarga-se cada vez mais. Portimão, ao longe, não é senão um ponto claro, que a alvura da casaria se esforça por tornar bem visivel. Ferragudo, na sua pequenez de aldeiasita sem pretenções, mal se descortina, recostada na encosta, á beira do rio azul celeste. O mar é um grande anel movediço, que parece approximar-se cada vez mais, como se ameaçasse estrangular a terra, devorando-a...

A resteva alta relue sob o sol que a doira. O que será a Serra quando o arbusto esbelto, n'esse maio dos aromas e das flores, se toucar de branco? Grandes soutos de castanheiros ali nascem e crescem d'um e d'outro lado da estrada. Em baixo, os monticulos schistosos mais adelgaçam as suas formas conicas, quasi regulares. O auto galga velozmente pela ladeira fóra. A Foia, lá em cima, ergue aqui e alem, para o espaço côr d'anil, cabeleiras densas de pinho novo. Monchique surge-nos na encosta, cercada d'arvoredo. A seus pés ha ribeiras ressumando frescura, pelas quaes se cultiva o milho e se dão excellentemente todas as culturas. As ruas da villa estão cheias de gente. Dir-se-hia ter havido festa no povoado.

Detemo-nos, por instantes, a contemplar esta gente que tem a ventura de viver mais perto das nuvens que da outra gente sua semelhante. A mulher é, em geral, formosa e meudinha, com grandes olhos luminosos, sadia e bem proporcionada, assemelha-se em tudo áquellas maravilhosas princesinhas arabes que encontrei nas Caldas e que só por engano podiam ter nascido nas montanhas do Algarve vinte seculos depois de Christo. O homem é alto, forte e espadaudo. Os trajes são incaracteristicos. As mesmas blusas, as mesmas saias á moda. As mesmas jaquetas, as mesmas calças afiambradas e os mesmos chapeus de abas enormes que são tanto do gosto do nosso trabalhador rural.

A villa fica-nos já na retaguarda. O mar perdemol-o de vista. Agora, a estrada, subindo sempre, só nos dá a paisagem da montanha. A' direita, cortam-se-nos, quasi a pique, abismos fundos e continuos. O castanheiro, que n'este chão fertil das grandes altitudes vive como em sua casa, é cada vez mais robusto, mais forte, mais imponente. Os ouriços verde-negros quasi roçam pela capota do automovel em certos pontos mais arborisados do caminho.

Avançamos frente ao Alemtejo. Aqui e além, australias magnificas crescem triumphantes, resistindo victoriosas, com o tronco hirto e quasi perpendicular, aos vendavaes que as fustigam. Chegamos ao termo da viagem. Para o nascente, a estrada continúa em direcção a Saboya, onde ninguem sabe quando chegará. Para o poente fica-nos a Foia, cujo pincaro mais elevado irrompe da immensa cordilheira a cerca de mil metros de altitude. Retrocedemos. A tarde vae alta, e a luz amortecida de um sol que caminha para o ocaso dá agora aos arvoredos um aspecto mais suave, mais candido e mais doce. Tornamos a ver o mar, passamos de novo pelas caldas que o Estado alienou por noventa e nove annos e cahimos outra vez em plena planura. Mais meia hora de caminho e a Rocha pulverulenta, a Rocha do sr. Padua Franco, recolhe-nos, abriga-nos e alimenta-nos. Mas ao apearmo-nos do auto que o sr. dr. Cortes com tanta pericia guiara para nosso goso, não podemos furtar-nos á tentação de inquirir uns dos outros o que será a Serra de Monchique no dia em que, transformadas as suas thermas em uma estação thermal modelar, portuguezes e estrangeiros a demandem em busca de saude e repouso. Será a maravilha das maravilhas. E' que, das regiões montanhosas de Portugal, Monchique é, certamente, uma das que mais captivam aquelles que a visitam.

... Mas, por quem são; ponham d'ali a andar, quanto antes, o sr. Bentes. De contrario, ninguem pode affirmar que a propria serra se salvará...

Adelino Mendes

Poeira da Arcada

A educação das ultimas gerações tem sido feita com sentimentos indecisos, molles e frageis e com um excessivo abuso de ideias abstractas e gongoricas. Somos creaturas fluctuantes, sem musculo, sem nervo e portanto sem caracter. Na hora que passa divagamos ou sonhamos, como os arabes do deserto. Não nos acomodamos a pequenas tarefas, mas sim a largas aventuras. D'aqui o sem numero de quedas que assignalam a nossa existencia.

* * *

Oremos que a politica de palavras chega ao seu termo. Temos de iniciar a de realidades, de conquistas praticas. Não chegaremos á India, mas com certeza estabeleceremos entre nós e o nosso solo um sistema de relações propicio á formação da riqueza e á ruina dos morcegos.

* * *

Para experimentar um homem, basta uma simples dôr de dentes. Quem muito se lastima e grita denuncia logo uma grande incerteza no seu destino. Os fortes teem tal confiança em si proprios que, mesmo no soffrimento, determinam sem uma hesitação a marcha do seu resgate. A elles se deve a belleza da moral do sacrificio.

* * *

Quando dois amigos se encontram, communicam um ao outro a historia dos seus triumphos e dos seus reveses. Terminados os desabafos, cada qual segue o seu caminho. As reflexões que depois fizerem é que tornam a amizade uma alliança para a vida e para a morte ou a ante-camara de uma traição.

* * *

Continúa a faltar o peixe meudo. Mais um gravame na crise das subsistencias. Quando terminar a guerra, Portugal reatará ligações mais estreitas com a sardinha e o carapau. Os revisteiros salgarão o acontecimento.

Pelo telegrapho

Os submarinos allemães nas costas da Criméa

PETROGRADO, 11. — Official. — No dia 10 do corrente avançámos na região de Carnopol, pondo em fuga o inimigo, ao qual fizemos prisioneiros 30 officiaes e 2:500 soldados e tomámos 16 metralhadoras. No Sereth inferior desenvolvemos com felicidade a nossa marcha para a frente, apoderando-nos de Eluste e capturando ali 15 officiaes e 900 soldados.

Os submarinos inimigos foram vistos na costa da Criméa.

Apesar do desmentido allemão, mantemos os nossos successos em Ternopol e Trembovla. — (*Havas*).

A lucta no theatro occidental

PARIS, 11. — Communicação official das 23 horas:

Continúa sendo grande a actividade da artilharia na linha de Artois e ao sul do Somme nos arredores de Roye. No canal do Aisne, Marne, o inimigo tentou por duas vezes um golpe de mão contra os nossos postos avançados proximo de Sapigneul, mas não o conseguiu. Em Argonne houve lucta de bombas e granadas e canhoneio reciproco no bosque de Mortmart e na Lorena na linha de Loutre e Vezouse. — (*Havas*).

As operações italianas contra os austriacos

ROMA, 11. — Official. — Ha noticia de pequenos successos de reconhecimentos italianos em varios pontos. Em Monte Maronia e em Monte Piana repellimos varios ataques. No sector de Tolmino os italianos tomaram varios entrincheiramentos que as granadas de gazes asphixiantes e os liquidos inflamaveis os obrigaram a evacuar em seguida. — (*Havas*).

O mysterio da estrada de Cintra

Um lamentavel simptoma do desleixo official

O misterio, porque não?

Misterio é, com effeito, o inexplicavel abandono a que foi votada uma das nossas estradas que o turismo mais frequenta, precisamente a unica que liga, de uma forma directa, a cidade de Lisboa com o *glorious Eden* de lord Byron. Ninguem sabe a que possa attribuir esse abandono, que a incuria dos competentes estações officiaes é já insufficiente para esclarecer.

A estrada de Cintra, que em grande parte do seu percurso deixou mesmo de merecer a designação de estrada, parece ter sido objecto de um firme proposito destruidor. Pelo menos, na actual guerra europeia, os russos não terão por certo inutilisado mais efficazmente as vias de communicação no intuito de prejudicar e difficultar o serviço de transportes do exercito invasor.

Mas queira o leitor dar-se ao incommodo de nos acompanhar n'uma curta digressão a Cintra e verifiquemos, passo a passo, o lamentavel estado em que se encontra o *macadam*. Um automovel vulgar, tomado ao acaso na praça publica, encarregar-se-ha de nos fazer percorrer a *via dolorosa*. E' um 15 H. P., capaz de fazer, sem difficuldade de maior, uma media de 40 kilometros á hora. O trajecto, que é de 28 kilometros, pode pois — theoricamente — ser coberto em menos de tres quartos de hora.

Vamos, porém, á pratica.

Logo ao sahirmos as portas de Bemfica, onde a guarda fiscal nos faz parar a fim de inquirir o nome do proprietario do automovel e das pessoas que n'elle viajam (perfeita inutilidade com que só conseguem fazer-nos perder tempo), o leito da estrada começa a manifestar inequivocos simptomas de uma doença cutanea, qualquer coisa que poderiamos chamar a *lepra do macadam*, molestia de conhecida ethiologia e não menos conhecida therapeutica. Os incommodos solavancos, apesar de, prudentemente, marcharmos em terceira ou mesmo segunda velocidade, prolongam-se até á rampa da Amadora. Ha muito tempo que ao lado direito da estrada se enfileiram montes de brita, como que para denunciar umas vagas intenções de reparação. Mas como esta se não faz, a presença da pedra britada apenas serve para reduzir consideravelmente a faixa de rodagem, de forma que, na extensão approximada de um a dois kilometros, só com inauditas difficuldades se podem cruzar dois carros. Isto dura não sabemos ha quanto tempo; podemos comtudo assegurar que a brita já vae creando musgo.

Passamos a Amadora que, com a sua phisionomia alegre de povoação nova, consegue apagar-nos do espirito a desagradavel impressão de ha pouco. Agora descemos para o Valle de Carenque, com um pouscochinho mais de velocidade, ainda com a esperança de que o peor estará passado. *A lepra* continúa no entanto a manifestar-se, e a velhice do pavimento, com o seu inevitavel cortejo de regos, dá-nos a impressão de que viajemos por uma via romana. Passa-se Queluz, sobe-se laboriosamente a Massamá, rola-se sobre o cascalho solto da rampa do Cacem e chega-se, atravez de mil aventuras e incidentes, á recta da Ribeira do Papel. Aqui, respiramos. Ha dois kilometros impeccaveis, que nos fazem, por momentos, saborear a illusão de rolar em terra civilisada!

Mas é cedo para cantar victoria. Do Alto do Cacem em deante, o desanimo invade-nos de novo. Além de Rio de Mouro começamos a dançar, dentro do automovel, uma dança infernal, inverosimil, ridicula. Dir-se-hia que atravessamos a zona das operações de guerra na frente occidental, tão grande é o numero de verdadeiras trincheiras de abrigo que o carro é obrigado a transpôr para se approximar, com a velocidade de uma junta de bois, do macisso montanhoso que se ergue em nossa frente, coroado pelo admiravel Castello da Pena.

Esta parte do trajecto desafia qualquer descripção, por mais realista que seja. As molas gemem dolorosamente, o «chauffeur», de paciencia perdida, lamenta-se e praguejа, e o forasteiro, no seu fôro intimo, cem vezes se arrepende de ter vindo e cem vezes toma a firme resolução de não voltar. Ao chegarmos a Cintra, consultamos o relogio e vemos então que precisámos de uma hora e um quarto para, na melhor das hipotheses, realisarmos esta africa.

Anda por ahi a falar-se agora muito de turismo. Cintra é, nos arredores de Lisboa, um ponto de visita obrigado para viajantes. Mas pelo rapido exame que acabamos de fazer comprehende-se bem que não se pode esperar grande enthusiasmo d'aquelles a quem a tradicção, por um lado, o pomposo reclamo feito, por outro, á nossa paisagem e ao nosso céu azul, arrastem um dia a um passeio de automovel até Cintra. Ha em Lisboa uma *sociedade* que, *parece*, *foi* constituida para intervir n'estes assumptos junto dos poderes publicos. Ultimamente, porém, ao que nos dizem, a sua actividade tem sido singularmente absorvida pela distribuição de taboletas de varias côres recommendando hoteis de varias classes.

«Historia Illustrada da Grande Guerra»

Dividido em volumes, cada um dos quaes com cerca de 200 paginas, de modo a formar um livro portatil, economico, elegante e de facil encadernação, o folhetim que vimos publicando *Historia Illustrada da Grande Guerra* tem alcançado grande exito.

O primeiro volume abrange desde março a 15 de abril, tendo 184 paginas, o segundo de 16 de abril a 3 de junho, com 188, o terceiro de 4 de junho a 20 de julho, egualmente com 188 paginas, e o quarto de 21 de julho a 5 de setembro, com 180 paginas, sendo todos os volumes profusamente illustrados. Na administração d'*A Capital* são immediatamente satisfeitos todos os pedidos, quer da collecção completa, quer de qualquer numero de exemplares do jornal, que venham acompanhados das respectivas importancias.

A espionagem allemã na Hollanda

Haya, 8 de setembro

Noticia o jornal hollandez *Avond Post* a offerta de um premio de 3:000 florins a quem descobrir os postos clandestinos de telegraphia sem fios de que, affirma-se, se utilisam os belligerantes na Hollanda. Diz-se que um d'elles funccionava de noite na chaminé d'uma antiga fabrica de assucar.

«Cumpre, accrescenta o jornal, logo á primeira suspeita prevenir a policia. Sabemos que ha alguns annos estabeleceu residencia em Haya um estrangeiro que dirigia varias emprezas industriaes estrangeiras; no centro da cidade ha um escriptorio onde estavam empregados, além de alguns rapazes de 16 a 18 annos seus compatriotas, dois officiaes superiores e um capitão, todos tres reformados, pertencendo um ao exercito hollandez, outro á marinha e outro ao exercito das Indias.

Em 1 de agosto de 1914 o tal estrangeiro foi para a Allemanha, servindo na cavallaria como commandante d'esquadrão, tendo sido agraciado com a Cruz de Ferro, embora não fosse ferido, e passado pouco tempo voltou para Haya, allegando que n'esta guerra não se podia continuar a empregar a cavallaria. Alguns mezes depois, um descuido seu fez com que se descobrisse que se correspondia regularmente com Berlim e com a chancellaria.

As consequencias foram vêrem-se os dois officiaes superiores obrigados a pedirem immediatamente a sua demissão, mas o escriptorio continúa a «funccionar» com o capitão e os rapazes allemães.

Outro caso: um sujeito allemão ou austriaco, não se sabe ao certo porque usa varios nomes, offereceu n'um hotel de Haya, em nome dos seus chefes, sommas importantes a uma pessoa conhecida em troca de indicações de qualquer allemão que na Hollanda ou na Inglaterra trabalhasse em prejuizo da Allemanha, ou de qualquer hollandez que fosse hostil aos allemães.

EM TORNO DA GUERRA

O que fizeram os belgas

Sensacionaes esclarecimentos sobre os heroismos do pequeno povo

Só agora se sabe ao certo o que fizeram na Belgica os que se oppuzeram ao primeiro embate dos barbaros. Liége, Antuerpia, o Yser foram tres étapes d'uma commovente epopeia. Conhecem-se as principaes phases d'estes combates pelos quaes um povo pequeno se tornou prodigiosamente grande perante a Historia; mas não se imaginava sequer com que elementos e por que meios esta gloria foi alcançada.

Acaba agora de ser publicado um livro que descreve «a campanha do exercito belga de 31 de julho de 1914 a 1 de janeiro de 1915, segundo documentos officiaes», que fixa os factos que se conservavam vagos e obscuros com uma notavel clareza. Nada de litteratura, nada de commentarios; apenas cifras e factos apresentados sob a forma sobria d'um relatorio ou de um auto de corpo de delicto. E, apesar d'isso, *o livro é commovedor*, evolando-se das suas paginas uma sincera impressão de grandeza, de sublimidade.

O effeito obtido pelo simples encadeamento das horas tragicas que resumiram a vida intensa de um povo inteiro é profundo, embora descriptas um anno depois. A simplicidade de tom d'aquelles documentos salienta admiravelmente o valor de actos que constituem bellas lições de heroismo para as gerações vindouras; vê-se ali em plena luz o pungente da realidade.

Ainda se não tinha sabido ao certo que forças poderia a Belgica surprehendida oppôr á invasão allemã; diziam uns que 125:000 homens, outros 150:000, havendo mesmo quem elevasse esse numero a 200:000. Agora os documentos officiaes dão a cifra exacta, dizendo que o exercito belga, tal qual fôra mobilisado em 31 de julho, se compunha de 93:000 d'infanteria e 6:000 de cavallaria, com 102 metralhadoras e 324 boccas de fogo.

Não chegaram pois a 100:000 homens os que se oppuzeram á violenta irrupção das legiões imperiaes; a famosa 3.ª divisão que permittiu a defesa de Liége, fazendo frente a 125:000 allemães durante cinco dias, contava apenas 18:500 infantes, 500 cavalleiros, 60 canhões e 24 metralhadoras. E apesar d'esta inferioridade de forças, os allemães perderam 42:000 homens em frente de Liége!

Em que dia cahiu a cidade em poder dos allemães? Chegaram junto d'ella no dia 6 d'agosto, quando a 3.ª divisão se reuniu ao exercito de campanha, mas os fortes mantiveram-se ainda durante dias e dias, canhoneando as tropas imperiaes que passavam ao seu alcance; e foi preciso que o inimigo os demolisse um a um, com projecteis de 280, de 420 e de 305.

A 6 de agosto encerrava-se o general Leman no forte de Loncin que ainda a 15 canhoneava os allemães; foi n'esse dia que um projectil de 420 fez explodir o paiol das munições e o forte foi pelos ares. E' conhecido como o general Leman, desmaiado, cahiu nas mãos do inimigo que o levou para a Allemanha; d'ali dirigiu ao rei Alberto o seu admiravel relatorio que constitue uma das mais bellas paginas escriptas por um soldado, e onde se leem estes periodos: «Tenho a certeza que sustentei a honra das nossas armas. Não entreguei a fortaleza nem os fortes... De boa vontade teria dado a minha vida para melhor servir o meu paiz, mas a morte não me quiz.»

Deram-se em Liége episodios extraordinarios que mais parecem tirados da historia anecdotica das campanhas d'outr'ora, e que se julgaria impossiveis na guerra moderna.

Tal é o caso d'aquella força de 300 homens que não tinha recebido ordem para retirar, e embora soubesse que a 3.ª divisão se reunira já ao exercito de campanha em 6 de agosto, se manteve até 13 entrincheirada ao norte d'Embourg. Isolada, cortadas as communicações com o exercito, continuou defendendo teimosamente contra a onda allemã os valles do Vesdre e do Ourthe, e fazendo prisioneiros.

Foi só quando ia ficar completamente cercada, a 18 de agosto, que a força pensou em retirar, conseguindo escapar-se de maneira verdadeiramente milagrosa. Aquelles homens que durante dez dias se tinham batido sem treguas fizeram uma marcha de 23 horas por caminhos desviados, tendo chegado 602 a Namur, conduzindo os prisioneiros allemães!

Como cahiu Namur em poder dos allemães?

Talvez seja este o facto da campanha da Belgica em que menos se tem falado; apenas se disse que, atacada em 21 de agosto, os allemães se apossaram d'ella em 24, e todos se admiraram da sua fraca resistencia. Foi uma injustiça. Guardadas as devidas proporções, o esforço de Namur não foi menos heroico do que o de Liége, embora os documentos publicados mostrem que toda a resistencia seria inutil. A praça de Namur foi litteralmente esmagada por avalanches de projecteis de inesperada potencia. Em vez de atacarem em massas compactas, como fizeram em Liége, os allemães utilisaram a sua infanteria sómente para repellir as sortidas da guarnição, que era composta pela 4.ª divisão belga e tres batalhões francezes.

Toda a acção allemã se reduziu a fogos d'artilharia pesada; morteiros de 280 e 305. O canhoneio estendeu-se até ao campo entrincheirado d'Antuerpia; os fortes de Andoy, de Maizeret, de Marchovelette, de Cognelée, e de Dave eram attingidos por projecteis que cahiam de trinta em trinta segundos. Sobre o forte de Maizeret cahiram 2:000 obuzes, e apesar d'isso os seus canhões não se calaram; a 23 d'agosto foi pelos ares o forte de Marchovelette, e os restantes estavam reduzidos a ruinas mas não cessaram o canhoneio para cobrirem a retirada dos 12:000 sobreviventes da guarnição que conseguiram chegar a França.

No dia 24 ás dezeseis horas, Namur cahia nas mãos dos allemães, mas no dia seguinte ainda o forte do Suarlée se não calara; foi esmagado por uma tromba de 1:300 obuzes...

Não é menos interessante a parte documentaria relativa ás operações do exercito de campanha em Antuerpia, principalmente á sortida que coincidiu com a batalha do Marne, obrigando os allemães a desviarem para o norte dois corpos d'exercito que iam em marcha para a França. Quanto ao cerco d'Antuerpia; propriamente, conhecem-se-lhe as differentes phases, e para que hoje se comprehenda facilmente a relativa rapidez da perda da praça basta lêr as seguintes linhas:

Como succedeu com a praça de Namur, a queda da fortaleza foi devida principalmente á inesperada potencia dos meios technicos empregados pelo assaltante.

As abobadas das fortificações, indestructiveis por peças de 21 centimetros, fenderam-se sob o choque do primeiro obuz de 42 centimetros que as attingia; ao choque do segundo desabavam.

Parece que a este facto se deve tambem juntar a influencia d'um serviço d'espionagem minuciosamente organisado; o fogo dos grandes canhões allemães sobre objectivos dispersos frequentes vezes apresentou a particularidade de começar por alguns tiros isolados precedendo com largo intervallo uma violenta rajada precisamente dirigida. Ainda na mesma ordem d'ideias deve apontar-se a frequencia com que os estados maiores eram canhoneados de grande distancia, por pouco visiveis que estivessem e por pouco tempo que se demorassem.

Alem d'isto, o facto de em muitas localidades certos belgas de fresca data, ou alguns filiados no commercio allemão se apressarem em pôr-se ao serviço do invasor tornou evidente a existencia de relações que nem a violação do territorio nem o cerco tinham interrompido, antes talvez tivessem desenvolvido e apertado.

A retirada do exercito belga atravez das Flandres foi movimentada porque havia a temer a todo o momento um ataque de flanco e era preciso atravessar cem kilometros para fazer a juncção com as tropas alliadas. Chegou-se mesmo a pensar em estabelecer uma nova linha ou no canal do Gand a Terneuzen, ou no canal de Schipdonck, mas como as tropas allemãs estavam em Lille, se do rei Alberto, se tal alvitre fosse seguido, corriam o risco de ficarem definitivamente separadas das dos alliados. Foi por isso que o soberano resolveu organisar a defesa sobre a linha do Yser, onde o exercito se estabeleceu a 15 de setembro, empenhando-se então a lucta suprema. De 17 a 31 d'outubro sustentavam o exercito belga e os fusileiros de marinha do almirante Ronarc'h terriveis combates em penosissimas condições.

Sobre uma linha de vinte kilometros tinham os allemães reunido quatrocentos canhões, abundantemente municiados, ao passo que a artilharia belga de algumas divisões não dispunha de mais

Folhetim d'A CAPITAL — 12-9-1915

OS DOIS POVOS

Um artigo d'um publicista allemão, publicado na imprensa do seu paiz e transcripto no «Heraldo de Madrid», apreciando as perspectivas d'uma futura grandeza hespanhola, inclue n'esse numero como a principal e a mais seductora a da famosa união iberica, que já deveria ser considerada um sonho ha muito tempo extincto.

Mesmo para os hespanhoes, mais preoccupados com o desenvolvimento da sua patria, a juncção das nações da peninsula já não é encarada como uma união, nas condições antigamente expostas, isto é, como devendo constituirem um imperio centralista, reeditando a formula politica de Filippo II. Esses exprimem a convicção de que tal approximação só poderia realisar-se n'um regimen federativo, em que os antigos Estados da peninsula readquirissem a sua caracteristica regional, com o gozo d'uma ampla autonomia. Mas o publicista allemão não attende a nada. Só vê a força, só considera presumiveis accordos entre potencias, em que se jogue a sorte dos povos segundo o designio dos poderosos, fazendo taboa raza dos seus mais essenciaes interesses e dos seus mais profundos sentimentos. Portugal caberia á Hespanha, — como uma presa. Nem mais, nem menos. A cultura germanica, recheiada de altas philosophias, chegou ao desideratum que o unico direito é a força bruta.

* * *

Portugal não será annexado violentamente á Hespanha. Não o será, porque a Allemanha não ha de vencer. Não o será porque, mesmo que ella vença, Portugal é um paiz que não abdica da sua independencia, e os unicos povos que eternamente ficam subjugados são os povos resignados. Não o será porque a propria Hespanha não o poderia querer. Portugal, annexado violentamente á nação visinha, tornar-se-hia para ella um peso incomportavel de preoccupações incessantes, e a Hespanha sabe ainda que a Allemanha, victoriosa, não conheceria limites nas suas ambições.

E' esse o estygma do imperialismo. Logo no principio da guerra, revistas illustradas allemãs publicavam suggestivos desenhos, em que se figurava um gigantesco fulano arrastando pelos cabellos uma mulher desfallecida. Era a França? Era a Inglaterra? Não. Era a Europa. A Allemanha sonhou subjugar a Europa inteira.

Não seria a Hespanha que deteria o carro triumphal de Guilherme, e tanto menos lhe poderia resistir quanto tivesse em seus flancos uma chaga de iniquidade a corroel-a. Portugal e Hespanha, ambos livres, ambos independentes, defenderiam melhor a sua liberdade de que a famosa união iberica.

Quando, no seculo XVIII, — permittam-me esta divagação historica, — a Polonia se insurgiu contra o jugo da Russia, a sua valorosa aristocracia cahiu ceifada nos campos de batalha pelo formidavel gladio moscovita. Viu-se então este espectaculo estranho. Luctavam os nobres, com epica resolução; mas a plebe das cidades, os servos da gleba, não luctavam. Porquê? Porque esses nobres senhores polacos, que não queriam soffrer o dominio da Russia, tratavam os trabalhadores dos campos como escravos. Era com o auxilio d'esses escravos que elles queriam conquistar a liberdade da sua patria. A servidão engendra o odio, os servos são os inimigos. A Russia bateu os fidalgos polacos. O povo deixou-os morrer.

Outra situação não seria a da Hespanha, luctando pela sua independencia depois de haver arrancado a independencia a outro povo. Os attentados á liberdade pagam-se sempre caros. O despotismo é suicida. Uma das razões por que Portugal mais facilmente poude sacudir em 1640 o jugo hespanhol foi porque a Hespanha tinha que luctar contra uma rebellião interna: a da Catalunha.

* * *

Se a união iberica não é possivel, nem a Hespanha a póde razoavelmente querer, uma ligação de mutuo accordo, como aquella em que se concretisa agora o velho sonho da unidade da peninsula, tambem não possue reaes condições de viabilidade. A verdade é que entre os dois povos existem grandes desemelhanças de caracter. O hespanhol é inveteradamente tradicionalista, o portuguez é essencialmente assimilador. Um ama a pompa, o ruido, as sensações fortes da paixão e da lucta; o outro compraz-se mais na modestia das suas aspirações, nos prazeres simples e nas virtudes singelas do trabalho e do sacrificio. Não se ligam estes temperamentos diversos, que não permittem a cohesão d'uma obra collectiva nacional. Fez-se a unidade italiana com os elementos d'uma mesma raça, e essa unidade é indissoluvel, porque foi o fructo d'uma vontade unanime. Já se não pode dizer o mesmo da unidade allemã, alcançada no deslumbramento d'uma victoria, e que porventura a provista derrota do imperio em breve desfará. Não se comprehendem estas reuniões de povos senão com essa identidade de caracter, com as mesmas condições ethnicas, com identico espirito e commum ideal. Tudo o mais são artificios, que o genio politico pode inventar, que a força armada pode realisar, mas transitoriamente. Napoleão talhou reinos; com dois traços de pena creou Estados. Tinha por si o maior poderio militar da epoca, tão grande que se diria inabalavel. Foi um sonho que passou. Napoleão cahiu, e os seus reinos desfizeram-se como bolas de sabão.

* * *

Para que Portugal entrasse n'um regimen federativo da peninsula, as velhas provincias da Hespanha, a maior parte das quaes foram outr'ora reinos com existencia propria, lograriam uma autonomia identica. Quem nos diz que n'essas regiões conformadas com a supremacia de Castella, não renasceriam, por tal facto, velhos fermentos de independencia? N'esse caso, a grande obra da unidade da peninsula, a creação d'um só Estado, daria o contraproducente effeito d'uma desaggregação. Ter-se-hia andado durante seculos á procura d'uma formula para engrandecer a Hespanha e chegar-se-hia ao resultado de a diminuir e enfraquecer.

Assim, nem a força bruta, nem a habilidade politica podem, na realidade, levar a uma integração de Portugal na Hespanha. Nem ella é necessaria para o engrandecimento da peninsula. Os povos unem-se por interesses de raça, por communhão de ideal, sem que para isso seja necessario sacrificar a independencia de qualquer d'elles. A prova é bem clara n'este momento. Uniram-se as principaes nações da raça latina, para travar o passo ás ambições dominadoras da raça germanica; uniram-se as grandes nações livres e progressivas para impedir o triumpho do imperialismo que essa raça concretisa; uniram-se por interesses poderosos paizes tão dissemelhantes no seu regimen politico como a França e a Russia para salvaguardarem do predominio d'essa raça esses seus vitaes interesses. E luctam todos esses Estados com a mesma intrepidez, a mesma lealdade, a mesma consciencia do grande fim proposto. Nenhum d'elles está integrado n'outro. São independentes. Isso, porém, em nada invalida a sua resolução nem amesquinha o seu esforço.

São estas uniões as unicas que o espirito moderno consente. Só ellas são compativeis com o amor da liberdade que em todos os povos reside. Esse amor comprova-se na paixão ciosa da sua independencia, fortalece-se com a luz da sua consciencia; a sua altivez, o seu orgulho tornam-o invulneravel. Esse amor reside no peito de todos os portuguezes, e é gemeo d'aquelle que inspira o patriotismo hespanhol. Eis o verdadeiro ponto de contacto dos dois povos. A patria de Nun'Alvares e a patria do Cid só estarão verdadeiramente unidas para a guerra em que ambas se defendem, ou para os fecundos trabalhos da paz, em que ambas dedicadamente se empenham, emquanto estiverem differenciadas como nações. Hespanhoes e portuguezes realisaram identico e commum esforço contra os exercitos de Napoleão. Unidos, seriam inimigos. Estão desunidos. Parece um paradoxo, e é uma verdade de suprema logica.

MAYER GARÇÃO

de 80 a 100 tiros por peça. Foi então que a infanteria começou a empregar frequentes cargas de baioneta.

Humildes aldeias de nomes ainda hontem ignorados viram grandes feitos; Dixmude, onde os bravos fuzileiros da marinha se celebrisaram, viu desenrolar-se sobre as suas ruinas uma lucta de gigantes; proximo de Saint Georges cobriram-se de gloria os regimentos belgas 11, 12 e 14 de infanteria. Mas a onda allemã de hora para hora mais forte se ia tornando, e a 25 de outubro houve que recorrer ao ultimo meio de defeza das terras baixas da Flandres: a agua.

Na preamar abriram-se as comportas de Nieuport de maneira a limitar a extensão da inundação pela linha ferrea de Nieuport a Dixmude, que ficava sendo um dique e, ao mesmo tempo, uma linha de defeza.

Ficava assim cortado o caminho para Dunkerque e Calais pela fronteira belga, e ficava um pedaço de territorio belga inviolado que resumia para todo um povo a patria endolorida.

Das perdas, das famosas perdas que os belgas não contavam nunca porque, na sua resolução de proseguirem a lucta até ao fim, não queriam ceder ao sentimentalismo, pode falar-se agora que um novo exercito bem equipado, bem armado, mais forte do que nos primeiros dias da campanha, sustenta dignamente o seu logar no vasto conjuncto das forças alliadas.

Viu-se que, a quando da mobilisação, a 31 de julho de 1913, o exercito de campanha era formado por 93:000 homens de infanteria, 6:000 homens de cavallo e 324 canhões; d'estes, a 31 de outubro de 1914, após os sangrentos combates do Yser, dizem-o os documentos officiaes, havia apenas 32:000 infantes e 200 canhões estavam inutilisados.

Estes numeros não precisam commentarios; basta-lhes a sua eloquencia.

Cyclismo

Em virtude do mau tempo não se realisou hoje a corrida de 80 kilometros organisada pelo Sport Club Progresso, ficando transferida para quando se anunciar.

Distribuição de esmolas

Commemorando as melhoras do sr. dr. Affonso Costa, a junta de parochia da freguezia de S. Vicente distribuiu hoje pelas 11 horas, nas salas do Centro Escolar Dr. Alexandre Braga, um bodo a 80 pobres dos mais necessitados da freguezia.

A distribuição foi feita pelo presidente da junta, sr. Carlos José Vaz, auxiliado pelos seus collegas, recebendo cada pobre 10 centavos em dinheiro.

Liquidando velhas rixas

Dois homens em estado grave

Para liquidação de antigas rixas envolveram-se hoje em desordem, no logar de Telheiras, os trabalhadores Gaspar Domingos, de 44 annos, e Antonio Silva, de 32. O Gaspar deu entrada no hospital de S. José onde ficou em estado grave na enfermaria n.º 4, depois de operado do trepano pelo sr. dr. Azevedo Neves, e o Silva foi para a enfermaria provisoria do hospital do Desterro com doze ferimentos na cabeça, tambem em estado pouco satisfatorio.

PEQUENAS NOTICIAS

Em folheto foram agora publicados os artigos que appareceram no jornal O Paiz, sob o titulo de «A nova questão Hintons», que tão debatida na imprensa tem sido ultimamente.

REGIÕES DE TURISMO

O que pretende Miranda do Corvo?

Ser o entroncamento da linha de Thomar a Covilhã, diz o presidente do senado municipal

O turista que segue, pela primeira vez, a linha ferrea de Coimbra á Louzã, mal o comboio se detem na gare de Miranda do Corvo, sente-se aguilhoado pelo desejo de apear-se ali, para visitar aquella villa, cujos telhados vermelhos surgem, para lá da estação, sobranceiros ao massiço de verdura. Miranda é, incontestavelmente, o ponto d'essa adoravel linha que maior influencia exerce sobre o viajante. Para onde os seus olhos se voltem, repousam sempre na mais suggestiva expressão da Natureza. A propria gare é um jardim coquette e burguez, que parece sorrir amigavelmente, offerecendo a quem passa uma hospitalidade paradisiaca. O comboio fez ali uma paragem mais demorada, despejando uma enfiada de canastras de peixe, que o pessoal da estação apressadamente recolhe. O horisonte é immenso, apparecendo a vegetação n'um amphitheatro colossal.

Na volta da Louzã, apeamo-nos ali, tendo a fortuna de encontrar n'um estabelecimento visinho da estação o sr. Manoel Fernandes Cosme, presidente do senado municipal, n'aquelle ignorado paraiso.

Informado da nossa missão, a primeira auctoridade de Miranda não occulta a sua surpreza, vendo que alguem se preoccupa com as necessidades locaes.

—O que nos falta? Basta que diga o que temos, que não é nada, para que faça ideia do que nos é preciso, diz o sr. Fernandes Cosme. Os poderes publicos, pelo muito que teem que fazer, esqueceram-se de que nós existimos. As nossas aspirações não chegam a fazer-se ouvir das auctoridades districtaes, como poderiam ellas attrahir as attenções d'essa gente que, em Lisboa, manda para todo o paiz!

De vez em quando ouve-se falar em desenvolvimento de turismo, uma industria moderna, feito, ao que dizem, com um vicio antigo da humanidade; que esta região era magnifica para chamar aqui todas as pessoas que viajam por gosto; que essa concorrencia de nacionaes e de estrangeiros, á semelhança da Suissa, era para toda a gente a riqueza e prosperidade. Mas tudo isso fica nas folhas dos jornaes, sem o menor resultado. Nós continuamos sem estradas, sem albergues, sem os melhoramentos indispensaveis para tornar possivel essa corrente de visitantes. Temos o quadro, que é magnifico, faltam as personagens e, por muito excentricos que sejam os viajantes, não se contentam apenas com as arvores e as serras.

Com o feitio nacional eu não creio muito na efficacia do turismo. Para o desenvolvimento d'essa industria é preciso «adeantar» e o povo portuguez é demasiadamente previdente; gosta de jogar pelo seguro. D'ahi a difficuldade d'essa propaganda productiva e dos necessarios avanços que representam prejuizo immediato, se bem que lucros futuros.

Mas, entre nós, nem o mais urgente merece as attenções dos poderes publicos, quanto mais esses casos complicados, que o são incontestavelmente os que dizem respeito ao movimento de visitantes. Já se attendeu, porventura, ao desenvolvimento da rede ferro-viaria em Portugal, condição indispensavel para o progresso d'uma grande parte do paiz que vegeta, estiola, por falta de tracção acelerada?

Como se comprehende que um paiz procure attrahir estrangeiros se esse paiz não conseguiu ainda satisfazer as necessidades nacionaes? Não nos devemos esquecer que em Portugal ha regiões importantissimas, em que a lavoura e a industria procuram sahir do estado primitivo e que o não conseguem por falta de vias de communicação. Cuide-se, em primeiro logar, d'esse problema e, depois, facil será fazer circular, pelas suas mais encantadoras regiões, visitantes de dentro e de fóra.

Entretanto é preciso que nos convençamos que uma grande parte da prosperidade que este paiz deve attingir ha de provir necessariamente do augmento das linhas ferreas, pois creio que a riqueza d'uma nação se pode avaliar pelos seus caminhos de ferro.

Uma das principaes aspirações de Miranda, n'esse capitulo, é vir a ser o entroncamento da projectada linha de Thomar á Covilhã. Esse caminho de ferro corresponde a uma necessidade, que é bem evidente para todo aquelle que observa uma carta de Portugal. Por ella verá que uma região immensa, productiva, laboriosa, capaz de um desenvolvimento consideravel ainda, só é servida pelo caminho de ferro, no seu vastissimo perimetro. A linha ferrea do Entroncamento á Covilhã, com que nós vimos sonhando ha muitos annos, resolvia a questão, atravessando em diagonal, chamemos-lhe assim, essa immensa região portugueza.

Levaria muito longe se referisse todas as necessidades locaes. Era uma petição que jámais acabaria. Entretanto não deixarei de apontar como necessidade urgente a ligação da estrada municipal com Castanheira, por Tabua, que representaria um grande beneficio para este concelho.

O sr. Fernandes Cosme, como se nenhuma confiança tivesse nos resultados da iniciativa official, a favor d'aquella terra, encaminha-se para a estrada, levando-nos a contemplar o espectaculo admiravel da paisagem, que parece sorrir do nosso baldado esforço, convidando-nos a não perder tempo em inquirir opiniões ou ouvir projectos de grandeza regional, e a descançar, beatificamente á sombra amiga do seu arvoredo.

E quem sabe se as arvores não teem razão?...

ECHOS & NOTICIAS

INFORMAÇÕES—COMMUNICADOS

DUQUEZA DE PALMELLA

Conforme «A Capital» noticiou o illustre estatuario portuense Teixeira Lopes veiu a Lisboa entregar o busto da sr.ª Duqueza de Palmella, dando os derradeiros retoques no marmore no «atelier» do palacio da rua da Escola Polytechnica. A sr.ª marqueza do Fayal, filha da veneranda senhora, foi hontem, junto do artista, admirar aquelle trabalho, que não se destina, como disseram os jornaes, ao tumulo Palmella mas á residencia sumptuosa e artistica d'aquella titular.

O busto executado pelo insigne artista não é simplesmente a obra d'um estatuario illustre, o maior dos contemporaneos; é bem uma enternecida manifestação de saudade, que se immortalisa n'um bloco virginal de Carrara. Ficará exposto, segundo resolução da actual duqueza de Palmella, no «atelier» de sua mãe, acompanhado pelos trabalhos que a piedade filial consiga reunir. A officina artistica da saudosa titular ficará sendo, para os seus e para os admiradores dos seus intuitos e qualidades artisticas, o recanto sagrado do palacio da rua da Escola Polytechnica, devendo soffrer para isso os necessarios arranjos de decoração e illuminação electrica.

O sr. Teixeira Lopes, que conta demorar-se na capital até fins da semana, concluirá tambem os seus estudos na parte relativa ao sarcophago da sr.ª Duqueza de Palmella, que ficará installado na capella do jazigo de familia no cemiterio dos Prazeres.

A ESTREIA D'UM MAESTRO

No proximo domingo realisa-se no sumptuoso Salão de Festas dos Recreios Desportivos da Amadora um grande concerto symphonico, para apresentação do novel maestro Accacio Santos, que faz a sua estreia regendo uma orchestra composta de 70 professores. O programma musical é soberbo, e o novel maestro escolheu as peças que mais exito alcançaram nos concertos dados nos theatros de S. Carlos, Republica e Polytheama, e que vão constituir na Amadora um successo, pois é o primeiro concerto symphonico que se realisa n'esta localidade, com uma orchestra tão completa. A primeira e terceira parte do programma serão executadas pela orchestra, e a segunda parte será preenchida com numeros de canto por notaveis artistas e amadores.

Para este espectaculo elegante vão ser convidados a imprensa, maestros e criticos musicaes.

ESTATUARIOS

O joven esculptor Anjos Teixeira, vencedor do concurso para o monumento a Camões na cidade de Paris, que se propuzera a succeder ao mestre Simões na cadeira de estatuaria da Escola de Bellas Artes, actualmente em concurso, acaba de desistir das suas provas, sacrificando á actividade artistica o retiramento do seu «atelier» escolar. O concurso está, portanto, circumscripto a dois estatuarios, Costa Motta e Simões d'Almeida, este sobrinho do grande mestre.

A ninguem se afigura duvidoso que será o auctor da «Volta da Fonte do Guteiro» e do monumento a Affonso d'Albuquerque o futuro professor da nova geração de estatuarios.

PINHEIRO MACHADO

Eis o texto dos telegrammas expedidos pelo sr. Bernardino Machado, presidente eleito da Republica, a proposito do assassinio do notavel politico brazileiro:

«Ex.ma viuva Pinheiro Machado: Associando-nos commovidissimos á sua immensa dôr».

«Rio de Janeiro—Urbano dos Santos: Consternadissimo, apresento Senado profundas condolencias, enorme perda soffrida nossos paizes».

«Embaixada do Brazil: Sentidissimos pezames pela morte do illustre vice-presidente do Senado brazileiro, grande amigo de Portugal».

NOTAS MUNDANAS

Partiu para a Ericeira o sr. Antonio Batalha Reis, que ali foi visitar seus filhos, a illustre artista sr.ª D. Zoe Wantheler Batalha Reis e o sr. Alberto Batalha Reis.

Hindenburg de pau

E' de madeira a estatua do feld-marechal inaugurada em Berlim, que foi erigida na Praça Real, proximo do monumento de Bismark e da columna da Victoria, em commemoração das tres campanhas de 1864-1866, 1870-1871. Ao preço de um marco para cima são vendidos pregos de ferro, prata e ouro destinados a serem cravados na estatua, que assim ficará de metal; dois milhões de pregos bastarão para que a figura de pau se transforme em figura metalica.

O producto da venda destina-se ao fundo de soccorros para as viuvas e orphãos da guerra.

Do discurso proferido pelo chanceler do imperio na occasião da inauguração da estatua, uma das principaes phrases foi:

«Em face do nosso antigo monumento da Victoria erigimos esta estatua para transformar a gratidão do povo em affectividade pratica. E' preciso que a patria soccorra os que á patria se dedicaram. Esta obra de auxilio fazemol-a com o symbolo de Hindenburg, em quem se encarna o heroismo do nosso exercito.»

Avalia-se em 20:000 o numero de berlinenses que no primeiro dia cravaram o seu prego na estatua de Hindenburg.

ULTIMAS NOTICIAS

AINDA O "SANTA URSULA,,

O que se passou com esse navio

As razões que o seu commandante allegava para não sahir de Leixões

Rebatendo as falsidades mandadas do Porto para o jornal «A Nação» a proposito do «Santa Ursula», contámos hontem resumidamente o que se passou com a vinda d'esse navio para o Tejo. Accrescentaremos hoje novos pormenores, que mais confirmam o desmentido que démos ás affirmações insidiosas do germanophilo correspondente, que accumula, ao que parece, o seu odio á Inglaterra e á marinha portugueza com o exercicio de funcções sacerdotaes n'uma freguezia do Porto...

A razão da ordem dada ao «Santa Ursula» para recolher ao Tejo foi a que mencionámos hontem: a sua permanencia em Leixões difficultava a entrada de outros navios. Mas, fosse qual fosse a razão, o que cumpria ao commandante do «Santa Ursula» era sahir, a menos que se julgasse em paiz conquistado, porque o estacionamento dos navios estrangeiros é regulado em todos os paizes pelas capitanias dos portos. O official allemão não o entendeu assim, protextando que precisava d'uma garantia, dada por escripto, em que o governo portuguez lhe assegurasse que a viagem de Leixões ao Tejo seria feita sem risco algum. Essa garantia não podia ser dada e não se deu.

Seguiram então para Leixões o cruzador *Almirante Reis* e o destroyer *Guadiana*, encarregados de obrigarem o *Santa Ursula* a recolher ao Tejo. O sr. Sousa e Faro, commandante do cruzador, procedendo de harmonia com as instrucções recebidas do commandante da divisão naval, logo que chegou áquelle porto encarregou o 2.º tenente sr. Jayme de Sousa de se avistar com o commandante do *Santa Ursula* para lhe participar a ordem a cumprir. O sr. Jayme de Sousa metteu-se n'um escaler e, depois de ter estado na capitania, seguiu para bordo do navio allemão. O commandante não estava. Esperou. Quando elle appareceu, travou-se entre os dois um dialogo de que estas phrases dão uma ideia approximada:

—Venho communicar-lhe que este vapor tem de seguir, com toda a brevidade, para Lisboa.

—Tenho ordem do meu ministro para não sahir de Leixões. Não posso sahir.

—V. comprehende que nada tenho com a ordem a que allude.

—Foi-me dada por intermedio do consul do meu paiz no Porto. Melhor seria que o senhor se entendesse com elle.

—Não tenho que me entender com ninguem. Cumpre-me só executar a ordem que recebi. O «Santa Ursula» sahirá de Leixões para Lisboa.

—Não posso fazer a viagem porque não tenho fogueiros.

—De quantos precisa?

—De sete ou oito.

—Estarão aqui logo. Como o navio só pode levantar ferro 48 horas depois de principiar a accender as caldeiras sahiremos para Lisboa depois d'amanhã.

O sr. Jayme de Sousa voltou no escaler para bordo do «Almirante Reis», indo então para o «Santa Ursula» alguns fogueiros d'aquelle cruzador. As caldeiras foram accesas e o navio preparou-se para sahir. Como era indispensavel que a viagem se fizesse com certas precauções, o sr. Jayme de Sousa, acompanhado por dois guardas-marinhas, foi para bordo do «Santa Ursula», a fim de dirigir a sua navegação. Tambem se installaram no navio alguns signaleiros do «Almirante Reis», com as bandeiras e apitos, para poderem communicar com o «Guadiana» durante a viagem. Esta fez-se sem qualquer outro incidente até Lisbôa.

Só falta dizer que o commandante do «Santa Ursula», pouco tempo depois do sr. Jayme de Sousa se retirar d'esse navio, foi a bordo do «Almirante Reis» para apresentar um protesto contra o que elle chamava a violencia da ordem de marchar para Lisboa. O sr. Sousa e Faro não lh'o acceitou, mostrando que nada tinha que vêr com o seu protesto.

E ahi está o que se passou com o «Santa Ursula» e que bem demonstra que a energia é ainda um grande remedio para applicar a certos males. Oxalá ella se manifestasse com a mesma firme serenidade em tantos outros incidentes da nossa politica interna e externa! Se tal succedesse não veriamos agora, como estamos vendo, uma segunda edição de certas habilidades politicas a procurarem instigar um movimento parecido com o das espadas, nem o correspondente da *Nação* se permittiria falsear tão descaradamente a verdade...

A má fé da "Nação,,

O clero portuguez e o clero belga

Podem, porventura, comparar-se os seus soffrimentos?

Na sua primeira pagina, a *Nação* declara hoje que está cançada de ouvir chamar aos allemães os mais violentos qualificativos e escreve a proposito:

E' a mot d'ordre dos nossos dias, e não seremos nós quem tente desmentil-o, porque nem isso nos interessa para o caso.

Mas a *Nação*, que diz que «não ha aqui quem não esteja cançado de ouvir chamar aos allemães os mais violentos qualificativos», enche duas columnas de prosa destinada a demonstrar que os crimes dos republicanos portuguezes excedem em maldade, em infamia, em perversão os dos allemães e, tocando no ponto da perseguição ao clero, commenta-a d'este modo:

Os allemães perseguem os padres belgas, mortificando-os com maus tratos e prisões.

Seja, mas os republicanos portuguezes, depois de lhes quererem comprar a consciencia, perseguem-os tambem como se fossem bandidos, procurando obrigal-os pela fome ao perjurio das crenças ou ao desrespeito pelos seus superiores hierarchicos.

E quando nada conseguem, appellidam-nos de ... ou peior.

O orgão catholico-legitimista attenua demasiadamente as culpas dos allemães quando apenas admitte que elles mortificaram sacerdotes «com maus tratos e prisões».

Os allemães assassinaram barbaramente a fina-flor do clero belga. Segundo a commissão de inquerito, só na diocese de Malines foram assassinados estes ecclesiasticos:

De Clerck, Dergent, Goris, Lombaerts, Wouters, parochos; Carette, professor no collegio episcopal de Louvain; Dupierreux, da Companhia de Jesus; Vincent, conventual; os irmãos Sebastião e Allard, da Congregação dos Josephistas; o irmão Candido da Congregação dos irmãos da Misericordia!

A estes nomes, junta o cardeal Mercier o do padre Maximino, capuchinho.

Mais de dez testemunhas narram a morte do padre de Clerck, parocho de Buecken. Eis um resumo dos seus depoimentos:

«A 21 de agosto, o parocho de Buecken, reverendo de Clerck, foi preso pelos soldados allemães e accusado de haver disparado sobre elles, o que era absolutamente falso porque aquelle ecclesiastico estava enfermo e havia muito impossibilitado de trabalhar. O pobre doente foi collocado sobre um carrinho e em seguida arremessado a um fosso. Depois varios soldados agarraram-n'o, uns por um braço, outros por uma perna, e arrastaram-n'o assim pelo chão... Torturado por este modo e totalmente exhausto, o ancião disse que preferia morrer. Foi então fuzilado...»

Outra testemunha accrescenta:

«O parocho de Buecken estava de cama, soffrendo de diabetes. D'ali o levaram para o fuzilarem, com um padre conventual que exercia as funcções parochiaes. A este de nada lhe valeu o allegar que era hollandez. Mataram-n'o. Alguns camponezes indicaram o logar da sepultura. O parocho tinha as orelhas e o nariz cortados.»

Com toda a auctoridade propria do seu caracter e da sua sabedoria, o cardeal Mercier, cuja elevada superioridade mental e moral os proprios allemães reconhecem, affirmou:

«Sei que só na minha diocese treze padres e religiosos foram assassinados. Um d'elles, o parocho de Gerolde, morreu, segundo tudo leva a crer, como martyr. Fiz uma peregrinação ao seu tumulo e, rodeado das ovelhas que elle ainda hontem pascia com o zelo d'um apostolo, pedi-lhe que do céu velasse pela sua parochia, pela diocese e pela patria.»

O padre Vouters, de Pont-Brûlé, foi fuzilado porque queria impedir que um soldado allemão maltratasse um velho prisioneiro.

Na diocese de Liège foram assassinados mais de seis parochos. Um d'elles, o de Blegny, modelo de sacerdotes, condemnado á morte sob um futil pretexto, pediu que lhe permittissem celebrar missa pela ultima vez. Concederam-lh'o. Conduziram-no depois ao cemiterio e ali o fuzilaram.

Na diocese de Namur os padres e seminaristas victimados foram muito mais de vinte.

O parocho de Spontin foi alternativamente pendurado pelos pés e pelas mãos, depois furado á bayoneta e por fim fuzilado. Estava doente de cama. Não lhe permittiram sequer que se vestisse.

Ha pormenores revoltantes no assassinio d'estes ecclesiasticos, alguns dos quaes presos quando exerciam uma missão humanitaria!

Em tres semanas foram mortos quarenta e sete, cujos corpos se encontravam furados de ballas ou pelas baionetas, e com fracturas devidas ás coronhadas... Os allemães não contestam que os mataram após a batalha, a pretexto de os punirem. Seriam apenas quarenta e sete n'aquellas tres semanas? Ha razões para crer que foram mais. Dos padres que escaparam da morte mas soffreram ultrages e maus tratos não falaremos. Leia a *Nação* o volume de Augusto Mélot, deputado de Namur, intitulado *Le martyre du Clergé Belge*... E continue a ter a audacia de comparar as desventuras d'esse clero com o que succedeu ao nosso, que, aliás, estava e está longe de impor-se á consideração do mundo como o d'aquelle grande e desditoso paiz...

Club Naval de Lisboa

A regata de vela, organisada pelo Club Naval de Lisboa, decorre com o maior brilhantismo

Excedeu toda a espectativa a regata que o Club Naval promoveu hoje em frente a Pedrouços.

Era meio dia em ponto quando do Caes do Club largou o vapor *Trafaria* conduzindo os fiscaes de pista, imprensa, etc., tendo partido um pouco antes o magnifico yacht *Ilo*, de Henrique de Seixas, vice-comodoro do Club, conduzindo o juri, D. José de Noronha, Frederico Burnay, Jayme Athias, Carlos de Carvalho e Francisco Heredia, fundeando entre a praia de Pedrouços e de Algés.

O vento sopra de noroeste e promette uma bella regata, o que realmente succedeu, estando um tempo esplendido e proprio para regatas, parecendo que até a propria natureza favorece a obra grandiosa emprehendida pelo Club Naval de Lisboa e com tão brilhante exito levada a effeito.

A' 1 hora e um quarto, de bordo do «Ida» salva com 20 tiros, inicio da regata.

A' 1 hora e 20 minutos iça no mastro de proa o signal A do codigo, indicando a primeira corrida que é de yachts de 5 a 10 toneladas.

Faltam 5 minutos para a 1,30, e iça-se o signal P, e passados 5 minutos é dado o tiro de largada, sahindo os yachts «Estrella», «Mimoso» e «Mimi», não tendo passado a baliza o «Bobito», do Club Naval, ignorando-se o motivo da sua desistencia.

A chalupa «Estrella», de Sebastião Negrão, tripulada por este senhor e por Roberto Cabral, José Motta Junior e Francisco Amoedo, toma logo a dianteira e Augusto Salgado que vae ao leme e é o patrão que o governa mostra a sua pericia e conhecimentos nauticos, rondando a baliza da Trafaria e de Paço d'Arcos, sempre á frente, vindo a chegar em primeiro logar.

A segunda partida foi dada á canoa portugueza «Guida» de João Bissau, e ao internacional de 6 metros de Wittermantel, despertando grande interesse esta corrida, onde pela segunda vez a canoa tipo portuguez mostra a sua grande superioridade sobre o «Sine keil», que desistiu pouco depois de ter rondado a baliza da Trafaria, ganhando Bissau, depois de uma bonita corrida em que demonstrou não só a superioridade do seu barco sobre o do seu competidor, como tambem a sua sciencia na arte de marear em que é um mestre.

A terceira corrida é a dos «dentro boards», cujo triangulo é mais pequeno, pois não rondam a baliza de Paço d'Arcos que é substituida por uma ao meio do rio, em frente de Algés.

O effeito d'estes pequenos barcos, em conjuncto, é surprehendente.

A lucta é renhida, conseguindo chegar, em 1.º logar, o «Maria Luiza», propriedade de Neves Leal, seguido de perto por «Pierrot», de Almeida Negreiros, entrando em terceiro «Anil I», de Duarte Bello.

A quarta corrida, barcos de armação de espicha, para profissionaes, foi rijamente disputada, vencendo o «Surpreza», de Marques & Viegas», classificando-se em 2.º o «Curiosidades», de Nuno da Silva.

Segue-se a corrida de canoas do Seixal, para profissionaes.

Estes barcos que, pelas suas velas grandes e caracteristicas, são bem conhecidos, appareceram tripulados por verdadeiros «lobos do mar» que, arrostando com a impetuosidade do vento, conseguiram todos fazer uma boa corrida, chegando em primeiro logar o «Adelino Calito», de João Silva, e em 2.º logar a «Casimira», de Joaquim José. Estes dois entraram quasi a par, fazendo uma das mais bonitas corridas.

A sexta corrida de amadores, para barcos de armações diversas, foi muito bem ganha pela «Mary» propriedade de Carlos Esteves, sendo tripulada por Carlos Alves do Rio, que mais uma vez demonstrou a sua boa tactica e os seus conhecimentos de nautica.

Em segundo logar entrou o «Nancy» de Kolner e em terceiro a «Gavina» de Augusto Sotero Esteves.

A setima corrida pouco enthusiasmo despertou por ser só o «Nemo» de José Ricardo, que no entanto manobrou muito bem.

A oitava e ultima corrida foi a dos pequenos barcos, vulgarmente conhecidos por canoas do camarão, sendo interessante pela grande quantidade de barcos que correram e pela pequenez d'estes, alguns dos quaes se encheram de pano para melhor ganharem a corrida.

D'estes chegaram em 1.º o «Arreda», de Germano da Silva, e em 2.º o «Theodoro», de Augusto Theodoro.

Assim finalisou a melhor das regatas de vela a que temos assistido e em que a organisação confiada ao Club Naval de Lisboa mereceu as melhores referencias por todos aquelles que n'ella assistiram.

D. José de Noronha e Frederico Burnay, os principaes trabalhadores na organisação d'esta regata, devem estar contentes por vêr o seu esforço coroado do melhor exito.

A grande guerra

A lucta no theatro occidental

PARIS, 12. — Communicado official das 15 horas:

Ao norte de Arras, no sector de Neuville, lucta incessante á bomba e com granadas acompanhada de canhoneio reciproco. O bombardeamento foi mais violento ao sul do Somme, na região de Roye e ao norte do Aisne, entre Paissy e Craonnelle.

Uma nova tentativa do inimigo contra o nosso posto avançado de Sligneule foi, como as precedentes, completamente repellida.

Ao sul de Lenbrey a acção da nossa artilharia foi efficaz contra as posições, obras de fortificação e as formações inimigas. Uma tentativa de ataque allemão foi immediatamente detida pelos nossos tiros de barreira e pelos nossos fogos de infantaria.

Não houve nada digno de menção no resto da linha.

Hontem, os aviões inimigos lançaram algumas bombas em Compiègne. Os nossos aviões bombardearam efficazmente com granadas de grosso calibre os hangares de aviação allemães em La Brayelle. — (Havas).

A Allemanha e os Estados Unidos

NEW-YORK, 11.—O conde Bernstorff publicou uma nota em que declara que não utilisou Archibald como mensageiro.—(Havas).

WASHINGTON, 11.—A nova nota que hontem foi entregue ao embaixador dos Estados Unidos em Berlim diz respeito ao ataque ao navio *Orduna* e não ao *Arabia*. — (Havas).

A policia de Lisboa

e o pedido de demissão do sr. Camara Pestana

A proposito do pedido de demissão do sr. major Camara Pestana do cargo de commandante da policia de Lisboa, assim como da despedida que fez aos chefes seus subordinados, noticia que depois foi desmentida officialmente, publica hoje o *Jornal de Noticias*, do Porto, o seguinte, do seu correspondente na capital:

A direcção da Associação da Classe dos Trabalhadores de Imprensa vae occupar-se da recente nota officiosa ha dias inserta em quasi todos os jornaes diarios, desmentindo cathegoricamente que o ex-commandante da policia tivesse feito as suas despedidas aos chefes da referida corporação, quando é certo que esse acto se effectuou e que tal desmentido, como foi feito, representa, quando menos, um desprimor para com os redactores ou «reporters» que forneceram ás gazetas as noticias que deram origem á nota.

E a proposito d'esta questão de policia, que dia a dia se vae complicando, vem a pello dizer mais precisamente parte do que se passou quando da despedida do sr. major Camara Pestana, visto que algumas passagens do seu discurso não foram as que se lhe attribuiram, isto na parte em que elle se referiu á confiança n'elle depositada pelo governo do sr. dr. José de Castro.

No seu discurso o sr. commandante da policia declarou que se demittira por não dispôr da força moral necessaria para fazer respeitar a corporação, e disse que tendo protegido a presença de Paiva Couceiro em Lisboa cumprira determinações emanadas do governo Pimenta de Castro, e que após a revolução de maio recebera ordens no mesmo sentido do ministerio José de Castro.

Mais disse o sr. Camara Pestana que prevenia os chefes, como amigos, de que em breve se daria nova revolução talvez mais grave do que as de 5 de outubro e 14 de maio, accrescentando que não conhecia a data para tal movimento, mas que elle poderia estar imminente, por dias, ou mesmo por horas, entrando n'elle todos os partidos politicos.

Isto, que tenho como absolutamente verdadeiro, ouvido por mais de uma dezena de pessoas, rectifica o que disse relativamente a Pimenta de Castro quando devia referir-se a Paiva Couceiro.

Ainda com referencia á questão dos officiaes da policia diz-se que estes não abandonaram ainda o commando da corporação porque o ministerio do interior se recusa a passar-lhes guias para o ministerio da guerra, impedindo-os assim de regressarem ás unidades a que pertencem.

No boudoir

Conversando...

Ha mulher que sente a necessidade de dominar, de, a cada momento, reconhecer a influencia que exerce sobre o marido que a estima, que a ama ou que aos seus caprichos se submette por fraqueza ou por commodismo. Ama-se só a si propria; ama a sua belleza, o seu poder de seducção, e, a cada instante, não se importando com o socego espiritual, com a felicidade do marido, deseja verificar a sua força, o seu ascendente. Só pensa em si; não pensa no lar nem que este possa vir a soffrer, no seu equilibrio, qualquer grave alteração, occasionada precisamente pelos seus muito repetidos caprichos, pelas suas desrasoaveis atitudes.

Mulheres ha tambem que se sujeitam, sempre caladas, sempre resignadas e humildes, sempre martirisadas, ao auctoritario mando do marido, algumas vezes—se não sempre—exercido com bastante grosseria e brutalidade.

Estas ou amam muito os maridos—que não as mereciam, diga-se de passagem—ou teem almas de escravas.

Não se amam nada a si proprias, nem se respeitam convenientemente.

* * *

Quer seja homem, quer seja mulher, tanto a que domina grosseira e brutalmente, como o que consente em ser dominado, não procede como deve, porque se o primeiro desce e se aproxima dos seres inferiores, o ultimo abdica dos direitos e da altivez inerentes ao ser humano. No entanto, é bom acentuar que o papel do que domina e escravisa é tanto mais antipathico quanto é lamentavel o do que consente em ser dominado e escravisado. Aquelle mostra, claramente, que não conseguiu ainda aperfeiçoar-se sufficientemente para provar que, moralmente, é um ser superior, ao passo que este é forçado, bastas vezes, a deixar-se escravisar, em virtude d'uma extraordinaria bondade e até compaixão para com as desrasoaveis exigencias e caprichos do outro, e ainda em obediencia a preconceitos ou a determinadas circumstancias. Em qualquer dos casos, porém, constata-se um certo desequilibrio que póde trazer comsigo a desharmonia do lar.

* * *

Do que acabaes de ler, gentis leitoras, deduz-se, perfeitamente, que, para se conseguir o salutar e necessario equilibrio no lar domestico, não devemos nunca desejar dominar, nem tão pouco consentir em ser dominadas. Não ha superior nem inferior. Deve haver duas pessoas—marido e mulher—que se comprehendem, que se estimam muito, que se ajudam na difficil lucta da vida, que se amparam nos revezes e que partilham francamente as alegrias. Cada um com as suas atribuições proprias, com funcções diversas—nem mais nem menos importantes—e ambos com liberdade de movimentos e absoluta sinceridade e confiança.

* * *

Vamos ao nosso correio:

Josésinha:—E' aconselhado para o seu caso o seguinte: Lavagens, duas vezes por dia, de manhã e á noite, com agua tepida, a que se adiciona 10 grammas de borax por cada litro de agua. Dever-se-ha mergulhar o rosto durante 15 minutos, retirando-o só para respirar. A' noite untar a cutis com um creme de confiança. Este creme póde ser o «Pompadour» cuja efficacia garanto. Com este tratamento o estado de sua pelle melhorará extraordinariamente.

* * *

Uma pallida:—Use o «Secret Pompadour» *rose*. Faça lavagens com agua bem *fria*. Quando puder deverá fazer uma cura pela «mascara». Verá como se tornará rosada e linda.

* * *

Uma noiva:—Creio que a Loção Pompéa lhe dará resultados. Mas se fôr auxiliada pela gimnastica respiratoria, melhor. Do resto, esse *defeito* é vulgar em meninas da sua idade e é preferivel, creia, ao caso contrario.

* * *

Carmina Luz:—Interessantissima a sua carta e o conto que a acompanha é simples mas gracioso. Continue a trabalhar. Leia os bons auctores e cultive a intelligencia, sem descurar os trabalhos de casa, mesmo os mais grosseiros. Nada se deve descurar na educação de uma senhora.

Maria Conti

Espectaculos

Cartaz de ámanhã

POLITEAMA—A's 20,30 e 22,30—Não desfazendo... (Revista).

EDEN—A's 20,35 e 22,45—O diabo a quatro. (Revista).

COLISEU DOS RECREIOS—A's 21—Recita da moda—Historia d'um Pierrot—Cabo Susine.

Noticias

Entre nós

O Reisinho, que hontem se cantou no Coliseu em festa artistica da Cina de Valdis, é uma linda operetta, muito interessante, com bella musica, entrecho curioso e apresentação esplendida. O scenario e guarda roupa são completamente novos e luxuosos. Todos os artistas muito bem, salientando-se Anita Granieri na revolucionaria «Montarini», Cina de Valdis na ballarina «Zazá», Raphaelo Vizzani no «Reisinho», Ettore Rezzoli no velho general, e o comico Marchetti no estouvado Gualt. Hoje repete-se a mesma recita, cantando a sr.ª Cina de Valdis as mesmas canções e o mesmo fado que hontem lhe valeram tantos applausos e flores.

Amanhã, em recita da moda, a *Historia d'um pierrot* e o *Cabo Susine*.

Circos & Music-halls

SALÃO DA TRINDADE—A's 20 e 22—Companhia infantil—Filha de Apolo.

ANIMATOGRAPHOS E CONCERTOS—Olympia e Paradis, *matinées* diarias e sessões á noite; Central, Chiado Terrasse, Salão Foz, Rocio; Sociedade Promotora de Instrucção, em Alcantara, sessões ás quintas feiras, sabbados e domingos.

CINEMATOGRAPHOS OU ESPECTACULOS VARIADOS—Chantecler, Imperio, Salão Graça, na Caixa Economica Operaria. Variedades, na calçada da Estrella—A's 21,30—O diabo no convento.

O Japão auxilia a Russia

Londres, 9 de setembro

Communicam de Tokio que o Japão tem desarmado as fortalezas das costas do norte, a fim de enviar as baterias d'essas fortalezas para Wladivostok, de onde seguem para a Galicia. Na Coréa, um grande numero de officinas de tecelagem trabalha com destino aos russos. A Coréa fabrica tambem importantes quantidades de sapatos e de cartucheiras.

A companhia japoneza de celuloide consagra-se ao fabrico de materias explosivas e recebeu da Russia uma encommenda de 440.000 toneladas de algodão polvora.

Excursões e Passeios

«Passeio fluvial»

Promovido pela Associação do Registo Civil, realisa-se no dia 26 um passeio fluvial com desembarques em duas das mais aprasiveis localidades marginaes do Tejo, havendo ahi sessões de propaganda. O producto reverte a favor do cofre da Associação.

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

«Alma nova»

Os numeros 11 e 12, juntos, d'esta revista de propaganda do Algarve, são todos dedicados ao congresso que acaba de realisar-se, vindo profusamente illustrados e com variada e magnifica collaboração.

«A Capital»

Vende-se nos Recreios Desportivos da Amadora.

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

Associação do Registo Civil

Reune a assembleia geral depois d'amanhã, ás 21 horas, com a seguinte ordem do trabalhos: apresentação do parecer da commissão revisora de contas da gerencia de 1914, discussão e votação; apresentação, discussão e votação do projecto de reforma de estatutos da Associação e da Federação Portugueza do Livre Pensamento.

EM BERNE

UM CONGRESSO SOCIALISTA

Berne, 9 de setembro

Encontra-se n'esta cidade um certo numero de socialistas procedentes dos paizes neutros e até dos belligerantes, para se reunirem n'um congresso denominado internacional e effectuado no maior segredo. A maior parte dos delegados pertence aos partidos suisso, polaco e russo. Acham-se egualmente representados a direcção e o grupo parlamentar socialista de Italia e o Independent Labour Party inglez. Receberam-se adhesões de Hespanha, dos Estados Unidos, da Romenia, da Servia e da Bulgaria. A minoria allemã — fracção Haase - Kautsky - Bernstein — enviou, por seu turno, uma delegação.

Pelo contrario, o partido unificado francez resolveu, como o partido belga, não tomar conhecimento do semelhante tentativa. No entanto, chegaram a esta cidade dois militantes syndicalistas de Paris, mas não representam a Confederação Geral do Trabalho.

Caixeiros de Lisboa

A inauguração da nova séde

Na sua nova séde, na rua Antonio Maria Cardoso, 20, a Associação de Classe dos Caixeiros de Lisboa realisará hoje ás 20 horas uma sessão solemne de inauguração. A casa está lindamente engalanada com plantas e bandeiras, estando convidados para a sessão além da Camara Municipal, quasi todas as associações de Lisboa: Atheneu, Associação dos Empregados Menores do Commercio e Industria, Associação Soccorros Mutuos Commercio de Lisboa, União dos Empregados do Commercio do Porto, redacção da «Acção», Junta Executiva da Zona Norte, Associação de Classe de Setubal, etc., e os srs. Agostinho Fortes, Alfredo Ladeira e Carneiro de Moura.

A séde da Associação dos Caixeiros de Lisboa fica, na casa da rua Antonio Maria Cardoso, constituindo a melhor edificio associativo do sul do paiz, com aulas, bibliotheca, salões de jogos, gymnasios e casas de banhos, além de outras dependencias.

Festas associativas

Associação de Vendedores de Productos Agricolas e Horticolas

A associação de classe dos Vendedores de Productos Agricolas e Horticolas commemorou hoje o 16.º anniversario da sua fundação. Pelas 8 horas houve, alvorada, annunciada por uma salva de 21 morteiros, percorrendo a banda Alumnos de Apollo o mercado 24 de Julho.

A's 15 horas e meia, estando as salas litteralmente cheias, o sr. Manuel Filippe, presidente da assembleia geral, secretariado pelos srs. José Ramos da Silva e Affonso de Macedo, abriu a sessão solemne, dizendo em breves palavras qual o fim da festa e fazendo o elogio da associação, que tem vivido sempre arredada da politica, tendo em vista apenas os interesses da classe.

Seguidamente falaram os srs. Constancio de Oliveira, Augusto Silva, José Ramos da Silva e Affonso de Macedo, que fizeram a apologia do movimento associativo, exalçando a fórma como a associação desde o seu inicio tratou sempre dos interesses da classe, pugnando ao mesmo tempo porque a questão das subsistencias na parte que se liga com a collectividade fosse sempre resolvida sem attrictos. Fizeram egualmente o elogio do sr. Manuel Henriques Bequeira, actual presidente da direcção e socio fundador da associação, sendo inaugurado o seu retrato, o que o homenageado agradeceu.

A sessão foi abrilhantada pela tuna José Carlos de Macedo.

Todas as dependencias se encontravam vistosamente ornamentadas com plantas, flores e bandeiras das nações alliadas.

Das 18 horas ás 21 ha concerto musical pela banda Alumnos do Apollo seguindo-se um sarau em que serão recitados poesias e monologos e cantados alguns fados, devendo terminar com um baile.

Movimento maritimo

New-York «Patria» (de Gibraltar)	13
Africa oriental «Korounna» (Liv.)	13
Bissau, Bolama e Cabo Verde «Guiné»	14
R. de Janeiro e Santos «Dupleix»	14
Batavia, Timor, etc., «Kawio (Amst.)	14
Africa Occidental, «Cazengo»	18

linhas inglezas, onde houve paz no dia de Natal e no seguinte, foi descoberta uma traição, pois um desertor allemão, que chegou ás trincheiras britannicas pelas 9 horas da noite, contou que elles haviam aproveitado essa tregua para concentrar grandes massas de tropas a fim de darem um ataque n'essa noite. Os inglezes fizeram um fogo de artilharia tão violento que o ataque, se realmente n'elle pensavam, não poude effectuar-se.

N'outro logar, na noite de Natal, os soldados inglezes e allemães cantaram um hymno juntos, cada um na sua lingua; mas apenas acabára esse hymno uma saraivada de granadas partiu das trincheiras allemãs.

Comtudo, essa prova de cynismo não foi geral. Nas linhas inglezas, na manhã de Natal foi dada ordem para só se fazer fogo se fôsse absolutamente necessario. Os allemães n'alguns pontos portaram-se com a maior correcção.

A confraternisação começára na noite de Natal. Nas trincheiras occupadas pelo regimento North Staffordshire houve uma troca de pequenos presentes e saudações. Depois os soldados inglezes sahiram das trincheiras e assomaram aos parapeitos, sendo o seu exemplo seguido immediatamente pelos allemães. A conversação travou-se. Depois houve cantos. Um official inglez convidou os inimigos a entoar os seus hymnos, o que fizeram. Os inglezes responderam, applaudindo-se uns aos outros, formando assim uma especie de concerto que terminou por um official inglez ir ás trincheiras allemãs, onde foi recebido com todas as formalidades pelo official que as commandava.

Um accordo foi feito para se não disparar um unico tiro antes do meio dia de 25, a fim de enterrar os mortos que havia entre as trincheiras. Emquanto isto se passava e os homens estavam entre si trocando cigarros e bebendo uns á saude dos outros, nas trincheiras proximas trocavam-se tiros.

A noite nas trincheiras dos North Staffordshire passou-se alegremente e quando amanheceu o dia de Natal os allemães mandaram homens seus a fim de enterrar os seus mortos. Os inglezes foram auxilia-los e os soldados dos dois exercitos, confundidos uns com os outros, presentearam-se com tabaco, generos alimenticios, etc. Toda a manhã se passou em conversação amigavel e em cantos. O official inglez que commandava dirigiu-se ás trincheiras allemãs e trocou saudações com um coronel e outros officiaes, ficando os soldados entre as trincheiras inimigas.

N'outra parte da linha ingleza soldados se dirigiram ás trincheiras allemãs e ahi permaneceram durante algum tempo.

Para que se conservasse perpetua recordação d'esse extraordinario encontro, foram tiradas photographias dos grupos de soldados inglezes e allemães misturados. A unica coisa que não fizeram foi jantar em commum n'esse dia, indo, porém, depois da refeição juntar-se de novo até ás 9 horas da noite, hora a que retiraram para as suas respectivas trincheiras. E a guerra de novo começou.

Preciso é dizer que os soldados allemães que assim procederam eram, não prussianos, mas saxões.

Em outros pontos da linha as mesmas scenas se repetiram, chegando n'um d'esses pontos a jogarem um «match» de «foot-ball», ficando os saxões vencedores por tres «goals» contra dois.

Ao alto commando allemão não agradaram, porém, taes manifestações e havendo receio de que ellas se repetissem por occasião do Anno Bom uma ordem do dia, datada de 29, prohibia toda a especie de confraternisação e especialmente qualquer approximação do inimigo das trincheiras, declarando que qualquer infracção a essa ordem seria considerada como uma traição.

Continuemos, porém, descrevendo as operações da campanha de inverno. Referimo-nos já á lucta em Gi-

posição que dominava uma grande extensão de terreno.

No meiado do mez houve ainda lucta violenta estendendo-se ao longo da fronte desde o mar em Nieuport até abaixo de Ypres. Ao norte foi assignalado por repetidos assaltos dos allemães, mas ataques foram tambem dados pelos exercitos belgas, inglez e francez no Yser e especialmente proximo de Nieuport, do que resultou conquistarem algum terreno.

Não só partes dos tres exercitos entraram na lucta; a armada ingleza egualmente n'ella entrou, proximo da costa; os canhões da esquadra naval reforçaram do mar a artilharia pezada franceza. A actividade naval foi ainda mais além, pois quatro barcos com metralhadoras navaes inglezas entraram no rio Yser para cooperarem na lucta.

Tenente C. H. Varley, do submarino inglez «A 10»

Foi uma das poucas occasiões em que o nevoeiro e a chuva auxiliaram os combatentes, porque, devido ao tempo, a infantaria ingleza tomou as aldeias de Lombartzyde e St. Georges, fortificando-se ahi.

N'essa acção, aos marinheiros francezes coube parte da mais violenta lucta e uma carga de bayoneta por elles dada em campo aberto e sob o fogo intenso da artilharia foi uma das acções mais brilhantes do dia.

Mas a lucta no todo, tanto do lado dos francezes como do dos inglezes, distinguiu-se por uma extraordinaria bravura e pelo resultado contra um numero superior. Durante esse tempo tambem alguns progressos foram feitos pelos alliados em outros locaes, como por exemplo, nas cercanias de Klein Zillebeke e de St. Eloi.

Foi talvez devido ao geral sentimento de confiança e á crença da parte do quartel general de que o inimigo estava retirando parte das suas forças da fronte que os commandos francez e inglez decidiram um ataque no dia 14 de dezembro ás linhas allemãs a oeste de Wytschaete, uma aldeia que os allemães haviam conseguido tomar durante a grande batalha de Ypres. A oeste de essa aldeia fica uma floresta denominada o pequeno bosque e a sudoeste, no terreno alto, uma eminencia chamada o contraforte de Maedelsteed.

Os Escocezes Reaes tinham de atacar a floresta, os Gordon Highlanders o contraforte. Os escocezes, sob o commando do major F. J. Duncan, sob um fogo terrivel de metralhadoras e de fuzilaria, tomaram a trincheira na orla occidental do bosque, e os Gordon Highlanders, sob o do major A. W. F. Baird, avançando valorosamente para o contraforte de Maedelsteed, expelliram o inimigo d'ali. Mas terminou ahi a tarefa.

Soffreram grandes perdas e não puderam avançar; ao cahir da noite, tendo a acção durado desde manhã cedo, foram obrigados a recuar para as posições que primeiramente occupavam. Não foi por falta de bravura que o seu esforço não foi bem succedido. Dos poucos homens que conseguiram penetrar na trincheira inimiga, uns foram mortos, outros aprisionados. A esquerda d'esses dois regimentos escocezes estava a 32.ª divisão franceza, que não poude avançar, pelo que se tornou tambem um maior avanço impraticavel para os inglezes.

Essa acção mostrou a difficuldade de luctar no terreno encharcado, porque o avanço tinha de ser vagaroso devido a os homens se enterrarem no lodo a cada passo que davam. Custou isso aos inglezes o perderem 17 officiaes e 407 soldados.

Esse ataque proximo de Wytschaete foi seguido no dia 18 de dezembro por um outro mais ao sul, nas cercanias de Givenchy, a uns oito kilometros a sudoeste de La Bassée, pelas tropas indias. O general commandante do corpo indiano recebera instrucções para fazer uma demonstração e occupar a attenção do inimigo de modo a auxiliar certas operações francezas que estavam sendo feitas n'outra parte, e foi em cumprimento d'essas instrucções e com o desejo de a ellas corresponder com energia que o ataque a que nos referimos foi dado na manhã do dia 19.

As divisões de Meerut e de Lahore tomaram parte n'elle. A principio foi considerado como tendo alcançado exito, visto que as trincheiras avançadas do inimigo foram tomadas; mas, mais tarde, um contra-ataque repelliu os indios, que tiveram grandes perdas.

A divisão de Lahore, comprehendendo entre outros batalhões o 1.° de Infantaria Ligeira Highland, assim como o 4.° de Gurkhas, sob o commando do tenente coronel R. W. H. Ronaldson, foi tambem a principio bem succedido, tendo sido tomadas duas linhas de trincheiras inimigas antes do romper do dia, com pequenas perdas.

Foram guarnecidas com tantos homens quantos podiam comportar. A frente era muito restricta, a communicação com a retaguarda impossivel e ao nascer do dia viu-se que a posição não podia ser mantida. Algumas das trincheiras tinham sido minadas e foram pelos ares. Parte das tropas indias foram cercadas e, perdendo a esperança de serem soccorridas, viram-se forçadas a render-se. O tenente coronel Ronaldson manteve-se nas trincheiras que havia tomado todo o dia, mas ao escurecer tiveram de ser evacuadas e as tropas retiraram para a sua linha primitiva. As operações do dia não haviam sido fructuosas.

O inimigo entendeu ser a occasião opportuna para dar um ataque. No dia seguinte, ao alvorecer, os allemães bombardearam violentamente toda a frente do corpo indiano. Era o preludio de ataques de infantaria, que foram dirigidos em especial contra Givenchy e contra a parte do terreno, na extensão de tres kilometros, entre essa aldeia e La Quinque Rue, ao norte d'aquella. Defendendo Givenchy estava a brigada Sirhind da divisão de Lahore sob o commando do general Brunker.

Cêrca das 10 horas da manhã essa brigada recuou, de modo que o inimigo poude apoderar-se de grande parte da aldeia. Felizmente, o 57.° de Fuzileiros e o 9.° de Bhopals, que estavam ao norte do canal de La Bassée, a leste da aldeia, e o Connaught Rangers, que estavam ao sul do canal, ficaram firmes.

Uma lucta violenta para a posse de Givenchy se seguiu.

O 47.° de Sikhs foi mandado em apoio da brigada Sirhind, emquanto o 1.° de Manchesters, o 4.° de Suffolks e dois batalhões de territoriaes francezes, todas essas tropas sob o commando do general Carnegy, tentavam um vigoroso contra-ataque por Givenchy, a fim de retomarem por meio d'um ataque de flanco as trincheiras que haviam sido perdidas pela brigada Sirhind. Avançaram em seguida contra a aldeia, a fim de restabelecerem ahi a situação. A aldeia, mercê do valoroso ataque pelos Manchesters e por uma companhia dos Suffolks, foi retomada cêrca das 5 horas da tarde e o inimigo foi tambem varrido de duas trincheiras a nordeste d'ella.

As trincheiras inglezas que haviam sido perdidas continuavam, porém, ainda em poder do inimigo e só pela 1 hora da manhã foi possivel dar um contra-ataque pelo 47.° de Sikhs e pelo 7.° de Dragões da Guarda, sob o commando do tenente coronel H. A. Lempriere, contra essas trincheiras. Os assaltantes chegaram a penetrar n'ellas, mas foram repellidos de novo por um violento fogo cruzado e o commandante foi morto.

Tres horas depois, novo ataque pelo resto da força, com o que restava dos homens do destacamento do tenente coronel Lempriere, sob o commando do general Macbean, foi dado, mas falhou tambem.

A retirada na manhã do dia 20 teve ainda um outro resultado. A retirada do 2.° de Gurkhas deixára muito exposto o flanco do 1.° de Seaforth Highlanders, que estava na extrema direita da linha da divisão Meerut, e quando a brigada Sirhind recuou o Seaforths ficou completamente exposto. O 58.° de Fuzileiros foi mandado apoiar a sua esquerda e durante a tarde o Seaforths fez grandes esforços para varrer as trincheiras á sua direita e á sua esquerda.

A lucta foi violentissima em todo esse sector e embora o inimigo não fizesse um avanço em força as tropas inglezas foram batidas pelo fogo d'artilharia e o regimento de Seaforths, em especial, soffreu enormes perdas.

Foi n'essas circumstancias que ordens foram mandadas ao primeiro corpo d'exercito, que estava então em reserva geral, para fornecer uma brigada de infantaria em apoio do corpo indiano. Para tal fim foi deslocada a primeira brigada, a qual chegou pela meia noite a Béthune, oito kilometros a oeste de Givenchy. Mas eram precisos mais reforços. Sir Douglas Haigh recebeu ordem para mandar toda a primeira divisão em auxilio dos exhaustos indios. A primeira brigada foi mandada avançar para Givenchy, a terceira para as perdidas trincheiras; a segunda ia de reforço e a brigada Dehra Dun foi posta á disposição do commandante da divisão Meerut.

Chegadas essas brigadas, o ataque iniciou-se no dia 21. Ao principio da tarde, um ataque simultaneo foi feito pela primeira brigada pelo oeste de Givenchy, em direcção nordeste, e pela terceira de Festubert — a uns tres kilometros a noroeste de Givenchy — em direcção este-nordeste, sendo o seu objectivo avançar além da posição primitivamente occupada e tomar as trincheiras allemãs, a trezentos e sessenta metros a leste d'essa posição.

A' noite, parte d'esse objectivo havia sido conseguido. Na manhã do dia seguinte, 22, quando sir Douglas Haig tomou o commando superior, a posição de Givenchy estava restabelecida e a terceira brigada de novo occupava a linha das antigas trincheiras. Tinha sido uma lucta difficil, violenta, fertil em peripecias, e o socego dos allemães no dia 23 indicava que pelo menos de momento estavam incapazes de qualquer esforço.

A occasião era apropriada para a cessação de hostilidades, porque se estava no Natal. Esforços haviam sido feitos por neutraes para se conseguir um armisticio, mas não tinham sido bem succedidos. Parte, porém, do exercito, entendeu que devia tomar essa iniciativa por si mesmo e, assim, em parte da linha, o dia de Natal foi respeitado, não se disparando um unico tiro e fraternisando os soldados n'esse dia, embora da parte dos commandantes allemães em tal se não quizesse consentir.

Como dizemos, esse armisticio estendeu-se a grande parte da linha, mas não a toda. Na noite de Natal, os allemães atacaram violentamente as posições francezas e belgas que haviam sido recentemente conquistadas ao norte de Nieuport e os alliados responderam com um contra-ataque, de que resultou conquistarem um pouco mais de terreno nas dunas.

Ao sul de Dixmude, tambem o Natal foi assignalado por um bombardeamento contra a fronte ingleza. Talvez que as recentes perdas de terreno n'esses locaes fizessem enraivecer os allemães de tal modo que nem a épocha em que se estava os aquietasse.

N'um ponto do valle do Aisne os allemães sahiram das suas trincheiras no dia de Natal bradando: «Paz por dois dias!», mas os francezes, suspeitando d'uma cilada, fizeram-nos recuar a tiro. N'outro ponto nas

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 1835 — 6.º Anno

Direcção e propriedade de Manuel Guimarães
Editor — Camillo Sousa e Almeida
Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA — Segunda-feira, 13 de Setembro de 1915

Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL
Composição — Rua do Norte, 5, 1.º
Officina de Impressão — 71, Rua da Rosa, 71

Preço 1 centavo

O exemplo da Belgica

A defesa heroica da Belgica é agora conhecida nos seus principaes detalhes. Foi sobre essa nobre e pequena nação que os allemães primeiro fizeram rolar a avalanche dos seus exercitos. E' commovente e glorioso o relato da resistencia. Os belgas não olharam ao numero, não cuidaram de saber se estavam convenientemente preparados mesmo para o primeiro embate da maior machina de guerra que o mundo tem conhecido. Só olharam ao cumprimento do seu dever, e estoicamente esperaram a pé firme a investida monstruosa. Por isso mesmo a Belgica vive, a Belgica se tornou immortal, podendo gloriar-se, porventura n'um dia proximo, que o seu heroismo, o seu sacrificio salvaram a liberdade do mundo.

A famosa defesa de Liége foi feita com menos de 20:000 homens contra 125:000 allemães, e como estes quantos outros actos de guerra em que os belgas luctaram n'uma desproporção, não só numerica, como de instrumentos de guerra, que só a sua evidencia faria fraquejar, antes mesmo de iniciada a lucta, o coração dos mais valentes se não animasse essa pleiade de combatentes o fogo d'um sublime ideal.

A Belgica podia, como o Luxemburgo, deixar atravessar o seu territorio para que a França fosse traiçoeiramente atacada, antes mesmo de ter completado a sua mobilisação e quando, confiada na lettra dos tratados, a que o chanceller allemão chamou «farrapos de papel», se julgava isenta de uma invasão vinda dos lados de um paiz neutral. Podia allegar que não tinha força para evitar esse attentado, e não as possuia realmente. Mas a Belgica comprehendeu que o dever individual e collectivo, em face de tão monstruosas violações do direito, é luctar contra ellas, mesmo com a certeza de ficar esmagado, porque as affirmações do direito nunca se perdem, e é preciso muitas vezes o sacrificio total para salvar o patrimonio das civilisações.

Não houve n'esse pequeno paiz, dividido em duas raças, campo de uma grande lucta social e politica, a minima discrepancia quando se tratou de realisar esse sacrificio. Catholicos e livre-pensadores, retrogrados e liberaes, conservadores e socialistas, todos se conjugaram no mesmo pensamento: salvar a honra nacional, salvar a Europa de um imperialismo desvairado e oppressivo, através de todas as eventualidades, acceitando todas as contingencias.

E a Belgica vive. Os allemães assenhorearam-se de quasi todo o seu territorio, nomearam os seus governadores, tomaram posse d'elle como d'uma presa, — e, todavia, para o mundo inteiro a nacionalidade belga subsiste, e subsiste mais gloriosa, mais viva do que nunca. A Belgica vive e está engrandecida. E' hoje já um grande povo, será ámanhã uma nação reintegrada na posse do seu solo, indemnisada dos estragos do invasor, respeitada por todo o mundo e destinada a um desenvolvimento merecido e a uma importancia justificada.

Tinha apenas 100:000 homens ao iniciar-se a guerra, e com esse numero tão exiguo, se o compararmos aos dois milhões de allemães que a atacaram, suspendeu o seu impeto durante o tempo necessario para falhar a acção fulminante em que a politica germanica fiava o rapido e seguro processo dos seus planos. Soffreu cruais perdas, viu reduzidos os seus defensores a um terço, e hoje tem em armas mais soldados do que tinha no principio da campanha. A sua fé no triumpho final é inabalavel. O seu sacrificio não foi inutil para o mundo nem foi esteril para ella.

E' uma grande lição a da Belgica. Não só para os pequenos, como para os grandes paizes, mas indiscutivelmente ainda mais para aquelles do que para estes, porque prova que o cumprimento do dever e o culto de um ideal representam forças moraes contra as quaes a acção material dos mais poderosos nada póde, nem poderá nunca.

«Historia Illustrada da Grande Guerra»

Dividido em volumes, cada um dos quaes com cerca de 200 paginas, de modo a formar um livro portatil, economico, elegante e de facil encadernação, o folhetim que vimos publicando *Historia Illustrada da Grande Guerra* tem alcançado grande exito.

O primeiro volume abrange desde março a 15 de abril, tendo 184 paginas, o segundo de 16 de abril a 9 de junho, com 185, o terceiro de 6 de junho a 20 de julho, aproximadamente com 188 paginas, e o quarto de 21 de julho a 3 de setembro, com 180 paginas, sendo todos os volumes profusamente illustrados. Na administração d'*A Capital* são immediatamente satisfeitos todos os pedidos, quer da collecção completa, quer de qualquer numero de exemplares do jornal, que venham acompanhados das respectivas importancias.

FRUCTOS ALGARVIOS

O ananaz

Já se cultiva em Faro e promette vir a ser uma cultura remuneradora

PRAIA DA ROCHA, 11. — No dia em que a carriola me deixou junto do Hotel Viola, a exposição regional de productos algarvios tinha acabado de abrir. Um amigo, que me esperava, travando-me do braço, levou-me por uma larga avenida que se rasgava deante de nós, sobranceira ao mar. A' minha esquerda foram-me apparecendo predios novos, uns acceitaveis outros detestaveis, construidos sem fiscalisação camararia, como se n'uma terra d'estas cada qual tivesse o direito de espalhar a fealdade como muito bem entendesse. A' direita as barracas da exposição oscilavam sacudidas pelo vento, que ameaçava arrebatal-as pelos ares.

Deparo com varios productos e artefactos conhecidos — bancos romanos e mobiliario de Monchique, rendas de Faro e mantas de riscas pollichromas, tecidos nos teares caseiros de Villa do Bispo; doces variados, fructos de toda a especie, esteiras com ingenuos desenhos em que predominam os motivos maritimos, conservas, cestinhos de palha e não sei quantas coisas mais, que a retentiva não me fixou. Entretanto, uma coisa ha que ella não esqueceu mais. Foi um enorme ananaz, pesando mais de dois kilos e que se exhibia mettido n'um frasco, conservado em alcool, por ter amadurecido um pouco cedo. O amigo que me acompanha segreda-me, radiante:

— Foi creado em Faro!

Caio das nuvens. Pois quê, na capital do Algarve, sem que o paiz o saiba, cultivam-se ananazes com esta admiravel perfeição? E quem é a creatura cheia de iniciativa que a semelhantes experiencias se dedica? Dil-o um cartão que, junto do grande frasco em que o precioso fructo se exhibe, indica o nome e a qualidade do expositor. Leio. Chama-se elle José Pedro de Mattos e é agronomo. D'aqui em deante, a exposição perde para mim quasi todo o interesse. Só penso n'isto: procurar o sr. Mattos, pedir-lhe que me diga como cria os seus ananazes, solicitar-lhe que me elucide sobre o lado economico d'essa difficil e dispendiosa cultura. E para saber tudo isso fui a Faro.

Encontro o sr. Ferreira de Mattos á porta de um estabelecimento elegante da terra. Um amigo commum fez as apresentações. Estou deante de um homem alto, sereno, reflectido e culto. Digo-lhe ao que vou. Aquelle seu ananaz na Praia da Rocha deram-me no goto sem o provar...

— Por ora — diz-me — ainda não passei do campo das tentativas, muito embora tenha a certeza de que o ananaz póde dar-se no Algarve tão bem ou melhor que em S. Miguel. Como tive esta ideia? Não sei bem. Sei que a tive e que tenho procurado realisal-a o melhor que me seja possivel.

— E já colheu muitos fructos?

— Não senhor. Uns duzentos, pouco mais ou menos. Não tenho tido installação para mais. Agora é que ando construindo outras estufas, de maneira que, dentro em pouco, poderei estar habilitado a crear mais de mil.

— D'onde mandou vir as primeiras plantas?

— De S. Miguel. Pedi para lá esclarecimentos completos, indicações minuciosas sobre esta interessante cultura. Dei-me a estudar tudo o que a ella se referia, construi a primeira estufa, colhi os primeiros ananazes e offereci-os aos meus amigos. Por emquanto ainda não vendi um só.

— E onde tem as installações?

— A uns cinco kilometros de Faro, para as bandas de S. Braz d'Alportel. Possuo lá uma propriedade com agua abundante e tratei de fazer a experiencia. Devo dizer que estou satisfeito, apesar dos cuidados que os meus ananazes me custam.

— E' então difficil a cultura?...

— E', sobretudo, meticulosa. O ananaz não se cria em terra vulgar, mas em terra vegetal. Na estufa fazem-se covas redondas, que se enchem com aquella terra e com folhas gordas. Utiliso para isso a piteira e os rebentos mais tenros da alfarrobeira. Mettida a planta n'essas covas, seguem-se dezoito mezes de cuidados, que tanto é o tempo que o ananaz leva a crear-se. A temperatura na estufa tem de manter-se tanto quanto possivel constante. Consigo-o com difficuldade, e sem que até agora me tenha visto forçado a recorrer ao aquecimento artificial. E' n'esse facto que reside a viabilidade da tentativa. Se o calor do sol e o que, por virtude de fermentações varias, se desenvolve na estufa não chegassem, tinha de desistir.

— E póde vir a ser remuneradora a cultura do ananaz?

— Assim o creio, desde que os preços no mercado sejam, pouco mais ou menos, o que eram antes da guerra. Com os actuaes, nem pensar n'isso. E' que o ananaz custa caro. Cada fructo que sae d'uma estufa que serviu pela primeira vez não fica por menos d'um escudo. Logo, uma estufa que possa crear 200 ananazes custa, pelo menos, 200 escudos. São as colheitas successivas que fazem baixar o custo da primeira. Depois, é preciso attender a que, pela morosidade com que o ananaz cresce, convem ter, em vez d'uma grande estufa, muitas estufas pequenas, para haver sempre fructos maduros.

— E é saboroso o seu ananaz?

— Eu e todas as pessoas que o teem provado consideramo-lo superior em gosto ao ananaz das ilhas. E' mais succulento, mais tenro, mais assucarado, sobretudo. Attribuo isso a duas causas: á adubação que adopto e á circumstancia da maturação se fazer no pé, o que não acontece com o ananaz de S. Miguel, que é colhido verde. O ananaz de Faro é sensivelmente egual ao que se come no Brazil. Assim o affirmam pessoas experientes.

— E conta desenvolver a sua nova industria?

— Oh! certamente. Só tenho motivos para porfiar. Oxalá pudesse dizer o mesmo do algodão e da banana, cujas culturas tambem foram já tentadas. Mas a banana só amadurece bem nos cachos que attingem o seu maior desenvolvimento em junho. Os outros são prejudicados pelo frio. Quanto ao algodão, fizemos as primeiras experiencias em terrenos que dão em cada anno duas ou mais colheitas. Ora, como o algodoeiro produz uma vez apenas, segue-se que a sua cultura, não obstante vendermos o producto por preços superiores aos do mercado, não remunera o capital que exige.

Despedimo-nos. Effectivamente, cultiva-se no Algarve o ananaz, como podem cultivar-se a banana e o algodão. Que abençoada terra esta nossa, onde tudo se dá, onde tudo lança raizes, onde se cria até aquillo que muitos julgam privativo de outros e longinquos paizes. O que é pena é que os homens até aqui tão mal a hajam aproveitado, deixando de a cultivar como ella merece. E estaremos, por acaso, dispostos a mudar de rumo?

Adelino Mendes

As publicações da Academia das Sciencias

O que diz a seu respeito o illustre academico sr. Christovam Ayres

Casa de Pinteus, 12 de setembro de 1915. — Sr. director da "Capital". — Sem entrar na apreciação da campanha ultimamente levantada contra a secular Academia das Sciencias de Lisboa, campanha cujas origens e intuitos conheço, quero dar ao jornal *A Capital*, que muito estimo e prezo, e que reputo estranho á cabala que contra essa Academia se tem promovido, umas explicações, que reputo necessarias, quanto ás considerações pelo seu jornal feitas, no seu numero de 10 do corrente, a umas palavras publicadas pelo meu querido amigo e collega dr. Julio Dantas a respeito das publicações d'essa Academia.

Em primeiro logar, a Academia não envia á imprensa as suas publicações porque parte do principio de que os seus auctores as distribuem pelos jornaes que d'essas publicações se occupam, como por exemplo o *Diario de Noticias*, onde, não ha muitos dias, vi palavras de inteira justiça a publicações academicas dos meus presados collegas e amigos Esteves Pereira e Antonio Baião, e que regularmente traz outras informações com respeito ao que a mesma Academia publica.

Metade de cada edição é pelos estatutos academicos dada aos respectivos auctores, que, evidentemente, distribuem a obra pela imprensa que d'ellas se occupa, como tambem dos cem exemplares dos *separatas* que a lei lhes confere. Isto é, principalmente, do interesse do auctor, e comprehende-se que a Academia não vá dispor, em pura perda, de mais umas dezenas de exemplares para identico fim.

Se os auctores não fazem a distribuição por toda a imprensa é talvez por não encontrarem n'ella grande interesse por essas publicações; pois a vantagem dos auctores seria que as suas obras fossem conhecidas. Em todo o caso, o *Diario de Noticias*, e ignoro se algum outro jornal, de taes publicações se tem occupado; e estou certo de que aos auctores seria de grande vantagem que toda a imprensa fallasse das suas producções. Não ha, pois, razão para censurar a Academia de não enviar ao mesmo destino o que, por interesse proprio, aos auctores pertence.

Além de que, convem notar que foi enviada pela Academia, em 30 de junho ultimo, a todos os jornaes de Lisboa, uma circular, em prova impressa, na qual se citavam seis obras por ella publicadas durante o anno academico de 1914 a 1915, e nada menos de 23 obras que trazia no prélo; pois essa circular não foi inserta senão no *Diario de Noticias*, e os outros jornaes, por qualquer motivo que muito respeito, nem a ella se referiram.

A prova de que as publicações academicas são conhecidas do publico está no proveito que ellas teem tido nos depositos da Academia, onde se vendem, como se prova pelas receitas, ha um tempo para cá em augmento, que d'essas publicações revertem para o Estado, e que tem sido nos ultimos quatro annos de 66$00, 170$81, 185$65 e 121$02.

Não é exacto, portanto, que as publicações academicas sejam ignoradas. Não fallando já nos socios e collaboradores do *Boletim da 2.ª classe*, uns cincoenta, aos quaes esta publicação é regularmente enviada, e nos socios effectivos a quem de direito pertence receber as publicações academicas, — a Academia distribue gratuitamente os seus trabalhos por 85 corporações portuguezas, (não contando as que avulsamente tem sido contempladas, por o sollicitarem) e 229 instituições do estrangeiro, onde as Academias são consideradas como uma superior representação da mentalidade litteraria e scientifica d'um paiz.

Note-se mais que a velha Academia das Sciencias de Lisboa recebe diariamente, em troca das suas obras, riquissimas e innumeras publicações, algumas das quaes não se encontram em Portugal senão na preciosissima bibliotheca, facultada ao publico, da rua do Arco, a Jesus, bastante frequentada pelos estudiosos.

Desculpe-me v. tomar-lhe espaço no seu apreciado jornal. N'elle espero seja publicada esta carta; tal a confiança que deposito na seriedade de um tão importante orgão da imprensa jornalistica em Portugal, que acompanho de ha muito com verdadeiro interesse.

E com toda a consideração me assigno. De v., etc. — *Christovam Ayres.*

Poeira da Arcada

Setubal todos os annos celebra festas bocageanas, mostrando assim que não esquece o nome do poeta que, entre os seculos XVIII e XIX, tanto brilho deu ás lettras patrias.

Raros escriptores recebem um culto tão vivo como o que a linda cidade do Sado tributa ao sonetista que ousou sandar pela primeira vez entre nós o espirito novo da democracia. A sua memoria renova-se com as gerações, tornando-se um elemento de educação e de vida espiritual.

* *

O sr. dr. Carneiro de Moura fez hontem uma conferencia sobre educação, demonstrando que a obra verbalista do nosso ensino superior cria inuteis e pelintras. Se o nosso ensino technico existisse organisado scientificamente, quantos moços teriam tomado na existencia um rumo certo e regular, empenhando-se, com vantagem para elles e para o paiz, na conquista do bem estar e da riqueza! A competencia escolar para adquirir um diploma consegue simplesmente isto — desorar engenhos, criar espiritos propensos á duvida e á negação, sem lhes deixar uma margem, ao menos, para se segurarem contra o instincto destrutivo da intelligencia, quando exercida no vacuo.

* *

Os allemães estão cançados de victorias, esperando agora colher-lhes os fructos pacificos. Admiram o esforço dos seus exercitos, mas querem voltar á sua faina normal. As armas dão muita gloria. Todavia, esta não é sufficiente para dispensar o cultivo dos campos, o giro do commercio e as tarefas da industria. Os alliados é que não se mostram muito dispostos a satisfazer-lhes os desejos.

Esta recusa prova que, entre a paz e a guerra, a Allemanha vencedora talvez inveje a situação dos vencidos.

Uma violencia!

Como se pretende impedir o conhecimento da verdade

A inquisição no ministerio das colonias

Teem os leitores d'«A Capital» seguido, decerto com interesse e proveito, a serie de artigos que sobre Cabo Verde vimos publicando, firmados pelo sr. Armando Xavier da Fonseca. Trabalho documentadissimo, revelador d'um estudo profundo, n'elle ainda se não atacaram pessoas, mas apenas se expuzeram factos, muito embora a sua exposição deixe, porventura, mal collocados alguns funccionarios.

Ha coragem e patriotismo na attitude do sr. Armando Xavier da Fonseca, tanto mais apreciaveis uma e outro quanto é certo atravessarmos uma epocha em que taes sentimentos nem sempre se patenteiam como seria para desejar. O seu empenho em que se faça toda a luz ácerca da situação de Cabo Verde é evidente e digno de incitamento e applauso.

Não o entenderam, porém, assim no ministerio das colonias. O sr. Armando Xavier da Fonseca tem exercido o cargo de conductor de obras publicas em Cabo Verde. Chamaram-no ao ministerio, onde um chefe de repartição lhe perguntou se os artigos publicados n'«A Capital» eram na realidade d'elle e se havia auctorisado a sua publicação. O sr. Armando Xavier da Fonseca respondeu affirmativamente. Pediram-lhe que assignasse uma declaração n'esse sentido. Assignou. Consta-nos que alguem lhe disse depois: Agora continue...

O sr. Armando Xavier da Fonseca hoje mesmo prosegue n'«A Capital» o seu magnifico estudo. O proprio que inserimos n'outro logar já estava escripto e composto quando o auctor foi chamado á inquisição do Terreiro do Paço. Vão, provavelmente, instaurar-lhe um processo disciplinar por ter revelado coisas cujo conhecimento parece desagradar profundamente aos illustres burocratas do ministerio das colonias. Pois promettemos não perder de vista os que procuram impedir, por via de tão repugnantes processos, que saibamos como se administram colonias. O sr. Armando Xavier da Fonseca será perseguido, mas não sem o nosso vehemente protesto e sem que se exponham os authenticos motivos da perseguição. E' para lastimar que, sob um regimen democratico, se invoque ainda uma falsa disciplina só com o intuito de obstar a que a verdade esplenda!

A CAPITAL DO NORTE

Cidade nova

O grandioso plano da transformação do Porto e os bairros populares

Porto, 12 de setembro.

— Não. Não deve abandonar-se o plano, já traçado, dos grandes melhoramentos — continuou o illustre engenheiro que nos forneceu os curiosos dados para o artigo que *A Capital* publicou em 10 do corrente. As primeiras obras devem ser as do centro, as do coração da cidade. E, d'aqui, depois de alargada, depois de desoprimida a plethora, então sim, então é que se deverá ir até ás ramificações da periferia. Da Praça Nova é que se deve partir. E' o ponto concentrico. E' ali que reflue todo o movimento, todas as actividades disseminadas do grande burgo. Por isso, esse coração citadino, apertado de ruas estreitissimas, semeado de beccos, de viellas, a das Pombas, a dos Congregados, a da Sampaia, a do Loureiro, entalado entre a rua do Almada e a do Bomjardim, tem de desoprimir-se, — insisto — para poder respirar livremente...

Não quero saber — isso não importa ao ponto capital — se a Avenida da Trindade deverá rasgar-se mais para o norte, se mais para o sul. O que é indispensavel é que se rasgue, ampla, cheia de sol e de luz, extensa, monumental, digna d'uma cidade nova, que verdadeiramente inicie a transformação do Porto.

E' digna de applauso — não ha duvida — a ideia da Avenida do Montebello, partindo do Campo 24 de Agosto (antigo Poço das Patas). D'alli parte, porém, e desde já — estando as obras iniciadas — a Avenida de Sacaes que vae ao Alto do Bomfim a entestar com o projectado e monumental edificio para o Lyceu Alexandre Herculano. Por isso, talvez fosse mais conveniente deixar a Avenida de Montebello para mais tarde e pensar antes na Avenida da Ponte. Esta é indispensavel tambem, para ligar o coração da cidade e a estação central de S. Bento com a nossa «Outra Banda», com Villa Nova de Gaya e com todas as povoações da margem esquerda do Douro, pela ponte D. Luiz.

— Atravessando o Bairro da Sé...

— Exactamente. Atravessando esse bairro immundo e miseravel, com o que não só lucrava o trafego do sul ao desembocar da ponte — porque vinha em linha recta até á Praça Nova, até á estação central, — beneficiando-se ao mesmo tempo a atmosphera lobrega e mephitica d'aquelle accumulado de pardieiros e mansardas sujas que ameaçam a cada passo a saude geral com as doenças infecciosas que ali geram e mediam em epidemias horrorosamente mortiferas...

— Ha muito que se pensa em arrasar — é o termo, — não só esse bairro da Sé, como o do Barredo e Miragaya...

— Deixe-me dizer-lhe que isso é uma especie de obsessão... Para sanear o Barredo, o Miragaya e o amontoado da Sé, não é necessario arrazar. Basta sanear.

Arrazar, para quê? Eu sou de opinião contraria. Abrir-lhe clareiras, rasgar-lhe avenidas, dar-lhes sol, luz e agua, isso, sim. E isso basta.

Ha inclusivamente uma razão ponderavel para se não pensar só no «bota-abaixo». E' que nas grandes cidades mundiaes estão hoje a respeitar-se, conservando-os religiosamente, todos os monumentos architectonicos que tenham valor documentativo ou caracteristica especial, marcando qualquer modalidade, sentimental, artistica, religiosa ou tradicional, da vida dos antigos avós, que pisaram o solo que nos legaram, o edificaram para viver, o cercaram de muros e os altearam de torreões e de minaretes para, dentro da sua communa, do seu burgo, se defenderem dos seus inimigos.

Ora, nos velhos bairros do Porto ha ainda muitos d'esses monumentos que se devem conservar, como reliquias monumentaes, romanicas e de outras pristinas eras.

Não. Não se deve arrazar tudo...

— Mas, especialmente á beira-rio, ainda que o Barredo se atravessasse de ruas largas, com sol, luz e agua, ainda ficavam — pelos meandros — muitas habitações perigosas, sem higiene...

— Não. Essa casaria, depois de saneados os bairros da Sé e do Barredo, nunca mais serviria para habitações. serviria apenas para armazens das grandes lojas do commercio, como acontece nos bairros de Londres, junto do Tamisa.

E, concluindo:

— Poderá perguntar-me para onde iria, então, morar essa legião de pobres, de humilde gente que se alberga n'essas mansardas humidas e negras... A resposta é facil. Emquanto se proceder ao saneamento d'esses bairros, já a camara terá concluidas as suas habitações para as classes pobres. Demais, ao rasgarem-se clareiras largas desde o fundo do Douro até as minencias da Sé, porque não ha de a camara fazer um grandioso bairro, simplesmente, exclusivamente destinado á população que no rio trabalha e do rio vive?

A camara tem iniciativa, tem dinheiro. O que falta, portanto? Nada.

Perguntas piedosas

Os *Echos do Minho*, a proposito do caso de Palazzola, escreve:

No tempo da monarchia varias vezes se procedeu a reparações, e Alfredo Achilles Monteverde, secretario da Legação, e com quem lá convivemos, foi até ao ultimo dia da monarchia o apaixonado zelador do material de Palazzola! Que fez por aquillo Lambertini Pinto?

Que fez Eusebio Leão?

Que fizeram ambos das rendas de Santo Antonio, que subiam a dezenas de milhares de liras?

Luz, muita luz, luz sobre toda essa escarlissima traficancia a que a propria *Capital*, democratica, chama *negocio mesquinho*...

Ha uma insinuação grave na prosa dos *Echos do Minho*. O seu auctor, sr. Arthur Bivar, tem o dever de explicar as razões por que pergunta pelos rendimentos de Santo Antonio, envolvendo os nomes dos srs. Eusebio Leão e Lambertini Pinto em suspeitas indignas do honrado caracter d'esses diplomatas. Se, por acaso, se abstiver de o fazer, não se admire de que lhe peçam contas, perante a justiça, da leviandade com que allude a suppostos desperdicios, desvios, ou o que quer que seja, de dezenas de milhares de liras...

A offensiva russa contra os austro-allemães

PETROGRADO, 13. — Official. No dia 11 começámos a offensiva na região de Jacobstadt. Nas estradas de Dwinck continuámos a offensiva alliá infligindo-lhe grandes perdas.

Na frente do Niemen reconstituimos a nossa linha de combate. Na região de Tarnopol os combates são-nos favoraveis. No dia 11 prendemos 91 officiaes e 4.200 soldados, e tomámos 9 metralhadoras e numerosos despojos.

Repellimos os ataques do inimigo reforçado, a quem causámos grandes perdas ao norte de Tarnopol, tendo nós retirado grandes vantagens dos automoveis blindados.

No dia 12 ao sul de Tarnopol passámos á offensiva.

No Sereth continuámos a perseguir os austriacos, fizemos numerosos prisioneiros, e no Mar Negro canhoneámos um submarino allemão. — (*Havas*).

Dr. Affonso Costa

O sr. ministro das finanças parte ámanhã em automovel para a Serra da Estrella onde vae visitar o sr. dr. Affonso Costa, sendo acompanhado pelo sr. João Palma, chefe do gabinete do sr. ministro do fomento.

O sr. dr. Victorino Guimarães deve regressar a Lisboa na quinta ou sexta-feira.

O QUE SE ESCREVE E O QUE SE LÊ

Cantos, musicas e danças

por José Parreira

O distincto jornalista que é José Parreira apresentou no Congresso Regional Algarvio uma these interessante com o titulo de «Cantos, musicas e danças». O erudito auctor diz-nos como os algarvios são musicos e nega a lenda, tão radicada, da sua incontinencia de lingua, explicando: «O colorido e o brilhantismo de certos momentos passaram para o conceito geral como qualidades quantitativas». O romanceiro do Algarve é dos mais opulentos e dos mais bellos. Dois trechos, entre outros, reproduz a these de José Parreira: o «Paladim captivo» e «O encarcerado», ambos muito notaveis, e cita os auctores em cujas obras se podiam respigar coisas lindas com que se faria um magnico volume.

Na parte da these consagrada ás danças regionaes mencionam-se as «Vigilias», o «baile de roda», as «tulhas» etc. e José Parreira lembra que esses bailados constituiriam com o campo e as aguas do Algarve a alegria dos pintores. Mas onde estão elles, que não veem pintar? perguntava esse grande poeta que se chamou Antonio Nobre...

Mas não só os quadros faltam, porque os compositores musicaes tambem não apparecem a inspirar-se em tantos e tão admiraveis motivos. Uma tentativa apenas se conhece: a da operetta a *Moira de Silves* ha annos cantada na Trindade.

José Parreira conclue o seu excellente e patriotico trabalho com um caloroso appelo para que o Algarve não se desregionalise...

EM PEDROUÇOS

Um grande roubo e um pavoroso incendio

Prejuizos no valor de 63 contos apenas cobertos por 13.250$ de seguros

Cinco familias com os haveres reduzidos a cinzas

Os moradores do Bom Successo, Pedrouços e Algés foram esta madrugada alarmados pelo clarão de um grande incendio que partia das lados da Carreira do Tiro, suppondo muita gente, a principio, que se tratava do palacete Seabra, que fica n'aquellas immediações. Não era assim, como vamos vêr.

Pouco depois do largo da Princeza, fica á direita, ladeando o muro da quinta do mesmo nome, a travessa Ribeiro Seabra, que põe em communicação a rua Direita de Pedrouços com as antigas terras Cadaval, onde existiu o Hippodromo.

A' esquina d'esta travessa, com frente para a rua Direita, fica uma enorme moradia para cinco inquilinos, tendo: de frente a porta de entrada n.º 137 e dez janellas que deitavam para pequenos jardins, do lado da travessa onze janellas e duas portas n.ºs 138 e 138 A; do lado do pateo do Barbosa, que fica a meio da travessa Ribeiro Seabra, oito janellas e duas portas, e ainda olhando para um largo corredor de tres metros do lado do poente, nove janellas e duas portas.

N'este vasto quadrilatero moravam: na rua Direita de Pedrouços n.º 137, esquerdo, o sr. Antonio José Pianno, antigo empregado da extincta casa real, onde foi particular do infante D. Affonso, casado com D. Isabel Costa, de quem tem quatro filhos — Arthur Pianno, empregado publico; Antonio, empregado no Banco Lisboa & Açores; D. Armanda, casada com o guarda-marinha sr. João Marcellino Martins; e Alvaro, de dez annos de edade. No 137 lado direito, morava uma ceguinha: D. Anna Vianna de Aguiar, que no principio d'este mez alugou a casa a D. Anna Borges de Mello, do Alemtejo, esposa de um ourives, e que para ali veiu com um filho doente passar a epoca balnear, indo D. Anna Aguiar para casa de uma amiga, na villa Mathias, em Algés.

No 138, da travessa Ribeiro Seabra morava José Ricardo Domingos Junior, empregado na *Companhia das Aguas*, casado com D. Beatriz Leitão *Domingos*, afilhada do sr. Pianno, com dois filhinhos de menor edade. No 138 A, residia o sr. Estanislau Florindo de *Oliveira*, casado com D. Leopoldina Pianno de Oliveira, e, finalmente, no pateo do Barbosa, o sr. João Marcellino Martins, guarda marinha, casado com a filha do sr. Pianno, D. Armanda, de quem tem uma filhinha de mezes. Como se vê, excepto a pobre cêga, D. Anna, os restantes inquilinos do predio tinham todos entre si relações de parentesco.

Foi n'este predio, hoje propriedade dos herdeiros do duque de Cadaval, que esta madrugada se deu o pavoroso incendio que pôz em alvoroço os moradores dos bairros proximos e reduziu a cinzas uma das mais pitorescas habitações da rua Direita de Pedrouços.

Como se deu o incendio?

E' n'esta altura conveniente dizermos que o sr. Pianno possue na Outra Banda, junto do Lazareto, uma pequena quinta, «Villa Pianno», para onde todos os annos, elle e sua familia costumam ir passar a epoca calmosa. Foi o que o sr. Pianno e seu genro José fizeram no dia cinco do passado mez de agosto, ficando, portanto, completamente fechados o rez-do-chão esquerdo da rua Direita de Pedrouços e o 138 da travessa Ribeiro Seabra.

Esta madrugada, proximo das tres horas, a creada do sr. Estanislau Florindo, de nome Rosa Alves, acordou ao barulho de fortes estalidos que lhe pareceram tiros de revolver, vendo ao mesmo tempo, pela janella do seu quarto, um grande clarão, que a assustou. Espavorida, Rosa Alves foi mesmo em trajes menores, acordar a filha mais velha da casa, D. Maria Oliveira, que bateu apressadamente á porta do quarto dos paes. D'ahi a pouco o alvoroço e os gritos eram apavorantes de maneira que os inquilinos dos predios proximos do pateo do Barbosa, acordando, egualmente sobresaltados, vieram para a rua. A primeira pessoa a apparecer foi a sr.ª Maria Gualdina que nos conta assim o caso:

— Deviam ser umas tres horas. Ouvi gritos e percebi que eram da casa do sr. Florindo. Muito afflicta, abalei p'rá rua mesmo em camisa. Quando sahi de casa vi tudo. As labaredas sahiam já por cima dos telhados. Eu não fiz mais: voltei a casa, vesti uma saia, e juntamente com o meu visinho José Nogueira, fomos ali para a esquina a apitar, a apitar com toda a força. D'ahi a pouco o meu visinho Antonio Gomes, policia 931, acudiu tambem, sendo elle e o seu collega 1453 os primeiros a arrombarem as portas e a salvar a mobilia que puderam, ajudados pelos

solilados da Carreira do Tiro, por varios populares e pelos alcochetanos. Aquillo foi um horror! Um verdadeiro horror!—exclamava ainda a pobre mulher, pondo as mãos na cabeça, como a affastar a visão pavorosa do incendio.

A's 4,30, os primeiros soccorros dos bombeiros chegaram; isto é, hora e meia depois! Diga-se em abono da verdade que a culpa não foi d'essa benemerita instituição. E' que toda a gente, perdida a serenidade, como acontece quasi sempre n'estes momentos, pensou em tudo menos no meio pratico de prevenir o corpo de bombeiros. A's 4,30, pois, chegaram ao local do sinistro os primeiros carros automoveis do Quartel da Esperança e, seguidamente, pessoal e material dos quarteis 10, 6, 30 e 31 e voluntarios de Dafundo.

Immediatamente, sob as ordens do actual commandante do corpo, o ajudante João Gomes da Costa, chefe da 1.ª secção Baptista Ribeiro e chefes de secção Marcelino e Luiz Alves, se deu começo ao ataque, ficando o fogo localisado ás cinco horas e apagado ás 9, continuando o pessoal de prevenção até ás 16.

Mas o fogo pegára bem e como o predio fosse dos chamados de saião rôto, todo o vasto edificio ardeu, abatendo o telhado com fragor e salvando-se apenas algumas mobilias, essas mesmo deterioradas pela agua e pela natural precipitação dos salvamentos. Pode por isso afoitamente dizer-se que os prejuizos foram totaes.

Assim, o sr. Antonio José Pianno, que tinha a sua mobilia segura na Fenix em 8 contos, calcula os seus prejuizos em 20. O sr. José Ricardo Domingues Junior estava seguro na Norwich Union em 1.250$, e avalia os seus prejuizos em mais de 3 contos. O sr. Estanislau Florindo de Oliveira, seguro tambem na Fenix em 5 contos, calcula em 7 o seu prejuizo total, e o sr. João Marcellino Martins, tambem seguro na Fenix em 4 contos, calcula egualmente o seu prejuizo em mais de oito.

Ha ainda a pobre cega D. Anna, que nada tinha no seguro e que tudo perdeu, no valor approximado de 5 contos. Isto é, o incendio de hoje produziu, não contando com o predio, 45 contos de prejuizos, dos quaes apenas 19.250$ estão seguros em diversas companhias.

Resta-nos dizer agora o que deu causa ao incendio. Para isso temos que nos servir do que se dizia no local do sinistro e do que foi observado pelo corpo de bombeiros. Toda a gente está d'accordo em que o incendio não foi casual. A segunda porta do lado do corredor que deita para a rua Direita de Pedrouços foi encontrada com evidentes signaes de ter sido forçada junto ao trinco, vendo-se o proprio trinco um pouco limado no sentido ascendente. Devia ter sido por esta porta que os gatunos entraram—porque a versão mais correcta é a de que houve roubo, como os proprios factos o demonstram.

Uma vez entrando por aquella porta, os gatunos, que deram mostras de conhecerem muitissimo bem os cantos á casa, accenderam bastantes velas que foram deixando pelos corredores e quartos, abriram armarios e malas, tiraram o conteúdo de todos os estojos que existiam na casa e que foram encontrados perfeitamente fechados mas sem os respectivos recheios, fizeram varias trouxas, uma das quaes composta da antiga farda e espadim do sr. Pianno, que deixaram á porta da rua por esquecimento, e ainda tiveram tempo para mudarem malas de uns quartos para os outros como lhes approuve. Em seguida, feito o roubo descançadamente, abriram as torneiras do contador do gaz, bem como algumas da canalisação, deixando depois ao fogo o trabalho de coroar a infamia da sua obra.

Ficam assim explicados os estalidos que a creada Rosa Alves ouviu ao despertar: deviam ser pequenas explosões de gaz.

O clarão do incendio via-se de bastante longe e quasi toda a gente que a elle assistiu nos dizia parecer-lhe que haviam molhado a casa com gazolina, tal foi o incremento que elle tomou em pouco tempo. Entre os moradores do sitio havia tambem quem attribuisse o sinistro á vingança pessoal.

O edificio ficou desde manhã guardado pela policia, tendo o sr. Pianno sido avisado no Lazareto por um homem de Belem conhecido pelo Manuel Maneta, que para a «Villa Pianno» foi no primeiro vapor da manhã.

O sr. Pianno e familia vieram immediatamente para Pedrouços, podendo calcular-se a dolorosa impressão que lhes produziram as completas ruinas da sua casa.

O edificio que, como dissemos já, pertencia aos herdeiros da casa Cadaval estava seguro em dezoito contos, na Companhia Commercio e Industria.

Durante o dia de hoje foi immensa gente ver as ruinas do predio incendiado. Não houve desastres pessoaes, á excepção de um alcochetano, empregado na fabrica de gaz, que ficou bastante ferido n'uma das mãos.

O FUTURO ECONOMICO DA FRANÇA

A confiança dos neutraes no credito francez

O Stockholms Dagblad, jornal sueco, publicou um estudo documentado do seu correspondente parisiense, o sr. Erik Sjoestedt, acerca da situação financeira e economica da França, do qual recortamos as passagens essenciaes:

E' um caso sobre o qual já por mais d'uma vez tenho insistido o do inabalavel optimismo dos francezes durante esta guerra, e da confiança que manifesta por egual em todos os dominios da actividade franceza, no economico como em qualquer outro. O mais elementar bom senso indicanos que será o povo que evitar a excessiva intensificação industrial e considerar a agricultura como a sua principal fonte de alimentação o que mais facilmente atravessará a crise mundial.

Não tenho auctoridade especial em materia economica—materia tão complexa que até as previsões dos mais doutos teem ficado prejudicadas pelos acontecimentos no que diz respeito á guerra—porém documentei-me junto de financeiros que não são apenas theoricos, mas homens que trabalham sobre a realidade concreta.

A sua opinião parece que será imparcial, pois que nem d'elles não é francez de nascença e tem uma longa experiencia da vida economica em França.

A França, disseram-me elles, tres ou quatro annos depois de concluida a guerra, terá paga a divida que contrahiu no estrangeiro durante as hostilidades; bastar-lhe-ha para isso consagrar a tal fim os 2:500 milhões de francos que em tempos normaes annualmente colloca no estrangeiro e que, no fim de contas, de lá lhe voltam. Durante esses annos, a França deixará de ser o banqueiro do mundo para tornar outra vez a sel-o quando a balança readquira o equilibrio anterior.

Possue a França em carteira mais de 50:000 milhões de francos em titulos de emprestimos a Estados e em valores estrangeiros, dos quaes 45:000 milhões são cotados na Bolsa de Paris. A estes deve accrescentar-se ainda, pelo menos, 4:000 milhões nos bancos francezes. Do dinheiro collocado no estrangeiro, recebe a França, muito pelo baixo, 2:000 milhões de francos annualmente. Todos os annos dispendem os estrangeiros em França, tanto nas despezas de sustentação como na compra de objectos de luxo, bem uns 1:000 milhões de francos; ora estes estrangeiros, que voltarão findas as hostilidades, e os 200 milhões de juros dos titulos estrangeiros são um rendimento certo, independentemente da guerra.

Os francezes estão absolutamente tranquillos ácerca dos 15:000 milhões collocados na Russia, tal é a certeza que teem do grandioso futuro economico d'aquelle paiz; quanto aos seus creditos sobre a Turquia estão-lhe garantidos pela partilha da Asia Menor. E se a França quizer reaver-os mais depressa, basta-lhe passar a outras potencias alguns creditos sobre o estrangeiro para o conseguir sem a menor difficuldade.

Embora a guerra dure ainda mais um anno, a França não terá até então contrahido no estrangeiro uma divida superior a 5:000 milhões de francos; mas admittindo mesmo que a lucta se prolonga ainda por meio tempo, e que aquella cifra se eleve ao dobro—o que é um exagero—ainda assim, com os recursos de que dispõe, bastar-lhe-hão poucos annos para restabelecer o equilibrio da sua balança economica.

Durante este primeiro anno de guerra pediu a França no estrangeiro 950 milhões de francos; as compras que fez por fóra, em munições e outros fornecimentos, elevaram-se á somma de 2:504 milhões, ou seja perto de 200 milhões por mez; ora se a guerra custa actualmente 1:800 milhões mensaes, os restantes 1:600 ficam no paiz.

A reserva de ouro do Banco de França é de 4:400 milhões de francos e o publico tem ainda nas suas mãos mais 4:000 milhões, dos quaes 600 foram depositados no Banco.

Ha um facto que a imprensa allemã criticou: o das emissões de notas feitas no Banco de França em larga escala; explica-se facilmente. Os 4000 milhões em ouro que circulavam entre o publico antes da guerra foram guardados pelos seus possuidores, que os conservam nos seus cofres como uma reserva; foi esse dinheiro que houve necessidade de substituir na circulação por notas do Banco.

Ao paiz pediu o Estado 6.000 milhões de francos em troca de titulos da Defeza Nacional, reembolsaveis a curto prazo, mas essa divida fluctuante facilmente a converterá o sr. Ribot em divida consolidada quando o momento lhe pareça opportuno. Entretanto, não somente estes titulos vão sendo amortisados, como tambem o publico vae empregando na compra d'outros o dinheiro que, por sua vez, o Estado vae empregando nas suas despezas da guerra; a final de contas, o credito da França manter-se-ha intacto pois que não terá tido necessidade de contrahir maior divida no estrangeiro.

E' impossivel conceber-se que a vida economica da França possa, depois da guerra, ficar por muito tempo abalada; poderá ter dispensado, quando muito, uns 30:000 milhões de francos, o que apenas representa uma pequenissima parte da sua riqueza nacional.

No relatorio de 1913, o sabio economista sr. Alfredo Neymark, no Instituto de Estatistica Internacional de Vienna, avaliava a riqueza mobiliaria da França em 170:000 milhões de francos de valores negociaveis.

E' lamentavel a devastação das regiões industriaes do Norte occupadas pelo inimigo; mas no entanto não sobe a ponto de impedir que uma industria de guerra extremamente activa produza larga e abundantemente em torno do Creusot e de Saint Etienne, de Saint Chamond e de Commentry; a ruina temporaria de uma parte da sua industria é menos prejudicial á vitalidade economica da França do que o seria á de qualquer outro paiz da Europa.

Emquanto o seu camponez cultivar o solo mais fertil do velho continente e persistir nos seus habitos de economia e de trabalho, a França manter-se-ha economicamente invulneravel.

Accusava-se a França de estar atrazada, pelo facto de não se lançar ás cegas na concorrencia do industrialismo que atirou a Europa para a catastrophe actual; é que estes francezes a quem lançavam em rosto o seu conservantismo economico eram guiados com toda a clareza, com toda a logica, pelo mais seguro, pelo mais são instincto economico: pelo velho bom senso gaulez».

A provincia n'A CAPITAL

COIMBRA, 13.—Foi prorogado até 15 do corrente o prazo para a entrega de requerimentos dos alumnos que desejam fazer exame no proximo mez d'outubro, em harmonia com a recente lei que concedeu excepcionalmente uma nova epocha de exames.

—Foi nomeado ajudante do notario d'esta cidade sr. dr. Bernardino Costa, o sr. Guilherme Augusto da Rocha.

—Foi auctorisada a permuta de logares entre os professores do 3.º grupo dos lyceus Camões e d'esta cidade srs. Amadeu Albuquerque Barata Sousa Telles e Ruy Pinto d'Azevedo.

—Foi posto em vigor na Escola Industrial Commercial Brotero o decreto n.º 1847, que fixa o quadro dos professores substitutos da mesma escola, tendo fixado em 30 o minimo de horas de aulas semanaes que podem ser distribuidas a cada um dos professores.

—Um grupo de velhos republicanos d'esta cidade promove para o dia 5 d'outubro um banquete no hotel Mondego, para commemorar o 5.º anniversario da Republica e as melhoras do eminente estadista sr. dr. Affonso Costa. A inscripção está aberta nos estabelecimentos dos srs. Evaristo Carneiro e Augusto da Silva Fonseca, na rua da Sophia; Adolpho Pinto de Sousa, na praça do Commercio, e na pharmacia Nazareth, no bairro de Santa Clara.

—Hoje, pelas 17,5, realisou-se em Santo Antonio dos Olivaes um exercicio de escuteiros, dedicado á imprensa.

São dignos de louvor os progressos que em tão pouco tempo teem feito os patrioticos rapazes, dedicando-se a um fim tão altruista.

CONDEIXA-A-NOVA, 13.—Convidado pelo sr. visconde de Sacavem (José), partiu para as Caldas da Rainha, pelas tres horas de hoje, o orpheon condeixense. A acompanhar o orpheon, seguiram alguns cavalheiros d'esta villa que, no regresso das Caldas, tencionam visitar Alcobaça, Batalha e Leiria.

—Já se encontram devidamente installados tres soldados da guarda republicana, commandados por um cabo, a fim de policiarem este concelho. Ao encarregado do posto recommendamos a tabella de preços dos generos considerados de 1.ª necessidade organisada pelo governo.

•••• ECHOS & NOTICIAS

INFORMAÇÕES—COMMUNICADOS

NA PRAIA DAS MAÇÃS

A acção da commissão que organisou a ultima festa infantil na Praia das Maçãs não se perdeu depois da festa realisada. Os benemeritos organisadores, com Magalhães Lima á frente, pensaram em iniciativa mais ampla e mais benefica para o paiz. Quizeram formar a «Liga dos Amigos da Praia das Maçãs», com o proposito louvavel, sympathico e patriotico de «cuidar do desenvolvimento material e moral» da localidade, que é das mais bellas n'uma das mais encantadoras regiões de turismo. E a idéa do grande portuguez Magalhães Lima começou hontem a ter a sua realisação. Em casa do sr. José Bento da Costa, a convite da commissão da ultima festa, reuniram-se hontem algumas quarenta pessoas, das mais prestigiosas e influentes do concelho de Cintra, com os mais enthusiastas dos amigos da região. Depois de acalorada conversa e elevada discussão, em que predominava o espirito pratico dos srs. Innocencio Camacho, dr. Alvaro de Vasconcellos, dr. Virgilio Horta, dr. Augusto Barreto, Alfredo Braga, Garcia de Castro, Ludgero Gomes da Silva e Bento Costa e as mais rasgadas ideias n'um futuro de grandeza e progresso dos srs. Magalhães Lima, dr. Trindade Coelho e dr. José Pontes, lançou-se a constituição definitiva da Liga, com a quotisação minima de 10 centavos mensaes, com séde no Banzão em casa do sr. Innocencio Camacho e delegações de trabalho em Lisboa, no consultorio do dr. Teixeira de Azevedo, rua do Crucifixo, e na Praia, na casa do sr. Garcia de Castro. Constituiram-se as commissões que iniciaram já os seus trabalhos estando já marcada a primeira reunião da commissão executiva para quinta feira, na casa do sr. Innocencio Camacho, ás 6 horas da tarde.

Os corpos dirigentes da Liga ficaram assim constituidos:

Presidente, dr. Magalhães Lima; vice-presidentes, Innocencio Camacho, dr. Augusto Barreto, dr. Teixeira de Azevedo; thesoureiro, Antonio Garcia de Castro.

Commissão executiva. Local—Antonio Garcia de Castro, Angelo Oliveira, Silveira, Sylvain Bordiere, Augusto Gregorio Taveira; Regional—dr. Carlos França, Carlos Mazetti, dr. Alvaro Vasconcellos, Collares Pereira, José Antunes dos Santos, Ludgero Gomes da Silva, Bernardino Gomes da Silva, dr. Virgilio Horta, José Bento Costa, Manuel Joaquim d'Oliveira, dr. Jayme Ernesto Salazar de Sousa, Miranda.

Commissão de propaganda: Arthur Alagoa, dr. José Pontes, Alfredo Braga, Julio Cardona, Francisco Santos, Francisco Valsassina, Norte Junior, Victor Assolino, dr. Trindade Coelho, José Santos Mattos, Miguel Claudio, cap. Portugal, dr. Martins Grillo, Neves (Alberto), dr. Cornelio Silva, Bintza Ribeiro e Roque Miranda.

NOTAS MUNDANAS

Com sua esposa parte brevemente para a Figueira da Foz o sr. João Thomaz de Jesus.

—Regressou da Ericeira com sua mãe o sr. Antonio Lopes da Costa Junior.

—Regressou de Vidago o sr. Antonio da Silveira Santos.

—Partiu para a Ericeira o sr. Bonifacio dos Santos Silva.

—Desde ante-hontem que se encontra em Lisboa, de passagem para Paris e Londres, o sr. José de Moraes, filho primogenito do sr. visconde de Moraes, opulento capitalista e uma das figuras de maior relevo da colonia portugueza no Brazil.

«A ORDEM»

Vae sahir em Lisboa, em outubro proximo, uma folha catholica diaria. Tem como director politico o sr. Zuzarte de Mendonça e como director-gerente o sr. João Paulo Freire. Como novidade annuncia um assistente ecclesiastico, o sr. dr. Pereira dos Reis. «A Ordem» que assim se intitula o novo jornal, defenderá a politica do Centro Catholico Portuguez e conta entre os seus collaboradores os srs. Castro Meyrelles, deputado, e Silva Gonçalves, senador.

DE VIAGEM

DAKAR, 13 (radio).—Os passageiros de 1.ª classe do vapor «Africa» estão de boa saude e cumprimentam suas familias:—(a) Emma Torre Valle, Georgina Regalla, Bettencourt, Barata, Pegado, Sousa Pires, Petra Vianna e filho, Pizarro, Infante, Soveral, Alvaro Andrade, Dão, Almeida, Vieira, Netto, Barreto.

Desastre e aggressões

A bordo do vapor «Box», atracado á muralha de Alcantara, foi colhido por um ferro, que lhe produziu um ferimento na cabeça, o tripulante subdito italiano Otto Tarnucci. Pensado no Banco do hospital de S. José, recolheu a bordo.

Tambem no banco foram pensados: José Maria de Figueiredo e seu filho Manuel de Figueiredo, moradores na rua Gomes Freire, 142, que ali foram aggredidos por um individuo que dizem não conhecer, ficando o primeiro com os ossos do nariz fracturados e o segundo ferido no rosto; Marcolino da Silva, rua de Belem, 82, aggredido no mesmo local e ferido na cabeça; Antonio Pereira d'Oliveira, morador na travessa do Jardim da Praça, 13, aggredido com duas facadas no rosto ao passar pela rua de S. Lazaro; Joaquim dos Santos, morador na travessa do Hospital, 23, ali aggredido, ficando ferido na cabeça, e Joaquina da Conceição, casada com Manuel Gonçalves Isidoro, moradores no Poço do Bispo, 11, aggredida por seu marido, na residencia, ficando ferida na cabeça.

Corpo de salvação publica

No quartel Guilherme Fernandes

Os bombeiros da Cruz Quebrada, Dafundo e Algés, a fim de angariarem receita para o cofre da sua secção—a 3.ª—depois de obtida a respectiva auctorisação, vão promover divertimentos populares na parada do Quartel Guilherme Fernandes, que se realisarão aos domingos. Será organisada uma tombola, para o que uma commissão dirigiu uma circular aos moradores de aquellas localidades, solicitando quaesquer prendas ou donativos.

Bem dignos de auxilio são os que arriscam a cada passo a vida contra o terrivel inimigo que é o fogo.

ULTIMA HORA

A grande guerra

As operações no theatro occidental

PARIS, 13.—Communicado official das 15 horas.

Durante a noite houve alguns combates com granadas proximo da estrada de Arras e foi facilmente repellido um ataque iniciado ao norte da estação de Souchez.

A mesma actividade de artilharia tanto d'uma como d'outra parte.

A lucta de minas é constante como já se disse e obstinada ao sul do Somme, em frente de Fay. Bombardeamento violento nos sectores de Armancourt e Bevregne, assim como nos planaltos de Keneves e Nouvron.

Na Champagne e na Argonne canhoneio intermittente. Na Lorena, as nossas baterias dirigiram com efficacia uma verdadeira chuva de granadas sobre as trincheiras e organisações allemãs nos arredores do Vudermenil e em Loutrey e Sertiller.

Alguns grupos inimigos que sahiram das suas trincheiras e chegaram até ás nossas defezas de fio de arame foram destroçados pelos nossos fogos de infanteria.—(Havas).

HORARIO DE TRABALHO

Trabalhadores ruraes

Os do Campo Grande em desaccordo com os fazendeiros

Entre os trabalhadores ruraes do Campo Grande lavra de ha muito tempo um certo descontentamento por motivo dos fazendeiros não adoptarem um horario egual. Por esse motivo resolveram reunir em assembléa geral para se tratar de organisar um horario que satisfizesse á classe. Grande numero de socios reuniu-se na respectiva associação de classe dos Trabalhadores Ruraes do Districto de Lisboa, rua Oriental do Campo Grande, 145, 1.º, ficando resolvido officiar-se á Associação dos Fazendeiros apresentando-lhe o seguinte horario de trabalho: De 1 de abril a 30 de setembro, entrada e sahida de sol a sol, com uma hora para almoço e 2 horas e meia para jantar e de 1 de outubro a 31 de março entrada e sahida de sol a sol, com uma hora para almoço e outra para jantar. Esse officio foi enviado a 17 de agosto e não obteve resposta o que levou a Associação a enviar outro no dia 29. A resposta não convinha aos trabalhadores.

Estes, em grande numero, reuniram-se na sua associação e resolveram abandonar o trabalho até que as suas aspirações sejam attendidas.

Em grupo, os grevistas seguiram para a séde da União Nacional Operaria onde reuniram novamente e se nomearam varias commissões para se avistarem com o chefe do districto, ministro do interior, fazendeiros, etc. Essas commissões seguiram o seu destino e os trabalhadores ficaram na União aguardando as «demarches» feitas.

Conhecido no governo civil e no quartel da Guarda Republicana o caso, seguiu para o local uma força de cavallaria da referida guarda e varios civicos a fim de manter a ordem o qual não foi alterada, motivo por que retiraram mais tarde. Devido a este levantamento é provavel que amanhã se faça sentir a falta de hortaliça em Lisboa. Os grevistas estão em sessão permanente. A commissão que se avistou com o sr. governador civil volta ali novamente amanhã para se assentar n'uma base definitiva.

Torneiros de metaes, etc.

Não consentem na diminuição de salario

Continua na mesma situação o conflicto levantado pela Associação de Classe dos Torneiros de Metaes, Canalisadores e Bronzeadores, devido aos industriaes não attenderem o horario das 8 horas de trabalho. Na reunião effectuada hoje, ficou resolvido que os operarios retomariam o trabalho logo que os industriaes concedam as 8 horas mas com os mesmos salarios. Durante o dia foram recebidas varias adhesões, tendo já concedido o horario pedido as casas dos srs. Manuel Pinheiro, Lucio Pato & C.ª, Piedade Ferreira, V.ª Manuel Joaquim Cunha, «A Iniciadora», M. M. Valente & C.ª e José Alves da Silva. Nomearam-se commissões de vigilancia que verificaram não ter entrado operario algum para qualquer officina. Os grevistas continuam em sessão permanente, tendo sido hoje distribuidos pequenos manifestos ao publico.

* * *

Uma commissão delegada da Associação de Classe dos Torneiros de Metal, Canalisadores de Gaz e Agua e Artes Annexas procurou hoje o sr. presidente do ministerio para lhe communicar que, achando-se a classe em greve, a isso foi forçada pela Associação Industrial que se recusa a cumprir a lei.

Pediram ao sr. dr. José de Castro que intercedesse de fórma a solucionar a questão, não tornando responsavel a classe por quaesquer factos que se deem.

NOTAS DIVERSAS

Uma commissão de operarios dos caminhos de ferro do Sul e Sueste procurou hoje o sr. ministro do fomento para lhe entregar uma representação pedindo augmento de salario.

Tambem a commissão de operarios fogueiros das companhias reunidas Gaz e Electricidade voltou a procurar o sr. dr. Manuel Monteiro. Foram recebidos pelo secretario sr. Augusto Ribeiro da Silva.

—Reuniu hoje o conselho de administração da Caixa Geral de Depositos occupando-se do orçamento da mesma caixa para o anno de 1915-1916.

—Pela pasta da marinha foram hoje á assignatura os decretos:

Exonerando do cargo de director das construcções navaes do Arsenal de Marinha o capitão de mar e guerra engenheiro naval Francisco de Albuquerque de Mello Pereira e Caceres e nomeando para esse logar o capitão-tenente José Gonçalo Vaz de Carvalho; promovendo a 2.ºs officiaes do quadro transitorio civil da Escola Naval, os 3.ºs officiaes do mesmo quadro Frederico Augusto Correia e Antonio Simões Barbosa Junior; nomeando serventes do quadro transitorio dos empregados civis da mesma escola o servente provisorio do quadro de operarios da mesma escola, Manuel Fernandes e os dois marinheiros do troço do mar João Franco e José dos Santos.

—Os srs. João Damas e tenente coronel Antonio Maria Baptista conferenciaram com o sr. ministro do fomento sobre a dotação da estrada de Rio de Moinhos a Aldeia da Matta, dotação e variante da estrada de Belver a Louzã, dotação da ponte de Bemposta e um subsidio em madeira para um edificio no Sardoal.

Alguns d'estes assumptos já ficaram resolvidos.

O conselho de ministros que esta tarde reuniu no ministerio da marinha continuou a occupar-se da questão das subsistencias e da organisação da expedição a seguir para a Africa a substituir as forças que operaram no Cuamato e no Cuanhama.

—O jury dos concursos para 2.ºs officiaes da repartição de fazenda de S. Thomé terminou os seus trabalhos apresentando hoje ao sr. ministro das colonias o resultado dos mesmos.

O jury classificou em primeiro logar logar os srs. Pacifico de Sousa, 1.º escripturario da fazenda de Moçambique, e Oliveira Pegado, 2.º official da intendencia dos serviços em Angola. Compunham o jury os srs. Almeida Novaes, Tamagnini Barbosa e dr. Manuel Cardoso Baptista.

—Com destino ao Algarve, onde vae encorporar-se na flotilha de fiscalisação, largou hoje do Tejo o vapor «Lynce».

—O sr. presidente da Republica recebeu hoje, em audiencia particular, o sr. Jorge Duarte de Almeida, consul de Portugal em Boston, que lhe foi apresentar os seus cumprimentos de despedida.

—A assignatura presidencial realisou-se hoje, ás 15,30, em casa do sr. presidente da Republica.

—O sr. Luiz Filippe da Matta, secretario do directorio do partido republicano portuguez, foi hontem em nome d'este corpo politico e do grupo parlamentar democratico informar-se pessoalmente do estado de saude do sr. dr. Antonio José d'Almeida.

—Principiou hoje a vigorar o preço de 240 réis a duzia de ovos.

—Foi nomeado administrador do concelho de Elvas, para onde parte na quarta-feira, o sr. Jayme Sebrosa, secretario da administração do concelho de Oeiras.

Escolas de repetição

Transporte de tropas em comboios e construcção de trincheiras

Nos exercicios das escolas de repetição já realisados provou-se mais uma vez que o nosso soldado possue esplendidas qualidades de resistencia e de disciplina, sendo capaz de todos os prodigios de valentia quando dirigido por bons officiaes. Estes, por sua parte, auxiliados pelos sargentos, esforçaram-se pelo aproveitamento d'aquellas qualidades, pois pode dizer-se que são raros os que não comprehendem hoje as vantagens das escolas de repetição, como base da nova organisação do exercito.

No emtanto, algumas deficiencias se notaram, e a ellas se referiu o sr. ministro da guerra nas palavras que proferiu ha dias n'um conselho de ministros e reproduzidas n'uma nota publicada nos jornaes. Não se fizeram, por exemplo, transportes em linhas ferreas, o que é indispensavel para a preparação de embarques e desembarques rapidos. Tambem se não construiram trincheiras em nenhum dos campos escolhidos para os exercicios, quando a verdade é que ellas constituem hoje um factor importantissimo das operações militares.

Essas deficiencias saltaram á nossa observação, e sobre ellas quizemos ouvir hoje o sr. ministro da guerra. S. ex.ª manifestou-nos logo o seu empenho em aperfeiçoar cada vez mais os exercicios das escolas de repetição, seguindo n'esse sentido uma orientação pratica, colhida principalmente em ensinamentos da guerra europeia. Os transportes das tropas em linhas ferreas não se fizeram porque os exercicios das varias unidades se realisaram n'uma area pequena, sendo as marchas relativamente curtas. Nos primeiros dias não iam além de 8 a 10 kilometros, tanto mais que se tratava, em primeiro logar, de repetir a escola de recruta, para que o soldado se não esqueça da preparação que recebeu no quartel quando do seu alistamento.

O sr. Norton de Mattos tambem acha indispensavel que se faça a construcção de trincheiras em futuros exercicios militares. Para que o nosso exercito se habitue a praticar as ultimas lições da guerra, tenciona s. ex.ª auctorisar a partida de alguns officiaes que acompanhem em França a marcha das operações, a fim de que os seus relatorios sirvam de base para uma intensiva preparação das nossas tropas.

A nova Avenida da Trindade

PORTO, 13.—Reuniu hoje na Camara Municipal a commissão de engenheiros para apresentação dos estudos feitos pelo engenheiro inglez M. Parcker, encarregado do projecto da nova Avenida da Trindade.

Presidiu o sr. Elisio de Mello e assistiram bastantes engenheiros, chefes, etc. O sr. Parcker fez uma larga exposição elucidativa sobre as difficuldades iniciaes da nova avenida e a maneira de as resolver, o que deixou toda a assistencia optimamente impressionada.

PARTE COMMERCIAL

Situação da praça

CAMBIOS.—O mercado fechou ás seguintes cotações:

	Compra	Venda
Londres, cheque	30 1/8	30
Londres, 90 d/v	30 3/4	—
Paris, cheque	$782	$718
Allemanha, cheque	$803	$833
Hollanda, cheque	$58	$50
Madrid, cheque	1$87	1$94
New York	1$40,3	1$47,8
Rio/Londres	12 9/17	—
Libras	6$82	7$02
Agio do ouro	46 %	50 %

BOLSA.—As inscripções effectuaram-se:

	Assent.	Coup.
Titulos de 1.000$	40,10	—
» » 500$	—	—
» » 100$	—	—

Certificados de 40$, 41,10 %. Obrigações d'Estado: 3 %, 1905, 9$60; 4 %, 1888, 21$80; 4 1/2 1912, ouro, 96$. Externas: 1.ª serie 73$00 e 3.ª 74$00. Acções: Banco Commercial do Porto 46$50; Aguas 90$; Credito Predial 98; Mouraria (nova) 63$. Obrigações: Aguas, assent. 82$50 e coup. 90$. Ultramarino, hypothecarias 83$70.

PEQUENAS NOTICIAS

Serão em breve submettidos á approvação do governo os estatutos d'uma nova aggremiação que se intitula Gremio Economista Portuguez e que se destina a promover o fomento da riqueza publica.

—Foi transferida para amanhã a reunião da commissão parochial republicana de Arroyos.

NOVIDADES LITTERARIAS

Sem cura possivel, de André Brun 1 vol. 40 cent.

A conquista de Plassans, de Zola (vols. 112 e 113 da col. H. de Leitura), 2 vol. 40 cent.

Viagens de Gulliver, 1 vol. 20 cent.

O Visconde de Bragelone, de A. Dumas. (Complemento dos «Tres Mosqueteiros» e «Vinte annos depois»), 8 vols. broch. 1$60, encadernados 2$60 cent.

Gimnastica Sueca, methodo elementar racional, 1 vol. illustrado, 10 cent.

O plano de Clara, romance de Escrich, 1 vol. 20 cent.

Como se deve educar o espirito, do D. Toulouse, 1 vol. 3.ª edição, 40 cent.

Remessas franco de porte.

Guimarães & C.ª, Rua do Mundo, 68

INTERESSES DE CABO VERDE

Com os serviços de obras publicas

gastam-se rios de dinheiro, mas é tudo rudimentar e nada ha capaz, a começar pelo pessoal

O orçamento de Cabo Verde para 1915-916 distribue a verba para obras publicas da seguinte fórma: pessoal technico, 2 engenheiros e 3 conductores, 7:020$; pessoal auxiliar de construcção, 4 apontadores, 1:584$; pessoal de secretaria, 840$; addidos, 5 conductores e 1 apontador, 3:180$; secção de contabilidade, 1:200$; ajudas de custo ao pessoal e vencimento dos pagadores, 1:800$; ferias, material e outras despezas, 24:000$; guarda e conservação de canalisação das aguas, 800$; encarregado dos telephones, 200$. Total, 42:564$00.

A despeza total, em 1913 elevou-se a 47:842$ de despeza ordinaria e 1:578$ de despeza extraordinaria.

Analisando as verbas salta logo á vista que se gasta com pessoal technico e administrativo 18:384 escudos e com obras 24:000$00.

Entendemos não dever fazer apreciações, e deixamos que os nossos leitores as façam, para o que lhes damos os convenientes dados numericos.

Se ha serviços publicos que tenham vivido mais ou menos divorciados do progresso mundial, os das obras publicas de Cabo Verde são os que estão no primeiro plano. Triste é dizel-o, mas é uma verdade que todos apontam em familia. Mas não admira: salvas poucas mas honrosas excepções, o pessoal de obras publicas, além de incompetente, embora se faça merecedor do culto da incompetencia, que é moeda corrente, é ainda inaccessivel ás modernas conquistas da engenharia civil, pelo facto extraordinario, mas verdadeiro, de lhe terem sido dados os cargos para aprenderem os officios, da mesma maneira que o *Frits* da preciosa operetta de Gerolstein pedia o cargo de professor para aprender a ler.

De fórma que investidos os funccionarios incompetentes á custa de formidaveis influencias soffrem os serviços publicos, e tanto soffrem que se chegou ao lastimoso estado que notamos a ôu.

Em primeiro logar, as estradas são o que mostrámos em artigo anterior: pontes-caes de desembarque faltam na Brava, no Fogo, na Praia, no Maio; a de Boa-Vista necessita grossas reparações, como a de S. Nicolau. A ponte metallica de S. Vicente, parte construida sobre estacas metallicas em ponta, parte sobre estacas de pontas helicoidaes, foi construida de tal fórma que é um sorvedouro de concertos. Em St. Antão, faltam caes em muitos portos de grande movimento.

Se passarmos á apetrechagem dos portos, notamos que a maioria dos archaicos paus de carga se inutilisaram pela falta de conservação.

Se verificarmos o custo e a feitura das construcções, notamos em primeiro logar uma ausencia absoluta de gosto architectonico: se passarmos uma vista rapida á fórma de construcção notar-lhe-hemos grosseirissimos erros não só na construcção das alvenarias, como na parte de carpintaria, que anda divorciada de tudo quanto é solidez: não ha edificio algum publico em que os soalhos não tremam de fórma a prejudicar até a escripta, com o simples andamento de um individuo; as janellas são construidas, de tal fórma que a agua da chuva penetra no interior dos edificios; os áros de portas e janellas apoiam-se em tacos de madeira; não se sabe evitar o apparecimento dos nós da madeira apoz a pintura. Se analisarmos o preço do metro quadrado da construcção equivalente á terceira classe de construcção civil aqui, que não custa mais de 8 escudos, custa em Cabo Verde 24 escudos sem alcançar a metade da perfeição aqui conhecida. Motivo: adquirirem-se na provincia todos os materiaes de construcção por preços fabulosos, quando, se as praças fossem extensivas, aqui conseguiriam reducções de mais de 50 0|0.

E, para exemplo, citaremos que o mais ordinario pitch-pine americano usado na construcção civil em Cabo Verde custava ha pouco 30$00 o metro cubico em taboado, barrotes, etc. A tonelada de cal d'aqui comprava-se a 60$00. E tudo o mais na mesma proporção. E é devido ao exhorbitante preço das construcções que o Estado não dispõe de casas para as repartições publicas, nem muito menos para a morada dos seus funccionarios, pagando-lhes estes a renda correspondente aos 5 0|0 do capital empregado, e para se encobrir o que mais não é do que uma vergonha, já as estatisticas se não referem ao quantum da importancia que o Estado paga em rendas de predios todos os annos, por toda a provincia, onde o Estado e os seus funccionarios estão na mão dos particulares, que se fazem pagar caro.

Se quizermos saber do estado da pharolagem do archipelago, veremos que ha perto de 15 annos que se construiu o ultimo pharol, continuando a ser deficientissima a pharolagem principalmente das ilhas mais baixas, Maio e Boa Vista, que são os cemiterios da navegação.

Se se inquirir do desenvolvimento das communicações telephonicas e telegraphicas desmaia-se quando se souber que o desenvolvimento é de tal ordem que se consegue uma receita de 58$00 e uma despesa de 480$00. A rede telephonica é na cidade da Praia de 4:645 metros, na ilha Brava de 4:620 metros e em S. Nicolau de 650 metros. A linha telephonica que existiu na ilha de Santo Antão foi mandada arrancar. A linha telephonica da Praia foi montada sob a direcção do chefe do telegrapho inglez. E, não ha mais nada. E' claro que é muito mais pratico mandar um portador a 15 ou 20 kilometros, gastando $80 a 1$ escudo, que servir-se de um telegrapho ou de um telephone, luxos para Cabo Verde muito dispensaveis!

Mas, em compensação, quando ha fomes em Cabo Verde, é para as obras publicas que vae o peso todo do remedio para uma doença que não se soube prevenir: e as obras publicas aproveitam os braços e as verbas occasionaes em melhoramentos mais ou menos efficazes da viação ordinaria, que, é claro, nada influem que as crises de subsistencias se não repitam no anno seguinte com mais intensidade.

Sempre nos pareceu que um trabalho muito mais util para a provincia e que compete por egual ás obras publicas seria a execução dos serviços da hidraulica como foram estabelecidos para aqui em 1886. Modifique-se esse regulamento para ser applicavel a Cabo Verde, melhorem-se successivamente os serviços de irrigação dos terrenos, que já hoje são propriedade particular, conquistem-se mais terrenos irrigaveis que só assim se reduzirá de anno, para anno o desastre das fomes. Arborisem-se as grandes bacias hidrographicas e estaremos a caminho da solucção das crises de subsistencias, porque o que é verdade é que a construcção de uma estrada nada tira nem põe no grave problema das fomes.

Além do que já dissémos, é de notar que ha muitos annos se deixou de publicar o relatorio annual dos serviços de obras publicas, em que se dava conta das obras feitas e do seu custo, para se ajuizar com absoluta justiça da fórma como essas obras se executaram no tocante a economia, pois, na parte que se refere á construcção de estradas com leito de terra, affirma-se que o kilometro construido anda por 4000 escudos, sem que se saiba se isto é ou não uma verdade.

Outra coisa que seria necessario conhecer era a deslocação dos funccionarios technicos de obras publicas, pois se diz que são commettidas muitas injustiças, havendo quem não destaque durante mais de 8 annos, e outros destacam nove vezes n'um anno. Ao mesmo tempo, no que diz respeito a abonos de ajudas de custo e de subsidios de transporte, mais d'uma vez se tem ouvido referencias a abonos illegaes, pedidos por funccionarios cuja seriedade é duvidosa, e que na melhor boa fé lhe teem sido illegalmente pagos. Se os relatorios officiaes se referissem a estas coisas miudas, estamos certos que se evitariam muitos abusos.

Finalmente é para sentir que as obras publicas de Cabo Verde não tenham ainda o seu regulamento privativo, moldado na lei de 1911. Todas as colonias teem esse regulamento menos Cabo Verde, que é a colonia mais proxima e cujo projecto tinha sido um dos primeiros a ser apreciado pelo Conselho Colonial. Esse regulamento, se fosse elaborado em termos liberaes, permittiria a descentralisação dos dos serviços de obras publicas, que centralisados só conseguirão neutralisar actividades e só produzem papeis sem valor nem utilidade.

E aqui está pallidamente descripto o que teem sido as obras publicas em Cabo Verde.

Armando Xavier da Fonseca

SPORT

A inspecção de gimnastica nas escolas primarias

Dissemos que não comprehendemos a ultima proposta do dr. Corvinel Moreira estabelecendo na camara municipal as bases do concurso para inspector de gimnastica nas escolas primarias;

Dissemos que as condições d'esse concurso eram insufficientes para o logar que se disputava;

Dissemos que o inspector deve ser mais que um professor e ter maiores conhecimentos technicos porque vae dirigir o ensino de gimnastica e examinar professores;

Dissemos que o juri formado por um medico e dois professores de gimnastica era insufficiente para o exame d'um futuro inspector;

Dissemos que o classificado deve ser um homem são, valido, souple de musculatura, forte e capaz de executar os exercicios gimnasticos que podem e devem executar aquelles que vão estar sob sua directa fiscalisação;

Dissemos que a maioria do nosso professorado devia ter conhecimentos especiaes do assumpto, taes como em toda a parte do mundo se exige aos que dirigem a educação physica;

Dissemos sempre e tivemos quem nos acompanhasse nas nossas considerações que a nomeação do futuro inspector de gimnastica devia assentar no concurso duro e apertado, para que a sua nomeação não soffra a critica, tão frequente pela mesa dos cafés, de que Fulano de tal é ou não competente sem se saber o que elle valle.

E assim...

Desejamos—e se pudessemos iamos exigir—que as bases do concurso que o sr. dr. Corvinel Moreira annuncia sejam duras, tal como, em principio, o esclarecido espirito d'aquelle medico havia delineado.

Em verdade, não nos agrada uma só prova escripta e uma só prova pratica da compentencia phisica do candidato.

Queremos mais e muito mais, por exemplo o que se devia exigir nos que são professores..

Queriamos mais provas, escriptas se quizessem, mas tambem provas oraes, onde o candidato, sem mostrar eloquencia, mostrasse principalmente competencia, discutindo com o juri, que por sua vez iria desmentir o que por ahi se diz de que em Portugal raros são os que conhecem o assumpto.

Queriamos vêr o futuro candidato em frente de um juri de auctoridades indicar a sequencia de uma primeira lição de gimnastica pedagogica, com as primeiras attitudes, que defenderia com argumentos scientificos.

Queriamos vêr o mesmo candidato indicar a sequencia de uma lição, expondo-a e explicando-a, já com alumnos costumados a fazer gimnastica, porque a sequencia d'essa lição não é uniforme e como muitos o julgam.

Queriamos tudo isto, até as mais duras provas de competencia phisica individual.

E quem assim fala:

Pede um concurso para se affirmar competencia e não uma coisa simples e sem valor, sujeita á primeira critica de um gracioso.

E se não sabem o que hão de exigir, nós o indicaremos...

Nota do dia

Gymkanas reveladores...

E' curiosa a circumstancia e merece publicidade.

N'estes mezes estivaes e de principio outomnal, multiplicam-se as festas athleticas e de *gymkanas* sportivos pelas praias, pelas estancias balneares e pelas terras do turismo. E em todas essas festas apparecem, aqui e além, athletas e gymnastas que fazem maravilhas e estabelecem *records*. Vimos saltos á vara de 2m,80, saltos em altura de 1m,60, por quem nunca praticou esses *sports* dentro de um club e sem preparação adequada. E' maravilhoso!

Perante estes resultados, não seria conveniente que se chamassem esses elementos á pratica constante do athletismo? Os clubs que respondam.

Espectaculos

Cartaz de amanhã

POLITEAMA—A's 20,30 e 22,30—Não desfazendo... (Revista).
EDEN—A's 20,45 e 22,45—O diabo a quatro. (Revista).
COLISEU DOS RECREIOS—A's 21—A viuva alegre—Trechos de opera.

THEATRO EDEN—«O casamento do Colla Tudo» novo quadro da revista «Diabo a quatro»

O novo quadro da revista actualmente em scena no Eden melhorou-a sensivelmente. Farça, cheia de graça, fazendo lembrar as peças de Gervasio, sae fóra dos costumados quadros de revista e, talvez, por isso mesmo, mais interessante se torna. Fazia a sua festa Nascimento Fernandes que mais uma vez teve occasião de observar o quanto o publico o estima, retribuindo-lhe as ovações com mais um typo dentro do novo quadro, d'aquelles que nenhum collega conseguiu ainda imitar. Merece a pena ir vêr o Colla Tudo vestido de noivo, tão extravagante é o typo creado pelo actor. Não se limita, porém, a isso, o seu trabalho. As attribulações por que passa, apoz o casamento, vendo apparecer a todos os instantes as suas conquistas, sabedoras do noivado por uma noticia de jornal e desejosas de o terem livre, dão ensejo a que Nascimento Fernandes nos mostre o que vale o seu trabalho de phisionomia. A sua mobilidade é completa, a sua mascara perfeita. A amenisar o quadro, alguns numeros de musica, dos quaes citaremos o tercetto com Amelia Pereira e Henrique Alves que, sendo interessante, é sobretudo muito bem achado.

Guarda-roupa, proprio. Encenação cuidada. Scenario appropriado. Desempenho homogeneo.

Alvaro Lima

Noticias

Entre nós

A primeira peça nova a subir á scena no theatro Nacional é a comedia *D. Perpetua que Deus haja*, original de Chagas Roquette. A seguir representar-se-ha *O escandalo*, de Henri Bataille, traducção de Mello Barreto, com Palmira Torres no papel principal, que foi creado em Paris por Bertto Bady.

Segundo nos consta, uma das peças novas da temporada será a adaptação do *Fausto*, de Coelho de Carvalho.

● Depois de exgotada a carteira da revista de André Brun *Não desfazendo...* o theatro Politeama inaugurará a sua epocha de inverno com uma companhia de declamação devendo representar, entre outras peças, a comedia em quatro actos *La part du feu*, de Moneyhon e Nancey. Continua a dizer-se que fará parte d'essa companhia a actriz Maria Falcão.

● Deixaram de fazer parte da companhia do theatro do Gimnasio as actrizes Zulmira Ramos, Elvira Bastos e Julietta de Vasconcellos.

● Uma das peças novas da proxima temporada do Republica é *O cardeal*, traducção de João Soller, cujo protagonista será Eduardo Brazão.

● O papel do *Juliano*, uma das mais notaveis creações de Eça de Queiroz, no *Primo Bazilio*, será desempenhado na proxima epocha do Gimnasio, por Maria Mattos.

● Ouvimos que a actriz Etelvina Serra fará parte, na proxima epocha, de um dos nossos theatros de declamação.

● Ha negociações entaboladas para que dois escriptores conhecidos, que ainda não trabalharam de colaboração, escrevam uma peça de costumes para a proxima epocha do theatro Apollo.

● Cantou-se hontem no Coliseu dos Recreios e com geral applauso do publico o mesmo programma da festa artistica de Cina de Valdis, sendo todos os artistas muito applaudidos.

Hoje, em recita da moda, canta-se a *Historia d'um Pierrot* simples e lindissima operetta para a qual o maestro Baldoris escreveu uma inspirada partitura.

Completa o espectaculo *O Cabo Susine*, opera comica engraçadissima em que *Marchetti* tem um dos seus melhores papeis comicos.

A'manhã o notavel soprano Rozalia Pangrazi e o tenor Razzollo Vizzani fazem a sua festa artistica com a ultima representação da *Viuva Alegre* e trechos de opera que os festejados cantarão com o primor que é de esperar das suas esplendidas faculdades.

Circos & Music-halls

SALÃO DA TRINDADE—A's 20 e 22—Companhia Infantil—Filha de Annica.

ANIMATOGRAPHOS E CONCERTOS—Olimpia e Paradis, *matinées* diarias e sessões á noite; Central, Chiado Terrasse, Salão Foz, Rocio; Sociedade Promotora de Instrucção, em Alcantara, sessões ás quintas feiras, sabbados e domingos.

CINEMATOGRAPHOS OU ESPECTACULOS VARIADOS—Chantecler, Imperio, Salão Graça, na Caixa Economica Operaria, Variedades, na calçada da Estrella—A's 21.30—O diabo no convento.

Movimento maritimo

Bissau, Bolama e Cabo Verde «Guiné»	14
R. de Janeiro e Santos «Dupleix»	14
Batavia, Timor, etc., «Kawi» (Amst.)	14
Africa Occidental, «Cazengo»	18

viam retirado tanto á pressa em setembro, nem avançar para leste de Soissons, onde os canhões francezes varriam a planicie de Vernizel das eminencias ao sul do rio.

As auctoridades militares francezas procederam com a maior franqueza, annunciando immediatamente esse revez. Seguiram a opinião do coronel Rousset, conhecido critico militar francez, que entende que é melhor dizer toda a verdade do que dar logar a commentarios em que a imaginação tem o principal papel.

Vamos recordar uma outra batalha em que o kaiser figurou como espectador distincto e, até certo ponto, como dirigente. Tendo-se o Aisne revelado uma barreira insuperavel e havendo por isso as ceremonias religiosas na cathedral de Reims sido adiadas indefinidamente, as altenções do exercito allemão em França voltaram-se para La Bassée, região ao norte.

Havia uma magnifica razão militar para assim proceder, porque os inglezes não só occupavam uma forte posição dominando o canal de La Bassée entre Givenchy ao norte e Cuinchy ao sul, mas haviam feito movimentos tendentes a apoderarem-se de La Bassée, onde a posição dos allemães era uma saliencia de grande importancia estrategica que cobria a sua linha de communicações para o Oise e para o Aisne.

Operações, coroadas de exito, dos inglezes em Festubert e Richebourg l'Avoué, suggeriram aos allemães o desejo d'um contra-esforço. Precisavam de mostrar que a sua força era egual á da posição britannica e concentraram grandes forças para tal fim.

O principal ataque que fôra cuidadosamente preparado dias antes, sob as vistas do kaiser, deu-se no dia 25 de janeiro, de manhã. A seguir a uma demonstração ao longo de toda a linha desde Festubert até Vermelles e ao norte até Pervyse e Ypres os allemães começaram a bombardear Béthune, cidade que ficava nas linhas britannicas, a uns quinze kilometros approximadamente a oeste de La Bassée.

Meia hora depois, ás 9 horas, apoz outro violento bombardeamento pela artilharia e «minenwerfer»—morteiros de trincheiras—um forte ataque de infantaria dado pelo 57.° regimento prussiano e pelo 7.° de sapadores se desenvolveu ao sul do canal que corre a leste desde Béthune.

N'esse ponto a linha britannica formava uma pronunciada saliencia do canal, correndo para a frente do triangulo do caminho de ferro proximo de Cuinchy e detraz da principal estrada La Bassée-Béthune, onde se juntava ás forças francezas.

Essa saliencia era occupada por meio batalhão dos Guardas Escocezes e meio batalhão dos Guardas Coldstream, muitos dos quaes quasi não tinham exercicio. O avanço allemão era feito pela estrada, porque os campos eram um mar de lodo, não estando em melhor estado a estrada.

O violento bombardeamento fôra de terriveis effeitos nas trincheiras e em resultado d'isso o ataque do inimigo conseguira romper a linha britannica, que não era apoiada. Os allemães traziam tambem um automovel blindado, que vinha pela linha de caminho de ferro de La Bassée e que seguiu quasi até Béthune ou pelo menos sufficientemente proximo para poder lançar para dentro da cidade umas vinte granadas.

A infantaria inimiga avançou em massas compactas com grande valentia, arremeçando granadas de mão. Foi recebida á bayoneta, mas era tão numerosa que em alguns casos nem tempo havia para repetir o ataque. Em alguns pontos da linha a distancia entre as trincheiras era tão curta que era impossivel deter o avanço de uma para outra. Os allemães conseguiram, pois, romper a linha, recuando os inglezes n'alguns pontos.

Mas os allemães não puderam tambem avançar muito. Uma grande columna que havia desembocado de Auchy, a sudeste de Cuinchy, ao avançar ficou entre os fogos dos canhões francezes e inglezes, soffre...

venchy nos dias 21 e 22 de dezembro. Poucos dias depois, os alliados estavam muito occupados na direita e na esquerda d'esse sector.

Na extrema esquerda as forças mixtas francezas e belgas tomaram St. Georges, aldeia que fica a dois kilometros e meio de Nieuport.

Com a tomada d'essa aldeia, findavam em 1914 as operações na Flandres.

Em dezembro, os alliados estavam guarnecendo em frente de Nieuport uma estreita ponte-cabeça. Em parte com o fim de a alargar ataques foram iniciados na direcção das dunas na margem direita entre Nieuport e o mar. Essas dunas, onde era muito difficil penetrar, continuam ao sul para Lombartzyde, uma aldeia que havia sido posta em estado de defeza. Mais para o sul começava a area inundada.

Tenente H. J. Holbrook, commandante do submarino inglez «B. 11»

Não obstante os contra-ataques, entremeiados com bombardeamento de Nieuport e de Nieuport Bains, os alliados ganharam terreno e no dia 27 de dezembro alcançaram St. Georges. Parte da aldeia n'esse dia estava-lhes quasi nas mãos, mas outra parte, comprehendendo algumas, poucas, casas entre o canal do Yser e a estrada, estava em poder dos allemães.

As aguas— toda a região, como já dissemos opportunamente, fôra inundada—impediam o accesso, excepto pela estrada e pelo dique ao sul do canal. As casas occupadas pelo inimigo haviam sido por elle transformadas n'uma verdadeira fortaleza, metralhadoras estavam assestadas para a estrada e o lado era defendido por redes de arame farpado.

Os alliados abriram uma mina ao longo da estrada e do dique e conseguiram assim, no dia 27, chegar á casa d'um barqueiro ao norte de St. Georges, de que se apoderaram. No dia seguinte, apoiado por um terrivel fogo d'artilharia de Ramscappelle e de entre as minas do Wulpen e Boitshoocke, o assalto foi dado.

Apezar do violento fogo do inimigo, alguns marinheiros francezes, com o auxilio d'um pequeno barco conseguiram collocar um canhão em posição no dique, a curta distancia das casas fortificadas, que foram reduzidas a um montão de ruinas.

Simultaneamente, do sul tropas belgas avançaram por entre o lodo e, juntando-se-lhes um destacamento de marinheiros vindo da direcção de Ramscapelle, tomaram posição em duas herdades, d'onde fizeram um fogo terrivel sobre o inimigo. Então, os marinheiros francezes e os fuzileiros argelinos avançaram, rendendo-se os ultimos marinheiros allemães que ainda estavam em St. Georges.

Eram apenas uns quarenta, mas nas ruinas foram encontrados cerca de trezentos cadaveres e os prisioneiros falavam com terror dos effeitos terriveis do canhão francez de 75.

Os captores não foram deixados em socego. Durante a lucta haviam sido bombardeados pelos canhões allemães em Mannekensvere, Slype e Schore, e no dia seguinte houve novo terrivel bombardeamento da sua artilharia, que desmoronou o que restava da aldeia, assim como as trincheiras dos alliados, apoz o que os allemães avançaram em quatro columnas pelo dique e pela estrada, pelas margens cheias de lodo e até mesmo por agua. Mas o seu ataque não poude avançar, tendo sido detido pelo fogo dos alliados.

A tomada da aldeia era importante, não pelo que ella valia ou pela pequena extensão de terreno conquistado, mas sim pelas magnificas posições para a artilharia, especialmente quando chegasse a occasião de avançar para Ostende. Um outro resultado d'essa tomada era o auxilio que se podia dar á construcção do pontes sobre o Yser a leste de Nieuport—trabalho essencial para a passagem de tropas e canhões.

A uma das pontes construidas n'essa occasião deram os soldados o nome de «General Joffre». Era uma tentadora preza para os allemães, que fizeram todos os esforços para a destruir, mas o seu fogo foi inefficaz, tendo de limitar-se, como premio de consolação, a um novo e futil bombardeamento de Nieuport e Nieuport Bains.

A façanha que acabamos de rememorar foi seguida d'uma outra victoria franceza. Apoz alguns dias de lucta ininterrupta—que os allemães ao tempo descreveram como a mais violenta da campanha — as tropas francezas na Alsacia alcançaram uma verdadeira victoria apoderando-se de Steinbach na noite de 3 de janeiro de 1915—um feliz augurio para o novo anno—. Mas o feliz presagio não se confirmou por completo.

A esse tempo, começou uma serie de violentos combates no districto de Soissons. Ao norte d'essa cidade, além do rio, entre as aldeias de Bréve e Crouy, ha um planalto com fundas encostas, entre as quaes uma eminencia denominada a cota 132. Ahi os francezes haviam-se apoderado, a 8 de janeiro, por um brilhante ataque, precedido no dia anterior d'um violento bombardeamento, d'uma forte posição que dominava a estrada e o caminho de ferro de Soissons nas linhas francezas, a noroeste de Laon (além das linhas allemãs), embora não estivesse assegurada por completo a posse da cota.

Para se apreciar devidamente o esforço dos francezes necessario é dizer que os entrincheiramentos allemães n'esse ponto eram mais fortes do que em qualquer outra parte do seu linhamento no Aisne. A posição do exercito francez, quando foi ganha, era muito difficil de alcançar; comtudo os allemães pensavam em fazer uma tentativa para a dominar. Assim procederam nos dias seguintes, mas dando em resultado que um contra-ataque francez no dia 10 fez fugil-os das trincheiras que até alli occupavam, ficando os francezes senhores completamente da cota.

Os allemães mostraram o seu pezar com um violento bombardeamento de Soissons, uma fórma de actividade que não tinha objectivo algum militar e apenas podia causar damnos em edificios civis e ecclesiasticos. Sessenta e cinco granadas attingiram a cathedral.

Mas esse bombardeamento de pacificas habitações em breve foi seguido por outra fórma de lucta. Von Kluck fez avançar reforços pelo caminho de ferro da sua base em Laon—dois corpos de exercito, ao que se diz—e a 12 de janeiro violentos ataques por grandes forças foram feitos contra a cota 132 e contra o contraforte Perrière (parte do planalto de Vregny) atravez do valle, que anteriormente estivera durante algum tempo em poder dos francezes.

A lucta durou todo o dia e ao anoitecer os francezes mantinham-se ainda no cume dos declives a oeste do contraforte, mas a leste haviam cedido terreno e os allemães diziam ter tomado 1.130 prisioneiros, além de alguns canhões e metralhadoras.

Os allemães haviam na realidade alcançado vantagens. N'essa noite os francezes foram desalojados do planalto de Perrière, e reforços na aldeia de Crouy soffreram um cheque quando faziam esforços para prestar auxilio. A batalha durou todo o dia seguinte, apezar da chuva torrencial que cahiu e que encharcou completamente o terreno, o que, com é obvio, difficultava as operações. N'esse dia, tambem os francezes, ao que parece, não levaram a melhor.

Verdade é que mantinham as suas posições em roda da aldeia de Crouy

e no sopé da encosta oriental, mas cederam terreno no alto, em frente de Vregny, e perderam as suas posições tão difficilmente conquistadas na cota 132, no outro lado do valle.

O imperador Guilherme estava presente e os allemães parece terem-se lisonjeado a si proprios com o que descreveram officialmente como «um brilhante feito de armas para as nossas tropas sob o olhar do seu supremo Senhor de Guerra». Era a primeira vez que lhe tinha sido dado assistir a uma operação das suas tropas que tivesse exito. Os commandantes que haviam tido a distincção de mostrar ao seu kaiser como se alcançava uma victoria allemã foram, além do proprio von Kluck, os generaes von Luchow e Wichura, que foram por elle condecorados, n'uma effusão de alegre gratidão, no campo de batalha.

O kaiser esperava que a victoria abriria o caminho para Reims, onde tinha a esperança de assistir a um serviço religioso na cathedral para mostrar ao mundo que os seus canhões não haviam desmoronado o edificio.

A chuva teve um effeito desastroso sobre os francezes. O Aisne, que atravessa Soissons, com a força da corrente, que augmentou extraordinariamente de volume, levou dois grandes pontões que os francezes haviam lançado, tendo tambem a artilharia allemã contribuido para essa derrocada. As communicações francezas foram assim tornadas precarias.

Uma nova ponte foi construida de noite, mas cedeu de manhã depois de d'ella se terem servido durante meia hora. A posição ao norte do rio não poude continuar a ser mantida, porque as tropas que a guarneciam precisavam de ser abastecidas urgentemente de munições e de viveres, assim como serem reforçadas, o que não podia fazer-se. Comtudo os allemães, mostrando a sua habitual ingenuidade e falta de recursos, construiram um tunnel na margem do rio, que fizeram ir pelos ares, invadindo as aguas do rio as trincheiras guarnecidas pelos francezes.

Estes retiraram, com difficuldade, ao longo d'uma linha de muitos kilometros para a margem sul pelo pontão que de novo havia sido reconstruido, deixando muitos dos seus canhões atraz de si, devido a parte do pontão ter quebrado. Foram porém essas peças, antes de serem abandonadas, inutilisadas.

Uma bateria, deixada na margem norte, em Missy, para cobrir a retirada, continuou fazendo fogo até as suas munições se acabarem e apenas ficaram seis homens d'ella. Esses homens inutilisaram então os seus canhões. Infelizmente a retirada foi demasiado precipitada para poderem ser removidos todos os feridos, muitos dos quaes cahiram nas mãos dos allemães, augmentando assim o numero de prisioneiros—5.200 no dizer dos allemães—o que causava ao inimigo grande satisfação.

Mas os francezes haviam tambem feito consideravel numero de prisioneiros. D'ambos os lados as perdas foram grandes, sendo enorme a mortandade durante toda a batalha.

Os francezes occuparam uma nova linha na margem sul do Aisne a leste de Soissons, embora continuassem a ter na margem norte uma força para guarnecer os suburbios da cidade, e, tendo ainda as pontes em seu poder, podiam dizer bem alto que a sua linha fôra reforçada e não havia sido rôta. Soffreram um revez, mas que não tinha demasiada importancia sob o ponto de vista militar.

Como Soissons fica apenas a noventa e seis kilometros de Paris, um rompimento da linha franceza n'esse ponto teria sido realmente d'uma grande infelicidade; mas o que succedeu foi apenas um cheque na offensiva franceza e o terreno perdido ia ser difficil de reconquistar. A derrota, porém, não diminuiu o prestigio das armas francezas.

No dia 14 os allemães avançaram, com alguns regimentos de prussianos, para a aldeia de St. Paul, a perto de dois kilometros de Soissons, mas foram repellidos. Não conseguiram passar o rio para onde ha-

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.° 1836 — 6.° Anno

Direcção e propriedade de Manuel Guimarães
Editor—Camillo Sousa e Almeida
Redacção e Administração—R. do Norte, 5, 1.°

LISBOA—Terça-feira, 14 de Setembro de 1915

Telephone n.° 2293 — Endereço teleg. CAPITAL
Composição —Rua do Norte, 5, 1.°
Officinas de Impressão —71, Rua da Rosa, 71

Preço 1 centavo

A defeza da Republica

Informações que consideramos de origem auctorisada dizem-nos que foi posto de parte o projecto da viagem do sr. dr. Affonso Costa á Suissa, onde o illustre estadista determinára fazer uma cura de repouso, a partir da segunda quinzena do mez corrente. Tambem está adiada, este anno, a visita, em que se falava, do sr. Affonso Costa á Madeira, e que, com fundamento, se fixava para o proximo outomno.

O eminente homem publico, que readquiriu a absoluta normalidade da sua saude, deve regressar a Lisboa mais cedo do que se esperava, não sendo para admirar que, mais cedo tambem do que se esperava, o vejamos restituido á actividade da sua vida politica, depois d'um ultimo exame dos medicos que o trataram em julho ultimo.

Não ha duvida que esta noticia, além do seu caracter pessoal, reveste um significado politico que não deve passar despercebido do publico.

A situação portugueza tem de esclarecer-se, e para isso é evidente que se torna inteiramente necessario o esforço dos maiores valores politicos da Republica.

A revolução de 14 de maio impoz uma orientação republicana, que não é de estricto partidarismo, mas que é de absoluta fidelidade aos principios que são base do regimen, ao cumprimento dos deveres nacionaes e á defeza zelosa e intransigente da Republica.

As eleições que um mez depois se realisaram deram a indicação constitucional para a execução governativa d'essa missão, mas tambem não a deram dentro d'uma formula sectaria. Se a maioria pertenceu a um partido, a maior parte dos logares da minoria foram dados, pelo suffragio popular, a um outro que na questão principal da nossa politica, a internacional, affirmára sempre a sua concordancia com as aspirações nacionaes, por meio de solemnes declarações parlamentares.

O sr. Affonso Costa, como chefe do partido que obteve a maioria da representação nacional no parlamento, ficou desde logo indicado para chefe de governo. Não assumiu essas funcções immediatamente, mas ninguem punha em duvida que logo que as circumstancias reclamassem o concurso da sua grande intelligencia e da sua grande energia elle as assumiria sem nenhuma especie de hesitação.

Sobreveiu o desastre que o ia riscando do numero dos vivos, privando a Patria e a Republica d'um dos seus maiores cidadãos, e esse desastre deu ainda ensejo a que se comprovasse mais uma vez o apreço em que o tem o paiz inteiro, e as grandes esperanças que na sua acção deposita.

Triumphou da morte a sua robusta organisação, está restituido á saude, á plenitude das suas faculdades, e a situação portugueza, que permanece obscura, já na sua obscuridade deixa transparecer os relampagos de proximos perigos.

A Republica tem o direito de contar com o sr. Affonso Costa para fazer face a todas as contingencias, assumindo o logar que naturalmente lhe compete, mas tem egualmente o direito de contar com todos os bons republicanos, e sobretudo com os mais illustres, embora não pertençam ao partido que elle chefia, porque no momento do perigo não ha partidos, não póde haver partidos dentro da Republica, mas só leaes, firmes e intrepidos republicanos defendendo, com egual dedicação, uma causa commum.

Ha maus republicanos, que consciente ou inconscientemente façam o jogo dos adversarios da Republica? Os maus republicanos não são republicanos, porque não basta, para ser republicano, apregoar esse titulo, mas sim documentar as virtudes que a fé republicana encerra e concretisa.

A Republica ha de defender-se de todos: dos seus inimigos declarados e dos seus falsos adeptos.

Como os allemães vão mantendo a esperança

Uma relação curiosa relativa ao primeiro anno de guerra

A imprensa allemã nem ao de leve se refere á completa fallencia do grande plano offensivo do estado maior germanico, que soçobrou para todo o sempre. O golpe fulminante sobre a França, a tomada de Paris e o anniquilamento do exercito francez, a destruição da esquadra ingleza, a victoria decisiva sobre a Russia, tudo isso passou já á cathegoria de romance. Nem ao menos ao cabo de um anno de porfiada lucta conseguiram occupar todo o territorio da pequena nação belga.

Como no emtanto é necessario manter o fogo sagrado no povo allemão, os jornaes, ali, fornecem-lhe constantemente listas de prisioneiros inimigos e territorios occupados, abstendo-se comtudo de falar nos proprios prisioneiros. Da *Vossische Zeitung* recortamos, a titulo de mera curiosidade, o seguinte balanço do primeiro anno de guerra:

O numero de prisioneiros inimigos na Allemanha é o seguinte:

Nos campos de concentração e lazaretos, 899:869; prisioneiros a trabalhar, 40:000; prisioneiros [illegible], que ainda não estão classificados, 120:000. Total, 1.059:869.

Calculando que o effectivo total de um corpo completo de exercito é de 30:000 homens, temos pois prisioneiros 35 corpos de exercito. Mas a totalidade dos prisioneiros é antes de 1.695:400 homens o que corresponde a 56 corpos de exercito. N'este numero, os russos figuram da seguinte maneira:

Na Allemanha, 5:800 officiaes e 720:000 praças; na Austria-Hungria, 3:000 officiaes e 610:000 praças. Total dos prisioneiros russos, 8:790 officiaes e 1.330:000 praças.

No que respeita a peças e metralhadoras, temos tomado ao inimigo 5:454 canhões e 1:556 metralhadoras.

Uma grande quantidade do armamento apprehendido não veiu, comtudo, para os depositos: serve nas linhas de batalha.

Não se sabe ao certo o seu numero. Póde calcular-se, no entanto, que tomámos até hoje 7:000 a 8:000 peças e 2:000 a 3:000 metralhadoras.

A victoriosa campanha levou-nos a occupar territorios inimigos tanto no oriente como no occidente. Occupamos, em kilometros quadrados:

Na Belgica, 29:000; na França, 21:000, e na Russia, 130:000. Total, 180:000.

O territorio allemão occupado pelo inimigo é, ao contrario, muito pequeno:

Na Alsacia, 1:050, e na Galicia, 10:000. Total, 11:050 kilometros quadrados.

Admittindo que estes numeros são exactos, é necessario não esquecermos que na lista dos prisioneiros de guerra figura grande parte das populações civis da Belgica e da Polonia, entre as quaes se contam mulheres e creanças. Além d'isso, o territorio allemão occupado pelos alliados é consideravelmente maior do que a *Vossische Zeitung* indica. Basta dizer-se que todas as colonias allemãs, á excepção de uma pequena parte na Africa Oriental, estão conquistadas e as suas guarnições prisioneiras. A Allemanha deve ter mais de 2.000:000 de kilometros quadrados de territorios seus perdidos, e as perdas da Europa em homens e material é preciso accrescentar os de Africa e do Oriente. Só em Tsing-Tao cahiu nas mãos dos japonezes todo o armamento que lá havia e que não era insignificante: o mesmo succedeu em Togo, no Kamerun, no Sudoeste africano e no litoral da Africa Oriental Allemã.

Da esquadra germanica sabe-se que nem um só navio cruza actualmente os mares longinquos: todos foram mettidos a pique ou aprisionados com as suas tripulações.

UMA GRANDE OBRA

Na Madeira

A perola do Atlantico procede n'este momento á sua «toilette» de admiravel região de turismo

Quem conhece o Funchal das curtas excursões realisadas durante a rapida permanencia dos transatlanticos está longe de suspeitar sequer o que seja a Madeira. Quatro vezes eu tinha desembarcado no formosissimo porto, quatro vezes subira, como é praxe, no anachronico comboio do Monte e admirava com assombro esse immortal golpe de vista da bahia, dominada pela cidade em amphitheatro, e pelas encostas verdes onde aqui e além branquejam pequeninas fachadas idillicas. E no emtanto só agora, depois de ter percorrido um pouco o coração da ilha, eu posso affirmar que a dois passos d'aqui, a cerca de quarenta horas de viagem de Lisboa, existe um paiz destinado a ser, em breve, a terra de eleição do turismo cosmopolita.

Mais do que os bordados, mais do que o assucar, mais do que o seu famoso vinho, é o turismo que reserva á Madeira a maior fonte de riqueza. O ponto é que os trabalhos com que na ilha iniciaram a *toilette* propria das recepções aos forasteiros não sejam outra vez interrompidos, como já succedeu durante o consulado dictatorial de Pimenta de Castro.

Porque não são apenas as bellezas naturaes da ilha, os prodigiosos aspectos da paizagem, os valles profundos como abismos e as amplas encostas tapetadas de verde, lembrando a distancia um tapete de musgo; não são apenas as suas cumeadas, as suas arvores gigantescas de que um homem possante mal pode abraçar o tronco, as suas levadas de agua crystallina, ora correndo ao longo das vertentes, ora despenhando-se de inconcebivel altura no fundo dos precipicios, que constituem condição sufficiente para attrahir e fixar o viajante. Não basta tudo isso, como não basta o clima adoravel que a Madeira possue.

Era preciso cuidar de tornar o mais praticas possivel as excursões ao interior da ilha. No seu recente e bem elaborado relatorio sobre os trabalhos da Junta Agricola, a que preside, diz o sr. Visconde da Ribeira Brava:

«Acontece, porém, que o que ha de mais belo é inaccessivel, a não ser com risco da vida e por preços fabulosos. Basta dizer que o unico transporte, em rêdes, regula por esc. 2$00 diarios por cada homem de rêde; ora, cada rêde leva tres homens e um carregador, o que perfaz 8 escudos diarios, além das bebidas, gorgetas, etc. A viagem é feita por caminhos intransitaveis e sempre n'um risco iminente, por isso que as veredas por onde se transita são construidas á beira de abismos».

Estes abismos chegam a attingir 500 e 600 metros de profundidade. Passei á beira d'elles. E' indispensavel possuirem-se nervos fortemente temperados para viajar em taes condições. A's vezes, lá abaixo, no fundo das ravinas, as nuvens avançam lentamente, contornam as vertentes, afeiçoam-se ás encostas e tem-se a sensação de estranho isolamento sobre rochas desertas. E' bello, mas não se pode exigir que seja perigoso. Assim, só algum raro milionario de excentricas predilecções, encarando a vida com indifferença atravez do seu spleen, se affoitaria a substituir pela Madeira a Suissa tradicional.

Por isso a Junta Agricola entendeu que, antes de tudo, era necessario elaborar-se um plano de estradas, por onde commodamente, de automovel ou de carruagem, se podessem attingir os pontos mais pittorescos da ilha.

Essas estradas de turismo encontram-se actualmente em construcção; uma, a de Leste, parte do Terreiro da Lucta, soberbo ponto de vista que domina o Funchal a 850 metros de altitude, e segue pelo sitio da Choupana até o Santo da Serra, de onde mais tarde proseguirá até Sant'Anna, pequeno porto do norte da ilha.

A de Oeste começa na Encumeada de S. Vicente, e depois de passar pelo planalto do Paul, irá morrer em Porto do Moniz, que fica egualmente no littoral do Norte. Ficam assim facilmente accessiveis alguns dos mais assombrosos pontos de vista de todo o mundo. A Choupana, a Camacha, o Santo da Serra, o Ribeiro Frio, a Encumiedada de S. Vicente, o Rabaçal, o Caramujo, o Pinaculo e a Ribeira do Inferno hão de passar a ser, sem duvida, pontos obrigados de visita para o turismo universal, porque nem a Suissa, com a pujança dos seus panoramas, offerece ao forasteiro aspectos tão surprehendentes e variados como ali.

Basta o sabermos que uma das coisas mais bellas que existem—o mar—se desconhece nas paisagens helveticas.

Para se fazer idéa das difficuldades havidas nos trabalhos preliminares de construcção das estradas de turismo, transcrevo aqui do relatorio acima citado os periodos seguintes:

«Os estudos levados a cabo pelo distincto funccionario que tem a seu cargo a direcção dos serviços technicos da Junta Agricola, o sr. Francisco Antonio Soares Junior, foram, n'alguns pontos, feitos com risco de vida para esse funccionario e para os que o acompanharam. Como v. ex.ª verá nos graphicos juntos sob o n.º 12, algumas veredas de estudo estão abertas em rochas, quasi a prumo, onde os trabalhadores suspensos por grossos calabres em trapezios, com um abismo de 500 metros aos pés, faziam perfurações que deviam ser dinamitadas. Muitas vezes, surprehendidos nas serras por tempestades, sem o menor abrigo, recolhidos em furnas, onde eram obrigados a pernoitar; outras vezes embaraçados, dias e dias, por densos nevoeiros, representam estes estudos uma obra de sacrificios e de boa vontade que se não paga, e que só pode ser levada á conta da dedicação com que determinados funccionarios servem a causa publica».

Na execução d'este bello programma se trabalha hoje com afan, vertiginosamente. E como o assumpto é realmente de molde a prender as nossas attenções, n'um proximo artigo tratarei de o ventilar com maior somma de pormenores, para que se tenha bem a consciencia de uma grandiosa obra de transformação sem precedentes em terra portugueza.

Hermano Neves.

«Historia Illustrada da Grande Guerra»

Dividido em volumes, cada um dos quaes com cerca de 200 paginas, de modo a formar um livro portatil, economico, elegante e de facil encadernação, o folhetim que vimos publicando *Historia Illustrada da Grande Guerra* tem alcançado grande exito.

O primeiro volume abrange de 1 de março a 15 de abril, tendo 184 paginas, o segundo de 16 de abril a 3 de junho, com 183, o terceiro de 4 de junho a 20 de julho, egualmente com 188 paginas, e o quarto de 21 de julho a 3 de setembro, com 180 paginas, sendo todos os volumes profusamente illustrados. Na administração d'*A Capital* são immediatamente satisfeitos todos os pedidos, quer da collecção completa, quer de qualquer numero de exemplares do jornal, que venham acompanhados das respectivas importancias.

Poeira da Arcada

Ha patifes que apreciam as intenções alheias, julgando-as pelas suas proprias. E' o triumpho ephemero de uma astucia que aprecia os tons baços para ter uma phisionomia decente.

* * *

Acabamos de lêr um livro de uma illustre escriptora portugueza defendendo a emancipação da mulher. Paginas ardentes, vivas, cheias de lirismo. A sua auctora insurge-se francamente contra a tyrania de que o seu sexo se diz victima. E como as utopias tentam as pennas inspiradas, eil-a a conceber uma sociedade em que a mulher seja egual ao homem. Se este caso se désse, estava perdida a causa que defende. Aquella e este nunca serão eguaes, porque a egualdade não liberta ninguem. Quanto mais differentes forem os dois sexos tanto melhor se entenderão.

* * *

As paixões politicas alimentam-se principalmente, diminuindo aos adversarios o que a sua acção possa ter de grande e de nobre. As sociedades em que ellas predominam apresentam sempre o homem em seus aspectos inferiores. Reduz-se tudo á mesma craveira. E causa pasmo como gerações inteiras se julgam tão severamente, para tão baixo se exterminarem. Os que se sentem inferiores só com sentimentos mesquinhos se desculpam.

O QUE SE ESCREVE E O QUE SE LÊ

"Le Kaiser rêve..."

por JAYME DE SÉGUIER

O consul de Portugal em Roma é, como todos sabem, um poeta notavel e um mestre jornalista. Com a mesma facilidade, a mesma elegancia e o mesmo brilho verseja em portuguez e em francez. O breve poemeto intitulado «Le Kaiser rêve...», edição da casa Aillaud e Bertrand, é mais uma esplendida demonstração dos seus altos meritos litterarios e dos seus sentimentos de latino, que tem o amor e o culto da sua raça. O que sonha o imperador? Os assassinios da Belgica, o bombardeamento sacrilego de Reims, o torpedeamento inqualificavel da *Lusitania*. Não cita o poeta o nome da martirisada cidade franceza nem o do grande transatlantico que os allemães afundaram com mulheres e creanças, mas tudo evoca primorosamente em quadras de um talhe perfeito e d'uma soberba inspiração dramatica.

Jayme de Séguier junta mais uma joia a outras que já lhe devem as letras francezas e que em nada são inferiores áquellas com que o seu talento tem esmaltado a litteratura nacional.

ATRAVEZ DO ALGARVE

Em Sagres

Porque não ha de erguer-se um dia, no promontorio historico, uma estatua ao Infante D. Henrique?

PRAIA DA ROCHA, 12.—Depois de Monchique, Sagres. São as duas grandes maravilhas que ha para vêr no Algarve. E' ainda um obsequioso amigo, o sr. Albert, director das obras publicas da provincia, que nos conduz, no seu auto possante, ao promontorio historico. Mettemos, pelas dez horas d'um dia precioso, a caminho de Lagos. A estrada abre-se quasi toda por entre successivos pomares de amendoeiras. Já a percorri quando essa arvore pequenina e fragil, rejuvenescida e florida, touca a terra vermelha com a grinalda diaphana das suas delicadas flôres brancas. E devo dizer que não pode conceber-se paisagem mais exotica, mais dôce, mais casta e mais intensamente deslumbradora. Hoje, n'essa manhã suavissima, as mesmas amendoeiras d'outr'ora não são mais que ruinas, de folhas cortadas e troncos rebocados por camadas successivas d'este pó das estradas algarvias, que não teem outro que se lhe pareça...

Entretanto, como tudo isto é ainda bello, estranho, captivante! Aqui e além, apparecem, das hortas mouriscas, vestigios esquecidos do dominio arabe, que fez d'esta gente um povo laborioso de agricultores. Um velho aqueducto romano, uma capellinha a arrazar-se no cume d'um outeiro, um arco de ponte abandonado recordam ao turista que não vá d'olhos cerrados uma civilisação que passou e foi das maiores de todos os tempos. Lagos, a estacionaria; Lagos, a morta, irrompe-nos a curta distancia, muito junta, muito unida, contida ainda, por assim dizer, nos limites das velhas ameias desapparecidas. O auto passa sem se deter. Transpõe as portas de Portugal, deixa as obras de construcção da linha ferrea que ligará a cidade com a civilisação e lança-se, desenvencilhando-se d'uma encrusilhada emaranhada de ruas e becos, em plena estrada de Lagos. Passa-se a Luz, a praia de tranquillas aguas; farta-se a vista na contemplação dos mais diversos trechos de paisagem, adivinha-se lá em baixo, á beira-mar, Burgau, a aldeia de pescadores onde as casas, construidas ao acaso, dão a impressão que sahiram da terra perfeitamente ao acaso...

E o scenario pouco muda. A' direita, fica-nos uma egrejinha toda branca, ostentando, orgulhosa, um airoso portal manuelino. D'uma outra dizem-nos que ali ouviu missa D. Sebastião, antes de partir á conquista de Marrocos, mal sonhando, decerto, com o esmagamento de Alcacer-Kibir. D'ahi em deante tem-se a impressão que o Algarve terminou. Os pomares deixaram de nos encantar. A amendoeira desappareceu. A figueira só de raro em raro estende pela terra pedregosa as ramadas rastejantes.

—Estamos no pequeno Alemtejo!—exclamára um dos meus companheiros de viagem.

Effectivamente, esta parte da provincia tem todas as caracteristicas da terra alemtejana. E' o escalvado que se alonga para um e outro lado do macadame. E' restolho do trigo que doira a terra negra, a indicar-nos quanto, n'esta região de sotavento algarvio, as culturas são differentes. Villa do Bispo, na encosta, mostra-se como um bando de enormes pombas brancas tomando a sesta...

O auto avança sempre. Presentemente a visinhança do mar, que n'um dado momento se mostra por um largo intervallo, aberto entre duas montanhas. A arvore volta a apparecer. Sagres—meia duzia de casas construidas do lado esquerdo da estrada, como que sorri, batida pelo sol vivo do meio dia, á nossa chegada. A fortaleza do Infante escancára já a larga porta abobadada para aquelles que a demandam. Apeamo-nos. As portadas de pesada madeira mal se aguentam nos gonzos grossos, ruidos pela ferrugem. A praça d'armas, largo terreiro empedrado. Por sobre o portão, o escudo do Infante, restaurado de fresco. Ao fundo, para a direita, a capellinha da Senhora da Graça. Defronte, uma fileira de casas que foram n'outros tempos, quando a epopeia começou, habitações de nauticos, de principes e de guerreiros. Do lado de lá, o mar...

A visita principia. Mas em Sagres tudo se tem deixado arruinar. A escola de D. Henrique, onde os nossos navegadores aprenderam a arte de marear, é um pardieiro, que nem sequer se pode visitar, por não se saber onde pára a chave. Tudo o mais se profanou. Onde viveu o Infante? Ignora-se. Sabe-se apenas, pelas lapides da capellinha, com dois velhos sinos rachados no campanario, que jazem para ali, esquecidos, alguns portuguezes illustres dos tempos das descobertas e das conquistas. Mas apesar de tudo, como esta visita a Sagres é interessante! E' que o passado resurge integro deante de quem pisa, como eu pisei ha tres ou quatro dias, aquellas pedras sagradas que são, para os portuguezes, pedaços da sua grandeza e da sua historia.

Vê-se o mar. E' um deslumbramento. Além, o pharol de S. Vicente aguarda que a noite chegue para servir de guia aos navegantes. Em baixo, junto da rocha cortada a prumo, passam grandes cardumes de peixe. Debruçamo-nos pelas muralhas em ruinas. Fazem-se evocações e recorda-se a gloria do passado reconstituido, o que teria sido a vida d'esta fortaleza arruinada no tempo em que os lusos partiam pelos mares fóra á procura de novas terras e d'outras e mais valiosas conquistas. Ha quem se commova quasi até ás lagrimas. E' que, afinal, só uma coisa está ainda como o Infante nol-a deixou—o mar. Tudo o mais se esboroa a pouco e pouco, n'este promontorio de Sagres, que os portuguezes só conhecem de nome.

O tempo aperta. E' preciso partir. Antes, porém, lança-se para o grupo uma ideia original. Porque não ha de o Infante ter um dia, n'esta velha fortaleza, bem proximo do mar, o seu monumento e a sua derradeira e merecida glorificação? Se foi aqui, n'este retiro, quasi separado do resto do mundo, que o seu genio creou a epopeia da nossa raça, porque ha de elle estar desterrado n'uma praça do Porto, longe do Oceano, que foi a sua paixão, sequestrado da sua fortaleza, condemnado a um desterro immerecido? O contrasenso é flagrante. Poder-se-hia acabar com elle? Dizia-me um dia o illustre poeta Affonso Lopes Vieira, contemplando a estatua do auctor dos *Luziadas*, que o unico sitio onde o monumento de Camões devia erguer-se era em pleno Tejo, sobre os hombros esbeltos das Tagides. Pois tambem o ponto unico onde a estatua monumental do Infante D. Henrique deve elevar-se, colossal, imponente, dominadora, não póde ser outro senão o promontorio de Sagres. D'ali, elle continuaria a apontar aos

---

Folhetim d'A CAPITAL—14-9-1915

O amor em Portugal no seculo XVIII

XXXVII

Cómicas italianas

Nessa noite, accenderam-se as duzentas velas de cêra da sala nobre do Senado da Camara de Lisboa. Nos painéis do tecto, faulhantes de talha doirada, as pinturas de Pedro Alexandrino resplandeceram. O Conde-Presidente, Henrique José de Carvalho e Mello, convocara para as 9 horas o encarregado dos negocios de França e alguns dos mais ricos negociantes portuguezes e estrangeiros que assistiam na côrte. Para quê? Ninguem o sabia. A' hora indicada pelo moço conde de Oeiras nas convocações escriptas pelo seu proprio punho, as pesadas guarda-portas de damasco vermelho principiaram a afastar-se para dar passagem ás mais representativas figuras da plutocracia pombalina de 1770. O primeiro a entrar, de sapatos de velludo por causa da gotta, pintado de carmim e mosqueado de signaes como uma menina, não poude conter-se que não perguntasse ao porteiro se de facto Sua Ex.ª o senhor Marquez se lembrara d'elle para conselheiro do Senado da Camara da Cidade. Ignacio Pedro de Quintela, provedor da Companhia do Grão-Pará e Maranhão, muito alto e muito surdo, uma casaca negra gingando, uma cruz de Christo ao pescoço, passeava d'um lado para o outro da sala, a bater os pés e a gritar que lhe tinham estragado a partida de «whist» com os padres de S. Domingos. O inglez May, da Fabrica de Feitiços, elegante, fleugmatico, espetando as luvas, assestando o oculo de punho d'oiro, cumprimentava os espelhos das paredes. Uma massa gorda e confiante rebolara sobre uma cadeira: era Theotonio Gomes de Carvalho. Um homensinho arguto, vivaz, buliçoso, empoado, pequenino, as mãos scintillantes de anneis, um livro de Lausperennes na algibeira, uma caixa de rapé na mão, falava em francez com o Cavalheiro de Montigny, encarregado dos negocios de França: era Alberto Meyer. Vinha já subindo a escada o riquissimo Antonio Soares de Mendonça, especie de Sileno decrepito, a arrastar-se encostado á sua bengala de Londres e a perguntar que queria d'elle áquella hora Sua Senhoria o Conde-Presidente. E já dentro da sala, Joaquim José Estolano de Faria, uma cabelleira d'alcachofa a dançar-lhe na cabeça, apopletico como um conego da Patriarchal, avarento como um judeu hollandez, gritava de punhos cerrados para o magrissimo João da Silva Tello:

—Se é mais dinheiro, não dou!

A's 9 horas e meia, o conde d'Oeiras chegava de côche, embrulhado n'um enorme capotão de saragoça forrado de setim branco, e entrava de repelão pela sala com o seu amigo Goubier de Barrault. Logo depois, paravam á porta outros dois côches, esticando os correões. Creados e sota-cocheiros, vestidos de vaqueiros vermelhos da Casa Real, apearam-se. O conde deu ordens. Quem viera mais? Todas as attenções dos negociantes se fixaram nas guarda-portas de damasco, á espera que ellas oscillassem. Não entrou ninguem. Henrique José de Carvalho descalçou as luvas, sorriu com intimidade a cada um dos amigos de seu Pae, tomou a presidencia como para uma sessão do Senado da Camara, e franzindo n'um sorriso os labios finos onde havia a expressão nobre e voluntariosa da mãe austriaca, expôz áquelles oito respeitaveis velhos a razão porque os molestara a vir ali. Tratava-se d'um negocio de interesse para a cidade. Tratava-se d'um negocio de cómicas italianas. Não se admirassem Suas Senhorias. Era preciso que a côrte de Lisboa tivesse uma Opera, e que essa Opera fôsse digna da grandeza d'el-rei e do nome do senhor marquez seu Pae. A boccia dourada do theatro de Belem, com o solidéo vermelho do Patriarcha D. Francisco a cabecear na frisura e dos homens vestidos de bailarinas por causa dos ciumes da Rainha,—não passava de uma ante-camara do Paço, onde se cantava o terço e se resava nas contas. O páteo do Bairro Alto, tão querido da senhora marqueza sua Mãe, tinha sido invadido pela malta-baixa do povo. Quem aturava já os fandangos da Juana e da Pepa Olivares, os «travestis» indecentes da Angiola Bruna, os «Arlequins» idiotas do Trebi, os accidentes hystericos da Rosa Campora,—o eterno Scolari a cuspir para as «prima-donas», e o eterno Tedi a quebrar a rabeca na cabeça do Scolari? Era preciso crear uma Opera nova nos Condes e doar á côrte o beneficio d'uma grande companhia italiana de cómicos-cantores. Onde estava essa companhia? Ali, na sua mão. Tinha como primeira figura a «cantildona» veneziana Zamperini, e fôra chamada a Lisboa, d'accordo o Nuncio cardeal Conti, por Monsenhor Galli, notario apostolico da Nunciatura e banqueiro em negocios da curia romana. Chegára ha dois dias á côrte. Simplesmente, os encargos e despezas d'essa grande companhia d'opera eram consideraveis, e os espectaculos não podiam principiar sem que uma forte sociedade emprezaria se constituisse com um fundo não inferior a cem mil cruzados. Onde estava essa sociedade? Ali, na sua frente. Eram Suas Senhorias. Contava com Suas Senhorias o Marquez primeiro ministro. Restava combinar a fórma por que seriam repartidas entre os socios as cem acções de quatrocentos mil réis. Com quantas ficava Ignacio Pedro de Quintella? E Braamcamp? E Meyer? E Estolano de Faria? E os outros? Os velhos olharam-se, estupefactos. A sua sisuda decrepitude tudo podia esperar,—menos que o filho do seu amigo Marquez os fizesse, fulminantemente, emprezarios de cómicas italianas. O gordo Theotonio de Carvalho ria, tremendo na sua cadeira como um pudim gelado. Quintella, de mau humor, pensando no «whist» dos padres de S. Domingos, via as horas no enorme relogio d'ouro que lhe tangia minuetes na algibeira da vestia. Meyer, que falava sempre,—calou-se. May, lembrando-se da sova que, por causa da bailarina Guadagnini, o duque do Cadaval applicára no marechal inglez Duarte Smith, punha objecções trapeiras ao projecto da sociedade, affirmando que as cómicas italianas não eram, precisamente, o ramo de negocio que melhor conhecia. Braamcamp queixava-se da gotta. O Estolano de Faria, quando o conde de Oeiras, culminando a divisão das acções da Zamperini, lhe attribuia a responsabilidade de cinco pelo menos, levantou-se congestionado, atou as mãos á cabeça e vociferou:

—Cinco acções? Então Vossa Senhoria pede-me cinco mil cruzados por uma mulher que eu nunca vi?

A atmosphera turvava-se. Mas o apaixonado Conde-Presidente previra tudo. A campainha retiniu, o porteiro assomou com a sua cabelleira de côco mal polvilhada, e Henrique José de Carvalho ordenou-lhe, n'uma voz áspera onde se percebia um longinquo sotaque estrangeiro:

—Diga a Monsenhor Galli e a Monsenhor Antonini que os esperamos aqui.

D'ahi a pouco a guarda-porta afastou-se, e na luz viva das duzentas velas de cêra da sala do Senado, uma admiravel mulher surgiu, risonha, toucada d'um chapéu enorme como a «Condessa de Devonshire», de Gainsborough e seguida das sumptuosas batinas de séda rôxa dos Monsenhores da Nunciatura. Houve um instante de silencio e de sensação. O cavalheiro de Montigny levantou-se. Os velhos negociantes, deslumbrados, immobilisaram-se em attitudes de assombro. O Conde-Presidente avançou, beijou n'um sorriso a mão de anneis que se lhe estendia, e apresentou, solemnemente:

—Signorina Zamperini.

Era uma maravilha. A Veneza do seculo XVIII, doirada de sol e de palacios, mysteriosa de «felze» e de gondolas negras,—a Veneza da «Zuéca» e de «S. Biaggio», das miniaturas de Rosalba e das comedias de Goldoni, do «zendaletto» no hombro e do tricorne na orelha, nunca tinha produzido, depois de Vicenza Armani, annunciada no Palacio da Senhoria por arautos com trompas de prata, depois da loira Angela Tiepolo, que passeava nua pela «Piazza» como a Venus de Medicis, uma tão surprehendente expressão da Belleza eterna e da Tentação dominadora. Envolvia-a toda a volupia do Aretino. Pintava-a toda a côr do Veronese. Filha do acaso ou do «Livro d'Oiro»—que importava?—Veneza inteira resplandecia nas suas joias, cantava na sua bocca,—sorria com ella, caminhava com ella. Perante a magestade e a graça da Zamperini, perante as suas «môscas» italianas, perante o seu penteado ás tres pancadas, perante o seu formidavel chapéu inglez que recordou a May a elegancia de «Miss» Siddons,—a sensibilidade [illegible] dos burguezes pombalinos estremeceu. Braamcamp dançava-lhe cortezias em volta. Meyer, commovido, supplicava-lhe que lhe désse a honra de se arruinar por ella. O obeso Theotonio de Carvalho babava-se. O velhissimo Soares de Mendonça, como um fauno decrepito, aspirava, de ventas palpitantes, o perfume perturbador da italiana. Quintella, deslumbrado, perdido, fazia considerações inconvenientes ao ouvido de Monsenhor Galli. Montigny pensava, com o proverbio veneziano, que «era mais difficil guardar uma mulher do que um sacco de pulgas». E já no fim da noite, depois da Zamperini ter cantado a aria do «Amor di Ballo» com que se estreiara no «S. Mosè» de Veneza; depois de quatro creados com a libré do Marquez e o habito de Christo ao pescoço terem vindo servir um diluvio de chá; no momento em que o conde d'Oeiras lia o borrão da escriptura da sociedade e o projecto de distribuição das acções,—o avarento Estolano de Faria, já doido pela italiana, a cabelleira de alcachofa a dançar-lhe na cabeça, os punhos de renda muito espetados nos braços, levantou-se de choffre, atirou um murro á meza, e gritou na sua voz de trovão:

—Que pouca vergonha é esta! Então eu tenho só cinco acções?

A partida estava ganha. Quinze dias depois abria-se a opera italiana no theatro da Rua dos Condes e a Zamperini cahia nos braços do conde d'Oeiras.

JULIO DANTAS

Terça-feira, 21:

XXXVIII.—Os [illegible] de Queluz.

lusos os seus destinos e o seu caminho. E diria a quantos hoje sulcam as aguas traiçoeiras que a sua ternura os acompanha sempre a recordar-lhes que foram os portuguezes, por sua iniciativa, que descobriram mais de meio mundo...

Adelino Mendes

Historia da Carochinha

Era uma vez uma rapariga chamada Rosalina, mais linda do que as manhãs de abril, mais linda do que as flores da serra, mais linda do que as estrellas do céu.

Vivia com a mãe n'um casebre meio arruinado no alto de um cabeço, longe da aldeia; e todas as manhãs, ainda antes do sol se erguer, ia á arribana do sr. Prior buscar as cabras e partia com ellas para o monte. E lá andava sosinha mais o gado, o dia todo.

Saltava penhascos e barrancos com o pé tão firme como o das cabras e cantava por aquellas solidões que nem uma toutinegra.

Aos domingos lavava-se na fonte muito bem lavada, calçava os sapatos, vestia um fatinho menos esfarrapado e ia á missa da aldeia, toda seria, ao lado da mãe.

Os rapazes devoravam-n'a com os olhos; mas ella não fazia caso. Era tão pobre! Bem sabia que elles não a queriam para casar.

A Rosalina era feliz. Gostava do monte e das cabras e não pensava n'outras coisas.

Uma tarde, voltando ella da arribana onde fora deixar o gado, ao entrar em casa, encontrou a mãe sem sentidos.

Cahira-lhe a fuso da mão tão cançada, pobresinha! E a roca rolara até ao degrau da porta.

A Rosalina, toda afflicta, chamou uma velhinha que voltava do monte com um molho de gravetos á cabeça e que logo lhe acudiu; e as duas, com geito, levaram a doente para cima da enxerga, esfregaram-n'a com azeite quente, embrulharam-n'a na manta... Mas o mal não passava.

Então a Rosalina pediu á velha que lhe guardasse a mãe e abalou de carreira para a aldeia a chamar o medico.

Era um medico novo que mal sabia do seu officio e que viera para ali tratar de pobre gente para não morrer de fome. Valia menos do que o curandeiro que morrera havia mezes.

A Rosalina entrou-lhe que nem uma setta pela casa dentro.

«Sr. Doutor... sr. Doutor! A minha mãe está muito mal! Pelas cinco chagas de Christo, venha depressa!»

Mal podia respirar, tal era o seu cansaço e a sua afflicção.

«Como tu és linda, Rosalina!» disse o medico «E's mais linda do que as manhãs de abril. Se tu quizeres... eu salvo a tua mãe.»

A Rosalina desembaraçou-se d'elle com um grande sacão dos seus braços robustos e gritou-lhe da porta:

«Cão sarnento! pois antes quero ver minha mãe morta!»

E a correr voltou para onde a mãe n'essa mesma noite deu a alma ao Creador.

* * *

E a Rosalina ficou só n'este mundo.

Ao principio entristeceu muito. Quando voltava á noitinha para casa e via o logar da mãe vasio e a roca e o fuso encostados a um canto, desatava a chorar.

«Ai, minha rica mãe!»

Um dia o sr. Prior, andando á caça, passou pelo monte e foi ver o seu rebanho de cabras. Como a Rosalina lhe contasse a morte da mãe e se lamentasse de já não ter quem lhe fizesse a ceia, elle disse-lhe que depois de recolher o gado fosse todas as tardes lá por casa cear com a ama.

Assim foi.

Mas aconteceu que a ama roubou um castiçal de prata ao sr. Prior e accusou do furto a Rosalina.

Appareceram logo testemunhas e a pobre Rosalina, apesar da sua innocencia, viu-se perdida.

O sr. Prior não se queixára ainda.

Uma noite, altas horas, a Rosalina ouviu que a chamavam lá de fóra.

—Rosalina... Rosalina...

Era o sr. Prior.

—Rosalina, és linda como as flôres da serra. Se me abrires a porta não farei a queixa.

A Rosalina, sentada na enxerga, com os olhos muito abertos no escuro e o ouvido á escuta, a tremer como as flores da serra quando passa o vendaval, não respondeu.

A porta conservou-se fechada e o sr. Prior fez a queixa.

* * *

No dia do julgamento, o juiz, antes de ir para o tribunal, mandou chamar em segredo a Rosalina ao seu gabinete.

—Rosalina—disse elle passando a mão muito branca no cabello grisalho que usava bem apartado ao meio da cabeça e olhando para ella com attenção através das suas lunetas de oiro,—Rosalina, és linda como as estrellas do céu. Se tu quizeres... livro-te da cadeia.

Mas a Rosalina abanou obstinadamente a cabeça.

E o juiz condemnou-a.

Virginia de Castro e Almeida

Escrivães do paz de Lisboa

Os escrivães de paz da comarca de Lisboa resolveram, na reunião hoje effectuada, representar ao sr. ministro da justiça, no sentido de no caso de serem extinctos os actuaes juizos de paz e creados, em substituição, julgados municipaes, manterem-se os direitos dos actuaes escrivães e officiaes de diligencias, sendo nomeados de preferencia para os novos julgados municipaes, nos termos da lei dos officiaes de justiça, de 4 de dezembro de 1901.

ECHOS & NOTICIAS

INFORMAÇÕES—COMMUNICADOS

DIPLOMATAS

O sr. Forjão Botto Machado, illustre ministro de Portugal nas Americas centraes, offereceu em Venezuela um delicado almoço de despedida ao ministro de Hespanha e sua esposa, que iam partir para Madrid. Além d'este diplomata, que é o sr. Servet y Vest, de sua esposa e de suas interessantes filhas, assistiram ao almoço o nuncio apostolico, monsenhor Carlos Pietropaoli, decano do corpo diplomatico; monsenhor Golfini, secretario da nunciatura, e os srs. de Montemayor e esposa, Andrés Mata, director de «El Universal» e Leopoldo Landaeta, redactor em chefe do «El Nuevo Diario». Fez as honras da casa, com muita distincção, segundo referem os jornaes, a sr.ª D. Maria Botto Machado, esposa do representante de Portugal. A' sobremeza trocaram-se affectuosos brindes, inspirados, diz «El Universal», nos sentimentos de antiga fraternidade existente entre Portugal e Hespanha.

NA CURIA

No salão do balneario da Curia realisou-se, no domingo, um concerto que deixou gratas recordações nos assistentes.

O tercetto composto dos srs. Pavia de Magalhães, Ruy Coelho e Manuel Silva manteve-se á altura dos seus conhecidos meritos. Cantou duas romanzas o habil professor de canto Arthur Trindade que o auditorio muito applaudiu.

Tambem a esposa do sr. Arthur Trindade cantou magistralmente, sendo muito cumprimentada.

Ainda a pedido, o maestro Trindade e sua esposa madame Margherita Trindade cantaram o duetto do «Barbeiro de Sevilha». Tiveram uma estrondosa ovação e o duetto foi bisado.

Recitaram algumas poesias o actor Luiz Pinto e o poeta portuense Antonio Lemos.

Assistiram ao concerto talvez duzentas pessoas, e em todos deixou gratas recordações a magnifica festa.

NA AMADORA

Mantem-se o maior enthusiasmo na Amadora pelo concerto symphonico que se realisa no domingo á noite no Salão de Festas dos Recreios Desportivos. Como dissémos, o novel maestro e laureado do Conservatorio de Lisboa Accacio Santos faz a sua estreia com a regencia de uma grande orchestra composta de 70 executantes. O programma do concerto é bem escolhido, e o joven regente vae ter occasião de provar que é tão habil a reger como é distincto violinista. Entre outras peças que serão executadas figuram a «Marcha Hungara», de Berlioz; a symphonia de «Guilherme Tell», e o preludio do 3.º acto do «Lohengrim», sendo n'esta peça a orchestra augmentada como exige a partitura. Faz parte do programma um concerto de canto, em que tomam parte a sr.ª D. Celia Verdier, D. Elvira de Sousa e o barytono Antonio Caldeira e o tenor Antonio Garcia.

EM ALGÉS

Os espectaculos que todas as noites se estão realisando no elegante palco-terrasse da formosa e ampla explanada do Casino de S. José de Ribamar, em Algés, estão alcançando verdadeiro exito, sendo os trabalhos dos artistas freneticamente applaudidos pelo publico que em grande massa enche a encantadora explanada.

Navios de guerra

A divisão naval portugueza, que estava fundeada em Cascaes, suspendeu esta tarde e andou pairando, excepto o cruzador *Adamastor*.

—Sahiu hoje a barra o torpedeiro n.º 3, que faz parte da divisão naval.

—A' vista de Sagres passou hoje o transporte inglez *Oxfordshire* da Cruz Vermelha. Tambem á vista de Oitavos passou um cruzador hespanhol.

—Andou hoje cruzando a costa o torpedeiro inglez 92.

—Entra ámanhã no dique do Arsenal da Marinha a canhoneira *Beira*.

A questão das subsistencias

Os ovos

Chegaram esta manhã á estação do Rocio varias remessas de ovos recusando-se os saloios a levantar as mesmas n'um total de 60.000 ovos. O chefe Santos foi ali e sob pena de os apprehender obrigou os saloios a levantal-os o que estes fizeram, distribuindo-os depois por varias mercearias e mercados ao preço da tabella. Foi multado Manuel Marques da Silva, rua Direita do Grilo, 4, em dez escudos por vender meia duzia d'ovos por 15 centavos.

Em todos os mercados houve hoje fartura de peixe grosso e regular concorrencia de peixe miudo.

Em Belem appareceram 8 cabazes de peixe miudo; em Alcantara, 3, e na Ribeira Nova, 70.

Respeitou-se em todos os mercados a respectiva tabella, tendo sido multada em dez escudos a peixeira Isabel Silva, da rua da Santissima Trindade, 13, por não a querer respeitar.

Para o Caes do Sodré foram varios guardas vigiar a descarga do peixe das embarcações de Cascaes.

INTERESSES DE CLASSE

Caixeiros Viajantes e de Praça

A direcção d'esta collectividade avisa os seus associados que estão patentes nas repartições de fazenda dos 4 bairros de Lisboa as matrizes da contribuição industrial, sendo de toda a conveniencia verificarem se estão bem ou mal collectados, isto é, viajantes na 9.ª classe e praça na 10.ª classe.

O prazo para reclamações termina no proximo dia 21.

DESASTRES

Deram entrada no hospital: Carlos Antonio Sousa, de 17 annos, fundidor na fabrica Street & C.ª, que foi attingido por uma porção de zinco derretido, ficando queimado nos pés; Emilio Antonio Pereira, conductor dos electricos, que foi atropellado em Santo Amaro por um automovel, soffrendo a fractura d'uma perna.

Preparação militar

O governo resolveu que todo o material de guerra que tenha de ser adquirido na America, o seja por intermedio d'uma commissão de officiaes do exercito, que para ali deve partir na primeira opportunidade.

—Tendo o ministerio da guerra mandado adquirir na Africa do Sul 500 cavallos para o serviço do exercito, acaba de ser transmittido a este ministerio pelo governador geral de Moçambique que a União Sul Africana pediu auctorisação para offerecer esses cavallos ao governo portuguez.

COLISEU DOS RECREIOS

Uma linda operetta *A historia de um Pierrot*. Modesta, adoravel, com um entrecho muito simples e uma partitura deliciosa, os tres curtos actos agradaram por completo. As sr.as Rozalia Pangrazi e Fernanda Bazzoli foram muito, bem e o publico bem lhes manifestou o seu agrado ovacionando-as em todos os actos. Ettori Bazzoli muito correcto e sempre grande artista.

Hoje realisa-se a festa de Rosalia Pangrazi, o esplendido soprano da companhia, e Raffaelo Vizzani muito applaudido e apreciado tenor ligeiro. Canta-se pela ultima vez a «Viuva alegre» e o notavel soprano Rozalia Pangrazi cantará as seguintes peças de musica: Aria da coga da opera «Gioconda», a cançoneta napolitana «Tunun me vuo cchiùhene» (Tu já não gostas de mim), e o distincto artista Raffaelo Vizzani cantará «Una furtiva lagrima», notavel romanza da opera do maestro Donizetti «Elixir do amore»; «Addio Mignon», aria da opera «Mignon» do maestro Tomás.

Amanhã o «Paraiso de Mahomet» e sabbado festa de Ettore Bazzoli com os «Sinos de Corneville» em que este grande artista tem no papel de «Gaspar» uma das suas melhores creações.

No sabbado, 25, realisa-se a inauguração da epocha de inverno com a estreia de uma grande companhia de circo organisada pelo commendador sr. Antonio Santos e da qual fazem parte a maior novidade e attracção da actualidade e os primeiros clowns do mundo.

Dois pretendentes

Ao toque do sino para a missa das almas, o Jacintho desceu do quarto. Trazia o fato dos dias de festa e a barba escanhoada de fresco.

Encontrando o pae no quintal entretido a estender á burra nacos de maçã aprodecida, disse:

—Vou até casa do Morgado.

E sahiu tranquillo e grave.

Ora o motivo d'esta sua sahida provinha de um certo domingo, pelas mondas, quando elle, ao tempo de volta do serviço da Sloira, esperava no adro o repique da subida do padre para o altar.

Vira vir do lado da herdade dos Cargos, com as duas filhas mais velhas do Morgado, quasi senhoras, uma outra assim a modos de estranha. Ao aco... a em-se conheceu a irmã do Morgado, afilhada da fidalga velha dos Calceiros, que fôra desde nova para casa da madrinha e por lá se desenvolvera nos ares solarengos, tornando-se mimosa de rosto e de maneiras. Comprimentou-a. Palraram-se com muita cortezia. O Jacintho era rapaz de educação, que lh'a mandára ensinar o pae á capital da provincia. Na militança obtivera em pouco tempo as divisas de primeiro cabo, não subindo mais por falta de gosto para aquella vida. Agora fôra a concurso para mestre-escola e estava á espera do despacho em vista do administrador do concelho ser seu padrinho de baptismo.

Viram-se e cumprimentaram-se varios domingos áquella hora.

Nas festas do Cirio Grande, pelas ceifas, estiveram ao lado um do outro, na tarde das cavalhadas e á noite, ao fogo preso.

Depois, todas as vezes que se encontravam, perdiam o seu bocado a palestrar.

O que deu em resultado vir o Morgado a saber que os dois andavam de namoro.

E disse para a irmã:

—Olha lá, ó Maria! A modos que consta p'r'ahi que o filho do João da Ponte, o Jacintho, anda assim com as suas idéas para comtigo?!

Ao que ella ripostou:

—Pode ser, mano?! Ainda não dei por isso!...

—Pois elles p'r'ahi o dizem, que eu cá p'ra essas coisas não tenho tempo de olhar. Não és creança nenhuma, escusa de pôr mais na certa. Só te previno d'uma coisa:—é que o rapaz p'r'a lavoura não presta. Já não prestava n'outros tempos, por isso o pae d'elle queria fazel-o padre. Agora então, desde que veio da tropa... Emfim... vê lá tu!

Foi quando o namoro começou mais declarado e combinaram a troca de palaios pela calada da noite, debruçando-se a Mariquitas no muro do quintal que dava para a solidão dos brejos.

A' primeira fala d'esta maneira logo o Jacintho se empenhou em ir pedil-a ao Morgado tão depressa chegasse o despacho.

E a moça, que trouxera da casa da madrinha mimos de boa sociedade, gostou muito d'aquelle preito e agradeceu reconhecida.

Portanto, foi ainda tranquillo e solemne que elle disse para a sr.ª Germana, a creada velha, quando ella assomou ao postigo da cosinha para ver quem batia:

—Faça-me o favor de dizer ao senhor seu amo que está aqui o Jacintho para duas palavrinhas.

A porta da casa de fóra abriu-se d'ali por pouco e o Morgado veiu pachoal receber a visita ao limiar.

Apertaram as mãos, tomaram assentos, indagaram das saudes proprias e dos seus, falaram do tempo e das vindimas, e como o Morgado insinuasse assfama e a confirmasse no ataque á borôa de milho e caneca do leite, o Jacintho declarou que vinha cumprir uma sua palavra.

Historiou a prova do concurso, a lucta do padrinho contra maiores influentes e acabou, n'um rompante de apotheose, por manifestar ao Morgado:

—A prova real e absoluta da victoria dos seus merecimentos!

Era o diploma.

Occupado com a caneca e a boroa, o outro aceenou prescindir da attestados.

—A palavra é quanto basta.

E o Jacintho, agradecido pela dispensa, entrou de vez no assumpto:

—Foi o padrinho quem mandou, hontem mesmo, já de noite. E eu vinha agora cá para saber se o senhor Morgado estava pelos ajustes, quero dizer: se estava resolvido a dar-me a senhora sua mana para minha mulher recebida.

Mas o Morgado, com a bocca cheia, entendia não ser o caso muito com elle.

—E' mais com ella. Ella que diz?

—Foi concorde que eu cá viesse.

—E andou bem. E' que tem educação a moça. Não é lá por ser minha irmã; mas olha que está prendadinha.

E o Jacintho concordava.

Houve um momento de silencio. Depois, naturalmente, a conversa veiu a cahir nos bens do futuro casal. Pela sua parte, o pretendente, juntando á partilha materna o que o pae tinha de seu, apresentava duas fazendas de vinha, uma de pão, outra de horta, tinha mais a matta dos medroeiros e uma parte, ainda baldio, lá no alto.

Mas o Morgado masoava. Não queria dizer na sua que tudo aquillo bem cuidado fosse coisa que não chegasse para sustento de uma casa...

—Mas é que tu, ó Jacintho, não leves a mal que te diga; mas tu e respeito da lavoura...

—Isso sei eu, senhor Morgado.

—E que tenciona fazer?

—Alugar as fazendas. Com as rendas que ellas derem, com o emprego, e mais as tres moedas roxyaes que a senhora sua mana traz para o casal...

Aqui o Morgado pasmou:

—Tres moedas?! D'onde veem essas tres moedas?!

E o Jacintho elucidando:

—Da herança da madrinha...

—Qual madrinha?

—A fidalga velha! Quem ha de ser?!

—A fidalga velha?!... Tres moedas?!... Tu já lh'as viste?!

—Eu não senhor; mas é o que toda a gente p'r'ahi diz!

—Pois dizem uma redonda mentira! Tão redonda...

Faltou-lhe o folego. Foi engulir dois golos e voltou para espalmar as mãos nos hombros do pretendente e a sacudil-o e a borrifar-lhe a cara com os perdigotos do leite, dar-lhe a sua palavra em como d'aquella senhora madrinha a unica deixa que lhe ficára:

—Foram quatro vintens por dia! E esses mesmos só os recebe emquanto estiver solteira!

O Jacintho deixou cahir o chapeu e o Morgado foi para o desvão da janella ajuizar o cachimbo.

Elle bem desconfiava do que se dizia na sombra. Uma vez, na feira de gado de Amoreira, na taberna do Miguel Sorna, ouvira alludir a alguem que, para acautelar os mundos e fundos de uma pessoa muito achegada, não havia balda que não puzesse a quem tentava approximar-se.

—Mas é tudo redonda mentira! Tão redonda como este sol que nos alumia aos dois!

Petiscou lume.

Depois da primeira fumaça indagou de lá:

—A mana nunca te disse nada sobre o assumpto?!

—Não senhor. Que eu mesmo nunca perguntei. Era voz corrente, fiz fé.

—Pois fizeste mal. Essas coisas perguntam-se sempre.

E vae d'ahi o Jacintho, pallido e solemne, disse:

—Mas não ha nada perdido. A senhora D. Mariquinhas está sem macula e lá pelo facto de não me convir a mim sem a ajuda com que eu contava, não se segue que não convenha a qualquer outro!

E o Morgado concordou.

Eduardo Perez

Escoteiros de Portugal

O grupo n.º 16, que constitue a Associação dos Escoteiros Lusitanos, registada, faz saber que não mantem relações de especie alguma com os grupos não filiados na Associação dos Escoteiros de Portugal e que desconhece por completo os individuos que constituem um grupo denominado União dos Escoteiros Lusitanos.

Horario do trabalho

Está solucionada a gréve dos trabalhadores ruraes do Campo Grande

Está definitivamente solucionado o conflicto do Campo Grande entre fazendeiros e trabalhadores ruraes. Hoje de manhã foi o Campo Grande e immediações fortemente policiado pela cavallaria da guarda republicana, nada occorrendo ali, porém, que requisitasse a sua intervenção. A's 10 horas delegações de fazendeiros e de trabalhadores juntaram-se no governo civil e perante o commandante expuzeram d'ambas as partes as suas razões reconhecendo-se, a breve trecho, que o conflicto se originára de um equivoco e que por um equivoco se mantinha, visto que os fazendeiros estiveram desde sempre dispostos a accederem aos pedidos apresentados pelos trabalhadores.

Em vista d'isso tudo ficou resolvido a bem, ficando estes de retomar ámanhã os seus trabalhos. Pela tarde retirou parte da força que havia ido para o Campo Grande, apenas ali permanecendo algumas patrulhas.

O socego manteve-se.

Empregados do commercio de Alcacer do Sal

Um grupo de empregados do commercio de Alcacer do Sal procurou esta tarde o sr. governador civil, queixando-se de que ainda não foi posto em execução pela Camara Municipal d'aquelle concelho o regulamento do novo horario de trabalho.

O chefe do districto declarou que aguarda a publicação da lei que auctorise os governadores civis a publicar os referidos regulamentos sempre que as camaras municipaes os não queiram pôr em execução, para então proceder.

A gréve dos canalisadores continúa insoluvel

Continuando hoje sem solução satisfatoria a gréve dos canalisadores, representantes de 45 industriaes que resolveram acatar a solução dada pela commissão hontem nomeada pelo ministro do fomento, puzeram hoje á disposição do commandante da policia um automovel com todo pessoal technico habilitado a reparar gratuita e rapidamente qualquer ruptura de agua ou gaz.

Qualquer reclamação n'este sentido póde, por isso, fazer-se de ámanhã em deante das 8 ás 10 horas para o telephone 1400, do governo civil.

A chronica do furto

Domingos Oliveira, morador na Amadora, queixou-se á policia de que tendo ido ao seu domicilio dois individuos desconhecidos pedir esmola e como estivesse em casa apenas uma sua filha menor, aquelles lhe subtrahiram um cofre contendo um cordão e quatro broches de ouro, um relogio de aço, tudo no valor de seessenta escudos.

A policia prendeu hoje Constante de Abreu, rua da Silva, 1, cuja detenção foi pedida por seu patrão José Aldir Abreu, morador na mesma rua, que o accusa de lhe ter roubado, por diversas vezes, a quantia de cem escudos approximadamente.

Regresso de expedicionarios

Chegou hoje o vapor *Moçambique*, da Empresa Nacional de Navegação, vindo dos portos de Africa com 56 passageiros de primeira classe, 63 de segunda e 151 de terceira, 270 passageiros ao todo. Entre elles vinham os srs. ex-governador interino de Lourenço Marques, Baptista Coelho, coronel Callado, capitão do estado maior Graça e noventa officiaes e praças de infanteria 15 da ultima expedição a Moçambique ida d'aqui em setembro sob o commando do tenente coronel Massano de Amorim.

ULTIMA HORA

REVOLUÇÕES...

OS BOATOS CORRENTES

... E não haverá um dia de paz na face da terra!

Entrámos outra vez no pleno dominio dos boatos. Não ha meio de duas pessoas se encontrarem que uma d'ellas não dispare á outra a inevitavel pergunta:

—Então, que ha?

E a dar-se credito a esses informadores amaveis que apparecem a todas as esquinas teriamos de concluir que ha na forja varias revoluções. Ainda ha pouco, uma d'essas pessoas que tudo sabem e tudo dizem se mostrou profundamente admirada por nós desconhecermos a veracidade dos boatos correntes. A sua surpreza foi motivo para uma catadupa de revelações sá sensacionaes. E' ouvil-a:

—Então v. não sabe o que para ahi se diz como absolutamente certo? Só chegam ao seu conhecimento ideias vagas, planos obscuros e confusos? Pois eu lhe conto... Ha duas revoluções em marcha—só duas, ouviu?—que pretendem derrubar o actual estado de coisas. Por essa phrase entendem os revolucionarios n.º 1 que é preciso dar cabo do partido democratico; entendem os revolucionarios n.º 2 que é preciso dar cabo da Republica. Está bem de ver que os primeiros são republicanos e os segundos são monarchicos. A esta hora trabalha-se em estabelecer fios de ligação entre as duas classes de conspiradores, imprimindo uma só direcção aos dois movimentos. Para isto, os monarchicos levarão a sua transigencia ao ponto de acceitarem o que elles chamam uma «republica conservadora», que seja temente a Deus e faça banir dos diccionarios a palavra «thalassa». Os republicanos anti-democraticos contentar-se-hão com o desapparecimento da scena politica do partido que elles consideram seu irreductivel inimigo.

«São essas as bases que resultam da fusão dos dois movimentos. Preciso dizer-lhe que os monarchicos duvidam muito do exito da aventura. Mas imaginam que, seja qual fôr o seu resultado, victoriosa ou vencida, a monarchia não tardará por ahi muito tempo. E insinuam que a Hespanha tem auctorisação do governo inglez para intervir na nossa politica interna, com o fim de restabelecer a ordem, constantemente perturbada, e garantir as vidas e os haveres dos subditos estrangeiros. Ora, essa intervenção seria a morte moral da Republica, á qual se seguiria o seu completo anniquilamento. Imagine v. a perversidade, o anti-patriotismo d'essas intenções machiavelicas!

«Mas creia que é isso o que corre nos centros de palestra. Como tambem corre e se affirma que em varios pontos da fronteira estão reunidos conspiradores portuguezes, jaimistas hespanhoes e elementos a soldo dos allemães. A sua entrada no nosso territorio seria o inicio de complicações que apressassem a supposta intervenção da Hespanha. Ao mesmo tempo, a revolução rebentaria em Lisboa e nas provincias. Aqui, a primeira parte da tentativa consiste no assalto ás fabricas de armas; nas provincias, haverá assaltos aos quarteis e aos governos civis, cortando-se as communicações com Lisboa. O resto não lh'o posso dizer...

E ahi está em que se passa o tempo n'esta boa terra portugueza. Faz hoje quatro mezes rebentou uma revolução. Agora, preparam-se por atacado—duas ou talvez mais, ao que affirmam as pessoas que se dizem bem informadas.

As insinuações d'uma folha catholica

O sr. Lambertini Pinto e o que escreveram os "Echos do Minho"

Os rendimentos de Santo Antonio dos Portuguezes em Roma cresceram sob a Republica

Noticiámos hontem que os *Echos do Minho* haviam publicado umas insinuações graves a respeito da administração de Santo Antonio dos Portuguezes em Roma pelos illustres diplomatas srs. Eusebio Leão e Lambertini Pinto. Este ultimo apressa-se a responder aos *Echos do Minho* na carta que em seguida inserimos:

Meu caro amigo:—Independentemente do procedimento judicial contra o auctor da noticia dos *Echos do Minho* sobre a administração do Instituto Portuguez em Roma, que *A Capital* hontem transcreveu com palavras de repulsa pela gratuitidade das malevolas insinuações n'ellas contidas que, pela minha parte, lhe agradeço,—n'esta data solicito do sr. ministro dos negocios estrangeiros e do sr. ministro das finanças (por cuja pasta hoje correm os assumptos relativos áquella administração) a necessaria licença para trazer a publico os factos e numeros dos relatorios dos ultimos cinco annos dos administradores do referido instituto.

E então se verá porque vale a pena, o que chegou a ser em apuros financeiros e o que é hoje em prosperidade aquella nossa distante instituição que, depois de totalmente se desencravar, ha dois annos que vem avisando o governo achar-se habilitada a receber e subsidiar, sem nenhum encargo para o Estado, quatro ou seis pensionistas de arte que ellepara lá queira mandar.

O que é mais triste, meu caro amigo, n'estes tristes processos de fazer politica á *Echos do Minho* é que, se ha alguem em Portugal n'este momento, além de mim, que saiba de sciencia certa a falsidade das insinuações baseadas n'aquelle papel contra o sr. dr. Eusebio Leão e contra mim... é o proprio auctor da local, que v. me informa ser o sr. Bivar. Este senhor viveu longos annos em Santo Antonio; este senhor tem, desde que de lá sahiu, quem minuciosamente o informe de tudo que ali occorre; elle sabe que os bens do Instituto renderam em 1909 65.000 liras, numeros redondos, e renderam em 1913 (ultimo anno de que aqui tenho contas) 95.000 liras; elle sabe que, quasi na mesma proporção, se reduziram, contemporaneamente, as despezas mais ajudando ás importantes capitalisações n'estes cinco annos realisadas e que vão permittir, juntamente com o producto da venda de Palazzola, a construcção, em terrenos proprios na via Cavour, da nova séde do Instituto e do palacio da Legação, bem como occorrer ás restaurações das nossas velhas propriedades a que ha longos annos vimos sendo intimados pelo municipio de Roma e que é impossivel protelar por mais tempo. Elle sabe tudo e fala assim. Que faria se não soubesse.

Em homenagem á verdade devo dizer que o meu collega e amigo Henrique Martins, que por longos annos e até quasi á data da mudança de regimen administrou Santo Antonio, conseguiu, pouco a pouco, libertal-o das dividas que sobre elle pesavam e entregar a administração já quasi desonerada de debitos. O que elle não podia fazer, muito a seu pesar, era cortar cerce os abusos e desperdicios que no caderno das despezas se tinham introduzido, nem vencer a lenda de que «se não podiam intentar acções judiciaes de rescisão de contractos lesivos de arrendamento porque se perdiam pela certa». A prova de que se não perdiam é que os intentei e os venci, transformando a renda de dois em quatro e iniciando a obra de regeneração financeira do Instituto que o sr. dr. Eusebio Leão, com o concurso do sr. dr. Manuel Garcia, actual administrador, tem proseguido e desenvolvido, com muito mais resultado, porque com muito mais competencia, levando as coisas ao estado em que actualmente, ellas estão que podem fazer engulhos ao sr. Bivar mas não o auctorisam, sem o correspondente castigo, a babar na honra e no selo de ninguem Bon etc.—*Lambertini Pinto*.

A proposito das insinuações malevolas e calumniosas dos *Echos do Minho*, podemos dizer e provar com numeros que os rendimentos de Santo Antonio dos Portuguezes cresceram consideravelmente sob o novo regimen. E, se não, vejamos: Esses rendimentos foram: Em 1909, de 64:000 liras; em 1910, de 67:000; em 1911, de 74:000, em 1912, de 76:501 e em 1913, de 95:000...

O redactor dos *Echos do Minho*, se o não sabia, fica-o sabendo!

A grande guerra

As operações no theatro oriental

PETROGRADO, 14.—Nas regiões de Riga e Jacobstadt, na linha de Ekau e na região de Abeli não houve alterações importantes; continuamos a conter a offensiva inimiga. Nas regiões de Svientsiany e Vilna devido á pressão do inimigo retirámos para a região da estação do caminho de ferro de Podbradze No oeste da região de Vilna não houve mudança. Nos combates da guarda da retaguarda a nossa artilharia procedeu efficazmente. Na região de Derajno, continuam renhidos os combates. Na Galicia, na região de Tarnopol; continuamos a progredir. No Sereth inferior o inimigo tentou deter a nossa offensiva mas foi batido e destroçado.—(*Havas*).

Lucta violenta no theatro occidental

PARIS, 14.—Communicado official das 15 horas:

A actividade da artilharia na linha de Artois sempre a mesma. Ao sul do Somme, bombardeamento reciproco, particularmente violento nos arredores de Tilloloy, Cessier e Beuvraignes.

As acções da artilharia são continuas do canal do Aisne ao Marne e na Champagne ao norte do acampamento de Châlons e na orla occidental da floresta de Argonne.

No bosque de Mouilmarle as nossas baterias fizeram cessar o fogo ás metralhadoras inimigas e executaram tiros efficazes sobre certos salientes da linha allemã.

Noite calma no resto da linha.

Os aviões bombardearam a gare e a bifurcação de Bensdorf, perto de Morhange, e os acampamentos inimigos de Chatel na Argonne e de Langemarck ao norte de Ypres.—Havas.

NOTAS DIVERSAS

Tendo fechado a fabrica de moagem do Caramujo, por falta de trigo, uma numerosa commissão de mais de 200 operarios procurou hoje o sr. ministro do fomento para lhe pedir providencias.

Foi recebida pelo secretario sr. Augusto Ribeiro da Silva, que respondeu que a transmittir o caso ao sr. dr. Manuel Monteiro e que este com o director da Manutenção Militar resolveriam o assumpto como fôr de justiça.

As associações de classe do Porto reunidas a convite do *comité* pró-presos por questões sociaes enviaram um telegramma ao sr. presidente do ministerio para que sejam postos em liberdade os presos Tormenta Marques e Carlos Silva.

—Foram nomeados 3s 1.os tenentes medicos srs. Homem de Carvalho e Carvalho Miranda, respectivamente, para fazerem parte da junta de inspecção que deve reunir nas escolas de alumnos de marinheiros do Norte e do Sul para apuramento dos candidatos a alumnos.

—O sr. ministro da guerra, acompanhado dos srs. capitão Mathias de Castro e tenente Florentino Martins, parte depois de amanhã em automovel a assistir aos exercicios da segunda epocha das escolas de repetição devendo regressar a Lisboa quando terminem.

O FIM D'UMA ESPECULAÇÃO

Miguel Sotto-Maior

Seu irmão diz: «Estou completamente convencido de que foi elle pela sua propria mão quem poz termo á existencia»

Sem commentarios, transcrevemos dos «Echos do Minho» as duas cartas que o leitor vae ler:

Meu presado amigo:

Tendo alguns jornaes, nomeadamente, a «Liberdade» do Porto, o «Paiz», a «Nação» e a «Vanguarda» de Lisboa, dado ultimamente largo pasto á calumnias que affectam pessoas que muito estimo, acerca da lamentavel morte do Ex.mo Sr. Miguel Sotto-Mayor, dada ha pouco no gabinete do governo civil d'este districto, apresso-me a enviar-lhe a adjunta carta que sobre o assumpto me foi dirigida pelo irmão do fallecido o Ex.mo Sr. João Sotto-Mayor, cujo testemunho insuspeito, a meu ver, alguma coisa elucida e sufficientemente rebate as calumnias a que acima alludo.

Preciso dizer-lhe que a publicação d'esta minha carta e da do Ex.mo Sr. João Sotto-Mayor, são auctorisadas.

Braga, 13-9-915.

Manuel Joaquim da Paiva.
Pharmaceutico

Meu caro amigo Paiva

Em resposta á sua pergunta vou dar-lhe a minha opinião sobre o triste caso que se deu com o meu infeliz irmão Miguel. Não posso dizer-lhe qual o motivo que o levou a praticar o suicidio, mas estou plenamente convencido que foi elle por sua propria mão quem poz termo á vida. Sujeitei-me a assistir á autopsia feita no cadaver do meu infeliz irmão e por ella mais convencido fiquei do que acabo de dizer visto ver que o tiro foi disparado no céo da bocca e com o cano da pistola encostado, pois em volta do furo estava tudo queimado com o fogo da polvora.

Além d'isto ouvia muitas vezes meu irmão dizer que um homem que desejasse pôr termo á vida instantaneamente, o melhor sitio que tinha para o fazer era disparar um tiro na bocca, sitio precisamente cde elle o fez. Acho pois infame a campanha que alguns jornaes teem feito sobre o assumpto e garanto-lhe sob a minha palavra d'honra que a minha opinião é que meu irmão não foi assassinado, mas sim que poz termo á existencia por sua propria mão.

Ainda sabendo eu que meu irmão tinha levado a pistola com que praticou o triste acto, pois logo que o caso se deu o proprio filho do fallecido me disse que a tinha visto metter na cinta, não podia por principio algum admittir que elle achando-se armado se deixasse assassinar sem se defender.

Ahi fica, pois, meu bom amigo, a expressão do meu pensamento.

Disponha sempre do
Seu amigo dedicado e muito grato
Braga, 9-9-915.
João da Cunha Velho Sotto-Mayor

A questão do peixe

Pelas 11 horas de hoje reuniu a assembléa geral da Associação dos Auxiliares de Pesca, presidida por o sr. Antonio Salvaterra, que expoz o fim para que ella foi convocada.

Depois de larga discussão foi approvado ser nomeada a commissão composta pelos socios: Raphael Soares, Ricardo Gomes, Antonio Salvaterra, João Aveiro, Manuel Paulino, João de Jesus Lopes e José Joaquim da Luisa, com plenos poderes para da melhor maneira conseguir a regularisação da affluencia de peixe ao mercado de Lisboa. A commissão que se avistou hoje com o presidente do ministerio, entregou-lhe uma representação indicando os meios de se conseguir que não falte o peixe no mercado de Lisboa.

O presidente do ministerio ficou de estudar o assumpto e de tomar as melhores medidas tendentes a solucionar esta questão.

Situação da praça

CAMBIOS.—O mercado fechou ás seguintes cotações:

	Compra	Venda
Londres, cheque	30 1/8	30
Londres, 90 d/v	30 5/8	—
Paris, cheque	$70,2	$78,8
Allemanha, cheque	$29	$30
Hollanda, cheque	$68	$69
Madrid, cheque	1$07	1$08
New York	1$45	1$47,5
Rio s/Londres	12 1/16	—
Libras	6$80	7$09
Agio do ouro	48 %	50 %

BOLSA.—As inscripções effectuaram-se:

	Assent.	Coup.
Titulos de 1.000$	—	[illegible]
» » 500$	—	—
» » 100$	—	—

Obrigações do Estado, 3 0/0, 1905, [illegible]. Externas: 1.ª serie, 73$70 e 3.ª 74$70. Acções: Lisboa e Açores, 116$; Phosphoros, coup., 50$50. Obrigações: Aguas, assent., 81$50.

INTERESSES DE CABO VERDE

As escolas praticas de aprendizagem

Ha uma falta absoluta de officiaes de construcção e de todos os outros officios em Cabo Verde. Todos o dizem e muitos o sentem na algibeira, incluindo o proprio Estado, que já hoje paga salarios que não estão nada em proporção com o trabalho produzido.

Os bons mestres que receberam a instrucção de antigos degredados que se recommendavam ao menos pelo seu saber profissional, ou morreram ou emigraram.

De tudo ha falta em Cabo Verde:

Carpinteiros, serralheiros, latoeiros, pedreiros, alfaiates, encadernadores, soldadores, selleiros, correeiros, etc., etc., tudo isto tinha que fazer n'aquella provincia, onde existe uma garotada que seria bem guiada n'uma escola de aprendizagem.

Foi obedecendo a um fim de moralisação absoluta que o governo, creou por decreto de 10 de janeiro de 1906, as escolas praticas de aprendizagem, que tiveram desde o principio que contar com uma audaz opposição de alguns que desejam que Cabo Verde não progrida, e que envidaram todos os seus esforços para que durante 7 annos de existencia essas escolas nada tenham produzido de util, quando muito teem a fazer no modo de ser de uma grande parte da população.

O orçamento para 1915-1916, distribue para as escolas praticas de aprendizagem as seguintes verbas: encarregado da escripturação e ajudante, 120$; ensino profissional de operarios de construcção, 2 mestres um de carpinteiro e outro, de pedreiro-canteiro 1:440$; 16 aprendizes, oito de cada especialidade a 240, 384$; ensino profissional de serralheiros ferreiros, 1 mestre de serralheiro, 720$; 6 aprendizes a 240, 144$; material e expediente, 300$. Total, 3:108$.

Debalde se procurará um qualquer relatorio das obras publicas em que se dê conta do que se fez nas escolas praticas de aprendizagem, e nunca se disse nada, porque se se dissesse alguma coisa, todos se revoltariam contra a empirica orientação dada a taes escolas, que por isso mesmo nada produziram de util para a provincia.

Em primeiro logar é diminutissimo o numero de aprendizes, quando se saiba que ha centenas de rapazes que podiam ser admittidos á frequencia d'essas escolas para os livrar da vadiagem para onde fatalmente serão encaminhados, e essas escolas podiam representar para Cabo Verde, ■ que aqui representam as casas de reforma, da Assistencia Publica. Caminhar-se-hia afoitamente para a moralisação da população do archipelago. Longe d'isso as escolas de aprendizagem não admittem mais de 22 aprendizes, sendo 16 na Praia e 6 em S. Vicente.

Depois, succede que sendo fixo o salario dos aprendizes, estes, passados um ou dois annos de frequencia nas escolas adquirem já uma pratica regular dos officios, ■ são chamados para prestarem serviços em obras particulares com o salario de 40 a 50 centavos; logo que faltam são compellidos á frequencia da escola, castigados e teem de se sujeitar aos 2 escudos por mez até ao fim dos trez annos de obrigatoriedade de frequencia para serem considerados aptos para o exercicio da profissão que escolheram.

Ora o regulamento de taes escolas faculta aos particulares encommendarem obras ás escolas de aprendizagem, obras que serão pagas, e cuja receita daria para desenvolver as officinas, gratificar os mestres e os aprendizes, e ainda as obras feitas para as repartições publicas, previamente orçamentadas, seriam pagas ás escolas revertendo esse fundo privativo, ao cofre das mesmas escolas. Pois, por determinação, não se sabe de quem, e desde a creação das escolas até 1914, não só não se permittiu a execução de qualquer obra para particulares, como tambem nenhuma repartição publica pagou as obras que nas escolas de aprendizagem foram feitas, e isto tudo no proposito firme de fazer acreditar serem nullos os resultados praticos de taes escolas em Cabo Verde. E' até onde póde chegar o instincto malefico de certas creaturas, que de tudo se servem para manifestar as suas poderosas más qualidades, e o nenhum medo de não cumprirem um regulamento saltando-lhe por cima a pés juntos, e ficarem impunes como omnipotentes.

Nunca foi dado ver a ninguem os alumnos das escolas de aprendizagem, trabalhando, cada um pelo seu officio nas grandes construcções do Estado ou dos particulares. Longe d'isso os alumnos não sabem do barracão anti-hygienico onde estão as officinas, e é ali que á mistura com alguns trabalhos uteis, se fazem authenticas chinezices e gaiolas para grilos, como modelos da arte de pedreiro. E, é claro, que taes alumnos, quando dados por promptos, sabendo fazer uma ou outra peça, não saberão fazer o conjuncto, e não prestarão nem para a propria provincia, onde em muitos sitios se necessitam ter os mais complexos conhecimentos para se conseguir exito.

Se analisarmos as officinas onde estão as escolas de aprendizagem, sob o ponto de vista do progresso, teremos uma extraordinaria decepção. Os modernos machinismos que fazem baratear a mão d'obra ao mesmo tempo que tornam mais perfeito o serviço, são desconhecidos nas officinas d'essas escolas. Não ha verba é a desculpa; mas não havia verba porque a orientação seguida era precisamente para que não houvesse verba para nada e o Estado acabasse por encerrar essas escolas.

Nos paizes onde se trabalha e a incompetencia, diplomada ou não, cahe sob a alçada do codigo penal quando se manifesta ostensivamente, como no caso de que tratamos, as officinas do Estado são estabelecimentos dos mais modelares, onde teem logar os mais modernos inventos, não só para que se produza tudo, ■ mais economicamente possivel, como ainda se mostre aos particulares ■ mais modernos apparelhos, que sendo adquiridos ajudam a industria manufactora particular que assim tem uma recommendação de valia para o seu esforço. Mas em Cabo Verde, não se dotaram as escolas de aprendizagem com apparelhos modernos, por serem desconhecidos de quem tinha obrigação de fingir, pelo menos, que os conhecia.

E aqui está ■ que tem sido as escolas de aprendizagem em Cabo Verde que, bem dirigidas, não só serão um elemento de progresso para a provincia, como um titulo de gloria para quem souber dar-lhe o incremento que podem alcançar, em pouco tempo, tornando-se um elemento valioso como o são sem duvida as officinas de Loanda, por toda a parte conhecidas como modelares e grandiosas. E, afinal de contas, é bem conveniente que em algumas colonias haja progresso, para que se não diga como se diz em Cabo Verde, que os dirigentes estão sempre do outro lado do progresso.

Armando Xavier da Fonseca

Carta d'um marinheiro

Um caloroso brado patriotico

Lisboa, 12 de setembro de 1915.—*Sr. redactor.*—E' com magua profunda que me resolvo a sahir do silencio a que a minha mesquinha condição me força para soltar um brado de indignação pelo que denuncia o seu artigo de sabbado «Alerta». N'elle nos mostra v. o quanto está abastardada a raça portugueza, aquella que pela sua independencia em tempos idos tanto batalhou e que morria mas não curvava a cerviz.

Sem profundos conhecimentos historicos, pois a um marujo não é facil a illustração, eu sei no entanto o quanto os antigos lusitanos batalharam na defeza do torrão patrio (a esse tempo um locandinho que se fechava na palma da mão) contra as legiões romanas, e tão arreigado era esse amor pela independencia que as mais fortes legiões eram batidas por esse punhado de pastores sem armas nem estrategia.

Foi a golpes de montante que esta nacionalidade foi creada e tanto póde a força da independencia que em Aljubarrota venciamos a formidavel cavallaria castelhana n'uma desproporção que todos devem conhecer.

Para que ficassemos enfeudados á Hespanha foi preciso que a loucura d'um rei educado por jesuitas arrastasse a Alcacer-Kibir quanto de forte havia na nação tornando facil essa posse pela fraqueza em que ficára Portugal.

Mas tanto póde o amor pela independencia a que tinhamos direito que a Hespanha, para tornar mais facil a tomadia, comprou quantos sem fé nem lei aqui poude encontrar e só assim a viu conseguida.

E sessenta annos durou esse horrivel captiveiro que o mesmo amor fez baquear encontrando em si o arrojo do Montijo e Montes Claros.

Para que os francezes de Junot se apossassem d'este ninho de leões (que o eramos por nossos feitos do que a historia está cheia) foi precisa a traição d'um rei e a covardia da sua côrte.

Mas quando apoiados á Inglaterra pudemos firmar os pés no solo sagrado, logo no Bussaco, batemos as aguias victoriosas de tantas batalhas e de etape em etape marchavamos até ao coração do paiz que nos invadira com os seus exercitos.

E é hoje, hoje que a luz se espalha a jorros, que a instrucção é mais larga e que pela sua influencia mais conhecida deve ser a nossa força e quanto de valiosa é a força da independencia que homens nascidos em Portugal se entregam á nefanda tarefa de ferir o regimen republicano que mais garantias dá á nossa independencia!

Não me digam que esses homens são portuguezes porque o não acredito. Na hora horrivel que a Europa atravessa todas as forças se devem conjugar em torno da bandeira para que ella tremule altiva, como altiva tremulou nas costas de Marrocos, na costa africana, na India, em Macau e até na longinqua Timor.

Que me importa que o governo seja formado por democraticos, evolucionistas ou unionistas?

Não sejam monarchicos, sejam governo segundo a constituição (unica lei) e eu me porei firme junto d'elles porque n'elles está a razão da independencia do meu paiz.

Mas por amor das paixões politicas, em Portugal, esqueceu-se tudo! O amor patrio, o amor pela independencia, até a honra!

Já lá vão vinte annos que eu aprendi a collocar-me á culatra d'uma peça.

N'esse tempo corriamos á guerra, como em Bissau com os tenentes Coutinho, Parreira, Valente da Cruz e outros e não vacillavamos, não temiamos. Confiavamos no nosso esforço e obedeciamos á disciplina dos nossos chefes.

Mas passados vinte annos, embora já encanecido e alquebrado pelas febres d'Africa em que bastante labutei, eu ainda saberia apontar uma peça pela defeza da independencia que foi a estrella que guiou os passos dos nossos heroes.

E se a vida se me fosse com o sangue perdido em ferimentos de combate, abençoada seria essa vida e bemdito seria esse sangue mais valiosamente perdido pela Patria que em socego nas minhas veias covardemente poupado.

... E é a um descendente de D. Miguel que alguns nascidos em Portugal procuram entregar um throno que baqueou! Não póde ser, não deve ser, não hade ser, porque atraz d'um D. Miguel está a dominação teutonica e antes que isso succedesse deviamos sepultar-nos nas ruinas d'um Portugal que dominou e não deve ser dominado.

Abatam-se as bandeiras politicas, lembrando-nos que antes de sermos monarchicos ou republicanos somos portuguezes.

E do meu humilde canto lanço o anathema áquelles que o esqueçam crente que o meu brado é o de milhares de verdadeiros portuguezes.

Engrandeçamos Portugal engrandecendo a Republica.

Eu quero morrer dizendo: «Não fazem ninho os milhafres na caverna dos leões».—Perdõe, senhor redactor, a *Um marinheiro reformado.*

Conforme o annuncio que vae publicado na respectiva secção, a Companhia Portugueza de Phosphoros annuncia, na forma do costume, o pagamento, em 1 de Outubro p. f., do dividendo interino habitual de Esc. 1$50, por conta dos lucros do corrente anno.

SPORT

Continua augmentando a onda dos protestos

Recebemos mais o seguinte documento, cuja publicidade nos pedem:

«Pela nota official publicada nos jornaes de 25 d'agosto vejo o meu nome passado á cathegoria de profissional pelo facto unico, segundo creio, de ter corrido no Stadium de Lisboa e não pelas razões apontadas n'essa nota. Então promulga-se uma condemnação sem que os condemnados fossem chamados a justificarem-se das accusações que lhes são imputadas falsamente!! N'estas condições torna-se necessario que eu venha dirigir-me a v. expondo a razão que me assiste.

Devo em primeiro logar expôr a v., que talvez ignore que os premios que ganhei nas corridas do Stadium de Lisboa ainda os possuo e poderão ser presentes a v. se isso desejar. O segundo premio da corrida «juniors» realisada em 2 de dezembro de 1914 e que consta de um estojo; o segundo premio na corrida de «juniors» em 8 de dezembro de 1914 que consta tambem de um estojo, foram-me entregues na sessão solemne na séde U. V. P.; o terceiro premio na corrida «Nacional» realisada em 10 de junho de 1915 que consta de umas cuecas e ainda o terceiro premio na corrida de «handicap» realisada em 13 de junho de 1915, que consta de uns tubos para rodas, foram-me entregues pela empreza do Stadium.

Aqui tem v. notificados os premios que eu possuo. N'estas circumstancias v. muito me obsequiava informando-me quaes foram as corridas em que eu tomei parte e de que recebi os premios em dinheiro, visto ignorar, a não ser que os premios por mim ganhos, como representa uma troca de dinheiro feito entre o comprador e o commerciante, sejam pelos regulamentos da União considerados dinheiro. Se a conclusão a que v. chegar é esta peço que me informe e diga o que devo o amador disputar como premios para não passar á cathegoria de profissional.—Saude e Fraternidade.—Albano Ferreira.

Nota do dia

O campeonato de tennis em Portugal

E' evidente que o «tennis» é um exercicio que tem fanaticos em Portugal e que, actualmente, atravessa uma phase de extraordinario desenvolvimento. O proprio campeonato de Portugal, que tem tido como séde de preferencia o «court» do Sporting Club de Cascaes, este anno tem maior valor que os dos annos anteriores. Porque fazemos esta affirmativa? Verificando o resultado das inscripções que fecharam hontem. São numerosas e impõem-se pela qualidade.

Em «singles» homens inscreveram-se 17 pessoas; em «singles» senhoras, 4; em «doubles» homens 7 pares; em «doubles», mixto, 6 pares; em «doubles», senhoras, 2 pares.

O torneio começa no proximo dia 16 e disputa-se, simultaneamente, em 3 «courts».

Algumas anedoctas

■ Padinha está prompto para tudo...

■ hercules e campeão de Portugal Francisco Padinha é um excellente rapaz, sempre prompto a auxiliar as grandes iniciativas. Quando soube que ■ seus amigos dr. José Pontes, Santos Mattos e Antonio Rodrigues Correia tinham resolvido auxiliar o desenvolvimento da Praia das Maçãs, procurou-os e disse-lhes:

—Contem commigo... Vocês já sabem que estou ao vosso dispôr...

—Obrigado, obrigado...

—E' quando vocês quizerem. Mandam-me chamar e eu appareço a ajudal-os...

O sr. José Santos Mattos explicou então:

—...Por agora, a Liga dos Amigos da Praia vae tratar apenas de dois problemas importantes. Já reune na quinta-feira, no Banzão, em casa do sr. Innocencio Camacho, para os resolver...

—O quê?—inquiriu o robustissimo hercules, que um tanto surdo, não percebeu o final da phrase. Santos Mattos explicou:

—São os problemas da salvação da praia, para mudar o leito do rio, que é obra pesada e o de acarretar agua para a localidade...

O hercules não percebeu ainda bem porque Santos Mattos falou baixo, mas acudiu logo, muito obsequioso e julgando ser indelicado pedindo para repetir outra vez...

—Deixem isso por minha conta. Eu vou lá fazer isso!

Noticias

Entre nós

A «Taça Carcavellos»

O torneio de «tennis» para a «Taça Carcavellos» foi ganho no ultimo domingo pelo sr. D. João Villa Franca, depois de um ultimo jogo com o sr. dr. Duarte Pinto Coelho. O desafio para o segundo premio será disputado no dia 20, ás 10 horas, entre os srs. dr. Pinto Coelho e José Mascarenhas.

Uma festa de sports e gymkhana

Na Amadora, terra das festas encantadoras, unicamente se pensa nas festas do proximo domingo, em que se realisa o certamen desportivo seguido de um interessante «gymkhana» no «rink» da patinagem dos Recreios Desportivos da Amadora. Como já dissémos, esta festa é organisada por uma commissão de senhoras, e auxiliada por um grupo de socios, que não se poupam a esforços para alcançarem um exito sem precedentes em provas de valor.

Ficou hontem a inscripção em 50 concorrentes de ambos os sexos, havendo n'uma prova uma inscripção de 54 pessoas na sua maioria senhoras e meninas! Os premios offerecidos pelas familias da Amadora estão em exposição na sala da direcção dos Recreios, havendo entre elles objectos de fino gosto e de valor artistico. A commissão espera ainda outros premios para conseguir dar dois objectos em cada prova ou seja um total de 44 premios para todos os numeros do programma. N'esta festa os socios teem direito á sua entrada e a 3 senhoras de familia. Uma banda de musica abrilhanta a «matinée».

Concurso hippico do Estoril

Está quasi concluida a construcção do novo e grande hippodromo, nos terrenos da Sociedade Anonyma Estoril, destinado ao concurso de obstaculos que a Sociedade Hippica Portugueza ali levará a effeito nos dias 9, 10 e 14 de outubro. Fica com uma grande lotação e esplendidas accommodações para o publico e a pista, pela sua vastidão, presta-se para o arranjo dos mais complicados programmas hippicos, desapparecendo os inconvenientes das curvas apertadas e dos saltos «enforcados», que muitas vezes concorrem bastante para o desluzimento das provas hippicas.

A «Taça Estoril», offerecida pela Sociedade Anonyma Estoril», é disputada no ultimo dia, constituindo a prova de honra do programma.

Sporting Club de Portugal

Em Setubal jogaram hontem o 3.° «team» e «team» infantil d'este club, contra o Victoria Foot-ball Club, d'aquella cidade.

■ desafio de terceiros «teams», jogado com bastante energia, deu a victoria ao do Sporting por 2 bolas a 1.

Do grupo todos trabalharam com vontade, no entanto salientaram-se Vieira e Bruno a «backs» muito bem, Theotonio Quistorp a «half-back», e Torres Pereira e Loureiro a «forwards». Depois do desafio os jogadores foram muito ovacionados pela grande e escolhida assistencia que presenciou o desafio.

Em seguida jogaram os «teams» infantis resultando um empate de 0 a 0.

Espectaculos

Cartaz de ámanhã

POLITEAMA—A's 20,00 e 22,30—Não desfazendo... (Revista).

EDEN—A's 20,45 e 22,45—O diabo a quatro. (Revista).

COLISEU DOS RECREIOS—A's 21—O principe de Mahomet.

Circos & Music-halls

SALÃO DA TRINDADE—A's 20 e 22—Companhia infantil—Filha da Annica.

ANIMATOGRAPHOS E CONCERTOS—Olimpia e Paradis, matinées diarias e sessões á noite; Central, Chiado Terrasse, Salão Foz, Rocio; Sociedade Promotora de Instrucção, em Alcantara, sessões ás quintas feiras, sabbados e domingos.

CINEMATOGRAPHOS OU ESPECTACULOS VARIADOS—Chantecler, Imperio, Salão Graça, na Caixa Economica Operaria, Variedades, na calçada da Estrella—A's 21,30—O diabo no convento.

Movimento maritimo

Brazil e R. Prata «Amazon» (Liverp.)	15
Vigo e Inglaterra, «Araguaya», Brazil	15
Bah., R. Jan. e Santos, «Camões» (Liv.)	15
Mormugão, etc., «Stanjoy Hall» (Liv.)	16
Batavia, etc., «J. Coen»	16
Brazil e R. Prata «Leon XIII» (Vigo)	16
Africa Oriental, «Bulgaria» (Liverp.)	16
Madeira e Canarias, «Ardeola» (Liv.)	16

Era essa a unica parte exterior da Grande Duna em poder dos alliados, embora ganhassem com ella uma posição d'onde podiam fazer violento fogo contra o extremo flanco direito dos allemães que estavam estabelecidos deante de Westende, tornando por isso a Grande Duna uma defeza menos confortavel para o inimigo do que até então o tinha sido.

A lucta foi mortifera, tendo os alliados elevadas perdas, ficando trezentos allemães mortos nas proximidades do reducto e sendo aprisionados cincoenta.

Durante as semanas seguintes a lucta ahi foi limitada, apezar das más condições do tempo, a duellos de artilharia, mas mais abaixo a linha, em redor do famoso centro de Ypres, houve lucta violenta no meiado do mez de fevereiro. Devido ao intrincado caracter da região, com o seu montão de trincheiras, vedações e pequenos bosques, a lucta era muito confusa e não tinha resultados dignos d'uma campanha.

O tenente A. Poland

O principal ataque allemão começou na manhã de 14 e a principio foi assignalado por um successo, sendo o contra-ataque inglez mal succedido. Mas durante a noite seguinte quasi toda a linha foi retomada. A lucta continuou durante o dia seguinte e durante a noite, sendo no dia 15 o resto da linha retomado. Os allemães mostravam bem os seus esforços pelo numero de cadaveres que deixavam em toda a extensão da linha.

Não obstante isso, voltaram á lucta com a maior intensidade no dia 17, ao norte e ao sul do canal Ypres-Comines. Ao sul, o ataque foi repellido mas ao norte duas trincheiras britannicas foram tomadas depois de n'ellas terem explodido algumas minas. Foi um successo de curta duração, comtudo, porque as tropas inglezas voltaram valorosamente á carga e recuperaram as trincheiras que acharam cheias de cadaveres de allemães. Os inimigos que estavam vivos, receiando o ataque de bayoneta dos inglezes, retiraram-se para a retaguarda das suas trincheiras, ao approximar-se o assalto.

O bombardeamento que precedera o ataque fôra tão aterrador que o inimigo estava desmoralisado. Os inglezes tiveram tambem grandes perdas.

Essa lucta a sudeste de Ypres, especialmente ao norte do canal Ypres-Comines, foi excepcionalmente difficil, porque o terreno estava em taes condições que os homens ao atacarem enterravam-se muitas vezes no lodo até aos joelhos.

Foi n'essas condições que no dia 15 os inglezes foram subitamente colhidos por tremendo fogo dos canhões inimigos. Era o sufficiente para desanimar os mais corajosos; mas, sem um momento sequer de hesitação, os inglezes avançaram. Conseguiram alcançar as trincheiras allemãs, mas inglezes e allemães ficaram n'ellas, occupando cada inimigo uma parte d'ellas.

Uma magnifica prova de coragem foi tambem dada durante essa lucta, que é digna de ser recordada. Uma das trincheiras inglezas ficára mais ou menos isolada no decorrer da lucta. Os quarenta homens que ahi estavam continuaram a manter-se embora a maior parte estivessem ou mortos, ou feridos, ficando apenas tres capazes de dar fogo, que continuaram fazendo, detendo o avanço do inimigo.

quasi toda anniquilada. Ao que se disse, essa columna compunha-se de dois regimentos inteiros. Muito poucos homens d'ella escaparam, e esses foram feitos prisioneiros, não chegando a constituir duas companhias.

Os Guardas retiraram para uma segunda linha parcialmente preparada, que corria de norte a sul desde o canal á estrada La Bassée-Béthune, a cêrca de quatrocentos e cincoenta metros a oeste do triangulo do caminho de ferro e defendida por um paredão construido no meio da linha, a todo o comprimento, de tijolos.

N'essa segunda linha os soldados dos meios batalhões dos Guardas Escocezes e Coldstream estavam de apoio. Esses impediam o avanço do inimigo, que conseguiu, comtudo, estabelecer-se em trincheiras que corriam dos dois lados do paredão, parallelas á linha ingleza e mesmo a oeste do paredão, perto das trincheiras inglezas.

A situação precisava ser reforçada e o regimento London Scottish foi mandado em seu auxilio, emquanto um contra-ataque pelo 1.° Real Highlanders, parte do 1.° Cameron Highlanders e o 2.° Corpo dos Reaes Fuzileiros do Rei era organisado para a 1 hora.

A essa hora e com a cooperação dos francezes á sua direita, as tropas inglezas avançaram e progrediram nos flancos, pelo canal e pela estrada, respectivamente, mas o centro mantinha-se firme. De tarde foi ainda em seu reforço o 2.° Real Sussex, conseguindo-se então fazer recuar o inimigo o sufficiente para romper nesse ponto a linha, occupal-a e varrer o terreno entre o paredão e as trincheiras inglezas. Foi assim recuperado em parte o terreno que de manhã havia sido perdido.

Entretanto, a esquerda franceza, no outro lado da estrada de La Bassée-Béthune, que dividia ali os alliados, havia sido atacada e recuára um tanto ou quanto, mas não tanto como os inglezes, de modo que estava mais avançada que a direita britannica e exposta a um ataque de flanco do norte. Mas o inimigo não soube aproveitar a opportunidade que assim se lhe offerecia. Durante a noite a posição britannica foi fortificada e a 1.ª brigada de Guardas, que tivera grandes perdas, foi passada para a reserva e substituida pela 1.ª brigada de infantaria.

O plano estrategico allemão tinha sido levar os inglezes a concentrarem a sua defeza na linha entre Givenchy e Festubert, ao norte do canal, a fim da direita britannica ser envolvida pelas tropas que atacariam pelo sul. Assim, simultaneamente com os seus ataques ao sul do canal, os allemães estavam muito occupados ao norte d'este. Deram tambem um violento ataque á posição britannica na aldeia de Givenchy, a cêrca de mil e seiscentos kilometros ao norte do canal.

Ahi, a madrugada foi assignalada por um violento bombardeamento com granadas explosivas e depois d'essa preparação, ás oito horas e um quarto, a infantaria allemã avançou. A artilharia britannica fez sobre o inimigo um fogo violento, que teria sido mais effectivo se não fôra a constante interrupção das communicações telephonicas entre as que estavam de observação e as baterias.

Comtudo, esse fogo, combinado com o da infantaria nas trincheiras, fez recuar os assaltantes da primitiva direcção do avanço, fazendo-os convergir para o recanto nordeste da aldeia de Givenchy, tendo passado por defronte das trincheiras dos defensores inglezes. Penetraram tambem no centro da aldeia, assim como chegaram ao paredão a que acima fazemos referencia. A esse tempo tinham tido já grandes perdas, tendo sido nada menos de 100 mortos só á bayoneta.

As reservas, o 2.° Regimento Welsh e o 1.° da Fronteira do Sul de Galles, com uma companhia do 1.° de Real Highlanders, deram um contra-ataque que teve pleno exito, apoiado pelo fogo da artilharia franceza. A lucta nas ruas foi terrivel e todos os allemães que haviam penet...

trado-na aldeia foram ou aprisionados ou mortos.

Foi durante essa lucta nas ruas que se deu um incidente digno de menção. Um soldado inglez penetrou n'uma casa defendida por oito allemães. Matou quatro á bayoneta e aprisionou os outros quatro, não tirando durante o combate o cachimbo da bocca, dando assim uma prova de extraordinario sangue frio.

A' tarde, a primitiva linha britannica em redor da aldeia fôra restabelecida. Cinco vezes os allemães voltaram ao assalto, sendo de todas ellas repellidos com grandes perdas.

Ao sul da aldeia, porém, e proximo do canal, quando o 2.º de Fuzileiros Reaes de Munster formava uma linha de connexão entre Givenchy e a acção ao sul do canal, esse regimento, sob a influencia da retirada ao sul, recuou tambem, sendo essa retirada apenas por pouco tempo. Depois de escurecer voltou ás suas posições anteriores.

No dia seguinte novo ataque foi dado a Givenchy e a todo o comprimento da estrada de La Bassée-Béthune. Foi muito menos violento que a batalha do dia anterior, mas ainda assim a acção foi renhida, como o testemunhavam trezentos cadaveres de allemães que ficaram na estrada. Não foi coroado de exito e o contra-ataque que provocou deu aos inglezes algumas das posições perdidas no dia anterior.

Seguiu-se uma acalmia nas operações.

Mas na manhã de 29 de janeiro começou um bombardeamento preparatorio pelos allemães, sendo o alvo escolhido para os projecteis a linha occupada pelo primeiro corpo do exercito britannico entre o canal de La Bassée e a estrada de La Bassée-Béthune, proximo de Cuinchy. Depois do bombardeamento tres batalhões do 14.º corpo allemão deram um violento ataque contra o paredão e ao norte e ao sul d'este. Ao norte estava o regimento de Sussex, que repelliu os allemães, infligindo-lhes grandes perdas, e matando casualmente todos os homens d'um bando que chegára a penetrar n'uma das trincheiras britannicas.

Ao sul do paredão estava o Regimento de Northamptonshire e os allemães conseguiram chegar ás suas trincheiras mas foi dado immediatamente um contra-ataque e todos os assaltantes foram mortos.

As perdas inglezas em todo o dia foram pouco importantes mas do inimigo nada menos de duzentos mortos ficaram ao longo da linha britannica. Tambem os francezes n'esse dia foram atacados ao sul da estrada de Béthune, repellindo egualmente o ataque.

Se os allemães tivessem sido bem succedidos n'essa tentativa para romper a linha proximo de Béthune, os seus projectos teriam assumido um alcance mais vasto. Teriam aberto um outro caminho para Calais—um caminho que facilmente teriam percorrido no outomno quando apenas uma mancheia de soldados inglezes guarnecia Béthune, mas então a mente do commando allemão estava obcecada por Ypres e pela conquista do ultimo recanto da Belgica, e a opportunidade perdeu-se.

O rompimento da linha britannica em Béthune traria ainda outras vantagens immediatas para os allemães. A região era bem digna de ser possuida porque era um districto de extraordinaria riqueza agricola, em flagrante contraste com a pantanosa região em redor de La Bassée.

Além d'isso, eram ahi os quarteis generaes e a base avançada do exercito britannico, onde estacionavam as tropas que não tinham de entrar immediatamente na linha de fogo. Tornára-se Béthune por assim dizer tão exclusivamente inglez, assim como as cidades e aldeias proximas, que até a administração civil havia virtualmente passado para as mãos das auctoridades militares britannicas. Um successo allemão haveria tido, por isso, sérios e desmoralisadores resultados sobre os inglezes.

No dia 1 de fevereiro uma magnifica tarefa foi executada pela 4.ª brigada nas proximidades de Cuinchy. Cêrca das duas horas e meia d'a

quella manhã alguns dos homens do 2.º de Guardas Coldstream tinham sido repellidos das suas trincheiras, mas tinham occupado uma posição a uns dezoito metros atraz e haviam-se ahi mantido até ao romper do dia. A's tres e um quarto um contra-ataque foi dado por uma companhia dos Guardas Irish e meia companhia do 2.º de Coldstreams, mas sem resultado. Então, ás 10 horas, o terreno perdido foi durante dez minutos bombardeado com violencia pela artilharia britannica, seguido immediatamente por um assalto de bayoneta, dado por uns cincoenta homens dos Guardas Coldstream e Irish, seguidos por parte da engenharia.

Essa pequena força retomou brilhantemente todo o terreno que havia sido perdido, apoderando-se ainda d'uma trincheira allemã, duas metralhadoras e trinta e dois prisioneiros.

Relativamente á discussão que houve n'essa occasião com relação á necessidade de um grande fornecimento de granadas explosivas, é digno de notar, em ligação com esse brilhante episodio, que o commandante da 1.ª divisão descrevia a preparação da artilharia para o contra-ataque como «esplendida, cahindo as granadas explosivas no local visado com absoluta precisão».

Uma rememoração d'esses dias não ficaria completa sem uma vista d'olhos pelo norte, pela praia onde os belgas e os francezes com alguns soldados do exercito indiano estavam impedindo o avanço allemão para Calais ao longo da estrada á beira-mar.

Nos ultimos dias de janeiro os alliados tinham razão para suspeitar d'um novo ataque allemão ao Yser e resolveram antecipar-se. Entre a aldeia de Lombartzyde e o mar ha uma grande elevação arenosa chamada a Grande Duna. Estava em poder dos allemães e os alliados no dia 28 atacaram-na, conseguindo apoderar-se d'uma das bases.

Foi um admiravel feito d'armas, pelas difficuldades do caminho para o assalto a essa posição e pelas vantagens estrategicas que a sua posse havia dado aos allemães, por dominarem d'ahi a estrada para Ostende. O lado da eminencia que, com os seus canhões, dominava a estrada e a aldeia de Lombartzyde estava ainda em poder dos allemães.

O ataque á Grande Duna foi, apezar da importancia secundaria quanto ao numero de homens (apenas quatro companhias), uma brilhante acção, que se tornou notavel pela heroica coragem das tropas alliadas. Apoz a preparação da artilharia, de reconhecimentos de infantaria e de meia hora de fogo de fuzilaria, as columnas dos alliados lançaram-se ao assalto em toda a fronte.

A primeira linha de trincheiras estava cheia de agua e desoccupada, mas grande numero de inimigos estavam occultos a alguma distancia d'ahi. Muitos foram mortos á bayoneta, mas antes dos atacantes se poderem estabelecer solidamente foram tomados entre fogos de enfiada e forçados a voltarem ao ponto de partida.

Dava-se isto na direita; no centro e na esquerda, os alliados conseguiram manter-se até á tarde. Simultaneamente com o ataque á esquerda, duas secções de fuzileiros alcançaram o cume da Grande Duna e uma secção estava em movimento na encosta opposta, mas foi ahi alvejada com um violento fogo d'uma segunda cumiada situada atraz da primeira. Essa secção soffreu grandes perdas, ficando reduzida a um official e cinco homens.

Metteram-se n'um pequeno reducto feito pelos allemães na encosta sudoeste da Grande Duna e permaneceram ahi até todos seis serem mortos, um apoz outro, durante a tarde.

Os seus camaradas tentavam auxilial-os, estabelecendo uma communicação subterranea entre a trincheira por elles occupada e o reducto, e conseguiram chegar alé, mas um contra-ataque dos allemães foi bem succedido, cahindo de novo o reducto nas mãos do inimigo.

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 1837 — 6.º Anno — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Editor—Camillo Seabra e Almeida — Redacção e Administração—R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA—Quarta-feira, 15 de Setembro de 1915

Telephone n.º 2293 — Endereço teleg. CAPITAL — Composição —Rua do Norte, 5, 1.º — Officinas de Impressão—71, Rua da Rosa, 71

Preço 1 centavo

Em face da guerra

Recentemente, um telegramma de Londres, publicado n'uma folha da manhã, communicava que as perdas inglezas, contadas até ao dia 21 de agosto, se descriminavam da seguinte fórma: Mortos, 4965 officiaes e 70.992 soldados; feridos, 9.973 officiaes e 241.086 soldados; desapparecidos, 1.501 officiaes e 53.466 soldados.

Supponde mesmo que na cathegoria dos desapparecidos estejam só comprehendidos os prisioneiros, segue-se que, n'um anno de campanha, o exercito inglez em lucta teve mortos perto de 80.000 homens e do elevado numero dos seus feridos quantos não augmentarão esta lista funebre!

Porteria ella não representar mais do que uma pequena parcella das perdas das vidas humanas soffridas desde o principio da guerra. A Inglaterra tem 700.000 homens nos campos de batalha. Mas a França, a Russia, a Italia contam por milhões de homens os seus effectivos de campanha, e o mesmo succede aos imperios contrarios, um dos quaes, a Allemanha, é por todos considerada como a responsavel d'esta guerra deshumana, como a auctora principal d'esta carnificina espantosa. Por isso mesmo as perdas d'esses exercitos se contam por milhões de homens. N'um anno, n'um simples anno, esta lucta estupenda terá victimado milhões de homens!

Não houve jámais um cataclysmo, uma epidemia que tantas existencias aniquilasse. O proprio diluvio, como a Biblia o refere, exterminando, com a exclusão d'uma familia, a humanidade inteira, não teria produzido tantas victimas porque essa humanidade ainda não contava senão reduzidos elementos. Só as visões do Apocalypse, referindo-se ás edades finaes do mundo, é que poderiam abranger tamanhas hecatombes. Tem havido cyclones, terramotos devastadores! Nenhum causou mortandade egual, ou sequer approximada. Epidemias mortiferas teem affligido o mundo. Nenhuma jámais lançou no tumulo tantas vidas vigorosas e florescentes.

E, comtudo, para combater essas epidemias congrega-se o esforço de todos os homens e de todas as nações. A defeza da vida humana assegura-se em largas bases. E os terriveis microbios que as produzem são perseguidos para serem exterminados até ás regiões mais reconditas onde a natureza os consente.

Este flagello, peor do que todos os flagellos, foi desencadeado pela vontade d'uma nação, ou antes d'um homem que a soube fascinar com as miragens d'uma falsa gloria. E' preciso collocar essa nação e esse homem em condições de não poderem continuar o seu nocivo á paz do mundo e á vida humana.

Não ha neutralidades possiveis perante horrores d'esta ordem. Ninguem é neutral deante d'um flagello: o cholera, a peste bubonica ou a febre amarella. Contra estes flagellos fazem-se as cruzadas modernas dos povos, e por isso a Allemanha tem de ser esmagada, o seu imperador tem de ser esmagado. E' a vida que tem de combater contra a morte, e vencel-a.

A Allemanha, n'este prelio colossal, ainda não encontrou a dar-lhe o seu concurso, depois de iniciada a lucta, senão um paiz a Turquia,—a Turquia que o mundo inteiro considera ha muito o enfermo do Oriente, que morre pela tyrannia, a corrupção e a decadencia até das suas virtudes militares.

Nenhum outro paiz lh'o póde offerecer, porque seria immoral fazel-o, e como a guerra se estabeleceu entre as maiores potencias do mundo, os outros paizes não teem forças para se apartar na sua lucta titanica. Mas o que podem, e que devem, o que inevitavelmente hão de fazer, por seu interesse proprio e para affirmarem a supremacia das ideias liberaes no globo civilisado, é intervir em favor das nações que luctam por essa liberdade, e que teem por si o direito e a justiça.

Uma epidemia só dizima vidas. Esta guerra execravel ceifa-as aos milhões e ao mesmo tempo assola as mais bellas nações do mundo. As suas ruinas são enormes. E todo o mundo soffre o desequilibrio economico e financeiro que ella produz.

E' preciso seccar tanta lagrima, alliviar tanta miseria, restaurar cidades e monumentos, restituir a independencia a nações livres, evitar a continuação da carnificina atroz, e se para isso é necessario luctar, o mundo inteiro luctará, animado pelas ideias da democracia e da liberdade, com a sua justiça soberana e a sua moral grande e moderna.

Poeira da Arcada

Quando um portuguez se propõe dizer a verdade a uma ou a muitas pessoas, tem uns modos que lhe difficultam bastante o emprego de formulas polidas, educadas. De azorrague em punho, as palavras saem-lhe da bocca para fóra, como enxames espicaçados pela mosca. Malandros, canalhas, vendidos... Os que assim fazem imaginam que a Verdade, pelo facto de andar impeccavelmente nua, não sente o nojo das linguas despejadas, raivosas.

* * *

Ignoramos se em Portugal ha pessoas e jornaes que almoedam as suas opiniões, de maneira a defenderem interesses que são destinados a engordar os Cacos do nosso tempo. A accusação apparece impressa diariamente em papeis e gazetas que devem á moralidade alguns triumphos de consciencia. Todavia, os accusados calam-se. E' que, calando-se, ouvem pronunciar o teu nome como se não fôra o seu. E interessa-lhes este desapego que lhes permitte serem e não serem elles proprios. Fumam tranquillamente, como se com fumo quizessem desenhar a sua figura.

* * *

Os homens do velho tempo eram mais desinteressados, leaes, magnanimos e tolerantes. Até os adversarios se mediam com respeito. No odio ou na amisade tinham gestos altos, cheios de nobreza. Nunca chegavam a rebaixar-se pelo prazer de se verem com torpe verdade. As suas pequenas pugnas revestiam-se de um tal apparato e pompa que pareciam epopeias.

DE LONDRES

"Combater até vencer", diz o partido do trabalho

Londres, 9 de setembro

Realisou-se hontem, em Bristol, o Congresso das Associações Industriaes, tendo-se ali claramente evidenciado o estado d'espirito dos adeptos do partido do trabalho. Por acclamação foi approvada a politica que levou o paiz a entrar na guerra ao lado da Belgica, da França e da Russia; mas não ficaram por aqui os congressistas. Em nome do partido do trabalho enviaram uma representação ao governo para que este empregue todos os meios tendentes a dar a victoria ás armas inglezas. Em apoio d'esta ideia foram proferidos ardentes discursos vibrantes de patriotismo.

Os resultados do Congresso, disseram-m'o a eu estou d'accordo, não surprehenderam ninguem; duvidar de que tal não fosse corresponderia a uma injustificavel insulto aos seiscentos homens que ali representavam as mais altas aptidões e os mais valiosos elementos das classes trabalhadoras.

As resoluções tomadas hontem só poderão surprehender os allemães, para os quaes os relatorios do Congresso de Bristol devem ser uma dolorosa desillusão quando lhes cheguem ás mãos.

Aqui tem-se a convicção de que ha já muito tempo se não produz um acontecimento que tanto fortaleça o espirito da nação ingleza, excite a coragem dos que nas linhas se estão batendo, e faça arrefecer as esperanças em Berlim, como a brilhante affirmação de confiança e patriotismo que hontem se deu no Congresso das Associações Industriaes, que não deixou no espirito de ninguem a mais ligeira duvida ácerca da disposição em que está o partido do trabalho de pôr a victoria do seu paiz, n'esta guerra, acima de quaesquer considerações partidarias.

«Quem falar agora em paz, disse o sr. Hodje no seu discurso, é traidor ao seu paiz». O sr. Sexton disse: «Temos que vencer o mais brutal e sanguinolento systema de militarismo que tem combatido a civilisação».

O sr. Havelock teve estas palavras: «Uma unica politica se impõe ao nosso paiz e ás classes trabalhadoras: proseguir na guerra». O sr. G. Roberts affirmou que «a nossa civilisação e a nossa democratica liberdade marcam o mais alto grau que a democracia tem attingido». A commissão socialista da defeza nacional apresentando uma moção ao Congresso terminou-a com a affirmação de que «os trabalhadores inglezes estão preparados para tantos sacrificios quantos sejam necessarios ao paiz».

O sr. Seddon, presidente do Congresso, convidou publicamente na sessão o sr. Lloyd George a ir ali prestar esclarecimentos ácerca da debatida questão dos lucros obtidos nas fabricas que laboram na producção de munições.

Pois os jornaes de hoje noticiam a partida do ministro das munições para Bristol, accrescentando que no seu discurso ao Congresso se referirá á necessidade de augmentar a producção de munições e equipamentos, e na parte relativa aos lucros affirmará que o excesso dos lucros regulamentares não irá para os proprietarios das fabricas, mas ficará para beneficio do Estado.

Como veem, o partido do Trabalho não faz opposição á continuação da guerra, antes, bem pelo contrario, deseja que ella se prolongue até á final derrota dos allemães. E quanto a levantarem difficuldades ao governo, não pensam em tal os trabalhistas; a affirmação da commissão socialista no Congresso é bem clara e terminante.

C. P.

A EGREJA E A REPUBLICA

"Clero exemplar" e "paiz pagão"

As contradições da «Liberdade», attribuindo ao regimen as culpas que cabem principalmente aos padres que descuram o ensino do catecismo

«A Liberdade», que tem como director o sr. Alberto Pinheiro Torres, antigo deputado catholico, que se tornou notorio por uns discursos decorados e estudados ao espelho sobre a harmonia da fé e da sciencia, e que mais recentemente foi um activo conspirador contra o regimen, publicava hontem o seguinte:

Diz «A Capital» que o nosso clero está longe de se impor á consideração do mundo, como o clero belga.

Não seremos nós quem negue que em geral a cultura do nosso clero não se póde equiparar ao da Belgica; mas o que affirmamos, e o ex-catholico escrevente da «Capital» sabe-o muito bem, é que o clero portuguez é virtuoso, exemplar e intelligente, com uma fé commovente e admiravel, com um espirito de obediencia que em poucos cleros encontra egual. O seu caracter purissimo mostrou-o bem, quando atirou á cara dos seus tyrannos os trinta dinheiros com que elles o queriam seduzir—e isto mesmo que dóe ao escrevente da «Capital» que em outras occasiões já tem repetido, por espirito de baixa intriga, a estafada arca alpoinista do «nosso» clero...

O grande orador portuense, que nos chama com caridade muito christã e delicadeza muito fidalga «ex-catholico escrevente», esquece-se de que ha apenas doze dias classificava de «pagão» este paiz e transcrevia nas columnas da «Liberdade» as seguintes informações d'um periodico de Lisboa, chamando para ellas as attenções dos «catholicos que dormem ou que sonham»:

«Calcula-se que a população infantil em Lisboa seja de 100.000 pouco mais ou menos. Haverá trinta catecheses em Lisboa frequentadas por 50 creanças cada catechese. Temos pois ahi 1:500 creanças; 8 escolas catholicas com 60 creanças cada uma. Juntando 500 educados em casa por paes catholicos e outras 500 filhas de esses catholicos, mais de nome do que de outra coisa, temos ao todo 3:000 creanças a quem se ensina a catechese e por conseguinte a religião catholica.

Quantas ficam pois sem lhe ensinarem nada de Deus? 97:000! Horrivel coisa! Pensae n'isto, e logo sentireis coragem para d'ellas vos occupardes! 97:000 almas que se perdem, ou que ignoram que ha um Deus que as ama a ponto de nascer, soffrer e morrer por ellas!»

«A Liberdade», em seguida á transcripção, fazia estes commentarios:

O que o «Raio de Luz» diz da capital póde applicar-se, com raras excepções, a todas as cidades e villas do Portugal, onde talvez nem cinco por cento das creanças frequentam a catechese.

Vae baixando a educação religiosa entre nós; e se o regimen tem a principal responsabilidade, ella não é pequena para os catholicos que não querem ver o seu dever, abandonam a sua missão e nada fazem para a reivindicação das nossas liberdades.

Ora, se o clero portuguez é virtuoso, exemplar e intelligente, com uma fé commovente e admiravel, com um espirito de obediencia que em poucos cleros encontra eguais, se possue um «caracter purissimo», —como se explica que não se tenha esforçado energicamente por impedir a paganisação de que fala a «Liberdade»? Se não é pequena a responsabilidade dos catholicos n'esse abandono do catecismo, quem ousará negar que o maior de todos os responsaveis é o clero, não obstante a «Liberdade» considerar o regimen republicano como o principal culpado? E póde, porventura, dizer-se «exemplar» um clero cujo espirito apostolico se traduz n'aquelles numeros publicados pelo jornal do sr. Alberto Pinheiro Torres?

Affirma a «Liberdade» que «vae baixando a educação religiosa entre nós». Não o negamos, mas cumpre reconhecer que semelhante facto é anterior a 5 d'outubro de 1910. O clero, cujas virtudes o orgão portuense tão calorosamente canta, nunca, que conste, protestou contra aquelle jornalismo catholico que, segundo escreveu Abundio da Silva, com absoluta exactidão, «despejava sobre D. Manuel e sua mãe os doestos mais torpes», jornalismo notavel, no dizer do mesmo insuspeito e eminente escriptor fallecido, pelas «perfidas insinuações da «Liberdade», de Jacinto Candido», pela «prosa reles do «Pelardo» e pelas «paginas atrabiliarias da «Revista Catholica». Abundio da Silva o disse e nada mais facil do que documental-o:

Foi na imprensa catholica portugueza que se feriu a senhora D. Amelia de Orleans na sua honra de mulher; foi n'essa imprensa que se tratou El-Rei de manequim, se lhe disse que a sua situação era tão miseravel que não encontrava princeza que o quizesse, e se lamentou que se perdesse ou não tivesse outros effeitos o tiro que, em 1 de fevereiro de 1908, foi tambem disparado contra o então infante duque de Beja. Com effeito... eu não me recordo de ter encontrado no mais descarado e violento jornal republicano qualquer lamento de que o attentado de fevereiro não tivesse causado maior numero de victimas; mas na imprensa catholica, dementada pela constituição do ministerio teixeirista, e n'uma allusão ao regicidio, eu li que ao sr. D. Manuel ti mais valera a morte que a vida!

Estaria o clero, que não protestava contra a infame linguagem dos orgãos catholicos, abençoados pelos bispos, tão entregue ao ensino da doutrina christã e á prégação do Evangelho que lhe passasse despercebida a attitude de semelhantes jornaes? Não! O «virtuoso, exemplar e intelligente clero» lia, gostava, applaudia, propagava esses jornaes e não lhe sobrava tempo para cuidar do catecismo, salvo excepções... A «Liberdade» o diz: «Nem cinco por cento das creanças frequentam a catechese.»

Na vigencia da Republica, feita a separação que aqui nos abstemos de apreciar, restituida á Egreja a plena autonomia para a escolha dos seus ministros e de modo algum prohibido o exercicio da prédica e a doutrinação da infancia, o que se verifica no cabo de cinco annos? Que o paiz, segundo a «Liberdade», é «pagão»! Todavia, no conceito do mesmo diario, o seu clero egua la os melhores do mundo e a grande maioria da nação portugueza professa a religião catholica apostolica romana...

Vão lá entendel-os!...

O sr. Alberto Pinheiro Torres, ou quem escreve sob a sua direcção, continuará, porém, a dizer que o clero portuguez se póde comparar com o belga no que respeita a piedade e a fervor de proselytismo. E' um peccado que brada aos céus; mas que lhes importa isso, a essas santas personagens, se nós somos os reprobos e elles os eleitos?

Avelino de Almeida

O preço do peixe

Providencias urgentes que o governo deve tomar

E' um facto averiguado que, depois das medidas tomadas pelo governo para o barateamento do peixe, este encareceu extraordinariamente, devido á sua falta no mercado. As providencias governativas não foram completas, e d'ahi o aggravamento da crise que se vinha sentindo.

De facto, não basta determinar-se que o peixe se venda por este ou aquelle preço. E' preciso, simultaneamente, garantir o abastecimento dos mercados de Lisboa e do resto do paiz. Ora, isso não se consegue emquanto o peixe fôr livremente exportado para Hespanha e adquirido pelas fabricas de conservas. Tanto os exportadores como os proprietarios d'essas fabricas o pagam por preços superiores aos da tabella, e isto basta para se comprehender a razão por que o peixe falta no mercado. Mas ao governo compete agora completar as providencias que tomou, determinando as quantidades de peixe que devem ser applicadas ao abastecimento de Lisboa, ou; se essa medida não fôr julgada sufficiente, prohibindo a exportação que em tão larga escala continua a fazer-se para Hespanha.

São urgentes quaesquer providencias n'esse sentido. D'outro modo, o consumidor terá razão para dizer que não passaram d'um «bluff» as medidas tomadas pelo governo e as suas apregoadas intenções de solucionar quanto possivel a crise das subsistencias. E os commerciantes exportadores e os donos das fabricas continuarão enriquecendo fartamente, emquanto o consumidor continuará tambem, por sua vez, a luctar com as mais angustiosas difficuldades.

O caso de Miguel de Sotto Maior

Insiste-se na miseranda especulação

A «Nação» de hoje ainda teve a audacia de classificar de «enigmatico» o suicidio do sr. Miguel de Sotto Mayor em Braga! Isto, depois das cartas hontem de manhã publicadas no orgão catholico os «Echos do Minho» e que «A Capital» transcreveu hontem na sua secção «Ultima hora», ou é maldade ou demencia. A «Nação» completou 69 annos hoje. Estará na segunda meninice?

Pelo telegrapho

A lucta violenta entre russos e austro-allemães

PETROGRADO, 15. — Official. — O impulso allemão continua na região dos lagos Pikaterz, na linha de Jacobstadt-Dwinsk. Os seus ataques foram, porém, repellidos. Ao sul do rio Pina a cavallaria inimiga recuou. Atravessámos o Gorya proximo de Zwiodsdje e prendemos um batalhão austriaco. Progredimos nas regiões de Dorajno, onde prendemos mais de 1:300 soldados. No dia 13 do corrente desalojámos o inimigo, a oeste de Wiszewiets, das villas de Rydomel e Rostok. O inimigo retirou precipitadamente, tendo grandes perdas e deixando prisioneiros 20 officiaes e 2:000 soldados. N'este ponto repellimos todas as tentativas inimigas e prendemos ainda mais 140 officiaes e 7:300 soldados. Na Galicia vamos em perseguição do inimigo, que bate em retirada em direcção ao Sereth. No combate do dia 12, na região de Josephowka, prendemos 35 officiaes e 2:700 soldados. Desde 30 de agosto até 12 de setembro fizemos mais de 40:000 prisioneiros. — (*Havas*).

Os zeppelins sobre Inglaterra

LONDRES, 14. — O zeppelin que voou sobre as costas de Inglaterra, na noite de 13 para 14, não causou prejuizos nem fez victimas. — (*Havas*).

RECORDAÇÕES OPPORTUNAS

Preparação para a guerra

Um alvitre do sr. Brito Camacho e uma attitude do sr. Teixeira Gomes

O sr. Brito Camacho publica hoje um artigo em que conta uma historia e faz uns commentarios. A historia é esta: poucos dias depois da sessão de 7 de agosto disse ao sr. general Pereira d'Eça, ministro da guerra, que muito conveniente seria mandarmos uma missão de estudo para os campos de batalha, mas, apesar de s. ex.ª achar o alvitre esplendido, chegando a escolher o chefe d'essa hypothetica missão, ella não seguiu. Como consta que o sr. ministro da guerra actual vae realizar essa ideia, o sr. Brito Camacho commenta que a missão já teria seguido ha mais d'um anno «sem resvalarmos a um quixotismo ridiculo e perigoso, se a União Republicana estivesse no poder ao estalar a guerra».

Ora, convem recordar a tal proposito que, effectivamente, partiu para o estrangeiro no anno passado uma missão militar portugueza. Não foi para acompanhar as operações da guerra, porque isso se tornava desnecessario, n'aquella altura, depois do memorandum de 10 de outubro que a Inglaterra nos enviou e em que solicitava a nossa cooperação militar—documento que o sr. Brito Camacho conhece, porque o leu, muito embora ás vezes se mostre esquecido d'essa leitura.

A missão era constituida por tres officiaes do estado-maior, lentes da Escola de Guerra, os srs. Roberto Freiria, Ivens Ferraz e Azambuja Martins. Esteve em Londres, onde se avistou com lord Kitchener, combinando as bases d'uma convenção militar para a nossa participação na guerra. Esteve em Bordeus, onde conferenciou com o sr. Millerand, tratando do mesmo assumpto. As bases d'essa convenção militar foram redigidas segundo as indicações enviadas do proprio campo de batalha pelo general French. E de tal modo os tres officiaes vinham convencidos da iniludivel necessidade de entrarmos na guerra, para o cumprimento d'um dever de honra, que um d'elles, o sr. capitão Freiria, apesar de affecto á politica do sr. Brito Camacho, entrevistado por um redactor de *A Capital* declarou que da nossa não participação poderia resultar o perigo do desapparecimento da nacionalidade portugueza.

Pois bem. Sabem os leitores quem foi a unica pessoa que, em Londres, duvidou da valorisação do nosso exercito e procurou crear o desalento no espirito dos tres officiaes que constituiam a missão militar? O sr. Teixeira Gomes, correligionario do sr. Brito Camacho, que do chefe parecia receber indicações para o exercicio da sua funcção diplomatica. Não dizemos isto por informações colhidas ao acaso. Não. Sabemos que na primeira e na segunda paginas do relatorio apresentado no ministerio da guerra pelos tres officiaes se aponta a acção que o sr. Teixeira Gomes pretendeu exercer junto d'elles, desde a primeira hora da sua chegada a Londres.

... Pois que se trata de missões militares, parece-nos opportuno fixar esses esclarecimentos, que veem a proposito d'aquillo que o sr. Brito Camacho escreveu hoje.

«*Historia Illustrada da Grande Guerra*»

Dividido em volumes, cada um dos quaes com cerca de 200 paginas, de modo a formar um livro portatil, economico, elegante e de facil encadernação, o folhetim que vimos publicando *Historia Illustrada da Grande Guerra* tem alcançado grande exito.

O primeiro volume abrange desde março a 15 de abril, tendo 184 paginas, o segundo de 16 de abril a 3 de junho, com 188, o terceiro de 4 de junho a 20 de julho, egualmente com 188 paginas, e o quarto de 21 de julho a 3 de setembro, com 180 paginas, sendo todos os volumes profusamente illustrados. Na administração d'*A Capital* são immediatamente satisfeitos todos os pedidos, quer da collecção completa, quer de qualquer numero de exemplares do jornal, que venham acompanhados das respectivas importancias.

PELA TERRA ALGARVIA

Após vinte annos de desterrado

Como um homem passa a vida a vêr navios do alto de Sagres e a sonhar com uma transferencia que não chega nunca

PRAIA DA ROCHA, 13. — Da capelinha de Nossa Senhora da Graça, onde ha uma imagem interessante, caracteradamente italiana, e onde se vêem ainda varias lapides de sepulturas recordando nomes illustres de navegadores, segue-se em linha recta para a estação telegraphica e semaphorica. E' um estirão. O caminho é difficil, por falta de trilho. Atravessa-se uma plataforma vastissima, limitada pelo mar, que se estende, a perder de vista, para o sul e para o poente, e pela fila de casas que ha uns poucos de seculos serviram de alojamento ao Infante e áquelles que n'estas longinquas paragens, frente ao oceano, viveram. Toda a grande esplanada, de rocha viva, está coberta de areia fina, de areia parda que as aguas e o vento para ali arremessam, erguendo-a das praias e das angras, que lá em baixo, a nossos pés, reluzem acariciadas pela claridade fulva d'este dia torrido em que o destino nos trouxe a Sagres...

Os pés ora se enterram no chão fofo e movediço ora tropeçam pela rocha esponjosa, esburacada, denegrida. Aqui e além crescem lentamente os zimbros, perfumando o ar morno, que mal oscila, com o seu forte cheiro a therebentina. Pequeninas flores, parecidas com os myosotis enternecidos, desabrocham timidamente ao abrigo d'um penedo mais alto e protector. Um companheiro de excursão, que tem a mania de explicar tudo e de sujeitar quantas coisas estranhas topa n'este pedaço agreste do serrania ás suas razões scientificas, trata de classificar, com grande copia de conhecimentos, a flora da região. E devo confessar que nunca, desde os meus tempos de liceu, ouvi tantos nomes exquisitos, expressos em latim primitivo e barbaro.

A caminhada foi dolorosa. Eis-nos, emfim, junto da torre do semaphoro, alto de mais de dez metros. Subimos. Alcançamos o terraço. Com um grande oculo montado no respectivo cavallete, vasculha-se o horisonte limpido, sem ponta de neblina: Passam para o norte dois ou tres vapores de carga. Além, embrulhada n'uma vaga mais alta, mostra-se por minutos uma enorme baleia. Outras manchas pardacentas, para o lado de Gibraltar, sujam o espaço. E' o fumo d'outros barcos que se approximam.

—E passam, á vista, muitos em cada dia?—inquiro do chefe da estação.

—Sim senhor, apezar da guerra. Mas d'antes o seu numero era bem maior.

Olho em cheio a creatura que tenho deante de mim. E' um homem baixo, nutrido, original. A sua mascara opada burnida, vermelha como uma romã, faz lembrar a de Balzac. Usa o mesmo bigode e a mesma vaga para que o mestre immortal não escreveu ainda as suas *Illusões Perdidas*. E, todavia, como deve ser immenso o cemiterio onde jazem sepultadas as suas chimeras! Conversamos. Ouvimol-o todos interessados. Ainda sabe falar este homem. A sua voz clara põe a nu a sua tragedia e o seu calvario.

—Estou aqui ha vinte annos!—exclama o pobre signaleiro. E não tenho esperanças de sahir d'aqui, de ser collocado n'outro sitio, onde esteja mais perto dos homens e do mundo!

Ha nas palavras d'este homem uma tal magua que ninguem, ao ouvil-as, logra conservar-se indifferente. E' um grande poema de renuncia que se ergue vivo, palpitante, sanguineo, quasi apopletico, bem junto de mim. E emquanto me quedo a contemplar este asceta que o Estado, ha vinte annos, desterrou para este deserto, elle continua assim:

—Tenho pedido a toda a gente que me tire d'aqui, que me dê outra estação, que me transfira para Oitavos ou para Cascaes. Em vão. E olhe que até enviei já tres memoriaes ao sr. Antonio Maria da Silva!

E a lamuria continua:

Ha vinte annos aqui, meu caro senhor, separado da vida, sequestrado de tudo que não seja o mar, que não sejam os navios que passam á vista de terra. Ah! se não fossem os navios! Tinha já morrido de aborrecimento, com certeza! O inverno, sobretudo, é que representa, para mim, a grande tortura. O mar, a tempestade, o vendaval a ter de ir todos os dias para a povoação, fustigado pelo vento e pela chuva, perseguido pela tormenta. O que valle é a gente habituar-se. Se não...

Nos conhecemos o sr. ministro do fomento. Indicamos-lh'o. O sr. dr. Manuel Monteiro, com a sua fidalga affabilidade, põe o bom homem á vontade. Ouve-o, toma nota dos seus desejos e diz-lhe que serão attendidos. O captiveiro longo de vinte annos vae terminar. Sagres principiará a ser para outro o que tem sido para este. E' a roda da vida. Como contrarial-a? Fazem-se telegrammas. Cada um de nós tem o capricho de saudar, d'este extremo da terra portugueza, aquelles que lhe são caros e estão longe. Chegam outros empregados do Semaphoro. Ha um cabo de mar, cujos braços são verdadeiros mostruarios de tatuagens. N'um d'elles, entre cruzes, corações e barcos estilisados, gravou o artista tatuador o retrato de D. Maria Velhôa. Fala pelos cotovellos este lobo do mar. Vou lá porisso com versos de homenagem ao dr. Affonso Costa.

—Não lhe doerem essas pinturas?—pergunto-lhe?

—Alguma coisa. Mas não tenho ainda tudo. Estou á espera que me gravem no braço direito a bandeira nacional. Já mandei vir as tintas...

E' tarde e a caravana ruge com fome. Em Sagres ha um hotel. Vamos para lá. O Balsac de Sagres volta á carga. Que o ministro não se esqueça do promettido, Oitavos ou Cascaes. Tudo menos continuar ali esquecido, por outros vinte annos, a vêr navios. A' supplica do pobre telegraphista-signaleiro junto tambem a minha. Que o sr. ministro do fomento não se esqueça. Para quem nunca soube senão cumprir o seu dever, vinte annos de desterro é castigo excessivo. Reformem o homem do funccionario, com o dobro do ordenado. E' que, por muito menos do que elle tem feito, guiando com as suas bandeiras e as suas luzes, do alto de Sagres, a navegação universal, teem outros apanhado bem melhores e mais chorudos premios. Entretanto, o bom signaleiro constitue a maior e mais bizarra curiosidade que ha para vêr em Sagres, a esquecida...

Adelino Mendes

Um bivaque na Louza

por Mario de Almeida

Da testa da columna veiu a noticia. Era ali o nosso bivaque. Já tinhamos nas pernas vinte kilometros. Ao soldado não lhe custa andar; custa-lhe a mochila. E depois, era já muito tarde. Tão depressa veiu a ordem de armar tendas logo, pelo campo, os panuos se desenrolaram, começaram as installações tão perfeitas, tão minuciosas como se devessemos ficar ali uma eternidade. Os homens espalham-se no valle ensombreado por uma collina quasi a pique, á nossa esquerda. E é com delicias que começo a minha volta habitual em torno do bivaque. Encontro os aspectos do costume. Na sua barraca, paradisiaco, deparo com o tenente O... positivamente esquecido das suas lides parlamentares, fazendo a barba com um complicado apparelho que veiu em direitura dos grandes fornecedores da praça da Opera. Surge agora a sombra famelica do tenente G... estonteado, indeciso, ruminando misteriosos pensamentos, gesticulante, hoffmanesco, esgorouviado. Pensamentos de sangue? De paz? Não sei. Senta-se, de subito, n'uma pedra aguda, remeche na mala, abre sinistramente uma lata de atum. Só lhe vejo as costas. Vou trepando pela encosta rude. Lá em cima, o sol, já começa a morrer e eu não quero deixar escapar aquella agonia esplendida.

Ah! A doce poesia das coisas que adormecem!... Como ella transforma, de repente, a nossa exhuberancia, a nossa sociabilidade... Deliciosamente só, viajei, então, em volta dos meus sonhos. O sonho acha-se bem na luz que vae extinguir-se e o sol todo poderoso, que nas horas de marcha enche de lés a lés o horisonte largo, impõe, devora, fulmina, n'aquelle momento exhausto parece agarrar-se desesperadamente a todas as folhas, a todas as pedras, aos vidros das casas, ás copas dos pinheiros, dá-me a impressão de que, lá em cima, no espaço incommensuravel, todo se debate, se contrahe, procura manter-se a todo o custo para não cair, para não desapparecer na amplidão sem fim. Atira a purpura ás mancheias, tinge de vermelho a ramaria interminavel, parece rir monstruosamente n'uma gargalhada que enche o Universo, divertido com aquella formidavel magia das côres. E quando mais enrubece, mais declina, fugindo na apotheose do seu incendio silencioso,—todas as coisas que vibram e que soffrem, vergam a sua alma misteriosa, emmudecem na sua rude vida, atrazam a sua marcha, inconsciente, em demanda da Causa Final. Os servos de Zoroastro, erguendo os braços na magestade dos crepusculos, bem comprehendem como são pequenos; dobram a sua alma como aqui, n'esta garganta, ao meu lado, aquelle platano solitario dobra todas as suas folhas frementes. E esta communhão dos corações que pensam e dos ramos que estremecem, todos os hymnos das cellulas primitivas, todos os cantares das aguas sussurrantes, Amor, Vida, Alegria, Fé, tudo, tudo se funde em vermelho, tudo se aniquila furiosamente em rubro.

Lá em baixo, no valle todo escarlate ainda, o tenente G... rapa a sua lata de atum. Na sua prosaica occupação é uma bola de luz amarella. Da navalha do nosso deputado chispam raios encarnados. Os homens correm de um lado a outro,—vermelhos. E' vermelha a palha que transportam, vermelhos os largos baldes d'agua que levam á cabeça em attitudes de canéphoras, vermelha a longa fila de tendas. Toda aquella multidão se julga isolada, individual, caracteristica... Ah! Pobre gente! Venham vêr cá de cima! O sol tomou conta de todos, amalgamou-os em manchas de luz, é elle, sempre elle n'aquella hora solemne, está brincando comvosco e ri-se de vós como se ri de mim, na sua agonia soberba, com a certeza esplendida de recomeçar no dia seguinte.

Por fim, «Elles desappareceu e a

SPORT

Pedindo desafios de box...

Sobre a nossa banca do trabalho temos uma carta do famoso pugilista americano Blink Mac Closkey, ha dois mezes em Lisboa, annunciando-nos que parte brevemente para Londres onde tem ajustados alguns combates de «box». O celebre pugilista, quer antes de partir para Inglaterra combater contra qualquer profissional, uma ou mais vezes, não sendo exigente sobre a «bolsa», antes desejando affirmar a sua extraordinaria superioridade.

Quem levanta a luva?

Nós respondemos antecipadamente: ninguem. Temos poucos profissionaes de athletismo e esses não se aventurariam a uma derrota certa. Profissionaes e amadores da nossa terra «criam fama e deitam-se a dormir». E quando as coisas «apertam» é analysar a circumstancia curiosa de serem os velhos que apparecem e não os novos.

Nota do dia

Em volta d'um concurso de inspector...

A Camara Municipal quer nomear um inspector de gymnastica para as escolas primarias e por proposta d'um vereador, que é medico, faz essa nomeação apoz um concurso.

Evidentemente que um concurso de competencia é a melhor formula de selecção entre candidatos. E' que n'um concurso todos que concorrem vão affirmar os seus conhecimentos e o seu merito. Tratando-se de gymnastica, o futuro inspector tem de ser um homem saudavel, forte e gymnasta. O concurso, portanto, tem uma feição theorica e uma parte pratica.

Ora porque isto é assim e porque o cargo a disputar é um logar para inspector nós exigimos que as provas dos candidatos sejam severas e mais do que a Camara deseja. São insufficientes uma prova escripta e uma prova pratica.

Repetimos isto para que o fixem de memoria aquelles que misturam a graça e a critica barata em assumptos de tal importancia. Dissémos que iriamos apontar o que no concurso se deve exigir aos candidatos. Vamos cumprir a promessa e—circumstancia interessante—basta-nos registar o que se devia exigir a um professor de ginastica para fazer ver aos que criticam que um concurso para estes logares é coisa mais seria do que elles julgam. E, no fim, que nos perdoem se aquelles que nos lêem chegarem á conclusão de que n'isto da gymnastica, como succede na medicina, ha muito curandeiro e muitos que a ensinam illegalmente e que são incapazes de soffrer o menor interrogatorio para affirmar á sua competencia.

E, as palavras já foram bastantes. Vamos a factos e argumentos. Pouco a pouco desfiaremos a nossa argumentação.

Depois, se em nós e em alguns amigos houve a velleidade de concorrer, quando mais não fosse para conhecer a ordem de classificação, é muito natural que façamos a exigencia d'um concurso «severo, duro, apertado», com tantas provas escriptas quantas quizerem; com tantas provas oraes quantas entenderem; com provas physicas da nossa robustez e da nossa agilidade e correcção gymnastica; com provas de que temos qualidades de professores, sabendo ensinar, corrigir e mandar.

Esperem, que vamos cumprir o que promettemos...

Algumas anecdotas

Isso é que é uma viagem...

A' porta do «pae Beirão», o sympathico «sportsman» que foi o grande apostolo da velocipedia em Portugal, discutia-se hontem o «raid» automobilista de 2.000 kilometros...

... E elles teem todas as commodidades?

—Todas, absolutamente todas. A marcha não é de velocidade é uma prova de resistencia da motocicleta. Viajam uma «etape» e ficam em qualquer terra. O Mario mostra a machina e o Vital escreve impressões... E nada lhes falta...

—N'esse caso...

—Já sei o que vocês dizer...

—Sim, a viagem não é uma prova da resistencia da «Pope», é uma pandega de vento em popa...

Noticias

Entre nós

Gymnasio Club Portuguez

Realisou-se na noite de 13 a reunião do jury da travessia do Tejo a nado, para a qual se inscreveram pela Associação Naval, D. Margarida Fuhrman Pala, e Antonio Affonso Pala; pelo Club Naval, Manuel Ryder da Costa, Arnold Stocher e Thomaz Aquino; pelo Sporting Club de Portugal, Alberto de Sousa Brandão, e pelo Gymnasio Club João e José Fornosinho Simões e Antonio Vieira Caldas.

O jury é formado da seguinte forma: presidente, D. José de Noronha; arbitro, Alvaro de Lacerda; juiz de partida, dr. Carlos Granha; chronometrista, Carlos Bazilio d'Oliveira; juizes da corrida, Adolpho Lalemant e N. N.; juiz da chegada, Jayme Paula Rosa. A hora da partida é ás 11 e meia horas, e a chamada ás 12,30. A partida é da Trafaria.

União dos Escoteiros Lusos

Partiu no sabbado ás 6 horas da manhã, do Jardim de Santos, em propaganda do escotismo, um grupo que a pé segue para Azambuja e arredores. Deve estar acampado em exercicios durante 15 dias.

Este grupo espera filiar-se na União dos Escoteiros Lusos.

As juntas de parochia e a sua acção no futuro

Devem ser a escola do ensino administrativo e o grande factor da defeza nacional

Em artigos anteriores temos exposto o nosso modo de ver ácerca das juntas de parochia, dos municipios e dos parlamentos provinciaes. O que não fizemos ainda foi determinar as attribuições das juntas de parochia e o papel primacial que ellas teem a desempenhar no futuro. No nosso plano administrativo, desde a junta de parochia ao parlamento provincial, não ha eleições; ha simplesmente delegações das juntas de parochia e dos municipios. Convem aqui accentuar que a junta de parochia é eleita por suffragio universal, isto é com a votação de todos os cidadãos no pleno goso dos seus direitos civis e politicos. Da junta depende inicialmente toda a educação administrativa, no que respeita aos municipios e aos parlamentos provinciaes. A camara popular ou dos deputados, como o senado, elegem-se de forma egual á que hoje se pratica, embora com um suffragio mais amplo. O que pretendemos é preparar cidadãos com conhecimentos administrativos, que possam ser uteis ao paiz.

Da forma como se recrutam os deputados e os senadores, resulta que a maioria não comprehende os mais arduos problemas da administração publica, e portanto, os assumptos que tratam são quasi sempre deturpados na sua essencia por falta de conhecimentos praticos, o que se não daria se tivessem uma educação administrativa que os orientasse devidamente em todos os problemas, ainda os mais complicados e de difficil resolução.

Quem com mais conhecimentos administrativos, parochiaes, municipaes e provinciaes poderá na camara saber das necessidades regionaes senão aquelle que tenha feito a sua aprendizagem administrativa n'esses organismos, que são uma escola de ensino administrativo admiravel? Eleger deputados porque isso apraz a um determinado chefe politico para augmentar o numero dos seus partidarios será muito habil e até correcto, mas de modo algum tem em vista o engrandecimento da nação, que é afinal para que a politica devia servir.

Queremos que o povo, o verdadeiro, que trabalha e se estiola nos campos e nas officinas e em toda parte onde exerce a sua actividade, intervenha d'um modo directo na administração publica, reduzindo o Estado á expressão mais simples pela disseminação da auctoridade por todos os cidadãos. Cada parochia devia ter o seu batalhão de milicianos aggregado ao regimento ou regimentos da sua area, formando um exercito territorial apto a defender a nação no caso de uma invasão do estrangeiro.

Nas circumstancias em que nos encontramos, quasi sem defeza, seria conveniente aproveitar com pouco dispendio todos os cidadãos validos capazes de garantirem a nossa defeza nacional.

Assim, em todas as parochias encontrariamos nucleos militares apreciaveis, que d'um momento para o outro se poderiam reunir n'um ponto estrategico, oppondo uma seria resistencia aos que pretendessem anniquilar a nossa independencia.

Os tempos vão maus, rumores de ameaças surdas veem d'além fronteiras, aconselhando-nos a ser prudentes e providentes, a fim de não nos colherem de surpreza, porque diz o aforismo popular *homem prevenido vale por dois.* Não temos espirito militarista, mas tambem não sonhamos por agora com uma paz duradoura entre as nações, quando a mais tremenda conflagração assola quasi todos os povos da Europa.

Visto que o pacifismo fracassou estrondosamente perante o espirito militar, torna-se necessario prevenir eventualidades futuras que nos podem ser fataes.

Matheus Ruivo

Espectaculos

Cartaz de ámanhã

POLITEAMA—A's 20,30 e 22,30—Não desfazendo... (Revista).

EDEN—A's 20,45 e 22,45—O diabo a quatro. (Revista).

COLISEU DOS RECREIOS—A's 21—A menina do cinematographo.

Agenda da semana

SABBADO—Coliseu dos Recreios—Festa de Ettore Razzoli—*Os sinos de Corneville*—Novas cançonetas por Fernanda Razzoli.

Noticias

Entre nós

A festa do tenor Raffaelo Vizzani e da sr.ª Rozalia Padgrasi com a *Viuva alegre*, que hontem se realisou no Coliseu dos Recreios, decorreu com o maior brilhantismo.

A «Romanza da cega», da *Gioconda*, foi cantada pela sr.ª Pangrasi com verdadeira mestria. A «Canção napolitana» valeu-lhe tambem muitos applausos.

Foram offerecidas flores e algumas prendas de valor.

O tenor Vizzani, na «Furtiva lagrima» e no «Adio Mignon», mostrou os seus grandes recursos artisticos.

A *Viuva alegre* muito bem desempenhada, sendo os artistas muito applaudidos.

Hoje canta-se o *Paraizo de Mahomet*, operetta lindissima de grande espectaculo e «mise-en-scène» deslumbrante que alcançou na *première* um exito sem precedentes.

A'manhã *A menina do cinematographo*, exhibindo-se pela primeira vez o positivo da pellicula cinematographica.

Sabbado festa de Ettore Razzoli com os *Sinos de Corneville*, em que o grande artista tem no papel de «Gaspar» uma das suas corôas de gloria. Fernanda Razzoli cantará n'essa noite novas cançonetas do seu esplendido reportorio.

Circos & Music-halls

SALÃO DA TRINDADE—A's 20 e 22—Companhia infantil—Filha da Annica.

ANIMATOGRAPHOS E CONCERTOS—Olimpia e Paradis, *matinées* diarias e sessões á noite; Central, Chiado Terrasse, Salão Foz, Rocio; Sociedade Promotora de Instrucção, em Alcantara, sessões ás quintas feiras, sabbados e domingos.

CINEMATOGRAPHOS OU ESPECTACULOS VARIADOS—Chantecler, Imperio, Salão Graça, na Caixa Economica Operaria, Variedades, na calçada da Estrella—A's 21,30—O diabo no convento.

TOURADAS

Algés—O emprezario Segurado está organisando para domingo proximo um espectaculo de sensação ou seja a realisação de tres touradas na mesma tarde, como ultimamente se fez em Madrid e no Campo Pequeno. Haverá uma corrida a serio na 1.ª parte, com os praticantes e os mais laureados discipulos do bandarilheiro Luciano Moreira, que os coadjuvará na lide. Na 2.ª parte, será a praça dividida a meio, realisando-se duas corridas ao mesmo tempo, sendo uma d'ellas comica, em que figuram Antonio Preto e a sua troupe completa de bandarilheiros e picadores burlescos. Os bilhetes podem ser desde já requisitados no kiosque Sol do Rocio.

FIGUEIRA DA FOZ, 14.—O cavalleiro Adolpho Machado organisa no proximo domingo, no Colyseu Figueirense, uma apparatosa corrida á antiga portugueza, em que tomam parte habeis amadores, o cavalleiro José Casimiro e o valente grupo de forcados do Ribatejo, capitaneado por Jayme Godinho. A corrida será presidida por gentis damas, que offerecerão aos amadores lindas «moñas» e «bouquets». No sabbado e domingo ha comboios a preços reduzidos.

Movimento maritimo

Mormugão, etc., «Stanley Hall» (Liv.)	16
Batavia, etc., «J. Coen»	16
Brazil e R. Prata «Leon XIII» (Vigo)	16
Africa Oriental, «Bulgaria» (Liverp.)	16
Madeira e Canarias, «Ardeolas» (Liv.)	16

O 5 de outubro

Festejos no Porto

Uma commissão de moradores da rua da Arrabida e immediações, no Porto, commemora o 5.º anniversario da implantação da Republica com luzidos festejos, sendo o seguinte o programma:

Dia 4 de outubro—A's 15 horas, um grupo de *Zés Pereiras*, percorrendo as ruas principaes da freguezia, annunciará ao povo o inicio das festas; ás 18, dará entrada no festival a banda de Ramalde que, percorrendo as ruas e em coreto, bellamente ornamentado, executará as melhores composições musicaes do seu variado reportorio; a nova troupe musical 5 de Outubro apresentar-se-ha n'esta occasião pela primeira vez em publico; festival nocturno constando de illuminação á moda do Minho, illuminação do monte e barricas de alcatrão e um constante e variado fogo do ar, fornecido por dois afamados pirotechnicos, sendo lançados tambem vistosos aerostatos e organisando-se ranchos de raparigas que com os seus descantes populares e patrioticos saudarão a alvorada do glorioso dia 5 de outubro; haverá um premio d'arte para o habitante que melhor engalanar e illuminar a frontaria do seu predio.

Dia 5.—A's 7 horas, uma girandola de foguetes annunciará a alvorada, percorrendo o logar em festa a banda de musica, acompanhada á distancia dos *Zés Pereiras*; ás 10 horas, inauguração das escolas officiaes d'Arrabida, com uma sessão solemne, com a comparencia da camara, junta parochial e auctoridades civis e militares, abrilhantando a sessão a nova troupe musical «Arrabidense», e um côro de creanças entoando canticos escolares e patrioticos fechará este numero do programma; á tarde arraial, onde nos respectivos coretos tocarão a banda e a troupe musical; haverá mastro de cocagne, corrida de saccos e outros divertimentos, sendo á noite executado um engraçado fogo de bonecos, prolongando-se o arraial pela noite fóra.

NO BOMBARRAL

A fundação d'um asilo-escola

No Bombarral, realisa-se no proximo dia 5 d'outubro a cerimonia do lançamento da primeira pedra do asilo-escola que ali se vae construir, commemorando assim o 5.º anniversario da implantação da Republica.

E' o sr. Francisco Lopes d'Oliveira quem, pela commissão do Centro Leotte do Rego, está encarregado de a dirigir, tendo tido com elle varias conferencias o administrador d'aquelle concelho e o sr. João Coelho Monteiro, não só a proposito do asilo, como ainda de outros melhoramentos para aquella localidade.

A assistir á cerimonia foi convidada a imprensa.

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

Sindicato ferro-viario

A commissão administrativa, na sua ultima reunião, deliberou convocar uma reunião magna da classe ferro viaria em dia que será annunciada por um manifesto distribuido á classe. Tambem resolveu que se realisem sessões de propaganda em todas as delegações d'este sindicato, sendo a primeira no Entroncamento no sabbado, ás 18 horas, e em Villa Nova de Gaia no dia 26 do corrente. Deliberou ainda abrir um curso de Esperanto para os socios.

Albergues Nocturnos de Lisboa

Teve esta Associação, que tantos beneficios dispensa á pobreza, no anno findo a receita de 7.818$69,5 e a despeza de 6.421$85, ficando portanto um saldo de 1.396$84,5.

A Jornada do Bem

Do relatorio agora publicado, vê-se que esta benemerita instituição de caridade teve no anno economico findo a receita de 3.040$87,5 e a despeza de 1.771$14,5, havendo portanto um saldo de 1.269$73. Transferindo para a conta do Sanatorio a quantia de 500$00, fica um saldo disponivel de 769$73. O numero de socios existentes em 30 de julho findo era de 402.

PEQUENAS NOTICIAS

Em nome dos corpos gerentes da Associação de Bombeiros Voluntarios d'Algés escrevem-nos os srs. José Cordeiro Junior e Virgilio Bastos, dizendo que aquella corporação é absolutamente estranha á *kermesse* que vae ser promovida por bombeiros da Cruz Quebrada, Dafundo e Algés.

—Em opusculo publicou o sr. José Pereira Pinto um estudo intitulado «O funccionalismo e o saneamento republicano». Tem ideias discutiveis, mas algumas d'ellas aproveitaveis.

—O «Boletim Mensal da Liga dos officiaes da marinha mercante», que acaba de sahir relativo ao corrente mez, traz variada collaboração, entre ella a continuação do artigo sobre erupções submarinas nos Açores, do sr. F. Affonso Chaves, e as conclusões do tribunal d'inquerito sobre o torpedeamento do *Lusitania*.

crombie, conseguiu atravessar o deserto. As hostes de Mehemet Ali e Ibrahim Pachá seguiram o seu exemplo em data posterior.

Quando os egypcios foram finalmente compellidos a evacuar a Syria, Suleiman Pachá, receiando que a sua retirada fôsse cortada pelo caminho da costa, conseguiu trazer os restos da guarnição egypcia da Syria para o Egypto pelo caminho Akaba-Makhl.

Suppôz-se n'alguns circulos militares que a construcção do canal de Suez tornaria impossivel a qualquer exercito invadir o Egypto por leste, dependendo isso da construcção de uma linha de caminho de ferro ligeiro atravez do deserto pela qual fôsse trazida artilharia pezada que cooperaria com os navios na defeza do canal. Dizia-se tambem que a falta d'agua seria um embaraço serio para o invasor. Não se lembrava, quem assim pensava, de que na peninsula do Sinai a agua, se nem sempre é abundante, varia muito em quantidade. Ha annos em que só o caminho de El Arish é praticavel para um exercito, mas em 1915 tal não succedia. Em novembro e dezembro de 1914 a chuva cahiu em diversas partes do deserto do Sinai e os turcos podiam, pois, proceder ao seu ataque com a certeza de encontrarem os poços cheios na maior parte das linhas de marcha que podiam escolher.

O Canal era, escusado é dizel-o, um obstaculo serio para qualquer força invasora. Sob o ponto de vista militar, é um alto dique, bastante profundo e sufficientemente largo para o movimento das baterias fluctuantes dos modernos navios de guerra—um obstaculo que não podia ser torneado e apenas poderia ser destruido ou pelo emprego de enorme quantidade de altos explosivos, ou por meio de minas, ou por artilharia pezada capaz de afundar navios, obstruindo assim qualquer das suas secções.

O problema de ter uma base permanente na margem occidental do Canal não estava ainda resolvido. Os lagos Salgado, Ballah, Timsah e Meuzaleh restringiam enormemente a linha que a defeza precisava guarnecer e um caminho de ferro, ligando em Ismailia com o excellente

James Mc Kechnie, director das officinas Vickers, onde foram construidos 100 submarinos

systema egypcio correndo de Port Said a Suez na margem occidental do Canal, permittia aos defensores que reforçassem qualquer ponto ameaçado com grande rapidez.

Por outro lado, os defensores tinham certas desvantagens. Os lagos tornavam muito difficil os reconhecimentos de cavallaria no deserto. Excepto nos pontos onde pontes-cabeças fortificadas haviam sido construidas, como em Kantara e Ismailia Ferry, o canal era um obstaculo para contra-ataques por parte da defeza, e a extremidade septentrional da posição em Kantara, tendo atraz de si immediatamente os pantanos e charcos da extremidade meridional do lago Meuzaleh, ficava assim exposta em toda a extensão a um bombardeamento se as forças atacantes trouxessem artilharia pezada.

Mas se no conjuncto o Canal favorecia a defeza contra qualquer tentativa de invasão do delta, não havia n'elle posição d'onde se pudesse impedir que um inimigo emprehen-

As tropas britannicas que estavam na retaguarda não podiam saber o que ali se estava passando, mas como se havia dito que as munições deviam estar quasi exhaustas, sete homens dos mais robustos foram mandados a essa trincheira levando a maior quantidade de munições com que podiam carregar.

Encontraram os tres feridos sobreviventes mantendo-se de pé entre os cadaveres dos seus camaradas mortos e entre os feridos gravemente, continuando a fazer fogo. O reforço de sete homens pouco era contra um novo ataque que os allemães estavam dando, mas esses dez homens houveram-se de tal modo que os repelliram e salvaram a posição.

Como já dissemos, essa lucta em redor do canal Ypres-Comines não tinha resultados palpaveis, mas durante esse mesmo periodo os francezes na fronte da Champagne que se estendia entre Souain e Beausejour haviam conseguido progredir e alcançar algumas victorias.

N'uma acção ao norte de Beausejour e de Mesnil e a nordeste e noroeste de Perthes, no dia 16 de fevereiro, os francezes tomaram mais de tres kilometros de trincheiras allemãs que occupavam algumas cumiadas, fazendo uns quatrocentos prisioneiros. Eram trincheiras da primeira linha.

No dia seguinte, animados por esse resultado, apoderaram-se d'outras trincheiras allemãs de segunda linha, fazendo mais umas centenas de prisioneiros.

Esses avanços continuaram nos ultimos dias de fevereiro, apezar dos constantes contra-ataques dos allemães. No dia 28, por exemplo, a noroeste e norte de Beausejour uns dois mil metros de trincheiras foram tomadas.

Durante toda essa lucta os francezes foram bem succedidos e tomaram cêrca de 1.000 prisioneiros, não tendo podido o inimigo manter um unico ponto durante um só dia.

Grandes progressos continuaram n'essa região até aos primeiros dias de março, fazendo quasi todos os dias recuar um pouco mais a linha allemã. Foi essa, póde affirmar-se, a unica parte da fronte occidental onde durante o inverno os alliados fizeram progressos apreciaveis.

Esses progressos accentuaram-se, embora tivessem grande perda de vidas, mas muito menores do que as dos allemães. Durante poucos dias, a lucta diminuiu um tanto ou quanto de intensidade, até á grande batalha de Neuve Chapelle, que se deu no dia 10 de março.

Antes de fecharmos este capitulo, queremos voltar a accentuar a celebração do Natal nas trincheiras. Embora do lado dos allemães o alto commando a isso se oppuzesse, como dissemos, os soldados, principalmente os saxões, não se importaram com essa má vontade e confraternisaram, repetindo o que nas guerras precedentes se tem por vezes dado. Com effeito, muitos exemplos de confraternisação entre os soldados se podem citar.

Assim, durante a guerra peninsular, soldados francezes e inglezes confraternisaram, tendo o duque de Wellington e o general commandante em chefe das forças francezas de tomarem medidas para a tal obstar.

Não é um resultado produzido apenas pela celebração d'uma data, mas sim o que deriva d'uma approximação gradual. Por mais d'uma vez os soldados inimigos, tendo de ir buscar agua a um rio que os separa, se entendem para não fazerem fogo emquanto dura a aguada. Isto deu-se em 1914 pelo menos n'um sitio onde francezes e allemães tinham de se ir abastecer da mesma fonte.

Na guerra peninsular, a que acima nos referimos, chegou a confraternisação a ponto de se trocarem presentes e visitas entre inglezes e francezes, que se sentavam conversando em volta das fogueiras do acampamento, banqueteando-se e jogando as cartas uns com os outros. Ha muitas anecdotas veridicas que provam tal facto e tornou-se costume falar no exercito francez dos in-

glozes dizendo «os nossos amigos os inimigos».

Tambem na guerra russo-japoneza, durante as ultimas phases do cêrco de Porto Arthur, os soldados inimigos chegaram a travar relações amigaveis uns com outros, trocando entre si charutos e cigarros. E conta-se até que os officiaes dos dois exercitos, por occasião d'um armisticio para enterrar os mortos, se reuniram n'um «pic-nic» e trocaram cordeaes saudações.

Taes approximações de amizade entre os combatentes não eram pois uma novidade. Indicam principalmente a ausencia de sentimentos verdadeiramente hostis entre os homens dos exercitos inimigos, muitos dos quaes, se não a totalidade, suspiram por que a paz se faça.

CAPITULO III

A primeira invasão do Egypto

O plano turco-allemão para a invasão do Egypto tem sido diversas vezes mettido a ridiculo pelos jornaes menos bem informados da imprensa alliada. Tem-se rememorado a historia da antiguidade em que os exercitos assyrio e persa invadiram com exito o valle do Nilo, e que os reis egypcios repetidas vezes invadiram a Syria, atravessando o deserto, assim como a dos commandantes turcos e sarracenos na Edade Média terem conseguido que um exercito de força regular atravessasse esse mesmo deserto sem correr grandes riscos.

Pelo menos dois exercitos dos melhores d'esse tempo tentaram a invasão do Egypto na Edade Média. O afamado general mongol Kit-Bugha, um dos mais habeis logar-tenentes do Hulagu Klagan, fez essa tentativa. Foi derrotado em Ain Jalut, proximo da actual fronteira turco-egypcia, por um exercito de mamelucos commandado pelo famoso general mameluco, mais tarde sultão do Egypto, Beybars Bundukdar.

Kit-Bugha não conseguiu o seu objectivo, mas o facto da tentativa ter sido feita pelos mongoes, que eram sem duvida possivel os mais bem organisados e exercitados guerreiros da Edade Média, tendo um estado maior general e uma admiravel repartição de serviços da guerra, prova que os mais habeis soldados d'essa epocha consideravam a travessia do deserto como praticavel por um exercito bem equipado.

Em 1517, o sultão Selim, da Turquia, á frente d'uma hoste tão bem organisada como a dos mongoes e provida de carros de transporte e de artilharia, conseguiu atravessar o deserto pela estrada de El Arish e, depois de derrotar a cavallaria mameluca em Ridanieh, conduziu os seus disciplinados janizaros ao Cairo.

No fim do seculo XVIII e principios do decimo nono Napoleão e dois generaes turcos atravessaram o deserto. O primeiro chegou a Acre, não conseguiu vencer a resistencia ingleza e turca e teve de recuar com, relativamente, não excessivas perdas para o Egypto. Uma só hoste turca foi detida e vencida em Heliopolis, a poucos kilometros do Cairo, por Kléber em 1799. Em 1801, um outro exercito ottomano, cooperando com uma valorosa força de Aber-

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 1838 — 6.º Anno | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Editor—Camillo Sousa e Almeida — Redacção e Administração—R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA—Quinta-feira, 16 de Setembro de 1915

Telephone n.º 2298—Endereço teleg. CAPITAL — Composição—Rua do Norte, 5, 1.º — Officina de impressão—71, Rua da Bica, 71

Preço 1 centavo

VIAGENS NO ALGARVE

Oceano revolto...

De Sagres a Lagos, ao sabor das ondas

PRAIA DA ROCHA, 13—Tragado o almoço, quasi ao ar livre, sob um alpendre onde se guardam madeiras velhas e alfaias agricolas, deliciados todos nós com as melhores uvas que no Algarve tenho provado e com as mais alvas batatas que se criam em todo o paiz, erguemo-nos á pressa da improvisada mesa e encetamos a curta caminhada para a praia da Boleira, onde ha de fazer-se o embarque para o *Vulcano*. Foi esse o barco que as auctoridades de marinha escolheram para nos conduzir a Lagos. E' que d'entre os que constituem esta caravana de turistas que por uns poucos de dias, ora de comboio ora de automovel, percorreu o Algarve de ponta a ponta, muitos ha que ficariam para sempre mais tristes que a propria tristeza se não tivessem um barco que os transportasse sobre as ondas á cidade morta, que parece dormir, á beira da sua maravilhosa bahia, o somno de que não se acorda nunca...

Chegamos junto do hotel. O calor torra. O mar parece de velludo. Além, no caminho de areia bordado de altas piteiras espigadas, avança um bando de creanças, com o seu pendão erguido, arrogantemente desfraldado para a brisa que o enfuna e para a luz que o doira. E' a professora primaria de Sagres que, com as suas alumnas, vem saudar o sr. ministro do fomento. E assisto então a um dos episodios que, pela vida fóra, mais me tem commovido. Erguem-se vivas, trocam-se saudações e ha, n'um dado instante, um estralejar vivo de beijos que todos nós distribuimos, de lagrimas nos olhos, pelos pequenitos lindos que veem, na pessoa do representante do governo, saudar a Republica. Junta-se gente do povo. Faz-se uma grande roda de homens do mar. A professora dá os vivas do estilo. A nota partidaria fica por vibrar. O sr. ministro do fomento fala, a professora agradece, fazendo gala da sua immensa fé republicana e todos nós, chapeus na mão, a cumprimentamos pelo seu patriotismo e pelo amor sagrado que a sua profissão lhe inspira. Está em Sagres ha treze annos.

—E já agora, commenta resignada, por aqui ficarei até ao fim da vida. Casei, ganhei raizes. Não ha remedio senão trabalhar para matar o tempo.

Tudo isto se passa no promontorio de Sagres, junto do mar por onde deslisaram outr'ora, a caminho das terras ignoradas, as caravelas do Infante. Como esta mulher é grande na sua pequenez e como ella, separada do mundo, vae realisando serenamente uma obra que faz d'ella uma heroina! Senhores politicos do meu paiz, que as luctas, os odios, as ruins paixões e as ambições illegitimas transformaram em scepticos e em indifferentes, vinde a Sagres e falae com a professora de primeiras lettras. Se o fizerdes, só não vos commovereis se tiverdes um rigido coração de seixo. Porque deante da ingenua devoção com que essa creatura ama a Republica difficilmente pode haver scepticismo que não se dissolva para sempre...

O tempo urje. Trocam-se os ultimos apertos de mão e semeiam-se pelo bando da petizada os ultimos cachos de beijos. A caravana segue para a Boleira. A praia fica lá em baixo, no fundo d'um desfiladeiro, protegida pelo occidente por um alto morro granitico. Ha ranchos de pescadores tomando o sol. Olho-os com infinita curiosidade. Dois d'elles, sobretudo, prendem a minha attenção. Dir-se-hia que os arrancaram aos paineis immortaes de Nuno Gonçalves. O *Vulcano* não apparece no largo. Perde-se tempo e esgota-se-nos a paciencia a esperal-o. E' preciso entreter tempo. Os pescadores contam historias tragicas de naufragios. Ali, na bahia que temos deante de nós, já naufragaram nada menos de cinco vapores. Um d'elles veio cravar-se na areia da praia. A prôa ainda fóra das aguas parece uma bola fixa, aguardando a amarra de um grande transatlantico...

Mettemo-nos n'um gazolina do unico armador que na Boleira existe. O mar está cavado. Ondula, encrespa-se, enovela-se. Quasi não damos por nada. Tinham-nos dito que o passeio era lindo. Ninguem, por via d'isso, podia pensar em tragedias. E emquanto os automoveis que nos tinham levado a Sagres retrocediam vazios, avançamos nós, argonautas valorosos, para o *Vulcano*, que, emfim, appareceu ao longe, vindo placidamente do sul. Atracamos. A' nossa roda, cavam-se abismos pavorosos. A agua é negra, viscosa, quasi nojenta. O promontorio, cortando-se a pique, dir-se-hia um phantasma descomunal, estendendo sobre as aguas em movimento a sua sombra de morte...

Faz-se o embarque. O gazolina aprôa á Boleira. O *Vulcano* enceta a sua derrota para Lagos. O sol desce rapido, como um grande balão de vidro vermelho, a procurar o sepulcro das aguas, sobre as quaes vae deixando um grande rasto de oiro e de fogo. A costa principia a desenrolar-se lentamente. E' toda agreste, talhada quasi em perpendicular, abrupta, inhospita, selvagem. As vagas são cada vez maiores. Na ponte, ninguem, além de officiaes e marinheiros, se mantem de pé. Uns encostam-se á amurada, outros sentam-se onde podem, esforçando-se todos por fugir a esse flagelo hediondo que se chama o enjôo. Ha quem tente conversar. Os marujos teem sorrisos enigmaticos, que me vexam. O commandante faz servir vinho do Porto e bolos. Mas conseguir manter qual cheio um calice custa mais, decerto, que, por esta tarde tormentosa, alcançar Lagos...

Surgem os primeiros vomitos. O primeiro passageiro enjoa. Depois enjoam quasi todos. E' horrivel. Sinto-me livido e a cada poço que esta agua maldita rasga tenho a sensação estupenda do que o estomago e os intestinos, desprendendo-se, vão, irremediavelmente, cahir ao mar. Anoitece. A costa não é agora mais que uma fita escura debruando o mar. A praia da Luz já se não destingue. Faz-se na ponte do *Vulcano*, um silencio mortal. A noite densa, a noite escura, veiu lançar sobre nós as azas da tragedia. Vae toda a gente apprehensiva. Evidentemente o vapor não se mexe.

—Commandante, ainda falta muito para chegar a Lagos?—pergunto.

—Sim, sim. Umas duas horas.

E, emquanto consulta a agulha e ordena uma manobra mais larga, o commandante do *Vulcano* remette-se a um mutismo tal que não é possivel arrancar-lhe nem mais palavra! Por fim, ao cabo das taes duas horas, o pharol da Piedade fixa sobre nós a sua pupilla incendiada, apparecendo e desapparecendo, como um pirilampo colossal, a duas ou tres milhas de distancia. Fundeia-se na bahia. No caes ha muita gente aguardando o sr. dr. Manuel Monteiro. Estalam foguetes. Ouvem-se os compassos da *Maria da Fonte*. Chega o primeiro escaler para nos conduzir para terra. O sr. ministro do fomento, com outros, toma logar n'esse barquito. E parte acompanhado pelo holophote do *Vulcano*, que não o perde de vista.

Embarco tambem. A rebentação na praia é formidavel. O mar, comtudo, socegou um pouco. No molhe a gritaria é de causar assombro. Uma lancha de marinheiros não se atreve a approximar-se de terra. A situação é, evidentemente, difficil. Agora, a algazarra no caes é de ensurdecer. Ha gritos de afflicção, dão-se vozes de commando, procura-se, emfim, evitar um naufragio. A nossa lancha avança sempre. Um dos marinheiros do escaler do *Vulcano* brada-nos:

—Não avancem! Olhem que os outros tiveram de atirar-se á agua!

Desencadeia-se o desassocego. Comtudo, a nossa lancha navega sempre. Nunca vi *mais* energicos remadores. A luz electrica, batendo na agua verde, imprime-lhe laivos cadavericos. A gente que o primeiro barco transportava quasi se salva sem perigo excessivo. A nós, succede-nos outro tanto. Tambem nunca encontrei maritimos mais fortes. A mim, pegam-me pelo tronco e baldeiam-me para a escadaria, quasi sem dar por isso. Aos outros fizeram a mesma coisa. Foi o que valeu.

O pesadelo terminou. Lá para a cidade, a *Portugueza* toca-se com estranha energia. Jantamos, partimos, fugimos de Lagos, onde o mar nos tratou tão mal, como quem foge de um enorme perigo. O naufragio imminente já não é para todos nós mais do que uma distante e amarga recordação. Entretanto, leitor amigo, se um dia fores a Lagos vae e vem por terra. Mais: nunca troques um automovel por um navio. Se eu tivesse respeitado esta maxima preciosa, não teria passado, no dia em que embarquei no *Vulcano*, as peiores quatro horas de toda a minha vida...

Adelino Mendes

A MADEIRA DE AMANHÃ

O QUE SÃO AS DUAS ESTRADAS DE TURISMO

Como ellas vão promover o desenvolvimento economico da ilha

Carta da Madeira indicando as duas estradas de turismo actualmente em construcção e os pontos onde está projectada a installação de hoteis

No que ante-hontem este jornal publicou ácerca da Madeira, assignalei o projecto, já em via de realisação, de duas soberbas estradas de turismo: a do Oeste, que começa na Encumeada de S. Vicente, terminando no caes de Porto Moniz; e a de Leste, desde o Terreiro da Lucta ao Santo da Serra e mais tarde até Sant'Anna. A primeira mede perto de 39 kilometros de extensão e foi dividida em quatro troços: um, de Porto Moniz aos Lamaceiros, com pouco mais de 3 kilometros, outro, d'esse ponto ao Pico de Urze, com 23 kilometros e tal, outro ainda, atravez do Paul da Serra até ao Lombo do Mouro, com mais de 8 kilometros. O ultimo, que vae do Lombo do Mouro á Encumeada de S. Vicente, é por certo o mais arrojado de todos. A vereda de estudos que foi aberta n'esse local, e que conheço *de visu*, dá bem ideia das difficuldades que foi mister vencer e do extraordinario pittoresco que ha de em breve caracterisar as excursões ao Paul da Serra.

A partir dos Lamaceiros, as rampas são sempre inferiores a 12 0/0, o que permitte á larga o desenvolvimento da viação automobilista. Mas para construir essa estrada, que ficará sendo um verdadeiro prodigio, para cavar-lhe muitas vezes o leito na espessura da rocha, guarnecel-a de solidos muros á beira dos abismos, para não exceder o limite de rampa que a tornaria inutilisavel ao turismo, comprehende-se que deve ser excepcional o custo. Calcula-se com effeito que o preço total da estrada de Oeste deva andar por 140 contos.

Tem-se projectado tambem alguns ramaes subsidiarios: um, para a Ribeira do Inferno, na extensão approximada de 10 kilometros e com um orçamento de cerca de 50 contos, outro para o Pinaculo, com 3 kilometros pouco mais ou menos, e cujo custo não irá além de 15 contos.

Esta média de 5 contos por kilometro, que poderá parecer exaggerada a quem nunca percorreu as serranias alcantiladas da Madeira, nada tem comtudo de extraordinario se attendermos a que todos os materiaes teem de ser transportados para o local dos trabalhos ás costas de carregadores e que se não avança um passo sem se ser obrigado a esphacellar rochedos á força de explosivos.

Logo que estejam concluidas as reparações da estrada que liga Camara de Lobos á Ribeira Brava e terminada a construcção da que sobe, a montante da Serra d'Agua, para a Encumeada de S. Vicente, a viagem do Funchal a esse delicioso centro de turismo é uma questão de algumas horas de automovel. Mas a ligação da capital da Madeira com Porto Moniz tem ainda outra inapreciavel vantagem. Porto Moniz é com effeito um dos mais seguros fundeadouros que existem no littoral do norte da ilha. Succede além d'isso, que, ás raras tempestades que agitam a bahia do Funchal corresponde bonança na costa do norte. Assim, pois, quando o tempo impedisse o desembarque de passageiros e mercadorias no porto do Funchal, poderia essa operação effectuar-se facilmente em Porto Moniz.

D'ali, o percurso para a capital da Madeira, feito de automovel ou em *tramways* electricos, far-se-hia em cinco horas o maximo.

Além d'isso, como o sr. visconde da Ribeira Brava muito bem faz notar no seu já citado relatorio, a navegação que passa pelo norte da ilha, sabendo da existencia proxima de um porto abrigado e amplo, com delegação aduaneira, bem pharolado, onde facilmente se podem tomar carvão e refrescos, habitua-se fatalmente a fazer escala por ali. Na valorisação immediata que este facto representa para aquella parte da ilha parece-me superfluo insistir. O que não ha duvida é que, havendo no litoral norte da Madeira um porto em condições ligado por terra com o Funchal, «tem-se sempre a certeza» de poder desembarcar na ilha sem o menor desconforto.

Quanto á estrada de Leste, que até ao Santo da Serra virá a ter perto de 29 kilometros de extensão, o custo orçado é quasi de 225 contos. De dois ramaes se vão iniciar os estudos: um da Choupana, pelo encantador sitio da Camacha, ao Palheiro do Ferreiro: 5 a 6 kilometros com uma despesa de cerca de 20 contos; o outro, partindo do Santo da Serra, pelos Lamaceiros, a ligar no Poiso com a estrada que pelo Ribeiro Frio segue para Sant'Anna. São approximadamente 15 kilometros, com um custo de 75 contos, pouco mais ou menos. N'estas estradas, as rampas nunca excedem 10 por cento.

E não é só o turismo que vae desenvolver-se prodigiosamente com a construcção das duas estradas principaes que acabo de descrever. A valorisação economica das regiões atravessadas é evidente. Todo o norte da ilha produz em abundancia legumes e outros generos indispensaveis ao consumo no Funchal, para onde actualmente o unico meio de transporte é o maritimo. Succede, no emtanto, não poucas vezes que o estado do mar impede por completo as communicações, e grandes quantidades de mantimentos são inutilisados a algumas dezenas de kilometros da capital do districto só porque não ha fórma pratica de effectuar o transporte.

D'aqui, a importancia economica que inegavelmente devemos attribuir ás novas estradas da Madeira.

Hermano Neves.

A attitude d'«A Nação»

Fez-se uma campanha, em varios jornaes, entre elles a «Nação», sôbre a morte de Miguel Sotto Mayor, preso por occasião da ultima tentativa de sublevação monarchica. Dizia-se que Miguel Sotto Mayor não se suicidára, mas sim fôra morto no gabinete do governador civil de Braga. Uma carta do irmão do fallecido conspirador monarchico, o sr. João da Cunha Velho Sotto Mayor, restabeleceu a verdade dos factos, negando que seu irmão fôsse victima de um assassinato e definindo o caracter d'essa campanha que não hesitou em qualificar de «ignobil». E note-se que o sr. João Sotto Mayor não se limitava a affirmar a sua convicção. Assistiu á autopsia do cadaver, verificando que o tiro fôra disparado no céu da bocca e com o cano da pistola encostado, e ouvira seu irmão muitas vezes dizer que esse era o melhor sitio que podia escolher um homem que quizesse pôr termo á vida. Além d'isso sabia que seu irmão tinha levado comsigo, ao ser preso, a pistola com que costumava andar armado.

Perante esta affirmação não restava aos auctores da campanha ignobil—como a qualificou o irmão do morto—outro recurso senão calar-se. Mas a «Nação» não o entende assim e, depois de publicar a carta do sr. João Sotto Mayor, continua n'essa mesma campanha, desfeita com esse testemunho insuspeito e honrado!

E é este mesmo jornal que reivindica uma tradição de seriedade jornalistica, invocando o nome de homens, austeros propugnadores de uma ideia, como João de Lemos, Jorge de Lucio, Silva Bruschy e Fernando Pedroso, para affirmar como sendo dignos continuadores da sua obra primitiva, cuja prosa seria rasgada por esses velhos jornalistas se porventura lhes fôsse dado regressar á vida!

A verdade é que não ha hoje, na imprensa do paiz, um só jornal monarchico que continue as tradições do jornalismo monarchico do seculo findo. Não ha successores de Antonio Ennes, de Pinheiro Chagas, de Teixeira de Vasconcellos. Mas, a «Nação» era precisamente a folha que maior compostura deveria conservar porque no auge das mais graves luctas politicas com os liberaes ella nunca abandonou a sua linha, e sendo amada pelos seus correligionarios sempre mereceu o respeito dos seus adversarios.

A «Nação» fundou-se quando estava bem viva a recordação d'uma lucta sangrenta, d'uma guerra civil que dilacerára a familia portugueza. Os legitimistas tinham sido alvo de represalias tremendas. Nem assim a «Nação» empregou nunca uma linguagem de pasquim, nem nunca foi redigida por folliculários mediocres e aggressivos como hoje o é, abdicando da sua nobreza jornalistica e do decoro dos seus proprios principios.

Se fôsse necessario um signal bem evidente da irremediavel perda da causa monarchica, bastaria o caracter da sua imprensa. Quem defende principios conservadores não póde assumir attitudes que em pamphletos de caracter radical poderão ser explicaveis. Pelo contrario, a sua attitude tem de ser a d'uma compostura, d'uma ponderação, d'uma serenidade que estabeleça contraste com enthusiasmos febris ou aspirações violentes em que o radicalismo dos espiritos facilmente se conturba, sem que por isso, muitas vezes, perca a essencia generosa dos seus ideaes.

Mas peor do que a truculencia da phrase é a má fé, é a hypocrisia, é a calumnia, e a attitude que a «Nação» persiste em assumir perante o caso explicado e liquidado de Miguel Sotto Mayor não só a desauctorisa como orgão partidario, mas ainda a exhautora como a mais simples folha de papel em que um pensamento se expresse.

Poeira da Arcada

Enquanto a miseria por ahi bate á porta de muito lar infeliz, não falta quem se divirta, afastando para longe tristezas e pesadellos. Sobre as lagrimas de muitos, os risos de alguns que a sorte proteje. E' d'este concerto ou desconcerto de alegrias e penas que resulta a paisagem dos desejos, das coleras, das desillusões, dos triumphos e dos prazeres. Uma sociedade compõe-se com pensamentos e sentimentos tão differentes que não ha coração que, dentro d'ella, não oscille como a duvida de Hamlet.

* * *

O Diario de Noticias, rememorando o passado, evoca hoje a figura de um bandido que o povo revestiu de sombria lenda—José do Telhado. Foi um chefe de quadrilha e como tal creou fama. Roubava desleixadamente e, de vez em quando, tinha rasgos de pessoa de bem. Na sua alma, o bem e o mal marcavam-se em tons violentos. A sua biographia podia ser tratada pelos processos de Plutarcho. E talvez se extrahisse d'ella um esboço de conquistador.

* * *

Diz-se que a nossa policia tem muitos defeitos. E' provavel que assim seja, visto que vivemos n'uma edade em que a critica se esmera em apontar imperfeições. Tempos futuros terão melhores fados a sorrir-lhes. A policia será melhor, mas tambem muito importa que o publico se corrija nos seus excessos de zelo em intervir n'um serviço para o qual ha toda a conveniencia em não ser feito por muita gente.

A população de uma grande cidade tem uma certa necessidade de saber distinguir um civico de um sujeito qualquer que se resolva a manter a ordem por processos que causam susto aos homens pacificos.

Coisas que se não entendem

Da moeda do centenario da India, uma é acceite, outra não

Chamaram-nos a attenção para o seguinte facto: da moeda commemorativa do centenario da India, as de 500 e 1$000 réis são acceites, as de 200 réis não. Ha muita gente que ainda hoje tem importancias relativamente elevadas n'essa especie de moeda, assim como na de 200 réis com a effigie do fallecido D. Carlos e nem na Casa da Moeda, nem no Banco de Portugal a trocam. E quando se faz qualquer requerimento ao ministerio das finanças em tal sentido, ahi não dão despacho algum.

Na Africa, ao que nos contaram, pagou-se aos soldados expedicionarios com algumas d'essas moedas, de modo que quando regressam á metropole ninguem lh'as acceita, como ainda não ha muito se deu com um d'esses soldados, sendo elle assim prejudicado.

Entende quem se nos veiu queixar que o sr. ministro das finanças devia tomar qualquer providencia.

Ordem do exercito

O ministerio da guerra vae publicar uma Ordem do Exercito, ainda este mez, contendo todas as promoções, por diuturnidade, dos alferes que terminaram os quatro annos de permanencia n'este posto e as dos sargentos ajudantes e primeiros sargentos a alferes, resultantes da approvação da lei orçamental do ministerio da guerra. Em consequencia d'estas promoções, far-se-hão, nos termos da mesma lei orçamental, as de segundos sargentos a primeiros.

OS PAPÉIS DE GARRETT

Quem os possue?

Convinha que entrassem na Bibliotheca

Foi entregue hoje de manhã n'esta redacção a seguinte carta:

Sr. redactor de «A Capital».—Permitta v. que um ignorado admirador de Garrett chame a attenção de v. para o seguinte:

Gomes de Amorim, nas «Memorias biographicas» de Garrett, e o catalogo que vem n'um dos volumes das obras completas do poeta accusam que este deixou autographos de todas as suas obras publicadas e de algumas—e não poucas—ineditas.

Depois de varios tramites, esses autographos foram parar ás mãos de sua filha, D. Maria Adelaide — a adoravel «Mimi»—e do marido, o dr. Carlos Guimarães, medico em Cintra, se me não atraiçoa a memoria já gasta.

A filha e o genro do poeta — o maior poeta portuguez, depois de Camões!— são já mortos.

Onde param os autographos do poeta?

Não seria o logar d'elles, por fas ou por nefas, na Bibliotheca Nacional?

Se algum herdeiro ha—desconheço se algum existe—que justamente os detenha, será elle tão avaro que se negue a cedel-os á Bibliotheca, visto que é para recear a perda ou extravio e nós não temos em Lisboa similar do Museu Victor Hugo ou do Museu Balzac?

Não se poderia crear na Bibliotheca uma secção garrettiana?

Não mereceria Garrett esta homenagem, se, porventura, ainda lh'a não prestaram?

Ha em Lisboa uma benemerita Sociedade Almeida Garrett; tem Portugal no sr. dr. Julio Dantas um distincto homem de lettras, academico e funccionario notabilissimo em serviços prestados á litteratura portugueza; possue a nossa imprensa periodica em v., senhor redactor, um dos mais estrenuos campeões de ideias generosas: pois a todos tres—v., o sr. dr. Julio Dantas e a Sociedade Almeida Garrett—me atrevo eu a convidar a que, se ainda é tempo, salvem do desbarato inconsciente ou da destruição estupida essas preciosidades que em qualquer bom recato, conservadas com o mais adoravel e religioso culto!

E, porque este meu appello a ninguem offende e para mim não quero ostensiva gloria, se elle fôr attendido e os autographos, salvos da dispersão e da perda, permitta v., sr. redactor, que conserve o meu anonimato e me declare—De v., etc.—Admirador velho e obscuro de Garrett.—Lisboa, 16 de setembro de 1915.

Conheci a filha e o genro de Garrett que á memoria egregia do auctor de «Frei Luiz de Sousa» votavam um enternecido culto. D. Maria Adelaide, senhora tão virtuosa como distincta e em cuja doce physionomia eram flagrantes os traços de semelhança com o poeta, herdou não só a propriedade litteraria das suas obras mas os manuscriptos, piedosamente conservados n'aquella tranquilla e modesta residencia de Cintra por D. João da Camara descripta n'um encantador folhetim, quando superentendia nos trabalhos da estrada que, aos torcicolos, conduz da villa até ao palacio da Pena, e que chamavam da Quinta Velha ou do Syndicato...

O catalogo dos autographos garrettianos appenso ao volume da «Helena» elaborou-o o dr. Carlos Guimarães que nas horas vagas da sua clinica era tambem litterato por desfastio e que ao genio do sogro illustre consagrava uma sincera admiração. Alguns dos mais bellos retratos de Garrett tinham o logar de honra na sua sala de visitas. Lá vi o do poeta com a farda do batalhão academico e o de D. Frei Alexandre da Sagrada Familia, seu tio e mestre.

O dr. Carlos Guimarães sobreviveu poucos annos a D. Maria Adelaide, na adoração constante da sua memoria abençoada. Ao celebrar-se o primeiro centenario do nascimento do lyrico admiravel das «Folhas cahidas», Carlos Guimarães, solicitado pela redacção d'uma folha de Cintra, escreveu um artigo que teve a extrema bondade de me lêr antes de o enviar ao seu destino. Carinhosamente evocava n'elle os longinquos tempos em que pela primeira vez, acompanhada pelo seu glorioso pae e ainda quasi uma creança, vira aquella que se lhe devia ligar para sempre. A certa altura, o quasi septuagenario medico, homem elegante, de fidalgo aprumo, e que occultava sob uma apparente mascara de rudeza a mais fina sensibilidade de alma, tinha os olhos marejados de lagrimas e a voz estrangulava-se-lhe, n'um soluço. Não podia continuar e passou-me ás mãos as quarto de papel em que, n'um tremulo cursivo, recordava, saudoso, o desabrochar d'um amor que, volvido quasi meio seculo, subsistia intenso como na primeira hora...

Tendo feito transformar o jazigo que no cemiterio oriental Garrett, em nome de sua filha, mandára construir para as cinzas de Adelaide Pastor e dos outros filhinhos mortos de tenra edade, e onde o poeta queria ser sepultado, o dr. Carlos Guimarães ali reservou logar para os seus restos ao lado da esposa amantissima. Lá se encontram ambos. Nas suas disposições testamentarias não se lembrou, porém, segundo creio, de assegurar a conservação dos manuscriptos de Garrett, que elle tanto estimára, legando-os aos archivos publicos. E' certo que não havia entre elles ineditos de raro valor. Os mais importantes como o fragmento da «Helena», cujo autographo sem entrelinhas nem rasuras mostra um talento de improvisação digno de nota, foram trazidos a lume por iniciativa ou com o consentimento do dr. Carlos Guimarães. Não quer isto dizer que a sua perda, a dar-se, fosse menos lastimavel. Mas onde param os manuscriptos garrettianos?

Os retratos de familia, que ornavam a sala de visitas de Carlos Guimarães, ouvi dizer que foram para os herdeiros dos appellidos do poeta. Os papeis supponho que se encontram na posse do sr. Eduardo da Cunha e Costa, espirito culto, parente do genro de Garrett e filho do seu principal legatario. Pensará elle em brindar com esse thesouro a Bibliotheca Publica? Eis o que resta averiguar...

Avelino de Almeida

VERGONHAS...

Mais um convite á valsa

Como o sr. Brito Camacho se mostra agora um fervoroso adepto da liberdade de pensamento

Subiu hoje bastante o thermometro que vem marcando este novo periodo de indignação do sr. Brito Camacho.

Entende o chefe do unionismo que é uma vergonha para a Republica ter o parlamento resolvido que só republicanos possam ser chamados a exercer cargos no professorado. E para o provar discreteia philosophicamente sobre liberdade de pensamento, reconhecendo que a nossa epoca é de liberdade, de todas as liberdades. Isto traduz, da parte do sr. Brito Camacho, um tardio arrependimento de usos passados, solemne *mea culpa* de contricção plena. Ainda bem... Porque ha pouco mais de trez annos, quando se apresentaram ao parlamento, pela primeira vez no regimen republicano, leis de excepção em que se feria de morte a liberdade de pensamento, o sr. Brito Camacho applaudiu-as e votou-as. Essas leis conferiam a um simples cabo de policia a faculdade de apprehender jornaes. Contra ellas protestámos com energia, precisamente porque representavam um ultrage á liberdade de pensamento, porque eram um aggravo aos principios democraticos. E o sr. Camacho, sem se lembrar então, como agora, de Galileu e do «eppur si muove», applaudiu-as e votou-as. A commissão que as elaborou era presidida pelo sr. João de Menezes, o mais graduado dos seus correligionarios, e o governo que as reclamava era presidido pelo sr. Duarte Leite, que o unionismo desejava ha pouco alcandorar á presidencia da Republica. Ao tempo, ainda o sr. Brito Camacho parecia ignorar que a nossa epoca é de liberdades, de todas as liberdades.

Como os ventos mudam!

Já o sr. Brito Camacho não quer que a Republica se defenda. Porque, sem cuidarmos agora de saber se a redacção dos artigos que elle cita é a mais justa, ninguem ignora que era necessario fixarem-se os principios a que elles obedecem. A actual geração academica, na sua grande maioria, está impregnada de principios reaccionarios. Temos por ahi exemplos á farta. Veja-se o famoso integralismo lusitano, inspirado no conservantismo retrogrado de Charles Maurras, que os moços academicos julgam o grande propheta dos nossos dias. Diga-se a verdade: nos lyceus e nas universidades apontam-se a dedo os estudantes republicanos. De quem a culpa? Do professorado, em grande parte, que, salvo aquellas excepções que só servem para confirmar a regra, ou é inimigo da Republica ou affecta pelo regimen uma indifferença que é o peor dos desdens.

Não ha de a Republica ter o direito de defender-se, combatendo esse mal, exigindo que o professorado seja republicano para que as gerações futuras possam amar e defender a Republica?

Diz o sr. Brito Camacho que a monarchia consentiu que republicanos militantes fôssem professores em estabelecimentos do Estado. Esquece que a monarchia não tinha força nem auctoridade para se defender. As suas transigencias e abdicações não eram senão symptomas de fraqueza e de impotencia, que completamente se revelaram em 4 e 5 de outubro. E esquece ainda o sr. Brito Camacho—o que é mais grave, porque nenhum republicano deve esquecel-o—que a Republica, em 5 annos de existencia, já teve de defrontar-se com quatro tentativas revolucionarias monarchicas, não falando nas constantes perturbações que os seus inimigos teem provocado, directa, ou indirectamente, servindo-se para isso de todos os meios. E não ha de ter o direito de defender-se?

Afinal, o sr. Brito Camacho conhece muito bem tudo isso que nós dizemos. Escreveu o seu artigo apenas porque elle estava dentro do seu

Como se desenha uma crise de subsistencias

Estamos em Cabo Verde no mez de julho. A maioria dos habitantes olha o firmamento á cata dos cumulos e dos *stratus*; outra parte procura nos boletins officiaes e nos boletins meteorologicos para se orientarem ácerca da proximidade das chuvas. Uma grande parte dos trabalhadores decidem-se a semear o milho em pó, que é como quem diz na terra secca; porque, é o caso, um jogo de azar, porque se as chuvas cahem regularmente são os primeiros a colher o seu milho, mas, se por um capricho meteorologico as chuvas faltam, teem de recomeçar, sem saber se valeria.

Vejam os boletins meteorologicos dos observatorios da Praia e de S. Vicente. [illegible]

[illegible]

Armando Xavier da Fonseca

plano: depois de procurar emmetter na baralha os officiaes do exercito, dizendo-lhes que estavam a ser desprestigiados perante soldados e sargentos, e os funccionarios publicos, apontando-os como victimas de perseguições injustas, faltava-lhe convidar á valsa o professorado.

Está feito mais esse convite...

A grande companhia de circo

O Colyseu inaugura a época de inverno a 25 do corrente

Inaugura-se a 25 do corrente, sabbado, a época de inverno no Colyseu dos Recreios, com a estreia de uma grandiosa e extraordinaria companhia de circo, escolhida pelo illustre emprezario Antonio Santos entre as novidades mais sensacionaes que ha actualmente. Vae o Alfacinha ter ensejo de admirar e commover-se com a attracção mais emocionante do mundo, aquella que tem chamado dezenas de milhares de pessoas, que sabem do circo com a sensação de terem assistido á mais commovida tragedia da lucta do homem com as feras. Este numero impressionante é apresentado pelo celebre e arrojado domador Marck, que intitula o seu numero «Vingança de Feras», dividido em duas partes, a primeira em projecção cinematographica, com Marck e os artistas da sua numerosa troupe, apresentando os episodios mais interessantes das suas caçadas em Africa, aos leões,—e a segunda, no palco, vendo-se Marck e a pequena Yvone, luctando com as feras que teem fugido da jaula.

Esta attracção está destinada a alcançar um vibrantissimo successo, como aconteceu sempre que o numero foi exhibido nos principaes circos do estrangeiro.

Tambem figuram no programma os primeiros clowns do mundo,—Antonet e Walter, Rico e Alex, Tantoff e Terry Jeia, além de outras novidades em todos os generos.

PEQUENAS NOTICIAS

Ainda com relação aos projectados festejos no quartel Guilherme Fernandes, escreve-nos o sr. Henrique d'Oliveira dizendo-nos que a Associação dos Bombeiros Voluntarios do Dafundo, collectividade legalmente constituida por alvará de 3 d'abril de 1913, nada tem com os bombeiros que ali vão realisar esses festejos.

—A banda da guarda republicana executa amanhã na parada do quartel do Carmo, das 14 ás 15 e meia horas, o seguinte programma: «Brabante», marcha, Olison; «Abertura Symphonica», Fão; «La Viejecita», minuete, Caballero; «Aida» selecção, Verdi; «Paginas Dispersas», suite: n.º 1—«Minueto»; n.º 2—«Marcha Militar, Fão; «Alegria do Batalhão», zarzuela, Serrano; «The Stars and Stripes for ever, marcha, Souza.

—A' enfermaria n.º 1 do hospital de S. José recolheu Francisco Augusto Ferreira, de 19 annos, solteiro, morador no Arco do Carvalhão, 50, servente de pedreiro, que cahiu de um andaime na rua do Paraiso ficando bastante contuso pelo corpo.

—Joaquim Francisco Luiz e José Gil, moradores na rua da Guia, 6, 3.º, envolveram-se em desordem ficando o primeiro ferido no rosto e o segundo na cabeça. Foram ambos curar-se ao hospital de S. José.

A educação dos marinheiros

O sr. Manuel dos Santos, 1.º conductor de machinas na Escola Pratica de Torpedos e Electricidade, escreve-nos defendendo a idéa, cuja adopção considera vantajosissima, dos officiaes superiores e subalternos da armada fazerem prelecções ás praças de marinha sobre nautica, electricidade, higiene, etc., prelecções que podiam ser feitas depois da refeição da tarde. O sr. Manuel dos Santos accrescenta que o digno commandante sr. Leotte do Rego adoptou esse util systema de educar e illustrar o nosso marinheiro, quando em 1909 commandava em Moçambique a canhoneira *Diu*.

CONGRESSOS REGIONALISTAS

O dos municipios do Alemtejo

Realisa-se de 25 a 27 d'outubro—O que nos diz o seu iniciador

O sr. Carlos Serra foi quem lançou a ideia do congresso dos municipios alemtejanos, que vae realisar-se em outubro proximo em Evora. Director da Casa Pia d'aquella cidade onde tem prestado os melhores e mais relevantes serviços, homem de inquebrantavel fé e amigo apaixonado da sua região, pareceu-nos interessante ouvil-o ácerca dos preparativos já feitos para a effectivação da sua idéa.

A' pergunta que fizemos sobre se teem sido recebidas muitas adhesões responde-nos:

—Sim, muitas. Não lhe posso de momento dizer o numero exacto, por não ter aqui os elementos necessarios, mas affirmo-lhe que é elevado o numero de camaras que teem adherido ao congresso. E algumas fazem-se representar por tres e quatro delegados. A de Alter do Chão envia, por exemplo, quatro.

—Julgámos que tivesse sido limitado o numero de delegados...

—Não, não foi limitado, porque entendemos dever deixar campo aberto a todas as iniciativas individuaes. Cada camara póde enviar tantos delegados quantos entender util e conveniente.

—No congresso podem tomar parte pessoas estranhas ás corporações administrativas?

—Não. Apenas, e excepcionalmente, o sr. Jacintho Nunes, fervoroso defensor das regalias municipaes, embora tenhamos recebido theses assignadas pelo sr. general Madureira Chaves e pela sr.ª D. Anna de Castro Osorio, que manifestaram o desejo de as defenderem no congresso. E', porém, impossivel acceder a esse desejo.

—Já está fixada a data do congresso?

—O programma nas suas linhas geraes é o seguinte: sessão inaugural no dia 25 d'outubro, de manhã e á tarde, primeira sessão do congresso; no dia 26, de manhã, segunda sessão, á noite «soirée» de gala no theatro Garcia de Rezende; no dia 27, de manhã, terceira e ultima sessão, á tarde visita aos monumentos historicos da cidade. Póde, é claro, este programma que acabo de delinear soffrer uma ou outra alteração, mas é o que está já mais ou menos assente.

—Ha já alguns trabalhos feitos relativamente á municipalisação dos cereaes, azeites e cortiças?

—Não posso responder-lhe d'um modo absoluto. Posso apenas dizer-lhe que é opinião minha que as coisas se encaminharão de modo a que fique Evora como centro principal das cortiças, Beja de cereaes e Portalegre de azeites. Escusado será accrescentar que nada d'isto está assente definitivamente e que só o congresso póde tomar resoluções a tal respeito.

—O congresso reune annualmente em Evora?

—Não. As cidades de Portalegre e Beja, como capitaes de districto, teem direito a que elle ahi reuna. De modo que entendo que se deve resolver que em cada anno o congresso reuna n'uma das tres capitaes.

—Não pretenderá o poder central vêr na reunião do congresso uma usurpação de poderes?

—De fórma alguma. O poder central não póde conhecer—e não conhece—como os municipios as necessidades locaes. De modo que a reunião de congressos regionalistas, em vez de serem um estorvo, são antes um auxilio, e poderoso, do poder central. O que digo na generalidade applica-se no caso especial de que estamos tratando. O Alemtejo é uma vasta provincia, d'uma grande riqueza e que pelas suas condições, costumes e maneira de ser bem merece que d'ella se trate a sério, valorisando-a e fazendo augmentar a producção de que é susceptivel.

«Tal é o fim que se propõe o congresso que vae reunir e os resultados que d'elle advirão, ou muito me engano, ou demonstrarão claramente que não é uma utopia a federação dos municipios e que com essa federação todos teem a ganhar: o povo, o paiz e as regiões onde ellas se façam.

A guarda republicana em Chellas

A guarda republicana destaca todos os dias uma força para a fabrica de Chellas, força que vae e regressa a pé e que ali tem um aquartelamento mal improvisado. Diziam-nos que seria mais acertado mandar para ali um destacamento com demora maior ou menor, conforme se entendesse conveniente, preparando-se-lhe lá o alojamento indispensavel. Poupar-se-lhe-ia assim a guarda á fadiga d'uma marcha diaria, sobretudo n'uma occasião em que ella se encontra sobrecarregada de trabalho.

Escolas de repetição

Em visita ás escolas de repetição, sahiu hoje de Lisboa, de automovel, o sr. ministro da guerra que se fez acompanhar pelos srs. capitão Mathias de Castro e tenente Florentino Martins.

O sr. Norton de Mattos regressa a Lisboa no final dos exercicios.

«*Historia Illustrada da Grande Guerra*»

Dividido em volumes, cada um dos quaes com cerca de 200 paginas, de modo a formar um livro portatil, economico, elegante e de facil encadernação, o folhetim que vimos publicando *Historia Illustrada da Grande Guerra* tem alcançado grande exito. O primeiro volume abrange desde março a 15 de abril, tendo 184 paginas, o segundo de 16 de abril a 3 de junho, com 188, o terceiro de 4 de junho a 20 de julho, egualmente com 188 paginas, e o quarto de 21 de julho a 3 de setembro, com 180 paginas, sendo todos os volumes profusamente illustrados. Na administração d'*A Capital* são immediatamente satisfeitos todos os pedidos, quer da collecção completa, quer de qualquer numero de exemplares do jornal, que venham acompanhados das respectivas importancias.

Espectaculos

Cartaz de amanhã

POLITEAMA—A's 20,30 e 22,30—Não desfazendo... (Revista).
EDEN—A's 20,45 e 22,45—O diabo a quatro. (Revista).
COLISEU DOS RECREIOS—A's 21—A côrte de Napoleão.

Agenda da semana

SABBADO—Coliseu dos Recreios—Festa de Ettore Bazzoli—*Os sinos de Corneville*—Novas cançonetas por Fernanda Bazzoli.

Noticias

Entre nós

O «Paraizo de Mahomet» é uma opereta muito apparatosa e brilhante e das que a companhia Granieri traz montada com riqueza de scenario e guarda roupa. No Colyseu dos Recreios, hontem, teve um novo exito ouvindo os artistas merecidos applausos, salientando-se Cina de Valdis, Pangrazi, Raffaelo Vizzani e Marchetti.

Hoje canta-se a «Menina do Cinematographo», exhibindo-se, não o negativo da pellicula cinematographica como se tem feito nos outros espectaculos, mas o positivo, de maneira que só hoje é que o entrecho da linda opereta póde ser devidamente apreciado. Attendendo ao agrado que tem tido é de esperar uma enchente.

A'manhã, em ultima recita de assignatura, «A côrte de Napoleão» e no sabbado com «Os sinos de Corneville», festa artistica de Ettore Bazzoli que no papel do avarento «Gaspar» tem uma das suas melhores creações artisticas, sendo unanimes os applausos da imprensa estrangeira. Fernanda Bazzoli cantará novas cançonetas e um fado portuguez dos mais applaudidos.

Circos & Music-halls

Noticias

ENTRE NÓS

No Eden de Santo Amaro de Oeiras realisa-se depois d'amanhã a festa artistica do sextetto d'essa casa de espectaculos, com o seguinte programma:

1.ª parte: «Rienzi», ouverture pelo sextetto (a pedido), Wagner; Solos de violoncello por Alberto Martins, «Andante», «Dansa caracteristica», Squire; Canto pela sr.ª D. Ermelinda Cordeiro, «Elegie» (com acompanhamento de violoncello), Massenet, «André Chenier», Giordano; solos de piano pelo sr. José Rubio Milan, «Nocturno em ré bemol menor», «Scherzo em dó sustenido menor», Chopin; «Rapsodia» em só (a pedido), Liszt.

2.ª parte: «Varpas Chinezas», pelo sextetto (a pedido), Walter Dorner; canto pelo sr. Antonio José Pereira; «Sonho branco», Fernando Moutinho, «Ribeirinho», Quesada; solo de violino por Cesar Leiria, «Variações sobre um thema de Haydn», (a pedido), Léonard; solos de piano pelo sr. José Rubio Milan, «Prelude em dó sustenido menor», Rachmaninoff, «Canto da fiandeira do navio phantasma», Wagner-Liszt; «Tomada de Moscow», pelo sextetto, (a pedido), Tschaikowsky.

Findo o concerto, seguir-se-ha baile.

SALÃO DA TRINDADE—A's 20 e 22—Companhia infantil—Filha de Annica.
ANIMATOGRAPHOS E CONCERTOS—Olimpia e Paradis, matinées diarias e sessões á noite; Central, Chiado Terrasse, Salão Foz, Rocio; Sociedade Promotora de Instrucção, em Alcantara, sessões ás quintas feiras, sabbados e domingos.
CINEMATOGRAPHOS E ESPECTACULOS VARIADOS—Chantecler, Imperio, Salão Graça, na Calçada Economica Operaria, Variedades, na calçada da Estrella—A's 21,30—O diabo no convento.

ECHOS & NOTICIAS

INFORMAÇÕES—COMMUNICADOS

JULIO DANTAS

O eminente escriptor e nosso collaborador sr. dr. Julio Dantas leu hoje em sua casa aos illustres artistas Maria Mattos e Mendonça de Carvalho o seu novo original em um acto, «Soror Marianna». Consta-nos que a impressão recebida pelos emprezarios do Gymnasio foi optima. A nova peça destina-se á estreia de Luiza Lopes, primeiro premio do Conservatorio e um dos mais bellos temperamentos artisticos com que a scena portugueza póde contar de futuro.

LUCINDA SIMÕES

Está publicado o n.º 11 do «Album theatral», que insere o retrato de Lucinda Simões, emoldurado em alguns bellos sonetos de Avelino de Souza.

NOTAS MUNDANAS

Partiu para a Suissa, onde vae submetter-se a uma operação, o sr. dr. Quirino Avelino de Jesus.

—Parte brevemente para Paris a sr.ª D. Aurora de Macedo.

—Regressou das Pedras Salgadas o capitão Carlos Alberto da Guerra Quaresma, adjunto do ministerio da guerra.

Anniversario de "O Mundo,,

Um grupo de velhos republicanos reuniu hoje em almoço intimo, no restaurante Silva, para commemorar o 15.º anniversario da fundação do nosso collega «O Mundo».

Trocaram-se calorosos brindes, sendo levantados vivas á Republica e aos srs. dr. Affonso Costa e França Borges.

O 5 d'Outubro

Vestuario e calçado a 100 creanças

A junta de parochia da freguezia dos Anjos tenciona commemorar o 5.º anniversario da implantação da Republica, vestindo e calçando 100 creanças pobres.

Acompanhado d'um officio extremamente lisongeiro para «A Capital», assignado pelo presidente, sr. Manuel Martinho, e pelo vogal secretario, sr. Manuel Rodrigues Pereira da Silva, offereceu essa junta o vestir e calçar duas creanças nossas protegidas. Agradecemos penhorados quer a offerecimento, quer os termos em que o officio vem redigido.

Reclamações operarias

Os proprietarios de fragatas foram hoje chamados ao governo civil, a fim de serem ouvidos ácerca das reclamações dos fragateiros que pedem augmento de 20 por cento nos seus salarios e que lhes seja restituida a importancia equivalente a 15 dias de salario que os proprietarios conservam em seu poder como caução. Os proprietarios acceitaram a restituir a caução, mas declararam peremptoriamente que não podiam augmentar os salarios.

Protecção á infancia

Banhos de mar

A junta de parochia civil d'Alcantara convida todas as creanças que requereram para tomar banhos do mar a comparecerem na séde da junta, depois de amanhã, ás 8 horas e meia da manhã, a fim de serem sujeitas a exame medico.

A transformação do Porto

O plano do engenheiro inglez sr. Parker

O engenheiro inglez sr. Barry Parker, a quem foi commettido o encargo do estudo das obras de transformação do Porto, expoz, em reunião effectuada sob a presidencia do sr. Elisio de Mello, nos paços do concelho d'aquella cidade, o que pensa ácerca do projecto da nova avenida que ha de ligar a Praça da Liberdade á Praça da Trindade. O sr. Parker demonstrou que as difficuldades iniciaes do projecto são as seguintes:

1.ª—Fazer o que não seria nem uma rua nem uma praça, sendo larga de mais em proporção ao seu comprimento para ser rua, e longa de mais, em proporção á sua largura, para ser praça.

2.ª—Fazer uma obra inteiramente fóra de escala e d'accordo com o que a circunda.

3.ª—Produzir uma expansão de rua com uma superficie exaggerada para o trafico e que pareceria fria no inverno e quente e cheia de pó no verão.

4.ª—Assegurar o golpe de vista ao largo da avenida, desde a estatua na Praça da Liberdade até á torre da egreja da Trindade, sem mutilar a Praça da Trindade, conservando a ambas o seu sentido de praças sobre si.

5.ª—Crear uma disposição que, não obstante a egreja da Trindade e os predios da parte sul da Praça da Liberdade estarem em angulos desairosos para com a Avenida, esse mau effeito não se faça sentir.

6.ª—Obstar a crear uma incongruencia, formando uma larga avenida que vae desembocar em ruas estreitas.

Evitar todos esses obstaculos, e, ao mesmo tempo, abrir esta parte da cidade, creando-lhe um centro civico, digno d'ella, eis o problema a resolver.

O sr. Parker mostrou que, se a avenida, ainda que simetrica, fosse construida, até certo ponto, sobre linhas convergentes, evitaria que parecesse larga de mais em comparação ao seu comprimento. Mostrou ainda que não haveria perigo de a Avenida, depois de construida, parecer estar fóra de escala com as suas visinhanças, isto é, com a formação de vistas e quadros de ruas dentro da mesma, com comprimentos de ruas construidas sobre linhas directrizes, partindo da torre da egreja da Trindade e terminando no monumento da Praça da Liberdade, outras auxiliadas pelos salientes, crescentes ou meias luas, e terminando em estatuas ou fontes, etc.

O sr. Parker, depois, demonstrou que a Avenida, sendo assim planeada, podia mesmo ser mais larga do que a que foi projectada, e sem mostrar desenvolvimento excessivo de superficie; e mostrou que, em vez da Praça da Trindade dar em resultado um «terminus» informe, a Avenida, do lado norte, ficaria melhorada e poderia mesmo construir-se uma rua á qual a egreja da Trindade fizesse frente.

Que a Praça da Liberdade podia manter a sua configuração de praça, construindo-se do seu lado norte uma camara municipal, podendo o golpe de vista ser mantido por meio de arcos sobre que assentasse esse edificio.

Que em parte tapando a vista do lado sul por meio d'estes arcos, e a fachada do norte por edificios planeados dando para a Praça da Trindade, todo o desaire, dos angulos da egreja da Trindade e dos edificios do lado sul da Praça da Liberdade, desapparece.

Tambem mencionou que uma avenida direita com lados parallelos não offerecia sitios proprios para estatuas ou outros adornos de ruas e que no seu plano haverá pontos onde decorações sobresahirão e poderão ser vistas com vantagem.

Disse mais o sr. Parker que a avenida, conforme estava planeada, sendo em linha norte-sul, como é, teria o desconforto dos ventos predominantes do norte e nordeste e tambem ficaria sem sombra no meio do dia, e a praça da Liberdade seria fustigada pela ventania incommoda. Foi sobre esses pontos que tambem baseou o seu plano.

O sr. Parker propoz, em pormenor, que a parte coberta de relva, no centro da Avenida, fosse circundada por trepadeiras em arco, por baixo dos quaes os peões transitariam e que na frente das edificações, que flanqueiam a avenida, houvesse arcaria, dando assim mais sombra e protecção aos que passeassem a pé e egualmente aos estabelecimentos que ali sejam edificados.

Terminada a exposição, o sr. Annibal de Barros, pedindo a palavra, felicitou enthusiasticamente o sr. Parker pelo seu trabalho, que classificou de notavel, por ser demonstrativo d'uma alta competencia technica. Accrescentou que não poderia emittir de momento a sua opinião definitiva sobre o projecto apresentado que, para a sua comprehensão perfeita, carece de repousado estudo.

O sr. José Teixeira Lopes alvitrou uma alteração, quanto á situação que deverá ter, na nova Avenida, o futuro edificio dos paços do concelho, sendo este alvitre muito bem recebido, porque vem fazer salientar a esthetica da avenida em referencia.

O sr. engenheiro Gaudencio Pacheco, parecendo-lhe que a parte superior da Avenida não attrahirá a si, sobretudo nos primeiros tempos, grande movimento—e correspondentemente grande valor commercial, ponderou que é preciso desde já prever a necessidade de outros arruamentos, sobretudo de um que, partindo da rua Fernandes Thomaz, junto ao Bolhão, e passando pela Camara velha, vá terminar na praça de Santa Thereza, no intuito de ficarem desde logo praticadas na nova avenida as correspondentes aberturas dos arruamentos em referencia, sem prejuizo da parte artistica.

Falaram ainda, emittindo opiniões varias, os srs. Elisio de Mello, João Grave, Correia da Silva, Julio Ramos, Marques da Silva, Jaime de Oliveira e Accacio Lino.

Ultimas noticias

O CASO D'HOJE

A POSTOS!

Espalharam-se boatos que levaram os revolucionarios civis a tomar posições de defeza

Hoje, ás primeiras horas da tarde, começou a correr com insistencia o boato de que os inimigos do regimen, por um lado, e maus republicanos, por outro, estavam preparados para sahir para a rua, apressando o desenlace d'um movimento que se dizia marcado para o dia 18 ou 19. Tanto bastou para que os dedicados defensores da Republica, aquelles que nunca hesitam, nas horas de perigo, tomassem os seus postos de combate. Poucos sabiam, ao certo, o que se tramava. Mas se era um movimento contra a Republica, contra as aspirações nacionaes affirmadas revolucionariamente em 14 de maio, elles ali estavam, para jogar mais uma vez a sua vida em defeza da Patria e da Republica.

Foi isto—e só isto—que motivou a comparencia dos elementos revolucionarios no Terreiro do Paço e n'outros pontos da cidade.

Pessoas interessadas em conhecer as disposições dos revolucionarios fizeram espalhar dois boatos tendenciosos, procurando assim estabelecer uma atmosphera propicia para o triumpho dos seus manejos. O primeiro boato consistia n'uma supposta tentativa de assalto aos ministerios para a expulsão de funccionarios desaffectos ao regimen. Provou-se immediatamente que era falso. O segundo, porventura mais grave ainda, referia-se á attitude da marinha perante o governo e a proximidade da posse do sr. dr. Bernardino Machado. Podemos assegurar que a marinha continua firmemente unida ao lado do governo, para a manutenção da ordem, para o maior prestigio da Republica. O que a marinha não consentirá, porque nenhum republicano e patriota o poderá tambem consentir, é que elementos monarchicos, a soldo dos allemães, ou falsos republicanos, ao serviço das suas ambições, pretendam arrastar a Republica para um estado de perturbação constante, que poderá ser fatal á propria nacionalidade. Isso é que a marinha não consentirá, mantendo-se sempre vigilante, como é seu dever, contra as manobras dos aventureiros e traficantes politicos.

Imaginou-se que havia scisões no bloco revolucionario que fez o 14 de maio. Imaginou-se que certas divergencias poderiam favorecer o triumpho d'um golpe contra as aspirações manifestadas pelo povo republicano. Esses, que assim pensavam, já hoje tiveram a primeira demonstração de que se illudiam. Ha descontentamentos no meio revolucionario? Sem duvida, mas na hora em que corra perigo a obra que o povo consolidou, mais uma vez, no dia 14 de maio, todos os descontentamentos desapparecem. Ver-se-ha.

O povo republicano revolucionario está a postos. Honra ao seu patriotismo, á sua fé patriotica!

* * *

Quando tomaram mais incremento os boatos a que acima alludimos, os guardas das portas ferreas dos ministerios da marinha e das colonias encerraram-nas precipitadamente, o que provocou certo panico. Pouco depois foram reabertas, por ordem do sr. presidente do ministerio.

No governo civil, a policia, prevenida do caso, fechava tambem as suas portas, emquanto para o Terreiro do Paço seguia o piquete de prevenção que se ia collocar sob as ordens do chefe Alves Dias, da esquadra da rua do Commercio, que já ali se encontrava com todo o seu pessoal disponivel.

Do quartel do Carmo seguiam tambem para o local forças de infanteria e cavallaria da guarda, indo a de infanteria, sob o commando do capitão Pedroso e tenente Nunes, com os sargentos Prazeres, Chaves e Lopes, em numero de 70 praças, postar-se dentro da arcaria Sul e Sueste, com sentinellas dobradas á esquina do torreão do ministerio da guerra.

Durante toda a tarde conservaram-se muitos revolucionarios civis de vigilancia nas arcadas do Terreiro do Paço e immediações.

A grande guerra

Vivo canhoneio no theatro occidental

PARIS, 16. — Communicação official das 15 horas:

Houve combates á granada nas testas dos trabalhos de sapa no sector de Neuville.

O bombardeamento dos arrabaldes de Arras provocou uma resposta vigorosa da nossa artilharia sobre as baterias e trincheiras inimigas. Na região de Friso travou-se lucta de minas. Houve durante toda a noite canhoneio em torno de Roye e Lassigny onde as nossas granadas provocaram incendios. Na região de Berry-au-Bac em Champagne proximo de Aubervie, no Woevre septentrional, nos Vosges em Ban de Sapt, a noite foi tambem assignalada por vivissimos fogos de artilharia.—(Havas).

Os russos resistindo aos austro-allemães

PETROGRADO, 16.—*Official.* — A sudoeste de Dwinsk o inimigo fez alguns ataques infructiferos. Repellimos o inimigo nas regiões de Stwensiani, Clinia a leste de Kovel e a noroeste de Tarnopol.

No rio Strypa, tomámos Bienava rechaçando o inimigo para alem do rio com grandes perdas. Tomámos o bosque Bourkanuzky, e a villa de Zlotnik. Durante estes combates fizemos 4.800 prisioneiros e tomámos 13 metralhadoras e uma peça de artilharia.—(Havas).

A moratoria em França

PARIS, 16.—O «Journal Officiel» publica o decreto regulamentando a liquidação, a partir de 4 de outubro proximo futuro, de todos os compromissos a prazo nas bolsas de valores, que estão em suspenso desde o fim de julho.—(Havas).

Na legação da China

O anniversario do presidente da Republica

Passando hoje o anniversario do sr. Yuan-She-Kai, presidente da Republica da China, foram ao palacio da legação numerosas pessoas deixar os seus cartões.

Na ausencia do ministro plenipotenciario sr. Tai Tch'eame Linne, o encarregado de negocios sr. K. Kono deu recepção á colonia chineza pelas 15 horas.

Do corpo diplomatico estiveram no palacio da legação, inscrevendo os seus nomes no livro dos visitantes e a deixar os seus cartões, quasi todos os ministros e na ausencia d'estes os encarregados de negocios.

Em nome do sr. presidente da Republica esteve ali o seu secretario particular sr. Levy Bensabat e em nome do sr. ministro dos estrangeiros o sr. Eugenio Soutos Tavares, seu secretario particular.

O sr. K. Kono offerece um jantar no palacio da legação a que assiste o pessoal da legação, chanceller, addido e alguns membros da colonia.

A questão das subsistencias

Falta de farinhas

Uma commissão delegada da União dos Operarios Panificadores procurou hoje o sr. governador civil a fim de pedir providencias contra a falta de farinhas que começa a haver em algumas padarias, pelo que o publico suppõe que deriva da vontade dos padeiros o não haver pão.

Foi-lhes respondido que o governo tomára já as necessarias providencias para evitar tal falta, derivada em parte da escassez de meios de transportes nas linhas ferreas para o trigo.

O peixe

Hoje houve nos mercados muito peixe, que foi vendido em conformidade com a tabella da policia.

De Nazareth e Cascaes chegaram 173 canastras com carapau e sardinha grande e pequena.

Por terem augmentado o preço do carapau que andavam vendendo foram multadas em 10 escudos as seguintes peixeiras: Rosa Pereira, rua João Braz, 31, 1.º, Maria da Gloria, rua do Vigario, 30, 1.º e Albertina dos Santos, rua do Guarda Mór, 80.

Assignatura presidencial

Pasta da guerra

Pela pasta da guerra foram á ultima assignatura os decretos:

Promovendo a general o coronel de infanteria Antonio Augusto de Oliveira Guimarães; a general graduado o coronel de infanteria graduado Antonio Angelo da Cunha Rosa; a capitão os tenentes José Marques, Armando Augusto Pires Falcão, Raul Gonçalves Dias e Adalino Norberto de Castro; a tenente o alferes de cavallaria Abilio Augusto Ferreira; demittindo do serviço do exercito o alferes miliciano Virgilio Augusto Pinto.

Collocando na situação de reserva os capitães Antonio Alves Tavares e Frederico Victor Gomes Mariares e o tenente Fernando Baydio da Conceição Rego.

Reformando o coronel João Pinto de Azevedo Meyrelles Junior, o capitão José Joaquim Guedes de Mello e o tenente picador Francisco José; concedendo a diuturnidade de serviço ao capitão picador Salvador José da Costa; nomeando definitivamente professor de gimnastica no Instituto dos Pupillos o capitão reformado Luiz da Costa Leal Furtado Coelho; approvando e mandando por em execução varias alterações ao regulamento de remonta; passando á situação de addido o alferes João Mendes Cabeçadas e o tenente Roy da Cunha e Menezes e collocando no regimento de artilharia 7 o coronel José d'Oliveira Duque.

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

Cruz Vermelha

Para tratar da casa de saude e assumptos financeiros, reune a commissão central amanhã, 16 horas, na séde, praça do Commercio.

PARTE COMMERCIAL

Situação da praça

CAMBIOS.—O mercado fechou ás seguintes cotações:

	Compra	Venda
Londres, cheque	35 1/4	35 1/8
Londres, 90 d/v.	35 13/16	—
Paris, cheque	[illegible]	675,7
Allemanha, cheque	[illegible]	330
Hollanda, cheque	500	550
Madrid, cheque	1336,5	1337,5
New York	1844	1847
Rio s/ Londres	12 1/4	—
Libras	7800	7805
Agio do ouro	49 %	50 %

BOLSA — As inscripções effectuaram-se:

	Apresent.	Comp.
Titulos de 1.000$	40,10	39,85
» » 500$	—	—
» » 100$	40,00	—

Certificados de 50$, 41$, 10 0/0.
Acções: Ultramarino, assent. 113$00.
Obrigações: Companhia Nacional dos Caminhos de Ferro, 1.ª serie, 77$50. Beira Alta, 2.º grau, 14$; Caminhos de Ferro de Benguella, tit. 1, 77$30.

SPORT

Os primeiros aeroplanos e o primeiro aeroplano militar

Foi o capitão Humbert que em «Le Journal» escreveu o seguinte:

«...Ha cêrca de 10 annos, o «Journal» enviou á America um dos seus collaboradores, o meu excellente amigo Forsyce, a fim de verificar a realidade de uma descoberta sensacional que se attribuia aos irmãos Wright e contribuir para que essa invenção d'esses dois homens de genio, que pretendiam realisar longos percursos aereos, graças a um apparelho mais pezado que o ar, fôsse adquirida pela França.

«O fim da viagem, a despeito da incerteza que reinava ácerca da realidade das proezas realisadas pelos dois americanos, pareceu tão importante, que o ministro da guerra, que era n'esse momento, o sr. Etienne enviou ao mesmo tempo uma missão, composta de officiaes, e auctorisava-a a dispender uma somma de 25.000 francos para contractar os dois irmãos, e relevar deante d'ella as experiencias preliminares de compra.

«Sabe-se o que se passou. Orville e Wilbur Wright pediram um milhão para ceder o seu apparelho á França, mas exigiam que os deixassem proceder ás experiencias preliminares sem trahir o segredo da sua construcção. Estavam no seu direito, sem duvida, pois que prometiam mostrar os seus planos, os seus desenhos, os seus calculos e o proprio apparelho em caso de negociação. Era natural que elles julgassem inutil mostrar a sua mercadoria se não julgavam util compral-a.

«Mas em Paris surgiu uma campanha surda para impedir que se fizesse o negocio! A missão franceza e o enviado do «Journal» voltaram sem nada terem resolvido. Perderam-se os 25.000 francos e quando Wilbur Wright, tres annos mais tarde, veiu a Anvours proceder ás brilhantes experiencias que todos lembram, quando uma sociedade particular lhe comprou o direito de exploração do seu «brevet», era tarde para assegurar á patria franceza—pelo menos na Europa—o exclusivismo da descoberta. A Allemanha apressou-se a tratar com o seu irmão Orville e todo o mundo pode lêr, uns dias mais tarde, nos jornaes a noticia annunciando a proxima entrada em serviço, no exercito allemão, do primeiro aeroplano militar!»

A' intriga e á politica deveu a França este desastre.

Nota do dia

Ajudando os progressos das localidades...

Os jornaes deram noticia de que o capitalista Candido Sotto Mayor ia organisar uma empreza que explorasse as aguas do campo do Tavolado de Chaves, consideradas, pelos analysios e pelos clinicos, das melhores de todo o mundo, para determinados effeitos therapeuticos.

N'essa noticia dizia-se que no plano do aproveitamento das aguas figurava a construcção de casinos, theatros, hoteis e restaurantes. Dizia-se tambem e isso é que, presentemente nos interessa, que no plano de transformação se incluia a construcção de campos athleticos, «courts» de tennis, «rinks» de patinagem, etc. Assim deve ser.

O sport é hoje um complemento obrigatorio das grandes iniciativas e é uma das bases do turismo.

E se não tivesse sport, apesar das curas milagrosas das aguas, a nova empreza pouco faria...

Algumas anecdotas

Um emprezario de lucta que não teve egual no reclamo...

«... "Devem-se a Rossignol-Rollin os mais phantasticos conceitos sobre a lucta:

—«A população, dizia elle, para justificar a sua maneira de encarar as coisas, precisa de ser excitada para se interessar pelas pessoas e pelos objectos que lhe apresentarem. Ora, um luctador é um ser á parte, com uma personalidade especial, que nem todos sabem comprehender. E é preciso que todos saibam d'isso.»

E um dia, reunindo os homens que compunham a sua troupe, falou-lhes nos termos seguintes:

—«Convidei-vos para esta reunião, meus rapazes, para vos fazer comprehender—se isso fôr possivel, porque a vossa intelligencia não é nada por ahi além—que um luctador não tem o direito de se chamar Beauchard, Marseille, Bonhel, Duplaunt ou Faoust, como qualquer sapateiro póde chamar-se Durand ou Dupont. Para o publico, sois typos terriveis, e sendo assim precisaes de usar tambem nomes terriveis, para que aquelles que ainda não vos conhecem saibam que existis. D'ora ávante, concluiu Rossignol-Rollin, cada um de vós terá um novo estado civil, do qual, em tempo opportuno, vireis a ter noticias.»

Decorreu algum tempo, e um bello dia—estava então a troupe em Bordeus—quando os luctadores vieram á barraca, que se erguia n'uma das praças da cidade, saber dos detalhes do espectaculo, ficaram estupefactos ao verem que de cada lado do vestibulo havia sido collocada uma tabuleta, por meio da qual Rossignol-Rollin communicava ao publico o nome dos seus campeões.

—«Povo de Bordeus e dos arredores, escrevia o emprezario, não sois mais do que infimos atomos, não passaes de desprezivel poeira, que a mais leve aragem póde desfazer! Tremei ao passar deante da arena de Rossignol-Rollin! Lá dentro, ha um grupo de gigantes que vos espera, que vos aguarda anciosamente!

—«Sim, creaturas fracas que ameaçaes ruina, os homens fortes estão dentro d'esta barraca. E de tão avantajadas proporções são, que nem o proprio sol ousa olhar para elles de cara a cara! Entrae com respeito para o circo de Rossignol-Rollin, o qual conseguiu reunir a flôr dos hercules e dos luctadores de todo o mundo!»

E depois de enunciar os nomes dos seus luctadores, seguidos de epithetos bombasticos e de cognomes pomposos, o funambulesco emprezario terminava a sua arenga n'estes termos:

—«De joelhos deante d'elles, despreziveis vermes da terra! O leão, em pleno deserto, chora lagrimas de sangue quando estes Titans o apertam entre os seus braços de ferro!!!»

Desportos de Bemfica

Noticias

Festa athletica e gymkhana

Na patinagem dos Recreios Desportivos da Amadora realisa-se no domingo, ás 3 horas da tarde, um interessante certamen desportivo promovido por uma commissão de senhoras e coadjuvado por um grupo de socios dos Recreios Desportivos da Amadora, em homenagem ás colonias de Queluz, Bemfica e Amadora, que será honrado com a presença e presidido pelo sr. dr. Magalhães Lima.

O programa é o seguinte: 1, symphonia pela banda; 2, saltos em altura; 3, saltos com trampolim; 4, saltos á vara; 5, assaltos de «box»; 6, lucta de tracção. Intervallo—7, symphonia pela banda; 8, corrida de velocidade em patins (para cavalheiros, 8 voltas no rink); 9, corrida de velocidade em patins (para senhoras e meninas, 4 voltas no rink); 10, corrida em 3 pernas, com patins (cavalheiros); 11, corrida de cadeiras, com patins (senhoras); 12, corrida de obstaculos, com patins (para senhoras, meninas e cavalheiros).

13. Juego del desafogo, comico (para cavalheiros); 14, corrida de luvas (para senhoras e cavalheiros); 15, corrida de cigarros (senhoras e cavalheiros); 16, corrida de gravatas (senhoras e cavalheiros); 17, corrida de animaes (senhoras e meninas).

Escoteiros de Portugal

O grupo n.º 9, do Carmo, fez um exercicio no domingo ultimo na Tapada da Ajuda. A partida fez-se do jardim de Santos, cerca das 8 horas.

Praticaram-se diversos jogos e exercicios taes como: alpinismo, formaturas, signaes (homographo e Morse), armação e levantamento de tendas, escaladas de muros, ascensões e descidas com o auxilio de cordas, saltos, marchas, manejo de varas, etc.

Destrocaram em Santos cerca das 13 horas.

—A instrucção especial para cada patrulha continua durante esta semana.

—Na proxima sexta-feira, pelas 21 horas, teem de estar na séde todos os escoteiros. Aos que não comparecerem nem apresentarem motivos cabalmente justificados serão marcadas uma falta de comparencia e uma nota pelo não cumprimento das instrucções dadas.

—Pede-se a todos os socios que mandem satisfazer á séde a importancia das suas quotas, ou que indiquem n'um simples postal o local aonde se poderá cobrar.

—Na nova séde rua da Magdalena, 91, 2.º, continua a distribuição dos impressos de propaganda do escotismo e das propostas para socios.

A quota mensal, tanto para escoteiros como para socios auxiliares, é de 10 centavos.

Os 30 kilometros do S. C. P.

A U. V. P. avisou os corredores profissionaes, inscriptos na corrida de 30 kilometros, que o Sport Club Progresso realisa no proximo domingo, que devem munir-se das suas licenças sem o que não podem disputar a prova, assim como lembrou a todos os inscriptos a sua obrigação em se apresentarem ao jury um quarto de hora antes da marcada para a partida, conforme o artigo 13.º do regulamento de corridas em estradas.

Nos Olivaes

No dia 10 do proximo mez realisa a Tuna Moscavide Club uma festa de sports athleticos, constando de: corridas de bicicletas, pedestres, de 400 e 800 metros, obstaculos, saltos em altura e comprimento, etc. Esta festa será abrilhantada por uma banda de musica.

200 kilometros ciclistas

O Lusitano Club Ciclista resolveu adiar para o dia 17 d'outubro a prova de 200 kilometros de Lisboa-Caldas-Lisboa, a fim de não prejudicar os treinos para a corrida de 150 kilometros da U. V. P. Esta alteração vae beneficiar todos os concorrentes, que melhor se poderão treinar para uma prova d'esta importancia.

Na proxima terça feira, reune a direcção a fim de abrir a inscripção para a dita prova, sua fiscalisação e designação de «contrôles».

Em conformidade com o programma effectua-se no proximo domingo o passeio Lisboa-Cintra.

—Com o maior enthusiasmo effectuou-se no dia 22 d'agosto o passeio de Santarem a Rio Maior e Caldas ficando todos muito gratos pela fórma como foram recebidos em Rio Maior.

Desportos de Bemfica

Inaugura-se hoje, pelas 21 horas, na avenida Gomes Pereira, a séde do novo edificio dos Desportos do Bemfica, assim como o «rink» de patinagem. Do que tem sido o incansavel esforço das direcções dos Desportos testemunha a inauguração que hoje se realisa. O novo «rink» tem 100 metros quadrados de extensão. Os Desportos teem tres «courts» de «tennis», dois de «criquet», campo de «foot-ball», uma carreira de tiro reduzida, campo para cavalhadas, pista para corridas pedestres, estando sendo montado um «stand» para tiro aos pombos.

Além de constituirem uma prova do quanto póde a iniciativa particular, pois tudo o que está feito é sem auxilio algum official, os Desportos abriram aulas de inglez, francez e portuguez para os socios e seus filhos, iniciativa digna de todo o applauso.

«A Capital»

Vende-se nos Recreios Desportivos da Amadora.

Excursões e Passeios

A' Trafaria e Villa Franca

Promovido pela Federação da Industria do mobiliario, realisa-se no proximo dia 26 um passeio fluvial a S. Julião da Barra, Trafaria e Villa Franca de Xira, abrilhantado por uma banda de musica. A partida effectuar-se-ha do Caes do Sodré, ás 7 horas, em direcção a S. Julião da Barra, com desembarque na Trafaria ás 9 horas; sahida ás 11 horas; chegada a Villa Franca ás 15, onde se realisará o «pic-nic» de confraternisação. A sahida de Villa Franca effectuar-se-ha ás 16 horas, chegando o «Lisbonense» ao Caes do Sodré ás 18 horas e 30 minutos, horas precisas.

PELA INSTRUCÇÃO

Centro Escolar dr. Alberto Costa

Esta instituição de ensino primario, que bem se póde considerar modelar e que tão brilhantemente vem correspondendo ao fim para que foi creada, apresentou no anno lectivo findo a exame 24 alumnos do 1.º grau e 14 do 2.º, ficando todos approvados, o que demonstra quão dedicadamente trabalham as suas professoras, sr.as D. Rita Amelia de Mattos, D. Maria Clementina de Mattos e D. Amelia Pagani.

As aulas do Centro reabriram hoje, sendo já grande a frequencia.

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

Centro 27 d'abril

Para tratar de assumpto urgente, e inadiavel, reune amanhã, ás 21 horas, a assembléa geral.

Caixeiros de Lisboa

A commissão de instrucção e educação d'esta collectividade, na sua ultima reunião, entre outros assumptos tratou de varios trabalhos preparatorios para a abertura das aulas do anno lectivo 1915-16, resolvendo abrir na proxima segunda-feira, 20, as matriculas para o curso elementar do commercio, que consta de aulas de portuguez, francez, inglez, commercio e arithmetica, calligraphia e esperanto, e para as aulas de instrucção primaria do 1.º e 2.º graus.

Apreciou o horario das aulas, resolvendo conferenciar com alguns professores e reunir novamente, amanhã, para continuar a tratar d'este assumpto.

TOURADAS

Algés—A empreza d'esta praça organisou já o programma da grande corrida de domingo na qual serão lidados nada menos de 14 touros, garraios e vaccas bravas. A praça será dividida a meio, lidando-se de cada vez dois touros, sendo um a serio e outro destinado á parte comica. D'esta forma haverá sete intervallos comicos, sendo os restantes da manada destinados aos praticantes e discipulos de Luciano Moreira, entre os quaes figura Joaquim Domingos que nas corridas de Cascaes e Algés bandarilhou excellentemente. Na lide figuram tambem o espada Hipolito Flores e dois valentes grupos de moços de forcado. Os bilhetes estão já á venda no kiosque Sol do Rocio.

poços e tambem pelas depradações dos carreiros e operarios beduinos, que estragavam grande porção de eclises e sulipas.

Mesmo que os trabalhos tivessem começado ao mesmo tempo que a mobilisação geral turca, a linha não poderia chegar ás proximidades da fronteira antes da primavera de 1915, quando, por motivos de clima e contando com a falta de chuvas no deserto, era necessario avançar sem demora ou então adiar a invasão do Egypto até á conclusão da linha ou até á estação das chuvas d'inverno.

Quando a guerra rebentou, os turcos havia trez mezes que tinham completado a sua mobilisação. Difficuldades de transportes e faltas de equipamentos, que eram gradualmente suppridas pela Austria e pela Allemanha, impediram-nos de tomar uma offensiva immediata contra o Egypto. Em outubro, o 8.º corpo de exercito (de Damasco)—23.ª, 25.ª e 27.ª divisões—e algumas tropas do 12.º corpo d'exercito (Mosul) estavam na Syria com um numero consideravel de tropas «mustahfiz» (3.ª linha) e das de reserva.

O corpo de exercito de Damasco não tinha fama de ser dos melhores do serviço ottomano. Nos termos do pacto feito pelo Comité União e Progresso com o partido arabe nos principios de 1914, era na maioria recrutado localmente. Os officiaes eram turcos que muitas vezes não entendiam a lingua, nem conheciam o caracter dos arabes que constituiam a maioria dos soldados.

Depois da mobilisação ordens tinham derivado do pacto entre turcos e arabes e grande numero de estes haviam ido para o corpo de exercito da Anatolia, sendo substituidos por turcos e alguns kurdos. Os homens do corpo de Mosul parece não terem provado bem. Muitos desertaram e no começo de novembro os turcos resolveram enviar tropas de mais confiança para a Syria em sua substituição. Os substitutos foram mandados recuar para leste e entraram mais tarde em acção contra as forças inglezas na Mesopotamia do sul.

Em fins de novembro e principios de dezembro um grande exercito turco avançou pelos Gates Cilicianos para a planicie de Adana. Era composto de tropas do 3.º (Rodosto), 4.º (Smyrna) e 5.º (Angora) corpos de exercito. Uma divisão inteira de cada corpo (a 8.ª do 3.º, a 10.ª do 4.º e a 14.ª do 5.º) ahi estava, vindo

Tenente E. C. Boyle, commandante do submarino inglez «E 14»

mais tarde uma divisão composta do 1.º corpo. Mas só as tropas do 4.º corpo avançaram para sul, para a Syria central.

O 8.º permaneceu durante algum tempo em Cilicia. A 14.ª divisão parece ter avançado para leste, para o theatro da guerra no Caucaso, chegando, apoz muitas semanas de marcha, a Erzrum onde encontrou o exercito que tinha sido mandado reforçar irremediavelmente batido em Sarykamish e Karaurgan.

A divisão composta do 1.º corpo d'exercito chegou á Mesopotamia. Com a 10.ª divisão iam duas ou trez baterias d'artilharia pezada, uma secção de pontões, uma força consideravel de artilharia de campanha e grande quantidade de munições de guerra.

Essa divisão tinha a fama de ser uma força bem exercitada e bem disciplinada. Era commandada por

dedor provido de artilharia moderna se estabelecesse sufficientemente proximo da margem oriental para impedir a navegação e dar assim um golpe na linha oriental de communicações do imperio britannico, o que teria um effeito moral consideravel.

O poder o inimigo estabelecer-se e manter-se em tal posição dependia não só do seu poder combativo, mas de poder abastecer o seu exercito de viveres, agua e munições, tendo a sua base, por exemplo, na Palestina do sul.

E' necessario dar agora uma idéa da peninsula do Sinai pelo qual os invasores do Egypto seguiram e atravez do qual corriam as suas linhas de communicação.

Um triangulo de dunas de areia, penedos e montanhas, com o vertice para o sul, os lados limitados a leste pelo golpho Akaba e pela linha da fronteira turco-egypcia delimitada em 1906, a oeste pelo golpho de Suez e pelo canal do mesmo nome, com a margem do Mediterraneo entre Rafa e Port Said por base, tal é o Sinai. Geographica e orographicamente é dividido em trez zonas: a das areias, a do planalto e a montanhosa ao sul. A primeira zona é a mais estreita proximo de Rafa na fronteira turca. D'ahi corre para oeste ao longo da costa, alargando gradualmente para o interior até attingir a largura de cincoenta e seis kilometros ao sul de El Gels, e em Katia inclina-se para o sul entre o canal e o planalto, variando a sua largura de trinta e dois a cincoenta e seis kilometros entre El Kantara e Ismailia, estreitando desde dezeseis a dezenove a leste da cidade de Suez, correndo d'ahi para o sul ao longo da costa oriental do golpho de Suez para Tor.

A planura da superficie é a principal caracteristica d'essa região. Espalhadas por ella ha «ilhas» de terreno firme: as torrentes que veem do planalto fertilisam esses tractos de terreno, fazendo n'elles crescer uma vegetação densa e formando verdadeiros oasis. Mas de resto é principalmente uma região fatigante pela continuidade de planura, que se estende a perder de vista, apenas quebrada pelas dunas de areia, todas semelhantes umas ás outras. Entre Bir-el-Mazar e Bir-el-Abd, no caminho de El Arish para El Kantara, as dunas prolongam-se por muitos kilometros.

Entre essas dunas e as aguas do Mediterraneo, d'um ponto immediatamente ao norte de Bir-el-Mazar, até um ponto a uns seis kilometros e meio ao norte de Katia, corre o Sabokat Bardowal, uma comprida lagôa de agua salgada separada do mar por uma estreita faixa de terra, com uma ou duas pequenas aberturas pelas quaes podem passar os barcos de pesca.

A oeste d'essa, uma outra região, de lagos de agua salgada e de pantanos se estende entre o mar e o areial até ao canal. Primeiro ha a planicie de Tineh ou Pelusium, uma desguarnecida extensão de lodo e terra salgada, com charcos de agua estagnada e grandes pantanos no verão, no outomno e durante as inundações do Nilo em grande parte submersa.

Segue-se o lago Menzaleh, uma grande lagôa d'agua salgada, que alarga ou encurta com as inundações do Nilo, na extremidade oriental da qual passa o canal com as suas elevadas margens. Essa parte septentrional da zona do areial é improductiva.

A todo o longo da costa ha sitios onde a agua se póde obter excavando poços. Nas cercanias de El Arish os poços são sufficientemente numerosos para se poder cultivar o terreno e a agua é boa. Mais para oeste a agua já não é boa. Em redor de Bir-el-Abd, Katia e Bir-el-Duweidar ha muitos poços pequenos e é facil encontrar agua de seis a dez pés de profundidade em quasi toda a região ao sul da lagôa de Bardowal. Ha pelo menos 10.000 palmeiras n'esses oasis.

Mas a qualidade da agua é geralmente má. El Arish é abastecida com agua potavel d'um limitado nu-

mero de poços, e quasi todos os que ha, em grande numero, na região de Katia exhalam um cheiro que até aos proprios orientaes causa nausea. Mais ao sul, os poços são poucos e distantes uns dos outros. Os que existem provavelmente recebem a agua do planalto.

Proximo da elevação de Er Rigm, quasi a leste da extremidade septentrional do Grande Lago Salgado ha uma baixa coberta de argila. Essa baixa é na realidade uma especie de poço para o qual corre o Wadi Um Muksheib quando trasborda com as aguas vindas do Djebel Um Muksheib, montanha na extremidade do planalto.

Uma faixa de areia fórma uma especie de dique na extremidade septentrional e em Er Rigm as aguas formam um poço que póde abastecer um grande exercito por muitos dias. Em 1914, o Wadi Um Muksheik correra para ali e a descoberta, pelos auxiliares beduinos dos turcos, do poço assim formado determinou sem duvida Djemal Pachá a escolher a linha de avanço de El Audja-Ismailia.

A zona montanhosa da peninsula do Sinai não carece de ser descripta. Só uma pequena força n'ella operou durante a campanha e foi anniquilada logo que se atreveu a sahir do inextricavel labyrintho de picos, desfiladeiros e penedias que formam a parte meridional. Nenhum exercito podia ahi operar. Quanto ao resto basta dizer que contem dois dos poucos edificios permanentemente habitados no Sinai: o mosteiro do monte Sinai e o Tor, lazareto dos peregrinos que voltam dos logares santos por via do Mar Vermelho.

A mais importante, sob o ponto de vista militar, das tres regiões ou zonas em que o Sinai se divide é a do planalto. A maior parte d'essa região é constituida por terreno pedregoso, umas vezes plano, outras ondulado. Em redor da extremidade curva do planalto ha montanhas isoladas e de grande altura, onde a agua é pouca. Essas montanhas não teem importancia militar, porque as tropas não se podem ahi estabelecer. Ha n'essa zona uma larga faixa de areia entre Maghara e Yelleg, mas que apenas cobre alguns kilometros da estrada das caravanas que fica entre ellas.

O resto do planalto é accessivel a toda a especie de vehiculos. Os automoveis podem ahi percorrer muitos kilometros e a artilharia póde mover-se em todas as direcções. Sóbe gradualmente de 1.000 pés de altitude do nivel do mar na extremidade septentrional até acima de 1.500 pés a poucos kilometros ao sul do forte Nakhl.

Em geral o planalto não tem agua, excepto n'alguns, poucos, poços no leito do Wadi El Arish, uma grande torrente, quasi sempre secca, que nasce ao sul do forte Nakhl e desagua no Mediterraneo, a menos de kilometro e meio de El Arish. Mas contem duas areas relativamente bem providas d'agua—a região de Kossaima, onde ha pelo menos quatro grandes nascentes a nordeste, e o Djebel Somar a cêrca de quarenta kilometros a sudeste de Suez, na direcção sudoeste. A região de Kossaima é sufficientemente provida de agua das nascentes para ser cultivada n'alguns pontos, como succede em roda das grandes cisternas de El Audja, dezeseis kilometros ao norte do lado turco da fronteira.

A população de todo o Sinai não excede a 40.000 habitantes, sendo poucos d'elles os que vivem fixamente em El Arish e nas proximidades. Uns quatrocentos ou quinhentos são arabes; os restantes são beduinos, que se dividem em diversas tribus, que vivem pobremente e que pouco ou nenhum respeito teem ás auctoridades egypcias de El Arish e do forte Nakhl, a capital da provincia do Sinai, assim como aos seus proprios sheikhs. Pouco valor militar teem, excepto como agentes secretos ou para taclearem o terreno.

Duas estradas principaes atravessam o Sinai em direcção á fronteira turca. A mais conhecida é a velha estrada das caravanas que leva de Rafa a El Kantara, uma distancia de duzentos kilometros por via de

Arish, Bir-el-Mazar, Bir-el-Abd e Katia. A agua que se encontra n'esta estrada é, em geral, boa, a proximidade da linha telegraphica que liga o Egypto com a Syria torna facil seguil-a de noite e é perfeitamente transitavel para homens e camellos, mas para vehiculos pezados é muito difficil o transito.

Em quasi toda a sua extensão, essa estrada é protegida d'um bombardeamento do mar pelas dunas da costa e pela lagôa Bardowal, mas El Arish está exposta a um ataque naval e tropas que façam um desvio para o sul para evitar essa ameaça encontrar-se-hão n'uma area de terreno extremamente plano. Por essas razões os turcos limitaram-se a fazer uma demonstração ao longo d'essa estrada.

A outra grande estrada que atravessa o Sinai é a de Darb-el-Hadj, ou estrada dos Peregrinos, seguida principalmente pelos peregrinos egypcios que se dirigiam aos logares santos mahometanos antes da navegação no Mar Vermelho ter tomado o incremento que tomou. Essa estrada sahe do golpho de Akaba, n'esta cidade, e segue uma riba escarpada, prolongamento da zona montanhosa do Sinai meridional para o norte, a mais de 2.000 pés acima do nivel do mar. D'ahi desce para o planalto, que atravessa na direcção oeste-noroeste por Bir Themed, forte Nakhl e os desfiladeiros a leste de Suez até chegar a esta cidade.

A maior parte d'essa estrada póde ser atravessada mesmo por artilharia pezada, mas tem falta d'agua. Akaba é absolutamente aberta a um ataque naval e os desfiladeiros que tropas avançando por essa estrada ou outra parallela podem atravessar antes de chegarem á planicie de Suez são verdadeiras emboscadas onde uma mancheia de homens póde deter um exercito. Akaba fica a tres dias de marcha de Ma'an, a estação mais proxima do caminho de ferro de Hedjaz.

A estrada corre atravez d'uma região desolada, apenas com um poço, e a descida para o Ghor, a funda trincheira que corre ao norte de Akaba para o Mar Morto, é abrupta e mais difficil para uma força equipada pezadamente do que a ascensão do Ghor para o planalto do Sinai. Darb-el-Hadjem é, por isso, considerada como não podendo ser linha principal de ataque, mas como tem excellentes communicações lateraes com Kossaima ainda com El Audja e Bir-es-Saba (Beersheba) na Palestina meridional, os turcos em breve resolveram fazer uma demonstração ao longo d'ella contra o sector sul das defezas do Canal.

O não poderem ser aproveitadas essas duas estradas para o avanço principal e as noticias favoraveis com respeito ao abastecimento de agua na estrada entre Kossaima e Ismailia levaram Djemal Pachá, ou o chefe do seu estado maior, o coronel bavaro Kress von Kressenstein, a adoptar essa linha para o ataque principal.

Entretanto deve notar-se que os turcos durante algum tempo pensaram em construir um caminho de ferro desde Ma'an até Nakhl, atravessando o Ghor n'um ponto a alguma distancia ao norte de Akaba. Infelizmente para os seus inimigos, os turcos consultaram o archeologo e geographo austriaco dr. Alois Musil, que se pronunciou contra tal projecto.

Finalmente resolveu-se prolongar a linha Haifa-Damasco até ao Sinai por via de Nablus e Jerusalem. O caminho de ferro francez de Damasco a Muzeirib foi posto de parte e os rails foram transportados para a estação de Afulé, d'onde o caminho de ferro do Sinai devia partir.

Com os rails tirados das reparações das linhas syrias e com outros que haviam sido trazidos por paquetes allemães fugitivos logo apoz o rebentar da Grande Guerra, os turcos conseguiram chegar a Kossaima. Em fins de maio ultimo, todos os trabalhos tinham paralysado e a linha chegára a um ponto a cêrca de dez kilometros ao sul do caminho de ferro Jaffa-Jerusalem em Ludd (Lydda). A paralysação foi originada pela gravidade da situação nos Darda-

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 1839 — 6.º Anno

Direcção e propriedade de Manuel Guimarães
Editor—Camillo Sousa e Almeida
Redacção e Administração—R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA—Sexta-feira, 17 de Setembro de 1915

Telephone n.º 2298—Endereço teleg. CAPITAL
Composição—Rua do Norte, 5, 1.º
Officinas de impressão—71, Rua da Bica, 71

Preço 1 centavo

Quem vem lá?

Está no seu posto o povo de Lisboa. Dezenas de milliares de homens, de todas as condições e de todas as classes, uniram fileiras mal soou o primeiro signal de alarme. Acastellem-se embora odios e más vontades em torno da Republica. Surjam as ameaças, organisem-se conspirações, afiem-se na sombra os punhaes com que pretendem feril-a no coração. No momento do assalto, o povo de Lisboa será sempre encontrado no seu posto, e a sua voz, como a da sentinella vigilante, far-se-ha ouvir, grave, no meio da noite:

—Quem vem lá?...

Está sempre alerta, o povo. Existe uma força misteriosa, uma especie de instincto sagrado que o leva a unir fileiras no momento do perigo. A Republica encontra n'elle dedicações que assombram. Ao minimo rebate, agrupam-se por centenas, por milhares, por dezenas de milhar...

—Quem vem lá! A Republica não morre, porque a Republica é hoje a Patria. A Patria não morre, porque todos nós morreriamos com ella!

A nação é pequena? Que importa! Pelo prestigio e pela independencia dos pequenos povos derramam hoje nos campos de batalha o generoso sangue dez milhões de soldados. A Republica não realisou ainda a sua integra missão? Falharam as «élites»? Erraram alguns homens? Embora. As «élites» não são mais do que uma delegação da soberania popular. Os homens, egualmente dependentes d'essa mesma soberania, não teem mais do que curvar-se perante a vontade do povo.

Essa misteriosa força que reune os filhos do povo é simplesmente a fé. Essa massa anonyma e obscura que está sempre prompta a todos os heroismos e a todos os sacrificios é constituida por uma raça epica de legionarios—os legionarios da fé, os que teem fé nos destinos da Patria, para a maior dignificação do nome portuguez, na força da Republica, para a maior gloria da nossa existencia politica e na victoria final dos alliados, para garantia do supremo triumpho dos mais sagrados principios de liberdade e de justiça.

Essa triplice fé realisa o milagre. E' ella que, nas occasiões de alarme, une, no mesmo heroico esforço, todos os bons republicanos. E' ella que se propaga, que se diffunde, que se alastra por todo o territorio portuguez, que mobilisa indistinctamente o operario das fabricas e o cavador dos campos, que hoje faz estremecer na mesma commovida crispação de nervos vinte, cincoenta, cem mil homens, como ámanhã, ameaçado que fôsse o territorio da Patria, todas as cabeças se levantariam altivamente, todos os olhares fuzilariam odios, todos os labios bradariam, n'um coincidente desafio, as mesmas palavras sacramentaes:

—Quem vem lá?

Sim, quem vem lá! Quem são os insensatos que pretendem macular de sangue a verdura dos nossos campos e as pedras das nossas ruas? Quem são esses, que n'uma visão ebria de delirio ou de ambições querem transformar em ruinas os nossos lares, atear incendios, semear lutos, provocar orphandades? Quem vem lá? Quem vem lá?

Homens sem fé, recuae! Homens que o desalento invade, que a descrença perturba, deixae livre o caminho aos que teem fé inabalavel nos destinos de Portugal.

Esses destinos, ao contrario do que vulgarmente se tem affirmado, não é no estrangeiro que se resolvem. Só o povo portuguez, com a sua fé, tem direito a decidir da sua sorte. Só elle—dando á Patria e á Republica todo o seu amor, todo o seu esforço e todo o seu sangue, é digno de dispôr dos destinos de Portugal, que exclusivamente repousam na sua dedicação e no seu nunca desmentido patriotismo.

Os discursos do sr. Lloyd George

Dizem de Londres:

«Vão ser publicados em livro os discursos pronunciados pelo sr. Lloyd George desde o começo da guerra. No prefacio, diz o sr. Lloyd George que tudo quanto aconteceu desde a ruptura das hostilidades tem mostrado claramente que um systema militar como o da Allemanha, que tão pouco preza a boa fé, os deveres da honra, e os elementares instinctos da humanidade, é uma ameaça para a civilisação, ameaça revestida d'um caracter tanto mais sinistro quanto a potencia militar allemã tem ultrapassado as mais pessimistas previsões. Bastam estas razões para que se imponha a necessidade de destruir o militarismo allemão.

Os paizes alliados teem todo o material necessario para organisarem e equiparem os seus exercitos; mas seria ridiculo pretender que durante o primeiro anno da guerra a obra da mobilisação e utilisação d'esse material tenha sido satisfatoria, e é evidente que os imperios centraes possuem ainda superioridade em material e equipamentos.

Poucas pessoas comprehenderam todo o alcance da retirada russa. Durante doze mezes, apesar da sua falta d'organisação, tem a Russia mantido em cheque, com a sua energia, metade das forças allemãs. Mas d'aqui a alguns mezes já não poderemos contar mais com um tão efficaz concurso. E quem substituirá então a Russia no combate, emquanto os seus exercitos de novo estiverem equipando-se? Estará a Inglaterra preparada para se aguentar na brecha, emquanto a Russia estiver renovando o seu armamento, e para fazer face a todas as eventualidades que podem surgir no decorrer dos proximos mezes, tanto a leste como a oeste?

Poeira da Arcada

A liberdade, sendo necessaria a toda a gente, mesmo para fazer mal, soffre aggravos, quando quer tornar-se um facto corrente, que temos de guardal-a no fundo da consciencia, fóra do alcance dos que se propõem defendel-a. A's pessoas verdadeiramente livres fecham-se nos seus gabinetes de estudo e seguem sem constrangimento as rotas largas do pensamento.

* * *

Passou hontem o anniversario da independencia do Mexico. Trata-se de um paiz agitado em que não é facil dormir noites socegadas. Os abutres fazem por lá grande creação. Os patriotas mexicanos exaltam-se com tão perigosa frequencia que raramente encontram o tom da pacificação. O mexico tem bellas searas de... cadaveres.

* * *

Hontem dia de grandes boatos. Os rostos corados passaram a pallidos e estes a lividos. Tambem não faltou quem ostentasse uma alegria digna de um poema de marmeleiro ou de um arrazoado de pau, como diria José Agostinho de Macedo. A crise portugueza ha de resolver-se mais tarde com qualquer tratamento energico que fará ver estrellas pelo meio dia aos pacientes. Quem rirá, então? Quem chorará?

Em Marrocos

As relações hispano-francezas

RABAT, 16.—Chegou esta manhã a bordo do «Extremadura» o general Jordana, que foi recebido pelo general Lyautey, residente geral de Marrocos.

Ambos os generaes conversaram cordealmente durante muito tempo e almoçaram juntos trocando brindes affectuosos.—(Havas).

As perdas navaes desde o começo das hostilidades

O total dos navios, de todas as nacionalidades, capturados, detidos, afundados, ou de qualquer fórma damnificados por causa da guerra, desde o começo das hostilidades até ao fim d'agosto de 1915, isto é, durante treze mezes, chega a 3.000, e representa perto de quatro milhões de toneladas.

No fim de julho era esta a nota pormenorisada: allemães, 521, ton. 1.113:298; austriacos, 76, 244:262 toneladas; turcos, 56, 18:508 toneladas; inglezes, 476, 980:777 toneladas; francezes, russos e belgas, 82, 128:177 toneladas; neutraes, 418, 503:820 toneladas. Total, 1.628 navios, 3.168:858 toneladas.

Além d'estes, 776 navios viram a sua carregação retida na totalidade ou em parte, sem que até ao fim de julho fossem capturados.

56 navios inglezes foram mettidos no fundo pelos cruzadores allemães «Emden», «Leipzig», «Karlsruhe», «Koenisberg» e «Desden», já todos desapparecidos. Outros 104 navios foram afundados pelos submarinos. 136 barcos de pesca inglezes foram afundados pelos submarinos, minas, ou explosões; 98 navios foram capturados ou detidos nos portos inimigos.

As perdas das esquadras franceza, russa e belga foram muito menos sensiveis.

14 navios, com o total de 37:048 toneladas foram capturados e mettidos no fundo, e 34 navios, com o total de 51:145 toneladas, foram afundados pelos submarinos.

No momento actual, o numero dos navios mercantes francezes perdidos por causa da guerra é de 29, representando 68:977 toneladas. Comprehende este total 13 navios de vela, 3 navios de pesca e 13 vapores. D'entre os vapores maiores citaremos o «Floride», 6:629 toneladas; o «Guadelupe», 6:599 toneladas; o «Carthage», 5:275 toneladas; o «Guatemala», 5:912 toneladas, e o «Bordeaux», 4:580 toneladas. Apenas dois navios francezes, o «Listrac», 778 toneladas, e o «Fernandez», 1.326 toneladas, foram surprehendidos na Allemanha pela declaração de guerra.

Como se vê, é a marinha mercante austro-allemã a que maiores perdas tem soffrido desde o principio da guerra.

VIAGENS NO ALGARVE

O que é Monte Gordo

Um pinhal com seis kilometros que anda agora a semear-se

PRAIA DA ROCHA, 14—Monte Gordo fica no outro extremo da serra algarvia. E' a praia de Villa Real de Santo Antonio. Nada n'um mar revolto d'areia. A' sua roda erguem-se dunas, que são montanhas. Para um e outro lado, até onde a vista alcança, não se vê senão agua, não se poisa o olhar senão em superficies arenosas que mal começam agora a tapetar-se de uma verdura tenra, indistincta, timida. E, todavia, ha n'este immenso oceano d'areias qualquer coisa que ha de um dia vir a ser grande, maravilhoso, imponente. E' o pinhal que neste instante mal irrompe das areias movediças. São milhares de pinheiros que a mão pertinaz do homem vem semeando ha vinte annos, para oppôr uma barreira resistente á duna invasora, para impedir que estas serras colossaes que o mar e o vento revolvem e impelem para o interior vão destruir as terras amanhadas, os pomares de laranjeiras, as hortas mouriscas, que constituem, em torno de Villa Real, verdadeiros oasis de verdura e de frescura.

O sr. Camara Pestana, director geral de Agricultura, que nos acompanha n'esta excursão interessantissima, põe-nos ao facto de tudo. O sr. ministro do fomento ouve o illustre funccionario com a attenção e o interesse que o seu saber merece. Galgamos de talhão em talhão. Percorremos, apressadamente, grande parte da superficie semeada. Vamos o pinhal que já tem annos, e que mal ergue, acima da areia traiçoeira, a crista timorata, e o que na ultima epocha foi semeado. E ninguem se furta a perguntar a si proprio o que será d'aqui a cem annos este areal de hoje, quando o pinheiro robusto, o pinheiro forte, o pinheiro hirto na sua belleza classica, dê sombra e madeira, possa servir para a construcção de uma nau ou para o vigamento de uma casa...

O areal vae desde a foz do Guadiana até seis kilometros para o lado de Tavira. A sementeira começou pelo nascente, salvando-se grandes tratos de magnificas terra que, de outra maneira, se teriam irremediavelmente perdido. A propria povoação de Villa Real só por milagre podia ter escapado. Hoje, a grande fixação das dunas está quasi concluida. Mais um anno ou dois, e tudo ficará terminado. A' medida que caminhamos, enterrando os pés quasi até ao tornozelo, o sr. Camara Pestana, com aquella sua placidez de homem que não sabe perturbar-se e com a serenidade de quem tudo sacrifica ao methodo e á boa ordem, vae-nos indicando como se semeia um pinhal.

—E' uma rude tarefa,—diz.—Primeiro, é preciso fazer uma duna artificial, o que se consegue por meio de um tapume de madeira, contra o qual as areias vão bater e além do qual não podem passar. A' medida que a duna cresce, o tapume augmenta tambem. Protegido assim o campo onde ha de realisar-se a sementeira, os trabalhos principiam. Abrem-se grandes regos parallelos, na epocha propria, que é de outubro em deante. Lança-se, no fundo d'esses sulcos, a semente. Por cima, estende-se uma camada de matto, para que a areia não tombe sobre o penisco, impedindo-o de germinar. E' assim, n'estas pequeninas vallas, protegidas pelos arbustos que lhes servem de couraça, que os novos pinheiros nascem e se desenvolvem durante os primeiros tempos.

—E são muitas as sementes que vingam?

—E' conforme. Mas em geral, mais de metade falha. E' até essa a grande difficuldade com que lutam os semeadores de pinheiros em areaes como estes.

E' quasi noite. Monte Gordo, apesar do flagelo da areia, é uma povoação de relativa importancia, com alguns predios interessantes. Como praia extensa, desafogada e livre de obstaculos não tem no paiz outra que possa egualal-a. A Rocha é o capricho da natureza, que pelas arribas altas ergue verdadeiras cathedraes de furnas, de penedias, de passagens de um inexcedivel e pittoresco encanto. Monte Gordo é a vastidão illimitada, é o mar irrequieto que lambe a areia n'umas poucas de leguas de costa, é o mar largo que alastra, sem limites, para um lado e outro, e se orla de espuma, como se fosse um ebrio cambaleante, ao quebrar na praia as suas indomaveis furias. A Rocha tem a belleza magnifica dos seus morros que se separaram da barreira e vieram espetar-se na areia, para dar sombra e crear ninhos onde os namorados arrolham os seus amores. Monte Gordo ha de ter d'aqui a algumas dezenas de annos a sua extensissima matta de pinheiros. E então ella será uma das mais surprehendentes maravilhas d'este Algarve, rivalisando com a região da Marinha Grande, onde um rei artista fez o que o Estado está agora fazendo nos areaes pardos de Monte Gordo. Villa Real, que fica a dois passos, e para onde certamente se mudará a praia de banhos, rejuvenescerá porque, uma vez ligada Ayamonte com Huelva pelo caminho de ferro, a gente hespanhola, a gente rica e gastadora da Andaluzia, difficilmente encontrará, no sul da peninsula, um pedaço de mar e de costa onde melhor possa ver correr, junto da agua amiga, o verão aggressivo, o verão africano d'essa provincia que o calor intenso calcina.

A noite vae cahindo. A visita ás dunas continúa. Na praia, ha bandos de banhistas tomando o fresco. Aqui e além, creanças desocupadas abrem covas na areia, espreitando a agua, procurando conchas. Anda-se á beira-mar como por uma rua asphaltada de cidade hespanhola. Olho a casaria, que se estende em fila, lá em cima, defendida da areia por altos muros que vedam jardins onde cresce a palmeira. Contornamos a povoação. Ha casas que a duna envolveu, colando-se-lhes ás paredes, ameaçando soterral-as. A pequenina capela que corôa o povoado quasi desapparece sob a montanha alta que a fustiga por todos os lados. O dr. Manuel Monteiro e os seus companheiros continuam percorrendo o areal. Eu sinto-me cançado. E' que não ha nada que mais fatigue do que estas caminhadas ingratas por um terreno movediço, que foge debaixo dos pés, forçando-nos a verdadeiros prodigios de acrobatismo.

Páro junto d'uma fila de barracas de colmo. A' volta d'uma d'ellas ha um rancho de raparigas falando e rindo. Approximo-me. Cinco minutos depois dir-se-hia que nos conhecemos todos ha uns poucos d'annos. E' gente da aldeia que no verão aluga as moradias aos banhistas e se refugia n'estes abrigos primitivos, onde tudo dorme de cambulhada, sem grande repugnancia pela confusão perigosa dos sexos... Uma d'ellas pega na pandeireta e acompanha certos *aires* hespanhoes, que as outras cantam dolentemente. Na noite escura, a voz das raparigas, atirando para o espaço saturado de calor *habaneras* e *malagueñas*, tem o não sei que de bestial, que me entorpece. Despeço-me. Na estrada, as carrinhas esperam-nos. Vem atraz de nós uma nuvem de garotos pedindo esmola. E quando pomos o pé no estribo, lá debaixo, de junto das barracas de colmo, que parecem grandes nodoas de sombra manchando a areia fina, uma voz fresca, uma voz magoada canta ainda:

> As ondas do mar são verdes
> Por dentro são amarelas,
> Coitadinho de quem nasce
> Para morrer dentro d'ellas...

Anoiteceu de todo. A voz que cantava deixou-se afogar na treva. Ao longe, o mar quebra-se com mais fragor no fecho immenso da praia. Monte Gordo somme-se tambem n'uma curva da estrada. Verei eu ainda um dia todo este areal arido crescendo os pinheiros que hão de transformar o deserto d'hoje n'um dos mais bellos recantos de Portugal?!

Adelino Mendes.

Pelo telegrapho

A cooperação ingleza no theatro occidental

LONDRES, 15.—O marechal sir John French informa que desde 9 de setembro não tem havido mudança na situação da nossa linha; não obstante ser consideravel a actividade da artilharia em ambos os campos particularmente ao sueste de Armentières e nas proximidades de Ypres.

Foram derribados n'estes ultimos quatro dias, tres aeroplanos inimigos; dois d'elles foram attingidos pelos nossos canhões especiaes e cahiram nas linhas allemãs; o terceiro foi obrigado a aterrar por um dos nossos aviadores, cahindo nas nossas linhas. O apparelho inimigo está apenas ligeiramente avariado mas o piloto e o observador ficaram mortos. Durante a ultima semana deram-se 22 combates aereos, sendo em 11 d'elles os aeroplanos inimigos forçados a aterrar. No dia 10 do corrente, a nossa artilharia guiada pela direcção d'um dos nossos aeroplanos bombardeou dois balões de observação allemães, collocados a leste de Ypres. Um d'elles ardeu; o outro foi esvaziado e removido para outro ponto. Entretanto a actividade continúa, mas sem resultados importantes.—(Havas).

A campanha no theatro oriental

PETROGRADO, 16.—Na região a sudoeste de Dwinsk repellimos ataques. O inimigo passou para a margem esquerda do Villa. Destroçámos o inimigo proximo de Eysmonty. Retrocedemos em direcção a Pinsk. Em Ugrinitchi repellimos a offensiva.

Na região de Derajno os pequenos successos que o inimigo obtem são apenas de caracter local. Fizemos 1.110 prisioneiros e tomámos 8 metralhadoras em Pendyki, onde nos apoderámos do cemiterio e da fabrica de distillação e em Derajno, onde repellimos contra-ataques encarniçados. Nas margens do Styp, a oeste da aldeia de Tarnopol, estão travados encarniçados combates.—(Havas).

A Allemanha e os Estados Unidos

WASHINGTON, 17.—A secretaria dos negocios estrangeiros recebeu uma nota allemã regeitando qualquer responsabilidade na destruição do paquete «Hesperian».—(Havas).

A conquista da Africa Oriental allemã

LONDRES, 17.—Surprehendemos uma importante patrulha inimiga a 8 milhas ao sul de Kokiao, no oriente africano. O inimigo fugiu deixando 32 mortos além de varios feridos. Tivemos tres mortos e oito feridos.

O QUE SE ESCREVE E O QUE SE LÊ

A patria nos canticos dos seus filhos

por Gonçalo do Amaral

A collectanea poetica que com o titulo de «A Patria nos canticos de seus filhos» trouxe a lume o sr. Gonçalo do Amaral, em excellente edição da Livraria Classica, da Praça dos Restauradores, merece, sem duvida, muito apreço. Bastaria a intenção que inspirou o compilador para que applausos lhe fossem devidos, apezar do tom de pessimismo que caracterisa a longa instrucção por elle ridigida sobre o que sejam a patria e o amor patriotico.

O sr. Gonçalo do Amaral reuniu n'este volume de mais de trezentas paginas muitas das mais bellas composições dos nossos poetas mortos e vivos, uns consagrados pela fama, outros de merito inferior ou quasi desconhecidos. A primeira parte é uma camoneana, em que se procurou realisar o pensamento e pôr em evidencia a personalidade de Camões, o coração, o caracter e o genio do poeta, na sua obra e na homenagem patriotica dos outros. Alguns sonetos e trechos dos Luziadas e versos de Bocage, Castilho, Garrett, Theophilo Braga, conde de Sabugosa, etc., sobre Camões.

Na segunda parte, «Terras de Portugal», em que se canta o amor á natureza e ao natal torrão, figuram Camões, Gil Vicente, D. Francisco de Sá e Menezes, Ribeiro dos Santos, Garrett, Castilho, Antonio de Serpa, Correia de Oliveira, Bocage e outros.

Na terceira parte, sobre o amor á patria livre, á sua honra e ás suas glorias, continua a ser Camões o primeiro poeta transcripto e seguem-se-lhe Braz Garcia de Mascarenhas, Herculano, Thomaz Ribeiro, João de Deus, Guerra Junqueiro e Correia de Oliveira.

«O culto dos heroes e a memoria dos seus feitos» é o thema da quarta parte. Além de Camões e de outros poetas já mencionados transcrevem-se, Rodrigues Lobo, Manuel Duarte de Almeida, Eugenio de Castro, Cruz e Silva, Santa Rita Durão, Ramos Coelho, Sebastião Pereira da Cunha.

A quinta parte é consagrada aos «beliguinos, didaticos e exhortativos», synthetisando n'esta phrase: «a vontade dominadora despertará consciente na lucta contra o mal». Figuram muitos poetas antigos e modernos n'esta parte, quasi todos elles anteriormente mencionados, e ainda Andrade e Almeida, Fernandes Costa, Gomes de Amorim, Christovam Ayres, etc.

Na sexta parte entram «romances, trovas e canções». O compilador pretendeu aqui demonstrar que «com a nacionalidade surgiu a linguagem que se vinculou nos cantares eruditos e populares de todos os tempos». Os cancioneiros forneceram a mais abundante contribuição.

Antonio Correia de Oliveira, se não estamos em erro, occupa, quanto ao numero de poesias transcriptas, o segundo logar. Cumpre notar que alguns poemas reproduzidos estão deslocados e que faltam poetas como Antonio Nobre que no «Só» e nas «Despedidas» nos legou alguns dos mais extraordinarios versos que o amor da patria e a terra natal inspiraram a artistas portuguezes...

As novas baterias de Edison

Nova York, 14 de setembro

Apesar das repetidas experiencias realisadas durante treze mezes, o sr. Thomas Edison notificou hontem que não consente na acceitação da sua nova bateria pela marinha americana antes de ter resultados satisfatorios no serviço dos submarinos.

A bateria foi experimentada n'uma plataforma rolante e a sua efficacia ultrapassou 20 por cento o fim visado. O governo encommendou baterias Edison para o novo «E-2» e para o «L-8», que ficarão sendo os maiores submarinos até hoje construidos.

O sr. Edison foi informado do enthusiasmo dos peritos navaes, mas recusou-se a dar quaesquer explicações ácerca do seu invento, que deve melhorar as condições sanitarias das equipagens dos submarinos. Edison, que começou os seus trabalhos em 1910, realisou 5.000 experiencias e gastou 15 milhões de francos.

«Historia Illustrada da Grande Guerra»

Dividido em volumes, cada um dos quaes com cerca de 200 paginas, de modo a formar um livro portatil, economico, elegante e de facil encadernação, o folhetim que vimos publicando *Historia Illustrada da Grande Guerra* tem alcançado grande exito.

O primeiro volume abrange desde março a 15 de abril, tendo 184 paginas, o segundo de 16 de abril a 3 de junho, com 188, o terceiro de 4 de junho a 20 de julho, egualmente com 188 paginas, e o quarto de 21 de julho a 3 de setembro, com 180 paginas, sendo todos os volumes profusamente illustrados. Na administração d'*A Capital* são immediatamente satisfeitos todos os pedidos, quer da collecção completa, quer de qualquer numero de exemplares do jornal, que venham acompanhados das respectivas importancias.

NAS TERRAS DE BARROSO

As lagrimas de Couceiro

Onde chorou o paladino quando da incursão de 1912

Depois de ter desvendado as Alturas, face granitica que se offerecia sob o sol oleoso e para beijar a qual parecia que todas as grandes serras se comprimiam n'um circulo de grandes vagas immoveis, tinha de fazer o circuito de Barroso — transpor o Larouco, internar-me no chamado Alto Barroso, estabelecer contacto com o Gerez, admirar as *fockas* (cascatas) de Pitões e do Outeiro, passar pela Borralha, tocar na Roca da Ponteira e encher os olhos, cançar os olhos, da visão apocalitica do Regabão visto da Lomba de S. Bento, quando o sol descambava e tudo se desfazia em luz.

O que vou contar vae porventura ser tido como o producto de uma exhuberante phantasia de meridional ou d'uma paixão regionalista exagerada até á obcecação e á mentira. No entanto, a phantasia mais exaltada era incapaz de crear e dar forma a tanta coisa admiravel.

A's cinco horas, n'este mez de setembro, é noite. E' pouco mais ou menos, em si, a hora de o lisboeta se deitar, perdidas as suas ultimas illusões; mas é a hora em que por cá se levanta quem tem alguma coisa que fazer. Pois ás cinco horas estava organisada a caravana, e sob a luz palpitante das estrellas, marchavamos pela ponte romana das Caldas, seguindo a antiga via militar de Aquae Flaviae a Bracara Augusta.

Nas Casas dos Montes começou a alvorecer. O castello de Monforte projectava-se no fundo purpura do nascente como uma especie de visão calada. A casaria do velho burgo flaviense emergia da sombra. Um clarim tocava á alvorada.

Em Valdanta, o sol abria já a sua corola d'oiro. Uma tenue neblina alongava-se por sobre o rio Tamega, esgarçando-se nos amieiros. As videiras, as hortas reverberavam.

Paramos para comer o almoço frio, acima de Soutelo, no meio d'um lanço viel milagrosamente conservado das iras do tempo e das unhas dos homens. Os carvalhos ladeiam a via; a vinha cobre as encostadas; e na veiga, desde Soutelo a Valdanta, entre as batatas da tarde e os milhos, lavradores gritam aos bois, premindo o arado oeite ou guiando pelos corregos o carro romano.

Passa-se a hora da sesta em Calvão, photographa-se um dolmen á entrada de Castellãos e avista-se Soutelinho da Raia, fim da primeira etape, ainda com sol.

O Larouco, para o norte, parece um phantastico sauro com a cauda rastejando pelas Limias e a enorme cabeça, o Larouquinho, solevantado, como uma ameaça, para Montalegre.

Foi á entrada de Soutelinho, á sombra presaga dos castanheiros que rodeiam o cemiterio, que Paiva Couceiro acampou no dia 7 de julho de 1912 quando marchava, certo do triumpho, sobre Chaves, e foi onde, logo no dia seguinte, outra vez acampou, esmagado sob o peso da irremediavel derrota. Um pouco á direita, fóra das tapadas e do baldio onde os seus soldados rouquejavam as raivas dos vencidos ou curavam as feridas, fica o castanheiro debaixo do qual se diz que Paiva Couceiro se sentou depois da derrota e, com a cabeça escondida nas mãos, chorou o seu sonho perdido.

Reconstituo esses momentos. Paiva Couceiro tinha entrado por Sandim e seguindo a estrada velha, por Gralhas e Solveira, acampára depois do meio dia em Soutelinho. O sol ostentava pelos outeiros o seu manto de gloria; do ceu cahiam bençãos; as cotovias elevavam-se no ar translucido entoando os seus hymnos triumphaes; os carvalhos pendiam para as bordas dos caminhos, offerecendo-se aos combatentes. Pouco depois de ter acampado, Couceiro recebia a noticia de que se organisára em Chaves a columna mixta, composta das melhores forças da guarnição, de quasi todos os cavallos e toda a artilharia, a fim de marchar sobre Sapiãos com o objectivo de impedir a juncção das suas forças com as duas centenas de labregos que se haviam levantado em Cabeceiras ás ordens do padre Domingos. Couceiro devia ter sorrido; os seus olhos deviam-se ter illuminado da fé viva no triumpho; o seu corpo esguio devia já sentir-se levado nas azas da victoria.

O acampamento levantou-se e a marcha começou, sem o regular serviço de segurança. Para quê? Chaves ia cahir de madura. Era um fructo delicioso que estava apenas á espera dos seus dentes. Pelo caminho, os soldados cantavam. As grevas de panno, as armas em bandoleira, davam-lhes um certo aspecto de salteadores. Alguns antegosavam a entrada triumphal na antiga praça forte, machinavam a sua vingançasinha, deliciavam-se porventura na ideia do saque.

De madrugada chegaram ao alcance de Chaves sem encontrarem uma patrulha. Os primeiros soldados da Republica que os monarchistas encontram são os da carreira do tiro, que o commando havia esquecido e deixado entregues á sua sorte. O cabo que commanda esses soldados, surprehendido, arma-se, e apparece no cimo do Espaldão. Na guarda avançada vinham alguns desertores de infanteria 19. Estes chamam-n'o pelo nome, cumprimentam-n'o risonhos. E é esse cabo, sósinho, que do Espaldão começa o fogo.

Fazem-se os preparativos do assalto, e as flechas couceiristas chegam quasi ás muralhas. A companhia do capitão Tito Barreiros faz recuar a onda, o combate trava-se.

Paiva Couceiro olha fixamente um ponto. Os soldados perguntam uns aos outros, inquietos, porque não apparece a bandeira branca. A resistencia prolonga-se e sobre o ponto fixo que Couceiro olha cruzam-se as balas. Mas então Chaves não se rende? Então vieram mettel-os n'um matadouro? No hospital de sangue os feridos accumulam-se; os moribundos contorcem-se pelas terras centeiras; os mortos levantam para o ceu os olhos parados n'uma supplica derradeira e suprema.

A tropa fandanga encolhe-se atraz dos pinheiraes das paredes, das penedias. Paiva Couceiro olha ainda o ponto fixo, mas o seu rosto contrabido, os seus olhos apagados, denunciam a sua agonia.

O official de artilharia, que dirige o fogo das duas peças, e a quem a derrota já certa enlouquece, manifesta o proposito de despejar sobre a villa um montão de granadas incendiarias. Couceiro oppõe-se. Conta-se, mesmo, que para impedir a realisação de tal proposito, atirou com o cavallo para a frente das peças.

Estava tudo perdido. Paiva Couceiro ordena a retirada.

A retirada faz-se tranquillamente. Couceiro não se póde queixar da perseguição das tropas republicanas. E' á noite, sob as mesmas arvores presagas, ouvindo o gemer dos feridos, as coleras da turba-multa vencida, Paiva Couceiro procurá aquelle sitio ermo, em que possa chorar todas as suas illusões desfeitas em poeira e sangue. Ali, se terá revoltado silenciosamente contra os cumplices que faltaram, contra a cobardia d'aquelles que o cercaram de incitações e de promessas e que ficaram detraz das janellas a verem desfilar o curso dos acontecimentos.

Acaso, n'esse instante, Couceiro perguntaria a si proprio se, em vez do paladino nun'alvaresco que queria ser, não estaria apenas desempenhando o papel do cavalleiro da triste figura? e acaso, vendo passar junto dos seus pés a fronteira hespanhola, perguntaria a si proprio se não estava sendo instrumento da ambição castelhana e se promovendo a desordem na sua Patria a Historia lhe não applicaria na face o ferrete de traidor...

Antonio Granja

Leiam-se os artigos publicados nos dias 22, 26, 27, 30, 31 d'agosto, 1, 7 e 10 de setembro.

O general Inverno

Não é apenas sob o ponto de vista meramente especulativo que se torna interessante a comparação das datas do movimento offensivo que actualmente os allemães fazem na Russia com o do movimento do grande exercito em 1812, porque, apesar dos progressos realisados nos meios de locomoção, ha um factor que se conserva immutavel: é o general Inverno.

Por emquanto, a Russia não está cortada de tantas vias ferreas que tres ou quatro milhões d'invasores avançando atravez das suas infindas planicies, não encontrem para se reabastecer, principalmente de munições, as mesmas difficuldades que embaraçaram os quatrocentos ou quinhentos mil homens que Napoleão levara comsigo.

Além das duas grandes vias, a de Petrogrado e a de Moscow, todas as outras estradas, destruidas pelas chuvas ou obstruidas pela neve, são incapazes para a circulação de comboios que transportam os viveres e obuzes necessarios aos exercitos.

* * *

Napoleão deixou Paris a 9 de maio; a 12 de junho estava em Koenisberg, e a 23 na margem do Niemen. A 25 atravessava o rio em Kovno, e tres dias depois entrou em Vilna. Os russos que procuravam desvencilhar-se-lhe na frente, recolhendo para o interior.

Ao approximar-se de Witebsk, a 27 de julho, Napoleão julgou que, finalmente, iria defrontar-se com os russos como anciosamente desejava, pois que os soldados de Barclay de Tolly tinham tomado posição á frente da cidade. Uma viva escaramuça se travou entre a vanguarda franceza e relaguarda russa; no dia seguinte, o exercito do czar tinha des-

apparecido e a cidade estava deserta.

Napoleão continuou a sua marcha para a frente, mas os soldados começavam a sentir-se desgostosos com aquella perseguição que nunca chegava a alcançar o perseguido, com aquelles interminaveis marchas atravez de revezes monotonamente desolados.

Agitados por uma vaga inquietação, marchavam atravez da morna uniformidade das vastas e silenciosas florestas de verdenegros pinheiros—conta Philippe de Ségur. Arrastavam-se ao longo d'aquellas altas arvores de troncos nus até aos cimos, e fazia-lhes pavor o reconhecerem a sua fraqueza no meio de aquella esmagadora immensidade; occorriam-lhes ideias sinistras e phantasticas, e, empolgados por um secreto terror, hesitavam em internarem-se mais por aquellas immensas solidões.

Comprehendendo o perigo da situação, o imperador teve um momento de indecisão; lembrava-se da triste aventura de Carlos XII, uns cem annos atraz, e a si proprio promettia não imitar a loucura do rei da Suecia, penetrando na Russia para ir fazer-se derrotar em Pultawa. Mas parar seria confessar que falhava o seu intento; voltar para traz equivaleria a proclamar a sua derrota. E, no emtanto, era o unico partido a tomar. Não foi assaz prudente para adoptal-o; duas semanas depois de ter entrado em Witebsk, sahia, continuando a sua marcha para o interior.

Dir-se-hia que o inimigo, esquivando-se o attrahia.

A 17 d'agosto chegou Napoleão a Smolensko; é ainda Barclay de Tolly que ali o vae encontrar com 120.000 homens. «Finalmente, apanhei-os!»—pensou o imperador. Mais uma desillusão; o inimigo continuou a retirar.

De novo recomeça a perseguição, mas n'esta marcha perdeu o exercito francez grande parte dos seus effectivos; teve que ir deixando corpos d'exercito pelo caminho para deterem os varios exercitos russos e guardarem as linhas de communicação. N'esta altura o imperador não levava comsigo mais de 155.000 homens.

Vae ter agora a satisfação de ferir a anciada batalha; o czar confiou o commando do exercito que cobre Moscow a Kutusou a um velho general que não é partidario da tactica que permittiu a Barclay de Tolly alcançar tão bellos resultados. A 7 de setembro, teve logar o combate, em Borodino, proximo da ribeira de Moscova, e os russos, vencidos, porém não esmagados, ainda uma vez retiraram ordenadamente para irem reformar-se mais além.

A 14 de setembro entrava Napoleão em Moscow.

Embalava-se com a idéa de que a tomada da Cidade Santa levaria o czar a propôr-lhe a paz, e esperava confiadamente. Mas a proposta não chegava.

Decidiu-se a enviar o general Lauriston: não poude passar além dos postos avançados. Entretanto, chegava o outomno e com elle a chuva e o frio; a neve começava a cahir...

Já não se póde hesitar mais, e o imperador ordena a retirada; a 19 d'outubro, as reclas do Grande Exercito põem-se em marcha, mas d'esta vez é para percorrer em sentido inverso o caminho que o levara ao centro do imperio russo.

Em breve o frio torna-se horroroso. «A atmosphera estava immovel e muda, diz Ségur, parecia que todo o movimento, toda a vida da natureza, o proprio vento fôra paralysado, como que gelado pela morte universal». O thermometro marcava 20 graus abaixo de 0.

O general Inverno vencera os bravos que até então não conheciam a derrota...

O general Inverno vae voltar de aqui a cinco a seis semanas.

Circo no Colyseu

Algumas attracções de sensação

O «clou» da primeira estreia da companhia de circo no Colyseu dos Recreios a 25 do corrente, deve ser, indubitavelmente, a grandiosa e sensacional novidade dos leões de George Marck, apresentados em mimodrama em 2 partes «Vingança de Feras». Mas, além d'este grandioso successo, o maior da actualidade, serão vistas tambem no Colyseu as principaes celebridades: «Irmãs Pallescre», bispas gymnastas; «Troupe Tiridde», acrobatas; «Mello Mariska», com o seu cão transmissor do pensamento; «Trio Ontolo», acrobatas excentricos; «Os Moulder», equilibristas; «Baldos», athleta equilibrista, e os principaes clowns do mundo: — Antonet e Walter, Rico e Alex, Tomiloff e Tony Grix.

Collegio recommendavel

O collegio installado na rua de S. Bento, 181, 1.°, dirigido por senhoras da maior competencia e respeitabilidade e onde as creanças são tratadas com o maior carinho, reabriu já os seus cursos de primeiras lettras e instrucção primaria. Os resultados alcançados em todos os annos são eloquente testemunho da fórma como o ensino é ali ministrado.

NA FABRICA DE GUANO

Desabamento de um edificio de trez andares

Dois homens mortos

O desastre occorrido esta manhã n'uma das dependencias da fabrica de guano da rua da Fabrica da Polvora tem as suas origens remotas no desleixo com que n'este paiz se fiscalisam as construcções e a causa proxima na ignorancia com que varios rendeiros modificam a seu bel-prazer as habitações que lhes confiam.

A fabrica de guano, pertencente á sr.ª D. Maria da Annunciação Pereira Lima, com escriptorio na rua dos Douradores, 150, 1.°, fica situada quasi ao fim da rua da Fabrica da Polvora, junto á moagem da ribeira de Alcantara, d'onde se avistam os logarejos do Casal Ventoso de Cima e de Baixo, a rua Maria Pia, a Meia Laranja, e ao longe, á direita, o agglomerado dos Sete Moinhos, logarejo alpendurado n'um serro improductivo.

Para se ir para a fabrica sóbe-se uma rampa ingreme, que vae gradualmente ascendendo até á altura de 12 metros aguentada por um muro velho e ameaçando ruina.

A casa onde se deu o desastre fica ao fim d'esta ladeira, tendo rez-do-chão e trez andares para o lado da rua da Fabrica da Polvora, e ficando o 3.° andar á altura do barracão que serve de deposito de guano e cinzas e como que uma continuação d'este.

Cada andar tem cinco janellas de frente, estando o rez-do-chão, 1.° e 2.° andares arrendados a Manuel Rodrigues, o «Minhocas» que mora no predio a seguir, n.° 73, e que d'elles fazia respectivamente deposito de cinzas para adubos e palheiro.

O 3.° andar pertencia á fabrica e servia de deposito do peixe preparado para a industria da fabrica.

Segundo a opinião dos technicos, este edificio devia ter sido primitivamente de um só andar, sendo os restantes feitos posteriormente. Do 2.° para o 3.° havia uma abobadilha assente sobre grossos vigamentos de ferro que assentavam apenas em enchimentos de tijolos. Parece inverosimil tal facto, mas é a expressão da verdade.

Hoje de manhã, trabalhavam junto ao 3.° pavimento os trabalhadores da fabrica de guano Ricardo José de Mello e seu filho Arthur Ricardo, e no rez-do-chão crivando pó os operarios Guilherme dos Santos, Manuel Camellos, Primo Leitão e Antonio Alves.

E' preciso dizer-se que o «Minhocas» mandou ha tres mezes cortar metade do soalho do primeiro andar para fazer um palheiro aberto com communicação para sua casa por uma porta aberta na rocha, o que mais enfraqueceu as paredes internas do edificio.

A's dez e meia de hoje, quando o Guilherme dos Santos, homem de perto de sessenta annos e com oito de casa estava no interior do rez-do-chão crivando pó com o seu companheiro Manuel Camellos, o fecho da abobada do terceiro andar, não aguentando o peso do adubo, estoirou, arrastando o pesado vigamento que com grande estrondo se precipitou até ao rez-do-chão, enchendo o barracão da fabrica e as ruas proximas de nuvens suffocantes de poeira e deixando sob uma alluvião de escombros com mais de cinco metros de altura os dois trabalhadores. Só ficou de pé o telhado. As paredes da frente e lado direito racharam em varios sitios e um dos enormes pilares de tijolo que aguentava o telhado do lado do barracão precipitou-se tambem para o rez-do-chão.

O Ricardo e o filho salvaram-se a custo, cahindo ainda, mas felizmente para o lado de cima; e os dois restantes trabalhadores, no rez-do-chão, que estavam junto á porta da rua puderam felizmente escapar-se, fugindo, espavoridos.

O pavor e a afflicção dos primeiros momentos são indiscriptiveis. Prevenidos telephonicamente os bombeiros, compareceram immediatamente pessoal e material dos quarteis 1 e 6, voluntarios da avenida Duque de Loulé e carros de prompto soccorro, e mais tarde a escada magyrus da estação d'Alcantara, começando os trabalhos sob as ordens do chefe Ribeiro, da 1.ª divisão, e dos chefes de secção Marcellino e Rocha.

Como as paredes não offereciam segurança, o chefe Ribeiro ordenou que se fizessem primeiramente varias ligações e espias e começando os trabalhos de desentulho depois.

Provavelmente só muito tarde ou amanhã os cadaveres poderão ser retirados. Pela rua da Fabrica da Polvora, d'aquelle sitio em deante, ficou interrompido o transito de vehiculos.

Compareceu tambem o sr. dr. Magro, medico interino dos bombeiros, sendo para lastimar que a corporação dos bombeiros municipaes não tenha ainda ambulancia, o que inutilisa por completo a presença do facultativo.

Em toda a rua da Fabrica da Polvora o cheiro vindo da ribeira, a descoberto, é nauseabundo e insupportavel. O caso foi o assumpto do dia em Alcantara, todos verberando a incuria das fiscalisações urbanas.

INDUSTRIA CORTICEIRA

O Armazem Geral Industrial de Evora

O seu movimento—Uma tentativa que devia fazer-se

O sr. Francisco Maria Nunes, chefe do armazem geral industrial de Evora, responde á pergunta que lhe dirigimos sobre se ali se teem effectuado muitos depositos.

—Não tantos como ao principio se suppoz, visto que, tendo sido calculada em duzentos mil escudos a quantia que seria necessario levantar na Caixa Geral de Depositos, até agora só aqui deram entrada productos no valor de trinta mil.

«Deve-se isso ao facto da crise corticeira se não ter manifestado com a intensidade que se previa. A exportação em prancha, rolhas e aparas ou desperdicios tem continuado regularmente, excepto uma ou outra interrupção de somenos importancia.

—Quanto se abona aos industriaes sobre os productos depositados?

—Cincoenta por cento, o que elles acham pouco. Concordamos com essa opinião e entendemos que se podiam e deviam abonar 75 por cento sobre o valor da mercadoria depositada, quando ella se fizesse em regimen mercantil, isto é, auctorisando o armazem a vendel-a, de commum accordo com o depositario.

—E o Armazem póde fazer taes transacções?

—Pela sua lei organica, tem essa faculdade, e se se não tem feito é porque os industriaes corticeiros não comprehenderam ainda bem a latitude commercial do Armazem Geral Industrial.

—Onde se effectuam os depositos?

—A principio fizeram-se no Armazem, mas como havia certas insufficiencias resolveu-se, e foi auctorisado por uma portaria, que os depositos se fizessem nas fabricas, em armazens sellados.

—As medidas tomadas teem contribuido para debellar a crise corticeira?

—Não, senhor. A crise continua latente e só terminará, na minha opinião, depois de acabar a guerra.

—Falou-se na creação de uma fabrica de manipulação por conta do Estado. Que póde dizer-me a tal respeito?

—Aventou-se, é facto, essa idéa, mas entendeu-se que tal iniciativa devia pertencer ao municipio, a fim de não levantar attrictos ao governo, visto que outros centros corticeiros em egualdade de circumstancias podiam reclamar identica regalia.

«Um industrial corticeiro, o sr. Manuel Marques, presta-se a caucionar com a sua fortuna, que orça por quatorze ou quinze contos, a importancia que o governo ou a camara municipal abonem para tal fim. Na minha opinião esse offerecimento devia ser acceite.

«Entendo, apesar de não ser um technico em questões corticeiras, que a experiencia se devia tentar.

O governo podia servir-se dos nossos agentes consulares ou commerciaes para vender, por seu intermedio, as mercadorias produzidas na fabrica directamente no estrangeiro.

—Teria isso todas as vantagens e uma tambem muito importante—a de abrir caminho aos industriaes corticeiros — ao mesmo tempo que havia o estimulo, o que contribuiria para a perfeição do fabrico. E com a cortiça que temos, que é considerada a melhor do mundo, veja o que se não podia fazer.

A agitação politica e o operariado

O que a tal respeito pensa um antigo operario

O sr. Matheus Ruivo, nosso collaborador, é um antigo operario que segue attentamente a vida collectiva dos seus companheiros de outr'ora, em cuja convivencia se compraz. Quizemos ouvir da sua bocca o que se pensa nos meios operarios ácerca do momento politico e da agitação que se pretende estabelecer. A resposta que nos deu e que passamos a reproduzir mostra como são anthipaticos á população operaria os manejos que se fazem em torno das instituições e sem receio de os prejudicar na sua estabilidade. Disse-nos o sr. Matheus Ruivo:

—As perturbações de ordem publica trazem como consequencia uma paralisação da actividade nacional e o descredito no estrangeiro. Os operarios devem afastar-se de tudo o que constitua um motivo de desordem e alteração de paz interna. E' esta a minha opinião individual. Collectivamente o que se pensa ahi entre os operarios? Como sabe, o assumpto não póde ser abordado pelas associações de classe por lhes ser vedado pela letra dos seus estatutos interferir na politica, mas posso affirmar, sem receio de ser desmentido, que os operarios occupam-se tão sómente n'este momento da questão das subsistencias.

—Em resumo, crê que os operarios não interveem em qualquer alteração de ordem publica de caracter politico?

—Assim penso; não teem elles interesses directos em o fazer, pois só colheriam dissabores e nada mais, desde que se prestassem a ser instrumento nas mãos de politicos.

Os operarios não devem intrometter-se em agitações politicas; a sua acção deve ser de caracter economico e, quando pensem em fazer politica, sirvam apenas os seus ideaes de emancipação social.

Organizar as hostes proletarias e tornal-as conscientes dos seus direitos e dos seus deveres é a tarefa que se impõe aos *leaders* das massas proletarias.

—Mas se n'uma perturbação politica os operarios forem arrastados pela marcha dos acontecimentos?

—Creio que o seu firme proposito é alhearem-se, como já disse, de tudo o que assuma um caracter de agitação politica, mas n'um caso extremo defenderão com ardor os que maiores affinidades tiverem com elles e melhor garantam a satisfação dos seus ideaes. Supponho não errar, dizendo que pensam assim, na sua generalidade, os operarios, não havendo, portanto, receios de que elles collaborem—e não ser em um ou outro caso isolado—em aventuras politicas.

D. ALICE MODERNO

Uma ligeira palestra com a illustre escriptora

De como se fala dos Açores como ponto de turismo e como baluarte republicano

Ha alguns dias que se encontra em Lisboa a sr.ª D. Alice Moderno, que na ilha de S. Miguel, nos Açores, onde reside ha muitos annos, tem vindo produzindo a obra litteraria que a consagrou como uma das nossas escriptoras mais illustres.

Escrevendo com tanta felicidade o artigo para um jornal ou um soneto, a nossa hospede é a um tempo a artista de algumas das mais lindas estrophes que se teem escripto na nossa terra, encerradas n'esses elegantes volumes que se chamam os *Trillos*, os *Martyres do amor* e os *Versos da Mocidade*, e a jornalista de espirito culto e interessantemente facetado a que a nossa imprensa diaria deve columnas cheias de ponderação e de brilho.

— Duas palavras sobre os Açores, minha senhora,—dissemos-lhe quasi á queima-roupa, depois de lhe termos apresentado os nossos cumprimentos de boas vindas.

—Ha tanto que dizer sobre o nosso lindissimo archipelago que o seu pedido deixa-me confusa. Os seus panoramas eternamente floridos; os seus jardins singulares e deslumbrantes, vestidos á luz exuberante d'aquella atmosphera tropical, o luar verde como uma immensa esmeralda, que abraça as ilhas em impetos de leão ou n'uma calma cheia de doçura, tudo isto é uma biblia de belleza inexcedivel para lh'a poder dizer nas duas palavras que me pede...

Ao proferir estas palavras, um sorriso indefinivel assoma á phisionomia quasi sempre grave da nossa entrevistada.

—Mas falemos dos progressos materiaes dos Açores—acudimos immediatamente.

—E', sobretudo, de S. Miguel que lhe poderei falar mais detidamente, porque é n'essa ilha que resido ha mais de trinta annos. Não ha duvida que S. Miguel tem progredido principalmente nos ultimos annos. N'aquellas ruas banhadas de luz, envoltas n'uma perenne atmosphera de alegria que convida a viver, edificam-se constantemente predios de uma solida e elegante construcção, imprimindo-se á cidade esse aspecto moderno que ha poucos annos ainda lhe faltava.

Faltam-lhe, no emtanto, hoteis, se não luxuosos, ao menos com commodidades que nos não envergonhassem aos olhos dos estrangeiros que são forçados a visitar-nos. E digo *forçados*, porque, como sabe, longe está ainda a nossa graciosa ilha de merecer as honras de ser tratada como um ponto de turismo, como as bellezas pittorescas, que n'ella se desfructam o estão naturalmente a indicar... Quer um exemplo? *As Sete Cidades* são uma das mais lindas paisagens que se podem admirar em Portugal, e, talvez, no mundo inteiro. Pois bem, para se chegar a essa maravilha, só comparavel aos mais afamados trechos da Suissa, temos de nos servir de estradas esburacadas, com pedaços verdadeiramente perigosos que se levantam ante nós quasi como barreiras.

Os automoveis não lhes vencem as difficuldades e as carruagens só as transpõem até um certo ponto, quando guiadas por cocheiros muito experientes.

— S. Miguel tem soffrido muito com a crise motivada pela conflagração europeia?

—Sim, muito. Os nossos ananazes, que constituem uma das primeiras, se não a primeira riqueza regional, esperam tristemente, dentro das suas estufas de cristal, que chegue o momento da paz, da tranquillidade universal. A exportação está quasi paralisada e os que se vendem não teem preços remuneradores.

—Fale-me agora das crenças politicas dos açoreanos. Pisando-se o archipelago tem-se a impressão de que a Republica já está implantada nos Açores?

—Evidentemente. A [illegible] republicana nos Açores é indiscutivel, havendo apenas uma diminuta parcella de monarchicos e esse pequeno numero mesmo inoffensivo, sem vontade alguma de se aventurar n'um campo pratico. Não podia deixar de ser o archipelago açoreano republicano, mesmo que nenhuma propaganda o tivesse guiado para esse credo politico. Foi das plagas açoreanas que partiram, cheios de enthusiasmo e de fé, os sete mil e quinhentos bravos que desembarcaram no Mindello, dando ao paiz inteiro, então dominado pelo absolutismo, o regimen constitucional.

—Como correram as eleições?

—Os esforços de Pimenta de Castro e de Machado dos Santos, secundados pelos monarchicos e os de outros elementos partidarios, foram infructiferos e a victoria dos democraticos obteve-se em toda a linha. Devo accrescentar que para se conseguir essa victoria contribuiu a propaganda feita por alguns jornalistas, entre os quaes D. Maria Evelina de Sousa, directora da *Revista Pedagogica*, que expendeu um esforço infatigavel, já redigindo manifestos, já escrevendo artigos de fé republicana, para que este triumpho se assignalasse, como, de resto, estava no espirito e na alma popular.

ULTIMA HORA

Os boatos desapparecem

após a demonstração republicana feita hontem

Palavras do sr. ministro do interior

A cidade retomou hoje o seu aspecto normal. Feita a demonstração republicana da tarde e da noite de hontem, os boatos quasi inteiramente desappareceram.

Procurámos o sr. ministro do interior esta tarde no seu gabinete, para que s. ex.ª nos dissesse meia duzia de palavras sobre a situação.

—Pouco posso dizer-lhe — respondeu-nos o sr. dr. Ferreira da Silva. Todos sabem que o socego é completo no paiz, não se tendo dado a mais pequena alteração da ordem, apesar dos boatos insistentes que correram. Estou convencido que elles são tendenciosamente espalhados por individuos que teem interesse em alarmar o espirito publico. Haja o que houver, porém, o que posso garantir-lhe é que o governo possue todos os meios necessarios para assegurar a ordem. E' esse o seu dever—e cumpril-o-ha. Conta com a lealdade e o apoio das auctoridades e da força armada, como tem a seu lado a dedicação, inabalavel e patriotica, do povo republicano.

* * *

Esta noite, ás duas horas, os navios da divisão naval, proseguindo os seus exercicios, entraram dentro do Tejo. Uma hora depois formavam uma linha desde o Beato até Oeiras, com os projectores accesos. Pela madrugada voltaram a estacionar em Cascaes. E' natural que todas as noites entre um navio da divisão no Tejo.

O sr. Leotte do Rego, commandante da divisão naval, conferenciou esta tarde com o sr. presidente do ministerio. Tambem estiveram em conferencia com o chefe do governo todos os ministros e o sr. governador civil de Lisboa.

Varios chefes de grupos civis procuraram hoje o sr. ministro do interior, a fim de protestarem contra os tendenciosos boatos que correram hontem attribuindo aos revolucionarios civis o projecto de assalto aos ministerios.

A grande guerra

As operações no theatro occidental

PARIS, 17. — Communicação official das 15 horas:

Em Artois entre Angres e Souchez e ao sul de Arras, as nossas baterias, em resposta ao fogo inimigo, canhonearam violentamente as suas obras de fortificação e os seus acantonamentos. Entre o Somme e o Aisne tem havido fuzilaria de trincheira para trincheira assim como uma certa actividade da artilharia allemã de grosso calibre, á qual respondemos energicamente. Na região de Sapigneul entre o Aisne e Argonne a lucta de artilharia e de bombas proseguiu durante parte da noite. No resto da linha nada decorreu digno de registo.—(Havas).

O caso Sotto-Mayor

Irmão contra irmão

Está de pé a carta do sr. João de Sotto Mayor e não resta duvida sobre o suicidio

Os «Echos do Minho» publicaram esta manhã a seguinte carta, verdadeiramente penosa:

Meu... amigo:

Não posso, nem mesmo está no meu animo, accusar sem provas; comtudo, por todos os motivos, e principalmente por aquelles que o publico não conhece mas que, se tanto se tornar necessario, trarei á luz da imprensa:—acho inaudito o gesto «espontaneo» do meu irmão João Sotto-Mayor, «offerecendo» o seu testemunho como garantia do suicidio do infeliz Miguel!

Que elle viesse affirmar o que viu, «quando a isso fosse obrigado», não teria eu motivo para escrever esta carta; mas ser elle, o irmão querido do desventurado morto, que hoje arma em cavalleiro para, de lança em riste, sahir a campo a emporcalhar a memoria do catholico Miguel que, além d'um crente, era tambem um caracter impolluto e portador d'um coração que sabia abrigar, no mais requintado grau, sentimentos affectivos, eis o facto que eu unicamente verbero com toda a indignação da minha alma, embora haja de arcar com as iras de quem quer que seja, gregos ou troyanos!

Fui sempre um adversario politico do pobre Miguel; mas nunca deixei de ser seu irmão e, como tal, cumpre-me honrar-lhe a memoria.

Por hoje, meu caro amigo, este protesto sómente; e se alguem achar que mereço recriminações, que m'as faça com desassombro que eu saberei defender-me...

Pela publicação da presente carta, escripta sem reservados intuitos, muito penhorará o

De V...

S/C. Gondizalves, 15-IX-915

Gaspar Velho Sotto-Mayor

O sr. Gaspar Sotto Mayor não destroe nenhum dos factos apontados por seu irmão João e todavia commenta em termos de aspera censura o seu procedimento!

O que veiu declarar á imprensa o sr. João de Sotto Mayor?

Que o seu irmão Miguel não occultava idéas de suicidio; que era de opinião que a melhor fórma de alguem se suicidar consistia em disparar um tiro no céu da bocca; que mettera na algibeira, ao ser preso, a sua pistola; que assistiu á autopsia e tivera ensejo de verificar que elle se matára pelo processo que reputava mais efficaz.

O sr. Gaspar de Sotto-Mayor nada d'isto nega e, no emtanto, accusa seu irmão João de emporcalhar a memoria do morto...

E' simplesmente phantastico!

Mas o sr. Gaspar de Sotto Mayor entende, porém, que seu irmão podia ter dito a verdade... mas apenas se a isso fôsse obrigado... Quer dizer que o sr. João de Sotto Mayor, para honrar a memoria do irmão fallecido, devia ter deixado correr a lenda de que o haviam assassinado os carbonarios de Braga!

Os «Echos do Minho» publicam tambem o auto da autopsia de Miguel de Sotto Mayor e que apenas confirma o que já é sabido. Basta reproduzir a seguinte passagem:

«Conclusão: O autopsiado Miguel da Cunha Velho Sotto Mayor, foi attingido por um tiro de pistola disparado na bocca a queima-roupa, tendo penetrado a bala pela abobada palatina, perfurando a massa cerebral, indo fracturar o parietal esquerdo, que não conseguiu já atravessar, regressando á massa cerebral onde se alojou, e seguindo n'este percurso uma trajectoria de baixo para cima levemente obliquada para a esquerda e para traz. As feridas produzidas por esta bala foram a causa da morte que deve ter sido instantanea. Que nada mais tinham a declarar.»

Não nos admiraremos se virmos amanhã transcripta em qualquer jornal, que resumia as outras cartas, a publicada agora pelo sr. Gaspar de Sotto Mayor...

O armamento do "Santa Ursula"

Declarações do sub-director da Alfandega

Do navio allemão «Santa Ursula» estava saindo toda a carga para o transporte de guerra chileno «Rancagua», transformado em navio mercante, e que veiu para o nosso porto consignado á casa Henri Burnay. Tudo corria ás mil maravilhas e parte da carga do «Santa Ursula» havia sido já transportada em fragatas para o «Rancagua» quando o pessoal alfandegario que assistia á mudança reparou mais attentamente n'uns caixotes dos que usualmente conteem armamento. Interrogado o capitão do barco germanico, este confirmou a suspeita; a directoria da alfandega foi immediatamente prevenida do caso e os caixotes voltaram de novo do bojo das fragatas para o convez do «Santa Ursula».

Ora, para que pudessemos dizer em que pé estava hoje a questão, dirigimo-nos á alfandega onde o sr. Antonio Manuel Paulo, sub-director, nos recebeu e nos disse:

—Vem por causa do «Santa Ursula», não é verdade? E' ainda uma questão a esclarecer. Hoje, ás 15 horas, tive uma conferencia com o sr. presidente do ministerio a quem referi as diligencias havidas e que se resumem n'isto: interrogados os agentes do navio, estes declararam que as doze caixas retidas conteem apenas armas de caça e cartuxame vasio tambem para caça. O resto da carga consta de ferro, chumbo e caixas com solda. As caixas suspeitas devem ser abertas amanhã a pedido dos proprios agentes e na minha presença. Dei as mais rigorosas ordens de fiscalisação ao pessoal que tenho a bordo para que d'ali não saia qualquer volume que se lhes torne suspeito. E aqui está tudo quanto lhe posso dizer sobre o «Santa Ursula».

Pela nossa parte apenas accrescentaremos que o consul geral do Chile em Lisboa é o sr. Weinstein, capitalista allemão, de maior preponderancia em Portugal.

ECHOS & NOTICIAS

INFORMAÇÕES—COMMUNICADOS

NOTAS MUNDANAS

Consorciaram-se na Covilhã a sr.ª D. Elisa Marques Mousinho e o sr. Manuel das Neves Barata, de Coimbra. Foram padrinhos, por parte da noiva, sua tia a sr.ª D. Piedade Marques Martins de Carvalho, e o sr. Antonio Franco, e por parte do noivo, seu irmão sr. Christiano Barata e sua esposa.

A ceremonia civil effectuou-se em casa da noiva e a religiosa na egreja matriz da freguezia de S. Pedro, que estava vistosamente engalanada. Terminada esta, houve um magnifico copo d'agua, esmeradamente servido, que correu animadissimo, sendo os noivos muito brindados por todos os convidados, entre os quaes se viam algumas familias do Porto e Coimbra. Os noivos partiram para o Bussaco de automovel.

—Parte amanhã para a Fel. Alta (Vizeu) o sr. Correia da Costa.

—Partiu para Castello Branco o sr. Antonio Pinto Teixeira, governador d'aquelle districto.

—A sr.ª D. Alice Moderno será recebida amanhã, pelas 2 horas da tarde, pelo sr. presidente da Republica.

A ESTREIA D'UM MAESTRO

E' no Salão de Festas dos Recreios Desportivos da Amadora que se realisa no proximo domingo o grande concerto symphonico, para estreia do maestro Accacio dos Santos.

O programma é o seguinte: Primeira parte: pela Grande Orchestra Symphonica: «Si j'etais roi», ouverture, Adam; «Morte de Ase», «Dança de Anitra», Grieg; «Lohengrin», preludio do 3.° acto, Wagner. Segunda parte—Concerto de canto: «Rigoletto», quartetto do 4.° acto, Verdi, pelo soprano dramatico D. Elvira de Sousa, mezzo-soprano D. Celia Verdier, tenor Antonio Garcia e baritono Antonio Caldeira; «Aïda», dueto final do 3.° acto, Verdi, pelo soprano dramatico D. Elvira de Sousa e tenor Antonio Garcia; «Bohème», quartetto do 3.° acto, Puccini, pelos sopranos D. Elvira de Sousa e D. Celia Verdier, tenor Antonio Garcia e baritono Caldeira. Terceira parte—Pela Grande Orchestra Symphonica: «Guilherme Tell», simphonia, Rossini; «Chanson du Printemps», romance sans parole, Mendelssohn; «Marcha Hungara», Berlioz.

Por especial deferencia para com o seu discipulo, Accacio Santos toma parte no concerto, executando o difficillimo solo de violoncello do «Guilherme Tell» o professor José Henriques dos Santos.

DESPORTOS DE BEMFICA

Foi a seguinte a assistencia á festa de hontem nos Desportos de Bemfica por occasião da inauguração do novo [illegible] de patinagem:

D. Ignez Machado, D. Maria Valladas, D. Alice Benard Guedes, D. Elisa Frantier Martins, D. Maria Isabel do Passo, D. Maria Eugenia Ferreira, D. Maria Augusta Almeida, D. Maria Caetana Pereira, D. Maria Eufrasia Neves, D. Rosa Araujo Santos Moreira, D.ª Esther Rosa Leite, Rogerio Fulcher, João Mattos, Augusto Monteiro, José Vasconcellos, Renato d'Andrade, Francisco Leal, Severino Freire, Antonio Adão, Manuel Correia, Manuel Passo, Alfredo Dantas, Alberto Mattos, Antonio Pinheiro, Oliveira Leone e familia, José Torquato Rosa, José Joaquim Rosa e familia, familia Passos e Raposo, Adolpho Silva e esposa, Armando Costa, José Alexandre Soares e familia, Estanislau de Barros, João Antonio de Figueiredo e familia, José Soares Guedes e familia, Casimiro Nogueira Freire, José Luiz C. Amaral, Rogerio Pancada, Francisco Ribeiro, Rogerio P. Marques, O. Pinto, Samuel d'Almeida, José Tello e Sousa, Antonio Cardoso de Sousa e Arthur Brito.

O serviço de saude foi feito [illegible], dr. Frenchel Canedo, José d'Oliveira, Arthur Flores, José [illegible], D. Alice Ferreira e D. Francisca Ferreira.

Centro Republicano Academico

Reune amanhã a commissão administrativa d'esta collectividade republicana, em sessão extraordinaria, para apreciar uma proposta de alta importancia sobre a nossa situação na guerra actual e a maneira pratica de n'ella tomarmos parte. A séde do Centro continúa a ser no largo do Intendente, 45, 1.°

Faculdade de medicina

Reuniões de alumnos

Pedem-nos a publicação do seguinte: São convidados os alumnos do curso [illegible] moderno—a [illegible] reunião que se realisará [illegible] feira, pelas 11 horas, [illegible] Pombal, largo do [illegible]

Carta da costa

A fim de continuar o levantamento da carta da costa, saiu hoje a barra o aviso «Cinco de Outubro».

NOTAS DIVERSAS

O sr. presidente do ministerio parte hoje no comboio das 21 horas e 55 minutos para Braga, em visita a sua familia, regressando a Lisboa no domingo. Acompanha o sr. dr. José de Castro o sr. Paula [illegible], chefe do gabinete da presidencia.

Com o sr. ministro do interior conferenciaram os governadores civis de Leiria e Castello Branco.

—Com o sr. presidente do ministerio conferenciou hoje o sr. [illegible], ministro da Inglaterra.

—Vae amanhã á assignatura um decreto nomeando commissario de policia no districto de Castello Branco o actual administrador Manuel do Espirito Santo Lopes Gonçalves.

PEQUENAS NOTICIAS

Na Baixa, por desrespeitar a tabella de preços, foi hoje presa a peixeira Clementina da Silva, moradora no beco do Monete, 42. Levada para o governo civil vendeu o peixe todo por baixo preço aos operarios que ali trabalham e em seguida foi enviada para juizo.

Festas associativas

Na concentração Musical 5 de Outubro ha depois d'amanhã soirée dançante dedicada ás senhoras e abrilhantada por um grupo musical.

PARTE COMMERCIAL

Situação da praça

CAMBIOS.—O mercado fechou ás seguintes cotações:

	Compra	Venda
Londres, cheque.	33 3/16	33 1/16
Londres, 90 d/v	33 3/4	—
Paris, cheque.	67,54	67,[illegible]
Allemanha, cheque	[illegible]	[illegible]
Hollanda, cheque	[illegible]	[illegible]
Madrid, cheque	[illegible]	15[illegible]
New York	[illegible]	[illegible]
Rio, Londres	12 1/4	—
Libras	7[illegible]	7[illegible]
Agio do ouro	43[illegible]	[illegible]

BOLSA — As inscripções [illegible]:

	Assent.	Coup.
Tit. de 1.000$	47,10	50,[illegible]
» » 500$	—	50,[illegible]
» » 100$	—	[illegible]

Externa [illegible] 7,138. Acções: Banco de Portugal, 179$[illegible]. Aguas, 90$. Obrigações: Prediaes, 0 0$0 018; Atravez, 90$50; Norte e Leste, [illegible].

SPORT

O concurso para inspector de gymnastica nas escolas primarias

Ouvimos hontem uma opinião sobre este assumpto. E' a do professor do lyceu Pedro Nunes, Oliveira Tavares, que tem dedicado muito tempo e trabalho ás questões de gymnastica.

—«...O que penso sobre a proposta de creação da inspecção de gymnastica—pergunta o meu amigo?

Entendo que a iniciativa do sr. dr. Corvinel Moreira é por todos os motivos digna do maior louvor. A gymnastica nas escolas primarias tem sido até hoje de resultados quasi nullos, não obstante a boa vontade de todos os professores e a comprovada competencia de muitos.

As primeiras idades passam-se sem a menor cultura phisica e d'ahi todos os defeitos, todas as difficuldades que bem conhece quem como nós tem andado a dentro das questões de educação phisica. Na quasi totalidade dos casos, os rapazes vão receber a primeira lição de gymnastica nos lyceus, e outros, a maior parte, na Sociedade Militar Preparatoria, onde só ingressam aos 17 annos.

Entregues a si, dedicam-se a toda a qualidade de «desportos», preferindo quasi sempre aquelles que mais os devem prejudicar. Chegam a homens, e os poucos que podem, eil-os, levados pela ambição de victorias e de applausos, tomando parte em provas sportivas, onde conseguem uns maximos quasi sempre reduzidos e sempre insusceptiveis de augmento, porque, segundo a formula do dr. Thooris, se pelo treino «agudo» conseguem «pôr-se em condição, não teem obtido a «forma» que só se adquire pela gymnastica persistente, methodica e progressiva.

Acho que a creação da inspecção póde beneficiar em muito este estado de coisas.

Nas escolas primarias não ha uma organisação perfeita de gymnastica? Não ha um plano nitidamente estabelecido? Pois bem: dar a organisação que falta, estabelecer o plano de que se carece, será a primeira missão do inspector ou, digamos melhor, do director da gymnastica primaria. Feito isso, melhor do que ninguem, com mais ardor do que qualquer outra pessoa, elle fiscalisará a forma por que se effectiva esse plano que elle architectou, e que tem ligado a sua competencia profissional.

O que penso sobre as bases do concurso?

- Evidentemente, desde que a missão do futuro inspector seja esta, e outra não poderá ser, o concurso tal como está delineado, é insufficiente. Parece-me que, para que o municipio possa ficar com tantas garantias quantas as que um concurso póde dar, de que ao sacrificio monetario que vae fazer corresponderá um beneficio incontestavel, deveriam as provas ser organisadas por outra forma.

«Assim julgo que deveria haver uma «prova escripta», na qual o candidato expuzesse e fundamentasse o plano de ensino que entendesse como conveniente estabelecer, relacionando-o com as condições economicas do municipio, do recollividade do meio e com a organica de instrucção primaria.

Esta prova deveria ser apresentada previamente, e da sua acceitação ou recusa, sempre fundamentada, resultaria a admissão ou eliminação do candidato ás restantes provas.

Seria optimo mesmo que esta prova, fôsse discutida entre o jury e o candidato, que assim poderia detalhar o seu pensamento e acclarar pontos, que n'uma exposição escripta, frequentes vezes ficam obscuros.

Seguidamente, teria logar uma «prova pratica», de regencia d'uma classe, de execução de observações anthropometricas, acompanhada da «exposição verbal» da mechanica dos differentes exercicios, da sua razão de ser, da constituição da lição, etc., de todas as indicações, emfim, que o jury entendesse necessarias para se assegurar da competencia do concorrente.

«E assim, se outra coisa se não conseguisse, julgo que pelo menos se respeitaria o «Primo non nocere» dos medicos...»

Nota do dia

Uma festa de homenagem

O Club Naval, que não se tem poupado a esforços para que todas as suas festas sejam revestidas do maior brilhantismo, vae fechar a sua temporada com um festival de remo, por occasião da disputa da taça «5 de Outubro».

A iniciativa parte da secção de Remo, de que é presidente Jorge Ferro e vice-presidente José da Cruz Motta Junior, que serão auxiliados pelos timoneiros do Club, Antonio Gomes Barbosa, Arthur Consolado, Joaquim Mil-Homens, Augusto e Antonio Neuparth Vieira, Henrique Telles, Guilherme Fonseca, Mario França e Augusto Vieira. A festa que se realisa no dia 10 de outubro é dedicada a D. José de Noronha, o dedicado e incansavel presidente do Club Naval de quem elle é o mais prestimoso amigo. A homenagem que se presta ao presidente d'este club é a mais justa que se tem feito, pois é filha d'um amor que todos votam ao nobre presidente D. José de Noronha, pelas suas excelsas qualidades de caracter que o distinguem e o tornam querido de todos os socios do club.

O programma consta de corrida de «pair-oars», corrida de 6 remos, parada de remos em que o Club Naval põe todos os seus barcos na agua, devidamente tripulados, os quaes, depois de passarem em continencia ao homenageado seguirão em passeio até ao Club.

A' noite, n'um dos melhores restaurantes da Baixa, realisar-se-ha um jantar cuja inscripção está aberta desde já na séde do Club Naval. Pede-se a comparencia dos timoneiros acima citados, na séde do club, hoje, 17, ás 21 horas.

Noticias

ENTRE NÓS

Desafios de box

Sr. redactor do jornal «A Capital».—Li com grande surpreza no seu mui lido e acreditado jornal a carta do sr. Mink Mac Closkey, desafio de «box», bem como os commentarios que v. se dignou fazer, os quaes peço licença para reputal-os immerecidos, pois ha perto de um mez que o seu jornal publicou um desafio por mim feito a este senhor, o qual ainda se não realisou por falta de emprezario, e não de «crear fama e deitar-se a dormir».

Tenho sempre em mira bater-me com adversarios poderosos, pois não temo derrotas, porque medo é coisa que em mim nunca e por nunca conheci.

Escusado será dizer que acceito o desafio do sr. Mac Closkey bem como qualquer outro, tanto profissional como amador.—*João d'Azevedo.*

Corrida de trinta kilometros do Sport Club Progresso

Fecha amanhã a inscripção para a corrida de 30 kilometros organisada pelo S. C. Progresso, a qual se realisará impreterivelmente no proximo domingo. A inscripção está aberta na U. V. P. e na séde do club organisador, rogando a direcção aos concorrentes a fineza de se munirem desde já com as respectivas guias da União. Os premios para esta prova estão, ha já dias, na rua do Ouro.

Convocações de foot-ball

O capitão geral do Sporting Club de Portugal pede a comparencia do 1.º, 2.º, 3.º e 4.º grupos, ás 15 horas, no domingo proximo, no campo do Lumiar.

Concurso Nacional de tiro

Começam no proximo dia 26 as provas do concurso nacional de tiro, que este anno deve attingir invulgar brilhantismo. Todos os portuguezes são admittidos ao concurso. A carreira está aberta todos os dias, das 7 ás 9 da manhã, para treinos livres, e aos domingos, das 8 ás 10 e das 12 ás 15.

São mais de 200 e de subido valor os premios destinados ao concurso.

Nunca em Portugal se realisou concurso de tanta importancia pelo valor dos premios e pela variedade das provas a realisar.

O Gymkhana na Amadora

São as seguintes as condições da festa athletica e «gymkhana», que no proximo domingo e com extraordinario brilhantismo se realisa nos Recreios da Amadora. Em todas as provas se podem inscrever os socios dos R. D. da Amadora e as senhoras e meninas de suas familias. A inscripção já é de 80 pessoas. Aos vencedores serão entregues lindos e valiosos objectos de arte, offerta dos socios dos R. D. A. e das senhoras e meninas da Amadora, que hontem ascenderam ao numero de 56.

A cada prova serão conferidos 2 premios excepto nas corridas em que entrem senhoras e cavalheiros, que serão conferidos 4 a cada prova.

Todos os concorrentes serão obrigados a acatar as deliberações do jury, que em cada prova explicará as condições em que ella é disputada. Só é permittida a permanencia no «Rink» ao jury e fiscaes, e aos concorrentes de cada prova. A distribuição dos premios será feita n'uma sessão especial que terá logar no Salão de Festas dos Recreios Desportivos, no mesmo dia que se realisar a entrega dos premios do ultimo campeonato de «tennis».

Os premios, que constam de ricos objectos de arte, estão expostos na sala da direcção dos R. D. A.

TOURADAS

Campo Pequeno.—Por occasião das festas commemorativas do anniversario da Republica, realisam-se no Campo Pequeno a 5 e 7 de outubro, duas corridas em que tomam parte os celebres espadas irmãos *Gallitos*.

A empreza está elaborando um programma que deve causar sensação e no qual, entre outros attractivos, figura mais um espada de alternativa, que tem agradado em Lisboa. Opportunamente daremos pormenores ácerca d'estas duas corridas, cuja excellente organisação constitue um verdadeiro acontecimento tauromachico.

Alcochete.—Por motivo das festas civicas que amanhã, domingo e segunda-feira se realisam em Alcochete e constam de arraial, kermesse, bailes populares, concertos musicaes e fogo de artificio, effectuam-se nos dias 19 e 20 duas corridas de touros, de ha muito apartados pelo lavrador do Barreiro sr. Joaquim Miguel dos Santos. Bandarilheiros e forcados são dos melhores de Lisboa e cavalleiros Francisco Bento de Araujo e o amador Antonio Nunes Tario Junior. Na tourada de segunda-feira toma parte Antonio Preto com a sua quadrilha completa de bandarilheiros e picadores.

As touradas serão abrilhantadas pela Banda da Republica (24 de Agosto) e Sociedade Democratica do Aldegallega.

Espectaculos

Cartaz de amanhã

POLITEAMA—A's 20,30 e 22,30—Não desfazendo... (Revista).

EDEN — A's 20,45 e 22,45 — O diabo a quatro. (Revista).

COLISEU DOS RECREIOS—A's 21—Os sinos de Corneville—Cançonetas.

Agenda da semana

AMANHÃ — Coliseu dos Recreios — Festa do Ettore Razzoli — *Os sinos de Corneville*—Novas cançonetas por Fernanda Razzoli.

Noticias

Entre nós

A *Menina do Cinematographo* teve hontem no Coliseu um novo exito, alcançando o positivo da pelicula cinematographica um extraordinario successo. Todos os artistas foram muito applaudidos, especialisando Fernanda Razzoli e Adriano Marchetti.

Hojo *A Corte de Napoleão* em ultima recita de assignatura; amanhã *Os sinos de Corneville*; segunda feira ultima recita da moda com uma *festa* patriotica commemorando o 45.º anniversario da unificação italiana e terça feira, despedida da companhia com a festa artistica do primeiro actor e director Amadeo Granieri.

● A'manhã realisa-se na Avenida a *première* da revista *Coração á larga!* em prologo e 4 quadros assim intitulados: 1.º *Um beijo pede-se e dá-se;* 2.º *Ordem e trabalho;* 3.º *Ver e crer;* 4.º *Supremo beijo,* (apotheose) original de Marçal Vaz, Roldão e Rocha, com musica dos maestros Hugo Vidal e Vasco de Macedo.

O *compère* é feito em *travesti* pela illustre artista Angela Pinto, estando os principaes papeis a cargo dos distinctos artistas Luz Velloso, Justina de Magalhães, Emilia Romo, Fernanda Coutinho, Ilda Stichini, Raphael Marques, Luiz Bravo, Jorge Grave, Humberto Amaral, Abilio Baptista, Alfredo Sousa.

A revista será representada em tres sessões cada noite.

● Entrou em ensaios da recordação no Politeama a comedia *O alferes da flauta*, do que vae, ali, fazer-se *reprise*. O papel creado pelo actor Ignacio Peixoto será desempenhado pelo actor Antonio Sarmento.

● O nome de Moura Cabral volta, na proxima epocha, ao cartaz do Gymnasio. O illustre escriptor concluiu uma comedia original, que será representada n'aquelle theatro, onde, segundo nos consta, se fará, tambem, *reprise* de uma traducção sua: o *Hotel do Livre cambio*.

● Consta que o actor Pato Moniz volta a fazer parte da companhia do Politeama na proxima epocha.

● A nova peça original de Vasco de Mendonça Alves, *Noite de Santo Antonio*, será representada no theatro da Republica.

● Na revista *O diabo que o carregue*, com que abre o theatro Apollo, estreia-se a gentil artista Leticia Bragança.

SALÃO DA TRINDADE—A's 20 e 22—Companhia infantil—Filha da Annica.

ANIMATOGRAPHOS E CONCERTOS—Olympia e Paradis, *matinées* diarias e *soirées* á noite; Central, Chiado Terrasse, Salão Foz, Rocio; Sociedade Promotora de Instrucção, em Alcantara, sessões ás quintas feiras, sabbados e domingos.

CINEMATOGRAPHOS OU ESPECTACULOS VARIADOS—Chantecler, Imperio, Salão Graça, na Caixa Economica Operaria. Variedades, na calçada da Estrella—A's 21,30—O diabo no convento.

AMABILIDADES» TEUTONICAS

Portugal, provincia ingleza

A *Vossische Zeitung*, n'um dos seus numeros de agosto, publica uma curiosa noticia sobre o nosso paiz, subordinada ao titulo: «A provincia ingleza Portugal». Eil-a:

A folha hespanhola *A B C* refere que entre a Inglaterra e Portugal se firmou um tratado, em virtude do qual este ultimo paiz se obriga a fornecer munições á Inglaterra. O ministerio da guerra desmente a noticia. Annuncia-se que o general Botha prestará, em Africa, auxilio militar aos portuguezes.

O mais simples pretexto fornece aos allemães, como se vê, occasião de de nos pretenderem vexar. E ainda por ahi ha germanophilos...

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

«A invasão da Belgica»

Edição da casa Guimarães & C.ª, da rua do Mundo, e original do sr. Carlos Ferreira, testemunha presencial do que foi a invasão allemã na Belgica, acaba de sahir este volume, repositorio de interessantes documentos para a historia da guerra. O auctor estava em Bruxellas, visitou a Belgica já depois d'ella estar sob o dominio teutão: viu, sentiu, o que é a melhor forma de descrever e o que valorisa a sua obra.

A edição é elegante e nitida.

Festas associativas

No Lisboa-Club, promovida pela direcção, realisa-se depois d'amanhã, ás 21,15, recita com a peça *20:000 dollars*, seguindo-se baile.

Pela instrucção

Centro Democratico de Santa Izabel

Abrem no dia 11 de outubro as aulas dos cursos diurno e nocturno da escola d'este Centro.

Desde já se encontra aberta na séde do mesmo Centro, das 20 ás 22 horas, a matricula para esses cursos, que comprehendem as 4 classes de instrucção primaria e o ensino de adultos analphabetos.

Na séde do Centro se dão todos os esclarecimentos.

A provincia n'A CAPITAL

VILLA NOVA DE OUREM, 14—A nossa terra esteve em festa nos dias 8 e 9 do corrente. Estacionou n'esta villa o regimento de infantaria 7, na força de 1:000 homens, tendo sido alvo das maiores manifestações de carinho e consideração da parte dos habitantes, sem excepção alguma. Os officiaes, sargentos e musicos foram todos acantonados, tendo os habitantes a delicadeza de lhes offerecer de almoço e jantar no dia da sua chegada. Os soldados foram tambem acantonados. A banda deu um concerto na praça da Republica, sendo immensamente applaudida. A impressão causada pela estada aqui do regimento deu motivo para mais se estreitar a amisade entre Leiria e Ourem. Tanto os officiaes como os soldados iam satisfeitos com o acolhimento que aqui tiveram.

O administrador do concelho, sr. Arthur de Oliveira Santos, e os srs. Santos Pocegueiro, Manuel Rosa, Joaquim Claudino foram de automovel aos Cordeses acompanhar o regimento, tendo estado no acampamento, onde se encontrava o administrador de Leiria, sr. Abilio.

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

Associação do Registo Civil

Reune a assembleia geral na terça feira, 21, ás 21 horas, para continuação da discussão dos projectos da reforma dos estatutos da Associação e da Federação Portugueza do Livre Pensamento.

brigada montada da Yeomanry e de uma grande força india, incluindo um certo numero de tropas de serviço imperial, a maioria montadas, de muitos e excellentes batalhões regulares e da força d'um poderoso corpo d'exercito.

D'essas tropas, a parte da força india era excellente. Os territoriaes e a Yeomanry exercitaram-se rapidamente. Os australianos, assim como os novos-zelandezes a principio não se curvavam muito á disciplina militar, mas em breve, devido aos esforços dos seus officiaes, se tornaram magnificos soldados.

Durante a campanha no Canal, poucas d'essas unidades entraram em acção; só na grande lucta na peninsula de Gallipoli é que mostraram perante um inimigo assombrado o seu verdadeiro valor e quão notaveis eram a iniciativa individual e a intelligencia do soldado colonial.

No começo de 1915, a defeza do Canal estava a cargo das tropas indias e da armada; territoriaes, Yeomanry e australianos estavam recebendo em Alexandria uma instrucção intensiva, e ainda mais em redor do Cairo, onde o deserto nos mezes de primavera e de inverno demonstrou ser um magnifico campo para treino de todas as armas.

Em Mena House, abaixo das pyramides, em Heliopolis, a leste do Cairo e em Meadi, no caminho para Helouan ao sul, grandes acampamentos foram formados para os recemvindos e os grandes aquartelamentos primitivamente occupados pelo exercito de occupação alojavam agora os territoriaes e a Yeomanry.

Devido á vaccina a que se havia procedido, a febre typhoide causou poucas mortes entre as tropas; os australianos foram atacados de influenza, que n'alguns casos degenerou em pneumonias, morrendo alguns homens, manifestando-se tambem alguns casos de colicas, mas no total póde dizer-se que o estado sanitario era magnifico.

Os cavallos das tropas coloniaes chegaram em condições admiraveis. Houvera certa tendencia durante a guerra sul-africana para considerar o australiano como mau tratador de gado, mas nada melhor para provar o contrario do que as condições dos seus animaes depois da sua chegada ao Egypto e durante a sua estada n'aquelle paiz.

Durante o outomno e o inverno o Canal de Suez esteve sempre bem fortificado. Patrulhas navaes e militares vigiavam attentamente para evitar qualquer tentativa da parte de agentes do inimigo de se approximarem dos entrincheiramentos ou de arremeçarem explosivos para dentro do Canal e as differentes secções da linha de defeza estavam ligadas telegraphica e telephonicamente.

Sem entrar em pormenores ácerca da defeza ingleza póde dizer-se que ella consistia n'uma serie de fortificadas pontes-cabeças na margem oriental do Canal cobertas por posições entrincheiradas na margem occidental.

As mais importantes das fortificadas pontes-cabeças eram El Kantara, El Ferdan e Ismaili Ferry na secção norte, Tussum e Serapeum no centro, e Shaluf e Kubri no sul. O campo ao norte e ao sul de El Kantara tinha sido inundado deixando correr o Canal por um certo tempo para os lagos Menzaleh e Ballah e a frente em que um inimigo podia atacar esse posto importantissimo era assim grandemente limitada.

Os navios de guerra em caso de necessidade guarneceriam os lagos Timsah e Salgado, mas emquanto não fosse sabido que o inimigo estava avançando a maior parte das mais importantes unidades das esquadras alliadas no mar do Levante e no mar Vermelho estavam empregadas nas costas da Syria e da Arabia.

A declaração de guerra contra a Turquia foi seguida d'uma concentração de navios de guerra, principalmente cruzadores e torpedeiros, no mar do Levante e no mar Vermelho, com o fim de vigiar as costas da Asia Menor Meridional, da Syria e da Arabia da Turquia.

Na costa da Syria o objectivo das operações dos navios de guerra al-

um official allemão, von Trommer Pachá. Pouco antes d'elle chegar á Syria, o commandante do «Quarto exercito», a quem estava confiada a missão do ataque ao Egypto, chegou a Damasco. Era Djemal Pachá, uma das personagens mais em evidencia do novo regimen na Turquia, que havia resignado a pasta de ministro da marinha para assumir o commando do «Exercito do Egypto».

Djemal Pachá tinha sido um dos dirigentes do Comité União e Progresso nos seus dias da Macedonia quando era major do estado maior general turco. Com o novo regimen occupara os postos de vali de Adana e de Bagdad, resignando o cargo quando os inimigos do Comité voltaram temporariamente ao poder. Quando rebentou a guerra balkanica, foi-lhe offerecido e acceitou o commando da divisão de Konia e combateu valentemente, ainda que sem exito, sob as ordens de Mahmud Mukhtar, em Soghudjac Deré e Bunar Hissar. Adoeceu com o cholera, restabeleceu-se e foi o primeiro dos conspiradores Jovens Turcos a entrar na Sublime Porta quando o governo de Kiamil Pachá foi derrubado.

Como recompensa aos seus serviços foi nomeado primeiro commandante do corpo d'exercito de Constantinopla, cargo em que prestou grandes serviços ao seu partido durante os mezes que decorreram entre o golpe d'Estado e o assassinio de Mahmud Shevket Pachá.

Depois da retomada de Andrinopla foi nomeado ministro das obras publicas e em principios de 1914 ministro da marinha. Convicto patriota, sonhando com o dia em que a Turquia voltasse a ser potencia maritima, não fazia segredo das suas aspirações irredentistas. Um dia disse elle ao embaixador italiano:

«Vós, europeus, podeis considerar como resolvidas as questões de Tunis, de Tripoli e do Egypto. Nós não pensamos assim e quando um dia fizermos resurgir essas questões fal-o-hemos com trezentos milhões de mahometanos atraz de nós.»

Não menos indiscreta era a sua linguagem para com o embaixador francez em Constantinopla no principio de outubro, quando as tropas turcas estavam já em movimento para varios pontos estrategicos da fronteira turco-egypcia.

«Não posso comprehender a attitude do seu collega inglez—disse elle com cólera.—Ha pouco insinuei que devia abrir negociações para a evacuação do Egypto pela guarnição ingleza: d'ahi advirá a guerra, é claro. Imagine que nem sequer me respondeu.»

A recusa de sir Louis Mallet a discutir a evacuação do Egypto com Djemal ateou o incendio. O barão von Wangenheim, embaixador allemão em Constantinopla, havia já conseguido desviar a attenção do ministro da marinha da sua armada para a «triste condição dos nossos martyrisados irmãos mahometanos», como os jornaes turcos descreviam a condição dos egypcios, e Djemal, já anti-britannico, no caso do embargo feito ao «Sultão Osman» e ao «Rhesadieh» pelo governo inglez foi hypnotisado pelo diplomata allemão.

O Egypto tornou-se para elle uma obsessão e Enver sentia-se contente. Elle e Djemal haviam questionado mais d'uma vez e quando o primeiro declarára guerra aos alliados Djemal sentia-se melhor n'uma provincia distante.

Tal era o commandante em chefe turco na Syria. Embora corajoso e energico e escolhendo ajudantes energicos, faltava-lhe o que quer que fôsse para bem desempenhar o seu logar. Os pormenores do seu plano de campanha, se não o proprio plano, eram feitos pelo seu chefe de estado maior, o coronel bavaro Kress von Kressenstein. A organisação dos transportes turcos estava confiada a Roshan Bey, um habil official albanez, que foi em grande parte responsavel pelo successo da marcha atravez do deserto.

No principio de 1915, quatro divisões de Nizam (primeira linha) ou Muretteb (mixtas) e o equivalente de quasi duas divisões compostas

na maior parte de tropas de segunda linha e de reserva estavam na Syria central e do sul; entre dez a quinze mil irregulares beduinos tinham sido concentrados e parte da divisão do Hedjaz fôra trazida de Medina e mudada para o forte Nakhl.

A artilharia do quarto exercito, ou exercito syrio, como a força de Djemal era officialmente denominada, havia sido largamente reforçada, grande quantidade de munições e transportes haviam sido requisitados e os batedores turcos tinham obtido grande numero de informações tanto em relação ás estradas como no abastecimento de agua do Sinai. Mas os commandantes turcos entenderam ser obrigados a deixar grande parte das tropas que haviam mobilisado e equipado atraz de si, não só para protegerem as suas communicações contra um ataque do mar, mas ainda contra a antipathia arabe.

Os drusos do Hauran, os arabes fixos de Kerak, que se haviam revoltado em 1910 contra os turcos, e algumas das grandes tribus de beduinos precisavam ser vigiados constantemente pelas auctoridades. A provincia autonoma do Monte Libano é habitada pelos drusos, os quaes eram auxiliares efficazes da influencia franceza e ingleza e, devido á sua robusta constituição, tinham de ser contidos em respeito por uma grande força.

Entre a maioria dos musulmanos da Syria, o jugo turco era tolerado, mas havia por elle pouca sympathia, e os Jovens Turcos tinham feito todos os esforços por chamar a si os arabes.

Não havia entre estes um partido anti-turco declaradamente, mas a má vontade contra o turco manifestava-se sempre que se offerecia ensejo azado para isso. As eleições parlamentares eram «feitas» sempre regularmente pelo Comité União e Progresso; os ministerios e politicos turcos haviam concluido um pacto com alguns musulmanos syrios de maior ou menor representação para serem removidas as causas de determinados aggravos, mas durante o agitado periodo que decorreu entre a guerra balkanica e a entrada da Turquia na Grande Guerra como alliada das potencias centraes as relações entre turcos e arabes foram tensas.

Tanto os turcos como os seus alliados os allemães tinham ficado desapontados com a frieza com que a proclamação da guerra santa foi recebida pela maioria dos musulmanos na Syria. Baldadamente agentes ou creaturas do Comité União e Progresso, como o sheikh Sharwish e o emir druso Shekib Arslan, pregaram a «Djihad». Conseguiram fazer poucos adeptos entre a turba citadina de Beirut, Jaffa, Nablus e outras cidades onde havia alguns elementos fanaticos, e não fizeram despertar o enthusiasmo das classes illustradas e dos camponezes, emquanto os allemães, cujo auxilio era necessario para transformar o fervor musulmano em chamma, perguntavam que especie de «Djihad» era aquelle em que o soberano mahometano era alliado de duas potencias infieis.

Debalde tentaram os officiaes e funccionarios turcos excitar o fanatismo das massas contra os vassallos inimigos e os christãos. As requisições feitas a esmo pelos militares, a imposição do trabalho forçado nas estradas aos camponezes e as subscripções «voluntarias» forçadamente a todas as pessoas que se sabia ou se cria terem dinheiro, juntaram musulmanos e não musulmanos no mesmo odio ao turco.

Baldadas foram tambem as theatraes tentativas dos consules allemão e austro-hungaro e d'outros agentes para se fazerem passar por mais musulmanos que os proprios musulmanos. Quando herr Sange, um allemão que até pouco antes havia sido consul belga em Haifa, suggeriu a infame idéa de que as mulheres inglezas e francezas deixadas na Syria deviam ser distribuidas pelos arabes, não foi apoiado por arabe algum, e uma tentativa feita pelo dr. Hartegg para pregar a guerra santa e arranjar adeptos em Nablus foi reprimida pela familia musulmana dominante n'aquella cidade.

As poderosas tribus de beduinos do deserto oriental, com que os turcos haviam contado, nada deram. Só os Tarabinos, os Azasma e algumas das pequenas tribus dos Howeytat forneceram contingentes regulares. Os Ruala e os Aneiza prometteram defender a Syria onde quer que ella fosse invadida, mas encontraram centenas de boas razões contra a sua participação na expedição ao Egypto. Os sheiks dos Beni-Sukhur e os que os seguiam disputaram com os turcos sobre o aluguer de camelos, saquearam o deposito de armas em Beersheba e dirigiram-se para o deserto oriental, matando alguns soldados que tentavam impedir-lhes a passagem no caminho de ferro de Hedjaz em Amman.

A provincia autonoma do Monte Libano foi occupada em fins de novembro pelas tropas turcas. Uma centena de soldados, ainda com uniformes de verão, morreram nas montanhas. Algumas aldeias foram desarmadas, as pessoas principaes mandadas para Damasco como refens e o governador, Kuyumdjian Effendi, foi intimado a receber ordens do commandante ottomano na Syria. Os habitantes da provincia, apezar das suas sympathias pelos inglezes e pelos francezes, abstiveram-se de qualquer movimento revolucionario, que os teria exposto a medidas de feroz repressão.

Os soldados ottomanos, principalmente os arabes, por seu lado procediam bem. Os vassallos das potencias da Entente que residiam na Syria soffreram muito. Por agora basta dizer que escolas, egrejas, mosteiros e casas particulares abandonadas pelos donos eram tomadas com o que continham pelas auctoridades militares, os que não haviam fugido a tempo eram internados e o clero e os missionarios, muito especialmente os francezes e os russos, ou expulsos ou exilados, sem a mais pequena parcella de humanidade, para o interior.

Djemal Pachá, durante esta tomadia de propriedades e essas expulsões, proclamava que a missionario algum seria permittido voltar á Palestina depois da guerra. Aos judeus russos, que formavam grandes colonias na Palestina, dava-se a alternativa de renunciarem a sua nacionalidade ou de sahirem do paiz.

Muitos preferiram o exilio e dirigiram-se por mar para o Egypto n'um estado de profunda miseria. Alguns d'esses desgraçados eram roubados e maltratados pelos gendarmes turcos antes de sahirem da Palestina.

Esta mudança de politica da parte

J. P. Holland, inventor do submarino que tem o seu nome

do governo, que em tempo se havia mostrado disposto a attender as reclamações dos judeus, parece ter sido inspirada pela crença de que os arabes, que receiavam a conquista economica da Palestina pelos judeus, apreciariam o que era feito em seu favor. Mas nenhum d'esses esforços para excitar o fanatismo ou os sentimentos contra o estrangeiro provocou o enthusiasmo geral em favor da guerra entre os mahometanos da Syria.

Em meiados de dezembro, a guarnição ingleza no Egypto havia sido elevada a tal força que estava apta a repellir um ataque mais formidavel do que o que os turcos dirigiram contra as posições do Canal. Compunha-se do corpo d'exercito australiano, formado por australianos e novo-zelandezes, da divisão territorial do Lancashire Oriental com muitas das suas tropas divisionaes, d'uma

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 1840 — 6.º Anno

Direcção e propriedade de Manuel Guimarães
Editor—Camillo Sousa e Almeida
Redacção e Administração—R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA—Sabbado, 18 de Setembro de 1915

Telephone n.º 2298—Endereço teleg. CAPITAL
Composição—Rua do Norte, 5, 1.º
Officina de impressão—71, Rua da Atalaia, 71

Preço 1 centavo

Os dois partidos

E' tão illogico para um regimen, representativo viver sem governo como é o viver sem opposição. Os regimens representativos exprimem correntes de opinião, e essas correntes de opinião, robustecendo-se, definindo-se, estabelecendo-se definitivamente, criam os partidos. E se é illogico que não haja um governo forte, tambem é perigoso, mesmo para esse governo, a ausencia de uma opposição que tambem o seja.

Só assim se produz o equilibrio que assegura a marcha normal dos Estados nas sociedades modernas. Só assim, no combate sincero das idéas, se vae formando a evolução do progresso, que essas sociedades requerem.

Ainda hoje a «Republica», orgão do segundo partido do regimen, numericamente considerado, diz algumas verdades que é conveniente salientar, e que a este problema politico se referem.

Effectivamente, o partido evolucionista tem marcado uma attitude de opposição legal ao partido democratico, contra o qual, por parte de varios elementos, tantas queixas se elevam, e todavia, na sua porfiada acção, não só se não tem visto ajudada por esses elementos, como por elles a tem visto combatida.

Será porque esses elementos não querem acceitar de fórma alguma a lucta legal, tudo esperando das agitações revolucionarias, que tão miserandos fracassos assignalam, e que, de rosto, não teem a coragem de desassombradamente perfilhar?

Semelhante attitude não é só antipatriotica, como se reconhece destituida do mais vulgar bom senso. Elles não attentam em que os golpes subversivos contra a Republica attingem a propria patria, e dir-se-hia que a sua intelligencia é tão limitada que lhes não deixa aperceber a lição dos factos.

Não é possivel, dentro da actual situação portugueza, outra lucta que não seja a legal, e dentro da legalidade essa lucta tem campo aberto, e tanto mais pode contar com a acceitação do publico quanto dentro dos principios fundamentaes do regimen se travar.

Os proprios monarchicos clamam, em geral, não pela restauração da monarchia, definitivamente sepultada em Portugal, mas pelo que elles entendem dever serem as normas da politica republicana, n'um sentido de liberdade e tolerancia.

Suppõe um dos partidos da Republica, e sem duvida o mais forte, como adverso á sua noção de liberdade e tolerancia, de prestigio patrio e harmonia social? Integrem-se no partido que francamente contra esse partido combate ha muito tempo, dando-lhe uma adhesão leal que terá de ser, por isso mesmo, uma adhesão leal á Republica.

Não ha ninguem, no campo republicano, que entenda que a Republica deva viver com um só partido. Nem mesmo os que a qualquer dos partidos da Republica pertence. Pelo contrario: a existencia d'um é necessaria á existencia do outro, porque, fiscalisando-se, discutindo-se mutuamente retemperam as suas qualidades e avigoram as suas energias.

O que é nocivo, n'um paiz como o nosso, é o predominio artificial que pretendem usufruir «côtéries» que nenhum acto ideal esclarece, formando-se em grupelhos, em que só se notam vaidades, ambições, influencias pessoaes, mesquinhos interesses e rebanhos do mesmo genero dos que Panurgio conduzia. Essa pulverisação só pode ser prejudicial a um pequeno paiz e a um regimen ainda de recente data.

O sonho monarchico desvaneceu-se. Se ha monarchicos sinceros em Portugal esses são precisamente os que já não acreditam na possibilidade d'uma restauração monarchica. No dia 5 d'outubro de 1910 a monarchia ficou bem morta em Portugal. Mas se alguem podia ter duvidas sobre esse facto, o fracasso de duas incursões armadas, commandadas pelo paladino da causa; o fiasco de duas ou tres tentativas internas, de resultado não menos miserando, e por fim até a derrota da dictadura pimentista, em que subrepticiamente se procurou, rastejando na sombra, trazer para Portugal a monarchia que mal supportou o sol d'um dia em Vinhaes e em Chaves, deveriam ter desvanecido no espirito dos mais ferrenhos realistas a mais debil esperança de tão milagroso successo.

Hoje o sonho monarchico só serve para alimentar meia duzia de aventureiros, que ainda julgam poder exploral-o, e por isso mesmo ou os monarchicos se lembram de que são portuguezes, e sobrepõem o ideal da patria ao culto d'uma tradicção desfeita, ou se acolhem a um retrahimento que sem duvida é censuravel, mas que não pode considerar-se perigoso.

Os descontentes, porem, monarchicos ou até agora affastados de qualquer partido, querendo influir nos destinos da nação, só teem a lucrar com o seu ingresso nos partidos da Republica. Simplesmente esse ingresso tem de ser leal, porque só assim lhes aproveita, e á Republica e á Patria, o não poderá ter outro fim que não seja o de, dentro da legalidade republicana, pugnar por principios e processos bem definidos.

O que é preciso é acabar com as intrigas, com as traições, com as manobras na sombra, e dar a todos os agrupamentos politicos o valor que elles teem, e não aquelle que querem por força ter. A politica nacional tem de ser uma cousa clara, franca, leal e precisa. E para isso o que sobretudo se torna necessario é que se conseguisse a força, porventura demasiado grande d'um partido, pela força crescente d'outro, e que dentro das arenas do pensamento, esquecidos os odios pessoaes e cada vez mais arreigado o culto dos principios, se inicie aquelle debate fecundo das idéas que é vida para as nações e gloria para os regimens.

Poeira da Arcada

A ordem publica ha quem pretenda que ella é necessaria para garantir o amadurecimento dos fructos e a formação dos habitos vagorosos, benevolos ao deambular da gente rheumatica. Outras virtudes encerra, porém. Como, por exemplo, esta—permittir que os timidos tenham ideias de guerra em tempo de paz. Quando reina a certeza de que a rua não se rebella, respeitando as vaidades e toleimas de todos os ambiciosos e maniacos, as linguas tornam-se avançadas e pregam sentenças terriveis tendentes a deslocar o equilibrio do mundo, assentando-o em disparates e asneiras. As ovelhas, então, fazem-se anarchistas.

* * *

Temos excellentes condições para que a nossa terra seja visitada por turistas. Estes não veem, teimando em se deixarem morrer de nostalgias e magoas incertas, em paragens menos sympathicas que as nossas. Porquê? Talvez pela mesma razão que leva os portuguezes endinheirados a desprezarem as bellezas da sua terra e a percorrerem roteiros que não são bem as estradas do Paraiso.

* * *

—«O socego é completo em todo o paiz...»

E' talvez por causa d'isto que os corvos grasnam tanto e os patriotas pretendem que o sol é inutil... á meia noite.

Os boatos correm em bandos, mas boatos são fumo. Todo o mal está no fogo, mesmo lento.

Aviação militar

Para frequentar a futura escola de aviadores-pilotos offerece-se o sr. Fausto Callado Alves, empregado commercial, morador na villa D. Estephania, 14, 1.º

O congresso alemtejano e a propaganda feminista

Qual será a municipalidade que quererá fazer-se representar por uma mulher?

A sr.ª D. Anna de Castro Osorio officiou á secretaria do 1.º congresso municipalista que se deve reunir no proximo mez, em Evora, perguntando se a Associação de Propaganda Feminista poderia apresentar e defender varias theses, entre as quaes uma sobre a «mulher nos trabalhos agricolas» e outra sobre a «mulher na veterinaria».

A este officio o secretario do referido congresso respondeu que principio algum professado por aquella direcção se oppunha á admissão de mulheres com prestigio intellectual, como a sr.ª D. Anna de Castro Osorio, no numero dos congressistas que trabalham, devendo apenas ser investida d'esse direito por qualquer municipalidade de um dos districtos do Alemtejo.

Qual será a municipalidade que quererá provar a sua sympathia pela causa feminista, fazendo-se representar no Congresso pela illustre escriptora?

«Historia Illustrada da Grande Guerra»

Dividido em volumes, cada um dos quaes com cerca de 200 paginas, de modo a formar um livro portatil, economico, elegante e de facil encadernação, o folhetim que vimos publicando *Historia Illustrada da Grande Guerra* tem alcançado grande exito.

O primeiro volume abrange desde março a 15 de abril, tendo 184 paginas, o segundo de 16 de abril a 3 de junho, com 188, o terceiro de 4 de junho a 20 de julho, egualmente com 188 paginas, e o quarto de 21 de julho a 3 de setembro, com 180 paginas, sendo todos os volumes profusamente illustrados. Na administração d'*A Capital* são immediatamente satisfeitos todos os pedidos, quer da collecção completa, quer de qualquer numero de exemplares do jornal, que venham acompanhados das respectivas importancias.

OUTRO POVO, OUTROS COSTUMES

Visita a Ayamonte

A sua festa á Senhora das Angustias

PRAIA DA ROCHA, 14.—Quem visita Villa Real de Santo Antonio passa o rio e vae a Ayamonte. São dez minutos, se tanto, em vapor. Não quiz furtar-me a esse destino e fui tambem á pequenina cidade hespanhola, que poisa, toda branca, na margem esquerda do Guadiana. O porto de Villa Real é um encanto. Não conheço, no littoral portuguez, pedaço de mar mais sereno, mais translucido, mais azul. E', principalmente, um grande porto de pesca. Todo o atum pescado nos mares algarvios vae ali á lota. E' em villa Real que se vende e se distribue pelas fabricas que ha de tratal-o. A Villa tem a sua physionomia propria. E' a Baixa lisboeta em ponto pequeno. As ruas cortam-se perpendicularmente, em angulo recto; e como teem todas a mesma largura, desorientam o forasteiro pouco previsto com uma facilidade incrivel. O terremoto de 1755 arrasou a povoação. Pombal fel-a reconstruir. E ficou assim...

O vaporsito, n'esta noite calma em que me conduz para Hespanha, corta a agua com a placidez d'um grande cetaceo cheio de confiança em si. Na outra margem, Ayamonte fulgura de luzes e entontece de ruido. E' a vespera da festa da «Virgen de las Angustias», padroeira da cidade. Desembarco apressadamente. E' que me interessa, principalmente, vêr como são em Hespanha estas solemnidades religiosas e estes arraiaes tresandando a paganismo. Do caes antiquissimo, precipito-me para a Calle Real, toda asphaltada, por onde não é permittido o transito de vehiculos. Está quasi deserta. Ao fundo fica o passeio de Tetuan. Regorgita. Toda a população de Ayamonte está na rua. Ha balões venezianos e lampadas electricas por toda a parte. No coreto, a philarmonica de Loulé executa uma rapsodia conhecida de cantos populares portuguezes.

Abanco á mesa d'um café. Tomo qualquer bebida peganhenta, que me sabe mal, a formigas esmagadas de fresco. Dou cinco tostões para pagamento d'esse xarope ingerido quasi com repugnancia e fico assombrado. O meu calice de supposto anis d'El Moño custara-me um cruzado. E' que o creado que me servira não me dava pelos meus cincoenta centavos mais de dez. Reponto. Tento chamar um policia. Dois ou tres hespanhoes que abancam n'uma mesa proxima interveem em meu favor. E os meus cinco tostões, depois d'um dispendio enorme de palavreado, são acceites ao cambio do dia. Recebo por elles esta fortuna — dezoito vintens! E' quanto, presentemente, essa moeda vale em Hespanha.

Fico cheio de aborrecimento. Dá-me vontade de regressar immediatamente a Villa Real. Mas já não ha vapor. Um estorra quer, á viva força, impingir-me rebuçados de fructas. Outro tenta encher-me as algibeiras de amendoim. Um piano mechanico, montado n'uma carriola que um burro lazarento puxa, persegue-me por toda a parte com o seu repertorio inconcebivel. O homem do piano traz comsigo uma miña para a pedinchice. Dou-lhe uma *perra chica*. Fica impando de contente e agradece-me com tantos *gracias* que quasi me apetece deitar-lhe outra moeda egual na bandeja de falso charão. Dou-me a ver quem passa. Attento, principalmente, nas hespanholas. Ha-as de todas as camadas sociaes — ricas, pobres, remediadas, miseraveis. Todas em cabello. O chapeu da portugueza, esse incrivel chapeu de estranhos feitios que é, ás vezes, um verdadeiro monumento e que só de raro em raro deixa de ser um horrivel cumulo d'um mau gosto revoltante, não se usa em Ayamonte. E ainda bem, tão certo é uma má trança e um pessimo penteado serem sempre mil vezes mais attrahentes que os casquetes desageitados com que a mulher portugueza, por essa provincia fóra, se corôa geralmente.

A vellada vae até de madrugada. Acaba quando se apagam os ultimos balões. Tetuan despeja-se a pouco e pouco. Junto da doca, d'onde vem um cheiro enjoativo a coisas podres, as barracas do peixe teem ainda freguezes. Um andaluz de grande barriga, defendida por um avental que parece ter sido branco, vae remexendo n'um tacho em que o azeite crepita um grande novelo de farturas. Custa-me a descobrir uma cama. Faz o milagre a proprietaria da *Fonda de la Campana*. Sou despachado para casa d'uma sua prima que tambem recebe hospedes. E que prima tão gorda, *Dios mio! Es una verdadera catedral!*...

Durmo como um bemaventurado. Quem ha que não durma assim n'uma cama hespanhola depois de, durante dias e dias, ter andado a moer os ossos pelas *fofas* camas dos hoteis de Portugal? No dia seguinte, pago uma peseta e abalo. Principio a percorrer a cidade e não dou o tempo por mal empregado. Em geral as povoações algarvias perderam o caracter. São banaes, vulgares, pouco abundantes em riquezas architectonicas dignas de se verem. Dir-se-hia mesmo que não teem, todas ellas, atraz de si, um passado de não sei quantos seculos. Com Ayamonte não acontece isso. Ha ainda, n'essa cidadesita andaluza, uns farrapos de tradição que a recomendam á nossa sympathia. A vista entretem-se por umas poucas d'horas a examinar certos detalhes de architectura e um ou outro motivo ornamental que só de longe em longe se encontram na maioria das terras portuguezas.

Calle Iberia. Chama-me a attenção um portal gothico encravado n'um predio de construcção antiga. Approximo-me e espreito para dentro. O acaso levou-me para junto de um pateo andaluz, curiosissimo e esplendidamente conservado. Ao centro não falta o tanque, com o repucho que pulverisa a agua. Em volta, no pequenino claustro, cadeiras de verga, com almofadas de roda e plantas de estufa revelam o gosto afinado de quem enfeitou o aprasivel recinto. Sigo para a egreja matriz. Entro e subo á torre. O templo fulgura de luzes. A collegiada canta a missa solemne, acompanhada a orgão. Estou na altura do côro. O orgão é de grandes proporções. Um etico, em mangas de camisa, offegante, banhado em suor, dá, com uma regularidade de pendulo, á manivela do fole. Se lhe tapassem a bocca rebentava. Entretanto, os clerigos, lá em baixo, vão engrolando o seu latim sem suspeitarem que aquellas notas que se exhalam pelos tubos do orgão veem impregnadas de dôr e de tragedia.

Do alto da torre, avisto toda a cidade que se estende, caiada de fresco, reverberando ao sol do meio dia, para um e outro lado. Villa Real parece-me agora mais pequena e ao longe, para o noroeste, Castro Marim agacha-se timorata junto da muralha do seu antigo castello mourisco. Dou ainda mais uns momentos de contemplação á cidadesita em festa, fixo bem na retina a configuração dos seus eirados e volto a descer. De fóra, chega até mim a alegria vibrante de um *pasacalle*. São as auctoridades que chegam—o *alcalde* com o seu bastão, o commandante militar com a sua farda cheia de condecorações. A' frente, os maceiros, vestidos de vermelho, com longas batinas até aos pés, abrem o cortejo, que a policia municipal fecha. E' a tradição que passa. Descubramo-nos deante d'ella.

Ha tourada, o que equivale a dizer que ha alegria, *movimiento*, animação. Na praça, ha gente desde as duas horas. Volto a encontrar o homem dos rebuçados. Peço-lhe a sua opinião sobre a corrida. Podia ser melhor. Os toiros, sobretudo, não lhe inspiram confiança. Já os viu. Tem a certeza do que sahirão uns tenentes...

—*Es usted torero?* — pergunto-lhe.

Que não. Mas é de Sevilha, o que vale o mesmo. E eu, que n'estas coisas complicadas de tauromachia sou mais que ignorante, tenho de ouvir uma prelecção sobre a arte de Belmonte que me deixa meio aterantado. O almoço custa-me onze tostões e pico. Pelos estabelecimentos pode-se uma fortuna pelo mais simples *recuerdo*. Cada *duro* vale quatorzes tostões. Só por imperdoavel loucura se pode, com este cambio arrasador, passar um dia em Hespanha. A' hora dos touros, sigo para o caes e volto a embarcar para Villa Real. O homem dos rebuçados tirou-me toda a *aficion*. A sua competencia avisou-me. Cumpriu o seu dever. Acatei esse aviso. A tarde vae declinando e a bacia serena do Guadiana mal se deixa arripiar pela brisa acariciadora que sopra do mar. Ayamonte, esplendente de alvura, debruçada para o rio, sorri-me ainda de longe, dizendo-me adeus. A torre das Angustias, lá em cima, é como a sentinela vigilante da povoação. Volto a pisar a terra portugueza. Não ha duvida. Ha aqui, defronte um do outro, dois povos de caracter absolutamente differentes. Um é a alegria, a vida, a tradição. Outro é, principalmente, o pacotes. Sente isso, sobretudo, quem, por este mez de setembro, fôr ao outro lado do rio assistir á festa da *Virgen de las Angustias*...

Adelino Mendes

O presidente do Chile

SANTIAGO DO CHILE, 18.—O congresso proclamou o sr. Juan Luis Sanfuentes futuro presidente da Republica.—(Havas).

O QUE SE ESCREVE E O QUE SE LE

«O Livro de Luiza»

por Henrique Marques Junior

Edição da casa Guimarães & C.ª, da rua do Mundo, e pertencente á sua interessante collecção «Bibliotheca infantil», acaba de ser lançado no mercado *O livro de Luiza*, cuidadosa compilação de Henrique Marques Junior, que á litteratura infantil se tem dedicado de alma e coração, contribuindo assim para a propaganda d'esse genero litterario, tão util e ao mesmo tempo tão difficil.

Contem *O Livro de Luiza* sete contos, todos elles tendentes a incutir noções de moral e de civismo nos seus pequenos leitores, e illustrados pelo lapis de Francisco Valença, o que ainda mais valorisa o bello trabalho. A edição é elegante e cuidada, illustrada com uma bella capa tambem de Francisco Valença.

"A Voz do Dever,,

A sr.ª D. Alice Moderno acaba de publicar, n'um elegante opusculo, a peça em 1 acto *A Voz do Dever* que recentemente desempenhada por um grupo de amadores, em um theatro michaelense, obteve um franco successo.

Nos magnificos alexandrinos em que a illustre poetisa escreveu o seu trabalho theatral, vibra a mesma alma formosa e delicada que, ha vinte annos atraz, semeava um rasto de oiro na nossa galeria de poetas lyricos, dando-nos volumes de versos como as *Aspirações* e os *Trillos*. Mas não é só valor artistico que temos a notar no interessante entreacto da sr.ª D. Alice Moderno.

A distincta escriptora defende n'esse trabalho, sob um episodio de amor, tratado com grande emoção, a opinião de que Portugal deve tomar parte na conflagração europeia. As duas curiosas figuras femininas que a *Voz do Dever* nos apresenta—uma timida e vendo a vida simplesmente atravez do sentimento e a outra corajosa e vibrando com a ideia dos gloriosos destinos da patria—estão admiravelmente delineadas, mostrando-nos em flagrante a psichologia da mulher portugueza n'este complicado momento historico.

Pelo telegrapho

Exitos obtidos pelas tropas russas

PETROGRADO, 18.—(Official).—Repellimos os ataques do inimigo na estrada de Dvinsk ao lago Samava. Durante o combate para a posse de Derujno tomámos d'assalto Boudakrasnoie e contra-atacámos sem successo Gentova; fizemos 4350 prisioneiros, tomámos 4 metralhadoras e occupámos as aldeias de Yanovka e Pzkava.

Os allemães fizeram energicos ataques na direcção de Vilna e conseguiram depois de porfiados combates occupar Rudziomy e passar para a margem direita do rio Scharu. Por meio de arrojadas acções as nossas tropas continuam a deter com successo em toda a linha ao sul da região de Rovno o desenvolvimento de contra-ataque locaes com forças importantes.—(Havas).

As operações italo-austriacas

ROMA, 17.—Official. No alto Cordevole dispersámos uma columna que marchava de Varda em direcção a Corvara e no vale de Torrent Pontebiana em reconhecimento. Os nossos aviões bombardearam uma parte da linha do caminho de ferro de Trieste.—(Havas).

Os Estados Unidos e os imperios centraes

WASHINGTON, 17.—Quando o embaixador dos Estados Unidos em Vienna entregou a nota relativa ao chamamento do dr. Dumba, o governo austriaco respondeu que chamaria o embaixador a fim de o consultar.—(Havas).

As armas e munições do "Santa Ursula"

Não eram material de guerra, mas sim espingardas e cartuchame para caça

Parece esclarecido o caso do «Santa Ursula». Pelo menos, foi essa a impressão que colhemos nas diligencias de reportagem a que procedemos hoje.

O sr. Antonio Manuel Paulo, subdirector da Alfandega, foi hoje a bordo do «Santa Ursula» e do «Rancagua», acompanhado pelo verificador da Alfandega sr. Guerreiro, pelos agentes das companhias a que os dois vapores pertencem e pelos srs. Accacio Bonito e Francisco Alvares Iglesias. Tratava-se de effectuar, como noticiámos hontem, o exame dos caixotes suspeitos.

O sr. Accacio Bonito, com quem nos avistámos depois, declarou-nos o seguinte:

—Fomos effectivamente a bordo dos dois vapores. Embarcámos ao meio dia e um quarto em direcção ao «Santa Ursula» onde verificámos que as caixas retiradas de bordo das fragatas como suspeitas de conterem material de guerra apenas continham espingardas para caça «Flauberts» e cartuchame para ellas Nos outros volumes não tocámos.

«A bordo do vapor chileno, onde fomos de seguida, nada encontrámos tambem de suspeito. Para lá haviam ido já os dois automoveis, arame, bastantes latas de gasolina, zinco, tintas e oleos. Sobretudo muitos oleos.

«Devo dizer-lhe que o «Rancagua» mais parece um navio de piratas do que outra coisa. Sujissimo, d'um aspecto insupportavel, esse barco deixou-nos uma tristissima impressão.

—E os caixotes embarcam?

—Não, senhor. Ficam até nova ordem a bordo do «Santa Ursula».

—Mas ordem de quem?

—Do governo, que é quem ha de, em ultima instancia, resolver definitivamente o assumpto.

A PROXIMA EPOCA THEATRAL

"Soror Marianna,,

Uma peça de Julio Dantas no Gymnasio

O grande acontecimento com que se inicia a proxima época theatral será, segundo cremos, a dupla estreia de uma peça e de uma actriz para quem ella foi expressamente escripta: *Soror Marianna*, um acto de Julio Dantas, com Luiza Lopes na interpretação da protagonista. O interesse do eminente dramaturgo pelos alumnos do estabelecimento escolar em que superintende com tamanho zelo e tão elevada competencia acompanha-os ainda além dos seus cursos, pois que não só lhes patrocina os primeiros passos na carreira que elegeram como para elles tem composto algumas das suas joias litterarias. Luiza Lopes, cujo formosissimo talento o animou a trazer á luz da ribalta a figura da celebre freira portugueza, é das alumnas mais distinctas que teem sahido da nossa Escola da Arte de Representar e, mencionando as suas notaveis provas publicas na scena do theatro Nacional, aqui lhe previmos um glorioso futuro, se as raras aptidões que a distinguem não deixarem de ser convenientemente estimuladas. No Gymnasio, agora remoçado e tão querido do publico, sob a direcção de dois artistas de valor, Maria Mattos e Mendonça de Carvalho, encetará Luiza Lopes, quasi uma creança, a vida tentadora do palco e com ella outra actrizinha de insinuantes bellezas e apreciaveis predicados, tambem alumna do Conservatorio: Celeste Leitão. E' caso [illegible] os emprezarios-artistas [illegible] felicitarmos, egualmente, as juvenis comediantes que pela sua experimentada e carinhosa mão dentro de um mez a plateia do popular theatro vae, decerto, applaudir com enthusiasmo.

O que é *Soror Marianna*, de Julio Dantas? Um acto apenas, que mais não pode dar a tragedia de amor que immortalisou a apaixonada clarista de Beja, mas um acto de inexcedivel intensidade dramatica, em que o caracter da freira e o do amante se desenham com uma verdade e uma nitidez admiraveis de vigor e rigor; um acto soberbo, em que dois episodios culminantes, o que se desenrola ao levantar do panno e aquelle sobre o qual elle desce, bastariam—tão magistralmente traçados são—para consagrar o nome d'um escriptor de theatro, se o de Julio Dantas já não fosse um dos mais illustres da nossa terra; um acto que é ao mesmo tempo, uma fiel e encantadora evocação da vida conventual do seculo XVII, com todo o seu colorido, toda a sua graça e todo o seu perfume mundano e mistico...

As cartas da religiosa portugueza, que ao cabo de dois seculos nos assombram e commovem, tão sinceras, tão humanas, tão feminis são os seus vehementes protestos de amor, as suas recordações cheias de volupia, as suas queixas repassadas de amargura, as suas esperanças que se erguem e se desfazem como fumo ou nevoa, os seus lamentos, os seus presagios, as suas supplicas, as suas revoltas, os seus ciumes, a sua resignação, —as cinco cartas de Marianna Alcoforado ao cavalheiro de Chamilly teem na peça de Julio Dantas o mais bello dos prologos e o mais subtil dos commentarios...

O conde de Chamilly passou a ultima noite na cela da linda freira. Na escuridão da casa do capitulo, quando pela grande janella de rotulas ainda se não coam os primeiros alvores da madrugada, Marianna e o capitão de cavallos despedem-se: ella mais apaixonada do que nunca, elle indifferente, saciado da posse, grosseiro, quasi brutal. Soror Ignez de Jesus, a confidente dedicada, está de atalaia... Marianna pede ao seu Noël que, quando passar junto do convento com os seus soldados, ordene que toquem os clarins... A communidade, alumiando-se á luz de candeias, dirige-se ao côro... Mas rompe a aurora e annuncia-se a visita inesperada e estranha do bispo. A's mãos do prelado fôra ter um documento que não deixava duvidas sobre os amores sacrilegos da freira e do capitão francez. Dom Frei Francisco de S. Diogo vira-o escalar o muro do convento. O bispo inquire a abbadessa, e soror Marianna e soror Ignez, que a superiora surprehendera na casa do capitulo á passagem da communidade, veem á presença de ambos. Dom Frei Francisco interroga-as, severo, lê-lhes passagens da carta reveladora de Chamilly, que confessa ter uma amante no convento da Conceição e outra na rua do Touro. A grande amorosa não occulta por mais tempo o seu delicto; proclama-o bem alto, em palavras frementes de paixão; não crê que o seu Noël escrevesse aquillo... Mas eis que soam os clarins da cavallaria que desfila perto; é elle que satisfaz o seu desejo... Marianna corre á janella para o ver mais uma vez e cae sem sentidos... A abbadessa pergunta ao prelado como ha de proceder para com aquella ovelha tresmalhada.—Tratal-a com caridade!—responde Dom Frei Francisco...

Não podem avaliar-se os altos meritos do novo lavor de Julio Dantas, modelo de theatralisação e de estilo, pelo pallido e rude esboço que acabamos de traçar. Luiza Lopes ha de vencer, graças á sua excepcional vocação e ao seu intelligente estudo, as difficuldades que se amontoam no papel de *soror Marianna*, que talvez fizesse reflectir na importancia da empresa artistas laureadas... Celeste Leitão estrear-se-ha no papel de soror Ignez de Jesus; Maria Mattos, hoje das mais brilhantes figuras da scena portugueza, resuscitará uma abbadessa flagrante de verdade; Mario Duarte encarnará o conde de Chamilly e Saint-Léger; Mendonça de Carvalho, o bispo Dom Frei Francisco de S. Diogo...

Alberto de Sousa, o primoroso aguarelista, que tem estudado a archeologia artistica com singular dilecção, fez a maquette sobre a qual José Mergulhão pintará a scenographia de *Soror Marianna* e desenhará tambem os figurinos para o *costumier* Castello Branco. Os emprezarios do Gimnasio empenham-se em levar á scena a peça de Julio Dantas, attendendo escrupulosamente a quanto respeita a scenario, mobiliario e indumentaria. Antonio Pinheiro, por gentil deferencia para com os seus discipulos da Escola da Arte de Representar, incumbiu-se de dirigir os ensaios, o que constitue mais um penhor do exito reservado á representação do primeiro original portuguez que o Gimnasio annuncia para meados de outubro.

Avelino de Almeida

DERRAMANDO LUZ...

As duas falsidades

em que se apoiavam os elementos que pretendiam provocar a desordem

Accentuámos hontem que desappareceu a efforvescencia dos boatos terroristas, espalhados tendenciosamente com o fim de se estabelecer uma atmosphera politica favoravel á eclosão de qualquer movimento revolucionario. Esse desapparecimento está dentro da logica dos factos. Os elementos que pretendiam alterar a ordem contavam principalmente com a confusão estabelecida por duas falsidades que espalhavam com insistencia. Já as referimos, mas nunca é demais apontar o plano traçado pelos inimigos do regimen e por aquelles desvairados republicanos que não se resignam com o repudio que a nação lhes tem exprimido por todas as fórmas.

A primeira falsidade apoiava-se em suppostas disposições hostis dos revolucionarios de 14 de maio, insinuando-se que elles preparavam um golpe de força contra o governo. Era uma calumnia. Ha, sem duvida, elementos revolucionarios que não estão satisfeitos com a marcha da politica, tanto nos seus aspectos internos como internacionaes. Mas esse descontentamento provém apenas de não ter sido ainda possivel dar exacto e completo cumprimento ás aspirações da nação, que quer a Republica solidamente defendida, cá dentro, e seguramente prestigiada, lá fóra,—nos precisos termos das indicações que sahiram do acto revolucionario. Sendo assim, como é, alguem poderia razoavelmente suppor que aquelle descontentamento servisse de amparo ao triumpho de uma politica que seria a negação completa e formal das aspirações nacionaes? Porque ha revolucionarios insatisfeitos por se não ter avançado sufficientemente na linha do progresso politico e depuração moral que o 14 de maio marcou, segue-se que elles sejam capazes de auxiliar, directa ou indirectamente, os inimigos do regimen ou os aventureiros politicos que querem retroceder? Só imaginal-o representa uma immerecida affronta para quantos teem dado provas do seu desejo de servir a Republica, de a defender em todos os lances, de a amar á custa de todos os sacrificios. Bem sabem esses revolucionarios descontentes que, para a victoria definitiva das suas aspirações patrioticas, não é preciso uma nova revolução, a qual poderia até ser fatal aos proprios destinos da Patria. Não. Basta que essas aspirações se affirmem, dia a dia, n'uma propaganda constante, para que o seu triumpho seja certo, entrando-se n'um campo de realisações logo que desappareça a situação politica que nos governa com um caracter transitorio.

A segunda falsidade, divulgada com a mesma tendenciosa insisten-

ella, envolvia a patriotica marinha de guerra portugueza. Dizia-se que o sr. Leotte do Rego, o illustre commandante da divisão naval, desejava impedir pela violencia que o sr. dr. Bernardino Machado tomasse posse da presidencia da Republica. Quantos conhecem o dedicado patriota e valente marinheiro podem avaliar o que aquelle boato contém de indigno e repellente. O sr. Leotte do Rego, como todos os seus camaradas e subordinados, continúa no seu posto de honra para servir a Republica e não para auxiliar os manejos dos seus inimigos, quér elles se apresentem ás claras, quer surjam encobertos com o manto d'um republicanismo falso. Esses, uns e outros, é que podem contar com a hostilidade da marinha de guerra, certos de que o seu triumpho só seria alcançado no dia em que cahisse, varado por metralha traiçoeira, o ultimo dos marinheiros. Isso não succederá—porque a marinha de guerra está plenamente integrada nas aspirações da nação, e, n'um regimen democratico, é muitas vezes possivel protelar essas aspirações, mas nunca é possivel esmagal-as sem adiar indefinidamente o seu triumpho.

Eram essas as duas falsidades em que se apoiavam os elementos que pretendiam provocar a desordem. Logo que a verdade surgiu, luminosa como sempre, os boatos desappareceram e os inimigos do regimen voltaram a acoutar-se nas suas alfurjas, talvez á espreita de nova occasião mais propicia para o golpe. Mas o povo republicano continúa de sentinella, prompto a apparecer nos logares de perigo ao primeiro grito de alerta!

MARINHA DE GUERRA

Assignatura presidencial

Pela pasta da marinha foram á assignatura os decretos:

Promovendo a capitão de mar e guerra o capitão de fragata João Antonio La-Roche Barbosa Martins Ludovice; a capitão de fragata o capitão-tenente José Ferreira de Sousa Junior; a capitão-tenente Pedro Fragoso do Rio Carvalho; a primeiros tenentes os segundos tenentes José Francisco Monteiro, Jayme Correia do Inso, Antonio Ferreira de Sousa, José Botelho de Carvalho Araujo, Antonio Augusto de Sequeira Braga, Antonio Garcia de Sousa Ventura, Ildemundo Tavares da Silva e Raul Mario de Serra Guedes; a primeiros tenentes machinistas navaes os segundos tenentes do mesmo quadro Anthero da Silva Borges, Alfredo Thomaz dos Santos, João Antonio Estanislau Mosqueiro, Carlos Antonio de Carvalho e José Miguel Gomes.

A capitães-tenentes os 1.os tenentes Augusto Moreira Rato e Carlos Cesar Freire da Silva.

Exonerando de commandante da canhoneira *Ibo* o 1.° tenente Fernando Augusto Pereira da Silva e de director da bibliotheca de Marinha e museu naval o capitão de mar e guerra Emygdio Augusto de Caceres Fronteira e nomeando para o referido cargo o capitão de mar e guerra Jorge Moreira de Sá, mandando passar á situação de commissão especial o capitão tenente Bento Xavier Vieira de Brito, e os 1.os tenentes machinistas José Manoel dos Santos e Silva, Antonio dos Santos e Silva, Julio José dos Santos e Carlos de Figueiredo Miranda e á de commissão nas colonias os 1.os tenentes Antonio Affonso de Carvalho e Fernando Antonio Vieira de Mattos e o 2.° tenente Jayme Santos da Cunha Gomes; fixando a contagem de antiguidade dos guardas-marinhas auxiliares, nos termos do artigo 15.° da lei 400 de 31 de agosto findo.

Eden de Santo Amaro de Oeiras

N'este balneario-casino houve hontem *soirée* por creanças, que decorreu de forma brilhante, tendo-se alguns dos pares distinguido pela graciosidade com que se houveram.

As festas de hoje e amanhã prometem ser magnificas, devido aos incançaveis esforços da commissão organisadora. Na proxima semana exhibir-se-á ali á scena uma revista em dois actos, desempenhada por alguns artistas dos nossos principaes theatros.

Festas associativas

Grupo Dramatico Lisbonense

N'esta instituição continuam amanhã as festas commemorativas do 3.° anniversario da sua fundação com o seguinte programma: A's 12 horas, distribuição de um bodo a 50 pobres e lanche de leite e bolos a creanças, organisado pelas sr.as D. Carolina Marques, D. Elvira Guedes, D. Elvira Gomes e D. Judith dos Santos; ás 15 horas, sessão solemne em que farão uso da palavra elementos do movimento associativo e representantes de sociedades congeneres; das 16 ás 18, concerto musical pela banda da Sociedade Philarmonica 1.° de Julho, da Caparica, e inauguração da kermesse; ás 21, *soirée* dançante, com valsa a premio. As salas acham-se vistosamente ornamentadas e durante a tarde a entrada é franca.

Na Academia Recreio Artistico, organisado pela commissão dos festejos do 60.° anniversario, effectua-se amanhã um baile, com diversas surprezas e attractivos.

Na Academia Recreativa de Lisboa ha amanhã, ás 21 e meia horas, sarau com cançonetas e monologos e a opereta *A esposa do soldado*, seguindo-se baile.

AS NOSSAS GRANDES ARTISTAS

Lucinda Simões

entrevistada por Colombine

Da entrevista que a illustre escriptora Carmen de Burgos realisou com Lucinda Simões e que foi publicada no *Gil Blas*, de Madrid, reproduzimos o seguinte:

Se Lisboa tivesse um Vesuvio assemelhar-se-hia completamente a Napoles. Como é esta uma das mais bellas cidades da Europa. A sua orientação não é inferior á do golpho de Parthenopolis tão decantada. Aquelle passeio pelo Tejo, á luz da lua, a bordo do vapor tão gentilmente offerecido pelo ministro do fomento, de onde um dos engenheiros dos caminhos de ferro do sul e sueste focava os reflectores sobre os palacios e monumentos que illuminava, alguns d'elles tão magnificos e tão representativos da alma portugueza, como a torre de Belem, branca, banhada na alvura do luar, tornou-se inolvidavel.

Emquanto a guitarra portugueza e a viola choravam um fado e o vapor corria ao longo da grinalda de luzes da cidade e dos casinos dos balnearios, travei conhecimento com Lucinda Simões, a mais afamada e consagrada das artistas portuguezas.

Era a ultima noite que passava em Portugal e não devia perder a occasião de entrevistal-a.

Solicitei-lhe um momento de palestra e, afastando-nos do grupo de senhoras e litteratos illustres, começámos a conversar.

—Tenho trez patrias, disse-me Lucinda Simões. Nasci em Lisboa, casei no Brazil, onde vivi muito tempo, e sou hespanhola pelo coração.

—A que é devida essa predilecção pela minha patria, que tão grata me é n'um momento em que, a despeito do amavel acolhimento que me fazem, noto que ha contra ella uma certa desconfiança, aliaz infundada?

—Não; tal desconfiança não existe. E' apenas a obra de alguma imprensa hespanhola mal informada que parece terem interesse em desunir os dois povos..., mas eu não me occupo de politica... Uma artista deve consagrar-se sómente á arte e ao publico; ideias que d'elle a separam não deve tel-as. Estimo muito a Hespanha porque ali alcancei alguns dos meus maiores triumphos, e para uma artista, qualquer terra em que [illegible] comprehendida é para ella uma patria espiritual.

—Trabalhou, então, em Hespanha?

—Sim, em Madrid; estivemos ali eu e meu marido, que foi um actor celebre, com uma companhia portugueza... e fomos felizes... E' um publico immensamente amavel e galante!

E o seu olhar, acompanhando a luz do reflector, perde-se no céu como que evocando um sonho já longinquo.

—Madrid é tão linda, continuou depois, tão attrahente, e o seu povo d'um trato tão captivante, que nunca poderei esquecel-os. Além d'isso, a mim distinguiram-me muito, especialmente; representei no theatro da Comedia com o grande Emilio Mario que me deu um papel que eu fiz em portuguez, emquanto toda a companhia, como era natural, representava em castelhano... Applaudiram-me immenso!...

—Mas fala muito bem o hespanhol...

—E' muito differente falar aqui, em particular, de falar na scena; mas eu tive a boa sorte de comprehenderem perfeitamente o que dizia. Um dia um dos criticos madrilenos esteve falando commigo no theatro, e conversando depois com um actor da companhia, disse-lhe:

—«Porque será que se entende melhor a Lucinda e o marido que as outras artistas?» Ao que o meu companheiro, despeitado, respondeu: «E' porque falam brazileiro». O critico, parece-me que se chamava Muro, tomou nota; felizmente, antes d'escrever o seu artigo, chegaram os reis de Portugal em visita aos de Hespanha, indo com elles muitos homens illustres, entre os quaes se contava um dos nossos grandes oradores, que foi falar no Atheneu.

O jornalista em questão, ouvindo-o, disse muito convencido: «este sujeito deve falar em brazileiro porque se entende tão bem como a Lucinda Simões!»

N'esta altura da entrevista com a grande actriz portugueza, fomos interrompidos por um grupo de senhoras, entre as quaes se encontrava a distincta escriptora D. Anna de Castro Osorio, a intelligente miss Lawrence, correspondente do «Dayl Mails de Londres», e a illustre jornalista Virginia Quaresma que de taça em punho e com verdadeira eloquencia me offereceu aquelle mimoso passeio, corôa do affectuoso acolhimento que me dispensou Portugal; a illustre actriz aproveitou o momento para brindar pelas actrizes hespanholas.

—Conheço-as muito, disse-me; vi Maria Guerrero de quem sou muito amiga, ainda creança; vi Rosario Pino. Tenho viajado muito para ver as actrizes estrangeiras. Conheci Duse quando ella tinha quinze annos, e logo lhe adivinhei o genio... A grande Sarah Bernhardt tambem é das minhas amigas.

—Ao ouvil-a parece-me que uma maçonaria especial, uma não sei que fraternidade, liga as mulheres de todos os paizes, reunindo-as n'uma patria unica.

—Com effeito, assim é. Em arte não reconheço fronteiras e até interpreto com egual facilidade o theatro portuguez e o estrangeiro.

—Que genero prefere?

—A alta comedia.

—No seu ecletismo, quaes são os auctores que mais aprecia?

—Para lhe falar francamente, prefiro Dumas e Sardou; prestam-se mais ás minhas faculdades, mas tenho interpretado com egual exito as obras dramaticas hespanholas. A Ignez do «Tenorio», e muitas obras classicas e modernas; ainda ha pouco lhe disse que adoro tudo o que é hespanhol...

—Disseram-me que o governo da Republica procurou prestar uma justa homenagem ao seu merito nomeando-a para reger a cadeira de declamação no Conservatorio...

—E' verdade, mas eu renunciei ao honroso posto. Estou convencida de que sobre a scena posso ensinar melhor o que sei do que a uma aula. O Conservatorio tem pouquissimas alumnas; Portugal é pequeno e não ha muitas meninas que queiram seguir a carreira dramatica, cujo provir economico é pouco lisonjeiro. As nossas artistas em geral surgem espontaneamente, por vocação. E de mais, não sou partidaria da didatica.

—Demonstra assim que possue uma alma d'artista; a didatica, cousa morta, sciencia de dogmatismo, é tediente e opposta á arte, que é toda vida e apparato.

Lucinda Simões sorri, tristemente, e diz:

—Vi-me reproduzida n'uma filha que era um assombro, uma maravilha, uma grande actriz mundial.

—Falaram-me n'ella, mas disseram-me que se tinha retirado da scena.

—Retirou, em pleno triumpho, quando o publico delirava por ella.

—Não tinha gosto pelo theatro?

—Nunca teve... Além d'isso apaixonou-se: tem uma filha, e já não pensa em theatro nem em applausos.

—Talvez tivesse encontrado a verdade da vida!

—Não sei, disse com tom de sinceridade. Não entendo... Eu, pelo menos, não poderia viver fóra do theatro...

—Conte-me alguma anecdota da sua vida...

—Tenho poucas. Pude conciliar o meu amor, a minha vida de familia com a minha vocação. Meu marido era um grande actor; foi elle que me fez o que sou, e juntos partilhámos dos triumphos.

—Mas não se lembra de nenhum episodio interessante?...

—Uma vez estava eu no Brazil; havia lá um sujeito que fazia luxo, para mostrar o seu desdem pelas actrizes que lá iam, em falar alto no camarote que occupava no proscenio, durante a representação. Avisaram-me do caso. Na primeira noite contive-me; mas na segunda, quando comecei a representar e elle continuou falando alto, calei-me, avancei até ao proscenio, e dirigindo-me a elle, disse-lhe tranquillamente: «Quando o sr. acabar de falar, então começarei eu, porque os dois a falar ao mesmo tempo é que não póde ser...» O publico fez-me uma ovação, e ao tal sujeito fez-lhe uma assuada tão grande que se viu obrigado a retirar-se, não voltando mais ao theatro.

E eu comprehendo a auctoridade d'esta mulher para realisar a arte; é a auctoridade da mulher segura de si, do seu valor, da sua dignidade e da sua reputação. E' uma d'essas reputações inatacaveis de grande artista, que um povo inteiro consagrou, e que constituem as glorias d'uma geração.

Porque Lucinda Simões é uma mulher que symbolisa a arte tradicional do seu paiz, a detentora do estylo severo e profundo da dicção.

Por isso merece um respeito acrisolado, como se para todos representasse a flôr da palavra, a oratoria da paixão que em todos os espectadores se conserva muda e secreta, como se na grande actriz se encarnasse a intima candura da patria.

Espectaculos

Cartaz de ámanhã

AVENIDA—A's 20,30, 21,45 e [illegible]—Coração á larga.

POLITEAMA—A's 20,30 e 22,00—Não desfaleceis... (Revista).

EDEN—A's 20,45 e 22,45—O diabo a quatro. (Revista).

MODERNO—A's 20,45—O cabo Simão.

COLISEU DOS RECREIOS—A's 21—Decreto.

Agenda da semana

HOJE—Coliseu dos Recreios—Festa de Ettore Rassoli—*Os sinos de Corneville*—Novas cançonetas por Fernanda Rassoli.

Noticias

ENTRE NOS

A corte de Napoleão, linda opera comica, teve hontem no Coliseu dos Recreios um successo colossal. Todos os artistas foram muito applaudidos, principalmente os esposos Granieri, Rosalia Pangrazi, Vizzani e Marchetti, o impagavel comico. Hoje realisa-se a festa artistica de Ettore Razzoli com *Os sinos de Corneville*, em que o festejado tem no papel de «Gaspar» um dos seus melhores trabalhos. A gentil artista Fernanda Razzoli cantará *La Chiaponesa*: *biri-biri-bi*, canções interessantissimas e um applaudido fado portuguez.

Segunda-feira festa patriotica commemorando o 45.° anniversario da tomada de Roma. Cantar-se-ha *A Geisha* (1.° e 2.° actos) e cançonetas e canções por Cina da Valdis, Fernanda Razzoli e Rosalia Pangrazi. Terça-feira, despedida da companhia, festa de Amadeo Granieri com a *Princeza dos dollars*.

Circos & Music-halls

SALÃO DA TRINDADE—A's 20 e 22—Companhia infantil—Filha de Annica.

ANIMATOGRAPHOS E CONCERTOS—Olimpia e Paradis, matinées diarias e sessões á noite; Central, Chiado Terrasse, Salão Foz, Rocio; Sociedade Promotora da Instrucção, em Alcantara, sessões ás quintas feiras, sabbados e domingos.

CINEMATOGRAPHOS OU ESPECTACULOS VARIADOS—Chantecler, Imperio, Salão Graça, na Caixa Economica Operaria. Variedades, na calçada da Estrella—A's 21,30—O diabo no convento.

A SUISSA MADEIRENSE

O RABAÇAL, CENTRO DE EXCURSÕES

Uma maravilha da natureza que dentro de poucos annos terá uma reputação mundial

Vimos, em artigos anteriores, quanto do turismo se tem a esperar na ilha da Madeira, depois de concluidas as famosas estradas da montanha. Mas o problema das communicações, se bem que de capital importancia, não basta para resolver o difficil problema de attrahir e fixar forasteiros.

O turista opulento não viaja apenas para se extasiar na contemplação de novos horisontes e de differentes aspectos da natureza. Exige alguma coisa mais do que isso: quer encontrar distracções, casinos, musica, theatros, campos de «golf», «courts» de «tennis», «sports», regatas, caça; quer sobretudo conforto, cujo preço não regateia.

A junta agricola, a quem se deve todo o plano de desenvolvimento turistico da Madeira, não descurou o assumpto. Assim, nos pontos mais pittorescos do interior, em respeitaveis altitudes, ha o projecto de construir pequenos hoteis de montanha, a exemplo do que largamente se tem adoptado na Suissa.

O Rabaçal é um dos pontos mais bem escolhidos.

Centro magnifico de excursões, não póde certamente imaginar-se local de mais apraziveI belleza, perante a qual se teem extasiado gerações de viajantes. O hotel ficará situado no centro da frondosa matta, dominando um innumero panorama da serra que os inglezes se habituaram já a designar pelo suggestivo epitheto de «Suissa madeirense», e não irá além de 20 contos o seu custo. Concluida a construcção, será arrematada em hasta publica a exploração do hotel, impondo-se ao arrematante não só o mais escrupuloso aceio, mas ainda a condição de que o seu pessoal usará os antigos trajos regionaes da ilha—pormenor este a que se não póde negar uma deliciosa originalidade.

Do Rabaçal, visitadas as immediações, as «Vinte e Cinco Fontes», onde a agua se despenha em abundantes cascatas e a celebre «Furada», tunnel de 700 metros que atravessa a montanha, irradia-se para o Caramujo para o Pinaculo, para a formosa e deslumbrante Ribeira do Inferno. O espectaculo da natureza, aqui, póde bem classificar-se como um scenario shakespeariano. O valle é profundo e densamente arborisado; lá em baixo, no fundo do abysmo, o arvoredo secular tem as proporções de um tapete de musgo. Ao lado do caminho que contorna todas as caprichosas inflexões da encosta, uma levada fresca gorgoleja a sua canção bucolica...

Em todos os pontos de vista dignos da contemplação extasiada do viandante, a junta agricola projecta construir pavilhões de abrigo, onde os turistas possam recolher-se e tomar qualquer refresco. No Rabaçal, (que é uma propriedade particular e que deve ser adquirida pelo Estado), transformar-se-ha a matta n'um lindissimo parque, construir-se-hão veredas de passeio, represas para creação de trutas, jogos de agua, «courts» de «tennis», etc. Nas eminencias, elevar-se-hão villas e jardins, e da venda dos respectivos terrenos conta desde já a junta haver a compensação do capital dispendido.

Fica o Rabaçal, dentro de breves annos uma estação de villegiatura que não terá decerto rival em todo o mundo. O ponto é que a execução do plano que ligeiramente tem sido referido aqui não seja de novo interrompida, como já o foi durante o consulado dictatorial de Pimenta de Castro. Quando se realisa um programma de interesse geral, a intervenção do odio politico é, para empregar a phrase tradicional, mais grave do que um crime: é um erro indisculpavel.

Hermano Neves.

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

Syndicato Ferro-viario

Para tratar da carestia da vida e do augmento de salarios, reune a assembleia geral na delegação de Gaya, no dia 20, ás 10 horas, pedindo a direcção a comparencia de todos os ferro-viarios, socios e não socios.

Caixeiros de Lisboa

Serão de arte

Como complemento das festas de inauguração da nova séde da Associação de Classe dos Caixeiros de Lisboa, realisa-se amanhã, ás 21 horas, um serão d'arte, em que tomam parte considerados artistas dramaticos, um conceituado professor de guitarra e um applaudido cultor da canção nacional. O serão será precedido de uma conferencia do sr. Rosendo Carvalheira sobre «Arte e tradição».

Abrilhanta o serão um sextetto da tuna da Associação, sob a regencia do maestro Tarquinio.

ULTIMA HORA

Santa Clara de Coimbra

Restauração do claustro

O illustre artista sr. Antonio Augusto Gonçalves communica-nos telegraphicamente que o sr. ministro do fomento acaba de conceder a verba necessaria para a restauração do claustro de Santa Clara de Coimbra, que pelo seu valor archeologico e artistico convinha livrar da ruina que a ameaçava.

NOTAS DIVERSAS

O *Diario do Governo* publicará na segunda feira uma portaria determinando que os juizes de direito dos districtos criminaes de Lisboa e Porto se substituam reciprocamente, nas suas faltas e impedimentos, e só quando não possa effectuar-se essa substituição se proceda pela fórma estabelecida para as outras comarcas da Republica, de harmonia com as referidas disposições.

—A assignatura presidencial ficou transferida para segunda feira, ás 16 horas, em casa do sr. presidente da Republica.

—Foi enviado ao procurador da Republica, junto da Relação do Porto, um exemplar dos *Echos do Minho* onde se faziam referencias offensivas para os srs. Eusebio Leão e Lambertini Pinto, para que mande proceder a querella judicial.

—Seguiu hoje a juntar-se á divisão naval o torpedeiro n.° 3.

O preço dos generos

Reclamações dos revendedores do coke

O chefe Santos, da commissão fiscalisadora dos preços de generos, foi hoje procurado por uma numerosa commissão de revendedores de coke, que se queixou de que a Companhia do Gaz se recusa a fornecer-lh'o, allegando não o haver, mas que recebe e satisfaz todas as encommendas particulares, privando assim os reclamantes das percentagens sobre a venda d'esse genero.

O chefe Santos prometteu conferenciar sobre o assumpto com o administrador da companhia, sr. Elio do Rego.

Negociantes multados e julgados

No tribunal das transgressões foi hoje multado em 30 escudos, por ter augmentado o preço da batata, o commerciante Francisco Albano, da rua de Marvilla, 190.

No mesmo tribunal foram tambem condemnados: em 10 dias de prisão e 10 escudos, por vender leite com agua, Antonio Ricardo; em 30 escudos cada um, os commerciantes Almeida Simões & C.a, da rua dos Caminhos de Ferro, 38, por augmentar o preço do milho; Felix Ribeiro Lopes, da rua da Betesga, 102 e 106, por augmentar o preço do toucinho, e José Alves, da rua do Limoeiro, 15 e 17, por augmentar o preço do arroz nacional.

HORARIO DE TRABALHO

Operarios da Companhia do Gaz

Uma commissão delegada de operarios da secção do fogo da Companhia do Gaz veiu esta tarde á nossa redacção expôr o seguinte:

Querendo a companhia voltar a dar a esse pessoal 12 horas de trabalho por dia, com o que os operarios não concordam, deu já hoje ordem para amanhã se fazerem só dois turnos, e não tres como tem havido depois da publicação da lei que regulamenta o trabalho. Os operarios estão na disposição de não acatarem tal ordem e só comparecerão á hora a que o deviam fazer, declarando a commissão que nos procurou que não pretende o operariado, procedendo assim, lançar-se em qualquer movimento grevista com que o publico seja prejudicado, mas apenas manter a regalia das 8 horas, que por lei lhe é conferida.

Esse é só esse é o seu intuito.

Commissão de subsistencias

Na Manutenção Militar installou-se hoje a commissão de subsistencias a que presidiu o director d'aquelle estabelecimento, sendo secretariado pelo sr. João Palma, chefe do gabinete do sr. ministro do fomento.

A commissão iniciou os seus trabalhos e marcou nova reunião para segunda-feira, ás 21 horas.

O «14 DE MAIO»

A' memoria de um soldado de infantaria 1

vão ao cemiterio da Ajuda delegações de todos os corpos da guarnição

Como estava annunciado, realisou-se hoje a manifestação a mais uma das victimas do movimento revolucionario de 14 de maio: a ida do regimento de infantaria 1 ao coval do soldado José Rosa, n.° 208 da 4.ª companhia, morto em combate na madrugada de 14 d'esse mez n'um avanço de posições do seu regimento no areal da Junqueira.

A's 10,30', no vasto pentagono da parada regimental, formou-se o cortejo pela seguinte ordem: á frente, abrindo em duas alas, os recrutas do regimento; após estes as praças do quadro permanente de infantaria 1 que não estavam de serviço e deputações de todos os corpos dos regimentos da guarnição e guarda fiscal, egualmente formando alas.

Via-se depois a carreta funebre onde, entre innumeros ramos de flores naturaes e artificiaes, figurava uma linda corôa de violetas e miosotis offerta dos officiaes e praças do regimento.

Acompanhava a carreta a banda regimental, tocando uma marcha funebre, seguindo-se-lhe immediatamente grupos de cabos, sargentos e officiaes do 1 e dos demais corpos da guarnição vendo-se entre elles o commandante do regimento.

O funebre cortejo chegou ao cemiterio da Ajuda perto das 17 horas, usando da palavra junto do coval varios oradores.

O 1.° tenente sr. Almeida Pinheiro representava o corpo de marinheiros.

O balanço das victorias allemãs na Russia

As victorias alcançadas pelas tropas allemãs na Russia, habilmente engrandecidas pelos communicados e pela imprensa officiosa, causaram, a principio, no imperio uma alegria louca que, tal qual os successos militares, foi de curta duração. Em Berlim já desappareceu o delirio da população; os canhões que, no dizer dos communicados, tinham sido tomados aos russos por milhares, ainda a esta hora não estão alinhados em face do paço real nem do palacio do Kronprinz na avenida das Tilias.

A «Gazeta de Francfort», cujo patriotismo disciplinado e officialisado é conhecido, publica nos seus numeros de 2 e de 3 de setembro dois artigos muito significativos e evidentemente destinados a acalmar a opinião allemã inquieta por causa dos pouco decisivos resultados obtidos na Russia e desconfiada com as exagerações constantes e methodicas do communicado allemão.

No seu artigo do dia 3,—n.° 244, 2.° Morgenblatt—humildemente reconhece a «Gazeta de Francfort» que são em pequeno numero os canhões tomados ao inimigo:

«O numero de prisioneiros que temos feito prova que os russos poupam a sua artilharia, deixando na guarda da retaguarda apenas tropas de infantaria. Assim se explica termos tomado tão pequeno numero de canhões».

Tambem o mesmo jornal se empenha em convencer os seus leitores que este facto constitue um importante erro de tactica do estado maior russo, e de que a artilharia é a arma por excellencia das retiradas.

Fica pois o povo allemão sabendo: os 11:000 (?) canhões russos que em uma nota official publicada no fim do mez passado o estado maior allemão se gabava de ter em seu poder são as peças d'artilharia de praça, na sua maior parte de modelos antiquados, que os russos deixaram, previamente inutilisadas, nas fortalezas que abandonaram.

Os proprios communicados allemães confessaram que, depois da evacuação, as fortalezas de Ossowietz, de Novo Georgievsk, de Varsovia, etc., eram apenas montões de ruinas fumegantes.

Uma outra confissão fazem os allemães: no seu numero de dois de setembro—n.° 243, Abendblatt—a «Gazeta de Francfort» explica aos seus leitores que fizeram mal em contar com o envolvimento do exercito russo em torno de Varsovia. No entanto os jornaes tinham-se fartado de publicar grandes mappas da frente russa onde apresentavam os exercitos de Mackensen e von Hindenburg como os dois braços d'uma enorme tenaz prestes a fechar-se sobre o exercito do grão duque Nicolau, encurralando como succedeu ao exercito francez em Sedan.

O que resta hoje de tantas esperanças? E' ainda a «Gazeta de Francfort» que vae responder-nos:

«Os exercitos do czar não foram destruidos no sentido rigoroso da palavra; para exercitos tão numerosos não ha Sedan possivel. Não se podem apanhar como com uma tenaz tão consideraveis massas de homens, e esmagal-as d'uma vez.

«No emtanto as victorias que alcançámos podem ser qualificadas de decisivas».

Aqui está uma conclusão que as declarações anteriores enfermam.

Mas a «Gazeta de Francfort» já não tem illusões acerca do resultado da campanha da Russia:

«Estão ainda em marcha os nossos exercitos; a offensiva ainda não terminou, embora tenha por objectivo unico estabelecer na frente oriental uma linha de defeza tão curta quanto seja possivel».

Que resta, pois, da esmagadora victoria que as populações allemãs esperavam? O que é feito da artilharia destruida ou capturada, do milhão de inimigos aprisionados? Alimentará ainda o povo allemão alguma illusão que a «Gazeta de Francfort» não tenha tido o patriotico cuidado de dessipar?—(«Le Temps»).

ECHOS & NOTICIAS

INFORMAÇÕES—COMMUNICADOS

O CONCERTO NA AMADORA

O paiz progride, na litteratura e na arte. A musica está em evidente progresso. Esta affirmativa demonstra-se com a existencia de varias orchestras symphonicas que se manteem durante epocas longas em theatros e principalmente com o apparecimento de musicos portuguezes, que podem responsabilisar-se pela regencia d'essas grandes orchestras. Amanhã, por exemplo, annuncia-se a estreia d'um novo maestro, o sr. Accacio dos Santos, regendo 70 professores de musica na execução de trechos classicos de Berlioz, Wagner, Grieg, Mendelsohn, etc. O concerto effectua-se no bello Salão de Festas dos Recreios Desportivos da Amadora, hoje transformado n'um ponto elegante de reunião e n'um sanctuario d'arte, onde os nomes de valor devemos acolher a consagração do seu merito. E a estreia fará-se dentro d'um programma com numeros de canto que [illegible] de operas celebres e [illegible] uma assistencia selecta, exigente, formada por jornalistas, musicos, criticos musicaes e grandes figuras de destaque na sociedade portugueza.

PINHEIRO MACHADO

O Senado brazileiro agradeceu nos termos seguintes ao sr. dr. Bernardino Machado os pezames que lhe enviou por motivo do fallecimento do sr. Pinheiro Machado:

«A mesa do Senado, interpretando o sentimento d'essa corporação, profundamente agradece a V. Ex.a as demonstrações de pezar e as homenagens prestadas á memoria do seu vice-presidente general Pinheiro Machado. Attenciosa saudação. Urbano Santos, presidente. Pedro Augusto Borges, 1.° secretario. José Joaquim Pereira Lobo, 2.° secretario».

LUTUOSA

Falleceram: a sr.a D. Laura Moller, que será sepultada amanhã, pelas 16 horas, no cemiterio dos allemães, e a sr.a D. Joanna Ignacia Pereira da Costa, cujo funeral se realisa amanhã, pelas 15 horas, saindo da avenida Gomes Pereira para o cemiterio oriental.

NA CURIA

Effectuou-se no salão do balneario uma [illegible] que decorreu com a maior animação [illegible] e a alegria. Marcaram o cotillon o sr. Arthur Trindade e sua esposa Madame Margarida Marrotti Trindade.

Realisou-se no parque da mesma estancia uma kermesse, cujo producto reverteu a favor dos creanças pobres do concelho.

A commissão promotora d'esta festa [illegible] a exhibição. Esta commissão [illegible] das seguintes senhoras: Madame Margarida Trindade, Madame Laura [illegible] Dias, Madame Michelina Morão e Madame Angela Lemos.

A festa realisou-se no salão do balneario a distribuição dos premios aos cavalheiros e senhoras que venceram. Em [illegible] cantaram um duetto o sr. Arthur Trindade e sua esposa que foram muito applaudidos, sendo bisado. [illegible] o sr. Arthur Trindade leu algumas poesias, e o sr. Antonio Lemos fez uma conferencia humoristica.

A manhã realisar-se-ha um concerto na proxima terça-feira outro, sendo este ultimo promovido pela mesma commissão de senhoras que tem promovido as esplendidas festas d'estas thermas.

NOTAS MUNDANAS

—Retirou de Lisboa para a sua propriedade em Mafra a sr.a D. Maria Archanja Cardoso.

—Retirou do Gerez para Caldellas o sr. Adalberto Soares de Amaral Pereira.

ORFHEON DE CONDEIXA

No grande concerto ha pouco realisado nas Caldas da Rainha, no parque do sr. visconde de Sacavem (José), o orpheon de Condeixa obteve um magnifico e justissimo successo, composto por 70 operarios, trabalhadores e creanças e dirigido pelo sr. dr. João Antunes, é admiravel a maneira como canta a musica dos classicos, entre elles Bach e Beethoven, e as nossas canções populares. Consta-nos que na proxima epocha o orpheon de Condeixa dará dois concertos n'um dos primeiros theatros de Lisboa.

Catraeiros do porto de Lisboa

O desembarque de passageiros

Reuniu hoje a assembleia geral da Associação de classe dos catraeiros do porto de Lisboa para apresentação das declarações feitas perante a capitania do porto, obrigando-se ao seguinte:

1.°—Os catraeiros tratarão os passageiros com a maxima cordura e delicadeza; 2.°—Nenhum catraeiro poderá transportar no seu barco qualquer individuo estranho á sua classe, seja para que serviço fôr; 3.°—O encarregado do serviço, por parte dos catraeiros, a bordo do paquete, não largará para terra, salvo caso de força maior, sem primeiramente verificar se a bordo ainda ha algum passageiro que queira ser transportado; 4.°—Nenhum catraeiro poderá fazer carretagem a bordo dos paquetes ou dentro dos proprios barcos.

Tambem se tomou conhecimento do accordo entre a exploração do porto de Lisboa e a Associação, pelo qual, durante quanto durarem as actuaes circumstancias anormaes, a Associação fica auctorisada a desembarcar os passageiros vindos do Brazil, conduzindo-os para o posto de desinfecção.

No final, o presidente, sr. José d'Almeida, propôz um voto de agradecimento ao secretario do sr. governador civil pela fórma como resolveu a questão em beneficio da collectividade, o que foi approvado por unanimidade.

A provincia n'A CAPITAL

COIMBRA, 17.—Deve começar a funccionar no proximo mez d'outubro a escola primaria do Calhabé, para o que já foi arrendada a respectiva casa.

—Afim de tratar de assumptos de seu interesse, reune no dia 20 a assembléa geral da Cooperativa do Pão, a Coimbricense.

—Na Associação dos Empregados no Commercio em Coimbra, vão brevemente ser inauguradas as aulas de portuguez, francez e curso elementar para marçanos. Alem d'estas já ali existem duas aulas: escripturação commercial e calligraphia, que são regularmente concorridas.

—Os gatunos assaltaram o mercado do peixe, roubando a papelada existente na casa do guarda, na supposição de que ali estivesse dinheiro. Como nada encontrassem contentaram-se em levar uma porção de peixe secco que estava sobre uma banca do mercado.

PARTE COMMERCIAL

Situação da praça

CAMBIOS.—O mercado fechou ás seguintes cotações:

	Compra	Venda
Londres, cheque	35 1/16	[illegible]
Londres, 90 d/v.	35 3/4	—
Paris, cheque	874,3	[illegible]
Allemanha, cheque	[illegible]	[illegible]
Hollanda, cheque	[illegible]	[illegible]
Madrid, cheque	[illegible]	[illegible]
New York	[illegible]	[illegible]
Rio s/Londres	12 1/16	[illegible]
Libras	[illegible]	[illegible]
Agio do ouro	45 %	50 %

BOLSA — As inscripções effectuaram-se:

	Assent.	Coup.
Titulos de 1:000$	40,10	40,[illegible]
» » 500$	—	—
» » 100$	—	40,10

Obrigações d'Estado: 4 0/0 1888, 21$[illegible]; (2 [illegible]), assent. 60$.

Externas: 1.ª serie 73$30.

Acções: Lisboa e Açores 115$[illegible], Ultramarino assent. 115$50; Banco Commercial do Porto [illegible]; Phosphoros, coup. [illegible].

Obrigações: Prediaes 6 0/0 91$50 C.a Nacional dos C.os de Ferro, 1.a serie, 7[illegible]; Panificação 50$.

SPORT

O que fez a commissão de aeronautica militar portugueza no anno de 1914

Durante muito tempo perguntou-se e com insistencia o que tinha feito a commissão militar portugueza, durante o anno de 1914. Esta pergunta tem a precisa resposta no extracto do seu relatorio, publicado no numero do agora da «Revista Aeronautica». Vê-se por esse extracto que a commissão conseguiu o seguinte:

1) Estudo acerca da organisação e estabelecimento da Escola de Aeronautica Militar, na parte relativa á aviação. «Teve parecer favoravel do estado maior do exercito; foi approvada pela secretaria da guerra e serviu de base á creação da Escola».

2) Estudo acerca da organisação do serviço aeronautico no nosso paiz. «Foi feito com a observação de que soffrera alterações depois da actual guerra.»

3) Proposta para utilisação dos apparelhos de aviação existentes no paiz e preparação do respectivo pessoal de pilotagem. «Foi apresentada pelo commandante da companhia dos aerosteiros, mas a commissão reputou-a inexequivel».

4) Proposta de acquisição do material aeronautico e montagem do respectivo serviço. «Foi apresentada pelo mesmo commandante, mas a commissão pronunciou-se desfavoravelmente».

5) Recepção dos aeroplanos cedidos por emprestimo á commissão executiva das Festas da Cidade de Lisboa. «Um estava bom, outro só tinha o motor aproveitavel».

6) Arrendamento de uma parte da propriedade denominada «Quebrada», no S. de Villa Nova da Rainha, para campo de aviação.

7) Estudo acerca dos trabalhos a executar para installação da Escola, na parte relativa á aviação.

8) Zonas interditas á navegação aerea.

Notas do dia

A inspecção de gimnastica nas escolas primarias

Perguntam-nos se vamos concorrer ao logar de inspector de gymnastica nas escolas primarias. A resposta é simples:

—Desejamos concorrer mas não nos prestamos á comedia do concurso tal como está esboçado, apenas com uma prova escripta e uma prova individual de robustez.

E' necessario que o concurso seja uma coisa seria e que estabeleça a competencia do candidato de tal forma que não possa ser contestada. A não ser assim, é preferivel que a Camara Municipal nomeie quem entender, facto com que, particularmente, não nos importamos nem interessamos.

Fazendo-se concurso, deve organisar-se «severo, duro e apertado». Assim pensamos e tambem dois professores do lyceu e um primario que pensam como nós e que são provaveis candidatos. Todos nós desejamos conhecer a ordem de classificação e para que esta seja perfeita deve o concurso comprehender: «tantas provas escriptas quantas quizerem; tantas provas oraes quantas entenderem; provas physicas de agilidade e robustez individual; provas de que se possuem requisitos de instructor e de professor, ensinando, corrigindo, exemplificando». E ainda podem aproveitar o alvitre do professor Oliveira Tavares: «apresentação e defeza d'um plano d'ensino».

Tudo quanto não fôr assim é comedia, pois o concurso não é para professor mas para inspector que, pela proposta do sr. Corvinel Moreira, «tem de examinar professores e dirigir o ensino da gymnastica».

O concurso tal como está esboçado mal poderia servir para um concurso de professor, exceptuando, é claro, aquelles que teem dirigido classes de «gymnastica» durante annos e demonstrado zelo e competencia de instructores. Nunca poderá servir para um logar de inspector.

A travessia do Tejo a nado

Organisada pela Gymnasio Club para disputa do Escudo de Prata, realisa-se amanhã esta importante prova, sendo a largada da Trafaria ás 11,30 e a chegada provavel dos concorrentes a Pedrouços ás 12,30, pouco mais ou menos. Tanto a partida como a chegada dos nadadores serão annunciadas por foguetes.

A esta dura prova concorrem 9 nadadores e entre elles uma senhora que por varias vezes tem feito este percurso.

A chamada dos concorrentes é ás 11,20, collocando-se os nadadores de leste para oeste, na seguinte ordem: 1, Madame Margarida F. Pola, 2, Antonio Affonso Pola, A. N. L.; 3, João Formosinho Simões, 4, José Formosinho Simões, 5, Antonio Vieira Caldas, C. C. P.; 6, Alberto de Sousa Brandão, S. C. P.; 7, Thomaz d'Aquino, 8, Arnold Stocher, 9, Manuel Ryder da Costa, C. N. L.

O jury da prova é constituido: presidente, D. José de Noronha; arbitro, Alvaro de Lacerda; juiz de partida, dr. Carlos Granha; juiz de chegada, Jayme Paula Rosa; chronometrista, Carlos Basilio d'Oliveira; fiscaes de pista, Adolpho Lalemand e Fernando Bordallo Pinheiro.

Devido á amabilidade da junta directora do Club Naval os soccorros medicos durante a corrida estarão assegurados pela magnifica ambulancia de que aquelle benemerito club está provido.

O jury da corrida funccionará a bordo do vapor fretado pelo Gymnasio Club, tomando logar os juizes da corrida, arbitro e chronometrista a bordo dos gasolinas gentilmente cedidos pelo Club Naval e pelo sr. Soares d'Almeida, socio do Gymnasio Club.

O vapor que o Gymnasio Club fretou para conduzir os concorrentes, jury e convidados é o «Rio Secco», que parte do Terreiro do Paço ás 9,30.

Algumas anecdotas

Duro, mas para sempre

Um alegre cavaqueador, d'uma forma pittoresca, contou uma anecdota em que certas freiras commentavam, fazendo comparações, a robustez physica dos visitadores do convento. Parafraseando-se, d'ali a pouco, a anecdota, entre quatro dos ouvintes estabeleceu-se o seguinte questionario:

—Mas o que entendes por robustez, se o homem com a edade perde a musculatura e a força?

—E' verdade, eu por exemplo não gosto de musculos duros arranjados sem preparação e sobre corpo forte, porque quando se deixa de trabalhar alguns annos, ficam flacidos...

—Eu prefiro musculos flacidos que pelo treino se tornem duros...

Um malicioso que os ouviu, metendo-se na conversa, atirou a sentença seguinte, recebida com gargalhada:

—Eu então prefiro musculo duro, mas que dure sempre...

Noticias

Entre nós

O concurso de esgrima no Estoril

Augmenta d'interesse, porque augmenta de valor, o concurso de esgrima que nos dias 17 e 24 d'outubro se vae realisar no Estoril. A prova deve ser, seguramente, a mais notavel de todas que, na esgrima, se tem effectuado em Portugal. Disputa-se uma «Taça», a mais linda, valiosa e artistica que se tem dado como premio n'estes torneios de espada e além d'esse premio, que competirá á sala do esgrimista vencedor, ha mais uma medalha d'ouro e 7 de «vermeil».

Juntamente com esta prova far-se-ha a disputa da Taça Monte Estoril.

O concurso será em duas provas. A primeira, no dia 17 é a um toque, para classificação da «Taça Monte Estoril», e a segunda, no dia 24, a trez toques.

A gymkhana da Amadora

Maravilhosa festa é a que se realisa amanhã, no «rink» de patinagem dos Recreios Desportivos da Amadora. Effectua-se um grande «gymkhana», que reune mais de 60 concorrentes, homens e senhoras e meninas, para disputar os valiosos e lindos objectos d'arte. Effectuam-se provas de rigoroso athletismo, com saltos em altura e á vara. Effectuam-se exercicios em patins. Todos estes trabalhos são fiscalisados por um jury a que presidirá o grande apostolo da instrucção, dr. Magalhães Lima.

Grupo Sportivo da Sociedade J. R. Cordeiro

Em resultado de motivos imprevistos, a commissão sportiva avisa todos os socios que tomam parte no «pic-nic» que se devia realisar amanhã, que já não se effectua na villa do Bellas e sim na do Seixal, sendo a partida ás 9,30 minutos, do Caes do Sodré (Parceria dos Vapores Lisbonenses), rogando aos mesmos senhores a sua comparencia meia hora antes a fim de se reunirem todos.

Regimento de infantaria n.º 2

E' o seguinte o programma da festa sportiva que se realisa amanhã, no parlamento dos recreios, ás 9,30: I, Orfeon; II, gymnastica com armas; III, lançamento do peso; IV, lucta de tracção; V, saltos em altura; VI, saltos á vara; VII, campeonato de sabre-baioneta, e VIII, orfeon.

Loteria de Lisboa

Numeros mais premiados

4976	20:000$
4247	2:000$

5220	600$	1956	100$
200	200$	2951	100$
016	200$	3718	100$
1408	200$	4367	100$
740	100$	5464	100$
1390	100$	5665	100$

Coliseu dos Recreios

Os leões do celebre domador Marck

Estão já em Lisboa os leões do intrepido domador Marck que os apresentará no Coliseu a 26 do corrente, data da estreia da grande companhia de circo. Marck revestiu o seu surprehendente numero de extraordinario apparato, dividindo-o em duas partes e intitulando-o «Vingança de Feras». No programma figuram os melhores artistas da actualidade e os primeiros clowns do mundo: Rico e Alex, Antonet e Walter, Tanitoff e Terry Grice.

Jantares concertos

E' amanhã mais um dia magnifico para os iniciadores da transformação da elegante esplanada do luxuoso Casino de S. José de Ribamar, de Algés. E dizemos magnifico porque se preparam ali grandes e extraordinarios attractivos ao ar livre, sendo opiparo o *menu* do jantar concerto, em homenagem ao publico que tem concorrido a esses jantares.

No elegante palco terrasse da esplanada, exhibir-se-hão varios numeros e variedades, para complemento da encantadora festa.

ALVITRES e RECLAMAÇÕES

Joia que não é entregue ao achador

A' nossa redacção veiu queixar-se o sr. José Pereira da Silva, morador na rua da Barroca, 34, 4.º, do seguinte:

Tendo encontrado ha quatro annos um botão de peito com brilhantes, foi leval-o ao governo civil, como era dever seu, a fim de vêr se apparecia quem o tinha perdido. A lei preceitua que os objectos encontrados revertem ao fim d'um anno, não apparecendo o possuidor, a favor de quem os achou. Pois ha dias dirigiu-se o sr. Pereira da Silva ao governo civil, onde lhe mostraram o botão, mas lh'o não quizeram entregar, dizendo que era melhor esperar ainda algum tempo, a vêr se apparecia o dono.

Entende o reclamante que não é justo que assim se proceda.

JANTAR-CONCERTO

E' primoroso, como se segue, o *menu* do jantar-concerto de amanhã no luxuoso Casino de S. José de Ribamar, em Algés:

POTAGE
Leopold II
POISSON
Filet de Bar Joinville
ENTRÉE
Tournedos Theodora
LEGUMES
Auborgines frites
ROTI
Poulardes aux cressons
Salade de saison
ENTREMETS
Glace aux pêches
Patisserie variée

PROGRAMMA DO CONCERTO

1.ª PARTE

I—*Symphonia*	Gade
II—*Ephemera*	J. Padua
III—*Recordações de Coimbra*	Ed. Ferreira
IV—*Cavalleria rusticana* (a pedido)	Mascagni

2.ª PARTE

I—*Danse macabre*	Saint-Saens
II—*Miragem*, valsa de concerto	Taborda
III—*L'amico Fritz*	Mascagni
IV—*Jimbo Jimbo*	Siroux

No espectaculo que se realisa no elegante palco-terrasse da encantadora esplanada tomam parte o celebre ventriloquo Balder e os insignes duettistas Wiveskis.

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

«A selecção espartana na sociedade de hoje»

Assim se intitula a dissertação inaugural defendida perante a faculdade de medicina de Lisboa pelo sr. Mario Garcia da Silva e que acaba de ser publicada em opusculo. Não falta talento ao auctor e defende a sua proposição com calor e bons argumentos, mas é ella tão arrojada que decerto levantará muitos protestos. O que se não póde, porém, deixar de dizer é que tem valor o trabalho do novo medico.

TOURADAS

Algés.—A corrida de amanhã começa ás 17 horas, sendo lidados 14 touros, vaccas e garraios simultaneamente, pelo que a praça será dividida a meio, como se fez ultimamente em Madrid e no Campo Pequeno. O detalhe é o seguinte:

1.º e 2.º respectivamente para amadores e para o intervallo comico, por Antonio Preto; 3.º e 4.º, ambos para discipulos de Luciano Moreira; 5.º e 6.º, duas vaccas, uma para o intervallo comico, «Os saltimbancos da Arruda dos Vinhos», por Antonio Preto, e a outra para amadores; 7.º e 8.º, respectivamente, a sós por Joaquim Domingos e para uma surpreza por Antonio Preto; 9.º e 10.º, para discipulos de Luciano Moreira; 11.º e 12.º, respectivamente a sós pelo espada Hypolito Pisão, o intervallo comico; 13.º e 14.º, para todos os lidadores. Estes serão coadjuvados pelo bandarilheiro Luciano Moreira. Haverá dois grupos de moços de forcado.

Cascaes.—A tourada annunciada para amanhã ficou transferida para quando se annunciar, por motivo de doença do presidente do grupo organisador da corrida.

Alcochete.—As corridas de touros de amanhã e depois começam ás 17 horas, tomando parte n'ellas os cavalleiros F. Bento de Araujo e Antonio Nataário Junior, bandarilheiros e forcados dos melhores de Lisboa. As touradas são abrilhantadas pela banda da Republica (24 d'agosto) e Sociedade democratica de Aldegallega. Do Terreiro do Paço haverá carreiras extraordinarias para Alcochete ás 8 horas e 13,30, sendo o regresso ás 20 e 1 da madrugada, depois do fogo de artificio.

Movimento maritimo

Gibraltar e Barcelona «Roma» (N. Y.)	19
Madeira e Açores «San Miguel»	20
Brazil e R. Prata «Gelria» (Amsterd.)	20
Brazil e R. Prata «Ligure» (Bordeus)	21
Vigo, Faf. e Aufst. «Frisia» (do Brazil)	21
Maranhão, Ceará, etc., «Michelle» (Av.)	[illegible]
Bordeus «Divanne» (do Brazil)	22
Africa occidental «Angola»	22
Pará e Manaus «Hosyana» (Liverpool)	23

«A Capital»

Vende-se nas Recreios Desportivos da Amadora.

Joanna Gomes Moreira e Costa

FALLECEU

Caetano José da Costa, Maria do Rosario Moreira e Costa, Maria do Rosario Gomes Moreira, Henriqueta Moreira Telles Freire, Antonio Maria Telles Freire e filhos, Antonio Moreira Santos, Manuel Rebello dos Santos e filhos, Augusto Gomes Moreira, Filippe Carlos Gomes Moreira, Lydia Quintas Delgado Moreira, participam ás pessoas das suas relações o fallecimento da sua extremosa esposa, mãe, irmã, cunhada e tia Joanna Gomes Moreira e Costa e que o seu funeral se realisa amanhã, 19, pelas 15 horas, sahindo o prestito funebre da avenida Gomes Pereira, Vivenda Victorino, em Bemfica, para o Cemiterio Oriental.

zes de que estavam providos alguns navios da esquadra do Levante faziam frequentes visitas á costa do sul da Palestina, onde conseguiam obter preciosas informações sobre a situação dos acampamentos inimigos, os movimentos de tropas e de comboios e outras, voando por vezes terra dentro até Beersheba.

Apoz o começo das operações dos alliados contra os Dardanellos, a armada franceza tomou a seu cargo a vigilancia da costa syria.

A 19 d'abril o navio «St. Louis» bombardeou os entrincheiramentos turcos em El Arish, voando um hydroplano sobre elles, o qual dirigia o fogo de 15 a 20 canhões. Nos principios de maio foi bombardeado um acampamento perto de Gaza, onde alguns corpos turcos se tinham reunido a fim de Djemal Pachá lhes passar revista. Uns 50 inimigos foram mortos pelo shrapnels, sendo o numero de feridos muito maior.

A 29 d'abril o cruzador «D'Entrecasteaux» bombardeou algumas trincheiras em Tarsus na costa cilicina, emquanto um hydroplano com um piloto francez e um observador inglez voava sobre a estação do caminho de ferro e arremeçava uma bomba sobre um vagon carregado de dynamite. Outros vagons contendo altos explosivos desappareceram entre terriveis detonações e a estação do caminho de ferro ficou arrasada.

A 10 de maio a «Jeanne d'Arc» appareceu ao largo de El Arish e de novo bombardeou alli os turcos. Na quinta feira d'Ascensão o cruzador «D'Estrées» appareceu em frente de Alexandretta. O seu commandante, o sr. de le Passandière, intimou o kaimakan a arriar a «bandeira do barbarismo» que fluctuava sobre o consulado allemão. O kaimakan—ou governador da cidade—estava, como de costume, doente ou ausente.

O sr. de la Passandière, tendo fixado um praso para evacuar o consulado ou para a bandeira ser arriada, mandou assestar os canhões contra o edificio. Logo que expirou o praso, mandou abrir fogo. O consulado foi arrazado, a bandeira deitada abaixo e o consul precipitou-se d'uma janella á rua. Tres soldados turcos que estavam perto do consulado, apesar do aviso feito previamente, foram feridos.

Em seguida o commandante do «D'Estrées» voltou a attenção para um deposito de petroleo que podia servir para abastecer os submarinos inimigos que a esse tempo haviam apparecido no mar Egeo.

Desejando poupar a cidade, escolheu um momento em que o vento tinha amainado, a 14 de maio, e incendiou o deposito com um par de granadas. Poucos dias antes a «Jeanne d'Arc» havia destruido um deposito muito maior em Makri, na costa meridional da Cicilia. O bombardeamento de Budrun a sudoeste da costa da Asia Menor no golpho de Halicarnassus não deve ser aqui mencionado, pois pertence ás operações navaes no Egeo contra os turcos. Foi causado por uma grande traição da parte dos turcos, principalmente civis armados, que fizeram fogo sobre a tripulação de dois botes que haviam sido mandados parlamentar com as auctoridades pelo commandante do «Dupleix». Uns vinte marinheiros francezes foram mortos ou aprisionados e as auctoridades turcas tiveram a desfaçatez de publicar um communicado em que se dizia que haviam repellido uma força de desembarque. O «Dupleix» por esse motivo bombardeou o bairro musulmano da cidade durante tres horas, causando grandes damnos.

Outro caso de ataque por habitantes armados sobre forças que iam em botes occorreu em Bamas, proximo de Latakia, a 18 de maio, quando uma chalupa a vapor e um bote que pertenciam ao «D'Estrées», que havia apresado dois navios mercantes inimigos e dado caça a um outro até ao pequeno porto, foram recebidos a tiros dos telhados das casas e do caes de desembarque. Os dois officiaes que iam nos barcos mostraram o maior sangue frio e resolução, conseguindo evitar que os seus homens fossem todos victimas d'aquella traição. Como castigo,

lliados era duplo: primeiro, prevenir o lançamento de minas nos portos inimigos e aprezar os barcos costeiros que transportassem material de guerra d'um porto para outro; segundo, observar e quando possivel impedir taes movimentos hostis, especialmente os que se relacionassem com a projectada invasão do Egypto, ou por meio dos canhões dos navios de guerra, se isso estivesse ao seu alcance, ou por meio dos hydroplanos com que os francezes haviam contribuido para tal obra.

O unico ponto onde as communicações entre as forças turcas e Constantinopla podiam ser atacadas efficazmente por uma força puramente naval era Alexandretta e a praia entre a pequena cidade e a aldeia de Payaz mais ao norte.

Para comprehender a importancia d'esse ponto temos de referir-nos aos caminhos de ferro e principaes estradas de Cilicia e da Syria do norte. A abertura no caminho de ferro de Bagdad, entre Karapunar e Dorak, onde trez tunneis foram começados antes de maio de 1914, não é um obstaculo serio para o transporte de tropas do norte, desde que duas estradas carreteiras—a velha estrada governamental que atravessa os Gates Cilicianos e uma nova e boa estrada admiravelmente construida pelos engenheiros da Companhia do Caminho de Ferro de Bagdad, que segue a não concluida secção montanhosa do caminho de ferro de muito perto—atravessam o Tauro e ligam com o caminho de ferro em Tarsus e Dorak na Cilicia.

Essas estradas tornam-se accidentalmente intransitaveis com o mau tempo, mas na maioria dos casos por poucos dias e só no inverno.

A leste de Adana o caminho de ferro corre para Toprak Kalé, onde se bifurca. Um ramal corre para o sopé das montanhas Amanus em Bagheche. D'ahi a Radju, onde uma secção concluida no caminho de ferro corre para Mosleimieh e Aleppo, é talvez a parte mais difficultosa da linha de Bagdad. Um tunnel se está construindo em Bagheche, mas do lado oriental da montanha a construcção é muito difficil até chegar a Radju.

Uma má estrada atravessa o Amanus acima de Bagheche e corre para sudeste por uma região difficultosa, mas no inverno essa estrada está quasi sempre impedida pela neve.

Uma outra estrada parte de Adana, passa em roda da margem oriental do golpho de Alexandretta, atravessa Payas e a cidade de Alexandretta, assim como o Arsenal pelo desfiladeiro Beilan e continua até Aleppo. E' uma boa estrada que offerece poucas difficuldades para os transportes, mas, como a secção Payas-Alexandretta do ramo do caminho de ferro Toprak-Kalé-Alexandretta, que cruza e torna a cruzar, está absolutamente entre essas duas localidades sujeita a um bombardeamento naval.

Corre ahi entre eminencias pouco profundas, forte algum a protege e qualquer corpo ou comboio militar que a queira atravessar em breve seria annullado pelos canhões de um navio de guerra.

Os turcos, para reforçarem o seu exercito da Syria, tinham de se arriscar a grandes perdas causadas pelos canhões navaes ou a levarem os seus homens, munições e canhões por uma difficil estrada montanhosa onde podiam durante duas ou trez semanas ficar bloqueados pela neve. A principio arriscaram-se pela estrada maritima e arriscaram-se com exito. A 10.ª divisão, se não outras das tropas que atravessaram o Tauro em novembro, seguiu pela estrada ou por caminho de ferro, com canhões, pontões, explosivos e bagagens para Alexandretta.

Devido talvez á má comprehensão da importancia estrategica da costa, talvez á falta de coordenação entre os altos commandos naval e militar que se manifestou nas principaes phases da operações dos Dardanellos, não havia navio algum de guerra no golpho de Alexandretta quando esse comboio militar veiu

Laura Moller

Falleceu!

Seus Irmãos e Irmã cumprem o doloroso dever de participar aos seus parentes e pessoas das suas relações que foi Deus servido levar da vida presente a sua muito chorada Irmã Laura Moller e que o seu funeral terá logar amanhã, Domingo, dia 19, ás 4 horas da tarde no Cemiterio dos Allemães, na Rua do Patrocinio.

do Norte. Um unico cruzador teria infligido grandes perdas ás tropas que depois atacaram o Canal e teria destruido muita da sua artilharia e pontões. Mas a occasião perdeu-se e só uma semana depois do principal corpo de exercito de Djemal ter transposto o desfiladeiro de Bailan com canhões e munições bulgaras é que appareceu em Alexandretta o «Doris».

Apesar do valor de Alexandretta para o governo allemão e para os seus alliados capitalistas que esperavam explorar o fiscalisar o imperio turco na Asia por meio do caminho de ferro de Bagdad, pouco tinha sido feito para proteger a cidade contra um ataque naval. Um navio mercante, depois de ter sido destruido pelo «Doris», foi afundado na bahia; diz-se que meia duzia de minas foram lançadas perto de Ayas.

Cesar Laurenti, auctor dos planos dos submarinos italianos

Algumas trincheiras foram levantadas ao longo da praia e no desfiladeiro de Bailan. Mas é difficil explicar o motivo por que se não tomaram medidas effectivas para difficultar o desembarque de forças inimigas e o ataque do caminho de ferro.

A 15 de dezembro o cruzador-couraçado «Doris» sahiu de Askalon, onde tinha estado empregado em pequenas operações. No dia 17 appareceu em Alexandretta e bombardeou e destruiu quatro pontes na estrada e no caminho de ferro que levava de Alexandretta a Payas. O seu commandante apresentou um «ultimatum» ao commandante turco de Alexandretta intimando-o a render-se, sob pena de destruição da estação do caminho de ferro e dos depositos da cidade.

No dia 18 os canhões do «Doris» destruiram um comboio carregado de camellos para o exercito syrio e uma força que desembarcou dispersou algumas tropas turcas proximo da ponte do caminho de ferro Dort-Yol e fez saltar esta por meio de dynamite, tendo um homem ferido durante essa operação.

Como os turcos de Alexandretta não tivessem tido conhecimento do primeiro «ultimatum», foi enviado um outro ao seu commandante exigindo a entrega de todo o material de guerra que havia na cidade, sob pena d'esta ser bombardeada.

A esse «ultimatum» respondeu de Damasco Djemal Pachá com um telegramma ameaçando mandar fuzilar os inglezes e francezes internados n'aquella cidade se alguns turcos não combatentes fossem mortos pelos canhões do navio britannico. Era um modo de proceder caracteristicamente turco. Ou os inglezes recuavam, deixando o material de guerra em Alexandretta intacto, ou corriam o risco de vêr matar os seus concidadãos por levarem a cabo uma operação necessaria de guerra depois de terem avisado previamente os habitantes da cidade e as auctoridades.

O commandante do «Doris» replicou a Djemal Pachá que o tornava responsavel pela morte dos francezes e inglezes que elle se propunha mandar fuzilar.

O embaixador americano em Constantinopla empregou a sua influencia sobre a Porta de modo a levar as auctoridades militares ottomanas da Syria a tomarem medidas mais razoaveis e tendo sido removido muito do material de guerra emquanto se estava em negociações accordou-se finalmente em que as duas machinas de caminho de ferro

que estavam em Alexandretta seriam destruidas pelos proprios turcos, os quaes declararam não ter altos explosivos. O commandante do «Doris» offereceu fornecer-lh'os. Os turcos acceitaram, mas quando tudo estava prompto os seus parlamentarios de novo puzeram objecções. Não tinham officiaes em Alexandretta com as habilitações necessarias para procederem a esse trabalho. Afinal, apoz uma serie de demoras, que já começavam a tornar-se impertinentes, descobriu-se uma formula que conciliou tudo. Um official naval britannico da reserva que fallava turco foi considerado como estando temporariamente em commissão no exercito turco e preparou tudo. A machinas voaram em pedaços, alguns dos quaes cahiram a quatrocentos pés de distancia, á vista dos 4.000 soldados da guarnição de Alexandretta, e o «Doris» partiu, tendo inspirado o maior respeito pelo poder naval dos alliados na costa da Syria.

D'ahi em deante, cruzadores inglezes e mais tarde francezes fizeram constantes visitas a Alexandretta. As tentativas para transportar provisões pela estrada da costa eram deveras perigosas, por causa dos seus canhões. Por diversas vezes forças de desembarque cortaram o telegrapho ou detruiram as provisões e as forragens deixadas na estrada pelos seus conductores, que fugiam ao sentirem as granadas começarem a cahir sobre elles.

N'uma d'essas occasiões alguns marinheiros britannicos viram que um carro que tinha sido abandonado continha laranjas e não provisões militares. Apoderaram-se do fructo, mas deixaram duas libras para o dono, que ficou satisfeitissimo e foi para Alexandretta exalçar o procedimento dos inglezes.

Uma unica vez durante os primeiros trez mezes de 1915 houve uma lucta digna de menção nas margens do golpho de Alexandretta. A 6 de fevereiro uma força de desembarque do «Philomel» foi recebida por um nutrido tiroteio d'uma trincheira occulta guarnecida por cerca de 80 soldados turcos. Seis dos inglezes e novo-zelandezes que formavam a sua tripulação foram feridos, trez mortalmente. Foram vingados pelo cruzador, que immediatamente lançou ferro e abriu fogo com as suas peças de 4-7 pollegadas contra a trincheira. Dos 80 turcos, mais de 50 foram mortos ou gravemente feridos, sendo alguns litteralmente reduzidos a migalhas pelas granadas explosivas. Depois d'essa lição, os turcos de Alexandretta nunca mais se metteram com os marinheiros alliados.

As operações dos cruzadores britannicos em Alexandretta embora menos bem succedidas do que podiam tel-o sido, se começassem dez dias mais cedo teriam impedido o inimigo de enviar grande quantidade de provisões e de homens para Aleppo, para o Caucaso, Mesopotamia ou fronteira egypcia pela estrada á beira-mar. Tropas e munições haviam sido mandadas de Cilicia para a Syria do norte pelo Giaur Dagh, pelos desfiladeiros conhecidos algumas vezes pelo nome de Gates Syrios.

Os turcos haviam trabalhado para melhorar a estrada, mas até ao mez de março as suas columnas de transporte e a sua infantaria pezadamente equipada haviam soffrido muito o desconforto e os inconvenientes que se encontram nas montanhas, expostas a um vento glacial e acampando no lodo e nos atoleiros antes de chegarem ao relativo conforto da planicie da Syria do norte.

Na costa da Syria do sul e da central não se deram luctas durante o inverno. El Arish foi mais d'uma vez bombardeada. O cruzador russo «Askold» desembarcou forças em diversos logares. Algumas vezes os russos eram bem recebidos; outras, como em Khan Yonus e Ruad, fizeram fogo sobre elles. Apenas um marinheiro foi perdido durante essas operações, no decurso das quaes os russos aprezaram um navio mercante allemão e descobriram algumas minas.

Entretanto os hydroplanos france-

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 1341 — 6.º Anno | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Editor—Camillo Sousa e Almeida — Redacção e Administração—R. do Norte, 5, 1.º | LISBOA—Domingo, 19 de Setembro de 1915 | Telephone n.º 2298—Endereço teleg. CAPITAL — Composição—Rua do Norte, 5, 1.º — Officina de impressão—71, Rua da Bica, 71 | Preço 1 centavo

Hendaya, terra de França

Visões de Hespanha—Companheiros de viagem—O toureiro da planicie—França á vista—Primeira impressão

Não conheço nada mais triste, mais desolador, mais enervante para quem tem que passar quarenta e oito horas enclausurado em vagons do que essa tristissima paisagem de Castella a Velha que, desde Fuentes do Onoro, persiste, nas margens da linha ferrea até cerca de Victoria, até aos primeiros contrafortes dos Pyrineus. E' a planicie a perder de vista, campos plainos ceifados de fresco, rasos como a cabeça de um recruta em dia de «prete», de longe em longe, no acaso das passagens d'um comboio, «omnibus» desde a fronteira até Medina, umas estações vagas de nomes inverosimeis, onde ha sempre dois padres, quatro «carabineiros» de serviço e uma velha, que vende o «Blanco y Negro». Cheguei a suppôr que transportavam esse pessoal no vagon das mercadorias. Afinal não eram sempre os mesmos; mas eram todos eguaes.

Até Salamanca o combolo segue atulhado de portuguezes e hespanhoes, que vão a ver que tal se sahem os «Gallos» com touros de Veragua.

Apenas assoma a velha cidade universitaria e antes que o comboio pare de todo, despejam-se as carruagens. A estação está apinhada; pelas estradas que entram na cidade chegam aos montes, a pé ou a dois e tres sobre um jumento, aquelles «baturros» de alpergatas e varinha na mão, que vemos nas zarzuelas ou nas caricaturas de Mellton Gonzalez.

Duas horas depois de Salamanca, Medina del Campo onde largamos as pessimas carruagens portuguezas da Beira Alta para nos installarmos nas almofadas do rapido de Madrid. Então, emquanto a paisagem circumdante continua horripilantemente plana e monotona, sem uma arvore em todo o horisonte, almoça-se e começa-se a fixar ideias. De Lisboa para Paris vamos dez pessoas, ao todo, das quaes cinco d'uma mesma familia, a do conselheiro da legação brasileira em Paris, que vae tomar o seu posto, um velho francez, que veiu pela primeira vez a Lisboa e volta a Paris, tendo passado quatro dias na nossa capital, e um nosso compatriota, madeirense distincto, que conheceu toda a Europa toda, de Portugal só tinha pisado a rua do Ouro e o Chiado; passam a ser os meus companheiros de viagem e de palestra.

* * *

E, emquanto se almoça, se fuma e se conversa vamos passar Valladolid. Na estação varios grupos de «quintos» recentemente alistados enram o comboio rapido, numero obrigado ao que parece dos prazeres dominicaes do recruta hespanhol, pois em todas as estações elles nos surgem com as suas polainas e os seus barretes redondos, os seus olhos pasmados e as suas boas caras placidas a tudo quanto ha de menos guerreiras.

Da estação adivinha-se, por detraz das casarias feias e queimadas pelo vento, que deve soprar n'aquellas planicies, a Cathedral inevitavel, a velha Universidade, o theatro de Calderon e a Puente Mayor.

Sóme-se Valladolid e, conversando de Hespanha, não nos sahe da idéa e do sorriso o espectaculo imprevisto que pudémos observar adeante de Salamanca, cerca de Malapozuelos. No meio d'um campo raso, cerca da linha, absolutamente só, na presença de Deus e á torreira do sol, um garotito de quinze annos, descalço, com um capôte de «toreo» amarello d'um lado e vermelho do outro, ensaiava n'aquelle descampado «navarros» e «farolas». Quem sabe? Talvez ali esteja um «Guerrita» ou um «Belmonte».

Passa Burgos, a velha capital da Castella-a-Velha. Os mesmos padres, os mesmos «quintos», os mesmos «carabineros», a mesma velha do «Blanco y Negro» passeiam entre a multidão. Sobre as casas apparecem as torres lavradas da Cathedral cuja Puerta de Semental é uma tão curiosa maravilha. E, lá longe, a Cartuxa de Miraflôres e, mais longe ainda, temos que adivinhar o mosteiro de S. Pedro de Cardêna, onde repousa o Cid Campeador e sua mulher Dona Ximeña.

* * *

Conversavamos. De quê? Da guerra evidentemente. O meu amigo francez tem um filho «sur le front». O meu amigo madeirense casou ha pouco uma filha com um medico militar inglez que está no serviço no hospital de Versailles. Um dá-me a impressão antecipada do que vou presenciar em França. O outro, que reside habitualmente em Londres, diz-me o que se pensa e sente na capital ingleza. As declarações conferem. Em França como em Inglaterra não se duvida um segundo da victoria dos alliados.

«C'est dur; mais on les aura», diz-me o francez, cujo filho esteve quatro mezes no sector de Arras, o mais cruelmente experimentado pelos successivos ataques allemães. E, como eu lhe manifeste que o meu projecto é ir vêr o Paris da guerra, com a mesma carinhosa sollicitude como vamos visitar um grande amigo doente, elle informa-me que não encontrarei durante o dia a minima alteração, salvo a ausencia completa dos «autobus», que desappareceram no primeiro dia da mobilisação e não voltarão senão com a paz. Os «taxis», com que Gallieni encetou a victoria do Marne fazendo crêr a Von Cluck que o exercito que ameaçava a ala direita allemã era muito superior ao que era realmente, estão todos correndo ao preço da tabella.

A' noite, sim, Paris modificou-se, diz-me o meu amigo. Apesar dos constantes pedidos, o governo militar ainda persiste nas medidas de precaução contra os zeppelins e tudo escurece em volta das dez.

—Entretanto não deixe de ir a Montmartre. A vida ali continua exactamente a mesma.

Em Londres todos o sabem, a vida não só não se alterou, mas ha n'esta epocha, e a mais, toda a gente que emigrava para as estancias de verão. A animação mundana é maior.

* * *

E assim vamos conversando até que chega Victoria. Ali toma vida a paisagem. Parece que toda a belleza do sul da França saltou por cima dos Pyrineus e alagou a zona visinha da fronteira. Já ao longo se desenham os pincaros da serra divisória. A vegetação é mais abundante, ha agua, rios e pontes.

E, pouco depois de nos chamarem para jantar anima-se de repente a terra que nos rodeia. E' S. Jean de Luz, que passa n'um relance toda illuminada de grandes combustores electricos, com o seu «boulevard» e «terrasse» do seu casino, a linha dos seus «tramways». E' por fim S. Sebastian, todo resplandecente de luzes que se reflectem no mar. E' assim que largamos a grande estancia de luxo hespanhola, eis-nos em Irun.

E' a França, a dois passos: são as casas de Hendaya que se adivinham a um kilometro picando a escuridão com as estrellas das suas janellas illuminadas. O comboio abranda. Soam sob o rodado as placas giratorias, ouve-se uma corneta de som diverso. O comboio vae parar e no caes um guarda de alfandega francezo, um «gabelou» vestido de azul escuro, é o primeiro soldado de França que os meus olhos avidos conseguem enxergar.

* * *

Na «gare» ha calças vermelhas conversando e passeando. Ha um gendarme correctissimo, como se acabasse de subir do casão, proposto á inspecção primeira dos passaportes, que, depois são detidamente examinados n'um escriptorio por um amavel rapaz, que cheira, que tresanda a militar á paisana. As paredes nuas. Ao centro da maior o retrato de Joffre circundado d'uma corôa de louros. Ao ler a minha qualidade de official portuguez, o empregado levanta os olhos, mira-me e sorri como a um amigo. São quasi dez horas da noite. Hendaya já dorme. Um carregador leva-me as malas para um hotel defronte e apresenta-me ao dono, o sr. Lavastaigneralte. E' bem um nome basco para ser pronunciado com o sotaque da região. Ajustámos o quarto e peço-lhe que nos chame para o rapido de Paris onde chegarei amanhã á noite. Conversamos depois um pouco. Tem dois filhos «sur le front». O marido da creada morreu lá o mez passado. Entram duas senhoras de Bayonne, uma d'ellas de luto carregado. Começo a vêr a França dolorosa; mas a serenidade de aquelle homem, que amanhã pode receber a noticia da morte do seu ente mais querido, e a dôr orgulhosa d'aquellas mulheres parecem-me dizer como o meu amigo do comboio:

—«C'est dur; mais on les aura!»

Na sala de entrada do hotel torno a ver o retrato de Joffre. Encontro-o mais uma vez na parede do buffete onde comprei postaes illustrados e a sobrancelha severa do grande chefe, os seus olhos claros olhando bem em frente, o seu queixo de cão de fila, parecem inspirar a confiança que sinto em volta de mim, quer traje de luto como a minha creada de uma noite, quer ponha como o meu companheiro de vagem uma luneta de tartaruga para ler o communicado no «Matin» comprado logo á chegada.

Hendaya, 11, meia noite.

André Brun.

Poeira da Arcada

Nas romarias o povinho bebe-lhe com ancia, com ruido, a vêr se o vinho, que facilita o esquecimento das magoas e desgostos, lhe abre as portas do céu. Engano passageiro. Os animos esquentados e alterados quasi sempre propendem para violencias. Os romeiros implicam uns com os outros e os landreiros abatem-se sobre as cabeças inimigas, accentuando n'ellas a fragilidade das loucas ambições. Os feridos e amolgados voltam logo á realidade das coisas humanas, tanto mais que, corrigidos em seus excessos de sonho, sentem que o vinho é uma illusão fatal.

* * *

Para muitos, a religião é um elemento decorativo, proprio para tomar attitudes que, apesar de vulgares e correntes, ainda dão um valor a certos gestos e actos. A' sua sombra medram os que, sem disposição para grandes sacrificios, resolvem conquistar a bem aventurança, tratando-se bem, a fim de offertarem a Deus um coração virgem de tormentos. Os seus passos deslisam sobre relvas macias. Emquanto outros pensamentos se arriscam nos jogos da adversidade e da fortuna, elles, fingindo arder na devoção de verdades divinas, demonstram com o seu exemplo que a felicidade se pode conquistar com as apparencias da fé. Os templos acolhem toda a gente, e é por isso que não falta quem os tome como uma feira de vaidades.

* * *

Nas mulheres existe sempre um enigma que a sua belleza enriquece de attractivos irresistiveis. Quando passam nas ruas, os homens olham-nas, como se soubessem lêr no seu vulto mimoso e caprichoso. A's vezes seguem-nas, para lhes dizerem o seu segredo. Perdem muitos passos e tempo. O que suppunham ser uma novidade não é mais que um processo banal de estabelecer entre elles e o desconhecido a fragil teia de uma mentira. O amor não se inventa nem se machina, porque faz parte do instincto prophetico com que a natureza dota as almas privilegiadas.

O QUE SE ESCREVE E O QUE SE LÊ

O methodo Montessori

por Luiza Sergio

Foi publicado ha pouco no Porto um livrinho encantador.

E' feito por uma mulher nova, feliz e cheia de enthusiasmo, e precede-o uma advertencia repousante de bom senso, escripta pelo marido da auctora.

Depois da sua leitura fica-nos uma impressão de frescura, de saude, de reconfortante esperança. Respiramos melhor.

O livro trata da educação das creancinhas, explica-nos o que é o methodo Montessori, conta-nos os resultados excellentes já obtidos, mostra-nos a possibilidade de um futuro melhor preparado pela educação racional das gerações novas. Devia ser lido por todas as mães, por todas as mestras de Portugal.

E', sem duvida, apenas um livrinho de vulgarisação, como a auctora o declara; no emtanto, atravez das suas paginas vibra uma tão sincera e funda convicção, uma fé tão segura e corajosa, uma tão linda confiança, que somos empolgados, levados, arrastados pela sugestão do sonho que nos seduz.

Ao percorrer as suas paginas parece-me assistir ao nascimento, crescimento e expansão de uma grande arvore.

A semente, lançada no tempo da revolução franceza pelo medico Itard, que inventou um processo de educação methodica do sentido auditivo, cuidada, tratada pelo seu discipulo Seguin, que se dedicou á educação das creanças anormaes, só cincoenta annos mais tarde principiou a desenvolver-se, a ramificar-se e a florir sob a mão carinhosa e intelligente de Madame Montessori, que teve a idéa genial de applicar ao desenvolvimento das creanças saudaveis os processos tão racionaes até ali empregados apenas na educação das creanças idiotas.

A arvore então estendeu as suas ramarias frondosas, fructificou, espalhou por uma area cada vez maior a frescura da sua sombra benefica.

Hoje na Italia o methodo prospera. As *case dei bambini* multiplicam-se e assistimos aos mais prodigiosos resultados.

* * *

E' isto que nos conta Luiza Sergio.

O seu estilo é fluente e simples; não pensa em effeitos litterarios; toda a sua alma se prende ao assumpto que a apaixona: toda a sua mocidade ali e enthusiasta vibra de amor pelos pequeninos que ella quer ver crescer em belleza e em força.

Na advertencia, Antonio Sergio diz-nos gravemente:

«Lembrai-vos tambem sempre que o proprio da creança não é pensar ou sentimentalizar, mas agir e ser activa; que as novidades politicas são simulacros sob que um povo retem todos os seus habitos, todos os vicios e virtudes da sua educação; que o trabalho pacifico e intelligente é a unica base da grandeza e da liberdade das nações; e que por isso é a escola trabalhando, e não na praça publica a barricada, quem pode vir a fundar a verdadeira democracia».

N'uma das minhas ultimas viagens á Italia, de passagem na Lombardia, tive a fortuna de visitar uma d'essas encantadoras escolas onde os alumnos tinham de tres a seis annos.

Era um ensaio apenas: o methodo era ainda mal conhecido; experimentavam-se os processos Montessori n'um jardim de Fröbel. Avançava-se com hesitações.

Apesar d'isso, sahi da escola encantada.

Vi uma classe de bébés attentos e divertidos, cheios de boa vontade e desembaraçando-se atravez das difficuldades dos exercicios com uma perseverança e um successo que me pareceram milagrosos.

Havia na aula um ar de saude, de alegria e de disciplina que me confortou.

Creancinhas de seis annos serviam á mesa os seus companheiros de tres; e estes, antes do lunch, procederam ao seu vestuario sósinhos.

O mobiliario da escola, pequenino e portatil, harmonisava-se com o tamanho das creanças que lidavam com elle e d'elle se serviam com facilidade e prazer, sem atropello, sem ruido, sem desordem. E no emtanto entre estas creanças reinava a mais franca e livre alegria.

O methodo Montessori é derivado do methodo intuitivo de Pestalozzi, mas aperfeiçoado pelo estudo, pela experiencia e observação de muitos annos e de varios pedagogos; encontra-se completamente liberto da rigidez fröbeliana e é mais racional e possue uma comprehensão mais funda da creança do que os processos de madame Pape Carpentier que já tão prodigiosos foram no seu tempo.

A gloria da grande revolução nos methodos educativos da creança reverte sempre ao pobre homem de Lettres que deu a vida para livrar as creanças do terrivel carcere do humanismo.

Fez o mais que poude; abriu as portas e mostrou novos horisontes. Os outros, depois d'elle, já sabem o caminho que devem seguir para uma perfeição sempre maior.

N'esse caminho a Suecia, a Suissa, a Belgica, os Estados Unidos da America e o norte da Italia teem feito grandes esforços e teem conseguido grandes resultados.

Mas entre nós como cada passo é difficil!

Ha mil obstaculos tremendos: o meio, as superstições, a ignorancia, a indolencia, a má educação das mães e das mestras...

Onde estão ellas, em Portugal, as mães e as mestras, capazes de darem, com a sincera e indispensavel alegria, annos de vida á modelagem das pequeninas almas que são o futuro da patria?

E' preciso lêr o delicioso livro de Luiza Sergio; lel-o não só com os olhos, mas sobretudo com a intelligencia e com o coração.

E' preciso que a pequena percentagem que possuimos de mães sensatas e esclarecidas augmente, venha a ser a immensa maioria.

Porque:

«...é a escola trabalhando, e não na praça publica a barricada, quem pode vir a fundar a verdadeira democracia.»

Virginia de Castro e Almeida

«Historia Illustrada da Grande Guerra»

Dividido em volumes, cada um dos quaes com cerca de 200 paginas, de modo a formar um livro portatil, economico, elegante e de facil encadernação, o folhetim que vimos publicando *Historia Illustrada da Grande Guerra* tem alcançado grande exito.

O primeiro volume abrange desde março á 15 de abril, tendo 184 paginas, o segundo de 16 de abril a 3 de junho, com 188, o terceiro de 4 de junho a 20 de julho, egualmente com 188 paginas, e o quarto de 21 de julho a 3 de setembro, com 180 paginas; sendo todos os volumes profusamente illustrados. Na administração d'*A Capital* são immediatamente satisfeitos todos os pedidos, quer da collecção completa, quer de qualquer numero de exemplares do jornal, que venham acompanhados das respectivas importancias.

CONGRESSOS DE CLASSE

O dos officiaes de justiça

COIMBRA, 18. — Começou hoje pelas 13 horas o congresso dos officiaes de justiça na vasta sala do Gimnasio Club, na estrada da Beira.

A' sessão inaugural, em que foram apresentados varios projectos e propostas defendendo os interesses da classe, assistiram approximadamente 200 escrivães de direito, sendo recebidos muitas cartas e telegrammas de adhesão. De varias comarcas do paiz teem chegado adhesões de officiaes de diligencias, tendo estas sido enviadas ao official do 1.º officio sr. Joaquim Manuel Ferreira.

VIAGENS NO ALGARVE

TAVIRA, A MORTA

Um grande porto de pesca e uma cidade estacionaria

TAVIRA, 15.—De regresso de Villa Real de Santo Antonio, detenho-me por algumas horas em Tavira. Vista do caminho de ferro, do alto da ponte que atravessa o rio, a cidade estende-se pelo valle abaixo, quasi até ao mar, e repoisa, toda branca, alagada de sol, pelas encostas suaves que servem de supporte accidentado á casaria. A estação fica a dois passos do povoado. Uma avenida larga, bordada d'arvores novas, conduz lá abaixo, á beira da agua, em menos de dez minutos de lento caminhar. Pouco tem que ver Tavira. E', como quasi todas as terras algarvias, incaracteristica e triste, dando a quem chega a impressão de que a vida, a acção e o movimento a abandonaram, deixando-a inerte, a morrer lentamente. Trago, porém, os olhos cheios da frescura esplendida dos seus arredores. As hortas mouriscas encadeiam-se umas nas outras. A nora geme aqui e além, despejando nos altos taboleiros a agua que ha de ir regar a terra preciosa que tão maravilhosas fructas cria. A romã, n'esta epocha já adeantada do anno, começa a tingir-se de vermelho, rasgando-se, deixando ver, como fileiras de dentes, os seus bagos ainda tenros e descoloridos.

Tavira é a cidade das lendas. Por toda a parte nos falam de mouras encantadas, e não ha, por assim dizer, recanto ignorado onde não viva um pedaço de tradição heroica, a relembrar um passado que foi grande e glorioso. Entretanto, tudo o que, materialmente, podia relembrar esse mesmo passado se perdeu. As muralhas da cidade encontram-se quasi destruidas. Apenas, á entrada, ergue ainda para o espaço fulgurante d'esta tarde abafada a sua silhueta amarello-torrado uma parte da fortaleza arabe, em cujos baixos está installada a cadeia civil. Chego ao hotel. Vou extenuado de fadiga e saturado de calor. Sobre mim, accumula-se o pó de dois dias de viagem. E' é preciso ter-se visto alguma vez este pó algarvio para se ficar sabendo como elle se nos infiltra pela roupa e se nos cola á pelle, tapando todos os póros e impedindo, com requintes de martyrio, a transpiração. Apparece-me uma creada, feia e sorridente, que com grandes salamaleques me pergunta o que quero.

—Onde se póde tomar um banho?—digo-lhe de mau humor, quasi aggressivamente.

—Aonde? Ora essa! ali, no rio!

E soltando uma grande gargalhada, abala, mettendo a correr por um largo corredor, d'onde não consigo arrancal-a mais. Como não estou para ir ao rio tomar o banho de que necessito, não tenho remedio se não ficar sem elle. De novo na rua, começo a percorrer a cidade. E' um encanto o seu jardim publico. Não sei d'outro, em terras de provincia, melhor tratado. Sento-me á sombra d'uma alta e esbelta palmeira. Rochas despedidas inaguadas desabrocham pelos canteiros, salpicando de melancolia a verdura que as cerca. Pelo chão areado não ha um papel nem uma folha secca. Os proprios bancos dir-se-hia que são limpos do pó uma e muitas vezes em cada dia...

Atravesso a ponte romana e embrenho-me na parte oriental da cidade. Nas casas terreas e nas lojas habitadas predomina ainda a rotula mourisca. Sinto-me espreitado do lado de lá d'essa apertada grade de madeira pintada de verde, mas por mais que tente surprehender um dos olhares que me seguem não o consigo. Os crivos sarracenos são absolutamente impenetraveis. Visito diversas egrejas. São todas vulgares, sem interesse artistico para o forasteiro. Apenas n'uma d'ellas encontro pedaços de rica talha que vale a pena admirar. Subo á torre da egreja de S. Bento. Avisto de lá toda a cidade. E reconheço que das antigas fortalezas alguma coisa existe ainda—pedaços de muralhas que o camartello implacavel ainda não logrou derruir e que, apesar de mutiladas, imprimem ainda, á parte mais elevada do burgo, um cunho de antiguidade que tão conforta, tanta é a aridez da cal, cobrindo todas as paredes que se levantam na minha frente.

Depois de S. Bento, Santa Maria do Castello. E' a melhor coisa de Tavira. E' a antiga egreja da cidade e deve ter sido, em tempos remotos, mesquita arabe. Tem ainda duas preciosas capellas lateraes, attestando a sua antiguidade. Todo em arcarias, com trez naves, o templo é interessantissimo. Os «panneaux» de azulejo que revestem uma das capellas são dos melhores que nos ficaram dos tempos em que o azulejo teve em Portugal a sua edade de oiro. No baptisterio ha um quadro de valor—uma pintura italiana, representando um qualquer episodio religioso. Subo á torre. Os restos das muralhas estão agora mais perto de mim. Dão-me a impressão de troncos d'arvores colossaes, a apodrecer ao sol e á chuva. O meu cicerone dá-me explicações varias, fala-me de batalhas feridas entre arabes e christãos e diz-me que o conquistador da cidade jaz no seu tumulo da capella-mór, tendo do outro lado os sete cavalleiros que morreram combatendo contra os infieis. Descortino, ao longe, o mar. Na praia formiga uma nuvem de pescadores que regressam do mar. O homensinho que me acompanha desentaramela a lingua...

—Se aqui houvesse fabricas de peixe...

—E não ha?

—Não senhor. Tavira é uma das terras do Algarve onde se pesca mais. Mas todo o seu peixe vae para fóra, para as fabricas de Olhão e para a «lota» de Villa Real. Deixa-nos, por isso, pouco lucro. Não é fabricado cá. Os nossos pescadores arrancam-no ao mar. Os outros aproveitam-se d'elle e transformam-no em bom oiro. Ahi está porque a cidade tem uma reduzida vida industrial e commercial.

E o homensinho, continuando, informa-me de que Tavira, a morta, vae resuscitar. Uma era de progresso está prestes a iniciar-se para esta terra que dir-se-hia perdida. Operou o milagre a questão da banda. Tavira tinha havia cento e tantos annos uma banda regimental. Fôra levada-lh'a. A irritação que esse facto causou foi tremenda. Durante dias o povo esteve em plena revolta. Cortaram-se fios telegraphicos, levantaram-se os «rails» do caminho de ferro e nas ruas chegaram a levantar-se barricadas. A banda, comtudo, partiu. Surgiram então as iniciativas. Formou-se uma grande sociedade por acções, recolheram-se em poucos dias cento e tantos contos, e Tavira terá dentro em pouco, além d'uma banda municipal, duas fabricas de conserva de peixe que serão das melhores d'esta opulenta terra algarvia.

E' sempre assim. As grandes coisas dependem, em geral, de insignificancias. Ferida no seu brio, Tavira promette resurgir. O que é preciso é que não se deixe adormecer de novo. Seria a sua ruina definitiva. A noite avisinha-se. Vou tomar um pouco de fresco para a beira da ria. Um gazolino, airoso como uma gaivota, vindo da barra, passa deante de mim como uma flecha. Um guarda expulsa do jardim um mendigo esfarrapado que tentára installar-se n'um banco. A maré enche. Passa de quando em quando gente apressada que vae á sua vida. Mais ninguem. Dir-se-hia que a população de Tavira vive afastada de tudo o que não sejam as suas occupações caseiras. Não logrei ver uma senhora. O jardim, apesar do calor intenso, permanece deserto.

São horas de partir. Pego na mala e tomo o caminho da estação. Miro por alguns minutos os paços do concelho. São curiosos os arcos romanos sobre que assenta a frontaria. Retomo a curta caminhada, passo indifferente pelos estabelecimentos commerciaes, onde pacatos burguezes conversam á hora da sésta e são, emfim, de Tavira. Não dei o meu tempo por mal empregado.

Adelino Mendes

Folhetim d'A CAPITAL — 19-9-1915

Cervantes portuguez

O sr. Theophilo Braga assegurou outro dia, a Carmen de Burgos, que Cervantes nascera em Portugal. Sem duvida o grande professor tem as suas razões para justificar a imprevista asserção. Mas o que desde já se pode frisar é que o seu caracter philosophico e artistico não differe essencialmente do nosso. Cervantes vive, resplandece na sua obra immortal, cujo heroe imperecivel é D. Quixote. E como, ao mesmo tempo, a nossa caracteristica é a d'um D. Quixote, eternamente manejado por um Cervantes!

Ninguem ignora quanto essa obra prima, que occupa entre as manifestações do genio um dos logares primaciaes, na realidade se evadiu ao plano primitivo que a traçou. E' este um dos aspectos que o genio bastantes vezes reveste,—o da sua inconsciencia, creando a belleza perfeita quando não pensa realisar mais do que um estudo ou uma caricatura. O abbade Prévost nunca imaginou que a sua *Manon Lescaut* se tornasse uma biblia do amor, dando origem a uma litteratura de piedade, de redempção, em que figuram victoriosamente as Margaridas Gauthier, as *Saphos* e as Marion Delorme. Assim tambem Cervantes, quando resolveu fazer uma obra de realismo, abrindo campo ao naturalismo futuro, pela satyra acerada ás fabulas maravilhosas das novellas de cavallaria, não pensou que construiria o espelho mais perfeito do espirito d'essa cavallaria que, sendo uma ficção, bafejado pelo sopro do seu genio se converteu n'uma realidade.

* * *

Cervantes começa por zombar do seu heroe. Phisicamente o procura fazer ridiculo; intellectualmente, desenha-o como um louco com rapidos instantes lucidos. E' cruel para com elle. Não lhe poupa nenhuma humilhação, nenhum vexame. Flagella-o com os sarcasmos do barbeiro e do cura, letrados da sua aldeia, como o mortifica com as pedradas dos arrieiros. O seu elmo de Mambrino é a bacia d'um mestre-sacama, o seu cavallo é uma azémola esqueletica, o seu escudeiro é um maloio bronco e velhaco. Até o seu alto ideal de paixão e de belleza, a Dulcinea creada pelo seu espirito como simbolo de amor e perfeição, até essa elle a encarna n'uma moçoila feia e estupida, como se nenhuma parcella de elevação quizesse deixar á personagem em que figurava uma litteratura infantil e despresada.

Pois bem! Em vez do ridiculo, surge o sublime. Inconscientemente, o genio que queria crear a caricatura desenhou o simbolo glorioso, puro e resplandecente. Aos sorrisos com que se acompanha uma farça succede a emoção do leitor, vendo surgir e agigantar-se uma alma. D. Quixote parece, ao principio, uma personagem de Paulo de Kock e acaba por se definir como um varão de Plutarcho. Estamos em plena epopeia: é o grande, o eterno ideal da justiça, da bondade e do amor, o ideal maximo da mente humana, que brota, como uma alvorada, da figura grotesca em que o quizeram encerrar. O *D. Quixote* é uma alleluia. Illumina os tempos futuros; a lança inoffensiva do cavalleiro da Mancha perfura as brumas que encobrem os horisontes do futuro, rasga o raio do infinito. O seu Rocinante é um Pégaso alado. Alonso Quixano, *el Bueno*, é um Hercules que, nas comidas do Olympo, sorri como uma creança depois de ter combatido como um semi-deus.

* * *

A passo e passo esta transformação se opera. O riso é barbaro. Não ha expansão humana que o sobrepuje em crueldade. Quando o riso rebenta, a piedade extingue-se. Podem commetter-se infamias. A alma está ausente. Só reina o prazer selvagem do riso. Pois o riso apaga-se, á medida que as paginas do *D. Quixote* se vão desdobrando. Debalde o espirito de Cervantes inventa as situações mais comicas. Debalde pretende manter a farça. O drama transparece, a epopeia define-se. Quanto mais baixo pretende collocar a sua personagem, mais elevada ella se revela. Quanto de mais alto cae, mais alto se levanta. Tombou na lama? Em vão a procuramos estatelada na immundicie. Ascendeu ás estrellas. Está no céo. Está nas sublimes alturas em que o homem visiona as perfeições supremas. Está na verdade, está na justiça, está no amor, está no ideal. A sua grande alma irradia com a luz das constellações.

Cervantes acaba por constatar a sua illusão. A segunda parte do *D. Quixote* é quasi uma completa renuncia á satira. Quando o magro cavalleiro da Triste Figura é chasqueado no palacio da duqueza por uma turba doirada que não vale um prégo dos seus sapatos, a nossa sympathia já lhe está assegurada. Revoltam-nos as judiarias a que o sujeitam, quasi todas brutaes e odiosas. A selvageria dos arrieiros, a ingratidão dos galeriennos, ainda podemos desculpal-as pela ignorancia, pela rudeza que revelavam. O procedimento do duque e da duqueza, pertencentes á *élite* do seu tempo, illustrados, vivendo no meio do fausto, da riqueza, da felicidade, inspira-nos asco e despreso. O pobre louco que não pensa senão em fazer o bem, revoltado contra as injustiças sociaes e contra as maldades do espirito humano, fala a linguagem da nossa consciencia e do nosso coração. E' um louco? Será, mas como a sua loucura é superior ao entendimento dos outros, que só sabem motejar do seu sonho, sem attingir a sublimidade que o inspira!

Esse sonho é tão grande, tão perfeito, palpita n'elle uma tão elevada razão, que até ao bronco cerebro de Sancho colhorga faiscas de pura concepção moral. Na ilha Barataria, o esselvajado camponez, escutando só os dictames da equidade natural, profere sentenças dignas de Salomão. Mosam-o, espancam-o, tratam-o como uma misera rodilha humana. E' o seu sonho que desperta a raiva instinctiva de uma sociedade que não acredita nos aperfeiçoamentos da especie, e para a qual a justiça, transparecendo mesmo em indecisos clarões, provoca o assombro d'um phenomeno e a reacção com que se responde a uma ameaça.

* * *

Eu disse que a caracteristica de Cervantes e do seu heroe se amolda á nossa caracteristica. Não ha duvida que, como poucos, o genio portuguez tem a noção da piedade, da justiça e tambem a intenção da satira. Rimos do que, na realidade, mais amamos, mais admiramos, mais adoramos, e egualmente, em dado instante, procuramos expiar o nosso riso sacrilego com as manifestações irreprimiveis d'uma emotividade sincera. Porventura d'esta dualidade provem o desequilibrio do nosso espirito. Porventura, mercê d'ella, temos deslumbrado o mundo com as nossas magnanimas affirmações, dando-lhe pouco depois o espectaculo das nossas miserandas fraquezas.

Raros povos se moverão em espheras por vezes tão diversas, que as deveriamos julgar affastadas por insuperaveis distancias. Temos a fé e a descrença, e continuamente oscillamos entre estes polos oppostos. Quem diria que, sendo capazes de morrer cem vezes pela liberdade, continuamente a crivemos de blasphemas ironias? Quem diria que amando a bondade a chasqueemos; que adorando a patria a deprimamos; que que sendo um dos povos do mais poderoso idealismo, do ideal zombamos tantas vezes sem dó e sem espirito?

Se Cervantes nasceu portuguez, uma explicação surgiria para o equivoco espantoso da sua obra. As nossas caracteristicas teriam influido no seu genio e no seu heroe. E com essa explicação surgiria para nós o alvor de uma esperança,—a de que um dia o equilibrio do nosso espirito absolutamente se estabelecesse, reconhecendo o erro do nosso criterio que pretende afogar as qualidades da nossa alma. Cervantes acabou conquistado pela sua personagem. O creador foi empolgado pela sua creação. D. Quixote foi uma revelação para Cervantes, a revelação de que n'essa pueril, candida e chimerica litteratura das novellas de cavallaria residia uma verdade eterna. Essa verdade era a do ideal, a da fé, que, acima de tudo, fazendo sorrir e fazendo chorar, enternecendo os corações e agigantando as energias, se resolve em luz, em justiça e em amor, como bases admiraveis de um mundo futuro, mais doce e mais perfeito.

MAYER GARÇÃO

Vida militar

JURAMENTO DE BANDEIRAS

Realisou-se hoje n'alguns regimentos da guarnição, revestindo grande brilhantismo

Em infantaria 1

No regimento de infantaria 1 a festa de juramento de bandeiras começou ás 12 horas prefixas, mais simples ainda do que a de infantaria 2.

Os recrutas eram em numero de 150 e a parada fez-se no vasto pentagono do quartel sob as ordens do tenente coronel sr. Seabra que foi quem, após o juramento, falou ás praças sobre os deveres dos soldados e o respeito á bandeira.

Leu os deveres militares o sr. major Dias de Castro.

As casernas estavam artisticamente enfeitadas a verduras e flores com disticos patrioticos e citações tiradas dos *Lusiadas*.

Como nos demais quarteis onde se fez a ceremonia do juramento houve tambem em infantaria 1 rancho melhorado, sendo o recolher uma hora mais tarde.

A banda regimental abrilhantou a festa tocando depois na parada, onde voltou a dar concerto das 17 ás 19 horas.

Em ambos os quarteis—infantaria 1 e 2—haverá á noite illuminações.

Em infantaria 16

Desde o portão de entrada do quartel vêem-se bandeiras das nações alliadas e arcos com escudos e verdura. As casernas estão decoradas com plantas, bandeiras e tropheus de guerra.

A's 13 horas ouvem-se os primeiros toques de corneteiros e pouco depois forma na praça d'armas o regimento em linha de columnas sob o commando do tenente coronel sr. Antonio Maria Baptista.

O ajudante do regimento, sr. capitão Bettencourt, faz a chamada dos novos recrutas, lendo em seguida os deveres militares. O commandante, n'um eloquente discurso, incita o soldado ao cumprimento dos seus deveres como cidadão d'uma Republica democratica e como soldado. Põe em destaque os feitos dos portuguezes, aconselhando os soldados ao respeito pela bandeira como simbolo da Patria. Termina lembrando o respeito que sempre devem ter pela Constituição e pela Republica para fazer de Portugal um grande povo livre e independente.

Em seguida procedeu-se á cerimonia da ratificação, apoz o que recolhem as companhias ás casernas.

Na sala dos sargentos, realisou-se uma pequena sessão solemne para inauguração do busto da Republica, á que presidiu o commandante, que abriu a sessão pronunciando uma pequena allocução exaltecendo os sentimentos republicanos da classe dos sargentos e o seu muito amor á Republica. Falaram ainda os sargentos Guerra e Vidal, que agradeceram ao commandante as referencias que fez á sua classe, com a qual pode contar em todos os transes para a defesa da Patria e da Republica.

A sala estava vistosamente engalanada, sendo numerosa a assistencia, que no final coroou a cerimonia com um estrondosa salva de palmas.

Formando seguidamente o regimento na parada, começa o programma das festas sportivas que constavam de gimnastica, movimentos livres, esgrima de baioneta, saltos, pinito, á vara e altura com trampolim, esgrima do sabre, corridas de obstaculos, idem de velocidade com subida de mastro, lucta de tracção e escola de companhia na ordem unida.

Todos os numeros foram muito applaudidos pela assistencia, tocando nos intervallos a banda do regimento.

O juri era presidido pelo commandante, procedendo-se á distribuição dos premios do ultimo campeonato militar de esgrima: aos sargentos Luiz Santos 508 e Francisco Fernandes 006 e do campeonato de tiro regimental ao sargento Guerra um tinteiro de prata e aos soldados 396 Manuel Carvalho e 101 Antonio da Fonseca Junior, um relogio e uma bolsa de prata.

Os ranchos foram melhorados, tocando á noite a banda em frente do quartel, que illuminará á moda do Minho.

Em infantaria 5

A's 12 horas realisou-se no quartel da Graça a cerimonia de juramento de bandeiras, comparecendo cerca de 200 recrutas, que vão tomar parte na escola de repetição, que começa no dia 23 do corrente. O sr. capitão Correia dos Santos, director de instrucção proferiu, antes do juramento, a seguinte allocução:

Camaradas:—Ides realisar hoje o acto mais solemne da vossa vida de cidadãos, que jurar sacrificar a existencia na defesa da nossa bandeira, o emblema sagrado, distinctivo da nossa Patria muito amada.

Eu felicito-me por ter a honra de vos apresentar, n'este dia, o glorioso estandarte das quinas, que tem gravadas nas suas pregas tantas façanhas epicas praticadas pelos nossos antepassados, que contribuiram para que se tenha escripto com tanto brilho as paginas da historia do nosso querido Portugal.

Eis a nossa bandeira! Quantas coisas sagradas ella representa! Em qualquer parte onde ella fluctue, attesta uma patria de heroes, traz-nos logo á imaginação o canto onde cada um nasceu, cresceu, onde se encontram reunidos os nossos affectos, esperanças, sonhos, as nossas melhores recordações, emfim, todas as nossas alegrias.

A bandeira faz-nos recordar os feitos de armas dos nossos antepassados, que constituem o patrimonio de honra e a gloria que por elles foi legada a este regimento de tão brilhantes tradições heroicas.

E' d'este patrimonio que a bandeira representa que nós devemos ser os seus guardas fieis e vigilantes.

E' a bandeira de Portugal republicano, o simbolo da nossa independencia, das nossas liberdades, o penhor da nossa força, da nossa confiança no presente e de toda a nossa esperança no futuro.

Se algum dia se commetter uma aggressão contra a Patria e contra a Republica é preciso que n'esse momento todos se agrupem em volta d'esta bandeira, promptos a dar a vida na mais estreita solidariedade, tendo por divisa um por todos e todos por um, animados do sentimento do morrerem ou ficarem victoriosos. A' sombra da bandeira de Portugal não ha, não pode haver soldados cobardes. O soldado portuguez de hoje apresenta as mesmas qualidades de todas as epocas, valente, sofredor, intrepido nos perigos, paciente em face das maiores contrariedades.

Não ha palavras que possam exprimir o que se passa na alma do soldado, quando, nos momentos de perigo, olha para a bandeira do seu regimento e sente dentro do peito palpitar o coração com a mais ardente fé na victoria, sem pensar um instante em que possa ser vencido!

Vou contar-lhes alguns factos que mostram o que acabo de vos affirmar: no anno de 1476, na batalha de Toro, onde os portuguezes combatiam contra os hespanhóes, o alferes Duarte de Almeida que empunhava na mão esquerda a bandeira de Portugal, agrupou em volta de si um punhado de valorosos soldados que, com os olhos fitos na bandeira, levaram de vencida um inimigo muito superior em numero. Por toda a parte onde se apresentava a bandeira das quinas, o inimigo era derrotado e posto em fuga. O valente alferes foi ferido com um golpe de espada que lhe cortou a mão, mas elle, apesar da dôr horrivel, não perdeu o animo, apertando com o coto, a bandeira contra o peito, continuou a defendel-a, empunhando a espada com o braço que lhe restava. A confusão nas fileiras era tremenda. Ninguem reparou no que succedia ao valoroso official, pois cada um combatia e derrubava os inimigos que se apresentavam pela frente. Descarregaram sobre elle nova cutilada, que lhe decepou a outra mão, e vendo que não podia defender-se com armas, cravou os dentes na haste da bandeira, e resistiu sempre até que foi morto. A nossa bandeira cahiu por um instante em poder dos castelhanos, mas, de repente o escudeiro portuguez Gonçalo Pires, impellido por uma força sobrenatural, heroica, invencivel, propria do soldado portuguez no campo da batalha, apossou-se novamente da bandeira, abrindo caminho por entre a massa numerosa de inimigos que já se julgavam vencedores.

Em 1846, ao ataque ao forte de Torres Vedras, as forças atacantes de um regimento de infantaria hesitavam em avançar perante a superioridade numerica do inimigo e um official, empunhando a bandeira, se dirige aos soldados, arrastando-os n'uma vertigem desesperada que fez com que o inimigo fuja deante da valentia dos nossos soldados.

No combate de Coolela, na campanha de Moçambique, em 1895, não havia bandeira. E alguem lembrou-se de atar um lenço na extremidade de uma canna de bambú. Não se pode descrever o effeito produzido por esse modesto emblema, no qual todos viram a imagem das familias, o recanto da patria onde todos nasceram e viram, florir o arvoredo, sentiram o perfume das plantas em volta das casas onde foram embalados na mocidade, viram as mães fazendo preces fervorosas para que a victoria fosse favoravel ás armas portuguezas, para em breve abraçarem os filhos cobertos de gloria para honra da querida patria.

São inumeros os factos que poderia citar-lhes e que mostram o effeito produzido pela bandeira do regimento.

Soldados do regimento de infantaria 5! Eis aqui este talisman que encerra tão extraordinario poder e por isso não se devem admirar do respeito que inspira, quando o vemos passar deante de nós. Comprehendam pois como a continencia á bandeira representa uma carinhosa homenagem que o cidadão dispensa á sua Patria, ao lar, á familia, á liberdade e á esperança na victoria. Conservem com honra este precioso thesouro.

Vejam n'elle a Patria *feliz*, a Republica *gloriosa*, que nos trará as maiores venturas. Reunam-se com a mais ardente fé no triumpho em torno da nossa bandeira, sempre que saibam que alguns inimigos externos tentam contra a nossa independencia e que alguns traidores queiram difficultar a marcha da Republica, que todos devemos amar e defender, vertendo, por ella, até a ultima gotta de sangue.

Com o juramento que ides fazer, a ninguem deve restar duvida que a Patria e a Republica ficarão bem entregues á vossa guarda e vigilancia.

Seguidamente, os recrutas executam as provas de gimnastica, que consistiram em movimentos livres, saltos em altura, á vara, corridas de velocidade, lucta de tracção, etc.

A seguir fizeram-se alguns exercicios em ordem unida, dispersa, revelando o maior aproveitamento na instrucção e o esforço que foi empregado pelos instructores para conseguirem resultado tão satisfatorio.

Os recrutas, commandados pelo capitão sr. Correia dos Santos, partem amanhã de madrugada para um exercicio de estacionamento, combate e trabalhos de justificação, postos avançados, instrucção de maqueiros, uso do penso individual durante o combate, reabastecimento de munições, como recapitulação final do periodo de instrucção. Bivacam perto do Arieiro, onde passam a noite, devendo regressar ao quartel na terça feira, ás 12 horas.

Em infantaria 2

A's 9,30 o terno de cornetas fez o respectivo toque de formar companhias, que ás 10 horas davam entrada na parada do quartel, sob o commando do tenente-coronel sr. Vasconcellos.

Feitas as devidas evoluções o tenente ajudante sr. Henrique Gomes lê em voz alta e timbrada os deveres militares, seguindo-se o juramento pelos duzentos recrutas, que ouvem depois, em posição de sentido, a allocução que é de uso fazer-se em taes solemnidades.

Discursou largamente o antigo capellão do regimento, sr. padre Migueis, que aos soldados falou sobre o culto da Patria e o amor á bandeira.

Havia um sol carinhoso e brando, refrescado pelas brisas do Tejo, que em baixo, a dois passos, mais parecia dormir tranquillo e quêdo, coalhado de barcos, cortado pelas fragatas que o singravam de velas funadas.

E a voz do reverendo Migueis, velho capellão do regimento, com uma larga folha de serviços á Patria, no continente e em Africa, vibrava, cantava de enthusiasmo, relembrando o que fomos e predizendo o que seremos sob o culto do patrio amor.

Frisou, sobretudo, o illustre sacerdote a necessidade que teem os soldados em manifestar sempre e em todos os seus actos uma cega obediencia ás ordens dos seus superiores, como principio sagrado da disciplina militar, como base indispensavel para o bom nome e salvação da Patria.

Deu-se depois execução a um bem elaborado programma sportivo, obra do tenente Marrecas Ferreira.

Abriu pelos canticos do orpheon: «Maria da Fonte», «Hymno da bandeira», «Marcha de infantaria 2» e «Hymno nacional», tudo pelos recrutas, que se houveram de molde a merecer os mais rasgados elogios dos seus superiores.

Depois foram executados os seguintes numeros:

«Gimnastica com armas, por todos os recrutas.

«Lançamento do peso, em que o soldado 419, Luiz Gamita Dentinho, bateu o record, lançando 7 kilos e 250 a nove metros.

«Lucta de tracção, por equipes de todas as companhias, ficando victoriosa a 3.ª

«Saltos em altura, em que o soldado 368, da 9.ª companhia, fez 1m,45.

E mais saltos á vara e campeonato de sabre-baioneta, terminando a festa novamente pelo orpheon, que voltou a cantar o himno nacional.

Os premios para os vencedores constavam de relogios de aço, bolsas de prata, medalhas commemorativas do juramento e a varios premios.

Pena é que estas festas não sejam mais annunciadas de maneira a ellas concorrerem os civis, que n'estes exemplos de civismo e n'estas demonstrações de organisação e progressophisico se recreavam aprendendo. Assim, a festa de hoje em infantaria 2 pode dizer-se que, embora brilhante, decorreu quasi em familia, o que é para lastimar. Houve melhoria do rancho.

A festa foi abrilhantada pela banda do regimento que á noite dará concerto á porta das armas.

Interesses de Coimbra

A *Gazeta de Coimbra* dá-nos a honra de transcrever um artigo que publicámos sobre aquella encantadora cidade, maravilhosa terra de sonho e de belleza. Mas, ao mesmo tempo, diz que elle tem o duplo merecimento de ser justo e ter sido publicado pela mesma folha onde o sr. Cortezão despejou a sua bilis.

N'esta referencia ha uma intenção aggressiva que desejamos repellir. Todos sabem que a publicação d'uma entrevista em qualquer jornal não significa que esse jornal partilhe as opiniões ali apresentadas. E' o caso da entrevista com o sr. dr. Jayme Cortezão publicada na *Capital*. Quizemos ouvil-o sobre a creação d'uma faculdade de direito no Porto, porque elle representa essa cidade na Camara e porque é um valor no nosso meio litterario, com competencia para se pronunciar sobre o assumpto. Da mesma forma, tinhamos publicado dias antes a opinião d'um outro deputado que combatia a projectada creação da faculdade de direito, entendendo que as reclamações do Porto deviam tender para a creação de uma faculdade de ensino technico. Publicámos as duas opiniões, contribuindo assim para que se esclarecesse uma questão de interesse publico, visto que ella não affectava apenas Coimbra e Porto, mas sim todo o paiz.

Não temos o horror das responsabilidades que nos cabem, mas não podemos acceitar aquellas que ó primeiro censor se lembre de nos attribuir sem fundamento sério.

O congresso alemtejano e a propaganda feminista

A sr. D. Anna de Castro Osorio representará a municipalidade de Cuba

Afinal é a municipalidade de Cuba que se apressa a affirmar e a provar o seu appoio á causa feminista, fazendo-se representar no congresso do Alemtejo por uma mulher. Esta resolução foi hoje mesmo communicada á sr.ª D. Anna de Castro Osorio, n'um officio onde se faz justiça ao talento e ás brilhantes faculdades de trabalho da illustre escriptora e propagandista republicana.

Não temos duvida em acrescentar que a auctora dos *Infelizes* será um elemento de grande valor no proximo congresso, dado o seu conhecimento e a sua ternura por aquella região e o seu empenho de a ver progredir e enriquecer.

Ao transmittir-nos a communicação que lhe foi feita pela camara municipal de Cuba, a laboriosa e caracteristica villa alemtejana, a sr. D. Anna de Castro, n'um sorriso entre de satisfação e de ironia, disse-nos:

—Triumphámos! O Alemtejo dá uma tremenda bofetada no amavioso Algarve, em cujo congresso, recentemente realisado, não foi permittido que as mulheres tomassem parte nas discussões. Ah!... o Alemtejo é bem a terra forte e aspera e sã que dá o pão forte e sadio á gente portugueza; é o grande e sereno coração da Patria que tem de utilisar todos os seus filhos e fez da mulher a grande reserva do futuro.

A these que a presidente da Associação de Propaganda Feminista defenderá no congresso do Alemtejo será subordinada ao seguinte titulo: «A mulher na agricultura e nas industrias regionaes e a sua participação na administração municipal».

A QUESTÃO DAS SUBSISTENCIAS

O cooperativismo póde ser um factor valioso

na resolução do problema que a todos preoccupa

Agora, que tanto se fala na questão das subsistencias, parece-nos opportuno pôr em destaque qual devia ser a missão a desempenhar pelas cooperativas de consumo no que respeita ao barateamento dos generos alimenticios.

O cooperativismo em Portugal está muito longe de attingir a prosperidade, devido a varias causas, entre os quaes a falta de educação cooperativista.

Ha relativamente muitas cooperativas em Lisboa e Porto; poucas ou quasi nenhumas no resto do paiz.

Ora, parecia-nos sensato que na actual conjunctura se fizesse um appello a todas as cooperativas, a fim de auxiliarem o governo na sua tarefa de resolver o problema da alimentação publica.

A occasião não pode ser mais appropriada para as cooperativas mostrarem quanto podem valer em circunstancias difficeis como a que atravessamos, ao mesmo tempo que se multiplicariam quando se tivesse provado que a sua acção era util e benefica para as classes desprotegidas da fortuna.

N'este momento, em que o governo pretende vender pão ao publico por intermedio da Manutenção Militar, a fim de impedir o descredito que se deseja lançar sobre este estabelecimento do Estado, as cooperativas de consumo deviam immediatamente offerecer-se para fazer a venda do pão aos seus associados, prestando um serviço utilissimo, que mereceria os maiores encomios.

Sem perda de tempo convocariam todas as cooperativas de consumo a uma reunião preparatoria, onde se assentaria nas bases d'uma federação, a fim de se habilitarem á permuta de generos entre as cooperativas de Lisboa e Porto e as da provincia.

Uma vez organisada a federação, entender-se-hiam com os sindicatos agricolas das diversas regiões do paiz, podendo d'esta fórma dispensar os intermediarios, que encarecem os productos destinados ao consumo publico.

Assim, as cooperativas da provincia encarregar-se-hiam da remessa dos generos alimenticios de que necessitassem as cooperativas de Lisboa e Porto, e as cooperativas d'estas duas cidades, por seu turno, d'aquilles de que as da provincia carecessem.

Por meio de uma intelligente permuta de generos alimenticios e ainda de outra natureza, as cooperativas de consumo forçariam o commercio local a baixar o preço dos generos, contribuindo assim de uma maneira directa a resolver o problema das subsistencias.

E' isto o que se pratica em Inglaterra, na Allemanha, na Hollanda, na França e em outros paizes que teem uma intensa vida cooperativista.

Para este assumpto, que a todos nos interessa, chamamos a attenção do proletariado, que deve fazer todos os esforços possiveis para crear uma forte corrente de opinião cooperativista capaz de remover todos os obstaculos que se opponham á realisação immediata de uma medida de tão largo alcance.

Os esforços do governo são muito acertados, mas se não tiverem da parte dos interessados um apoio decidido, a sua acção restringir-se-ha por tal fórma que ficará annulada, ou quasi, nos seus beneficos effeitos.

Pelos motivos que deixamos indicados, as cooperativas de consumo podem servir de valioso auxilio ao governo, cooperando com elle na missão de ser util ao paiz.

Matheus Reiva

"O 14 de Maio,,

Homenagem a Leotte do Rego

O sr. Diogo M. Azinhaes compoz um himno patriotico que intitulou *O 14 de Maio* e que dedicou ao valente marinheiro Leotte do Rego, como recordação d'essa gloriosa jornada.

A musica, encerrada n'uma capa illustrada com uma bonita aguarella, original do offertante, representando um navio, foi offerecida pelo auctor ao homenageado.

Pela instrucção

Associação do Registo Civil

Está aberta a matricula para as aulas de francez, que funccionarão ás segundas e quintas feiras, ás 21 horas, sob a regencia dos professores srs. Henri Aubrenque e Augusto José Vieira, e de inglez, que, ás mesmas horas de terças e sextas feiras, será regida pelo ultimo d'estes professores. A matricula faz-se no largo do Intendente, 45, 1.º, todos os dias uteis, das 11 ás 15 e das 20 ás 23 horas.

Academia de Estudos Livres

Está aberta a matricula na séde da Academia, rua da Emenda, 39, para a frequencia das aulas diurnas de instrucção primaria (escola primaria Marquez de Pombal para creanças de ambos os sexos dos 4 aos 12 annos) e das aulas nocturnas de instrucção primaria 1.º e 2.º graus, portuguez, francez, inglez, desenho (1.ª e 2.ª partes), contabilidade e de musica e rudimentos, piano, violino e harmonia. As condições de inscripção acham-se patentes na séde da Academia todas as noites uteis das 20 ás 23 horas.

Estão-se ultimando as obras para abertura do anno lectivo de 1915-1916. A Academia fica dispondo de um grande salão, onde se realisará a sessão solemne de abertura das aulas. No mesmo salão e commemorando ainda a abertura das aulas, realisar-se-ha no domingo seguinte um grande concerto musical por uma orchestra de arco, de 40 figuras e sob a direcção do sr. Taveira. Depois effectuar-se-ha a conferencia publica do sr. dr. Theophilo Braga sobre a celebrada martir da liberdade Luiza de Oliveira Pimentel.

Gremio Popular

Na séde d'esta benemerita associação escolar, que todos os annos faculta instrucção gratuita a 80 creanças pobres, acha-se aberta a matricula para os cursos de instrucção primaria, que começarão a funccionar no dia 2 de outubro, devendo os pedidos de admissão ser entregues até 30 do corrente, na secretaria, rua dos Cordoeiros, 60, 1.º

Centro Ferrão Botto Machado

Na séde d'este Centro, rua do Valle de Santo Antonio, 15, 1.º, está aberto concurso para a admissão de uma professora para a leccionação das aulas de instrucção primaria do mesmo Centro.

As condições estão patentes todos os dias na séde, onde devem ser entregues os requerimentos acompanhados dos documentos justificativos das habilitações das concorrentes até 30 do corrente.

Na mesma colectividade está aberta das 20 ás 22 horas, todos os dias uteis e até 5 de outubro proximo, a matricula para admissão de creanças de ambos os sexos de 6 a 10 annos de idade, filhos ou tutelados dos socios do Centro, para frequencia das aulas no anno lectivo de 1915-1916.

Centro Dr. Bernardino Machado

A direcção annuncia que abre ámanhã as matriculas para o proximo anno, fazendo as inscripções de alumnos até ao dia 10 de outubro proximo, sendo os primeiros 8 dias destinados á inscripção de alumnos que já frequentaram as aulas durante o corrente anno e os restantes dias para os que se desejarem matricular de novo.

Para proceder á matricula encontrar-se-ha todas as noites, durante o prazo indicado, um ou mais membros da direcção, das 21 ás 22 horas, no gabinete da direcção, rua da Costa, a Alcantara, 4, 1.º

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

Sindicato Ferro-Viario

Para se apreciar a lei que regulamenta as horas de trabalho, reunem ámanhã, ás 20 horas na séde do sindicato, os ferroviarios que trabalham com material que provoca a intoxicação.

Associação do Registo Civil

E' convocada a assembleia geral para depois de amanhã, ás 21 horas, a fim de discutir e votar os projectos da reforma de estatutos da Associação e da Federação Portugueza do Livre Pensamento.

PEQUENAS NOTICIAS

A junta da parochia de S. Vicente recebe no largo do Salvador, 15, até ao dia 25, os requerimentos para o bodo commemorativo do 5.º anniversario da implantação da Republica.

—Ficaram hoje hospitalisados: na enfermaria 4 do hospital de S. José, José d'Almeida, corticeiro, que no Seixal foi aggredido com uma facada no ventre pelo seu companheiro Albano Ferreira; no numero 2 do hospital Estephania, Maria dos Santos Dias, de 15 annos, moradora na rua de Campo de Ourique, 70, que tentou suicidar-se com pastilhas de sublimado; e no numero 5 do mesmo hospital Marianna d'Almeida, moradora na rua Gomes Freire, 38, 2.º, que ha dias, como noticiámos, foi aggredida com dez facadas, por se lhe terem aggravado os ferimentos.

Ultimas noticias

A grande guerra

A lucta entre russos e austro-allemães

PETROGRADO, 18 — Official — Na linha a oeste do Dwinsk, onde continuam os combates, repellimos alguns ataques ao norte e a oeste de Illukst. As perdas inimigas foram consideraveis. Os allemães occuparam a herdade de Steiderne. Repellimos os ataques produzidos entre os lagos Ovila e Samava. Os allemães appareceram ao sul do Dwinsk, na região de Dissenka e occuparam a aldeia de Vidzy e a gare de Vileika. Estão travados combates encarniçados na margem esquerda do Vilio, proximo de Vilna, onde o inimigo tem feito esforços desesperados. Os allemães transpozeram o rio Chara, ao sul de Slonim. Os inimigos tambem appareceram na região da margem direita do Yasalda inferior e da cidade de Pinsk.—(*Havas.*)

PETROGRADO, 19.—Official.—Desalojámos o inimigo que retirou em desordem na direcção de Rovno, Hovel Goroditchi, tomámos varias aldeias, uma bandeira, numerosas metralhadoras e fizemos grande numero de prisioneiros.—(*Havas*).

PARIS, 19. — Telegrapham de Amesterdam aos jornaes parisienses que segundo noticia recebida de Berlim, as tropas allemãs de Mackensen occuparam Pinsk que havia antes sido evacuada pelos russos.—(*Havas*).

Combates violentos no theatro occidental

PARIS, 19.—Communicação official.—Em Artois, sector de Neuville e Roclincourt, lucta á bomba e á granada, fogo de mosquetaria e descargas de artilharia durante parte da noite. Ao sul de Arras, na região de Wailly e Bretencourt houve tambem canhoneio bastante vivo e fusilaria de trincheira para trincheira. Na região de Fay, a sudoeste de Peronne, os allemães, depois de terem feito ir pelos ares uma mina fortissima, atacaram, mas o seu ataque foi repellido pelos nossos fogos de infantaria e artilharia, deixando elles alguns prisioneiros em nosso poder. Na região de Roye a noite foi movimentada, mas não houve combate de infantaria.

Tomaram parte na acção as nossas baterias, as metralhadoras inimigas e os acampamentos de retaguarda da linha. Entre o Oise e o Aisne, ao norte de Fontenoy houve lucta de engenhos nas trincheiras e continua fuzilaria, acompanhadas de alguns tiros de artilharia. Na região de Berry-au-Bac e na Champagne, ao norte do campo de Chalons, houve a actividade de sempre da parte das duas artilharias. Na noite de hontem, uma bateria allemã, em lucta contra os aviões, foi posta fóra de combate, a leste de Saint Mihiel. Nos Vosges lucta de bombas e de granadas no valle de Sondernach.—(*Havas*).

Instrucção Militar Preparatoria

Convite aos officiaes milicianos, da reserva e reformados

Todos os officiaes que desejem ser instructores da I. M. P. devem entregar as suas declarações até ao dia 25 do corrente, os milicianos nas suas unidades e os da reserva e reformados no commando da 1.ª divisão do exercito.

Teem direito ás gratificações de $50 e 1$00 respectivamente se ministrarem a instrucção na séde ou fóra da séde da sua residencia, por cada sessão.

Os instructores que no anno findo prestaram serviço nos differentes nucleos e sociedades devem tambem fazer as suas declarações.

Os locaes da instrucção são: os 4 bairros de Lisboa, Cascaes, Cintra, Lourinhã, Mafra, Oeiras, Torres Vedras, Alcochete, Aldegallega, Amadora, Almada, Azambuja, Barreiro, Moita, Seixal, Villa Franca de Xira, Almeirim, Coruche, Caldas da Rainha, Loures, Sobral de Monte Agraço, Cartaxo, Santarem.

Torres Novas, V. N. da Barquinha, Cadaval, Benavente, Salvaterra de Magos, Valle de Santarem, Alpiarça, S. João da Ribeira, Tremez, Alcacanca, Romeira, Alemquer, Albandra, Cezimbra, Chamusca, Arruda, Gollegã, Obidos, Peniche, Ericeira, Queluz, Bombarral, etc.

Festas associativas

Grupo Dramatico Lisbonense

N'este Grupo continuaram hoje as festas commemorativas do 3.º anniversario, promovidas pela commissão administrativa. Pelas 12 horas foi distribuido um bodo a 30 pobres, constando de com réis em dinheiro, pão, arroz, carne de vacca, chouriço e toucinho, sendo a distribuição feita pelas sr.as D. Carolina Marques, D. Elvira Guedes, D. Judith Santos e D. Elvira Gomes, auxiliadas por um grupo de creança a quem foi depois fornecido um lunche de leite e bolos.

A's 16 horas realisou-se a sessão solemne a que presidiu o sr. Eduardo Moreira Fernandes, que expôz os fins da festa. Falaram depois os srs. Fernandes Alves, Oliveira Pombo e Francisco Christo enaltecendo todos a obra benemerita do Grupo.

Seguiu-se o concerto pela banda da Sociedade Philarmonica 1.º de Julho de (Caparica), sendo inaugurada a *kermesse*. A's 21 horas haverá baile.

Todas as dependencias se encontravam vistosamente ornamentadas.

•••• ECHOS & NOTICIAS

INFORMAÇÕES—COMMUNICADOS

PALMIRA TORRES

A distincta escriptora D. Carmen de Burgos, quando da sua recente visita a Lisboa, entrevistou a nossa illustre artista Palmira Torres, publicando agora no «Gil Blas» de Madrid o relato d'essa interessante entrevista. Palmira Torres, porem, declara-nos que, em virtude da precipitação com que se realisou a palestra, n'um dos intervallos da revista actualmente em scena no Polytheama, o artigo de «Colombine» contem inexactidões e attribue-lhe palavras que não pronunciou.

NOTAS MUNDANAS

Viajo pelo norte, tendo estado na serra da Louzã, o notavel pintor sr. Carlos Reis.

—Partiu para o norte o sr. dr. Alves de Sá, illustre aguarelista.

LUTUOSA

Falleceu mistress Eleanor Carver Buckwall, socia honoraria do Club Naval de Lisboa, cujo funeral se realisa ámanhã, ás 17 horas, no cemiterio dos Cyprestes.

A travessia do Tejo a nado

A's 11,30' em ponto foi dado o signal de partida aos 8 concorrentes presentes, faltando o concorrente José Formosinho.

O primeiro a chegar foi João Formosinho, do Gymnasio Club, que gastou 43'25", seguido de Stockler, do Club Naval, em 43'48". Os restantes chegaram pela seguinte ordem: 3.º, Manuel Rydor da Costa, em 45'35"; 4.º, Thomaz d'Aquino, em 47'4"; 5.º, Victor Caldas, em 52'36; 6.º, Antonio Palla Junior, em 53'22"; 7.º, Madame Palla, em 54'58"; 8.º, Alberto Brandão, em 1 hora e 55".

Carlos Sobral e Bessone Bastos correram por fóra, desistindo a meio do rio o primeiro, e gastando o segundo 40'45" na travessia.

Do escudo de prata mais uma vez ficou detentor o Gymnasio Club.

Concurso nacional de tiro

N'este concurso toma este anno parte a sr.ª D. Placida Amelia Silva, que já hoje esteve na carreira de tiro em Pedrouços exercitando-se. Como se sabe, essa senhora, que é tambem enfermeira diplomada da Cruz Vermelha, é, por emquanto, a unica mulher portugueza que se inscreveu na carreira do tiro.

VILLA REAL DE SANTO ANTONIO, 18. — Na praia de Monte Gordo, onde ha milhares de banhistas, realisam-se em homenagem aos mesmos, na segunda feira, extraordinarias corridas de bicicletas e cavalinhas, estando aberta inscripção de corredores em Villa Real, Monte Gordo e localidades da provincia. O Algarve e Ayamonte disputar-se-hão tres lindos e valiosos premios, abrilhantando as festas a banda 1.º de Maio, d'esta villa.

Movimento maritimo

Madeira e Açores «San Miguel»	20
Brazil e R. Prata «Gelria» (Amsterd.)	20
Brazil e R. Prata «Liger» (Bordeus)	21
Vigo, Pal. e Amst. «Frisia» (do Brazil)	21
Maranhão, Ceará, etc., «Michaela» (Liv.)	21
Bordeus «Divonas» (do Brazil)	22
Africa occidental «Angola»	22
Pará e Manaus «Huayna» (Liverpool)	22

Interesses de Cabo Verde

A fome é declarada parcialmente — As providencias

Estamos no mez de outubro, o que decide da sorte da população do Cabo Verde garantindo-lhe ou não uma producção cerealifera conveniente para a sua alimentação e meios de vida, por uma distribuição conveniente da chuva.

A epocha das chuvas em Cabo Verde vae de julho a outubro, e, desde que n'este mez os ventos sejam constantes e soprem com intensidade, dos quadrantes de N E. ou N O. considera-se passada a epocha das chuvas.

Se houver algumas bategas de agua em novembro ou dezembro, tendo-as havido tambem em outubro, o anno agricola em Cabo Verde é maravilhoso.

Mas consultemos o boletim meteorologico de outubro. A temperatura maxima é de 29º e a minima de 26º9; a humidade, respectivamente, de 77 e 70; a evaporação sobe para 3,5 porque se acentuam os dias de ceu limpo; o vento fixa-se no quadrante de N N E. com a velocidade maxima de 67 km. e minima de 18.

A pressão media encaminha-se para 760.

Os postos udometricos registam as seguintes quantidades de chuva:

Grupo de Sotavento—Ilha de S. Thiago: Praia, em dois dias 31 m|m; Pedro Badejo, em dois dias 43 m|m; Picos, em dois dias 24 m|m; Orgãos, em dois dias, 80 m|m; Santa Catharina, n'um dia 9 m|m; Calheta em dois dias 126 m|m; Engenho n'um dia 12 m|m; Tarrafal em dois dias 21 m|m.

Ilha do Fogo: S. Lourenço, n'um dia 7 m|m; Mosteiros, em tres dias 31 m|m.

Ilha Brava: Povoação, em dois dias 16 m|m.

Ilhas Orientaes—Maio, não houve chuvas.

Boa-Vista, não houve chuvas. Sal, não houve chuvas.

Grupo de Barlavento — S. Vicente, dois dias de chuva, 8 m|m. S. Nicolau um dia, 25 m|m; Santo Antão: Ponta do Sol, um dia, 38 m|m; Paul, cinco dias, 197 m|m; Garça 15 m|m; Ribeira das Patas 15 m|m.

Está decidida a sorte da população de Cabo Verde: na ilha de S. Thiago, conta-se com colheitas cerealiferas quasi por toda a parte: nas outras ilhas só a parte norte de Santo Antão produzirá milho. Em todas as outras regiões do archipelago a fome será parcial.

E' isto que se repete todos os annos em Cabo Verde, devido ao que se chama capricho meteorologico, e é mal sem remedio desde que todos os annos invariavelmente a população se dedique á cultura do milho, que necessita grandes quantidades de agua e distribuidas com absoluta generalidade. Tarde a chuva 8 dias no meio do ciclo vegetativo e já é enorme a baixa de producção. E' evidente que isto aconselha que se entre desassombradamente no caminho da poli-cultura, reservando-se a maior parte da terra para as arvores de producção economica, a seguir para a cultura da mandioca e batata doce, e finalmente o milho. Assim a população segurar-se-hia contra a irregular distribuição das chuvas, tendo duas ou tres culturas garantidas contra a possivel perda do milho.

E, diga-se o que se disser, proclame-se que a arborisação não tem influencia na queda de mais ou menos chuvas, que é a propria estatistica que tal desmente. Verifiquem-se com olhos de ver as estatisticas meteorologicas e notemos toda a verdade da influencia da arborisação na queda da chuvas; e para exemplo citaremos os seguintes:

S. Thiago—St.ª Catharina—21 dias de chuvas, 497 m|m (é a região mais abundante em purgeira);

Praia, (região desarborisada)—21 dias de chuvas, 234 m|m.

Santo Antão—Paul—90 dias de chuva, 640 m|m (é a região mais arborisada do archipelago).

Ribeira das Patas, 20 dias de chuva, 184 m|m (centro da região desarborisada do Santo Antão).

Ilha do Fogo—Mosteiros—30 dias de chuva—388 m|m.—(E' a região do café.

S. Filippe—10 dias de chuva — 132 m|m.—(Região desarborisada).

Brava—Povoação—38 dias de chuva —304 m|m.—(Região arborisadissima).

Furna—1 dia—15 m|m. (Região desarborisada).

Contra esta clara exposição de factos é que não ha argumentos que colham.

Se apenas theorica fosse a acção da arborisação em Cabo Verde, havia ainda factos de maior força que impõem tomar-se a sério tal problema, e esse é a ajuda sempre importante que a arvore dá ao agricultor, tanto pequeno como grande. Com o gasto sempre mais ou menos unico da plantação: o arvoredo dá sempre uma receita de muitos por cento ao capital que com elle se empregou. Não são só os fructos de que o homem pode viver durante certo tempo e que não necessitam manufactura alguma entre o tempo de colher e de comer: são ainda as folhas que servem para o gado, precisamente no momento mais critico em que o lavrador nada encontra de hervas e feno. E, em Cabo Verde, são absolutamente desnecessarios mais estudos de acclimação de quaesquer arvores ou arbustos, porque a alfarrobeira, a laranjeira, o feijoeiro do Congo (Praia), feijão ervilha (Barlavento), feijão figueira (Brava), o coqueiro nos extensos terrenos da costa maritima, a accacia Martins (Parkinsonia Aculeatea) garantiriam só por si a arborisação de todo o archipelago, demonstrada como está a sua prodigiosa resistencia á secura, por mais longa que seja.

Mas, não percamos a linha que nos impuzemos e estudemos as crises de fome, em toda a sua nefasta grandeza. Muitos dos nossos leitores teem, com certeza, ouvido dizer que os caboverdeanos são, como africanos, os entes mais mandriões de todo o orbe, e nós diriamos o mesmo se não tivessemos as provas do contrario. Já dissémos em artigo anterior que o Estado deu e dá ainda enormes extensões de terrenos para cultura, e quer os concessionarios sejam grandes cultivadores, quer sejam pequenos, dão a terra a trabalhadores, a meias, e estes arroteiam, semeiam, etc., e dividem os fructos.

Ora é pecha portugueza trabalhar-se para se ser independente, nem que seja por um dia, e se ha independencia altiva é a que se consegue pela agricultura, embora ella seja tão theorica como a nossa. Trabalha-se mais ou menos scientificamente, e um dia por outro a terra dá com que se vive melhor ou peor, sem necessidade da ajuda de ninguem, mas vive-se. E' o caso tipico em Cabo Verde: nos annos de fartas colheitas não se encontram braços para o trabalho, porque todos, ou proprietarios ou meeiros, teem para comer, e d'ahi a fama de mandriões, porque a grande maioria que tal diz ignora quanto custa o trabalho da terra. Pois nós vamos dizer quanto custa esse trabalho.

A's crises de fome em Cabo Verde corresponde sempre um periodo de importação de generos alimenticios, em substituição dos que faltam na producção provincial. E' claro que o milho entra sempre n'uma grande parte, mas tambem entram n'esses annos em quantidades avultadas o arroz, a farinha de milho e trigo, a bolacha de embarque, tudo substituindo o emprego dos productos da terra.

Mas, para o caso que temos em vista, basta conhecer a quantidade de milho, importado em kilos em varios annos em Cabo Verde, em annos de fome:

Em 1903	5.000:000 kg.	
» 1910	904	»
» 1911	3.857:254	»
» 1912	1.756:349	»
» 1913	3.704:304	»

A producção de milho em Cabo Verde em bons annos deve andar muito perto de 10:000 toneladas, embora nenhum inquerito agricola se tenha feito até hoje á producção agricola do archipelago, mas, para que os nossos calculos não pareçam exaggerados, embora sejam feitos sobre dados colhidos durante nove annos de estada n'aquelle archipelago, vamos referir-nos só ao trabalho da terra que deveria ter produzido a quantidade de milho importado em 1913, não contando com a producção de 2:400 litros por cada 10 litros semeados no hectare, mas com a producção média de 1:200 litros pela mesma unidade semeada.

A população teria semeado 3191 hectares de terra com milho, que lhe absorveram a seguinte despêsa por hectare:

Cava—12 jornaes, a 30 centavos	3$60
Semente—10 litros a 10 centavos	1$00
Sementeira—12 jornaes a 26 centavos	2$25
Monda—38 jornaes a 20 centavos	7$60
Remonda—15 jornaes a 20 centavos	3$00
Colheita	—
Transporte	—
Total	17$45

A perda total para a população que não teve colheita correspondeu no anno de 1913 a 55:000$00.

Fatalmente reconhecida a approximação da fome, o pequeno proprietario ou vende a sua casa e a terra para emigrar para a America do Norte, ou, não lhe dando a venda da propriedade para isso, faz um contracto e vae para S. Thomé. Outros mais animados vendem então o gado á medida das suas necessidades, hipothecam a casa e a terra e limpos então de tudo implorarm a intervenção do Estado. E este, para evitar que a população definhe e morra, manda abrir serviços publicos, onde o trabalhador vae conseguir os magros cobres que lhe permittam viver.

Umas vezes por outras, mas não sempre, vê-se o governo obrigado a adquirir milho para fornecer pelo custo e despezas ao seu pessoal, visto a escandalosa alta a que o commercio eleva então os generos de maior necessidade, mas valer-nos-hemos das estatisticas para verem o que convem desde já evitar.

Armando Xavier da Fonseca

A companhia de circo no Coliseu dos Recreios

Terminadas as recitas da companhia de operetta, no Coliseu, este fecha até sexta-feira, inaugurando-se no sabbado a epoca de inverno, com a apresentação de uma grande companhia de circo, organisada pelo arrojado emprezario sr. Antonio Santos, que este anno, apesar das difficuldades sobrevindas com a guerra europeia, caprichou em trazer a Lisboa as melhores variedades e attracções de circos estrangeiros.

Para dar brilhantismo aos programmas bastaria citar a grandiosa novidade dos leões do celebre domador Morck', que executam o seu papel no mimodrama, em 2 partes, «Vingança das féras».

Vamos tambem ter um programma de alegria, pois que estão contractados os primeiros clowns do mundo, os de maior «cartel»: Walter e Antonet, Rico e Alex, Tariton e Tony Joice, Barraceta; e como se isto ainda não fosse bastante, vem tambem o mais celebre conjuncto de etourdies da actualidade—Gaparini.

De outras attracções contractadas fazem parte a notavel troupe artistica Tusiddu; Mella Mariska com os seus cães e o cão transmissor do pensamento; Reldo, o celebre athleta equilibrista; os irmãos Panaitesear, gimnastas; os Mondes, equilibristas; Trio Broto, exentricos; etc.

Espectaculos

Cartaz de ámanhã

AVENIDA—A's 20,31, 21,45 e 23—Coração á larga.

POLITEAMA—A's 21,00 e 22,31—Não desfazendo... (Revista).

EDEN—A's 20,45 e 22,45—O diabo a quatro. (Revista).

MODERNO—A's 20,45—O cabo Simão.

COLISEU DOS RECREIOS—A's 21—A Geisha—O cabo Sasine.

Noticias

Entre nós

Com uma casa magnifica realisou-se hontem no Coliseu dos Recreios a festa artistica do actor Ettore Razzoli, cantando-se os *Sinos de Corneville*. A linda opereta, que entre nós tem tido desempenhos esplendidos, foi hontem cantada com extraordinaria correcção. Todos os artistas muito bem, especialisando o festejado, que no avarento *Gaspar* tem realmente um trabalho digno de todo o applauso.

Fernanda Razzoli cantou com extrema correcção as suas cançonetas e o *Fado do 31*, que lhe valeu a mais calorosa ovação que se tem feito no Coliseu durante os espectaculos d'esta companhia. O publico fez bisar o fado, porque na verdade só Fernanda Razzoli se pode comparar á inolvidavel Maria Victoria na graça, no encanto e na maneira superiormente intelligente como estudou e desempenhou a personagem.

Hoje canta-se o *Boccacio*, estando o desempenho a cargo das primeiras figuras da companhia.

A'manhã, ultima recita da moda e festa patriotica promovida pela companhia Granieri com os dois primeiros actos da *Geisha* e o *Cabo Sasine*.

Os notaveis artistas Rozalia Pangrazi, Raffaello Visani, Cina de Valdis e Fernanda Razzoli cantarão algumas cançonetas, canções e fados.

Terça feira despedida da companhia com a *Princeza dos dollars*, em festa artistica de Amedeo Granieri.

Circos & Music-halls

SALÃO DA TRINDADE—A's 20 e 22—Companhia infantil—Filha da Angica.

ANIMATOGRAPHOS E CONCERTOS—Olimpia e Paradis, *matinées* diarias e sessões á noite; Central, Chiado Terrasse, Salão Foz, Rocio; Sociedade Promotora de Instrucção, em Alcantara, sessões ás quintas feiras, sabbados e domingos.

CINEMATOGRAPHOS OU ESPECTACULOS VARIADOS—Chantecler, Imperio, Salão Graça, na Caixa Economica Operaria, Variedades, na calçada da Estrella—A's 21,30—O diabo no convento.

para impedir que aquelle posto fosse reforçado. A columna do sul recebeu ordem para fazer uma demonstração em Kubri proximo de Suez, ordem que executou muito mal.

Se a escolha da linha do avanço Audja-Ismailia havia sido dictada pela sua facilidade para transportes pezados, pela sua segurança contra a interferencia do lado do mar e, acima de tudo, pela existencia do grande deposito de agua em Er Rigm, a da secção Tussum-Serapeum do Canal como principal objectivo do ataque foi devida á persuasão de que uma victoria attrahiria o inimigo a poucos kilometros de Ismailia e que o terreno na margem occidental do Canal entre as pontes-cabeças de Serapeum e Tussum favorecia o ataque muito mais do que o deserto aberto em frente do posto de Ismailia Ferry.

As patrulhas do inimigo haviam informado Djemal Pachá de que a margem occidental do Canal entre as duas pontes-cabeças não estava occupada pelas tropas inglezas. Podia ser que assim fôsse quando essas patrulhas ahi estiveram. Mesmo era impossivel guarnecer toda a margem. O que os turcos ignoravam de certo era que as tropas inglezas estavam bem occultas por detraz dos massiços de arvores que n'aquella margem havia e que lhes era facil, logo que um ponto fôsse ameaçado, trazer reforços da Ismailia e até mesmo, se necessario fôsse, do Cairo.

No dia 1 de fevereiro, Djemal Pachá chegou a Katayib el Kheil com o seu estado maior. A 23.ª divisão, que formava a ala direita da sua força, parece ter chegado ao grupo de baixos outeiros a cerca de 9 kilometros a leste da extremidade meridional do lago Timsah no dia anterior. Logo que a 25.ª divisão e as tropas de Smyrna, que mais tarde sahiram de Er Rigm, chegaram á linha da 23.ª, esta pôz-se em movimento contra Ferry em Ismailia, tendo a esquerda protegida pelo lago Timsah.

No dia 2, uma força india composta de todas as armas mandada em reconhecimento encontrou os turcos a cerca de seis kilometros e meio a leste de Ferry. Travou-se combate em que as tropas inglezas tentaram attrahir o inimigo para o alcance da posição principal, emquanto os turcos recuavam.

A's 3 horas da tarde, um subito e violento «simoun» fez terminar a acção e o inimigo entrincheirou-se a cerca de quatro kilometros a sudeste do posto de Ferry.

A [illegible].ª divisão chegou a um ponto a uns sete ou oito kilometros do Canal n'aquella tarde.

Depois de anoitecer, essa divisão avançou, com as companhias de pontoneiros e de engenharia do 4.º e do 6.º corpos d'exercito, que foram os primeiros a chegar á agua com os seus pontões, uns vinte ao todo. Com elles vinha parte do 75.º regimento e alguns dos «fedaïs» ou «mudjahidin» (guerreiros santos) como os arabes lhes chamam, que acompanhavam a força de Djemal, velhos combatentes de Tripoli e aventureiros balkanicos.

Apoderaram-se das aberturas na margem occidental do Canal, a mais septentrional das quaes ficava a poucas centenas de jardas da ponte-cabeça de Tussum, um pouco antes das 3 horas da manhã do dia 3. A' sua esquerda, cobrindo-os, ficava o resto do 75.º. Mais para o sul, na direcção de Serapeum, estava o 74.º regimento. Parte do 73.º parece ter ficado como apoio das companhias de pontoneiros, parte avançou e occupou parte exterior da linha do posto de Tussum. A noite estava escurissima. O silencio na margem occidental levava o inimigo a crêr que ella estava desoccupada. Os soldados estavam confiantes, como confiantes estavam os officiaes. N'uma carta encontrada mais tarde a um official morto, que havia evidentemente sido escripta na tarde de 2 de fevereiro, á vista do Canal, havia as seguintes palavras:

«Não falaria a verdade se dissesse que a nossa marcha não foi difficultosa, mas todas as difficuldades foram, falando humanamente, vencidas graças á nossa perfeita organi-

parte da cidade foi destruida pelo «D'Estrées».

O mesmo cruzador destruiu mais tarde a casa do consul allemão em Kaifa.

Em fevereiro, o cruzador-couraçado francez «Desaix» desembarcou uma força de reconhecimento perto de Akaba, acompanhada pelo padre Jaussens, o conhecido archeologo dominicano. Não havia signaes de turcos, até que o sacerdote descobriu as pégadas de homens calçados militarmente que se dirigiam para uma aldeia.

A força de desembarque foi reforçada e os marinheiros francezes repelliram os 50 ou 60 soldados que estavam escondidos nas casas fóra da aldeia, matando e ferindo uma duzia d'elles e tendo apenas um homem ligeiramente ferido.

Navios da marinha india tomaram parte nas patrulhas do Mar Vermelho, tendo apresado algumas minas e descoberto minas no golpho de Akaba.

A 21 de março a bandeira branca foi içada á vista do «Dufferin» em Murveilah, na costa de Midiam, onde ha um antigo forte turco. Quando para lá se dirigia um bote, um marinheiro inglez foi morto e um official e nove outros feridos. O forte foi violentamente bombardeado e muitos turcos morreram.

No meiado de maio o «Northbrook» apresou um brigue, a bordo do qual estavam seis officiaes allemães da marinha mercante e dez homens, que ao que parecia tinham tentado abrir caminho pelo norte para qualquer dos portos turcos do Mar Vermelho.

Só nos principios de 1915 os bandos arabes que tinham sido concentrados em Bir-en-Nuss começaram a apparecer em certo numero a oeste de Katia. Entretanto El Arisk havia sido convertida n'uma base avançada e grande quantidade de provisões tinham sido ahi amontoadas; pequenos corpos turcos tinham avançado para El Audja de Beersheba e outros haviam fortalecido a força que tinha occupado o forte Nakhl.

Durante dezembro as tropas turcas em Jerusalem e na região de Hebron receberam reforços do norte e o coronel Kress von Kressenstein ao chegar a Jerusalem foi recebido com acclamações pela população. As auctoridades turcas, tendo

Laubeuf, auctor dos planos dos submarinos francezes

mostrado a seus alliados allemães ao publico, mandaram vir o estandarte santo da grande mesquita em Medina. Quando o estandarte chegou, viu-se, porém, que não era nem antigo, nem santo. O que o trazia, depois d'uma penosa viagem para Jerusalem, presidiu a uma reunião no pateo da mesquita de Omar. Uma violenta trovoada fez terminar de subito essa reunião. O que a ella presidiu apanhou um resfriamento, a que se seguiu uma pneumonia que o matou em trez dias. Tal acontecimento causou funda impressão, como grande impressão causou a queda do estandarte ottomano em Konak, em Jaffa, quando o fanatico governador estava presidindo a uma reunião com o fim de aliciar voluntarios.

Fôra, ao que parece, nos ultimos dias de novembro que o Wadi Um Mukhsheib trasbordára e formára um lago em Er Rigm. Os turcos, cujo ministerio da guerra era bem servido pelos seus auxiliares bedoinos, em breve soube do facto e moveram

Club Naval de Lisboa

Eleanor Carver Bucknall

Falleceu

A junta directora do Club Naval de Lisboa participa o fallecimento da socia honoraria mistress Eleanor Carver Bucknall e convida todos os socios a incorporarem-se no funeral que se realisa amanhã pelas 5 horas da tarde no cemiterio dos Cyprestes.

por isso que a linha de avanço fôsse a de El Audja-Gifgaffa-Er Rigm-Ismailia. Provisões e camellos haviam já sido concentrados em Beersheba e El Audja, d'onde as primeiras tropas mandadas para Nakhl haviam seguido por via Kossaima, onde havia abastecimento de boa agua.

A força concentrada para o ataque em Ismailia consistia na 10.ª divisão (28.º, 29.º e 30.º regimentos com parte do 10.º regimento de artilharia de campanha), commandada pelo coronel von Trommer; 23.ª divisão (62.º, 65.º e 68.º regimentos), sob o commando de Behdjet Bey; a 25.ª divisão (73.º, 74.º e 75.º regimentos e parte do 25.º regimento d'artilharia), commandada por Fuad Bey; parte do 29.º regimento de cavallaria, dois canhões de 6 pollegadas, duas companhias de metralhadoras, o 4.º e o 8.º batalhões de engenharia com uma companhia de pontoneiros, um batalhão do 64.º regimento de infantaria e uma força d'algumas centenas de «fedaise» ou «mudjahidine».

Os regimentos de infantaria da 23.ª e 25.ª divisões tinham cada um apenas dois batalhões em vez de trez, como de costume, pois os terceiros haviam sido deixados na Syria. O 1.º e o 2.º batalhões da 25.ª divisão tinham pelo menos, cada um, 1.500 homens. A força total havia andar por uns 30.000 homens.

A columna do norte, que devia marchar por El Arish e Katia para El Kantara, era composta da 27.ª divisão, provavelmente duas baterias do 27.º regimento d'artilharia e uma bateria de montanha, uma companhia de Maxims, alguma cavallaria e uma força de irregulares commandada por Mumtaz Bey, um antigo salteador que havia assassinado um companheiro em Salonica, fôra exilado para Jaffa, fugira da prisão e fôra perdoado sob o novo regimen. Tornára-se membro do Comité União e Progresso e seguira Enver Pachá, a quem servira em Tripoli.

A columna do sul ou Nakhl era commandada por um official de pessimos precedentes, chamado Eshref Bey. Era composta do 69.º regimento de reserva, destacamentos do 128.º e 129.º regimentos que faziam parte da divisão independente de Hedjaz, e de cerca de 1.500 irregulares, com alguma gendarmeria e uma bateria de montanha.

A columna do norte devia ter uns 6.000 homens, a do sul uns 3.000.

Djemal Pachá, como commandante em chefe, acompanhava a força principal que estava sob o commando directo do seu homonymo Djemal Pachá (II), commandante do 8.º corpo d'exercito (Damasco).

Os transportes turcos estavam bem organisados. Cada regimento tinha cerca de 250 camellos; o transporte das reservas era effectuado por bandos de 500 camellos, jornadeando por «étapes». A alimentação era sufficiente. Os homens eram aconselhados a poupar a agua, mas durante a marcha não faziam caso d'essa recommendação. Os canhões de campanha eram levados á mão; os pezados eram puxados por grande numero de homens e cavallos.

A disciplina durante a marcha foi boa. Os soldados andaram n'alguns dias trinta e dois kilometros e as companhias de camelleiros foram louvadas por Djemal Pachá pela sua resistencia, pois que em trez dias fizeram cento e quarenta e quatro kilometros.

A historia da marcha póde dizer-se em breves palavras. O grosso do principal exercito sahiu de Hebron a 11 de janeiro. No dia 18, um hydroplano avaliou a força que estava em Beersheba em 8.000 homens. Era provavelmente a retaguarda da força principal, porque no dia 22 uma grande força turca era avistada em Moia Harab.

No dia 23 a guarda avançada da columna do sul estava em Ain Sudr. A 26, as guardas avançadas das columnas do sul e da central estavam proximo do Canal, a do sul em Bir Mabeiuk, a central em Moia Harab e tambem no Wadi Um. Muksheib, onde devia haver de 2.000 a 3.000 homens.

N'esse dia, parte da columna do norte teve um recontro com as tropas inglezas de cobertura a alguns kilometros de El Kantara. Na escaramuça ficaram feridos um official e cinco soldados inglezes.

Era evidente que o principal ataque do inimigo estava imminente, pelo que a brigada de infantaria novo-zelandeza foi mandada avançar do Cairo, os batalhões Otago e Wellington enviados para El Kubri, os batalhões Auckland e Canterbury para Ismailia. No mesmo dia, o «Swiftsure», «Ocean», «Minerva» e «Clio» entravam no Canal, onde os navios de guerra francezes «Requin» e «D'Entrecasteaux», o inglez «Hardinge» e dois torpedeiros estavam já.

A's 3 horas da manhã de 27 de janeiro a columna Nakhl atacou os postos Baluchistan e El Krubi, sendo facilmente repellida. Na manhã seguinte uma tentativa foi feita contra os postos avançados em El Kantara e foi repellida pelo 14.º de sikhs, que perdeu um official nativo e cerca de vinte homens.

Nos trez dias seguintes houve constantes escaramuças entre os postos avançados inglezes e as patrulhas inimigas, emquanto os navios de guerra enviavam granadas para as massas que por acaso viam preparando-se para se entrincheirarem, mas que tinham o cuidado de o fazerem fóra do alcance dos canhões navaes.

Maiores damnos eram causados pelos aviadores, que voavam nos seus aeroplanos e hydroplanos sobre as columnas avançadas, lançando bombas entre os homens e os camellos.

Entretanto, os turcos, avançando rapidamente e soffrendo muito com o frio, tinham levado o seu principal corpo para o grande poço em Er Rigm. Tinham atravessado o Wadi El Arish no poço de Ruafa, avançaram d'ahi pela planicie coberta de El Sirr para Bir Hanama, onde excavaram um bom poço, e d'ahi, evitando tanto quanto possivel o grande massiço de dunas ao norte do Djebel Yelleg, seguiram a orla do planalto e as encostas que d'ahi descem.

Mas nem toda a força de Djemal Pachá tinha ainda chegado aos outeiros acima de Bir Habeita, onde o commandante acampou a treze kilometros a leste de Serapeum na noite de 31 de janeiro. A' distancia de quatro ou cinco dias de marcha estavam o 28.º e 29.º regimentos de infantaria, o 3.º batalhão do 30.º e mais algumas unidades. Não se póde comprehender por que motivo elles estavam tão longe e por que razão o commandante em chefe turco não esperou pela sua chegada.

No dia 1 de fevereiro, elle mudou o seu quartel general para Kolayib el Kheil, um grupo de baixos outeiros a cerca de treze kilometros a leste da extremidade meridional do lago Timsah.

As ordens dadas para o ataque havido no dia seguinte mostram que elle confiava na victoria. O seu exercito havia atravessado o deserto com exito, os homens estavam em boas condições, poucos eram os desertores, excepto entre os irregulares, cujos chefes obrigavam os peregrinos indios, argelinos e tripolitanos que encontravam no norte e nas estradas de Nakhl a juntarem-se aos «mudjahidin», e acreditava firmemente que os musulmanos indios arregimentados contra elle fariam apenas uma sombra de resistencia, se não desertassem em massa.

Era um artigo de fé para os Jovens Turcos do Comité União e Progresso que o Egypto estava ancioso por ser libertado e que o grande sheikh do Senussi viria com os seus valentes e um tanto nebulosos exercitos do Sahara para atacar os infieis pela retaguarda.

Na tarde de 1 de fevereiro, Djemal Pachá havia preparado o seu plano de ataque. A força principal, composta da 25.ª divisão e de toda ou de parte da 23.ª, devia atacar o Canal e, sendo possivel, forçar a passagem entre Serapeum e Tussum, emquanto a sua ala direita conteria as tropas inglezas na ponte-cabeça de Ismailia Ferry com um fingido ataque.

A columna do norte devia atacar El Kantara ao mesmo tempo que fazia uma demonstração em Ferdan

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 1842 — 6.º Anno — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Editor—Camillo Sousa e Almeida — Redacção e Administração—R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA—Segunda-feira, 20 de Setembro de 1915

Telephone n.º 2293—Endereço teleg. CAPITAL — Composição—Rua do Norte, 5, 1.º — Officina de Impressão—74, Rua da Bica, 76

Preço 1 centavo

As duas correntes

Na entrevista, por muitos titulos interessante e notavel, que o chefe da divisão naval, o sr. Leotte do Rego. concedeu a um jornal da manhã, concretisa-se uma corrente de opinião que é conveniente assignalar pelo seu significado e pela sua importancia.

N'essa corrente revela-se fé, vida, energia, apaixonado culto pela Republica e pela patria, dando-nos aquella impressão de força que as sociedades não dispensam para progredir nos seus destinos.

Essa corrente é a que em todos os momentos historicos tem influido beneficamente na marcha da nossa nacionalidade. Recentemente, ella é a que se affirmou em 5 de outubro de 1910 e em 14 de maio d'este anno, provando a vitalidade da raça e a existencia d'uma consciencia civica que já nada pode obscurecer nem debellar.

Poderá haver por vezes excessos nas manifestações d'essa corrente, porque não é facil d'ellas expungir o impeto nobre de sagradas affirmações, que se caracterisa pelo enthusiasmo, pela bravura, pelo ardor na lucta e pelo calor de uma grande paixão. Mas ai d'aquelles povos em que essa corrente que diz vida, que diz futuro, que se empenha na conservação do brio e da gloria d'uma patria não apparece a nortear as nações de que esses povos são esteios!

A historia da nossa Republica, como a historia da nossa patria, faz-se pelos annaes em que se inscrevem os actos que essa viva paixão determina. Se não fôra ella, jazeriamos sob o jugo extranho. Não teriamos consolidado em 1385 a nossa nacionalidade; não a teriamos restaurado em 1640; não a teriamos defendido da invasão de 1808; não a teriamos integrado nas ideas liberaes contemporaneas em 1820 e 1834; não a teriamos redimido da corrupção que a suffocava em 1910; não teriamos, ainda ha quatro mezes, provado que somos dignos da liberdade e da democracia, pela reivindicação audaz e consciente dos grandes principios em que a Republica se funda, e que são hoje a *garantia da vida*, sobretudo para os pequenos povos, n'esta hora alta da civilisação moderna.

A corrente a que nos referimos, e que o bravo marinheiro que commanda a nossa divisão naval tão firme e eloquentemente concretisou n'um dos seus aspectos, é aquella que actua no sentido do progresso, é a que se nortela pelo culto da patria, pelo amor da Republica, e pela communhão ardente e sincera com o grande pensamento emancipador que dirige as nações alliadas na guerra gigantesca em que se decidem os destinos do mundo.

Sempre que se affirma virilidade, franqueza, lealdade, logica, ideal, essa corrente manifesta-se. E' a corrente que não quer que se pare, que abomina a traição, que não consente os retrocessos, e que dessassombradamente fala a linguagem da intrepidez e da verdade.

A esta corrente corresponde uma outra, a ella devemos as agitações, sobresaltos e difficuldades dos ultimos tempos. E' a que prefere os estratagemas, os sophismas, as habilidades saloias ou as mystificações jesuiticas para affirmar a sua existencia e influir na vida portugueza. Dirigem-a, impellem-a, formam-a os que, sentindo-se alheiados do seu dimento nacional, só procuram na intriga, na *mentira*, na calumnia, os meios de exercer a sua acção tenebrosa. Nunca encaram um problema de frente; não ha intenção nobre e elevantada que não conspurquem e desnaturem. Ligam subterraneamente os fios da sua trama, para quebrar as energias patrioticas, deprimindo a Republica, cavando os abysmos obscuros onde a nacionalidade se sepulte. A sua politica é a das reticencias, das indecisões, das capitulações. Marcha aos zig-zags, procurando sempre remar, para que o seu egoismo triumphe, a sua covardia medre, e Portugal seja uma nação bem dessorada, bem rebaixada, bem inerte, a fim de que seja possivel que por elles se deixe governar!

Estas duas correntes teem-se descriminado bem claramente nos ultimos tempos, e entre ellas não é licito duvidar um só instante que o povo portuguez esteja de alma e coração com a primiera. Mas se já é muito desmascarar a segunda, que é a dos ambiciosos sem escrupulo, dos scepticos sem alma e dos verdadeiros mediocres que ousam julgar-se grandes pelas suas requintadas perfidias e odiosas manobras, tambem não cabe duvida que, para que Portugal possa seguir desassombradamente, honradamente para a frente, não basta que o povo a conheça: é tambem preciso que a esmague, qualquer que seja o rotulo com que acoberte a sua infamia.

NAS MARGENS DO MONDEGO

A Universidade

A modernisação dos methodos escolares

De todas as transformações, por que tem passado, nos ultimos tempos, a cidade do Mondego, a mais importante é incontestavelmente aquella que imprimiu uma feição inteiramente nova á sua Universidade.

As gerações academicas, que, de vez em quando, emprehendem uma peregrinação á velha cidade universitaria, para matar saudades do tempo das tricanas e das sebentas, devem experimentar hoje grande surpreza, visitando a tradicional incubadora de bachareis.

As modificações introduzidas ali, mercê da completa autonomia, que a Republica conferiu ás escolas superiores do paiz, operaram um total rejuvenescimento na Universidade, attingida beneficamente no seu organismo scientifico e nas proprias condições materiaes do velho edificio.

Vão lá agora, os que voltam a contemplar o templo da Minerva, repetir aquelles versos de D. Thomaz de Noronha que andam hoje na bocca das lavadeiras no mais poetico rio de Portugal:

> Coimbra avançou dos annos
> Mas não mecheu nos arcanos
> Da sciencia do paiz;
> Que essa, apezar de Pombal,
> Ainda a vejo tal e qual
> A deu á luz D. Diniz!

Foi um filho da luza Athenas, o sr. Octaviano de Sá, bacharel em direito, dentro de poucos dias, quem, tendo conhecimento da nossa visita á cidade, se promptificou gentilmente a acompanhar-nos á Universidade, apontando-nos as modificações introduzidas tanto na organisação do ensino, como no caracter material da escola. O espirito modernista liquidou por completo o ambiente conventual da velha Universidade. Ao darmos os primeiros passos nos «Geraes», o nosso amavel *cicerone* convida-nos a assistir á destruição da ultima cathedra. Era a derradeira tradição viva da aula fradesca, com as suas bancadas carcomidas e palpito d'onde prolongava o lente. Em giria academica essa aula tinha a designação de «taberna». Por sobre essa cathedra, feita estilhaços, poisou n'outros tempos aquella estatua da Astronomia, medindo com o compasso a esphera celeste, que actualmente se encontra no museu da cidade, conservando o distico que a mão irreverente de estudante ali colou um dia:

> Oh! Minerva, faz-me a esmola,
> Se a pae dos deuses consente;
> Deixa cahir essa bola
> Sobre a cabeça do lente!

Com a entrada do novo anno lectivo já não existirá, dentro da Universidade, nenhuma das suas velhas aulas. Todas aquellas, em que anteriormente funccionaram os cursos, foram convenientemente transformadas, offerecendo um aspecto arejado e limpo, com os seus renques de carteiras modernas, o estrado do professor com uma secretaria, ao lado a ardosia do movimento, e pelas paredes os graphicos e quadros indispensaveis ao ensino. Na sala Gomes Teixeira, o busto do saudoso lente de mathematica, admiravel trabalho de Teixeira Lopes, dá ao ambiente uma requintada nota d'arte.

—Ainda sobre o ponto de vista dos melhoramentos materiaes, diz o sr. Octaviano de Sá, a Universidade não fica por aqui. Espera-se que em breve seja collocado um serviço de aquecimento, de que já está feita a encommenda, não devendo tambem demorar muito que as nossas aulas sejam dotados de illuminação electrica, para quando haja necessidade de funccionarem de noite.

Passamos depois ás dependencias que a Universidade aproveitou para installar as aulas praticas, os laboratorios das faculdades, as bibliothecas, onde professores e estudantes se encontram para desenvolver os estudos das respectivas classes. Esse moderno plano de ensino levou a organisar quatro secções, destinados aos trabalhos praticos das sciencias historicas, juridicas, politicas e economicas. Os livros arrumam-se em amplas estantes e os jornaes das especialidades, nacionaes e estrangeiros, accumulam-se sobre grandes mezas. Nenhum recurso falta actualmente ao estudante para se preparar nos seus estudos, contando, quasi continuamente, com a cooperação amigavel do professor.

Respira-se admiravelmente n'essas salas, onde desappareceu por completo o bolor fradesco. São gabinetes que dispõem ao trabalho, admiravelmente installados com o seu mobiliario proprio, o ar entrando a jorros, os panoramas lindos a aformosear, a alindar, a delinear o estudo.

Comprehende-se que um ambiente assim conduza a mocidade escolar a pôr termo a velhas, tradicionaes praticas escolares, mais adequadas a ignorantes do que a pensadores, costumes que deram a essa escola uma triste nomeada, que subsistia ainda recentemente. Aquella athmosphera deve ter operado, no espirito das pessoas estudiosas, a transição para esse estado d'alma, que, mercê do trabalho e do estudo, nobilita os obreiros do pensamento.

As relações entre lentes e estudantes, pondera o sr. Octaviano de Sá, são presentemente muito diversas d'aquellas que caracterisavam o antigo meio escolar. Uns e outros procuram trabalhar simultaneamente, para levantar o mais alto possivel o nivel do estabelecimento. Ha, é certo, quem accuse ainda de reaccionario o ensino da Universidade. Essa accusação, porém, é profundamente injusta, só se justificando pelo desconhecimento da vida actual da escola, comparando-se o presente pelo passado. E' o inconveniente da tradição, que tanto conserva as coisas boas, como dá maior duração ás coisas más. A Universidade soffre as consequencias d'uma larga existencia de arcaismos e de condemnaveis processos de ensinos, hoje inteiramente postos de parte, proclamado bem alto, para honra dos que superiormente dirigem este estabelecimento de ensino.

Antigamente, por exemplo, dizia-se, e com razão, que o estudante da Universidade não recebia aqui ensinamentos praticos para a sua profissão. Hoje, que não é assim demonstra-o o facto de existir até uma classe de notariado, dirigida pelo sr. Carneiro Pacheco, onde todos nos habituamos a esses trabalhos da especialidade, operando com papel e sellos, expressamente executados para os nossos estudos.

Essas e outras modificações introduzidas no ensino universitario precisam ser conhecidas, para que se faça inteiramente justiça aos alumnos que se preparam para exercer na vida uma funcção proveitosa e aos mestres, para que se saiba que o seu esforço é comprehendido, o que, até certo ponto, constitue garantia e estimulo para novos incitamentos.

Caminho de Ferro de Benguella

LOBITO, 20 — O rendimento do Caminho de Ferro de Benguella foi de 41:000$000.—(*Havas*)

IMPRESSÕES DE VIAGEM

De Hendaya a Paris

Atravez da França —Companheiros de viagem e visões de passagem—Primeiros aspectos da alma franceza

Em quatorze horas approximadamente acabo de fazer o trajecto da fronteira á capital da França. Adivinhei algumas grandes cidades, Bordeus, Tours, Meaux, atravez do movimento das suas estações. Conversei no comboio com alguns dos muitos officiaes e soldados que n'elle viajavam, regressando á frente de combate, depois d'alguns dias de licença e, antes de mais nada, devo dizer que a impressão colhida excede muito as minhas previsões mais optimistas. Razão tinha o meu companheiro de viagem em me dizer que ia encontrar um estado de espirito excellente. No meu vagon iam, além d'outros militares, um tenente aviador com a Legião de Honra e a Cruz de guerra, um coronel de artilharia e, defronte de mim, um tenente medico, que desde agosto do anno passado tinha estado nos Vosges e acabava de passar oito dias, com a mulher, em Bayonna.

Com uma curiosidade que poderia parecer importuna n'outro paiz menos communicativo, a todos tres interroguei. Todos me disseram o mesmo. Os primeiros tempos da guerra foram muitos penosos e duros. A França não esperava o ataque. Hoje está tranquilla. A guerra durará mais um anno talvez; mas qualquer que seja a sua duração a divisa de todos os francezes é:— «Jusqu'au bout». E' necessario que a paz se faça sem precipitações e, para que ella chegue nas condições que os alliados exigem, a França fará todos os sacrificios.

Todos falam na guerra com uma serenidade admiravel. A semana passada foi consagrada em França ao anniversario das batalhas do Marne e, hoje, que começam a ser conhecidos os detalhes d'isso a que Richepin chamára o «milagre nacional» n'uma linda pagina, ha poucos dias publicada, todos estão concordes que ha um anno que a Allemanha está vencida. Resta apenas que se exgotem os ultimos recursos da sua preparação de quarenta annos. E' uma guerra de «usure» e, quando chegar o momento propicio, far-se-ha o grande esforço final.

O recuo dos russos em nada preoccupa a França. Estava quasi previsto, está explicado, e dentro em pouco será remediado.

Nas paragens maiores desci do meu compartimento e approximei-me dos soldados, que andavam pelas estações ou descançavam nos outros compartimentos. O bom humor era geral. Conversei com um pobre diabo de soldado completamente dobrado ao meio por uma dor sciatica que se arrastava appoiado a um pau e ouvi-lhe uma phrase que dificilmente esquecerei. Como um sugeito gordo e anafado murmurasse ao vêl-o passar:—«Le pouvre!», o doente, erguendo com difficuldade a cabeça, respondeu-lhe:

—Veja o senhor que estupidez ir apanhar «lá» uma doença que qualquer pode arranjar descançadamente na cama!

* * *

Durante a viagem interessaram-me, muito as mulheres de luto, essas a quem Severine chama as grandes mutiladas. No meu compartimento viaja uma senhora de cabellos brancos e coberta de crepes. De Bordeus a Paris não tem feito outra coisa senão trabalhar em agasalhos para os soldados fazendo á agulha grossas luvas de lã. Quando em Tours entrou no corredor uma enfermeira da Cruz Vermelha, linda nas suas vestes brancas a senhora de luto deitou um nota de 100 fr. no copo de estanho em que se recolhiam as offertas para os feridos. Por toda a parte ha mulheres vestidas de negro. N'um campo de Touraine, uma d'ellas conduzia galhardamente um arado e de quantas tenho visto, ostentando as negras insignias do maior sacrificio, quer sejam senhoras de sociedade ou simples mulheres de trabalho, nenhuma me deu a impressão d'uma dôr irreductivel. Pareceu-me mesmo advinhar um certo orgulho em algumas d'ellas. A minha companheira de viagem, como me ouvisse conversar com o tenente medico ácerca das operações nos Vosges, interrompeu a sua tarefa para dizer simplesmente que seu filho mais velho morrera n'aquellas sector em dezembro passado.

Vi, n'algumas estações, familias despedindo-se de soldados que tinham acabado as licenças. Ninguem chorava n'essa hora cruel. E' possivel que, abalado o comboio, houvesse lagrimas na estação e no interior dos vagons. Ali as vozes eram claras e fortes. Havia gracejos mesmo. Um velho alto e corado ao pôr-se o comboio em marcha, bradava ao filho, «poilu» dos seus quarenta e picos.

—«Adieu! p'tit. Et attention aux voitures!»

Depois da desolação da região de Hespanha que atravessámos no domingo, é consolador refastelar os olhos n'esta terra de França cultivada como um jardim onde não se encontra um palmo de terra que esteja inculto. A' medida que nos approximamos de Paris a minha anciedade augmenta. Conformam-me as informações anteriores. De dia pouco ou nenhuma alteração na vida. De noite, a severidade do governo militar põe a cidade quasi ás escuras e manda fechar os cafés e acabar os theatros ás onze e meia.

O tenente aviador acha bem estas medidas.

—Ao menos assim, me diz elle, os paisanos descançam e deitam-se cêdo. Na manhã seguinte estão mais dispostos ao trabalho e assim é preciso. A guerra é longa e todo o nosso empenho é que os civis resistam...

N'este paradoxo ha uma grande verdade. A linha de frente carece da serenidade da retaguarda.

São quasi oito horas. Já estamos dentro de Paris. Na gare d'Austerlitz tomamos a machina electrica, que, pelo tunel nos levará ao Quai d'Orsay. São mais quinze minutos e, passados elles, eis-nos desembarcados, envolvidos por um movimento collosal, encaixados por fim n'um «taxi» a caminho do boulevard des Capucines e do Grande Hotel.

Paris, 13—meia noite.

André Brun.

«*Historia Illustrada da Grande Guerra*»

Dividido em volumes, cada um dos quaes com cerca de 200 paginas, de modo a formar um livro portatil, economico, elegante e de facil encadernação, o folhetim que vimos publicando *Historia Illustrada da Grande Guerra* tem alcançado grande exito.

O primeiro volume abrange desde março a 15 de abril, tendo 184 paginas, o segundo de 16 de abril a 3 de junho, com 188, o terceiro de 4 de junho a 20 do julho, egualmente com 188 paginas, e o quarto de 21 de julho a 3 de setembro, com 180 paginas, sendo todos os volumes profusamente illustrados. Na administração d'*A Capital* são immediatamente satisfeitos todos os pedidos, quer da collecção completa, quer de qualquer numero de exemplares do jornal, que venham acompanhados das respectivas importancias.

As relações financeiras russo-francezas

PARIS, 20—O sr. Bark, ministro das finanças da Russia, chegou ás 8,30 a Paris sendo recebido por delegados dos ministros das finanças e dos negocios estrangeiros.—(*Havas*)

ATRAVEZ DO ALGARVE

A cidade de Faro

E' a mais adeantada do Algarve

PRAIA DA ROCHA, 17—Chego a Faro, de regresso de Tavira, ao anoitecer. Trago os olhos cheios da paisagem estranha que se desenrola, multiplicando-se n'uma infinidade de aspectos, desde Villa Real de Santo Antonio até aqui. A linha ferrea desenvolve-se em longas rectas, correndo á beira das lagunas, defendendo-se da agua salgada por meio de altos aterros, que a vegetação torrada d'este declinar de verão veste a custo. Predominam a alfarrobeira, negro-retinto, de braçadas retorcidas, de grandes e frondosas copas, tingindo de escuro, com a sombra densa, o chão que principia a tingir-se de vermelho vivo; a oliveira triste, com um forte colorido pardo escuro, vergando, graciosa, sob o peso do fructo, tão abundante que já se veem, aqui e além, grandes ramos quebrados e perdidos. A romeira esbelta, toda em hastes finas, de folhagem bionda, faz lembrar certas creaturas aristocraticas que não perdem nunca, ainda que a má sorte pretenda amagal-as, a linha fidalga do seu porte. A figueira rareia. A sua mancha cinzenta não se ergue da terra, tremula e incerta, com a pujança que distingue as figueiras extensas de Alcantarilha...

Ha mais paz, mais serenidade, mais exotismo, sobretudo, na paisagem do Barlavento algarvio. O mar raras vezes deixa de avistar-se do comboio. Para a esquerda, vindo de Villa Real, ficam largas regiões desertas, apenas de raro em raro salpicadas de velas brancas e de casas que parecem abandonadas. Os «salgados» d'esta parte da provincia são vastissimos. Ao vel-os, ao espraiar sobre esses abandonados e improductivos terrenos a vista já cançada de tanto sol, de tanta luz e de tanta monotonia, lembra-me a Hollanda, o paiz artificial d'onde o mar foi expulso e onde se criam hoje, sob a caricia do sol pouco intenso, os vastos campos de girasoes e de jacinthos. Pois toda esta parte do Algarve, se um dia alguem fosse capaz de manter além, na fita de areia que mal se distingue, a agua salgada, podia ser um immenso jardim, onde a flor e o fructo, a rosa maravilhosa e os pomos polpudos, cresceriam como n'uma fecunda e inexgotavel terra de promissão.

Assim... as lagunas continuarão por todo o sempre a crestar a terra com o seu sal, a impedir que o arado rasgue este chão que se estende em planicie por umas poucas de leguas ininterruptas. A tarde vae na agonia. As marinhas estão em plena producção. A' beira dos vastos tanques de terra, alteiam-se piramides do alvissimo sal. A colheita vae adeantada. Ranchos de mulheres, de perna á vela até para cima do joelho, sobem até ao cume das altas moreias por concluir e despejam lestamente os cestos repletos de niveos cristaes, que, lá em baixo, os rodos dos trabalhadores, amontoaram nos comoros rasos das marinhas. De vez em quando, chega até mim a toada simples d'uma cantiga, que traz dentro de si toda a amargura e todo o messianismo que esmaga a minha pobre raça.

O «tramway» mal se arrasta sobre os «rails» polidos. Ainda bem. E' que esta paisagem bemdita, clara, suavissima, só se vê bem assim, de vagarinho, sem pressa, para que nem um só dos seus detalhes se percs. Passa-se a Luz, onde se criam os melhores melões d'esta parte do Algarve e de onde se faz uma abundante exportação de hortaliças e de fructas. A Fuzeta, depois d'uma curva quasi em semi-circulo, que bem pode ser um titulo de orgulho para o illustre engenheiro Arthur Mendes, que a construiu, offerece-se-nos toda branca, estendendo-se, para a beira-mar, por uma suave encosta que vae terminar na praia. E' esta a terra dos melhores vinhos do Algarve. Depois, Olhão, com os seus terraços arabes e os seus pateos exteriores, onde, quando o calor aperta, se toma o fresco. E' a terra mais caracteristica da provincia. Quem dê com ella inesperadamente julga-se transportado ao norte de Africa, onde a moirama domine ainda e as povoações tenham este aspecto de fortalezas. A linha ferrea passa junto da villa. Para o comboio debruçam-se, das guaritas de alvenaria, rostos frescos de raparigas, por momentos afastadas dos seus trabalhos caseiros. Uma d'ellas, cujos olhos são dois poemas, diz-nos adeus com a graça ingenua d'uma princeza moira, despedindo-se por uma noite de luar do dono dos seus sonhos e do seu coração.

Faro fica a nove kilometros de Olhão. A cidade apparece-me quasi mergulhada na sombra. O mar geme á distancia e infiltra-se por uma frincha do aterro, até ao jardim publico, á beira do qual fica a doca. Encontro, afinal, no Algarve, uma esplendida tina ingleza onde posso tomar um demorado banho. Já não era sem tempo. E' que nos hoteis algarvios não falta apenas a agua. Faltam tambem as banheiras. Que ninguem se aventure a viajar n'essa provincia sem uma boa esponja. Ruas amplas, com bons estabelecimentos e relativamente asseadas. A illuminação é electrica. Vagueio á ventura durante uma ou duas horas por todo o burgo. Fatigo-me. Recolho ao hotel.

No dia seguinte, antes do almoço, encето a minha visita á cidade. Vou á Escola Industrial e á Escola de Alumnos Marinheiros. Na primeira ha uma exposição de trabalhos dos alumnos e de preciosos carvões de Lister Franco. A segunda está installada no antigo Paço Episcopal, velha construcção do seculo XVIII, onde, depois do vestibulo, airosamente lançado, só ha de notavel os azulejos que a ornamentam e a escadaria e salões. A dois passos fica a Sé. E' curiosa a sua fronteria, d'um gothico rudimentar. A egreja de S. Francisco recommenda-se pelo seu claustro, que uma palmeira magnifica enche, e pelos seus azulejos e obra de talha.

O sr. dr. Justino Bivar, amabilissimo, leva-me ao museu lapidar, ao «seu museu», que foi organisado com secções de archeologia e de pintura e pode vir a ser alguma coisa de muito interessante e muito valioso. Detenho-me junto de varias pedras, que são capitulos de historia; leio inscripções, que fazem chegar até nós paginas vivas do passado cheio de saudade, e perco-me, por largo espaço, na contemplação de certos quadros em que os assumptos religiosos são tratados com mão de mestre. Vizeu Portoense tem aqui uma bella representação. Os seus quatro paineis são verdadeiras obras primas no genero.

Não é esta, porém, a installação que convem ao museu. A capela onde elle se encontra é acanhada e impropria. Diz-me o sr. dr. Justino Bivar que se pensa em readquirir o velho convento das freiras de Santa Clara, presentemente occupado por uma fabrica de rolhas. Ha ahi um claustro renascença, que é do melhor que existe no genero. Tento vel-o. A fabrica está fechada por pertencer a um israelita, que hoje celebra o seu anno novo. Maravilha-me, porém, um portal do tempo da rainha D. Leonor, a benemerita fundadora das Misericordias. Raras vezes tenho visto coisa melhor esculpida e mais admiravelmente desenhada. O Estado tem de patrocinar a reacquisição do mosteiro, para que Faro tenha um museu digno de si e para que não se perca um dos poucos monumentos que, no Algarve, merecem ser vistos.

Por fim, Santo Antonio do Alto. E' pequena ucnina capella, toda branca.

Folhetim d'A CAPITAL — 20-9-1915

CHRONICA MUSICAL

OS ULTIMOS TROVADORES

O terceiro e ultimo dos periodos em que os historiadores litterarios dividem a epocha dos trovadores e troveiros comprehende os dois ultimos terços do seculo XIII. A composição da estrophe é cada vez mais sábia e requintada, com tipos diversissimos de versos, por isso que é necessario fazer sempre novo, sempre differente do que os outros fizeram.

Da trovadores d'este periodo só chegaram até nós melodias de trez.

Uc de Saint-Cire fôra enviado por seus irmãos para Montpellier, a fim de se instruir no latim e na theologia e se ordenar clerigo. Mas elle inclinou-se de preferencia para as sirventas e canções, de modo que, ao regressar a casa, em vez do padre que esperava, a familia recebeu um jogral. Na opinião dos seus contemporaneos *cantos fetz de fort bonas e de bons sons*. São apenas trez as canções que d'elle restam.

Aimeric de Peguilhan começou a compôr a quando de uma forte paixão por uma visinha e continuou compondo mesmo depois da paixão morta. Segundo Chobonesu, a sua ultima producção é de 1266. D'este trovador ha seis canções.

Guirant Riquier é o ultimo trovador chronologicamente e ao mesmo tempo o mais importante d'entre todos aquelles cuja obra se conserva. Nada menos de quarenta e oito canções com as suas melodias permittem considerai-o como um dos mestres da musica medieval. Como poeta, foi profundamente estudado por Joseph Auglade na sua obra *Le troubadour Guirant Riquier*, publicada em 1905.

N'este mesmo periodo, os troveiros são muito numerosos. Os poetas-musicos são os grandes senhores feudaes e os ricos burguezes artesianos e flamengos, cujo gosto artistico é parallelo á riqueza e progresso material das suas cidades.

A pleiade aristocratica dos primeiros agrupa-se em torno do mais elevado dos seus membros, tanto na jerarchia feudal, como no talento: Thibaldo de Champagne, rei de Navarra.

Além d'este, outros senhores nos deixaram obras poetico-musicaes.

Hugue de Lusignan foi conde da Marca de 1208 a 1249 e fez uma guerra desastrosa a Luiz IX. A sua herança artistica são apenas trez canções, mas tão delicadas que bastam a celebrisa-lo.

João de Brienne foi um senhor aventureiro, tipo do cavalleiro andante. Successivamente conde de Brienne, rei de Jerusalem, administrador de todos os Estados da Egreja, regente do Imperio grego, veiu a fallecer em 1237 em Constantinopla, deixando-nos tres canções.

Pedro Mau-Clerigo, duque de Bretanha, foi primeiro padre, mas, não se sentindo com vocação, preferiu casar, em 1212, com a duqueza de Bretanha, Alice. Tomou parte em duas cruzadas e morreu em 1250, legando-nos sete canções.

Troveiros grandes senhores foram-no ainda o conde de Bar, Tibaldo, o duque de Brabante, Henrique, o conde de Anjou, Carlos, e finalmente, o rei de Navarra, Tibaldo de Champagne.

Tibaldo nasceu em 1201, filho posthumo; o governo da provincia, de que elle era o decimo segundo conde, foi confiado á mãe, Branca de Navarra. Em 1124, Tibaldo seguiu Luiz VIII na expedição ao Poitou contra o dominio inglez e assistiu á rendição da Rochela. Dois annos mais tarde, em agosto de 1226, começam as difficuldades do conde com o poder real, por ter abandonado prematuramente, no cerco de Avinhão, o exercito de Luiz VIII. Quando o rei se preparava para tirar vingança d'este acto, que elle reputava attentatorio do poder real, morreu no Auvergne.

Durante os annos que se seguiram, os primeiros da regencia de Branca de Castella, o conde de Champagne ligou-se com os outros grandes vassalos, os condes de Bretanha, de Marcha e de Bolonha, contra a rainha estrangeira e o rei de doze annos; mas como não tivesse grande confiança no breve exito da colligação, preferiu ir lançar-se aos pés do rei, que lhe estendeu a mão. Thibaldo não só deu ao rei garantias da sua fidelidade, mas ainda lhe revelou os projectos dos seus partidarios.

Os barões attribuiram esta traição á influencia omnipotente das seducções da rainha, á paixão insipiente do conde por ella, e abrangeram-nos a ambos no seu ressentimento. O troveiro Hue de la Ferté fez-se eco d'estas accusações em canções violentas.

Mas eis que Tibaldo, descontente com a rainha que elle perseguia com vãs homenagens, se volta para o lado dos grandes vassalos e esboça uma nova liga contra a realeza, promettendo casar com Yolanda de Bretanha. Habilmente a rainha faz fracassar estes lamentaveis arranjos. Tibaldo já não casa. Fica com a rainha. Duas vezes trahidos, os grandes vassallos penetram na Champagne e assolam os dominios de Tibaldo, que todos os seus feudatarios abandonam, que todas as maldições perseguem. Só em 1231 é que o exercito do rei appareceu no condado, permittindo a Tibaldo concluir com os rebeldes uma paz honrosa.

Em 1234, Sancho o Forte, rei de Navarra, tio materno de Tibaldo, morreu. O conde de Champagne foi proclamado rei de Navarra.

Este augmento de poder levou Tibaldo a julgar que era chegado o momento de ter um conflicto com o rei de França, apesar das muitas obrigações que lhe devia, e sem o consentimento de Luiz IX casou a sua filha unica com o primogenito do duque de Bretanha. Em face d'esta affronta, o rei preparou-se para invadir a Champagne; Tibaldo correu a Vincennes a pedir-lhe perdão.

Esta politica contradictoria tornou Tibaldo suspeito ao mesmo tempo aos grandes vassallos e aos principes da casa real; então o rei de Navarra descambou na religião, pensando na salvação da sua alma. Começou, em 1239, a promover uma cruzada, mas em fins de 1240 regressava ás suas terras, sem nada ter conseguido. Tibaldo morreu em julho de 1253, mas não se sabe se em Troyes onde era conde, ou em Pamplona onde era rei.

Geralmente, faltam os esclarecimentos ácerca da vida dos troveiros; do rei de Navarra abundam, infelizmente, pois a historia da sua vida não é de molde a fazer augmentar a admiração, pelo artista, bem pelo contrario. Como tão frequentemente acontece no decorrer da historia, o alto espirito do artista era acompanhado pelo caracter mais baixo e mesquinho.

E em todo o caso, o rei de Navarra prestou valiosos serviços á arte, protegendo muitos troveiros, e á historia musical, mandando copiar por copistas a seu soldo, não só as suas proprias composições, mas tambem as dos outros.

Emquanto a França central é perturbada pelas questões dos grandes, os burguezes de Arras continuam a sua existencia, toda cheia pelo trabalho, a musica e a poesia. Os troveiros de Arras, n'esta epoca, são innumeros, Gillebert de Berneville, Colart de Bouteillier, Ermoul Caupain, Hiatasse de Fontaine, Robert de la Pierre, Jean de Grivihé, mas, diz Guesnon, «entre tantas nebulosas de que o ceu poetico de Arras está constellado, João Bretel apparece-nos como uma estrella de primeira grandeza. Bretel, que morreu em 1272, deixou-nos mais de quarenta canções.

Ao lado d'este, apparece-nos Adam, o corcunda, chamado de la Halle, que eclipsa todos os troveiros contemporaneos. Era-lhe tambem familiar a materia musical como a poetica, o descante e o verso francez. De Coussemaker, o fundador da musicologia medieval, estudou a obra d'este troveiro, que publicou em 1872. Henri Guy publicou tambem uma obra ácerca de Adam de la Halle. Muito pouco se sabe da vida do troveiro; averiguou-se em todo o caso que elle falleceu em 1286 ou 1287.

Adam de la Halle é, pois, como Guirant Riquier, o ultimo troveiro chronologicamente; e, como o ultimo trovador, elle é tambem o mais notavel e o mais culto.

O seculo e meio de evolução da poesia lirica vem a terminar-se justamente com os seus mais altos cultores.

Humberto de Avellar.

que fica lá em cima, poisada n'um pequeno monte, d'onde se descortina toda a cidade. Subo ao alto do campanario e espraio a vista em redor. O horisonte não tem barreiras que o delimitem. O raio visual perde-se no infinito, para um e outro lado. Para o norte, a alta cordilheira algarvia estabelece a fronteira com o Alemtejo. Para leste, adivinha-se, esfumada, diluida na neblina, a terra hespanhola. Para oeste fica S. Braz de Alportel, cercado de arvoredos, agachado nas faldas da serrania. Estoy, com o seu palacio de arruinados fidalgos, com as suas ruinas do opulento Ossónoba dos romanos, marca-se com difficuldade, um pouco á minha direita. Para o sul, o mar, as lagunas, Olhão, as marinhas, o sal em torrões, o cabo de Santa Maria, com o seu alto pharol, dominando a agua e a serra. Durante meia hora deixo-me ficar para alli, n'aquelle campanario historico, olhando tudo o que me cerca. E eu, que conheço quasi todos os grandes e deslumbradores panoramas da linda terra portugueza, confesso a mim mesmo que nenhum outro ha mais affavel, mais terno, mais impregnado d'essa luz diluida e fulva, que apaga todas as fealdades e exalta, como n'uma apotheose perturbadora, tudo o que a belleza immortal toca. Acordo da minha fascinação e desço. Pela escada lia versos de ignorados trovadores, cantando o amor e a vida. Ao longe, um sino plangente espalha pela atmosphera limpida o som fino do seu bronze. Leitor, se alguma vez fôres a Faro, vae a Santo Antonio do Alto. Encontrarás alli, no campanario da humilde capella, uma das maiores maravilhas do teu Paiz...

Adelino Mendes

TOURADAS

Campo Pequeno.—No domingo realisa-se a corrida que o bandarilheiro-amador Jayme Cadete ali promove em homenagem ao valente grupo de forcados de Villafranca, capitaneado pelo amador Jayme Godinho e que reapparece n'esta corrida, em que serão lidados seis bellos touros do lavrador Antonio de Castro, de Cabrella. Os que desejem marcar bilhetes para esta corrida podem fazel-o na rua de D. Estephania, [illegible] rés-do-chão.

Batalhão Academico

A commissão administrativa do Centro Republicano Academico, cuja séde é no largo do Intendente, 43, 1.º, lançou a idéa da formação de um batalhão academico que vá enfileirar ao lado dos alliados na grande conflagração europeia. Para continuar a discutir essa idéa, reune depois de amanhã, acceitando quaesquer alvitres e adhesões de academicos de Lisboa e da provincia.

Troupe Roses

A commissão organisadora das festas no Salão de Santo Amaro de Oeiras conseguiu que a «troupe» Roses ali dê tres espectaculos, sendo o primeiro amanhã, e os dois seguintes na quinta-feira e domingo, com as representações «Que belleza», e «A procura de [illegible]», operetta em um acto. Nos intervallos do espectaculo haverá canções, duettos, monologos e outros attractivos.

HORARIO DE TRABALHO

Operarios gazomistas

Em conformidade com as resoluções tomadas na reunião magna da classe, realisada hontem, um numeroso grupo de operarios gazomistas, depois de hoje se ter avistado com os srs. ministros do fomento e interior, aos quaes expozeram as suas pretenções ácerca do horario de trabalho para o pessoal do fogo das Companhias Reunidas de Gaz e Electricidade, procurou o sr. governador civil, com quem conferenciou.

Nada, porém, ficou definitivamente resolvido, motivo porque esta noite se deve effectuar nova assembléa dos gazomistas.

Os novos creditos inglezes

O discurso do sr. Asquith

O que dispende e tem dispendido a Inglaterra

Londres, 15 de setembro

O sr. Asquith, pedindo á Camara dos deputados um novo credito de 250 milhões de libras sterlinas, disse que este credito elevaria a 1.262 milhões de libras as sommas já auctorisadas.

Comparando as despezas feitas desde a approvação do ultimo credito n'este verão com as despezas previstas, disse que aquellas comprehendiam algumas sommas enormes, que no interesse publico não quiz pormenorisar, cujo fim era ajudar financeiramente certas operações necessarias. Parte d'essas sommas serão reembolsadas dentro de alguns mezes.

As despezas actuaes elevam-se a tres milhões e meio de libras por dia; as despezas do exercicio actual, até agora, teem-se elevado na totalidade a 300 milhões de libras sterlinas.

As entradas no Banco de Inglaterra elevam-se a duzentos milhões de libras, grande parte em pagamento dos adiantamentos feitos a outras potencias; os emprestimos consentidos aos governos estrangeiros elevaram-se a 30 milhões de libras, e os emprestimos consentidos ás colonias a 26 milhões. As despezas geraes augmentaram.

«A principal causa do augmento, disse o sr. Asquith, foram os adiantamentos feitos aos alliados; houve ainda o accrescimo do exercito e o augmento das despezas com munições».

Segundo a opinião do sr. Asquith, o total da despeza semanal não excederá 35 milhões de libras, e o novo credito será sufficiente para chegar até á terceira semana de novembro.

Estes numeros esclarecem, sob o ponto de vista monetario, com quanto a Inglaterra tem contribuido para a guerra.

«Não quero dizer, mesmo hoje, accrescentou o sr. Asquith, que façamos tudo quanto é possivel fazer-se, mas parece-me necessario confrontar as cifras das despezas em tempo de guerra com as do tempo de paz, por causa das tentativas realisadas em certos meios para amesquinhar os nossos esforços e desalentar-nos.

O ministerio das munições tem empregado todos os meios para augmentar a producção do material de guerra; é este um vasto campo para as mulheres desempenharem uma util actividade.

A situação militar

Passando em revista a situação militar, disse o sr. Asquith:

«As nossas posições na frente oeste teem sido reforçadas com importantes contingentes e munições, a nossa linha alongou-se consideravelmente por termos assumido agora a defeza d'uma parte das trincheiras dos alliados.

Quanto á nossa acção nos Dardanellos ainda não conseguimos repellir os turcos das alturas que occupam, comquanto tenhamos conquistado uma apreciavel extensão de terreno; actualmente temos ali uma linha ininterrupta que se estende por mais de doze milhas.

Todos os elogios que se façam ás tropas que combatem n'aquella região são poucos.

A leste intentaram os allemães esmagar as linhas russas, mas deve notar-se que só em artilharia o inimigo mostra superioridade, e é devido a ella que tem conseguido fazer recuar a linha da nossa valente alliada e apoderar-se de varias fortalezas; no emtanto, todas as communicações provam que a retirada tem sido admiravelmente feita e que o exercito russo se mantem intacto.

O outomno approxima-se rapidamente, e os allemães estão ainda longe de attingir o seu objectivo. O facto do czar assumir o commando supremo é a mais significativa prova de que o povo russo, desde o mais humilde aldeão ao mais rico proprietario, está inabalavelmente determinado a proseguir na guerra.»

E concluindo:

«Este conflicto é uma guerra de mechanica, de organisação e de resistencia; tudo leva a crer que a victoria pende para o lado de quem estiver melhor armado e que mais tempo possa manter-se; e é isto exactamente o que nós temos tenção de fazer.

Não temos razão para nos queixarmos. Depois do inicio da guerra, o total dos alistamentos no exercito e na marinha anda approximadamente por tres milhões e o recrutamento tem continuado excellentemente, com excepção d[illegible] ultimas semanas, em que se tem manifestado uma certa diminuição.

Appello á união

Temos satisfeito aos legitimos desejos e ás esperanças dos nossos alliados; temos supportado o fardo sob que voluntariamente nos mettemos por comprehendermos o nosso dever e conhecermos as nossas responsabilidades.

O que lastimo e com o que desejo acabar, é com as querellas intestinas, para que se não diga que, no momento mais decisivo da nossa historia, houve qualquer abatimento das energias e da tenaz vontade do povo britannico.»

O Circo no Coliseu

Os grandes leões de Marck

Marck, o artista que vem apresentar os seus extraordinarios leões no Colyseu dos Recreios, é um dos maiores e mais arrojados caçadores de feras. São conhecidas, e ficaram memoraveis, as suas excursões ás florestas de Africa. George Marck tem sido, mesmo, companheiro n'estas emocionantes e arrojadas excursões, de sabios viajantes e exploradores scientificos. Tendo ido caçar os leões lembrou-se de os utilisar em trabalhos de circo e imaginou para isso um mimodrama, «Vingança de feras», em 2 partes, a primeira das quaes cinematographica e a segunda com os verdadeiros leões em carne e osso.

O circo inaugura-se a [illegible] no primeiro sabbado, e o programma d'essa recita inaugural é deveras surprehendente, não faltando o melhor que ha em «clowns», pela alegria dos espectaculos: Antonet e Walter, Ilico e Alex, Tomiloff e Tony Grice e os Barrecitos.

Centro 27 de abril

Officio dirigido ao sr. presidente do ministerio

Pelo Centro Republicano Escolar 27 de Abril foi enviado ao sr. presidente do ministerio o seguinte officio:

Ex.mo Sr.—Tendo alguns jornaes lançado a insidia, por todos os titulos ignobil, que elementos do «27 d'abril», de mãos dadas com monarchicos, pretendiam assaltar os ministerios e alguns estabelecimentos do Estado, vimos pedir a v. ex.ª, a bem da verdade, da justiça e da moralidade republicana, que devem ser apanagio dos que se dizem democratas, faculte á imprensa uma «nota officiosa» dizendo quem foram os preparadores ou auctores d'esse movimento que não chegou a ser posto em pratica.

E quando, ex.mo sr., os seus nomes não possam ou não devam ser facultados á imprensa, que fique, ao menos, bem definida, bem identificada perante o publico a sua filiação partidaria ou hoste a que pertençam.

Os elementos do «27 d'abril» repudiam a infamia de que pessoas d'innavez se teem servido os seus inimigos, que o são tambem da Patria e da Republica, apresentando-os como mancommunados com monarchicos, para fins politicos. Os elementos do «27 d'abril» nada querem com os monarchicos, nem dos monarchicos. E ainda não ha muito a imprensa se fez echo d'uma eloquente moção n'este sentido.

Os elementos do *27 d'abril* agora, como sempre, manteem integros os seus principios republicanos. E porque assim é, se servem d'este meio, não para fugir a responsabilidades, pois não veem impetrar clemencia, mas tão sómente para que, feita luz, arquem simplesmente com as responsabilidades que de facto e de direito lhes caibam, que nenhumas são.

Com o caso presente, o dos assaltos, os republicanos do *27 d'abril* nada tiveram, nada teem.

O seu descontentamento com a obra do governo a que v. ex.ª preside, não vai ao ponto de quererem esbulhados dos seus cargos os empregados publicos, não afectos aos que lhe ambicionam os logares. Por isso, ex.mo sr. nada podiam ter com assaltos a ministerios, que outro fim não teriam que não o de correr com os funccionarios *desafectos*, para lhes apanhar os logares.

Os elementos do 27 de Abril são trabalhadores honrados, e como tal não pretendem lançar a fome no lar dos funccionarios publicos, para locupletarem os seus, o que, sendo deshumano, é improprio dos seus principios.

Sr. Presidente! O silencio de v. ex.ª, o silencio do governo sobre os premeditados assaltos, que deviam ter sido postos em pratica no dia 16 do corrente, tem dado margem a que por esse paiz fóra levem a impressão, semeada por imprensa sem dignidade, sem escrupulos, mas que o governo não reprime, de que eram os republicanos do *27 d'abril*, de braço dado com os inimigos das instituições, quem pretendia fazer coisas tetricas, para a realisação das quaes não se aponta uma unica reunião, quer no seu centro, quer na serra de Monsanto, onde, ao que disse a imprensa, reuniram os do *14 de maio*, quer em outra qualquer parte.

E' necessario, pois, ex.mo sr. que luz se faça, e para que a verdade seja conhecida, embora tardiamente, é necessario que v. ex.ª ordene seja fornecida á imprensa a nota officiosa a que já alludimos.

Assim o esperamos, assim o exige a moralidade da Republica e o bom nome das instituições que fallamente nos regem.— Saude e fraternidade.— Lisboa, 18-9-1915 —(a) *O Conselho Executivo*

NOVIDADES LITTERARIAS

Sem cura possivel, de André Brun 1 vol. 40 cent.

A conquista de Plassans, de Zola (vols. 112 e 113 da col. H. de Leitura), 2 vol. 40 cent.

Viagens de Gulliver, 1 vol. 20 cent.

O Visconde de Bragelone, do A. Dumas, (Complemento dos «Tres Mosqueteiros» e «Vinte annos depois»), 6 vols. broch. 1$60, encadernados 2$80 cent.

Gimnastica Sueca, methodo elementar, racional, 1 vol. illustrado, 10 cent.

O piano de Clara, romance de Escrich, 1 vol. 20 cent.

Como se deve educar o espirito, do D. Tolouse, 1 vol. 3.ª edição, 40 cent.

Remessas franco de porte.

Guimarães & C.ª, Rua do Mundo, 68

O preço dos generos

Revendedores de coke

Os revendedores de coke, que por intermedio da repartição fiscalisadora dos preços de generos, tinham conseguido que a Companhia do Gaz voltasse a fornecer-lhes carvão para negociarem, procuraram hoje de novo o chefe d'essa repartição, ao qual declararam que a Companhia apenas dispensa por semana uma tonelada de combustivel a cada um d'elles, quantidade que reputam insufficiente.

ULTIMAS NOTICIAS

A calumnia como arma de combate

E' empregada livremente pelos monarchicos, sem que as auctoridades intervenham, como é seu dever

Apezar das medidas que, certamente, o governo terá tomado para impedir que o prestigio das instituições seja impunemente enxovalhado por calumniadores de profissão, a verdade é que alguns jornaes continuam a sua obra de mentira e maldade, reproduzindo as mais infames atoardas contra a Republica e, de preferencia, aquellas que podem ferir a honra nacional. Ha uma lei de imprensa que tem disposições applicaveis ao caso. Ha leis especiaes que punem com rigor essas campanhas anti-patrioticas. Porque se não cumprem? Os delegados do ministerio publico não se importam com as recommendações que, certamente, o governo lhes terá feito, chamando-lhes a sua attenção para o castigo a applicar aos que procuram fomentar a intriga e a desordem fazendo-se echo das mais infames calumnias? Se assim é, o governo terá de ordenar providencias mais energicas, não precisando para isso de affastar-se das disposições das leis.

Veem estas considerações a proposito d'uma serie de mentiras repetentes publicadas n'um bi-semanario monarchico de Vizeu, em carta de Lisboa. Inventa-se uma nota allemã, que se diz ter sido entregue por intermedio da embaixada hespanhola, para se concluir que a «a Republica levou-nos ao estado de simples rafeiros que ladram de longe e encolhem a cauda quando se approxima o cacete» e que «fomos humilhados mais uma vez e Deus sabe o que nos falta ainda». Entre ignobeis referencias ao sr. Leotte do Rego, o correspondente não tem pejo de dizer que a Allemanha exigiu que elle fosse destituido da divisão naval!

Para o decoro da nação é vergonhoso que isto possa escrever-se sem o correspondente castigo. A liberdade de imprensa, que sempre desejámos ampla para todas as opiniões, não se compadece com a divulgação impune de calumnias de tal jaez.

Vê-se que o correspondente nutre um odio especial pela marinha de guerra, que procura por todas as formas ridicularisar e deprimir. Fala nos nossos «dreadnoughts» e cita a seguir os chavecos germanicos, como se a marinha alguma culpa tivesse de não possuirmos uma esquadra sufficiente para a defeza do territorio patrio. O monarchico correspondente esquece que a monarchia lançou ao mais completo desprezo as reclamações sobre a reorganisação naval formuladas pela propria marinha. No tempo da Republica muito se tem trabalhado n'esse sentido, e as manobras da divisão naval que se estão realisando são a prova completa de que temos marinheiros aptos e com vontade de cumprir o seu dever, seja em que circumstancias forem, sempre que a Patria exija o seu concurso. Isto é que a mentalidade do auctor das calumnias não sabe comprehender, visto que se alimenta dos mais repugnantes e anti-patrioticos sentimentos.

No final da sua carta diz que «os fadistas e marujada» «a fadistagem, os marujos e varios bonejos do alto bordo» não consentem que a policia faça a prisão de qualquer gatuno. Mais uma falsidade. Muitas vezes marinheiros e populares teem auxiliado a policia na captura de gatunos, de desordeiros e rufias. O «Diario de Noticias», insuspeito porque aproveita todas as opportunidades para lamentar e censurar o desrespeito á policia, noticiando o caso succedido no Rocio e que o correspondente aponta, diz «que os militares e grande parte dos populares, informados da origem do motim e da qualidade da gente que prendendia avolumal-o, fizeram causa commum com a policia». No dia immediato, a proposito d'uma outra occorrencia na rua Augusta, o mesmo jornal faz identica referencia á attitude dos populares, sem que houvesse qualquer intervenção de marinheiros.

Não precisa a marinha que ninguem faça a sua defeza das calumnias com que os seus inimigos pretendem atacal-a. Mas é bom saber-se, para todos estarmos entendidos, de que processos os monarchicos lançam mão para a sua «propaganda». Estamos certos de que o governo não deixará de velar pelo cumprimento da lei, tanto mais que atravessamos um periodo em que é sobremodo perigoso, até para os proprios monarchicos, deixal-os á rédea solta no campo das insinuações calumniosas. E áquelles que imaginam que os monarchicos estão quietos e resignados com a sua impotencia lembraremos que o jornal monarchico a que vimos fazendo referencia acha azado o momento para affirmar que a restauração da monarchia é inevitavel...

Encarniçados combates na Russia

PETROGRADO, 20 — Official — Nas regiões a oeste de Dwinsk e Vilna os combates continuam encarniçados com alternativas diversas, sendo os ataques do inimigo muitas vezes repellidos. Ao norte de Slonim os russos destruiram uma ponte de barcos e infligiram grandes perdas ao inimigo.

Na linha a oeste do rio Stonbella atacámos o inimigo e fizemos numerosos prisioneiros. Proximo da villa Dakovitch, sobre o Strumer anniquilámos duas companhias inimigas. Na Região da aldeia de Rolk a nossa cavallaria repelliu o inimigo infligindo-lhe grandes perdas e apoderando-se de comboios.

O milagre de S. Januario

A festa do padroeiro de Napoles—Aclarações a um telegramma

Com a epigraphe «Santa ingenuidade» e o sub-titulo de «A anciedade do povo de Saint-Gennaro, pelo milagre do santo seu patrono», publicava hontem o *Seculo* o telegramma seguinte:

ROMA, 18.—De Napoles recordam que chegou a epoca em que o povo da pequena povoação de Saint-Gennaro espera anciosamente o milagre do santo seu patrono, no qual põe toda a esperança no futuro. Se todos os annos a boa gente faz depender do milagre do santo a prosperidade da sua vida e a felicidade da propria Italia, e por isso mesmo o aguarda febricitante, suppõe-se o que seja este anno a inquietação do povo de Saint-Gennaro com a sua patria envolvida na conflagração.—S.

San Gennaro, ou S. Januario, não é uma pequena povoação mas simplesmente o santo padroeiro da cidade de Napoles, onde jazem os seus restos n'uma sumptuosa cathedral, que data do seculo XIII e foi destruida em grande parte no seculo XV por um tremor de terra, sendo reconstruida e soffrendo depois modificações importantes. Esse templo encerra verdadeiras e innumeras preciosidades e cremos que é na capella do santo, chamada tambem *del Tesoro*, que se encontra uma lapide votiva com estas palavras:

«A S. Januario, cidadão, patrono e defensor, Napoles salva, pela operação miraculosa do seu sangue, da fome, da guerra, da peste e do fogo do Vesuvio.»

O milagre consiste na liquefacção do sangue conservado em dois vasos de cristal que se guardam no tabernaculo do altar-mór. Opera-se tres vezes por anno: no primeiro sabbado de maio, em 19 de setembro e em 16 de dezembro. S. Januario, bispo de Benevento, soffreu o martyrio em 305, sob Diocleciano.

Foi hontem, pois, um dos dias em que se realisa o famoso milagre, devendo ter a solemnidade revestido um singularissimo interesse para a população religiosa de Napoles. E' que da rapidez ou lentidão com que se opera a liquefacção mysteriosa concluem os devotos que o anno será bom ou mau e decerto a festa de hontem estava sendo esperada, anciosamente, como refere o telegramma, para se obter um divino presagio ácerca da guerra...

Os napolitanos enchem a cathedral nos dias do milagre, exorando o santo, cobrindo-o de imprecações se elle se demora em manifestar o seu poder, lançando ruidosos clamores de jubilo quando o sangue se liquifaz, o que é a prova de que S. Januario não abandonou a sua cidade...

Como se explica a liquefacção do sangue, repudiada a idéa do sobrenatural? Sobre o assumpto teem-se escripto muitas paginas, havendo quem pretenda que o sangue se descongela em virtude do calor das velas que o rodeiam... Como quer que seja, o caso deu-se mais uma vez, segundo o telegramma seguinte, publicado hoje pelo *Seculo*:

NAPOLES, 19.—Na povoação de San Gennaro, o santo patrono d'aquella ingenua povoação fez durante 8 minutos o milagre anciosamente esperado. O povo, satisfeitissimo, considera o facto como um bom signal para o resultado da guerra.—S.

Como acima dissemos, tudo se passa em Napoles, não existindo, pois, a tal «ingenua povoação» a que allude o telegramma.

NA BAHIA DE CASCAES

A visita do ministro da marinha

aos navios da divisão naval portugueza

O sr. presidente do ministerio e ministro da marinha visitava hoje a nossa esquadra, ha dias fazendo exercicios no mar alto e na bahia de Cascaes. Para o acompanharmos na sua visita tomámos no Caes do Sodré o rapido das 13,50', esperançados um pouco no acaso e muito na sorte, de que, na formosa enseada azul, facil nos seria tomar um barco a caminho do navio almirante.

Partimos. Pelo caminho fomos polsando a vista n'essa encantadora faixa marginal, que seria a mais linda do mundo se mãos de mercenarios ganhões a não emporcalhassem com montes de sucata, medas de pinho, fabricas nauseabundas, e um sujo e negro gazometro em flagrante contraste com a manuelina joia do Restello.

Do Paço d'Arcos para lá a paisagem modifica-se e, ou são terras de lavradio já esfreadas e promptas para a proxima sementeira, ou villas elegantes com os seus jardins floridos mencambrados. Na curva dos Estoris, a bahia apparece-nos em toda a sua ampla e magestosa grandeza, vindo quebrar as ondas espumantes no areal das successivas praias, ou na penedia negra da cidadella.

Ao longe, no mar alto, postados em linha, viam-se á distancia regulamentar uns dos outros, os nossos seis navios de guerra; ao topo, para lá da cidadella, o navio almirante *Vasco da Gama*, seguindo-se-lhe successivamente em direcção á barra: *Almirante Reis*, *Adamastor*, *Guadiana*, *Douro* e, quasi a perder de vista pr'as proximidades da Parede, o *Lidador*. Junto ao *Vasco da Gama*, o torpedeiro n.º 3.

Olhamos o mar. Vindo de Lisboa, um rebocador do Arsenal avança com relativa velocidade.

Chegamos a Cascaes. N'um pulo galgamos á cidadella a vêr se nos conduzem a bordo do navio chefe.

Junto ao *Vasco da Gama* chega agora o rebocador que vinha do Tejo:

E' o sr. dr. José de Castro que chega. Cá de longe ouvem-se distinctamente os toques de sentido. Na tolda brilham, ao sol fosco da trovoada, os fardamentos brancos da marinhagem, formada em continencia. Instamos por um transporte que nos conduza lá. Pedimos, supplicamos quasi, mas de baldo. Não ha embarcações que para lá vão agora. Tentamos um ultimo recurso e mandamos um «semaphorico» ao illustre commandante da nossa esquadra, pedindo-lhe um meio de conducção para bordo.

O homemsinho do semaphoro faz os respectivos signaes e expede o semaphorico. D'ahi a minutos de bordo do *Vasco da Gama* dizem-nos: «Impossivel. Não temos embarcação nenhuma disponivel.

O terraço da Cidadella regorgita de banhistas que de binoculos em punho se entreteem olhando o mar e vendo os exercicios da esquadra.

Não desistimos ainda. Descemos a tortuosa e escura e humida escada da Cidadella e dirigimo-nos á praia. Na esplanada mais grupos de banhistas, sentados pelos bancos ou recostados na muralha, palestram.

Na praia tentamos ajustar um barco. Offerecem-nos uma *chata*, mas dizem-nos immediatamente: d'aqui ao «Vasco», gastamos, em boa maré, perto de duas horas».

—Duas horas?...

—Olhe: mais de hora e meia é pela certa, respondem-nos.

Consultado o relogio constatamos esta desanimadora verdade—não ha tempo para estar de volta nem ás 18 horas!

—Não desistimos ainda. Porto, n'um alto de verdura que se vê da praia fica a capitania. Vamos até lá; talvez o capitão do porto nos possa mandar pôr a bordo.

Nem assim! Ha barco, mas não tem remadores, nem os pode tão pouco arranjar.

Desistimos. De navio em navio vae-se fazendo a visita ministerial.

Ha toques vibrantes de sentido.

Pelas 16 horas o *Vasco da Gama* dá as primeiras salvas, a que os outros navios correspondem.

Para as praias, attrahidas pelo troar dos canhões, veem apressadamente, ranchos de familias.

N'um recanto de praia algumas creanças tomam banho.

E como só ha comboio ás 17,20, sentamo-nos um pouco, desanimados e tristes pelo fracasso de uma reportagem que reputavamos segura.

São 16 e 40. Os navios começam agora a pôr-se em movimento.

Pelas altas chaminés pardacentas saem nuvens espessas de fumo negro.

Que se terá passado a bordo?

Por fim o *Vasco da Gama*, magestoso, imponente, começa singrando o mar glauco. Seguem-no, depois, todos os demais navios de guerra, que dão uma grande volta em semi-circulo, emquanto, ao centro da bahia, bamboleando-se ao sabor das ondas, permanece o rebocador da Alfandega com as suas duas bandeiras tremulando ao vento.

O mar é calmo, limpido, toda uma mancha azul brilhando ao sol.

São 17,20 agora.

O *Vasco da Gama*, seguido dos demais navios, vae, em linha recta, mar em fóra, para lá da Cidadella.

E nós voltamos para Lisboa!

A divisão naval fundeou pelas 19 horas ao quadro dos navios de guerra.

ECHOS & NOTICIAS

INFORMAÇÕES—COMMUNICADOS

UMA ESTREIA

Tem 21 annos o portuguez Accacio Santos, que hontem se apresentou regendo uma grande orchestra de 70 musicos, deante d'um publico numeroso e já exigente como é aquelle que frequenta as sessões de arte no Salão de Festas da Amadora. Obteve um triumpho que immortalisa? Evidentemente que não, mas obteve um exito que marca o inicio d'uma promettedora carreira artistica e obteve applausos, de quem d'elles é avaro e não os prodigalisa. N'isto vae o seu elogio. O sr. Accacio Santos tem, em verdade, incontestaveis merecimentos. E um portuguez que pode affirmar a sua personalidade. E' um artista, como hontem o revelou, dominando a orchestração e a execução impeccavel da «Marcha Hungara», de Berlioz, e a «ouverture» do «Si j'etais roi», de Adam. A orchestra estava bem constituida e se os instrumentos, por vezes, não brilhavam nos «fortes» do conjuncto, deve-se o facto á insufficiente preparação da scena, aberta em cima para o ordinario, coisa facilmente desculpavel na Amadora onde se effectuava pela primeira vez um concerto de 70 executantes. Nos trechos de Grieg, o novo maestro mostrou-se senhor da musica e da orchestra. Em resumo, uma estreia que promette um futuro e a certeza de que em Portugal ha mais um excellente artista.

NA PRAIA DAS MAÇÃS

Vae realisar-se uma nova festa na Praia das Maçãs, ainda organisada pela mesma commissão que promoveu o ultimo «certamen» infantil e que resultou brilhante. D'esta vez os srs. dr. Magalhães Lima, Garcia de Castro, dr. José Pontes, Arthur Alagoa, Santos Costa, Victor Ascenso, Alfredo Braga e Angelo d'Oliveira projectam para sabbado um concerto musical, seguido de baile, e uma bella sessão cinematographica ao ar livre. Haverá illuminações electricas e carreiras extraordinarias de carros. Haverá recinto ornamentado. Isto equivale a dizer que a commissão conta com os mesmos cooperadores da sua primeira festa, como os incansaveis benemeritos da Amadora Santos Mattos e Antonio Corrêa, a companhia de Cintra ao Atlantico, casa Viuva Gomes, etc.

OS FILHOS DE WALTER

N'um casino de Ribamar apresentam-se agora os graciosos artistas em miniatura, Eugenio e Helène Walter, que adoptaram o nome de cartaz «Petits Walters» e são filhos do infatigavel «clown» que é a alegria do nosso Colyseu. Tem interesse esta nova apresentação dos lindos pequenitos, que já trabalharam, com os seus duettos, em revistas e concertos. Tem, porque se exhibem, pela primeira vez, em danças hespanholas e em concertos de xylofone. São graciosissimos e bons artistas. Filhos de peixe...

EXPOSIÇÃO DE FRUCTOS

No proximo dia 26, domingo, realisa-se na sala D. Diniz do Mosteiro de Alcobaça a exposição de fructos, promovida pela direcção de agricultura do centro do paiz. Estão inscriptos para o certamen os mais conceituados pomicultores, devendo assistir á inauguração os srs. ministro do fomento e director geral de agricultura.

NOTAS MUNDANAS

Esteve em Melgaço, de visita ao sr. dr. Bernardino Machado, o sr. dr. Fernandes Costa.

—De Povoa e Meadas seguiu para Villa Velha de Rodam o sr. dr. E. Ferreira Pinto.

—Partiu de Espinhal para Espinho o sr. Luiz A. de Oliveira Guimarães.

—Da sua propriedade da Quinta do Cabeço, Villa Verde, partiu para Verride o sr. Luiz Costa.

—Partiu de Lisboa para Favaios, Chaves, o sr. dr. Arsenio Botelho de Sousa.

NOTAS DIVERSAS

Deve partir na proxima quinta-feira, pelas 7 horas, para os exercicios de escola de repetição o regimento de cavallaria 1.

—Foi mandado passar ao estado de novo armamento, com a lotação de 36 officiaes e praças, a canhoneira «Ibo».

—A direcção da associação de classe dos operarios de tecidos de seda de Lisboa procurou hoje o sr. ministro das finanças a quem pediu providencias contra uma classificação pautal feita pela Alfandega, que muito prejudica a sua industria. O sr. Victorino Guimarães prometteu estudar o assumpto.

—Foi hoje assignado o decreto concedendo a aposentação, a seu pedido, ao chefe da repartição de contabilidade do ministerio da justiça sr. Carlos Moura Cabral, que ha 36 annos fazia serviço n'aquelle ministerio, tendo sido nomeado chefe em 1906.

—Regressou de Vizella onde foi a despacho com o sr. ministro dos negocios estrangeiros, o chefe da repartição dos negocios consulares, sr. Santos Tavares.

—Na séde do Directorio do Partido Republicano Portuguez reuniram esta tarde as commissões politicas do circulo de Setubal para trocarem impressões sobre a politica local com o Directorio, o qual estava representado pelos srs. Pinheiro de Mello, Filippe da Matta, senador pelo circulo, e dr. João Ricardo, deputado. Estiveram tambem presentes os deputados pelo circulo srs. Ramos da Costa e o senador sr. Estevam de Vasconcellos.

PARTE COMMERCIAL

Situação da praça

CAMBIOS.—O mercado fechou com as seguintes cotações:

	Compra	Venda
Londres, cheque	35 5/16	35 1/16
Londres, 90 d/v.	35 5/8	—
Paris, cheque	874	875
Allemanha, cheque	840	830
Hollanda, cheque	398,5	395,5
Madrid, cheque	1087	1090
New York	1844	1847
Rio, s/Londres	12 1/4	—
Libras	7800	7810
Agio do ouro	47 %	48 %

BOLSA.—As inscripções effectuaram-se:

	Assent.	Coup.
Titulos de 1.000$	—	39,80
» » 500$	—	—
» » 100$	—	—

Obrigações d'Estado: 3 0/0 1905, 3645. Externas: 1.ª serie, 13$60 e 3.ª, 7$880. Acções: Banco de Portugal, 170$00, sedent; Assucar, 418; Ilha do Principe, 108. Obrigações: Funchalense, 508.

SPORT

Na travessia do Tejo de hontem...

«...Nada mais importante ha a registar sobre a prova official de hontem, a não ser que, á chegada a Pedrouços, foram os concorrentes muito victoriados, á excepção do primeiro! João Formosinho foi recebido hostilmente por um grupelho de pseudo-«sportsmen», que o invectivaram por não ter pedido ou não ter querido tomar parte na prova um amigo d'elles, como se Formosinho alguma coisa tivesse que vêr com a maneira de fazer ou acceitar inscripções.

Vem a proposito dizer que se trata de Bessone Basto, o excellente nadador que na prova da «Taça Silva Carvalho» foi o primeiro a chegar a Pedrouços. E, já agora, notaremos que hontem Bessone Basto correu por fóra (o que não achamos correcto que se faça) e fez o percurso em menos tempo que Formosinho. Teve, porém, a deslustrar o merito do seu percurso o facto de ser guiado por uma embarcação, o que aos concorrentes não era permittido, e ainda a circumstancia de ser entreinado em grande parte do percurso por Carlos Sobral, que o acompanhou desde a Trafaria durante uns 900 metros, recolhendo-se depois a uma baleeira e voltando-se a atirar á agua, a uns 300 metros da praia de Pedrouços, para acompanhar Bessone até ao fim.

Não será, por certo, para louvar o espirito desportivo de um e de outro.

E, para remate, vá já uma nota singular: o empregado do Gymnasio Club, encarregado de annunciar com foguetes a chegada do primeiro concorrente, queimou-os á chegada de Bessone, sem reparar que este não pertencia ao lote de nadadores inscriptos! De maneira que Bessone passou, para muita gente, como o primeiro da travessia!...»

Isto é o commentario que o nosso camarada de imprensa Mario Sant'Anna, sempre severo mas sempre imparcial e justo, entendeu fazer á corrida de natação hontem realisada para se disputar o «Escudo» do Gymnasio Club.

Os factos apontados o que revelam? Que a educação sportiva da maioria é ainda imperfeita e que o trabalho de «saneamento moral» no meio athletico está por fazer.

Notas do dia

A festa de hontem na Amadora

—E' um triumpho!

Foi a exclamação do dr. Magalhães Lima quando hontem saudou os srs. Eduardo Dias, Luiz Roubeaud e Costa Pereira, organisadores do «gymkhana» sportivo que se effectuou no «rink» dos Recreios Desportivos da Amadora.

A exclamação do grande portuguez, que é um devotado amigo da instrucção, diz muito. Na verdade, a festa foi maravilhosa. Teve valor athletico e «ensemble» artistico. Reuniu perto de oitenta senhoras disputando provas. Reuniu dezenas de rapazes novos, dos 15 a 20 annos, que se affirmaram futuros e brilhantes athletas. Chamou uma concorrencia de milhares de pessoas ao bello recinto dos jogos que a iniciativa de Santos Mattos e Antonio Corrêa construiu para que fôsse o motor poderoso de engrandecer uma terra portugueza.

E tudo decorreu com ordem, com alegria, com movimentação e apesar do programma ser do «tamanho da legua da Povoa» foi rapido e integralmente cumprido, sem quebra de interesse na assistencia, porque de numero para numero havia maior curiosidade e mais emoção para conhecer os vencedores. E' bom dizer que estes se batiam com extrema vontade de ganhar.

—Só na Amadora, commentava o dr. Virgilio Horta. E effectivamente assim parece.

* * *

Uma chronica de «Malingua»

No meio sportivo, não se descobriu ainda o mysterio que envolve o pseudonymo «Malingua» que assigna varias chronicas sobre athletismo nas columnas do «Diario de Noticias». Permanece insondavel esse mysterio. Ha quem desejasse saber o nome d'esse jornalista que por vezes «sangra» fundo sobre irregularidades, faltas de orientação, defeitos de propaganda e asneiras da nossa gente de «sport». Mas até hoje ainda ninguem descobriu o mysterio. Seja quem fôr, o certo é que as suas chronicas interessam. Hoje, por exemplo, subordinada ao titulo «Meios e jornalistas», publica algumas verdades, que devem doer aos que se lerem e se sentirem «carapuçados». Incidentemente e depois de fazer o mais justo, merecido e apropriado elogio do seu e nosso camarada Mario Sant'Anna, cita o nome do nosso redactor sportivo, como um dos que teem sido aggredidos, injustamente, durante os seus 16 annos de persistente propaganda. Pois, sr. Malingua, o nosso redactor, sente-se por vezes compensado d'esses ataques com a certeza de que ha quem aprecie os seus esforços.

São poucos esses justos apreciadores, mas que importa?

Malingua é um d'elles..., pois muito obrigado...

Algumas anecdotas

Saltar para cima e descer para baixo...

Succedeu isto durante a lucta pelos premios dos «saltos á vara», no «gymkhana» da Amadora.

Arnaldo Vieira saltava por cima do poste, imperfeitamente, mas com energia. Antonio Pontes saltava com correcção. Collocaram a altura a transpôr a 2,30, que Pontes saltou com facilidade e Vieira com difficuldade. Passou-se para 2,32 e Vieira n'um impulso maximo lá conseguiu transpôr. Alguem que gosta de se mostrar «sabichão» n'estas coisas de athletismo vem direito ao excellente rapaz e diz-lhe:

—Homem, quando «apontares» o salto, trepa pela vara acima...

—Bem sei, para mais depressa cahir pela vara abaixo...

E palavras não eram ditas, «estendeu-se», sobre o cimento quando tentava 2,40!

Noticias

Entre nós

de 150 kilometros da U. V. P.

Como noticiámos, encerra-se hoje ás 24 horas a inscripção para a prova classica de 150 kilometros da União Velocipedica que se realisa no proximo domingo, devendo todos os corredores profissionaes munirem-se das suas licenças, sem o que a inscripção não terá validade.

A U. V. P. suspendeu por um mez o corredor amador José Pereira Salles, por ter disputado uma prova velocipedica fóra do regulamento de corridas.

O certamen da Amadora

Os resultados do torneio de hontem foram os seguintes: «Saltos em altura», 1.º, Luiz Roubeaud, com 1,51; 2.º, Antonio Pontes, 1,48; 3.º, Augusto Monteiro, 1,46; «Saltos em trampolim», 1.º, Luiz Roubeaud a 2,03; 2.º, Antonio Pontes a 1,99, e João de Sousa, 3.º, a 1,94; «Saltos á vara», 1.º, Antonio Pontes a 2,40; 2.º, Arnaldo Vieira a 2,32, e 3.º, Luiz Roubeaud a 2,26; «Corrida de velocidade», em patins, cavalheiros, 1.º, João dos Santos Mattos; 2.º, Fernando S. Correia; 3.º, Arnaldo Vieira; senhoras, 1.º, mademoiselle Maria Luiza Correia; 2.º, mademoiselle Maria José Outeiro; 3.º, mademoiselle Celeste Santos Mattos; 4.º, mademoiselle Aurora Outeiro; «Corrida de 3 pernas», patins, primeiros, João dos Santos Mattos e Arnaldo Vieira; segundos, Walter Alvarez e Jorge Parmos; terceiros, Frederico Flores e Antonio d'Almeida; «Corrida de cadeiras», primeira, Maria Luiza Santos; segunda, Celeste Santos Mattos; terceira, Leonor Santos Mattos, e quarta, Maria Luiza Correia; «Corrida de obstaculos», em patins, senhoras, primeira, Maria Luiza Correia; segunda, Maria José Outeiro; terceira, Celeste Santos Mattos; cavalheiros, primeiro, João Santos Mattos; segundo, Walter Alvarez; terceiro, Antonio Adão; «Jogo del De sahopo», primeiros, Luiz Roubeaud e Zeferino Rocha; «Corrida de luvas», primeira, mademoiselle Julia Rodrigues; segunda, mademoiselle Etelvina Barão; terceira, mademoiselle Eduarda Cabrita; «Corrida de cigarros», primeiro, Juvenal Silva; segundo, João de Sousa, e terceiro, Mario Vianna; «Corrida de gravatas», primeiro, Antonio Pontes; segundo, Urau-lio Seixas; terceiro, Antonio Adão; «Corrida de animaes», primeira, menina Maria Roubeaud, com um leitão; segunda, menina Leonor Santos Mattos, com uma ovelha; terceira, menina Maria José de Brito Guimarães, com um gallo; quarta, mademoiselle Laurinda Roubeaud, com um leitão; quinta, mademoiselle Clotilde Oliveira.

O jury era formado pelos srs. dr. Magalhães Lima, presidente; Arthur Alagoa, Alfredo Braga, Victor Assclmo, dr. Virgilio Horta, commissarios; Eduardo Dias, dr. José Pontes, juizes de partida, e Costa Pereira, Antonio Correia, juizes de chegada. O presidente e os commissarios de provas assistiram ao festival, n'um estrado ornamentado com arbustos e bandeiras nacionaes, ao centro da «marquise» e junto ao «ring».

N'uma das dependencias dos Recreios Desportivos, estavam em exposição os lindos e valiosos premios. Estes serão distribuidos, brevemente, n'uma sessão solemne, seguida de baile.

A commissão organisadora do «gymkhana», formada pelos srs. Luiz Roubeaud, Costa Pereira e Eduardo Dias, foi incansavel e no final foi muito felicitada pela assistencia de milhares de pessoas. E á noite, n'um jantar intimo, onde estes senhores compareceram, foram particularmente brindados e enaltecidos os seus valiosos merecimentos de «sportsmen» pela palavra fluente do dr. Magalhães Lima.

Concurso Nacional de Tiro

Promette ser muito elevado o numero de concorrentes ao grande concurso nacional de tiro.

Para facilitar, a inscripção está aberta desde hoje na carreira de tiro de Pedrouços.

As provas começam no dia 26 e terminam no dia 4, realisando-se no dia 5 a distribuição dos 150 premios de grande valor, que foram offerecidos por diversas entidades officiaes e por muitos particulares que enthusiasticamente patrocinam a patriotica ideia do desenvolvimento do tiro nacional.

MELHORAMENTOS LOCAES

O aformoseamento de Chaves

Um exemplo que deve ser imitado por todas as municipalidades

Por decreto hoje publicado no *Diario do Governo*, foi a camara municipal de Chaves auctorisada a contrahir um emprestimo de 120.000$, por uma só vez ou em series, de juro effectivo não excedente a 6 0|0 ao anno e amortisavel em 6 annos a começar passados cinco annos depois de realisada a operação. A' camara fica a faculdade de antecipar a amortisação.

O producto d'esse emprestimo é destinado: a amortisar por uma só vez o emprestimo de 10.000$ contrahido no Banco de Chaves; ao abastecimento de agua, canalisação de esgotos e mais obras complementares e expropriações para saneamento urgente e aformoseamento da villa de Chaves, acquisição do hospital da Misericordia e remoção d'este para local apropriado.

O saldo é destinado á construcção de casas baratas para as classes pobres.

Outras disposições contém o decreto, que beneficiarão extraordinariamente a villa, taes como a da obrigação do encanamento obrigatorio, a prohibição de poder haver pocilgas, curraes e estabulos, assim como depositos de fressuras, tripas e substancias animaes salgadas e officinas de salga e preparação de carne.

Chaves, por intermedio da sua camara municipal, quer acompanhar o progresso, pondo-se a par das povoações onde a hygiene não é uma palavra vã. E' um exemplo digno de ser imitado por todas as municipalidades do paiz. São ellas que devem cuidar dos melhoramentos locaes e não esperarem o confiarem apenas no poder central.

Espectaculos

Cartaz de ámanhã

AVENIDA—A's 20,30, 21,45 e 23—Coração á larga.
POLITEAMA—A's 21,30 e 22,30—Não desfazendo... (Revista).
EDEN—A's 20,45 e 22,45—O diabo a quatro. (Revista).
COLISEU DOS RECREIOS—A's 21—A princeza dos dollars.

Primeiras representações

THEATRO AVENIDA—*Coração á larga*, revista em 1 acto e 4 quadros, de Marcal Vaz, Roldão e Rocha, musica de Hugo Vidal e Vasco Macedo.

Não é trabalho feliz a peça que subiu á scena n'este theatro. Ao contrario do que esperavamos da iniciativa em explorar em 3 sessões um só espectaculo, para o que necessario se tornava fazer uma peça que durante meia hora desse ao publico a impressão de ter pago relativamente barato o seu «fauteuil» por quarenta e dois centavos, a revista que ha dois dias subiu á scena no Avenida, muito pouco tem que a recommende. Começa por abusar d'um facto—a nota politica—de que o publico pouco a pouco se tem ido desinteressando em materia de «revista». E' assumpto que tende a acabar, como succedeu aos quadros de theatro. Depois, o melhor auxilio que se póde prestar a qualquer peça, seja de que genero fôr, é rodeal-a d'um conjunto tal, de fórma a elevel-a ainda mais, se acaso é boa, ou a cobrir-lhe as deficiencias, se ella, de per si, não tem elementos para um successo desejado. De tudo isso o Coração á larga» está abandonado. O guarda-roupa é pobre, o scenario não prima pela belleza, á excepção da apotheose que é apparatosa, mas cujo panno preparatorio achámos um pavor, e finalmente a ensceração n'uma companhia, que é relativamente pequena, deixa muito a desejar.

* * *

Do desempenho, citaremos apenas Angela Pinto, a unica que dá a nota chic em toda a revista, mostrando ser sempre uma grande artista, mas completamente desacompanhada, se exceptuarmos Luz Velloso e Raphael Marques em rabulas de nenhum valor e Grave n'um typo que cuidou e lhe deu resultado. Finalmente, a musica é que se ouve com agrado, sendo, na nossa opinião, das coisas melhores que a revista tem.

Alvaro Lima

Noticias

Entre nós

Uma bella recita a de hontem no Colyseu dos Recreios com o «Boccaccio», apresentado com luxo de scenario e guarda roupa. A numerosa assistencia que enchia quasi por completo o elegantissimo theatro applaudiu todos os artistas pelo seu esplendido desempenho.

Hoje realisa-se uma festa patriotica, commemorando o 25.º anniversario da tomada de Roma e que a empreza Granieri promove com todo o enthusiasmo.

Consta essa recita d'um concerto em que o soprano Rosalia Paugrazi cantará as seguintes peças de musica: «Vissi d'Arte», da opera «Tosca», e «Mare Chiaro», canção italiana de Tosti, o tenor Raffaelo Vizzani cantará «Una furtiva lagrima», romanza da opera de Donizetti «Elixir do Amor», e «Cielo e Mare», romanza da opera de Ponchielli «Gioconda»; Cina de Valdis cantará a canção italiana «Lolita», e a applaudida canção portugueza do maestro Manuel Benjamim «O fado dos beijos»; Fernanda Razzoli cantará a canção veneziana da zarzuela do maestro Serrano «El carro del Sol» e a celebre canção italiana «Senza l'Amore».

Canta-se tambem a linda operetta «Geisha» (1.º e 2.º actos) e o «Cake Susines».

A'manhã, ultimo e definitivo espectaculo com «A Princeza dos Dollars» em festa artistica de Americo Granieri.

Circos & Music-halls

SALÃO DA TRINDADE—A's 20 e 22—Companhia infantil—Filha da Annica.

ANIMATOGRAPHOS E CONCERTOS—Olympia e Paradis, matinées diarias e sessões á noite; Central, Chiado Terrasse, Salão Foz, Rocio; Sociedade Promotora de Instrucção, e o Alcantara, sessões ás quintas feiras, sabbados e domingos.

CINEMATOGRAPHOS OU ESPECTACULOS VARIADOS—Chantecler, Imperio, Salão Graça, na Caixa Economica Operaria, Variedades, na calçada da Estrella—A's 21,30—O diabo no convento.

Emprestimos a camaras municipaes feitos pela Caixa Geral de Depositos

E' a seguinte a nota dos emprestimos que na Caixa Geral de Depositos teem sido contrahidos por camaras municipaes em harmonia com as disposições dos artigos 93.º, 101.º e § 1.º do mesmo artigo do Codigo Administrativo, independentemente de qualquer auctorisação legislativa.

Camara municipal de Ovar, 4:500$00; de Loures, 10:000$00; do Fundão, 25:000$00; de Loulé, 40:000$00; de Santarem, esc. 123:500$00; de Braga, 200:000$00; do Porto, 200:000$00; de Penich, 2:200$00; de Torres Vedras, 10:000$00; de Colorico da Beira, 5:500$00; de Olhão, 20:000$00; de Arronches, 10:000$00; de Villa Nova de Portimão, 16:000$00; do Barreiro, 6:000$00; de Villa Real, 20:000$00; de Fafe, esc. 18:000$00; de Villa Viçosa, 8:000$00; de Extremoz, 41:000$00.

Teem sido approvadas pelo conselho fiscal da Caixa Geral de Depositos e com parecer favoravel do administrador geral todas as propostas de emprestimos, que teem sido apresentadas pelas camaras municipaes nas devidas condições de legalidade e com as garantias necessarias para o seu pagamento.

O "Sentinella do 14 de maio" jámais bradará Alerta...

A' memoria de Albano Rodrigues Vieira, marinheiro n.º ... da guarnição da fragata D. Fernando, cahido ao Tejo em 26-7-915.

Alguns marinheiros, meus antigos companheiros d'armas nas campanhas coloniaes, pediram-me que escrevesse algumas linhas sobre o «Sentinella do 14 de maio», aquelle seu desventurado camarada a quem o mar arrebatou a vida, ao cahir do convez da fragata «D. Fernando».

Já pronunciei algumas despretenciosas palavras á beira da sua campa, procurando traduzir, ainda que pallidamente, a funda saudade que elle deixou em quantos o conheceram.

Pouco mais tenho a acrescentar; todavia direi que, se debaixo da pedra alguma coisa ainda subsiste, o «Sentinella do 14 de maio» terá decerto o seu ultimo somno menos gelado ao sentir os passos reverentes dos que lhe prestaram ha pouco ainda a piedosa homenagem a que elle tinha jus; pois sob o alcache azul da sua blusa de marinheiro pulsava um coração de ardente patriota.

N'aquella redemptora madrugada de 14 de maio elle soube cumprir bem o seu dever. De olhar attento e ouvido á escuta, lá estava firme no seu posto, velando pelos seus bravos companheiros n'aquelle heroico reducto da Praça d'Armas.

Quizeram substituil-o, para que descançasse; não deixou. E durante longas horas, perigosas e extenuantes horas de vigilia, elle soube tão bem cumprir o seu dever que desde logo o chrismaram typicamente «O sentinella do 14 de maio».

Mas elle não foi só a sentinella d'aquelle dia glorioso. Foi mais: foi a sentinella vigilante da Republica...

As fadas pouparam-o para, afinal, o mar que elle adorava, lhe arrebatar a vida, guardando-o ciosamente durante longos dias, para depois o arremessar, com o mesmo indifferentismo com que o matara, áquella praia do Monte de Caparica, em cujo cemiterio tem agora o seu humilde coval...

Repousa em paz, desventurado marinheiro! Os teus bravos camaradas não te esqueceram ainda e guardarão no peito uma saudade infinda por ti, pobre sentinella que jámais bradará alerta...

Calvario, 20-3-916.

Fernando Antonio Gonçalves

Movimento maritimo

Brazil e R. Prata «Liger» (Bordeus)...	21
Vigo, Fal. e Amst. «Frisia» (do Brazil)	21
Maranhão, Ceará, etc. «Michalls» (Liv.)	21
Bordeus «Divapa» (do Brazil)...	22
Africa occidental «Angola»...	22
Pará e Manáus «Hesynca» (Liverpool)	23

«A Capital»
Vende-se nos Recreios Desportivos da Amadora

Essa falta do alto commando turco salvou o seu exercito.

Se o principal exercito turco havia escapado e não havia esperanças, por motivos que se prendiam com as estradas e o abastecimento de agua, de obrigar as tropas que estavam na estrada El Arish-Katia e a columna de Nakhl a acceitar batalha, uma pequena columna turca havia inesperadamente mettido a cabeça na bocca do leão.

Em janeiro, o commandante das tropas turcas no forte de Nakhl, sendo informado de que o lazareto governamental em Tor não estava defendido, mandou uma força de cincoenta homens com um official allemão e um judeu austriaco, chamado George Gondos, que passava por official allemão, occupal-o. Essa força requisitou alimentos no mosteiro do Monte Sinai, onde George Gondos declarou ser o chefe do estado maior do commandante do victorioso exercito turco invasor, e a noticia da chegada causou algum panico em Tor. Mas quando ahi chegaram, encontraram-no occupado por 200 soldados egypcios.

Pediram, por isso, reforços para Nakhl. Quando estes chegaram, a sua força achou-se elevada a perto de 200 homens, dos quaes umas duas duzias de soldados turcos, pouco mais ou menos outros tantos soldados e gendarmes arabes, alguns «fedais» e beduinos de Midian e Sinai, tentados com a promessa do saque.

Occuparam uma pequena aldeia a oito kilometros ao norte de Tor, enviaram mensagens arrogantes ás auctoridades e fizeram fogo a uma distancia de onde não podiam causar mal algum.

No dia 11 um destacamento do 10.º de Gurkhas embarcou secretamente em Suez, desembarcou na retaguarda do inimigo e avançando pelos outeiros surprehendeu a sua posição ao romper do dia 12.

Os egypcios cooperaram com os gurkhas e a força inimiga foi anniquilada. Sessenta homens foram deixados no campo e mais de 100, entre os quaes um major turco, aprisionados. Do lado dos inglezes apenas houve um morto e um ferido. Gondos e os officiaes allemães com alguns homens haviam sahido do acampamento dois dias antes do ataque para Abu Zemaino, ponto que fica na costa entre Tor e Suez.

N'esse ponto havia uma mina de manganez, pertencente a uma empreza ingleza, na qual, ao que se diz, Gondos estivera empregado. A mina foi por elles damnificada, tendo sido destruidos os machinismos e levando, ao retirarem-se, alguns camellos para Nakhl.

A derrota da força, dando-se logo

Tenente commandante do «Creagh»

apoz o ter sido repellido o ataque ao Canal, desanimou os beduinos que haviam acompanhado as columnas comandadas por Djemal Pachá e Hilmi Bey. Muitos d'elles desappareceram levando as armas que lhes haviam sido fornecidas.

Durante o mez que se seguiu ao ataque ao Canal, o inimigo não fez movimento digno de menção. Os seus commandantes haviam chegado á conclusão de que nada se podia fazer contra o Canal emquanto não estivesse terminado o caminho de ferro do Sinai, ou não chegasse proximo da peninsula d'esse nome. Resolveram atacar, umas apoz outras, as tropas inglezas dispersas e, sendo possivel, lançar minas no Canal.

A 22 de março, uma columna com-

acção, e ámanhã teremos atravessado o Canal e marcharemos sobre o Cairo».

Os prégadores regimentaes tinham dito aos seus homens que, se a victoria e o paraizo estavam na sua frente, a morte e o fogo do inferno esperavam aquelles que recuassem. Historias de massacres de musulmanos egypcios pela licenciosa soldadesca britannica corriam entre officiaes e soldados em concordancia com as tradições do Comité União e Progresso, e a contra-senha para a noite de 2 para 3 de fevereiro era «Sandjak-i-Sherif» a bandeira santa. Alguns dos «mudjahidin» que acompanhavam as companhias de pontoneiros afogaram-se e foram as suas exhortações «Para a frente, irmãos, morramos pela fé», que deram o primeiro rebate ás sentinellas da 5.ª bateria de campanha egypcia composta de canhões de montanha e d'uma secção de Maxims, os quaes desconheciam o facto do inimigo estar postado na margem occidental a curta distancia ao sul de Tussum.

Nas outras aberturas na margem oriental tudo estava silencioso. «Nada ouvimos e nada vimos — disse um prisioneiro —. Só os cães ao longe ladravam; estavamos na agua quando de subito uma Maxim abriu fogo sobre nós».

Eram então 3 horas e meia da manhã. Amontoados nas aberturas da margem oriental do Canal e na estreita faixa atraz d'este, os turcos tiveram grandes perdas causadas pelo fogo das Maxims e dos canhões egypcios. Alguns barcos foram afundados a meio do Canal e os homens do 62.º de Punjabis proximo de Tussum mostraram especial empenho em sahirem das suas posições abrigadas para fazerem fogo sobre os turcos e em carregarem sobre os que tentavam desembarcar.

Mais ao sul, na direcção de Tussum, uma bateria de campanha territorial pertencente á divisão do Leste Lancashire, abriu fogo, apoiada por uma força de novo-zelandezes do batalhão de Canterbury. Os turcos que estavam na margem riposta-ram immediatamente com fuzilaria e metralhadoras. A sua infantaria fez o possivel para reduzir ao silencio os canhões da bateria egypcia, mas nada conseguiu, soffrendo, ao contrario, grandes perdas.

Quando amanheceu, tropas frescas entraram em acção. Os turcos, que haviam occupado a linha do posto de Tussum na margem oriental avançaram contra a ponte-cabeça, cobertos pela artilharia, emquanto outros atacavam o posto do Serapeum. Os navios que estavam no Canal e no lago Timsah abriram fogo. Tres baterias turcas de canhões de campanha responderam das baixas encostas de Katayib el Kheil. Embora as suas granadas fossem bem despedidas, nunca conseguiram attingir a bateria territorial entre Tussum e Serapeum, que, com o auxilio dos novo-zelandezes, as bateu da margem oriental e sufficiente para poder desviar parte da sua attenção e fazer fogo sobre as reservas turcas, quando estas appareciam no terreno aberto mais a leste.

Quatro dos artilheiros territoriaes foram feridos por uma granada, mas antes tinham elles destroçado parte d'uma força de desembarque que conseguira lançar um pontão, bombardeando este com tanta violencia que o afundaram.

Apoiadas pelos navios e pela artilharia de campanha, as tropas indias tomaram a offensiva. A guarnição de Serapeum (o 2.º de Rajputs e o 92.º de Punjabis), que havia já feito o inimigo a um kilometro pouco mais ou menos da sua posição, de novo lhe varreu a frente. A guarnição de Tussum, que se compunha do 62.º de Punjabis, repelliu o inimigo por meio d'um brilhante contra-ataque. O 16.º de Gurkhas tambem se distinguiu. Dois batalhões do 28.º regimento vieram, baldadamente, reforçar os turcos.

A artilharia ingleza não lhes deu descanço e pelas 3 horas da tarde o inimigo estava em plena retirada com excepção d'algumas centenas de homens, que haviam sido deixados como retaguarda ou haviam perdido contacto com os restantes e

caram nos massiços de arvores da margem oriental entre os dois postos.

Entretanto os navios de guerra que estavam no lago Timsah tinham entrado em acção. Uma salva do «Requin» passou por sobre Ismailia e uma multidão de soldados e de paizanos accorreu ás eminencias proximas a vêr o que faziam os artilheiros turcos. Mas as granadas que começaram a cahir a pouca distancia preveniram-nos de que era melhor para elles porem-se a salvo.

Cêrca das 11 horas da manhã duas granadas de 6 pollegadas disparadas de duas peças occultas entre o arvoredo na extremidade sudoeste do lago attingiram o «Hardinge», transporte não couraçado pertencente á marinha india. Uma d'ellas avariou-o seriamente. O piloto George Carew, um valoroso e velho marinheiro, perdeu uma perna, mas continou a dirigir o serviço de pilotagem até entrar em Ismailia. Nove homens da tripulação foram feridos, dois d'elles mortalmente.

O «Hardinge» foi substituido pelo «Swiftsure». Mais tarde as duas peças de 6 pollegadas arremeçaram duas granadas, uma das quaes cahiu a pouca distancia e outra por cima do guarda-costas francez «Requin». Este respondeu com os seus canhões de 10-8 pollegadas e os turcos cessaram o fogo.

Durante a manhã de 3 a 23.ª divisão avançou para o posto de Ismailia Ferry, que estava guarnecido pelo 62.º de Sikhs, pelo 56.º de Fuzileiros Punjabis, por uma bateria de artilharia de montanha indiana e pela engenharia australiana. Na margem occidental uma bateria de campanha da territorial de Lancashire fazia tambem parte da guarnição.

Os turcos avançaram com valor, apoiados por duas baterias de campanha. Um official, um allemão ao que parecia, expunha-se com a maior coragem. A artilharia ingleza começou a bombardeal-os quando estavam a uma distancia de 900 metros da linha exterior. De tarde a demonstração cessou, sendo apenas disparadas algumas granadas até ao anoitecer.

Durante a escura noite que se seguiu alguns inimigos approximaram-se da linha exterior, mas nada conseguiram.

Ao mesmo tempo que a lucta cessava em Ferry, terminava tambem em El Kantara. Ahi, os turcos deram um violento ataque nocturno, que foi morrer junto das vedações de arame farpado. Outra tentativa para avançarem pelo sul foi repellida por um ataque das tropas indias. O inimigo teve perdas grandes, tendo tomado parte na acção os regimentos 80.º e 81.º da 27.ª divisão.

O ataque, durante o qual foi necessario avançar n'uma fronte escortada por inundações do terreno, não teve sequer a menor probabilidade de obter exito. Ao mesmo tempo os turcos com uma bateria fizeram uma demonstração na direcção de El Ferdan, mas foram facilmente batidos pelas tropas que ali estavam e pelo torpedeiro «Clio», que foi duas vezes attingido.

Não houve perdas em El Ferdan e menos de 30 em El Kantara, onde apenas parte da brigada do general Cox—10.º de Gurkhas, 14.º de Sikhs, 69.º e 89.º de Punjabis—entrou em acção.

Na tarde do dia 3 houve uma escaramuça na margem oriental entre Tussum e Serapeum, e um homem foi morto no «Swiftsure», que, como dissemos, estava no lago Timsah. N'esse sector houve durante a noite alguma lucta. Na manhã seguinte a lucta continuou. Meio batalhão do 92.º de Punjabis foi mandado sahir de Serapeum e encontrou alguns centenares de inimigos nos massiços de arvores. Durante a lucta que se seguiu, alguns inimigos, ou por acaso ou propositadamente, ergueram as mãos, emquanto outros faziam fogo sobre a companhia do 92.º que avançava para tomar conta dos que se rendiam, matando o capitão Cochan e muitos dos seus homens. Reforçado por uma companhia do 27.º e outra do 67.º de Punjabis, o 92.º em breve repelliu o inimigo após uma lucta corpo a corpo em que

um official inglez matou um official turco com uma espadeirada em combate singular.

Foi encontrada na patrona do capitão allemão von dem Hagem uma bandeira branca. Em honra da verdade deve dizer-se que se não provou que fôsse feito uso d'essa bandeira, mas se a trazia com o fim de, sendo preciso, se render, demonstra tal facto pouco a favor do moral dos officiaes allemães addidos á força de Djemal.

Os inimigos foram mortos, aprisionados ou puzeram-se em fuga. Tiveram cerca de 120 mortos e feridos n'esse ponto, sendo aprisionados 6 officiaes e 251 soldados com trez canhões Maxim.

A demonstração proximo de Suez no dia 2 não teve importancia absolutamente alguma, nem merecendo deter a attenção. N'essa noite, os turcos na fronte de El Kantara, El Ferdan, Ismailia Ferry e Suez seguiram o exemplo da maior parte da força principal e recuaram para Katia, Djebel Habeita e Nakhl. Na tarde de 4, finda a lucta entre Tussum e Serapeum, a cavallaria india e outras patrulhas avançaram para leste e tomaram alguns prisioneiros e material de guerra e preparativos foram feitos em Ismailia para um avanço em força atravez do Canal n'aquella noite em perseguição dos turcos.

Com grande desapontamento das tropas indias e dos grandes reforços coloniaes e da Yeomanry, esses preparativos foram suspensos.

Assim terminou a batalha do Canal de Suez. As perdas britannicas foram pequenas no total, subindo a 115 mortos e feridos. Dos turcos, numero superior a 900 foram sepultados ou encontrados afogados no Canal, cêrca de 650 foram aprisionados e crê-se terem ficado feridos entre 1.500 a 2.000.

Os indios foram os que sustentaram principalmente a lucta e foram bem apoiados pelos navios de guerra alliados e pela artilharia territorial. Os egypcios e o pequeno numero de australasianos que entraram na acção fizeram o que lhes competia. Os turcos e ainda mais os musulmanos syrios eram bravos e a sua artilharia, embora com boa pontaria, foi inefficaz, mas a sua tactica era infantil.

Contando com que os musulmanos do Egypto se revoltassem assim como as tropas indias da mesma religião, Djemal Pachá tentou romper a linha ingleza por meio de demonstrações ao longo d'uma fronte de cento e quarenta e quatro kilometros de extensão com uma força que não excedia a 25.000 homens e dos quaes menos de metade entrou em acção n'um unico ponto.

Os commandantes inglezes a principio suppuzeram—e era isso muito natural—que o commandante turco queria apenas proceder a um reconhecimento em força, preludio do ataque principal. Essa supposição foi confirmada pela descoberta feita pela cavallaria britannica de que o inimigo, embora tivesse queimado uma certa quantidade de material de guerra e deixasse alguns desertores atraz de si, tinha recuado em boa ordem.

A 6 de fevereiro, os aviadores inglezes, que tinham feito magnifico trabalho durante a lucta, referiam que todo o inimigo na fronte do sector Tussum-Deversoir estava concentrado em Djebel Habeita entre Bir Habeita e Er Rigm e que estava recebendo grandes reforços. Tal noticia causou grande enthusiasmo entre as forças britannicas. Foram reforçadas na tarde de 8 de fevereiro pelos 7.º e 8.º batalhões australianos e no dia seguinte pelo Herts e 2.º da Yeomanry do Condado de Londres; com um esquadrão, entre outras tropas, da Yeomanry do Duque de Lancaster. Esperavam vêr Djemal Pachá dirigir em pessoa um ataque real. Mas na noite de 6 para 7 de fevereiro começou a retirada geral do exercito turco, incluindo a dos reforços de Djebel Habeita para Beersheba. Foi um grande desapontamento para o general Wilson e para os seus subordinados no Canal.

Até então não fôra possivel a Djemal despedir o seu grande golpe.

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 1343 — 6.º Anno

Direcção e propriedade de Manuel Guimarães
Editor — Camillo Sousa e Almeida
Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA — Terça-feira, 21 de Setembro de 1915

Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL
Composição — Rua do Norte, 5, 1.º
Officina de impressão — 71, Rua da Bica, 71

Preço 1 centavo

Os maiores esforços

Lloyd George repete á Inglaterra que é necessario effectuar os maiores esforços. Não pensa a grande nação, que é sua patria, que poderá limitar os seus sacrificios. Elles teem de ser tão grandes quanto é formidavel a acção que se desenrola e em que os destinos da Inglaterra, como os dos seus alliados, estão em jogo.

Por sua parte a Allemanha foi mais do que clamar que é necessario ir até ás ultimas extremidades porque já se está procedendo n'essa conformidade. Nos vestuarios dos homens e das mulheres recommenda-se que se gaste a menor porção possivel de lã, e até o cobre dos utensilios domesticos é requisitado para ser fundido nas fabricas de munições.

Morreram já ou estão impossibilitados de continuar a lucta oito milhões de homens. Recorre-se aos contingentes que deveriam entrar nas fileiras em 1917. São rapazes de dezoito annos que vão ser arremessados á voragem dos campos de batalha.

Por isso mesmo atravez do laconismo das informações officiaes já se percebe que a acção da guerra se precipita. A' invasão da Russia prosegue, custando aos allemães muitos milhares de soldados cuja perda não é compensada por vantagens decisivas, porque o plano germanico que durante tres mezes pacientemente se preparou era apanhar n'uma tenaz de ferro o exercito russo, e o exercito escapou d'essa compressão tremenda, está relativamente quasi intacto e tem a liberdade dos seus movimentos. Os allemães entranham-se na Russia como quem penetra no sepulcro.

Na frente occidental, o embate é cada vez mais rude, mas os dois collossaes adversarios ainda não conquistaram ou cederam uma pollegada de terreno. Essa situação é insustentavel. A cinta de ferro ha de estalar por qualquer lado. Pode-se já ter como certo que ella quebrará em breve.

Nos Dardanellos não menos se reconhece a pressão esmagadora que já ha dias vagamente se presente. A queda de Constantinopla tornou-se uma necessidade imperiosa para os alliados, que alli hão de empenhar todo o poder dos seus exercitos, todos os recursos dos seus navios. Quando esse grande salto se der, terá soado a primeira hora para a terminação da guerra.

Ao mesmo tempo, os paizes até agora neutraes vêem-se impellidos em direcções contrarias, pelas manobras das diplomacias inimigas. Nos Balkans, sem duvida não tardará que se observem tambem os horrores da guerra. A attitude da Bulgaria vae-se definindo, e ella determinará inevitavelmente a da Romania. Ninguem põe em duvida egualmente que a Grecia não ficará de braços cruzados.

E' preciso tomar um partido. E' preciso affirmar uma acção. As circumstancias não consentem já hesitações, subterfugios, dilações. Para que peguem na espada ha já nações que sentem a ponta das espadas nos rins.

Não ha nada que não tenha fim. Uma guerra como a actual já se arrastou mais do que seria licito esperar, ha um anno. O que é para admirar é que ella tenha podido seguir nas condições em que até agora a temos observado. Os grandes choques dos exercitos estavam previstos. O que se não previa era que houvesse potencias que pudessem durante um anno soffrer tamanhas perdas materiaes e de vidas, sem ficarem inteiramente exhaustas.

Porque a exhaustão existe. Não é ainda absoluta, mas existe. Por isso, á medida que se reconhece a impossibilidade de manter mais tempo a guerra, no pé estacionario em que ella se tem conservado, mais urgente é appellar para as mais profundas energias dos povos, pedindo-lhes os seus esforços extremos.

Não duvidamos de que em breve se deem acontecimentos gravissimos na marcha da guerra. Reconhecem-o os commandantes em chefe dos exercitos em presença, reconhecem-o os diplomatas, reconhecem-o os simples espectadores dos factos. Approxima-se a hora do desenlace, e por isso mesmo é este o momento de todos os sacrificios e de todas as abnegações. Lloyd George repete-o a toda a hora; o mundo sente-o a cada instante.

«Historia Illustrada da Grande Guerra»

Dividido em volumes, cada um dos quaes com cerca de 200 paginas, de modo a formar um livro portatil, economico, elegante e de facil encadernação, o folhetim que vimos publicando *Historia Illustrada da Grande Guerra* tem alcançado grande exito.

O primeiro volume abrange desde março a 15 de abril, tendo 184 paginas, o segundo de 16 de abril a 3 de junho, com 168, o terceiro de 4 de junho a 20 de julho, egualmente com 168 paginas, e o quarto de 21 de julho a 3 de setembro, com 180 paginas, sendo todos os volumes profusamente illustrados. Na administração d'*A Capital* são immediatamente satisfeitos todos os pedidos, quer da collecção completa, quer de qualquer numero de exemplares do jornal, que venham acompanhados das respectivas importancias.

LEI DE AFASTAMENTO

As commissões falharam

Só lhes resta um caminho: —dissolverem-se!

As commissões encarregadas de dar cumprimento á lei de afastamento de funccionarios publicos falharam por completo a sua missão. Tantos teem sido já, até hoje, os pedidos de escusa e as substituições resultantes d'esses pedidos, que ninguem sabe, ao certo, qual é o ministerio onde se possa ainda applicar a lei.

Estamos deante d'um facto cuja significação é preciso não occultar. Façamos-lhe os commentarios que elle exige.

Indubitavelmente, a Republica conta inimigos nas repartições do Estado. São os funccionarios que de todos os pretextos se servem para prejudicar, difficultar, entravar a marcha da Republica. Creaturas sem fé, muitas d'ellas tendo perdido a preponderancia politica que gosavam no antigo regimen, espalham em torno das coisas que os rodeiam o seu pessimismo doentio e a sua raiva impotente.

Triumphante o movimento revolucionario de 14 de maio, era natural que os poderes publicos, integrando-se plenamente no desejo de renovação que esse movimento marcou, mandassem de defender a Republica, afastando do serviço do Estado aquelles funccionarios prejudiciaes, visto que muitos embaraços teem sido causados ao regimen pela sua constante acção deleteria, exercida a todas as horas, com todos os pretextos.

Mas as commissões encarregadas da selecção falharam — e tinham de falhar, desde que uma certa atmosphera se creou. A sua funcção appareceu aos olhos de muita gente como uma obra de espionagem, norteada pelo proposito de crear vagas nos quadros do funccionalismo. Segundo essas apparencias, já não se tratava d'um saneamento feito com coragem e com nobreza, mas sim da victoria da delação occulta, exercida com intuitos mercantis. Creada essa atmosphera, comprehende-se que os membros das commissões sentissem faltar-lhes, na sua propria consciencia, o estimulo moral de que careciam.

Outra razão contribuiu tambem poderosamente para que a lei se não applicasse. Referimo-nos ao processo que algumas commissões adoptaram, mandando circulares a funccionarios nos respectivos ministerios perguntando-lhes... quaes as suas convicções politicas. Este expediente, além de ingenuo, tinha o defeito de irritar os republicanos que recebessem a circular, sem que de alguma coisa servisse para que os monarchicos lhes dissessem a verdade, confessando a sua animadversão pelas instituições.

Agora, só ha uma resolução a tomar: as commissões dissolverem-se, affirmando sinceramente a impossibilidade de realisarem o encargo que lhes foi dado. Outra coisa que não seja isto é protelar uma situação que se vae tornando ridicula, com a desvantagem que resulta de todas as ameaças latentes e que nunca chegam a effectivar-se.

E deve a Republica consentir que os funccionarios seus inimigos continuem a difficultar, a prejudicar, a entravar a sua marcha? Não. Visto o fracasso das commissões, compete aos ministros exercer a obra de saneamento que ellas não puderam realisar. Dentro da normalidade constitucional, não comprehendemos que haja na Republica ministros que não sejam republicanos. Pelas suas convicções e pelo logar de honra que occupam, elles são os primeiros a quem cabe defender a Republica de todos os seus inimigos. Não é obra que elles poderão fazer de um só golpe, por meio de um simples decreto publicado no *Diario do Governo*. Tem de ser realisada dia a dia, vigilantemente, em todas as pretenções que nos seus ministerios appareçam, em todos os despachos que tenham de assignar, em todas as reformas que projectem ou que executem. Será uma renovação constante, methodica, segura, correspondendo integralmente ás aspirações nacionaes affirmadas no movimento de 14 de maio. E as commissões que desappareçam de vez, pois que é forçoso reconhecer a inutilidade da sua existencia.

NAS MARGENS DO MONDEGO

O Museu Machado de Castro

Uma curiosa imagem da Virgem que ainda faz milagres

Os museus regionaes de que tanto nos ultimos tempos se tem falado, uns organizados já, outros em vespera de installação, por esse paiz fóra, devem produzir, no espirito das gentes desprevenidas, a impressão de que a arte já alguma vez floriu em terras portuguezas, com essa exuberancia pasmosa que caracterisou o solo abençoado da Hellade e deu immortalidade áquella torrão glorioso, adubado com as cinzas heroicas de Romulo, sobre o qual surgiu, dominando com o esplendor da belleza artistica, o amphitheatro maximo da Cidade-Eterna. Mas, para o viajante medianamente conhecedor da realidade, não ha illusão possivel. Sempre que o momento aconselha a uma visita a qualquer repositorio de antiguidades e lavores artisticos, o excursionista, sempre cautelosamente, refreia os impetos e trava um pouco a sua curiosidade. E', quem não proceder de tal fórma, pode ter a certeza de topar, por esses museus além, com verdadeiras decepções.

Coimbra bem podia ser, como é, a terra mais encantadoramente bella de Portugal, possuindo a paisagem mais cheia de ternura e de uncção, as mais ricas e suggestivas tradições e os mais bellos monumentos architectonicos e, nem por isso, ter um museu digno verdadeiramente d'esse nome. Se, por acaso, essa circumstancia se désse, não diminuiria nunca o extraordinario prestigio que a cidade do Mondego exerce sobre os seus visitantes. Ao contrario, o Museu Machado de Castro é uma das boas coisas que a cidade offerece á contemplação dos forasteiros, a quem os aspectos naturaes tornam sobremaneira exigentes.

A guarda d'aquelle authentico thesouro está confiada ao sr. Antonio Augusto Gonçalves, professor, artista e erudito, mas cuja devoção excede todas essas qualidades. Vive exclusivamente para o seu museu e para todas as preciosidades artisticas espalhadas pela região, pois é tal a sua actividade que parece ter um milhão de olhos a prescrutar todos os recantos da provincia. Atravez do seu museu, conhece amigos e adversarios; bate-se por elle com o denodo, o enthusiasmo e a fé de um paladino por sua dama, não sendo a primeira vez que lança o seu cartel de desafio ao Terreiro do Paço, quando as columnas do poder se recusaram a fazer justiça á dama dos seus pensamentos. E' o architecto e o cabouqueiro do seu adoravel museu, querendo-lhe tanto que, estamos certos, nunca tornaria effectivo o seu pedido de demissão, já por vezes formulado em momentos de desespero, deante de embaraços postos á sua missão.

O museu que leva o nome do grande estatuario, nascido nas margens do Mondego, o notavel esculptor de D. José e o adoravel fabricante de presepes, encontra-se presentemente installado no antigo paço episcopal. A residencia do prelado conimbricense esboroava-se quando foi cedida para installação do museu. Hojo, os visitantes teem, no mesmo tempo, o ensejo de admirar a casa, a cujas janellas aquelles principes da Egreja, regularmente dispostos com o ceu e admiravelmente identificados com as coisas terrenas, ouviam as baladas dos estudantes e as canções das tricanas nos pavilhões, um d'elles armado junto da mesma porta do palacio, vozes e rostos lindos, que lhes dariam a imagem de visões celestiaes.

Não tinham de que se queixar os olhos dos prelados de Coimbra. A casa do jantar do paço, magnificamente adornada, com proporções que excedem alguns refeitorios de franciscanos, domina meia encosta, por entre casaria tipica. Das amplas janellas segue-se o serpentear reluzente do Mondego, como se fosse uma colossal enguia de prata, agitando-se n'uma canastra de verdura.

Começa a sentir-se no atrio da residencia prelaticia o carinho com que o director do museu provê tudo. Os corpos desguarnecidos do edificio, que feriam a retina com o reflexo da cal, batida do sol, foram por elle revestidos com os quadros decorações que a pintura do azulejo fartamente lhe forneceu. Ha motivos lindos, principalmente os ornatos do seculo XVIII, que semelham preciosos retalhos de velhos tabaqueiros. Experimenta-se um desejo irresistivel de ficar alli, olhando sem descanço aquella entrada salpicada de côr, onde o pôr do sol deixa já a ternura de um adeus.

Arrasta-nos porém, o receio de que não chegue o tempo para rapidamente percorrer todas as salas. Realisamos um verdadeiro *steeple-chase* com uma aquiescencia heroica da parte do sr. Antonio Augusto Gonçalves, que, sem duvida, bateu, d'essa vez, o *record*, ciceroneando um visitante, que mais parecia um raio que lhe cahira em casa.

Nas primeiras salas do pavimento nobre, destacam-se preciosos tapetes persas, ascôres admiravelmente conservadas e, nas seguintes, alguns exemplares d'essa industria de Arrayolos, que desafia no colorido e no desenho a arte oriental. Chamam depois a nossa attenção as surprehendentes talhas, levadas para alli de mosteiros celebres, a perpetuar o nome dos artifices portuguezes que modelaram na madeira toda a côrte do ceu, para regalo da piedade indigena.

Os representantes do *Flos-Sanctorum*, talhados em todos os estilos, de formas grosseiras, se datam do alvorecer da Renascença, de expressão delicada e eternecida, se vae mais alto o periodo artistico, todos os santos e santas recolhidos no museu acabaram por occupar todo o espaço disponivel; trepam sobre peanhas, aninham-se em baldaquinos segueiram-se pelas cornijas, disputam o logar á cotovelada, como a multidão d'uma romaria. Chega a ser phantastico aquelle espectaculo, em que se descobrem todas as attitudes, se desforam todas as tonalidades da cor. No alto, alcandorada, entre uma duzia de virgens e martires, destaca-se uma estatua que nos parece medir um metro de altura. E' uma figura polichroma, de estilo medievo, sem nenhum attractivo artistico, pelo menos apparente. Iamos a passar adeante, quando chamaram a nossa attenção. Fixámos, então a imagem, considerando deveras curioso observal-a mais detidamente.

Era uma Nossa Senhora completamente desconhecida da nossa iconographia. Sabiamos da existencia d'uma com barbas, que fariam inveja a um tambor-mor; a senhora do Loreto que não tem braços, tambem era das nossas reminiscencias da infancia, mas não ia mais longe o nosso conhecimento das extravagancias phisicas, applicadas na representação da Virgem. A estatua-imagem, que se patenteia n'aquella sala, é d'uma concepção realista a toda a prova, pois o manto della deixa bem visivel o volume abdominal das que não morrem immaculadas.

Seria bastante a presença d'uma santa parturiente n'esta sala, para tornar o caso digno de menção. Mas ha mais. Em tempos o guarda do museu procurou o director, para lhe confessar um caso de consciencia. Uma pobre mulher, alma tão piedosa como ingenua, entregara-lhe uma almotolia de azeite, para alumiar a Santa — «a do parto». Que havia elle, coitado, de fazer? Disse-ra á mulher que o museu não era egreja e que lá ninguem alumiava as estatuas, mas não houve meio de a convencer. Eu prometti, declarou terminantemente a mulher, a Santa fez o milagre; devo, cumpro. E deixou-lhe ficar a almotolia na mão. Pois não é esta a unica vez que tal acontece e quem sabe se o guarda hoje, sabendo o destino do azeite, não lamenta, em consciencia, que vão tão maus os tempos para a verdadeira fé, quando esta pode regar de bom oleo as postas de bacalhau!

* * *

E' digna de ser vista a collecção de ceramica, exposta no Museu Machado de Castro, especialmente pelos exemplares de execução admiravel, que apresenta anteriormente á chamada grande escola de Coimbra. Sendo essa especialidade uma das mais referidas pelo *amadorismo* moderno, essa collecção recommenda, por si só, a visita. Os archeologos encontrarão tambem n'aquelle museu um campo vasto ás suas observações, particularmente na parte relativa á civilisação romana. N'uma *vitrine*, entre varias curiosidades paleologos, encontra-se reclinado um pé de marmore. E' a extremidade d'um heroe, calçando a sandalia, o cothurno alvejando sobre a carne palpitante. Admirando aquelle extraordinario pedaço de marmore dá-se plena razão ao immortal florentino quando dizia que o apparecimento d'um pé d'uma boa estatua justificava a reconstrucção d'ella toda — soberba ancia de perfeição e belleza que define o Renascimento.

Despeguei os olhos a custo d'aquelle preciosissimo marmore, que me cantava, na sua mutilação, um hymno á vida, quando fui dar com outra *vitrine* collada á parede, na qual, desolador contraste, se exhibem os cilicios, instrumentos voluntarios de morte dos sentidos, com que a fé tresloucada quiz afogar os impetos naturaes do homem.

N'uma das dependencias de estatuaria antiga, nos baixos do Paço, admiram-se os dez convivas da ceia do Senhor, figuras de tamanho natural, que estiveram no refeitorio de Santa Cruz. Aquellas personagens, admiravelmente talhadas em barro, foram executadas por incumbencia de D. Manuel, por um artista da especialidade, que veiu de França e que assigna o seu trabalho de tres maneiras: Eduardtt, Duart, Oduart. Todas as cabeças estão intactas, mantendo firmes os traços expressivos, que invocam insistentemente as expressões dos pescadores que Vinci collocou á roda do Nazareno na ceia memoravel. Essa adoravel ceia do mosteiro de Santa Cruz, que era incontestavelmente uma bacchanal de arte, custou ao regio offertante dez cruzados de ouro e um fato de panno!

Passaram inclemencias os commensaes da ceia de Christo até que mão piedosa os recolheu no museu, sob a egide da Republica. Na grande epocha da fé, em que tudo isto era outra coisa, como dizem os adversarios do regimen, um dia, pensou-se em que, para testemunhar uma grande admiração pelo rei artista, D. Fernando, só havia um meio: arrancar do refeitorio aquella galeria de criminosos celebres, substituindo-a pelo busto do regente.

Vinte e sete annos estiveram no limbo, enterrados, esquecidos, tendo desapparecido tres das magnificas figuras, sem que ninguem saiba onde param. Uma d'essas admiraveis cabeças, que o actual director do museu adquiriu por cinco tostões, constitue a unica representação de um dos convivas, todos elles mais ou menos mostrando os vestigios do seu martirio, o que bem demonstra o interesse que a gente de outro tempo tinha pela fé e pela arte.

Poeira da Arcada

Todos os regimens teem a sua vaidades e os seus vaidosos. A democracia facilmente transforma João Ninguem em Aligio Qualquer Coisa. As cabeças fracas promptamente se desorientam. Não encontrámos nós ahi, por essas ruas, a soberania do povo a dar proporções ciclopicas ao ventre de creaturas que ha cinco annos namoravam os astros e viviam de amigos?

Sempre assim foi — o ridiculo faz parte do cortejo do poder.

* * *

O nosso paiz parece que tem, no seu solo e sub-solo, riquezas que só pedem braços que as explorem. Faltam iniciativas, escasseiam capitaes... E porque não apparecem, nós, para occuparmos os nossos ocios, representamos com palavras a comedia dos nossos destinos.

* * *

O sino grande da cathedral de Varsovia cahiu quasi todo em poder dos allemães. Os russos quizeram partil-o, mas, não o conseguindo, limitaram-se a levar alguns pedaços. Vae ser transformado n'um grande canhão, com o qual os allemães contam chamar os russos outra vez á capital da Polonia. Delim! Delão!

* * *

Quando os paes querem saber que carreira hão de dar a um seu filho, pensam mais no aspecto decorativo do seu porte do que no rendimento util do seu esforço phisico ou cerebral. E' assim que o pedantismo ascende á cathegoria de virtude domestica.

"Pierrot anarchista,,

Uma pantomima de Lopes de Mendonça

A pedido do director da Escola da Arte de Representar, Lopes de Mendonça acaba de escrever o *scenario* de uma pantomima, que deve ser representada no theatro Nacional pelos alumnos da Escola e que se intitula *Pierrot anarchista*.

Julio Dantas

Por incommodo de saude, o nosso eminente collaborador sr. dr. Julio Dantas não pôde enviar-nos o seu folhetim da serie do *O amor em Portugal no seculo XVIII*. Muito desejamos o prompto restabelecimento do illustre homem de lettras.

Dr. Bernardino Machado

A sessão de homenagem no theatro de S. Carlos

Como noticiámos uma commissão de republicanos sem caracter partidario promove uma sessão de homenagem ao presidente eleito da Republica.

A sessão, que promette revestir grande brilhantismo pelo alto significado que reveste, realisa-se no dia 3 de outubro, pelas 13 horas, no theatro de S. Carlos, para tal fim cedido pelo sr. ministro da instrucção publica. A ella assistem o sr. presidente da Republica em exercicio, o governo, representantes do Congresso, entidades officiaes, etc., fazendo uso da palavra distinctos oradores dos partidos politicos da Republica, de alguns dos quaes a commissão já recebeu resposta accedendo ao convite. Será lida uma poesia alusiva.

Abrilhantam a sessão a banda da guarda republicana e um orpheon. A commissão já recebeu a adhesão de muitos centros academicos. A academia em grande numero assistirá, prestando assim homenagem ao grande cidadão que em 1907, quando lente da Universidade de Coimbra, se collocou abertamente ao seu lado.

O sr. presidente eleito assistirá tambem, acompanhado de sua familia.

Brevemente começará a ser feita a distribuição gratuita dos bilhetes, devendo toda a correspondencia ser enviada para o largo da Graça, 122, 1.º, esquerdo.

Sectarismo...

Da «Liberdade», chegada esta tarde a Lisboa:

«Ha dias o governo francez annunciou que festejaria officialmente em França o assalto da Porta Pia em Roma, pelos bandos garibaldinos, violencia revoltante que foi um attentado contra os direitos do Papa.

O governo de Paris, d'este modo, atraiçoa e ataca as crenças de muitos cidadãos que estão defendendo a patria.

Mais uma prova de que a «união sagrada» é uma burla. Offender para unir é um absurdo; e no caso sujeito um absurdo e uma injustiça.

Que diz a isto a «Capital», paladino do direito e da justiça?...»

A «Liberdade» quer uma resposta? Ella ahi vae:

Hontem, festejando o anniversario do assalto da Porta Pia e da perda do poder pontificio, a nossa visinha egreja do Loreto ostentava desfraldada por sobre a sua porta principal a bandeira italiana.

Na mesma egreja continuam a celebrar-se os actos do culto catholico, frequentados por pessoas muito catholicas. Não consta que o sr. patriarcha ou o sr. inter-nuncio se escandalisassem com o caso...

VIAGENS NO ALGARVE

A cidade de Silves

Uma preciosidade architectonica criminosamente mutilada

PRAIA DA ROCHA, 17. — Acabo de reviver uma das mais extraordinarias paginas da historia d'este paiz. Pela tarde quente, pela tarde dormente de ante-hontem, percorri sobre a agua quieta a mesma rota de sonho que ha uns poucos de seculos, ao reinado de Sancho, os doze mil cruzados seguiram quando, passado o castello do Arade e a barra de Portimão, se dirigiram, a arder em fogo guerreiro, á conquista de Silves. Embarco em Portimão. Conduz-me, rio acima, o *yacht* de recreio do sr. Magalhães Barros, esplendido barco de airosissimas linhas, que corta, todo branco, como se fosse uma gaivota enorme deslisando pela agua mansa, a bahia inundada de luz. Vamos em plena maré cheia. O rio passada a ponte de ferro, estreita-se a pouco e pouco, abrindo-se aqui e além em pequenas bahias agasalhadas que constituem outros tantos portos, servindo varias povoações ribeirinhas. Está um dia glorioso, d'estes em que a luz do sol algarvio inunda e impondorabilisa tudo. A agua doira-se ao seu contacto carinhoso; e a silhueta longinqua da serrania, adoçando-se, dir-se-hia apenas uma larga faixa d'algodão cinzento barrando pelo norte toda a extensa linha do horisonte...

Emquanto o barco avança, gracioso, firme, sem um balanço, evoco, n'este scenario de maravilha, o espectaculo unico que seria ver seguir rio acima, n'um dia como este, em caravelas de immenso velame aberto ao vento, os guerreiros belgas e os descendentes dos hunos que da Europa central, tercendo caminho, vieram dar á terra portugueza, para combaterem a moirama.

A nau almirante vae á frente, com o seu pavilhão seda e oiro desfraldado como n'uma apotheose. A' prôa, prescutando o espaço, um homem de grandes barbas brancas, revestido de uma couraça que fulgura, não arreda os olhos da sua frente nem se cança de dar ordens e contra-ordens, que os seus subordinados executam como automatos. E' o commandante em chefe da expedição, guerreiro cheio de prestigio, cujo alfange brilhou já ao sol de cem batalhas encarniçadas. O seu olhar, d'uma fixidez cruel, chega a perturbar. Nos tombadilhos, promptas para o ataque, vão todas as tripulações. O espaço enche-se d'um ruido espesso, que de quando em quando se transforma em desencadeada vozearia. Pelas margens, ora ridentes ora escalvadas, denegridas nos outeiros, atapetadas de verdura junto ao canal estreito, esvoaçam, aterradas, grandes aves, que abalam, espavoridas, para as bandas de Monchique.

O meu *yacht* segue a armada dos crentes. Adeante, decididos ao ataque, vão os cruzados. Na retaguarda, formando grupo áparte, navegam as naus portuguezas, movidas a remos por braços herculeos de marinheiros fortes como gigantes. A agua é cada vez mais tranquilla. O canal, da Senhora do Rosario para lá, esbranqueja-se prodigiosamente, mal permittindo que a grande frota navegue a um de fundo. A paisagem muda de instante a instante. As margens abruptas e aridas succedem-se ás varzeas cultivadas, povoadas de hortas onde os arabes cultivam primorosamente fructos succulentos e plantas aromaticas. Para a esquerda fica a ria de Odelouca, larga, extensa, profunda. Os salgueiros mergulham na agua as extremidades tenras das suas ramarias. Codros rasteiros, côr de cinza molhada, mal erguem acima da terra e á beira da corrente a grinalda espessa das folhas rendilhadas.

Silves apparece-me lá em cima, no alto de um monte, apertada de muralhas. E' a cidade mais opulenta do Algarve, a cidade do prazer, cuja riqueza é incalculavel e cuja cultura, traspondo os muros que a defendem, ganhou fama em paizes affastados. Cordova é sua rival. Os emires e os generaes da moirama vinham aqui gosar a vida, jogar, folgar, fazer serenatas ás moiras que pelas ameiadas fortalezas ouviam, rendidas de paixão, os cantos dolentes da Andaluzia infiel. Refugiado á beira do canal, os seus minaretes furam o espaço apregoando aos sete ventos a gloria immortal do Crescente. O vento amaina. A armada christã, immobilisada em calmaria, fica á vista de Silves, esperando monção propicia, refreando cupidos desejos de saque. Fulguram elmos, incendiados pelo sol africano que lhes bate de chapa. A noite transcorre lentamente. No dia seguinte, Silves é cercada e tomada, mercê de uma traição, que faz render os que a defendem á sêde. Ha o saque. A população infiel cae, abandonando todos os haveres que ficam em poder dos cruzados. Andam pela lenda episodios, crueis, da conquista d'esta cidade maravilhosa. O que resta hoje d'ella?

O *yacht* que me conduz passou já a Mata-mouros, uma esplendida propriedade, povoada de pomares e alagada de agua, que pertenceu ao conde de Silves. Mais dez minutos de navegação, e atraca-se ao caes da cidade que foi uma afamada capital agarena. Ha grandes castellos de fardos de cortiça aguardando a hora do embarque. Ranchos de operarios conversam devagar, quasi em segredo, olhando-nos desconfiados á nossa passagem. A cidade povôa a colina, circumdando o monte, no alto do qual se erguem ainda restos desmantelados do antigo castello. Procuro, ancioso, com o olhar, qualquer coisa que me faça lembrar a rival de Cordova, a opulencia d'aquella que, no seculo XII, foi um dos mais nobres centros litterarios da Peninsula. Tento descobrir, pelas ruas que piso, motivos architectonicos que falem do passado e me deem, no recorte d'um capitel ou no emaranhado d'uma inscripção, uma ideia, ainda que fugidia, do que foram n'este pedaço de terra a civilisação arabe e as que se lhe seguiram. Em vão. Silves, sob esse aspecto, pouco mais vale que as outras cidades algarvias, tão desprovidas de antiguidades que dir-se-hia ter passado sobre ellas uma grande catastrophe, para lhes levar tudo quanto podia ficar a attestar a sua extirada existencia.

Subo uma ladeira ingreme, a meio da qual fica a melhor coisa de Silves e do Algarve. Paro deante da antiga Sé Cathedral da provincia. A primeira impressão que me domina é a de estranheza. Pois quê, este casarão, todo caiado de fresco, acachapado, monstruoso, quasi informe, é a velha cathedral, cuja origem ninguem pode fixar com absoluta certeza? E'. Não ha duvida nenhuma. Encanta-me o olhar a correcção do seu portal gothico. Mas quem seria o vandalo que mandou concluir uma das torres, para n'ella encavalitar tres ou quatro sinos, emquanto deixava a outra como a encontrára, ventilada, quasi sem cupula, mas com os seus motivos architectonicos perfeitamente intactos? O delirio da cal lhe exteriormente, n'esse templo historico, barbaridades de toda a natureza. Porque não appareceu ainda a creatura de bom gosto que faça desapparecer o branco que transtorna a physionomia do monumento, restituindo-a á denegrida côr primitiva.

Entro na egreja. Ali, a impressão de tristeza que me deu a frontaria transforma-se em revolta. O templo tem tres naves, mas só é verdadeiramente interessante do arco cruzeiro para cima. Evidentemente, o corpo da egreja arrazou-se por motivo de qualquer terramoto violento ou por outro que não deve ser facil averiguar. A reconstrucção fez-se. Entretanto, desrespeitou-se a antiga configuração e o novo templo ficou composto de duas partes inteiramente diversas e distinctas. Antes de se penetrar na capella-mór, depara-se com a sepultura de um filho bastardo de Pedro Alvares Cabral, cujo brazão com as duas cabras na extremidade da diagonal se conserva ainda perfeitamente nitido.

Volto as minhas attenções para a capella-mór e para o dito arco-cruzeiro. Fico horrorisado. E' que nunca me passou pela cabeça que se pudessem praticar vandalismos como os que se offerecem á vista. As columnas gothicas que sustentam o arco foram, na altura competente, roçadas a picão, cortadas e seccionadas, para n'ellas se encaixarem dois altares com os respectivos retabulos, onde duas figuras allegoricas parece quererem desprender-se e fugir, horrorisadas com semelhantes monstruosidades. E fez-se isto n'um templo catholico, sob as vistas protectoras de gente reputada civilisada e culta. Mas ha mais. Aos lados do arco-cruzeiro ha duas capellas tambem com arcos de linhas esbeltas e purissimas. Pois as columnas do arco da esquerda, com os respectivos capiteis, foram tambem deitadas abaixo, para se collocarem em seu logar pedaços de talha que, sendo da melhor, fica ali inteiramente deslocada e amesquinhada. A capella-mór é a do convento da Batalha, em miniatura. As ogivas do fundo estão tapadas com alvenaria. Toda a graça da construcção se perde, semeada por um horrivel altar-mór, a pedir camartello e machado vingadores.

São magnificas as portas que communicam as tres capellas entre si. Nos capiteis, a desharmonia dos motivos ornamentaes é notavel. Prova ella que a simetria não é, positivamente, previlegio dos artistas do nosso tempo. Saio do templo. E' que a maré começa a descer e não ha tempo a desperdiçar. Trepo, apressado e offegante, até ás ruinas do castello. Nas muralhas ainda de pé estão as prisões da comarca. Penetro na grande cisterna, toda em arcarias, onde se diz que na noite de S. João apparece a moura de Silves, carpindo a amargura dos seus amores desventurados. Depois subo a uma muralha para ver o panorama da cidade. Descortino lá em baixo, á minha esquerda, a Cruz de Portugal e volto novamente para o barco que me trouxe de Portimão. E agora, que vi Silves e a sua cathedral, vem a pello perguntar porque não está esse templo antiquissimo incluido no numero dos monumentos nacionaes e porque não se tentou ainda renoval-o, restituil-o ás suas linhas primitivas, desobstruindo as ogivas da capella-mór e reparando-se os vandalismos de que a sua architectura foi victima. A Sé de Silves é a melhor joia architectonica da terra algarvia. Tem historia, tem belleza, tem tradição. Pode porventura, admittir-se que tudo isso se perca? Estou convencido que não.

Volto a descer o canal de Silves. A tarde morre suavemente. O sol, afogueado, rubro, apopletico, rola por detraz das serras e dos montes, doirando, com o seu brilho acobreado, tudo aquillo que a sua congestionada pupila enxerga. Chegamos a Portimão noite fechada. Foi assim que fui a Silves e que vi Silves. Voltarei um dia á cidade historica, que os cruzados conquistaram e devastaram? Não sei. Mas se voltar, oxalá que a sua Sé tenha já readquirido toda a graça das suas linhas, para me apparecer restaurada e remoçada, tal como sahiu das mãos dos artistas que a traçaram e construiram...

Adelino Mendes

Conferencias ministeriaes

Com o sr. presidente do ministerio conferenciaram demoradamente os srs. ministros do interior, justiça, fomento e colonias.

PORTUGAL DESCONHECIDO

UMA TROVOADA EM BARROSO

A previsão do burro — A solução d'um enigma — A subida ao Larouco

Passa debaixo da varanda um velhote montado n'um burro. A caravana está prestes. A mula carrega as provisões, o cavallo está devidamente albardado, e o guia prescruta o céu, onde as derradeiras estrellas fecham as pupilas azues.

E o velhote vê-nos preparados para a marcha, tira o lenço da cabeça, cumprimentador e humilde, e lança a prophecia:

—Não se mettam ao caminho. Temos ahi a trovoada!

No ceu não havia uma nuvem. Corria uma brisa fresca. Nada fazia presentir a approximação da trovoada.

—Homem, você não accordou bem da cabeça...—retorque o guia.

E o velhote observa:

—Repare para as orelhas do meu burro.

E o burro arrebitava as orelhas, voltando os pavilhões para o norte, encolhia a cauda entre as pernas e dilatava ruidosamente as ventas.

Olhamos uns para os outros, e emquanto o velhote ageitava o lenço de Alcobaça, atado na forma de turbante, ás fontes encanecidas, as gargalhadas estrugiram, fazendo vir ás janellas das casas visinhas alguns rostos estremunhados.

Lá de longe, o velhote ainda gritou:

—Tenham cautela!

A' esquerda ficam as touças de Mexide. A luz como que se esfarpa entre as galhas. Uma andorinha vôa alto. Em frente o Larouco. Uma grande columna de fumo se ergue, em espiral, da base da montanha até ao anil desmaiado da madrugada. De vez em quando a brisa faz oscillar a columna e vêem-se duas linhas de fogo, uma recta, outra convexa, caminhando em sentido contrario. A serra arde. Uma torga que os carvoeiros deixaram em brasa e que ao sopro do vento se converteu em chamma, uma faulha que se escapou d'um lume dos pastores e que cahiu n'uma moita secca, a ponta de cigarro d'um viajeiro, incendiaram a montanha. Soube, adeante, em Solveira, que o incendio tomára durante a noite proporções phantasticas. Nas povoações visinhas da serra, portuguezas e gallegas, tocou-se a rebate, e para apagar o fogo chegaram a desviar-se inutilmente regatos e levadas, e a fazer-se debalde profundos valados. O incendio lavrava sempre, queimando carvalhos e urzeiras e torturando os pastos. O reverbero das chammas chegava a Solveira e em Santo André e Villar de Perdizes andava-se nas ruas como de dia.

Os olhos vão-nos presos na columna de fumo e só damos fé de que as nuvens comem já o valle quando em volta de nós cahem as primeiras pingas grossas, levantando o pó e trazendo-nos ás narinas o cheiro á terra.

Sempre tivemos a impressão de que o burro é um animal calumniado. Não só o burro é um animal elegante e intelligente, em contrario do que se affirma communmente, como é em regra dotado de aptidões que falham á maioria das creaturas humanas. As orelhas do burro do bom velhote valem bem todas as prendas de certos homens, que por bem conhecidos se não individuam, e que por andarem com as mãos pelo ar imaginam que teem direito a desfazer nos burros.

Apressámos o passo. O guia, encadeando os rr, ou fazendo estoirar o lodão nas retrancas da mula, faz ir tudo de escantilhão. A planura continua interminavel e monotona. Alguns lavradores fazem as sementeiras. Aqui e alem; uma mulher de capucha, um homem de polainas de junco e de crossa, espargem os monticulos de estrume.

A chuva cae em cordas grossas. Alcançamos Solveira e respiramos. Acolhemo-nos a uma taberna, onde faz de banco um cortiço de abelhas.

O torvão rouca. Passam carvoeiros, com as caras escondidas nas capuchas de saragoça e os sócos ferrados batendo as pedras.

A mula e o cavallo abrigados n'um pateo contemplando melancholicamente a rua, onde cae agua dos colmos. O cavallo é cego d'um olho.

O guia propõe-nos o seguinte enygma:

—Qual dos dois vê mais, a mula ou o cavallo?

E mordiscando a ponta do cigarro, o guia assume um ar importante.

E' o taberneiro quem decifra o enygma, depois de eu ter demonstrado mais uma vez a minha absoluta incapacidade.

—Vê mais o cavallo, porque tendo um só olho vê dois olhos á mula, e esta, com os seus dois olhos, vê só um olho ao cavallo.

A chuva começa a levantar. O sol deixa-se quasi ver por cima da egreja, em cuja torrela branca poisam duas pombas. Debaixo d'um alpendre, um serralheiro ambulante concerta um objecto de cozinha.

Sobre o Larouco as nuvens galopam. São as Walkirias que passam.

Aproveita-se a aberta e giramos até Gralhas.

Segundo o «Itinerario» de Antonino, o Pio, e segundo as «Memorias para a historia ecclesiastica do arcebispado de Braga, primaz das Hespanhas», pelo padre D. Jeronymo Contador d'Argote, seria aqui Caladunum, a primeira «mansio» que as legiões romanas encontravam na via militar de Aquae Flaviae a Bracara Augusta. Ha, effectivamente, perto da povoação um sitio, a «Ciadas», onde teem apparecido columnas, moedas, objectos de uso commum, aras, inscripções, materiaes de construcção romanos, restos de um aglomerado urbano ou de uma estação militar.

Alguns visitados ficam abismados quando tropeçam com a «tegula» romana, o que acontece a cada passo, quando abrem um sulco ou escavam um poço. Põem-se a magicar, os pobres diabos, no facto de serem actualmente todas as casas cobertas de colmo e ha tantos annos ter havido ali casas cobertas de boa telha, e ficam-se scismando se o mundo não terá andado para traz e não estará perto o dia do Juizo Final...

Uma escavação quasi á superficie desenterraria alguns trechos de muralhas e permittiria a reconstituição da «mansio». Mas não vale a pena preoccuparem-se com isso nem os governos, nem os municipios, nem os sabios das tantissimas academias que pullulam em Portugal e cujos diplomas podiam muito bem substituir as antigas cartas de conselho.

A trovoada ronda em volta do Larouco. Dir-se-hia que as penedias veem aos rebolourões pela serra abaixo.

Uma moça loira, os olhos verdes reflectindo, como pequeninos vitraes, as imagens, e que á chegada da caravana attrahiu á taberninha, fia na roca, inclinando de vez em quando o pescoço branco para molhar com os labios carnudos e frescos o fio de lã.

O guia deita a cabeça de fóra, espreitando inquieto o horisonte. A moça sorri e adverte:

—A trovoada é como o lobo: morde e passa.

A sentença agrada-me.

—Menina, poderemos ir ao Larouco?

As pupilas verdes fixam-me. O fuso pára um momento.

—Quando o torvão rouca no valo o sol canta na serra.

E o fuso começa novamente a girar entre os dedos brancos como a lã.

Não hesito um momento. A pitonisa falou.

—Rapazes, acima.

O guia torce o nariz. O photographo, olhando a machina, medita sobre as consequencias da aventura. A moça continua a sorrir. No seu sorriso parece-me ver um fundo de ironia.

—Acima!

Antonio Granjo

Leiam-se os artigos publicados nos dias 22, 26, 27, 30 e 31 d'agosto, 1, 7, 10 e 17 de setembro.

Palmira Torres e Colombine

Uma carta da illustre actriz á notavel escriptora hespanhola

A proposito da entrevista, a que já alludimos, publicada por D. Carmen de Burgos no «Gil Blas», Palmira Torres dirigiu-lhe a seguinte carta:

Lisboa, 19 de setembro de 1915.—Minha gentil amiga: — Recebi com sincero desvanecimento a sua encantadora carta de 16 do corrente e, n'ella incluso, o carinhoso artigo que se dignou dedicar-me no «Gil Blas».

E' tão nobilitante para mim que um grande espirito como o de Carmen de Burgos desça a occupar-se da minha pagada personalidade artistica, que a palavra se torna inexpressiva e escassa para lhe transmittir a minha gratidão; reservo-me, pois, para lh'a traduzir n'um grande abraço, quando tiver a ventura de estar comsigo.

Não lhe occultarei, porém, minha gentil amiga, que a minha insignificancia se alarmou sobremaneira em presença das expressões encomiasticas que tão perdulariamente me tributa.

O longo periodo que distancia a nossa entrevista da data do artigo deixou-lhe esquecer que entre nós duas se encontrava então uma amiga commum, a brilhante jornalista D. Virginia Quaresma. Foi ella, que não eu, quem lhe falou de mim; pela minha parte, vivamente sobresaltada na consciencia da minha mediocridade, procurei apagar-me, sumir-me, atraz dos nomes gloriosos das minhas collegas Lucinda Simões, Virginia, Lucinda do Carmo, Angela Pinto, etc., de que insistentemente lhe falei, para fugir á tortura e á injustiça de falar de mim, quando ellas existem.

No mesmo intuito lhe exprimi a minha admiração e o meu enthusiasmo pelas artistas hespanholas que conheço e que n'esta ingratissima arte me teem sido preciosas mestras.

Isto posto, só um pungente pezar o seu artigo me deixou: é que a minha gentil amiga, na impossibilidade de reproduzir tudo quanto eu lhe disse, não transmittisse aos seus conterraneos o respeito, o enthusiasmo, a verdadeira uncção com que me referi a toda essa pujantissima litteratura theatral hespanhola, desde a philosophia penetrante de Benavente, verrumando as sociedades e as almas, até ao encanto panteista dos Quinteros, embalando-nos capitosamente em ondas de perfume, de poesia e de sonho.

Diga, minha gentil amiguinha, diga aos artistas, aos poetas e aos pensadores da sua linda terra que teem aqui, n'este canto de Portugal, uma fervente admiradora e apostola da arte hespanhola, que lhes agradece compenetradamente as horas de arroubamento artistico que lhe teem proporcionado.

E receba, minha gentil amiga, as saudosas expressões de muita estima da admiradora gratissima—Palmira Torres».

A opinião americana reclama um exercito permanente

O que ao «Matin» communica o seu enviado especial

Nova York, agosto [illegible] 1915

Desconfio de que d'este lado do Oceano se devem ter sorrido ao lêr n'um jornal do Far West:

—Agora é *business* sério.

Este «*business* sério», para que na hora actual estão voltados todos os espiritos dos verdadeiros americanos, é o cuidado da defesa nacional.

Toda a gente se occupa do assumpto, os jornaes, as revistas, as ligas, os technicos; officiaes superiores, antigos funccionarios todos tratam de elucidar francamente a questão. E' preciso que a empreza não acabe por um fiasco, e, visto que se trata de jogar a partida, torna-se necessario ganhal-a.

Como os rapazes na escola, que preferem um exemplo bem claro a uma exposição gramatical da regra, aqui adoram as imagens que permittem ao homem mais atarefado fazer uma idéa exacta e rapida do assumpto que se discute.

Foi o *Scientific American*, se não me engano, quem primeiro apresentou esta formula tão frisante:

«As tropas moveis de que os Estados Unidos dispõem representam pouco mais ou menos o triplo das forças de policia em serviço na cidade de Nova York. Junte-se a estas o contingente da milicia que está verdadeiramente exercitada, prompta para entrar em campanha... Poderão alojar-se todos no Stadium de Yale, que ainda ficará campo bastante para se jogar o foot-ball.

A manobra dos germanophilos

Se algum optimista impenitente levantar a voz, dizendo:—«Pois sim, mas temos os voluntarios! Basta bater com um pé no chão para que d'elle surjam legiões de voluntarios...» logo os implacaveis raciocinadores e que temos de seguir nas suas exposições de factos e nas suas observações estatisticas respondem friamente:

«A mais perigosa das utopias que o povo americano pode abrigar no seu espirito é esperar que em caso de urgencia centenas de milhares de voluntarios correriam a pegar em armas. E' até mostrar uma lastimavel ignorancia dos ensinamentos da historia, mesmo da nossa. Basta lembrarem-se da maneira como em 1812 perdemos a capital de Washington; os nossos tiveram que ceder o logar a uma força duas vezes inferior, tinham-se ido em recrutas sem preparação para se baterem com soldados profissionaes. Lee apreciou claramente estas imprudencias quando disse:

«Quando um paiz sem preparação, não exercitado, lança os seus cidadãos contra soldados aguerridos pela preparação e pela disciplina, assassina-os.

E', pois, em face [illegible] uma opinião publica que sobretudo deseja conhecer a verdade que se estabelece agora o balanço da defesa nacional.

Está claro que na exposição das hypotheses d'aggressão nunca se pronuncia a palavra «allemães», da mesma fórma que aos germanophilos não se permittiria uma allusão transparente a um perigo inglez.

Fala-se sómente das condições em que a America poderia entrar em lucta com uma potencia militar e maritima de primeira ordem.

E estas condições, evidentemente desvantajosas, são postas a claro com tal relevo tal, que, conhece-se bem, os proprios narradores, desejosos de alarmar os seus ouvintes ou leitores, ficam satisfeitos com os resultados que, presentem-o, hão de colher dos seus esforços.

A situação actual

Resumo estes themas:

A' hora actual, para a defeza do paiz, dispomos apenas de 80:000 homens de tropas moveis, incluindo a milicia; estão estas tropas espalhadas por um vasto espaço.

Supponho que o adversario gasta dez dias para atravessar o Oceano, nós precisamos trinta para concentrar os 80:000 homens que compõem a nossa milicia, isto é, só vinte dias depois do inimigo desembarcar teremos effectuado a concentração.

Para apoiar estes soldados regulares e estas milicias, não temos reservas. O nosso exercito regular não tem artilharia de campanha nem homens para a servir, e nossa milicia tem apenas metade das baterias de que precisa, e para pôr as que tem em estado de serem aproveitadas precisa, pelo menos, de tres mezes de exercicios.

Para acentuar estas generalidades com um exemplo que testemunhe da precisão e da grande publicidade com que vae ser tratada a importante questão da organisação da defesa nacional, citarei o seguinte: uma revista expõe estas cifras confidenciaes:

«A repartição da guerra reclamava 1292 canhões; apenas possue 634, estando em fabricação 220. Quanto a munições dispõe-se somente d'uma fraca percentagem das quantidades indispensaveis.»

Parece-me que muitos d'estes artigos em que com altos gritos se reclamam reformas eram uma manobra dos germanophilos e dos seus alliados.

A pretexto do zelo patriotico procura-se arrastar a opinião, fazendo-lhe palpar a insufficiencia da preparação em que o paiz se encontra. E é natural que tambem visassem a arrastar o presidente Wilson. Se este era o plano, falhou. Esperando que o presidente indique as suas intenções, vae a opinião fazendo conhecer o resultado das suas reflexões; não se limita a criticar, não perde tempo com recriminações. Formula propostas.

Reclama a creação de um corpo de 500 mil voluntarios que, no caso de invasão, servirão para defenderem os arredores das cidades e as fortificações actualmente existentes.

Reclama um exercito de 500:000 homens de tropas moveis, regulares e milicianas, promptas a irem procurar o inimigo á primeira noticia do seu desembarque.

Reclama a organisação dos quadros de um exercito de voluntarios que se encorporaria por traz das reservas do exercito e da milicia e cujo commando não fique sujeito ás inspirações dos proprios voluntarios.

Pede que por uma educação e exercicios apropriados se preparem officiaes de voluntarios. Apresenta um projecto de que o general Wood me indicou as linhas geraes e me parece dar satisfação ao estado de espirito da nação; trata-se de fazer com que os estudantes das universidades recebam uma educação militar completa, e que sejam, depois de concluidos os cursos, mantidos durante um anno nas fileiras, recebendo o soldo de alferes.

E para que os senadores e deputados, que até hoje teem julgado ser agradaveis aos seus eleitores não dando ouvidos ás suggestões dos secretarios da guerra e da marinha, fiquem sabendo que a vontade publica mandou dizer aos jornaes:

«O povo americano precisa saber duas coisas: que a sua patria é um thesouro sem defesa que o culpado d'esta situação é o Congresso».

INTERESSES DE CABO VERDE

Um anno de fome

Exploradores e explorados

Iniciados os serviços publicos para atenuar tanto quanto possivel os effeitos da fome, desde logo se não permitte que trabalhem os velhos e todos aquelles não podem produzir tanto quanto se deseja, que são enviados para as commissões de soccorros, tambem conhecidas por «commissões da «cachupa», onde sem terem trabalho de qualquer especie comem por conta e risco do Estado.

Necessita portanto o Estado adquirir grandes quantidades de generos alimenticios para distribuir pelas suas commissões de soccorros, e os trabalhadores de obras publicas, todo o dinheiro que vencem o vão gastar na compra de generos alimenticios. Nas occasiões de fome em Cabo Verde, parece que o Estado devia tomar a iniciativa de uma medida rigorosa, qual deveria ser a do manifesto do milho e legumes produzidos, o limite da importação e ainda e o que é o mais importante, o monopolio para o Estado da compra e venda dos generos alimenticios nas zonas onde o governo reconhecesse a existencia da crise de subsistencias, porque assim se estabeleceria uma tutela necessaria para cessar a exploração usual que se faz com a venda de genero alimenticios, que attinge o governo, os trabalhadores e ainda todos quantos consomem, de ordinario, os productos da agricultura de Cabo Verde. Será justo, será supportavel que n'uma epoca de calamidade publica, soffra a grande maioria e rejubilem os que foram fadados para commerciantes? Não nos parece, tanto mais que em taes momentos deve ser geral o sacrificio.

E curioso será recorrer aos dados estatisticos, para vermos o que soffre a população de Cabo Verde nos annos de fome.

Em 1911, o rendimento da importação e o valor dos productos importados, excluido o carvão, foi de 1.074.5008 escudos que pagaram de direitos 187.0065 escudos. N'esse anno foram importados generos alimenticios no valor de escudos 440.587 e pagaram de direitos alfandegarios 96.286 escudos, o que representa quanto ao valor, 41 por cento do total e quanto a direitos 51,30 por cento tambem do total. A importação de generos alimenticios rateiada por toda a população ficou em 3$74 por habitante.

Em 1912, o valor da importação, excluindo o carvão, foi de 1.[illegible]$, tendo pago de direitos 179.977$, tendo sido importados generos alimenticios no valor de 354.882$, que pagaram de direitos alfandegarios 80.961$, o que representa quanto ao valor total da importação 33 por cento. A importação de generos alimenticios rateiada por toda a população ficou em 3$02 por habitante.

Em 1913, o valor da importação, excluido o carvão, foi de 1.231.027$, tendo pago de direitos 213.546$, tendo sido importados generos alimenticios no valor de 433.832$ que pagaram de direitos alfandegarios 111.271$, o que representa quanto ao valor total da importação 35 por cento e quanto ao total dos direitos [illegible] por cento.

A importação de generos alimenticios rateiada por toda a população ficou em 3$66 por habitante.

Por isto vê-se que nos proprios annos de fome o Estado recebe pelos direitos dos generos alimenticios uma importancia maior que nos outros annos, e que até certo ponto concorre para o augmento da verba a gastar com os trabalhos publicos para soccorrer as populações. Tambem as camaras municipaes teem n'estes annos uma maior receita com os 3 por cento do «ad valorem», que são empregados em tudo, menos no soccorro da população, a braços com a fome.

Mas um anno de fome acarreta ao Estado pesados sacrificios: em primeiro logar a verba extraordinaria para serviços publicos que a estatistica de 1913, sob a rubrica «pagamentos de despezas de exercicios findos» dá como sendo de 231.773$ escudos, não tem compensação alguma, e attinge esse limite porque o Estado procura pagar ao seu pessoal trabalhador o necessario para viver, e como os generos alimenticios sobem de preço até attingir um exaggerado maximo, é o Estado que o supporta. Tivesse o Estado na sua mão a compra e venda de generos alimenticios nas zonas onde fosse reconhecida a crise de subsistencias, quão muito menor seria a verba a gastar. Para aggravar ainda mais este estado de coisas o governo, n'esses annos, faz extraordinarias reducções na contribuição predial e a annullação de collectas de muitos centenares de contribuintes que a crise não faria, e se a importancia não fôr muito grande é pelo menos a differença da contribuição paga em 1911 de 54.136$, para a de 39.751$ paga em 1912.

Emquanto que o Estado supporta sósinho a crise que fere centenas de trabalhadores em lucta aberta contra a fome, umas boas centenas apanham o que o proprio Estado lhes distribue de benesses pela cornucopia da fortuna. Lagrimas para uns; sorrisos para outros, quando se devia impôr o sacrificio a todos para conhecerem o que são as privações que traz a negra fome.

E, tão importante é este assumpto, que todos devem concorrer para demonstrar aos governos o que urge fazer, para que se não veja sósinho para suavisar tão grande calamidade publica, que nós, como sempre, venha d'onde vier o «reproche», diremos desassombradamente qual a nossa opinião, que póde não ter valor nem ser aceitavel, mas é sincera, e para todos aquelles que vêem em nós um inimigo que é necessario exterminar diremos que em assumptos de interesse geral não poderemos encobrir seja o que fôr: o que são necessarios são grandes remedios para os grandes males.

Em 1913, foram importadas as seguintes quantidades de generos alimenticios, que se destinavam a supprir as producções do archipelago:

Arroz: 1.078.042 kilos no valor declarado de 72.406$ e que pagaram 17.536$ de direitos da alfandega, mais 5 por cento, sendo 3 por cento do valor de imposto municipal, 1 por cento de sello e o restante de trafego 3.620$. Total geral 93.274$. Preço por kilo $08,6. Vendido em média a 11 centavos, lucro do commercio 25.310$.

Bolacha de embarque: 349.193 kilos no valor declarado de 30.194$ e que pagaram 7.017$ de direitos da alfandega, mais 5 por cento, sendo 3 por cento do valor, do imposto municipal, 1 por cento de sello e o restante de trafego. Total geral 28.720$. Preço por kilo $11. Vendida em média a 13 centavos, lucro do commercio 6.983$.

Farinha de milho: 164.365 kilos no valor declarado de 6.359$ e que pagaram 153$ de direitos da alfandega, mais 5 por cento para as despezas já descriptas. Total geral 6.829$. Preço por kilo $04,1. Vendida em média a 10 centavos, lucro do commercio 9.607$.

Farinha de trigo: 1.317.220 kilos no valor declarado de 101.160$ e que pagaram de direitos da alfandega 10.879$, mais 5 por cento. Total geral 117.118$. Preço por kilo $09,5. Vendida em média a 10 e meio centavos, lucro do commercio 12.172$.

Milho em grão: 3.793.797 kilos no valor declarado de 107.788$ e que pagaram 24.946$ de direitos da alfandega, mais 5 por cento. Total geral 138.123$. Preço por kilo, 3,6 centavos. Vendido em média a 5 centavos o kilo, lucro do commercio 53.113 escudos.

Resumindo: temos que no anno de 1913 de crise de subsistencias em Cabo Verde, o commercio teve de lucros, nos generos de alimentação das classes pobres, as seguintes quantias:

Arroz	25.310$
Bolacha	6.983$
Farinha de milho	9.607$
Farinha de trigo	12.172$
Milho	53.113$
Total	107.185$

Aqui está, portanto, a grande verdade: emquanto o Estado se sacrifica, o povo geme, o commercio folga com lucros. Que o Estado deixe ao commercio n'esses annos o negociar com o que queira, menos com os generos que apontamos e são para as classes pobres. Esses generos que sejam reservados para o Estado que os adquiriria e venderia por intermedio d'uma commissão de subsistencias. No dia em que tal se faça, desapparecerá a longa fila de urubus das fomes, e que com ellas lucram, e o Estado, se não procurar extirpar o mal das fomes de Cabo Verde pela raiz, gastará muito menor quantia, vendendo-se os generos de primeira necessidade pela importancia do custo, despezas e uma pequena percentagem para a assistencia publica em Cabo Verde.

Aqui está, nua e crua tal qual é, a verdade sobre as crises de subsistencias em Cabo Verde.

Armando Xavier da Fonseca

O valor do escolismo

Pertencendo a um grupo de escoteiros impõe-se-me o dever de procurar esclarecer e mostrar a quem desconhece o escolismo o que elle é e qual o fim a que visa. Muitas vezes oiço perguntar ao verem passar algum escoteiro:

—Para que servirá isto?

E, sem saberem quaes os fins a que visamos, abalançam-se a fazer apreciações que bem mostram a necessidade que nós temos de nos educarmos. Ignoram esses toda a historia do escolismo, que appareceu primeiramente em Inglaterra, fundado, ou melhor, creado por um general inglez que, tendo estado na guerra do Transvaal, aprendeu com os seus habitantes como se educava a mocidade para a lucta pela vida e pela Patria.

Elle viu bem a necessidade que a Inglaterra, como todo o velho mundo, tinha de uma instituição que tornasse a vida da mocidade em alguma coisa de util, em logar de ser aquella que muitos ainda hoje levam de basbaques pelas esquinas dos passeios, de cigarro na bocca e attitudes ridiculamente pedantes.

Sem terem outro pensamento que não seja o de fazer figura, sem nutrirem sentimentos de bondade para com os seus semelhantes, elles sabem comtudo dizer que o escolismo não presta para nada!

Os inglezes bem depressa comprehenderam o grande alcance que teria para o futuro um processo de educar em que se procurasse eliminar da mocidade todos ou pelo menos a maioria dos vicios que grassam entre ella. Procurar educar para a vida é o lema de todo o pedagogo moderno; pois bem, o escolismo é o meio mais seguro para conseguir tal fim.

Um escoteiro quando quer póde aprender, dentro do seu grupo, um bocadinho de tudo aquillo que sabem o sapateiro, o engenheiro, o piloto, o ciclista, o pedreiro, o electricista, etc.

Pena é que todos aquelles que se interessam pela educação da nossa mocidade não procurem dar o auxilio das suas habilitações e o conselho da sua experiencia a este bello movimento.

Em nenhuma outra collectividade o educador encontrará tão vasto campo para lançar semente... Mas infelizmente poucos são os educadores que se teem interessado pelo escolismo. Por não acharem utilidade n'elle? Decerto que não, mas talvez porque ignorem quão grande e benefica seria a ajuda do seu trabalho para o resurgimento da nossa raça.

Rapidamente, o escolismo espalhou-se pelas nações mais civilisadas como a França, Allemanha, Belgica, America e Hespanha; e só ultimamente se implantou entre nós. Uns após outros foram apparecendo diversos grupos, formando-se a Associação dos escoteiros de Portugal.

Nas escolas, nas officinas e em toda a parte onde apparecem, os escoteiros distinguem-se sempre, quer pela correcção do seu comportamento, quer pela firmeza do seu caracter.

Em 14 de maio salientaram-se de tal maneira na conducção dos feridos, entre a fuzilaria, que mereceram uma portaria de louvor no «Diario do Governo» e uma moção de agradecimento da camara municipal.

E agora pergunto:

O escolismo tem ou não um fim util?

Evidentemente que tem, nem ha melhor objectivo que o da Associação dos escoteiros de Portugal: Educar moral, phisica e intellectualmente a mocidade portugueza incutindo-lhe os principios de educação civica, patriotismo, caracter e solidariedade, desenvolvendo a robustez phisica e preparando-a em geral para a lucta pela vida e pela Patria.

Todos aquelles que desejarem algum esclarecimento podem pedil-o ao grupo de escoteiros do Lyceu de Camões.

E. S.
Alumno do lyceu

Reclamações operarias

No gabinete do sr. governador civil reuniram hoje uma commissão de proprietarios de fragatas e outra de fragateiros a fim de se resolver acerca da reclamação d'estes sobre o augmento de 20 por cento nos salarios. Ficou assente que na proxima reunião dos proprietarios de fragatas o caso seja tratado devidamente, dando-se depois conhecimento aos reclamantes da resolução tomada.

Tambem com o sr. governador civil conferenciou hoje de tarde um dos directores da Companhia do Gaz sobre a questão do novo horario de trabalho. Ao que nos informam, os operarios acceitam as 12 horas.

Ultimas noticias

A grande guerra

A lucta no theatro oriental

PETROGRADO, 21.—Official. Os fogos de artilharia e os combates continuam mais activos na região de Riga.

Fizemos ir pelos ares uma ponte sobre o rio Bialder, ao noroeste de Mitau, e desalojámos o inimigo de varias aldeias. Na região do Vilna recuámos mais para leste. Os combates continuam em Resoa, Rojisckao e a norte de Slusk. A nossa cavallaria proseguiu o inimigo fazendo numerosos prisioneiros e tomando um comboio de reabastecimento.—(*Havas*).

O preço dos generos

Foram enviados ao tribunal das transgressões os autos respeitantes a Manuel Alves, largo das Olarias, 1, que se recusou a vender ao publico ovos pelo preço da tabella.

Por vender pão com augmento de preço, foi hoje processada Candida Maria da Silva, com padaria na calçada da Picheleira, A. M.

Apesar de nos mercados de Lisboa continuar a apparecer muito peixe grasso, alguns conflictos se deram ainda hoje entre as peixeiras por causa dos preços no mercado 24 de Julho.

A policia interveio e nenhuma das desordens tomou vulto.

A's estações dos caminhos de ferro chegaram hoje grandes quantidades de remessas de ovos que não foram despachadas. A policia de fiscalisação tomou providencias, investigando qual o destino que os consignatarios vão dar a essas remessas.

Em alguns depositos a policia apprehendeu caixotes cheios de ovos que os vendedores pretendiam occultar para provocar o encarecimento do genero, fazendo-os remover para os mercados.

Preço do feijão

Vae ser modificada a tabella ultimamente decretada do preço das diversas qualidades de feijão, a fim de beneficiar o consumidor, pois a commissão de subsistencias, na sua reunião de hontem á noite, entendeu que devia propôr essa modificação ao ministro do fomento, visto que os preços actuaes eram caros e apenas beneficiavam os açambarcadores, que tinham comprado esse genero de primeira necessidade por baixo preço.

O sr. ministro do fomento apreciará hoje as modificações propostas e talvez já amanhã ou depois seja publicado o decreto que as approva.

NOTAS DIVERSAS

No ministerio das colonias foi recebido um telegramma communicando ter hoje tomado posse o novo governador de Cabo Verde, capitão de fragata sr. Fontoura da Costa.

—O governo vae crear nos districtos de Ponta Delgada, Angra, Horta e Funchal 3 escolas moveis para o sexo feminino, nas localidades onde houver maior numero de mulheres que não saibam lêr.

—O Gremio dos Professores Primarios Officiaes entregou hoje ao sr. ministro da instrucção uma representação pedindo a modificação das provas no acto dos exames de instrucção primaria.

Divisão naval

Entraram a barra o cruzador *Vasco da Gama* e o rebocador *Lidador*.

Os cruzadores *Almirante Reis* e *Adamastor* entraram de noite.

Expedições ao sul d'Angola

Regresso do general Pereira d'Eça

Em Mossamedes, quando o paquete «Beira» ali tocar, embarca, de regresso á metropole, o general sr. Pereira d'Eça, com o seu estado maior.

A bordo do «Loanda» veem tambem de Mossamedes 16 officiaes e 44 praças de diversos regimentos.

ECHOS & NOTICIAS

INFORMAÇÕES—COMMUNICADOS

ANTONIO DE AZEREDO

Como já se noticiou foi eleito vice-presidente do Senado federal, em substituição do general Pinheiro Machado, o sr. senador Antonio de Azeredo que tem sido um dos mais valiosos collaboradores na obra politica realisada no Brazil pelo Partido Republicano Conservador.

Esta noticia não pode deixar de ser extremamente grata para Portugal.

O sr. senador Azeredo é primo do dr. Bernardino Machado e um amigo devotadissimo do nosso paiz, como d'uma maneira captivante o tem provado, quer com o seu grande prestigio politico, quer no encantador acolhimento que, com sua esposa, tem dispensado a compatriotas nossos no seu elegante palacete de Botafogo de onde a flor da sociedade do Rio de Janeiro fez o seu Centro predilecto.

Ao jubilo, pois, com que esta merecida distincção devia ter sido recebida no Brazil, vão juntar-se as congratulações de todos os patriotas portuguezes para quem a gratidão não é um sentimento indifferente e que conhecem a justiça que acaba de ser feita ás altas qualidades e merecimentos de um dos mais illustres politicos brazileiros.

NOTAS MUNDANAS

De Lisboa seguiu para Leiria, Côrtes, o sr. dr. José Charters de Azevedo Lopes Vieira.

—De Castanheira de Pera partiu para Sernancelhe o sr. José da Costa Ilharco.

—Encontra-se na Figueira da Foz o sr. Antonio Augusto Salgueiro, nosso dedicado agente em Abrantes.

—Em Queluz realisou-se o baptisado de uma filhinha do sr. Roque Mangoon Fernandes e de sua esposa a sr.ª Edith Gomes Fernandes, a qual recebeu o nome de Maria Clotilde.

Testemunharam o acto o sr. Vieira da Cruz e sua esposa a sr.ª D. Emilia Moreira Vieira da Cruz e os srs. Mougeon Fernandes e José Pedro Gomes, avós da neofita.

LUCTUOSA

Falleceu o sr. [illegible] V. das Neves, realisando-se o funeral amanhã, ás 15 horas da rua da Rosa Duarte Mello, 56, 1.º, para jazigo de familia no cemiterio [illegible].

PEQUENAS NOTICIAS

Foi preso Jorge Leite Brandão, sem morada conhecida, a pedido de Jorge Marques, morador na rua da Boita Vista, á Lapa, 2, que o accusa de lhe ter subtrahido um cordão, um par de brincos, duas medalhas e dois anneis, tudo de ouro, no valor de cincoenta escudos.

—Na enfermaria 6 do hospital Estephania deu entrada Maria Luiza, moradora no pateo das Aguias, ao alto do Pina, atropellada por uma carroça, do que resultou fractura d'um braço e na enfermaria 11, Maria José Pinto, residente na travessa da Pereira, 11, 2.º, que se queimou com agua a ferver.

—O caixeiro da taberna da calçada do Garcia, 8, Julio dos Santos Diogo, juntamente com dois frequentadores da casa, José Lourenço e Francisco Freire Antunes, attrahiram ao interior do estabelecimento o menor de 10 annos Armando do Valle Cunha, residente na mesma rua, 23, 1.º, exercendo sobre elle um attentado repellente. A creança recolheu á enfermaria de S. Francisco, do hospital de S. José.

—No banco do hospital recebeu curativo Joaquim de Carvalho, morador na rua Casal Ribeiro, á Graça, 14, 1.º, que foi atropellado na rua Augusta por um carro electrico, fracturando uma perna. Recolheu a casa.

—A policia de investigação enviou hoje para o tribunal os austro-hungaros Isacor Izabôr e Lodoviko Mikalicre, tripulantes do vapor «Iaschenya», da praça de «Fiume», surto no Tejo desde 4 de agosto do anno findo, que são accusados de na tarde de 18 do corrente mez tentarem lançar ao rio o piloto do mesmo vapor. O primeiro confessou o crime, conservando-se na negativa o segundo.

—Na Associação Protectora das Creanças ha depois d'amanhã, ás 15 horas, um jantar ás protegidas d'aquella instituição, fornecido a expensas do sr. Augusto Pires Branco.

Senador por Ponta Delgada

O partido democratico de Ponta Delgada apresenta a candidatura do sr. Jayme de Sousa, distincto official da armada, á vaga de senador cuja eleição se deve realisar no dia 24.

Festa escolar

Grupo civil A Republica n.º 4

Realisa-se na séde do centro escolar d'este grupo, voluntarios de Arroyos, no proximo domingo, uma festa que começará ás 12 horas por um lanche a todos os alumnos, seguindo-se uma sessão solemne que será presidida pelo sr. dr. Salgueiro d'Almeida, e em que usarão da palavra alguns oradores, depois da distribuição [illegible] premios e diplomas aos alumnos approvados nos exames de 1.º e 2.º graus.

Os actores Alfredo Silva, Eusebio de Mello e Agostinho Silva recitarão diversos monologos e poesias. O sr. Pedro Augusto de Freitas, coadjuvado pelo sr. José Antonio Gomes, executará algumas sortes de prestidigitação.

Um grupo de bandolinistas composto pelos srs. Manuel Ferreira dos Santos, Alfredo da Silva, Eugenio Fonseca e João Antonio Gomes, preencherão os intervallos, tocando alguns trechos de musica.

Excursões e passeios

A Aldegallega

A Tuna Commercial de Lisboa realisa no proximo domingo um passeio fluvial a Aldegallega, onde dá um concerto no Theatro Aldegallense, dedicado ao commercio de Aldegallega.

Acompanha a Tuna o Grupo Dramatico Os Modestos, o qual dará tambem uma recita.

A partida de Lisboa é ás 9,25 da estação do Terreiro do Paço, e o regresso á meia noite no vapor *Alcochete*.

Soldado despenhado d'um telhado

Esta tarde, pelas 18 horas, quando o soldado 302 da companhia de telegraphistas do regimento de engenharia andava procedendo a um concerto de fios sobre o edificio da estação de Santa Apolonia, ao assentar os pés n'uma chapa de zinco, esta cedeu, perdendo o soldado o equilibrio e vindo ter á rua.

Foi conduzido ao hospital militar da Estrella, onde ficou em estado grave.

PARTE COMMERCIAL

Situação da praça

CAMBIOS.—O mercado fechou ás seguintes cotações:

	Compra	Venda
Londres, cheque	33 1/4	33 1/8
Londres, 90 d/v.	35 13/16	—
Paris, cheque	874,0	874,8
Allemanha, cheque	829,5	830,5
Hollanda, cheque	558,8	560,8
Madrid, cheque	1866,5	1867,5
New York	1$44	1$47
Rio/Londres	12 1/8	—
Libras	7$00	7$10
Agio do ouro	49 %	53 %

BOLSA — As inscripções effectuaram-se:

	Assent.	Coup.
Titulos de 1.000$	40,00	30,75
» » 500$	—	30,00
» » 100$	—	—

Obrigações d'Estado: 4 0/0, 1888, 21$70; 4 1/2, 88-89, coupon, 0$0; 3 0/0, 1900, coupon, 80$50.

Externas: 3.ª serie, 74$80.

Acções: Banco de Portugal, 179$50; Ultramarino, assent., 114$50 e coupon, 115$20; Probidade, 26; Assucar, 41$00; Phosphoros, coupon, 56$70.

Obrigações: Prediaes, 6 0/0, serie A, 91$50; Ultramarino, hipothecarias, 90$00; Companhia Nacional dos Caminhos de Ferro, 1.ª serie, 77$50.

Eterno enigma

a Julio Dantas

A primeira vez foi em S. Carlos.

Era uma creaturinha elegante, de labios vermelhos, carnudos, olhos cinzentos, cabello levemente aloirado. E tinha certa graça no andar que parecia coisa alada.

Uma senhora de meia edade fazia-lhe reverente companhia.

A segunda, foi na procissão dos Passos n'um primeiro andar do Chiado.

Decidiu seguil-a:

Levaram-no a Buenos Ayres. N'uma rua de pouco transito a carruagem entrou no portão de um palacete.

Desde ahi nunca mais largou a rua. Passava de manhã, antes do ministerio. Passava á tarde, depois do ministerio. E muitos dias tambem passou á propria hora do ministerio.

E d'uma vez, quando já o desalento o torturava, uma das janellas do andar nobre abriu-se como por encanto.

Era ella! Cumprimentou-a. E a janella fechou-se devagarinho.

Andou por ali tempo infinito, sem que a janella mais se abrisse, e foi-se embora desconsolado.

Durante a noite n'outra coisa não pensou:—mandar-lhe uma carta, a primeira. Aquella que por ser a primeira, não só tem de ser gentil e apaixonada, como tem de ser entregue de certa maneira graciosa.

E por volta do amanhecer escolheu o modo mais antigo:—na egreja, junto á pia da agua benta, esperar a dama e preveni-a de que, por não de pedinte, receberá o bilhetinho.

Depois, a historia seguiu o curso natural d'aquelas historias em que os donos subtis deixam que elles tomem para si toda a basofia do que vae decorrendo.

Esqueceram o tempo, o espaco, a vida... Esqueceram-nos durante certas horas de bastante, dias, porque elle conseguira retardar uma sua nomeação para o Oriente.

E na ultima tarde, uma tarde serena de outubro, encostados ao peitoril da varanda, traçaram planos definitivos.

Tinham lido os Mysterios da Estrada de Cintra e promettiam-se doidices. Haviam de se escrever todos os dias. Em todos os paquetes que partissem um maço de cartas seguiria. Em todos os paquetes que chegassem outro maço de cartas lhes entregariam. Faziam apostas sobre as mais inflamadas.

E no entanto os maços nunca mais chegaram a composto e as proprias cartas foram escasseando.

E pensemos que talvez por isso, elle, no regresso da sua commissão, apparecia agora a penitenciar-se em oito extensas laudas enternecidas.

E a resposta, que não demorou, veiu em papel tarjado e sem o perfume antigo. Dizia coisas comedidas essa carta de luto pesado, falava de alguem, de quem tinham sempre evitado falar... Explicava a doença, um longo definhamento, dia a dia mais accentuado, uma tortura para quem lhe assistia... Depois, o seu espirito esclarecendo-se, projectos novos, vida futura...

—Foi quando lhe deixei de escrever, meu amigo. Parecia-me que elle comprehendia, que se magoava, que não tinha animo para me censurar... Depois, uma tarde de chuva impertinente, estas palavras:—Vou dormir... Um abraço já sem alento, um beijo que não chega a pousar...

Ora, alguns dias depois, tendo elle ido nos Prazeres acompanhar o funeral de uma importante figura politica, desviou-se da multidão quando rompia a declamatoria official e foi procurar uma das cortinas onde se avista o rio, os montes da Outra Banda, tudo quanto elles os dois, encostados ao peitoril da janella, costumava contemplar em demorados silencios, ternos e satisfeitos.

E n'uma recolhida alea de altos cyprestes, sobre uma lousa magnifica, uma figurinha toda de negro ajoelhava em oração.

Era ella!

Esperou distante. E quando, já enxutas as lagrimas tumulares, os olhos d'ella deram com os seus mal fixos, encaminharam-se um para o outro.

Ao acaso das ruas tranquillas foram andando e conversando. Andaram sem saber por onde e assim vieram a encontrar-se em frente do portão da sahida. A carruagem já se avistava.

E elle, então, n'um subito presentimento de abandono, perguntou anciosо:

—Mas... Agora... que está livre... absolutamente livre... porque não quer?

Ella estendeu-lhe a mão:

—Porque deixou de existir o motivo que nos ligava. Amava-o muito, a elle. Amava-o como se deve amar... fóra de todas as convenções... fóra de todas as conveniencias... Foi uma loucura de todos os sentidos! Quando elle já não podia mais, passei a amal-o só assim. A's vezes... não podia amal-o só assim. A's vezes... um abraço mais cingido... um beijo mais demorado... era mais um passo para a sua perda... Foi quando o encontrei, meu amigo.

Apertou-lhe a mão:

—Adeus!

E quando ele pousou os labios n'aquella mão delicada pareceu-lhe que estava beijando a frialdade da lousa magnifica.

Eduardo Peres.

Serviços em divida

Pedindo o seu pagamento

ANCIÃO, 20.—Pelo encarregado da estação telegrapho-postal d'esta villa vae ser amanhã enviado o seguinte telegramma aos srs. ministros da guerra e do interior:

Em meu nome e dos encarregados das estações telegrapho-postaes de Avelar, Alvaiazere e Cabaços, rogo a v. ex.ª mande abonar com urgencia a importancia dos extraordinarios em divida, mandados executar e requisição d'esse ministerio desde 1910, serviço desempenhado com zelo e patriotismo. Lembro a v. ex.ª que o horario permanente em estações d'um só funccionario e em dias seguidos é duro e durissimo não se lhe abonando o que é devido. Para honra do regimen e da Republica pedimos se faça justiça.

O encarregado da estação telegrapho-postal de Avelar, Braz Medeiros.

NATURISMO

Em ferias

Ha dias dias que estou longe da cidade, ao pé da familia e com sete frugivoros, na minha aldeia natal, logarejo perdido nas serranias durienses onde não chega nem o estrondo dos canhões nem o borborinho da politica. Aqui tudo é paz, alegria e socego. Logo de manhã, após um somno profundo e reparador, temos deixado a aldeia e descido até ao rio onde nos conservamos até á tarde praticando o naturismo. Horas que correm breves, tomando banhos de sol, ar, luz e agua e fazendo exercicios physicos, entre os quaes subir e descer a escarpa abrupta da fraga que emerge, desafiando os seculos n'este sol chistoso, com rudes penedos graniticos cyclopicos. São quasi 200 metros a prumo de escarpa onde é preciso utilisar as mãos e os pés descalços, com geito para não escavalar...

O dia passa-se magnificamente. A natação e o mergulho nas aguas do apado tranquillo como em lago da Suissa emoldurado de salgueiros; o duche natural na catadupa que fórma como que uma redoma onde o baptista se póde esconder; a fricção com areia finissima da epiderme que substitue o uso do mais afamado sabão; o banho do sol verdadeiramente glorioso e ardente; o ar lavado e secco d'esta região duriense a braços com a miseria; e magnificas uvas e figos, amendoas e tomates que nos servem de alimento; eis um conjuncto admiravel que não é facil encontrar para restabelecer e avigorar os citadinos que comigo vieram até estas paragens distantes. Depois o somno reparador á sombra dos salgueiros sobre a areia doirada pelas horas da sesta, após a refeição frugal, sem meza, com traje paradisiaco, ouvindo o rumorejar das aguas que embalam, é d'uma consolação extranha e desconhecida para quem só dorme dentro de casa, fechado nos sarcophagos dos quartos, sem nunca ter tido a ventura de deixar a civilisação...

Somos mais que os dias da semana agora. Ha annos era eu só. A ideia avança; a semente alastra; a verdade sae victoriosa. O naturismo para se praticar necessita de desprendimento do progresso e de constancia e amor.

Póde ser que para o anno se funde aqui durante um mez, uma colonia naturista, com tendas de campanha e usando só plumas para se apparecer em publico. Que deliciosas ferias eu tenho ao pé da familia com sete companheiros que como eu amam a Natureza!!

Cheires (Douro).

Dr. Amilcar de Sousa

Pela instrucção

Abertura de matriculas

No Centro Escolar Republicano Almirante Reis está aberta a matricula para a admissão de alumnos até 30 do corrente, em todos os dias uteis das 21 ás 23 horas.

No Centro Escolar Republicano Antonio José d'Almeida estão abertas as matriculas para as aulas primarias, francez, musica, piano, lavores, desenho de ornato, architectura e modelação, havendo tambem aulas especiaes para os discipulos do curso geral dos lyceus. As condições de matricula estão patentes na séde do Centro, travessa da Nazareth, 21, 1.º

COIMBRA, 20.—De 25 do corrente até 10 de outubro são recebidos na secretaria da Universidade os requerimentos dos alumnos que desejem matricular-se em qualquer das faculdades na escola de pharmacia.

Começa amanhã e termina no dia 30 do corrente a matricula de creanças no Jardim Escola João de Deus. São apenas admittidas crianças que não tenham menos de 4 annos, nem mais de 6. As aulas começam no 1.º de outubro.

Na secretaria da Universidade está aberto concurso até ao fim do corrente mez, para as Bolsas de Estudo e as condições estão patentes n'um edital que se acha affixado á Porta Ferrea.

Junta de vigilancia republicana

Transferencia de reunião

A Junta, tendo conhecimento de que muitas das collectividades republicanas desejam convocar assembleias geraes dos seus associados, para tratarem do assumpto exposto na circular que lhes foi enviada com referencia á Federação dos Centros republicanos do paiz, resolveu transferir a assembleia magna dos delegados das mesmas collectividades, marcada para o dia 22 do corrente, para o dia 14 de outubro proximo, pelas 21 horas, no Gremio Thomaz Cabreira.

Esta Junta reune no dia 24, pelas 21 horas.

«A Capital»

Vende-se nos Recreios Desportivos da Amadora.

MUSICA

Concerto na Curia

CURIA, 20.—Realisou-se hontem á noite, no salão do Balneario o concerto promovido por uma commissão de senhoras. O programma foi o seguinte:

Palestra, pelo sr. Antonio de Lemos; «Mestres cantores de Nuremberg», ouverture, Wagner, pelos professores Pavia de Magalhães, Manuel Silva e Ruy Coelho; «Segreto», P. Tosti, pelo sr. Arnaldo Machado; «Me Nocturne», Popper, solo de violoncello pelo professor Manuel Silva; «E'strano», aria da opera «Fausto», Gounod, pela sr.ª D. Sarah Alves Machado; versos pelo sr. Luis Pinto; «Amleto» (dueto), A. Thomaz, pela sr.ª D. Margherita Trindade e maestro Arthur Trindade.

«Septuor»; Saint-Saens, pelos professores Pavia de Magalhães, Manuel Silva e Ruy Coelho; versos, pelo sr. Antonio de Lemos; «Um ballo in maschera», Verdi, pelo maestro Arthur Trindade; «Rapsodias (n.º 10), Liszt, pela sr.ª D. Branca Magalhães; «Barbiere de Seviglia» (dueto), Rossini, pela sr.ª D. Margherita Trindade e maestro Arthur Trindade; «Danse Diabolique», Hanbey, solo de violino pelo professor Pavia de Magalhães; «Lakmé», L. Delibes, pela sr.ª D. Margherita Trindade; «Canção da Vindima», Ruy Coelho, 1.ª audição, versos do sr. Antonio de Lemos, solos, coros e tercetto.

A festa decorreu com a maior animação sendo todos muito applaudidos.

A M.me Margherita Trindade foram offerecidos muitos ramos de flores naturaes sendo alvo de grandes e enthusiasticos applausos.

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

Sindicato ferro-viario

A fim de tratar do augmento de salario, reune amanhã, ás 20 horas, em assembleia magna, a classe dos ferro-viarios, tendo o Syndicato distribuido um manifesto em que expõe a situação angustiosa que a classe atravessa devido aos vencimentos serem pequenos e os generos de primeira necessidade estarem dia a dia mais caros.

Diz esse manifesto que se não trata de fazer resurgir a questão ferro-viaria, mas apenas de formular um pedido que as circumstancias obrigam.

A companhia de Circo no Coliseu

Um interessante numero equestre

O illustre e arrojado emprezario, nosso amigo Antonio Santos, contractou para a estreia da sua companhia, sabbado proximo, um bello numero: Mademoiselle Leris Loyal, comediante equestre, que tem um grande nome no estrangeiro.

Uma das partes mais interessantes do programma de inauguração vae ser, segundo consta, a dos clowns, pois estão contractados os primeiros do mundo.

Antonet e Walter promettem surprezas nos seus intermedios comicos, Rico e Alex, os clowns aristocraticos, trazem um repertorio novo e variadissimo, o mesmo constando de Toristoff e Tony Joice e dos Barracetas.

O mimodrama em 2 partes, «Vingança de feras», em que tomam parte o intrepido domador George Marck e a sua troupe, deve constituir o maior assombro da epocha. O programma d'este inverno é superior ao dos annos anteriores, havendo trabalhos em todos os generos.

Evora industrial

Como a capital alemtejana podia tornar-se um prospero centro de industrias

Por todos os lados a antiga cidade mourisca, o repositorio das antiguidades romanas em Portugal, a opulenta Evora está emmoldurada em frondosos montados de sobreiros, ricos em cortiça de excellente qualidade, que, manipulada no paiz, proporcionaria o bem estar a milhares de familias operarias, tornando-se caudalosa fonte tributaria da riqueza nacional. E no entanto, quasi toda essa cortiça é exportada em bruto, ficando em Evora apenas uma pequenissima parte, o que faz com que a industria corticeira seja ali muito reduzida.

Outra industria, já em tempos relativamente prospera no Alemtejo podia crear-se em Evora: a da tecelagem das lãs produzidas na provincia alemtejana.

Existiu em epochas idas no Redondo e em S. Miguel de Machede, mas desappareceu por completo com a introducção no industria dos teares mechanicos movidos a vapor. Agora, porem, as circumstancias são outras; Evora tem uma fabrica de gaz e outra de electricidade, tornando-se facil por isso o emprego dos motores indispensaveis á industria da tecelagem.

Os productos obtidos teriam prompta collocação na provincia, onde as populações certamente prefeririam ás grosseiras saragoças pannos de fabrico aprimorado, adquiridos por eguaes preços. Pessoal, com as habilitações exigidas, encontra-se de sobra nas principaes fabricas de lanificios do paiz.

Tambem a industria da moagem dos cereaes podia assumir uma maior actividade, que a tornaria incomparavelmente mais prospera, juntando-se-lhe o fabrico de massas alimenticias e a panificação.

Para dar facil sahida, e portanto collocação certa aos productos d'estas industrias, precisa Evora de meios de transporte rapidos; actualmente ha as linhas ferreas de Villa Viçosa e de Mora, estando a de Reguengos em construcção. São, porem, insignificantes; para o desenvolvimento industrial de Evora é necessario mais alguma coisa: que esteja em relações ferro-viarias directas com Ponte de Sôr, com Portalegre, com Elvas, com Mourão e com a linha ferea hespanhola de Merida a Sevilha. E, completa esta rede, reclamaria depois a construcção da linha ferrea de Machede ao Redondo, Terena, Alandroal e Villa Viçosa; assim ficariam todos os concelhos do districto de Evora ligados entre si pela via ferrea, dispondo de transportes rapidos.

E agora, que poucos dias nos separam da realisação do Congresso dos municipios alemtejanos, é talvez occasião propicia para lhes apresentar este assumpto, de capital importancia para o desenvolvimento industrial de Evora.

Mulher morta

por ter tombado a carroça em que seguia

ANCIÃO, 20.—Hontem proximo do logar Gorcialinho, no regresso d'uma festa que na Torre se realisou á Senhora da Graça, tombou a carroça em que vinha Joaquina Pires, de 52 annos, casada com Antonio Mendes dos Santos, d'aquelle logar, tendo morte instantanea.

O marido, que era quem guiava o vehiculo, nada soffreu, e a morta não tinha ferimento algum apparente. Deixa sete filhos, quatro dos quaes ainda menores.

Espectaculos

Cartaz de ámanhã

AVENIDA—A's 20,31, 21,45 e 23—Coração á larga.

POLITEAMA—A's 20,30 e 22,30—Não desfazendo... (Revista).

EDEN—A's 20,45 e 22,45—O diabo a quatro. (Revista).

Noticias

Entre nós

Hontem no Coliseu dos Recreios commemorou-se o anniversario da tomada de Roma e unificação da Italia, reinando sempre o maior enthusiasmo na selecta assistencia que enchia a magnifica sala de espectaculos. Os hymnos italiano e portuguez foram ouvidos no meio de acclamações que se repetiram no final do espectaculo.

A «Geisha» e o «Cabo Susine» tiveram mais um exito e os artistas que tiveram a seu cargo a parte de concerto foram tambem muito applaudidos nas lindas canções e romanzas que cantaram.

Principalmente Fernanda Razzoli no «Fado do 31» foi ovacionadissima.

Hoje despedida da companhia fazendo a sua festa artistica o director Amedeo Granieri com a «Princeza dos dollars», a linda operetta de Leo Fall. Tambem pela primeira e unica vez o actor Amedeo Granieri cantará a romanza napolitana «Terra a sorrento», que o celebre baritono Titta Ruffo dedicou em Valencia ao notavel espada Rafael Gomes, «el Gallo» e a canção napolitana «Mari Maria», «O tonceiro», serenata da operetta «Dall'Ago al Millones».

Circos & Music-halls

SALÃO DA TRINDADE—A's 20 e 22—Companhia infantil—Filha da Annica.

ANIMATOGRAPHOS E CONCERTOS—Olimpia e Paradis, *matinées* diarias e sessões á noite; Central, Chiado Terrasse, Salão Foz, Rocio; Sociedade Promotora de Instrucção, em Alcantara, sessões ás quintas feiras, sabbados e domingos.

CINEMATOGRAPHOS OU ESPECTACULOS VARIADOS—Chantecler, Imperio, Salão Graça, na Caixa Economica Operaria, Variedades, na calçada da Estrella—A's 21,30—O diabo no convento.

A provincia n'A CAPITAL

COIMBRA, 20.—A camara municipal resolveu adquirir na casa Norton & C.ª 1:000 toneladas de carvão para a fabrica do gaz, a 18$75 cada tonelada.

Movimento maritimo

Brazil e R. Prata «Ligar» (Bordeus)...	21
Vigo, Fal. e Amst. «Frisia» (do Brazil)	21
Maranhão, Ceará, etc. «Michalls» (Liv.)	21
Bordeus «Divana» (do Brazil)...........	23
Africa occidental «Angola»............	22
Pará e Manaus «Huayna» (Liverpool)	23
Vigo, Fal. e Amster, «Frisia», (Brazil)	23
Maranhão, Ceará, etc. «Michalls» (Liv.)	24
Brazil e R. Prata, «Masiond» (Amst.)	25
Brazil e R. Prata, «Deane» (Liverp.)	26
Liverpool, «Lanfranc» (Pará)...........	27
Africa oriental, «Clan Rose» (Liverp.)	27

CAPITULO IV.

A offensiva russa nos Carpathos

Quasi seis semanas decorreram entre a queda de Przemysl, a 22 de março, e o começo da grande offensiva austro-allemã na Galicia occidental, nos principios de maio. A historia d'esses seis semanas é a da lucta pela posse da elevação principal dos montes Carpathos, cuja cumiada fórma a fronteira entre a Galicia e a Hungria.

F. G. Owens Thurston, engenheiro naval constructor da Vickers Company

No principio da guerra, em outubro e mesmo em novembro de 1914, pouca importancia dava qualquer dos contendores á frente dos Carpathos; pequenos destacamentos de tropas russas atravessavam as montanhas e faziam «raids» na planicie hungara, onde encontrando forças numericamente superiores, eram mandados retirar pelos seus proprios commandantes, sem que tentativa alguma séria para se manterem nas suas posições avançadas fôsse feita.

A primeira offensiva séria atravez dos Carpathos foi feita em dezembro pelos austriacos e tinha como objectivo um ataque contra o flanco dos exercitos russos que a esse tempo haviam avançado na Galicia até muito proximo de Cracovia.

Se tivesse sido coroada de exito, as principaes linhas de communicação do exercito russo teriam sido cortadas. Foi, porém, repellida por uma contra-offensiva russa nos meiados de dezembro, e no principio de 1915 os russos estavam de novo senhores dos principaes desfiladeiros da montanha que davam passagem para a Hungria.

posta do 3.º batalhão do 30.º regimento, com artilharia, metralhadoras e alguma cavallaria, appareceu a uns trez kilometros do Canal, proximo de El Kubri. A sua guarda avançada, uns quatrocentos homens, commandada por officiaes allemães, encontrou uma patrulha de 9 homens do 56.º de Fuzileiros Punjabis, sob o commando de Subha Sing. Este recuou, luctando com a maior bravura, conservando o inimigo a respeitosa distancia e conseguindo a ôra salvo quatro homens, pois dois foram mortos e tres feridos. Do inimigo ficaram 12 homens mortos e 15 feridos.

A brigada do general Younghusband pôz-se em movimento no dia seguinte para atacar os turcos, mas houve alguma demora e o inimigo, que era commandado por um allemão, o coronel von Trommer, apoz uma troca de tiros com as tropas que guarneciam El Kubri, recuou para Nakhal. A columna que o perseguiu apenas poude pôr-se em contacto com a sua retaguarda, mas os aviadores inglezes prestaram magnifico serviço, não só vigiando os seus movimentos, como arremessando algumas bombas, que causaram sérias perdas. Na escaramuça havida com a retaguarda, as tropas inglezas perderam uns seis homens. O inimigo perdeu quarenta, incluindo n'esse numero os prisioneiros.

No Canal foi encontrada uma mina, perto de El Kubri, e a navegação foi suspensa por 24 horas, emquanto as margens do sul eram dragadas.

A 29 d'abril, um outro bando com canhões Maxim appareceu proximo de Bir Mahadet e travou combate com um destacamento do corpo de camelleiros de Bikanir e alguns sapadores egypcios. Um official inglez foi ligeiramente ferido e houve oito perdas, sendo cinco mortos e tres feridos. Uma forte columna de todas as armas, grande parte da qual era composta de cavallaria do serviço imperial, foi mandada a fim de cortar o caminho ao bando invasor, se possivel fôsse.

Graças á maior parte da noite em percorrer os vinte kilometros que vão do Canal a Bir Mahadet quando ahi chegou os turcos haviam já descampado. Os aviadores, que, como de costume, faziam magnifico trabalho, assignalaram a sua presença n'um pequeno poço, a uns dez kilometros mais ao norte.

Avisaram a cavallaria, mas só na tarde seguinte esta se encontrou com a retaguarda do inimigo, que acabava n'esse momento de abandonar o poço. Foi dada ordem de carregar: parte da retaguarda turca parou. Um grupo d'uns doze soldados turcos commandados por um valoroso official albanez abriu fogo de flanco sobre o pequeno corpo de officiaes britannicos e os lanceiros Patiala, que estavam carregando. A cavallaria lançou-se contra o grupo, mas dois officiaes inglezes e um nativo foram mortos ou gravemente feridos. O albanez, um filho de Djebal Pachá de Djakova, foi ferido com sete lançadas, mas sobreviveu aos ferimentos. Dos seus homens, uns foram mortos, outros aprisionados.

A perseguição não continuou. Devido ás excessivas precauções da parte do commandante da cavallaria, a columna inimiga, que se compunha de mais de 250 homens, poude escapar-se.

Em maio, foram mandados alguns contingentes da Yeomanry para o Canal. Mostraram a maior bravura e zelo em perseguir os bandos que se approximavam das linhas inglezas e quando o coronel von Lauffer com uma força mixta de cavallaria e de camellos tentou um «raid» proximo de El Kantara no começo de junho, foi immediatamente repellido.

Uma mina foi encontrada enterrada proximo do Canal após esse ataque, tendo a Porta com a sua habitual fatuidade informado as potencias neutraes de que devido ao proceder arbitrario da Inglaterra no Egypto se via compellida a tomar medidas que podiam trazer o encerramento do Canal á navegação.

Mas o ataque aos Dardanellos

que estava sendo vigorosamente feito, havia a esse tempo tirado toda a importancia militar á acção turca no Sinai. A 10.ª e 25.ª divisões, metade das tropas de primeira linha na Syria, haviam chegado a Constantinopla em fins de maio e parte da 27.ª divisão seguiu-lhe na peugada.

A 6 de junho, menos de 25.000 homens de tropas turcas, muitos d'elles de segunda linha, estavam na Syria central e meridional e na peninsula do Sinai. A força deixada em El Arish e Nakhal póde ser computada em 7.000 homens. Era movel e habituada ao deserto, mas as probabilidades de levar a effeito qualquer acção contra o Canal eram poucas ou nenhumas. Os aviadores inglezes vigiavam attentamente os caminhos do deserto de que o inimigo se podia utilisar e haviam demonstrado grandes faculdades de observação durante os primeiros seis mezes de 1915.

O aterrar no meio das dunas de areia em pleno deserto era perigosissimo, mas poucas vezes lhes succedeu tal e, quando por acaso se deu, sahiram sempre a são e salvo. Embora perseguidos muitas vezes por nutrido tiroteio, nunca foram attingidos os seus apparelhos e arremeçaram bombas com o melhor resultado. O medo por elles inspirado era tal que o inimigo tomava as maiores precauções para preservar até os seus pequenos acampamentos dos ataques aereos, espalhando as tendas e occultando-se em trincheiras cobertas de ramos e de folhagem.

O insuccesso do avanço turco teve um effeito acalmador em Sharkieh, a provincia oriental do Delta, onde as noticias de que o inimigo estava a pouca distancia do Canal haviam originado uma certa agitação. A grande massa da população permaneceu, porém, indifferente ao facto da guerra estar ás portas do Egypto. Na parte occidental do Delta a população beduina não deu mostras de agitação, devido ao correcto e na realidade amigavel procedimento do Grande Senussi, que impediu que agentes turcos ou allemães espalhassem o desassocego entre os arabes d'aquella região.

Apenas no Cairo e em Alexandria uma pequena parte da população, composta principalmente de ignorantes e fanaticos, induzida por agentes turcos e por estudantes nacionalistas, mostrou certas tendencias anti-governamentaes. Um exemplo d'isso foi dado pelos estudantes da Escola de Leis do Cairo, que foi sempre um centro de radicaes nacionalistas, a maior parte dos quaes sahiu das aulas a quando da visita do sultão Hussein. Severas medidas disciplinares foram tomadas.

No dia 8 d'abril, um bufarinheiro de Mansura, chamado Mohammed Khalil, um fanatico que havia já sido condemnado como salteador, fez fogo sobre o sultão quando este ia a sahir do hospital Abbassi. A bala errou o alvo por algumas pollegadas e o assassino foi preso. Foi julgado pelo tribunal marcial e executado no dia 24. Não tinha cumplices, no que parece. Collectividades e pessoas que previamente tinham sido hostis ao sultão Hussein, não por razões pessoaes, mas por ter ascendido ao throno do Egypto como tutelado d'uma potencia estrangeira, apressaram-se a expressar o seu horror pelo crime e o sultão, que mostrára um assombroso sangue frio quando a tentativa fôra feita, recebeu uma ovação popular quando ia para a mesquita no dia 9.

Houvera certa melhoria nas condições economicas do paiz durante os primeiros mezes de 1915, mas alguns damnos foram feitos na primavera pelos gafanhotos, que appareceram em grande numero na Syria e no Egypto. No inverno, uma commissão havia procedido a um inquerito orçamental e á administração financeira geral do paiz. No seu relatorio, ao que se diz, essa commissão recommendava mudanças radicaes.

Durante todo o periodo das operações a administração anglo-egy-

pcia prestou os mais valiosos serviços ás auctoridades militares.

A administração dos caminhos de ferro distinguiu-se em especial sob a direcção do seu chefe, o coronel sir G. Macaulay, e a rapidez e precisão com que as tropas foram transportadas, especialmente durante os primeiros dias de fevereiro, mereceram os mais rasgados elogios. Valiosos serviços foram tambem prestados pela administração dos portos e pharoes, sob a direcção do contra-almirante Robinson, e o ministro do interior, de quem depende a administração da policia, prestou tambem grande auxilio ás auctoridades militares.

As colonias britannicas do Cairo e de Alexandria por sua parte procederam o melhor que podiam. Permittiu-se que muitos officiaes se alistassem no novo exercito. Um corpo de voluntarios foi formado no Cairo no outomno, constando principalmente de membros do Club dos atiradores britannicos. Os seus serviços, que deviam ser prestados no caso de perturbações internas, não chegaram a ser utilisados.

A importancia militar do Egypto para o imperio britannico nunca se poz tanto em evidencia como na primavera passada. O paiz era não só um campo de exercicio para as tropas australasianas, indias e britannicas, como base para a força expedicionaria mediterranea alliada, como um centro d'onde contingentes podiam rapidamente ser enviados em qualquer direcção.

Ao mesmo tempo que guardava o Canal de Suez contra um ataque e que retinha uma força sufficiente para suffocar qualquer perturbação interna, o ministerio da guerra inglez podia deslocar tropas indias para serviço na França, na Mesopotamia e nos Dardanellos e a maior parte do corpo d'exercito australasiano e da divisão territorial do Leste de Lancashire para a Turquia da Europa.

Por cada unidade que sahia do Egypto, chegavam novas forças que tomavam o seu logar e começavam a exercitar-se nos grandes acampamentos em roda do Cairo ou proximo do Canal.

E para o Egypto, como base da força alliada expedicionaria do Mediterraneo, foi a maior parte dos feridos nas operações dos Dardanellos.

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 1844 — 6.º Anno

Direcção e propriedade — Manuel Guimarães
Editor—Camillo Sousa e Almeida
Redacção e Administração—R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA—Quarta-feira, 22 de Setembro de 1915

Telephone n.º 2298—Endereço teleg. CAPITAL
Composição—Rua do Norte, 5, 1.º
Officina de impressão—71, Rua da Bica, 71

Preço 1 centavo

O novo governo

O inicio da nova presidencia da Republica deve corresponder ao inicio de uma nova éra para a Patria. E' por isso mesmo que se observa na opinião nacional uma attitude de expectativa. Sahimos ha pouco dos abalos de uma revolução. O povo, para que a Republica não fosse apenas uma taboleta da monarchia, com o seu arbitrio e as suas infracções sistematicas do direito constitucional, teve de pegar em armas, como pegára em 5 de outubro. Varreu a dictadura como varrera a monarchia. Mas esse gesto sublime foi o gesto das revoluções; e nunca se effectua uma revolução sem que o abalo por ella produzido subsista durante mais ou menos tempo, não consentindo a placidez necessaria para o funccionamento absolutamente normal das sociedades.

Desencadeou-se a revolução em 14 de maio e a Constituição preceituava que no dia 5 de outubro se iniciasse uma nova presidencia da Republica. Pouco mais de quatro mezes distanciavam a Republica d'essa data. Mas só era natural e logico que até lá se mantivesse uma determinada espectativa, como cumpria attender á realisação de factos importantes para as instituições nacionaes. No dia 13 de junho realisaram-se as eleições geraes, consultou-se o paiz, esperando-se a sua sancção sobre o movimento de maio e as indicações necessarias para a marcha futura da Republica. Foi um mez de preparação eleitoral, em que só se pensava no *veredictum* que sahiria das urnas.

Effectuadas as eleições que deram o resultado conhecido, outro facto sollicitou vivamente a attenção do paiz. Tratava-se da eleição presidencial que se realisou em 6 de agosto. Foi mais um mez, quasi, em que o espirito publico esteve absorvido por uma espectativa perfeitamente justificada.

Ha mez e meio que essa eleição se realisou, e apenas duas semanas nos separam do momento em que o presidente eleito tomará posse do seu elevado cargo. Sabe-se que é da praxe apresentar o governo em exercicio a sua demissão collectiva ao novo chefe do Estado. Mas sabe-se ainda mais que o presidente do actual ministerio declarará ao sr. Bernardino Machado a irrevogavel resolução em que se encontra de não continuar occupando, com os seus collegas, as cadeiras do poder. Não nos admira essa resolução, como temos a certeza de que o sr. José de Castro, antes d'esse dia, não abandonará o seu posto, sem que elle e o seu governo, desempenhando uma missão de transição, tem conhecido horas difficeis, e attestado o seu espirito de sacrificio e a sua dedicação republicana, em situação que só será invejavel para os mediocres inconscientes ou para os ambiciosos vulgares, que só consideram a posse do poder um galardão para a sua vaidade, e não conhecem que a unica compensação dos sacrificios que ella impõe está na consciencia do dever cumprido.

Mas precisamente porque este governo foi um governo de transição entre a consulta ao suffragio do paiz e a inauguração da nova era presidencial, mais se demonstra a necessidade imperiosa da constituição de um ministerio que venha realisar um plano governativo, ministerio em que se reconheçam as capacidades politicas que caracterisam os dirigentes dos povos e que não demore as realisações de caracter politico, financeiro, economico e social que o povo portuguez aguarda das iniciativas republicanas, na plena normalidade do regimen.

A indicação d'esse governo está feita. Deu-a quem a podia dar: o povo, que nas eleições de 13 de junho manifestou mais uma vez a sua vontade de que a Republica seja uma corrente progressiva, dando a maioria dos seus votos ao partido de que é chefe o sr. Affonso Costa, entregando-lhe, por isso mesmo, o mandato de presidir a esse governo.

O sr. Affonso Costa é um dos grandes homens da Republica. E' o seu estadista mais notavel. Felizmente encontra-se reintegrado na posse das suas admiraveis faculdades de intelligencia e de acção. Depois do acto eleitoral de 13 de junho, ainda se observou que o periodo de transição não cessára. Agora, no dia 5 de outubro, elle fecha-se definitivamente. E' o momento do sr. Affonso Costa organisar governo. Não o espera só o seu partido. Espera-o, com uma convicção assente, o paiz inteiro.

Poeira da Arcada

Os monumentos, entre nós, são alvo de injurias e irrespeitos varios. Sobretudo, os religiosos. Prova-se assim que um povo consegue viver sem educação esthetica. A imaginação não lhe evoca grandezas, mas tambem não cria grandes embaraços ás suas manifestações de grosseria. E isto tem sua importancia, como é sabido, porque a grosseria protege efficazmente contra as perversões e deliquescencias do gosto.

* * *

Em Angola, morreram o major Affonso Paia e o alferes Damião Dias. Fecharam as suas biographias com nobreza, dando á Patria o seu esforço. A sua morte deixa de ser um caso mechanico da fatalidade, que corta vidas para organisar uma somma, cujas parcellas crescem com os progressos do mundo, tornando-se uma manifestação das energias bellas ou heroicas com que a vida enflora os tumulos.

* * *

Quasi todos os dias os jornaes dizem haver fartura de peixe no mercado e portanto nas ruas. As donas de casa arrepellam-se com a informação. Pouco pescado e caro. Até a sardinha e o carapau parece que, desde que são vendidos pelo preço da tabella, cobraram susto ás canastras. Estas, quando apparecem, carregam-se de especies que o pobre saboreia, como se receasse incorrer em peccado mortal. Para não cahir em tentação, baixa os olhos, n'uma attitude humilde de quem muito tem a contar com os espinhos do caminho.

«Historia Illustrada da Grande Guerra»

Dividido em volumes, cada um dos quaes com cerca de 200 paginas, de modo a formar um livro portatil, economico, elegante e de facil encadernação, o folhetim que vimos publicando *Historia Illustrada da Grande Guerra* tem alcançado grande exito.

O primeiro volume abrange desde março a 15 de abril, tendo 184 paginas, o segundo de 16 de abril a 3 de junho, com 188, o terceiro de 4 de junho a 20 de julho, egualmente com 188 paginas, e o quarto de 21 de julho a 3 de setembro, com 180 paginas, sendo todos os volumes profusamente illustrados. Na administração d'*A Capital* são immediatamente satisfeitos todos os pedidos, quer da collecção completa, quer de qualquer numero de exemplares do jornal, que venham acompanhados das respectivas importancias.

PORTUGAL DESCONHECIDO

A subida á serra de Laronco

Um espectaculo indescriptivel, a 1:500 metros de altitude

O ceu era uniformemente cinzento. Só para os lados de Chaves, onde a trovoada grunhia, tomava uns tons plumbeos ou acobreados. Pela encosta do Larouquinho descia lentamente a vessira. O Laronco, inteiramente descoberto, parecia prolongar-se indefinidamente.

Acima!

As bestas chapinham na lamaceira do Campo do Padrão, e, logo adeante, no Campo da Roda, a paisagem se alarga como n'uma mutação scenographica.

O trovão já não vem de cima: parece rolar á superficie da terra. As nuvens envolvem novamente toda a serra, e emquanto para a direita os relampagos como que derretem a athmosphera de chumbo, na frente faz-se uma immensa clareira até se verem as cumiadas longinquas das serras de Padrela e de Nogueira, e á esquerda o sol aloira as agulhas e coruchéos do Gerez.

No Campo da Roda, entre uns penedos que teem a fórma vaga de uma casa, ha uma escavação recente. O guia explica: E' ali—a Casa dos Moiros. Uma velha sonhara trez noites seguidas com riquezas fabulosas lá escondidas e alguns pobres diabos tinham vindo lá cavar toda a noite, ao clarão do luar, á procura dos maravilhosos thesouros.

O guia aponta com o lodão outros penedos, á esquerda. São as Fonteiras.

Ha ali uma fonte d'agua clarissima, que empoça em rocha. Era n'essa fonte que os moiros se vinham lavar. Conta-se que já do seio da rocha uma vez sahiram dois fossadores d'oiro e acredita-se que dentro esteja encantada uma princeza moira, havendo á entrada do palacio que está dentro da montanha um cavallo todo d'oiro. Ha de ser n'esse cavallo que um dia o cavalleiro que lhe quebrar o encanto ha de fugir com a linda moira encantada.

Acima!

Quem sabe se será o bafo do meu cavallo cego que ha de ir quebrar o encanto da linda moira, e se dentro de alguns instantes a triste besta tropega se não transformará n'um cavallo alado, de ventas fumegantes e olhos resplandecentes, atravessando os ares em direcção ás praias da Felicidade Perfeita e carregando no dorso os meus 100 kilos e a princezinha moira, de olhos de diamantes e labios de rubis...

Acima! Acima!

Atravessamos o Campo d'Arrestre, onde uma larga queimada parece uma enorme mancha de lepra, e estamos na Facha. A Facha é uma fortaleza completa. Tem as suas muralhas, a sua torre de menagem com ameias e caculos, os seus fossos, a sua ponte levadiça, a sua poterna. Os caprichos da erupção vulcanica anteciparam-se á engenharia militar. E' na Facha que os pastores dormem, nas noites de estio, emquanto a rez pasta pela serra.

A trovoada ronca abaixo de nós. O trovão já não rola á superficie da terra: parece vir de dentro da montanha. São duas horas da tarde. Da Facha, durante alguns minutos, goso o mais admiravel espectaculo que os olhos ávidos e exigentes do espectador moderno pode contemplar.

Sobre o valle, em baixo, forma-se a nevoa branca, rolando como vagas de algodão em rama, e á qual os francezes chamam *la mère blanche*. Para nascente, além de Soutelinho da Raia, cujos castanheiros se distinguem nitidamente, vêem-se os relampagos descrever os seus angulos de fogo sobre Chaves. O Brunheiro, a Côta de Moiros afogam-se sobre uma especie de crepusculo de chumbo. De repente, a nevoa sobe, envolve n'um minuto toda a montanha. Deixamos de ver os objectos mais proximos, e precisamos de gritar uns pelos outros para adquirirmos a certeza de que alguma força desconhecida se não apoderou de nós e nos não arrastou para algum precipicio misterioso.

A tempestade estala agora para o norte, para os lados da Gironda, e parece que toda a natureza esperava esse signal para as côres, as linhas e os planos tomarem os seus novos logares. A nevoa desfaz-se. Um enorme resplendor de oiro desce do ceu e vem poisar sobre a cabeça do Laronco. Até perder de vista, para o sul, as serras succedem-se, como que apertando-se umas contra as outras n'um gesto instinctivo de defeza. Sobre as terras centeiras, as nuvens roçam os ventres enormes. E o trovão, mais proximo, deixou de ser um presago ruido subterraneo, e tornou-se como a propria voz da montanha; dominando o immenso espaço, fazendo tremer as coisas e os seres, reduzindo a natureza e a vida a uma especie de infinito lago silencioso, sobre o qual se agitam as sombras.

Acima!

Estamos no planalto. 1:500 metros acima do nivel do mar. Acima de nós só a ventania solta o seu rugido. Tudo, o proprio ceu está abaixo dos nossos pés. Para o norte e nascente, a atmosphera crepuscular em que a tempestade se debate tapa o horisonte; mas desde a Padrela ao Marão e ao Gerez a amplidão está livre. Sentamo-nos nas Barreiras Brancas. As palavras cessam.

E' facil encher um volume com a descripção d'um jardinzito japonez, e alguns espiritos se teem deleitado em semelhantes tarefas. Mas ha-de ser difficil que se encontrem as duas duzias de palavras precisas para definir a impressão que nos produz todo um mundo visto do meio das nuvens. O vocabulario humano foi feito para as coisas minimas. E' perante o insignificante que nos sentimos grandes, e por isso temos sempre para cada ideia que as coisas insignificantes nos surgiram todo um lexicon. Quando defrontamos com a verdadeira grandeza, com a montanha ou com o mar, a lingua fica-nos presa, como o braço nos fica desarmado.

Desisto de dizer banalidades. Seria um sacrilegio. Quando voltasse, encostado ao meu lodão, como um peregrino, a subir a montanha, a tempestade já não teria razão para nos fazer gentilmente as honras da visita, acompanhando-nos de longe com a sua voz prophetica, antes teria justo motivo para fazer cahir ás centenas, sobre a minha cabeça inerme, os raios vingadores.

Nada que dê tanto a impressão da magestade do Laronco do que a inscripção romana que lá foi encontrada. Chamavam os romanos ao Laronco *Ladicus*. Resolveram erguer um templo a Jupiter no cimo da montanha e no frontão do pequeno templo lavraram esta inscripção:

IOVI LADICO

Esses homens, que conquistaram o mundo e deram á sociedade humana a base eterna do direito, sentiam-se pequenos perante a grande serra, e entenderam que seria uma prova de vaidade fazerem elles, miseros transeuntes, a offerta do templo ao pae dos deuses. E assim resolveram que fosse a propria serra que offerecesse o templo a Jupiter.

A Jupiter offerece este templo o monte Ladico

Como somos effectivamente pequeninos, em face d'esses legionarios, que, ao nascer do sol, quando marchavam pela via militar, de Caladunum a Pinetum, saudavam a montanha, como se fosse uma divindade!

Antonio Granjo

Leiam-se os artigos publicados nos dias 22, 26, 27, 30 e 31 d'agosto, 1, 7, 10, 17 e 21 de setembro.

Pelo telegrapho

Os combates entre russos e austro-allemães

PETROGRADO, 22. — Official.— Os combates continuam a sudoeste e ao sul de Dwinsk, a leste de Vilna; a noroeste de Dwinsk desalojamos o inimigo de Munze. Repellimos as offensivas inimigas na linha de Teremo-Podobaice e nas villas de Beresowska e Rostoki; tomámos um reducto na região de Slona, repellimos o inimigo para além do rio Djeria, fizemos mais de 1500 prisioneiros e tomámos tres metralhadoras. — (*Havas*).

As operações italianas contra os austriacos

ROMA, 22.—Official.—Hontem levámos a cabo varias pequenas contra-offensivas com feliz resultado. Fizémos calar as baterias que bombardearam a villa do Paularo.—(*Havas*).

Catastrophe n'uma mina—14 mortos

LONDRES, 22.—Houve 14 mortos no incendio dos poços da mina de Exwal, proximo de Moneaton.—(*Havas*).

O orçamento da guerra inglez

LONDRES, 22.—A camara dos communs approvou por unanimidade o orçamento do ministerio da guerra. —(*Havas*).

A questão das subsistencias

Pequenos tumultos por causa da venda do peixe

Hoje de manhã voltou a estar agitada a questão do peixe em todos os mercados de Lisboa, tendo havido pequenos conflictos nos de Alcantara e Belem.

Perto das 11,30, como as peixeiras do mercado 24 de Julho começassem invectivando a policia em grande alarido e com descabelados palavrões, foi requisitada a guarda republicana, partindo para o local um pelotão de 24 praças de cavallaria d'essa guarda sob o commando do alferes Fernandes Costa e 2.º sargento Alberto, que, a muito custo e ajudados pelo reforço do governo civil e guardas disponiveis da Boa Vista, ás ordens do chefe Estevinha, conseguiram pôr termo ao barulho, mantendo a ordem e restabelecendo a normalidade das vendas.

A's 13,40, estando já tudo normalisado, a força da guarda republicana retirou para quarteis.

Vendeu-se bastante peixe meúdo, chegando os cabazes a attingirem o preço de mil e oitocentos centavos e mais.

VIAGENS NO ALGARVE

As grandes industrias do peixe

Terá, effectivamente, diminuido a pesca da sardinha?

PRAIA DA ROCHA, 18.—O Algarve vive principalmente do mar. Se as suas collinas e os seus valles, se as suas varzeas e os seus outeiros são fertilissimos, as suas aguas immensas são uma mina inexgotavel, d'onde jorram sem interrupção, o oiro e a riqueza. O Algarve é uma admiravel provincia de turismo. O viajante encontra n'ella tudo—o clima suave, o clima acolhedor da beira-mar e a serrania illimitada, a cordilheira dominadora que vae de Monchique ao Guadiana e onde, como em parte nenhuma, podem fazer-se magnificas estações de repouso. Tem os seus campos, que offerecem, pelo anno além, os mais variados e inesperados aspectos; tem a amendoeira que o touca de flores, transformando-o n'um ideal jardim de sonho e tem a figueira que é, para a sua paisagem, a verdura farta abrindo-se para o sol, como um grande toldo creador d'abrigo e de sombra...

Mas acima de tudo isso, o Algarve tem o seu peixe. A sardinha é a sua opulencia, a sua mais forte energia, a sua vida, emfim. Por ella, sulcam o oceano constantemente, desafiando as suas iras, batalhando, luctando, triumphando e morrendo, frotas de pescadores, que o vasculham em todos os sentidos e por toda a parte lançam a rêde que ha de prender nas suas malhas os cardumes compactos que rolam ao acaso pela agua densa, pela agua pesada, pela agua profunda... Por ella, toda a gente labuta; d'ella dependem milhares e milhares de familias que a pescam, que a fabricam, que a vendem, que a compram, que a exportam. Em volta d'ella, giram centenas e centenas de contos, todo um fascinante mar de oiro, que por toda a parte espalha o bem-estar, a alegria e a vida. A sardinha é a rainha poderosa d'esta terra. E' a fada, vestida de prata, que a vivifica, que lhe incute, em cada dia que passa, novos alentos, que a desperta quando o cansaço a enrnaga, que a anima quando o desanimo lhe entra nas veias, para a perturbar e para a imobilisar.

Se um dia a sardinha abalasse d'estes mares, eternamente azues e perpetuamente fecundos, seria como se um incendio temeroso passasse e deixasse atraz de si, feitos braseiros, tornados cinzas, reduzidos a ruinas, as povoações que hoje são verdadeiros emporios industriaes, e os campos que as nobres arvores fidalgas possuem, constituindo os melhores e maiores pomares de Portugal. E haverá motivos para temer a tremenda catastrophe? Durante as minhas digressões pela terra algarvia, tenho falado com gente de todas as profissões e de todas as cathegorias e camadas sociaes. Tenho visto, nas fabricas, preparar a sardinha, e tenho assistido, pelos campos, á colheita dos fructos proprios da estação. E aos grandes industriaes do peixe tenho feito sempre a afflictiva pergunta. Tende, por ventura, a sardinha a diminuir?

—Sem duvida,—respondem—unanimemente, todos.

—Porquê?

E', n'este ponto, que as opiniões discordam, dividindo-se, quasi até ao infinito, desde Monte-Gordo, tão rico outr'ora, que a cognominavam de «Costa do Oiro», até á Baleeira, onde uma colonia de pescadores não affrouxa nunca no seu esforço, para tirar do mar tanto peixe quanto lhe seja possivel. E emquanto uns dizem que a sardinha deixou de apparecer, na abundancia de ha tres annos por causa dos processos de pesca intensiva empregados, outros affirmam que, se ha menos peixe, é por haver mais quem o pesque, quem o persiga, quem procure prendel-o nos cercos, enormes e traiçoeiros. E não falta ainda quem defenda a necessidade de se estabelecer, para a sardinha, um periodo de defesa para a deixar reproduzir-se tranquilamente e povoar com abundancia esses mares.

—Que a sardinha já não é tanta como foi n'outros tempos não ha, no Algarve, quem o não reconheça,— diz-me alguem, conhecedor profundo das coisas da pesca. Entretanto, a elevação constante do preço das conservas tem compensado, com largueza, industriaes e pescadores dos prejuizos que o facto podia representar para elles. Quem quizer fazer ideia da diminuição que a colheita de sardinha tem soffrido só pelas estatisticas alfandegarias, não pode. E' que, reduzida a dinheiro, a exportação de conservas tem augmentado sempre, como tem augmentado a de peixe fresco ou de qualquer forma preparado. Creio, todavia, que não se póde fazer de conta que o phenomeno não existe. E' preciso estudal-o, procurar-lhe remedio, tentar obstar a que a pesca da sardinha seja cada vez mais escassa. Como? A commissão de pescarias que o estude e nol-o diga, para servir para alguma coisa mais do que tem servido até agora.

A' sombra d'esse peixe minusculo depreciado em geral quando não tem a acolhel-o a grande industria, teem-se creado e estão-se creando no Algarve verdadeiros potentados. E' aqui que existe, seguramente, o maior armador de pesca de todo o mundo—o sr. Judice Fialho. Toda a costa algarvia está cheia de armações e cercos seus. Os pescadores da sua casa vão até Marrocos, pescam nas aguas da Madeira e lançam as suas artes americanas em quasi toda a costa de Portugal. As suas fabricas multiplicam-se pelo littoral algarvio. E' elle o mais importante armador de atum. Por semana, o sr. Fialho paga trinta contos de ferias. A fabrica de conservas que possue em Portimão não tem em parte nenhuma, outra que a eguale. Em Villa Real de Santo Antonio ha os Ramiros e em Tavira os Padinhas. As dinastias da industria do peixe multiplicam-se por todo o Algarve, creando-se fortunas esplendidas e accumulando-se riquezas aos montões...

Ha quem tenha já pergaminhos que ninguem lhes contesta e não faltam os que, constituindo a ala ousada dos novos, começam agora. Os primeiros são os patriarchas venerandos d'este povo tranquillo, resignado e um pouco fatalista. Os segundos constituem os que hão de continuar-lhe a obra immensa, para que a provincia não deixe nunca de ter a regal-a o oiro que n'este momento a inunda, vindo de todas as nações do mundo. Os primeiros são olhados como um doce e fulvo pôr do sol, depois de um dia angustioso de luz e de calor; os segundos representam o sol que se ergue, ancioso de subir depressa na curva que o destino lhe traçou, para iluminar tanto quanto possivel, a legião de astros que á sua roda gravitam. E só quem vem ao Algarve e consegue impregnar-se da vida e da alma algarvias, é que pode avaliar bem de quanto são capazes, n'este Chanaan fertissimo os novos que se aprestam para substituir os velhos, quando para elles soar a hora amiga do repoiso.

O algarvio ganhou fama de indolente. Não a merece. O maritimo algarvio,

---

Vantagens da guerra

Não discutiremos politica ou militarmente a razão de ser e a necessidade do conflicto armado. Essa missão pertence aos diplomatas, aos historiadores e áquelles que por occupação e dever patriotico teem de estudar os prós e os contras do emprego da arte militar. Por mais extraordinaria que a nossa epigraphe pareça, o facto é que ella resume uma verdade, em que desprazа aos sentimentalistas e visionarios, que reputam a guerra um cataclismo social, simplesmente devastador, incapaz de trazer aos homens o minimo bem, transformando em ruinas e em desolação tudo o que podem fazer de bom.

Se a prolongada paz octaviana beneficia, permittindo a realisação de progressos e reformas uteis para a collectividade, garantindo uma livre expansão ás populações felizes e crescentes, as luctas entre os povos apuram n'elles certas qualidades, impõem-lhes medidas severas e remodelações profundas na sua vida intima, que se traduzem praticamente em decisivas vantagens, de que muitas vezes participam vencedores e vencidos. Não vamos por isso preconizar as guerras como um remedio heroico, destinado a estimular as energias abulidas dos belligerantes. Aquellas como as revoluções são phenomenos que teem as suas causas efficientes e occasionaes, as suas consequencias proximas e remotas, obedecem a determinadas leis phisicas e psichologicas e podem portanto ser analisadas friamente, dispondo de um criterio philosophico, que nos conduza a apreciar com imparcialidade os resultados bons e maus d'essas contendas entre raças diversas.

Chamamos, por exemplo,—beneficios da guerra — a quantidade de ideias, disposições e medidas administrativas, salutares e moralisadoras, as quaes, para alcançarem o seu rapido andamento no campo pratico, a sua realisação immediata, sem relutancia nem côro de opposição sistematica, tiveram no momento de estalar da guerra a sua melhor opportunidade de execução e a força maior que reduz á obediencia mais resignada os mais recalcitrantes inimigos de reformas. E' o que acontece, a respeito do alcoolismo, nos paizes entre os quaes se trava a gigantesca batalha. Durante dezenas de annos, os moralistas, os philantropos, os medicos, os economistas, os legisladores, os instituidores de ligas anti-alcoolicas, as sociedades de temperança, as academias de medicina, o jornalismo, todos os meios de propaganda e de acção reflectida e sustentada, debalde tentaram impedir a extensão e attenuar os effeitos terriveis do mais degradante flagelo social. Quantos alvitres e quantas propostas salvadoras esbarraram na intransigencia dos segundos interesses, na commodidade indeslocavel da rotina, recuaram ante a furia aggressiva dos misoneistas! A limitação da venda de bebidas alcoolicas, o accrescimo do imposto sobre o alcool, a prohibição do absinto, etc., tudo o que a necessidade da salvação publica inspirou de melhor até aqui, tudo isso naufragou no escolho, apparentemente inevitavel, da má vontade dos commerciantes e da fatalidade do vicio. O instincto da conservação, ampliado como força collectiva, acordou, porém, na imminencia do perigo commum. Os espiritos reflectidos reconheceram que os limites da defeza nacional deviam exceder as zonas de operações militares e, para que ella fôsse deveras energica e efficaz, comprehender, n'uma série de acertadas prescripções, os inimigos externos e internos.

O alcoolismo—eis o inimigo interno. Operou-se portanto nas nações guerreiras uma especie de mobilisação contra o abuso e até contra o uso das bebidas espirituosas estabelecendo medidas prohibitivas rigorosas. Não só as tabernas, como os cafés, os restaurantes, todos os logares de prazer foram fechados ao começo da noite. Em França, um decreto presidencial prohibiu o absinto, o veneno preferido e terrivel, contra o qual a medicina e a higiene andam a protestar ha tanto tempo.

Ao mesmo tempo na Russia, por uma precaução animada do mesmo zelo defensivo, o czar supprimiu por um «ukase» o uso da «vodka», o toxico habitual dos russos.

Toda a regulamentação sobre as bebidas, a qual ha annos esperava o resultado de inqueritos, de reclamações as mais contradictorias, foi promulgada em curto prazo e, pelo incommensuravel beneficio que a França, a Russia e as outras nacionalidades do norte, mais ou menos inveteradas no alcoolismo, ficam devendo á guerra, poderá diminuir-se em parte o enorme e crudelissimo sacrificio que ella custa.

* * *

No estado de tranquillidade relativa que a paz concede, as nações vivem sob a lei do menor esforço, cujo commodismo prolongado em demasia produz uma estagnação, que é prejudicial á evolução nacional. E', pelo contrario, a necessidade de um esforço maior que caracterisa as organisações de «élite», de cuja elaboração complexa e diffusa depende justamente o progresso das nações.

A'quellas que se achavam n'essa situação lisongeira de equilibrio apparente a guerra actual veiu imprimir um abalo violento, brutal, é verdade, mas que teve o condão de revelar a firmeza dos caracteres ignorados, como na heroica Belgica, na França, na Inglaterra, que sentiram, ao estalar da conflagração, o brotar de novas energias, como o rubor que tinge as faces após o insulto, a reacção intensa que os animos fortes experimentam, após as grandes catastrophes.

O professor Chauffard commenta de uma maneira superior a attitude do povo francez, perante o facto da declaração de guerra e a mobilisação consecutiva. Affirma elle, em uma conferencia notavel a muitos respeitos, promovida pela «Alliança de Higiene Social», «que o primeiro resultado d'essa catastrophe desencadeando-se sobre a nossa civilisação foi a revelação do fundo das almas e a demonstração da resistencia nervosa dos organismos da nação. A guerra rebentando subitamente veiu fazer passar ao estado de alma heroica as nacionalidades que até então ignoravam as suas reservas de valentia.

«Esta revelação do fundo das almas é, por assim dizer, a effectividade de uma prophecia terrivel que o hymno funebre do «Dies iræ» applica ao Juizo final: «Tudo o que estiver escondido ha de apparecer». A guerra é um verdadeiro julgamento de vivos e foi assim que vimos germinar e crescer no solo da França, essa admiravel messe de heroismo».

Para o professor Chauffard a guerra é o reagente mais sensivel da resistencia de uma raça.

Para assegurar a estabilidade nervosa, tão necessaria nos grandes momentos, tomaram-se as mais sensatas disposições, taes como o encerramento das lojas de bebidas; a prohibição das edições successivas dos jornaes, apregoados sem cessar, causando um enervamento e uma inquietação inutil á população. Promulgaram-se as leis tendentes a restringir os estragos do alcoolismo.

A organisação dos serviços de saude, tão completos e dignos de admiração; a instituição de uma assistencia aos feridos, aos orphãos, aos mutilados, sobre novas bases, que facultam sobretudo a estes ultimos uma retribuição pelo trabalho, em vez de um retiro simplesmente caridoso nos Invalidos, uma esmola official, hão de passar como legitimos achados e beneficios de uma intelligente organisação, que o estado de guerra inspirou e fez estatuir, em toda a largueza e segurança.

Uma das circumstancias mais interessantes da presente guerra é a diminuição do numero de doentes, que nas campanhas anteriores avolumaram enormemente as estatisticas nosologicas do exercito e os encargos correspondentes, assim como o obituario. A conflagração actual acaba de consagrar a vaccina anti-tiphica, como um dos principaes meios prophilacticos e curativos contra um dos flagellos mais dizimadores da vida humana—a febre tiphoide, d'antes mais mortifera para os combatentes do que as armas de fogo. Novos elementos scientificos estão sendo adquiridos n'esta formidavel lição de coisas. Os corpos de exercito fazem-se acompanhar de laboratorios ambulantes e possuem todas as installações que a sciencia moderna põe ao alcance dos medicos e cirurgiões, como os raios X, os sistemas mais praticos de observação e de tratamento dos feridos e dos enfermos. A colheita d'esses elementos de saber e de experiencia, verificados no proprio campo de batalha é já hoje abundante e farta de conclusões. Este é, por assim dizer, o lado constructivo da guerra e, visto que ella é o mal tornado necessario, por uma especie de fatalismo politico, que em compensação d'ella se tire supremo proveito o ensinamento glorioso, na acquisição ardua de um grande numero de verdades e no apuramento e elevação das forças e do caracter nacional.

J. Bettencourt Ferreira

sobretudo, é tenaz, persistente e aventureiro. Foi o Algarve que forneceu tripulações para as caravellas do Infante, quando as outras provincias portuguezas a isso se recusavam. E' do Algarve que ainda hoje partem, em minusculos barcos de vela, colonias de pescadores que, estabelecendo-se na costa d'Africa, em muitos pontos teem montado com exito a industria de peixe secco. Como pode um povo que assim trabalha ser indolente? As industrias e os industriaes algarvios desmentem, bem iniludivelmente, essa fama. O que é preciso é exaltal-os. O que se torna necessario é coadjuval-os. O Estado não pode ser apenas o sugador de contribuições, e, tendo de auxiliar quem trabalha, assiste-lhe o indeclinavel dever de aplanar difficuldades e remover quantos obstaculos se opponham ao livre desenvolvimento da industria de peixe no Algarve. Porque sem isso, aos grandes industriaes de hoje não sucederão homens mais emprehendedores, ainda, para bem da provincia e do paiz.

Adelino Mendes

Jacintho Augusto Marques

Partiu hontem para o estrangeiro este nosso particular amigo socio da conhecida alfaiataria J. Nunes Correia & C.ª, rua Aurea, 44.

Vae escolher nos centros da moda o que houver de mais novidade para a elegante clientela do seu conceituado estabelecimento.

CLASSES TRABALHADORAS

O trabalhador rural e o novo Alemtejo

Ha cinco annos, o trabalhador rural do Alemtejo não tinha organisação associativa de especie alguma, ignorando-se as suas aspirações, que hoje começam a conhecer-se e a formular-se de maneira a serem estudadas e attendidas. A sua evolução, atravez os oitenta annos de monarchia, fez-se lentamente, passando elle da servidão attenuada para a situação de trabalhador livre da epocha actual.

Outr'ora, o trabalhador rural contratava-se com o lavrador pelo periodo d'um anno, recebendo, em troca do seu trabalho, comida, roupa, calçado e algum dinheiro, que, no emtanto, lhe não permittia constituir familia. Este facto contribuia para augmentar a depopulação da vasta e rica provincia do Alemtejo.

Circumstancias de caracter economico e social originaram o sistema de pagamento dos salarios em generos, que hoje vae rareando, pelo que o trabalhador rural já se equipara ao operario das villas e cidades, com quem mantem associativamente ligações estreitas. Emancipa-se, assim, do jugo semi-feudal que o prendia a um patrão e nutre as aspirações sem duvida realisaveis, se os governos e as corporações administrativas estiverem dispostas a auxilial-o.

Ora as aspirações do trabalhador rural nada teem de subversivas. Satisfeitas com criterio e boa vontade, devem até produzir excellentes resultados. O camponez adora a terra com entranhado affecto. Para ser feliz apenas deseja entrar na sua posse por meio do aforamento ou de outro qualquer sistema de transmissão, libertando-se assim da esterilidade ou de uma producção reduzida e imperfeita.

Parallelamente á distribuição da terra, deve organisar-se o ensino popular agricola, por meio de escolas, onde se ensine a conhecer a composição chimica da terra, a melhor fórma de a adubar, segundo a semente que se pretende fazer germinar, maneira de preparar os estrumes do curral, a construcção de nitreiras, a selecção de sementes, o manejo de alfaias agricolas modernas, a preparação de lacticinios, a embalagem, os meios de transporte, etc., devendo, tambem, crear-se aldeias agricolas junto das estações ferro-viarias, que hoje se encontram desertas ao longo das linhas ferreas alemtejanas, promovendo assim a colonisação de uma maneira pratica e efficaz.

O Alemtejo pode dentro de alguns annos, por um plano de facil realisação, approveitando elementos assimilaveis á vida moderna, constituir a parte mais valiosa do nosso paiz.

Matheus Raivo

Papel de impressão

Do nosso collega portuense o «Jornal de Noticias» de hoje reproduzimos o seguinte artigo:

«Alguns jornaes, e entre elles o «Mundo», os «Ridiculos», o «Povo», o «Diario de Noticias» e o «Paiz» teem-se referido ultimamente á gravissima crise que está atravessando a nossa industria do papel, crise de que se resentem outras industrias, mórmente a jornalistica, sobre a qual pesam enormes encargos, que a podem arrastar á completa ruina.

Nos ultimos dias, appareceu n'estas columnas um convite ás fabricas nacionaes, proporcionando-lhes o fornecimento de 30:000 kilos de papel, nas condições que são já do dominio publico, e de que todas essas fabricas tiveram directamente conhecimento.

Não obstante, nenhuma se aventurou sequer a propor-nos esse fornecimento, na impossibilidade absoluta de qualquer d'ellas o fazer, e isto apesar da boa vontade que principalmente nos testemunhou a Companhia do Papel do Prado.

Comprehende-se que assim seja, pois que, em virtude da guerra, augmentaram de preço todas as materias primas indispensaveis para a producção do papel, desde as pastas, ao sulfato de aluminio, ás anilinas, etc. Mas o que se não comprehende bem é que essa industria, apesar do regimen de favor que entre nós vem gosando desde 1892, não se tivesse convenientemente preparado para resistir a uma crise como a que actualmente a surprehendeu, o que teria acontecido, por exemplo, se todos houvessem fundado uma fabrica especial onde se manipulassem as principaes materias primas de que carecem, ou pelo menos uma fabrica onde se preparasse a pasta que são obrigados a importar em condições bem onerosas.

E o que é verdadeiramente extraordinario é que, não havendo nenhuma fabrica nacional respondido ao nosso concurso, um agente de fabricas estrangeiras se promptificou a concorrer, e sabemos que outros estão n'essa mesma disposição, quando abrirmos concurso em novas condições, visto que o primeiro era destinado unicamente ás fabricas nacionaes.

Isto prova que a nossa industria do papel, ao menos no presente momento, não só não está habilitada a satisfazer as necessidades do consumo, como nem sequer póde fazer concorrencia á industria estrangeira, apesar da enormidade de direitos que incidem sobre cada kilo de papel,—uns 50 por cento sobre o seu custo lá fóra—, da differença de cambios, etc.

E a verdade é que são as empresas jornalisticas as mais directamente affectadas com este lamentavel estado de coisas, vendo-se ameaçadas de morte, se medidas se não tomarem no sentido de lhes ser facilitada a sua existencia, tão precaria e difficil. E, como as emprezas, outras numerosas classes e entidades são tambem prejudicadas, porque numerosissimas são as familias que do jornalismo vivem ou que com elle teem interesses ligados.

De justiça era, portanto, que todos os lesados estudassem a valer este magno problema, e que entre os interessados houvesse, se possivel fosse, um accordo, para que o governo, ao menos temporariamente, abatesse nos direitos que está pagando o papel estrangeiro.

Não queremos por fórma alguma prejudicar a industria nacional do papel, e por isso appellamos apenas para uma reducção temporaria, reducção em que essa industria deve concordar, pelas razões que acabamos de expôr. E ao assumpto voltaremos, esperando que os nossos collegas no jornalismo secundem esta campanha, que a todos interessa directamente.

Exposição de fructos em Alcobaça

Será inaugurada pelo sr. presidente da Republica

Promette ser imponente a exposição de fructos, flôres e plantas ornamentaes que se realisa no dia 25 do corrente em Alcobaça, promovida pela Circumscripção dos Serviços Agricolas do Centro e que despertou o maior enthusiasmo entre os agricultores.

O certamen será inaugurado pelo sr. presidente da Republica, que será acompanhado pelos srs. presidente do governo e ministro do fomento e director geral da agricultura. A exposição de fructos é installada na sala D. Dinis, do historico mosteiro de Alcobaça, sendo já valiosa a collecção de primores pomicolas que foi organisada das principaes regiões da Circumscripção Agricola do Centro.

Os considerados viveiristas srs. Alfredo Moreira da Silva & Filhos e a Companhia Horticola do Porto fazem tambem as suas installações na exposição de Alcobaça. A banda do corpo de marinheiros vae abrilhantar com o seu concurso o certamen de Alcobaça.

PEQUENAS NOTICIAS

Na enfermaria 2 do hospital de S. José deu entrada João d'Oliveira, morador em Almada, que estando a experimentar uma espingarda em Caparica, esta se disparou, ferindo-o no pé direito; na C 2 A do hospital escolar ficou Antonio Dias, carroceiro, colhido na rua do Alecrim pela carroça de que era conductor e ferido nas pernas, e na numero 3 do hospital Estephania a menor de 6 annos Laurentia de Jesus, residente em Caparica atropellada ali por um carro e ferida no pé esquerdo.

UM GRANDE INCENDIO

Na Outra Banda arde parte da fabrica da Arrabida, sendo os prejuizos avaliados n'uma centena de contos

Houve numerosos feridos e o fogo sido só amanhã terminará

O fogo que esta madrugada, cerca das duas horas começou na chamada fabrica da Arrabida, ao Olho do Boi, apesar da violencia, não teve, felizmente, consequencias fataes, embora os prejuizos sejam de perto de cem contos.

A chamada fabrica da Arrabida, pertencente á firma Macedo & Coelho, fica, como dissemos, entre Olho do Boi e Porto Brandão, n'uma pequena enseada com dois altos morros escalvados da direita e da esquerda, no sopé do monte Pragal. Para se lá ir, a não ser pelo Tejo, directamente, ha a estrada de Almada ao Pragal, indo-se depois, a pé, do logarejo das Ermedinhas, por caminhos tortuosos e ingremes, cheios de precipicios e mal gradados.

Vista cá de cima, com os barracões do centro em ruinas e ainda fumegantes, telhados deitados a terra, muros derrubados e toda uma azafama de mangueiras esguichando agua, a fabrica tem qualquer coisa de infernal e feerico.

Quando chegámos lá abaixo entrava-se propriamente no rescaldo. Ha sacas amontoadas, sementes espalhadas pelos quintaes e pelos corredores e pastas de purgueira, de rumas, molhadas e fumegantes.

Indagámos onde começára o incendio.

Foi, disse-nos promptamente um dos donos da fabrica, n'um grande armazem, á esquerda de quem entra, vindo do rio, com uma área de 700 a 800 metros quadrados, e onde havia armazenada grande quantidade de pasta e semente de purgueira, côcôroto, copra e varias outras sementes.

Parece que o incendio, ao contrario do que no principio constou, teve começo na copra por combustão expontanea, propagando-se com grande rapidez a todas as outras sementes armazenadas.

Dado o signal de alarme pelos guardas da fabrica, immediatamente dos altos proximos, Almada, Pragal, Ermedinhas, e ainda de Cacilhas, do Porto Brandão e da Trafaria, vem gente, aos magotes, acudindo ao mesmo tempo os bombeiros voluntarios de Cacilhas e municipaes de Almada que foram quem em primeiro logar atacaram o incendio conseguindo localisal-o até ás 5 horas.

A esto tempo chegaram de Lisboa pessoal e material dos bombeiros municipaes de Lisboa que mais cedo não foram porque era preciso cumprirem-se umas certas formalidades, termos de responsabilidades, pagamentos e transportes que a camara de Almada áquella hora não podia resolver, tendo a direcção da fabrica de, por tudo isso, se responsabilisar.

Chegaram tambem ao local por essa occasião duas bombas do Arsenal de Marinha, uma das quaes a meia tarde não pôde mais funccionar por se lhe ter rebentado um tubo, mas trabalhando a outra com seis agulhetas.

Como, lastimavelmente, do commando dos bombeiros municipaes de Lisboa, não tivesse sido feita communicação alguma para os voluntarios d'esta cidade, só tarde, e pelas noticias dos jornaes da manhã estes tiveram conhecimento do fogo partindo immediatamente para ali a terceira secção dos voluntarios de Lisboa e a primeira dos voluntarios lisbonenses que trabalharam sob as ordens do chefe da 1.ª secção Ricardo Fernandes Esteves, e todos subordinados ao chefe da divisão dos municipaes de Lisboa, Carvalho e ao chefe de secção, Marcellino.

Trabalharam ao todo, além do pessoal da casa, vinte e quatro agulhetas, começando o rescaldo já passava do meio dia, e só devendo terminar talvez amanhã á tarde, talvez de madrugada, visto que ainda é preciso levantar todo a saccaria em rescaldo.

O pessoal da Cruz Vermelha que compareceu, prestou optimos serviços visto ter havido bastantes ferimentos.

Ao contrario tambem do que se affirmou não compareceram forças da marinha nem da guarda republicana, sendo o serviço da policia feito pelos empregados da fabrica e pela policia de Almada. Os prejuizos da fabrica são calculados em cerca de cem contos, estando aquella segura nas companhias Fenix, Guardian, Ultramarina e Commercio e Industria, approximadamente em 320 contos.

Quando as primeiras pessoas que acudiram ao fogo, vindas do Pragal e de Almada, galgaram um commoro alto para um dos corredores da fabrica, abateu uma parte da parede do edificio incendiado, estabelecendo-se por essa occasião grande panico, havendo gritos e correrias. Serenados um pouco os animos viu-se que havia tres pessoas feridas; duas d'ellas gravemente. Antonio Madeira, do Pragal, ferido na cara e com uma enorme brecha na cabeça e Antonio Teixeira «o Paio», que ficou ferido no rosto e com luxação na perna direita. O outro individuo ferido por esta occasião foi o guarda da fabrica n.º 208 Virgilio David com ligeiras escoriações.

Durante os trabalhos do ataque houve ainda outros ferimentos de pequena importancia e que foram:

Antonio Madeira Coelho, ferido no pé direito; Carlos Gomes Fróes, na mão esquerda e perna direita; João Francisco da Costa, bombeiro, n'um joelho; Aljuto do Nascimento, bombeiro, na perna esquerda; Manuel Joaquim, na perna direita; Augusto Correia, bombeiro, no tronco; Antonio Marques, bombeiro, na perna esquerda; Antonio dos Santos Fonseca, bombeiro, na coxa esquerda; José Peres Gonçalves, no dedo indicador da mão esquerda; Orlando dos Santos, com fractura de costellas; Joaquim Francisco, na mão direita; Antonio Monteiro, na cabeça; Madeira, bombeiro municipal de Lisboa, nos dedos da mão direita; João Almeida, bombeiro 98, municipaes de Lisboa, n'um dedo da mão direita; e Raul Americo Simões, n.º 266, idem.

Pelos cerros proximos era enorme a quantidade de gente que durante o dia, aos grupos, assistia aos trabalhos de extincção.

Como felizmente o incendio se limitou só aos armazens, não attingindo os machinismos, a direcção da fabrica espera recomeçar a laboração dentro em dois dias.

A questão das subsistencias

Em Aldegallega

Por ordem do administrador do concelho, sr. Carlos Abrantes, entrou hontem em vigor em Aldegallega a tabella que regula o preço do pão, do peixe, da carne e dos ovos. Quanto á tabella do pão, os industriaes allegam que não a podem cumprir por ser exagerada e não estar em harmonia com a tabella que vigora em Lisboa. A que regula o preço do peixe é egual á de Lisboa no que diz respeito á sardinha, carapau e sarda, sendo a tainha vendida a kilo.

A tabella foi mal recebida por parte dos negociantes, tendo havido hontem alguns conflictos e sendo multado um dos negociantes que a não respeitavam.

A força da guarda fiscal e a da guarda republicana teem fiscalisado o seu cumprimento. O peixe meúdo tem desapparecido, dizendo-se que vae para localidades onde a tabella ainda não vigora. Os animos andam um tanto exaltados, receando-se que se deem acontecimentos graves.

ECHOS & NOTICIAS

INFORMAÇÕES—COMMUNICADOS

NOTAS MUNDANAS

Está em Carcavellos o sr. dr. Francisco Bernardo Bruto da Costa, tenente-medico.

—Regressou da Curia á sua casa em Castello Branco o sr. José Morão.

—Para Valladolid, onde vão assistir ás corridas de touros que ali se realisam em 23 e 24 do corrente, com Gallo, Gaona e Belmonte, partiram hoje os srs. Guilherme Pereira, João Alberto Xisto, Victor Caratão, Ignacio Pereira, José Soares e Alvaro Lima.

FERREIRA MARTINS

Deu-nos hoje a honra da sua visita o sr. J. Ferreira Martins, distincto director da Imprensa Nacional de Goa, e erudito traductor para portuguez de alguns dos mais notaveis poemas indus.

Concurso de tiro

Começam no domingo os treinos para a grande prova nacional

Começam no proximo domingo, na carreira de tiro de Pedrouços, os treinos livres dos concorrentes á prova nacional de tiro, um dos numeros do programma commemorativo do anniversario da Republica. O plano do concurso, que foi organisado pelo director d'aquelle estabelecimento militar, sr. Ducla Soares, permitte a entrada no torneio a todo o cidadão que, até hoje, não tenha pegado n'uma arma. Para ficar habilitado a tomar parte no concurso e a no momento proprio poder cumprir convenientemente os seus deveres de cidadão, apto a defender a Patria, basta-lhe adquirir a sua caderneta de atirador e frequentar desde já a carreira de tiro, onde actualmente se reunem muitos civis recebendo a necessaria instrucção.

Por occasião das grandes provas são esperadas na capital delegações de todos os regimentos e atiradores civis de varias aggremiações da especialidade no paiz.

Por estes dias serão expostos, em estabelecimentos commerciaes da Baixa, os premios destinados aos vencedores do certamen, em numero superior a 150 e que se encontram na bibliotheca de infanteria, no Arsenal de marinha.

Entre os valiosos premios, figuram as taças de prata offerecidas pelo sr. Theophilo Braga, ministerio da guerra, conde de Fontalva, Sociedade de Propaganda, carreira do tiro de Braga, Companhia Hymalaite; salvas de prata offerecidas pela carreira de tiro de Villa do Conde, Ourivesaria Oliveira; alfinete de manta, barrete phrigio, diamantes e rubis, do sr. Xavier de Carvalho, estojos de «toilette», relogios de ouro e prata, malas de viagem, bicicletas, medalhas de ouro, cigarreiras de prata, e outros objectos de preço e utilidade.

Revolução de 14 de Maio

Pensões ás familias dos mortos e invalidos

O Diario do Governo publicou hoje o seguinte decreto:

Artigo 1.º A todas as familias pobres de cidadãos mortos na revolução de 14 de maio de 1915 é instituida pela Assistencia Publica a pensão de 180$ annuaes.

§ 1.º As familias pobres de todos aquelles que, por effeito de ferimentos recebidos ou de lesões adquiridas na mesma revolução, hajam morrido depois ou venham a morrer, terão tambem direito aquella pensão.

§ 2.º Estas pensões apenas podem ser abonadas a viuvas, emquanto n'este estado se conservarem, aos ascendentes do fallecido, dos quaes elle fosse amparo e aos filhos menores, em partes eguaes.

Art. 2.º A todos os cidadãos que em defesa da Republica da Constituição n'essa revolução se hajam tornado invalidos e que não tenham outros meios de subsistencia, o governo fixará uma pensão vitalicia, que poderá variar até 180$.

Art. 3.º As restantes victimas da revolução serão soccorridas, dentro dos meios ordinarios, pela Assistencia Publica, da qual ficam dependentes os serviços que em virtude d'esta lei houverem de crear-se.

Art. 4.º A todos os invalidos e familias dos cidadãos mortos na revolução de 5 de outubro que não recebam subsidio ou pensão do Estado ou de qualquer instituição particular serão garantidos os direitos consignados nos artigos anteriores. Se o soccorro ou pensão fôr inferior á verba n'esses artigos fixada, o Estado lhes estabelecerá pensão ou subsidio egual á differença.

Art. 5.º O governo fica auctorisado a reforçar a verba da Assistencia Publica, para o cumprimento d'esta lei, com a quantia de 50:000$.

§ unico. O governo inscreverá annualmente no orçamento a verba necessaria para o cumprimento d'esta lei.

Partido socialista

Uma moção de apoio ao governo na questão das subsistencias

A Confederação regional do sul do partido socialista, na sua reunião de hontem, tratou de um assumpto de politica internacional, resolvendo chamar para elle a intervenção do Conselho Central junto dos socialistas hespanhoes, deliberou fazer-se representar na festa do anniversario do Centro Socialista Paz e Liberdade, do Porto, tratou do congresso nacional a realisar na Covilhã e approvou a seguinte moção, apresentada pelo sr. José Custodio da Silva:

«Considerando que a questão da carestia da vida ainda não está solucionada;

Considerando que até á data se tem encontrado pouca viabilidade de solucionar esta questão;

Considerando que a carestia da vida é provocada, quasi na sua totalidade, pelos açambarcadores dos generos de primeira necessidade;

Considerando que o povo trabalhador não pode nem deve continuar á mercê dos mesmos açambarcadores;

Considerando que actualmente ao poder executivo compete tomar todas as providencias em favor do povo trabalhador;

A Confederação socialista da região do sul apoia todas as medidas energicas promulgadas pelo poder executivo, quando venham de maneira a favorecer o povo trabalhador.»

A Confederação reune extraordinariamente na segunda-feira.

ULTIMA HORA

MARINHA E GUARDA REPUBLICANA

O jantar de confraternisação de ámanhã

Os quarteis da guarda enfeitados para receber os seus hospedes

Realisando uma ideia, que de ha muito vinham acariciando, uma bella ideia de confraternisação militar e solidariedade republicana, as praças da guarda nacional republicana de Lisboa, offerecem ámanhã um jantar ás praças da armada. Noventa praças do batalhão de marinheiros e navios da divisão naval serão recebidas nos nove quarteis da guarda pelos seus camaradas, que já hoje andavam azafamados com os preparativos da refeição.

Por toda a parte onde estão alojados os esquadrões e as companhias da guarda republicana se notava hoje um ar festivo.

Limpezas externas, caiações, lavagens, carros com vasos de plantas, bandeiras, feixes d'armas, flôres, foi o que vimos por todos os quarteis. Emquanto umas praças se encarregavam dos arranjos externos, outros entregavam-se, com affeiçoamento do que as cercava, á agradavel tarefa de decorações internas; outros preparavam os discursos com que ámanhã saudarão os companheiros d'armas e seus hospedes.

No quartel do esquadrão do Cabeço de Bola, o refeitorio está elegantemente ornamentado, com artigos militares, dispostos com gosto e arte. Na parede do fundo vê-se, feitas com bridões, «2.º E.», e por cima, feitas com prisões de cabrestilho, «G. N. R.»; por baixo o escudo nacional, e o todo emmoldurado em duas largas palmas verdejantes.

Pelas paredes tropheus armados com «shall-á-bracks», espadas carabinas, clarins e bandeiras e nos intervallos quadros hippicos.

Sobre as mesas de marmore grandes vasos da faiança nacional com plantas ornamentaes e jarras com flôres. Communicando com o quartel do Cabeço de Bola fica o da companhia de Santa Barbara; ahi reina a mesma animação. No refeitorio, pendem do tecto suspensões com plantas. na parede do topo destaca-se um busto da Republica sobre bandeiras nacionaes, e por cima o escudo portuguez, tendo como legenda o verso de Camões. «Esta é a patria minha amada». Pelas restantes paredes quadros e flôres; sobre as mesas vasos de plantas ornamentaes e jarros com flôres.

Para estas duas unidades o jantar é cosinhado no quartel da companhia, e constará de sopa de massa com gallinha desfeita, coelho com arroz, carne de porco assada com batatas, azeitonas, fructos, dôces, vinho de pasto e do Porto.

No quartel da companhia dos Loyos, o refeitorio está enfeitado com grinaldas de papel de varias côres que pendem do fecho da abobada sobre os rins; as mezas estão dispostas em forma de ferradura, e sobre ellas plantas ornamentaes e jarras com flôres. No fecho d'um arco que corta o refeitorio lê-se: «Salvé marinheiros portuguezes!» Ao fundo o retrato do 1.º presidente da Republica portugueza entre palmas e bandeiras. N'este quartel o jantar constará de canja de gallinha, peixe frito, carne assada, azeitonas, fructas, pasteis, vinho de pasto e do Porto. Espera-se que a banda d'infantaria 16 vá tocar durante a refeição.

As praças da companhia offerecerão aos seus hospedes um ramo de flôres com um laço de fitas de seda com as côres nacionaes em que se lê em lettras d'ouro: «A' gloriosa corporação da armada, offerece a 1.ª companhia do 2.º batalhão da guarda republicana, 23-9-15».

Na companhia dos Paulistas, onde a decoração não estava ainda concluida, será esta feita com os retratos dos homens notaveis da Republica, enquadrados em palmas, pelas paredes, e nas mezas com pequenas bandeirinhas nacionaes e das nações alliadas profusamente espalhadas por entre jarras de flôres.

Aqui o jantar constará de sopa de massa com grão e cenoura, cosido á portugueza com arroz e hortaliça, carne de porco assada com batatas, azeitonas, fructos verdes e seccos, biscoitos e vinhos do pasto e do Porto.

Na companhia da Estrella o facto de se encontrar em obras o quartel impede que se proceda a quaesquer ornamentações. Apenas a mesa do refeitorio estava enfeitada com plantas ornamentaes e flôres. O jantar constará de sopa de massa com feijão branco e batatas, coelho guisado, carne de porco assada e feijão verde, azeitonas, fructas, doces, vinho de pasto e do Porto.

No esquadrão d'Alcantara, as más condições e o acanhado do quartel obrigam a servir o jantar na caserna, da qual uma parte foi isolada, ficando ornamentada pelas paredes com «shall-á-bracks», espadas, carabinas, bandeiras, remos e cortas.

No quartel da companhia d'Alcantara a ornamentação foi muito cuidada; ali o aspecto não póde ser mais festivo. Pelas paredes trofeus variadissimos em que figuram tambem artigos nauticos, como remos, boias de salvação, etc., enquadrando escudos em que se lê as duas datas celebres da Republica: 5—10—910 e 14—5—915. Na parede mais larga sobe um busto da Republica que resalta d'um trofeu de bandeiras e palmas, vê-se, feita com cartuchos Kropatschek a legenda «Viva a Marinha».

Por todas as paredes tropheus feitos com espingardas, sabres, e requintas. Um d'elles é historico. Como se lê n'uma placa de prata que o ornamenta, foi offerecido pela columna de marinheiros expedicionaria d'Angola de 1914, ao cabo de corneteiros de marinha. Singela e tocante homenagem ao humilde mas valente marinheiro que então o usava.

Como reposteiros e cortinas pendem das portas e janellas bandeiras nacionaes, inglezas e francezas, e sobre a porta que dá para a cozinha vê-se o escudo nacional, tendo em baixo a legenda: «Esta é a patria minha amada—5-X-910», cercada de palmas. Na mesa e nos cantos do refeitorio muitos vasos de plantas, e flôres. A cozinha está tambem guarnecida de palmas.

O jantar que vae também para o esquadrão, constará de sopa de massa com feijão branco, bifes com batatas, carne de porco assada, fructas, arroz doce, vinho de pasto e do Porto. Durante a refeição tocará a banda de marinheiros, esperando-se a visita do commandante da divisão naval.

Os officiaes das differentes unidades da guarda irão, á sobremeza, brindar pelos bravos marinheiros seus hospedes, tendo o commandante do esquadrão d'Alcantara tenção de n'esse momento offerecer aos que forem recebidos pelas suas praças uma taça de champagne.

Em alguns dos quarteis as praças que estão desarranchadas por terem familias, arrancharam ámanhã para assim honrarem os hospedes.

A melhoria do rancho, que será destribuido em todos os quarteis ás 16 horas, é feita á expensas dos conselhos administrativos eventuaes das respectivas unidades.

A grande guerra

A lucta na França e na Belgica

PARIS, 23.—Communicado official das 15 horas:

Na Belgica houve canhoneio assaz intenso na região de Boesinge. Nos sectores de Arras e Agny viva fuzilaria durante a noite, a qual provocou d'uma e d'outra parte violentas descargas de artilharia.

Entre o Somme e o Oise bombardeamento intermittente nas regiões de Armancourt, Dancour e Lo Loge. Acções de artilharia ao norte do campo de Châlons, entre o Aisne e a Argonne e na Lorena, nos arredores de Reillon court, Xouss e Leintrey.

Os nossos aviões bombardearam efficazmente os acampamentos inimigos em Middlekerke e um comboio entre as cidades de Drige e Thuin. Um grupo de 8 aviões bombardeou efficazmente a gare de Conslans, situada na linha Verdun-Metz.—(Havas).

NOTAS DIVERSAS

—O sr. Levy Bensabat foi hoje, em nome do sr. presidente da Republica, apresentar os pezames á familia do major sr. Pala.

A commissão de separação dos funccionarios do ministerio da marinha entregou em 27 de agosto findo o relatorio com a relação dos funccionarios que em seu entender devem ser affectados, sendo seis officiaes de varias patentes e dois contra-mestres.

—O cruzador «Vasco da Gama» entrou hoje na doca da Rocha do Conde d'Obidos, a fim de limpar o fundo.

—No ministerio do fomento e sob a presidencia do respectivo ministro reuniram hoje os delegados dos syndicatos agricolas do sul e os lavradores a fim de tratar da questão dos adubos e da questão cerealifera.

—Uma commissão da Associação de classe de torneiros de metal canalisadores de agua e gaz e artes annexas foi hoje ao ministerio da guerra agradecer ao ministro, por ter sido dado trabalho na fabrica de material de guerra á classe que se encontra em litigio com os patrões por estes não quererem cumprir a lei do horario de trabalho. Foi recebido pelo chefe do gabinete.

Jayme Serra

O «Diario do Governo» publica hoje o despacho, nomeando, por concurso, 1.º official da Caixa Geral de Depositos, o nosso presado amigo sr. Jayme Serra. E' uma nomeação acertada, pois recae n'um funccionario distincto e cuja intelligencia e zelo veem sendo comprovados em mais de vinte annos de serviço publico.

Governador de Moçambique

Foi á ultima assignatura o decreto nomeando o sr. Alvaro Xavier de Castro para o cargo de governador geral da provincia de Moçambique.

Navios inglezes

A' vista do Cabo Carvoeiro e navegando para o norte passaram hoje os transportes inglezes da Cruz Vermelha «Asturias» e «Oxfordshire».

Novidade postal

No fim do corrente mez vae ser posto em circulação por todo o paiz um novo processo de correspondencia postal que constitue uma innovação no nosso meio, introduzida pela empreza Martins, Moraes & C.ª Ld. da rua de S. Julião, 34, 1.º Propõe-se essa empreza acabar de vez com o uso da correspondencia devassada dos bilhetes postaes vulgares, fornecendo ao publico, pelo preço d'aquelles, uma «carta-postal secreta», convenientemente estampilhada, com o sello de 25 na casa da Moeda.

Como chegou a empreza a tornar possivel realisar o milagre de vender só por 1/2 réis quando tudo sobe de preço, em vez de baratear? Ligando a propaganda commercial á sua iniciativa, isto é, inserindo n'uma parte minima d'essa correspondencia o annuncio de estabelecimentos commerciaes e industriaes.

A carta postal secreta tem a apparencia d'uma carta vulgar, sendo o sobrescripto das dimensões usuaes. Quando se abre apresenta um espaço em branco, optimo papel, destinado á correspondencia, espaço equivalente ao de tres postaes commums. A parte reservada á propaganda commercial é a margem lateral de ambos os lados.

As cartas postaes secretas são executadas nas officinas do Annuario Commercial e que é uma garantia do primor artistico.

Joffre e a maçonaria

No anniversario da batalha do Marne, o Grande Oriente Lusitano enviou ao generalissimo Joffre a seguinte mensagem:

«General e Muito Poderoso Irmão:—O Grande Oriente Lusitano Unido, associando-se á homenagem, ou melhor, á apotheose que o Grande Oriente de França vos rendeu, em termos tão justos e tão calorosos, cumpre um dever de honra affirmando-vos que a Maçonaria Portugueza está comvosco em pensamento. Ella confia plenamente em vós. A causa que tão nobremente e tão valentemente defendeis, é a causa da Maçonaria, o que tanto vale dizer, a causa da Liberdade e da Justiça.

Representaes a victoria. Encarnaes o espirito de civilisação triumphante. A historia, é certo, regista os nomes de generaes famosos, mas nenhum ainda vos ultrapassou, no ponto de vista scientifico e humanitario. Pelos nossos sentimentos, pelos nossos interesses, pela nossa raça, estamos ao lado da França, isto é ao lado dos alliados. Tendes direito a nossa solidariedade, assim como tambem ha muito vos impozestes á gratidão de todos os que pensam que a barbaria é incompativel com os progressos do seculo XX.—O Grão Mestre, S. de Magalhães Lima».

Sport

União dos Escoteiros Vigilantes

Com o titulo acima acaba de formar-se um grupo cujo fim é o desenvolvimento do escotismo. A direcção ficou assim constituida: Presidente, Estevão Duarte, secretario, Miguel da Piedade; thesoureiro, A. N. Silva. Escoteiro chefe, E. Duarte; ajudante, F. L. Fernandes. Todas as informações se dão na rua de S. Julião, 110, 2.º, das 13 ás 15 horas.

Um match de Water-polo

E' no proximo dia 26 ás 17 horas que em frente do Club Naval se realisa o match de desempate entre o Club Naval de Lisboa e o Club Internacional de Football. Este desafio, que está despertando grande interesse no nosso publico por ser um dos mais importantes da epocha em que se disputa o titulo de campeão de Portugal, será precedido por um «friendly match» entre os 2.os teams do Sport Algés e Dafundo e Club Naval de Lisboa.

A ideia que o Club Naval tinha da organisação de um torneio de 2.os teams foi posta de parte, porque apenas se inscreveu o Sport Algés e Dafundo, um dos grupos mais novos e que tão brilhantemente tem figurado em todas as provas que se teem organisado.

O desafio de 1.os teams será arbitrado por Bossoni Bastos, do Sport Algés e o de 2.os teams por Ryder da Costa, do Club Naval.

A direcção resolveu abrir as suas portas ao publico para que de perto possa assistir ao desafio de water-polo mais sensacional que se tem jogado em Portugal.

Grupo que revive

Uma commissão de devotados socios fundadores do centro Sport Grupo, composto unicamente por socios da S. I. M. P. n.º 5, querendo reorganisar este centro de propaganda sportiva e pratica dos seus ramos, instructiva e intellectual, que as ultimas direcções levaram á decadencia moral e financeira, convida os ex-socios a reunirem em sessão magna para se deliberar sobre a sua reorganisação, na rua do Mundo, 81, 2.º, pelas 21,30 horas do dia 24 do corrente, sexta feira. Assignam a convocação, p. a commissão—José Leite de Sousa Azevedo, Mario Lopes de Azevedo, Antonio Martins e J. D. Barros Junior.

Visita á Escola Naval e ao hospital da marinha

O sr. presidente do ministerio e ministro da marinha foi hoje, acompanhado do chefe do seu gabinete, capitão tenente sr. Oliveira Muzanty, e ajudantes 1.º tenente sr. Vilarinho e 2.º tenente sr. Pontes, visitar a Escola Naval, sendo ali recebido pelo sub-director, contra-almirante sr. Braz d'Oliveira, corpo docente e de mais officiaes em serviço.

A visita foi demorada, apreciando muito o sr. dr. José de Castro o museu e elogiando o director e professores pela fórma como é dirigido aquelle estabelecimento.

O sr. dr. José de Castro seguiu depois para o hospital da marinha, onde era aguardado pelo director, capitão de fragata medico sr. Simões, e medicos de serviço.

Após as apresentações, seguiu-se a visita a todas as dependencias, enfermarias, laboratorio, dependencia de doenças infecciosas e novas salas de operações, que disse serem as melhores do paiz.

O sr. presidente do ministerio prometteu tomar na devida conta os pedidos feitos pelo director do hospital para os melhorar os serviços.

Porto á "A Capital"

Serviço telegraphico e telephonico

Ministro da guerra

O sr. Norton de Mattos, que anda visitando as escolas de repetição, esteve hoje no quartel general, vindo de Oliveira d'Azemeis e seguindo ás 15 ... para o norte.

A gréve dos mineiros de S. Pedro da Cova

Parece tender a aggravar-se a gréve dos mineiros das minas de carvão de S. Pedro da Cova, tendo seguido esta tarde para ali uma nova força de infanteria da guarda republicana sob o commando d'um capitão e outra de cavallaria da mesma guarda sob o d'um tenente.

THEATROS

No theatro Variedades, ás calçadas da Estrella, realisa-se amanhã a festa artistica da novel actriz Judith Maggioli, subindo á scena pela primeira vez o episodio dramatico em 1 acto «Heroina belga», original de Basilio Murillo e Gervasio Leal.

PARTE COMMERCIAL

Situação da praça

CAMBIOS.—O mercado fechou ás seguintes cotações:

	Compra	Venda
Londres, cheque	35 3/16	35 5/16
Londres, 90 d/v.	35 13/16	—
Paris, cheque	$74,2	$74,8
Allemanha, cheque	$20,5	$20,5
Hollanda, cheque	$46,8	$50,4
Madrid, cheque	1$37	1$66
New York	1$44	1$46
Rio/Londres	12 1/8	—
Libras	7$00	7$10
Agio do ouro	41 %	37 %

BOLSA — As inscripções effectuaram-se:

	Assent.	Coup.
Titulos de 1.000$	40,00	39,75
» » 500$	—	—
» » 100$	—	—

Obrigações do Estado: 3 %, 1905, ...; 4 %, 1888, 21$70.

Externas. 1.ª serie 74$ e 3.ª 74$80.

Acções: Ultramarino, assent. 148$50; Aguas 90$; Companhia Nacional de Caminhos de Ferro 40$10; Phosphoros, coup. 56$70; Sociedade de Agricultura Colonial 100$.

Obrigações: Assucar 41$20.

SPORT

Tempos de ha poucos annos: tempos de agora

S' de «Málingua», o misterioso chronista sportivo de que ainda ninguem desvendou o misterio, este curioso pedaço de prosa:

. . . .

Emquanto a imprensa sustentou os clubs, viu-se n'uma aurea nova surgirem triumphantes, o Internacional, o Sporting, o Bemfica, Lisboa, os Jogos Olimpicos, etc. A embriaguez do poder fez nascer vaidades. Sentiram-se demasiadamente senhores d'uma situação que julgavam firme e... a imprensa teve que abandona-los, se não quiz ser expulsa do meio que havia criado. A sua dignidade impoz-lhe essa conducta. E' triste confessa-lo mas mais uma vez a humanidade não quiz desmentir a sua ingratidão. E o que aconteceu? Hoje o Internacional é um club de batota. O disco foi substituido pela carta. O alto da barreira pelo salto no valete. A «equipe» gloriosa d'outros tempos, por «pontos» corriqueiros, as corridas, por uma corrida em pelo quando o «azar é manifesto. Ao Sporting contaminou-se em parte essa doença. Os seus cofres, bem como os do Bemfica teem uma abundancia exaggerada de ar, e o esplendor d'outros tempos deces e olhos vistos. Os Jogos Olimpicos estão nas trincheiras de Ypres. E' a decadencia. O principio do fim. Eis a verdade: Que tristeza!!

Poderão objectar-nos que ha verdades que se não dizem. Discordamos. Demais nos calamos. E' necessario agora, e já quanto antes mostrar o perigo para evitar a derrocada completa. Escolho estas linhas dedicadas a um propagandista para falar assim. E agora duas palavras ainda para concluir o moral da fabula. Ha dias visitámos a Amadora. Contavamos uma ausencia de seis annos. Viemos de lá consoladissimos. Maravilhou-nos o que pode a iniciativa particular, apoiada na imprensa. A villasinha d'outros tempos transformou-se n'um prospero centro cheio de vida e força. Respira-se alegria. E dizer que aquillo era a Porcalhota! Pelo remoto do nome dir-se-hia que o adagio prevalece—nos pantanos nascem as mais bonitas flores.—Eu vim de lá cheio de illusões, e cheguei a Lisboa... cheio de carvão do tunel!»

Não resta duvida, que no descriptiva d'este quadro da «epocha» presente ha muita verdade.

Notas do dia

Terras que progridem...

O sport deu á Praia das Maçãs, no dia 5 d'este mez, uma bella festa sportiva. Do seu exito compartilhou a Amadora porque alguns dos seus melhores elementos de propaganda foram ali collaborar, cooperar o trabalhar.

O certo é que d'esse impulso se originou na linda praia um movimento intensivo em seu beneficio.

Constituiu-se a Liga dos Amigos da Praia presidida pela veneranda figura do dr. Magalhães Lima e onde manifestam a sua actividade os srs. Innocencio Camacho, Bento Costa, Garcia de Castro e Santos Mattos, sempre praticos, Ludgero Gomes da Silva e Augusto Tavares, sempre generosos, Arthur Alegue, Alfredo Braga, Victor Asselmo, sempre delligentes, tenente Santos Costa, dr. Virgilio Horta, Julio Cardona e Angelo d'Oliveira, eternamente solicitos. Ora essa Liga trabalha e vae transformar a localidade, occorrendo primeiro ás suas necessidades instantes, como a de beneficiação da praia, seu abastecimento de agua, higienisação de esgotos e melhoria de estradas.

Todo este trabalho benemerito e de puro patriotismo, se deve, inicialmente ao sport.

E' que foi uma festa infantil de athletismo que reuniu todos estes elementos de trabalho e que approximou a Amadora, terra de evidente progresso da Praia das Maçãs, terra que deseja progredir.

Agora, alguns elementos da Liga, com Garcia de Castro, Bento Costa, Alegue, Braga, Asselmo e o dr. José Pontes, ainda com a presidencia de Magalhães Lima e com o auxilio efficaz dos irrequietos Recreios da Amadora, pensaram em nova diversão.

Está marcada para a noite do proximo sabbado, no «rink» de patinagem da Praia, amplo para todos os exercicios e até para um baile, que se seguirá a uma linda sessão cinematographica ao ar livre e um concerto musical pela banda de Almoçageme, que tem fama na região.

O «rink» vae ser profuse e artisticamente illuminado, segundo o promettimento feito aos organisadores pela direcção da companhia Cintra ao Atlantico, que tambem anda activamente empenhada em beneficiar a região.

energia dos srs. Mario de Noronha e Henrique de Sousa. E' possivel que o nosso camarada de redacção dr. José Pontes, abra a festa com uma conferencia sobre *sport*.

Nova festa na Amadora

No sabbado 2 de outubro, effectua-se no rink de patinagem dos Recreios Desportivos da Amadora, uma festa com sessão solemne de distribuição de premios aos vencedores do ultimo *gymkhana* sportivo e do campeonato de tennis. A festa terminou com um baile.

Concurso hippico no Estoril

E' nos dias 9, 10 e 14 do proximo mez que se effectua no parque «Estoril» o grande concurso hippico internacional. Os premios são n'um total de 2:300 esc.

Uma nova regata de vela

O Club Naval não cessa na propaganda dos excellentes exercicios que fazem parte do seu vasto programma. Se não bastasse as provas de natação para attestar de quanto o Club Naval tem trabalhado, tinhamos mais a importante regata de vela do dia 12 d'este mez, a melhor que nos ultimos annos se tem feito e cujo brilhantismo se deve aos esforços e proficiencia de Frederico Burney e D. José de Noronha, dois dos mais devotados amigos da vela.

Pois são ainda estes dois «carolas» da vela, a melhor garantia de uma boa organisação que vão levar a effeito no dia 26 d'este mez, na praia da Trafaria, uma regata, para o que já estão inscriptas muitas embarcações de amadores.

Terão assim os banhistas da Trafaria mais uma tarde bem passada devido ao Club Naval de Lisboa. Depois da regata, que começa ás 15 horas, haverá á noite uma esplendida soirée no Club Balnear da Trafaria, em honra dos concorrentes. Para o bom exito da regata basta dizer que a organisação é do Club Naval de Lisboa e que por ella estão empenhados Frederico Burney e D. José de Noronha, d'este Club, e Bissau e capitão Miranda, da Trafaria.

Os 30 kilometros do Sport Club Progresso

Realisou-se a prova cyclista de 30 kilometros que este Club tinha annunciado. O resultado da prova foi o seguinte:—1.º premio, medalha de ouro conferida ao sr. Joaquim Raposo, que gastou no percurso 1 hora e 4 m.; 2.º premio, medalha de vermeil, conferida ao sr. Joaquim Dias Mein, que gastou no percurso 1 hora 7 m. 30 s. e em 3.º logar, o sr. João Ferreira que gastou no percurso 1 hora e 18 s.

Esta prova não teve o brilhantismo que este Club desejava, devido á falta de comparencia de uns e desclassificao d'outros.

Algumas anecdotas

Uma discussão phisiologica

A proposito da insufficiencia de provas para o annunciado concurso de inspector de gymnastica, a que já nos referimos largamente e a que ainda nos havemos de referir, conforme tempo e opportunidade, travou-se ha dias, n'uma carruagem de segunda classe de um comboio da Cascaes uma discussão phisiologica:

—Ora meu amigo fique sabendo que o animal quanto mais pequeno, mais forte é. Uma formiga vale mais que o Padinha! Em proporção arrasta e levanta mais peso que cincoenta Padinhas juntos.

—«Mentira, mentira»—gritou do lado um rapaz que ó herculeo mas cujo intelecto nunca foi dado a estudos...

—Ora essa!...

—Sim senhor, isso é mentira!—gritava o rapaz um tanto zangado—E tu dizes isso para atazeres pouco da gente! Como és um esqueleto vingas-te na troça!... Então cincoenta formigas valem mais que o Padinha?

—Valem, sim...

—Vae dizer isso para outra terra!... Eu não sou o Padinha e lá em minha casa, ás vezes, mato mais de cem formigas juntas!...

Noticias

Uma festa na Trafaria

A'manhã, á noite, na Trafaria, realisa-se uma bella festa de *sport*, a cuja organisação não foram extranhos e activida-

Espectaculos

Cartaz de ámanhã

AVENIDA—A's 20,30, 21,45 e 23—Coração á larga.
POLITEAMA—A's 20,30 e 21,30—Não desfazendo... (Revista).
EDEN—A's 20,45 e 22,45—O diabo a quatro. (Revista).

Circos & Music-halls

SALÃO DA TRINDADE—A's 20 e 22—Companhia infantil—Filha da Annica.
ANIMATOGRAPHOS E CONCERTOS—Olimpia e Paradis, matinées diarias e sessões á noite; Central, Chiado Terrasse, Salão Foz, Rocio; Sociedade Promotora de Instrucção, em Alcantara, sessões ás quintas feiras, sabbados e domingos.
CINEMATOGRAPHOS OU ESPECTACULOS VARIADOS—Chantecler, Imperio, Salão Graça, na Caixa Economica Operaria, Variedades, na calçada da Estrella—A's 21,30—O diabo no convento.

Na Companhia do Gaz

Novo alarme

A's 11 horas de hoje houve novamente alarme na fabrica do gaz á Boa Vista. Uma violenta explosão n'uma fossa de 1,m50, existente proximo ao armazem da arrecadação, fez ir pelos ares alguns tampões de ferro, talvez de mais de meia tonelada de peso, provocando o terror no pessoal da fabrica e escriptorios, que fugiu espavorido para a rua. Todo o bairro se alvoroçou, havendo correrias gritos e protestos. Vinte minutos depois, desapparecido o panico, tudo voltou á normalidade.

PEQUENAS NOTICIAS

A banda da guarda republicana executa amanhã, na parada do quartel do Carmo, das 14 ás 15 1|2 horas, o seguinte programa: «Meridionale», marcha, Cagliào; «Carnaval romanos», ouverture, Berlioz; «Rapsodia em fá», Liszt; «Gioconda», selecção, Ponchielli; «Revoltosa», zarzuela, Chapi; «1812», ouverture, Tschaikowsky.

Conferencias

O sr. Matheus Roivo realisa amanhã, pelas 19 1|2 horas, na Associação dos corticeiros do Barreiro, uma conferencia subordinada ao thema: «O projecto de lei da Federação Corticeira».

Na Associação do Registo Civil realisa tambem amanhã, ás 21 horas, o sr. Antonio Maria Pereira de Lima uma conferencia sobre o thema: «Escolas Moveis e a sua utilidade no paiz.»

ALVITRES e RECLAMAÇÕES

Marinheiros expedicionarios que reclamam

Um grupo de praças de marinha que ha pouco regressaram do sul de Angola queixa-se do seguinte:

Quando em novembro de 1914 para ali partiram promettera-se-lhes que venceriam como fazendo parte da marinha colonial, ao abrigo do decreto n.º 991 n.º 2 do artigo 2.º da lei de 10 de julho de 1912. Tal, porém, não succedeu, apenas se lhes pagando o pret, a ração e 10 0|0. Nada mais. Já algumas d'essas praças teem requerido para lhes ser pago o resto, que de direito lhes pertence, mas esses requerimentos ainda não foram deferidos.

Pedem, por isso, que o sr. ministro das colonias os attenda, tanto mais que alguns veem em mau estado de saude, precisando do dinheiro para se tratarem, e ainda porque, sendo na maioria praças provisorias e reservistas, a junta lhes manda dar baixa de serviço.

Tambem lhes disseram que um dos fardamentos requisitados era á custa do Estado, sendo o outro á sua. Agora, porém, nas cadernetas apparecem-lhes carregados dois fardamentos completos de cotim, soffrendo por isso descontos que não acham justos. Pedem tambem que taes descontos cessem.

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

«Noções de processo penal»

Original do sr. dr. João Pedro de Sousa, constituindo um volume de 320 paginas, acaba de sahir este livro, em que, além do que diz respeito a processo penal, se encontra um formulario dos principaes actos do processo criminal e a collecção completa e cuidada das leis que sobre o assumpto teem sido publicadas até hoje.

E' um livro util a solicitadores e a todos os que lidam no fôro. A edição é feita pelo auctor.

Já não ha esquadra turca

Marselha, 17 de setembro

Um francez que durante muito tempo viveu em Constantinopla e agora chegou a Marselha no «Mousseoul» dá as seguintes informações acêrca das operações dos submarinos dos alliados nos estreitos:

«Nada já resta, mas absolutamente nada, da esquadra turca, nem no Mar Negro, nem no Bosphoro, nem no «Corne d'Or», nem no Mar de Marmara, a não ser o «Hamidieh», recentemente avariado por occasião do ultimo ataque dos turcos á embocadura do Bosphoro; porque no «Goeben» e no «Breslau», ambos fóra de combate, não vale a pena falar, nem tão pouco de alguns minusculos torpedeiros, que melhor diremos rebocadores armados, dos quaes a resistencia dentro em pouco estará annquilada.

A obra effectuada n'estes tres mezes pelos submarinos franco-inglezes, que entraram pelos estreitos de Marmara e foram lançar os seus torpedos até por baixo da ponte de Galata, tem sido valiosa e d'ella podemos orgulhar-nos.

Pode dizer-se que toda a esquadra turca desappareceu desde o «Barbaróxa» até aos ultimos antiquados navios de vela, os mahonas».

E quantos são os submarinos? A avaliar pelo terror que inspiram dir-se-ha que são cem; mas na verdade são muito menos. O que é certo é ter visto quem fez esta declaração quatro d'elles, por uma bella noite estrellada, navegando de conserva.

As tripulações, apezar da gravidade da missão que desempenham teem mantido a sua alegria caracteristica da raça e divertem-se largamente á custa das equipagens que atacam e cuja ignorancia os faz rir, embora na sua jovialidade guardem sempre uma perfeita correcção e tratem com a maior humanidade os turcos que aprisionam; são estes mesmos que o confessam.

Coliseu dos Recreios

A estreia da companhia de circo

Estão já em Lisboa quasi todos os artistas que constituem o programma de sabbado, para a inauguração da epocha do circo. Este anno o publico vae ter occasião de admirar as mais raras celebridades que ha no estrangeiro, e terá ensejo para as emoções fortes com o emocionante mimodrama «Vingança de feras», em que o celebre domador Marck e a sua troupe desempenham os papeis de um drama impressionante, cuja primeira parte se passa em quadros cinematographicos e a segunda com os leões em carne e osso, no palco, em lucta terrivel com o domador.

Movimento maritimo

Vigo, Fal. e Amster, «Frisia», (Brazil)	24
Maranhão, Ceará, etc. «Michaelis (Liv.)	24
Brazil e R. Prata, «Mosland» (Amst.)	25
Brazil e R. Prata, «Demna» (Liverp.)	26
Liverpool, «Lanfranc» (Pará)	27
Africa oriental, «Clan Rosov (Liverp.)	27

Monte-Pio Commercial e Industrial

(Associação de Soccorros Mutuos)

Em conformidade com o que determina o § unico do n.º 8.º do artigo 6.º dos estatutos, convido os senhores associados, numeros 107, 881, 602, 750, 738, 937, 979, 956, 964 e 1097 a virem regularisar a sua situação dentro do praso de quinze dias. Findo este praso, sem que o tenham feito, ser-lhes-ha applicada a penalidade estatuida.

Lisboa, 22 de setembro de 1915

O secretario da direcção
Adão Francisco Zambujo

«A Capital»
Vende-se nos Recreios Desportivos da Amadora.

co na Prussia oriental e nos Carpathos; podiam ser empregadas mais facilmente n'essa occasião, em que a lucta tomára um consideravel desenvolvimento e assumira um caracter defensivo e estacionario.

Logo que a approximação da queda de Przemysl trouxe a possibilidade d'uma offensiva russa nos Carpathos, novos reforços germanicos começaram a ir para o norte

Tenente M. E. Nasmith, commandante do submarino inglez «E 11»

da Hungria. A terra dos magyares tinha de ser defendida a todo o custo, mais ainda por motivos politicos do que estrategicos. A unica coisa que parecia ser sagrada aos alliados germanicos n'este mundo eram o solo e os lares das duas raças dominantes—os prussianos e os magyares.

Aos governos de Berlim, Vienna ou Budapest pouco importava que as terras das outras raças austriacas soffressem. Os refugiados da Galicia eram recebidos friamente pelos allemães de Vienna e expulsos da Hungria; as casas dos italianos no Trentino eram destruidas pelos exercitos germanicos «por razões estrategicas». Mas as raças dominantes, os prussianos e os magyares, tinham ataques de nervos se um soldado inimigo pizava o seu solo.

O major Morold, o conhecido correspondente militar da «Berliner Tageblatt», discute o aspecto politico da lucta nos Carpathos n'uma correspondencia publicada no dia 30 de março.

«Por parte da Russia—diz elle—razões politicas constituem um motivo importante para a escolha d'esta zona de batalha para uma acção decisiva.

O pensar de parte das classes superiores da Hungria, posso affirmal-o, segue essa orientação e a imprensa de Vienna expressa a mesma ideia. E' esta razão sufficiente para o commando superior do exercito se oppôr ao avanço dos russos na planicie da Hungria com todas as forças ao seu dispôr».

O «Pesti Hirlap», um importante jornal hungaro, n'um artigo publicado nos principios d'abril, discute a mesma questão, falando em linguagem clara e sem rodeios.

Diz o seu artigo de fundo:

«A Hungria não póde ser sacrificada á Austria e os interesses hungaros teem de ser tomados em linha de conta primeiramente do que tudo na situação creada pela invasão do nosso territorio pelo Russos».

Na mesma occasião, um correspondente hungaro do «Times» notava que a opinião publica em Budapest era unanime em dizer: «Caçaremos o velho emquanto a lucta fôr além das nossas fronteiras».

No dia 19 de março toda a frente de batalha nos Carpathos occupava ainda a parte norte, isto é, a Galicia, do lado das montanhas. Essas encostas iam tornar-se agora a principal area de batalha.

Uma differença, que é da maxima importancia sob o ponto de vista estrategico, existe entre a configuração das encostas norte dos Carpathos, centraes d'um lado e a das montanhas a leste da linha Gorlice-Bartfeld, a leste do Uzsok, e até mesmo nos do lado sul.

Emquanto no conjuncto de todas essas zonas os rios cortam estreitos valles que correm de norte para sul, os valles da maior parte dos rios e torrentes do lado norte na zona central, entre o Dukla e o

A segunda offensiva austro-allemã, que redobrou de violencia, começou nos Carpathos a 23 de janeiro. A sua força principal foi a principio dirigida contra os desfiladeiros a leste do Uzsok. De novo constituia uma séria ameaça ás linhas de communicação na retaguarda dos exercitos russos, mas em principios de março, pela retomada de Stanislawow, os russos dominavam por completo a situação e do que a principio os exercitos austriacos tinham conseguido occupar apenas lhes restava o valle do Pruth — a Bukovina e o recanto mais sudeste da Galicia, o districto em redor e ao sul de Kolomea.

Nos primeiros dias de março os exercitos germanicos encetaram uma desesperada tentativa para soccorrerem a fortaleza de Przemysl. Foi feita com forças muito consideraveis e com a maior energia. Os russos retiraram deante da avalanche de todos os desfiladeiros que haviam conservado em seu poder durante o segundo avanço germanico —janeiro e fevereiro— excepto do de Dukla.

A retirada executou-se, porém, em boa ordem e quando Przemysl cahiu as tropas germanicas estavam ainda a grande distancia da linha de caminho de ferro do sul, a chamada linha transversal. D'esse caminho de ferro, que corre atravez de Stanislawow, Stryj, Sambor, Sanok e Gorlice, os austriacos haviam-se apoderado d'um grande sector durante o seu avanço no começo de dezembro, mas tinham-no perdido no fim d'esse mesmo mez.

Durante o mez de março houve recrudescencia de lucta nos Carpathos. Primeiro, a actividade d'ambos os lados havia-se limitado ás principaes passagens e ás suas visinhanças. Gradualmente e á medida que novas tropas entravam em acção, a frente de batalha desenvolveu-se, tomando um caracter de maior continuidade.

Cada um dos contendores, recebendo novos reforços, tentava movimentos de flanco contra as posições do inimigo em determinados sectores, em redor d'uma passagem, d'uma estrada ou d'um caminho de ferro. Na frente occidental, á medida que cada um tentava flanquear o inimigo a linha de combate estendia-se mais e mais, até que por fim a batalha do Aisne se transformou n'uma batalha que ia das montanhas da Suissa ao mar do Norte.

A este processo de estender a linha no occidente corresponde nos Carpathos o de occupar as abertas entre as principaes posições nos sectores occidental e central da montanha: durante o mez de março a lucta pela posse dos desfiladeiros transformou-se em batalha pela de toda a montanha desde Konieczna até ao Uzsok e mesmo mais para leste, até ao desfiladeiro de Wyszkow.

As regiões nas proximidades dos desfiladeiros tinham no entretanto sido transformadas, d'ambos os lados, em fortalezas montezinas, muito difficeis de tomar por ataques de frente. Era natural que isso se tivesse dado, pois nos desfiladeiros tinha havido consideraveis trabalhos desde o principio de fevereiro sem mudança sensivel de posição. N'outras não houvera mudança alguma. Naturalmente por esse motivo algumas tentativas assumiram o caracter de movimentos envolventes, especialmente quando o tempo em março facilitou semelhantes operações. Não se imagine, porém, que taes movimentos eram faceis. Não se póde avaliar o que foi o trabalho nos montes Carpathos no principio da primavera.

O transporte de canhões e abastecimentos pelas encostas das montanhas era ainda um problema cuja solução requeria engenho e senso commum, paciencia e resistencia. Mas o frio não foi tão duradouro e tão intenso como fôra durante as primeiras batalhas nos desfiladeiros. Os commandantes russos resolveram aproveitar essa estação relativamente favoravel para recuperar o dominio da elevação dos Carpathos.

O communicado official russo da lucta dizia a tal respeito:

«Aos nossos exercitos, sahidos dos seus quarteis no dia 18 d'abril, foi commettida a missão de desenvolverem, antes do momento das estradas se tornarem intransitaveis pelo derretimento das neves, as nossas posições nos Carpathos, que dominam as passagens para a planicie hungara».

Logo que a queda de Przemysl se tornou em certeza, os russos, sem esperarem mais, assumiram a offensiva na fronte dos Carpathos. O seu principio póde dizer-se que foi a 19 de março. A conquista da cumiada da montanha e dos seus desfiladeiros era uma necessidade estrategica para elles, tendo-se as operações prolongado pela ultima parte da primavera e pelo principio do verão.

Se uma invasão da Hungria estava planeada, as portas tinham de ser abertas antes do periodo do derretimento das neves ter chegado ás montanhas; mas tambem, se se pensava n'uma offensiva contra o oeste, o flanco do sul tinha de ser dominado por completo. E esse dominio só podia assegural-o a posse de toda a cumiada dos Carpathos.

A offensiva tomada pelos exercitos germanicos nos primeiros dias de maio impediram qualquer ulterior desenvolvimento dos planos russos. E' caso para duvidar de que, se a retirada russa do Dujanec ■ do Biala tivesse sido executada pelo caminho por que o foi ultimamente, os austriacos pudessem conservar as suas posições avançadas nos Carpathos centraes, ao sul de Przemysl.

A linha das montanhas tinha nas phases iniciaes da retirada russa a mesma significação que a linha do Dniester depois do San ter sido desimpedido: cobria ■ flanco do exercito em retirada, circumscrevia o limite dos movimentos do inimigo e limitava-os a ataques de frente. Foi a conquista russa dos Carpathos que obrigou os allemães ■ dirigir para leste as forças que tinham accumulado e desenvolvido durante ■ inverno. O avanço russo nos Carpathos no começo da primavera auxiliou os alliados na fronte occidental, como já os auxiliara o avanço na Prussia oriental em setembro de 1914.

A posição nos Carpathos em meiados de março póde ser descripta como sendo de equilibrio instavel; os russos tinham ou de tomar uma offensiva ao longo de toda a linha ou de avançar para as suas ultimas posições avançadas nas montanhas. O seu posto avançado na Hungria, ao sul do Dukla, não tinha valor estrategico, excepto o ser o começo d'um avanço ao longo de toda a linha. Se não fosse desenvolvido, teria apenas exposto as tropas que o guarneciam a perigos desnecessarios. As condições para um avanço nos Carpathos eram excepcionalmente favoraveis para a Russia no principio da primavera.

Os germanicos attribuem em grande parte os seus successos á estrategia de caminhos de ferro, á sua superioridade de artilharia pezada e á sua abundancia de munições. Mas a artilharia pezada não póde ser empregada na lucta em montanhas e ainda menos no inverno e no principio da primavera; o seu transporte apresentava difficuldades insuperaveis. A estrategia de caminhos de ferro faz presuppôr uma escolha de frontes; mas no fim de março e em abril a condição das estradas e do terreno na Lithuania, Polonia e no Dujanec era tal que os russos não podiam ter o receio do perigo de qualquer ataque de surpreza, emquanto as suas forças principaes estivessem concentradas nos Carpathos. Assim, os exercitos germanicos eram obrigados a bater-se com os russos n'uma fronte limitada, sem poderem valer-se da superioridade da sua artilharia pezada.

Muita gente esperava grandes resultados da queda de Przemysl. Essa expectativa era devida a causas diversas. Se a guarnição d'aquella

fortaleza, calculada em absoluto, egualava pelo menos a de Metz em 1870, a sua força numerica valia pouco em comparação com a força total dos exercitos austro-allemães.

Indubitavelmente, para a estrategia da guerra, a importancia de Przemysl era realmente grande, mas era devido muito mais a dominar o systema galiciano de estradas e caminhos de ferro do que ao numero de tropas russas que o seu sitio retirava das operações activas.

Com Przemysl na retaguarda, nas mãos dos austriacos, os exercitos russos não podiam aventurar-se a tomar uma offensiva muito distante para oeste ou a atravessar os Carpathos e penetrarem na Hungria. Um revez como o soffrido no Biala e Dunajec nos primeiros dias de maio facilmente se transformaria n'uma catastrophe se Przemysl continuasse a ser uma barreira á sua principal linha de communicações e retirada. A queda d'essa fortaleza removia um sério obstaculo para operações mais distantes, mas não assegurava aos exercitos russos uma preponderancia numerica decisiva.

As tropas sitiantes sob ■ commando do general Selivanoff compunham-se apenas de quatro ou cinco corpos d'exercito. Parte d'ellas não eram exercitadas nas luctas de montanha. A sua artilharia consistia principalmente em peças de sitio. A cavallaria teve um papel importante, pois que o vasto perimetro de Przemysl exigiu ■ emprego de columnas moveis, que tinham de ser trazidas n'um curto espaço de tempo para qualquer ponto ameaçado por uma sortida dos sitiados.

Sendo transformada em infantaria, a cavallaria russa perdeu muito do seu valor, não só pela differença de exercitamento, mas ainda por causa de deficiencias de armamento e equipamento.

«Nos Carpathos—diz ■ communicado official russo de 17 d'abril—os regimentos de muitas divisões de cavallaria cederam os seus cavallos á artilharia e foram transformados em infantaria. Esses cavalleiros não teem bayonetas, que são por assim dizer indispensaveis, visto que a maior parte da lucta é corpo a corpo».

O exercito sitiante de Przemysl augmentou, pois, muito pouco a força dos exercitos russos que operavam nos Carpathos. Não temos meio de avaliar com exactidão a força dos exercitos austro-allemães que a esse tempo estavam nos Carpathos, mas grandes forças haviam sido concentradas no norte da Hungria durante os dois mezes que haviam precedido a queda d'aquella fortaleza, preparando-se para ir em seu soccorro.

A força assim concentrada subia, segundo todas as probabilidades, a cêrca de vinte corpos d'exercito e no começo de março o seu numero era provavelmente superior aos dos exercitos russos que se lhe oppunham sob ■ commando dos generaes Ivanoff, Radko Dmitrieff e Brusiloff. As forças austro-allemães na fronte dos Carpathos estavam divididas em cinco exercitos.

A linha do Dunajec e do Biala e os sopés dos Carpathos eram occupados pelo quarto exercito austriaco, sob o commando do archiduque José Fernando, consistindo pelo menos em dois corpos e meio do exercito austriaco e uma divisão allemã. Proximo d'elle, no seu flanco direito, estava ■ terceiro exercito austriaco, commandado pelo general von Boehm-Ermolli; o segundo exercito, commandado pelo general Borojevic von Bojna, operava na região dos Carpathos centraes, e o exercito allemão, sob ■ commando do general von Linsingen, na região a leste do Uzsok. Os valles superiores do Bystrzycas e o valle do Pruth eram occupados pelas tropas austriacas ■ do general barão von Pflanzer-Baltin.

Atraz d'esses exercitos estavam immensas reservas, que podiam ser dirigidas contra qualquer ponto ameaçado pelo avanço russo. Novas formações allemãs haviam feito a sua apparição em fevereiro e mar-

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 1845 — 6.º Anno

Direcção e propriedade de Manuel Guimarães
Editor—Camillo Sousa e Almeida
Redacção e Administração—R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA—Quinta-feira, 23 de Setembro de 1915

Telephone n.º 2298—Endereço teleg. CAPITAL
Composição—Rua do Norte, 5, 1.º
Officina de impressão—74, Rua da Bica, 74

Preço 1 centavo

Na espectativa

Insistimos na necessidade de, correspondendo ao inicio de uma nova era presidencial, se organisar n'este paiz um governo formado segundo as indicações constitucionaes e tendo á sua frente o homem que essas mesmas indicações constitucionaes, significando a vontade da maioria da nação portugueza, apontam para esse elevado cargo.

A verdade é que todas as classes se encontram, como a opinião, na espectativa da formação d'esse governo. Todas, tanto as mais altas como as mais humildes, tanto as que bafeja a fortuna como as que a miseria espreita, tanto as que se appellidam de conservadoras como as que se caracterisam pelas suas aspirações radicaes.

Um governo forte será a garantia da ordem e do futuro. Para uns elle representará a segurança de que a sociedade portugueza não continuará sujeita aos sobresaltos que a inquietam; para outros constituirá a certeza de que a Republica não deixará de caminhar n'um sentido progressivo, em que as reivindicações da mais pura democracia não necessitarão de affirmar-se pelos meios revolucionarios.

A espectativa é geral, porque é natural e logica. Dar-lhe uma decepção será um erro politico que porventura degenerará n'um crime social.

Agora mesmo o proletariado, que ha tanto tempo se affirma estar divorciado da Republica, de uma maneira franca e leal acaba de dar testemunho de confiança com que espera os grandes actos da Republica. A Confederação regional do sul do partido socialista approvou uma moção de apoio ao governo na questão das subsistencias, mas não se esqueceu de accentuar, em serios considerandos, que essa questão não está resolvida, que é preciso completar as medidas tomadas com outras providencias que representem a solução total do assumpto.

Ha uma espectativa, e essa espectativa, na sua apparente tranquillidade, é anciosa. Espera-se emfim que a Republica entre n'um caminho de realisações imprescindiveis, orientando a sua marcha por um caminho seguro e obedecendo, ao mesmo tempo, ao impulso de ideias sãs e á iniciativa de homens experimentados e activos.

N'uma palavra: o paiz espera que seja attendida a indicação formulada pelo suffragio do dia 13 de junho. O paiz espera que o sr. Affonso Costa, chefe do partido triumphante nas urnas, assuma o poder. O paiz espera o que é logico, necessario e urgente.

Elle viu as reivindicações principaes que geraram o movimento de 14 de maio ficarem sem cumprimento e não se resigna a que, ainda por cima, a expressão do seu voto não seja attendida. Ha situações que não se illudem, e esta é uma d'ellas.

A politica não se evade á logica. Pode caminhar para os fins que ella determina seguindo uma curva mais ou menos prolongada, mas tem necessariamente de lá chegar. Todos os esforços ou todos os retrahimentos em contrario de nada servirão.

Os partidos e os homens publicos, assim como teem o direito de apellar para as sanções nacionaes, tambem teem o dever de lhes obedecer sem tergiversações. A vontade popular é soberana nas democracias, e, se o não fosse, essas democracias seriam uma mentira e uma burla.

A maioria do povo portuguez decidiu n'um determinado sentido o pleito politico, e não se pode deixar de cumprir esse genero de decisões. Por isso o paiz espera. Por isso o paiz está na espectativa, e tudo aquillo que não fôr o *desideratum* logico da situação creada não se imporá ao seu espirito nem conquistará o seu assentimento. A questão permanecerá de pé, a espectativa continúa, devendo simplesmente accentuar-se que n'essa questão haverá, cada dia que decorra, maior gravidade, e n'essa espectativa maior enervamento.

A nossa limitada intelligencia não comprehende porque se faça empenho em aggravar essa questão, em exacerbar essa espectativa, quando não pode ser outro o desenlace do problema politico da nossa terra.

Poeira da Arcada

Na delegação aduaneira do Caes dos Soldados descobriu-se um enorme desfalque, pois que não falta quem o avalie já em algumas centenas de contos. A victima, o Estado. A tramoia representa a rapinagem methodica de alguns annos. Quem são os seus auctores? Brevemente o publico o saberá! O seu largo regabofe terminará como de ordinario terminam todos os crimes.

A não ser que... não sejam elles.

•

● Foi internado n'um manicomio o general Potiorek que governava a Bosnia-Herzegovina quando do assassinio do archiduque Francisco Fernando e sua esposa.

O seu enorme prestigio, perante a côrte austriaca, sossobrou decisivamente, com o fiasco da sua investida contra a Servia. Não poude resistir á desdita. A razão entenebreceu-se-lhe, tornando-se furioso.

Em torno d'elle, os espectros rondavam em sinistros bandos. As creanças, mulheres e velhos que fizera morrer nefandamente, nas aldeias da Servia, visitavam-n'o a miudo em noites de terror. Tal visão apavorava-o. Os cabellos punham-se-lhe em pé, angustiados com tão sangrenta evocação.

Brandia a sua ingloria espada, para affastar o côro ululante, macabro, dos que rompiam a campa para lhe virem lêr a sua sentença. A loucura coroou-lhe, pois, a larga fronte com todo o ludibrio da sua obra. Sobre uma pyramide de cadaveres, o seu desvario gira hoje como um farrapo sem nome, nem gloria nem sympathia.

•

Lemos o Livro de Luiza colligido por Henrique Marques para a sua Bibliotheca Infantil. Illustra-o Francisco Valença com desenhos felicissimos. O texto é uma mina de curiosidades para as mentes das creanças. Historias de animaes, lendas mithologicas, quadros da vida da natureza e fabulas, tudo accusa um proposito intelligente de educar com noções uteis e lições bellas.

O QUE SE ESCREVE E O QUE SE LÊ

Os allemães na Belgica

Por Carlos Ferreira

Testemunha ocular das operações com que os exercitos do kaiser iniciaram a grande guerra, o nosso antigo collega da imprensa sr. Carlos Ferreira decidiu publicar n'um elegante volume as suas impressões, largamente documentadas, sobre a occupação da Belgica, esse inqualificavel acto de conquista que os vindouros sem duvida classificarão um dia como o maior crime da historia.

O livro é bem um documento. Com uma logica verdadeiramente inexpugnavel, o auctor demonstra a longa premeditação que precedeu a invasão allemã, o paciente trabalho de espionagem elaborado na sombra, a constante infiltração de elementos teutonicos na industria e no commercio belgas. Não havia banco nem companhia que não tivesse, pelo menos, um director allemão!

Referindo-se ao «Livro gris», publicado pelo governo belga, o sr. Carlos Ferreira põe em relevo muitos factos interessantes, como por exemplo o dos austriacos terem bombardeado Namur em 24 de agosto de 1914, quando se declararam a guerra á Belgica em 28 do mesmo mez.

O capitulo V, consagrado ás atrocidades commettidas pelos allemães, é uma serie de paginas emocionantes em que a referencia aos episodios sangrentos que caracterisaram a invasão dos modernos barbaros é a cada passo acompanhada pela reproducção de authenticos documentos, como são os relatorios officiaes da commissão belga de syndicancia. A premeditação do sinistro massacre de Louvain encontra-se perfeitamente demonstrada no livro que lança um jorro de luz de verdade sobre uma assombrosa ignominia tedesca.

Não menos commovente é a exposição que o sr. Carlos Ferreira faz da triste situação actual do commercio e da industria belgas, em virtude da destruição sistematica das fabricas, e das requisições de material e de materias primas que os allemães constantemente fazem na Belgica.

Em summa: é um livro de actualidade, onde se nota a suprema preoccupação de não falsear a verdade dos acontecimentos, que são realmente de molde a justificar todas ás accusações feitas aos allemães.

Nos Estados Unidos

Uma explosão: 7 mortos e 50 feridos

NEW YORK, 23.—Uma explosão de dynamite para abertura de uma passagem subterranea abriu uma excavação que engoliu um tramway electrico e alguns transeuntes, morrendo 7 pessoas e ficando seriamente feridas 50.—(*Havas*).

«Historia Illustrada da Grande Guerra»

Dividido em volumes, cada um dos quaes com cerca de 200 paginas, de modo a formar um livro portatil, economico, elegante e de facil encadernação, o folhetim que vimos publicando *Historia Illustrada da Grande Guerra* tem alcançado grande exito.

O primeiro volume abrange desde março a 15 de abril, tendo 184 paginas, o segundo de 16 de abril a 3 de junho, com 188, o terceiro de 4 de junho a 20 de julho, egualmente com 188 paginas, e o quarto de 21 de julho a 3 de setembro, com 180 paginas, sendo todos os volumes profusamente illustrados. Na administração d'*A Capital* são immediatamente satisfeitos todos os pedidos, quer da collecção completa, quer de qualquer numero de exemplares do jornal, que venham acompanhados das respectivas importancias.

VIAGENS NO ALGARVE

Uma fabrica de peixe

O sr. Magalhães Barros e as suas excellentes conservas

PRAIA DA ROCHA, 19.—Vir ao Algarve e não ver uma fabrica de conservas de peixe seria como ir á Batalha e não entrar no mosteiro. As fabricas são as grandes cathedraes algarvias. N'esta provincia, onde não ha monumentos, ellas constituem, por assim dizer, os unicos monumentos dignos de serem vistos. N'esta provincia, onde tão poucas coisas nos falam do passado, ellas são magnificos documentos a demonstrar que não se perderam nem se amorteceram ainda as grandes, as admiraveis qualidades da raça que por aqui vive, ha uns poucos de seculos, quasi apparada do resto do paiz e quasi esquecida do resto do mundo. Eu e o sr. Magalhães Barros conversavamos ha dias junto ao mar. Falava-se um pouco de tudo. De coisas agricolas, de turismo, do congresso que acabava de effectuar-se, do perido cheio de prosperidade que o Algarve está atravessando, enriquecendo-se a olhos vistos. Um de nós fez referencias á guerra. Os exercitos alliados, nos campos de batalha, são os grandes consumidores de conserva portugueza. Os embarques para Inglaterra e para Bordeus são successivos.

—Ainda hontem—dis-me o sr. Magalhães Barros—expedi para França sessenta contos de sardinha em lata...

—E onde fabrica tanto peixe?

—Parte na minha fabrica da Mexilhoeira. O resto compro-o.

Ficou desde logo combinada a visita. Era quasi noite, o sol acabara de mergulhar, congestionado, no mar ligeiramente arripiado e cada um de nós seguiu o seu destino. O sr. Magalhães Barros é um dos mais ricos proprietarios do Algarve. As suas terras davam-lhe á farta para viver á larga, sem necessidade de recorrer a outras fontes de receita, sem precisar de multiplicar a sua actividade e de subdividir as suas energias, lançando-se em emprezas industriaes ou commerciaes. Parar não está, porém, no seu temperamento. A sua fortuna não a quer apenas para d'ella extrahir commodidades, bem estar, prazer. Quere-a para crear riqueza, para dar trabalho, para semear á sua roda, a mãos largas, a maior porção de iniciativas possivel.

Uma hora da tarde. No caes de Portimão, o *yacht* «Judibarros» espera-nos. Ha já senhoras a bordo. Vae realisar-se, pelo rio, um passeio que deve ser delicioso. As toilettes brancas, á prôa do naviosinho todo branco fluctuam em pregas suaves, batidas pela brisa fresca do mar. O ceu e a agua esplendem. Embarcam os ultimos retardatarios. O «Judibarros» parte, de mastros arreados, para passar livremente sob a grande ponte. A' popa, a bandeira nacional deixa no espaço azul claro uma grande mancha de sangue. O riso é o nosso dilecto companheiro. Sob esta cupola immensa, pela qual o sol rola, como uma bola de fogo, para nos deslumbrar a todos, não ha tristezas que não se diluam ou não se transformem em sereno goso, como o «doce pungir de acerbo espinho», de que fala o poeta.

E' perto. A Mexilhoeira fica a pouco mais de meia hora de Portimão. E' uma aldeia importante e rica. O mar banha-a tranquillamente e na sua pequenina angra ha varios barcos fundeados. Faz calor. Não corre bafo de vento. Eu e os convidados do sr. Magalhães Barros desembarcamos n'uma comprida ponte que conduz á fabrica. As senhoras formam rancho á parte. E' de praxe. E emquanto ellas passam pela fabrica de fugida, eu e o proprietario d'este templo, onde o homem e a machina se juntam para produzir muito e o melhor que podem, visitamos tudo demoradamente, para completa satisfação da minha curiosidade de *reporter*, que gosta de ver tudo e de saber de tudo.

E' dia de grande azafama. O peixe vem em pequenos cestos. E' lavado e degolado por mulheres, todas as operações são rapidas. O tempo é precioso. Uma demora mais prolongada pode deteriorar facilmente centenas de milhares de sardinhas. Ha grandes mezas em filas, grandes taboleiros, compridos ricipientes onde se recolhem os desperdicios. Bem lavada a sardinha, cortada toda certa, é collocada obliquamente em grelhas d'arame zincado. Depois vae a coser, mergulhando para isso n'uma atmosphera de vapor d'agua, recolhido n'um grande ricipiente apropriado. Cinco minutos bastam. A cosedura termina. Segue-se o periodo da enxuga. As grelhas são collocadas umas sobre as outras, e o ar frio, passando por ellas, secca o peixe rapidamente. Procede-se ao enlatamento, que é feito por mulheres. A sardinha é cuidadosamente acamada uma sobre a outra, collocando-se as latas em pilhas, que formam, por vezes, altos e bizarros castellos.

A lata é feita ao lado, por pequenitos, cuja edade não vae além de doze annos. N'outra casa, trabalham os soldadores. Uma vez cheias, as latas são mettidas em grandes tanques de azeite, devidamente acamadas, onde se conservam algumas horas. Depois, só falta fechal-as. E' o trabalho de soldador. Os ferros, aquecidos a gaz acetilene, sibilam. Toda a fabrica está saturada do tom vivo, penetrante, agudo que o gaz produz ao incendiar-se no ferro para o conservar bem rubro. E agora, já soldada, a pequenina lata de sardinha está prompta para a exportação. Levo largo tempo a ver como o peixe é trabalhado na fabrica do sr. Magalhães Barros. Saio convencido de que em parte nenhuma é possivel preparar uma caixa de sardinha de Nantes com mais esmero, com mais perfeição, com mais asseio. A agua abunda, vinda d'uma grande cisterna, cuja capacidade vae além de quinhentos metros cubicos. Pelo chão não ha peixe esmagado; n'este recinto enorme onde a sardinha é a principal materia prima, quasi não cheira a sardinha.

Estamos nos escriptorios. Põem-me ao facto da organisação adoptada. O pessoal é tratado com todas as attenções. Tem tudo: salas de leitura, sala de bilhar, caixa de previdencia, etc. Os soldadores ganham quasi tanto como um director geral. As ferias semanaes de vinte escudos são frequentes. Mas d'essa quantia, só levam o que querem. O resto fica-lhes em deposito, para o receberem, com os respectivos juros, no fim do anno. E' assim que muitos d'elles já hoje possuem a sua leira de terra e a sua casa de habitação, adquiridas com as suas economias semanaes, que no fim do anno se elevam a algumas centenas de mil réis. Entre elles, a solidariedade é completa. Quando um adoece, os outros fazem o que elle tinha a fazer. E a miseria não lhe entra em casa, juntamente com a doença. Patrão e operarios são cooperadores da mesma obra e, portanto, amigos. Percebe-se isso á legua—sempre que o sr. Magalhães Barros tem de dirigir-se a alguem que trabalha na sua fabrica. E devo dizer que não conheço espectaculo mais bello do que este que operarios e patrões não quando, esquecendo previlegiadas situações de fortuna, se unem para realisar uma grande obra, da qual depende a felicidade de todos.

A dois passos de nós, a alegria que nos acompanha desde Portimão é agora mais intensa, mais esfusiante. Ha gargalhadas que trinam como se fossem montes de libras a desabar. Juntamo-nos aos que assim chalram e riem. Começa um delicioso *lunch*, que o sr. Magalhães Barros offerece aos seus convidados. As rolhas do *Champagne* estalam com estrondo. Ha *D. Rodrigos*, figos recheiados, queijos doces, morgados, toda a immensa collecção das gulosemas algarvias, abundante como em nenhuma outra provincia de Portugal. Abre-se mais uma vez o velho Algarve de 1830. E antes do chá, alguem, erguendo o seu calice onde o precioso ouro fluido rebrilha, cheio de seducção e de misterio, bebe á saude do sr. Magalhães Barros e exalta, n'esse rapaz activo, intelligente e acolhedor, a tradicional fidalguia portugueza, para quem os hospedes são sempre amigos, e as iniciativas fecundas que, impellindo o Algarve para a frente, constituem a garantia mais solida do futuro opulento que espera esta provincia. Um grande *hurrah!* de approvação e a festa termina. Pouco depois, o *Judibarros* aproa a Portimão, e o passeio termina. Creio, porém, que não se apagará tão cedo na recordação de quantos, n'essa tarde de encanto, foram, a bordo do airoso barco de recreio, todo construido em Portugal, de Villa Nova á Mexilhoeira...

Adelino Mendes

Prophecias...

Em vesperas d'uma acção decisiva

A retirada dos russos prosegue com um methodo admiravel, cedendo palmo a palmo o terreno ao invasor, que é assim propositadamente *aspirado* para o interior da Russia. Este avanço austro-allemão é sem duvida o preludio de uma acção decisiva do genero da que geralmente costuma designar-se sob o nome de batalha do Marne. Occupadas pelos invasores as cidades mais importantes da Polonia, tomada Libau, Grodno, Kowno, e hontem ainda Wilna, é realmente estranho que em nenhum d'esses pontos o exercito russo tenha sido desbaratado e continue, por assim dizer, intacto, retirando com toda a ordem na direcção de leste. Dispondo dos recursos de que blasonam, os allemães não surprehenderam ainda os seus inimigos *á la Sedan* nem encurralaram nenhumas tropas russas n'um cerco do genero Metz, em que Bazaine se viu forçado a capitular com um exercito quasi virgem de batalhas.

Quando, ha mezes, Przemysl cahiu em poder dos russos, toda a guarnição que defendia a praça ficou prisioneira: mais de cem mil austriacos, com numeroso material, foram obrigados a entregar-se. No avanço dos allemães não houve ainda um só lance d'este genero. As tropas do kaiser vão occupando successivamente villas e cidades, mas não encontram um unico soldado inimigo.

E' sempre a tradicional estrategia do exercito russo, do mesmo exercito que, retirando á frente de Napoleão como uma miragem, provocou a desastrosa retirada do grande general, que não conseguiu entrar de novo em França com outra coisa mais do que os farrapos das brilhantes divisões com que tinha marchado até Moskow.

O designio allemão, na campanha da Russia, é evidente. Pretendem occupar Riga e as margens do rio Duna a fim de, senhores das praças fortes da Polonia e da Lithuania, descançarem nos seus quarteis de inverno e retomarem a actividade na proxima primavera. Os allemães precisam com effeito de repousar, mas esse repouso vae permittir aos russos refazerem-se tambem, as suas fabricas e o auxilio dos japonezes fornecer-lhes-hão novas munições e é muito natural que nos quarteis de inverno teutonicos não reine até final da estação fria a tranquillidade que elles esperam.

De resto, esta intenção dos russos revela-se claramente no ultimo discurso do czar Nicolau, pronunciado a 2 do corrente na inauguração da conferencia da Defesa Nacional, da qual fazem parte delegados dos corpos legislativos, das instituições publicas, do commercio, das industrias, etc. D'esse discurso recortamos aqui as seguintes significativas palavras:

«Nada deve distrahir os nossos pensamentos, a nossa vontade, as nossas forças do unico fim que actualmente nos preoccupa: expulsar o inimigo para lá das nossas fronteiras. Para attingir este fim devemos, antes de tudo, assegurar o completo equipamento militar do nosso exercito activo, bem como das tropas recentemente convocadas.»

Vê-se, portanto, que a Russia, longe de se deixar intimidar com a invasão allemã, se prepara decididamente para um energico contra ataque. Os russos contam para isso com um formidavel alliado: o inverno, que foi sempre fatal aos invasores do territorio moscovita.

Por outro lado, a Turquia encontra-se cada vez mais em situação mais critica. A verdade da situação apparece, em toda a sua rudeza, apesar da cautella com que a teem pretendido occultar.

Até em Constantinopla. Por mais rigoroso que seja o regimen de terror que pesa sobre aquella cidade, apesar dos espiões, da censura e dos communicados de Enver-pachá, a população comprehendeu definitivamente que as coisas vão de mal a peor. Os alliados teem feito novos desembarques na provincia de Gallipoli. A Russia persegue e mette a pique os transportes de carvão. A Romania resiste á *chantage* de Berlim e a Grecia, privada do sr. Gounaris, recusa-se abertamente a aprovisionar os submarinos allemães. Juntemos n'este balanço o novo adversario italiano e comprehender-se-ha que são bem justificadas as apprehensões do povo turco.

A Allemanha, comtudo, no intuito de acalmar um pouco a excitação ottomana, annunciou ha mais de um mez que ia voar em soccorro da Turquia, depois de ter passado sobre o cadaver da Servia e sobre a indecisão da Bulgaria. E' um plano arrojado que, embora realisavel, não é nada facil de executar. Já em fevereiro, comtudo, a imprensa allemã annunciava que as tropas do kaiser iam comegar os serviços. Os serviços ainda não foram volatilisados, nem já agora o serão, por certo. O que é indiscutivel é que o proximo aniquilamento da Turquia pelas tropas alliadas vae constituir um golpe certeiro nas illusões e esperanças que ácerca do futuro se alimentam ainda nos imperios centraes.

Pelo telegrapho

Continuam encarniçados os combates na Russia

PETROGRADO, 23. — Official. Continuam encarniçados os combates a oeste de Dwinsk. A oeste de Molsdotcheko occupámos a bayoneta a villa de Lebedeve, tomámos dez metralhadoras, uma peça, projecteis, e fizemos alguns prisioneiros. Tomámos tambem á bayoneta a povoação de Smorgone, apossámo-nos de 9 metralhadoras, 350 prisioneiros e material vario. Na região de Gavia rechaçámos o inimigo para a margem direita do rio Gavia. A leste do canal de Equinsky expulsámos os allemães da villa de Retchki e da região da villa Lyscha, tomámos metralhadoras e fizemos prisioneiros.—(*Havas*).

Um submarino afunda um navio francez

PARIS, 23.—Telegrapham de Londres aos jornaes de Paris que um navio francez de reabastecimento foi afundado ao largo da costa sul da ilha de Creta por um submarino inimigo. A tripulação foi salva.—(*Havas*).

POR MONTES E VALLES

Uma Suissa ignorada

Desvendal-a-ha a linha ferrea de Louzã a Arganil

A curta distancia da cidade do Mondego, no prolongamento da linha ferrea da Louzã, por essa extensa, uberrima e riquissima região, que, ha mais de um quarto de seculo, vem clamando por um caminho de ferro, existe, quasi ignorada, surprehendente no seu abandono e rudeza, uma verdadeira, authentica Suissa. Deviam conhecel-a todos os que apregoam as excellencias das grandes montanhas do centro da Europa e particularmente os enfraquecidos, os queixosos do peito, os neurasthenisados, que atiram com a derradeira esperança de redempção e de restabelecimento aos abalos organicos para o tortuoso e longinquo paiz de Guilherme Tell.

Quem tiver a fortuna de calcorrear montes e valles, n'essa região adoravel, n'um perpetuo banho de sol, aromatisado com o perfume selvagem da montanha, tem de acabar pela confissão pura e simples de que toda essa pittoresca serrania da Louzã a Arganil vale bem as classicas altitudes, preferidas e apregoadas pelo turismo internacional.

Uma excursão da Louzã ao extremo da projectada linha é um dos mais bellos espectaculos que o viajante pode encontrar no seu caminho atravez d'este paiz, onde a natureza arremessou com mão prodiga os seus encantos. A' sahida da Louzã, o excursionista encontra-se em plena região montanhosa e a carruagem que o conduz segue, n'um equilibrio prodigioso, pelas arestas dos montes. Aos pés do viajante, como nas tradicionaes excursões dos Alpes, cavam-se os precipicios, rompem-se os valles onde as nascentes de agua e a vegetação murmuram a eterna canção do isolamento, cheia de caricia e de amor á Natureza.

De longe em longe, surge uma pequena povoação, que sorri por entre verdura, amenisando o percurso quasi sempre egual e, todavia, sempre diverso. A quatro kilometros da Louzã, em cujo caminho se levanta uma poeira de civilisação, apparece á beira da estrada a pequena povoação de Villarinho. O cemiterio e a egreja da freguesia mostram pressa em contemplar o visitante, aiteando sobre o caminho, as suas modestas construcções. Aquelle, verdadeiro, «campo de egualdade», em que um lençol de rosas trepadeiras serve de mortalha commum a todos os filhos do logar; esta, o simples campanario da aldeia, ingenuo como a fé dos seus fieis. A' beira da estrada, por onde esvoaçam as gallinhas, surprehendidas com a chegada do forasteiro, acodem as mulheres e as creanças, que ficam extaticas com a nossa approximação. Começamos a reparar na belleza dos pimpolhos, que rodeiam a carruagem. São, por certo, as creanças mais lindas que temos visto em provincias portuguezas, em tudo dignos rebentos d'essas mulheres que povoam as margens do Mondego.

Villarinho é o primeiro apeadeiro do auriga que nos deve deixar na freguezia de Serpins. Desce da boleia, entra na venda e, uma vez refrescada a guela, convida amoravelmente as alimarias a proseguir o caminho. Se elle não tem pressa, não sejamos nós, com a ancia da chegada, que nós privemos de admirar estes panoramas que se succedem, sempre lindos, quasi sempre imprevistos. Por vezes, o horisonte assume proporções immensas e as montanhas revestem, segundo a distancia, os mais variados coloridos, até que por fim semelham o oceano, na extensão e no azul purissimo que as cobre.

Ao longo do caminho, orlado de castanheiros, pejados de ouriços, vamos descortinando os aspectos da vida rural, quasi inteiramente dedicada á cultura do milho. As faldas dos montes, os valles sombreados, as margens dos regatos, por toda a parte, a mancha de ouro e pão abençoado do camponez.

A pouco e pouco chega até nós o perfume acre e saudavel da resina. Entramos no dominio absoluto do pinheiro. E' Serpins que se approxima. Deixamos já o logar de Covão, sitio extraordinariamente pittoresco, que parece vir dizer-nos ao caminhar d'aqui por deante, se encontrava a vida primittiva, o monte, a sombra só o pinheiro e o regato, a tranquillidade e a saude.

Era a guarda avançada da cordilheira, que nos apparecia toucada de rosas bravas, apontando-nos a região do futuro, sobre a qual o sol, n'esse momento, cantava a mais vibrante canção, que era simultaneamente um hymno e um lamento.

PARIS DA GUERRA

A cidade durante o dia

O movimento dos carros—Estabelecimentos fechados—Lindos militares

De dia o Paris da guerra differe do outro pela ausencia absoluta dos auto-omnibus, pelo numero, aliás restricto, de estabelecimentos fechados e pela abundancia de militares de todas as côres e feitios.

Os auto-omnibus estão mobilisados. Quem andou pelo *front* diz que estão irreconheciveis, pintados d'uma só côr e completamente transformados. Os omnibus electricos, que ficaram ligados ás suas linhas, funccionam quanto permitte a falta do pessoal. Nos que circulam ainda, os conductores foram substituidos por mulheres, que, de malinha a tiracollo e *bonet* belga garbosamente inclinado sobre a orelha, lá vão fazendo o serviço, talvez com mais gentileza do que os seus antecessores. Os *taxis* diminuiram tambem, não porque tivessem voltado a ser utilisados depois do *truc* de Gallieni, mas porque faltam conductores. Andam ao volante homens de certa edade, que em pleno movimento não offereceriam talvez absoluta garantia de levar ao seu destino o esqueleto intacto dos clientes. Sobre estes *chauffeurs* de occasião fez Rip uma scena deliciosa da sua revista *1915*, que, apesar da guerra, se representa desde abril sempre á cunha.

Da diminuição do material ambulante terrestre lucrou, como era natural, o Metropolitano. Vae sempre apinhado. Na praça da Opera ha um constante formigueiro de gente subindo e descendo e lá, nas profundas de Paris, não se encontra facilmente um logar sentado, mesmo em primeira.

• • •

Encontram-se aqui e além, mesmo nos grandes *boulevards*, algumas lojas fechadas. Nos bairros affastados são vulgares os taipaes postos com inscripções a giz annunciando que o dono partiu mobilisado. «Esperem um pouco. Vou ali quebrar a cabeça aos Boches e já volto»—diz um sapateiro dos arredores do Palais Royal. *Une minute et je suis à vous*—diz um outro da rua do Faubourg Montmartre. No *boulevard* dos Italianos um photographo «tenente da reserva deixa as suas vitrines á guarda dos patriotas».

Outra razão de encerramento de lojas é o sequestro das casas austro-allemãs. Os subditos de *Guillaume Gueux* tinham, como se sabe, invadido o commercio parisiense, não só impingindo-lhe os seus artigos como tambem abrindo centenas de grandes estabelecimentos em Paris. Estes fecharam e, quando se anda pelas lojas á cata de certas pechinchas que amigos nos recommendaram, a cada passo se ouve a resposta: «Ah sim! Isso era um artigo allemão. *Nous n'en tendrons plus*». Não sei se esse futuro sem condições será realisavel em absoluto. Desejamol-o pelo levantamento do commercio puramente parisiense. De resto, á sucapa e mercê da nacionalidade de certos commanditarios das casas sequestradas, algumas d'ellas reabriram e depois de terem sido casas francezas em virtude da facilidade com que os *boches* se nacionalisaram sem perderem os seus direitos de cidadãos allemães e os seus deveres de membros da *landruker* ou de *landsturm* começam agora a ser casas americanas ou inglezas.

• • •

Nunca em Paris, nem mesmo no dia da revista de 14 de julho, se viram tantos militares. Ha-os de todos os feitios e de todas as côres. Ha os nacionaes, os inglezes e os belgas, uns de passagem em Paris, outros de licença, outros ainda—e estes creio que são o maior numero—installados o mais tranquillamente possivel nas repartições do ministerio da guerra e annexos. «Paris é a cidade dos *embusqués*» gritava ha tempos na camara o deputado Dalbiez e na verdade advinha-se que n'estes milhares de soldados e officiaes que se encontram durante o dia e a noite deve haver muitos que não se devem ter approximado demasiadamente do *front*. E' espantosa a elegancia de alguns. Chega-se a duvidar se não serão manequins de todos os alfaiates do *boulevard*, que hoje enchem as suas montras com confecções para militares. Mas quando começamos a imaginar que um official tão bonito não deve-

ter ido muito á guerra, surge-nos outro ainda mais bem vestido e esse— que diabo!—traz a Legião de Honra, a Cruz de Guerra e um braço ao peito. Conclui que muitos d'elles vinham a Paris mudar de fato e barbear-se.

De resto ainda não vi um verdadeiro *poilu*, um troglodita das trincheiras de Argonne ou dos Vosges. Apenas pisam o asphalto da cidade Luz, barbeiam-se, engraxam-se e limpam os capotes, deixam as barbas inteiras e as peras respeitaveis aos cavalheiros de edade, que leem tranquillamente o communicado no *terrasse* dos cafés. Pois se até as tropas pretas, *turcos* da Algeria e atiradores senegalezes, parecem passados a Ripolin. Ah! não, meus amigos, Paris não tem nada o aspecto da capital de um paiz em guerra. Parece que houve uma convocação extraordinaria para manobras. Nada mais.

* *

Das cinco ás sete o movimento nos *boulevards* é o mesmo de antes da guerra. Os cafés regorgitam de freguezes. Não se encontra uma mesa vaga no Riche, no Anglais, no Napolitain. Nos passeios cruzam-se milhares de pessoas, circulam automoveis de praça ou particulares, que trazem o *ramo das Accacias*, que hontem, por exemplo, estavam bastante concorridas ao bater das cinco e meia. Ha a mesma affluencia junto das montras. Cada dia que passa fortalece a confiança e serenidade. Os kiosques trasbordam de jornaes humoristicos onde os inimigos são tratados sem dó nem piedade. Os retalhos de conversação que se ouvem são cheios de alegria e no rosto dos officiaes e soldados que passam não ha uma sombra de inquietação. Um bello dia, Paris saberá que acabou a guerra, voltarão os ausentes, falar-se-ha um pouco nos mortos e nos estropiados, reacender-se-hão as luzes d'esta cidade maravilhosa, recomeçar-se-ha a cear, e prompto. D'aqui até 14, de dia, Paris mexe-se com pequenissima differença do que era em junho do anno passado. Nos *squares* continuam a brincar as mesmas creanças. Nos grandes armazens as mulheres precipitam-se como antigamente sobre as novidades do outomno. Em resumo: *ça marche*. A vida não está mais cara. Pelo contrario, os grandes hoteis e certos estabelecimentos de moda, destinados a estrangeiros, puseram preços de guerra e fazem um acolhimento mais amigo aos que veem de longe a Paris.

De noite, sim, Paris mudou muito.

Paris, 16 de Set.º 1915.

André Brun

PELO ALEMTEJO

A transformação de Evora

O congresso municipalista que vae realisar-se brevemente em Evora chama a attenção publica para essa cidade, que é já hoje a metropole do Alemtejo, mas que deve luctar por conservar esse titulo, bastando para isso que os seus habitantes saiam da apathia em que ha muitos annos jazem e que as suas edilidades tracem um plano de melhoramentos que transformem a velha cidade de Sertorio n'uma cidade moderna na ampla accepção da palavra.

E isso muito difficil? Não, em nosso entender, desde que haja um pouco de boa vontade da parte de todos. E se não vejamos. Trata-se, no momento actual, de fazer a fusão entre as companhias do Gaz e Electricidade. A camara deve acompanhar de perto as negociações, a fim de que essa fusão seja o mais proveitosa possivel para o municipio. Nas principaes ruas, praças e largos, a illuminação deverá fazer-se por meio de arcos voltaicos, a exemplo do que succede em algumas ruas e praças de Lisboa. Primeiro melhoramento, de incontestavel utilidade.

Devia demolir-se as muralhas do lado sul incluindo aquella em que assenta o Passeio Publico, alargando este até á estrada da circumvallação e collocando o terreno ao nivel do da cidade. Aberto por todos os lados, o Passeio deve estar franco a quem o deseje visitar, quer de dia, quer de noite. Na parte central deviam construir-se casinos, restaurantes, cafés de espectaculos, lagos com pequenos barcos, todas as diversões que se entenda uteis e proprias a attrahir o forasteiro. Ahi tinhamos um outro melhoramento de capital importancia.

O Rocio poderia ser circumdado de bellas construcções architectonicas e ladeadas por avenidas e praças que fossem até á linha ferrea.

Da rêde de exgotos só diremos que deve ser uma realidade e não um mytho como hoje é, e do abastecimento de aguas devia tratar-se immediatamente, aperfeiçoando-o.

Será um plano arrojado o que propomos, sem duvida, mas viavel e de não difficil execução, desde que a elle mettam hombros homens de iniciativa e animados de boa vontade.

Evora, com os recursos naturaes de que dispõe, póde e deve ser uma cidade importante. Caso é que haja quem saiba aproveitar esses recursos. Querer é poder, diz o velho rifão. Que os eborenses queiram e a sua cidade tornar-se-ha uma das melhores da provincia.

O papel de impressão

Sr. redactor.—E' justificadissimo o alarme do seu prestigioso jornal e de outros diarios da imprensa portugueza ácerca da carestia e falta de papel.

Era tempo já dos industriaes que exploram o papel conjugarem os seus esforços para acabar com um estado de coisas que dura ha muitos annos, e que só tem favorecido, talvez sem proveito, uma industria que só tem abusado.

E' grande o consumo de papel no paiz, em relação á sua população, pois as fabricas productoras não fornecem o preciso, e, quando o fornecem, é por altos preços e má qualidade. Os preços são de tal ordem que é muito vulgar a industria estrangeira vir concorrer com os preços das fabricas nacionaes, e, se isto não succede permanentemente é devido á escandalosa e injustificavel protecção pautal, que só tem prejudicado a industria typographica e jornalistica.

E' de tal natureza o abuso dos productores de papel que é vulgar a industria typographica tropeçar com as difficuldades de obter papel em boas condições, e tanto assim que ha pelo menos tres annos, e conto-lhe este facto, podendo contar-lhe muitos, um editor inglez quiz imprimir em Portugal, com destino ao Brazil, uma encyclopedia muito volumosa e com uma grande tiragem, mas quando chegou ao capitulo papel teve de desistir da impressão em Lisboa, pois os preços d'esta materia prima faziam uma differença de 30 0/0. O editor resolveu fazer simplesmente a composição aqui, indo a imprimir a Londres, onde a differença do custo do papel lhe dava enorme margem, visto que o consumo era approximadamente de 6.000 resmas. A industria typographica deixou de imprimir aquella obra, pela má organisação da industria e da nada justa vem merecida protecção pautal. E como este caso muitos outros, que se dão com editores do Brazil, que muito imprimem em França, na Allemanha, na Belgica e até na Suissa.

Os preços do papel estrangeiro, especialmente os de origem allemã, e por ultimo os do Japão, apesar dos fretes caros, são mais baratos que os da industria nacional, sendo estes fornecidos porém com a taxa pautal, que torna quasi prohibitiva a importação, especialmente de papeis apparatosamente collados, que a sabia legislação aduaneira classifica de papeis para escrever, muitas vezes embora sejam papeis de impressão vulgar de Lisboa, mas assetinados na calandra.

Emfim, nota-se que a classificação pautal só teve em mira proteger uma industria deficientemente montada, e que durante o longo periodo em que obteve esse escandaloso e prejudicial beneficio não procurou adiantar-se ao ponto de produzir mais e melhor do que produzia antes da elaboração das pautas em vigor, prejudicando multissimo a industria typographica, as emprezas de jornaes, os editores, e por ultimo o grande publico, sempre victima expiatoria d'estes abusos.

Por ultimo, e como argumento para se modificar este estado de coisas, é indispensavel tornar publico que a organisação da industria de producção de papel é de tal ordem que chega a offerecer este espectaculo: quando a Imprensa Nacional abria concurso entre as fabricas nacionaes para o fornecimento de papel para seu consumo, isto é, para o «Diario do Governo» e outras publicações obtinha o preço de 60 réis por kilo, em diversas qualidades; pois as mesmas fabricas forneciam para a industria particular as mesmissimas qualidades de papel do preço de 160 réis!

Não queria tomar-lhe tanto espaço, sr. redactor, o assumpto porém é tão interessante que me alarguei demais, deixando de citar centos de factos e milhares de argumentos para provar que o alarme da imprensa ácerca da carestia e «falta» do papel é justificadissimo e carece que lhe prestem a melhor attenção aquelles que teem o dever de salvaguardar os interesses communs e o natural e honesto desenvolvimento das industrias que teem razão de ser.

Lisboa, 28 de setembro de 1915.—«Um seu leitor diario, industrial de typographia».

Fugindo das Casas de Trabalho

No palco pequeno da administrativo, no governo civil, estiveram hoje Carolina Eugenia Amaral, de 22 annos, e Maria Emilia da Conceição, de 16, das Casas de Trabalho, de Belem, que vieram acompanhadas pela empregada Amelia Damasceno Santos.

As duas fugiram ante-hontem do referido internato deixando-se escorregar d'uma das janellas do 1.º andar para a quinta, por um lençol. Uma vez ahi, supondo que tivessem sido surprehendidas, esconderam-se, galgando pouco depois para a quinta do sr. Eduardo Jorge, que fica, paredes-meias com a das Casas de Trabalho.

Mas estavam com pouca sorte. Mal tinham posto pé na quinta, arremetteu contra ellas um cão enorme. Aos seus gritos accudiram o caseiro e o policia da area, que as livraram das furias do molosso, levando-as para a esquadra da Ajuda. Qualquer d'ellas já por trez vezes fugiu do recolhimento.

D'esta vez o castigo que lhes deram foi o corte do cabello á escovinha e passarem a dormir em quartos á porta fechada, em vez de dormirem nas camaratas.

Vieram ao governo civil para serem examinadas das mordeduras, não estivesse o cão atacado de hydrophobia.

ECHOS & NOTICIAS

INFORMAÇÕES—COMMUNICADOS

NA PRAIA DAS MAÇÃS

A'manhã, ás primeiras horas do dia, começa na pittoresca Praia das Maçãs a ornamentação e preparação do «rink», onde se effectua a diversão nocturna de sabbado, com baile, concerto musical pela banda de Almoçageme e sessão animatographica com um programma de 11 «fitas» d'arte. A' noite, já de amanhã, o sr. J. Santos Mattos, filho, transformado em «operador» cinematographico, vae experimentar as «fitas» avaliando da justeza da projecção.

NOTAS MUNDANAS

Retirou das Pedras Salgadas para a sua casa em Aviz o sr. Antonio Paes.

—De sua casa no Barreiro seguiu para a sua propriedade em Evora-Monte o sr. Antonio Maria do Carmo.

—Regressou á sua casa n'esta cidade, vindo das Pedras Salgadas, o tenente João Rosendo Dias.

PEQUENAS NOTICIAS

Pela policia foram hoje presos 17 mendigos, impostas 21 multas e intimados 14 estrangeiros a regularisarem a sua permanencia em Portugal.

—Na enfermaria 1 do hospital de S. José deram entrada Justino da Cruz, corticeiro, do Seixal, alli colhido pelo veio de uma machina, ficando com a perna direita e o braço esquerdo fracturados, e Antonio Ribeiro, constructor civil, morador na rua do Arco do Cego, 5, rez do chão, que no Lumiar foi empurrado por um desconhecido, cahindo e fracturando a perna direita.

SPORT

Concurso hippico internacional no Estoril

A Sociedade Hippica Portugueza, organisadora do grande concurso hippico internacional do Estoril, que nos dias 9, 10 e 14 de outubro se realisa no Parque Estoril, tem já publicado o programma do concurso, pelo que podemos dar uma nota detalhada e exacta da maneira como decorrerá o grande certamen.

1.º dia — «Omnium», com inscripção obrigatoria para todos os cavallos que tomam parte no concurso, excepto os da prova «Amazonas».

Ha 18 obstaculos e 340$00 de premios; «Parelhas», com 9 obstaculos e 190$00 de premios.

Os premios «Omnium» são assim distribuidos:

1.º, 150$00; 2.º, 70$00; 3.º, 50$00; 4.º, 90$00; 5.º e 6.º, 20$00; 8.º, 9.º e 10.º, laços. Os premios das «Parelhas» são assim distribuidos: 1.º, 100$00; 2.º, 60$00; 3.º, 30$00; 4.º, 4.º e 6.º, laços.

2.º dia — Nacional (para cavallos ou eguas nacionaes), com 12 obstaculos e handicap. 1.º premio, 180$00; 2.º, 90$00; 3.º, 50$00; 4.º, 20$00; 5.º, 20$00; 6.º, 7.º e 8.º, laços.

«Habits Rouges» (obrigada a casaca encarnada e reservada para cavallos que não sejam do Estado) 12 obstaculos com handicap. 1.º premio, 100$00; 2.º, 50$00; 3.º, 20$00; 4.º, 5.º e 6.º, laços.

Percurso de caça, 14 obstaculos. 1.º premio, 120$00; 2.º, 70$00; 3.º, 50$00; 4.º, 30$00; 5.º e 6.º, 20$00; 7.º, 8.º, 9.º e 10.º, laços.

3.º dia — Grande premio do Estoril, 18 obstaculos com a altura maxima de 1m,61, e com handicap. 1.º premio, 300$00; 2.º, 100$00; 3.º, 70$00; 4.º, 50$00; 5.º, 30$00; 6.º, 20$00; 7.º, 8.º, 9.º, 10.º, 11.º e 12.º, laços.

Amazonas, 8 obstaculos e dois objectos de arte.

Taça Estoril, 8 obstaculos com a altura maxima de 1m,60. Premio: Taça offerecida pela Sociedade Anonima Estoril.

Como tem feito para os concursos internacionaes de Palhavã, a Sociedade Hippica Portugueza faz, na sua séde, rua Ivens, 50, até á ante-vespera dos dias do concurso, locação de logares mediante a taxa de 20 centavos por cada dia ou 40 pelos tres.

Tambem faz assignaturas de camarotes e tribunas reservadas, os primeiros a 25$00 (custo avulso por cada dia 10$00) e os segundas a 4$00 (custo por cada dia 2$00).

Ha bilhetes á venda na Maison Blanche, tabacaria Neves, tabacaria Americana, Grande Casino Internacional do Estoril, séde da Sociedade Hippica, etc.

Os 150 kilometros da U. V. P.

Com a maior regularidade continuam os treinos para a prova classica de 150 kilometros que a União Velocipedica Portugueza realisa no proximo domingo no percurso de Lisboa, Santarem e volta a Lisboa.

Disputam a corrida alguns dos nossos melhores corredores, entre elles Soares Junior e Joaquim Raposo, que na prova desejam patentear a sua qualidade de estradistas.

A inscripção demonstra que a corrida deve ser disputada por um forte nucleo de corredores de provincia, dando-lhe a importancia e o valor que deve ter.

Jogos sportivos nacionaes

A commissão technica da Federação Portugueza de Sports, na sua ultima reunião, resolveu manter as mesmas datas já fixadas para realisação das provas de pesos, «boxe» e lucta, respectivamente em 8, 17 e 31 de outubro. Para as provas de «Cross-country», Marathona, tiro e «football», que completam o 2.º grupo, serão brevemente indicadas novas datas.

As inscripções para todas as provas continuam abertas e encerram-se no dia 25 do corrente, estando para este fim aberta todas as noites, das 21,30 ás 23 horas, a secretaria da Federação, onde se prestam todos os esclarecimentos.

Central Sport Club

A commissão reorganisadora participa que reune em assembleia geral pelas 21,30 de amanhã, na rua do Mundo, 81, 2.º, para approvação dos novos estatutos e eleição dos corpos gerentes.

FREIRIA (TORRES VEDRAS), 22.—Foram abatidas 50 perdizes, 14 coelhos, 10 codornizes, 2 pombos e 4 gaios, pelos caçadores de Lisboa, de Alcantara, srs. João Henrique Placido, João Soruga e Antonio Fidalgo, os quaes foram acompanhados pelos amadores d'esta localidade srs. João Bernardes, João Bogalho (Fallado), José Bogalho e Antonio Bogalho.

TOURADAS

Campo Pequeno.—Já está completo o cartaz, que ámanhã será affixado para a corrida que o amador Jayme Cadete promove no domingo no Campo Pequeno e onde o artista que toma parte na corrida é José Casimiro, a cargo de quem está a lide equestre. Na lide de pé, além do promotor, tomam parte D. Carlos de Mascarenhas, D. Pedro de Bragança, Mario Lopes e D. Antonio e D. João de Mascarenhas. A festa é dedicada ao grupo de forcados amadores de Santarem, hoje denominado do Ribatejo, que tanto agradou na tarde de 11 de junho ultimo, sendo lidado um bello curro de touros do lavrador sr. Antonio de Castro, de Cabrella.

Escola Luciano Moreira. — Abre brevemente esta escola, que durante o inverno funccionará na praça de Algés. A inscripção dos novos alumnos faz-se ámanhã e sabbado na rua da Prata, 237, 2.º, direito. Os alumnos que agora se inscreverem bem como os do anno passado podem tomar parte na corrida que em 3 de outubro proximo se realisa em Algés e que servirá de prova aos que desejam dedicar-se ao toureio. Todos os alumnos terão para esta corrida bilhetes especiaes para as familias e amigos, que serão distribuidos na segunda-feira, 27 do corrente.

Espectaculos

Cartaz de ámanhã

AVENIDA—A's 21,30, 21,45 e 23—Coração á larga.
POLITEAMA—A's 20,30 e 22,80—Não desfazendo... (Revista).
EDEN—A's 20,45 e 22,45—O diabo a quatro. (Revista).

Circos & Music-halls

SALÃO DA TRINDADE—A's 20 e 22—Companhia infantil—Filha da Annica.

ANIMATOGRAPHOS E CONCERTOS—Olimpia e Paradis, *matinées* diarias e sessões á noite; Central, Chiado Terrasse, Salão Foz, Rocio; Sociedade Promotora de Instrucção, em Alcantara, sessões ás quintas feiras, sabbados e domingos.

CINEMATOGRAPHOS E ESPECTACULOS VARIADOS—Chantecler, Imperio, Salão Graça, na Caixa Economica Operaria. Variedades, na calçada da Estrella—A's 21,30—O diabo no convento.

LEI DE AFFASTAMENTO

O trabalho das commissões

No ministerio do interior e no da justiça

A commissão encarregada de dar cumprimento no ministerio do interior á lei de afastamento dos funccionarios publicos vae entregar amanhã o resultado dos seus trabalhos ao respectivo ministro.

Mantendo inteiramente a opinião que formulámos ha dias, estamos convencidos de que o esforço que essa commissão despendeu, não obstante a boa vontade e a dedicação republicana das pessoas que a constituem, se devia resentir da atmosphera moral creada nos ultimos tempos em torno da sua tarefa.

Para que negar a verdade, se ella se impõe aos proprios que a não querem vêr? As demoras que tem havido na execução da lei, desde o dia em que foi apresentada no parlamento, só serviram para desgostar a opinião revolucionaria, fazendo affrouxar ao mesmo tempo a energia com que ella devia ser applicada. Por outro lado, alguns fructos produziu a accusação de que se pretendia abrir vagas nos quadros do funccionalismo, e a prova é que se tornaram necessarias successivas substituições das pessoas encarregadas de dar execução á lei.

Ainda hoje nos chegou da Arcada a informação de que os srs. drs. Matheus Teixeira de Azevedo, Bernardo Nunes Garcia e Anacleto Mattos e Silva se escusaram a pertencer á commissão do ministerio da justiça. Para os substituir foram nomeados os srs. drs. Gama Andrade, juiz da Relação, Fernandes Pinto, juiz da 1.ª vara civel, e Miguel Tobin, delegado.

Porque se não fez essa substituição ha mais tempo? E quem garante que os novos nomeados acceitem o encargo?

Essas perguntas, que formulamos a proposito do ministerio da justiça, podiam ter sido escriptas ácerca de outras commissões.

Temol-o affirmado sempre: ha dentro do funccionalismo inimigos declarados da Republica, aos quaes não bastou a experiencia d'estes cinco annos para que as suas convicções monarchicas perdessem ao menos um caracter de hostilidade. Perturbam e difficultam a marcha do regimen. Mas, se as commissões falharam, como os factos demonstram, porque não ha de essa funcção de saneamento ser exercida pelos proprios ministros, n'uma acção constante de vigilancia e defeza republicana?

O que é preciso agora, acima de tudo, é terminar de vez uma situação que as circumstancias tornaram prejudicial á Republica e á propria acção politica que n'este momento affirma a sua preponderancia. Prejudicial sob todos os aspectos.

O novo presidente da Republica

As suas attribuições e a sua posse

Nos centros de palestra politica discutiu-se hoje um artigo publicado pelo sr. dr. Eurico de Seabra n'um jornal da manhã sobre as attribuições do presidente da Republica em face das disposições constitucionaes. A discussão versava exclusivamente sobre qual seria a significação politica do artigo, publicado a poucos dias de distancia da eleição presidencial. A tal proposito, podemos affirmar que a significação do artigo é nenhuma. Elle exprime apenas as opiniões do seu auctor.

Já está definitivamente resolvido realisar-se uma grande parada militar no dia da posse do novo presidente.

PARTE COMMERCIAL

Situação da praça

CAMBIOS.—O mercado fechou ás seguintes cotações:

	Compra	Venda
Londres, cheque	35 5/16	45 3/16
Londres, 90 d/v	35 13/16	—
Paris, cheque	$73,5	$74,1
Allemanha, cheque	$[illegible]	$91,5
Hollanda, cheque	$56,3	$60
Madrid, cheque	1$36,5	1$37,5
New York	1$44	1$46
Rios/Londres	12 1/8	—
Libras	7$00	7$10
Agio do ouro	45 %	56 %

BOLSA — As inscripções effectuaram-se:

	Assent.	Coup.
Titulos de 1.000$	38,60	—
» » 500$	—	—
» » 100$	—	40,00

Obrigações d'Estado: 3 %, 1905, 96$50; 6 %, 1909, coup., 80$30.

Externas: 74$ e 3.ª 75$, tit. $5.

Acções: Banco de Portugal, 179$50; Ultramarino, coup., 115$70 e assent. 115$; Assucar, 41$90, Phosphoros, coup., 55$70.

ULTIMA HORA

MARINHA E GUARDA REPUBLICANA

A festa de confraternisação

No Carmo

No 1.º esquadrão e na companhia de infantaria

Executado o programma da banda que já hontem inserimos, sob a regencia do sub-chefe da musica sr. João Dias, foi a commissão do quartel, composta de tres 1.ºs cabos e oito soldados, photographar-se com os 10 marinheiros do «Adamastor» que para o 1.º esquadrão haviam sido destinados sob as ordens do 1.º cabo Antonio Bota.

Minutos depois deram todos ingresso no refeitorio, occupando sete compridas mesas de dez logares cada. A sala estava caprichosamente enfeitada a encarnado e verde, e com muitos vasos de plantas e flores. As janellas olham para o pateo da companhia de infantaria ali aquartelada, cujo refeitorio fica no rez-do-chão.

Para a companhia de infantaria foram dez praças do «destroyer» «Douro» sob o commando do 1.º cabo Alfredo Fernandes Couto. N'este refeitorio as mezas eram oito, e 63 as praças que a ellas se assentaram.

Encontrava-se egualmente enfeitado a verdura e cores, predominando as cores nacionaes.

Presidiram respectivamente os commandantes srs. capitães Aguiar e Pestana, vendo-se a assistir aos jantares muitas familias dos officiaes.

Na parada do quartel de infantaria tocou durante as refeições a banda da Guarda um programma ligeiro.

Pelas janellas que olham esta parada viam-se varios officiaes com suas familias. Em ambos os refeitorios reinou sempre a maior alegria e o maior enthusiasmo, levantando-se successivos vivas patrioticos.

Ao começo das refeições estava nos dois refeitorios o commandante do corpo de marinheiros, acompanhado pelos immediato do «Vasco da Gama», 1.º tenente sr. Pereira da Silva, e chefe do estado maior da divisão naval, capitão-tenente sr. Fradique.

O sr. Freitas Ribeiro fez uma breve allocução ás praças em cada um dos grupos incitando-as á disciplina, á confraternisação entre si e á defeza unanime da Patria e da Republica e quem levantou calorosos vivas que foram delirantemente correspondidos.

No fim do jantar houve troca de discursos.

Em cavallaria, o soldado n.º 3, Henrique Victor Trindade, leu o seguinte discurso:

Marinheiros de Portugal! Camaradas!—Em vós, legitimos representantes e descendentes d'essa pleiade de heroes intemeratos que primeiro sulcaram as aguas revoltas d'um Oceano, cuja immensidade se perdia no ignoto e que jámais alguem se aventurara a desvendar, enchendo com feitos brilhantes e immorredoiros as paginas rutilantes da Historia singela do nosso querido Portugal e a de toda a humanidade: alevantando nas azas prodigiosas da Fama o nome abençoado da terra que nos serviu de berço e por ventura de sepultura tambem. Nos soldados d'ella como vós, nascidos e acalentados debaixo do mesmo sol vivificante que nos illumina, sentindo palpitar em nossas almas o mesmo ideal sacrosanto que nos anima — o engrandecimento da Patria Amada, saudamos unisonos os nossos irmãos pelas armas, mais os nossos irmãos pelo sangue que nos fez portuguezes tambem!

Camaradas!

Alguem com intenção criminosa (e são portuguezes?!) fez correr torpemente que a marinha e a guarda se detestavam mutuamente, lavrando nas duas corporações um odio latente e rancoroso. Que tristeza camaradas, saber que homens da nossa terra, que todos amamos com phrenesi e loucura, espalham tão grande calumnia e tão grande torpeza! Portuguezes são infelizmente porque teem a mesma nacionalidade, porém, a alma não o é, pois se destila fel e villania. Não. A alma portugueza, não é assim!

Odio entre a marinha e a guarda? Irrisão! Pois seria admissivel que entre soldados da mesma Patria houvesse tal ruindade? Não, os portuguezes de ha tudo pódem propalar semelhante atoarda. Qual o fim. Repugna-nos conjecturas sobre elle. Não, não conseguirão o seu projecto satanico e nós, hoje aqui reunidos, n'esta festa de confraternisação, pequena sem duvida mas grande pela sinceridade que a ella preside vamos, todos juntos derruir essa abjecta calumnia que nos infamava, levantando um viva que, reflectia lá fóra e seja o echo do estreitamento dos laços que sempre uniram a guarda republicana á marinha de guerra portugueza.

Ide, marinheiros da nossa terra, dizer aos nossos restantes irmãos de armas que nós, soldados da guarda, estamos estreitamente unidos pelo mesmo nobre ideal á marinha para defeza da integridade da Patria, que idolatramos e do bom nome da nossa Republica. Viva a marinha! Viva a Republica! Viva a Patria!

Respondeu-lhe o 1.º cabo Antonio Bota, sendo ambos muito applaudidos.

Em infantaria foi o 1.º cabo Antonio Paula, quem leu o seguinte:

Camaradas marinheiros.—Eu vos saudo em nome dos meus companheiros de caserna pela boa união que existe entre nós o dia de hoje, dia de confraternisação, jámais será esquecido pelas duas corporações.

Por isso para vós vão todas as nossas saudações não só pelas tradições que de ha muito vos acompanham mas tambem pela acção heroica que praticastes em 14 de maio.

A união que existe entre as duas corporações é necessaria para bem da Patria, e ai de aquelle que tentar dividil-a, porque então encontrará em nós a força sufficiente para o exterminar.

Os agitadores da ordem publica esforçam-se o mais possivel com a sua espada de cobarde (lingua) para dividir o exercito e as corporações e os bons republicanos. Sabeis para quê? Para assim os vencerem melhor.

Por isso digo mais uma vez que é necessaria a união, porque a união faz a força e é esta que a Patria e a Republica precisam, para melhor vencerem todos os obstaculos no caminho da honra.

Se alguem tentar contra ella unamo-nos em volta da bandeira verde-rubra para a salvar e assim cumpriremos com o nosso dever.

Não encontro palavras com que possa exprimir a satisfação que n'este momento a todos nos acompanha por vêr que todos nós nos agrupamos em defeza de um ideal.

Mas encontro estas saudadas da alma e do coração com toda a sinceridade de bom republicano as quaes são as de: Viva a Patria, viva a marinha, viva o exercito e viva a Republica.»

Da parte dos marinheiros foram estas palavras agradecidas pelo 1.º cabo Fernandes Couto.

Nos Paulistas

No quartel dos Paulistas compareceram egualmente das praças vindas de bordo do «Guadiana», sob as ordens do 1.º cabo Tavares.

Presidiu ao jantar o commandante da companhia sr. José Bernardo Ferreira, que, a quando da visita do capitão-tenente sr. Freitas Ribeiro, agradeceu ao commandante do corpo de marinheiros as palavras de saudação por este pronunciadas.

O jantar constou de sopa de massa com grão, cosido á portugueza, carne de porco assada com batatas, azeitonas, fructas e vinhos de pasto e do Porto.

No fim do jantar trocaram-se varios brindes entre as praças da guarda e as da marinha, sendo saudados com phrenesi a Patria, a Republica, o exercito e a marinha.

Deitaram-se depois, na parada do quartel, bastantes foguetes, continuando até tarde a confraternisação entre as praças.

No quartel da Estrella

Assistem ao jantar as praças da guarnição do «Vasco da Gama»

A séde da companhia de infantaria da guarda republicana da Estrella fica no tranquillo arruamento que defronta com o jardim e o cemiterio dos inglezes. Ninguem diria, a não ser pela presença da sentinella, que alli existe um quartel e que muito menos ali se desenrolou uma das mais sensacionaes tragedias militares em Portugal.

A festa de confraternisação entre guardas republicanos e marinheiros, cheia de enthusiasmo no interior do quartel, não alterou de maneira nenhuma o aspecto habitual, pacato e sereno d'essa rua da Estrella, que parece adormecida perennemente com o murmurio do arvoredo.

Pouco antes das 16 horas chegaram ao quartel da guarda dez marinheiros, da guarnição do cruzador «Vasco da Gama», convidados para o agape fraternal. Eram ali aguardados pela officialidade e praças em numero de cerca de 100, visto que as restantes se encontravam ausentes por motivo de serviço. Muitas das que se encontravam, haviam deixado suas familias, para assistir á refeição. Entre marinheiros e guardas republicanos trocaram-se desde logo as mais calorozas saudações, erguendo-se vibrantes vivas á marinha e á guarda republicana.

Feita a visita ás casernas, as praças de marinha foram conduzidas ao refeitorio, onde á meza se sentaram entre elles e outros, noventa convivas. A refeição, que constou de sopa de feijão branco, coelho á caçadora, assado de porco, feijão verde, fructas, doces, vinho de pasto e vinho fino, decorreu sempre no meio da mais franca e aberta alegria e solidariedade.

A meio do jantar, compareceram no quartel, vindos de automovel, os srs. Freitas Ribeiro, commandante do corpo de marinheiros, Ferreira da Silva, immediato do «Vasco da Gama», Manuel dos Santos Fradique, chefe do estado maior da divisão naval, major sr. Cabrita, capitão Rodrigues de Sá, representando o general de divisão e 2.º commandante da guarda republicana, capitão Aguiar, tenente Cabrita e alferes Maia.

A' porta do quartel foram recebidos pelo commandante da companhia capitão Gomes da Silva, tenente Guerreiro e alferes Almeida, seguindo immediatamente para o refeitorio.

Uma vez ali, o sr. Freitas Ribeiro, usando da palavra, saudou as praças da guarda, e da marinha pela sympathica festa que se está realisando. Enalteceu o extraordinario significado d'essa festa de confraternisação, que deriva da propria maneira de ser do regimen republicano, registando com verdadeiro reconhecimento a circumstancia de ver intimamente ligados os soldados de terra e mar.

Em seguida o capitão Rodrigues de Sá, em nome do general e do 2.º commandante da guarda, pronunciou tambem algumas palavras acerca do significado da festa.

As praças frisaram essas allocuções com enthusiasticos vivas ao exercito e á marinha.

Ao concluir a refeição usaram da palavra o cabo [illegible] da guarda republicana José Parrl, respondendo-lhe o cabo artilheiro Theodoro Barreiro.

O commandante, capitão Gomes da Silva, associou-se, em nome da officialidade, á festa das praças, erguendo o seu copo á completa solidariedade, entre todos os componentes da nação armada. O sr. tenente Guerreiro, frisando tambem os seus sentimentos de adhesão a essa festa militar, leu a carta que o seu camarada José d'Albuquerque lhe endereçou, pedindo que desculpasse encontrar-se alli, em espirito ao lado das praças, n'essa admiravel manifestação de solidariedade.

Os marinheiros retiraram-se do quartel acompanhados, até á porta, pelas praças da guarda, soltando vivas á marinha e á Republica.

Nos quarteis de Alcantara

As praças do corpo de marinheiros são carinhosamente agasalhadas pelos soldados da guarda

O bairro d'Alcantara foi, certamente, o de Lisboa que recebeu com mais viva sympathia a ideia da festa entre soldados da guarda republicana e praças de marinha. O povo, esse heroico, ingenuo povo trabalhador, essencialmente republicano, ali esteve, junto das portas dos quarteis, assistindo, com enthusiasmo e desvanecimento, a esta festa de confraternisação, digna de bons, de leaes republicanos.

No quartel do 2.º esquadrão, situado em frente do quartel de marinheiros, as 10 praças d'aquelle corpo convidadas para o jantar, passaram á residencia dos seus visitados, cerca das 16 horas, sendo recebidos com as maiores demonstrações de sympathia. Com as praças da guarda, assistiram á recepção dos marinheiros os srs. capitão Simas, tenentes Rego, Mathias e Adão.

Foi por esse quartel que os officiaes superiores da marinha e da guarda republicana começaram a sua visita.

O sr. Freitas exaltou a manifestação de solidariedade militar, affirmando o muito que a Republica espera da disciplina e harmonia do exercito portuguez.

O jantar foi abrilhantado por um grupo musical.

No quartel de infantaria reinou sempre o maior enthusiasmo, tendo tocado ali, durante a refeição, a banda dos marinheiros.

Falaram os soldados n.ºs 131 da guarda republicana Tito Antonio Godinho, n.º 41 José d'Azevedo, aos quaes responderam o 2.º cabo de marinheiros Carlos do Carmo e 1.º artilheiro Manuel de Brito Laubeiro. N'esse mesmo quartel o sr. Freitas Ribeiro saudou as praças da guarda e os marinheiros, pela sua festa de solidariedade.

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

Associação do Registo civil

Reune amanhã, pelas 21 horas, a assembleia geral, para continuação da discussão e votação do projecto de reforma dos estatutos.

Dr. Affonso Costa

Commemorando o restabelecimento do illustre estadista, o Centro Republicano Rodrigues de Freitas, a junta de parochia da freguezia de Santo André e a commissão politica da mesma freguezia distribuem no dia 5 de outubro um bodo aos pobres.

A questão das subsistencias

Peixe, ovos, venda de pão e farinha

Da Costa de Caparica vieram hoje 103 canastras com sardinha salpicada e de Cascaes chegaram 207 cabazes com carapau e alguma sardinha.

Por ter vendido peixe por preço superior ao indicado na tabella, foi multada a peixeira Rosa de Jesus, moradora nos Fornos d'El-rei.

Foram hoje despachados nas estações dos caminhos de ferro de Santa Apolonia, e do Terreiro do Paço [illegible] ovos, que seguiram para os mercados e mercearias, a fim de serem vendidos ao preço maximo de 24 centavos.

A Manutenção Militar, em conformidade com as ordens do governo, abre amanhã, na sua séde, ao Beato, a primeira casa de venda de pão e farinha.

Pela policia fiscalisadora do preço dos generos alimenticios foi hoje multado em 40 escudos o commerciante *Felix Ribeiro Lopes*, da rua da Betesga, por ter augmentado o preço do toucinho.

Voltou hoje a conferenciar com o sr. ministro da marinha a commissão de pescadores de Setubal, sobre o imposto do pescado e a venda do mesmo no local de pesca.

Uma numerosa commissão de commerciantes de Lisboa, Porto e Coimbra conferenciou hoje com o sr. ministro do fomento a quem pediu para que seja suspensa a execução do decreto que determina que as compras e vendas de feijão sejam feitas pela Manutenção Militar. O sr. dr. Manuel Monteiro vae estudar o assumpto.

Tambem uma commissão de negociantes de ovos procurou hoje o sr. presidente do ministerio, para lhe communicar que não podem cumprir a tabella, devido a não existirem no mercado os ovos necessarios ao consumo.

NOTAS DIVERSAS

O conselho de ministros reunia hoje pelas 17 horas, no ministerio da marinha occupando-se da questão das subsistencias e da organisação da expedição que no proximo mez deve partir para a Africa.

—Com o sr. ministro das colonias conferenciou hoje demoradamente o sr. dr. Alvaro de Castro, novo governador geral de Moçambique.

—A' vista de Sagres passou hoje um transporte italiano da Cruz Vermelha.

—O sr. ministro da marinha visita amanhã, pelas 12 horas e meia, a Escola Pratica de Artilharia Naval e ás 14 horas a Escola Pratica de Torpedos e Electricidade.

—Foram nomeados para comporem o conselho superior de disciplina da armada que ha de julgar o capitão de fragata sr. Pedro Antonio dos Santos os seguintes officiaes: presidente, capitão de mar e guerra sr. Oliveira Andrea; vogaes, capitães de mar e guerra srs. Almeida de Eça, Vianna Busto, Azevedo Gomes, Hypacio de Brion e Vieira da Fonseca, secretario.

Escolas de repetição

Para as escolas de repetição sahiram hoje os contingentes de segunda turma de infantaria 5 a 16.

Pelas 13 horas formou na parada do quartel de infantaria 16 um batalhão n'um total de 220 cabos e soldados sob o commando do major sr. Ferraz, tendo como commandantes de companhias os capitães srs. Macedo, Passos e Mello Vieira, sub-alternos os tenentes srs. Quintanilha e Meyrelles, alferes Elias, aspirante Duarte e sargento ajudante Fernandes e 1.ºs sargentos Esteves e Rodrigues. Como ajudante do batalhão vae o sr. tenente C. riaco.

Seguidamente o commandante do regimento tenente coronel sr. Antonio Maria Baptista passou revista ao batalhão, pondo-se este em marcha para infantaria 5, onde se fez a concentração das forças.

Na parada de infantaria 5, estava já formado o batalhão n'um total de 3 0 cabos e soldados sob o commando do sr. major Patacho, tendo como commandantes das companhias os capitães srs. Correia dos Santos, Santos Machado e Vasconcellos, e como subalternos os tenentes srs. Espirito Santo, Costa, Charley e Barros e alferes Baptista e Cruz Gomes e aspirantes Ferreira, Nunes da Silva e Chaves e os 1.ºs sargentos Martinho, Trindade, Silva e Figueira, e 2.ºs sargentos Gustavo, Carapeto, Ferreira, Abelho, Augusto, Pires, Bello e Niza. Como ajudante foi o sr. capitão Rodrigues.

Tomou o commando superior das forças o tenente coronel sr. Horta que lhe passou revista. A's 16 horas e meia foi dada a ordem de marcha seguindo á frente das forças o commandante de infantaria 5, o sr. coronel Pinto de Magalhães, e ao lado d'este o commandante sr. tenente coronel Horta e a banda de musica sob a direcção do chefe sr. Lopes da Silva. Conduzia a bandeira o aspirante sr. Chaves e ia com a ambulancia o capitão medico sr. Diniz de Carvalho.

As forças seguiram em direcção a Buraca onde estacionam.

O sr. coronel Pinto de Magalhães regressa esta noite a Lisboa apos o estacionamento.

No portão da Ajuda concentraram-se tambem as forças de infantaria 1 e 2, que constituem o 1.º regimento de infantaria na força total de 500 homens, commandado pelo tenente coronel sr. Vasconcellos. O regimento seguiu, pelas 17 horas, para Outorella, onde bivaca esta noite.

Porto n'"A Capital,,

Serviço telegraphico e telephonico

15,15

5 d'Outubro

A camara municipal resolveu celebrar com festas o mais brilhantes possivel a data de 5 d'outubro, anniversario da Republica.

Internato municipal

Tomou posse do logar de director do Internato municipal o distincto professor e jornalista José Vieira.

REABERTURA DO COLISEU

A grande companhia de circo

A mais sensacional novidade da actualidade: os ferozes leões do domador Marck—Os primeiros clowns do mundo

O explorador Darive contemplando o retrato da condessa

Entramos no circo. A sala está quasi completamente transformada. Trabalha-se febrilmente; mulheres lavam as bancadas; troços de homens collocam as cadeiras nos seus logares.

No palco, artistas que chegam dispõem bagagens e material, outros limpam os seus apparelhos, que na noite do sabbado devem apparecer brilhantes á vista do espectador.

Apanhamos o celebre domador Marck a um canto da scena. Junto d'elle está a pequena Yvonne, sua filha, a principal

Clown Rico

protagonista do mimodrama «Vingança de feras», a gentil caçadora de leões.

Georges Marck é uma figura varonil. Explorador experimentado nas florestas da Africa, ali caçou os mais bellos exemplares de leões. São elles que no mimodrama darão ao publico a emoção forte, luctando com o domador. Perguntamos a Marck o entrecho da tragedia. A 1.ª parte é feita em projecção cinematographica, representando a partida de Marck e a sua troupe para a Africa e os episodios mais emocionantes da caçada aos leões e sua captura. Para melhor comprehensão do que é esta sensacional novidade, damos o argumento do mimodrama:

1.ª parte—(Cinematographia)

O explorador Darive, encarregado pelo governo francez de uma missão á Africa Central, vae, antes de partir, fazer as suas despedidas á condessa de Kerny, viuva ha um anno, a que dá n'essa noite uma festa no seu palacio de Neully, em honra do viajante.

No decorrer da conversa, Darive annuncia tristemente á condessa a missão de que está incumbido.

O explorador ama a condessa: mas o segredo d'esse amor partirá com elle, escondido no fundo do seu coração.

Só um retrato, que um amigo lhe confiou, vendo-o em extase deante de uma photographia da condessa, lhe servirá de lenitivo a essa grande paixão.

No momento de sahir do palacio da condessa, que o vae acompanhar até ao portão do parque, Darive impede um tocador de realejo de maltratar uma pobre pequenita, roubada para tornar mais prospero o seu negocio de mendigo.

O explorador, perante a brutalidade d'aquella fera humana, não hesita em mandal-o prender e, no commissariado, da policia, pede para tomar conta da creança. Alguns dias depois decide leval-a comsigo na sua missão á Africa. A pequena, que já o ama como se elle fosse seu pae, vae conhecer as emoções da caça ás feras: aos nove annos mata o seu primeiro leão.

Uma noite, a pequena curiosa, aproveitando o somno do seu protector, descobre na carteira o que Darive todas as noites contempla triste e pensativo. Reconhece a photographia da bella dama de Neully, a condessa de Kerny.

Entretanto, em Paris, o tocador de realejo, tendo sahido da cadeia, vem rondar o palacio da condessa, proferindo ameaças sempre que a encontra. A pobre senhora conta nas suas cartas ao seu amigo Darive estes maus encontros e o receio que tem de que o bandido pratique qualquer acto hostil á sua pessoa. Darive apressa o seu regresso á França. Antes, porém, manda-lhe os mais bellos leões que capturou.

De regresso a Paris vae jantar n'essa mesma noite a casa da condessa, com a sua pequena protegida.

Chega ao portão do parque e toca a campainha.

(Fim da parte cinematographica.—Sóbe o panno).

2.ª parte

Darive e a pequena Yvonne estão no palco, ao mesmo portão da propriedade da condessa, que Marck fizera reproduzir exactamente na scena.

Começa aqui a realidade, com os mesmos artistas, os mesmos leões capturados, que se vêem agora em carne e osso, correndo na jaula que a condessa mandou construir para os receber.

Tudo isto o publico verá n'um scenario maravilhoso como nunca se viu, para dar logar ás exibições das feras quando o tocador de realejo, que passa por ali, reconhecendo Darive e a pequenita, resolve soltar os leões para exercer uma vingança cruel. Assim, quando Darive, d'ali a pouco, sahir de casa, já noite, travar-se-ha uma lucta terrivel entre elle e as feras. A Condessa e a pequenita assistem, cheias de angustia, da galeria envidraçada a esta scena terrivel.

Darive vae ser vencido pelos leões, quando Yvonne, com uma coragem inaudita salta pela janella, de revolver em punho ao encontro das feras.

O domador consegue então subjugar as feras e mettel-as de novo na jaula.

Mas o programma da inauguração do circo inclue ainda outras grandes attracções: os cães de «Mellis Meriskas», com o famoso cão transmissor do pensamento; «Baldon», celebre athleta equilibrista; a surprehendente troupe Torrida, acrobatas; os famosos gigantes Irmãos Panaitesar; o trio Onoto, excentricos, os Mendes, equilibristas...

Outra parte do espectaculo, essencial na composição de um programma de circo, é a dos «clowns», que dão a nota alegre d'estas diversões.

Pois este anno, vamos ter o melhor que

Clown Alex

ha n'esse genero: Antonet e Walter, Rico e Alex, Barracotas, o celebre augusto da «soirée», Gargarini,—a alegria, o riso, a gargalhada, o burlesco.

Pela concorrencia que hoje houve ás bilheteiras, é certa uma enchente no sabbado.

Antonio Santos, o activo e arrojado emprezario, mais uma vez vem provar a sua competencia como emprezario: os seus profundos conhecimentos do «métier» e o seu capricho conseguem verdadeiros milagres.

pequena Ivonne m... ta o seu primeiro leão

No boudoir

Correspondencia

Mariolas.—A minha amiga está, naturalmente, anemica.

E que admira que assim seja! Não sei, não come senão a sopinha, o arroz e carne assada...

Pessimo regimen, pessima alimentação. Coma boas sopas de legumes seccos e verdes, batatas temperadas com bom azeite e limão, ovos, saladas de alface, de chicoria, de rabanetes, de beldroegas, etc.

Coma muita fructa, muita uva e maçã, principalmente todas as manhãs ou todas as tardes. Muito ar, muito sol, muita fructa. Tudo isto reunido fórma um magnifico «cosmetico» para os labios: é dos melhores, creia.

Mas vá lá outro, não descurando o primeiro. Banhe os labios com agua tepida e unte-os com pomada camphorada e glycerina, deixando 20 minutos de intervallo da pomada á glycerina. Póde tambem usar o «Creme Labial Pompadour» que é inoffensivo e côra lindamente os labios.

Virtuosa.—O seu caso é mais vulgar do que julga. Não hesite, minha amiga: ponha essa «delicada» e «amiga» menina na rua. Olhe que dentro de pouco tempo talvez já seja tarde. Guarde bem o seu lar das arremettidas d'esses abutres disfarçados em pombas. E' conselho d'uma amiga bem sincera.

Luz.—Desculpe a demora. Para evitar o queimado e sol use o «Segredo Pompadour». E' optimo, creia. Póde mandar buscar a minha casa. Se usar os «Depilatorios Pompadour» vêr-se-ha livre d'esses horriveis pellos.

Uma leira.—Lavagens com agua e sumo de limão. Untar o rosto, ao deitar, com o «Creme adstringente Pompadour». Durante o dia lavar duas vezes com a «loção contra-rugas» e em vez do pó d'arroz o «Segredo Pompadour».

Marquise.—Seja franca. Póde-o ser. Eu sou uma amiga que sabe ouvir e calar. O motivo não deve ser o que diz na sua carta. Deve haver outro. Só depois de o saber poderei aconselhar.

Julia do Nascimento.—Use a «Pignomentina» e o meu preparado «Tonico Pompadour». Melhorará.

Maria Conti

ALVITRES e RECLAMAÇÕES

Falta de policiamento no Bairro Alto

Escreve-nos *Um constante leitor* pedindo-nos que chamemos a attenção do sr. commandante da policia para que o que se passa no Bairro Alto, em especial na travessa da Cara, fim da rua do Diario de Noticias e immediações. Quem ali passa é enxovalhado e muitas vezes aggredido até pelos vadios e rufias que d'essas ruas fazem campo de manobras. Os moradores honestos não podem quasi chegar ás janellas, taes são as obscenidades que a cada momento se ouvem, e os commerciantes são insultados, quando não lhes roubam o que podem das portas dos estabelecimentos. Verdadeiros bandos de garotos entre os 12 e os 18 annos fazem d'aquelles sitios escola de aprendizagem do crime, andando a riscar e intromettendo-se com tudo e com todos, chegando a fazer mictorio do meio da rua. Emfim, chega a ser perigoso passar por ali.

Com vista ao sr. Camara Pestana.

A provincia n'A CAPITAL

ALDEGALLEGA, 22.—O factor de 1.ª classe dos caminhos de ferro do Sul e Sueste, sr. José Dias Moita, actualmente fazendo serviço na estação de Aldegallega, e o chefe d'essa estação, sr. Ribeiro, estão ha uns 9 annos de relações cortadas por questões de serviço e segundo se diz por motivos politicos. Deu-se o facto quando ambos estavam na estação do Poceirão.

As relações entre os dois, aqui, continuaram tensas.

O Moita, segundo se diz na villa, é um empregado bastante antigo na Companhia mas que se embriaga, o que lhe tem acarretado sérios castigos.

Hontem, pelas 12 horas, sahiu elle da estação, dizendo ao chefe que ia a casa e que voltava em breve. Da locanda em locanda, demorou-se de fórma que só duas horas depois voltou ao serviço, indo um tanto ou quanto ebrio.

O chefe reprehendeu-o e tudo parecia ficar por ali, indo o factor transmittir dois telegrammas e dirigindo-se o sr. Ribeiro para o escriptorio, onde pouco depois o informaram de que o Moita se encontrava armado e na disposição de lhe dar dois tiros.

A principio não fez caso, mas como lhe affirmassem que o factor proclamava alto e bom som as suas intenções, mandou chamar a força da guarda republicana, comparecendo na estação o 1.º cabo Luiz Antonio Filippe, que intimou o Moita a entregar-lhe a arma e a acompanhal-o ao posto, onde lhe deu voz de prisão.

O factor, que é casado e tem filhos, recolheu á cadeia, sendo o facto participado para a inspecção dos caminhos de ferro no Barreiro.

Festas escolares

No Gremio de Instrucção Liberal

N'este Gremio, installado em Campo de Ourique, na rua da Arrabida, realisa-se no proximo domingo a entrega de diplomas e brindes aos educandos, havendo tambem *kermesse*, cuja inauguração se realisa ás 13 horas, abrilhantada pela Sociedade Philarmonica Alumnos de Apollo. As 14 realisa-se o lunch aos alumnos, seguindo-se-lhe a sessão solemne abrilhantada pelo sextetto «Os Independentes», após o que reabrirá a *kermesse*, havendo cantos corais pelo orpheon da escola, baile infantil e cantos populares pelos alumnos.

Movimento maritimo

Maranhão, Ceará, etc. «Michells» (Liv.)	21
Brazil e R. Prata, «Maasland» (Amst.)	25
Brazil e R. Prata, «Duæna» (Liverp.)	26
Liverpool, «Lanfranc» (Pará)	27
Africa oriental, «Ona Rosa» (Liverp.)	27
Africa occidental «Angola»	28

2.300 e 3.000 pés; em roda do Uzsok eleva-se a cêrca de 4.300 e o proprio desfiladeiro do Uzsok attinge uma levação quasi egual á dos mais altos picos da região do Lupkow.

Os valles que correm parallelamente á cadeia montanhosa são um factor importante ao longo das encostas do norte entre o Dukla e o Uzsok.

Uma estrada menos importante parallela á cadeia corre de Tylava, aldeia situada na estrada de Dukla, para o norte do desfiladeiro, em direcção leste. A cêrca de seis kilometros e meio a leste de Tylava, no cruzamento d'essa estrada com uma outra vinda do norte, fica uma aldeia chamada Jasliska. Essa aldeia teve origem n'um estabelecimento germanico fundado em 1367; o seu nome primitivo era Hohenstadt (a alta cidade). Na Edade Média era considerada um ponto estrategico importante, como attestam os restos das suas poderosas muralhas que chegaram até aos nossos dias.

Sob o ponto de vista que nos interessa, a sua importancia consiste em que duas estradas conduzem d'ahi pela cumiada dos Carpathos para o valle do Laborcza. Juntam-se em Vidrany e em Mezo-Laborcz a estrada e o caminho de ferro que liga Sanok com Homona. O caminho de ferro atravessa a principal cadeia por um tunnel proximo do Lupkow; a estrada corre pela cumiada ao sul de Radoszyce. Esses pontos são o terreno em que a batalha se travou durante muitos mezes e os exercitos germanicos mantiveram-se ahi firmemente. Mas Vidrany e Mezo-Laborcz ficam na retaguarda d'essas posições; podem ser torneadas por Jasliska.

A região do desfiladeiro do Lupkow favorece extraordinariamente as communicações entre a cadeia montanhosa. Dois rios—ao norte o Oslawica, affluente do San, ao sul o Laborcza, affluente do Tisza—abrem campo proprio para estradas e caminhos de ferro nas planicies da Polonia e da Hungria. Entre a parte superior dos seus cursos fica um curto sector da cadeia dos Carpathos, correndo de norte a sul; as nascentes do Oslawica ficam a uns dezeseis kilometros a leste das do Laborcza.

Ahi, tanto as estradas como o caminho de ferro que ligam esses dois valles formam uma grande curva e

Williams C. B., generalissimo da força australiana em operações no Egypto

em cêrca de doze kilometros correm de leste para oeste. O ponto extremo occidental, em redor de Vidrany e Mezo-Laborcz, póde ser alcançado facilmente, pelo norte, de Jasliska.

Mas embora o caminho de ferro de Sanok-Homona possa ser ameaçado pelo oeste de Lupkow, a conquista d'essa região só póde effectuar-se pelo leste. Duas estradas ligam Sanok com Homona; a occidental passa por Radoszyce e Mezo-Laborcz, seguindo principalmente a direcção do caminho de ferro e correndo, do lado hungaro, pelo valle do Laborcz. A oriental passa por Baligrod e Cisna, atravessa o desfiladeiro de Rozstoki, o Orosz-Ruszka

Uzsok, correm na parte superior parallelamente á principal elevação da montanha.

Assim, emquanto as outras zonas dos Carpathos apresentam n'um mappa em relevo a apparencia de altos blocos separados uns dos outros por estreitos valles de rios, que correm em angulos rectos para a principal elevação, extensos valles parallelos são a principal caracteristica no lado norte da zona central, com fileiras de montanhas, semelhantes a enormes parapeitos de trincheiras, seguindo-se umas a outras.

Essa configuração, tomada juntamente com o facto da elevação d'essas montanhas ser consideravelmente mais baixa do que a dos sectores a oeste e a leste, ainda mais favorece o desenvolvimento n'essa zona d'uma frente de batalha mais continua ao longo e atravez de toda a elevação.

A elevação mais baixa das montanhas e o curso mais irregular dos rios exerce tambem uma influencia consideravel na questão de estradas d'aquella zona. As estradas ahi, excepto as que atravessam a mais alta cumiada, não correm em direcções parallelas do mesmo grau do das orientaes, antes seguem em direcções diversas, sendo por isso um grande auxilio para as tentativas de envolver ou forçar qualquer posição, servindo-se dos sectores visinhos.

Uma linha recta tirada da confluencia do Vistula e do Dunajec a Bartfeld, no norte da Hungria, segue a direcção principal do Dunajec e do seu affluente o Biala até perto da aldeia de Ciezkowice, que foi occupada durante a offensiva austro-allemã nos primeiros dias de maio.

O Dunajec e o Biala foram a frente occidental das posições russas na Galicia desde a sua retirada de deante de Cracovia, em meados de dezembro. A uns dezenove kilometros de Ciezkowice, na estrada que leva de Novy Sacz por Grybow a Gorlice, essa imaginaria linha Dunajec-Bartfeld passa por uma aldeia chamada Ropa.

Passado o flanco sudeste da aldeia corre uma torrente da montanha, tendo o mesmo nome da aldeia. Fórma ahi um angulo; abaixo da aldeia corre para o norte, seguindo exactamente a linha Bartfeld-Dunajec; abaixo de Ropa volta para direcção leste, formando parte do grande valle transversal.

Da aldeia de Ropa uma estrada leva para o sul, seguindo da porta o rio Ropa até á aldeia de Wysowa; a estrada attinge n'esse ponto uma altura de cêrca de 1.700 pés. Bifurca em Wysowa. O seu ramo oriental corre por entre desfiladeiros de montanhas, entre alturas cobertas de densos bosques; a cêrca de oito kilometros a sudeste do ponto onde transpõe a cumiada dos Carpathos alcança a cidade hungara de Zboro.

O ramo occidental da estrada de Ropa atravessa a montanha na altura de cêrca de 2.300 pés, em direcção sudoeste, e desce por um fundo declive para a aldeia de Cigielka (1.700 pés). Quando os russos estavam atravessando os Carpathos no fim de março as partes superiores d'essas alturas estavam ainda cobertas de grande camadas de neve; na parte sul, do lado hungaro, a linha de neve alcança a um nivel de cêrca de 2.300 pés; no lado norte desce muito baixo para os valles.

Das encostas sul da montanha Cigielka, que fórma o lado occidental do desfiladeiro atravessado pela estrada de Ropa, nasce uma pequena torrente tendo o mesmo nome da montanha. No sopé da funda encosta da montanha fica uma aldeia, chamada tambem Cigielka. D'ahi a corrente segue entre rochedos e montanhas subindo a mais de 3.000 pés de altura (o Bilyj Kamien e o Buszow), até entrar, a cêrca de cinco kilometros a sudoeste da aldeia Cigielka, n'um valle algum tanto amplo. N'esse ponto, a estrada, que segue a torrente Cigielka, chega á aldeia de Pitrova; ahi bifurca com a estrada que vae de Grybow por Tarno para Bartfeld.

Pitrova fica n'um pequeno valle, o qual assenta entre a elevação prin-

cipal e é rodeado de tres lados por altas encostas cheias de rochedos. Corre ahi a importante estrada estrategica de Novy Sacz a Bartfeld, que n'esse ponto atravessa os montes Carpathos e d'ahi para sudeste, n'uma longa encosta, até encontrar a estrada Grybow-Pitrova-Bartfeld em Torno.

A linha Dunajec-Biala-Ropa formou desde dezembro até maio o limite entre os exercitos russo e germanico. As estradas Grybow-Torno e Novy Sacz-Tarno-Bartfeld eram as linhas bases de communicação atraz das posições dos exercitos germanicos n'esse sector, ao sul do caminho de ferro transversal. A estrada conduzindo de Novy Sacz a Bartfeld formava a unica ligação directa entre as posições germanicas na Galicia occidental, na frente da linha Brzesko-Novy Sacz, e as do norte da Hungria, na região de Bartfeld.

Voltemos ao districto do Ropa e á estrada que conduz de Novy Sacz por Grybow, Gorlice e Biecz a Jaslo. A lucta que houve n'esse linha, mesmo antes da grande batalha de maio, foi tão violenta que pouco ou nada foi deixado da cidade de Gorlice.

«Em toda a cidade—escreve uma testemunha ocular polaca em março—apenas cinco ou seis casas foram deixadas em estado de ser habitadas; as restantes estavam arruinadas ou feitas em pedaços. Da egreja apenas restava a parede do norte. Durante as ultimas batalhas centenas de paisanos foram mortos ou feridos; muitos morreram de typho e de outras doenças epidemicas.

Viveram debaixo da terra e alimentaram-se com algumas beterrabas ou couves. Só nas ultimas semanas, quando a batalha se deslocou mais para oeste, elles se atreveram a sahir das suas locas e muitos soldados russos repartiram com elles as suas rações».

Mas em março, ao começo da offensiva russa nos Carpathos, Biecz e Gorlice estavam nas mãos dos russos. Desde a aldeia de Ropa até Jaslo, que é uma das mais importantes bifurcações de estradas e caminhos de ferro da Galicia occidental, a estrada corre atravez do baixo valle do Ropa. Em Jaslo o Ropa junta-se com o rio Visloka. Esses dois rios teem as nascentes quasi juntas nas montanhas, nos lados oppostos da elevação de Konieczna, mas apartam-se a uma distancia de quasi trinta e dois kilometros, tornando a juntar-se em Jaslo.

No circulo assim formado pelos dois rios fica um grupo de montanhas, isolado de quasi todos os lados e chamado o Magora de Malastów. Elevando-se a uma altura de 2.778 pés, domina as cumiadas que o circumdam.

A leste estende-se a depressão do desfiladeiro de Dukla; ponto algum n'aquella região excede a altura de 2.400 pés. A importancia estrategica do Magora póde ser facilmente vista no mappa; correndo de noroeste para sudoeste, fórma a divisoria entre a linha do Dunajec e Biala e a principal elevação dos Carpathos, isto é, entre a frente occidental e meridional das posições que os russos occuparam desde o fim de dezembro. Nas alturas occidentaes do Magora estavam situadas em março e abril algumas das suas mais importantes linhas de trincheiras.

Pelo centro do Magora passa a estrada de Gorlice para Bartfeld. Corre para o sul, formando a linha de aguas entre o Ropa e o Visloka e attinge a maior elevação (1.834 pés) na fronteira entre a Galicia e a Hungria no fim da longa fileira de casas que formam a aldeia de Konieczna.

Cercadas frequentemente por grandes muralhas de pedra, as casas são n'essas regiões montanhosas, em que o transporte e o manejo da artilharia apresentam sérias difficuldades, de consideravel importancia tactica. Ao sul de Konieczna, do lado hungaro, a estrada desce n'uma encosta muito suave para a velha e historica cidade de Zboro. Essa cidade apparece em alguns documentos coevos do tempo do grande chefe magyar e antepas-

sado dos Habsburgos, Jorge Rakoczy, como «Zborovia sub centum tillis». A oito kilometros ao sul fica Bartfeld, centro d'um dos mais antigos estabelecimentos germanicos na Europa oriental.

Desde que o caminho de ferro foi construido atravez dos Carpathos a velha estrada Tarnow-Gorlice-Bartfeld perdeu muito da sua importancia economica, mas pouco quanto á importancia estrategica. A região em roda do Magora e do Makovica (a sudeste de Bartfeld) era no outomno de 1912 o theatro das grandes manobras do exercito austro-hungaro; no decorrer d'essas manobras a invasão da Hungria, que era o thema, foi repellida pelos meios semelhantes adoptados pelos exercitos germanicos em maio d'esse anno.

Durante essas manobras, o exercito invasor era commandado pelo archiduque Frederico, que é actualmente commandante em chefe dos exercitos austriacos nos Carpathos e na Galicia occidental.

A cêrca de dez kilometros de Konieczna, uma alta estrada de Jaslo, correndo pelo lado oriental do Magora de Malastow, atravessa a principal elevação dos Carpathos, isto é, a fronteira entre a Galicia e a Hungria. Desce da cumiada da elevação para a aldeia de Polanka; ahi divide-se em dois ramaes, um correndo em direcção sudoeste para Zboro e Bartfeld, outro em direcção sudeste para a aldeia de Szvidnik. Esse ramo oriental encontra ahi a famosa e antiga estrada que atravessa o desfiladeiro do Dukla.

Para se fazer uma idéa precisa d'esse systema de estradas—e que é indispensavel para se comprehender a offensiva russa na direcção de Bartfeld—temos de considerar as relações que ha entre ellas. As tres estradas a leste do rio Ropa, Gorlice-Konieczna-Bartfeld, Jaslo-Polanka e Dukla-Sztropko, correm em direcções mais ou menos parallelas de norte para sul, mas a segunda bifurca em Polanka; o ramo occidental encontra a de Gorlice-Bartfeld em Zbovo, o oriental a de Dukla em Szvidnik. Assim, essas estradas, nos pontos mais baixos, formam dois triangulos. No oriental estava, no dia 19 de março, o unico posto avançado russo que havia em solo hungaro.

Um communicado publicado pelo quartel general russo a 18 d'abril dizia:

«No começo de março, na principal cadeia dos Carpathos apenas occupavamos a região do desfiladeiro de Dukla, onde as nossas linhas formavam um angulo externo. Todos os outros—o Lupkow e os que ficam mais a leste—estavam nas mãos do inimigo».

A estrada de Dukla segue ao sul de Szvidnik o amplo valle do Ondava. Parallelo a este abre para sudeste de Bartfeld o ainda mais vasto e aberto valle do Toplya.

Entre os dois fica a cadeia de montanhas do Makovica, que durante as manobras do exercito austriaco em 1912 formava o centro da força que defendia a Hungria.

Essa cadeia de montanhas fica entre os caminhos de ferro de Bartfeld-Kaschau e de Sanok-Mezo Laborcz-Homona, atravessando este a cadeia dos Carpathos pelo desfiladeiro de Lupkow. A estrada de Dukla póde ser considerada a linha marginal entre a zona de Bartfeld e o districto concentrico em redor do desfiladeiro de Lupkow, para além do qual fica a região do Uzsok. Essas tres zonas juntas formam o theatro principal da offensiva russa nos Carpathos.

O Dukla fica n'uma depressão da cadeia dos Carpathos, que é causada pela juncção de duas montanhas que correm em direcções differentes. A leste do Dukla começa, com a elevação do Czeremcha, uma cadeia montanhosa que apresenta até ao Uzsok uma linha continua e é caracterisada por certas particularidades. Corre em direcção este-sudeste e augmenta em altura e em volume á medida que avança de oeste para leste. Ao longo de toda a linha a sua cumiada fórma a fronteira entre a Galicia e a Hungria. Em redor do Lupkow a sua altura varia entre

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 1846 — 6.º Anno — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Editor—Camillo Souza e Almeida — Redacção e Administração—R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA—Sexta-feira, 24 de Setembro de 1915

Telephone n.º 2393—Endereço teleg. CAPITAL — Composição—Rua do Norte, 5, 1.º — Officina de Impressão—74, Rua da Rosa, 74

Preço 1 centavo

O dia de hontem

A manifestação de confraternidade militar, hontem realisada pela marinha e a guarda republicana, constituiu para o paiz um reconfortante espectaculo. Segundo parece, propalára-se que entre essas duas corporações existia um estado de antagonismo, que chegava a attingir a Republica. Era mais um d'esses boatos aleivosos em que exgotam a energia os inimigos da Republica, que por todas as fórmas desejam difficultar a vida das instituições nacionaes. Falou-se mesmo, se não estamos em erro, no meio da alluvião d'esses atoardas e ignobeis boatos, n'um projectado assalto dos quarteis da guarda republicana pelos marinheiros da armada. O assalto realisou-se, tendo os assaltados franqueado previamente a entrada aos assaltantes, que arvoravam flôres, que outras flôres foram recebidos. Foi a festa de hontem.

Nunca, como agora, exercito e armada estiveram mais firmemente unidos n'um ideal commum, nunca manifestaram mais a noção da grande missão que a patria lhes incumbiu. Exercito e armada sabem para onde vão. Não ha entre elles rivalidades, suspeições, desintelligencias de classe ou convicções. São patrioticos, são republicanos e sabem que as armas que empunham lhes foram confiadas para defender a honra e a liberdade do paiz.

Se alguem pensou que esses bravos filhos do povo, que a voz da patria vae arrancar ás suas occupações pacificas para lhes pedir o sacrificio da sua vida, eram rebanhos sem consciencia que se podiam arrastar para os pronunciamentos, destinados a esmagar a lei, ou para as revoluções ditadas por um desejo subversivo das instituições livremente escolhidas pelo paiz, esse alguem enganou-se. O exercito e a armada são compostos de cidadãos que conhecem e cumprem os seus deveres, sabendo que o primeiro de esses deveres é defender a Republica e a Constituição.

Serão precisas mais demonstrações de que o exercito e a armada não consentirão, como o povo não consente, que a Republica seja attingida pelos seus declarados inimigos ou pelos seus falsos adeptos? Os aventureiros, os ambiciosos, os especuladores, os pescadores de aguas turvas devem já estar bem capacitados de que não ha maneira de abalar a unidade moral dos filhos do povo, quer vistam uma farda, quer enverguem uma blusa, fundada pelo pensamento superior de defender a causa da Republica, que é causa do proprio povo.

E se o exercito e a armada são invulneraveis ás intrigas que pretendem dividil-os e procuram quebrar os elos que á Republica os ligam, não menos teem a noção do que representam para o paiz, sob o ponto de vista dos seus interesses e deveres internacionaes. Se ha quem entenda que a força armada d'este paiz não está disposta a derramar o seu sangue, logo que a patria o exija, tanto dentro do territorio nacional como fóra d'elle, mas sempre envolta na bandeira que é o symbolo d'essa patria, não só se illude infelizmente como offende, de maneira odiosa, o patriotismo nunca desmentido dos nossos soldados e marinheiros, a sua intrepidez, o seu espirito de sacrificio e de heroismo. Homens a quem a patria confiou uma arma, estão sempre promptos para se bater.

Nem as intenções do egoismo, nem o odio á Republica, nem as inspirações da cobardia abrem brecha no peito de soldados e marinheiros. Não é susceptivel de por ellas se deixar contaminar a grande alma do povo. E o dia de hontem foi mais uma affirmação do que o povo, o exercito e a armada valem em Portugal.

Poeira da Arcada

No Rocio e ruas da Baixa apparecem umas mulheres que vendem flores a baixo preço. E' um commercio que não afeia a cidade. A policia, porém, persegue-as impiedosamente, como se transportassem explosivos.

Não haveria meio de as deixar em paz, mesmo que não estejam munidas da respectiva licença? A lucta contra a fome impõe d'estas necessidades—vender flores para ganhar uns centavos honrados, com que se compra o difficil pão d'este anno de guerra e flagicios.

Os turcos, para darem a impressão de que fazem innumeros prisioneiros, levam atravez as suas cidades procissões enormes de armenios que elles vão buscar ás suas casas, não lhes deixando tempo sequer para abandonarem os seus haveres. Os campos de concentração estão cheios de desgraçados d'esta especie. Conseguem assim os turcos mostrar que a sua alma persiste inalteravel como uma rocha e que não lhes falta imaginação para corresponderem dignamente ás ironias da fortuna.

Será a Inglaterra um povo decadente e a Allemanha um paiz joven e invencivel? As opiniões dividem-se e dividem-se tanto que não é possivel descobrir uma certeza.

A primeira está senhora dos mares e a segunda lança os seus exercitos admiraveis contra barreiras humanas que umas vezes avançam, outras recuam. Ambas revelam qualidades superiores de intelligencia, esforço, grandeza de animo e de heroismo. Onde está a decadencia? Onde está a prosperidade? Por multiplas victorias que os exercitos allemães alcancem uma idéa fica velada—derrotar a Inglaterra, de maneira a arrancar-lhe uma só parcella do seu imperio. Quem está decadente? Quem está prospero?

«Historia Illustrada da Grande Guerra»

Dividido em volumes, cada um dos quaes com cerca de 200 paginas, de modo a formar um livro portatil, economico, elegante e de facil encadernação, o folhetim que vimos publicando *Historia Illustrada da Grande Guerra* tem alcançado grande exito.

O primeiro volume abrange desde março a 15 de abril, tendo 184 paginas, o segundo de 16 de abril a 8 de junho, com 188, o terceiro de 4 de junho a 20 de julho, egualmente com 188 paginas, e o quarto de 21 de julho a 3 de setembro, com 180 paginas, sendo todos os volumes profusamente illustrados. Na administração d'*A Capital* são immediatamente satisfeitos todos os pedidos, quer da collecção completa, quer de qualquer numero de exemplares do jornal, que venham acompanhados das respectivas importancias.

POR MONTES E VALLES

Panoramas da Beira

Seguindo o traçado da linha Louzã-Arganil

Serpins é a freguezia mais laboriosa, extensa e rica do concelho da Louzã, indubitavelmente aquella a que o projectado caminho de ferro levará mais assignalados beneficios. A sua população não constitue um nucleo; encontra-se disseminada por diversos logares, como se, n'um momento de mau humor, algum gigante lendario a tivesse arremessado, á doida, pela bacia immensa de verdura, que as terras distantes limitam. Todos os membros d'essa freguezia estão separados por extensos tratos de terreno, por onde o milho aloira e a vegetação remoreja. Aqui, As Almas, com a sua estação telephono-postal, a pharmacia aonde acodem os necessitados de muitas leguas em redor, logar de admiravel pittoresco, com a sua ponte romana, transpondo o Ceira; além, Avessada, toda entregue ao seu labor campesino, depois As Covas, com o seu edificio escolar, cujo aspecto alegre lembra uma construcção de brazileiro, regressado á patria com farto pé de meia, e, por fim, os outros, como se cada um d'elles gozasse voluntariamente o prazer do isolamento, feita, entre si, a divisão da terra.

Quando a linha for construida, Serpins terá uma estação, no logar das Almas e os caminhos tortuosos que actualmente ligam entre si os diversos componentes d'aquella freguesia hão de necessariamente tomar aquelle rumo, despejando para a via ferrea o producto do seu rude trabalho, na certeza de receber, em troca, maior somma de prosperidades.

O comboio, entrára depois, n'uma região completamente diversa nos seus aspectos naturaes. Minando a montanha colossal, de rocha viva, irá passar n'uma soberbissima garganta, digna rival do celebre *Despeña perros* da Serra Morena, perante a qual se estarreceram os olhos de Homboldt. Presentemente os viajantes da Beira não dispensam uma excursão ao Cabril, que se faz em caravanas, attrahidos pela extraordinaria magia do panorama. No alto, á sombra da capellinha da Senhora da Candosa, organisam-se *pic-nics* e nas profundezas, que provocam vertigens, installam-se os apetrechos de pesca nas lagôas, que o Ceira vae formando no percurso.

Transposto esse obstaculo natural, a linha ferrea penetra desafogadamente na varzea de Goes, mar de verdura em que navegam, em calmaria, as risonhas casas de campo, os logarejos que, para em tudo se assemelharem a embarcações, até, de longe, as paredes caiadas parecem velas abertas ao vento.

Todo aquelle abençoado solo respira exuberancia e fartura, faltando-lhe apenas a cinta ferrea da locomotiva para se expandir e desenvolver.

Luctando com as maiores difficuldades de communicações, a Varzea Grande e a villa de Goes mostram já de quanto serão capazes na hora em que lhes forneçam os meios necessarios a esse desenvolvimento. Ha n'essas povoações um ambiente enternecedor que a fortuna bem dividida assignala. As casas offerecem um aspecto sadio, alegre. De dentro d'ellas sabem canções suaves, chilrido de creanças, como que a dizer ao viandante que a verdadeira felicidade na vida está no amor á terra, no apêgo á familia e horror ás vaidades humanas.

Para além, apontam-nos varios trabalhos encetados para o assentamento da linha que levará as trepidações da locomotiva a Pereira e Arganil, anciosos de contemplar os rolos do fumo sobre o tapete verde dos campos.

O caminho seguido pelo comboio é o da utilidade principalmente, pois se destina a servir as necessidades regionaes do commercio e da industria. O turismo virá a ter n'elle um valioso subsidio, porquanto ao longo d'esse trajecto encontra o viajante varios pontos de partida para admiraveis excursões, como sejam a visita ao Pontão de Albergaria, á Ponte de Sotam, ao Penedo de Goes, com os pittorescos logares intermediarios, graciosos e ingenuos, como os logarejos montanhosos da Suissa.

Por toda a parte, quer seguindo a futura linha ferrea, quer caminhando ao longo das estradas, esse lindo trecho da Beira, que surge a nossos olhos, com encantadora surpreza, impõe-se como terra previlegiada e digna não só de attrahir os portuguezes que viajam, mas de levar a sua attracção até além fronteiras. Na sua modestia e no abandono e esquecimento a que tem sido votada, essa lindissima região parece sorrir da nossa simplecidade nacional, que imagina não ter no seu paiz as bellezas, que procura em casa alheia, como se a natureza, como os homens, tivesse sentimentos mesquinhos, dando a uns o que a outros recusa.

Ao pôr do sol regressamos a Serpins, depois de um dia inteiro de peregrinação por esse delicioso Eden, cujas portas a locomotiva ha-de forçar, dentro em pouco tempo, para engrandecimento material dos seus habitantes e para regalo de todos aquelles que viajam por prazer espiritual.

O afastamento de funccionarios

Uma chronica de Eduardo Schwalbach

Eduardo Schwalbach não é só, como se sabe, um dos primeiros comediographos portuguezes: é tambem um dos nossos mais notaveis jornalistas, provindo d'uma escola cujos aproveitados discipulos varriam já e cujos mestres foram os maiores que menciona a historia do jornalismo na nossa terra.

As cartas de Eduardo Schwalbach insertas diariamente no Jornal de Noticias do Porto são, por via de regra, modelos de estilo, de bom senso e de humor. A que em seguida reproduzimos por todos estes titulos se recommenda. O illustre homem de letras, que na politica foi a amenidade e a graça, é simplesmente encantador ao versar a melindrosa questão do afastamento dos funccionarios publicos. Leiam-n'o e saboreiem.

Já se fala na liquidação das commissões de afastamento dos funccionarios publicos; já sensatamente se lhes aconselha que se dissolvam, deixando unicamente aos ministros a applicação da lei, sempre que na gerencia das suas pastas verifiquem que este e aquelle funccionario procuram prejudicar as instituições. O conselho é bom, vem de quem tem capacidade para o fazer, e contribue para descarregar a atmosphera. A delação pesava por contrariar ao nosso caracter; e a fórma como teem corrido os inicios das devassas e teem sido dirigidas as circulares a inquirir das convicções politicas d'aquelles a quem são enviadas, irritou até velhos republicanos attingidos por ellas. O espirito publico não recebeu bem este processo de defender o regimen; apenas se viu a caça ao logar, e isto bastou para o desagrado.

Logo que se cria uma victima, cria-se uma sympathia, mereça-a, ou não, quem vae ser sacrificado. Já aqui reproduzi o conselho de um nosso grande jornalista a um politico, que procurava todos os meios de atacar um seu adversario:—«Não carregue tanto a mão, porque acaba de tornal-o em victima, e desde esse momento começará a parecer sympathico á multidão». Encerram estas palavras uma grande verdade, e muito principalmente n'um paiz de sentimentaes. Com a lei do afastamento, está-se dando este phenomeno, accrescido da repugnancia pela delação occulta. Não ha já força moral para a executar.

A «brandura dos nossos costumes» de que, umas vezes, troçamos, e que, em outras, atacamos com violencia, é uma das nossas grandes qualidades, e posta em acção com arte e sciencia pode fazer-nos conseguir muito mais do que a ferro e a fogo. Convenho em haver situações que a não consentem, mas na maior parte dos casos, usada com conta, peso e medida, doma e attrae. Antes abusar d'ella um tudo nada do que applicar continuamente o «ou vae ou racha», pois que, em geral, quando «racha», racham todos:—rachados e rachadores, estes creio que com a força de despedirem os golpes.

Não ha duvida de que todos os regimens teem o dever de defeza propria, mas a grande sciencia politica está na maneira de usar essa defeza. A' violencia tudo se consegue, principalmente n'uma terra em que quasi todos teem sempre o «sim senhor» na bocca, mas o resultado é sempre um grande abatimento e um retrahimento, altamente prejudiciaes para que a grande machina funccione com regularidade.

Ha quem no exercicio das suas funcções hostilise, mais ou menos encapotadamente as instituições? Ao respectivo ministro compete castigar quem assim procede. Não era preciso fazer rebentar uma trovoada que apavorasse. Estou convencido de que dentro das leis em vigor existem artigos, paragraphos e alineas que dão para se fazer quanto um governo queira sem ser necessario recorrer-se a leis especiaes. Pois se até nas dictaduras os governos justificam sempre com tal artigo de tal decreto o que praticam contra a lettra da Constituição!

Quando Lopo Vaz publicou a sua lei de imprensa, conhecida pela lei das rolhas, Marçal Pacheco disse-lhe com o seu sorrisinho sarcastico:—«Sim senhor, foi uma boa asneira! Dá-me a lei mais liberal, e com ella sou capaz de fazer o que tu mesmo farás com essa tua lei de ferro». Lopo Vaz olhou-o, e sorrindo-se tambem, com a doçura philosophica que o caracterisava, concordou:—«Effectivamente tens razão. Mas é necessario assustar os pardaes para elles não depenicarem nos figos». Ambos conheciam a terra em que viviam, e que ainda não mudou de todo, apesar das voltas e reviravoltas que de então para cá lhe teem dado todos... os que procuram defendel-a e engrandecel-a.

Temos, pois, já uma intimação para se dissolverem as taes commissões, que para se constituirem quasi foi preciso tornar o seu serviço obrigatorio. Que ellas haviam de cair por si, como na anecdota do medico esquivando-se a certa amputação, sempre me quiz parecer. A siphilis da delação não deixaria de seguir a sua marcha até ao resultado final.

Pelo telegrapho

A Allemanha e os Estados Unidos

NEW YORK, 24.—Na sua ultima nota ácerca da destruição do vapor americano *William Frye* a Allemanha informa ter ordenado ás forças navaes allemãs que não destruam os navios mercantes americanos que transportem contrabando condicional e lhes permittam continuar a viagem se lhes não fôr possivel conduzil-os a um porto.—(*Havas*).

INSISTINDO . . .

O caso de Monchique

Uma immoralidade que não póde manter-se

PRAIA DA ROCHA, 20.—Primeiro que tudo, uma declaração previa, que vem a ser esta: não me interessa absolutamente nada o concessionario das aguas de Monchique. O sr. Bentes Castello Branco é como se não existisse para mim. O que me interessa é a sua obra. Aquillo que me impressiona, por a julgar immoral, é o contracto que se celebrou entre esse individuo e o Estado, e por virtude do qual nas mãos de um particular, ficaram, gratuitamente, por noventa e nove annos, as afamadas Caldas algarvias, que D. Francisco Gomes, o grande prelado da diocese, ahi por mil setecentos e tal, mandou construir n'um dos sitios mais aprasiveis que n'este paiz podem deparar-se-nos. Antes do sr. Castello Branco, era o Estado quem administrava directamente as aguas. Tinha ali pessoal seu, mais ou menos competente, mas pessoal que sabia respeitar o que respeito merecia e não ordenava, periodicamente, para se salvar de apuros, grandes cortes de arvoredo destinados a cobrir deficiencias desorganisadoras de administração. E as Caldas, com todos os seus defeitos, com todas as suas lacunas, com a falta de commodidades que se não tornavam attrahentes, dando para si, rendiam, por anno, tres contos em media.

E se rendiam esse dinheiro é porque eram frequentadas. E eram-no, effectivamente. Quando o verão chegava, Monchique, offerecendo-se como delicioso logar de repoiso, transformava-se no ponto obrigado de reunião de tudo o que no Algarve havia de distincto, de abastado de predominante. Mais ainda: a fama da estancia alastrava pela Andaluzia, sendo avultado o numero de familias que ás celebres aguas vinham pedir allivios para os seus achaques e um pouco de refrigerio ás copadas arvores para o calor que as aggredia nas suas terras distantes, devastadas pelo sol.

Monchique era para algarvios e andaluzes da fronteira o que o Bussaco é para a gente do centro do paiz e para quantos emfim ali vão para repoisar o corpo e o espirito. Era, pois, alguma coisa de que não se dizia mal a administração do Estado nas famosas Caldas. Ella não repellia os doentes nem os sãos—attrahia-os. E ainda hoje não falta, de um ao outro extremo do Algarve, quem recorde esses tempos, sobre os quaes já rolaram vinte annos, em que Monchique, se não era uma estação de aguas modelar, podia, entretanto, considerar-se como um logar onde a gente rica, que gosta de viver bem, não desdenhava passar uma parte da estação calmosa.

E hoje? Serão ainda as Caldas de D. Francisco Gomes tão frequentadas como ha vinte annos? Continuarão ellas ainda, por acaso, a ser o ponto onde se reune a melhor sociedade algarvia? Muito longe d'isso. O algarvio de fortuna e o simplesmente remediado não põem os pés em Monchique. Fugiram de lá ha muito; abandonaram, enojados, aquelle pequenino Paraiso encravado na alta serra, predestinado para habitação privilegiada de deuses. Por sua vez, a gente hespanhola tambem o não visita. A debandada foi completa. E assim, Monchique, reduzida hoje á clientella menos abastada, que ali vae tomar as aguas por não poder procurar outras, vê-se rebaixada á condição de uma reles galeria, onde não ha conforto nem higiene, nem nada e onde se adivinha, sem difficuldade, que á exploração das ricas aguas preside apenas este intuito rudimentar: arrancar a pelle a quem lá cae uma vez, por necessidade ou por ignorancia.

Porque motivo se deu então a debandada? Dil-o toda a gente do Algarve. Affirmam-no quantos conhecedores das termas sabem o que por lá se passava ha duas duzias de annos e o que se passa hoje. São as Caldas sitio ameno, acolhedor, asseiado, digno de ser visitado e frequentado? O concessionario... gratuito diz que sim. Mas a verdade é que só lá vão os que soffrendo e desejando tratar-se, não possuem meios de fortuna para irem procurar n'outras termas allivios para os seus males. O algarvio que estava habituado a passar algumas semanas em Monchique perdeu esse habito porque, com a actual administração, tudo ali mudou. Construiram-se novos hoteis? E' possivel. Entretanto, se exceptuar um hotel particular, de boa reputação, não tenho ideia de por lá ter visto senão casarões de tão ruim aspecto exterior que não puderam inspirar-me o desejo de os ver interiormente. Nem precisava. E' que não me faltou quem me dissesse o que por lá ia, quem me descrevesse os preciosos *menus* que nas hospedarias do concessionario se servem aos hospedes, aos quaes bastas vezes são fornecidas, para se agasalharem de noite nas respectivas camas, as mantas no fio que as hospital da galeria servem aos doentes. E' já sabida a historia d'um cano de exgoto que passa na sua sala de jantar, sobre um veio d'agua, inquinando-a com toda a especie de infiltrações, como não desconhecia outros factos que só por si constituem uma admiravel corôa de gloria do actual concessionario.

A tragediasinha do aluguer dos quartos aos banhistas. Falemos um pouco d'ella. Segundo o contracto ou segundo o habito antiquissimo, que vigorava nas thermas, esses quartos devem ser alugados completamente mobilados. Eram-no, pelo menos, no tempo em que o Estado explorava as Caldas. Pois agora o concessionario pouco mais deixa n'essas verdadeiras cellas do que o leito de ferro, fornecendo depois aos seus clientes, por varios preços diarios, todos os objectos e trastes de que elles necessitam. E esta especulaçãosinha leva a disparates como o de se exigirem por certos utensilios alugueres diarios mais elevados que o custo d'esses utensilios. Um abano, por exemplo, custa cinco réis á entrada das Caldas. Pois o sr. Castello Branco aluga-o pelo dobro. Já é saber especular com coisas infimas.

E o contracto? Esse para o concessionario de Monchique tem sido sempre coisa sem valor. A sua lettra não o obriga a nada, segundo parece. O sr. Bentes segue a theoria allemã. Farrapos de papel. Entretanto, esse contracto, apesar de benevolo e de arrancado ao Estado no tempo em que gente aparentada com o sr. Bentes dispunha de larga influencia, impunha-lhe a obrigação de, em dez annos, transformar por completo as Caldas. Sua catholica e ultra-monarchica senhoria não faltou ao compromisso. As Caldas soffreram, realmente, uma transformação radical. Mas para peor.

Folhetim d'A CAPITAL — 24-9-1915

"Excelsior,,

N'aquella madrugada Paschoal Humberto da Silveira e Sousa levantou-se ás quatro horas da manhã, deu o ultimo arranjo aos seus apparelhos de pesca e saiu.

Meus amigos, para quem escrevo estas linhas, perguntem, no Porto, quem é Paschoal Humberto. Foi elle que, para as suas pescas incomparaveis nos molhes de Leixões, inventou a linha (linha Paschoal S. G. D. G.) tecida com partes eguaes de canhamo da Abyssinia e de alfa da Algeria, foi elle o genio que escreveu, no conforto da sua poltrona de marroquim, o formidavel tratado sobre a pesca dos espadartes em seis volumes de mundial reputação; é elle que, n'este momento, se applica no difficil problema de tornar digeriveis largas fatias de carne de phoca para a alimentação dos exercitos belligerantes, é, finalmente, elle o auctor d'aquella comedia deliciosissima «A truta embalsamada ou trinta annos no fundo d'um lago». Sempre o peixe n'aquella vida tão recheada! Vive rodeado de peixes, casou, provavelmente com um peixe, folheia, a todos os instantes, preciosos documentos de fauna maritima, contrahiu um perfume acre de maresia no recanto da sua casinha em Monte-Pedral, só com o habito de servir cavernosamente os peixes que a creada lhe traz para o almoço e pelos quaes aquelle forte espirito é capaz de todas as loucuras. Vive feliz, honrado—e sorridente.

Muito bem me lembro do dia, entre todos notavel, que fundou em pesados alicerces a sua fama de pescador sublime. Experimentava, então, o seu famoso invento, a linha poderosa, fabricada com productos de paizes exoticos, fina como um cabello, resistente como um cabo de reboque. Foi poucos dias depois da tarde sombria em que, mesmo na entrada do molhe, acossado pelo vendaval, um grande veleiro, carregado de bacalhau em fardos, sossobrou, viu a sua carregação boiar, desapparecer no horisonte liquido. Tinha Paschoal Humberto atirado a sua linha n'um gesto largo, finamente recortado na mancha escarlate de um sol agonisante. Sonhava, com aquelle ar distrahido dos grandes espiritos sempre ausentes, quando, de subito, a linha prendeu, resistiu, toda se retesou, n'um grande esforço d'attracção. Mas quê! Podia lá partir aquella guita de uma tão robusta segurança. Canhamo da Abyssinia, rapazes, alfa da Algeria... E Paschoal Humberto começou puxando—allucinadamente.

Ah! Filhos!... Seria preciso ter lá estado para sentir bem a grandeza tragica d'aquelle lance magestoso... Eu estava lá, n'essa tarde feliz. Leça em peso, espalhada pelos molhes, dependurada nos «titans» tinha a sua vida suspensa na ponta d'aquella linha. E o rio, aquelle circulo de ferro, apertava todas as gargantas seccas de intensissima emoção, assoberbava todos os peitos, fazia sibilar todas as pharinges, quasi se desenhava physicamente em bola hysterica em todas as amygdalas da excelsa povoação de pescadores. Silencio. Silencio formidavel da natureza em transe.

Gigantesco, sempre espalmado nas claridades moribundas, Paschoal Humberto puxava sem fim... Monstro, colosso, asteria de mysteriosas profundidades, serpente do mar disforme e tortuosa? Que ser vivo, horrendo e maravilhoso, preparado cuidadosamente pela mão de Deus, iria surgir das aguas verdes do Oceano! Ah! a bola hysterica, o nó officitivo das gargantas suffocantes... A vida resgata-se com momentos assim... Já na superficie uma massa escura, cinzenta, se desenhava com scintillações de escamas... um animal macisso, cubico, enorme, afflora. E, devagar, içado pelo canhamo da Abyssinia, pela alfa da Algeria, um fardo de bacalhau, resto ainda do naufragio ultimo, sobe lentamente até Paschoal Humberto que, lá em cima, liquido, fremente, rubicundo, iça, com grandes gestos de duende em delirio, a sua prodigiosa pesca.

Foi n'um tumulto de gloria que o fardo repousou nas pedras alagadas do molhe. Nunca se poude saber como tão fragil anzol mordeu na pilha de bacalhaus, não rebentou, não se distendeu sobre o esforço d'aquelles comestiveis tão pesados. Mas o que triumphantemente se evidenciou foi a simplicidade lisongeira e rasteirante do Oceano amavel que, em vez de ceder a custo uma boga humilde ou uma obscura faneca, conglobava todas as suas energias, condensava as suas forças rebeldes para n'um murmurio offerecer aquelles peixes saborosos, já promptos—rapazes!—seccos, escalados, n'um desejo gentil de evitar todo o trabalho, tão escalados, tão promptos que bastava só—com a brêma!—mettel-os na caçarola, all, sem o minimo enfado, sem o mais ligeiro esforço de preparação—e comel-os em seguida, deliciosamente.

N'aquella bemdita estrada, que vae de Carreiros a Mattosinhos, todos se falavam, todos se apertavam as mãos, na elusão do milagre luminoso. Que homem! Que pescador! Respeitaveis indigenas que se não conheciam, vibrantes, tremulos ainda, tratando-se por tu sobre a impressão d'aquella maravilha...

—Viste?

—Pois decerto que vi...

—E tiveste o nó?...

—Se tive!... Duplo! Duplo nó!... Foi medonho!

Já a noite descia e ainda elles perguntavam uns aos outros, anciosos, anhelantes, se tinham tido o nó, se tinham sentido o nó...

Foi depois d'aquella tarde admiravel que ficou definitivamente vincada a fama de Paschoal Humberto como forte pescador perante Deus e perante os homens. Foi o Nemrod das Aguas, foi o devastador dos Oceanos, foi o Terror do Atlantico. Foi, tambem, por essa epoca que deixou crescer a barba e garanto-lhes que era uma coisa que dava calafrios a vista d'aquelle homem barbudo, tão feroz quando pescava bacalhau ás arrobas e, todavia, tão doce quando os seus dedos habeis e cariciosos faziam festas ao seu gato predilecto—que se chamava «Kiki» (Kiki, nome zelandez da pescada). Era uma auctoridade em peixe. Pontificava n'uma loja de cutileiro, na esquina do Carvalhosa onde se reunia a canalha piscatoria, a ralé, a babugem, pescadores infimos, d'aquelles que vão para os lados do Arainho e surprehendem, nos annos bissextos, alguma truta etica e pensativa. De fronte modesta, de voz suave, explicava,—explicava sem fim. Mostrava como se pesca a baleia austral, que não resiste ao arpão de aço temperado, como se abate a serra esguia e traiçoeira, e, deante do auditorio emmudecido de pavor, exclamava:

—Faz-se assim... e depois... E prompto.

E prompto! Era tal e qual como se já estivesse pescada.

Por isso, n'aquella madrugada, ao levantar-se Paschoal Humberto, no Oceano as pescadas estremeceram. Quem poderá seguir a par e passo aquelles fluidos mysteriosos de que fala Descartes e que ligam em intima communhão de vibrações os insectos e as estrellas, os barbos e os Paschoaes! Da alcova abafada onde dorme a esposa, onde o Pescador cruza os suspensorios, o pensamento de matança irradiou, correu, cerero, pela avenida da Boa-Vista, mergulhou nas aguas tenebrosas, tremeu até ás praias da America. E como outr'ora os homens empallideciam deante das hordas de Attila, em abysmos insondaveis, certos carapaus tremulos murmuraram na sua linguagem incomprehensivel de peixes:

—Ah! vem elle!

«Elle»—era Paschoal Humberto.

E foi. Foi no esplendor da manhã que nascia, firme e sereno, por aquella interminavel avenida que vae defrontar-se com o castello do Queijo. Com que elegancia altiva transporta a canna, a caixa das sedielas e dos anzoes! Bem collada ao flanco, a lata immensa onde se debatem os vermes infelizes, viva, impaciente, a rede enorme, vasia por emquanto, e que transportará, mais tarde, os habitantes das aguas arrancados ao seu elemento pela audacia poderosa do seu engenho. Ah! Paschoal Humberto é forte e resoluto! Marcha para o peixe como um soldado marcha para a guerra! E na face d'aquelle homem terrivel, desenham-se, comtudo, pensamentos de paz. Respira as emanações salinas, certa fita de purpura, que lhe fica á retaguarda, attrahe, de quando em quando, os seus olhos pensativos, já bem abertos pela belleza aguda dos campos que murmuram; atravessa lentamente aquella abençoada freguezia de Nevogilde onde tudo, desde o nome poetico e barbaro até as hervas dos caminhos, é fresco e avelludado, onde tudo repete no crescer meigo da luz um hymno limpido e conciso á perfeita harmonia das coisas naturaes. Detem-se á beira de um vallado, colhe singelamente a flôr silvestre, enlaça-a no seu instrumento de tortura. E o anjo de exterminio, apetrechado para a morte, masculo, energico, indomado, colhendo devagar a rubra papoula de julho, constitue um espectaculo tão impressionante que seria capaz de fazer chorar de ternura o mais rebarbativo dos crocodilos da ilha Philea ou da terceira catarata.

Deante da fortaleza philippina espera-o um dos seus discipulos. A's seis horas da manhã, no molhe de Leixões, no sitio para todo o sempre notado onde elle, Paschoal, foi grande e milagroso como o Christo no Tiberiade, ambos se estabelecem. Com a lentidão de um rito começam as operações devotas, toda uma liturgia piscatoria, cuidadosa, onde o anzol é altar, onde as minhocas são contorcidos holocaustos. Depois, o gesto impetuoso que parece insultar o mundo, o gesto d'Ajax desafiando os deuses e a sodiália, com o seu verme na ponta, descreve uma curva elegante, mergulha no mar, indicada a superficie pela boiasita. O discipulo segue, imita. Lá em baixo, os dois pedaços de cortiça giram um em torno do outro, quasi se juntam amorosamente em ligeiro balouço. E emquanto, no seio das aguas, a isca se agita, perfida e capciosa, no alto, dependurados em grossos cubos de cimento, de pernas pendentes, Paschoal Humberto e o seu acolyto pescam—com voracidade.

As longas e deliciosas horas em que o espirito vagueia n'uma bohemia radiante, afloram todos os pensamentos, desdobra, solitariamente as suas pregas. Santo Deus, como se viaja com uma canna de pesca na mão! E como o tempo passa! São já oito horas da manhã; para o Devastador dos Oceanos decorreram ligeiros os cento e vinte minutos. Está inquieto, agitado. Já por varias vezes renovou a sua isca—e nada! O Oceano amúa. Ao lado, o discipulo egualmente vazio; e entre ambos, enorme, abandonada, livre, a rede, a rede que receberá tantas vidas moribundas. O sol escalda; nove horas. A fome surge; dez horas. E' incrivel que ao pé de tanta agua, ao pé de tanta sardinha moribunda, se debrucem rostos famelicos... O neophyto geme, o Terror do Atlantico vaporisa-se de amargura. Oh! ingrato Oceano, perfido Oceano... E já onze horas soam, já meio dia tilinta em todos os relogios de Leça, o sol cahe a prumo, as faces de Paschoal Humberto liquefazem-se, correm em caudal, formam um rio ligeiro, gratuitamente tributario dos mares. E [illegible] João Fernandes na sua ilha deserta, Robinson Crusoe no seu barco abandonado não passaram, decerto, [illegible] como o Nemrod das Aguas, especado no seu molhe de Leixões, entre as claras villas de Mattosinhos e de Leça da Palmeira onde ha sempre um petisquinho fresco e saboroso que vos não digo nada... E a rede conserva-se escrupulosamente vazia.

Mas, [illegible] surge sempre um intruso [illegible]. Emquanto elles ali estão pendentes sobre o abysmo, [illegible], allucinados, tão affastados do mais pequeno peixe como se estivessem em Tombouctu, no coração do Sahara, um garoto, uma enguia branca de cara tisnada, [illegible] anda por ali em exercicios natatorios, na entrada do porto socegado. Approxima-se sinuoso, fendendo as aguas, mira as linhas, levanta a cabeça, olha para cima e exclama:

—Que é que vocês estão ahi a fazer ha tanto tempo?

Só lhe responde o murmurio da brisa. O Terror está exangue, o neophyto moribundo.

—Ah! Vocês querem um peixe!

A enguia mergulha, revolteia ligeiramente na superficie azul, toca com a mão no fundo, tem o gesto de quem apanha rapidamente alguma coisa. E, de facto, reapparece de novo, estende o braço onde se debate uma faneca colhida de traição com uma facilidade pasmosa, e gane:

—Coitados! Tomem lá um peixe!

Prende-a, já morta á linha. Com gestos automaticos, delirantes, Paschoal Humberto puxa para si o canhamo da Abyssinia e ao vêr de perto a chimerica faneca, reconhece—indignado!—que o infame garoto a pendurou no anzol—pela cauda. Foi a unica sombra d'aquelle dia memoravel.

Na tarde faiscante a esposa do Pescador espera, junto á Fonte da Moura, o regresso triumphal. Deante d'ella, o ultimo lance da Avenida, em linha recta; ao fundo, o castello do Queijo nitidamente recortado nas claridades do Poente. E eis que ao longe, um ponto negro, perdido na irradiação solar, avança n'uma apotheose de crepusculo. Envolve-o uma auréola de raios luminosos. Será, porventura, Jesus, que desce, de novo, á terra no socego da tarde esplendida? Será o propheta Elias, iracundo, fulminando n'um turbilhão de fogo? Não. Aquella auréola envolve uma cabeça, a cabeça pertence a um corpo, a um corpo que avança altivo e orgulhoso. E o corpo é propriedade do Devastador dos Oceanos, do Terror do Atlantico, do Nemrod das Aguas, Paschoal Humberto da Silveira e Sousa, forte pescador perante Deus e perante os homens!

Mario de Almeida.

E' a voz do povo que o affirma, são aquelles que conhecem Monchique como conhecem os seus dedos que não se fartam de o apregoar. E é ainda o que pode attestar todo aquelle que ali fôr de visita e percorrer de dedos no nariz, parte do parque, pelo qual as nogencias de toda a ordem apodrecem ao sol, esperando que as chuvas invernosas lavem tudo e tudo purifiquem.

E a assistencia clinica? Corre parelhas com o resto. Medico é coisa que por lá não reside com permanencia. O proprio sr. Bentes deambula d'ali para Lisboa e de Lisboa para ali, deixando a outros a direcção medica da casa. D'ahi, contarem-se os mais picarescos episodios, acontecidos com pessoas da familia do dono das Caldas, as quaes, pela força das circumstancias, não teem remedio senão fazer de medicos á força, para não perderem a espórtula da inscripção, que não é nada barata. Temos, por fim, a historia dos cortes effectuados no pinhal das termas. O sr. Castello Branco, quando os negocios correm mal, devasta tudo para fazer dinheiro. Os pinheiros são as suas principaes victimas. Porquê? Por os ter semeado, diz elle. E' verdade. Mas semeou-os quando era um simples empregado do Estado e as Caldas ainda não lhe pertenciam. Semeou-os com os lucros que as Caldas davam e não á sua custa. Logo, não podia, não pode, sem incorrer nas penas da lei, cortal-os, vende-los, aliena-los, como não podia alienar aguas, nem misturat-as, nem adulteral-as...

E' isto uma parcella minima do que todo o Algarve diz das Caldas de Monchique e do seu concessionario. Pergunta-se: póde elle continuar a disfrutar a riqueza que lhe entregaram, por influencias do sr. João Arroyo, seu cunhado, e não se sabe mais de quem? Póde este tremendo escandalo, esta immoralidade sem nome, subsistir? Póde o sr. Bentes continuar na posse d'uma das maiores riquezas termaes do Paiz, defraudando-a, arruinando-a, inutilisando-a? Eu creio que não. A monarchia praticou um acto immoral quando alienou, por noventa e nove annos, sem retribuição nenhuma, as Caldas de Monchique. A Republica não póde, não deve permittir que semelhante alienação continue sendo um facto.

E não deve permittil-o por medidas economicas e por circumstancias de caracter politico, que convem frisar. E' que o sr. Bentes, sendo alguem que se apoderou de Monchique apenas para tirar d'ali a maior somma possivel de lucros, é ao mesmo tempo um confesso, um irreductivel inimigo do regimen. Em Monchique, a Republica é vexada a cada instante. Na capella das thermas, ainda ha poucos dias foi impedido de dizer missa um padre pensionista. Com que direito?

As Caldas de Monchique, com a quinta annexa, valem para cima de cem contos. Foi esta fortuna que a monarchia entregou ao actual concessionario, por noventa e nove annos, sem lhe exigir sombra de retribuição. Pergunta-se: é isto moral? E' porventura admissivel que semelhante escandalo subsista, estando provado que nenhuma das condições contractuaes foi, até agora, respeitada? O governo que o diga. O governo que encarregue uma pessoa de honra, de intelligencia e de fé republicana comprovada de indagar o que vae por Monchique. E se essa pessoa tiver a coragem de resistir á rede de trapalhadas que o sr. Castello Branco lhe lançará, ha de vir d'ali abismado por, durante meio de vinte annos, se ter permittido um dos maiores escandalos que se teem consummado n'este paiz. Aquillo só tem um remedio: pôr o sr. Bentes, com todos os seus documentos e com todas as suas habilidades, d'ali para fóra. E' que o que pertence á nação não pode servir para quem quer que seja se locupletar, nem para alimentar fartamente irreductiveis e confessos inimigos da patria e do regimen.

Adelino Mendes

P. S.—O meu segundo artigo sobre Monchique, em que se fazia o libello accusatorio do sr. Bentes, foi transcripto e perfilhado, com elogios, pelo *Algarve*, que é o mais importante semanario da provincia. Basta esse facto para demonstrar quem tem razão: se eu, se o dito sr. Bentes...—A. M.

ALVITRES e RECLAMAÇÕES

Falta de policiamento no Bairro Alto

Escrevem-nos o seguinte:

«Ampliando a sua noticia de hontem sobre a falta de policiamento no Bairro Alto tenho a accrescentar que no cruzamento das ruas do Gremio Lusitano e Diario de Noticias, a qualquer hora do dia, um bando de vadios, rufias, garotos e escoria de toda a especie joga desenfreadamente o monte no meio da rua, ficando postado ás esquinas um ou dois d'esses socios vigiando a vinda do qualquer policia... que nunca apparece.

No mesmo ponto faz esquina um moço de fretes, bebedo emerito, dando o menos edificante de todos os espectaculos, proferindo toda a sorte de obscenidades, que fariam corar um granadeiro, fazendo gestos indecorosos, cantando obscenidades, espojando-se pela rua, dando azo a que os taes vadios o tonteiem, o corram, e elle, de mistura com palavras indecorosas, se dispa, patenteando o que até hoje a moral ainda não permittiu que se possa fazer. As familias são insultadas, vexadas, e accresce a circumstancia de que n'uma das esquinas está installado um collegio, para cujas educandas, certamente, estas scenas não são positivamente os primeiros principios de moral e educação.

E a policia? Que respondam os anjos...»

Interesses da imprensa

O problema do papel

O que o publico exige do jornal—A necessidade que este tem de cuidar dos seus justos interesses—Como remediar uma grave crise

A imprensa jornalistica, consagrando-se á defesa dos interesses geraes, rarissimas vezes cura dos seus proprios. O publico entende, e bem, que ella existe para defender aquelles interesses, para o informar e para o esclarecer e exige que o defendam, o informem e o esclareçam com dedicação e verdade, com minucia e competencia, sem se importar de saber o que isso representa de esforços, de canceiras, de sacrificios. Pouca gente avalia, ao receber, a troco da infima moeda de cobre, uma folha redigida e informada de modo a satisfazer o leitor, a conjugação de actividades que foi preciso obter e o dispendio de dinheiro que se tornou necessario realizar para que o jornal se escrevesse, se compuzesse, se imprimisse e circulasse... E ha ainda quem não fique contente, quem censure, quem critique faltas e deficiencias, quem lastime não ser a gazeta uma encyclopedia, onde tudo se deva encontrar, e quem queira que nas suas columnas se ostentem a melhor sciencia, a melhor litteratura, a mais esclarecida opinião sobre os mais complexos e variados problemas, o mais vivo e opportuno noticiario do que se passa em toda a superficie do globo, nas profundezas do mar e nas alturas do ceu... sem perguntar quanto isso custa e se é possivel fornecel-o por um centavo...

A imprensa digna d'este nome procura, no entanto, corresponder a esses desejos, por vezes exagerados, do publico e não lhe diz as difficuldades, quasi insuperaveis, que depara e tem a vencer para não succumbir. A crise actual, porém, reveste aspectos sobre os quaes convem não continuar guardando silencio. A carestia do papel é um d'elles. Reproduzimos ante-hontem um artigo do *Jornal de Noticias*, do Porto, a esse respeito. Hoje transcrevemos novo artigo do mesmo jornal e para elle, porque é absolutamente exacto e justo, chamamos não só a attenção das estancias competentes mas ainda a do publico. Alguma vez a imprensa jornalistica se ha de occupar tambem dos seus interesses, que afinal são os do mesmo publico, e ha de fazel-o de modo que todos lhe prestem o merecido apoio. Eis o artigo do nosso illustre collega portuense:

«Vimos hontem que as fabricas nacionaes não estão habilitadas a fornecer o papel em quantidade sufficiente para o consumo dos jornaes diarios que ha no paiz, o isto pela razão insofismavel e inilludivel de que ficou deserto o concurso que abrimos ha dias, e a que não se apresentou nenhum dos representantes d'essas fabricas.

Em resposta á affirmação que já appareceu em publico, devemos dizer que, já antes que se manifestasse a crise actual, essas fabricas não podiam rivalisar com as fabricas de papel estrangeiro, o qual é do melhor qualidade, mais leve e mais barato, condições vantajosissimas, pois que, apesar dos direitos, das differenças de cambio e do transporte, ficava em nossos depositos, e prompto a ser utilisavel, por mais baixo preço do que o papel nacional.

Antes da guerra possuiamos em deposito 80:000 kilos d'aquelle papel.

Depois da guerra e recusando-se as nossas fabricas a fornecer papel nacional em quantidade sufficiente, ao estrangeiro nos vimos forçados a recorrer novamente, havendo já importado, desde agosto do anno findo, e só de Hespanha, mais de 300:000 kilos.

Diz-se para defesa da nossa industria que em França e em Hespanha o direito de importação do papel não é inferior ao que entre nós se paga. Mas o argumento não colhe, pois que n'esses paizes a producção é não só sufficiente para abastecer o mercado interno, mas chega ainda para exportar em grandes quantidades.

E' natural, é justo que se proteja uma industria n'essas condições.

Entre nós outro tanto não acontece, principalmente por não haver uma fabrica nacional de pasta, o que por fórma alguma se póde explicar nem justificar.

Uma industria que a valer salasse o seu progredimento e estabilidade teria dado ha muito esse passo indispensavel para assegurar o o seu futuro.

Nós, porém, pedindo que ao menos temporariamente sejam reduzidos os direitos que incidem sobre o papel estrangeiro, não queremos prejudicar, repetimos, a industria nacional, embora tenhamos de reconhecer que ella não tem sabido acautelar os seus interesses. E, por isso, achavamos rasoavel que parallelamente se abatessem tambem os direitos que pagam as materias primas que essa industria importa, a fim de poder com mais facilidade fazer face á crise presente. Essa reducção, tanto sobre importação de papel como sobre materias primas, seria, como notamos, provisoria, até que as entidades competentes reconhecessem que se poderia voltar ao *statu quo ante*. Porque se não entendem todos, unindo-se n'uma acção commum, para a conseguimento d'este importantissimo *desideratum*?»

Recebemos a seguinte carta:

Sr. redactor—A questão do papel, de que a imprensa tão justamente se tem occupado ultimamente, não deve ser largada de mão. O problema reveste varios aspectos que interessam aos numerosos ramos industriaes e commerciaes que com a industria do papel se correlacionam.

Trata-se, sr. redactor, d'um contacto, á sombra d'uma protecção pautal que chega a ser escandalosa, tanto mais que a industria não corresponde ao favor do Estado.

Logo no começo da guerra as fabricas se mancommunaram para augmentarem de 20 centavos o preço de cada resma de papel almasso fabricado com trapo nacional, sem que este tivesse subido de preço, ou, pelo menos, não subia tanto que justifique aquelle exaggero. Pois, agora, sem novas causas justificativas, as fabricas conluiaram-se para um novo e quasi escandaloso augmento de mais 20 centavos em resma, ou de formato simples, e 40, nos duplos, conforme circular expedida de Thomar em 7 do corrente e assignada pelos directores da Companhia Thomarense de Papel do Porto de Cavalleiros srs. Albino de Lima Simões e Julio Pereira da Costa.

E' tão arbitrario este augmento, que só conseguiu vingar depois de uma reunião e accordo solemne dos interessados. E' provavel que queiram justifical-o com a subida do preço do carvão, o que não colhe, porque a maioria das fabricas dispõe de energia hidraulica e quasi gratuita, na maior parte do anno.

Não se deve proteger uma industria com prejuizo de outras, como as industrias do livro e as empresas jornalisticas.

A industria tipographica vem-se debatendo ha largos annos com uma tremenda crise, que só se filia na carestia do papel. Para o demonstrar, além dos factos já citados no seu conceituado jornal, permitta, sr. redactor, que aponte um outro: alguns livros para uso das nossas escolas são editados no estrangeiro, só para se fugir aos direitos sobre o papel, visto que as obras brochadas são d'elles isentas, ao passo que o papel para a sua impressão paga 14 centavos por cada kilo.

Nas alfandegas ha o peregrino criterio de só classificar como papel de impressão sujeito á taxa de 2,5 centavos o tipo para jornal ou *couché*, o que parece proposito de mais beneficiar a industria nacional, que não corresponde, nem em preço nem em qualidade, ao favor pautal. Além de que a industria papeleira, como outras, baseia os seus preços nos direitos pautaes, que aggravam o custo dos productos estrangeiros e não os fixam de accordo com o seu custo de producção e condições locaes.

Para normalisar esta situação irregular e nos livrarmos das garras dos açambarcadores, alvitramos, sr. *redactor*, que se reclame do governo a abolição dos direitos sobre todo o papel, excepto o *façonado*.

A França, um paiz belligerante e que occupa o quarto logar como productor de papel, não hesitou em o classificar em artigo de primeira necessidade e em isental-o de direitos.

A's empresas jornalisticas, industrias de tipographia e artes correlativas e commerciantes de papelaria urge encetar uma campanha sobre este importante problema e unirem-se para, junto dos poderes publicos, reclamarem a isenção de direitos, nos termos que alvitramos.

Desculpe, sr. redactor, o espaço que lhe pedimos, que v. tomará em conta, attendendo á importancia do assumpto.

Agradecendo, subscrevo-me de v., etc. —*Um industrial de tipographia e commerciante de papelaria.*

O QUE SE ESCREVE E O QUE SE LÊ

O frade Nini e o Casquinha d'ovo

Por D. Margarida Sequeira

Um livro de contos singelos destinado ás creanças, em que a par de um bocadinho de imaginação resalta sempre a maxima moral, que á creação é preciso incutir, sem lhe fazer grandes prelecções, que a enfastiem. D. Margarida Sequeira conseguiu plenamente o fim que se propunha. Livro por excellencia moralisador, em magnifica edição da typographia editora José Bastos, profusamente illustrado, «O frade Nini e o Casquinha d'ovo» é das obras que consagram um nome. Estylo despretencioso, ao alcance da intelligencia dos seus pequeninos leitores.

A litteratura infantil, genero bem difficil, conta com mais um cultor, que se apresenta como uma mestra no genero.

Historia Illustrada da Grande Guerra

Está publicado o segundo volume da «Historia Illustrada da Grande Guerra», compilação de Garibaldi Falcão e edição da conceituada casa Guimarães & C.ª, editores, da rua do Mundo. Conhecem os leitores este interessante trabalho, da mais flagrante actualidade e que nas columnas da «Capital» tem obtido um grande exito. As illustrações que o enriquecem são numerosas e excellentes.

Espectaculos

Cartaz de ámanhã

AVENIDA—A's 20,30, 21,45 e 23—Coração á larga.
POLITEAMA—A's 21,30 e 22,30—Não desfazendo... (Revista).
EDEN—A's 20,45 e 22,45—O diabo a quatro. (Revista).
COLISEU DOS RECREIOS—A's 21—Estreia da companhia de circo.

Circos & Music-halls

SALÃO DA TRINDADE—A's 20 e 22—Companhia infantil—Filha da Annica.
ANIMATOGRAPHOS E CONCERTOS—Olimpia e Paradis, *matinées* diarias e sessões á noite; Central, Chiado Terrasse, Salão Foz, Rocio; Sociedade Promotora de Instrucção, em Alcantara, sessões ás quintas feiras, sabbados e domingos.
CINEMATOGRAPHOS E ESPECTACULOS VARIADOS—Chantecler, Imperio, Salão Graça, na Caixa Economica Operaria, Variedades, na calçada de Estrella—A's 21,30—O diabo no convento.

ULTIMA HORA

A grande guerra

Como os inglezes aceitam os impostos de guerra

O paiz pagará 180 milhões esterlinos de novas taxas annuaes

LONDRES, 23.—Os artigos dos jornaes da provincia e as entrevistas com varias notabilidades provincianas demonstram que o orçamento inglez foi recebido tão favoravelmente no resto do paiz como em Londres. De facto, as opiniões manifestadas indicam não sómente que as taxas addicionaes, agora impostas, são acceites com agrado, mas ainda que se está prompto a aceitar quaesquer outros encargos geralmente reconhecidos como inevitaveis antes do fim da guerra. Numerosos jornaes fazem sobresahir os contrastes entre o receio do governo allemão, que não ousa fazer um novo appello aos contribuintes e a rapidez do povo inglez em responder ao pedido de 180 milhões esterlinos de novas taxas annuaes. Os banqueiros e outras auctoridades competentes são de opinião que mesmo estes sacrificios podem ser supportados sem consequencias sérias, sem outra necessidade que não seja um certo grau de economia.—(*Havas*).

Um povo que toma semelhante attitude é invencivel

PARIS, 24.—O orçamento inglez causou enorme sensação entre a gente de negocios e nos centros politicos francezes que são de parecer que este orçamento fez mais para impressionar a França com a grandeza do facto emprehendido resolutamente pela Gran-Bretanha do que todos os discursos ou artigos de jornaes. O jornal *La Liberté* diz: «O facto mais frisante é a simplicidade com que a Camara dos Communs, n'uma unica sessão e sem discussão alguma, approvou estes pesados encargos. Um povo que n'e tra uma tão alta decisão é invencivel».

O *New York Herald* diz que o orçamento confirma o axioma seguinte: «O inglez está sempre á altura das circumstancias quando o seu paiz se encontra em situação difficil». Em presença da impassivel resolução com que os inglezes acceitam um tal fardo de divida é impossivel falar banalmente da Gran-Bretanha, dizendo que ella não satisfaz completamente o seu dever ao lado dos seus alliados.—(*Havas*).

Um encargo financeiro formidavel

WASHINGTON, 23.—O *Times* diz que a Inglaterra faz frente a um encargo financeiro formidavel com animo leve e uma confiança que indicam a deliberação de combater até á victoria.—(*Havas*).

O movimento nos portos britannicos

LONDRES, 24.—Durante o periodo de 8 dias, terminado em 22 do corrente, entraram ou sahiram dos portos do Reino Unido 1323 navios de mais de 300 toneladas. Foram afundados pelos navios inimigos dois d'aquelles, medindo 5740 toneladas, e um navio de pesca.

As operações italianas contra os austriacos

ROMA, 23.—(Official)—A' sahida do valle de Daone demolimos os entrincheiramentos inimigos. No dia 22 e na noite seguinte repellimos os ataques feitos contra as nossas posições avançadas.—(*Havas*).

Expedições á Africa

O governo fretou o vapor «Moçambique», para conduzir a expedição que em 7 de outubro proximo segue para Moçambique. O navio começa a metter carga no dia 1, devendo no dia 5 atracar á ponte do Arsenal da Marinha onde embarcarão as forças, devendo o «Moçambique» largar no dia 7, ás 11 horas. N'elle segue o novo governador geral da provincia, sr. dr. Alvaro de Castro.

O «Moçambique», que deve largar do Tejo a 15 de outubro, levará a bagagem das praças e as subsistencias para a expedição.

A expedição a Angola seguirá para essa provincia, fraccionada em dois vapores, devendo sahir um do Tejo na segunda quinzena de outubro e o outro em principios de novembro.

O vapor «Zaire», da Empreza Nacional de Navegação, deve largar de Mossamedes no dia 28, directamente para Lisboa, trazendo a bordo 900 praças. N'esse vapor vem o batalhão expedicionario de marinha.

NOTAS DIVERSAS

O conselho de ministros voltou a reunir hoje, pelas 17 horas e meia, no ministerio da marinha.

—A' vista de Sagres passaram hoje o transporte inglez «Richard» e o torpedeiro da mesma nação 97.

—O sr. ministro da guerra, que tem andado em visita ás escolas de repetição, regressa amanhã a Lisboa.

Excursões e passeios

A Aldeia Gallega

Promovida pela tuna-orpheon Dr. Antonio José d'Almeida, realisa-se no dia 3 d'outubro uma excursão a Aldeia Gallega, onde dará «matinée» e sarau dramatico e musical pela tuna e pelo seu grupo dramatico. Ao que consta, prepara-se n'aquella villa brilhante recepção aos visitantes.

•••• ECHOS & NOTICIAS

INFORMAÇÕES—COMMUNICADOS

O Gerez, não falando de diversas excursões escolares e scientificas, tem sido este anno visitado por grande numero de touristas. E' superior a cinco mil pessoas o numero de doentes e visitantes. Cerca de cincoenta medicos fizeram ali o seu tratamento, encontrando-se ainda no Gerez os srs. drs. Costa Saradura, Falcão Antonio Maria da Rocha, José Silva Pereira, Joaquim Fernandes da Cunha e João Gonçalves.

NOTAS MUNDANAS

Regressou de Luso á sua casa em Arouchas (Aveiro) o sr. Lourenço Regalla.

—De Valença para Melgaço, para onde foi nomeado administrador, seguiu o sr. Antonio Joaquim de Sousa.

—Partiu para Senfins do Douro o sr. Luiz Gonçalves Forte.

—Já se encontram em Lisboa, de regresso do norte do paiz, o sr. dr. Carlos Santos, sub-delegado de saude, sua esposa e filho, dr. Carlos Santos Filho.

—Entrou em franca convalescença o sr. Francisco Vieira de Salles, sub-inspector do Albergue Nocturno de Lisboa.

—Partiu hontem para a sua propriedade de Torres Novas a sr.ª D. Aurora de Macedo.

General Pereira d'Eça

Foi assignado hoje o decreto exonerando, a seu pedido, de governador geral d'Angola o general sr. Pereira d'Eça, que, como já dissemos, deve regressar á metropole no «Beira».

Para o logar de governador geral da provincia foi nomeado, provisoriamente, o governador do districto da Lunda, capitão sr. Ulra Machado.

Atropellados por automoveis

Pelo automovel n.º 899, de que era conductor Sergio dos Santos, foi atropellado na rua da Junqueira José Granado, de 40 annos, cocheiro, morador na travessa de Paulo Jorge, 10, que ficou muito contuso pelo corpo, tendo por isso de recolher á enfermaria 8 do hospital de S. José.

Tambem na rua do Poço dos Negros foi atropellado por um automovel José Fernandes, morador na calçada de Castello Picão, 40. Ficou muito ferido na cabeça, tendo recebido curativo no banco do hospital.

A estreia da companhia de circo no Coliseu

Já se encontram em Lisboa quasi todos os artistas da esplendida companhia de circo que amanhã se estreia no Coliseu dos Recreios, inaugurando a epocha de inverno. Hontem chegaram os «clowns» Barracetas, os equilibristas «Mendes», os excentricos «Trio Onetos» e o «Augusto de soirées Gasparianí».

Todos os trabalhos do Coliseu estão concluidos, tendo tambem sido montada no palco a jaula e a esplendida decoração em que será exibido o mimo drama «A vingança da Fera».

N'este numero apresentará o intrepido domador mr. Georges Mark os seus ferocissimos e bellos leões, constando a primeira parte de projecção cinematographica, representando a caçada das feras e a segunda parte a exibição no palco dos proprios leões cuja caçada se vê reproduzida na fita cinematographica. A concorrencia á bilheteira tem sido verdadeiramente extraordinaria.

PEQUENAS NOTICIAS

Na festa de confraternisação entre a marinha e a guarda republicana, no quartel de Alcantara dissemos hontem ter falado o sr. Carlos do Carmo, 2.º cabo do corpo de marinheiros. Foi lapso, pois que o sr. Carlos do Carmo é 2.º cabo n.º 146 da 3.ª companhia da guarda republicana foi quem primeiro ali discursou.

—Nas salas do Sport Lisboa e Bemfica, largo do Carmo, 20, 1.º, reunem na terça feira, pelas 15 horas, os alumnos do curso definitivo de faculdade de medicina, a fim de tomarem conhecimento dos trabalhos realisados pela sua commissão delegada.

—No banco do hospital de S. José receberam curativo: Maria da Silva, moradora na rua das Olarias, 59, que ao intervir n'uma desordem entre seu marido, Manuel José Domingues, e um tal José, foi por este aggredido com uma facada no rosto, e Julia Nunes, moradora na rua das Amendoeiras, tambem aggredida com uma facada no rosto por Emilia d'Abreu, que ficou ferida nas mãos.

—De um estabelecimento da rua de Sapadores, 151 a 155, pertencente a um individuo de nome Manuel, desappareceu ha quatro dias o caixeiro, Americo Rogelio Cabral, cujo paradeiro a policia procura.

—Por mendicidade foram hoje presos 4 homens e 9 mulheres.

—Nas immediações da praça da Figueira foram autoadas e presas 17 peixeiras que, infringindo as ordens da policia, pejavam os passeios com as canastras.

PARTE COMMERCIAL

Situação da praça

CAMBIOS.—O mercado fechou ás seguintes cotações:

	Compra	Venda
Londres, cheque	35 5/16	33 3/16
Londres, 90 d/v.	35 15/16	—
Paris, cheque	$73,5	$74
Allemanha, cheque	$20,5	$20,6
Hollanda, cheque	$56,3	$60
Madrid, cheque	1$36,5	1$37,5
New York	1$45,5	1$45,5
Rios/Londres	12 1/4	—
Libras	7$00	7$10
Agio do ouro	45 ¼	55 ¼

BOLSA—As inscripções affectuaram-se:

	Assent.	Coup.
Titulos de 1.000$	40,00	—
» » 500$	—	39,90
» » 100$	—	40,00

Obrigações d'Estado: 4 0/0 1888, 21$80; 4 1/2 88-89, assent. 90$; 5 0/0 1909, coup. 90$50.

Externas: 3.ª serie 74$80.

Acções: Ultramarino, coup. 116 e 115$80; Aguas 90$; Phosphoros, coup. 73$50.

Evora monumental

Um artista que acode em sua defeza

Meu caro director. Li na *Capital* de hontem uma noticia apavoradora, intitulada «A transformação de Evora».

Confesso que sou acquarellista de susto sempre que ca na terra se fala em melhoramentos e transformações, mas tratando-se de Evora, maior é o meu receio.

Irão arrazar aquella velha cidade, banalisando-a com essa architectura cosmopolita que invadiu as nossas terras, rasgando-lhe — o termo empregado — aquellas avenidas, verdadeiros desertos como nos bairros novos e característicos de Lisboa?

Se assim é, conto com a sua ajuda, meu amigo, para obstar a que se toque mais n'aquella joia antiga encastoada no lindo e grandioso Alemtejo.

Cidade de evocações historicas, á qual já teem mutilado grande parte dos seus edificios seculares, é preciso que, á fluctuação de muitos paizes, lhe conservemos o caracter e o aspecto para lhe encontrarmos curiosidade e interesse.

Na praça do Geraldo, por exemplo, o que se tem feito!

Destruiram-se os paços do concelho com as suas janellas manuelinas e a velha cadeia com os seus ornamentos em ferro forjado, mais tarde, segundo consta, vendidos a cinco reis o kilo, procedendo-se tambem á construcção de uma «barraca» de modas e confecções sob uma das arcadas. Isto para falar só da praça do Geraldo, onde uma serie infinita de barbaridades teem sido commettidas.

A monomania da palmeira tambem já invadiu as praças publicas, indo a camara collocar as portas da Moura um d'estes exoticos e rachiticos arbustos, para que ninguem perca a noção, n'este Portugal, de que estamos quasi em Marrocos—tendo sabido erigil-o de pais, não vá alguem molestar aquella prenda rara, embora a lindissima fonte quinhentista, que está proxima, soffra a vontade toda a casta de vandalismos que a garotada lhe quer infligir.

Evora precisa de melhoramentos, não resta duvida; limpem-na, lavem-na, mas não a descaracterisem, não deitem abaixo, não lhe tirem o melhor que ella póde ter, que é o aspecto singular das suas ruas medievaes, que, afinal, é o que leva lá e continuará a levar a grande quantidade de «touristes» que apreciam e sabem achar encanto á nossa mais linda cidade antiga, aquella que conserva mais accentuados vestigios de um passado que não podemos esquecer.

Por tudo quanto ha, não a transformem n'um «pequenino Paris»...

Desculpe mais uma vez o espaço que lhe occupa o seu muito amigo, *Alberto Sousa.*

A questão das subsistencias

A falta de peixe e de ovos—Apuramento de trigos

Das notas fornecidas á imprensa pela repartição fiscalisadora de generos de primeira necessidade, installada no governo civil, consta que nos mercados de Lisboa tem havido muito peixe grosso e miudo e que este é vendido em conformidade com a tabella de preços.

A população, porem, não é do mesmo parecer, visto que tal abundancia e modicidade estão longe de existir; ha pouco peixe á venda, quasi nenhum, e o que apparece vendem-n'o caro as peixeiras.

Hoje a policia obrigou Rosa de Oliveira, da rua de S. Pedro, a vender uma canastra de sardinha pelo preço da tabella, ao que a mulher a principio não quiz se render.

E, digna de passagem, nos mercados, apesar da vigilancia policial, não se respeita.

Nas estações dos caminhos de ferro do Rocio e Terreiro do Paço foram hoje despachados 52.000 ovos, que a policia fez remover para os mercados e depositos. O publico continúa, porém, sem poder utilisar-se d'esse genero, pois a maior parte das tendeiras ou os não teem, ou não querem vendel-os ao preço da tabella.

O chefe do districto expediu ordem aos administradores dos concelhos para que compareçam no governo civil na proxima segunda feira, a fim de se iniciarem os trabalhos de apuramento geral de trigos.

Deve assistir a esta reunião um funccionario do ministerio do fomento, ficando n'ella assente qual a fórma mais pratica para levar a effeito esse apuramento.

O sr. governador civil chamou a attenção do director da Manutenção Militar para a falta de farinhas em Sobral de Montagraço, Moita e Barreiro.

Por ter augmentado o preço do toucinho foi multado em 20 escudos Cesario Fernandes, estabelecido na praça de Alcantara, 22.

Porto n'"A Capital"

Serviço telegraphico e telephonico

18,15

A greve de S. Pedro da Cova

A commissão dos grevistas das minas de carvão de S. Pedro da Cova está em conferencia com os directores a fim de ver se consegue chegar a um accordo. A discussão tem sido acalorada, e só tarde se conhecerá o resultado. Não tem havido alteração da ordem.

O 6.º anniversario da proclamação da Republica

Romagem ao cemiterio do Alto de S. João

Promovida pelas direcções dos Centros Escolares Republicanos Almirante Reis e Dr. Miguel Bombarda, realiza-se no dia 3 de outubro uma manifestação de homenagem á memoria dos seus inolvidaveis patronos e mais victimas desconhecidas, que pelo sacrosanto o redemptor ideal da Republica perderam a vida.

Para que esta romagem seja revestida da maior imponencia já foram convidados a tomar parte no funebre cortejo o ministerio, governador civil, camara municipal, commissões politicas, centros republicanos, sociedades philarmonicas, associações de classe e de soccorros mutuos, bandas regimentaes, bombeiros municipaes e voluntarios, e foi pedido aos srs. ministros da marinha e da guerra para auctorisarem que deputações de todos os navios e corpos possam incorporar-se, bem como todas as bandas regimentaes que n'esse dia estejam disponiveis.

Na impossibilidade de serem convidadas directamente as juntas de parochia, ficam por esta fórma convidadas.

Festas associativas

—No Centro Dr. Miguel Bombarda ha depois d'amanhã sarau dramatico, com a peça em 3 actos «A callistagem de Calisto».

Na Academia Recreio Artistico ha ámanhã, ás 22 horas espectaculo promovido pela direcção e em que toma parte o Grupo Rosea, com a representação da comedia *Os creanças*, da opereta *Em ferias*, um acto de variedades e baile.

Dr. Bernardino Machado

PORTO, 24.—De regresso da sua casa do Minho, chegou hoje a esta cidade o sr. dr. Bernardino Machado.

O fim de um aventureiro

Um antigo deputado do parlamento britannico entregue á justiça ingleza

A Agencia Reuter informou ha pouco os jornaes hollandezes de que a justiça de Nova York resolveu entregar á Inglaterra um certo Trebitsch Lincoln, accusado de conspirar contra a Grã-Bretanha.

O facto não é banal, tanto mais que se trata de um singular aventureiro, cuja vida encontramos descripta a largos traços na «Vossische Zeitung», de Berlim.

E' com effeito curiosissima a historia d'este famoso Timothy Trebitsch Lincoln. Parece um «film» de cinematographo.

Parece averiguado que nasceu em 1879 em Paks, na Hungria, de familia israelita. Em 1896, como a policia o incommodasse já bastante, deixou a sua patria e foi para Londres, onde fixou habitação no bairro judeu de Whitechapel. Ahi travou relações com um missionario, por intermedio do qual se converteu ao christianismo. Em compensação roubou as joias á mulher do padre.

Apparece-nos o aventureiro novamente em 1900 como estudante de theologia n'uma universidade allemã, e, depois de ter casado em Hamburgo, embarcou para o Canadá em 1901, obtendo ali ser admittido como missionario n'um estabelecimento evangelico.

Mais tarde, entrou para a egreja anglicana, recebeu as respectivas dignidades, embarcou para Inglaterra e conseguiu que lhe dessem uma situação de presbitero auxiliar em Appeldore, no condado de Kent. Em 1905 regia uma cadeira n'uma escola «quakera» na cidade de York, e ahi cahiu nas graças de uma personagem de grande influencia que o tomou como seu secretario particular. Em 1910, nas eleições de Darlington, o seu nome apparece como candidato á Camara dos Communs, e bate a candidatura do antigo deputado unionista Pike Pease n'uma renhida votação. Estreou-se no parlamento em fevereiro do mesmo anno, e conseguiu até que fossem enviados á Allemanha grupos de operarios em missão de estudo.

Em fins de 1910, porém, a camara foi dissolvida, e Lincoln, cheio de difficuldades financeiras, desappareceu por completo. Nunca mais se ouviu falar d'elle até á declaração da guerra actual. Apenas, porém, surgiu a conflagração, Lincoln tratou logo de inventar um modo de vida: censor da publicidade official da Hungria. Pouco depois deixava o emprego e apparecia em Rotterdam, intitulando-se, para os intimos, espião do ministerio da guerra inglez.

Parece comtudo que o seu procedimento não inspirou muita confiança em Inglaterra, e ahi o temos um bello dia novamente a caminho da America do Norte, onde apparece relacionado com a colonia allemã, explicando que a sua missão na Hollanda consistia em attrahir a esquadra britannica do Mar do Norte a uma cilada preparada pela esquadra de von Tirpitz!

A sua estranha serie de aventuras terminou agora. As leis da extradicção acabam de o collocar sob a alçada dos juizes inglezes, que certamente não hão de ter muitas contemplações com o antigo membro da Camara dos Communs.

Estabelecimentos de marinha

Visita do ministro

O sr. ministro da marinha, acompanhado pelo chefe do seu gabinete, capitão tenente sr. Oliveira Muzanty e ajudantes 1.º tenente sr. Vilarinho e 2.º tenente sr. Penteado, foi hoje visitar a Escola Pratica de Artilharia Naval, onde foi recebido pelo commandante e officiaes. Estavam todos os cursos a funccionar assistindo o sr. José de Castro a todos os exercicios.

D'ali seguiu o ministro para a Escola de Torpedos e Electricidade, onde assistiu ás experiencias de regulação dos torpedeiros automoveis, promettendo tomar em consideração as requisições feitas para me horar a instrucção n'aquelle estabelecimento.

Visitou ainda a carreira de tiro e a officina de carregamento de munições terminando a visita pelas 17 horas.

SPORT

Uma festa na Trafaria

—Não resta duvida que o Club está animado—assim nos dizia o primoroso esgrimista portuguez Jorge Paiva, que foi, como nós, á Trafaria, tomar parte na linda festa d'armas que alli se realisou.

—E' verdade—commentámos nós. A Trafaria faz realmente differença de aquella terra que vi ha seis e cinco annos, nos tempos da campanha da protecção á infancia promovida pelas juntas de parochia. Tem mais casas. No Club ha frequencia regular de centenas de pessoas todas as noites. E foram estes progressos que me obrigaram a elogiar na conferencia que realisei os «carólas» que tinham conseguido este resultado, entre os quaes se deve destacar o presidente e o nosso Henrique Sousa...

Este elogio foi depois confirmado por um companheiro de viagem, prodigo em detalhes pois tem seguido a vida do Club e a marcha progressiva da Trafaria nos ultimos annos.

—Todos os elogios são poucos. Trabalham, animam e impulsionam a terra. Já fizeram este anno varios torneios de «sport». Hontem organisaram a festa d'armas. Para breve annunciam regatas, «gymkhanas», etc. São incançaveis e d'um requinte de gentileza que captiva. Hontem, offereceram pequenas laços de prata aos esgrimistas, e n'essa offerta ha a sinceridade que impressiona. Evitam o exhibicionismo; caminham e triumpham. Podem e devem ser considerados como benemeritos, porque fomentam o progresso d'uma terra portugueza. Tambem é verdade que conseguem tudo. Viu-se na festa de agora, trazendo esgrimistas do Gymnasio Club e os dois campeões Mario de Noronha e Jorge Paiva, que sustentaram um assalto animado e vivissimo.

Nota do dia

A'manhã, na Praia das Maçãs

Nos povos da região de Collares e Cintra ha o maximo interesse em assistir á festa nocturna que se effectua ámanhã na Praia das Maçãs.

Quem a promove?

Um nucleo dos mais enthusiastas amigos da Praia, que pertencem á Liga recentemente constituida e que se propõe n'um rasgado espirito de iniciativa e de patriotismo, melhorar as condições moraes e materiaes da linda estancia. D'esse nucleo fazem parte os srs. dr. Magalhães Lima, Garcia de Castro, Arthur Alagoa, Alfredo Braga, Victor Assleimo, Ludgero Gomes e Bento Costa. Esta festa de agora é a ultima d'este anno e o producto reverte para o cofre da Liga, onde o sr. Garcia de Castro já arrecadou o saldo da primeira festa, que foi o certamen infantil, cuja memoria de coisa brilhante difficilmente se apagará.

Onde se realisa?

No «rink» de patinagem da Praia, que será artisticamente illuminado pelo pessoal da companhia de Cintra ao Atlantico. Alli se effectuará tambem o baile, o concerto musical e a sessão animatographica ao ar livre, com 11 peliculas d'arte, «passados» no «écran» pelo obsequioso «operador» J. Santos Mattos, filho do prestimoso director dos Recreios Desportivos da Amadora.

A festa começa ás 8 horas da noite, já com a comparencia da banda de Almoçageme, tendo entrada no «rink» de patinagem as pessoas munidas dos respectivos bilhetes.

Algumas anecdotas

Mantenham, para elle, o defeso da caça

A' porta d'um café na Baixa discutia-se hontem, animadamente, o futuro «pocha» de «foot-ball». D'essa discussão resultou a noticia de que ha um jogador que, é disputado por 4 clubs ao mesmo tempo, dando-se o caso de dois d'elles já o haverem inscripto nos seus primeiros grupos.

Um dos assistentes achou interessante o facto e inquiriu.

—E como se chama esse jogador?

—Perdigão.

—Ora ahi está um para o qual ainda se devia manter o defeso da caça...

AZAMBUJA, 23.—Retiraram hoje para Lisboa os escoteiros que aqui se encontravam em colonia de ferias. Antes da sua partida fizeram alguns exercicios a que assistiu muito povo, que elogiou muito os escoteiros e se mostrava pezaroso pela sua partida. Antes de retirar o escoteiro chefe fez uma prelecção sobre o escotismo que lhe valeu muitos applausos da parte do povo presente.

Os escoteiros foram acompanhados até grande distancia por muito povo.

Tuna Commercial de Lisboa

Sarau-concerto em Aldeia Gallega

A Tuna Commercial de Lisboa realisa depois d'amanhã um passeio a Aldeia Gallega promovendo um sarau-concerto no theatro d'aquella villa, dedicado ao commercio da localidade. Na primeira e terceira partes do sarau far-se-ha ouvir a Tuna no seu variado repertorio. Na segunda parte, o grupo «Os modestos», composto de socios da Tuna, representará a operetta «O sol de ouro».

A partida é ás 9,30 da estação do Terreiro do Paço (Sul e Sueste) e o regresso ás 21 no vapor «Alcochete».

PEQUENAS NOTICIAS

A Escola Raul Dória, do Porto, enviou-nos o seu annuario relativo ao anno escolar de 1914-1915. E' um trabalho magnifico, sahido das officinas da propria Escola e que mostra bem a importancia d'aquelle acreditado estabelecimento d'ensino.

INTERESSES DE CABO VERDE

Irrigação e arborisação contra as crises de subsistencias

Em 1906, não conhecendo nós ainda Cabo Verde, debatia-se na imprensa a formidavel questão da arborisação de Cabo Verde, unico preventivo contra as crises de subsistencias, e quem essas chronicas escrevia, funccionario superior d'aquella provincia, estabelecia o seguinte circulo vicioso: para que chova regularmente é preciso que se arborise, e para se arborisar é necessario contar com agua, e agua não existe. Estava longe de ser verdade tal affirmativa.

E' difficil arborisar em Cabo Verde, onde a evaporação consegue attingir 5 m/m, e o vento sopra com a velocidade de 42 kilometros á hora, no periodo de maior seccura, mas está provado que não é impossivel, lançando-se mão da Parkinsonia Aculeata e da Ceratonia Siliqua (alfarrobeira) que são as que maior resistencia offerecem á seccura e ao vento.

Mas, nada mais facil do que estabelecer na proximidade das ribeiras extensos viveiros d'essas e d'outras plantas para serem vendidas aos agricultores; nenhuma difficuldade em conseguir na ilha da Boa-Vista nem que fossem milhões, dos vasos necessarios para se fazer a transplantação das arvores com seguro exito, mas não se tem tratado d'isto. Tem-se preferido fazer extensas sementeiras que não teem dado resultados praticos, o que não obstou a que se continue enveredando pelo mesmo caminho.

Já ha dias aqui dissemos que é estranhavel que em Cabo Verde se não achem convenientemente montados os serviços da hydraulica, para o que poderia servir de modelo o regulamento de 1886 que regulou aqui taes serviços, introduzindo-se-lhe as modificações convenientes para a sua pratica e util applicação n'aquelle archipelago, pois é evidente que emquanto se não aproveitarem convenientemente os milhares de milhões de toneladas de agua que diariamente vão para o mar sem servirem, não se póde proclamar ter-se encontrado a resolução do problema das crises de subsistencias, que continuarão affligindo Cabo Verde ainda por muitos annos, para o Estado ter que as remediar. Mas dir-nos-hão: onde estão essas quantidades de agua? Estão, umas á superficie da terra, mostrando a nossa inercia, outras em correntes subterraneas, á espera que alguem as procure e as aproveite, e para que se não diga que faltamos á verdade, vamos servir-nos das affirmações de um estrangeiro, visto que, infelizmente, nos tempos que vão correndo é melhor receber a censura de um estrangeiro embora revestida de um attestado de incompetencia, do que o conselho de um nacional dado com o melhor fim.

Em 1912, um allemão, filho dos poderosos banqueiros judeus que fundaram o Banco Allemão, e que é um geologo distinctissimo, visitou Cabo Verde, para fazer um estudo da vulcanologia do archipelago, que é uma das especialidades suas. Friedlaender foi convidado a fazer um estudo sobre a hydrologia do archipelago de Cabo Verde, donde vamos buscar os elementos que provam a existencia de grandes quantidades de agua.

S. Vicente—Considera-a a mais árida das ilhas de Cabo Verde. Não obstante as tres serras do Monte-Verde a leste, Monte da Cara a oeste, do Madeiral e do Tope da Caixa, conservam, mesmo no tempo secco, importantes quantidades de agua. Nos valles da parte sudoeste a agua apparece n'um extracto impermeavel, e já vae sendo em parte aproveitada. Todavia, e infelizmente, por emquanto só uma pequena quantidade é aproveitada, não se tendo feito até hoje uma pesquiza minuciosa dos cursos de agua da ilha nem elaborado um regulamento que systematize tão importante serviço. Os valles a nordeste do Monte Verde, possuem quantidades consideraveis de agua, que se conservam desaproveitadas e inteiramente abandonadas. O mesmo se dá com as aguas do Monte da Cara, que se encontram, na sua maior quantidade nos valles a nordeste de accesso perigoso e difficil que se oppõe a sua exploração efficaz, por meio d'uma canalisação para a grande planicie da ilha. Além das mencionadas, em todos os valles de S. Vicente ha nascentes.

Santo Antão—Diz-se ser a mais abundante em aguas. As correntes em valles de importancia como sejam na Ribeira Grande, da Torre, Mão Para Traz, Paul, Janella, Mesa, Patas, Tarrafal, Monte do Trigo, Cruz, Alto-Mira, Garça, Figueiras e Fontainhas, teem grandes quantidades de agua no presente, infelizmente, apenas escassamente aproveitadas. Não seria difficil elevar aquellas aguas a terrenos mais elevados, fóra dos leitos dos valles.

Brava—A agua brota de numerosas fontes. A nascente mais importante é a do Encontro, a uns cem metros da Lavadura, tambem importante a nordeste da ilha. E' tambem muito importante a do Sôrno que, infelizmente, por se achar a pequena altitude, tem fraco aproveitamento. A nascente da Fonte, pouco mineralisada, tem uma temperatura approximada de 30°. A nascente, porém, mais afamada e valiosa da ilha é a do Vinagre, na costa oriental, a 150 metros sobre o nivel do mar. A agua d'esta nascente é francamente acidula, alcalina, e tem qualidades para rivalisar com as melhores aguas de meza do mundo. «Ainda se não fez a medição dest'a nascente»; calculo, porém, que o seu debito diario, não será inferior a 200 metros cubicos. E' d'ella que se abastecem a séde do concelho e outros povoados, sendo a agua transportada «em caminhos não carreteiros, que apenas servem para animaes de carga».

Além das já mencionadas, ainda se encontram na ilha Brava um sem numero de nascentes, porém, de muito menor importancia.

Fogo—A maior parte da agua escoa-se subterraneamente para o mar, do que resulta o apparecerem numerosas nascentes junto á costa, entre as quaes são dignas de ser mencionadas pela riqueza do seu debito, as fontes da Praia Ladrão e da Pena, de agua doce, e as da Ribeira da Trindade, de S. Filippe e Senhora do Soccorro, de agua salobra.

Parece-me de toda a conveniencia se proceda a rigorosa pesquiza das correntes de aguas subterraneas do lado exterior da cratera, especialmente no nivel superior das nascentes que apparecem na costa. N'essa ordem de ideias pesquisar-se-hia, com todas as probabilidades de bom exito, a parte superior da Ribeira da Trindade, sobre a Ribeira Contador, não longe da Cabeça do Monte, e bem assim a da Ribeira Sanan e da Ribeira de Agua Pia. Parece-me que aquelles valles são particularmente ricos em agua. Outros haverá ainda em identicas condições mais ou menos favoraveis ás pesquizas.

Este artigo vae já longo. Por esse motivo analysaremos n'um outro as condições em que se encontram as restantes ilhas.

Armando Xavier da Fonseca

Instituto Superior de Commercio

A reorganisação do ensino

Por decreto hoje publicado no «Diario do Governo» foram reorganisados os serviços de ensino do Instituto Superior de Commercio, que passa a ser ministrado nas seguintes 24 cadeiras:

1.ª—Elementos de algebra superior, geometria analitica; 2.ª Calculo infinitesimal e de probabilidades; 3.ª Methodos geraes, phisicos e chimicos de analise; 4.ª Finanças; 5.ª Materias primas; 6.ª Analise e classificação pautal de mercadorias; falsificações; 7.ª Economia politica; legislação industrial; 8.ª principios de direito natural, civil, publico e administrativo; 9.ª Direito commercial e maritimo; 10.ª Direito internacional publico; 11.ª Direito internacional privado; legislação consular; 12.ª regimens aduaneiros; 13.ª Geographia economica, communicações e transportes terrestres e fluviaes; 14.ª Geographia economica de Portugal e colonias; migração e colonisação; 15.ª Portos commerciaes nacionaes e estrangeiros; armamentos maritimos; exploração commercial do navio; industrias do mar; 16.ª Mercados commerciaes; historia do commercio e da industria; 17.ª Operações commerciaes; contabilidade geral; 18.ª Especulação commercial; contabilidade bancaria; instituições commerciaes; 19.ª Contabilidade industrial e outras especiaes; 20.ª Operações financeiras a longo praso; 21.ª Seguros, instituições de previdencia; contabilidade de seguros; 22.ª Technologia geral; 23.ª Direito financial; orçamentologia; 24.ª Estatistica.

Com estas cadeiras constituem-se os seguintes cursos superiores: curso aduaneiro; curso superior de finanças; curso consular; curso superior de commercio.

O curso aduaneiro é dividido em 3 annos, o de finanças tambem em 3, o consular em 4 e o superior de commercio em 3.

No primeiro são professadas as seguintes materias: methodos geraes phisicos e chimicos de analise, economia politica, legislação industrial, principios de direito natural, civil, publico e administrativo, geographia economica, communicações e transporte terrestres e fluviaes, materias primas, direito commercial e maritimo, direito internacional publico, geographia economica de Portugal e colonias, migração e colonisação, technologia geral, analise e classificação pautal de mercadorias, falsificações, direito internacional privado, legislação consular, regimens aduaneiros; operações commerciaes, contabilidade geral, escriptorio commercial, laboratorio de analise de mercadorias e cursos praticos das linguas franceza, ingleza ou allemã.

No curso superior de finanças serão professadas: elementos de algebra superior; geometria analictica; economia politica, legislação industrial; principios de direito natural, civil publico e administrativo; geographia economica, communicações e transportes terrestres e fluviaes, calculo infinitisimale de probabilidades; finanças, geographia economica de Portugal e colonias; migração e colonisação; operações commerciaes, contabilidade geral; escriptorio commercial; cursos praticos das linguas franceza e ingleza; dactilographia e caligraphia; regimens aduaneiros; operações financeiras a longo praso; direito financial, orçamentologia; estatistica; pratica de operações financeiras; pratica de estatistica.

No curso consular: methodos geraes phisicos e chimicos de analise; economia politica; legislação industrial; principios de direito nacional, civil, publico e administrativo; materias primas; direito commercial e maritimo; geographia economica; communicações e transportes terrestres e fluviaes; mercados commerciaes; historia do commercio e industria; direito internacional publico; geographia economica de Portugal e colonias; migração e colonisação; operações commerciaes; analise e classificação pautal de mercadorias, falsificações; direito internacional privado, legislação consular, regimens aduaneiros; portos commerciaes, nacionaes e estrangeiros; armamentos maritimos; cursos praticos das linguas franceza, ingleza ou allemã.

No curso superior de commercio: elementos de algebra superior, geometria analitica; methodos geraes phisicos e chimicos de analise, economia politica, legislação industrial; principios de direito natural, civil, publico e administrativo; geographia economica; communicações e transportes terrestres e fluviaes; calculo infinitesimal e de probabilidades, materias primas; direito commercial e maritimo; regimens aduaneiros; geographia economica de Portugal e colonias; migração e colonisação; finanças, direito internacional publico; operações commerciaes; contabilidade geral; operações financeiras a longo praso; technologia geral; escriptorio commercial; pratica de operações financeiras; analise e classificação pautal de mercadorias; falsificações; direito internacional privado, legislação consular, especulação commercial; contabilidade bancaria; instituições commerciaes; seguros; instituições de previdencia; contabilidade de seguros; direito financial; orçamentologia; portos commerciaes nacionaes e estrangeiros; armamentos maritimos; exploração commercial do navio; industrias do mar; mercados commerciaes; historia do commercio e da industria; contabilidade industrial e outras especiaes; estatistica; escriptorio commercial; pratica de estatistica; cursos praticos das linguas franceza, ingleza e allemã.

Pela instrucção

Abertura de matriculas

Na séde da Associação de Classe dos Caixeiros, rua Antonio Maria Cardoso, 20, encontra-se aberta até ao dia 15 de outubro a matricula para o curso elementar de commercio, dividido em 3 annos. A secretaria está aberta todos os dias uteis das 21 ás 24 horas, e nos domingos, das 13 ás 16 e das 20 ás 22.

Para os filhos ou protegidos dos socios do Centro Republicano Henriques Nogueira está aberta a matricula, para as aulas diurnas, na séde do Centro, das 20 ás 23 horas, em todos os dias uteis. As aulas abrem no dia 11 de outubro.

Na Associação de Classe de Empregados de Escriptorio está aberta a matricula, para o curso alli professado e que comprehende portuguez, francez, inglez, allemão, esperanto, calculo e escripturação commercial, arithmetica, geometria e tachigraphia. Na secretaria da Associação se prestam todos os esclarecimentos todos os dias, das 21 ás 22 horas.

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

Boletim do trabalho industrial

D'este boletim, está publicado o numero 92, que trata dos tribunaes de arbitros avindores em Portugal, inserindo os relatorios e estatisticas do movimento das causas em 1913. E' uma bella fonte de estudo para os investigadores.

Catecismo do cidadão

Original do sr. Augusto Salter Cid, é um pequenino livro destinado principalmente ás escolas e no qual se compendiam as principaes noções que servem a educar o cidadão e a tornal-o um cumpridor fiel da lei, concorrendo assim para o engrandecimento da Patria. Bem escripto, parece-nos obra de valor e digna de ser recommendada.

TOURADAS

Campo Pequeno.—Já se encontra na praça do Campo Pequeno o magnifico curro do lavrador Castro, da Cabrella, destinado á corrida de domingo, promovida por Jayme Cadete. Já estão em exposição em varios estabelecimentos da baixa e no florista Lalheitte as lindas «modas» e «bouquets» que o promotor offerece ao destemido grupo de forcados do Ribatejo.

Movimento maritimo

Brazil e R. Prata, «Maeland» (Amst.)	26
Brazil e R. Prata, «Douro» (Liverp.)	26
Liverpool, «Lanfranc» (Pará)	27
Africa oriental, «Clan Ross» (Liverp.)	27
Africa occidental «Angola»	29

dias depois estendiam-se para leste na direcção do caminho de ferro de Mezo-Laborcz.

No dia 6 apoderaram-se a aquella região da pequena aldeia de Puczak. No mesmo dia houve violenta lucta e novo avanço no valle do Topiya. A esse tempo estavam não só avançando ao sul de Zboro, mas fazendo um movimento de flanco dirigido de leste contra aquelle valle. Nos dias 11 e 12 a lucta estendeu-se para o sul de Sztropko.

Depois do dia 12 pouco mais se falou da offensiva russa na região de Bartfeld. Tinha alcançado o seu objectivo principal: o avanço no valle do Ondava havia impedido os movimentos do inimigo para leste.

Pelo meiado d'abril, o primeiro estagio da offensiva nos Carpathos dá-se em quasi toda a linha por motivos que se prendem com as principaes operações entre o Lupkow e o Uzsok.

A 24 d'esse mez começaram a circular boatos de estar imminente uma nova offensiva austro-allemã na Galicia occidental, na linha Tuchow-Gorlice. O golpe só foi dado a 2 e 3 de maio. O seu exito ameaçava cortar a retirada das tropas russas na região de Bartfeld e no dia seguinte os russos começavam a retirar das encostas hungaras dos montes Carpathos.

Voltemos entretanto á principal offensiva russa nos Carpathos centraes.

A 23 de março as tropas russas «tinham já começado o seu ataque principal na direcção de Baligrod»—diz o communicado do quartel general de 18 d'abril—«envolvendo as posições inimigas pelo oeste do desfiladeiro do Lupkow e a leste proximo das nascentes do San. O inimigo oppôz a mais desesperada resistencia á offensiva das nossas tropas. Foi repellido da fronte na direcção de Bartfeld para o desfiladeiro do Uzsok, incluindo as tropas allemãs e numerosos cavalleiros que combatiam a pé. Os effectivos n'essa fronte excediam a 300 batalhões. Apezar d'isso, as nossas tropas venceram grandes difficuldades naturaes a cada passo».

O primeiro dia de batalha geral foi assignalado por uma violenta lucta e notaveis successos.

O communicado official russo de 28 de março diz a esse respeito:

General sir G. J. Young-husband

«No decurso d'esse dia, tomámos mais de 4.000 prisioneiros, um canhão e muitas duzias de metralhadoras».

Durante o dia seguinte a batalha continuou, sendo a lucta especialmente violenta na cumiada da montanha ao sul de Jasliska e a oeste do desfiladeiro do Lupkow. As florestas que cobrem essas montanhas offerecem facilidades especiaes para a construcção de grandes fortificações. Os bosques na região do Lupkow, diz o communicado official russo de 25 de março, «são uma rêde perfeita de arame farpado... cercada de muitas fileiras de trincheiras, reforçadas por fundos fossos e palliçadas». Comtudo, a 25 de março as tropas russas tomaram de assalto

e Nagy-Polena e segue d'ahi pelo valle do Siroka, para Homona.

De Szlakesin a Homona corre um ramal do caminho de ferro de Sanok-Homona. De Lupkow, uma estação da mesma linha ferrea, abre para leste, ao longo da encosta norte da cadeia montanhosa, um d'esses valles parallelos, a que acima nos referimos. Esse valle, ou antes depressão, corre de Lupkow a Smolnik, Vola Michowa e Cisna até Kalnica; cada uma d'essas pequenas montanhas tem agora um nome historico, como o de Neuve Chapelle, Festubert ou Souchez. De Lupkow a Cisna corre um ramal de caminho de ferro da mesma linha; Cisna, na estrada Baligrod-Rozsloki, é o seu terminus.

Forma-se assim um triangulo perfeito, cuja base fica entre Mezo-Laborcz e Cisna e o vertice em Homona.

Pelo meiado de março, as tropas germanicas occupavam posições quasi na fronte de Baligrod. A offensiva russa tinha primeiro de fazel-as recuar da cadeia norte da linha Lupkow-Cisna (a cêrca de 3.000 pés d'altitude), depois conquistar esse valle como base para ulteriores operações e em seguida abrir passagem pela principal cadeia dos Carpathos para Virava, Telepovce, Zuella e Nagy Polena.

Estradas convergentes conduzem d'esses logares ao vertice do triangulo em Homona, a Terra da Promissão que os russos deviam avistar mas em que não entrariam.

A estrada de Baligrod divide-se em Szlakesin; emquanto o ramo occidental segue para Homona, o oriental encontra em Berezna a linha de caminho de ferro Sambor-Uzsok-Ungvar.

Os austriacos haviam construido uma verdadeira fortaleza montezina nas visinhanças do desfiladeiro do Uzsok. Mas se os russos tivessem chegado a Berezna, todo o exercito que estava n'essa região teria de render-se ou tentar uma retirada por entre as altas montanhas, ao sudeste do Uzsok.

Na região a oeste as linhas de communicação formam um triangulo semelhante ao que fica a leste do de Lupkow. A sua base é a estrada Baligrod-Turczki que segue pelo valle parallelo, que é formado na encosta norte dos Carpathos pelo curso superior do San; a estrada Baligrod-Berezna fórma o lado occidental, o caminho de ferro do Uzsok o oriental. Mas a rêde de estradas d'esse lado do triangulo differe da do Lupkow. As estradas não convergem para o vertice do triangulo, mas correm mais ou menos parallelamente ao lado occidental, encontrando o caminho de ferro Sambor-Ungvar em differentes pontos entre o Uzsok e Berezna. Por qualquer estrada que uma força invasora consiga alcançal-o, as posições no Uzsok podem ser torneadas. Mas não é facil impedir o avanço ao longo d'essas estradas; passam por montanhas que são muito mais altas do que as da região do Lupkow, excedendo algumas d'ellas a mais de 4.300 pés.

Em meiados de março a lucta não se estendera ainda ao valle do San; pelejava-se nas montanhas do Odryl, cujo ponto mais alto attinge quasi 2.800 pés. O primeiro movimento tinha de ser um avanço no valle do San; depois, os russos tiveram de abrir caminho pela cadeia que, no sector occidental entre Dvernik e Berechy e Vellina, tem o nome de Poloniny. Em seguida alcançaram a linha Berechy-Volosate, onde havia entre elles e a Hungria apenas uma cadeia de montanhas.

Atravessaram-na a oeste, em roda de Runyina, e no extremo oriental, onde apenas alguns kilometros ha entre Volosate e Szlarina, que fica nas trazeiras do desfiladeiro de Uzsok; ahi, alcançaram as posições de Lubnia, quasi a meio caminho entre Volosate e o caminho de ferro do Uzsok. E de novo, como na fronte de Homona, o seu esforço não alcançou o fim que se propunha.

A leste do Uzsok as montanhas attingem consideravel elevação e ha muito menos estradas que as atravessem do que no lado occidental.

A quarenta kilometros a leste do Uzsok fica a passagem ou desfiladeiro de Vereczke e a oito kilometros mais para leste o de Beskid, por onde passa a linha do caminho de ferro de Stryj-Munkacs.

A linha de batalha entre o Uzsok e o Vereczke corria, em meiados de março, desde Turka ao longo do alto Stryj, ao sul da cadeia Zwinin, d'ahi ao sul de Orawizyk a Kozlowa, por Tuchla e Rozanka a Wyszkow.

Essa linha foi occupada pelos russos desde o principio de fevereiro, tendo morrido batalhões inteiros inimigos ao tentarem forçal-a. O general von Linsingen continuou as suas tentativas em março e abril, mas noticias pouco importantes vieram d'essa região.

«Entre o Lupkow e o Uzsok—diz o communicado do quartel general russo de 18 d'abril—o nosso grande ataque está traçado». Os dois triangulos entre os desfiladeiros são o seu campo de batalha.

A leste de Wyszkow elevam-se grandes montanhas; da altura de cinco a seis mil pés. Houve uma aberta na linha de batalha que nunca foi preciso preencher. Não havia perigo de pelo outro lado essas posições poderem ser torneadas.

A região do alto Bystrycas e o valle do Pruth devem ser tratados como theatro separado da guerra. Aqui as tropas austriacas sob o commando do barão von Pflanzer-Baltin conseguiram abrir caminho, em janeiro, por Jablonica e Kirlibaba, reconquistaram a Bukovina e o Pokucia e chegaram até Stanislawow.

Expulsas d'aquella cidade nos primeiros dias de março, recuaram a uma linha que seguia desde Nadvorna por Ottynia até Niezwiska no Dniester. Segue approximadamente a linha divisoria de aguas entre o Pruth e o Dniester. A margem direita do ultimo d'estes rios é mais elevada que a região circumjacente, motivo por que o Dniester não recebe affluentes do sul.

Ao norte da linha Nadvorna Niezwiska estende-se uma fertil planicie sulcada por innumeras correntes que veem das altas montanhas ao sul. Em abril, o valle entre Nadvorna e Ottynia está inundado, não sendo por isso possivel qualquer lucta importante n'essa região.

Só mais para leste, no alto terreno do Dniester, uma lucta violenta continua no principio da primavera.

O communicado do quartel general russo de 18 d'abril diz a tal respeito:

«No periodo indicado—meiados de março—grandes forças austriacas, que haviam sido concentradas com o fim de soccorrer Przemysl, estavam entre os desfiladeiros do Lupkow e do Uzsok. Era por esse sector que o nosso grande ataque estava traçado. As nossas tropas tinham de dar um ataque de frente em muito difficeis condições de terreno. Para facilitar o seu ataque foi, portanto, resolvido um outro subsidiario n'uma frente na direcção de Bartfeld ao Lupkow. Esse ataque subsidiario foi iniciado a [illegible] de março e attingiu logo o seu completo desenvolvimento».

Ao norte de Bartfeld, as duas estradas occidentaes (Novy Sacz-Tarno e Grybow-Piltrova-Tarno) estavam em poder dos austriacos, os sectores norte das duas estradas orientaes (Gorlice-Zboro e Jaslo-Zboro), mas não a sua juncção em Zboro, estavam em poder dos russos. Se estes tivessem podido apoderar-se das duas juncções de Tarno e Zboro, todas as estradas dirigindo-se para Bartfeld de oeste; norte e leste ter-lhe-hiam cahido nas mãos; só o valle, seguindo para o sul, atravez do qual correm o caminho de ferro e a estrada para Eperies e Kaschau, teria ficado aberto aos austriacos.

Mas era possivel para os russos ameaçar aquella linha mesmo de flanco por um avanço ao longo da estrada Szvidnik-Sztropko-Turany. Uma offensiva em força ao longo d'essa estrada apresentava ainda outra vantagem: ao mesmo tempo que apoiava o ataque subsidiario contra Bartfeld, constituia tambem um avanço contra o flanco da linha

Sanok-Homona, ao sul de Mezo-Laborcz. Eram essas as primeiras linhas exteriores da offensiva russa, approximadamente.

Nos primeiros dias da sua offensiva, os russos abriram caminho pela cadeia dos Carpathos ao norte de Zboro. Não conhecemos o dia exacto em que entraram n'aquella cidade, mas parece ter sido a 26 de março. Ao que se diz, antes de a evacuarem, as tropas austriacas lançaram fogo áquella antiga e interessante praça. O avanço russo foi fructifero; o archiduque Frederico concentrou forças consideraveis na região de Bartfeld e, quando, depois de 24 de março, a principal batalha se desenvolveu, principalmente na região Lupkow-Uzsok teve de tentar uma contra-offensiva de Bartfeld de fórma a soccorrer as suas tropas que occupavam a linha mais a leste. Essa tentativa falhou por completo.

Os russos tinham a esse tempo posto pé firme no lado hungaro, ao norte de Bartfeld, e nenhum ataque de frente os podia d'ahi desalojar.

A offensiva russa desenvolveu-se ainda mais para longe, ao longo da estrada Szvidnik-Sztropko e a leste d'esta, isto é, no flanco sudeste da posição de Bartfeld. O communicado official de Petrogrado annuncia que a 20 de março, n'uma lucta á bayoneta para posse da cota 389, a leste da aldeia de Minarocz, os russos anniquilaram tres batalhões austriacos. A cota 389 fica a sudoeste do Makowica; o avanço russo atravez d'ella ameaçava tornear as posições austriacas n'aquella zona.

A 30 de março, de novo houve lucta violenta ao norte de Sztropko. A 2 d'abril os russos tomaram a aldeia de Cigielka. Não se sabe se elles seguiram para além, para Piltrova, ou se foram detidos no desfiladeiro por onde passa a estrada de Cigielka. Sabe-se que os austriacos estavam trabalhando febrilmente em fortificar novas posições ao norte de Bartfeld. A posição exacta d'essas linhas não é bem conhecida, mas a linha Bityj-Komieri-Buszow parece ter sido a porta natural para defeza do valle de Piltrova.

Os austriacos tinham tomado todas as precauções possiveis para a segurança do caminho de ferro Bartfeld-Eperies, cujo terminus norte é Bartfeld. O caminho de ferro Novy Sacz-Eperies-Kaschau, do qual aquelle é um ramal, é a unica linha que liga a Galicia occidental com a Hungria do norte e a oito kilometros ao sul de Eperies junta-se com o que liga Berlim, por Breslau, Oderberg e Kaschau, com Budapest e que é a principal linha ferrea entre a Allemanha e a Hungria.

O accesso á linha Novy Sacz-Eperies pelo nordeste é comparativamente mais facil na região entre Cigielka e Tylicz e pelo sudeste de Bartfeld. Ahi os exercitos germanicos tinham de estar vigilantes e offerecer vigorosa resistencia a qualquer ulterior avanço russo de Cigielka e Minarocz. Este facto explica a natureza e o exito do ataque subsidiario contra Bartfeld, que nunca podia ser seguido d'um resultado decisivo.

A força russa que invadiu a Hungria pelo Dukla e pelo oeste nunca foi superior a dois corpos do oitavo exercito e nem mesmo, segundo todas as probabilidades, attingiu aquella força. A ameaça, porém, que esse ataque trazia era o conter consideravel numero de forças do inimigo n'aquella região, especialmente emquanto os russos tivessem ao seu dispôr melhores communicações lateraes do que os exercitos germanicos que lhes faziam frente. O caminho de ferro transversal corre parallelamente á cadeia dos Carpathos a cêrca de trinta e dois kilometros ao norte da sua cumiada.

Como já dissemos, não ha valles parallelos semelhantes do lado hungaro e o caminho de ferro lateral mais proximo corre entre sessenta e quatro e oitenta kilometros ao sul da cumiada da montanha.

Apezar dos violentos contra-ataques austriacos, em abril os russos alcançaram novos successos no valle de Ondava e avançaram em direcção sul, ao longo da estrada Szvidnik-Sztropko. A 4 de abril chegaram á cidade de Sztropko. Dois

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 1847 — 6.º Anno

Direcção e propriedade de Manuel Guimarães
Editor—Camillo Sousa d'Almeida
Redacção e Administração—R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA—Sabbado, 25 de Setembro de 1915

Telephone n.º 2298—Endereço teleg. CAPITAL
Composição—Rua do Norte, 5, 1.º
Officina de Impressão—71, Rua da Rosa, 71

Preço 1 centavo

Solução politica

Na realidade, ha já uma crise. Não tem ella o caracter grave de uma incompatibilidade entre o governo e a opinião publica, ou mesmo do governo com agrupamentos politicos adversos. O gabinete José de Castro não é compellido a abandonar as cadeiras do poder nem as abandona por mero capricho. Se a sua sahida está indicada, isso provem simplesmente de que todos julgam a sua missão concluida, sendo o primeiro a assim julgal-o o proprio governo.

Se alguem pensa que, por nossa parte, nos move qualquer sentimento de hostilidade contra o actual ministerio, engana-se redondamente. Já o dissemos, e desejamos accentual-o ainda: entendemos que o sr. José de Castro e os seus collegas, acceitando o poder n'uma hora difficil, prestaram um serviço á Republica e deram evidentes provas de dedicação republicana.

O que o paiz lhes exigiu foi um sacrificio. E' sempre um sacrificio assumir o poder para um governo de transição, sem possuir uma caracteristica politica que, se impõe responsabilidade, garante força. O actual gabinete é presidido por um republicano extra-partidario, e se conta entre os seus membros republicanos filiados no partido democratico, o facto é que a sua acção tem sido a d'uma independencia a que mesmo adversarios do partido democratico teem prestado justiça. O sr. José de Castro e os seus collegas, teem mesmo sido atacados por elementos democraticos. O que succede a estes governos é não poderem contar com um apoio sufficientemente solido para a sua acção. Se o gabinete actual não tem marcado uma attitude tão decidida, e por isso mesmo reveladora de força, como alguns lhe exigem, a verdade é que o caracter da sua missão transitoria e a falta do solido apoio a que alludimos, devem ser tomados em linha de conta para a critica que haja a fazer-lhe.

O sr. José de Castro, pela praxe, pedirá a exoneração do gabinete a que preside no proximo dia 5 de outubro. E' o que succede nas Republicas do typo da nossa, e o que com a nossa tem succedido tambem. Quando o sr. Manuel de Arriaga ascendeu á suprema magistratura da nação, o governo que occupava as cadeiras do poder, e de que faziam parte as figuras mais notaveis da democracia portugueza, apresentou-lhe a sua demissão, e foi acceita, organisando-se um novo governo. Quando o sr. Theophilo Braga tomou posse da presidencia da Republica egualmente o governo que então existia lhe apresentou a sua demissão, que foi acceita, havendo o presidente da Republica encarregado o seu chefe de formar novo governo. Agora, tomando posse da presidencia o sr. Bernardino Machado, é evidente que a mesma praxe será seguida, sendo tanto mais inevitavel a acceitação da exoneração do gabinete quanto é certo saber-se que o sr. José de Castro em caso algum deseja continuar no poder.

Considera a sua missão terminada, e a opinião publica assim a considera tambem, sem desconhecer os seus serviços e dos seus collegas. Porquê? Porque ha muito espera que, ao inicio da nova presidencia da Republica corresponda o inicio d'um governo forte, formado segundo as insophismaveis indicações constitucionaes, que são as do suffragio nacional instituindo uma maioria parlamentar.

Essa maioria é constituida pelo partido democratico, e é esse partido, representado pelo seu eminente chefe, o sr. dr. Affonso Costa, que não só a opinião republicana, mas todo o paiz, esperam que acceite o encargo de formar governo n'este momento que deve necessariamente marcar uma nova era para a Republica Portugueza.

Tudo o que não seja isto, representará uma profunda decepção para o espirito popular, e as consequencias d'essa decepção não podem deixar de ser profundamente lamentaveis, se não fôrem extremamente graves.

EM TORNO DA GUERRA

O catholico allemão

A sua liberdade é muito inferior á de que goza o catholico francez

Digam o que disserem os nossos bons catholicos, a Allemanha, na presente conflagração, merece á maior parte d'elles todas as sympathias e para a victoria germanica vão os seus mais ardentes votos. Ha catholicos alliadophilos, sem duvida, exemplo os dos «Echos do Minho», mas o grande numero não occulta a sua má-vontade pela França, onde, no seu entender, o Estado e a maçonaria tyrannisam a Egreja, parecendo estar convencidos de que na Allemanha, paiz de ordem, de disciplina, de crenças e de liberdade verdadeira, na opinião d'elles, o catholicismo desfructa direitos de que está privado n'aquella nação que a mesma Egreja considerou e ainda considera sua filha primogenita...

Os nossos bons catholicos ou são ignorantes ou são maus. Póde ser que sejam até ambas as coisas. Quando claramente dizem ou apenas insinuam que a Egreja tem na Allemanha uma situação muito superior á que lhe crearam em França faltam á verdade. E' o que vamos demonstrar não com palavras mas com factos, recapitulando os direitos e as liberdades por que os catholicos tanto pugnam n'outros paizes e de que o catholicismo se encontra privado na Allemanha. Ora leiam:

Liberdade do clero defender as doutrinas e as instituições da Egreja contra as denominadas invasões do poder civil.—Supprimida pelo artigo 130 do Codigo penal.

Direito de co-inspecção das escolas garantido á Egreja pela constituição.—Supprimido pela lei de 11 de março de 1872.

Direito garantido á Companhia de Jesus de livre existencia e de actividade no imperio allemão.—Supprimido pela lei do imperio de 4 de julho de 1872.

O mesmo direito conferido aos redemptoristas, aos lazaristas, á congregação do Espirito Santo e á do Sagrado Coração de Jesus.—Supprimido pela ordenança de 20 de maio de 1873.

Plena liberdade e independencia garantida á Egreja pela constituição, no que respeita á educação dos clerigos e á nomeação dos titulares ecclesiasticos.—Supprimida pela lei de 11 de maio de 1873. Todavia, relativamente á educação dos clerigos, a lei de 1882 auctorisa o ministro dos cultos a conceder certas dispensas; e, quanto á nomeação dos titulares ecclesiasticos, a lei de 1887 limita o direito de veto do governo aos casos em que se trata de prover uma parochia inamovivel.

Plena liberdade, garantida pela constituição aos superiores ecclesiasticos em materia de disciplina.—Supprimida pela lei de 12 de maio de 1873, que limita as sancções que a auctoridade ecclesiastica póde infligir.

Immunidade absoluta dos clerigos comprehendendo n'esse numero os sub-diaconos, relativamente ao serviço militar.—Supprimida pelas leis do imperio de 2 de maio de 1874 e de 6 de maio de 1880. Parcialmente restabelecida pela lei de 8 de fevereiro de 1890.

Plena e inteira liberdade para os capitulos escolherem os administradores das sés vagas.—Supprimida pela lei de 20 de maio de 1874, que permitte ao governo impôr ao eleito um juramento contrario ás leis da Egreja e, em caso de recusa, eliminal-o.

Liberdade da Egreja em materia de casamento e de impedimentos ao casamento reconhecida pela lei civil.—Supprimida pela lei do imperio de 6 de fevereiro de 1875.

Liberdade de ensino garantida pela constituição ás ordens religiosas e ás associações ecclesiasticas.—Supprimida pela lei de 31 de março de 1875. A lei de 1887 conferiu ás associações de mulheres essa liberdade quanto ao ensino secundario, mas com previo parecer favoravel do ministro.

Plena liberdade garantida pela constituição ás ordens e congregações para fundarem estabelecimentos na Prussia.—Supprimida pela lei de 31 de maio de 1875. A lei de 1887 restabeleceu essa liberdade apenas em favor das ordens contemplativas e das ordens votadas ao ministerio parochial e ás obras de caridade e ensino de raparigas.

Liberdade inteira da administração dos bens ecclesiasticos municipaes, sem intervenção do poder civil.—Supprimida. A lei de 20 de junho de 1875 confia essa administração a pessoas eleitas pelos municipios e apenas permitte á auctoridade ecclesiastica o direito de co-inspecção.

Livre direito para a Egreja de se pronunciar sobre a qualidade de catholicos com effeitos civis.—Supprimida pela lei de 4 de julho de 1875, chamada lei dos velhos-catholicos.

Direito illimitado para a Egreja de ministrar o ensino religioso nas escolas.—Supprimido pelo rescripto de 18 de fevereiro de 1876.

Inteira liberdade garantida aos ordinarios pela constituição relativamente á administração dos bens pertencentes aos bispos, bispados e capitulos e ás fundações não visadas pela lei de 20 de junho de 1875.—Supprimida pela lei de 7 de junho de 1876, que confere ao Estado largos direitos de intervenção e vigilancia.

Plena liberdade da Egreja no que respeita á escolha dos livros de instrucção religiosa para as escolas superiores; supprimida. E' o ministro dos cultos quem escolhe os livros de ensino religioso.

Se compararmos a situação legal da Egreja em França com a sua situação legal na Allemanha, verificaremos que, salvo as restricções relativas aos religiosos, á isenção militar dos clerigos ou ao ensino (plenamente livre em França, ao passo que o não é na Allemanha), não ha uma unica das liberdades religiosas abolidas pela lei allemã que não seja reconhecida, expressa ou tacitamente, pela lei franceza actual, isto é a que substituiu o regimen concordatario.

O grande jornalista catholico Julien de Narfon, occupando-se d'este assumpto, escreveu: «Em resumo, o clero catholico allemão apenas tem sobre o clero catholico francez uma vantagem: o ser melhor alimentado. Se isso basta para que julgue que a situação da Egreja seja melhor na Allemanha do que em França, que fique com essa satisfação cuja idéa—e só ella—faria corar o mais pobre dos nossos sacerdotes e que está perfeitamente ao nivel moral do sentimento que levava os hebreus a recordarem com saudade, na liberdade reconquistada, a carne e as cebolas do Egypto...»

De quem é o soneto?

Não ha muitos dias, um jornal da noite publicava com o titulo «Quando?...» o seguinte soneto, firmado por Augusto Casimiro:

A que eu adoro teve o Amor de quantos,
—Por bem a amar—a Historia coroou,
Heroes, poetas, semi-deuses, santos,
Portuguezes tambem que a gloria amou...

Teve-lhe amor Nun'Alvares. Cantou
Luiz de Camões o amor dos seus encantos,
Por Ella a raça foi ao Mar. E eu sou
Marinheiro e poeta como tantos...

O' bem amada, eu amo-te na imagem
Da minha terra,—a idilica paysagem,—
Religiosa e branda que sorri...

E hei-de noivar comtigo,—o' Patria—quando
—Heroe por teu Amor,—tombar cantando
No teu regaço, a combater por ti!...

No volume *A patria nos canticos de seus filhos*, recentemente publicado, lê-se, a paginas 132, o seguinte soneto firmado por Affonso de Athaide, com o titulo «Soneto de amor»:

A que eu adoro teve o amor de quantos
Por muito amar a Historia coroou
—Heroes e poetas, semi-deuses, santos,—
Portuguezes tambem que a gloria amou!

Teve-lhe amor Nun'Alvares... Cantou
Luiz de Camões o amor dos seus encantos...
Por ella a raça foi ao Mar... e eu sou
Marinheiro e poeta como tantos...

O' Bem Amada!—Eu beijo-te na aragem,
No ceu azul, na graça da paisagem,
Religiosa e triste que sorri!

E hei-de morrer comtigo—O' Patria!—quando,
—Heroe por teu amor—tombar, cantando,
No teu regaço, a combater por ti!...

As ligeiras differenças são todas, como o leitor acaba de ver, favoraveis ao soneto firmado por Augusto Casimiro.

Mas de quem é o soneto?

Poeira da Arcada

Um civico descobriu, por detrás de um tapume que veda as obras de um predio, na rua da Gloria, uma creança de cinco annos que gemia e chorava. Um filho da miseria, roto, quasi nú, denunciando no seu abandono largo convivio com o soffrimento. Ha quatro dias que não comia. Fugira de casa, julgando, porventura, no seu precoce instincto de aventureiro, que a felicidade é um fructo de ar livre. Enganou-se, o triste. Sentiu fome e teve medo. Escondeu-se e na solidão encontrou novas penas.

Os seus gemidos denunciaram a sua existencia, entre taboas e entulhos. Conduzido á quarta esquadra, só soube dizer que se chamava Arthur. Na sua pobre cabeça, tudo se confundia e baralhava. Depois de longos esforços lá se conseguiu apurar que elle tinha uma mãe. Era de prever...

* *
*

A casa de Camillo, em Seide, cahiu em ruinas; a de Garrett, no Porto, acha-se no maior abandono. Para os homens que tomam a vida como um excellente pretexto para semear cubiças e colher interesses o caso não tem importancia de maior. Todavia, é bom lembrarmo-nos que o homem não vive só de pão, mas tambem de emoções bellas, que servem para amaciar a fereza dos corações e ensinar aos errantes a arte de se encaminharem para a pacificação e para o repouso, á sombra bemdita das crenças suaves.

* *
*

Quasi todos os poetas portuguezes teem cantado a saudade, uns celebrando-lhe as magoas fundas, outros as esperanças que n'ella se escondem. Ainda assim, não é assumpto exgotado, porque vive eternamente nas fibras do nosso coração. Quanto mais lhe acordarem os termos rithmos, tanto mais ella será moça e sonhadora.

Em compassos de melopeia, os portuguezes levam-n'a por toda a parte. De olhos fechados, ella demanda sempre Portugal.

Pelo telegrapho

As grandes defezas da França

PARIS, 23.—A camara approvou por unanimidade o projecto de lei dos duodecimos provisorios para o quarto trimestre de 1915. Os creditos attingem 6.668 milhões de francos.—(Havas).

Os inglezes no theatro occidental

LONDRES, 2.—Um communicado de sir John French diz que a actividade da artilharia continua na nossa linha; respondemos com um bombardeamento efficaz á actividade das minas allemãs que não obtiveram resultado. Os nossos aviões atacaram as communicações do inimigo. Proximo de Valenciennes foi attingido um comboio e cortada a linha ferrea em varios pontos.—(Havas).

«Historia Illustrada da Grande Guerra»

Dividido em volumes, cada um dos quaes com cerca de 200 paginas, de modo a formar um livro portatil, economico, elegante e de facil encadernação, o folhetim que vimos publicando *Historia Illustrada da Grande Guerra* tem alcançado grande exito.

O primeiro volume abrange desde março a 15 de abril, tendo 184 paginas, o segundo de 16 de abril a 3 de junho, com 188, o terceiro de 4 de junho a 20 de julho, egualmente com 188 paginas; e o quarto de 21 de julho a 8 de setembro, com 180 paginas, sendo todos os volumes profusamente illustrados. Na administração d'*A Capital* são immediatamente satisfeitos todos os pedidos, quer da collecção completa, quer de qualquer numero de exemplares do jornal, que venham acompanhados das respectivas importancias.

VIAGENS NO ALGARVE

A mulher algarvia

Pode dizer-se que nenhuma é mais fidalga e acolhedora do que ella

PRAIA DA ROCHA.—Quem vem ao Algarve para ficar conhecendo a provincia e a gente que a habita, tem de demorar-se. Não pode andar de braço dado com D. Thereza. Precisa de fixar-se, de se insinuar, de dizer quem é e, sobretudo, de dar inilludiveis garantias de que não anda, por este pobre mundo de Christo, á pesca d'aventuras. Antes d'isso, todas as portas se lhe fecham, muito embora o não olhem com desconfiança. Depois todas se lhe abrem, chovendo sobre si, vindos de todos os lados, as attenções, os cuidados, os requintes de affabilidade que distinguem a gente civilisada da que o não é. O Algarve não pode ver-se de fugida. Quem por elle passar a correr ficará, decerto, deslumbrado com as suas paisagens feericas, se fôr em fevereiro, e com a doce melancholia dos seus campos, se fôr no outomno, quando as cepas se folheiam de vermelho e a terra parece encharcada em sangue. Mas não aprehenderá uma parcella sequer, da alma algarvia. Para isso, tem de estacionar, tem de conviver, tem principalmente, de lidar de perto com esta recatada rainha, que se chama a mulher algarvia...

Cheguei á Rocha n'uma maravilhosa manhã de setembro. O mar, em baixo, quasi não se movia. Dir-se-hia que ainda não tinha despertado do immenso, do profundo somno que, segundo a lenda, até as aguas dormem. Veiu a tarde e fui até ao casino. Muita gente, muita animação. Metti-me pelos grupos. Pretendi quebrar o isolamento que se forma em torno do desconhecido que cae, inesperadamente, onde só ha pessoas que se conhecem. Perdi o meu tempo. A rarefacção foi-se cada vez mais. Desisti e retrahi-me por minha vez. O bom momento havia de chegar. E chegou. Um dia, alguem com quem desde largos annos mantenho estreitas relações de amisade travou-me do braço e poz-me em contacto com um dos homens que no Algarve gosam de mais previlegiada situação. Trocámos meia duzia de palavras. Demos algumas voltas pelo salão, cheio de senhoras. Não foi preciso mais nada. A bola de neve das relações adquiridas foi rolando e augmentando, e dentro em pouco, eu, o desconhecido da vespera, era para toda a gente que se refugiava na rocha, o bemvindo.

Não pude furtar-me á tentação de pedir a explicação d'este milagre á pessoa que, conhecendo-me ha tão pouco tempo, me cumulava de attenções como só se dispensam aos velhos amigos. Surprehendera-me tão carinhosa reviravolta. A que attribuil-a? Porque motivo aquelles que ainda ha pouco me tinham como um indifferente principiavam agora a tratar-me assim, com uma affabilidade captivantissima?

—E' do caracter algarvio,—responde-me a pessoa a quem dirijo a pergunta.—Não ha ninguem mais retrahido que nós, quando não sabemos com quem lidamos. Mas quando se conquista a nossa confiança, os nossos corações acham que é pouco todo o affecto que se dispensa a quem nos procura. Isto dá-se, principalmente, com as minhas conterraneas. A algarvia é a mulher mais fidalga de Portugal. Tem qualidades de affectuosidade e de dedicação como nenhuma outra. E já que foi admittido ao seu convivio, procure estudal-a. Creia que não perde o seu tempo...

Sigo o conselho amigo. No Casino da praia, nas casas particulares, por toda a parte emfim, onde me tem sido dado conviver com a mulher do Algarve, ainda não puz de lado a indicação da pessoa que me guiou, como um iniciado, até junto do throno, feito de veneração e de prestigio, onde as algarvias trazem collocadas as suas conterraneas. E descubro typos preciosissimos, que parecem provir d'aquelles passados tempos em que a mulher, rainha do lar, era o sacrario intangivel onde todos os nobres sentimentos e todos os grandes ideaes da raça estavam guardados com avareza. Na praia, sobretudo á hora do banho, ou á tarde, quando até João d'Arém, a areia, povoada de penedias, não é mais do que um immenso salão ao ar livre, tendo por tecto a cupula fulgurante do céu, é que se observam bem aquellas que no Algarve tudo pódem, tudo querem e tudo mandam.

Ahi vem, de mão estendida para mim, n'um grande *shak hands* de amiga saudação, aquella que na Rocha goza do maior prestigio. E' pequenina, magra, afavel, simples. No olhar intelligentissimo vogam, como em agua serena, todas as bondades. Pelos labios finos encrespa-se a cada instante um vago sorriso de ironia. Fala, fala sempre e fala de tudo. E' a grande amiga do mar. Se não fôsse ella, talvez ninguem viesse á Praia. Sem ella, que é a alegria personificada, a Rocha, tão linda e tão acolhedora, abria a funebre cathedral do aborrecimento, com as ondas a entoarem perpetuamente as suas litanias. Curvo-me deante d'esta soberana praia diaphana, que não impõe a alguem nem a sua fortuna nem o seu prestigio, n'uma grande reverencia de veneração. E antes de mais nada a senhora illustre que não esquece nunca os que soffrem, diz-me, com a voz a tremer de commoção e de enthusiasmo:

—Espero vel-o, á noite na minha festa. E' para os pobres...

E fui á festa, no Casino. Por causa d'ella, comprei um loiro cacho de uvas por cinco tostões...

Esta agora é nova, delicada, *traca*sina. Usa *lorignon*; e como é miope, chega o seu rosto, d'um assetinado rubro, tão junto do nosso, que quasi se tem a tentação de o cobrir de beijos. Veste como uma princezinha ingleza. A sua elegancia é mais que captivante. A sua conversa faz-nos lembrar a de certas creaturinhas do Imperio que não sabiam descerrar os labios senão para deixarem coar por elles dulcissimos madrigaes. A' noite, no Casino, venderá doces. Provei-os. Nunca uma camponeza do Minho teve, em terras distantes, vestida com os seus trajes, uma extraordinaria simphonia de côr, mais linda e feiticeira rival.

Nova ou velha, feia ou bonita, rica ou pobre, a mulher do Algarve é sempre fidalga. Nasceu para a familia e é a familia o seu maior cuidado. Ninguem a vê nos trabalhos rudes do campo. O feminismo tem n'ella uma inimiga. Se é culta, fala de tudo menos de politica. E' simples sem ser futil. E' elegantissima sem ser coquette. Os seus vestidos veem-lhe das mais afamadas costureiras de Lisboa. E' por isso que, assistindo-se a um serão no Casino da Rocha, se chega a ter a illusão de que anjos bons nos transportaram inesperadamente para um grande baile de cerimonia, n'uma grande cidade civilisada. Na sociedade, a algarvia é assim. Em casa, é a providencia tutelar, que de tudo cuida e a tudo preside. Não ha melhor *menagère*. Se um dia fôr preciso fazer a historia completa da familia portugueza, será o Algarve quem fornecerá o mais interessante capitulo. Será a mulher algarvia, com os seus dotes de coração, com a sua ternura, com a sua fidalguia, com o seu amor á tradição e com o seu apego pela familia, quem saberá manter, n'essa obra de reconstrucção, o pres-

Folhetim d'A CAPITAL —25-9-1915

O amor em Portugal no seculo XVIII

XXXVIII

Os serenins de Quéluz

A rainha enlouquecera.

Na noite de 10 de fevereiro de 1792, em Queluz, na sala D. Quixote, os dezasete medicos do Paço, á frente dos quaes se encontrava o magrissimo Dr. Antonio José Pereira, cirurgião-mór do Reino, assignavam, espiados pelos oculos verdes do Arcebispo confessor, os quatro quesitos ácerca da incapacidade de D. Maria I para o exercicio do poder real. O medico inglez Willis voltara para Londres desilludido. Ignacio Tamagnini luctava ainda vagamente em trepanação, sem se saber bem porquê nem para quê. Todas as esperanças estavam perdidas. Um ministerio de bonzos, reunido na Sala do Conselho de Estado, discutia gravemente, pesado de cabelleiras e de Grã-Cruzes. Perto, vindos do oratorio, os gritos da Rainha doida atroavam o Paço, lamentosos, lancinantes, misturados com as «malagueñas» das açafatas hespanholas da Princeza:

—Ai! ai!

Só os ministros e os medicos teriam, n'aquelle momento, uma vaga consciencia do drama que se estava passando. O resto da côrte, despreoccupada, ria, conversava, dançava, ouvia o cravista Polycarpo e o tiple Cafarelli, o tenor Raff e o baixo Pucci, á luz de trezentas vellas de cêra, debaixo do tecto d'oiro onde, n'um painel immortal, David Perez e Lucas Jovini davam lição de musica ás Senhoras Infantas. Emquanto na Sala D. Quixote se depunha uma Rainha louca,—na Sala das Talhas havia serenim. Não eram já os serenins d'outro tempo, os serenins célebres da Rainha Marianna Victoria, com a rabeca do allemão Goenmann e a flauta do hespanhol Rodillo, a voz do italiano Caporalini e a batuta admiravel de David Perez,—onde o proprio Nuncio cardeal Conti e o cónego Gonsalvini tocavam arias de Bach com a condessa de Pombeiro, e se desenterrava das arcas a baixella Germain para servir caldo de gallinha fumegante em tijellas de India velha; mas um serenim da decadencia, somnolento, arrastado, sorna, com os «castrati» a robolarem-se, o velho duque de Lafões a um canto, cheio de carmim e de signaes, a falar de Gluck, de Metastasio e de Vienna d'Austria, o conde da Ponte a abrir a bocca, e o mestre da capella real João Cordeiro da Silva, saltitante, nervoso, roendo as unhas, fugindo das correntes d'ar e espirrando como um bode quando a Condessa da Ribeira lhe voltava as folhas dos papeis de solfa. Para todos elles, D. Maria I morrera havia muito tempo,—na noite tragica de Salvaterra. Era uma sombra aos uivos no Paço, um phantasma de realeza que já não accordava a piedade de ninguem. Que importava que a depuzessem? Que poderia interessar a côrte a deposição d'um espectro? Emquanto o cravo de oiro, á larga chocalhava sob os dedos de Polycarpo, e o tiple Ferracuti cantava com a condessa de Villa Flôr ou com a linda condessa de Soure, penteada á creoula á moda do cabelleireiro francez Leonard, o duetto de Cimarosa «Ah cari palpiti»,—os papagaios do Paço arremedando os gritos da Rainha doida, berravam dilaceradamente pelos corredores:

—Ai! ai!

A sala da Tocha e a sala dos Archeiros, a sala do Lanternim e a sala das Serenatas enchiam-se d'uma multidão de frades e de sécias, de poetas e de fidalgos, de peraltas e de musicos, de officiaes allemães e de cónegos vermelhos da Patriarchal, furando, acotovellando-se, intrigando, namorando com os chapéus e com os léques, rindo com os castrados italianos, correndo atraz do bôbo do paço D. João da Falperra, de bastão e Grã-Cruz, ou da mulata Rosa, anã e boba, que grunhia e pinchava sobre os tapetes, vestida de encarnado, como uma bola. Emquanto o serenim principiava, e se servia o caldo, e chegava o principe regente D. João, entre o cardeal da Cunha e o Marquez de Marialva, de olhos esbugalhados e de beiço cahido, com rapé e frangos assados mettidos nas algibeiras da casaca, ninguem se arredava das salas; todos, inclusivamente o malcreadissimo Kantzow, encarregado de negocios da Suecia, sorriam, abriam roda para o beija-mão, ajoelhavam diante da Princeza que assomava de turbante e ubeyas de vacca hespanhola, e quando, na Sala das Talhas, o contralto Gezello rompia a primeira arietta, fazia-se em todo o auditorio um silencio da Cartuxa. Mas embroye, pouco a pouco, as salas iam-se despovoando. Os peraltas fugiam. Os proprios ministros estrangeiros, o lindo e apaixonado Barão Schladen, ministro da Prussia, o embaixador de França conde de Châlons, o nuncio Bellisomi, eram os primeiros a sahir á formiga. Esperava-os nos jardins do palacio, pelos bancos de pedra do Jogo da Bola, debaixo das abbobadas de arvoredo de João Baptista Robillon, uma musica mais suggestiva do que a de Paesiello e de Zingarelli, e um espectaculo mais attrahente que o dos barbados tiples italianos. As açafatas da Rainha doida, agarradas a bandolins marchetados, em trilos sensuaes, cantavam entre as murteiras verdes, ao luar, o lundum chorado e as modinhas brazileiras. Era uma perdição, era um delirio. Em volta d'ellas, em êxtase, assentados no chão, todos os peraltas, todos os frades, todo o corpo diplomatico escutava em silencio os requebros de voz das manas Lucerdas, os lunduns voluptuosos que o mulato José Manoel ensinara á «Auguetinha», as denguices soluçadas com que o mulato Caldas, da assentada de Ménalo do Conde de Pombeiro, se fizera querido de Miss Welding. Eram as açafatas que o moço Beckford descrevera nas suas cartas para Londres, a revôar vestidas de branco pelos jardins da Ajuda, olhos ardentes, cabellos negros, beiços grossos de mulatas, cheias de piolhos e de joias, de sensualidade e de perversidade, mais corruptas ainda desde que a princeza Carlota chegára a Lisboa, gritando, com as suas «malagueñas», os seus chailes «á lurca» e as suas viciosas creadas hespanholas. Diante d'ellas, diante d'esse encanto supremo das açafatas portuguezas, o hypocrita Frei Luiz do Monte Carmello, de alcunha frei «Tris-Triso», já rebolava insensivelmente as ancas; o cavalheiro Saurin, ministro da Hollanda, tão avarento que sangrava todos os quinze dias um porco vivo para fazer chouriços, accenava com peças d'oiro por debaixo das abas da casaca; os narizes enormes do Principe Reuss e do major allemão Bermann, arfavam voluptuosamente; o melómano principe Ruffo, ministro de Napoles, tomava notas n'um papel de solfa; esquecido da golla, o gracioso marquez da Fronteira saracoteava-se, de cabeça perdida; Kantzow, appoplectico, rugia; o proprio Patriarcha escutava por detraz d'uma alameda de buxo; chilreavam beijos; riam os satyros de pedra debruçados sobre os grandes bancos dos jardins;—e emquanto o soluço diabolico das modinhas brazileiras accordava as sombras palpitantes de Queluz, a Rainha doida gritava, berrava fechada no oratorio, cheia de visões e de pavores do inferno:

—Ai! ai!

JULIO DANTAS

SABBADO, 2 de outubro:

XXXIX.—O Passeio Publico

ágio inconfundivel da mulher portugueza.

O caracter da algarvia é diverso do das outras mulheres de Portugal. Vê-se isso, principalmente, na mulher do povo. Porquê? Não sei. Mas sei que não se pode ser mais nobre do que ella é. Por largos tempos separado do resto do paiz, e ainda apenas a elle ligado pela linha ferrea, o Algarve será o ultimo a deixar-se desnacionalizar e será, decerto, o derradeiro reducto do caracter portuguez, tal como elle foi sempre, atravez de todas as edades. A algarvia civilisou-se mas não se estrangeirou. Ficou com o seu feitio proprio, conservando, como os seus campos inconfundiveis, uma linha que é só sua. Por isso ella nos encanta com a sua graça exotica de creaturinha mimada, que vae pela vida além cercada de respeitos e coroada de rosas. Quem quizer saber o que é a mulher do Algarve, venha á Rocha n'este mês de setembro, que é aquelle em que ella faz resplandecer por aqui as suas graças e as suas virtudes. E diga-me depois se ha, na terra portugueza, outra que a eguale...

Adelino Mendes

Espectaculos

Cartaz de amanhã

AVENIDA—A's 20,30, 21,45 e 23—Coração á larga.
POLITEAMA—A's 21,30 e 23,30—Não desfazendo... (Revista).
EDEN—A's 20,45 e 22,45—O diabo a quatro. (Revista).
MODERNO—A's 21—A vibora negra. Um acto de variedades.
COLISEU DOS RECREIOS—Companhia de circo.—A's 15—Matinée—A's 21—Espectaculo da noite.

Noticias

Entre nós

No theatro Moderno ha amanhã espectaculo promovido pelo sr. Carlos Nunes e dedicado aos caixeiros de Lisboa com o drama «A vibora negra», e um acto de variedades.

—Raphael Ferreira concluiu, de collaboração com Accacio Antunes, uma revista em 3 actos e está trabalhando n'uma opereta em 3 actos, com musica do maestro Augusto Machado, o festejado auctor da «Laureana», «Dorina», «Tição Negro» e d'outras partituras de successo.

CONFERENCIAS

Industria corticeira

Na séde da Associação dos corticeiros do Barreiro, perante numerosa assistencia, realisou ante-hontem á noite o sr. Mathus Ruivo uma conferencia sobre «O projecto de lei da Federação Nacional Corticeira».

Começou o conferente por dizer que a nossa producção corticeira é quasi metade da mundial e que apezar d'essa superioridade, que nos devia collocar n'uma situação invejavel, não industrialisamos a cortiça, deixando que outros paizes o façam em detrimento nosso.

Historiou as phases por que tem passado a industria corticeira em Portugal, desde o aproveitamento da cortiça, os obstaculos creados pelos lavradores e industriaes exportadores de cortiça em rama quando se fala em tributar a cortiça para desenvolver a industria corticeira. Referindo-se ao facto da Catalunha se ter revoltado contra a exportação da cortiça em estado bruto para França, e ao valor gradual que a cortiça attingiu logo que foi industrialisada n'aquella região. O mesmo se deu na Italia, onde o valor da cortiça era quasi nullo, tendo triplicado.

Portugal devia tributar em um centesimo cada kilogramma de cortiça em egualdade de circumstancias com a Hespanha, que industrialisa 75 por cento da sua producção, ao passo que nós apenas industrialisamos 25 por cento. O numero de operarios augmentaria em breve espaço de tempo se fosse approvado o projecto de lei da Federação Nacional Corticeira. Do producto total da tributação adviriam para o Estado annualmente trezentos mil escudos, com o que se crearia o Banco de Fomento, cuja acção na regeneração economica e financeira do paiz se faria sentir immediatamente, descrevendo ainda a utilidade dada da Caixa de Credito Agricola Mutuo pela sua subordinação ao Banco de Fomento, a importancia do Mercado Central de Productos Corticeiros e a propaganda dos caixeiros viajantes officiaes.

Falou depois o conferente da fiscalisação das cortiças, que intitula de irrisoria, e com a qual o Estado gasta annualmente quinze mil escudos sem proveito algum. Entende que a fiscalisação deve ficar a cargo dos fiscaes technicos, com o que o Estado fará uma economia annual de oito mil escudos, terminando por aconselhar a todos os corticeiros que se unam, reclamando a approvação do projecto de lei, realisando comicios, conferencias, e palestras a fim de interessar a opinião publica pela sua causa, que entende ser de interesse vital para o paiz.

Jantares-concertos

Continuam a ser frequentadissimos os jantares-concertos que todos os dias se realisam no Casino de S. José de Ribamar, em Algés. Nem é de admirar tal facto, dado a superioridade dos manjares com que são confeccionados os «menus» d'esses jantares; a deliciosa musica executada pelo magnifico sextetto do Casino, e ainda os variados espectaculos que todas as noites se realisam no elegante palco-terrasse da ampla esplanada.

Hoje e amanhã, preparam-se grandes festivaes, que devem attrahir ali numerosa concorrencia.

Comité anglo-franco-belga

Volta a funccionar na proxima terça-feira, no hospital de São Luiz, o «ouvroir» destinado á confecção de roupas e agasalhos para os soldados feridos.

O Comité tem continuado a fazer regularmente expedições para os hospitaes inglezes, francezes e belgas, e tem recebido ultimamente os agradecimentos da Cruz Vermelha ingleza, da Association des Dames Françaises e do pharmaceutico-chefe do exercito belga, em Calais.

A grande fanfarronada

A phantasiosa idéa da annexação de Portugal á Hespanha

Manejos de germanophilos — Licções de Historia — Portugal desconhecido

E' de Carmen de Burgos (Colombine), a eminente escriptora hespanhola, o interessantissimo artigo que em seguida reproduzimos do periodico madrileno Gil Blas:

Na minha recente visita a Portugal, tive occasião de observar a grande e dolorosa effervescencia ali dominante devido á phantasiosa ideia que surgiu a respeito da annexação d'aquelle paiz á Hespanha (!)

Esta versão é, sem duvida, uma das grandes fanfarronadas dos allemães os quaes, querendo insensatamente lisongear alguns hespanhoes menos conhecedores dos factos, lhes offerecem Portugal, ao mesmo tempo que o offerecem ao pretendente D. Miguel de Bragança, procurando assim espalhar a discordia na Peninsula, até agora livre da guerra por elles provocada.

E' curioso que todos os monarchicos portuguezes, tanto os partidarios de D. Manuel como os de D. Miguel, sejam germanophilos, tal qual succede com os monarchicos hespanhoes quer sigam D. Affonso, quer sigam o pretendente D. Jayme.

Parece que uns e outros vivem enganados por uma promessa contradictoria com que querem lisongeal-os e entretel-os, sem verem por este simples facto que as promessas allemãs envolvem apenas mentira e má fé. O peor é a desconfiança e a situação difficil que estas versões desprovidas de fundamento nos crearam.

Um dos ultimos numeros do importante jornal lisbonense «A Capital» insere um artigo epigraphado «Alerta», escripto no quente estylo patriotico dos grandes momentos, para pôr em guarda o povo portuguez, esse povo que tão bem comprehende as ideias de dever e de patria, contra qualquer punhalada traiçoeira pelas costas, porque costas póde considerar-se essa linda linha fronteiriça de Portugal e Hespanha, e qualquer intromissão do nosso n'aquelle paiz será sempre traidora e aleivosa, como o seria a de portuguezes em territorio hespanhol.

Respondem os portuguezes com arrogancia á fanfarronada germanophila, dizendo que, se necessario fôr, mais uma vez repellirão qualquer tentativa de dominio; mas na realidade nem mesmo indignação chega a merecer essa tentativa criminosa da intromissão da Hespanha em Portugal, que se parece com aquellas questões, impossiveis de resolver, entre dois proprietarios visinhos, porque o predio de um foi tirar as vistas maravilhosas que por um dos lados o outro disfructava.

A Allemanha apresenta-nos Portugal como esse visinho cuja casa nos tira a vista do Oceano, e é imprudente falar em demolil-a. Esquece, por certo, a grande lição que lhe deu a historia, quando o erro da sua ambição de annexar um pequeno territorio fez levantar contra ella o mundo inteiro, e se isto succedeu com a annexação d'um pequeno povo, o que succederia tratando-se de annexar um povo com historia propria, com uma personalidade conquistada na lucta, que isolado e opresso soube libertar-se d'um inimigo poderoso, no momento da maior grandeza da Hespanha?

E' que a lição quotidiana de um extenso mar livre exerce um grande poder na alma d'um povo que o olha, e n'elle se orienta, enchendo-se de anceios, de força, que cada um dos seus filhos occulta no seu peito. Foi esse Oceano que nós não soubemos guardar que modelou o nobre e independente caracter da patria de Vasco da Gama, povo de navegantes, de colonisadores que alargaram e engrandeceram o solo natal do seu paiz e conseguiram manter intacto esse ardor secreto, esse enthusiasmo, esse optimismo nas grandes emprezas, proprio dos triumphadores, e que os leva a abalançarem-se a tudo.

Este caracter resoluto do povo portuguez até nas mulheres se observa, n'essas mulheres admiraveis, varonis, que de ha seculos são os verdadeiros chefes de familia n'um paiz onde os homens abandonam o lar e os filhos, embriagados pelas luctas e conquistas.

Senhoras da alma de seus filhos, as mulheres portuguezas formaram essa geração d'homens livres, e, com o seu esforço e a sua propaganda, *foram ellas a alma da revolução* republicana, em contraste com as mulheres de Hespanha que são o estorvo a todos os progressos.

Quando mal exercemos governo sobre as provincias Vasconças e com difficuldade conservamos a Catalunha que mantem o governo central em cheque permanente, como poderiamos governar um povo que alimenta um sentimento natural da patria, e exactamente na hora em que esse sentimento mais vivo se manifesta, em que todos, com a sua amada Republica, se sentem mais donos da sua terra e melhor comprehendem o que devem a si mesmo?

Para Portugal, agora, uma annexação não seria uma simples mudança de dono, como o teria sido no tempo da monarchia; a annexação agora seria a tibida e insupportavel perda d'uma liberdade já completamente conquistada, e por isso muito sua.

E' preciso ir a Portugal, vêl-o, estudal-o sem ideias preconcebidas, e verificar como renasce e se engrandece sob o seu novo regimen. A quem interessa occultar a verdade? Com que fim a occulta? Não se comprehende. Portugal prospera, e dia a dia se engrandece; organisa os seus museus, as suas escolas; emprehende reformas de toda a ordem, o systema monetario, a orthographia; cria associações que fomentam o trabalho e a riqueza nacional; trata com afan da instrucção e da arte; nota-se ali um assombroso excesso de vida, uma actividade intensa, um enthusiasmo que nos dá vida, a nós tão alethargados na indifferença, na apathia. E é com um tal povo que teriamos de luctar!

De toda essa campanha tão evidentemente esteril e impossivel, nada mais ficará do que a offensa que lhe fazemos, devida a essas fanfarronadas, de difficil d'extinguir, que tem um só individuo de poder offender um povo inteiro.

Esse programma da annexação, programma bom só para porteiros, maniacos e ambiciosos; programma traçado para lisongear sentimentos perversos, é uma inaudita fanfarronada contra os portuguezes, tão hospitaleiros, tão amigos da Hespanha, na sua maioria, e devemos renegal-o para que não nos tomem a todos responsaveis da offensa e não se comprometta o nome da Hespanha, como comprometido fica por qualquer offensa individual o nome de toda a familia do offensor. Tal nodoa não deve cahir sobre a grande familia hespanhola.

Nós que tanto e tão inutilmente temos falado da união hispano-americana, querendo cobrir com o véu da fraternidade o que é apenas uma lucta de interesses materiaes, agora que se trata d'uma verdadeira fraternidade, como é a iberica, estamos creando antagonismos e antipathias.

Fazemos como os que, armados, se mostram desagradaveis e grosseiros com os individuos d'uma familia honrada com quem convivem, e ao mesmo tempo são todos blandicias, franquezas e cortezias para com os estranhos que passam pela rua e não conhecem. Protege-se o turismo americano apesar do largo Oceano que nos separa do outro continente, e desconhece-se quasi completamente o formoso solo portuguez, que é um compendio de todas as bellezas da Europa.

Em alguns pontos das margens do Mondego, e entre o Douro e o Minho, offerece Portugal paisagens tão frescas e tranquillas como as da Hollanda, ao passo que as do Bussaco e da serra da Estrella podem competir com as da Suissa; a grinalda de praias que de Lisboa parte para o sul e para o norte nada tem a invejar á Costa Azul, nem ao golpho Napolitano.

A encantadora Cintra, villa historica, merece com justiça o nome de «Eden» que lhe deu Byron quando sob as suas frondosas e frescas sombras escrevia os cantos maravilhosos de «Child Harold». Ha ali pedras antigas nobilitadas pela arte; no seu solo floresceu uma arte propria, um gothico portuguez, no estylo «Manuelino» nascido sob a influencia da Conquista das Indias.

E' preciso ver Portugal para se fazer ideia perfeita da paisagem da peninsula; para a completa educação da alma forte e nacional é preciso admirar essa visão tão harmonica e tão complementar que nos faz conhecer e amar toda a peninsula, da maneira mais fundamental, mais larga, no seu conjuncto.

E deve dizer-se ainda que se, para se fazer respeitar, não bastasse a Portugal esta força intima, de sobra encontraria apoio na doutrina que vae dominar quando termine a guerra europeia, doutrina que fará respeitar não só nacionalidades tão fortes como Portugal, mas até os mais pequenos povos, como Andorra ou S. Marino, e quem sabe mesmo se até os proprios foros regionaes.

Carmen de Burgos

TOURADAS

Campo Pequeno—E' a seguinte a distribuição da corrida promovida por Jaime Cadete e que amanhã se realisa, começando ás 16,45:

1.º touro, para José Casimiro; 2.º Carlos Mascarenhas e Jaime Cadete; 3.º Antonio Mascarenhas e Mario Luiz Lopes; 4.º José Casimiro; 5.º Jayme Cadete (a sós); 6.º José Casimiro; 7.º Pedro Bragança e João Mascarenhas; 8.º Carlos Mascarenhas e Antonio Mascarenhas; 9.º Mario Luiz Lopes e João Mascarenhas; 10.º Pedro Bragança e Jayme Cadete.

PARTE COMMERCIAL

Situação da praça

CAMBIOS.—O mercado fechou ás seguintes cotações:

	Compra	Venda
Londres, cheque	35 3/16	35 1/14
Londres, 90 d/v.	35 11/16	—
Paris, cheque	873,5	878,8
Allemanha, cheque	628,5	630,5
Hollanda, cheque	509,5	509
Madrid, cheque	1237	1238
New York	1846	1840
Rio (Londres)	12 1/4	—
Libras	7800	7810
Agio do ouro	49 %	50 %

BOLSA.—As inscripções effectuaram-se:

	Assent.	Coup.
Titulos de 1.000$	40,00	39,76
» » 500$	—	—
» » 100$	—	40,00

Acções: B. Lisboa e Açores 110$00; Ultramarino, assent. 115$10; Sociedade de Agricultura Nacional 100$.

Exposição de pomicultura

A visita do sr. presidente da Republica a Alcobaça

Em carruagem-salão atrellada ao comboio das 9 horas e 10 minutos, parte amanhã para Alcobaça o sr. presidente da Republica, que será acompanhado pelo seu secretario sr. Levy Bensabat, pelo sr. presidente do ministerio e ministro do fomento e chefes dos seus gabinetes srs. capitão tenente Oliveira Muzanty e João Nunes da Palma, director geral da agricultura sr. Camara Pestana e alguns agronomos.

No Bombarral, onde o comboio chega ás 10,40, receberá os cumprimentos do governador civil substituto de Leiria e demais auctoridades, chegando ao Valado ás 12,8 e partindo em automoveis para Alcobaça, onde chegarão pelas 13 horas, recebendo o sr. presidente da Republica os cumprimentos na camara municipal. Seguir-se-ha o almoço ás 14 e a abertura da exposição de pomicultura ás 15. As visitas a fazer são: ao asilo de Velhinhos, ás 16, ao Jardim Escola, ás 16,30, asilo da Infancia Desvalida, ás 16,45, hospital, ás 17,15 e ao posto agrario, ás 18. A' noite ha sarau.

A partida para Lisboa realisa-se depois de amanhã, ás 6 horas e meia, devendo o comboio chegar á estação do Rocio proximo de 12.

Para Alcobaça, a abrilhantar a festa, segue esta tarde a banda do corpo de marinheiros.

JOGA-SE?...

Joga-se por toda a parte

e a questão da regulamentação impõe-se como unico meio de resolver uma grande miseria social

O *Mundo* de hoje, encarando o problema do jogo de azar, que cada vez está tomando maior incremento entre nós, recapitula as affirmações que n'este jornal teem sido feitas sobre o assumpto e analisa um pouco a situação verdadeiramente vergonhosa a que n'estes ultimos tempos se tem chegado. Joga-se, com effeito, por toda a parte. Nas provincias, nas estações de aguas e villegiatura, nas praias de banhos, por toda a parte a industria clandestina do jogo se exerce abertamente, confundido na mesma voragem pobres e ricos, novos e velhos, extrangeiros e nacionaes, e tudo isto se faz como se fosse a coisa mais natural, como se de facto a legislação vigente a tal respeito não passasse de lettra morta.

O *Mundo* tem a este respeito uma opinião assente e sobejamente conhecida. Entende que o jogo devia ser severamente reprimido, que os abusos deviam ser rigorosamente castigados, que sob pretexto algum se deveria permittir a menor tolerancia, fossem quaes fossem as razões invocadas para a justificar. Suppõe este jornal que o facto é possivel. E' precisamente aqui que a nossa opinião diverge da sua.

A longa experiencia de muitos annos tem demonstrado que é impraticavel a suppressão completa do jogo de azar. E' realmente possivel, com uma rigorosa e dispendiosa vigilancia, evitar que o numero de casas de jogo attinja as phantasticas proporções a que n'este momento assistimos, póde-se mesmo admittir que, sob a ameaça da integral applicação da lei, se consiga o encerramento das mais afamadas e conhecidas casas de tavolagem. Mas o peor, que é o jogo dos *bas-fonds* a batota vulgarmente designada pelo nome de *paisqueira*, aquelle onde é mais sinistra a exhibição da miseria, onde o jornaleiro deixa o salario com que devia comprar o pão dos filhos e da mulher, essa não se reprime nem se extingue com os processos que até agora se teem posto em pratica. O unico meio a adoptar—porque não dizel-o claramente, sem reticencias e sem hesitações?—a regulamentação do jogo de azar.

De resto, o *Mundo*, em face de considerações obvias, não se escusa já a admittir essa solução. Vejamos:

Somos contra a regulamentação do jogo, porque, repetimos, entendemos que a prohibição da *batota*—para empregarmos o termo vulgar e... elucidativo—é possivel desde que todos os governos rigorosa, escrupulosamente se resolvam a cumprir a lei. Mas somos pela regulamentação do jogo, desde que se não possa ou se não queira, por parte de todos os governos e de todos os partidos, tomar o compromisso formal da sua prohibição effectiva e rigorosa. Então mais vale regulamentar o jogo.

Merecem todo o applauso estas palavras do nosso collega da manhã. A questão tem realmente de ser posta assim: ou se reprime *totalmente* o jogo, ou se regulamenta.

Repetimos: a repressão formal não pode, em nosso entender, ser mais do que uma theoria. Resta pois a segunda alternativa do dilemma. Regulamente-se o jogo, que actualmente não é mais do que uma fonte de prejuizo e de immoralidade, por forma a restringir o mais possivel o seu ambito, e a salvaguardar interesses a que é urgente attender. Só regulamentando-o se poderá exercer uma fiscalisação efficaz, só assim se poderá evitar a ruina do miseravel, a desmoralisação do menor, a deshonra do fraco.

No giro das roletas consomem-se por anno em Portugal muitas centenas de contos. Na sua grande maioria, esse dinheiro nem sequer fica no paiz—transpõe a fronteira recheando as malas de banqueiros profissionaes. E' preciso que isso acabe, e que o paiz deixe de ser um alfobre de incautos que meia duzia de individuos exploram a seu bel-prazer, sem a menor vantagem para o Estado e para as classes pobres.

Qualquer industrial que exerce licitamente a sua actividade está sujeito ao imposto. Os banqueiros do jogo de azar, industriaes clandestinos, conseguem lucros fabulosos. Dir-se-hia que, por não respeitarem a lei, ainda são premiados, não se lhes exigindo contribuição alguma. Realmente, as coisas não podem continuar assim. A prohibição formal é impraticavel? Pois bem. N'esse caso só resta proceder á regulamentação, nos termos que o *Mundo* indica: «de forma a que com esse mal lucre o paiz, lucrem sobretudo as classes pobres, as classes operarias, que, longe de serem beneficiadas com o actual estado de coisas, antes são gravissimamente prejudicadas.»

E, pois, que todos nos encontramos de accordo sobre o assumpto, até mesmo os que ainda tinham a illusão de que o jogo não era um mal inevitavel, é preciso que todos olhemos a serio para este melindroso problema, e que honrada e desassombradamente tenhamos a coragem de o resolver. O caminho é só um.

Partido socialista

Banquete partidario

Promovido pelos elementos socialistas da Amadora, realisa-se amanhã, ao meio dia, na propriedade do sr. Francisco Salles, na Avenida Miguel Bombarda, um almoço de 60 talheres, em honra do sr. Nunes da Silva Junior, o organisador do partido socialista, no concelho de Oeiras.

A esse banquete assistem, além de elementos da Amadora, Barcarena e Oeiras, o deputado socialista dr. Costa Junior e representantes das organisações partidarias de Lisboa.

Haverá dois brindes officiaes do presidente da Confederação Regional, sr. Fernandes Alves, e do elemento socialista da Amadora, sr. Raul de Campos Palermo.

PEQUENAS NOTICIAS

Maria José Pereira, moradora na rua Fresca, 6-B, loja, queixou-se á policia de que os gatunos lhe entraram em casa por meio de chave falsa, subtrahindo-lhe um par de botas no valor de cinco escudos e mais cento e cincoenta e dois escudos em dinheiro.

Recolheram ao hospital de S. José: Constantino Reis, sapateiro, que cahiu fracturando a perna direita, e José Maria Rodrigues, morador na rua de S. Paulo, que foi atropellado por um electrico na Avenida Almirante Reis.

ULTIMA HORA

A grande guerra

Um ultimatum da Bulgaria á Servia

LONDRES, 25.—Informam de Bucarest que a Bulgaria enviou um ultimatum á Servia. Nas ruas da capital da Romenia houve grandes manifestações anti-germanicas.—*(Corresp.)*

Um raid de 15 aeroplanos francezes

LONDRES, 25.—O raid dos quinze aeroplanos francezes sobre Wurtemberg produziu enorme confusão, causando grande numero de victimas as bombas arremessadas sobre o palacio real, quarteis e gare.—*(Corresp.)*

A mobilisação na Bulgaria e na Grecia

ATHENAS, 24.—Como medida de prudencia e de necessidade em consequencia da mobilisação da Bulgaria, o governo grego ordenou a mobilisação das classes de 1892-1911.—(Havas).

SOFIA, 24.—Foi publicado um decreto ordenando a mobilisação das classes de 1890-1912 para 25 do corrente ao meio dia.—(Havas).

Operações felizes nos Dardanellos

PARIS, 25.—Um communicado official dos Dardanellos pormenorisa as felizes operações locaes da segunda quinzena de agosto e annuncia que na zona norte os inglezes ampliaram a linha de combate e effectuaram a sua juncção com as tropas desembarcadas na bahia de Suvla e com as que occupavam as alturas de Gabatepe.—(Havas).

A lucta na frente italo-austriaca

ROMA, 25.—Official. A noroeste de Arsiero, occupamos uma forte posição. Em Lontreston fizemos 123 prisioneiros e tomamos grande quantidade de munições e material.

No Carso repellimos um ataque no bosque Ferro di Cavallo. Um avião inimigo bombardeou Tonezza não causando nenhum estrago nem victimas.—(Havas).

NOTA POLITICA

Amenas «blagues»...

O sr. Fernandes Costa, o partido evolucionista e o futuro governo

Algumas amenas «blagues» teem corrido ultimamente sobre o sr. Fernandes Costa, o partido evolucionista, o futuro governo, etc., etc. Não vale a pena desfial-as uma a uma, pois facil seria provar, n'esse caso, como todas ellas são d'uma ingenuidade pouco consistente. No emtanto, o diz-se que o sr. Fernandes Costa está indicado para a presidencia do governo que ha de succeder ao actual tem a apparencia d'um balão d'ensaio lançado aos ares para se avaliar a «densidade» da atmosphera politica.

Em primeiro logar, o grupo parlamentar do partido evolucionista não irradiou tal o sr. Fernandes Costa, como se disse. Nem tinha que irradiar, pois tal funcção competiria, naturalmente, á Junta Central do partido. Mas a verdade é que nem esta se manifestou sobre a situação politica d'aquelle homem publico, que continua, para todos os legitimos effeitos, e correspondentes responsabilidades, a ser um dos marechaes do evolucionismo.

Um governo da presidencia do sr. Fernandes Costa? Com que caracter politico? Evolucionista? Não, que nem o seu partido lh'o consentiria, nem lhe qualquer indicação parlamentar n'esse sentido. Democratico? Impossivel, porque não é com essa facilidade que se adoptam as convicções... alheias, nem o sr. Fernandes Costa seria capaz de abandonar o seu partido em condições taes que désse a alguem o direito de suppor que o fazia a troco da presidencia do governo.

Não. Tudo ingenuidades, phantasias. Se se chegou a affirmar que o sr. Fernandes Costa estivera nas Caldas de Moledo com o sr. dr. Bernardino Machado, quando essas Caldas são no Douro e o sr. dr. Bernardino Machado esteve no Moledo do Minho.

Assentemos n'isto: o sr. dr. Fernandes Costa continua a ser um dos mais cotados membros do partido evolucionista, ao qual não deixará de prestar, certamente, o valioso concurso da sua intelligencia e do seu prestigio.

"A vida de Affonso Costa"

E' amanhã posto á venda um interessantissimo opusculo contendo a vida de Affonso Costa, sob o seu aspecto de propagandista. E' o primeiro de uma serie de opusculos que traz a lume a typographia Lusitana Editora, do Porto, o redigiu-o um notavel jornalista republicano, que se occulta sob o pseudonymo de Mario Neves. Preço de cada opusculo: 4 centavos.

NOTAS DIVERSAS

O conselho de ministros voltou a reunir hoje, pelas 17 horas e meia, no ministerio da marinha.

—Acompanhado dos seus ajudantes, regressou esta madrugada a Lisboa o ministro da guerra. O dos estrangeiros regressa de Vizella depois d'amanhã.

—Conferenciaram: com o ministro das colonias o novo governador geral de Moçambique, sr. dr. Alvaro de Castro, e o sr. Victor Hugo d'Azevedo Coutinho, com o do fomento a direcção da Associação Commercial.

—Foi nomeado capitão do porto de Lourenço Marques o 1.º tenente sr. Lemos Peixoto.

—O administrador do Barreiro offerece amanhã um almoço, ao meio dia, no Café Montanha, á direcção da Associação Commercial, presidente da camara municipal e mais entidades importantes d'aquelle concelho. Assistem o sr. governador civil e seus secretarios.

SPORT

Regata de Velas na Trafaria

Promovida pelo Club Balnear da Trafaria e organisada pelo Club Naval, realisa-se amanhã uma importante regata de vela em que apparecem as canôas da Caxada, typo de barco genuinamente portuguez que desde 1907 em Cascaes nunca mais correram. A regata começa ás 13 horas prefixas em que é dada a largada ás canôas da picada, cujo percurso é de duas voltas ao triangulo grande. N'esta corrida ha 11 inscriptos os seguintes barcos: «Leonor III», de João Gonçalves, «Leonor VII» de João Gonçalves; «Gralda» de Ricardo Gomes; «Zaza», de João Maria Sardo; «Aventura», de José Augusto Paiva; «Andrelino», «Amor e Amizade» e «Dinorah», de Ignacio José e J. J. d'Almeida e «Leonor I.ª», de João Gonçalves.

Além d'estas esperam-se mais, calculando-se em 15 o numero dos que prometteram correr.

A's 13,15, corrida de chalupas n'um percurso de 2 voltas ao triangulo grande, estando inscriptas «Mimi» de Carlos de Sousa Neves, «Estrella», de Sebastião Negrão, «Nation», de Sidney e Harold Mascarenhas e V. Ennor, «Stella», do Club Naval de Lisboa, e a «Querence», de W. Connell.

A terceira corrida, largada ás 13,30, é de «center-boards», duas voltas ao triangulo pequeno correndo a «Sarita» de João Diniz Bastos, «Gaivota», de José da Cunha e F. Pons, «Maria Luiza» de José das Neves Leal, «Ariel I», de Duarte e Antonio Bello, «Pierrot», de Almada Negreiros e «Shamrock», de Diogo Avilla.

A quarta corrida, largada ás 13,45 horas, é de botes de armação da cadelia (profissionaes), duas voltas ao triangulo grande, estando inscriptos os barcos «Futuro e Dará», de Alberto dos Santos, «Curiosidade», de Nuno da Silva, «Surpreza», de Marques & Vargas, «Internacional», de J. J. Pereira. 1.º premio, 10$00; 2.º, 5$00.

Para a quinta corrida a largada é ás 14 horas, dando 2 voltas ao triangulo grande e sendo para canôas do Seixal (profissionaes): «Nova Sociedade», de J. Lucas Ferreira, «Adelino Canito», de João Silva; «Maria da Costa», de José da Silva; «Virosa», de Thomaz Duarte, e «Bons Dias», de Francisco Machado.

1.º premio, 20$00; 2.º, 10$00.

A sexta corrida, largada ás 14,15, é de canôas de Cacilhas (profissionaes), dando 2 voltas ao triangulo grande e estão inscriptas: «Venturosa», de Carmel Durão; «Flôr do Tejo», de José Damas, «Serra», de Hermenegildo de Jesus, e «Favorita», de José Moreira. 1.º premio, 20$00; 2.º, 10$00.

Para a setima corrida a largada é ás 14,30, duas voltas ao triangulo pequeno, botes de armações diversas (amadores): «Lis», de Francisco da Silva Carvalho; «Mary», de Carlos Prieto Esteves, «Tagide», de Jorge Ferro, «Harmonia», de Braga Esteves; «Nanny», de Kolfner; «Sanguine», de Antonio Sanguine, e «Gavinos», de Augusto Soveral Esteves.

Para a oitava corrida a largada é ás 14,45, 2 voltas ao triangulo pequeno (amadores): «Fly», de João Petrão, «Nereo», de José Ricardo Domingues Junior, «Pifer», de Luiz Miranda, e «Gaivota», de João Pedro Faria.

Para todas as corridas de amadores ha premios que constam de objectos de arte e medalhas para as tripulações, sendo em dinheiro os premios para os profissionaes, todos offerecidos pelo Club Balnear da Trafaria.

«Water-polo»

Realisa-se amanhã o desafio de «water-polo» entre os primeiros «teams» do Club Internacional de Foot-ball e Club Naval de Lisboa. Este «match» é o de desempate para apurar o vencedor do campeonato de «water-polo», em serie, organisado pelo prestimoso Club Naval de Lisboa e em que se disputa a taça com o seu nome.

O primeiro «team» do Club Internacional é formado pelos srs.: Carlos Sobral, Boaventura e Duarte Bello, Frederico Soares, Henrique Galvão, Leotte do Rego e Figueiredo e o do Club Naval pelos srs. Arnold Stocker, Oliveira Duarte, Ryder da Costa, Dias da Silva, Thomaz d'Aquino, Carlos Moera e Manuel Victor.

O desafio começa ás 17 horas prefixas, realisando-se em frente do caes do Club Naval, sendo arbitrado por Oswaldo Bastos, do Sport Algés e Dafundo.

Antes d'este desafio jogam os segundos «teams» do Sport Algés e Dafundo e os do Club Naval de Lisboa.

Grupo «Foot-ball» Imperial

Commemora amanhã o seu 7.º anniversario com o seguinte programma: A's 6 horas, alvorada e salva de morteiros; ás 11 «match» de «foot-ball» entre os 2.º e 3.º «teams» do club; ás 13, «match» entre o 1.º «team» do club contra o 1.º do Sport Club Imperio; ás 17, sessão solemne, na lentra sportiva pelo sr. Joaquim Marçal, seguindo-se a recepção aos representantes dos clubs convidados.

Campeonatos de espada no Estoril

Estão marcados definitivamente os dias 17 e 24 de outubro para a realisação das grandes provas de esgrima no «Parque Estoril». A inscripção deve ser aberta no dia 1 d'outubro, na sala d'armas Carlos Gonçalves.

N'estas provas poderão inscrever-se atiradores nacionaes e estrangeiros, havendo tambem uma prova para atiradores «juniors».

Os premios constam de duas taças de prata, duas medalhas d'ouro, sete de «vermeil», sete de prata e trez objectos d'arte para os «juniors».

Os 150 kilometros da U. V. P.

Realisa-se amanhã a prova classica de 150 kilometros da União Velocipedica, no percurso de Lisboa, Sacavem, Villa Franca, Carregado, Azambuja, Cartaxo, Valle de Santarem, Santarem e volta a Lisboa pelo mesmo itinerario.

A partida é dada ás 10 horas em ponto no Mercado Geral dos Gados, devendo todos os inscriptos apresentarem-se ao jury um quarto de hora antes sem o que não poderão partir.

A fiscalisação fixa está confiada aos srs.: Alvaro Barbosa, João de Brito, Luiz Ferreira, Ramires d'Azevedo, Alvaro de Sousa, José Trindade, J. Alfitão, Carlos Simões e João Anjos, sendo a fiscalisação volante desempenhada por um grupo de motocyclistas, sob a chefia do sr. Raul Alfonso.

A U. V. P. estabelece para premios medalhas officiaes do seu modelo B, na proporção de uma para cada 3 corredores conforme o seu regulamento, objectos de arte no valor de 15$00, 10$00 e 5$00 para os trez primeiros corredores chegados, e diplomas a todos os que fizerem o percurso no tempo maximo de 12 horas.

Um grupo de amigos da U. V. P. offereceu-lhe um objecto d'arte no valor de 8$50 destinado ao quarto classificado e o sr. Alvaro de Sousa offereceu-lhe egualmente um objecto d'arte para o quinto corredor chegado.

O jury da prova é constituido pelos directores da U. V. P.

«Tennis» e patinagem em Carcavellos

Estão amanhã movimentadissimos os Recreios de Carcavellos. Além das habituaes reuniões de «tennis» e patinagem, nos seus dois novos «courts» e nos «rinks» de salão e de ar livre, disputa-se o segundo premio do torneio de «tennis» da «Taça Recreios de Carcavellos», jogando-se, para isso, ás 10 horas, o ultimo dos «matchs» do torneio, entre os srs. José Mascarenhas e dr. Paulo Coelho.

A' noite ha sessão no Cine Recreios de Carcavellos.

Concurso Nacional de Tiro

Devido á enorme propaganda que tem sido feita e ao facto de muitos reconhecerem o dever que teem de se adestrar no exercicio do tiro, tem augmentado o numero de inscriptos para o grande Concurso Nacional no qual serão disputados, como temos noticiado, perto de 200 premios de grande valor e cerca de trez mil escudos em dinheiro. Os treinos vão continuar a realisar-se na «Arreita» de Pedrouços, todos os dias, das 7 ás 9 da manhã. E' amanhã, domingo, a abertura do concurso.

Os premios estão já expostos no Salão Santos, rua Aurea, 216; Papelaria Correia & Raposo, rua Aurea, 211; Loja da America, rua Aurea, 205; Julio Gomes Ferreira & Comp.ª, rua Aurea, 156 e 170.

Dr. Bernardino Machado

Termina no dia 28 a subscripção para o jantar de homenagem, que se realisa no dia 1 d'outubro, na Avenida Palace, offerecido ao seu presidente honorario, pela União da Agricultura, Commercio e Industria. E' já grande o numero de inscriptos, contando-se entre esse numero alguns dos membros do gabinete de que o sr. dr. Bernardino Machado foi presidente.

A sessão solemne que se realisa no dia 3 d'outubro no theatro de S. Carlos promette revestir a maior grandiosidade, pois a ella assistirão o presidente eleito e sua familia, o sr. dr. Theophilo Braga, o governo, representantes do Congresso, entidades officiaes, representantes da academia, etc. Usarão da palavra diversos oradores, sendo lida uma poesia expressamente escripta por Alayde Garção, abrilhantando a sessão a banda da guarda republicana e o orpheon da Tutoria da Infancia.

General Pereira d'Eça

Consta que partiu hoje de Lubango para Mossamedes, a fim de embarcar no dia 27 para Lisboa, o sr. general Pereira d'Eça.

A questão das subsistencias

O peixe, os ovos, negociantes multados

Os mercados de Lisboa foram hoje regularmente abastecidos de peixe, tendo vindo de Cascaes 111 canastas de carapau e de Peniche 21 canastras de sardinha salpicada. Parte d'este peixe foi vendido pelos preços da tabella. Por ter augmentado o preço do carapau foi multada a peixeira Anna Emilia da Silva, das escadinhas do Barroca, 9.

Nas estações ferro-viarias foram hoje despachados 55.000 ovos, que a policia fez conduzir para depositos e mercados. Na repartição fiscalisadora dos preços de generos alimenticios consta que alguns commerciantes teem ovos escondidos em diversos armazens.

Por essa repartição foram hoje remettidos para o tribunal das transgressões 35 autos na importancia de 533$000 réis, referentes a commerciantes que augmentaram os preços de artigos alimenticios.

Pelos mesmos delictos foram multados em 60$000 réis, Almeida Simões, commerciantes da rua dos Caminhos de Ferro, e em 20$000 réis, Antonio dos Santos, da rua Marquez de Ponte de Lima, 31, 1.º.

Uma commissão de proprietarios de hoteis e restaurantes procurou hoje o sr. governador civil, para lhe participar que na proxima segunda-feira as suas classes realisam uma sessão magna para apreciarem algumas multas impostas e que reputam injustas.

ECHOS & NOTICIAS

INFORMAÇÕES—COMMUNICADOS NOTAS MUNDANAS

Estiveram em Lisboa, de passagem para Londres, as sr.as D. Candida Kendall e D. Sebila Pinoka.

—Fez annos amanhã o sr. Lourenço Carmello Meirelles.

—Parte hoje para a Figueira da Foz o sr. Francisco Araujo Preto.

—Retirou de Caldellas para a sua casa em Figueiró dos Vinhos o sr. Adolpho Soares do Amaral Pereira.

—Encontra-se já em Lisboa, vindo da Covilhã, o sr. Carlos de Mello e Castro de Mattos.

—Regressou de Marvão com sua familia á sua casa de Lisboa o sr. Valentim Duarte Pinto.

—Pelo sr. Francisco Cogumbreiro, importante negociante e rico capitalista da ilha de S. Miguel, foi offerecido hontem, no restaurante Tavares, um jantar ás sr.as D. Alice Moderno e D. Maria Evelina de Sousa, as illustres escriptoras açorianas que, como noticiamos, se encontram ha dias em Lisboa. Ao «toast» foram trocados varios brindes, sendo as homenageadas alvo das mais carinhosas saudações.

—Partem brevemente para Inglaterra os srs. marquezes de Fayal.

O «AFRICA»

Chegou no dia 21 a Loanda este paquete da Empreza Nacional de Navegação, que se dirige a Lourenço Marques.

LUTUOSA

Falleceu hoje o sr. Joaquim Marques, apreciado compositor typographico, que ha bastantes annos occupava o cargo de chefe da secção de phantasia do «Annuario Commercial», tendo antes exercido a sua actividade nas officinas da «Editora» e da «Companhia Typographica». O finado, que era um antigo artista dotado de qualidades pessoaes, foi um artista dos mais distinctos e falleceu victimado por intoxicação saturnina, que é um dos flagellos da doença dos typographos. Os seus companheiros do «Annuario» fazem convite aos collegas das demais officinas para que se incorporem no funeral, que é a pé, e se realisa amanhã, 26, saindo ás 4 horas da tarde da rua do Seculo 77, r/c do chão, para o cemiterio oriental.

Pela instrucção

As aulas do Gremio Republicano d'Alcantara abrem no dia 5 d'outubro. As matriculas fazem-se nos dias 29 a 30 do corrente e 1 d'outubro, das 20 ás 22 e meia horas.

INTERESSES DE CABO VERDE

Irrigação e arborisação contra as crises de subsistencias

Continuemos a passar em revista as condições em que se encontram as outras ilhas do archipelago:

Santo Iago—Em numerosos valles do lado oriental, e tambem em alguns do lado occidental, ha agua corrente.

Os seus valles mais ricos em agua são a Ribeira de S. Domingos, Orgãos, Picos e Matto Sancho. A sudoeste tambem se encontram alguns valles mais ou menos ricos em agua, como sejam a Ribeira Grande, Antonio, Inferno e Engenho. Indo para o sul, para a cidade da Praia, os valles são pobres em agua. N'elles se encontram, porém, algumas boas nascentes, como sejam a da Trindade, a de S. Jorge, etc. Em todos, é convicção minha, se encontraria agua com certa abundancia abrindo-se poços ou galerias. Além d'isso, o que convem ponderar, na maioria d'esses valles, pela sua disposição, facil seria construirem-se barragens que armazenando a agua das chuvas, seriam, nas estiagens, a melhor defesa da agricultura.

Em todas as ilhas, é certo, se poderiam construir d'estas barragens, mas, em nenhuma d'ellas, os valles se prestam, como na de Santo Iago, a tão uteis emprehendimentos.

Julgo possivel irrigarem-se os valles mais altos do Pico da Antonia e o declive meredional da serra da Malagueta.

São notaveis, pela abundancia das suas aguas, a leste, as ribeiras dos Flamengos e do Saito; e a oeste, as do Charco e da Barca. Junto á praia, na parte baixa dos valles, apparecem muitas fontes, a mais abundante e rica das quaes é a da Ribeira da Prata.

No declive do Monte Graciosa, apparecem algumas boas nascentes. A maior, quando convenientemente trabalhada, poderia dar uma excellente agua potavel. No valle, produzido pelo declive meredional, ha uma corrente de agua subterranea, facilmente aproveitavel, que poderia dar grande importancia ao porto do Tarrafal.

Maio—Pertence ao numero das ilhas pobres em agua. Não lhe falta porém, agua em correntes subterraneas. Alguns poços em uso comprovam-no. Os valles mais ricos em agua e de maior adaptabilidade a obras hidraulicas, são a meu vêr: Pae Joanno, Pedro Vaz, Figueira Capada, Chão de Estancia e Touril.

Boa-Vista—As mais importantes linhas de agua são os dois valles que se encontram a leste e oeste da cordilheira principal, ou sejam, a oeste, o valle, que vae do Pico da Estancia, por Santo Tirso e Fogão, até o Rabil, e a leste o terreno baixo da Agua do Cavallo.

Ha ainda abundantes nascentes, no declive occidental do Pico da Estancia e no declive do Calhau e Abrolhal.

No declive da Rocha-Estancia, perto da povoação velha, ha uma boa nascente de agua potavel.

Os poços que se encontram entre as salinas de Sal Rei e o mar, só teem agua salobra, o que demonstra a existencia de uma corrente de agua subterranea. Valia a pena pesquisar a corrente subterranea e trazel-a á superficie, captando-a de uma fórma conveniente. No Curral Velho ha uma nascente de agua potavel, que se torna notavel, porque, estando entre o mar e uma salina, as suas aguas se conservam sempre potaveis. No Atalho, no sopé da Estancia de Baixo, ha abundancia de agua e seria facil a irrigação, aproveitando-se os terrenos adjacentes que são bons.

Sal—A sua fórma alongada e baixa é contraria ao desenvolvimento de importantes correntes de agua, o que trouxe como consequencia inevitavel a sua grande aridez. Não obstante, se se pesquizar com cuidado a superficie da ilha é natural que se encontre alguma quantidade, que, em certos pontos talvez chegue para a irrigação.

S. Nicolau—Dos valles nascidos no Monte Gordo surdem innumeras nascentes, de abundante e excellente agua. A Ribeira Brava, é particularmente rica em agua. A oeste ainda se encontram mais seis valles, menores, mas tambem ricos em agua, sendo o maior e mais largo o da Fajan. A maior parte da agua d'esse valle corre subterranea, indo apparecer na costa na fonte da Agua dos Anjos. Valia bem a pena pesquizar o curso d'essa corrente e perfural-a em ponto de maior nivel, pois é provavel que assim se obtenha melhor agua potavel e se augmente a superficie irrigavel do fertilissimo valle da Fajan. A oeste da Fajan, ainda se seguem outros valles, bem entalhados, com bastante agua, notabilisando-se entre elles a Ribeira da Prata. No declive occidental os valles são menos numerosos; em todos, porém, ha mais ou menos agua. A parte baixa que vae da Praia Branca ao Barril e d'ali ao Tarrafal, apezar de bastante cultivada de sequeiro, é susceptivel de ser irrigada, aproveitando-se para esse fim, entre outros, o riquissimo manancial do Tornu de Agua, que nasce no sopé do Monte Gordo.

Todos os valles, do systema orographico do Monte Gordo, indo para o sul, tem mais ou menos agua.

Alguns pequenos valles, que das vertentes occidentaes se dirigem para a planicie da Preguiça, são susceptiveis de facil irrigação se a agua ali existente fosse mais economica e utilmente aproveitada.

Conclusões do relatorio.—As ilhas não teem muita agua, mas a que existe, bem aproveitado, permittirá um consideravel augmento dos terrenos agricultaveis, especialmente em Santo Antão e S. Nicolau, que poderiam, até certo ponto, concorrer com a propria Madeira. E ainda, poderão as ilhas menos accidentadas e seccas, conseguir um certo grau de riqueza.

No proximo artigo veremos o que se tem feito a este respeito, uma vez que portuguezes e estrangeiros teem perdido uma boa parte do seu tempo em querer convencer que o aproveitamento das aguas de Cabo Verde na irrigação methodica, seria o primeiro passo seguro no caminho da extincção das crises de subsistencias.

Jantares-concerto

E' primoroso, o menu do jantar concerto, que amanhã se realisa no grandioso Casino de S. José de Ribamar, em Algés.

POTAGE
Saint Germain
POISSON
Filet de Bar Colbert Sauce Tomates
ENTRÉE
Perdreux Catalane
LEGUMES
Haricots verts a la Portugaise
ROTI
Filet de Boeuf cresson
Salade de saison
ENTREMETS
Glace ananas
Patisserie varie

Programa do concerto

Primeira parte

I—«Guilherme Tell», ouverture, Rossini.
II—«Moresitas», capricho, Colper.
III—«Le Deluje», preludio, Saint Saens
IV—«El Trust de los tenorios», selection, Serrano.

Segunda parte

I—«Werther»—selection—Massenet.
II—«Serenade», Chaminade.
III—«A Divorciada», selection, D. Fall.
IV—«Rapsodia Andaluza», Ocon.

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

Horario de trabalho no commercio

A direcção da Associação de Classe dos Caixeiros de Lisboa convida todos os seus collegas do ramo de prestamistas (casa de penhores) socios e não socios da Associação a comparecer hoje, pelas 22 horas, a uma reunião que se effectua nas suas salas, com o fim de se protestar perante o senado municipal contra a inclusão d'este ramo de commercio no artigo 10.º do regulamento do horario de trabalho no commercio.

Conductores de carroças

Na séde da Associação de Classe Textil, rua 1.º de Maio, a Santo Amaro, 81, 1.º, começam amanhã as palestras associativas sobre augmento de salario.

Associação Musical Lisbonense

Reune extraordinariamente a assembléa geral no dia 27, ás 14 horas, para apresentação e discussão de uma proposta urgente da direcção e eleição de cargos vagos nos corpos gerentes.

Pela instrucção

Abertura de matriculas

No Centro Escolar Republicano Dr. Antonio José d'Almeida estão abertas as matriculas para as aulas primarias, costura e lavores, musica e piano, francez, desenho de ornato e architectonico, escripturação commercial e curso geral dos lyceus.

As condições estão patentes na séde do Centro, travessa da Nazareth, 21, ás Olarias.

Estreia da companhia de circo no Coliseu dos Recreios

Com um programma surprehendente e cheio de maravilhas artisticas estreia-se hoje no Coliseu uma grande companhia de circo, em que figuram as primeiras notabilidades, como a alta e sensacional novidade dos leões do domador Mark, que tomarão parte no emocionante mimodrama em 2 actos «Vingança de feras», e que o primeiro é feito com projecções animatographicas, dando-nos em seguida os mesmos personagens e os mesmos leões da primeira parte.

Clown Little Walter

O illustre emprezario do Coliseu contractou ainda a prodigiosa troupe arabe 10 Werzalls, que hoje se apresenta. Os primeiros clowns do mundo alegrarão os espectaculos: Antonet e Walter, Rico e Alex, os Barracetas. Uma attracção que deve causar assombro, é tambem, o cão transmissor do pensamento, apresentado por madame Meriska.

Clown Antonet

Festas escolares

Centro Escolar dos Voluntarios d'Arroios

E' amanhã que na séde d'este Centro se realisa a festa para a distribuição de premios e diplomas aos alumnos approvados nos exames de 1.º e 2.º grau. A festa será precedida de um lanche a todos os alumnos, seguindo-se a sessão solemne que será presidida pelo sr. dr. Salgueiro d'Almeida, e na qual usarão da palavra alguns oradores. Os actores Eusebio de Mello, Agostinho Silva e Alfredo da Silva recitarão monologos e poesias. Os srs. Pedro Augusto de Freitas coadjuvado pelo sr. José Antonio Gomes, executará diversas sortes de prestidigitação.

Um grupo de bandolinistas, composto pelos srs. Manuel Ferreira dos Santos, Alfredo Silva, Eugenio Fonseca e José Antonio Gomes, tocarão alguns trechos de musica. Por especial deferencia para com a direcção alguns professores da orchestra do Salão dos Anjos abrilhantarão a festa.

Carta de Portugal

Pela direcção geral dos trabalhos geodesicos e topographicos acabam de ser distribuidos exemplares das folhas n.os 17-f (Portalegre) e 19-e (Pavia), da carta de Portugal, a 6 cores e na escala de 1/50.000. Como já tivemos occasião de dizer por mais d'uma vez, é um trabalho que honra aquella direcção geral.

Festas associativas

Na Caixa de credito e cantina de viveres do pessoal da fabrica de polvora em Chellas ha amanhã, para inauguração da sua bandeira, um festival, que consta de: sessão solemne ás 14 horas e entrega da bandeira á direcção, distribuição de bodo a 50 pobres ás 15 horas, concerto musical e inauguração da tombola das 16 ás 20 horas, sessão animatographica ás 21.

Loteria de Lisboa

Numeros mais premiados

Numero	Premio
7420	12:000$
3105	1:000$

Numero	Premio	Numero	Premio
2086	400$	3890	100$
707	200$	4702	100$
1202	200$	4881	100$
5484	200$	4934	100$
270	100$	5205	100$
401	100$	5157	100$
706	100$	6477	100$
808	100$	7061	100$
2880	100$	7387	100$

Circos & Music-halls

SALÃO DA TRINDADE—A's 20 e 22—Operetta e fitas animatographicas.

ANIMATOGRAPHOS E CONCERTOS—Olimpia e Paradis, matinées diarias e sessões á noite; Central, Chiado Terrasse, Salão Foz, Rocio; Sociedade Promotora da Instrucção, em Alcantara, sessões ás quintas feiras, sabbados e domingos.

CINEMATOGRAPHOS OU ESPECTACULOS VARIADOS—Chantecler, Imperio, Salão Graça, na Caixa Economica Operaria, Variedades, na calçada da Estrella—A's 21,30—O diabo no convento.

A provincia n'A CAPITAL

COIMBRA, 25.—A direcção da Cantina Escolar Dr. Bernardino Machado propõe festejar o dia 5 de outubro com um jantar a 200 creanças em honra do seu patrono e presidente da Republica e em regosijo pelas melhoras do eminente estadista sr. dr. Affonso Costa.

Qualquer donativo para este fim póde ser entregue na séde da mesma instituição, na travessa de S. Pedro.

—Esteve muito concorrida a feira annual de gado no Rocio de Santa Clara, effectuando-se importantes transacções na especie bovina.

—Foi promovido a 1.º cabo o 2.º cabo n.º 22 da guarda republicana, José Abrantes, pertencente á secção d'esta cidade.

—Consta que vae ser restaurado o claustro do convento de Santa Clara, que ameaça ruina imminente e que é obra de alto valor artistico.

—Por serem mordidos por um cão raivoso, partiram para essa cidade, a fim de receberem tratamento no Instituto Camara Pestana, José Pereira e José Maria Carvalho, de Almalaguez e Maria Emilia, de S. Miguel de Poiares.

GOUVEIA, 25.—Foi bastante concorrida a romaria do Senhor da Serra que todos os annos n'esta epocha se costuma fazer, sendo constante o transito de automoveis que veem de longe cheios de fieis.

No dia 21 pairou sobre esta região uma grande trovoada que causou bastantes prejuizos e custou algumas vidas. Em Fogosinho, d'este concelho, morreu fulminado José Augusto Nunes, casado, ajudante do posto do posto do registo civil, n'aquella povoação, quando estava deitado n'uma casa de sua quinta ás Fragas do Lerio, estando ao pé uma sua filha de 18 annos de edade que ficou bastante queimada, inspirando bastantes cuidados o seu estado.

—Tem estado bastante doente o importante industrial d'esta villa sr. Antonio de Almeida Motta.

—Depois de uma prolongada doença que o reteve de cama alguns mezes na sua casa das Caldas da Rainha, regressou a esta villa o sr. José Julio de Souza Ferreira, intelligente secretario de finanças n'este concelho, onde tem conquistado bastantes sympathias.

—Da Figueira da Foz, regressou da sua viagem de nupcias o sr. Joaquim Mendes Bello, acompanhado de sua esposa.

Movimento maritimo

Brazil e R. Prata, «Maslande» (Amst.)	25
Brazil e R. Prata, «Desna» (Liverp.)	26
Liverpool, «Lanfranc» (Pará)	27
Africa-oriental, «Clan Ross» (Liverp.)	27
Africa occidental «Angola»	28

pela sua posse assumiu um caracter violentissimo principalmente no dia 21 d'abril.

Segundo a versão austriaca, os ataques russos foram repellidos e feitos 1.200 prisioneiros. Os relatorios de Petrogrado dizem que em 21 d'abril os russos se apoderaram de algumas trincheiras austriacas na cota 1.002 e que na noite seguinte os austriacos atacaram em toda a linha desde Lubnia para além de Bukowiec, mas foram repellidos, tendo grandes perdas.

E' esta a ultima informação pormenorisada que temos da lucta n'aquella região antes do avanço germanico do oeste ter compellido os russos a abandonar as suas posições no montes Carpathos.

A 9 d'abril os russos haviam tomado, ao sul de Vola Michova, a cota 909, chamada Wysoki Gron (Alta Montanha). Nos dias 11 e 12 novos progressos foram feitos nas montanhas a nordeste da aldeia de Telepovce. O avanço deu-se em todo o sector, indo de noroeste para sudeste.

«Nos Carpathos—diz o communicado official russo do dia 16—as nossas tropas approximaram-se silenciosamente das vedações de arame farpado do inimigo entre as aldeias de Telepovce e Zuella, forçaram-nas e apoz um breve combate á bayoneta apoderaram-se de duas elevações, fazendo numerosos prisioneiros».

No mesmo dia os russos tomavam a aldeia de Nagy Polena, a leste de Zuella. Os austriacos deram contra-ataques e a lucta n'aquella região continuou quasi ininterruptamente durante os dias seguintes.

Um communicado de Petrogrado diz que durante as operações de aquella noite foram aprisionados 24 officiaes e 1.116 soldados e tomadas trez metralhadoras. Ataques violentissimos foram dados pelos austriacos contra as elevações ao sul de Telepovce no dia 18, mas por meio de um contra-ataque os russos obrigaram-nos a evacuar as cercanias das suas posições e aprisionaram um batalhão austriaco, que se rendeu em bloco.»

Nos dias seguintes os russos continuaram a avançar para sudeste de Polena, na direcção da linha Uzsok, mas a lucta diminuiu de intensidade. O communicado official russo de 20 para 21 d'abril não se refere á lucta nos Carpathos, excepção feita de ataques austriacos a noroeste de Runyina. Uma communicação de 23 diz que «coisa alguma de grandes consequencias succedeu durante o dia e que não houve mudança nas posições.»

O communicado de 25 diz que «a artilharia e a fuzilaria de intensidade variada, alternaram em alguns pontos com pequenos recontros». De facto, a grande batalha dos Carpathos findára no dia 16.

O communicado do quartel general russo publicado no dia 18, que dá um resumo de toda a batalha, diz:

«Desde 5 d'abril, 18 dias depois de ter começado a nossa offensiva o valor das nossas tropas cumpriu a tarefa que nos haviamos proposto e tomámos a principal cadeia dos Carpathos na fronte Regetow-Volosate, na extensão de cerca de 110 verstas (cento e doze kilometros). A lucta de lado consistia em acções cujo objectivo era consolidar os successos que tinhamos conseguido.

«Em resumo, em toda a fronte dos Carpathos, entre 19 de março e 12 d'abril, o inimigo, tendo soffrido enormes perdas, deixou nas nossas mãos prisioneiros em numero pelo menos de 70.000, incluindo cerca de 900 officiaes. Tomámos tambem mais de 30 canhões e 200 metralhadoras.»

Como já dissémos, uma lucta relativamente pouco importante se deu durante o principio da primavera a leste de Uzsok. Durante a semana entre 20 a 27 de março os habituaes ataques germanicos continuaram em redor de Koziowa e Rozanka. Cessaram em 27 de março, tendo começado no principio de fevereiro.

«O abandono dos ataques germa-

uma posição austriaca muito importante na grande cumiada das montanhas Beskid, aprisionando durante o dia cêrca de 100 officiaes e 5.000 homens e tomando numerosas metralhadoras.

A posição no valle Laborez era da maior importancia para os exercitos germanicos, que tinham de tomar cuidado em não serem atacados de flanco por um avanço russo vindo da direcção de Jasliska. Receberam grandes reforços no dia 25 de março. A batalha continuou em toda a fronte e não diminuiu de violencia até á noite de 27. Durante esses dias os russos obtiveram grandes successos, especialmente ao longo da estrada Baligrod-Cisna e ao sul do alto San; estenderam a sua fronte muitos kilometros a dentro da fronteira hungara. Entre os dias 20 e 28 fizeram mais de 9.000 prisioneiros.

Com redobrada violencia, a lucta recomeçou ao longo de toda a linha desde o Dukla até ao Uzsok na noite de 28 para 29 de março. Continuou durante todo o dia seguinte. Um avanço consideravel foi feito pelos russos n'essa batalha em redor do Lupkow. As tomadias feitas no decurso d'esse dia incluiam 70 officiaes, 5.384 homens, 5 canhões, 21 metralhadoras e um morteiro de trincheiras.

A lucta na estrada Baligrod-Cisna continuou durante a noite de 29 para 30 de março. Accentuados progressos foram feitos ao sul de Lutoviska, na direcção de Dvernik e na de Ustrzyki. No dia seguinte, esse movimento, que ameaçava envolver por oeste a posição austriaca no Uzsok e cortar as suas linhas de communicação ao sul, foi levado mais para a frente. Lucta violenta, em funda neve, se desenvolveu entre Dvernik e Nasiczna. O dia findou com a tomada de 80 officiaes austriacos, 5.600 soldados, 14 metralhadoras e 4 canhões.

Os austriacos attribuiam os seus insuccessos d'esses dias á chegada aos districtos de Dvernik e Ustrzyki de divisões que estavam sitiando Przemysl, mas não mencionam os grandes reforços allemães que constantemente receberam, na região de Uzsok, da sua base em Ungvar.

O avanço russo n'essa região parecia irresistivel. Durante o dia 31 de março e na noite que se seguiu, os russos tomaram d'assalto as posições austriacas extremamente fortificadas na cadeia Polonyny (4.000 pés d'altura). Em certos sitios as tropas enterraram-se de tal modo na neve que não podiam nem avançar, nem recuar; n'outros sitios, as cargas dadas nas encostas produziram avalanches que sepultaram amigos e inimigos sob uma funda camada de neve.

Não obstante as «grandes difficuldades naturaes que tinham de ser vencidas», os russos tinham, em 1 d'abril, passado Ustrzyki e estavam approximando-se de Volosate e apenas uma unica elevação os separava da linha Uzsok, na retaguarda do desfiladeiro.

Mais para oeste estavam em plena posse da cadeia montanhosa do Polonyny, que domina toda a estrada que segue de Dvernik por Berehy Gorne a Vetlina; d'ahi, ameaçavam o flanco occidental das posições austriacas em redor de Kalnica.

Entretanto outras columnas russas estavam avançando do norte para a linha Smolnik-Kalnica. A 1 de abril tomaram a importante posição de Vola Michova no caminho de ferro Smolnik-Cisna. A oeste de Vola Michova tinham entrado no valle de Virava, chegando á aldeia d'esse nome. Assim, todo o sector do caminho de ferro Sanok-Homona em redor do Lupkow e Mezo-Laborcz estava em seu poder e as posições austriacas nas montanhas entre Lupkow e a estrada Vetlina-Zboj eram tambem ameaçadas pelo flanco occidental. Em cada dia que passava novas e consideraveis capturas de prisioneiros austriacos se faziam, especialmente os slavos, não querendo luctar por uma causa que lhes era antipathica e até inimiga, rendiam-se em grande numero.

A 2 e 3 d'abril, houve grandes quedas de neve em muitos sectores da fronte dos Carpathos. A lucta du-

rou ahi algum tempo, que póde avaliar-se pelo numero de prisioneiros feitos pelos russos. Emquanto, a 1 d'abril excedia a 7.000, só durante os dois dias seguintes subiram a cêrca de 2.000. A tomada de Vola Michova pelos russos fez tornar insustentaveis as posições austriacas ao longo de toda a linha desde Smolnik a Kalnica.

Os austriacos recuaram durante os dois dias seguintes, emquanto a tempestade de neve impedia uma vigorosa perseguição da parte dos russos. Ao chegarem á estação de caminho de ferro de Cisna, a 4 d'abril, os russos apoderaram-se de grande quantidade de material circulante e de munições, que os austriacos não haviam podido levar.

Um communicado official russo publicado a 6 d'abril dá a somma total das capturas que foram feitas na região entre o Lupkow e o Uzsok durante a quinzena de violenta lucta que precedeu a acalmia de 3 de abril. Diz esse communicado:

«Durante o periodo de 19 de março a 3 d'abril, aprisionámos nos Carpathos, na fronte desde Baligrod até Uzsok, 378 officiaes, 11 medicos e 33.155 soldados. Tomámos 17 canhões e 101 metralhadoras. D'essas capturas, 117 officiaes, 10.928 soldados, 8 canhões e 50 metralhadoras foram tomados n'uma fronte de 15 verstas (16 kilometros)».

A 4 d'abril, o avanço russo recomeçou ao longo de toda a linha. De Cisna, os russos abriram passagem para a estrada que segue ao longo da torrente chamada Rozstok, tomaram d'assalto a aldeia de Rozstoki Gorne e avançaram, por entre fundas camadas de neve, pelo desfiladeiro que tem o mesmo nome da aldeia. A sua vanguarda chegou á aldeia hungara de Orosz-Ruszka, no valle do Siroka, no sopé do desfiladeiro de Rozstoki. Um violento contra-ataque com que os austriacos tentaram na noite seguinte desalojar esse destacamento avançado das tropas russas falhou por completo.

Entretanto os exercitos germanicos tinham concentrado formidaveis reforços, especialmente entre Homona e o valle do Laborcza. A força total d'esses reforços nos Carpathos foi avaliada entre quatro a nove corpos d'exercito. Algumas d'essas tropas tinham vindo da Prussia oriental e da Polonia, poucas da fronte occidental, sendo a maior parte constituida de novas formações. Um corpo completo allemão appareceu no valle Laborcza, sob o commando do bem conhecido general von der Marwitz, que havia commandado no verão de 1914 a cavallaria allemã no seu avanço para Paris e depois havia sido transferido para a Prussia oriental.

A 6 d'abril, os exercitos germanicos iniciaram a contra-offensiva na região ao sul de Lupkow. Os seus communicados falam de grandes successos e mencionam a tomada de seis mil prisioneiros russos entre 5 e 7 d'abril na região leste do valle Laborcza. Os communicados de Petrogrado confessam um ligeiro avanço das forças germanicas, mas dizem que as tropas russas, depois de terem occupado a fronte Czabalovce-Szuko, estavam aptas a repellir os ulteriores ataques do inimigo.

A occupação da linha Czabalovce Szuko implica uma retirada das tropas russas das posições que haviam occupado anteriormente no valle e aldeia de Virava; a desesperada contra-offensiva germanica evidentemente conseguiu salvar as tropas austriacas, que occupavam a esse tempo a cadeia fronteiriça ao sul do Lupkow e do Vola Michova, de serem envolvidas e separadas das do sul.

A 9 d'abril, o avanço russo continuou. Na direcção de Czabalovce os russos desalojaram n'aquelle dia as forças inimigas que haviam aberto caminho no valle do Virava. De Vola Michova «apoderámo-nos da cota 909—diz o communicado official russo—sendo o inimigo repellido ao longo de toda a extensão da principal cadeia dos Carpathos na região da nossa offensiva».

Assim, n'uma fronte de mais de cento e dez kilometros, desde o Dukla ao Uzsok, os russos haviam conquistado a 9 d'abril a cumiada mon-

tanhosa que separa a Galicia da Hungria. Os contra-ataques germanicos dados n'esse mesmo dia nas proximidades do desfiladeiro Rozstoki foram mal succedidos, sendo o seu unico resultado a captura d'um batalhão completo de infantaria austriaca pelos russos.

Tambem proximo do Uzsok a offensiva russa se estava desenvolvendo em seu favor. O communicado official do dia 10, datado de Petrogrado, diz:

«A nossa offensiva no longo da linha Uszyca-Volosate-Bukowiec, em direcção sul, continua, apesar das excessivamente difficultosas condições locaes. Abrindo caminho por entre a neve, que algumas vezes tem mais de seis pés de profundidade, as nossas tropas approximaram-se em diversos pontos a uma distancia de cinco kilometros do valle do Uzsok».

A batalha ahi continua no dia seguinte (10 d'abril). Os austriacos occupavam ainda o grupo de montanhas do Opolonek, a oeste do desfiladeiro, e as suas posições n'aquelle ponto eram de tal força que os russos difficilmente podiam esperar tomal-as d'assalto. Mas a direita russa em roda do Uzsok mantem-se. No dia 11, uma lucta violenta se dá a noroeste do desfiladeiro, no longo da estrada e nas encostas entre Bukowiec e Beniowa, emquanto a nordeste os russos tomavam Wysocko Nizne, aldeia situada no ponto onde se encontram as unicas estradas que ligam a Munkacz-Stryj com a linha Uzsok-Turka e atravessam o rio Stryj. Apenas a alta montanha Magora (3.323 pés) fica entre Wysocko e o Uzsok.

A lucta redobrou de violencia durante os dois dias seguintes e d'ambos os lados se consideraram vencedores. A batalha ahi attingiu o auge no dia 14; depois d'essa data não se tornou a ouvir falar em lucta n'essa região e os principaes esforços dos russos parece terem-se concentrado d'ahi em deante no sector entre Virava e a estrada Cisna-Rozstoki-Sztakesin.

Um avanço ao longo d'essa estrada, de Sztakesin para Barczna, ameaçando as linhas de communicação entre o Uzsok e Ungvar, teria obrigado as forças germanicas a evacuar as suas fortalezas montanhosas no desfiladeiro do Uzsok. Era n'essa direcção, assim como na

R. Storrs, secretario oriental do residente britannico no Cairo

de Volosate, que os russos faziam maior pressão em meiados d'abril.

A lucta era continua na região de Volosate desde que os russos haviam tomado aquella aldeia nos primeiros dias d'abril. A batalha dava-se na estrada que segue de Volosate, a uma altura de 2.000 pés, pelo valle de Lubnia, para Szlarina, que, como já dissémos, fica na linha de caminho de ferro Uzsok-Ungvar, na retaguarda das principaes posições austriacas em redor do desfiladeiro do Uzsok.

Uma montanha da altura de 3.331 pés, conhecida pela medida em metros pelo nome de cota 1.002, domina a estrada atravez do valle de Lubnia. A perda d'essa montanha seria um desastre para as tropas austriacas que estavam combatendo a leste d'ella, no Uzsok. A lucta

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 1848 — 6.º Anno | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Editor — Camillo Sousa e Almeida — Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA — Domingo, 26 de Setembro de 1915

Telephone n.º 2293 — Endereço teleg. CAPITAL — Composição — Rua do Norte, 5, 1.º — Officina de impressão — 71, Rua da Bica, 71 | Preço 1 centavo

MEDIOCRIDADE

Uma phrase dos Goncourt, no seu «Journal»: «Tenho medo do futuro d'um seculo em que toda a gente deseje fazer uma carreira de ruido e de vaidades», afigura-se-me como photographando d'uma maneira precisa o momento que atravessamos em Portugal.

Com effeito, se analysarmos com certa minucia a situação portugueza no ponto de vista politico, facilmente reconheceremos esse mobil a determinar a attitude de muitos homens e a genese de muitos acontecimentos.

Uma carreira de vaidade e de ruido não é mais do que a miserrima caricatura da carreira brilhante e sonora que o talento assegura aos seus eleitos. Ambicionam os seus triumphos os mediocres que a invejam? Não os obterão jámais. A sua carreira não terá o brilho da outra, nem a harmonia d'um hymno que a outra consagra e annuncia. Será tudo esteril vaidade, vão ruido. E em vez de outorgar a gloria, só provocará o desprezo.

Em tempos, Paul Adam publicou um livro: «A mediocridade triumphante». Esse simples titulo é um erro. A mediocridade nunca triumpha. O triumpho é qualquer coisa de solido e assente, é qualquer coisa de fulgurante ou terrivel. A mediocridade é um sacco vasio. A mediocridade é ridicula. O seu exito é um exito mesquinho. Vence? Talvez, mas é a mediocridade vencendo a mediocridade. O valor dos altos espiritos não se degrada, terçando armas com ellas.

* * *

Mas nem por isso a mediocridade deixa de ser nociva, prejudicial e ruinosa. «Tenho medo do futuro de um seculo em que toda a gente deseje fazer uma carreira de vaidade e de ruido». E é bem para receiar um futuro d'essa ordem. Porque nunca a mediocridade, que na paixão da vaidade e do ruido se denuncia, soube jámais assegurar o futuro d'um paiz ou da humanidade em geral. Como póde ella fazel-o, se esse futuro só se garante com a visão dos largos horisontes da consciencia, com o genio que cria e com o trabalho que fecunda?

A carreira da vaidade e do ruido não ultraja pois sómente o authentico valor das intelligencias que obscuramente se consagram a uma obra de ideal puro, em todas as manifestações da actividade humana. Isso seria uma iniquidade, mas não representaria a catastrophe que na realidade prenuncia. A carreira da vaidade e do ruido domina a existencia das sociedades. São os mediocres que as dirigem, são elles que assaltam os postos que deveriam ser reservados ás intelligencias activas e creadoras? O seculo folliu; um eclypse conturba o sol da humanidade em marcha.

Tem havido d'estas eras na historia. Todos os paizes as conhecem. Só quando os homens estão collocados no seu verdadeiro logar, só quando o genio, a virtude e a acção se vêem reconhecidos, é que as sociedades marcham. De contrario consomem-se na apathia, as suas energias immobilisam-se, paralysa-se o seu esforço. E é assim que sociedades florescentes, imperios poderosos, nações illustres, teem entrado na decadencia ou descido ao tumulo.

* * *

As virtudes das democracias são as da simplicidade, do desinteresse, da abnegação, e mais ainda as da faculdade de admirar. Precisamente porque querem os homens collocados no seu justo logar, precisamente porque querem operar uma selecção entre os melhores, pelo espirito e pelo coração, é que as democracias se concretisam na sua expressão mais perfeita, a da Republica, que nega os privilegios da hereditariedade. Essa selecção é a garantia da realisação dos seus principios. A historia das democracias inscreve em letras de ouro o nome dos grandes cidadãos que honraram a sua patria, ou dirigindo os seus destinos ou interpretando o seu pensamento.

Se, pelo contrario, a mediocridade invade os logares que só á superioridade de espirito devem ser accessiveis, o principio das democracias foi inteiramente deturpado. E, faltas d'essa base, as instituições que o concretisam estremecem e cambaleiam. Se quem faz a politica não é o politico, com as suas faculdades proprias, como é que essa politica não ha de ser frouxa, erronea ou pueril, quando não suicida?

Fazer uma carreira de vaidade e de ruido! Tudo se resume n'esta aspiração illicita para os mediocres que não são capazes d'outro esforço que não seja o de, por meio da intriga, da violencia ou da perfidia, usurparem logares que lhes não competem. A politica requer o que requerem todos os ramos da actividade humana, ou seja o conhecimento do officio. Como se destina a dirigir os povos não se comprehende que d'esse officio não tenham perfeito conhecimento os que se abalançam a exercel-o. Com que direito se julgam bons politicos os que da politica não teem outra noção que não seja a de fazer, por via d'ella, uma carreira de vaidade e de ruido?

Mas é tão grande o estimulo que a essa má acção os conduz que os mediocres nem pensam nas responsabilidades do seu proposito nem se atemorisam perante as vicissitudes que ella lhes póde acarretar. Arrostam com o ridiculo, não temem a colera dos dirigidos, n'um dia de justiça vingadora. O que querem é que se fale n'elles, o que querem é regalias do logar que indevidamente occupam. O que querem é parecer que são o que nunca poderão ser.

* * *

E' este o mal de que enferma o nosso paiz. Já se manifestava na monarchia? Isso não é de fórma alguma uma justificação. Uma das grandes causas da queda da monarchia foi precisamente essa. Mas nas democracias, nas Republicas, a mediocridade arrojada e vangloriosa deveria ser systematicamente collocada no seu logar, porque o espirito que tem de as animar, os principios que as inspiram, não consentem essas vaidades estereis nem esses vãos ruidos. Se assim não fôra, se o merito não fosse apreciado no seu devido valor pelas sociedades democratisadas, não teria havido o direito de derrubar os regimens que conferiam o privilegio de dirigir os povos ao acaso cego do nascimento, e ao favoritismo dominante.

Se profundarmos as origens do desequilibrio que se nota na nossa politica, da indecisão que se manifesta nas suas camadas dirigentes, da falta de fé e da falta de dedicação, encontral-as-hemos n'essa paixão da vaidade e do ruido. Ella dividiu os homens e obscureceu os principios. Ella tem impedido que Portugal se affirme como uma nacionalidade rejuvenescida e consciente. Tem sido grotesca e tem sido criminosa. Tem sido a macula da nossa resurreição nacional e é o estygma aterrador do seu futuro.

D'onde veem elles, esses mediocres que sonham com a vaidade e com o ruido, e que não obteem afinal mais do que instantanea resonancia d'um nome no breve espaço d'um dia? Querem a fama, e teem o esquecimento. Querem o ruido e teem o silencio. Mas á medida que passam e desapparecem vão prejudicando o paiz, deprimindo a Republica, compromettendo o futuro. Não ha nada mais terrivel do que a acção d'estes infusorios.

MAYER GARÇÃO

VIAGENS NO ALGARVE

A nova terra da promissão

PRAIA DA ROCHA, 21. — Com a guerra, o Algarve está a encher-se de oiro. Os seus productos mal param na provincia. Emissarios de toda a parte percorrem-na em todos os sentidos, procurando-os e comprando-os. O Algarve é um dos grandes abastecedores dos exercitos alliados. A França e a Inglaterra devoram as suas conservas de peixe. O seu figo amontoa-se já nos armazens dos exportadores, á espera da hora em que ha de seguir para os mercados inglezes e francezes. E vende-se tudo caro. A sardinha attinge, ao chegar á terra, ainda viva, irisada e prateada, preços quasi fabulosos. Não é raro ver os fabricantes compral-a por oito e mais escudos o milheiro. Pesque-se muito ou pouco, as fabricas tudo absorvem. E, apesar d'isso, não obstante a actividade prodigiosa que agita, no mar e em terra, toda a provincia, os pedidos de novas remessas são tão frequentes e tão instantes que não ha forma de os satisfazer.

O Algarve exulta. O Algarve, n'este fim de verão de 1915, n'esta epocha avançada do anno da tragedia e da loucura, rejubila. E' que, por ora, ainda ninguem perturbou a sua paz, defendida pelas suas cordilheiras, protegidas pelo seu isolamento e como que abençoada pelo seu mar, que não se cança de a fazer cada vez mais rico. Respira-se por toda a parte a fartura. N'esta terra da promissão, onde a felicidade parece ter vindo fazer o seu ninho, não ha mendigos. O algarvio, cada vez mais resignado com a sua sorte, não quer saber do que vae por esse mundo. O que sabe é que vive bem. O destino favorece-o. Trata, por isso, de aproveitar as benevolencias d'esse mesmo destino...

Depois do peixe, a maior riqueza do algarvio deve ser o figo. Esse fructo que nas outras provincias de Portugal tão pouco apreciado é, no Algarve representa uma das parcellas mais importantes da riqueza da provincia. A figueira, com a amendoeira, povoa os campos, trepa pelas encostas e alarga, por valles e montes, a sua larga folhagem, de umaldiçoada sombra. O seu tratamento é pouco dispendioso. Uma simples cava torna mais facil o trabalho nutritivo das raizes. Uma limpeza de vez em quando livra-a dos ramos decrepitos e inuteis. Pois essa arvore modesta, pequenina e triste, produziu, este anno, montões de libras...

O figo redobrou de preço. E' que os grandes productores d'esse fructo pouco attrahente eram o Algarve e a Turquia. O figo de Smirna ganhou fama. Era apreciadissimo pela sua nobre qualidade e pelo esmero da preparação. A guerra, porém, não o deixou este anno ir abastecer os seus mercados habituaes. D'ahi, ficar quasi só em campo o figo das immensas figueiras algarvias, que ainda o anno passado não se vendeu a mais de quinze tostões os trinta kilos. Este anno, porém, a procura tem sido tal que a mesma quantidade attinge já preços que vão além de tres escudos e meio. O lavrador anda, por esse motivo radiante.

— Estou contentissimo, dizia-me ainda hontem, no casino, um dos maiores proprietarios d'estas redondezas. Só em figo, devo fazer para cima de cinco contos. E não fui dos que mais caro venderam...

E como este, não sei mais quantos.

Só pelos seus figos o Algarve deve receber muitas centenas de contos, apesar da colheita, por causa dos aturados, persistentes calores, não ter sido nem das melhores nem das mais abundantes. O figo tem cathegorias classicas, dentro das quaes os entendedores o arrumam cuidadosamente. Ha o figo *branco*, que é o peor, o mais meudo, o falhado, o que se não desenvolveu bem, o que secou antes de tempo. Esse é o que merece menos cuidados. Vende-se a granel, quasi sempre misturado com outro que lhe attenue a falta de qualidades. Vem depois o figo *comadre*, que representa já uma classe mais elevada e estabelece o termo medio entre o *branco* e o *principal*. Este, tambem denominado *figo flor*, é o mais apreciado. E' aquelle que se reserva para as varias applicações que em toda a provincia se dão a este fructo gostosissimo.

O lavrador e o preparador vendem-no em ceiras de varios tamanhos, em cestinhos de palma, em caixas de madeira e até em lindas latinhas litographadas, que são um mimo de apresentação cuidada. E' o que alcança mais elevada cotação, o que se recheia com amendoa e só lança no mercado em *embalages* diversas, sobresahindo pelo seu cunho regional aquellas em que mãos de artistas incipientes bordam grosseiros desenhos, com lãs de varias côres, representando arvores, barcos, velas enfunadas cortando a agua, corações varados por settas e não sei quantos outros caprichosos motivos ornamentaes, tão gratos ao sentimento artistico popular.

Nos *almeixeres* ha ainda, por este tempo, grandes porções de figo seccando ao sol. Vistos de longe, esses estendaes de pequeninas bolas engelhadas não conseguem, sequer, prender por uns minutos a attenção de quem passa. Entretanto, quem gostar de vêr tudo sem pressa não póde furtar-se á tentação de perguntar a si mesmo se não haverá melhor processo, para seccar o figo, do que este, tão primitivo, que basta uma simples bátega de agua para o inutilisar. O figo secco por este meio deve perder, seguramente, algumas das suas qualidades. E' fatal. E terá alguem tentado já modificar a rotina e introduzir, n'este ramo de industria agricola do Algarve, aquella sciencia, ainda que rudimentar, que o abrigue das emboscadas do tempo, sempre incerto e indigno de grande confiança? Creio que não. E' pena.

O Algarve está a abarrotar-se de ouro. O Alemtejo, pelo contrario, está a empobrecer-se. São as contingencias da sorte. Um produz cada vez mais peixe e mais fructos, que o estrangeiro lhe compra, pagando-lh'os generosamente. Outro, a braços com o desanimo, vê diminuir a sua producção de trigo, fonte primacial da sua riqueza, de uma maneira verdadeiramente assustadora. O Alemtejo ameaça transformar-se na immensa charneca que já foi n'outros tempos. O Algarve será cada vez um jardim mais florido, a verdadeira terra da Promissão d'este nobre e glorioso Paiz. Acudamos ás desgraças d'uns e exultemos com a prosperidade dos outros, favorecendo-a. Só assim teremos pão com fartura e conseguiremos que n'esta hora de tragedia ainda haja portuguezes verdadeiramente felizes em Portugal...

Adelino Mendes

Uma resposta

Recebo muitas vezes cartas de pessoas que não conheço e me falam de coisas que escrevi. Ha muitos annos pedindo-me explicações, esclarecimentos e conselhos, como se eu pudesse ter na ideia cada periodo, cada phrase que compuz.

Estas cartas, que me commovem, fazem-me pensar na enorme responsabilidade de quem escreve; e regosijo-me, ao lêl-as, de ter sido sempre sincera e sempre inspirada pelo desejo ardente de que a minha obra encerre alguma utilidade.

Um d'estes dias recebi uma carta de uma senhora que vive na provincia, que tem duas filhinhas de tres e quatro annos e que, no momento de principiar a educal-as, hesita, perplexa e cheia de angustia, em frente do problema cuja gravidade comprehende.

Conta-me a escassez dos seus meios de fortuna, as poucas probabilidades que tem de os augmentar e o terror que lhe inspira o possivel isolamento e infelicidade das filhas, no futuro, se ella lhes abrir horisontes desconhecidos no pequeno e mesquinho meio onde estão condemnadas a viver.

Respondi-lhe o seguinte:

«Nunca se deve hesitar em frente do dever.

«Não aconselho a dar ás suas filhas uma educação artistica e litteraria, essa *educação esmerada* a que se refere e que o seu bom senso teme com tanta razão.

«Mas a educação racional da intelligencia, o desenvolvimento das faculdades e o conhecimento das verdades fundamentaes são elementos indispensaveis para a saude moral de uma rapariga; nunca podem tornal-a infeliz e, muito pelo contrario, pela vida fóra lhe serão um apoio, uma garantia e uma coragem.

Por emquanto deixe-as correr, brincar, gritar, agitar-se e rir livremente; mas incute-lhes *desde já* o gosto pela ordem e pelo methodo, o respeito pelo trabalho e pelo repouso dos outros, o desejo de se tornarem uteis e agradaveis. Para conseguir bons resultados n'esta primeira parte da sua tarefa, consulte o livro de Luiza Sergio que acaba de ser publicado: *O methodo Montessori*. Ser-lhe-ha de um poderoso auxilio.

«Não condemno o *crochet* em que fala nem os dois exames de instrucção primaria. O *crochet* como divertimento e quando se sabem fazer e se fazem coisas mais uteis, não é um mal; os diplomas dos dois exames de instrucção primaria podem vir a servir ás suas filhas mais tarde se precisarem de ganhar a vida; facilitar-lhes-hão talvez qualquer caminho.

«Mas antes do *crochet* ensine-lhes a coser, a lavar roupa, a engommar; ensine-lhes os principios fundamentaes da cosinha e do governo da casa.

«E não se contente com o que ellas aprenderem para fazer os exames: ensine-lhes os elementos das sciencias naturaes, da higiene, do tratamento de doentes; liberte-as bem de crendices, de superstições e de empirismos que tão nocivos podem vir a ser para o desempenho da sua grave missão n'este mundo; desenvolva-lhes com perseverança as faculdades de observação e o gosto e o interesse pelo estudo dos phenomenos naturaes.

«Sobretudo, sobretudo, incute-lhes a paixão ardente da verdade. Não lhes minta nunca.

«Seja para ellas a personificação da verdade; seja o exemplo constante; seja o apoio seguro. Seja para as suas filhas a consciencia emquanto a d'ellas se fórma; e seja perfeita, a fim de que essa consciencia se vá formando a pouco e pouco á sua imagem.

«Responda a todas as perguntas das duas creanças com a verdade; não tenha medo de lhes macular a innocencia. A verdade é santa e a natureza é a mestra mais virtuosa. Pense que todos os misterios que não lhes quizer desvendar á luz sagrada e pura do seu amor outros lh'os desvendarão talvez brutalmente, ás suas escondidas, e embrulhando-os em malicias desmoralisadoras.

«Não me canço de lh'o dizer: interesse-as pela terra, pelas plantas, pelos animaes.

«Dê-lhes uma instrucção não complicada e profunda, mas solida. Dê-lhes alicerces sobre os quaes possam construir o edificio da sua vida, a fim de o não levantarem sobre areias movediças.

«Ensine-lhes o bastante para ellas entenderem quanto lhes fica por aprender e nunca tirarem vaidade do seu saber nem se julgarem superiores pelos seus conhecimentos.

Explique-lhes que a unica superioridade verdadeira da mulher se baseia na bondade, na indulgencia, na serenidade, no desejo immenso de se tornar util, no horror de se tornar incommoda.

«Isto não é uma *educação esmerada*; é, simplesmente, uma educação racional.

«E' a educação que lhe aconselho para as suas filhas tão pequeninas ainda e ainda tão presas a si, tão dependentes e tão confiantes.

«Seja qual fôr o destino d'ellas, para toda a parte para onde a sorte as levar, quer habitem a cidade, o campo, a aldeia, a villasinha de provincia, quer vivam n'um meio culto ou n'um meio ignorante e mesquinho, estes principios fundamentaes ser-lhes-hão sempre uma bussola, a maromba indispensavel ao seu equilibrio moral, ao seu bom senso e portanto á sua felicidade.

«Porque a felicidade está unicamente em nós mesmos e não nos objectos exteriores e nas contingencias da sorte».

Virginia de Castro e Almeida

Juntas de parochia

Uma convocação

A junta de parochia de S. Vicente convida as juntas de parochia do primeiro bairro a reunirem ámanhã, 27, pelas 21 horas, na séde do Centro Alexandre Braga, rua das Escolas Geraes, 63, 1.º, para se tratar d'assumpto que interessa aos habitantes d'aquelle bairro.

Em volta da conflagração

A GUERRA ECONOMICA

Do Novoie Wremya:

E' preciso crear depois da guerra uma união aduaneira contra a Allemanha em que entrem a Inglaterra, a França, a Russia, a Italia, o Japão, a Servia e a Belgica e em que poderão tambem entrar os Estados-Unidos.

Ha já tempo que os exportadores allemães veem fazendo prodigiosos esforços para readquirirem, quando a guerra termine, o terreno que teem perdido. Alguns fabricantes allemães aproveitam uma mão d'obra muito barata, ao preço do pagamento para o exercito, provavelmente com a connivencia do governo, a fim de accumularem enormes quantidades d'artigos com que depois, quando a guerra esteja acabada, invadirão os paizes estrangeiros a preços fabulosamente baixos.

A Inglaterra e a França estão já occupando-se d'esta questão, e bom seria que a Russia se puzesse a tal respeito de accordo com estes paizes.

O plano geral e os pormenores da união aduaneira poderiam ser fixados em um congresso internacional, regulamentando-se independentemente as modificações de tarifas aduaneiras e as condições de preferencia para cada paiz. Tão necessario é quebrar a superioridade economica da Allemanha, como quebrar-lhe a força dos seus exercitos combatentes.»

O FIM DOS BARBAROS

Da Belgique Nouvelle:

«Cada dia mais profundamente se accentua o divorcio entre os barbaros e os civilisados; cada semana mais se alarga o abysmo que os separa. A cada hora os barbaros se encarregam de provar que a sua existencia como povo forte é um perigo cuja ameaça a civilisação não póde tolerar. Comtudo, ella virá, e talvez mais brevemente do que muitos julgam, em que a sua raiva teimosa e applicada dará logar, depois d'alguma experiencia decisiva, ao sentimento d'uma definitiva impotencia.

Por se terem comportado como implacaveis bandidos, por terem feito um prazer da desgraça das suas innocentes victimas, por a todo o momento terem mostrado o seu desprezo pela mais elementar probidade, encontrar-se-hão na hora da derrota na profunda desorientação d'aquelles para quem a morte é a unica esperança.

Mas, no emtanto, póde-se affirmar sem receio de desmentido que a sorte dos Hunos vencidos pelos alliados será, apesar dos actos execrandos que commetteram e que, é preciso castigar, ainda para invejar, comparada com a da Europa sob o seu despotismo, se uma maldade fatalidade permittisse ao crime subjugar a justiça».

O BALANÇO DAS FORÇAS SUBMARINAS ALLEMÃS

Do Motor Ship and Motor Boat, revista naval ingleza:

«Dissémos a 13 de junho que 14 submarinos allemães estavam perdidos; esse numero eleva-se agora, pouco mais ou menos, a 20, embora se não deva considerar que todos elles tivessem sido afundados, destruidos ou capturados pela esquadra ingleza.

Conheceu-se officialmente a perda de sete submarinos: «U-15», «U-12», «U-8», «U-29», «U-27», e um outro de que se ignora o numero. Mostra esta lista que o numero dos submarinos perdidos em circumstancias de que se não conhece os pormenores é relativamente pequeno.

Seis submarinos inglezes foram officialmente declarados perdidos; são os «A-E-1», «E-3», «D-5», «E-15», «A-E-2», e «E-13». No principio do mez d'agosto de 1914 tinha a Allemanha 11 submarinos grandes, e 10 de pequena tonelagem que difficilmente poderão fazer viagem além do mar do Norte. Em junho de 1915 tinha mais 10 submarinos de grande modelo, e actualmente póde-se avaliar o seu numero total em 18. Não attendendo ás perdas, a esquadra submarina allemã deve compôr-se, hoje, de 29 barcos grandes e 16 pequenos; das [illegible] unidades perdidas, approximadamente, [illegible] eram d'estes ultimos.

Restam-lhe, pois, 14 submarinos capazes de fazerem larga viagem; 2 estão no Mediterraneo, portanto, só [illegible] ficaram no mar do Norte.

Se se attender ás reparações indispensaveis depois de cada viagem póde-se dizer que, n'este momento, a Allemanha dispõe de 8 submarinos grandes que possam operar fóra do mar do Norte».

A QUESTÃO DO ARROZ EM ITALIA

Do Corriere della Sera:

«Os ministros da agricultura e do thesouro, e o sub-secretario d'estado das finanças receberam hoje uma delegação das associações agricolas, das camaras de commercio, e das federações cooperativas das regiões onde se cultiva o arroz.

A delegação expoz aos representantes do governo as circumstancias difficeis em que se encontram as regiões productoras de arroz por causa da imprevista abundancia da nova colheita, existirem ainda perto de 2 milhões de quintaes d'arroz grosso da colheita, e continuar a prohibição d'exportal-o, tornando-se assim impossivel vendel-o.

Os ministros garantiram á delegação que dentro em pouco um decreto permittirá exportar até 500.000 quintaes de arroz, e reconheceram que talvez seja necessario elevar a permissão até 1.500.000 quintaes.»

O offerecimento da União Sul-Africana a Portugal

LONDRES, 25. — Telegrapham de Lourenço Marques á Agencia Reuter que a commissão de remonta militar foi recentemente á cidade do Cabo para comprar 500 cavallos para o governo portuguez. Segundo annuncio official, estes cavallos foram offerecidos pela União Sul-Africana e serão embarcados para Lisboa, d'onde se receberam manifestações de gratidão por tal facto.

As operações em Angola terminaram a revolta indigena inspirada pelos allemães. O general Eça regressa a Portugal. — (*Havas*).

PARIS DA GUERRA

A Cidade-luz ás escuras

Começa cahindo a noite e aquelles que conheceram o Paris do anno passado, a orgia de luz das grandes arterias, a illuminação sumptuosa dos cafés, os reclamos luminosos seguindo a linha dos telhados, não reconheceriam facilmente o Paris de agora. Os que o veem pela primeira vez podem phantasiar o que seria o Paris nocturno pela quantidade de luzes que se não accendem. Em qualquer «restaurant» por uma lampada accesa ha vinte apagadas e que nos alumiam estão, como os candieiros das ruas, toucadas d'um carapuço negro e escondidas com os toldos corridos.

Em resumo, com esta illuminação reduzida á vigesima parte a Boulevard dos Italianos é tal qual a Rua do Ouro em tempo normal. Façam v. ex.as idéa da tristeza da grande cidade.

O movimento é que não affrouxa até á hora de fecharem os cafés, até ás dez horas e meia da noite e, depois d'isso, ainda se mantem nos grandes boulevards até depois da meia noite. Assim que suspendem o «metro», os omnibus, o caminho de ferro de cintura e todos os meios de locomoção barata, então Paris vae-se despovoando. As meninas do asphalto insistem mais um pouco. Depois acabou-se. A rua dorme. Ainda — e apezar do rigorismo das ordens militares — ha cacifos mysteriosos, onde se vive até de madrugada; mas adeus «brasseries» de Montmartre, adeus «soupers» do «boulevard», adeus «Abbaye de Thelème» adeus «Maxim's»...

Tudo está fechado. Uma noite d'estas, voltando da Cigale, contemplei com desolação aquella primeira plataforma da Butte Sacrée que é a Place Pigale. Tudo fechado, tudo apagado, tudo ás escuras. Era lugubre a multidão desfilando na noite negra e sem estrellas.

E' collossal o prejuizo que a guerra causa aos estabelecimentos de noite, ás «tavernes» que abriam ao terminar dos espectaculos, como a da Olympia e tantas outras. Certo é que não está actualmente em Paris a clientela habitual d'essas casas: os rapazes novos e os estrangeiros. Aquelles estão na frente do combate, estes tranquillamente nos seus paizes á espera que acabe a maldita guerra. Restam apenas, contemplando com tristeza as portas fechadas, as clientes femininas, «les veuves de cinq louis», como lhes chama Forain.

* * *

Tenho encontrado uma porção de gente furiosa contra este estado de cousas. As incursões aereas dos «taubes» sobre Paris causaram tão diminuta impressão, tantissimos milhares de pessoas nem deram pela sua passagem, que já data de alguns mezes, que ha quem brame furioso contra o governo militar.

— Accendam as luzes e deixem-nos vêr!...

Quando, ha tempo, soaram nas ruas as businas dos bombeiros, prevenindo a população de que andavam aviões sobre Paris e, portanto, todos deviam descer para as «caves», o effeito foi que tudo veiu para a rua e, emquanto os «sergots» apagavam os candieiros, abriam-se todas as janellas, todos os narizes se viravam para a escuridão do ar a ver se conseguiam descortinar os sinistros passaros da morte.

Perante uma tal indifferença da população, voltaram a bramar os que queriam luz. Outros disseram então que não se trata agora apenas de defender as vidas: trata-se tambem de defender os monumentos, todas as maravilhas que esta Paris encerra: Notre Dame, o Louvre e tantos outros e até essa Torre Eiffel, hoje base de toda a telegraphia sem fios franceza, que mesmo de dia está resguardada e guardada por tropa de bayoneta ao leu.

Outros ainda disseram — e talvez estes não errassem muito — que, além de todas as razões expostas, ha ainda uma outra importante: a necessidade de poupar o carvão. O carvão é hoje ouro em pó. Não tardará que se uze nos alfinetes de gravata e a orgia luminosa de Paris consumia quantidades fabulosas d'essa preciosidade tão requestada hoje.

Os parisienses acabaram por se accommodar ás circumtancias. Enchem todas as noites os theatros e os cinemas. Não ha um logar vago nos «terrasses» dos grandes cafés até ás dez e meia e, quando chega o toque de recolher, todos obedecem resignados e vão-se deitar ou divertir-se em familia. As caravanas dos que voltam dos theatros, entre as onze e a meia noite, cruzam-se com os que recolhem e só os commerciantes lamentam a sua infelicidade.

Felizmente a guerra trouxe comsigo as moratorias.

Não se faz o negocio de out'ora; mas tambem os prazos commerciaes foram ampliados ou suspensos até ao fim das hostilidades. A vida apparente continua cheia de bom humor, de enthusiasmo mesmo, e para quem vem de Lisboa, ainda o Paris de noite, tal e qual como está, fornece distracções bastantes para que duas semanas passem como um relance.

Paris, 15 de setembro de 1915.

André Brun

A VIDA DO THEATRO

Um artigo de Maria Mattos

A phantasia e a realidade — Illusões d'uma actrizinha — Como aos 18 annos se representam velhas de 80 — A arte e o bom senso — Saudações ás que começam

Maria Mattos, a notavel actriz-emprezaria do Gymnasio, collabora hoje nas columnas de «A Capital». Intelligencia muito culta, mulher de espirito, o seu artigo, que publicamos em seguida, apenas confirma o elevado conceito em que a teem o publico e os seus camaradas. Em plena mocidade, a gentilissima artista é já agora uma das mais bellas figuras do theatro portuguez, em que só pelo seu talento, pelo seu estudo, pela sua perseverança, pelo seu caracter conquistou o logar que occupa. Vae estrear-se como emprezaria e tudo lhe propicia que será feliz e que a arte theatral lhe ficará devendo excellentes serviços. A proxima epoca no Gymnasio annuncia-se excepcionalmente brilhante. A primeira peça nova em que veremos Maria Mattos, intitula-se, como dissemos, Soror Marianna, um acto soberbo de Julio Dantas. N'ella se incumbiu do papel de abbadessa. Outra peça, tambem sensacional, em que lhe está reservado o mais importante papel, é O primo Bazilio que o sr. dr. Vaz Pereira extrahiu do celebre romance de Eça de Queiroz e que nos dizem ser um trabalho simplesmente primoroso. Maria Mattos encarregar-se-ha do curioso typo da creada Julianna. Quem duvida de que cada uma das interpretações que iremos admirar e applaudir significará um authentico triumpho?

Eis o artigo de Maria Mattos em que a illustre artista termina por saudar carinhosamente as juvenis comediantes que a seu lado e sob a sua direcção dentro em breves dias encetarão a carreira do theatro:

Não conheço nada que tanto apaixone e attraia a gente moça como o theatro. Por elle se abandonam cursos, se perdem logares, e conheço muita patriciasinha de orgulhosos pergaminhos, que, se a deixassem, de bom grado trocaria a etiqueta palaciana pela vida brilhante e intensa do tablado; e peor é o estygma que, infelizmente, pesa ainda sobre esta malaventurada profissão para a qual todos se julgam aptos, que toda a gente critica, e que tão poucos exercem com dignidade. O theatro! palavra magica que encerra nas suas tres sylabas um mundo de seducções; que attrae como um iman; especie de eden mysterioso onde parece só habitarem prazeres! Trabalho, mortificações, modestia e honestidade, póde lá haver n'esse logar tão apetecivel?!

E' rapaz, perdeu o anno, ou melhor, muitos annos; um officio é uma coisa pesada e dá cabo da saude; que melhor rumo de vida poderá escolher? O theatro. Não exige conhecimentos preparatorios e ao mesmo tempo é regalado e conduz indubitavelmente á celebridade. E' rapariga, gentil, com um palminho de cara muito recommendavel; possue esperteza e desenvoltura, um «à vontade» chic moderno, adquirido na convivencia dos collegios e na leitura de bons romances; mas é pobre e tem ambições; desejaria ter joias, vestidos caros, emfim, uma vida opulenta; onde melhor poderá alcançal-a senão no theatro? Porque ali não se faz nada a não ser decorar os papeis e repetil-os nos ensaios e nos espectaculos e com a boa vontade do emprezario e a protecção do ensaiador fez-se um figurão. E, de resto, para se interpretar um papel que mais será preciso do que, além dos dotes physicos, a «intuição», a famosa «intuição» com que muito boa gente, apesar de estarmos em 1915, ainda exclusivamente conta? E não vemos que ha cincoenta annos, quando as peças eram escriptas de proposito para A ou B, as celebridades em voga, e se resumiam n'um unico papel de destaque com grades tiradas cheias de brilho e sentimento ao gosto da epocha, e quem possuisse mais numero de attractivos plasticos, uma bella voz e enthusiasmo, facilmente attingiria o zenith da gloria.

Eis o segredo da abundancia de nomes privilegiados nas duas ultimas gerações. Mas as peças foram modificando-se, complicando-se, ganhando em verdade e sinceridade o que perderam da grandeza e simplicidade classicas; a sua acção foi-se difundindo por multiplas personagens e exigindo, por conseguinte, do artista a maior intelligencia a par do maior numero possivel de conhecimentos.

Lembro-me de que, quando era creança e me promettiam levar ao theatro, tres noites antes já eu não dormia, saboreando de ante-mão as magnificas commoções que me aguardavam; e quando mais tarde, pela perda de meu pae, fui obrigada a trabalhar para ganhar a minha vida, resolvi corajosamente o que a muitos poderá parecer uma phantasia irrealisavel; encetar a carreira do theatro para, ao mesmo tempo que satisfazia um grande desejo, ganhar honestamente o pão de cada dia. Entreguei-me ao trabalho com denodo.

No Conservatorio em breve me consideraram um assombro e toda a gente se convenceu de que seria preciso resuscitar a tragedia grega para eu deliciar as multidões com os meus gritos de dôr, a expressão patetica do meu olhar, a grandeza sublime do meu gesto. E, como não sou alta, scismava muita vez, avincando a sobrancelha, na necessidade imprescindivel de usar um calçado que me alteasse ahi uns bons oito ou dez centimetros.

Fui adorada, applaudida; olhavam-me como se realmente eu fosse um ge-

nio do qual seria licito esperar as maiores prologos; tive emfim o supremo orgulho de ver escolhida pêra mim n'uma explosão de [illegible] applauso, os maes mais [illegible] de Portugal! Que mais seria preciso para desvanecer uma cabecita de dezoito annos?

Ao abrirem-se-me solemnemente as portas da casa de Garrett, esperava ingenuamente que se iriam buscar e sacudir do pó do archivo as mais bellas peças do repertorio!

Vieram arrastando o bamalom... por pondo em altos brados a ingratidão de Hypolito ou outro figurão espapado. Qual não foi porém o meu espanto quando me entregaram, cesamente, hostilmente, um papel de característica, uma velha de oitenta annos, para a qual evidentemente não estava preparada? E depois outro, e mais outro, e todos emfim os que ninguem queria fazer;—porque isso é sabido e geral: os «bons» são os que teem pelo menos 150 «quartos de papel, são os que correspondem à expressão da mais ardente e [illegible] dos quaes o publico pode dizer maravilhado:—Sim senhor! Esplendida «toilette», E que hombros! Que colo! Isto para não dizer mais, porque a maior parte das vezes desmoralisa-se até uma personagem que o auctor fez virtuosa para se poder exibir a opulencia d'uns contornos que os quarenta arredondaram...

Comprehendi, n'um relance, que começava então a «viver» e que até ahi «sonhára».

Que seria de mim sem o bom senso que felizmente nunca me desamparou!

A primeira «velha» que me deram acceitei-a intrepidamente, apaixonei-me por ella, triumphei. Nunca cubicei os papeis das collegas e recebia os meus sem lhes tomar o peso. Admiraram-me porque um dia, perguntando-me o então administrador do theatro de D. Maria que papel desejaria fazer n'uma peça que ia ser distribuida, respondi simplesmente: o que me derem. E se alguma vez os meus dezoito annos tinham um impeto de revolta, parecia-me escutar ainda, como n'um murmurio, a voz doce do meu querido mestre D. João da Camara, dizendo:

—Nunca recuse um papel.—Em cada um d'elles ha um ser, uma alma, uma individualidade a reproduzir, e o que melhor o fizer, esse será o maior artista.

E assim fui colleccionando as minhas velhas a que hoje tenho muito amor, porque, emfim, com ellas me tenho achado.

Disseram-me um dia que tinha gravata, (?) de pedra e cal. Depois da surpreza da estreia, já nada poderia espantar-me; apenas uma indignaçãosinha me fez pulsar o coração.

E hoje, confesso, gosto immenso de ser olhada como uma pessoa benemerita que passa a sua vida a suavisar e distrahir as penas da humanidade. Tenho mesmo muito boas esperanças de que um dia se ha de inventar uma medalha para compensar os meus bons serviços, e então serei solemnemente condecorada de parceria com os meus camaradas Cardoso e Alegrim.

* * *

Acabaram o seu curso e breve se estrearão como actrizes duas alumnas premiadas do Conservatorio, Luiza Lopes e Celeste Leitão.

E' principalmente para ellas que eu escrevo estas linhas.

São ambas jovens, gentis; possuem magnificos dotes que são uma promessa radiosa. Trabalhando com perseverança, é certa a victoria, que mais brilhante será se nunca se esquecerem que no theatro o bom senso e a honestidade são qualidades bem raras em pessoas do nosso sexo. A ambas prometto a mais affectuosa camaradagem e aos frequentadores do Gymnasio muitas horas de boa e franca alegria.

Setembro de 1915.

Maria Mattos

PORTUGAL DESCONHECIDO

Barroso, fonte de saude

A descida quasi a pique, sob uma chuva diluviana, entre touças queimadas, é coisa de que o leitor nunca faria bem ideia. Os ramos carbonisados batendo e ensarratôscando as caras, as bestas deixando-se escorregar, nós segurando-nos aos cabrestos damnitas, e a agua entrando-nos pelo já minguado pescoço e sahindo-nos pelas já desfeitas plantas, é qualquer coisa que escapou ao Dante no *Inferno*. Verdade seja que chegar ao posto da guarda fiscal de Padornelos, accender uma fogueira para enxugar a roupa no corpo, beber dois golos de bagaceira e comer um bocado de atum de conserva com cebola e um dedal d'azeite, é qualquer coisa que escapou ao Milton no *Paraiso*.

Pelo cahir da tarde estavamos em Montalegre. Certamente o leitor acredita que comemos e dormimos bem, e como isto de comer e dormir bem, sobretudo de dormir bem, vae sendo, com a crise de subsistencias e a crise de revoluções, coisa por deveras apetecida, o leitor acredita que démos por bem empregada a enorme jornada e por bem ganho o nosso dia.

Espera-se pelo correio. O que se teria passado pelo mundo? Ter-se-hia feito a paz? O sr. Leotte do Rego não seria já o commandante da divisão naval? O sr. dr. José de Castro teria deixado de ser o estadista «empalhado»? O que teria acontecido?

Veem os jornaes. Na frente occidental, os mesmos duelos d'artilharia; na oriental, a tomada de decimamillionesima fortaleza russa pelos austro-allemães; nos Dardanellos, algumas cargas de baioneta. A divisão naval continúa a fazer exercicios em Cascaes; e o sr. dr. José de Castro continúa a convencer-se que o não ladearem os destinos para cavallarias altas e se deveria ter deixado ficar pela presidencia da Associação da Arroz.

Sacudo os jornaes, como um lobo sacode a presa. Levanto o olhar para as montanhas, para o céu. Mando aprompter a caravana; e fujo para o Alto Barroso.

O Cavado decorre serenamente. Uma perpalhaça canta! Por cima das restolhas plana um milhafre. Cae uma chuva miudinha. Por entre as silvas, as amoras espreitam como grandes olhos de insectos.

Passa-se o Cavado em Frades, alcança-se Cotellães, e eis-nos em Paredes. Despenhamo-nos nos braços robustos de Accacio de Barros, o mais perfeito barrosão que Barroso gerou e em cuja casa o viajante encontra sempre ancoradouro seguro.

Já lo sol declina, quando nos pômos a caminho para a Fecha Velha. Não me demoro a fazer a descripção da caminhada desde Parada do Outeiro até Pitões, pelo sopé do Gerez. E' qualquer coisa que vale um tomo; e é qualquer coisa que não é licito confiar aos meus recursos descriptivos. Imagine-se um encapellado oceano de pedras, que de repente se immobilisou. As vagas ameaçam ainda o céu, suspendem-se ainda sobre o pequeno vale. E' chapinhando na espuma verde d'esse oceano petrificado, que vamos trotando. Nada que nos revele o homem. Aqui e ali, um ou outro muro de pedra solta que serviam para levar os lobos até aos fojos. Atravessam-se moitas de carvalhos. O sol desapparece; e na densidade da floresta o crepusculo toma uns tons violaceos.

Prendem-se os cavallos a meia encosta, e é derrubando arvores, deslocando penedos, seguindo um corrego por onde suspira um fio de agua, que chegamos á formosissima cascata. Hei de deixar á photographia o encargo de dar uma ideia da belleza selvagem d'este canto de Barroso. Não ha de haver no mundo muitas coisas semelhantes.

O ribeiro perfura o enorme rochedo, precipita-se por um canal que a agua cavou, e vem tombar entre os fraguedos, dentre os quaes irrompe uma vegetação equatorial. Por cima da Fecha, pairam algumas aves de presa; no fundo, recorta-se o Gerez; a agua ruge sob as penedias em que mal equilibramos os corpos cançados; as vozes repercutem-se ao longe.

Passam ha seculos embasbacadas as gerações perante os rochedos, os vales, os lagos da Suissa, e eu morto ando por lá ir tambem embasbacar-me. Mas se alguns archimillionarios americanos presentissem estas maravilhas, viriam certamente das fontes do Mississipi e das Montanhas Rochosas passar alguns dias na contemplação d'estas bellas coisas.

Um outro paiz...

Sim, um outro paiz; uma estrada pelo vale do Cavado até Parada do Outeiro, á vista do Gerez, junto dos derradeiros refugios do corço e do javardo, e um caminho accessivel até á Fécha, alem de trazerem ao Alto Barroso os aquistas das Pedras, Vidago, Chaves e Verin, chamariam essas creaturas tonteadas do delirio deambulatorio, enfastiadas dos museus, fartas das praias, ressabiadas da cidade, e sedentas de natureza e do movimento.

Nenhuma estação de verão existiria em Portugal como Montalegre, desde que uma alma piedosa, ou um negociante arrojado, construisse nas proximidades um bom hotel, e desde que a estrada do Cavado, um bom caminho vicinal até ao Larouco, e a estrada já em construcção, que liga a capital barrosã directamente com Braga, facilitassem alguns bons passeios.

Barroso seria para o paiz uma fonte de saude, a grande estação de cura e de repouso. E esta pobre gente, cujo alimento principal é a sopa de leite desnatado, e precisa de emigrar, em camaradas, para as terras do vinho e do azeite, á busca d'uns patacos com que indireite a vida, conheceriam a prosperidade.

Era preciso para isso, no entanto, que os governantes pensassem n'outra coisa que não fosse nas intenções dos chefes dos grupos revolucionarios e que o paiz deixasse de tremer perante o carbonario, como uma criança deante do papão. E era preciso que todos nos déssemos ao trabalho de sabermos valorizar as nossas coisas.

N'um outro paiz...

Antonio Granjo

TOURADAS

Campo Pequeno.—Por occasião das festas commemorativas do 5.º anniversario da Republica, realisam-se na praça do Campo Pequeno duas corridas de touros, sendo uma na tarde de 5 de outubro com o concurso do matador «Gallito», a maior gloria taurina de Hespanha e outra na noite de 6, á antiga portugueza, com o rigor dos antigos torneios, figurando nas cortezias, o neto, pagens, charamelleiros, arautos, homens d'armas, passavantes, dois riquissimos coches tirados a tres parelhas, moços de estribeira, arcados, lacaios com os cavallos de combate, campinos e demais pessoal da arena. Na lide tomam parte 6 cavalleiros e os nossos melhores artistas de pé. A praça será artisticamente decorada, com tropheus, galhardetes, bandeiras, etc., devendo produzir um effeito surprehendente a tribuna presidencial, cuja decoração e illuminação está a cargo d'um distincto artista.

Para assistirem á corrida são convidados o presidente da Republica, governo, ministros das nações alliadas, presidentes do Senado e da Camara dos deputados, camara municipal de Lisboa, governador civil e outras entidades officiaes.

Escola Luciano Moreira.—Por motivo das festas da Republica realisa-se no proximo domingo na praça d'Algés, a tourada dos alumnos da escola Luciano Moreira, na qual fizeram a sua apresentação os novos alumnos que vão dar as suas provas de coragem para poderem ser admittidos no exercicio escolar de 1916.

Serão lidados 10 garraios, tendo os alumnos bilhetes especiaes para as suas familias e amigos. A distribuição de bilhetes e inscripção de alumnos continúa aberta na rua da Prata, 237, 2.º, até quinta-feira.

INTERESSES DE CABO VERDE

Irrigação e arborisação contra as crises de subsistencias

No extracto que fizemos no artigo anterior, do relatorio de Emmanuel Fredlaender, que tantas verdades contém, e algumas das quaes já por nós foram aqui debatidas, encontra-se no assumpto que agora tratamos outra de extraordinario valor, quando affirma *«não se tendo feito até hoje uma pesquiza minuciosa nos cursos de agua nem elaborado um regulamento que sistematise tão importante serviço»*.

Esta declaração preciosa para nós serve para que insistamos para que se applique a Cabo Verde, e sem delongas, isto é, se se quizer enveredar a sério no caminho de attenuar as crises de fome no archipelago, o regulamento dos serviços hidraulicos d'aqui, com as convenientes modificações, de fórma a atacar-se o problema mais vital, que é o da irrigação em Cabo Verde.

Em primeiro logar, impunha-se a necessidade de determinar a superficie, em kilometros quadrados, das bacias das mais importantes ribeiras de Cabo Verde, o comprimento dos seus cursos, a largura em metros do curso de agua inferior de cada ribeira, e determinar em metros cubicos por segundo o debito dos cursos de agua inferiores. Feito isto, impunha-se a necessidade de substituir as actuaes levadas d'essas ribeiras, que teem o leito de terra e as paredes de pedras seccas, perdendo assim por derramo e infiltração mais de 60 % da agua que a represa lhes distribue para a rega, pelo sistema mais moderno, qual é o da applicação das calhas americanas de ferro zincado, de longa duração e que garantem que se não perde uma unica gotta de agua. Isto feito, installar-se-hiam novas levadas para a irrigação de novos terrenos, e, não sendo possivel recorrer a este sistema em muitas ribeiras cavadas a prumo, impunha-se a adopção da elevação de aguas até aos bons terrenos irrigaveis, fóra do leito das ribeiras, empregando, como possivel fosse, desde o carneiro hidraulico até á mais potente bomba a vapor. E, é evidente que com um regulamento dos serviços da hidraulica, prevista seria a hipothese, facil de dar-se, da opposição de um ou outro proprietario na installação de novas levadas, machinas elevatorias, ou outras, o que se evitaria com a expropriação urgente e de utilidade publica dos terrenos necessarios para taes obras. Só com estes serviços, e até se considerarem bem montados, se gastariam bastantes annos, que seriam bem empregados pelo augmento sempre constante da area irrigada, que é precisamente o que pode concorrer extraordinariamente para a diminuição crescente do perigo das crises de subsistencias.

A receita para fazer face ás despezas com estes serviços seriam as mesmas que foram previstas no regulamento dos serviços da hidraulica aqui, e, á medida que as levadas fossem sendo melhoradas, facil seria exigir aos proprietarios o pagamento da agua consumida, á taxa usual nos grandes paizes, e que regula por 5 escudos por anno e por litro d'agua por segundo, assim como se determinaria o modulo para a medição de agua para a irrigação.

Aos serviços da hidraulica competiria a arborisação de todos os terrenos fazendo parte integrante da bacia hidrographica de cada ribeira, bem como o serviço de policia em todas essas ribeiras.

1.º este o problema capital a atacar n'uma possivel organisação dos serviços hidraulicos em Cabo Verde, se o serio se quizer encerar o problema das crises de subsistencias.

Como serviços complementares ficariam sendo a construcção de albufeiras destinadas á retenção das aguas da chuva, para a agricultura d'ellas se servir no tempo secco. Isto já é um serviço grandioso. Se estudarmos o mappa da chuva medida em Cabo Verde em 1914, encontraremos uma minima de 184$^m/_m$ em 20 dias e uma maxima de 887$^m/_m$ no mesmo periodo.

Fazendo a reducção a litros e a hectares, veremos que no maximo um hectare de terra recebeu durante o periodo das chuvas 9.100:000 litros de agua, e no minimo 1.820:000 litros. Se considerarmos que a terra tenha absorvido metade d'esta agua, para o mar e em correntes foram no minimo 910:000 litros e no maximo 4.550:000 litros por cada hectare, nos vinte dias de chuva. Imagine-se quanta riqueza se não perde em Cabo Verde todos os annos, por não se fazer como a formiga. Mas é evidente que a construcção das barragens é cara, mesmo que se deite a mão a tudo quanto de pratico tem a construcção do beton armado, mas, por caro que seja, é util, e que basta para ser justificavel a sua construcção mais ou menos immediata.

Feita apenas a terceira serie de serviços a que a hidraulica em Cabo Verde teria tambem de lançar mão, que seria as furagens, artesianas ou não, para trazer á superficie da terra as correntes subterraneas que existem como Friedlaender as assignalou no seu relatorio.

Quem se tenha dedicado á instructiva leitura dos livros de colonisação moderna não pode desconhecer o immenso valor dos trabalhos de perfuração levados a effeito pelos inglezes na Australia, pelos americanos no Hawai e pelos francezes na Argelia, que lhe permittiram innundar com agua extensos territorios, considerados inuteis nos primeiros reconhecimentos.

Na Australia os inglezes conseguiram ter uma furagem por cada 500 hectares, quando nos primeiros annos a aparente falta de agua dificultou enormemente a fixação de colonos, que tinham de importar agua de territorios fronteiros, e, embora as maiores quantidades de agua sejam mais ou menos carregadas de sal, isto não obsta a que sejam empregadas na irrigação e consumidas pelo gado, o que levou tão extenso territorio a ser o fornecedor, de quasi todo o mundo, de lã e carne conservada.

Na Argelia os francezes conseguiram com as furagens artesianas ou não encher de agua territorios desertos e que são hoje deliciosos oasis.

No Hawai os americanos, mercê do emprego das furagens e de todos os inventos modernos de potentes bombas, conseguiram fazer d'um archipelago semelhante ao de Cabo Verde no tempo em que ali dominava uma princesa malaia um paiz que é um modelo de producção agricola seja encarado por que lado fôr, e onde a profundidade dos poços, a extensão de canaes a ocuabertos e subterraneos, os ferniduveis debitos, tornam bem americana essa terra pelos valorosos emprehendimentos ali levados a cabo com exito cada vez mais crescente, porque esses engenheiros são os de mais expediente de todo o mundo e não conhecem obstaculos que não sejam venciveis; se não fôr n'um dia, será no outro.

Pois em Cabo Verde ha extensos territorios que não podendo ser irrigados por agua que venha d'outras ribeiras, o poderão ser um dia com agua que os poços profundos lhe forneçam. E, se até hoje nada tem sido feito, para se manter um principio já hoje consagrado, que a maioria dos portuguezes morrem por não fazer nada, um dia virá que os elementos da rotina, esmagados pela força bruta do caminho de ferro do progresso, marchando com a mais vertiginosa velocidade, os arremessados para longe como empecilhos deixem que o instincto trabalhador se multiplique e produza.

São estes, mais que nenhuns outros, os serviços propriamente praticos em Cabo Verde e que podem marcar a iniciação de um periodo de ataque efficaz contra as crises de subsistencias. Seja a agua superficial applicada na irrigação até á ultima gotta, modificando-se as levadas, fazendo elevações de agua por meio das mais modernas Worthington a vapor ou não, deslocando de fundas ribeiras com mais de 200 metros de altura quasi a prumo, para as planicies que se lhe seguem, os milhões de metros cubicos de agua que diariamente vão para o mar sem nenhum aproveitamento, quando o teem, e por fim revolva-se o interior da terra com as barras das perfuradoras procurando o liquido fecundante por excellencia na agricultura caboverdeana, que os resultados praticos serão de molde a justificar a tal orientação, que será o ponto de partida para mais amplos emprehendimentos, que poderão ser levados a effeito por copia do que a tal respeito nos mostra o grandioso paiz que é a America do Norte.

Feito isto, arborisemos então methodicamente, começando pelos terrenos adjacentes ás bacias hidrographicas mais importantes, mas defendendo a arborisação, com mão de ferro, de todos aquelles que a queiram destruir por qualquer modo, porque o arvoredo exercerá uma tão poderosa influencia na regular distribuição das chuvas que deve ser defendido contra os vandalos, pelos mais rigorosos sistemas, que uma vez conhecidos desenvolverão o culto pela arvore. Com pannos quentes conseguir-se-ha apenas que o devasto seja constante, atirando-se ao mar todo o trabalho que se fôr fazendo.

N'um proximo artigo desenvolveremos o estudo sobre a arborisação de Cabo Verde, segundo problema importante para o ataque contra as crises de subsistencias.

Armando Xavier da Fonseca.

Corridas de touros á hespanhola no Olympia

Realisa-se ámanhã a primeira exhibição do celebre «film» tauromachico tirado durante a ultima corrida de touros em Valencia e que segundo as informações que obtivemos representa um maravilhoso trabalho cinematographico.

A importancia que a Casa Gaumont dispendeu para lhe ser permittido tirar este «film» foi de 10:000 pesetas.

Damos em seguida o detalhe da corrida:

1.º touro, Raphael Gomez *Gallo*
2.º » Joselito Gomez *Gallito*
3.º » Juan Belmonte
4.º » Alejandro Salaz *Saleri*

Intervallo

5.º touro, Raphael Gomez *Gallo*
6.º » Joselito Gomez *Gallito*
7.º » Juan Belmonte
8.º » Alejandro Salaz *Saleri*

Durante a exhibição d'este «film» serão executados trechos musicaes apropriados.

Melhoramentos locaes

Avenida marginal do Barreiro

BARREIRO, 20.—Quem ha dez annos tivesse visitado esta villa e só agora cá voltasse, por certo que a não reconheceria. O progresso que n'ella se tem manifestado continúa desenvolvendo-se de fórma digna de admiração, attendendo aos limitados recursos da camara municipal, mas que se explica pela boa vontade que emprega em vencer os obstaculos que se oppõem aos seus desejos.

Novas ruas, obedecendo a um plano determinado, teem sido abertas, e, apesar da difficuldade da empreza, trata-se da construcção da projectada avenida marginal, o que trará apreciaveis beneficios para o commercio e industria do Barreiro.

Para realisar este melhoramento poderia a camara contrahir um emprestimo que iria pagando com o producto da venda dos terrenos conquistados ao Tejo.

No dia 18 d'este mez inaugurou-se o mercado diario, cuja falta ha muito era sentida.

A população d'esta villa é já de cinco a seis mil habitantes, e dentro em pouco chegará a duplicar, porque ha aqui uma intensa vida industrial; são importantes as fabricas de cortiça e de adubos, e numeroso o pessoal das officinas do caminho de ferro.

Torna-se necessario que os barreirenses façam as maximas diligencias para levarem á pratica a construcção da avenida marginal, que é o complemento natural dos melhoramentos da villa, e assim approveitar-se-hiam os terrenos que na baixa-mar ficam a descoberto e actualmente não teem a menor utilidade. Este assumpto até já foi tratado no parlamento.

Construindo-se n'elles a avenida, todos tinham a ganhar com tal deliberação. Ha aqui importantes elementos para fazer d'esta villa uma cidade. O que se torna necessario é approveital-os convenientemente.

Ligado a ella, e constituindo um dos seus mais pittorescos arredores, está já o Lavradio, afamado pelos seus deliciosos vinhos, que não receiam o confronto com os de Carcavellos; e seu «Bestardinho» não tem rival.

Com a continuação da linha ferrea do Barreiro a Cacilhas toda a margem esquerda do Tejo se transformará, se os governos tiverem o bom senso de aproveitar as suas naturaes energias, tornando-se, pois, indispensavel, que auxiliem as legitimas aspirações do Barreiro, com que o paiz só tem a lucrar.—R.

Poeira da Arcada

O actual governo é tido por muita gente como um quasi defuncto. Accusam-no de não corresponder ás necessidades do momento. Parece, porem, que nada é facil descobrir, desde já, entre que lhe succeda. A' proporção que esta difficuldade fôr crescendo, o sr. José de Castro e os seus collaboradores garantem-se contra os maus juizos. Provisoriamente tomam as tintas de um ponto delicioso.

* * *

Portugal carece, sobretudo, de uma refundição geral do seu organismo. As velharias, os vicios, as rotinas, as ideias e praticas phariseicas sufocam-no. Como chegámos a uma idade em que a vida se manifesta pelo esforço constante para renovar-se e exceder-se, calcule-se a quantidade de teias de aranha que temos de deitar abaixo. Os que só vivem na adoração do logar commum e dos mandamentos da servidão muito teem que carpir-se.

* * *

Os povos balkanicos provavelmente vão lançar-se na guerra. A grande cirurgia trata de proceder a novas, dolorosas operações. Lá para d'aqui a um anno, a Europa deve ter muito que contar. As energias jovens das raças estarão fortemente desfalcadas, mas os espectros dansarão, nos campos devastados e nas cidades em ruinas, á luz saudosa do luar, sarabandas tragicas dignas de um quadro do Juizo Final. E os povos recomeçarão um novo ciclo de loucuras e de crimes. A cruz de Christo lançará a sua sombra sobre a terra, para accentuar que nesta a morte é uma realidade tão poderosa que só ella é capaz de medir o genio e a sensibilidade dos homens.

As finanças inglezas

As despezas militares

Londres, 21 de setembro

Apresentando o segundo orçamento da guerra, o sr. Mac Kenna communicou que o orçamento de novembro dará um augmento de receitas que subiu a 68 milhões de libras.

«Agora, disse o ministro, é preciso pedir á Camara que approve encargos sem precedentes. No exercicio de 1913-1914, a despesa e a receita equilibravam-se em 198 milhões de libras; no exercicio de 1914-1915, as receitas subiram a 227 milhões e as despezas a 561; no exercicio actual, a receita está calculada em 272 milhões e a despeza em 1.590 milhões. A divida, no fim do exercicio deve elevar-se a 2.200 milhões de libras.

Mais tarde será necessario pedir um novo emprestimo e prever despezas; para a marinha 190 milhões de libras, e para o exercito 715 milhões, porque só os adeantamentos externos sobem a 423 milhões.

As despezas diarias estão calculadas em quatro milhões e meio de libras, elevando-se, talvez, nos fins do exercicio a cinco milhões.

A respeito dos novos impostos, o sr. Kenna propoz o augmento de 40 por cento sobre o imposto do rendimento actual; até agora estavam isentos os rendimentos e salarios inferiores a 160 libras, mas o ministro propoz que de futuro a isenção seja apenas para os inferiores a 130 libras.

Actualmente os pequenos contribuintes só pagam imposto sobre o excedente de salario ou rendimento de 100 libras; para o futuro só ficam isentos os rendimentos até 120 libras, podendo o imposto ser pago nos semestres.

O effeito d'estas modificações só começará a sentir-se completamente no proximo exercicio; no actual poderá augmentar 11.272:000 libras, mas n'um exercicio completo o augmento será de 37.400:000 libras. O accrescimo resultante do imposto supplementar sobre o rendimento elevando-se a 8.000 libras; ou mais, dará um augmento nas receitas d'este exercicio que deve montar a 2.150:000 libras.

Mais propoz o sr. Kenna levantar 50 por cento sobre todos os augmentos de beneficios do anno passado. Este imposto sobre os beneficios produzirá, no exercicio actual, 6 milhões, e n'um exercicio completo, 30.

«Temos que attender, disse o sr. Kenna, ao cambio da libra no estrangeiro, e devemos reduzir as importações; se podessemos diminuil-as por meio de taxas, diminuir o consumo, e garantir receitas, teriamos então encontrado o systema fiscal ideal.

A nossa taxa mais importante é o imposto do rendimento; proponho que á já existente se augmente 40 por cento. Triplicamos a divida nacional e duplicamos os impostos, e, se a guerra continuar não ficaremos por aqui, novas propostas teremos que apresentar. O nosso grande recurso é a inexgotavel boa vontade do nosso povo em tomar a sua parte dos encargos nacionaes.

Ficam augmentados em 50 por cento os impostos sobre o chá, o tabaco, o café, a chicorea, o cacau e as fructas; os impostos sobre a cerveja e bebidas alcoolicas ficam os mesmos; é augmentado em 3 «pennys» o imposto sobre a essencia para automoveis; e dos vinhos não soffre augmento algum. Devemos reduzir as nossas despezas em objectos de luxo, podemos portanto augmentar ainda as taxas sobre automoveis, fitas cinematographicas, relogios de parede e d'algibeira, instrumentos de musica, mostradores d'estabelecimentos, e chapeus.

Proponho que sobre cada um d'estes artigos recaiam os direitos d'entrada d'um terço do seu valor.

As modificações das tarifas postaes produzirão um augmento de 4.975:000 libras por anno; ficam supprimidas as encommendas postaes de dois pennys.

Apoz uma breve discussão em que a assembleia approvou em conjuncto as propostas do governo, foi o orçamento approvado por unanimidade.

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

«As minhas revoltas»

Bento Caeiro é um poeta já conhecido e consagrado. A confirmar os seus dotes vem a nova producção que acaba de apparecer, *As minhas revoltas*, em que o poeta se affirma brilhantemente. E o melhor elogio que da sua obra podemos fazer, fica exarado nas palavras que acabamos de escrever.

«Procural»

D'esta revista forense mensal sahiu o n.º 12 da 2.ª serie, correspondente ao mez corrente, trazendo, entre outros assumptos, uma resenha de legislação e de jurisprudencia. Com o presente numero, fecha o 2.º volume, trazendo um indice das materias n'elle contidas.

Ultimas noticias

A grande guerra

A attitude da Bulgaria

SOFIA, 23.—Os circulos governamentaes declaram que a Bulgaria não tem intenções aggressivas, mas firmemente resolvida a defender os seus direitos e a independencia da Bulgaria, foi obrigada, em razão dos movimentos de tropas nos paizes visinhos e da offensiva austro-allemã contra a Servia, a proclamar a neutralidade do exercito, continuando entretanto a conferenciar com os dois grupos belligerantes—(*Havas*).

FESTAS ESCOLARES

As do Gremio de Instrucção Liberal de Campo de Ourique

decorrem no meio do maior enthusiasmo

O Gremio de Instrucção Liberal de Campo de Ourique realisou hoje a sua festa annual para entrega de diplomas e brindes aos alumnos que durante o anno lectivo findo frequentaram as suas aulas.

O Gremio de Instrucção Liberal de Campo de Ourique tem a séde na rua da Arrabida, 110, no edificio do velho e conhecido theatro Almeida Garrett, que ha annos ardeu por completo. Sobre as ruinas d'este club bairrista, levantaram dedicados amigos da instrucção as salas do novo Gremio, onde hoje mais de noventa creanças recebem a instrucção das primeiras lettras. A sala da aula, ampla, arejada, cheia de luz, fica á direita de quem entra, sobre o pateo. N'esta armou-se a kermesse hoje inaugurada, e mais para o fundo no barracão dos jogos foram collocadas duas amplas e compridas mesas para o *lunch* que constou de sandwichs de fiambre, carne e queijo, vinho, capilé, bolos sortidos e bombons.

O Gremio tem, além d'outros repartimentos, casa de banhos com agua quente e fria e onde gratuitamente as creanças se banham todas as quintas-feiras, bibliotheca, refeitorio, cantina, etc.

Abriu a sessão solemne o sr. Antonio de Oliveira Arthur que convidou para assumir a presidencia o representante da Camara Municipal sr. Abel Sebroza que se fez secretariar pelas professoras do Gremio sras.ª D. Maria das Denominações Neves Costa e Elisa Augusta Neves dos Santos.

Usaram da palavra enaltecendo os trabalhos do Gremio e louvando o seu esforço educativo os srs. Carneiro de Moura, Agostinho Fortes, Simões Raposo, Antonio Pereira Martha e Antonio Maria Abrantes, terminando a sessão pelo hymno nacional, em côro, pelas 19 horas.

Todos os alumnos, em numero de 90, cincoenta do sexo masculino e quarenta do feminino, receberam, como recompensa dos seus trabalhos findos, lembranças varias que constavam de peugas, córtes de bibes, *blouses*, etc. Foram desenhados os premiados por terem ficado approvados nos seus exames; sendo 10 do 1.º grau e 6 do 2.º, a saber: 1.º grau—Aurora da Piedade Pilippe, Flora Esmeralda de Mattos, Ilda Mendes Ribeiro, Leopoldina Pereira, Maria da Conceição Pimenta, Alexandre Pessoa, Americo Lopes Bello, Fernando Guilherme Cardoso Gonçalves, José Affonso de Deus e Real Maria Elió; com estojos para desenho. 2.º grau—Helena da Conceição Pereira, Americo Lopes Bello, Arthur Pereira Martha, Carlos Lopes Bello, Fernando Guilherme Cardoso Gonçalves e Bemvindo Carvalho Carneso; com estojos para agulhas e palheira de crochet.

A commissão escolar era composta pelos socios srs. João Ferreira David, Antonio Maria Cardoso e Alfredo José Cardoso Gonçalves.

Todas as festas decorreram no meio da maior alegria, abrilhantadas pela Sociedade Philarmonica Alumnos de Apollo.

O edificio é illuminado a luz electrica, continuando á noite a venda de rifas na kermesse, que promette ter bastante concorrencia.

Um anonimo enviou ao sr. Julio Estrella a importancia para pagamento de propinas e matriculas no 1.º anno do lyceu, ao alumno João Silva, de 10 annos, que fez exame do 1.º e 2.º graus.

Seguiu-se um sarau em que tomaram parte o prestidigitador sr. Pedro Augusto de Freitas, os actores Alfredo Silva e Agostinho Silva, um grupo de professores da orchestra do Salão dos Anjos e um grupo de bandolinistas.

Terminou a festa cerca das 19 horas.

No Centro Escolar dos Voluntarios de Arroyos

Para distribuição de premios aos alumnos que se distinguiram no ultimo anno escolar, realisou-se hoje uma festa, que decorreu muito animada, no Centro Escolar do Grupo Civil Republica n.º 4, Voluntarios de Arroyos.

A's 13 horas foi servido um *lunch* ás 80 creanças que frequentam a escola, constando de «sandwichs», bolos, cerveja e gazoza, que foi servido pelos srs. Julio Estrella, Guilherme e Armando Pinto e pelas sr.ªs D. Amelia e D. Henriqueta Estrella e D. Carolina Pinto. Seguidamente o sr. Julio Estrella abriu a sessão solemne, expondo os fins da festa, historiando a vida da escola do Centro e incitando as creanças á aplicação ao estudo, porque só depois do povo educado Portugal será grande, livre e independente. Faz um caloroso elogio do sr. dr. Salgueiro de Almeida, a quem convida para a presidencia.

O sr. dr. Salgueiro d'Almeida, que foi secretariado pelo sr. Henrique Campos Pinto e pela sr.ª D. Maria José Gomes Pinto, n'um bello discurso fala sobre a escola, os seus resultados e o que ella representa atravez de todos os tempos no campo da civilisação. Fala ainda sobre os premios que vão ser entregues como recompensa aos que se distinguiram pelo seu aproveitamento.

Os premios, que constavam de livros, estojos de desenho e escripta e diplomas, foram distribuidos por madame Salgueiro d'Almeida, sendo os seguintes os premiados: Fernando Silva, José Dias e João Silva, approvados no exame de 1.º grau; Ayres Ferreira, Sebastião Lago, Antonio Correia, João Silva, Humberto Ferreira e Augusto Figueiredo, approvados no do 2.º grau.

Leotte do Rego

O sr. Leotte do Rego, illustre commandante da divisão naval, encontra-se de cama desde quarta-feira á noite, com uma inflammação do figado aggravada por padecimentos do estomago e intestinos. Além de dores constantes, tem tido algumas colicas violentas de estomago e figado, que só cedem pela acção de narcoticos. O seu medico assistente, sr. dr. Craveiro Lopes, espera que a doença entre agora n'uma marcha mais favoravel, visto que já hoje verificou o desapparecimento da temperatura. Ainda assim, o enfermo passou a tarde bastante agitado principalmente por causa da permanencia das dores. Fazemos votos pelas suas rapidas e completas melhoras.

Concurso nacional de tiro

Começaram hoje na carreira de Pedrouços as provas do concurso nacional de tiro, havendo 458 inscripções e fazendo fogo 300 atiradores, das 11 ás 17 horas. A'manhã, o fogo será das 8 ás 17.

As provas de hoje e ámanhã são para a prova Gomes Freire, fogo a 300 metros.

Ao jury, que é formado por officiaes representantes de todas as armas, sr. Fonseca Dias, representante da camara municipal, delegados da União dos Atiradores Civis, Grupo Patria e das Sociedades de Instrucção Militar Preparatoria, preside o general sr. Francisco Rodrigues da Silva.

A affluencia de espectadores, entre os quaes muitas senhoras, foi hoje numerosa.

PEQUENAS NOTICIAS

Em Almada, começará a publicar-se no proximo mez um novo semanario republicano, sob a direcção do deputado e jornalista sr. Ribeiro de Carvalho.

— Na enfermaria 4 do hospital de S. José deu entrada Paulo Augusto Esteves, barbeiro e fiscal da companhia de seguros Fenix, que andando em serviço de avaliação na fabrica da Arrabida, ao Caramujo, onde ha dias houve incendio, cahiu, fracturando o braço direito.

Instrucção Militar Preparatoria

Sociedade n.º 3—Havendo absoluta necessidade de communicar a todos os socios das 1.ª e 2.ª secções que tenham pratica com tiro de arma de guerra um assumpto de maxima importancia não só para cada um individualmente e para esta Sociedade, como ainda para defesa da Patria, o director da instrucção previne todos os alistados que estejam n'estas condições que devem comparecer na séde, rua do Mundo, 81, 3.º, ámanhã, 27, pelas 21 horas, impreterivelmente, a fim de lhes serem dadas instrucções.

Na séde prestam-se todos os esclarecimentos sobre instrucção militar preparatoria e está aberta a inscripção de socios para as 1.ª e 2.ª secções todas as noites das 20 ás 23 horas.

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

Associação do Registo Civil

Reune ámanhã, ás 20 e meia horas, a assembleia geral, para continuação da discussão e votação do projecto de reforma de estatutos.

Embriaguez fatal

Antonio Jorge, morador na travessa de Santa Gertrudes, 60, loja, embriagou-se hontem á noite de tal fórma que lhe deu para ir para a rua do Conde e tentar subir ali ao primeiro andar da casa que tem o numero 29. Perdendo o equilibrio, cahiu, fracturando o craneo pela base.

Conduzido ao hospital de S. José, depois de pensado deu entrada na enfermaria 4, fallecendo momentos depois. O cadaver foi removido para a casa das observações.

CONTOS E CHRONICAS

D. PACO

Leitor amigo—Na minha ultima chronica deixei-te suspenso, pendurado n'um ponto de *interrogação*. De facto, eu, que te havia apresentado D. Paco, perguntava a mim proprio: mas quem é, afinal, D. Paco?

Ora, passaram dias, bastantes até, sem que eu tornasse a ver a misteriosa personagem. O caso intrigou-me, confesso. Onde diabo se metoria elle? Tratava-se de um aventureiro? Quem o poderia ser? Impuzera-me a tarefa de descobrir o rastro de D. Paco.

Durante o jantar, na grande sala do hotel, atravez as lentes dos meus grandes oculos, observei attentamente todos os hospedes. O hotel está cheio.

Chamam a isto a Enseada-Azul. Puro engano. Dos Estoris, o Monte, é o principado de D. Francisco, o illustre empresario do Casino, senhor da roleta, Enseada Verde onde a gente se vê azul. Assim é—está certo.

D. Paco não compareceu á meza. Ter-se-hia elle disfarçado?

Ataco o jantar. O *menú* é sempre o sempre o mesmo. Quando um paradisiano se hospeda cá no hotel, tem de declarar previamente quatro dias se se demora, e isto por causa da pescada. E' verdade.

Se declara que vem aqui passar um mez, o mestre da cosinha pega n'uma pescada e, graças a uma simples operação arithmetica, divide a pescada em sessenta postas. Durante esse mez o hospede já sabe que tem de comer uma posta ao almoço e outra ao jantar. Como prato de sensação servem-lhe uma pastois de borracha endurecida onde se acoutam perdidas particulas de um explosivo de composição secreta. Ha tambem um *roast-beef* em cimento armado e umas costeletas de carneiro no *natural*, isto é, umas costeletas que sabem a carneiro com lã e tudo. Merece especial menção o doce, um certo *pudding* feito de esponja e que se serve com um molho de tinta vermelha communicativa.

D. Paco não apparece. Ter-se-hia elle disfarçado? Occorre-me esta idéia ao vêr passar perto de mim um sujeito que deslisa serenamente, com um passo tão sereno, tão miudo que me dá a impressão de que tem rodas de borracha ou que toma parte n'um d'esses jogos a que chamam a corrida do ovo. E é que não larga o ovo.

Tento desencantar o D. Paco na pessoa do abastado capitalista X, um sujeito gordo, flacido, possuidor de tres grandes brilhantes e de dois enormes pés onde elle pratica a cultura intensiva dos callos vivaces. Junto do abastado capitalista assenta-se a esposa, D. Dyonisia, uma senhora gorducha, com olhos de vitella hollandeza e que tem o mau gosto de não frisar o bigode.

D. Paco não apparece.

Olho ainda para a mesa junto da janella. Vejo duas senhoras escuras que alguem me diz serem duas princezas do Congo que viajam sob incognito. Na mesa contigua está jantando um cavalheiro diplomata que possue uma cabeça decorativa onde o cabello se aparta n'uma simples avenida que vae dar a uma espaçosa careca.

N'este momento irrompe na sala uma senhora, a quem apenas conheço de vista e a quem puzeram a alcunha de *besouro*. A dama em questão pertence ao numero das pessoas que nasceram com meia hora de atrazo. Eu conheço muita gente a quem aconteceu esta sensaboria. Passam a vida sempre a correr de um lado para o outro; chegam sempre tarde a toda a parte e nunca conseguem alcançar a tal meia hora de atrazo com que entraram n'este mundo.

Attendendo a que D. Paco continúa ausente, resolvo ir procural-o n'outra parte. Para evitar demoras desisto de vencer a costelleta de carneiro com quem estou luctando ha perto de um quarto de hora e dirijo-me para o Casino. E' impossivel que ali não encontre o D. Paco. São dez horas da noite. Ha grande animação.

Uma coisa que eu ha muito noteiaqui, no Estoril, anda tudo trocado. No hotel estão trocadas as casacas dos criados, no casino e nas praias estão trocados os maridos e as mulheres de quasi todos os maridos. E' verdade. O marido de M.me F. anda trocado com o marido de M.me L. Ouço dizer que isto dá um certo resultado que se traduz n'uma desmedida sorte nas paradas ao encarnado e em varios plenos no onze. Assim se explica que tanta gente jogue nas approximações.

Na roleta, junto á margem da Enseada Verde, varios cavalheiros e maior numero de damas, dedicam-se ao hygienico *sport* da pesca da *pescadinha*. Esta pesca faz-se sem isco. Demanda apenas algum sangue frio e uma grande attenção nas *pescas* do proximo. Os amadores d'esse *sport*, a que tambem chamam *pescanço*, adoptam por divisa: *deixae vir a mim os pequeninos*.

A respeito de D. Paco, nem novas nem mandados.

Desço á sala dos concertos onde está tocando um bellissimo sextetto, com acompanhamento de cadeiras arrastadas, risos malcreados e outras manifestações de boa educação selvagem, d'um *auditorio* onde ha mais pó de arroz e *cold cream* do que tintura de Felix Pereira.

Dos artistas que compõem o sextetto ha a destacar um eximio violoncellista, um moço imberbe cheio de talento e de somno. D. Conrado, o chefe do sextetto, é um *gentleman* que usa permanentemente um sorriso e tambem usa umas pernas desmedidamente compridas que elle estende no palco e que occupam toda a diagonal da direita alta até á esquerda baixa. D. Conrado é uma creatura extremamente delicada. Brinca-lhe nos labios um permanente sorriso. N'elle tudo sorri: as barbas, as lunetas, os olhos e até as algibeiras das calças que se escancaram n'um bom *riso* franco. D. Conrado é o querido das meninas solteiras maiores de 50 annos. Em face de D. Conrado assenta-se o 2.º violino, um sujeito calvo, obeso, que tem a apparencia feliz do quem passa a vida assentado n'um semicupio morno.

D. Oden é o 1.º violino. Além de artista, posição correctissima, uma bella execução. Toca sempre de olhos no chão na esperança de encontrar um alfinete de gravata que perdeu ha annos.

Terminou a primeira parte do concerto e resolvo então vir até ao terraço do casino. Assistencia numerosa e muito escolhida. N'um grupo vejo duas jovens trajando á ultima moda, penteado repuxado e guarnecido a pontos de interrogação, saias de folhos, genero *abat-jour*, chapeu de grande aba colocado á meia esquadria. Junto das jovens a mãe, muitissimo quarentona, veste de claro e ostenta um par de pés calçados n'uns sapatos de pseudo camurça que dão a impressão de duas enormes ostras pintadas de branco. As jovens escutam embevecidas um moço arrojado de monoculo, que lhes fala de arte e de litteratura citando auctores que nunca existiram. E' incalculavel o numero de cavalheiros que usam monoculo. Em geral são excellentes moços que se habituaram a usar um só olho por terem desistido de comprehender o que as outras pessoas veem com os dois olhos.

Vou a retirar-me, já desanimado de poder encontrar D. Paco quando, no angulo da varanda, no recanto onde pousa uma sombra protectora vejo madame X com o diplomata Z. A proximidade faz que me approxime.

Ouço um final de dialogo:

Elle—¡Então está dito, amanhã vaes á praia ás 10 horas.

Ella—(*Encantadoramente desavergonhada*) Sim meu amôr.

Elle—Espero que o pateta do teu marido nos favorecerá com a sua ausencia.

Ella—O Carlos vae almoçar com a condessa.

Elle—Estão outra vez apaixonados?

Ella—Bem sabes que ella de quem gosta é do dr. F, mas, para nos ser agradavel.. E' uma excellente amiga aquella Bibi..

Elle—Sabes o que calhava bem? (*murmurou o quer que seja ao ouvido da dama*).

Ella—(*N'um sorriso de tres respostas*) do onze? pois seja.

N'isto apparece o marido da dama do sorriso.

O *marido*—Vocês não acreditam! Imaginem: tres plenos seguidos, depois começo a atirár-me ás côres, reponto com o encarnado e atiro-me de cabeça. Duzentos e cincoenta mil réis em seis golpes!

O diplomata e a dama:—Tem uma sorte!

No momento em que a dama, o diplomata e o cavalheiro da sorte se affastam, pareceu-me ouvir rir baixinho. Intrigado approximo-me e vejo, junto ao corrimão da varanda, meio occulto, quem? O D. Paco. O D. Paco a rir, a a rir.. D. Paco traja, como de costume o seu *frak* castanho, do mau talho. Dirijo-me para o sitio onde elle está mas perco-o de vista. Parece-me que ouço ainda o seu riso diabolico. Onde se sumiu? Quem será este D. Paco?

Batota de Baixo, Setembro de 1915.

V. Chagas Roquette

Espectaculos

Cartaz de ámanhã

AVENIDA—A's 20,30, 21,45 e 23—Coração á larga.

POLITEAMA—A's 20,30 e 22,00—Não desfazendo. (Revista).

EDEN—A's 20,15 e 22,45—O diabo a quatro. (Revista).

COLISEU DOS RECREIOS—Companhia de circo.—A's 21—Recita da moda.

Noticias

Entre nós

Recebemos e agradecemos os cumprimentos da actriz Maria das Dores, que faz parte do elenco do theatro da Trindade.

● Para a companhia de revista e operetta que vae funccionar no theatro Salão dos Anjos, sob a gerencia da firma Costa & Carvalho, e que se estreia no proximo dia 2, foram contratados o actor comico Alfredo Silva e o tenor Agostinho Silva.

Circos & Music-halls

Estreia da Companhia de circo

Coliseu dos Recreios

O lisboeta tem sorte, porque o seu espectaculo predilecto,—o circo—lhe deu hontem um alegrão: nada menos de doze numeros e todos de primeira ordem.

Comecemos pelo fim visto que no ultimo numero do programma é que estava a grande attracção: os leões do celebre domador Merck, que é verdadeiramente uma emocionante novidade. E' interessantissima a primeira parte, em projecção cinematographica, com a caçada aos leões em Africa; e a transição d'esta para a segunda, quando as mesmas personagens, os mesmos leões e o mesmo scenario apparecem á vista do espectador é tão imprevista, tão rapida, que o espectador sente uma funda impressão. Depois ha lucta do homem com as feras, espectaculo extremamente empolgante, que tem o publico n'uma alta tensão de nervos. No final d'este assombroso trabalho Merck e a sua troupe arrancam enthusiasticos applausos.

Os clowns obtiveram tambem largo quinhão nas ovações: Antonet e Walter e Rico e Alex foram delirantemente saudados quando appareceram na pista, e os Barracetas alcançaram um successo de gargalhada. Muito bons os trabalhos de Madame Meviska, com o seu famoso cão que adivinha o pensamento; Madame Moyal n'um bello numero opereta; os excentricos Trio Onoto, a prodigiosa troupe arabe Vezzon, os Irmãos Pancistas, o equilibrista Baldo e outros.

O Coliseu tinha uma enchente á cunha e o publico sahiu enthusiasmado com a companhia.

Hoje grandioso espectaculo com todas as attracções. A'manhã inauguração dos espectaculos da moda com a estreia dos notaveis artistas Fernay.

SALÃO DA TRINDADE—A's 20 e 22—Operetta e fitas animatographicas.

ANIMATOGRAPHOS E CONCERTOS—Olimpia e Paradis, *matinées* diarias e secções á noite; Central, Chiado Terrasse, Salão Foz, Rocio; Sociedade Promotora de Instrucção, em Alcantara, serões ás quintas feiras, sabbados e domingos.

CINEMATOGRAPHOS E ESPECTACULOS VARIADOS—Chantecler, Imperio, Salão Grego, na Caixa Economica Operaria, Variedades, na calçada da Estrella—A's 21,30—O diabo no convento.

SPORT

Opiniões d'um sabio phisiologista

Algumas mentalidades superiores dedicaram a assumptos de educação physica os seus cuidadosos estudos, ensaios de laboratorios e trabalhos de sciencia. Entre esses sabios figurou n'um logar de primacial destaque o eminente fisiologista Lagrange, que no prefacio d'uma das suas obras escreveu o seguinte, que tem muita applicação a casos recentes e de todos os dias.

«...Até á occasião presente, é preciso reconhecel-o, a applicação do exercicio á higiene do homem não foi guiada por noções phisiologicas sufficientes. E' por homens do mundo, por homens de sport, por litteratos, que foram escriptos, na sua maior parte, os livros sobre exercicios do corpo, e essas obras geralmente ricas em ensinamentos technicos não fornecem ao medico um unico documento serio de phisiologia.

«...Resta, pois, ao medico, o estabelecer o valor comparativo de cada um dos exercicios usados e precisar, baseando-se em argumentos phisiologicos, a superioridade de cada um d'elles, segundo as circumstancias e os individuos.

«Resta-lhe tambem, em boa justiça, precisar os inconvenientes e os perigos, que pode apresentar cada exercicio, em certos casos. Mas, em geral, é mal acolhido quando quer fazer a critica racional d'um exercicio qualquer que elle seja, porque cada um d'esses exercicios tem ferventes adeptos dispostos a defendel-o energicamente sem admittir que seja objecto de qualquer censura...»

Nota do dia

O sport, processo de propaganda...

Dois ou tres casos apontados em jornaes permittiram-nos a cathegorica affirmativa de que o «sport» é um precioso elemento de propaganda e factor do progresso de varias localidades. A Amadora é um exemplo tipico. A Trafaria é uma lição. Agora, a Praia das Maçãs vem confirmar a regra. E' que na linda estancia tem havido este anno um augmento consideravel de visitantes e mais animação entre as pessoas que residem ali habitualmente. Esta tendencia de melhoria da terra deve-se ao reclamo persistente e á serie de festas que ali se realisam. O primeiro certamen infantil foi um triumpho. Na região, dizia-se que nunca se fizera um espectaculo tão bonito e educativo. E foi o exito d'esta festa que constituiu o reclamo da segunda, hontem effectuada no «rink» de patinagem da Praia e que apezar do mau tempo e da chuva atrahiu centenas de pessoas. O programma cumpriu-se porque os escoteiros do grupo 13 trabalharam com muito interesse de bem fazer e bem acertar; porque se illuminou artisticamente o «rink» a lampadas electricas, mettidas em lindos balões venezianos; porque a banda de Almocageme, que é magnifica, executou um concerto musical e porque n'um «écran» cinematographico se «passaram», com optima projecção, varios «films» artisticos. E ainda n'este programma, em cuja execução colaboraram os Recreios Desportivos da Amadora, foram os melhores elementos de trabalho alguns dos novos gymnastas portuguezes.

J. Santos Mattos, filho, fez obsequiosamente de «operador» de animatographo, apresentando-se em nova modalidade do seu muito prestimo pessoal, porque dias antes havia recebido, no mesmo local, applausos em saltos em altura, em gymnastica e como campeão de patinagem...

Algumas anecdotas

Como elles comprehendem aviação...

Dois saloios viam, pela primeira vez o animatographo, onde n'um «film» de actualidades, «appareceu» um monoplano a «voar».

—Olha, aquillo é muito bonito...

—E' um passaro grande!

—Não, é uma machina que anda e que está pendurada no ar para o homem não caír...

Dr. Affonso Costa

Distribuição de esmolas

Realisou-se hoje, no Centro Almirante Reis a distribuição do bodo commemorativo do restabelecimento do illustre estadista.

Foram contemplados 135 necessitados a 50 centavos cada um, sendo feita a distribuição pelos membros da commissão organisadora.

Movimento maritimo

Brasil «Michnels»	27
Liverpool, «Lanfranc» (Pará)	27
Africa occidental «Angola»	26
Batavia, Tim., etc. «Goint.» (do Amst)	28
Brazil e R. Prata, «Demas» (Liverp.)	29
Bra. e R. Pra. «Sama» (de Liverpool)	29
Bra. e R. P. «Amiral Troude» (do H.)	29
Bah., R. J. e San. «Tenoya» (de Liv.)	30
Bat., Tim., etc. «Rambu» (de Ams.)	30
Africa oriental, «Clan Ross» (Liverp.)	2
Africa oriental «Moçambique»	8
N. York, via Aço. «Roma» (de Gibralt.	3
Vigo e Ing. at. «Demar.» (do Brazil)	4
R. J. e R. Pra. «Divones» (de Bordeos)	5
Archipelago dos Açores «Funchal»	5
Amst. e etc. «Tubantia» (de Batavia)	

mentos foram construidos no nordeste, proximo de Torskie, durante a crise balkanica, no inverno de 1912-1913.

No desfiladeiro e no planalto a leste d'essa cidade, para além da aldeia de Zezava, estendem-se densas florestas. Foi d'essa direcção que uma força austriaca tentou na noite de 22 para 23 de março tornear as posições russas proximo de Zaleszczyki. O destacamento atacante compunha-se da «columna volante» do conde von Bissingen, a qual se distinguira em fevereiro durante a lucta em redor de Stanislawow, e d'uma companhia pertencente ao 29.º regimento da «landsturm» hungara sob o commando de Zoltan Desy, um membro influente do partido de Kossuth no parlamento hungaro.

Os austriacos atravessaram o Dniester em barcos e metteram pela floresta proximo de Zezava, mas ao saírem d'ali encontraram na sua frente os Fuzileiros Siberianos e os cossacos, que guarneciam uma fortissima posição. Seguiu-se uma violenta batalha, em que Zoltan Desy foi morto e as tropas austro-hungaras batidas.

A tentativa contra Zaleszczyki feita pelas melhores tropas do exercito do general von Pflanzer tambem não teve melhor resultado.

No dia 10 d'abril tambem houve lucta proximo d'essa cidade. No dia 17, um corpo de Fuzileiros Tyrolezes fez uma outra tentativa para romper a linha russa proximo de Zezava. Deram um violento ataque, mas, detidos pelas vedações de arame farpado, foram anniquilados pelo fogo da artilharia russa.

A 4 d'abril, os russos fizeram uma contra-offensiva na direcção de Uscie Biskupie. Tendo lançado uma ponte sobre o Dniester, a leste da aldeia de Filipkowce, chegaram á estrada que conduz de Uscie Biskupie por Okna e Kuczurmik a Czernowitz. Okna é o terminus d'uma linha de caminho de ferro com ramaes para Werenczanka da linha Czernowitz-Zaleszczyki. Em Kuczurmik bifurca com a estrada que conduz de Zaleszczyki a Uscie Biskupie a Czernowitz. D'ali, um avanço com resultado ao longo da estrada para além de Okna tornearia pela retaguarda as posições austriacas ao sul de Zaleszczyki e faria terminar os ataques austriacos contra a ponte-cabeça.

Do que houve, dão-se duas versões contradictorias.

Informações de origem russa dizem que a 4 d'abril uma brigada de cavallaria russa, apoiada por pequenos destacamentos de infantaria, atravessou o rio e avançou por Zamuszyn para Okna. Na frente d'esta aldeia encontrou posições magnificamente fortificadas, que eram guarnecidas pelo 25.º regimento da «honvéd» hungara e alguma infantaria austriaca.

Os russos deram um ataque á bayoneta, anniquilando dois batalhões da «honvéd» e aprisionando 21 officiaes, mais de mil soldados e 8 metralhadoras.

Sir Ronald Graham, conselheiro interior no Egypto

nicos—diz o communicado official russo de 7 d'abril—é o reconhecimento, da sua parte, da inefficacia dos enormes sacrificios que teem feito. «Os sacrificios feitos tinham sido inefficazes, mas a tentativa para abrir caminho ao norte pelo valle do Orawa não foi posta de lado; a 8 d'abril um novo ataque germanico foi dado contra as cumiadas Zwinin.

N'essa occasião o ataque parece ter sido dirigido de flanco, de Rosochacz, a cêrca de onze kilometros a noroeste de Koziowa; simultaneamente outro avanço se fazia de Rozanka, a cêrca de vinte e dois kilometros e meio a sudoeste da mesma localidade. A 9 d'abril o proprio centro era atacado e tomada a cota 992. Durante mezes fôra o alvo de todos os esforços germanicos; a sua alegria, por isso, era illimitada. Os soldados que tomaram parte no ataque final á cota 992 receberam a Cruz de Ferro.

Mas a posse d'essa cota não lhes proporcionou os beneficios que elles esperavam. «Kozowa e as posições circumjacentes—diz o communicado official de Petrogrado de 9 d'abril—continuam em nosso poder. Occupando a preciosa cota 992, os germanicos entenderam ser um dever de honra estender as suas conquistas; isso levou-os a ulteriores sacrificios. No dia 18 tentaram um ataque contra a aldeia de Goloveczko, mas foram repellidos. No dia 19 tentaram, da direcção da cota 992, um ataque contra as elevações visinhas que dominam a aldeia de Orawczyk. Conseguiram-no, mas na mesma noite foram d'ali desalojados por um contra-ataque russo.

A lucta n'essa região, n'uma estreita frente, n'um terreno que havia sido preparado e organisado com mezes de antecedencia e onde não eram possiveis movimentos envolventes, assumia cada vez mais o caracter de operações de sitio. Demos um exemplo. Um communicado de Petrogrado d'esse periodo contem a seguinte descripção:

«Na encosta leste de Rozanka fizemos explodir no domingo (18 d'abril) uma mina sob uma trincheira germanica. Seguiu-se um ataque á bayoneta pela nossa infantaria, que tomou a posição. Aprisionámos uma centena de inimigos e tomámos quatro metralhadoras e um morteiro de trincheiras».

O fim da lucta ia dar-se mais longe, a oeste, na região entre Tuchow e Gorlice. A 20 d'abril a batalha continuava em toda a frente da cadeia dos Carpathos. O tempo quente chegára ás montanhas, a neve estava-se derretendo, as torrentes avolumavam, as estradas tornavam-se intransitaveis. Entretanto os signaes d'uma tempestade proxima multiplicavam-se a oeste. A primavera estava nas planicies e nas faldas das montanhas e as operações tinham recomeçado na Galicia occidental.

A 20 d'abril o primeiro ataque germanico, por forças muito consideraveis, é dado na direcção de Gorlice. A concentração das forças germanicas na região de Cracovia torna-se publicamente conhecida. O critico militar do «Novoie Vremia» discute, em data de 23 d'abril, a apparição de novos exercitos germanicos em roda de Cracovia.

Certos movimentos na região do Dunajec confirmaram os boatos da transferencia de muitos corpos da Polonia e d'uma grande massa de cavallaria hungara, além de reforços vindos da frente occidental. «Evidentemente—diz esse critico—os germanicos estão começando sériamente a concentrar-se na região de Cracovia».

Como já dissemos, o extremo recanto sudeste da Galicia, isto é, a região entre o leste de Kolomea e a Bukovina, constituiu ao principio da primavera um theatro separado da guerra. N'esse theatro podemos distinguir tres sectores distinctos. A linha de Nadworna a Niezwiska no Dniester, correndo de sudoeste para nordeste, formava a fronteira occidental do districto do Pruth. Grandes inundações tornavam impossivel qualquer operação nos numerosos valles ribeirinhos que atravessam aquella região. Araças em

ouvi falar em lucta no alto terreno entre Thumaxa e Ottynia.

O sector central do districto do Pruth estende-se ao longo do Dniester desde Niezwiska até á enseada do rio em redor do Uscie Biskupie. O Dniester formava no seu conjuncto uma barreira entre os exercitos oppostos.

Entre Niezwiska e a fronteira russa o rio attinge uma largura que varia de duzentos e trinta a duzentos e oitenta metros e uma fundura, a meio da corrente, de 6 a 8 pés. Corre por entre um estreito desfiladeiro cujas margens tecem de cento e cincoenta a trezentos pés de altura. Quanto mais se avança para leste, mais fundo se torna o desfiladeiro. O curso do rio é excessivamente sinuoso.

Os numerosos affluentes que o Dniester recebe do norte correm n'uma circumferencia de vinte e quatro a trinta e dois kilometros das suas juncções com o Dniester, em desfiladeiros semelhantes áquelle. A não ser esses desfiladeiros, a região é completamente plana. São as esteppes da antiga Tauris, a região da famosa «terra negra», um dos mais ferteis solos do mundo. A terra tanto na planicie como nos proprios desfiladeiros é magnifica para ser cultivada, mas n'estes abunda a floresta.

O Dniester, como dissemos, fórma um obstaculo a operações em alta escala, mas não á travessia de pequenos corpos. Essas travessias podem ser facilmente feitas em barcos que as margens do rio, as altas margens do desfiladeiro e as florestas que o rodeiam occultam da vista do inimigo. Difficilmente haverá na Europa rio mais difficil de guardar do que o Dniester.

Nem ha muitos outros rios sobre os quaes possam ser lançadas pontes com tanta facilidade, mesmo á vista do inimigo. Um exemplo, d'isso succedeu em março. Pequenos recontros se deram incessantemente n'essa região desde o fim de fevereiro na fronteira entre as forças austriacas e as russas. Os cossacos, que estavam habituados a um terreno egual, nas esteppes da Russia do sul e a columna volante austriaca, sob o commando do coronel conde von Bissingen, seguiram a tactica mais racional n'aquella região. Mas nenhumas grandes forças atravessaram o Dniester a leste de Niezwiska, em qualquer direcção.

O terceiro sector da região do Pruth estendeu-se ao longo d'uma linha entre o Dniester e o Pruth, em angulos rectos em ambos esses rios. A sua posição variou em differentes periodos. Mais frequentemente ficou ao longo da fronteira austro-russa, mas por vezes avançou mais para leste e correu d'um ponto proximo de Czernowitz atravez das eminencias de Berdo Horodyszcze até ás florestas em redor do Dniester; outras vezes recuou para o terreno russo. Variou conforme o general Kitchenko, commandante russo, ou o coronel Papp, o commandante austriaco, tentavam uma nova estrategia. Não póde, porém, dar-se-lhe demasiada importancia para a lucta que se deu n'esse sector durante os mezes de março e abril.

Na noite de 19 para 20 de fevereiro, as tropas austriacas entraram na cidade de Czernowitz, tendo os russos recuado previamente da margem septentrional do rio Pruth, nas eminencias de Old Zuczka. A sudeste de Czernowitz, na margem meridional do Pruth, fica, a uma altura de cerca de 6.000 pés, Ludihorecza, onde estavam situados os depositos de agua de Czernowitz.

No dia 15 de março os russos tomaram a offensiva; contendo as principaes forças do inimigo em frente de Czernowitz, atravessaram o rio em Ludihorecza e occuparam as eminencias e os depositos d'agua, alcançando assim um importante ponto ao longo da margem septentrional do Pruth desde Novosielica no lado russo da fronteira, por Bojan e Mahala, até Old Zuczka.

D'ahi, voltaram a noroeste, para Sadagora, a séde da famosa dynastia dos rabbis que fazem milagres, a Mecca de milhares de piedosos Chassidim, uma seita judaica que tem grande força, especialmente na Russia meridional. Sadagora fica no

sopé da cordilheira de Berdo Horodyszcze, a cêrca de 1.700 pés d'altura; proxima estendia-se a fronte occidental da posição russa.

Ao norte, na linha do Dniester, os russos estavam occupando n'esse tempo tambem a ponte-cabeça meridional em Zaleszczyki, a unica que ha no Dniester entre Nizniow e a fronteira russa.

Os russos, occupando os suburbios de Czernowitz, estavam tornando a posição dos austriacos na cidade extremamente difficil. De dia e de noite viam-se estes obrigados a excavar trincheiras em redor da cidade, sob o fogo dos russos.

A 21 de março, tendo recebido reforços, os austriacos atacaram as posições russas entre Old Zuczka e Sadagora e no dia seguinte os russos evacuaram esta ultima cidade, depois d'ahi terem permanecido alguns mezes.

Recuaram para o sul, mas foram ao mesmo tempo tentando avançar por o norte, na direcção de Czerniawka, ao mesmo tempo que tentavam flanquear as tropas austriacas.

A batalha durou alguns dias, attingindo a maior violencia entre Czernowitz e as encostas norte de Rarancze. Devido ao numero superior do inimigo, os russos recuaram nos dias 27 e 28 de março para Bojan e a 10 d'abril evacuaram tambem essa cidade, para voltarem quatro dias depois.

Emquanto elles estavam recuando para Bojan, no dia 2 de março duas divisões de cavallaria austriaca, apoiadas por uma enorme força d'infantaria, tentaram um «raid» na Podolia russa, na direcção de Chocim, proximo da fronteira da Bessarabia. Esse «raid» foi feito pelos austro-allemães com o fim de impressionarem a opinião publica russa, mas dois dias depois as forças austriacas estavam em plena retirada para a fronteira.

A 30 de março, alguns batalhões pertencentes á 42.ª divisão da «honvéd» hungara eram cercados pelos russos proximo de Szylowce (em territorio russo, a cêrca de kilometro e meio a leste da fronteira), perdendo muitos mortos e feridos e cêrca de 1.500 prisioneiros. A 2 d'abril, não havia em solo russo tropas algumas austro-hungaras.

Por esse mesmo tempo, pelejava-se no desfiladeiro do Dniester em roda de Zaleszczyki. Esta cidade, a principal da região da Galicia rural, com uma população superior a 76.000 habitantes, fica n'uma enseada do Dniester, n'uma encosta que desce do alto planalto para o rio; a profundidade do desfiladeiro attinge n'esse ponto 300 pés.

E' uma estação do ramal de caminho de ferro que liga a importante bifurcação ferrea de Czortkow com Luzany na linha Kolomea-Czernowitz. E' uma das cidades mais pittorescas da Galicia. Edificada sobre terraços de pedra vermelha, que formam a margem esquerda do desfiladeiro, tem um clima quasi que meridional.

Toda a encosta, voltada para o sul, está exposta ao sol e as pedreiras sobre que assenta são um reservatorio de calor. A primavera ahi começa mais cedo do que no resto do planalto; as noites de verão são ahi quentissimas.

O planalto ao norte de Zaleszczyki é tão liso que a estrada para Czortkow se estende por elle n'uma extensão de quasi treze kilometros n'uma linha recta ideal, que não é cortada por uma unica depressão do valle.

Só n'um ponto a leste da estrada se ergue um pequeno outeiro, o ponto mais alto (cerca de 1.000 pés) n'aquelle alto planalto. A importancia estrategica de Zaleszczyki provem de ser um importante centro de estradas, uma estação de caminho de ferro, em ter pontes permanentes que atravessam o Dniester e em ser um dos pontos mais seguros e melhores para a travessia d'esse rio.

Em 1854, durante a guerra da Criméa, quando as hostilidades entre a Russia e a Austria estavam proximas a rebentar, foram construidas fortificações ao norte e ao sul de Zaleszczyki; novos entrincheira-

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 1849 — 6.º Anno

Direcção e propriedade de Manuel Guimarães
Editor — Camillo Sousa e Almeida
Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA — Segunda-feira, 27 de Setembro de 1915

Telephone n.º 2293 — Endereço teleg. CAPITAL
Composição — Rua do Norte, 5, 1.º
Officinas de Impressão — 71, Rua da Rosa, 71

Preço 1 centavo

Novo governo

Já o dissemos, e repetimos: a crise está virtualmente aberta. Ninguem ignora que o sr. José de Castro, considerando finda a sua missão, está absolutamente resolvido a abandonar as cadeiras do poder, no dia que, pela praxe, lhe faculta a resignação do seu cargo. Sendo assim, pergunta-se: iremos assistir mais uma vez ao lamentavel espectaculo de successivas combinações ministeriaes, desabando, como castellos de cartas, ao impulso de successivas renuncias?

Os regimens constituidos devem contar com individualidades, apontadas pelos seus meritos, pela sua força politica e pelo consenso da opinião para a elevada missão de presidirem aos seus destinos. Ha partidos em que se devem encontrar individualidades d'essa ordem, e mesmo fóra dos partidos não deve ser difficil encontral-as n'uma sociedade democratisada, em que os cidadãos teem o seu valor proprio, sendo natural que entre elles, mesmo sem a chancella partidaria, se destaquem homens reconhecidamente dignos de sobraçar uma pasta.

Se a crise é inevitavel, se ella é logica, se todos contaram sempre, incluindo os actuaes ministros, que ella se produziria ao iniciar-se a nova era presidencial, porque motivo se espera precisamente pelo dia 5 de outubro para pensar na constituição do novo ministerio? Dir-se-hia que ha prazer em repetir situações como aquellas a que temos assistido, em que, dias e dias, se anda á procura de ministros, como Diogenes á procura d'um homem, recebendo apenas negativas provistas de pessoas que muitas vezes mostram mais bom senso do que aquelles que os convidam, porque reconhecem a sua incompetencia para desempenhar funcções para as quaes a natureza não as dotou.

De cada vez que se organisa um ministerio parece que se destapou uma «boite à surprises». Apparecem nomes de cavalheiros muito estimaveis certamente, que não menos certamente cahiram das nuvens quando os convidaram para ministros, insistindo sobre a necessidade absoluta do seu concurso, como indispensavel á salvação da Republica. Conta-se mesmo, seja dito de passagem, que um d'esses cavalheiros, ao tratar-se d'uma combinação ministerial, ainda recente, julgava, quando lhe foram offerecer uma pasta, que o iam prender como conspirador. E para o publico então é a maxima das surprezas quando vê os novos elencos ministeriaes, em que figuram nomes que lhe são inteiramente desconhecidos quando não os conhece demais.

E' isto que é preciso evitar. A Republica tem de ser servida por politicos e por politicos republicanos. De que serve que haja um sabio venerando, á maneira do Topsius, da «Reliquia», que escreva um importante tratado sobre a «Expressão Physionomica dos Lagartos» se elle pertence ao numero dos analphabetos «politicos», como foram classificados por um vulto eminente da Republica os ministros da dictadura? Não se escolhem ministros por palpite, por boas relações pessoaes, ou por distincções litterarias ou scientificas. Ministros da Republica só podem ser os homens que, politicamente, se collocaram em justo destaque, o que os partidos e a opinião publica consideram como candidatos serios á gerencia d'uma pasta.

Segundo uma estatistica que um jornal republicano ha pouco publicou, desde que se fundou a Republica tem havido 71 ministros. Digamos alguem, com sinceridade, se appareceu mais de uma decima parte d'este numero, demonstrando qualidades para o exercicio do seu cargo.

Pense-se a tempo na substituição do actual governo. Attenda-se ás indicações constitucionaes, attenda-se ás reclamações da opinião publica, attenda-se aos altos interesses do paiz, attenda-se á dignidade dos partidos e ao prestigio da Republica. Porque não podemos dar a impressão de que a Republica não tem homens com capacidade politica para a servir, e é essa impressão que se dá andando dias e dias, a palmilhar, sem norte e sem rumo, folheando o «Almanach Commercial» e esquadrinhando villas e aldeias, á procura de homens que de politica nada percebem e cuja fé republicana é hypothetica para occuparem o logar de outros que a opinião publica reclama, porque sabe que são competentes e são republicanos, e que, por isso mesmo, a sua subida ao poder representa, ao mesmo tempo, o mais legitimo dos direitos e o mais imperioso dos deveres.

O QUE SE ESCREVE E O QUE SE LÊ

A vida de Affonso Costa

por MARIO NEVES

Foi hoje posto á venda ao preço de 4 centavos, edição da Typographia Lusitana, do Porto, um opusculo intitulado *A vida de Affonso Costa* e que na capa ostenta um esplendido retrato do grande democrata. O auctor, jornalista distinctissimo, que se occulta sob o pseudonimo de Mario Neves, traça com grande vigor litterario o perfil do eminente homem publico, sob o aspecto de propagandista, recordando os factos mais notaveis que assignalaram a sua existencia na phase demolidora que foi coroada com a queda da monarchia. Seguir-se-ha a este outro opusculo em que Affonso Costa é encarado sob o aspecto do revolucionario e ainda um terceiro em que se estudará o notavel estadista e a sua obra.

«*Historia Illustrada da Grande Guerra*»

Dividido em volumes, cada um dos quaes com cerca de 200 paginas, de modo a formar um livro portatil, economico, elegante e de facil encadernação, o folhetim que vimos publicando *Historia Illustrada da Grande Guerra* tem alcançado grande exito.

O primeiro volume abrange desde março a 15 de abril, tendo 184 paginas, o segundo de 16 de abril a 3 de junho, com 168, o terceiro de 4 de junho a 20 de julho, egualmente com 168 paginas, e o quarto de 21 de julho a 5 de setembro, com 180 paginas, sendo todos os volumes profusamente illustrados. Na administração d'*A Capital* são immediatamente satisfeitos todos os pedidos, quer da collecção completa, quer de qualquer numero de exemplares do jornal, que venham acompanhados das respectivas importancias.

A Austria responde aos Estados-Unidos

AMSTERDAM, 26. — Uma nova nota da Austria ao governo dos Estados-Unidos repete que a exportação excessiva de munições para os alliados constitue uma violação da neutralidade e diz que o facto da Allemanha e a Austria terem exportado munições durante a guerra do Transvaal não pode ser comparado com o caso presente porque a Gran-Bretanha não tinha decretado o bloqueio commercial sul-africano. — (*Havas*).

ESCOLA DE ENERGIA

A GRANDE REPORTAGEM

Alguns episodios e aventuras do jornalismo moderno

A imprensa de hoje, com a multiplicidade de aspectos, a sua diffusão, a necessidade cada vez mais crescente de alargar a sua esphera de actividade, transformou-se n'uma admiravel escola de energia. A cada passo se nos depara, na leitura dos grandes quotidianos, uma ou outra reportagem de sensação que duplamente nos impressiona: pela importancia dos factos relatados e pelo arrojo do profissional que os foi surprehender. Na guerra actual, como na recente guerra dos Balkans, como no conflicto russo japonez e na curta e desgraçada contenda hispano-americana, ao passo que os belligerantes mobilisavam os seus exercitos e as suas armadas, os grandes jornaes mobilisavam egualmente os seus melhores reporters: alguns comportaram-se como authenticos heroes e não poucos foram victimas do seu audacioso amor por uma profissão que possue tanto de empolgante como de arriscado.

A grande reportagem é uma arte nascida hontem. Com effeito, ha um seculo ainda a imprensa periodica estava longe de corresponder á missão que hoje reveste: os jornaes tinham tiragens muito limitadas e o publico com pouco se contentava. Em 1803, Bonaparte mandou elaborar a lista dos jornaes que se publicavam em França, com o respectivo numero de leitores. Em todo o imperio não chegava a 26.000 o numero de pessoas que os liam! A maior tiragem era então a do *Journal des Debats*, do que se imprimiam 8.000 exemplares. A *Gazette de France* tirava 3.000, o *Moniteur Universel* 2500 e *Journal du Commerce* 1.600 exemplares apenas. Hoje, ha jornaes em França que tiram mais de um milhão de exemplares e mais de tres quartos da população franceza comprehende assignantes ou leitores da imprensa periodica.

Foi Emile Girardin quem, collocando o jornal ao alcance de todas as bolsas, preparou o terreno para a florescencia da grande reportagem moderna. Antigamente, os jornaes eram apanagio de uma classe privilegiada. Hoje, pertencem ao grande publico, e nada mais exigente do que essa massa anonima que reclama, avida de curiosidade, a maior somma de pormenores no menor lapso de tempo. Assim foi mister especialisar a missão do reporter, desde o simples informador local, até ao correspondente militar e ao reporter dos grandes acontecimentos longinquos.

O que é curioso é que a semente lançada na Europa veiu primeiro a germinar na America. Foi, com effeito, Stanley o primeiro reporter que desempenhou uma missão grandiosa no jornalismo. Um dia, encontrando-se em Madrid em outubro de 1869, recebeu de Gordon Bennet, director do *New York Herald*, um laconico telegramma chamando-o a Paris. Partiu. No *Grand Hotel*, Gordon Bennet esperava-o.

— Onde imagina que esteja Livingstone? — perguntou-lhe quasi á queima-roupa.

— Não faço a menor ideia — tornou o reporter.

— Julga que esteja morto?

— E' possivel que sim... E' possivel que não.

— Por mim, creio que está vivo e que pode ser encontrado. Vou encarregar o senhor de o procurar.

— Já pensou nas despezas da viagem? — perguntou Stanley.

— O senhor recebe primeiro 25:000 francos; quando se acabarem, faz outro cheque; depois, um terceiro, um quarto e assim por deante. Mas é preciso encontrar Livingstone.

Eis o inicio bem americano de um dos mais notaveis acontecimentos do seculo passado. Sabe-se o resto. Stanley partiu, descobriu effectivamente Livingstone, mas descobriu alguma coisa mais: a bacia hidrographica do Zaire onde Leopoldo II, de accordo com elle, creou depois o Estado Livre do Congo.

Com Stanley, que foi o mestre e o precursor, a grande reportagem ficou creada e tornou-se indispensavel. Depois d'elle, muitos nomes illustres vieram enriquecer os annaes do jornalismo. Quem não teem ouvido referir alguns dos admiraveis emprehendimentos de W. H. Russel, do *Times*, de Crowford, de Archibald Forbes, do *Daily News*? Foi este ultimo, por excellencia, o correspondente militar da imprensa ingleza. Coube-lhe o *record* das batalhas, onde sempre as balas miraculosamente o souberam poupar. Preso como espião um incalculavel numero de vezes, chegou um dia a ser amarrado ao poste dos fusilamentos.

Mais infelizes do que elle, durante a guerra russo-turca, tres collegas seus foram mortos em campanha e quatro gravemente feridos.

A França tem egualmente nomes illustres na historia da grande reportagem. Muitos morreram tambem no campo da honra: Paul Seguin, que um musulmano fanatico assassinou durante a campanha da Tunisia; Olivier Pain, que morreu nos desertos egypcios quando tentava encontrar o Mahdi, e tantos outros. Fizeram epocha os nomes de Paul Bourde, Dumesnil, Jean Késs, Guillard, Montorgueil. A Agencia Havas tem dois extraordinarios reporters militares: Fillion, que fez toda a campanha do Tonkin, e Pognon que se notabilisou por muitas viagens arriscadissimas e acompanhou brilhantemente a guerra russo-turca, onde foi ferido.

Durante esta campanha, a Russia só consentia jornalistas nas linhas de batalha com a condição de elles vestirem o uniforme de officiaes russos. Imagine-se!

As despezas da grande reportagem chegam a ser prodigiosas. Na referida guerra, o preço médio de cada telegramma de Pognon era de 800 francos. A sua despeza total durante a campanha elevou-se a 40.000 francos. Um correspondente da Reuter mandou um dia um telegramma urgente que lhe custou a bagatella de 8.000 francos.

Na guerra russo-japoneza houve jornaes que mantiveram um serviço completo de informação, dispendiosissimo, como é natural, durante toda a duração da campanha. Um grande quotidiano inglez chegou a fretar um *yatch* a vapor, com telegraphia sem fios a bordo, só para uso do seu enviado especial. Mais recentemente, nas ultimas guerras balkanicas, as despezas de alguns jornaes americanos excederam cincoenta e sessenta mil dollars, e a tarefa do reporter foi frequentemente difficultada pela falta de garantias com que luctavam. Seis jornalistas foram um dia fusilados junto ás linhas de Tchataldja, só porque se approximaram sem licença dos postos avançados.

Apesar de tudo, a esphera de acção do reporter moderno alarga-se cada vez mais, porque a profissão, exercida assim, cercada de perigos e de difficuldades, tem qualquer coisa de emocionante que apaixona. E para se fazer idéia do que a reportagem tem progredido basta dizer-se que em outubro do anno passado, quando estivémos em França um redactor d'este jornal, havia já ali nada menos de duzentos correspondentes militares encarregados de seguir a campanha por conta dos maiores jornaes do velho e do novo mundo.

Novas artistas

Luiza Lopes e Celeste Leitão

E', como temos referido, no theatro do Gymnasio que se estreiam dentro em breve duas das mais distinctas alumnas da Escola da Arte de Representar, que terminaram este anno o seu curso: Luiza Lopes e Celeste Leitão, primeiro e segundo premio da mesma Escola.

Por mais de uma vez «A Capital» registou agradabilissimas impressões a respeito de Luiza Lopes, a quem auguramos uma estreia sensacional, que se realisará com a «Soror Marianna», de Julio Dantas, um acto expressamente escripto para a juvenil comediante e para a sua intelligente collega.

Luiza Lopes

Ou muito nos enganamos, ou Luiza Lopes será em poucos annos, uma das figuras primaciaes da scena portugueza. E esta convicção exprimol-a sem receio de que as nossas palavras a lisongeiem a ponto de a prejudicar, porque ella sabe que só ao seu trabalho, ao seu estudo, ao seu culto pela arte a que vae dedicar-se deverá os triumphos que lhe estão reservados.

Celeste Leitão

Quanto a Celeste Leitão, cumpre dizer que lhe ha de compartilhar merecidamente dos applausos com que o publico premiará, sem duvida, a sua talentosa companheira.

As operações na Russia

PETROGRADO, 27. — Official — Na região de Wilska repellimos uma serie de ataques encarniçados. A leste de Novo-Groudsk tomámos varias trincheiras, metralhadoras e munições e fizémos 600 prisioneiros. Repellimos o inimigo para além do rio Stroumene. — (*Havas*).

PARIS DA GUERRA

MANHÃ NOS INVALIDOS

Uma commovente cerimonia — O tumulo de Napoleão

Um tenente, meu visinho de mesa n'um restaurante, disse-me:

— Se quer ver uma coisa interessante, esteja ámanhã de manhã, pelas nove horas, nos Invallidos.

Saltei da cama ás oito da madrugada e, tomando o Metro ao pé da porta, na praça da Opera, pouco antes das nove, entrava no pateo de honra dos Invallidos. Estavam ali formados dois regimentos, os 230 e 237 de infanteria territorial, que foram transferidos ha pouco para Paris a fim de substituirem na guarnição dois outros recentemente enviados para a frente de combate. Iamos assistir — havia uns dois ou tres mil curiosos — a uma entrega de bandeiras pelo presidente da Republica.

Pontualmente, ás nove, chegou Poincaré. Aguardavam-no muitos officiaes, entre elles o general Galopin, commandante da praça de Paris. Rufaram os tambores, as cornetas tocaram: — «Aux champs!». Feito um impressionante silencio, adeantaram-se os officiaes portadores das bandeiras e o presidente entregou cada uma d'ellas á guarda respectiva, que foi retomar o seu logar na columna.

Em seguida, tendo deante de si os soldados vestidos de azul-horizonte, Poincaré discursou com uma voz vibrante.

Poincaré é uma das mais bellas eloquencias da França. Foi um dos grandes oradores do Parlamento, e a Academia Franceza honra-se em contal-o entre os seus membros e alguns dos seus discursos ficarão, como logares selectos d'esta lingua formosa até á fascinação.

Poincaré falou das bandeiras que entregou e de tudo quanto ellas simbolisam n'esta hora inesquecivel. Falou do conjuncto de forças moraes de que é feita a alma da patria: tradições communs, recordações d'uma historia admiravel, indomavel vontade de transmittir ás gerações futuras a herança de honra e de gloria legada pelos antepassados, consciencia dos deveres que a nação tem para comsigo propria, para com o futuro, para com a humanidade.

— Nunca a França foi tão bella, concluiu Poincaré, nunca ella mereceu ser amada com tanta paixão e servida com tanto heroismo.

Rufaram de novo os tambores, de novo soaram os clarins e para a frente do quadrado adiantaram-se officiaes e soldados, que iam receber das mãos do chefe do Estado condecorações e medalhas. Houve algumas Legiões de Honra, tres cruzes de guerra e algumas dezenas de medalhas militares e não é facil esquecer o espectaculo do magistrado supremo beijando em ambas as faces todos aquelles valentes depois de lhes pregar no peito a insignia dos seus feitos. Trouxeram um ferido n'uma maca descoberta. Sobre a camisa branca ficou como uma mancha vermelha a Legião de Honra e o desgraçado decerto esqueceu perante aquelle pedaço de fita escarlate o sangue derramado por esta França admiravel.

Terminada a entrega das condecorações, desfilaram os regimentos pela frente do presidente e as acclamações romperam por todos os lados. Confesso que estes momentos nos fazem correr espinha abaixo um certo fremito e que é preciso fazer algum esforço para suster as lagrimas.

N'um canto do pateo estão parte dos tropheus da guerra: canhões tomados aos allemães, um *Taube*, um *Aviatik* e a maior parte dos destroços do Zeppelin abatido ás portas de Paris. Como contraste com a artilharia allemã do 77, tão elegante e pesada, puseram ali tambem um 75 francez mutilado. Ha em volta munições allemãs, obuzes de 320, e é curioso ler as inscripções a giz traçadas na frente de combate, pois ali os objectos expostos estão confiados á guarda de soldados. N'um canhão 77 alguem escreveu a marca commercial *Made in Germany*. N'um obuz formidavel de bocca enorme outro *bodie* annotou: — «*T'en as une gueule!*»

E, vistos aquelles tropheus, que se podem examinar de graça, uma obra de assistencia aos feridos pede-nos um franco para que na galeria do museu do exercito possamos contemplar *les souvenir du front*. Ali ha de tudo: fardamentos *boches*, armamento avariado, bombas de mão, fragmentos de aeroplanos inimigos, objectos fabricados nas trincheiras, milhares de coisas curiosas. N'uma das salas está a exposição dos artistas combatentes. Pintores, esculptores, desenhadores, que se acham nas fileiras ou nas zonas de combate enviaram os trabalhos em que occupam as suas horas de ocio. Ha coisas admiraveis, estatuetas feitas a canivete, esboços, aguarellas, retratos, caricaturas e, dominando tudo pela concepção e execução, os admiraveis pasteis e aguarellas de Scott, que hoje está a par de Detaille como pintor militar e tem sido o Homero pictural d'esta Illiada.

A' porta, já na galeria, todos param deante do friso que De Losques desenhára para a tenda abrigo da sua esquadrilha. De Losques era o grande caricaturista do *chic* parisiense. Apenas declarada a guerra, alistára-se como aviador e nas suas façanhas ganhara a Legião de Honra e a Cruz de Guerra. Uma bella manhã uma avaria do motor fel-o despedaçar em solo occupado pelos allemães e no dia seguinte estes por bravata mandaram deitar, na linha franceza e por um avião boche, um bilhete indicando o logar onde estavam enterrados De Losques e o seu companheiro. N'essa mesma tarde tres aeroplanos francezes, pairando á uma altura diminuta e debaixo de um fogo nutridissimo, cobriram de flores o campo d'aquelle que nunca mais desenhará os perfis das grandes elegancias parisienses.

Entrar nos Invalidos e não ir visitar Napoleão seria um crime n'esta hora. Lá fui, pois, de romagem até á cripta onde repousa dentro dos seus seis caixões o heroe de Wagram. Ouvi a discripção dos doze baixos relevos, mirei as cincoenta e sete bandeiras tomadas em Austerlitz, contemplei o bloco de porphiro que vale seiscentos contos e que o grande imperador da Russia offereceu á França para que n'elle se talhasse o mausoleu do *Petit Caporal*. O guarda bem falante fez-nos deter deante de uma porta.

— Esta porta, explicou elle, nunca se abria senão para soberanos e chefes de Estado. Ha quatro mezes, porém, abre-se para que os militares e visitantes possam vêr o famoso relicario do imperador.

E, não nos deixando sequer pisar o limiar da porta, pudemos vêr n'uma vitrine fechada o chapeu que Napoleão levava na batalha de Eylau, a espada de Austerlitz, o grande cordão da Legião de Honra usado no dia da coroamento e a caixa de rapé que nunca abandonava o que foi o maior soldado de França.

Voltando ao ar livre uma surpreza me esperava: Por cima do Campo de Marte e do Trocadero voava, muito baixo, um dirigivel.

Paris, 18 — Setembro — 915.

André Brun

Folhetim d'A CAPITAL — 27-9-915

FERNANDO BRANCO
Official da armada

A acção dos submarinos na actual conflagração

Em folhetins da «Capital» enumeraram-se, de 1 a 4 de setembro, as operações de guerra em que os submarinos tomaram parte. Continuamos hoje essa enumeração, relativamente ás operações realisadas de 26 de julho a 31 de agosto de 1915.

Operação n.º 27. — Torpedamento e afundamento, no Mar do Norte, em 26-5-915, do destroyer allemão typo G. 191, de 640 ton., lançado á agua em 1910, custo cerca de 102.400 libras.

Todos os torpedamentos efficazes no Mar do Norte demonstravam, como já vimos, que a acção dos submarinos, mesmo em mares estreitos e apertados, onde consequentemente a vigilancia é tambem apertada, era de grande valor, facto este que hoje é novamente confirmado, pois este torpedamento deu-se em pleno Mar do Norte perto da costa da Belgica.

Igualmente se disse já que o facto do navio torpedeado ser um destroyer tornava a operação importante, não sob o ponto de vista dos estragos materiaes causados ao inimigo, mas sob o ponto de vista da maior ou menor difficuldade em executar a operação.

Claro é que o afundamento de um cruzador de batalha representa para o inimigo um perda muito mais consideravel que a do um destroyer, porem technicamente, e na maioria dos casos, maior valor terá a segunda, porquanto o afundamento do destroyer, que avança em exploração acompanhado de mais unidades da mesma especie a curtas distancias umas das outras, que pode (e em geral o faz) navegar a velocidades de 30' e mais (32'5 para este caso), velocidade esta que pode representar a fuga; que, ainda para mais, apresenta um menor alvo, sendo necessario o submarino approximar-se a menor distancia; que tem muito menor calado de agua o que tem, além de tudo o mais, um maior numero de qualidades evolutivas, até por vezes com lemes á pôpa e á prôa, torna a operação — na grande maioria dos casos — mais difficil.

Rasões temos pois para classificar todas as operações d'este genero de importantes sob o ponto de vista technico.

De resto, temos egualmente razões para poder affirmar (salvo excepções de ordem grave e momentaneas), que o destroyer, e portanto qualquer outro navio, será sempre torpedeado efficazmente pelo submarino, desde que este não tenha sido avistado á superficie por aquelle antes d'elle emergir, facto que apenas se pode dar quando o navio inimigo appareça occasionalmente no mar onde o submarino se encontra, sem que elle o espere.

Caso contrario, o submarino que já espera a passagem do navio, ou navios inimigos, aguarda-os em immersão, podendo approximar-se d'elles até ao alcance efficaz dos seus torpedos, com toda a segurança, tendo a certeza quasi completa de não ser avistado.

Operação n.º 28. — Torpedamento e afundamento, perto da costa da Dinamarca, em 29-7-915, do navio auxiliar allemão «Senator-von-Bomberg» de 200 ton.

Esta operação, que parece á primeira vista ser de uma importancia limitada, não o é, pois que d'ella resultou a destruição de um navio auxiliar que era lança-minas, e que, muito embora não estivesse na occasião empregado n'esse serviço, já o tinha estado e certamente viria a estar outra vez.

Como se sabe, para que a importancia das armas submarinas possa ainda ser maior do que aquella que temos frisado pela descripção das acções dos submarinos, teem tomado n'esta guerra um importantissimo papel as minas submarinas, destruindo até hoje, só á sua parte, um total de 23 navios de guerra.

E se é de capital importancia o extenuante e difficil trabalho da rocega das minas, não é menos vantajoso o da destruição dos navios que para esse serviço possam servir, tanto mais que hoje são n'elle empregados navios de variadissimos typos, que por isso mesmo se disfarçam tomando aspectos variados, como succedia com aquelle de que estamos tratando.

Foi portanto uma operação util sob o ponto de vista estrategico, destruindo um elemento que para o inimigo se podia tornar valiosissimo em determinadas circumstancias.

Operação n.º 29. — Torpedamento e afundamento, em 2-8-915, em frente de Constantinopla, de uma canhoneira turca.

Tanto esta operação como as n.os 31 e 33 veem confirmar o que dissemos anteriormente com respeito ao enorme augmento da actividade dos submarinos alliados (especialmente dos inglezes) nos Dardanellos.

Alem do que n'esta operação se descreve, o que representa o afundamento de uma canhonira turca em frente de Constantinopla, e do que nas operações n.os 31 e 33 se descreve igualmente, e que representam o afundamento de mais uma canhoneira, um transporte e um couraçado, noticias chegam de que os aeroplanos afundaram mais um transporte e os submarinos mais quatro navios tambem transportes, conseguindo assim infundir um tão grande panico na cidade de Constantinopla, que necessario se tornou, para socego dos animos, que alguns membros do ministerio turco fizessem uma excursão em frente da cidade em vapor escoltado por destroyers.

Não pudemos obter nem o nome, tempo pelos submarinos alliados...

Não podémos obter nem o nome da canhoneira, nem a sua tonelagem, nem o numero de vidas perdidas, mas isso não importa perante o facto capital que na discussão de estas tres operações desejamos frisar:

«*O completo forçamento do estreito dos Dardanellos, em condições de todos conhecidas, afundando toda a classe de navios, em frente da cidade, bombardeando a terra, destruindo os caes de embarque, interrompendo as communicações com a cidade, obstando nos seus abastecimentos e operando pelo seu effeito moral, infundindo o panico no governo e na população!*»

Se este trabalho não fôsse apenas uma chronica descriptiva e technica das operações dos submarinos, mas sim tambem polémica sobre o assumpto, provado ficaria que aquillo que os navios de linha não conseguiram, nem conseguirão, sem o auxilio de numerosas forças de desembarque, foi conseguido com bastante exito pelos submarinos.

Operação n.º 30. — Torpedamento no Adriatico, em 7-8-915, do submersivel italiano «Nereide», perdendo 1 homens e conseguindo o barco escapar-se.

Mais uma operação altamente interessante e que demonstra com toda a clareza e primeiro do que tudo o grande poder defensivo do submarino pela facilidade em se tornar invisivel.

Este submersivel — o italiano «Nereide» — apesar de ter conseguido escapar-se indemne, está incluido n'este quadro para honra da marinha italiana, e oxalá que sempre tenhamos, como é de esperar — e com a nossa fraca opinião e com a nossa debil voz, de a elevar gloriosamente ao logar que de justiça lhe compete.

Esta operação confirma o que se disse quando se falou da operação n.º 22 — submersivel italiano «Medusa» — e quando se affirmou, que, ao contrario do que muitos diziam, o combate entre submarinos era possivel.

Effectivamente mais uma vez um submarino é atacado por outro submarino!

O submersivel italiano «Nereide», proximo da ilha de Pelagosa, mesmo no centro do mar Adriatico, é atacado por um submersivel austriaco, mas, mais feliz que o seu compatriota «Medusa», tendo podido observar com o devido tempo o seu inimigo, certamente porque não foi tambem o primeiro a quem isso succedeu, estando portanto prevenido, e valendo-se do seu grande poder defensivo e da boa qualidade que caracterisa os submersiveis modernos, immergiu rapidamente, conseguindo escapar ao torpedamento do inimigo e inutilisando assim completamente o ataque feito pelo outro submersivel.

Nada mais bastaria para que a acção d'este submersivel tivesse já sido brilhante, conseguindo escapar a ataque que certamente lhe seria funesto.

Houve porém muito mais. Uma vez immerso e portanto completamente a coberto de outros ataques do inimigo, guardou que elle se afastasse, e como não tivesse vindo á superficie — conforme lhe competia — fez crêr ao seu inimigo que tinha sido afundado, e d'ahi a primeira noticia que appareceu do afundamento do «Nereide», que mais tarde foi desmentida officialmente pelo governo italiano, quando o mesmo submersivel regressou á sua base, tendo cumprido o seu dever.

Como se disse, durante os primeiros momentos, o submersivel não veiu á superficie propositadamente para não ser novamente atacado, aguardando certamente que os auscultadores do seu posto receptor de S. S. lhe indicassem o afastamento do inimigo.

Quando resolveu porém regressar á superficie não o poude fazer, não dizendo ainda as noticias que até hoje conseguimos obter qual a razão por que assim succedeu.

Claro está que sendo esta uma operação de guerra e competindo ao commandante fazer todos os esforços para regressar á sua base com o seu navio intacto, muito embora sem a guarnição completa, não se serviu do seu lastro destacavel que immediatamente o faria á superficie, ainda mesmo que mais nenhum apparelho funccionasse, dado que o navio nada tinha alagado interiormente, como depois se viu.

(*Continua*)

VIAGENS NO ALGARVE

O delírio da cal

A gente algarvia tem uma grande mania—a de caiar...

PRAIA DA ROCHA, 22.—O algarvio caia tudo. A cal é o seu perturbador delirio. Pardieiros a desmoronarem-se, velhos moinhos cujos braços se não movem ha muito, palacios de gente rica, egrejas, casebres, ruinas, tudo isso é branco, de uma brancura que perturba, de uma alvura que fascina e causa, quando o sol é de fogo, allucinações. O pincel do caiador não respeita nada. Para elle, só a cal é digna de cobrir, com a sua lividez estonteadora, tudo aquillo que o tempo enegrece e que soffre, pelos seculos além, a acção corrosiva de vendavaes e tempestades. As povoações no Algarve não são mais, vistas de longe, do que enormes manchas claras, rindo á luz mais viva e mais pura que conta na terra portugueza, beijando-a e purificando-a. O Algarve é a terra do calcareo. A cal nasce, por isso, da propria terra, quasi em toda a parte onde queira erguer-se um forno para a coser.

São caiados os muros que dividem as quintas, as simples paredes de pedra solta que, pelo campo, separam as propriedades umas das outras. No meio das lagunas de Faro, sahindo da agua azulada, mal erguendo da terra lamacenta a silhueta minuscula, poisam, aqui e além, casas brancas de pescadores. Na serra entre as penedias, mesclando a paisagem, abrindo pelos pinhaes e pelos soutos de castanheiros amarellados clareiras de luz, surgem a cada passo, gargalhando a sua curiosa brancura, casas todas brancas, que são a melhor mancha conspurca. São brancas as chaminés, que foram, como minaretes de mesquitas, caprichosas e rendilhadas, o espaço phosphorescente; são alvas de neve os portaes, os degraus das casas, os beiraes dos telhados e, ás vezes, as proprias valetas das ruas...

A cal entôa por toda a parte a sua exuberante canção á luz que a faz brilhar, que quasi lhe dá polpa, que a injecta de vida, que a torna sempre e cada vez mais branca. Vista de longe ou do alto, não ha no Algarve nenhuma povoação que não deslumbre. Fixal-as uma vez na retina é não tornar a esquecel-as. Só ha uma coisa que pode obrigar-nos a attenuar a visão deslumbradora. E' visital-as. E' percorrel-as, a embrenhar-se a gente nos seus arruamentos estreitos, pelos quaes escorrem, frequentemente, aguas sujas, saturadas de immundicies. Quem uma vez vê Ferragudo, á beira mar, muito juntinho, banhado de sol, jámais pode riscal-a da memoria. Portimão, vista lá de baixo, do alto do forte de Santa Catharina, que guarda a barra, dir-se-hia um alvo e immenso lençol, cobrindo, dobrado e redobrado em pregas successivas, esse pedaço de terra algarvia.

O caiador é, frequentemente, um artista. Da brocha saem-lhe bizarras combinações que completa, sobre os bolmos baixinhos, com estreitas fitas roxas que parecem sulcos de sangue. Mas tambem é, amiudadas vezes, um vandalo. Para elle, não ha pedra antiga que possa guardar a sua denegrida côr. O passado não existe para esse destruidor de velharias. Desvairado pelo branco, tudo para elle tem de ser branco. E' por isso que ... Só de Silves está caiada. E é ainda esse o motivo por que desappareceu, sob a cal inimiga, quasi tudo o que no Algarve escapou dos tempos em que a moirama por aqui construiu as suas mesquitas, os seus eirados e os seus minaretes...

Estive ha dias em Estombar e fui ver a egreja. O seu magnifico portal manuelino, côr da gemma do ovo, doirado pelos seculos, tem até agora resistido victorioso ao delirio da cal. Percorri o templo, mirei os seus preciosos azulejos do seculo dezoito, com desenhos regionaes em que predominam o navio, a vella, a corda, o remo e o pescador. E dei, por fim, junto da entrada principal, com duas esplendidas columnas, todas lavradas e cheias de esculpturas de um grosseiro primitivismo ingenuo e encantador. Estavam caiadas. A brocha e a cal tinham banalisado os dois interessantissimos documentos de uma arte rudimentar, cuja documentação é mister manter.

Em Sagres, ha panos inteiros das muralhas caiados de fresco. E' esse, de resto, o unico signal de carinho que a historica praça forte ostenta. Só o caiador se lembrou d'ella para a rejuvenescer. O Estado abandonou-a. Em Faro, sobre pedaços de antigos paredões pertencentes ás defezas da cidade, construiram-se predios. Depois, caiou-se tudo de alto a baixo. E vão lá agora dizer o que era do tempo dos romanos e o que pedreiros ainda vivos construiram! E', decerto, o delirio da cal; nivelando tudo, banalisando tudo, uniformisando tudo, o que mais impressiona, no Algarve, a gente do norte, habituada a paisagens mais doces, mais sóbrias, mais monotonas e mais tristes. O branco dá á terra algarvia uma physionomia só sua. Se tudo o que por aqui é, presentemente, alvo como neve, deixasse amanhã de o ser, o Algarve perderia parte d'esta alegria que nos acolhe á chegada e não nos abandona mais, emquanto pelas nossas retinas anciosas desfilam as casarias scintillantes e deslumbrantes de brancura.

A cal é o riso amplo e perpetuo do Algarve. E' a propria alma da provincia rindo e cantando a sua belleza e a sua riqueza. E' a fascinação, é o deslumbramento, é a apotheose estridente que se ergue de todos os lados á vida fecunda que faz d'esta terra a mais rica de Portugal. A principio aggressiva para quem vem de fóra, a cal acaba por se familiarisar comnosco. E o delirio de caiar, que não poupa nada, que nivella tudo, transforma-se rapidamente, para o forasteiro a quem tanta brancura fere a vista, ensanguentando-lhe os olhos, n'uma doença quasi sympathica, que os seus nervos cançados já não condemnam. A cal é a grande paixão da gente algarvia. Pois deixemol-a continuar rendida e posternada perante essa deusa que agasalha, nas suas roupagens alvas e resplandecentes, toda a provincia.

Adelino Mendes

A neutralidade hespanhola

Declarações do sr. Melchiades Alvarez

Paris, 25 de setembro

Chegou ha dias a Paris o sr. Melchiades Alvarez, chefe do partido reformista hespanhol.

Segundo nos disse no decorrer de uma conversação que com elle tivemos, a sua visita não é de caracter official.

Vim, disse-nos, como simples particular, ou, quando muito, em nome do meu partido para estabelecer um contacto mais effectivo, laços mais estreitos entre a politica hespanhola e franceza. Estou já em relações com as notabilidades parlamentares do seu paiz, e, continuando a minha tarefa, espero visitar o sr. Poincaré. Os senhores teem-se enganado muito a nosso respeito, julgando a Hespanha como um paiz germanophilo; uma tal idéa é para nós uma injuria. As classes illustradas, reconhecidamente liberaes, são abertamente francophilas e só desejam a victoria dos alliados.

Egualmente, seria injusto duvidar da neutralidade do governo do sr. Dato; é sincera, e tudo tem sido posto em acção para que seja rigorosamente observada. Conheço particularmente o modo de pensar de alguns ministros do governo, e posso affiançar-lhe que as suas sympathias são pela França; não esquecem de que lado estão as conveniencias e interesses de Hespanha.

A unica coisa em que procedemos mal foi em deixar manifestar durante algum tempo, muito publica e ruidosamente, sentimentos que não são os da verdadeira Hespanha, da Hespanha intellectual. Mas hoje não ha já taes manifestações, que davam origem a perigosas polemicas; o governo prohibiu-as absolutamente, e não se reproduzirão mais.

E' isto o que eu desejo fazer comprehender aos homens politicos da França, ao mesmo tempo que desejo sondar a sua opinião a nosso respeito.

Vejamos agora a questão do reabastecimento dos submarinos nas costas de Hespanha, que injustamente nos accusaram de termos feito. O governo de Madrid fez tudo quanto era humanamente possivel fazer, tomando todas as precauções imaginaveis, para que fosse exercida a mais attenta vigilancia em todas as nossas costas. E é preciso não esquecer que as bahias pequenas são numerosas, e que apezar de todos os esforços empregados é difficilimo descobrir cumplicidades que se dissimulam e occultam. Encontram-se por toda a parte.

A este respeito é preciso que a França esteja tranquilla; cada se tem feito, nem fará, para favorecer tal procedimento. Desejo fazer comprehender isto bem claramente aos parlamentares francezes sob quem falar.

Espero que a missão de que me encarreguei, tanto em meu nome como no do partido progressista que represento, terá beneficos resultados. Além dos concursos moraes que alcançar, ao regressar a Madrid, levarei commigo a impressão que experimentei ao visitar as trincheiras francezas de onde venho agora.

E essa impressão, que communicarei em Hespanha, é que com um exercito como o que acabo de ver a França nunca poderá ser vencida. E' preciso que a Hespanha saiba que a nação franceza tem a victoria nas suas mãos.—(Le Temps).

A questão das subsistencias

Por causa do preço do peixe

Tumultos e prisões no Mercado 24 de Julho

Esteve hoje novamente em estado de sitio a praça da Ribeira Nova. Imprecações, bofetadas, insultos, apedrejamentos, correrias, de tudo houve, em grande abundancia, n'aquelle turbulento principio da rua 24 de Julho. Pretexto? A carestia do peixe meudo, em discordancia com os preços da tabella.

Pouco depois das 11 horas chegaram ao caes da Ribeira Nova os primeiros barcos com peixe, vindos de Cezimbra. Vinte e quatro cabazes de carapau.

A' vista dos barcos, immediatamente uma alluvião de varinas abalou da praça, em correrias, para junto do caes, onde os primeiros conflictos surgiram.

—Que o preço de cabaz era a dez tostões,—exclamaram as peixeiras em alta grita, invectivando os homens da lota.

E como os animos se exaltassem e houvesse já cabellos desgrenhados e as «sogras» e chapéus andassem n'uma polvorosa, a policia acudiu, pedindo reforço á esquadra da Boa-Vista, ao governo civil e ao quartel do Carmo.

Chegam d'ahi a pouco mais vinte cabazes vindos de Cascaes. A gritaria augmenta. Ha agora conflictos dentro da praça e junto do caes. A policia é impotente para manter a ordem.

Os vinte cabazes dividem-se vendendo-se alguns a um escudo, junto dos barcos. Os outros vão para a praça e obteem ahi, em disputa, treze e dezoito tostões.

Foi o rastilho. A algazarra dentro da praça é ensurdecedora. Ha gritos obscenos, palavrões de fazer corar um carrejão, punhadas violentas, e aqui e além «corps-à-corps» que volta e meia desabam em força pela situação das mais fracas que ficam com os cabellos completamente emaranhados.

Mais uma vez a policia intervem. Os reforços não chegaram ainda. Ha no todo meia duzia de guardas para os trez ou quatro centos de peixeiras que zaragateiam na praça. N'um abrir e fechar d'olhos a mulherio envolve a policia e insulta-a. Depois vem tudo de roldão para a rua. Ha levantados no ar, pranchadas, empurrões. Casualmente, vindo do Dafundo para a praça Marquez de Pombal, surge um carro electrico, os guardas, para não fazerem sangue, sobem para o carro. A multidão prosegue-os. As primeiras pedradas partem. O policia 672, ainda no estribo, apanha com uma, em cheio, no peito. O conflicto promette aggravar-se, descender em tragedia. E' n'esta altura que surge, a todo o galope, vindo da rua do Alecrim, um pelotão de cavallaria da guarda republicana do Carmo. Pouco depois chega tambem o piquete de prevenção do governo civil e todos os guardas disponiveis da Boa-Vista ás ordens do chefe Estevinha. A cavallaria evoluciona. Ha correrias. A gritaria augmenta, e a policia, já então senhora do campo, effectua as primeiras prisões por entre os protestos da vozinhagem.

Dois feridos são transportados em charola para os lados da Baixa. E tudo parece finalmente entrar na normalidade.

Junto do caes, até ás 15 horas, chega mais carapau. Veem successivamente 23 cabazes de Cascaes e mais 18 por uma vez, 23 por outra, 4 por outra e trinta por outra, de Cezimbra, e que são vendidos á lota por preços que se não conformam de maneira alguma com os da tabella.

A cada remessa que chega são novos conflictos que se esboçam e a que a policia põe termo pacientemente. O pelotão de cavallaria, apaziguados um pouco mais os animos, retira para o quartel. A policia faz mais uma ou outra prisão que quasi sempre não é mantida, de maneira que, aparte as discussões acaloradas entre varinas e grupos de populares, tudo descamba no dia-a-dia do mercado.

A's 15,30, no «camion» da policia, os presos seguem da esquadra da Boa-Vista para o governo civil. São trez homens e duas mulheres; elles por se intrometterem no serviço da policia, ellas por, dentro da praça, espezinharem, varias vezes o peixe comprado pelas collegas. Os nomes dos presos que deram entrada na esquadra da Boa-Vista são: José Couceiro, pateo do Padeiro, ao Poço dos Mouros, 42; Antonio da Costa Vaz e seu irmão Affonso, rua das Trinas, 71; Joaquim e José Macasinha, rua Direita de Belem, 6; Christiano da Cunha, rua da Esperança, cujo numero se recusou a dizer; Assumpção de Jesus, travessa dos Inglezinhos, 31, loja, e Maria Luiza, travessa Nova de Santos, 30, loja.

A's 16 horas chegaram de Cezimbra e Cascaes mais 178 cabazes que promptamente são vendidos.

Dos feridos no conflicto, foi curar-se ao banco do hospital de S. José a peixeira Feliciana Augusta Pereira, de 19 annos, moradora na travessa das Amoreiras, que apresentava um ferimento no nariz, causado por uma pranchada da policia.

Ovos e venda de pão

A's estações dos caminhos de ferro chegaram hoje 131:00 ovos, dos quaes não foram despachados 49:000, pelo que ficaram retidos. Não se comprehende bem que haja tão grande falta em todos os estabelecimentos onde costumam vender-se.

Continuou hoje a venda de pão em diversas esquadras policiaes, mas como o abastecimento d'estas fosse feito muito tarde houve de manhã grande ajuntamento de povo nas proximidades.

Por ter augmentado o preço dos cebolas foi multado Arthur Gomes, estabelecido na Avenida de Chellas.

O manifesto dos trigos

Informam-nos do seguinte:

Os manifestantes do sul são obrigados a pôr os trigos manifestados nos caes das fabricas em Lisboa, correndo todas as despezas por sua conta. As fabricas do norte são obrigadas apenas a receber o trigo nas localidades da producção, nos caes ou estações de caminho de ferro mais proximas dos celleiros manifestantes, sem mais despezas para estes. Isto o que estatue o decreto publicado a respeito do manifesto dos trigos.

Um lavrador do sul, por exemplo, que tem de mandar trigo para Lisboa tem mais despezas do que um collega seu que tem de mandar trigo para o Porto ou para qualquer outra localidade do norte, do que resulta um certo retrahimento da parte dos lavradores que teem manifestado trigo para Lisboa.

Para esta desegualdade chamam a nossa attenção, entendendo quem nos informa que urge que o governo esclareça o assumpto.

BARREIRO, 26.—A camara municipal deliberou que as vendedeiras de hortaliça e fructas fizessem venda na praça da Republica, a fim de evitar que ellas fossem assaltadas á entrada da villa, faltando assim os generos á população.

A auctoridade administrativa tem providenciado de modo a que não sejam alterados os preços dos generos de primeira necessidade.

O cinco de outubro

BARREIRO, 26.—A direcção do Centro Republicano Portuguez resolveu commemorar o 5.º anniversario da proclamação da Republica com alvorada no dia 5, embandeiramento e illuminação da fachada. A sua escola com o estandarte, incorporar-se-ha no cortejo que em Lisboa se realisa á memoria do almirante Candido Reis e dr. Miguel Bombarda.

POR MONTES E VALLES

Os baldios de Serpins

Palavras d'um lavrador da região

No dia em que chegámos a Serpins, ao cahir da tarde, sobre a crista do Sobral, appareceram subitamente duas columnas de fumo. O acaso proporcionava-nos o espectaculo inesperado de uma queimada na serra. A' medida que as nuvens de fumo tomavam consistencia, até constituirem collossos piramidaes, a anciedade ia augmentando pelos dispersos logares da freguezia e a pouco e pouco a gente acodia alvoroçadamente ás portas de cabanas e tugurios, para contemplar a marcha distante do fogo, lambendo implacavelmente a urze resequida da montanha.

Para a gente do campo, uma queimada na serra é já espectaculo vulgar, mas nunca presenceado com indifferença. Assim que lá, ao longe, surgem os primeiros novellos de fumo, paralisa todo o trabalho nas herdades, as mulheres depõem os baldes das regas, os homens, nas eiras, suspendem as malhadas, e pelas encostas e nos valles cessa o relampego das enxadas. Custa a comprehender, como o annuncio da queimada transpõe tão vertiginosamente quintaes e granjas, porque, momentos depois, todo o formigueiro humano, isolado e distante, que parecia viver exclusivamente para a sua rude tarefa, encontra-se com os olhos postos no alto da serra fumegante, em attitude interrogadora, confrangida na impotencia de pôr obstaculo áquella inevitavel destruição.

Na planicie, talhada pelo caminho de ferro, a locomotiva é quasi sempre a causadora involuntaria das queimadas no campo. As populações, quando o perigo é maior e ha receio de destruição de culturas, acodem pressurosas e, com ramos verdes, atacam o incendio. Nas montanhas, e principalmente nos incultos, as queimadas são, por via de regra, produzidas por descuidos de viandantes, gente sem eira nem beira, que tanto se lhe dá que a serra se transforme n'uma immensa fornalha como se todos os caminhos percorridos se convertessem em rios.

O fogo lavrou toda a noite, illuminando a montanha e o espaço, e, ao clarear da manhã, as duas columnas de fumo haviam-se deslocado por umas centenas de metros, continuando, sempre a corroer o matto.

Emquanto o incendio serpenteava no alto, um dos filhos de Serpins que vem de novo contemplar a queimada trava palestra comnosco, ácerca d'essa montanha que desperta a nossa mutua curiosidade.

—Deve ter morrido por lá muita caça—começa por dizer o chronista local, caçador por instincto e por necessidade de existencia primitiva, como todos os seus conterraneos.

«Aquella serra immensa é o Sobral que estas populações pretendem, com inteira justiça, que fosse fraternamente distribuida. São terrenos baldios que, a ninguem dão proveito e prejuizo para o Estado é o que representa. Tivemos uma canceira enorme para que a divisão das glebas se fizesse. A nosso lado encontrámos boas dedicações, mas de nada nos valeu. Esse gentil que lá em baixo dispõe da sorte dos pequenos não quiz dar ouvidos ás nossas solicitações, receando talvez que uma demasiada fortuna viesse provocar a nossa infelicidade.

Assim, ao passo que outros povos participavam da terra, pela divisão dos baldios, como aconteceu no Alemtejo, nós fomos desattendidos; e, contra toda a espectativa, o Estado decidiu sobre uma coisa que não era sua, mas sim da junta de parochia, como se provou a seu tempo. Allegou-se que o paiz precisava augmentar as suas mattas, mas até hoje ainda ninguem viu que o Estado aqui viesse plantar uma unica arvore.

Se a divisão da terra se tivesse feito, accrescenta o nosso informador, esta serra apresentaria hoje um aspecto differente. Todos os povos que lhe estão addicionados, se encarregariam d'essa arborisação, ao passo que da terra tirariam o melhor resultado por adequados processos de cultura.

Parece ter havido um grande receio de que nós todos enriquecessemos com a posse da serra e por isso nol-a negaram. Esse receio, entre nós, chama-se inveja; quando se trata do Estado, não sei que nome tenha, mas deve ser um defeito grave. A quem interessa a nossa riqueza? Evidentemente ao Estado. Todos nós aqui somos molestissimos proprietarios; apontam-se os raros, que não possuem uma geira de terra e vivem exclusivamente offerecendo o seu braço a estranhos. Por essa razão a posse da serra não caberia a um limitado numero, mas ao grosso da população e sendo a riqueza publica materia collectavel, não vejo a vantagem do Estado em reduzir a fortuna particular, em vez de a fazer augmentar. Fiados n'isso, alimentámos por muito tempo a esperança de que um dia viriamos a tomar posse da terra. E, pela parte que me toca, forjei os mais risonhos projectos, que, representando o meu futuro bem estar, eram tambem um elemento de prosperidade e riqueza do Estado, que participa sempre do esforço e do trabalho de todos.

Não sei os annos, se a experiencia da vida ou o conhecimento dos homens, fizeram-me descrer de tudo. A nossa esperança, conclue o modesto lavrador, olhando o alto da serra, foi como essa nuvem branca de fumo que vae coroando a montanha. Nasceu alto; viveu um dia, logo terá desapparecido completamente, até que mão imprevidente lance de novo rastilho ao matto e outra nuvem se levante. Os novos são corajosos e não desistem tão facilmente. Atravez dos tempos, haverá sempre queimadas na serra, tanto mais que não será tão cedo que o Estado se preoccupe em revestir a montanha de arvoredo, ... em negocios de maior monta.

E, se alguma vez, por cá voltar, dirá a meus filhos ou netos, se tenho ou não motivo para esta descrença!...

O leão "Marval,,

Nova operação

O leão *Marval*, que faz parte da collecção de animaes ferozes do Jardim Zoologico, vae ser novamente operado das unhas, pois que estas voltaram a crescer de tal modo, encravando-se na polpa dos dedos, que lhe difficultam já o andamento.

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

Faculdade de medicina

Fica transferida para sabbado, pelas 15 horas, a reunião dos estudantes do curso definitivo (nova reforma), annunciada para hoje, no largo do Carmo, 18, 1.º.

ALVITRES e RECLAMAÇÕES

Representação que não é attendida

Um grupo de commerciantes e de moradores da rua da Atalaia, sabendo que ia all installar-se, no n.º 110, 1.º, uma casa de mulheres sujeitas á vigilancia policial, dirigiram uma representação ao inspector da policia sanitaria e outra ao governador civil, pedindo que em tal se não consentisse.

Poit tal representação não teve deferimento e a casa vae abrir, com o que os moradores da visinhança se mostram indignados, protestando energicamente contra o procedimento de quem consente que tal facto se consumma.

ULTIMA HORA

A grande guerra

Importantes combates no theatro occidental

PARIS, 26 (retardado).—Communicação official.

O nosso ataque ao norte de Arras trouxe-nos novos progressos; occupámos á viva força a totalidade da villa de Souches; avançámos para os lados de leste na direcção de Givenchy. Mais para o sul chegámos a Folie e avançámos para o norte de Thelus até ao telegrapho destruido. Fizemos durante o combate mil prisioneiros. Em Champagne as nossas tropas continuaram a ganhar terreno. Depois de haverem passado alem de poderosas redes de trincheiras, canaes e fortins estabelecidos e aperfeiçoados pelo inimigo ha longos mezes, na linha comprehendida entre Auberive e Wille-sur-Tourbe, as nossas tropas avançaram em direcção ao norte obrigando as tropas allemãs a recuar para as trincheiras da segunda posição tres ou quatro kilometros á retaguarda. A lucta continúa em toda a linha. Chegámos a Epine Vedegrange; passámos alem de Cabane na estrada de Souain a Somme Epy e Baraque na estrada de Souain a Tahure; mais para leste occupámos uma herdade e algumas casas de Champagne. O inimigo soffreu com o nosso fogo e nos *corps-à-corps* perdas importantissimas, tendo deixado nos entrincheiramentos que abandonou consideravel material que não poude ainda ser arrolado. Até agora ha noticia da tomada de 24 peças de campanha, o numero dos prisioneiros augmenta progressivamente e excede actualmente 16.000 não feridos, sendo pelo menos 200 officiaes. Ao todo e na generalidade das linhas de combate os alliados fizeram em dois dias mais de 20.000 prisioneiros validos.

Communicado belga.—A artilharia inimiga esteve pouco activa, havendo alguns tiros de peça em diversos pontos da linha. Na tarde de hontem as nossas tropas tomaram um posto de observação allemão na margem direita do Yser e fizeram prisioneira a guarnição do referido posto, quinze soldados e um sargento. Foi tomado um lança-granadas. A occupação do posto pelas nossas tropas forçou os allemães a evacuar 200 metros de trincheiras sobre o Yser.

Um communicado de sir John French datado de hoje diz o seguinte:—Hontem atacámos pelo sul o canal de La Bassée e tomámos trincheiras n'uma extensão de 8 kilometros e com uma profundidade de por vezes quatro mil metros, occupámos a aldeia de Loos por meio de minas e a cota 70. Ao norte de La Bassée os successos foram variaveis. Ao sul de Dellawaarde ganhámos 600 metros de trincheiras, que consolidámos. Os despojos foram 1700 prisioneiros, 8 peças e varias metralhadoras.—(*Havas*).

LONDRES, 26. — Communicação de sir John French, em 26.—Houve hoje renhidos combates no terreno ganho hontem por nós, fazendo o inimigo energicos contra ataques a leste e ao nordeste de Loos. O resultado d'estes combates é que mantemos, exceptuando exactamente o norte, todo o terreno ganho hontem, incluindo a totalidade da propria villa de Loos.

Esta tarde retomámos os terrenos a noroeste de Hulluch que haviam sido ganhos e perdidos hontem. Com estes combates attrahimos as reservas inimigas, facilitando assim aos francezes que se encontram á nossa direita a execução de novos progressos.

O numero de prisioneiros feito depois do combate de hontem eleva-se a 2:600. Tomámos 9 peças e consideravel numero de metralhadoras. Os nossos aeroplanos bombardearam hoje e descarrilaram um comboio proximo de Coffres, a leste de Douai, e um outro carregado de tropas em Rosult, proximo de St. Amand. A estação de Valenciennes foi tambem bombardeada.—(*Havas*.)

LONDRES, 27.—Communicado de sir John French, em 26:—Hontem, de manhã, atacámos o inimigo ao sul do canal de La Bassée, a leste de Greenay e Vermelles. Tomámos-lhes trincheiras n'uma extensão de mais de cinco milhas, penetrando nas suas linhas em alguns pontos até á distancia de 4:000 metros. Tomámos as orlas occidentaes de Hulluch, a aldeia de Loos, os trabalhos de sapa em volta da villa e a cota 70.

Outros ataques foram feitos ao norte do canal de La Bassée, que trouxeram importantes reservas inimigas para esses pontos na linha onde se deram renhidos combates durante o dia com successo variavel. Ao anoitecer, as tropas, ao norte do canal, reoccuparam as suas posições de pela manhã.

Fizemos outros ataques proximo de Hooge de um e outro lado da estrada de Menin. O ataque ao norte da estrada teve como resultado a occupação de Bellewarde, herdades e alturas, mas foram em seguida retomadas pelo inimigo. O ataque ao sul da estrada alcançou-nos cerca de 600 metros de trincheiras inimigas, e consolidámos o terreno ganho.

Os relatorios ácerca das tomadas accusam até agora cerca de 1:700 homens como prisioneiros, oito peças de artilharia e varias metralhadoras, cujo numero é ainda desconhecido.

A noticia dada no communicado allemão, de sexta feira, de que tentámos dar um ataque no dia antecedente ao sul do canal de La Bassée e que essa tentativa fôra gorada pelo fogo da artilharia inimiga, é falsa. Não se tentou nenhum ataque.—(*Havas*.)

Os progressos francezes na Champagne

PARIS, 26. — Communicação official—Em Artois mantivemos durante a noite as posições conquistadas hontem, comprehendendo o castello de Carleul, o cemiterio de Souches e as ultimas trincheiras que o inimigo occupava ainda. Fortificámos a posição e baptisámol-a com o nome de *Labirintho n.º 3*.

Na Champagne continuaram porfiados combates em toda a linha. As nossas tropas penetraram nas linhas allemãs n'uma extensão de 25 kilometros de frente, variando a profundidade de 1 a 4 kilometros e durante a noite mantiveram todas as posições conquistadas. O numero de prisioneiros, que ainda não foram contados, excede 12:000 homens.

No resto da linha não ha nada a assignalar, a não ser a acção de surpreza da nossa artilharia sobre as fortificações allemãs na região de Launois e em Ban de Sapt.—(*Havas*).

A lucta na frente italo-austriaca

ROMA, 26 — Official—Na zona de Cedevale repellimos um ataque contra Capeuna. Em Carnio repellimos trez ataques precedidos de violento canhoneio. O canhoneio da gare de Tarvis causou grandes incendios.—(*Havas*).

QUESTÕES DE INSTRUCÇÃO

A gratuidade do ensino official

Reuniram hoje na sua séde associativa os estudantes da Faculdade de Lettras candidatos aos exames de bacharelato na proxima epocha, apreciando as condições da matricula na Escola Normal Superior e os programmas para os exames na Faculdade de Lettras.

Determina a lei que para a matricula na Escola Normal Superior apresentem os candidatos o diploma comprovativo de terem o curso das faculdades de Lettras ou de Sciencias. Ora a carta de qualquer d'estes dois cursos custa trinta e tantos escudos, e como a matricula no primeiro anno da Escola Normal Superior custa meia dezena, tal exigencia vem difficultar a muitos candidatos a carreira do professorado que tinham escolhido por para ella sentirem vocação.

E a difficuldade é tanto maior quanto a matricula no segundo anno importa na quantia superior a 30 escudos, e depois para fazerem o exame final, e chamado exame de Estado, teem que pagar ainda mais 90 escudos. E' curso accessivel apenas aos ricos.

Sobre este assumpto resolveram os interessados ir procurar amanhã o sr. ministro da instrucção para lhe pedir que seja substituida a carta de curso das faculdades de Sciencias ou de Lettras por uma simples certidão comprovativa de terem concluido o curso, e, no caso de a lei se oppôr a isso, lhes seja permittida a matricula condicional n'estas circumstancias, até que o Parlamento, quando reuna, possa modifical-a.

Apreciando o programma dos exames, observaram que está em desaccordo com o respectivo regulamento anteriormente publicado, pois que aquelle menciona provas em numero superior ou inferior, raras vezes egual ao d'este. Assim, o regulamento de exames determina que sejam cinco os pontos sobre que o alumno tem que responder, mas os programmas das differentes secções indicam desde dois a nove, como succede em philosophia e em historia, marcando quatro para philologia romanica e seis para litteratura portugueza.

A este proposito vão apresentar as suas reclamações á direcção da Faculdade, pedindo-lhe tambem a reducção das horas de duração das provas escriptas diarias, ou um intervallo para descanço; tambem vão pedir lhes sejam concedidas 24 horas para estudarem o ponto.

A Faculdade tem que resolver a questão até ao dia 10 de outubro, pois que os exames estão marcados para 11, ou então será forçada a adial-os.

NOTAS DIVERSAS

Regressaram hoje a Lisboa, vindos de Alcobaça, onde foram assistir á inauguração da exposição de pomicultura, os srs. presidente da Republica, acompanhado do seu secretario sr. Levy Bensabat, ministro do fomento e João Palma, chefe do seu gabinete, major general da armada, contra almirante Alvaro Ferreira, capitão tenente Oliveira Muzanty, chefe do gabinete do sr. ministro da marinha; 1.º tenente Villarinho, secretario, e director geral de agricultura, sr. Camara Pestana.

No mesmo comboio chegou a banda do corpo de marinheiros que foi abrilhantar a festa.

—No ministerio dos negocios estrangeiros esteve hoje o sr. ministro da Austria.

—N'uma das dependencias do governo civil reuniram hoje os administradores de concelho do districto, sob a presidencia do sr. Urbano de Castro, chefe da 3.ª repartição de Estatistica Agricola. Na reunião, que terminou perto das 19 horas discutiu-se a maneira de orientar, em dados mais precisos e praticos, a questão do arrolamento de trigos, bem como a maneira de se proceder á proxima sementeira, tomando como base a estatistica dos dois annos anteriores.

—Tomou posse do logar de 1.º official da secretaria geral do ministerio das finanças o revolucionario civil Luiz Augusto Xavier de Barros.

—O conselho de ministros reune, pelas 22 horas, no ministerio da marinha.

—O sr. ministro dos negocios estrangeiros chegou hoje a Lisboa vindo de Vizella no rapido das 14 horas e meia.

•••• ECHOS & NOTICIAS

INFORMAÇÕES — COMMUNICADOS

NOTAS MUNDANAS

Acompanhado de sua esposa e filha, regressou de Caldellas á sua residencia em Lisboa o illustre clinico dr. Simões Carneiro.

—Retirou das Caldas das Taipas para a sua casa no Porto o sr. Elysio Pereira do Valle.

—Partiu para a Figueira da Foz o distincto campeão de esgrima de Portugal sr. Carlos Farinha.

—Passa hoje o anniversario natalicio da sr.ª D. Magdalena da Camara Manuel.

Dr. Bernardino Machado

GOUVEIA, 27.—Vindo da serra da Estrella, passou hoje n'esta villa o sr. dr. Bernardino Machado, acompanhado do sr. Antonio Tudela.

Reclamações operarias

Uma numerosa commissão de torneiros de metaes, canalisadores de agua e gaz e bronzeadores procurou hoje os srs. presidente do ministerio e ministro do fomento para junto d'elles protestar contra a ordem do governo que mandou fechar as portas das officinas, a fim de obrigar os operarios a trabalhar 10 horas por dia, o que é contra o regulamento.

A commissão procurou tambem o sr. ministro da guerra a fim de lhe pedir para serem admittidos alguns torneiros na fabrica de material de guerra.

PEQUENAS NOTICIAS

Suicidou-se, ingerindo uma porção de cocaina, Francisco de Paria, morador na rua dos Correeiros, 23, 3.º. O cadaver foi removido para a Morgue.

PARTE COMMERCIAL

Situação da praça

CAMBIOS.—O mercado fechou ás seguintes cotações:

	Compra	Venda
Londres, cheque	35 3/16	35 5/16
Londres, 90 d/v	35 1/16	—
Paris, cheque	$79,6	$70,8
Allemanha, cheque	$20,3	$44,5
Hollanda, cheque	$465	$50
Madrid, cheque	1$57	1$59
New York	1$41	1$46
Rio s/Londres	12	—
Libras	7$00	7$10
Agio do ouro	40 %	53 %

BOLSA — As inscripções effectuaram-se:

	Assent.	Coupon
Titulos de 1.000$	40,00	39,70
» » 500$	—	—
» » 100$	—	—

Acções: Lisboa e Açores 116$30 e assent. 116$30; Prohibidade 31$50; Casengo 1$10; Tabacos, coup. 73$00; Zambezia 1$57.

Obrigações: Ultramarino, hipothecarias, 93$80.

NOS BALKANS

A entrevista do rei da Bulgaria com os chefes da opposição

Nisch, 23 de setembro

A proposito da entrevista do rei Fernando com os chefes da opposição parlamentar envio-lhes os seguintes pormenores interessantes:

«Esta audiencia foi o mais importante acontecimento da vida politica da Bulgaria de ha mezes para cá. O rei recebeu os chefes da opposição na presença do principe herdeiro e do chefe do seu gabinete politico, o sr. Dobrovitch, não tendo este tomado parte na conversação.

Os chefes opposicionistas falaram uns em seguida aos outros; usou da palavra em primeiro logar o sr. Malinof, chefe do partido democratico, dizendo que as aventuras em que o actual governo está decidido a metter-se só catastrophes poderão originar. O governo quer a neutralidade, ou a alliança com a Allemanha. No primeiro dos casos, a Bulgaria tornar-se-ha como a Belgica um campo de batalha entre os allemães invadindo a Servia e os franco-inglezes desembarcando na Macedonia; no segundo, os bulgaros terão por inimigos os tres povos balkanicos e as quatro grandes potencias.

E', pois, gravissima a situação e para sahir d'ella precisa-se d'um governo de larguissima coalisão.

Falou depois o sr. Stambolisky, chefe do partido agrario, que disse: «Da conversa que tive com o sr. Radoslavof conclui nitidamente que está preparando uma catastrophe que produzirá a debâcle no paiz». E em termos muito energicos accrescentou que se o paiz attribuira as responsabilidades da aventura de 16 de junho de 1913 á corôa e ao governo, as de uma nova catastrophe attribuil-as-ha exclusivamente ao rei.

Tomou a palavra, a seguir, o sr. Tzanof, chefe do partido nacional, dizendo que o momento é decisivo e n'elle está a Bulgaria jogando a sua existencia.

«Dictam-me os interesses do paiz, accrescentou, que renuncie ao proposito feito de não entrar no palacio real. Para n'este momento tão critico não dizer de mais ou de menos, escrevi o meu discurso». E leu-o então, podendo resumir-se ao seguinte: «Com razão se classificou de criminosa loucura o acto de 16 de junho de 1913. Mas se hoje o repetirem e se o governo Radoslavof, que pretende seguir uma politica realista e não sentimental, esquecer que a politica mais realista é a que attende aos sentimentos do povo, se alguem ousar levar a Bulgaria contra a Russia, sua libertadora, esse acto será um crime premeditado».

O sr. Guechof, chefe do partido popular, limitou-se a approvar, em nome do seu partido, as palavras dos srs. Malinof e Stambolisky, com reserva do tom empregado por este ultimo.

Todos os chefes da opposição terminaram os seus discursos pedindo a convocação do parlamento e a constituição de um ministerio de larga coalisão, e o mesmo fez o sr. Danef, chefe do partido progressista que falou em ultimo logar.

O rei respondeu com as seguintes palavras:

«Meus senhores: escutei attentamente os seus conselhos e as suas ameaças; transmittil-os-hei ao meu presidente do conselho, recommendando-lhe que os tome em consideração».

A seguir o soberano conversou em particular com cada um dos chefes; agradeceu ao sr. Tzanof a sua franqueza e a forma correcta por que tinha exposto as suas ideias, e ao sr. Stambolisky interrogou-o ácerca da vida do paiz e do estado das colheitas.

«A colheita é boa, respondeu o chefe do partido agrario, mas o governo Radoslavof com as suas especulações prohibia a exportação, esfomeando assim um povo de agricultores como é o povo bulgaro».

Ao que o rei observou: «O sr. insiste para que eu ouça a voz do povo; mas então porque é que o sr. que em nome d'ele me fala tem evitado a minha presença?».

—Tinhamos as nossas razões para assim proceder,—disse o sr. Stambolisky; agora a situação é outra. Decidimos passar por cima da deliberação dos nossos congressos e vir falar-lhe porque queremos impedir que se commettam faltas aventurosas.

Ao sr. Guechof perguntou o rei a razão por que o sr. Stambolisky lhe falava n'um tom tão ameaçador; respondendo-lhe que elle falava no palacio com a liberdade de palavra que fóra d'elle não encontrava.

A audiencia mal durou, ao todo, duas horas e meia; a censura estabelecida ha dias impede a publicação de commentarios sobre esta entrevista, mas os centros politicos e todo o publico se entregam a discussões interminaveis ácerca do alcance d'este importante acontecimento.

Festas associativas

Na Sociedade Promotora de Educação Popular, ao largo do Calvario, realisa-se no proximo sabbado a inauguração das festas de inverno com uma recita em que toma parte o grupo dramatico do Club Recreativo Lusitano, havendo em seguida baile. A orchestra da Sociedade abrilhantará o espectaculo.

PEQUENAS NOTICIAS

No lactario da parochia de S. José, rua Alves Correia, 207 e 209, está aberto concurso, até 4 de outubro, para o fornecimento de leite, achando-se as condições ali patentes, das 9 ás 10 horas e meia da manhã.

Espectaculos

Cartaz de ámanhã

AVENIDA—A's 20,30, 21,45 e 23—Coração á larga.
POLITEAMA—A's 21,30 e 22,30.—Não desfazendo... (Revista).
COLISEU DOS RECREIOS—Companhia de circo.—A's 21—Recita da moda.

Noticias

Entre nós

Damos em seguida a distribuição das duas peças actualmente em ensaios no theatro do Gimnasio: *Soror Marianna*, original de Julio Dantas, e *Eu bôa hora o digo!* original de Gervasio Lobato:

De *Soror Marianna*:

«A abbadessa», Maria Mattos; «Soror Marianna», Luiza Lopes; «Soror Ignez», Celeste Leitão; «Soror Simôa», Bertha de Albuquerque; «Soror Agostinha», Julia Silva; «D. Frei Narciso de S. Diogo, bispo de Beja», Mendonça de Carvalho; «Noel Bouton, conde de Chamilly», Mario Duarte.

A acção da peça passa-se no convento da Conceição, em Beja, no seculo XVII.

Da *Eu bôa hora o digo!...*

«Belmiro Paes Bellos», Silvestre Alegrim; «D. Egas», João Lopes; «José Soares», Joaquim Silva; «D. Chrispim» José de Almeida; «Dr. Fernandes», Mario Duarte; «Conselheiro», Joaquim Almada; «Aleixo», Antonio Cardoso; «Guedes», Adelino Ripado; «1.º freguez», Julio Cardoira; «2.º freguez», Ludgero Silva; «Um creado», José Azambuja; «Conde de S. Bernardo», Antonio Palma; «D. Urraca», Maria Mattos; «D. Julieta»; Virginia Farrusca; D. Mecia», Irene Noves; «D. Helena», Julia Silva; «Mafalda», Bemvinda d'Abreu; «Angelica», Herminia Silva; «D. Flora», Bertha de Albuquerque; «Uma freguesa», Herminia Silva.

● Está em via de organisação uma nova empresa para a exploração do theatro da Rua dos Condes durante a epoca de inverno, com o genero revista.

● Na proxima epoca, a empreza do Politeama fará *reprise* da *Martyr*, de D'Ennery, traducção de Guiomar Torrezão.

● A inauguração da epoca do theatro Nacional realisa-se em 15 de outubro proximo.

● A companhia Adelina Abranches-Alexandre de Azevedo, em *tournée* pelo Brazil, percorreu ultimamente as principaes cidades do Estado de Matto Grosso.

● Uma das peças que serão representadas na proxima epoca de inverno no theatro Politeama, cuja inauguração se realisa em outubro, é *L'ange du foyer*, de Robert de Flers e Caillavet.

● Está-se organisando uma companhia de declamação que funccionará, durante o inverno, em um dos theatros do Porto.

● Não se confirma a noticia de uma proxima ida ao Porto da companhia do Politeama. A do theatro Apollo é que ali vae funccionar brevemente.

Circos & Music-halls

Noticias

Entre nós

No elegante salão Olimpia realisa-se hoje a primeira exhibição d'um «film» que ali deve attrahir numerosa concorrencia. Trata-se de uma corrida de touros á hespanhola, apanhada em flagrante e em que os «espadas» são: «Gallo», Gallitos e «Belloris», tres nomes consagrados na arte de Montes.

—No Eden de Santo Amaro de Oeiras apresenta-se amanhã o transformista Hermonville, que imita todas as grandes «estrellas» parisienses. No espectaculo tomam tambem parte a troupe Hyliet.

SALÃO DA TRINDADE—A's 20 e 22—Operetta e fitas animatographicas.
ANIMATOGRAPHOS E CONCERTOS—Olimpia e Paradis, *matinées* diarias e sessões á noite; Central, Chiado Terrasse, Salão Foz, Rocio; Sociedade Promotora de Instrucção, em Alcantara, sessões ás quintas feiras, sabbados e domingos.
CINEMATOGRAPHOS OU ESPECTACULOS VARIADOS—Chantecler, Imperio, Salão Graça, na Caixa Economica Operaria, Variedades, na calçada da Estrella—A's 21,30—O diabo no convento.

A provincia n'A CAPITAL

OEIRAS, 26.—Tendo sido pedida para aqui a captura de tres individuos que na visinha povoação de Parede roubaram 44 ovelhas, foram elles presos pelos guardas aqui destacados, n.º 269, João Coelho e 1344, Francisco Castelão, auxiliados pelo guarda nocturno Luiz Motta. O presidente da camara municipal de Cascaes enviou um officio ao administrador d'este concelho, sr. José Henriques Coelho, communicando-lhe que a camara resolveu dar a gratificação de 3$00 a cada guarda civico e 2$50 ao guarda nocturno pela fórma como se houveram.

O CIRCO

Leões, palhaços...

Walter, Antonet, Rico, Alex e os Barraceta

—Como eu tive a idéia de apresentar assim os meus leões?... Pois muito simplesmente porque o publico está já fatigado de vêr o domador dentro da jaula. Era preciso dar-lhe o novo, o emocionante, dentro de um quadro differente...

Marck, o homem do dia, é um apaixonado da sua profissão. E' um artista. Vê-se de manhã no circo; vê-se depois do almoço; vê-se ali á noitinha. Os seus leões conhecem-lhe o andar...

—Ah! Mas não se deve fiar muito d'elles... Principalmente da leoa, que é muito traiçoeira e muito feroz.

—O eterno pessimismo...

Marck sorri. Um creado começa a distribuir a ração nutritiva ás feras. São kilos de carne, que os leões devoram n'um abrir e fechar d'olhos. A pequena Yvonne approxima-se de nós, sympathica, de olhos vivos e intelligentes. Tambem é temeraria, como seu pae. Pois não a vemos nós outros, sem medo, onde os leões rugem, em plena liberdade, ameaçadores e ferozes? Não lhe causou impressão nenhuma este terrivel encontro.

—Tinha quem a defendesse. Seu pae...

Yvonne olha para nós com altivez.

—E mesmo que estivesse só!

Bravo! E' o mesmo sangue ardente que lhe corre nas veias.

Marck tenciona apresentar qualquer dia uma leoa ferocissima que possue.

—Com essa todos os cuidados são poucos.

Desejamos gosar esses minutos de sensação, que devem attrahir ao Coliseu ainda mais concorrencia.

Fitamos agora os palhaços. E' o Walter, pequenino, risonho, que nos surge pela prôa. Elle e Antonet teem preparados muitos intermedios novos em Lisboa.

—Coisas de fazer desprender os cós das calças?...

—Faz-se o que se póde, meu caro senhor. O palhaço tem muito que estudar para agradar ao publico. Olhe que não é coisa assim tão facil, como á primeira vista parece.

Olhe a novidade. Fazer graça é difficil; mas fazer graça que faça rir uma multidão de milhares de pessoas é obra de certa ordem.

Rico e Alex tambem promettem novidades.

Rico é um «gentleman» «doublé» de um optimo cantor. E' o palhaço fino, correcto, que sabe medir as palavras que profere e que as lança segundo as «nuances» do publico.

E temos por fim os Barracetas, uns excellentes comicos, que teem o agrado do publico.

Certo é que, ao sahirmos do circo, vinhamos dizendo com os nossos botões:—«Não ha como o Santos para saber organisar companhias. O diabo é elle!»

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

Almanach dos Palcos e Salas para 1916

Entrando no seu 23.º anno, acaba de publicar-se mais um volume d'este interessantissimo almanach, que é sem duvida no seu genero o melhor que entre nós se publica. Magnificamente illustrado e impresso, reproduz excellentes retratos de D. Maria Amelia Cid, Lino Ferreira, Alda de Aguiar e Estevam Amarante, acompanhados de artigos de Alfredo Pinto (Sacavem), Augusto de Castro, Hermano Neves e Gustavo Sequeira. A collaboração é variadissima e como sempre muito interessante, constando de uma comedia, musicas, monologos, versos, coplas, contos, anecdotas, etc.

«A nevrosé de Chopin»

Um magnifico estudo do nosso prezado collaborador sr. dr. Bettencourt Ferreira, publicado já no *Echo Musical*, mas que o auctor entendeu—e muito bem—que devia dar em elegante opusculo. Para quem conhece as qualidades de observação que distinguem o illustre medico, desnecessario é encarecer o valor do seu trabalho, que é o terceiro da serie de estudos de psichologia artistica.

Multa injustificada

O sr. Alfredo Cabral vae montar um pequeno estabelecimento na travessa da Portuguesa, 66, andando para tal fim a casa em obras. Ha dias, quando ali estava um seu filho menor, bateu á porta o policia n.º 466, intimando o menor a que lh'a abrisse. Depois, entrando, andou a ver a casa, permittindo-se dar conselhos, e como no pequeno saguão avistasse duas cascas de banana que para ali haviam sido arremessadas por qualquer dos visinhos, multou o sr. Alfredo Cabral em 2$00. Contra tal facto veiu esse senhor queixar-se-nos, entendendo que não é assim que se faz serviço e que essa multa é simplesmente injustificada.

Movimento maritimo

Africa occidental «Angola»	28
Batavia, Tim., etc. «Goint.» (de Amst)	28
Brazil e R. Prata, «Desna» (Liverp.)	20
Bra. e R. Pra. «Sams (de Liverpool)	29
Bra. e R. P. «Amiral Troude» (de H.)	29
Bah., R. J. e San. «Tennyson» (de Liv.)	30
Bat., Tim., etc. «Remb.»(de Ams.)	30
Africa oriental, «Clan Ross» (Liverp.)	2
Africa oriental «Moçambique»	3
N. York, via Aço. «Roma» (de Gibral).	3
Vigo e Ingl. «Demer.» (do Brazil)	4
R. J. e R. Pra. «Divona» (de Bordeus).	5
Archipelago dos Açores «Funchal»	5
Amst. e esc. «Tubantia» (do Batavia).	

mãs foram mandadas contra Memel, que os russos evacuaram a 17 de março. O principe Joachim, filho mais novo do kaiser, ia com as tropas que «libertaram» Memel e como bom Hohenzollern que é, não deixou de deitar fala. Prometteu aos habitantes da cidade contar ao kaiser e a Hindenburg tudo o que elles tinham soffrido e accrescentou que podiam ter a certeza de que o inimigo seria severamente castigado.

E a vingança allemã começou. Como «castigo para Memel» uma contribuição de 5.000 libras foi imposta á rica cidade de Suvalki».

Ora Suvalki é uma pequena e miseravel praça, habitada principalmente por pequenos commerciantes e artifices judeus e que havia já soffrido muito com a lucta que desde meiados de fevereiro se tinha dado na região.

«Poucas horas depois de ser dada tal ordem—diz a semi-official «Norddeutsche Allgemeine Zeitung»—era possivel observar a impressão que ella causou na população. A seu proprio pedido permittiu-se que parte d'essa somma fôsse paga em trigo e farinha em vez de dinheiro.»

Mais tarde ordens foram dadas para bombardear «as fortalezas» de Kovno e Grodno. Onde estavam esses fortes? Ninguem o sabe. Umas bombas foram lançadas sobre a praça do mercado de Grodno e, no dizer dos allemães, «o seu poderoso effeito foi destruido.»

Finalmente, uma expedição por mar foi mandada contra a pequena enseada de Polangen—em lithuano Pallanga—, uma pequena cidade proxima da fronteira prussiana.

A cidade foi bombardeada no dia 23 de março.

No dia 28, os navios de guerra allemães lançaram umas duzentas granadas sobre Libau, matando alguns civis e avariando alguns navios mercantes que estavam no porto. O bombardeamento continuou por um hydroplano, que foi afundado no dia 6 d'abril.

«Os aviadores que tinham empregado a sua energia em arremessar bombas sobre a pacifica cidade de Libau—diz um communicado official russo—foram salvos por nós e feitos prisioneiros».

Na segunda quinzena d'abril alguns pequenos recontros se deram entre Memel, Tilsit e Taurogi, mas só nos ultimos dias do mez um ataque allemão mais serio começou contra as provincias russas do Baltico, o objectivo da grande offensiva allemã na Galicia occidental.

A versão austriaca diz que elles destruiram dois batalhões de infantaria russa pertencentes ao regimento Alexander, fizeram 1.400 prisioneiros e repelliram os russos para além do Dniester; dizem tambem que na sua retirada os russos destruiram a ponte que tinham lançado sobre o rio.

No fim d'abril os russos concentraram de novo forças consideraveis na região de Bojan e recuperaram muito do terreno que tinham occupado na Bukovina em meiados de março.

Assim, a guerra fez as suas devastações no apertado valle do Dniester, onde o echo repetia nas pedregosas muralhas do desfiladeiro cada tiro disparado nas suas densas florestas. E' estranho para quem conheça aquelle bello e extraordinario paiz o pensar em todas aquellas tropas effectuando marchas e contra marchas por entre aquellas socegadas aldeias, onde anteriormente mal se via um estrangeiro, onde um homem d'uma povoação que estivesse á distancia de quinze ou dezeseis kilometros de outra excitava a curiosidade pelo seu estranho vestuario. Porque quasi todas as povoações d'aquella região teem o seu vestuario proprio, pelo qual se póde reconhecer os seus habitantes. Raras vezes emigram para outras aldeias e raros são os casamentos entre habitantes de aldeias differentes.

Ha apenas uma terra distante que os tenta: o Canadá. As creanças falam d'ella, como a terra para onde irão logo que cheguem a homens. A emigração para a America dos districtos dos Carpathos é tambem grande.

Pouca coisa digna de interesse se deu no principio da primavera na linha dos rios que corre entre a alta curva do Vistula, ao longo do Bzura, Rawka, Pilica e Nida, e mais a sul ao longo do Dujanec. A estação da «lama polaca», das estradas intransitaveis tinha findado. Os dois exercitos faziam frente um ao outro em trincheiras que estavam sendo transformadas em fortificações modelares. Especialmente nos outeiros e florestas do Pilica e dos seus affluentes, o Pissa e o Czarna, onde a madeira é abundante e está á mão e onde o terreno favorece o desenvolvimento da nova arte de entrincheiramentos, formidaveis defezas foram erguidas por ambos os exercitos.

Durante longos mezes uma especie de rotina se havia desenvolvido, costumes de trincheiras se haviam arreigado e entendimentos mesmo sem ser por escripto se tinham dado entre os dois exercitos. N'um sitio havia uma fonte entre as duas linhas: d'ambos os lados se permittia que o inimigo se fôsse ahi abastecer d'agua, sem se lhe fazer mal. N'outras partes da linha uma certa hora do dia era conhecida como a do jantar e não se permittia que a essa hora se fizesse fogo.

Coronel A. H. Bingley, chefe do estado maior no Canal de Suez

N'outra parte os officiaes das trincheiras oppostas tinham combinado a troca de jornaes n'um determinado sitio entre essas linhas. Taes entendimentos eram vulgares especialmente onde os regimentos austriacos faziam frente aos russos.

Como na Polonia, a lucta terminou

Demetilia de Jesus Pessoa
PALLECEU
R. I. P.

Demetilia Egypciaca Alves de Souza Freitas participa o fallecimento de sua muito querida e saudosa afilhada, cujo funeral se realisará amanhã, 28, ás 4 horas da tarde, sahindo o prestito funebre da casa de sua residencia rua da Bella Vista, á Lapa, 77, 1.º para o Cemiterio Occidental.

nou no fim de março na fronte do Niemen e do Narev. Segundo uma estatistica, trez corpos do exercito allemão estavam a esse tempo guarnecendo a linha da fronte do Niemen, quatro—diz-se—estavam entre Osowiec e o Orzec (rio a leste de Prasnysz) e outros quatro entre o Orzec e o Vistula. Se essa estatistica é verdadeira com relação a março, é mais que certa quanto a abril, pois que n'essa occasião todos os corpos de exercito foram transferidos d'essa fronte para os Carpathos.

No meiado de março o 40.º corpo de reserva allemão estava guarnecendo a linha entre Suvalki e Kalvaria, o 30.º, sob o commando do general von Lauenstein, a região ao sul de Suvalki, e o 38.º, sob o commando do general von der Marwitz, a região em redor do Orzec. Mas sabe-se tambem que o general von der Marwitz commandava nos principios de abril os reforços allemães na região de Lupkow.

O bombardeamento, durante um mez, dos «howitzers» allemães não fez damno algum aos fórtes de Osowiec. O periodo em que os pantanos do Bobr estavam gelados passára e os allemães tinham de pensar em fazer recuar a sua artilharia antes do terreno se tornar impraticavel. «Desde domingo (21 de março)—diz um communicado official russo—os allemães estão retirando as suas baterias d'artilharia pezada deante de Osowiec, deixando ahi apenas qualquer. Tiro algum dos canhões pezados conseguiu demolir qualquer parte da fortaleza. «O inimigo nem sequer conseguiu desalojar a nossa infantaria dos seus entrincheiramentos». Apenas um fraco canhoneio continuou a 27 de março; nos dias seguintes cessou por completo.

Continuou no dia 11 d'abril com canhões de 8 pollegadas e no dia 14 os allemães tentaram um avanço contra Osowiec, que foi facilmente repellido. O chamado cerco de Osowiec—que nunca foi um cerco, limitando-se a um bombardeamento do norte—chegára ao seu termo.

Aqui e ali, no Orzec, no Omulew e no Szkwa, um ou outro recontro se deu occasionalmente, alguns prisioneiros foram feitos, algumas trincheiras tomadas. No seu conjuncto, essa linha pouco prende a attenção. Com excepção d'alguns recontros mais violentos na região entre o Omulew e o Szkwa, em redor das aldeias de Tartak, Wach e Zawady, era apenas a guerra de trincheiras, como se faz n'uma região inundada.

Os famosos campos de batalha entre Myszyniec e Kolno estavam todos inundados. Se accrescentarmos que os zeppelins visitaram Lomza e Bialystok, matando alguns civis, e que um aviador russo bombardeou a 20 d'abril a estação do caminho de ferro de Soldau, teremos completado a narrativa do que se deu durante o principio da primavera na fronte do Narev e do Bobr.

A lucta na fronte do Niemen, durante o principio da primavera, foi egualmente de importancia secundaria. Os austro-allemães haviam retirado em fins de março as suas forças principaes para junto da fronteira da Prussia oriental e apenas pequenos corpos foram deixados em posições avançadas em redor de Kalvaria, Suvalki e Augustovo. As principaes forças russas tambem haviam sido concentradas na sua principal linha de defeza entre Kovno e Grodno.

Uma acção mais interessante, travada entre forças mais consideraveis, foi a que se deu na região de lagos e florestas a leste de Sejny e Suvalki. A 27 de março, a 31.ª divisão allemã, apoiada por trez regimentos de reserva e um grande corpo de cavallaria, avançou de Kalvaria para Krasno. Tinha recebido ordem para atacar de flanco e pela retaguarda as forças russas que estavam operando na região em redor de Lodzie. Os russos guarneciam a passagem entre o lago Dusia e Simno.

A camada de gelo que durante o inverno se forma nos lagos da Lithuania é tão grossa que leva muito tempo antes que o degelo torne perigosa a passagem. Mesmo que a superficie seja coberta de agua, o

gelo resiste. Os austro-allemães resolveram atravessar o lago e por ali torneiar as posições russas. Ao mesmo tempo contra-atacaram em Zebrzyski e Meteliça.

As tropas allemãs que haviam atravessado o lago soffreram uma terrivel derrota. Um batalhão do famoso 21.º corpo d'exercito, que estava operando n'aquella região desde meiados de fevereiro, foi anniquilado. Os ultimos sobreviventes renderam-se aos russos no dia seguinte proximo de Struneboglow. Toda a força austro-allemã retirou de Krasno a 31 de março.

Durante o mez d'abril a guerra de trincheiras, de importancia secundaria, continuou com exito vario no terreno mais aberto entre Mariampol, Ludvinovo e Kalvaria. No dia 9, ao alvorecer, segundo diz um relatorio russo, as tropas russas atacaram as posições allemãs entre Kalvaria e Ludvinovo e apoderaram-se, á bayoneta, de duas linhas de trincheiras. «Tomámos 600 prisioneiros e muitos officiaes, apoderando-nos tambem de oito metralhadoras.» Eguaes relatorios descrevendo successos germanicos appareceram nos communicados datados de Vienna e Berlim. No mesmo dia os contendores attribuiam-se a victoria em differentes partes da fronte.

Se não fôsse a perda de vidas humanas que uma batalha, ainda a mais pequena, acarreta, poderiamos dizer que no principio da primavera, do lado de lá dos Carpathos a maior parte dos recontros que se deram foram, pelo menos sob o ponto de vista estrategico, «para passar tempo».

No extremo norte, para além do rio Niemen, corre ao longo do mar uma estreita faixa de terra, que faz ainda parte da Prussia Oriental e contém os districtos de Heidekrug e Memel, sendo a cidade assim denominada a capital. O verdadeiro nome de Memel em lithuanio e slavo é Klajpeda. A população é principalmente lithuania, as cidades são allemãs. Separada do resto da Prussia oriental pela barreira do baixo Niemen, não teem importancia estrategica.

A 17 de março, um destacamento de tropas russas avançou de Taurogi para Memel. Proximo da fronteira tiveram um recontro com tropas prussianas, tomando dois canhões, quatro metralhadoras, dois vagons cheios de munições e grande numero de prisioneiros. N'esse mesmo dia entraram na cidade de Memel. Importancia alguma se deu a esse ataque em Petrogrado, mas em Berlim excitou a mais intensa irritação, até mesmo de raiva.

«Um pequeno successo foi alcançado pelas tropas russas que invadiram a Prussia do norte na direcção de Memel, arrasando e queimando aldeias e herdades. As cidades russas por nós occupadas foram por isso obrigadas a pagar uma pezada contribuição como compensação de perdas e damnos. Por cada aldeia ou herdade allemã queimada por essas hordas, trez aldeias ou herdades russas serão destruidas. Por cada edificio que seja queimado em Memel, serão queimados os edificios do governo russo em Suvalki e outras capitaes de governos por nós occupados.»

Quando os russos se approximaram de Memel, os dois regimentos da «landsturm» prussiana que a defendiam debandaram e misturaram-se com a população. O communicado official russo de 21 de março diz a tal respeito:

«Quando as nossas tropas entraram na cidade ás 8 horas da noite foram recebidas com fogo partindo das casas e de detraz de barricadas. A população civil, assim como as tropas, tomou parte na lucta. As nossas tropas tiveram, por isso, de retirar de Memel, que foi sujeita a um curto bombardeamento. As nossas granadas puzeram termo á resistencia do inimigo e a cidade foi evacuada, fugindo os habitantes para Königsberg pela estreita faixa de terra que separa o Kurische Haff do Mar Baltico.»

Grandes massas de tropas alle

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 1850 — 6.º Anno

Direcção e propriedade de Manuel Guimarães
Editor — Camillo Sousa e Almeida
Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA — Terça-feira, 28 de Setembro de 1915

Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL
Composição — Rua do Norte, 5, 1.º
Officinas de Impressão — 71, Rua da Rosa, 3

Preço 1 centavo

Contra a Allemanha

A importante victoria alcançada pelos alliados na linha occidental provoca em Portugal um echo de jubilo commovido e enthusiastico. A esse jubilo nos associamos, possuidos da sua viva emoção. Aqui mesmo, nos momentos em que a causa dos alliados se affigurava em maior perigo, manifestámos unanimemente a nossa sympathia pelos alliados, a solidariedade nacional que á sua causa nos ligava. Pressentimos, atravez do espaço, o grito da França, quando a avalanche germanica irrompia pela Belgica e rolava até aos campos de batalha de Charleroi, onde os francezes tiveram que lhe ceder terreno; quando os allemães estiveram quasi á vista de Paris e ainda não havia começado a gigantesca batalha do Marne que salvou os destinos do mundo, como na batalha de Poitiers Karl Martel deteve a invasão sarracena, salvando a civilisação occidental, e, se é possivel, essa solidariedade ainda mais se radicou no nosso espirito perante a imminencia da catastrophe que se avisinhava. Foi então precisamente que o parlamento portuguez se declarou inteiramente ao lado da Inglaterra, a velha alliada que intrepidamente combatia ao lado da França e da Russia, e d'esses pequenos, mas heroicos paizes, que são a Servia e o Montenegro, por uma causa que era e é a da liberdade universal. Nunca modificámos essa attitude, não a modificaremos jámais, como não a modificou nem modificará o povo portuguez, sem que a forçada retirada dos russos, os processos barbaros dos submarinos allemães e até agora a enigmatica attitude da Bulgaria viessem conturbar sentimentos que veem das profundidades da nossa alma. Por isso mesmo o nosso jubilo é vehemente e sincero, e com orgulho reivindicamos o direito de o expressar.

Somos contra a Allemanha, e principalmente contra o seu supremo dirigente, por justificadas e formidaveis razões. Uma d'ellas é a da nossa situação especial perante o conflicto presente, porque, ainda não disparado o primeiro tiro, já sabiamos a sorte que nos esperava e nos espera, dado o caso do seu triumpho, e alguns mezes depois já o sangue portuguez corria, derramado traiçoeiramente pelos allemães, em Cuangar e em Naulila. Outra é a do nosso horror pela crueza dos seus processos de guerra, que recorda a das hordas Gengiskhan, e a da responsabilidade que lhe cabe por ter desencadeado esta guerra monstruosa em que já perto de 8 milhões de homens estão mortos ou inutilisados, proseguindo a carnificina sem que nenhum sentimento de humanidade nem nenhuma noção de direito viessem modificar a attitude do seu kaiser. Outra ainda é a da exploração que os nossos elementos reaccionarios, em cujo Ilapimto se congregam todos os residuos do passado, fazem com os soffrimentos da França, fingindo hipocritamente lamental-a pelas feridas com que sangra, mas proclamando que ella está sujeita a um castigo de Deus, pela sua pretendida impiedade, como ainda hoje proclama o orgão absolutista, *A Nação*, dizendo que ella deveria sentir mais a *possibilidade* da sua derrota, isto é, deveria ter a lamentar ainda mais mortes, orphandades, miserias, para sahir do que chama os seus cegueiras. Somos contra a Allemanha por tudo isso: interesses patrios, sentimentos humanitarios, espirito fervoroso da liberdade reagindo contra todos os preconceitos, todas as covardias, todas as perversidades com que se maculam homens e principios, adversos á marcha luminosa do progresso.

Lemos que uma folha reaccionaria hespanhola, o *A B C*, nota que é em Portugal que a Allemanha é alvo de mais indignados ataques na expressão do pensamento. E' certo. E é assim, porque assim deve ser. Temos todas as razões para o nosso protesto colerico contra a sua ambição barbara, como temos todas as razões para rejubilar com os successos dos seus inimigos. Está em jogo o nosso futuro e estão em perigo os nossos ideaes. Entre a Allemanha e Portugal ha sangue derramado. Se não fossemos contra a Allemanha seriamos mais vis do que os cães e mais despreziveis do que os escravos.

Poeira da Arcada

Ramalho Ortigão foi um dos raros escriptores nacionaes que, mantendo-se fiel a um codigo de maneiras, fez da prosa portugueza qualquer coisa de vivo, subtil e morlas — clamor da juventude, força e belleza, proprio para demolir a falsa consciencia de um povo que se obstinava no erro, na rotina e na retherica, como um burro n'um charcasal.

As Farpas, A Hollanda e O culto da Arte em Portugal são *modelos de uma linguagem impressionista, toda frescura e perfume matinal, que lhe serviu admiravelmente para rasgar caminho a algumas ideias insubmissas que adquiriu nos bons manuaes de esthetica e nos tratados de vulgarisação philosophica.*

Homem de gosto e homem do mundo, a sua obra ficará nas lettras patrias, como no claro-escuro de certas manhãs de outomno a vehemencia passional da luz do sol, rompendo as nuvens, para chegar aos cumes dos altos montes.

* * *

Maria Feio publicou agora as notas de um diario intimo de reflexões, sob este titulo — Alma de Mulher. *O seu coração e a sua mente exercem-se n'uma prosa ardente, imaginosa em que os conceitos resaltam da urdidura das phrases e dos periodos, como as flores e os fructos da folhagem viçosa das arvores.*

Um pensamento evangelico a inspira — erguer a mulher á altura da sua vocação. Sobre este assumpto, a sua fé sublima-se, roçando pelas estrellas. Não conhece duvidas nem desfallecimentos.

Não sabemos se a sua propaganda será fructifera. Sim? Não? Todavia tem o sello inapagavel das tarefas immorredouras — é justa, bella e humana.

«Historia Illustrada da Grande Guerra»

Dividido em volumes, cada um dos quaes com cerca de 200 paginas, de modo a formar um livro portatil, economico, elegante e de facil encadernação, o folhetim que vimos publicando *Historia Illustrada da Grande Guerra* tem alcançado grande exito.

O primeiro volume abrange desde março a 15 de abril, tendo 184 paginas, o segundo de 10 de abril a 3 de junho, com 188, o terceiro de 4 de junho a 20 de julho, egualmente com 188 paginas, e o quarto de 21 de julho a 3 de setembro, com 180 paginas, sendo todos os volumes profusamente illustrados. Na administração d'*A Capital* são immediatamente satisfeitos todos os pedidos, quer da collecção completa, quer de qualquer numero de exemplares do jornal, que venham acompanhados das respectivas importancias.

A lucta na frente italo austriaca

ROMA, 27. — Official. Repellimos o inimigo em varios pequenos combates e fizemos prisioneiros. Na bacia de Plezzo a artilharia dispersou varios grupos inimigos. No Carso progredimos sensivelmente na direcção de Setsard. — (*Havas*).

Como expirou Ramalho

A dolorosa agonia do grande escriptor

A evolução de um brilhante espirito

Hontem, á hora a que A Capital *circulava nas ruas, fallecia na sua modesta residencia dos da calçada Caetanos, onde residiu quasi meio seculo, um dos maiores homens de lettras que tem havido em Portugal: — Ramalho Ortigão. Mestre da prosa portugueza, arrojado semeador de ideias, artista até á medula, pamphletario insigne, derrubando idolos, destruindo preconceitos, rasgando clareiras ao pensamento novo, o escriptor eminente que até quasi aos oitenta annos manteve, com uma excepcional robustez physica e uma elegancia e um aprumo notaveis, o vigor do seu brilhantissimo talento, constituia a admiração e o orgulho dos seus compatriotas, ainda mesmo d'aquelles a quem desgostara a evolução ultima do seu espirito. Com effeito, o auctor de* John Bull *e de* O culto da Arte em Portugal *morreu apaixonado conservador em politica e catholico praticante em religião. Não apoucaremos, por isso, os seus extraordinarios meritos nem semelhante attitude, que pertence aos dominios da consciencia, fará diminuir a homenagem que devemos prestar á sua memoria ou a sinceridade da magua com que o vemos descer ao tumulo. Ramalho Ortigão é ainda uma figura a estudar e na mudança das suas opiniões cumpre não vêr causas e intuitos que lhe deprimam o caracter. Relembremos, no entanto, n'este instante, recordar affirmações do redactor das Farpas que ainda hoje teem uma actualidade flagrante.*

Foi em abril ultimo que se declarou a doença que victimou o eminente escriptor. De começo, suppoz-se que Ramalho Ortigão soffria de um simples mioma na espadua e semelhante prognostico não era para alarmar, conhecida como era a sua extraordinaria robustez physica. A breve trecho, porém, o mal augmentava consideravelmente e uma nova conferencia medica modificava o diagnostico. O auctor das «Farpas» e da «Hollanda» apresentava, com todas as caracteristicas de gravidade, um sarcoma de que era licito esperar as mais fataes consequencias.

O mal progrediu continuamente, não restando nem á familia nem aos intimos qualquer sombra de esperança. Apesar d'isso repetiram-se as conferencias medicas e foram adoptados todos os recursos da sciencia para salvar o enfermo. Ramalho Ortigão soffreu horrorosamente, fazendo, todavia, os maiores esforços para poupar os seus ao espectaculo doloroso da sua prolongada agonia. Para o conseguir deu provas da maior serenidade e resignação. Conhecendo a gravidade do mal que o acommettera, uma vez apenas, quinze dias antes do seu fallecimento, quando lhe annunciaram um novo tratamento, acariciando a filha, que lhe incutia esperança, resignadamente exclamou:

— O meu remedio é a morte.

Fóra d'isto, manifestava sempre, o par da extrema coragem em supportar o mal, uma confiança e esperança em obter ainda melhoras. Durante todo o tempo da doença, ainda quando esta assumiu o caracter mais grave e desesperado, Ramalho Ortigão conservou sempre uma completa lucidez. N'um dos periodos da doença ficou inteiramente aphono, substituindo, n'essa conjunctura, o uso da palavra pela escripta. Era por esse processo que o illustre escriptor transmittia o seu pensamento ás pessoas que o rodeavam. N'essa occasião tambem se manifestaram os primeiros apetites de doente, sendo pela escripta que pediu lhe fornecessem primeiro cerveja, depois laranjas.

Depois do ataque de aphonia, nunca mais o grande litterato teve uso regular da voz, que, para o fim, se enfraqueceu a ponto de se tornar por vezes irreconhecivel na articulação dos sons. A' completa aphonia succedeu um ciciar de palavras e n'esse estado tornára-se perfeitamente intelligivel o pensamento do enfermo, que, por vezes, levava a falar d'essa maneira grandes espaços de tempo. Por fim, os sons vocaes extinguiram-se de novo e Ramalho Ortigão pronunciava apenas vozes inarticuladas de que era impossivel colher o sentido.

Até ás vesperas da morte, Ramalho Ortigão conservou o habito de fumar. Trez vezes ao dia, pelo menos, reclamava o seu imprescindivel charuto, de que tirava fumaças com manifestos signaes de satisfação e prazer. Fumador impenitente, o charuto foi o ultimo habito que perdeu.

Os ultimos momentos

De ha um mez a esta parte, aggravado em extremo o mal, a familia e os intimos de Ramalho Ortigão estavam preparados para o derradeiro lance. Por mais d'uma vez, o estertor apparente os convocou á pressa para o ultimo adeus.

O grande escriptor em cujo espirito nos ultimos tempos, se accentuaram tendencias religiosas, preparou-se para morrer confortado com os sacramentos da Egreja. Confessou-se e commungou vae para um mez e na sexta-feira ultima, primeiro dia da festividade da Senhora das Mercês, o prior da respectiva freguezia, rev. conego Ayres Pacheco, das relações do enfermo, lhe ministrou a Extrema Uncção, dando-lhe tambem a benção papal.

Hontem, ás duas horas da tarde, repetiu-se o signal de alarme e filhas e netos de Ramalho Ortigão acudiram á residencia do seu illustre progenitor. Era a ultima chamada á beira do enfermo. Ramalho Ortigão entrára na agonia, privado inteiramente da palavra, sem reconhecer os que o cercavam.

A's 9 horas e cinco minutos expirava, rodeado pelos parentes e varios amigos intimos.

Dado o caracter da doença, foi aconselhada á familia a fazer a immediata remoção do cadaver, a que foi envergado o habito de S. Bento e encerrado em urna de mogno, com argolas de prata.

Cêrca das 8 horas da manhã o feretro foi conduzido em carro de columnas, seguido de coupés com o rev. Pereira da Motta, para o templo das Mercês. No prestito, seguiram a pé as pessoas que tinham accudido á casa da enlutada familia. Os restos mortaes do grande escriptor foram depositados, sobre eça, ladeada de tocheiros, ao centro da egreja, resando-se immediatamente uma missa de corpo presente. Durante a manhã e o dia velaram o cadaver varias pessoas da familia, creados e ex-religiosos.

O ultimo trabalho?

Ramalho Ortigão residiu cêrca de meio seculo n'aquella casa da calçada dos Caetanos, no 3.º andar, onde a morte agora o prostrou. Nenhuma força humana foi capaz de o arrancar d'ali, como se as coisas e as recordações tivessem um logar proprio, vivendo n'aquelle ambiente. Póde dizer-se que até á ultima sentiu o seu lar e lhe manifestou todo o seu carinho e amor. Ha pouco mais d'uma semana, sentindo approximar-se o seu fim, o illustre escriptor penetrou no seu gabinete de trabalho, onde tudo revela methodo e ordem. Pela derradeira vez lançou o olhar, n'uma saudosa despedida, para o Tejo que se mostra soberbo e lindo até á foz, para os seus livros, e, sentando-se junto da sua secretaria, deixou-se cahir soluçando.

— E' a ultima vez que entro aqui — murmurou.

E desde então, o eminente litterato limitou os seus passeios do quarto á sala de jantar, até que os arrancos da morte o prenderam ao leito.

Em toda a casa de Ramalho Ortigão existem preciosas recordações de outros tempos, ligadas á alta individualidade do escriptor. Em nenhuma dependencia, porém, o espirito de Ramalho Ortigão surge tão claro como n'aquelle gabinete de trabalho. Os livros que constituem a bibliotheca são positivamente um instrumento de trabalho. Em todos elles ha uma anotação, um conceito, ou uma simples referencia. Verifica-se que Ramalho Ortigão trabalhou sempre com methodo impeccavel, havendo catalogado todos os materiaes da sua obra de propagandista, de critico d'arte, de observador de costumes. A sua paixão pelas viagens revela-se no meticuloso cuidado com que archivava postaes, photographias, panoramas, notas elucidativas, convenientemente guardadas em pastas, em cujas lombadas se lê «Suissa, Hespanha, Italia, Hollandas, etc.

O eminente litterato escreveu quasi até aos ultimos dias da sua vida. Já com a voz entaramelada, lamentava-se não poder concluir uma obra que a familia não sabe qual seja, visto não ter ainda examinado os papeis do escriptor, guardados por elle com todo o methodo. Sabe-se, todavia, que Ramalho Ortigão deixa preciosos documentos litterarios, que alguem a seu tempo se encarregará de tornar publicos.

Algumas opiniões

de Ramalho Ortigão

Não duvidamos de que o christianismo possa ainda reassumir o seu antigo papel de sancionador supremo de todas as grandes e definitivas conquistas do entendimento humano. O que é certo, porém, é que a direcção reaccionaria que elle tem recebido do pontificado romano desde a Reforma até hoje o inhabilita presentemente para realisar essa aspiração de todas as almas piedosas. Ou o Estado sustenta o padre ou sustenta o mestre. Constituir-se o defensor simultaneo d'esses dois interesses é impossivel.

* * *

A Republica é o governo do povo pelos seus mandatarios eleitos, tendo por chefe do poder executivo um presidente eleito.

... Quando a dynastia cae, desapparecendo ou cortando-se a tradição, como em França e em Hespanha, nada mais perigoso do que suscitar ruins ambições, chamando um principe para cabido de uma porta. N'este caso, o unico systema que não offerece gravissimos perigos e grandes complicações intestinas e internacionaes é a Republica. Ter a monarchia com todos os foros democraticos e derribal-a por um escrupulo de nome é grande imprudencia. Não ter a monarchia e tentar reconstituil-a sobre a cabeça do primeiro forasteiro é falta de valor e juizo para governar.

* * *

A Republica... tem sobre a monarchia uma poderosa vantagem, a qual ordinariamente se lhe attribue como o seu maior defeito: a Republica suscita as grandes ambições, que o constitucionalismo restringe e até certo ponto avinta. Ora é exactamente nas grandes ambições que se geram as grandes capacidades.

* * *

O nosso profundo mal está na nossa profunda indifferença. Aos que ignoram os perigos d'esta conformidade social lembraremos que quando Napoleão desembarcou no golfo Juan não foi a força dos que o defendiam que o reconduziu ao throno, foi a inercia dos que o não atacaram. Ora as apathias, querido leitor sensato, curam-se pelos processos reconstituintes. Os meios revulsivos aggravam a prostração e produzem o desfallecimento e a morte.

* * *

Ter sobre um principio vital de governação ou de politica uma opinião firme, convicta, inabalavel, é possuir, ao mesmo tempo e por esse simples facto, a força com que essa opinião se defende e se mantem. Não ter opinião ou ter uma opinião oscillante e mutavel é comprometter inteiramente os principios pela falta de virtude. Porque sem virtude não poderá nunca existir a democracia.

* * *

Querem manter a ordem? Aqui teem um meio bem simples, bem prompto: Deixem de manter os abusos. Querem governar bem? Lembrem-se que dizia Washington: A probidade é a melhor politica.

* * *

E' das profundidades demagogicas que saem sempre á peripheria social os tyrannos. Já Aristoteles dizia que o despota começa no demagogo.

Os mensageiros da morte

Um ataque de Zeppelins em Inglaterra

Um submarino em acção na Mancha

A guerra perdeu, no nosso tempo, os ultimos traços de cavalheirismo que ainda lhe restavam. Da parte dos allemães, especialmente, a caracteristica mais impressionante é a astucia dos seus ataques, pela calada da noite, ao abrigo de uma nuvem, quando mandam bombardear, do alto da atmosphera, os inoffensivos habitantes de uma cidade aberta; ao abrigo de uma onda, quando o espreitam, para o destruir, o pacifico transatlantico que passa, levando entre os passageiros creanças e mulheres. De um jornal allemão recortamos a seguir o relato de um ataque a Londres, effectuado por uma esquadra de Zeppelins, e, como pendant, as impressões de um jornalista hespanhol a quem foi permittido viajar dentro de um submarino allemão.

Em zeppelin

Na tarde de 8 de agosto, um signal da aeronave chefe da esquadra aerea do Mar do Norte foi transmittido ás restantes unidades: *ataque sobre a costa oriental de Inglaterra!* Cada Zeppelin recebeu em seguida as suas instrucções. Navegação e rumo foram escolhidos por forma a chegarem ao começo da noite á vista do littoral inglez. O céu estava cheio de grossas nuvens; a chuva cahia, diluviana. No emtanto, perto da meia noite, pairavamos, a grande altura, sobre a terra britannica. Em Harwich e Humber, ao longo da margem do Tamisa até Woolwich, innumeros projectores rasgavam a treva com os seus potentes feixes luminosos. Por toda a parte relampejava o fogo das baterias, que debalde tentavam attingir-nos.

Deixámos cahir as nossas bombas em Hull, em Harwich, sobre os navios de guerra do Tamisa que vivamente nos canhoneavam, e por ultimo sobre o arsenal de Woolwich. Aqui assistimos á derrocada de um edificio, mais além eram os projectores electricos que se apagavam subitamente como que feridos de morte. Uma bateria que nos alvejava mais encarniçadamente, ao ser attingida por duas bombas, calou-se, por encanto. Ao passo que os nossos projecteis iam cahindo no solo e rebentando com medonho fragor, as innumeras luzes de que a terra parecia semeada, apagavam-se methodicamente.

Pouco depois, aqui e além, outras luzes appareciam. D'esta vez, porém, eram incendios que em breve attingiam grandes proporções.

Até ao inicio do ataque, as aeronaves tinham communicado constantemente entre si por meio da telegraphia sem fios. Durante o combate, a explosão das bombas e das granadas fez interromper esse serviço, que se estabeleceu pouco depois da meia noite: todas as unidades da esquadra aerea se encontravam, sem incidente, a caminho do regresso. Ao romper do sol, as carcassas enormes singravam pelo azul, caminho dos seus portos de abrigo, onde entraram á hora previamente designada pelo commando.

Poderá parecer insolito que tão poderosa artilharia como a que encontramos em terra inimiga nos não tenha causado avaria alguma. O facto é que, durante a noite, a aeronave deve ser um alvo difficillimo de attingir. Além d'isso, a circumstancia de os projecteis inglezes dirigidos contra nós cahirem de novo no proprio solo deve tornar extremamente melindrosa a defesa n'essas circumstancias, visto que podem causar muitas victimas e prejuizos.

A 17 de agosto, a esquadra aerea tornou a reunir-se no Mar do Norte. D'esta vez o signal do ataque designava como objectivo geral a cidade de Londres.

Ao principio da noite, alguns Zeppelins encontravam-se já á vista da costa inimiga; um d'elles dirigiu-se logo para o arsenal de Woolwich, regando-o copiosamente de bombas explosivas, e seguindo depois na direcção das ruas de Londres, sobre as quaes egualmente despejou grande numero de projecteis. Os prejuizos devem ter sido enormes.

Uma outra aeronave da nossa esquadra dirigiu-se para sobre o casario da cidade gigante, então quasi completamente ás escuras. Ao passar sobre o Banco de Inglaterra, e mais além sobre a estação de Victoria Street, lançou bombas explosivas incendiarias que cahiram sobre os predios da City. Immediatamente de todos os lados rompeu o fogo de artilharia. Esquadrilhas de aeroplanos ergueram o vôo no meio da noite, em perseguição do Zeppelin, que nenhum projector, de resto, tentava illuminar, provavelmente para não trahir assim a posição das baterias.

Em submarino

... Emquanto tomavamos café, o capitão disse-me qual era o objecto da viagem.

— Fomos avisados de que um navio carvoeiro, que sahirá ou já sahiu de Londres, transporta soldados e material de guerra para França. E' possivel que tenha desistido da viagem ou que tenha sido adiado. Em todo o caso esperaremos o tempo que fôr preciso.

— Quantos dias pode estar fóra do porto?

— Muitos. Muitos mais do que suppõem os nossos inimigos, respondeu evasivamente.

No quadro disposto na parede, sobre a mesa de mogno, accendeu-se uma lampada vermelha. Tranquillamente, o capitão pediu-me desculpa de não assistir á sobremeza. Fiquei só. Momentos depois o capitão voltou de novo. Dirigiu-se á meza e começou a manobrar a manivella. Um segundo mais tarde senti uma especie de commoção no navio, como se mãos robustas de gigantes o sacudissem. Tive então a sensação de que descia n'um ascensor. O capitão observava atravez do periscopio. Comprehendi que acabavamos de immergir, e que acabava de surgir o motivo d'essa immersão.

— O nosso inimigo approxima-se, disse o capitão sem deixar o periscopio.

E' impossivel descrever a sensação que senti n'aquelle momento: não via nada, não sabia a que distancia estava o outro navio nem a profundidade a que navegavamos. E no entanto tinha a sensação do que a situação era grave e de que ia começar o terrivel duello entre o baleote e a sua presa. A vibração que notara ao entrar pela primeira vez no submarino desapparecera por completo, todos os ruidos interiores se tinham calado, como se estivessemos no interior de uma cabine telephonica de paredes acolchoadas. Sem mover-me da minha cadeira observava attentamente o capitão S... que não abandonava a manivella um só instante.

— Viu-nos, e dispara — disse o official no mesmo tom de voz com que poderia cumprimentar um amigo.

E accrescentou:

— Leva muita carga.

Apresentou-se um marinheiro. O capitão, abandonando um momento o seu observatorio, voltou-se para me dizer:

— Se quer vêr qualquer coisa de interessante acompanhe este senhor.

Levantei-me, um pouco aturdido. As fontes latejavam-me; sentia a cabeça pesada. O cheiro a oleos e benzina accentuava-se cada vez mais e provocava-me nauseas. Seguimos por estreito corredor. O marinheiro abriu uma porta e encontrei-me n'uma galeria de tecto muito baixo onde estavam installados dois canhões de pequeno calibre. As peças estão dispostas no sentido longitudinal e não se vê abertura alguma por onde possam disparar. Encontrámos n'esta galeria quatro homens, que eram sem duvida os serventes da artilharia.

No fim da galeria, o marinheiro abriu outra porta e entrámos n'uma especie de saleta quadrada: a camara dos tubos lança-torpedos. Havia ali outros marinheiros. Sobre um pequeno vagonete o projectil parecia um enorme peixe negro. Na parte da frente, a que poderemos chamar prôa, viam-se as tenazes destinadas a cortar as redes metallicas que protejem o casco dos navios. A' pôpa, uma pequena helice propulsora. Os marinheiros pareciam um tanto admirados da minha presença. Immoveis, cada um no seu posto, esperavam ordens.

De novo tive a sensação que desciamos, que nos submergiamos a maior profundidade. O superior d'aquelles homens tinha na mão um telephone e não tirava os olhos de um quadro fixo, semelhante ao que havia na camara do commando. A luz das lampadas ele-

---

Folhetim d'A CAPITAL — 28-9-1915

FERNANDO BRANCO
Official da armada

A acção dos submarinos na actual conflagração

Não o fez porém, porque se o fizesse ficaria, de então por deante impossibilitado de novamente immergir, ou no proprio movimento em que viesse á superficie, caso ainda ali estivesse o inimigo, ou mais tarde, se o encontrasse quando regressasse á sua base.

Abandonada pois a solução do lastro destacavel, que elle só empregaria em ultimo lance quando estivesse resolvido a entregar-se nas mãos do inimigo, forçoso era servir-se dos meios ordinarios de exgoto dos duplos fundos, que parece não funccionavam.

Difficil é prever qual teria sido a avaria que por algumas horas o inhibiu de voltar á superficie, e digo por algumas horas, porque, como se vae ver, a referida avaria não o inhibiu de o fazer mais tarde.

Se o exgoto dos duplos fundos n'esse typo (typo do engenheiro Bernardi, construido recentemente em Veneza, de 220/297 toneladas, sendo o outro da mesma especie o «Nautilus») póde ser feito pelos dois processos de ar comprimido e bombas, poderá suppôr-se que não empregariam o primeiro, ou porque a canalisação que para isso serve estava damnificada, ou porque desejavam poupar a reserva de ar comprimido que já andava escassa, como parece confirmar-se.

Resolvidos a empregar apenas o processo das bombas, natural era que apenas possuissem bombas electricas e que portanto qualquer avaria na sua fonte de energia electrica, nos cabos transmissores da mesma, ou emfim em qualquer accessorio electrico de isso o inhibisse.

Dada a hypothese de possuirem egualmente bombas rotativas atreladas aos veios motores — o que não é provavel — podia dar-se ainda o caso que por via da mesma avaria na parte electrica essas bombas não pudessem ser postas em movimento, por não poderem ser postos a andar os motores electricos que fariam girar esses veios.

Outra hypothese ainda se poderia dar, a qual seria a de uma avaria nos veios, aos quaes estão atreladas as bombas rotativas, hypothese esta em todos os casos absurda, porque então trabalhariam as bombas electricas de que elle certamente dispunha.

Possuindo, como é natural, bombas manuaes, d'ellas se poderia ter servido, caso estivessem em estado de funccionar, muito embora fosse necessario empregar muitas horas para exgotar os duplos-fundos, dada a sua fraca potencia de exgoto.

Fosse como fosse, o que é certo é que posto de parte, por motivos importantes de ordem tactica, o emprego do lastro destacavel, teve a guarnição que aguardar o tempo necessario para que a avaria que lhes impedia de exgotar os duplos-fundos fosse reparada, para que então o navio viesse á superficie.

E' obvio que em todas estas nossas considerações, temos que admittir que a reserva da fluctuabilidade com que elle começou a navegar em immersão foi annullada, caso contrario, como se sabe, quando os motores parassem teria elle logo vindo á superficie.

O annullamento d'essa reserva, ou foi proposital, para que se pudesse conservar em immersão estatica entre duas aguas, aguardando ahi a retirada do inimigo, e então a avaria consistia em não poder exgotar a agua dos tanques de regulação, por mau funccionamento da respectiva bomba; ou era proveniente da entrada de qualquer veio liquido, e então a reparação da avaria consistiu em obstar a que essa entrada continuasse, exgotando a agua que já tinha entrado.

Resumindo: Os motivos por que elle não poude vir á superficie ou foram da ordem dos ultimos citados, ou d'estes e dos anteriores em conjuncto.

Facto é que a reparação da avaria ou avarias durou setenta horas, findas as quaes o navio veiu á superficie e regressou pelos seus proprios meios á sua base.

Outro facto ainda se deu que necessita de discussão.

Durante as setenta horas que o submersivel se conservou immerso, morreram, naturalmente por asphixia, trez homens, um dos quaes o proprio commandante. Mais tarde e já depois do navio estar á superficie, morreram mais dois ainda por consequencia da asphixia soffrida.

Encarado o facto de uma maneira superficial, nada é para estranhar que passadas setenta horas de trabalho insano e de commoções de toda a ordem, setenta horas, ou sejam 3 dias menos 2 horas, tempo este já muito elevado, attendendo a que certamente a reserva do ar comprimido já não era completa, tanto mais que a immersão foi forçada e prolongou-se por todo esse tempo; não é para estranhar, dizíamos, que de entre vinte e tantos homens, os trez cujos apparelhos respiratorios em peiores condições se encontrassem não tivessem resistido.

E' evidente que se a sua reserva de ar comprimido fosse a total (trez metros cubicos ou mais, comprimidos a cento e cincoenta atmospheras) a asphixia não se teria dado, nem mesmo ao fim de 3 longos dias, em cubagem tão limitada para a respiração de 20 e tantos homens; porém a reserva de ar só é completa quando o barco sahe da sua base, e quem sabe quantas immersões elle já teria feito, quando teve de forçosamente fazer mais aquella.

A purificação do ar, expulsando o viciado, devia tel-a feito varias vezes, mas dada a escassa reserva e até talvez aquella que ainda teria de empregar em exgotos, fez com que essa purificação não bastasse.

Nenhuns motivos ha pois para causar espanto tal facto, porquanto só em casos muito excepcionaes um submarino precisará de estar tanto tempo em immersão, sem poder empregar o seu lastro destacavel: vendo-se ainda d'aqui que apesar de esse espaço de tempo ter já sido longuissimo, apenas 3 homens — ou 5 contando com os 2 que vieram a morrer mais tarde — morreram por asphixia.

Mais tarde saber-se-ha evidentemente como os factos se passaram, e então poderemos discutir, não com hypotheses, mas sim com factos averiguados.

Natural é que o submersivel tivesse tambem uma reserva de oxigenio comprimido, que não sabemos se foi empregado, parecendo-nos todavia que não.

Factos d'esta ordem não se dariam, se alguns dos muitos estudos que se teem feito, para obter a purificação do ar por processos chimicos, tivessem dado resultados praticos, o que até hoje ainda não succedeu, e não sei o celebre emprego do licor de Van Drebbel, chamado a quinta essencia do ar, do qual algumas gottas bastavam para purificar o ambiente!

Uma grande solução será achada com o proximo emprego das baterias dos accumuladores electricos Edison, que possuem, além de todas as extraordinarias vantagens de ordem mechanica e electrica, mais a de absorverem os elementos nocivos do ar viciado pela respiração!

Por agora o que convém deixar assente é que este facto não se teria passado se o submersivel estivesse apenas em exercicio, porque o seu commandante, quando observasse que a sua reserva de ar não chegava para a respiração, e que não tinha outro meio de vir á superficie, teria largado o seu lastro destacavel. De resto, e em nossa opinião, é já notavel um submarino que consegue estar em immersão durante trez dias, em tão extraordinarias circumstancias, morrendo-lhe só cinco homens, ou sejam apenas 25 por cento, suppondo que a guarnição era sómente de 20 homens, o que não é provavel.

Antes de fecharmos as nossas considerações a respeito d'esta curiosa operação, não queremos deixar de prestar o nosso mais sincero preito de homenagem ao valente commandante, que para salvar o seu navio e a maioria da sua guarnição, entregando-o intacto ao seu governo, não teve hesitações em sacrificar a sua propria vida, tornando gloriosa a memoria do seu nome e a nobre marinha de guerra de que em vida fazia parte.

Operação n.º 31. — Torpedeamento e afundamento, no mar de Marmara, do couraçado turco «Barbarossa», de 9.900 ton., custo 450.000 libras. Salvou-se a maior parte da tripulação.

E' esta operação muito semelhante á que discutimos na nossa chronica anterior, publicada n'este jornal, com o numero 9, e que por nós foi classificada como sendo a operação de maior brilho.

Em ambas, um submarino inglez afunda um couraçado turco; porém, ao passo que na primeira o estreito é forçado pelo submarino quando ainda aquelle estava todo minado, na segunda o submarino chega — como tantos outros e tantas outras vezes — até pleno mar de Marmara.

(*Continua*).

etrica illuminava os rostos e deixava na sombra o resto do corpo.

O homem pareceu ouvir qualquer coisa que lhe communicavam pelo telephone. Ao mesmo tempo, no quadro, apparecia uma lampada azul. Uma ordem que não entendi, e logo os marinheiros começaram a empurrar a vagoneta do torpedo, com infinitas precauções. O projectil entrou no tubo. Uma luz vermelha appareceu então no quadro, o superior deu outra ordem. Já o torpedo navega, levando a morte.

O filho do baleeiro partiu, a defender o pae.

Dizem-me que tenho de voltar á camara do commando. O official continua absorto, de cotovellos sobre a mesa, no seu posto de observação. Pergunta-me sem olhar para mim.

—Achou interessante?

—Muito,—respondi machinalmente, porque tudo o que via me tinha um tanto aterrado.

. . . .

O capitão tocou-me no hombro.

—Venha,—disse elle.—Subamos; o ar do mar deve fazer-lhe bem.

O capitão subiu pela escada. Quanto a mim, mal tinha forças para seguil-o. Sentia um grande torpor nos membros como se tivesse perdido a energia. Por fim, fazendo um esforço, consegui levantar-me. Notei que o vento entrava n'um redemoinho pela torre e me açoitava o rosto. Não via nada: a escuridão era completa e, acostumado á luz electrica, não pude distinguir mais que a espuma branca das ondas, que tinha reflexos luminosos. Pouco a pouco meus olhos foram-se habituando á treva, e vi então, boiando ao sabor das aguas, madeiros, pedaços de corda, fragmentos de moveis dilacerados, caixotes, toneis, roupas... Comprehendi então o drama: o navio fora torpedeado e afundado. Sobre o mar fluctuavam apenas os seus restos...

TOURADAS

Campo Pequeno—O sr. J. Segurado, emprezario do Campo Pequeno, deve conferenciar ámanhã com o presidente eleito da Republica, sr. dr. Bernardino Machado, a quem a corrida nocturna de 6 de outubro é dedicada, tencionando depois avistar-se com o chefe do governo e demais ministros, presidente da camara municipal e governador civil, a fim de se tratar do programma definitivo da corrida, que é organisada á antiga portugueza. Na do dia 3 tomam parte os espadas Gallito e o matador Limeño, assim como a quadrilha de picadores e bandarilheiros, sendo destinados a lide á hespanhola os touros da afamada ganaderia de Perez de la Concha, de Sevilha. Os touros, conforme contracto com o ganadero, terão de ser mortos na praça.

SETUBAL, 27.—Promovida pelo sr. Quelecíano do Amaral, antigo director de corridas, realisa-se domingo uma corrida offerecida ás senhoras, sendo sorteada no intervallo uma machina Singer. Cavalleiro é o amador d'esta cidade, Constantino José, havendo dois grupos de forcados.

A questão das subsistencias

Ovos e peixe

A' estação do Rocio chegaram hoje mais 69:000 ovos, tendo vindo novas remessas para as estações de Santa Apolonia e Terreiro do Paço. Apesar d'isso, alguns commerciantes recusam-se a vendel-os, allegando falta no mercado, o que, como se vê, não é verdade.

Hoje na Ribeira Nova houve apenas ligeiros conflictos que a policia facilmente solucionou. Vieram da Guimbra 290 cabazes com carapau e de Cascaes 17.

Foram multadas as peixeiras Francisca Paco, do largo de Santo Antoninho, 13, loja, e Leocadia Ferreira, da travessa do Oleiro, 12, 1.º, por augmentarem o preço do peixe miudo. Pelo mesmo motivo foi presa tambem Violante dos Santos, da rua Sabino de Sousa, 14.

Muitas varinas foram hoje ao governo civil visitar as suas collegas hontem presas por occasião dos tumultos no Mercado 24 de Julho.

Pela repartição da fiscalisação de preços dos generos foram avisados todos os commerciantes para darem cumprimento ao decreto que manda affixar os preços dos generos em sitio bem visivel dos seus estabelecimentos.

A' mesma repartição foram chamados os respectivos guardas para receberem instrucções a tal respeito.

BARREIRO, 27.—Os generos alimenticios estão aqui excessivamente caros, mais do que em Lisboa, o que custa a acreditar. A Cooperativa de Credito e Consumo está prestando bons serviços aos seus associados, fornecendo-lhe generos alimenticios de boa qualidade e aos preços mais baixos do mercado.

Almas do outro mundo

que fogem deante de um vivo

BARREIRO, 29.—Hontem, pelas 24 horas, appareceram nas ruas d'esta villa, amortalhadas em alvos lençoes e arrastando os passos, duas almas do outro mundo, que faziam fugir, horrorisadas, as poucas pessoas que a essa hora ainda andavam por fora de casa.

O guarda nocturno n.º 1, Francisco Antonio do Amaral, não se deixou, porém, intimidar e, correndo sobre os phantasmas, deu-lhes voz de prisão e lançou-lhe as mãos ás mortalhas, vindo assim a saber que eram Arthur Henrique, sapateiro, e José Zica, vendedor de peixe, o ultimo dos quaes resistiu, ferindo o guarda no rosto e pondo-se seguidamente em fuga, não podendo ser recapturado, apesar de sobre elle o guarda nocturno ter feito fogo.

O Henriques foi passar o resto da noite na cadeia e para juizo foi participada a occorrencia.

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

Associação Musical Lisbonense

A assembleia geral que hontem se devia ter realisado ficou adiada, por falta de numero, para o proximo sabbado, ás 20 horas.

VIAGENS NO ALGARVE

Os caminhos de ferro

Não satisfazem nem concorrem para o desenvolvimento da provincia.—Porquê?

PRAIA DA ROCHA, 23.—Sem uma boa viação acelerada não póde haver, no nosso tempo, progresso possivel. E' desnecessario tentar a demonstração d'esta verdade, tal é o seu caracter axiomatico. Pois o Algarve não tem uma boa viação acelerada a servil-o. O Algarve não está dotado com o serviço de comboios que merece e a que tem incontestavel direito. Porquê? O algarvio queixa-se de que o desprezam. Diz que o Estado mal se lembra d'elle para o dotar com os melhoramentos que o seu desenvolvimento e a sua riqueza, sempre crescentes, exigem. Os comboios que o ligam com o resto do paiz são poucos, morosos e caros. Além d'isso, na propria provincia, os horarios são por tal fórma improprios que não consentem que qualquer vá de Villa Real de Santo Antonio a Portimão—sessenta e tantos kilometros apenas—em menos de cinco horas! Mais: de Portimão a Villa Real ou vice-versa, não se póde ir e vir no mesmo dia. E' preciso conhecer o Algarve, ter vivido bem em contacto com os seus industriaes, com os seus armadores e com os seus lavradores, para se fazer uma idéa clara dos prejuizos e dos contratempos que semelhantes factos produzem. A economia da provincia soffre tanto com elles como póde soffrer um organismo robusto roido por um cancro implacavel. Tenho os ouvidos cheios de queixas. Chegaram até mim, de todos os lados, lamentações, desesperos, lamurias, motivadas por aquillo a que os algarvios chamam a falta de attenção que, pelos seus interesses, elles julgam existir por parte dos Caminhos de Ferro do Estado.

E' claro que ninguem póde admittir que uma empresa ferro-viaria sirva mal, propositadamente, as regiões que as suas linhas atravessam. Seria um contrasenso verdadeiramente criminoso. O Algarve não tem, decerto, poucos comboios e maus comboios por não haver vontade de o dotar com comboios rapidos, abundantes e bons. A causa do mal de que a gente algarvia, que produz e trabalha, se queixa, tem de ser outra, muito differente e bem mais importante. Tratei de procurar conhecel-a. Fui indagal-a á fonte segura e não me foi difficil encontrar alguem que, por muito intimamente conhecer os serviços ferro-viarios do Sul, era absolutamente idoneo para me esclarecer.

—Em geral—principiou a pessoa a quem me dirigi—n'estas coisas ferro-viarias só se vêem os factos sem se attender ás causas que os determinam. O publico compraz-se em formular juizos absolutos, e não ha maneira de lhe fazer crer que se engana quasi sempre. Concordo com as queixas que o Algarve formula contra a sua viação acelerada, que sou o primeiro a consideral-a deficiente. Mas que quer que se lhe faça? Os algarvios, como os alemtejanos, como toda a gente, emfim, parece que esquecem uma coisa que se chama a guerra e que, cerceando-nos as receitas, nos conduziu quasi á fallencia. Os Caminhos de Ferro do Sul e Sueste, antes de rebentar o medonho conflicto que devasta a Europa, estavam prosperrimos. As suas receitas cobriam completamente as despezas e davam ainda saldo. O seu desenvolvimento accentuava-se a olhos vistos. Todos nós andavamos satisfeitos, porque não ha nada que mais contente quem trabalha do que vêr que o seu trabalho luz. Veiu a guerra. Desorganisou-se tudo. Ou antes: o que estava prospero passou a viver precariamente e aquillo que satisfazia passou a não satisfazer. O carvão subiu extraordinariamente de preço. Resultado? A suppressão de comboios em todas as linhas. O Algarve não podia ser exceptuado. E' por isso que as communicações ferro-viarias na provincia são deficientes. Os horarios não se fazem ao acaso. Ouvem-se as entidades a quem elles interessam e procura-se attender sempre o maior numero, na impossibilidade de se attender a todos.

«Com a guerra, a diminuição do trafego de mercadorias foi enorme. O Alemtejo quasi não deu trigo este anno. O lavrador não transporta adubos. Foram-se, portanto, pela agua abaixo, essas duas enormes fontes de receita. Como substituil-as? Não é possivel. Temos de esperar que a crise passe, e até lá, não ha remedio senão soffrer com paciencia as consequencias d'esta situação anormal em que nos lançou a guerra. Mas será, por acaso, possivel dentro dos recursos de que os Caminhos de Ferro do Sul dispõem, attenuar as deficiencias de que os algarvios se queixam? Creio que sim. Tudo depende de estudos bem pouco difficeis e de uma leal cooperação entre os Caminhos de Ferro e os interessados. Que se juntem, pois, uns e outros, porque só assim poderão alterar os horarios reputados improprios por aquelles que teem de servir-se dos comboios que a esses mesmos horarios obedecem. Quanto ao mais... paciencia. Falta-nos material, falta-nos dinheiro, falta-nos tudo. E' que o Caminho de Ferro do Sul, meu caro amigo, falliu. Esta é a triste verdade. Continuam a girar comboios entre Lisboa e Faro? Bem sei. Pergunte, entretanto, ao governo quanto isso lhe custa...»

Ahi está, segundo este technico me informou, a razão porque o Algarve e o Sul, em geral, são mal servidos de comboios. A administração dos Caminhos de Ferro não teem meio de melhorar os seus serviços, alguns dos quaes possuem uma organisação tão perfeita que não teem, nas linhas portuguezas, outra que a egualo. E' preciso, portanto, dar tempo ao tempo.

Já o disse, mas não me canço de o repetir, para que a todos se faça justiça. O grupo d'homens intelligentes e patriotas que dirige os Caminhos de Ferro do Sul não póde servir mal o publico por não o querer servir bem. Seria necessario desconhecer o illustre engenheiro que é o sr. Arthur Mendes, director dos mesmos Caminhos de Ferro, e todos os que com elle collaboram, para se poder admittir que houvesse, da parte d'esse funccionario competentissimo, desejos de contrariar, com prejuizo proprio, o desenvolvimento progressivo e constante do Algarve. Não. O que ha é esta pavorosa crise que o paiz, por causa da guerra atravessa. Objectar-se-ha que, antes d'ella, já o Algarve era mal servido. D'accordo. E', porém, necessario não esquecer que o Caminho de Ferro do Sul só começou a dar saldo pouco tempo antes da guerra estalar. E sem dinheiro ninguem póde fazer milagres.

Depois d'estes tempos afflictivos outros virão, certamente, mais prosperos e felizes. O Algarve, como provincia riquissima que é, com um saldo enorme da sua exportação sobre a sua importação, não póde deixar de saber esperar. E quando o Caminho de Ferro do Sul voltar a ser uma empreza prospera, faça ouvir as suas reclamações, exija que o dotem com comboios rapidos e commodos e que, entre Villa Real e Lagos, quando a linha ferrea lá chegar se estabeleça um bom serviço ferro-viario, que a todos satisfaça e a todos os interesses attenda. Por emquanto é bradar no deserto, porque, casa onde não ha pão, todos ralham e ninguem tem razão...

Adelino Mendes

PEQUENAS NOTICIAS

Na enfermaria 4 do hospital de S. José deu entrada, em estado grave, o pedreiro Manuel Ribeiro, de 47 annos, morador na rua Capitão Leitão, 44, que hoje cahiu d'um andaime da altura d'um terceiro andar, nas obras da fabrica no Alto da Mitra pertencente á firma Seixas, ficando com tres grandes ferimentos na cabeça com deslocação do couro cabelludo e grandes lesões internas.

—Já foram presos os gatunos que ha dias escalaram os muros da fabrica de oleados, na calçada do Lavra, roubando d'alli uma grande porção d'elles. Chamam-se João Pinto e Eduardo Augusto Diogo e deram entrada no governo civil, acompanhados pelo agente Carapeto.

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

«Noções preliminares de sciencias naturaes»

Em 6.ª edição, revista cuidadosamente pelo auctor, sahiu agora este livro destinado ao ensino primario e cujo melhor elogio está no numero de edições que já conta. Original do sr. dr. Bettencourt Ferreira, um medico distincto, é elaborado com verdadeiro conhecimento do assumpto, estando a materia muito bem coordenada e n'um estilo claro e comprehensivel á intelligencia d'aquelles a quem se dirige.

Aviação militar

Novos offerecimentos

De Vianna do Castello escreve-nos o sr. Norberto Gonçalves, a quem *A Capital* já se referiu em junho passado, insistindo em que seja acceito o seu offerecimento para ir ao estrangeiro tirar a carta de piloto. Está o sr. Norberto Gonçalves em condições mais vantajosas do que qualquer dos quatro officiaes que para tal fim foram apurados, visto ter um treino de tres mezes n'um monoplano e vastos conhecimentos de motores de explosão. Está convencido de que em um mez alcançaria o *brevet* de piloto.

Em todos os paizes onde se faz aviação, procura-se tambem a codjuvação do elemento civil. Porque não ha de em Portugal fazer-se o mesmo?

Para frequentar a futura escola de aviação offerece-se o sr. Manuel Amaral, maritimo, morador em Lisboa na rua Manuel Bernardes, 39, 1.º

ALVITRES e RECLAMAÇÕES

Amnistia a soldados expedicionarios

Escreve-nos o soldado de infanteria 20 sr. José Pereira Lhôa pedindo-nos que intercedamos junto do presidente eleito da Republica para que por occasião da data festiva que se vae commemorar—o glorioso dia 5 de outubro—seja concedida amnistia aos soldados expedicionarios, sobre alguns dos quaes pesam mais ou menos penas por ligeiros delictos. Entende o soldado que nos escreve que seria um acto que por todos seria bem recebido.

A limpeza no Barreiro

Escrevem-nos do Barreiro chamando a attenção da camara municipal d'aquella villa para a hora impropria a que transitam as carroças da limpeza. Tambem nos dizem que é urgente a construcção de canos de exgoto, obra que não é de difficil realisação, especialmente na parte moderna da villa, dando-lhe assim um aspecto limpo e asseiado, que não tem actualmente.

Movimento maritimo

Brasil e R. Prata, «Desnas» (Liverp.)	29
Bra. e R. Pra. «Sena» (de Liverpool)	20
Bra. e R. P. «Amiral Troude» (do H.)	20
Bah., R. J. e San. «Tennyson» (de Liv.)	30
Bat., Tim., etc. «Rembang» (de Ams.)	30
Africa oriental, «Clan Ross» (Liverp.)	2
Africa oriental «Moçambique»	6
N. York, via Aço. «Roma» (de Gibral)	8
Vigo e Inglat. «Demer.» (do Brazil)	4
R. J. e R. Pra. «Divona» (de Bordeus)	5
Archipelago dos Açores «Funchal»	5
Amst. e etc. «Tabanita» (de Batavia)	

ULTIMAS NOTICIAS

NOTA POLITICA

A constituição do futuro governo

Tudo indica que elle venha a ser presidido pelo sr. dr. Affonso Costa

Referimos ha dias algumas amenas ablagues que por ahi teem circulado a proposito da constituição do gabinete que ha de succeder ao actual. Já se forjaram outras, que peccam pela mesma ingenuidade.

Em que pese áquelles que desejariam vêr perturbada a politica republicana por quaesquer incidentes, a verdade é que a situação está perfeitamente esclarecida, com uma nitidez que não permitte deturpação alguma. O gabinete da presidencia do sr. dr. José de Castro organisou-se para o exercicio d'uma missão de caracter transitorio, como o seu chefe é o primeiro a reconhecer. Atravessando um periodo melindroso, em que as difficuldades todos os dias surgem, esse governo tem sabido cumprir o seu dever patriotico, fazendo uma administração honesta e de rigorosa defeza do regimen. Mas a opinião publica deseja alguma coisa mais. Quer um governo que entre no caminho das realisações praticas, solucionando por uma vez os problemas graves que estão postos hoje perante o futuro da nacionalidade portugueza. Isso só póde ser feito por um governo homogeneo, com perfeita unidade de vistas, que tenha um apoio seguro no parlamento e nas correntes da opinião. E' por isso que o novo presidente da Republica, quando entrar no exercicio das suas altas funcções e tomar conhecimento do pedido de demissão do actual gabinete, terá de pensar na constituição d'um governo que possa effectivar a obra constructiva que se impõe. O seu chefe está indicado pelo resultado das ultimas eleições legislativas: o sr. dr. Affonso Costa, «leader» do partido que obteve a maioria nas duas casas do Congresso.

Ninguem póde esperar, no entanto, que a substituição se faça precipitadamente, tomando o sr. presidente da Republica posse no dia 5 para o novo governo ir para as secretarias do Terreiro do Paço no dia 6. Estamos certos que o novo presidente, antes da solução da crise, ouvirá as opiniões dos «leaders» dos partidos e dos presidentes das duas Camaras, como representantes das correntes parlamentares. Além d'isso, e desde que ao actual governo foi votada uma ampla auctorisação nas duas Camaras para ser exercida no interregno das sessões legislativas, é natural que o Congresso seja convocado para se pronunciar sobre esse ponto, desde que o sr. presidente da Republica acceite a demissão d'este gabinete. O Congresso entende que a auctorisação deve persistir, para um novo governo? Considera-a já desnecessaria? E' preciso que elle se exprima a tal respeito, dentro das mais rigorosas disposições constitucionaes.

Entretanto, o actual governo continuará a exercer a sua missão, tudo indicando até que algumas das individualidades que o constituem não abandonarão a gerencia das suas pastas quando se tratar da constituição do futuro gabinete. De resto, ha um problema que só a este governo compete decidir:—é o das commissões nomeadas para o cumprimento da lei dos funccionarios publicos. Em torno d'essa questão varios incidentes surgiram, não sendo de menor importancia o das constantes escusas de pessoas nomeadas para as commissões dos varios ministerios. E' preciso considerar tambem a diversidade de criterios existentes em algumas d'ellas, pois ao passo que duas, a da marinha e do interior, já concluiram os seus trabalhos, outras ha que nem sequer os iniciaram. O afastamento dos funccionarios, pelos varios ministerios, ha de estar dependente d'esses criterios diversos? Succede ainda que, como já dissémos, a missão das commissões foi singularmente embaraçada por uma certa atmosphera que se estabeleceu em torno da sua obra de saneamento e defeza da Republica. Afastados quatro ou seis funccionarios em todas as repartições, de Lisboa e do resto do paiz, dependentes de cada ministerio, as commissões poderão affirmar que todos os outros dão garantia completa de adhesão á Republica e á Constituição? Ao governo actual compete resolver o problema, não sendo difficil, certamente, encontrar uma resolução que a todos satisfaça.

Pela nossa parte, estamos certos de que o sr. dr. José de Castro não se recusará a contribuir, inspirado pelo seu amor á Republica, para que todas as difficuldades desappareçam, porque só depois terá o direito de voltar singelamente para a modestia da sua vida profissional. A Republica vive de dedicações. São ellas que a sustentam.

NOTAS DIVERSAS

Sobre a parada militar que se deve realisar em 6 de outubro conferenciou hoje com o sr. ministro da guerra o general commandante da 1.ª divisão.

O conselho de ministros voltou a reunir hoje, pelas 16 horas, no ministerio da marinha.

—O sr. ministro da justiça accedeu ao pedido do seu collega da instrucção para serem entregues á Bibliotheca Nacional de Lisboa o processo, original, contra o Marquez de Pombal, e a copia do processo dos Tavoras, documentos existentes no archivo d'aquelle ministerio.

—A' vista do Bugio e navegando para o sul passou hoje o transporte inglez *Rewa*, da Cruz Vermelha.

Ramalho Ortigão

Manifestações de pezar

O sr. Levy Bensabat, secretario particular do sr. presidente da Republica, foi hoje apresentar os seus sentimentos á viuva de Ramalho Ortigão, deixando um cartão do chefe do Estado com as seguintes palavras:

«Theophilo Braga apresenta os mais sinceros sentimentos pela perda do constante amigo e fraternal collega».

O sr. dr. Bernardino Machado, presidente eleito da Republica, foi a casa de Ramalho Ortigão apresentar pezames á sua familia.

Muitas outras pessoas foram tambem deixar cartões na residencia do illustre extincto, entre ellas: Agostinho de Carvalho, D. Laura Schroeter Batalha de Carvalho, F. C. de Bettencourt, Xavier da Cunha, José Augusto Moreira de Almeida, Jorge de Bettencourt, marqueza do Unhão, conego Ayres Pacheco, Eduardo de Sousa, João Carlos de Mello Barreto, etc.

Receberam-se tambem telegrammas dos srs.: Manuel de Oliveira, José Sampaio, condes da Horrulha, Vasco Estrella, Antonio de Lemos, Carlos de Moura Cabral, Eugenio de Castro, Hotel Dolder, de Inrick; Magalhães Lima, Trindade Coelho, Antonio Arroyo, Virgilio Machado, D. Maria Izabel Januaria, D. Christina e Edgar Prestage, Bento Carqueija, etc.

Em signal de sentimento pela morte de Ramalho Ortigão foram hoje suspensas, até ámanhã ao meio dia, as obras de reconstrucção do theatro da Republica, de que é societario o sr. Antonio Ramos.

O funeral

Ramalho Ortigão completava 79 annos no dia 22 de novembro. Teve duas filhas e um filho, D. Maria Feliciana, casada com o sr. dr. Eduardo Burnay, e D. Bertha, casada com o sr. Antonio Ramos, e José Vasco Ramalho Ortigão, commerciante no Rio de Janeiro. Estes tres filhos deram-lhe dez netos e seis bisnetos.

O funeral do illustre escriptor effectua-se ámanhã, pelas 10 horas, sendo o feretro transportado em berlinda, tirada a duas parelhas, para o cemiterio dos Prazeres.

Acompanha o prestito o prior da freguezia das Mercês, rev. Ayres Pacheco.

A grande guerra

Proseguem os combates na Champagne

300 officiaes allemães prisioneiros

PARIS, 27 ás 2,40 t. (retardado)—Communicação official.—Em Artois mantemos as nossas posições a leste de Souchez. A nossa progressão ao principio noticiada como tendo chegado ao telegrapho destruido ao norte de Thelus não passou de Vergera, Folie. A estrada de Arras a Lille foi completamente mantida. Na linha ao sul do Somme houve lucta de bombas e torpedos na direcção de Andechy. A nossa artilharia contrabateu vigorosamente as baterias inimigas que canhoneavam as nossas posições de Quennevieres. Em Champagne os combates teem proseguido com tenacidade em toda a linha. Occupámos varios pontos e nomeadamente Con e Bricot ao norte da herdade Wacques, tendo-se passado já além de algumas posições onde elementos inimigos haviam conseguido manter-se.

Não é de 200 mas de 300 o numero de officiaes por nós feitos prisioneiros na Champagne.

Entre o Mosa e o Moselle e na Lorena houve intenso canhoneio de um e outro lado. Uma violenta tempestade nos Vosges fez suspender momentaneamente todas as operações—(*Havas*).

70 peças tomadas aos allemães — Estes renovam a offensiva na Argonne

PARIS, 27.—Communicação official das 23 horas.—Ao norte de Arras a situação não se modificou. O inimigo reagiu apenas fracamente contra as novas posições occupadas pelas nossas tropas. O numero de prisioneiros feitos n'esta região passa actualmente de 1.500.

Em Champagne a lucta proseguiu sem descanço; as nossas tropas encontram-se presentemente n'uma linha que se estende em frente da segunda posição de defeza allemã, balisada pela cota 185 a oeste da herdade Navarin, macisso de Souain, arvore-cota 193 e villa e macisso de Tahure. O numero das peças tomadas ao inimigo não poude ser ainda completamente determinado, mas contaram-se já 70 peças de campanha e de grosso calibre, sendo 23 d'ellas tomadas pelo exercito britannico. Os allemães renovaram hoje a offensiva em Argonne, sendo-lhes esta, porém, entravada. Por quatro vezes tentaram um assalto de infanteria sobre as nossas posições de Fille Morte; depois de haver bombardeado aquellas posições com projecteis de todos os calibres e granadas suffocantes, o inimigo poude chegar, apenas em alguns pontos, á trincheira da linha mais avançada, mas foi ahi detido pelo fogo das nossas trincheiras de apoio e repellido em todos os restantes pontos com graves perdas. Nada houve de importante no resto da linha.

A acção dos aviadores belgas

PARIS, 27.—Communicado belga.—Os nossos aviadores bombardearam com successo debaixo de violento fogo de artilharia, infanteria e metralhadoras os acantonamentos inimigos de Clercken, Eckeem e Keyem e os bivaques de Trait e Bosch, provocando n'este ponto violentos incendios.—(*Havas*).

A cooperação das tropas inglezas

LONDRES, 27.—Um communicado de sir John French datado de hoje diz o seguinte:—A noroeste de Hulluch repellimos numerosos contra-ataques e infligimos pesadas perdas ao inimigo. A leste de Loos a nossa offensiva está progredindo. As nossas tomadias elevam-se actualmente a 53 officiaes, 2800 soldados, 18 peças de artilharia e 32 metralhadoras. O inimigo abandonou consideravel quantidade de material que ainda não foi arrolado.—(*Havas*).

As operações no theatro oriental

PETROGRADO, 28.—Official. A acção da artilharia inimiga está-se desenvolvendo na região de Riga. Na região de Dwinsk recomeçaram os combates com encarniçamento. Na região de Novo Alexandrovsk repellimos numerosos ataques. Na região de Dolguinofl a nossa cavallaria dispersou a cavallaria allemã. Tomámos tres metralhadoras. Travou-se um combate extremamente encarniçado a oeste de Vileika, e repellimos quatro ataques. Na ultima semana tomámos n'esta região aos allemães 15 peças, cinco das quaes de grosso calibre, 33 metralhadoras, 12 cofres de munições e fizemos 1000 prisioneiros. A leste de Oschmiany até Prapiat travaram combates extremamente renhidos.—(*Havas*).

Manifestação ás nações alliadas

Uma commissão de academicos, a maioria dos quaes socios do Centro Republicano Academico, composta dos srs. José Leão de Soure Amzalak, Waldemiro de Almeida, Gomes da Costa, Horacio Ribeiro, Luiz Antonio Xavier, José R. Barão Junior, Arnaldo de Brazão, Mario Lopes de Azevedo, Antonio Souza, José Candido da Silva, Joaquim Monteiro de Macedo, José Luiz Maciel Chaves, Distilleti Bruno, Antonio Martinez, Antonio Salomé Correia, Antonio Mattos, Justino dos Santos, convida a mocidade academica e operaria, o povo republicano, o exercito e a marinha a reunir amanhã, pelas 21 e meia horas, na praça dos Restauradores, a fim de, em cortejo, irem saudar as legações das nações alliadas pela brilhante victoria alcançada na Champagne.

O novo presidente da Republica

Programma da sessão conjuncta em que lhe será conferida a posse

Os membros das mesas da Camara dos Deputados e do Senado já estabeleceram o programma a observar na proxima sessão conjuncta de 5 de outubro. Assignado pelo sr. presidente do Congresso deve ser publicado depois de amanhã no «Diario do Governo». E' o seguinte:

Nos termos do que preceitua a Constituição Politica da Republica Portugueza, e para os fins consignados no artigo 43.º da mesma Constituição, o Congresso reunido em sessão especial conjuncta no dia 5 do corrente mez de outubro, pelas 15 horas, conferirá a posse a S. Ex.ª o Presidente da Republica eleito em sessão de 6 de agosto ultimo para o quadriennio de 1915 a 1919, tomando-lhe o compromisso de honra a que se refere o citado artigo 43.º

N'esta solemnidade será observado o seguinte programma:

1.º—Uma hora antes da marcada para o acto solemne, de que trata este programma, estando reunidos na sala da Camara dos Deputados os membros das duas casas do Parlamento e o governo, o ex.mo sr. presidente do Congresso, occupando o logar da presidencia, secretariado pelo 1.º secretario da Camara dos Deputados e pelo 1.º secretario do Senado, abrirá a sessão e nomeará uma deputação composta de dez deputados, do presidente da Camara dos Deputados e onze senadores, que juntamente com o governo aguardará no vestibulo do edificio a chegada de S. Ex.ª o sr. presidente da Republica, acompanhando-o até á sala das sessões.

2.º—Abrirá o cortejo formando duas alas o pessoal menor das salas das sessões, devidamente uniformisado.

Os deputados e senadores tomarão no cortejo logar immediato ao pessoal menor, junto a S. Ex.ª o presidente da Republica, que levará á sua direita o presidente da Camara dos Deputados e á sua esquerda o chefe do governo, seguindo na retaguarda todo o ministerio e atraz d'este, fechando o cortejo, o secretario geral da presidencia da Republica, secretarios particulares, chefes de gabinetes dos ministros e officiaes de serviço.

3.º—Ao entrar o cortejo na sala das sessões e depois de occuparem os seus logares os deputados, senadores e membros do governo, S. Ex.ª o presidente da Republica, subindo á presidencia, proferirá em voz alta o compromisso que preceitua a Constituição, fazendo seguidamente a allocução inherente ao acto de posse e ao compromisso que acaba de prestar encerrando-se immediatamente a sessão.

4.º—Findo este acto organisar-se-ha novamente o cortejo pela fórma já descripta, empunhando então o 1.º secretario o estandarte e acompanhando S. Ex.ª o presidente da Republica até á varanda principal do palacio do Parlamento e ali chegados ficará S. Ex.ª o presidente da Republica ao centro dando a direita ao presidente do Congresso e a esquerda ao presidente da Camara dos Deputados.

O presidente do Congresso annunciará então ao povo que o presidente da Republica acaba de prestar o compromisso de honra.

5.º—Seguidamente o cortejo acompanhará o sr. presidente da Republica até ao vestibulo.

6.º—O presidente do Congresso, tomando logar á direita de S. Ex.ª o presidente da Republica, e o presidente da Camara dos Deputados á esquerda acompanhal-o-hão até ao vestibulo, seguindo na mesma carruagem até ao palacio da presidencia da Republica.

7.º—O pessoal menor que fizer parte do cortejo tomará logar em pé de um e outro lado junto ao estrado da presidencia.

8.º—A distribuição de bilhetes para assistir a esta solemnidade será feita pela presidencia do Congresso nos dias 2 e 4 de outubro.

Um desmentido

A «Liberdade» annunciou e a «Nação» transcreveu com commentarios que o sr. Pablo Iglesias esteve de visita ao sr. Bernardino Machado. E' inexacto. Quem visitou o sr. presidente eleito da Republica foi o sr. Ricardo Rubio e foi o sr. dr. Castillejos, dois illustres pedagogos hespanhoes com quem de ha muito o sr. Bernardino Machado mantem amistosas relações.

E lá se vae mais uma especulaçãosinha.

Marinha de guerra

A canhoneira «Tejo», que, como noticiámos, deu entrada no dique do Arsenal a fim de ser transformada, passa a ser contra-torpedeiro, conservando a mesma denominação.

Actualmente, n'aquelle estabelecimento fabril, encontram-se em construcção os seguintes navios destinados á marinha de guerra: contra-torpedeiros «Tamega» e «Vouga», canhoneiras «Beengo», «Mandovy» e «Quanza».

O Porto n'"A Capital"

Serviço telegraphico e telephonico

16,15

Desastre

Hoje ás 11 horas, n'uma pedreira, no Bomfim, explodiu um tiro que feriu gravemente dois operarios. Levados ao hospital, alli receberam curativo, tendo um d'elles, Antonio Monteiro da Rocha, morador na travessa Gomes Leal, que ficou sem o olho direito.

ECHOS & NOTICIAS

INFORMAÇÕES—COMMUNICADOS

NA AMADORA

Realisa-se no proximo sabbado, ás vinte e meia horas, nos Recreios Desportivos da Amadora, a distribuição dos premios aos vencedores dos torneios de «tennis» e das provas athleticas e «gymkhana» realisadas em 1 do corrente. Finda a distribuição realisa-se um grande baile no «rink» de patinagem em honra dos vencedores. O recinto será todo illuminado a luz electrica e uma banda de musica abrilhantará o baile.

NOTAS MUNDANAS

Regressou da Figueira da Foz a illustre actriz Lucinda Simões.

—E' esperado no fim do mez em Lisboa o sr. Eduardo Veiga de Araujo.

—Regressou da sua casa de Torres Vedras o sr. Justino Guedes.

LUTUOSA

COIMBRA, 27.—Falleceu o industrial sr. Antonio Baptista, que gosava de geraes sympathias pela sua honestidade e trato lhano.

PARTE COMMERCIAL

Situação da praça

CAMBIOS.—O mercado fechou ás seguintes cotações:

	Compra	Venda
Londres cheque	35 3/16	35 3/16
Londres, 90 d/v	35 11/16	—
Paris, cheque	874	874,5
Allemanha, cheque	803,5	813
Hollanda, cheque	606,5	530
Madrid, cheque	1337	1356
New York	1841	1846
Rio s/Londres	12	—
Libras	7801	7810
Agio do ouro	50 %	56 %

BOLSA — As inscripções effectuaram-se:

	Assent.	Coup.
Titulos de 1.000$	40,00	39,70
» » 500$	—	—
» » 100$	—	40,00

Obrigações d'Estado: 3 %, 1905, 9$50. Externas: 1.ª serie 73$00 e 3.ª 74$60. Acções: Lisboa & Açores, 110$30; Ultramarino, assent., 115$20; Assucar, 41$50; Casengo, 13$10; Ilha do Principe, 20$6. Obrigações: Assucar, 41$60.

A CAPITAL DO NORTE

O Porto monumental

A nova avenida da Praça Nova á Trindade

Porto, 25 de setembro

—Quando começam as obras de transformação da cidade?

Esta pergunta anda—póde dizer-se—na bocca de toda a gente.

Alguem que muito bem conhece os trabalhos já feitos, de campo e de gabinete, e com quem nos avistámos, diz-nos a este proposito:

—A parte que poderemos chamar da peripheria deve começar muito breve. A conclusão da rua Passos Manuel e o alargamento da entrada da rua do Bomjardim são os primeiros trabalhos a fazer. Estão feitas as avaliações e a maior parte das expropriações teem-se realisado de commum accordo entre a camara e os respectivos proprietarios. Deve tambem proceder-se muito breve ao terraplano e ajardinamento do Monte do Seminario, que é um ponto de mais esplendida vista sobre o Douro e Gaia.

«Em seguida, então, a monumental Avenida da Praça Nova á Trindade. Talvez que essa maravilhosa obra que o espirito inventivo e arrojado do engenheiro inglez sr. Parker delineou e traçou em linhas emergentes e que é uma coisa verdadeiramente nova, original, sahindo fóra do vulgar de todas as avenidas mundiaes, talvez que essa obra se inicie no começo do anno proximo. Presentemente, o sr. Parker está organisando a planta definitiva, introduzindo-lhe umas pequenissimas alterações de detalhe propostas pelo architecto sr. Teixeira Lopes, e com que elle concordou, e estudando ainda varias côtas.

—O novo Palacio da Camara onde vae ficar?

—Primitivamente, o engenheiro inglez fazia-o construir no começo da Avenida, ainda, póde dizer-se, na Praça Nova. Porém, o sr. Elysio de Mello, que não é engenheiro, mas é um espirito atilado e pratico, ponderou quanto convinha ás finanças da Camara fazel-o construir, antes, no final da Avenida, em frente á pequena rotunda que vae ficar na Trindade. E' claro... Os terrenos do começo da Avenida—que é o centro, o coração da cidade—o ponto do mais intensivo commercio e industria, onde ficam os grandes hoteis, restaurantes, cafés, casas bancarias, lojas de modas, toda a vida febril e expansiva da cidade,—é claro que os terrenos que vão ficar a marginar nova Avenida—são de tanto maior valor estimativo e vendavel, quanto mais proximo ficarem da Praça Nova. Ora, o sr. Elysio de Mello, como illustrado negociante e activo homem de negocios, elle que é o vereador do pelouro das obras e quem mais actividade tem demonstrado na transformação da cidade, ponderou, e muito bem, que a Camara poderia construir os seus paços de concelho em terrenos de menor valor vendavel, deixando os terrenos caros para receita municipal. E' isto que se chama vêr bem.

«O sr. Parker concordou e, assim, os novos paços do concelho devem ser o remate norte da nova Avenida.

—Ha algum plano definido quanto á linha geral, ao ponto de vista esthetico da nova avenida?

—Evidentemente. Os predios a construir nas duas margens da avenida hão de obedecer a uma accentuada harmonia de conjuncto. Não se fará uma Avenida de retalhos exoticos e inestheticos. Não ficará tambem uma linha de pesadas construcções, amontoados de granito, sem um ar de alegria, sem sorrisos de arte, fechadas conventuaes, isochronas, sem alleluias de luz, sem vitraes rendilhados que deem bem a ideia de que a transformação do Porto é não só um impulso material de progresso, mas ainda um instincto de grande anceio e de fé na transformação moral e social da grande, activa, heroica e fundamentalmente liberal cidade do Porto.

«Tudo indica que a capital do norte caminha triumphalmente para o futuro, conscia de si, do seu valor, da sua força e da sua actividade. Veja—diz-nos por fim,—veja como dentro de tão pouco tempo a camara delineou e construiu essas obras importantissimas — que estão quasi promptas—o novo matadouro e a praça do Bolhão, os jardins da Infancia da Foz e da Praça da Alegria...

«A propria iniciativa particular demonstra tambem uma grande fé no futuro. Ahi está, por exemplo, o novo Theatro de S. João a demonstral-o, no arrojo dos seus societarios que ao Porto consagraram um theatro lirico magnifico de conforto, de belleza architectonica e de absoluta segurança...

«E a monumental Estação Central de S. Bento? Outra obra de arte que honra a cidade.

Escolas industriaes

A educação technica do operario portuguez

Entre outras, uma causa avulta para que o operario portuguez se mantenha n'uma relativa inferioridade para com o operario estrangeiro: é a falta de ensino technico.

De sobejo estão provadas as suas bellas qualidades de trabalhador e as suas naturaes aptidões artisticas, mas o nosso acanhado ambiente industrial não lhe proporciona, infelizmente, um meio adequado para o cultivo e desenvolvimento d'estes dotes.

Para corresponder utilmente ao anceio d'um largo fomento industrial que por todo o paiz se manifesta, é preciso reorganisar o ensino technico de maneira a garantir a formação d'um proletariado apto para desempenhar todos os trabalhos que a industria nacional lhe peça.

As nossas escolas, tal qual se encontram, são insufficientes para levar o nosso operario a essa situação, não só pelo seu reduzidissimo numero, mas tambem porque os seus methodos d'ensino deixam muito a desejar. Faça-se um inquerito rigoroso ás escolas industriaes e obter-se-ha a verificação de que o ensino technico das suas officinas é quasi inutil.

Se analisarmos a percentagem dos alumnos que completam o curso, veremos que é insignificante e a sua preparação industrial de escassos resultados, tendo que completal-a nas officinas dos estabelecimentos particulares.

Escolas industriaes ha onde o ensino de varias disciplinas é irregularmente feito, o que se reflete no aproveitamento dos alumnos.

Estas anomalias, aliás de facil comprovação, urge extinguil-as para beneficio do proletariado portuguez.

Grande parte dos operarios que trabalham nas diversas fabricas de Lisboa, Porto e outros centros industriaes do paiz veem de localidades onde a industria é insignificante, quasi nulla, e para isso na sua bagagem não passa o ensino technico, valendo-se para a sua profissão apenas da pratica adquirida na execução de qualquer trabalho. Com elementos d'esta ordem é impossivel crear operarios habeis, embora disponham das mais superiores qualidades.

Devemos confessar que ha honrosas excepções no nosso meio industrial, mas a regra geral é a que deixamos apontada.

Multiplique-se, pois, o numero de escolas industriaes e transforme-se a escola primaria de forma que proporcione os rudimentos indispensaveis ao operario para o conduzirem pela vida fóra, através das varias phases sociaes por que vae passando.

Só assim, soffrendo uma radical transformação, o operario portuguez conseguirá encontrar-se em egualdade de circumstancias com os seus companheiros de trabalho do estrangeiro.

Matheus Ruivo

O exercito do futuro

Os deveres que patrioticamente teem a cumprir os mancebos de 17 a 20 annos

A necessidade urgente de cuidarmos afincadamente da defesa nacional e de prepararmos os futuros soldados levanos a publicar, visto a proximidade da abertura do novo periodo de instrucção militar preparatoria, as seguintes informações que interessam aos mancebos de 17 a 20 annos e em especial aos que no anno corrente completam os 17 ou os 18 annos, para que não incorram nas penas da lei.

Diz a lei do recrutamento, relativamente á instrucção militar preparatoria:

Art. 48.º—Os mancebos dos 17 aos 21 annos são obrigados a frequentar aos domingos os cursos de gimnastica, exercicios militares e a praticar na equitação, no tiro e em quaesquer outros trabalhos que forem estabelecidos.

Art. 50.º—Em tempo de guerra estes mancebos são transferidos para as tropas activas e destinados a preencher as baixas soffridas pelo exercito de campanha no decorrer das operações.

Art. 70.º—Os mancebos inscriptos que dos 17 aos 21 annos, sem motivo justificado, em tempo de paz deixarem de cumprir qualquer das disposições dos artigos 48.º e 49.º serão punidos com a multa de 5 a 20 escudos.

§ 0.º do art. 4.º—As tropas territoriaes que formam a terceira linha do exercito, destinada á guarda de localidades, trabalhos de passagem ao estado de defesa dos pontos fortificados, e outras missões de natureza sedentaria são constituidas por alineas (a, b, c, d), e (f) os mancebos dos 17 aos 21 annos, ainda não encorporados, destinados a completar em tempo de guerra os effectivos do exercito activo.

Art. 10.º—Todo o portuguez é obrigado a servir pessoalmente e cada qual conforme as suas aptidões, desde o anno em que completa os 17 annos até aquelle em que perfaz os 45, inclusivé.

São, pois, obrigados todos os membros dos 17 aos 21 annos—principalmente os que completem 17 ou 18 annos até 31 de dezembro proximo—a receber a instrucção militar preparatoria aos domingos nos quarteis ou nas sociedades de I. M. P. conforme prefiram, tendo que apresentar-se ao dia 10 de outubro.

Aos que se alistarem nas sociedades de I. M. P. concederá o ministerio da guerra certas regalias, taes como a possivel reducção de serviço nas fileiras.

Os mancebos que preferirem a instrucção ministrada pelas sociedades aos quarteis podem alistar-se em qualquer d'ellas, seja qual fôr o bairro em que residam, devendo comprar o fardamento, caderneta da sociedade, bilhete de identidade, estatutos, etc.

N'estas condições, estão já abertas as inscripções, na Sociedade n.º 1, de noite, na rua da Graça, 81 e 83, e de dia na rua da Prata, 212; na Sociedade n.º 5, na rua do Mundo, 81, 3.º.

Na primeira d'estas sociedades, além da instrucção militar, ha tambem cursos de gimnastica sueca, esgrima de espada, sabre e pau, musica, escripturação commercial, francez, instrucção primaria elementar e preparação para sargentos milicianos, tendo ainda uma carreira de tiro reduzido.

A quota mensal é de 10 centavos. Dirige a instrucção o coronel sr. Miguel Garcia, auxiliado por um grupo de officiaes, sargentos e cabos do exercito e da armada. A instrucção é ministrada no quartel de sapadores mineiros, devendo o alistamento fazer-se até ao dia 8 de outubro.

As faltas á instrucção durante o periodo de 10 de outubro até ao ultimo domingo de julho de 1916 que passem de cinco serão punidas com a pena de multa de escudo cada uma, segundo a lei, ficando responsaveis pelo seu pagamento os paes, tutores ou patrões dos mancebos.

A Sociedade n.º 5 ministra a instrucção na parada do quartel de infantaria 16, Castello, sendo dirigida pelo conhecido vulto da revolução de 31 de janeiro no Porto, o então alferes Malheiros, hoje major, que emquanto estiver em Angola será substituido pelo major sr. Osorio de Castro.

Na sua séde tem a Sociedade n.º 5 differentes aulas para desenvolvimento litterario e phisico dos associados.

Mas não só aos mancebos de 17 a 20 annos estas sociedades instruem militarmente; ha n'ellas uma segunda secção que o ministerio da guerra creou para os cidadãos de 21 a 45 annos que, robustos e sem defeito phisico, queiram receber instrucção militar e exercitar-se no tiro.

Tanto os alistados na 1.ª como na 2.ª secções fazem parte do terceiro escalão de tropas territoriaes.

E como todos os cidadãos portuguezes devem concorrer segundo as circumstancias para a realisação da ideia da nação armada e para o avigoramento da nossa raça, acceitam estas collectividades como associados os individuos de qualquer edade e sexo que desejem contribuir para o engrandecimento de tão benemeritas e prestimosas sociedades, mediante o pagamento da mesma quota mensal, 10 centavos.

Coliseu dos Recreios

Succedem-se as estrelas—O enorme successo dos leões

Estreou-se hontem no Coliseu o numero acrobatico excentrico «Ferrêgas», que obteve o pleno agrado do publico, sendo os dois artistas, homem e mulher, muito applaudidos. Apresentaram alguns trabalhos originaes e comicos, todos correctissimos.

No espectaculo de hoje estreiam-se os equilibristas «Mendes», notaveis artistas, cujo successo deve ser seguro. O programma é variadissimo. O extraordinario successo dos leões do intrepido domador Mark, que se apresentam na mimo-drama «Vingança de feras», attrae todas as noites enormissima concorrencia. E toda a gente sae do circo emocionadissima. Tambem obteem todas as noites muitos applausos os celebres clowns Rico e Alex, Antonet e Walter, os Barcostas e Bozo, Nereida, Baldo, Trio Oroto, etc.

Espectaculos

Cartaz de ámanhã

AVENIDA—A's 20,30, 21,45 e 23—Coração á larga.

POLITEAMA—A's 20,30 e 22,45—Não desfazendo... (Revista).

COLISEU DOS RECREIOS—A's 21 — Companhia de circo.

Eileen Pinto

Eilleen Pinto, a afilhada da illustre artista Angela Pinto, que se estreou ha dias no theatro Avenida, no «Coração á larga», é uma radiosa promessa artistica. N'aquella onda côr de rose de silhuetas femininas com que abre uma das scenas da interessante revista, destaca-se a sua figura esguia e nervosa cheia d'uma graça e d'um «chic» parisiense, ao mesmo tempo que a sua voz extensa e vibrante, mas repassada de sentimento nos diz que está ali uma futura estrella de operetta. Corresponderá a carreira no theatro de Eileen Pinto á espectativa que se formou logo na primeira noite do seu apparecimento no Avenida? Não lhe faltam elementos para triumphar. Muito gentil e intelligente tendo adquirido uma educação brilhante em um dos melhores collegios de Londres de onde ha poucos mezes ainda regressou, tem mais a fortuna de ser a filha adoptiva d'essa fulgurante gloria do theatro Nacional que é Angela Pinto que, decerto, será sua mestra.

Circos & Music-halls

Noticias

ENTRE NOS

Veia apresentar-nos os seus cumprimentos a gentil artista Consuelo Dominguez, couplotista e eximia tocadora de viola, que na Figueira da Foz, onde tem estado durante a epoca, alcançou grandes ovações. Antes de para ali voltar, no proximo mez, a señorita Consuelo Dominguez apresentar-se-ha em algumas sessões em Cascaes.

A empreza do theatro Salão dos Anjos contractou para a sua companhia de operetta os artistas Baptista Callado e Ernesto Silva. Além da operetta, os espectaculos constarão tambem da exhibição de fitas animatographicas de pequena e grande metragem. A abertura terá logar no sabbado.

SALÃO DA TRINDADE—A's 20 e 22—Operetta e fitas animatographicas.

ANIMATOGRAPHOS E CONCERTOS—Olimpia e Paradis, *matinées* diarias e sessões á noite; Central, Chiado Terrasse, Salão Foz, Rocio; Sociedade Promotora de Instrucção, em Alcantara, sessões ás quintas feiras, sabbados e domingos.

CINEMATOGRAPHOS OU ESPECTACULOS VARIADOS—Chantecler, Imperia, Salão Graça, na Caixa Economica Operaria, Variedades, na calçada da Estrella—A's 21,30—O diabo no convento.

A provincia n'A CAPITAL

COIMBRA, 27.—Por falta do respeito á lei da separação, fazendo praticas religiosas na egreja depois do sol posto, foi chamado á administração do concelho e ali reprehendido o padre de Santo Antonio dos Olivaes.

—A todas as secções da guarda republicana em Lisboa foi enviado pelo 1.º sargento Martins, da 3.ª companhia aqui aquartelada, o seguinte telegramma: «Sargentos, cabos e soldados da secção de Coimbra compartilham com os seus camaradas na homenagem prestada á morte... Viva a Republica».

Realisou-se a festa annual á Senhora da Piedade em Taerim, correndo o acto ordeiramente. O arraial foi policiado pela guarda republicana.

militares allemãs deixaram-nos atravessar livremente a Belgica, dando-lhes até passes especiaes.

A obra das commissões executivas locaes póde classificar-se do seguinte modo: acquisição de generos alimenticios; transporte; distribuição; finanças; mobilisação de benevolencia.

Onde encontrar generos? A Europa central, em que a Belgica está situada, não produzia generos em quantidade excessiva.

Contra-almirante inglez Robinson

Mesmo em circumstancias normaes importa esses generos e os paizes que haviam permanecido neutraes não estavam em condições de supprir as deficiencias da Belgica. A Commissão viu-se, por isso, obrigada a ir procurar do outro lado do mar aquillo de que carecia.

Da producção da Russia nada podia aproveitar-se, visto estarem fechados os Dardanellos. Auxilio só podia vir de paizes longinquos, como a America, a India e a Australia. A Commissão tinha de proceder a operações em todas as partes do mundo.

Mas, como já dissemos, constituida por homens praticos em negocios, não conhecia obstaculos, tratando-se principalmente d'uma obra tão humanitaria.

Em relações com quasi todas as principaes casas commerciaes do mundo, a essas casas se dirigiu e de todos os lados affluiram soccorros e donativos. Mas nem só isso chegava. Preciso era effectuar compras e essas tinham de realisar-se em breve prazo e em breve prazo serem transportadas a fim de se acudir de prompto a uma situação angustiosa.

Ora, sabendo-se, como se sabe, que a navegação corria sérios riscos e quão difficultosa era nos principios da guerra, póde calcular-se quantos obstaculos se antepunham á obra magna da Commissão. Do que foi essa obra dão idéa os seguintes numeros, em toneladas, dos generos que eram precisos por mez, não incluindo as batatas, que eram compradas nas proprias localidades:

Trigo ou o equivalente em farinha, 60.000; arroz, 10.000; ervilhas e legumes seccos, 5.000; carne de porco, 1.200; carne congelada, 1.200; peixe congelado, 1.200; leite condensado, 300.

Nenhum d'esses generos se deteriorou, tal o cuidado que houve na sua embalagem e conducção. A Commissão não mandou para a Belgica producto algum dos que ali havia, mas, apezar d'isso, o preço dos generos baixou. A Commissão comprava em todos os mercados do mundo.

Tambem acceitou dadivas de alimentos em qualquer paiz, dispondo as coisas de fórma a que o transporte fôsse livre de encargos para os doadores. E era isso importante, pois que só em transportes gastava a Commissão por mez 1.500.000 libras.

Navios foram fretados especialmente para o transporte d'esses generos, mas, como acima dizemos, as difficuldades eram grandes no principio da guerra e d'essas difficuldades se resentia a meritoria obra que estava sendo levada a cabo com tanto humanitarismo.

Apezar de todos os belligerantes terem accordado em conceder todas as facilidades á Commissão e a sua bandeira estar livre de qualquer ata-

CAPITULO V

A Belgica sob o jugo allemão

A obra de auxilio e da alimentação da Belgica deve ser collocada entre os maiores feitos levados a cabo pela mente e pelo coração do homem na exaltação d'uma grande lucta. A narrativa de como essa tarefa foi cumprida e não só uma historia de generosidade e sacrificio proprio da parte d'aquelles que a executaram, mas ainda um exemplo do esforço, organisação e resolução que raramente se encontra a não ser na grande lucta entre a vida e a morte.

A tarefa que se apresentava era gigantesca—a alimentação de sete milhões de pessoas necessitadas n'um paiz onde faltavam os meios vulgares de transporte, que eram monopolisados por um exercito inimigo de occupação.

Uma população, talvez a melhor organisada industrialmente de todos os paizes europeus, viu-se com os seus centros manufactureiros vasios, as suas fabricas destruidas ou fechadas e com a bahia de Antuerpia, que durante os annos de paz e prosperidade se tornára n'um dos principaes portos da Europa, occupada pelo inimigo.

A Belgica sustentava uma população immensa nas suas cidades manufactureiras e maritimas, mas dependia em grande parte do estrangeiro quanto á alimentação.

Não podiam os belgas ser censurados por deixarem de cuidarem do abastecimento de alimentação. Cada pollegada do seu solo estava bem aproveitada, mas tão densa era a população que a terra fornecia menos d'uma quarta parte do que o seu povo consumia. A Belgica póde ser comparada com um grande districto manufactureiro que vende os seus productos para o estrangeiro, mas que tem de comprar o que ha de comer.

Ora, além dos poucos generos de alimentação que a Belgica possuia, esse pouco foi ainda minguado pelas requisições e devastações feitas pelos allemães.

Necessario é rememorar estes factos em breves palavras, para bem se comprehender quão grande foi o desastre que caiu sobre a Belgica e quão progressiva, industriosa e rica era a communidade que d'um a outro momento se viu a braços com o soffrimento.

A população não podia ganhar a sua vida e á medida que o tempo de-

menos se podia alimentar sem ser ajudada. Ameaçados por perigos de todas as especies, muitos belgas fugiram, especialmente para a Inglaterra e para a Hollanda.

Adeante nos occuparemos d'essas emigrações; por agora trataremos apenas da questão da alimentação. Em circumstancias normaes, competiria ao governo soccorrer a mizeria do povo. Mas o governo belga, tomado de surpreza e fóra da sua séde, não estava em situação de cumprir as suas funcções normaes. Não podia enviar aos diversos pontos do paiz emissarios a inquirir das condições locaes, nem tomar medidas para as attenuar.

Os allemães, por seu lado, não estavam dispostos a mitigal-as, embora isso fosse á custa das suas victimas belgas. Mesmo depois de terem montado a administração civil, as auctoridades militares allemãs não trataram de soccorrer a mizeria que se manifestou, emquanto no outomno de 1914 as fontes que podiam trazer algum allivio estavam estancadas. Em poucas palavras, algumas semanas de guerra tinham lançado uma população de sete milhões de habitantes na fome.

Em poucas semanas, a situação era esta: nenhuns generos de alimentação no paiz, nenhuns meios de transportal-os de fóra e nenhum dinheiro para os adquirir. Tudo tinha de ser dado.

Para attenuar o mais possivel a catastrophe que estava imminente, os ministros americano e hespanhol em Bruxellas, Brand Whitlock e marquez de Villalobar, entenderam-se com o governo belga. Deliberou-se chegar a um entendimento com os governos belligerantes, a fim de facilitar a importação de generos. Com as auctoridades militares allemãs, foi negociado por esses dois diplomatas; com os governos alliados trataram o embaixador americano, Page, e o embaixador hespanhol em Londres, Merry del Val.

Foi o primeiro passo. Os governos belligerantes acceitaram o principio de que, sob certas garantias, a importação de generos de alimentação para a população civil da Belgica podia ser permittida.

Como resultado das conferencias havidas em Londres em outubro de 1914, a Commissão de auxilio á Belgica foi organisada, e ao mesmo tempo o Comité de auxilio que já existia em Bruxellas entendeu-se com o Comité nacional de soccorros e de alimentação, entrando para este delegados de associações similares que tinham sido constituidas em differentes provincias da Belgica.

A Commissão e o Comité, póde dizer-se, eram orgãos da mesma organisação, visto que tratavam do mesmo assumpto e cooperavam para o mesmo fim, mas, theoricamente, ficaram associações distinctas por causa dos accordos internacionaes a que deviam a sua formação e, por isso, temos de os considerar separadamente.

A Commissão de auxilio á Belgica estava sob o patronato do embaixador e ministros americanos em Londres, Bruxellas, Paris, Haya e Berlim, dos embaixadores e ministro hespanhoes em Londres e Bruxellas; tinha setenta e cinco membros—setenta e um americanos e quatro hespanhoes—tendo um conselho director composto do seguinte modo:

Presidente—Herbert C. Hoover.
Directores—Lindon Wallace Bates, America; John Beaver White; C. A. Young, Hollanda; capitão J. F. Lucey, Hollanda (novembro a dezembro), Belgica (janeiro); coronel Millard Hunsiker, Gran-Bretanha (outubro a abril); Oscar T. Crosby, Belgica; Daniel Heineman, Belgica (novembro a dezembro); Albert N. Connett, Belgica (fevereiro a abril).
Thesoureiro honorario—A. J. Hemphill (Nova-York).
Secretarios honorarios—Millard K. Shaler, Londres; Edgar Rickard, Londres; William Hulse, Bruxellas (novembro a janeiro); Robert McCarter, Nova York; Perrin C. Galpin, Bruxellas (fevereiro a maio); E. D. Curtis, Bruxellas.
Comité executivo—Herbert C. Hoover; coronel Millard Hunsiker, Lindon W. Bates, John Beaver White,

Daniel Heineman, Don José Congosto, Millard K. Shaler, Robert McCarter, Edgar Rickard, William Hulse, capitão J. F. Lucey, Albert N. Connett, C. A. Young, A. J. Hemphill, Robert P. Skinner, Edgar Sengier, Hugh S. Gilson, L. W. Bates Junior, Marschall Langhorne, Herbert R. Eldridge, Perrin C. Galpin, J. A. Nash, G. Nauta e J. Van den Branden.

Todos os membros da commissão prestaram os seus serviços gratuitamente e os americanos que exerceram os mais importantes cargos consagraram-se d'alma e coração á obra. Havia sub-commissões em Londres, New-York, Rotterdam, Bruxellas, Antuerpia, Hasselt, Liége, Namur, Libremont, Mons, Ghent, Bruges, Charleroi e Maastricht.

O Comité nacional de soccorros e de alimentação estava sob o patrona dos ministros americano e hespanhol em Bruxellas e era assim constituido:

Presidente—Ernest Solvay.
Vice-presidentes—Jean Jadot e L. Van Der Rest.
Comité executivo—Emile Francqui (presidente); Oscar T. Crosby, Hugh Gilson, Daniel Heineman e William Hulse (a Commissão de auxilio á Belgica); Manoel Alonso de Avila e Barnabeau, Josse Allard, conde Cicogna, Louis Cousin, E. Van Elewyck, Em. Janssen, Michael Levie, Ch. De Wouters D'Oplinter e F. Van Bree (secretario).

Do Comité faziam parte delegados de varios sub-comités provinciaes, sendo estes por seu turno compostos de representantes das communas e districtos. A séde era em Bruxellas e havia succursaes em Antuerpia, Hasselt, Liége, Namur, Libremont, Mons, Bruges, Ghent e Charleroi.

A obra administrativa era feita por um comité executivo.

Como dissemos, as duas organisações ficaram, nominalmente, separadas. A differença essencial era de que a Commissão de auxilio á Belgica era composta de neutraes e o Comité nacional de soccorros e de alimentação de belgas.

A primeira era responsavel perante os governos pela observancia das condições que haviam sido impostas, organisou a vasta obra de transporte e importação de generos, e fiscalisou-os até serem entregues em mãos das auctoridades belgas. Era composta quasi que exclusivamente de americanos, homens de negocios habituados a largas emprezas e a quem não mettia medo o ter de mobilisar a provisão industrial dos dois hemispherios e concentrar a provisão de generos alimenticios indispensavel ás regiões ameaçadas pela fome. Mostraram uma aptidão, uma habilidade, que não podiam ser excedidas. E accrescente-se que foi em poucos dias que tal obra se realisou. A primeira reunião da Commissão foi a 22 de outubro; a primeira remessa de generos alimenticios entrava na fronteira da Belgica no dia 2 de novembro.

A obra do Comité nacional de soccorros e de alimentação é um complemento, se assim nos podemos expressar, da da Commissão. O Comité, que era composto de belgas, estava em contacto com as necessidades locaes; era responsavel perante a Commissão pela administração dos fundos subscriptos para soccorro dos absolutamente necessitados.

A Commissão conseguiu obter dos governos belligerantes que os navios içando a sua bandeira, não fossem atacados no mar, que os seus emissarios pudessem atravessar as linhas e levar dinheiro d'um paiz belligerante para outro, além d'outras immunidades inherentes ao transporte de generos de vestuario.

Para conseguir taes resultados, necessario era que a Commissão convencesse todas as potencias da sua absoluta neutralidade e d'uma attitude completamente imparcial. Que o conseguiu, demonstram-no os factos que acabamos de citar.

Os seus navios atravessaram os mares sem serem incommodados, os seus membros foram bem recebidos pelos ministros de todos os governos europeus e as auctoridades

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.° 1851 — 6.° Anno

Direcção e propriedade de Manuel Guimarães
Editor—Camillo Sousa e Almeida
Redacção e Administração—R. do Norte, 5, 1.°

LISBOA—Quarta-feira, 29 de Setembro de 1915

Telephone n.° 2298 — Endereço teleg. CAPITAL
Composição — Rua do Norte, 5, 1.°
Officina de impressão — 71, Rua da Bica, 71

Preço 1 centavo

A DOENÇA DO SOMNO

No Principe

Pode considerar-se extincta a epidemia, graças á dedicação da missão portugueza

Já em 1913, quando pela segunda vez visitei a ilha do Principe, tive occasião de verificar não visto o excellente serviço a que a missão medica encarregada de combater a diffusão da doença do somno estava procedendo ali. Assignalei então aos leitores da «Capital» quanto se tornava de dia para dia mais proficuo o incançavel esforço do dr. Bruto da Costa, que com rara dedicação e incançavel tenacidade, durante uma longa e extenuante permanencia na ilha, poz em pratica todos os meios indispensaveis para conseguir o surprehendente resultado que hoje constatamos: a doença do somno, o mais temivel flagello da agricultura do Principe, póde já agora considerar-se extincta n'aquella colonia.

Tenho sob os olhos o relatorio final da missão da doença do somno, publicado no 5.° volume dos «Archivos de Hygiene e Pathologia exoticas», dirigidos pela nossa Escola de Medicina Tropical. Superfluo se torna encarecer a opportunidade d'essa publicação, onde ha observações preciosas que de primacial utilidade se me afiguram em futuras campanhas contra o terrivel mal, sabido como é existirem ainda, sobretudo em certas regiões de Angola, focos tremendos de infecção hypnotica que ha de ser necessario extinguirem-se egualmente.

Este relatorio, que é um trabalho completo e minuciosamente preparado, regista tambem um dos mais inequivocos triumphos da medicina colonial portugueza, visto que missão alguma de qualquer outro paiz —e não poucos foram os que em Africa se teem dedicado ao estudo da doença do somno—obteve tamanho exito.

Para que o leitor possa fazer uma ideia, embora superficial, do que foi essa lucta, recordarei aqui algumas noções geraes sobre o assumpto.

A doença do somno é conhecida desde a primeira noticia dada pelo cirurgião inglez J. Atkins, em 1734, que a encontrou na costa occidental de Africa. Em Angola o conhecimento da doença data de 1871, data em que começou a invadir a bacia do Quanza. Muito antes d'essa epocha mercê da importação da mão de obra para S. Thomé e Principe, já os somniferos não eram desconhecidos nas ilhas. Foi no entanto a importação da mosca para o Principe, em condições ainda um tanto ou quanto nebulosas, que determinou o grande incremento do flagello n'esta lindissima colonia. A mosca «tsé-tsé» constitue, como geralmente se sabe, o mais vulgar agente transmissor da infecção.

Já em 1885 era assustadora a mortalidade entre os serviçaes do norte da ilha. Em 1894 a roça Porto Real mandou vir de Angola 600 serviçaes, que tinham morrido todos no cabo de 5 annos, victimados pela terrivel doença. Só d'esta leva chegaram a dar-se dez obitos diarios. Começou então a desenhar-se o panico. Houve quem alvitrasse até o abandono da ilha, pela impossibilidade de exercer a agricultura ali.

Em 1901 visitou o Principe a primeira missão portugueza dirigida pelo professor Annibal Bettencourt. Na Sundy, uma das mais bellas roças do norte, entre 400 trabalhadores indigenas, havia no hospital uma média diaria de dez somniferos. Ainda n'esse tempo no diagnostico da doença se não recorria ao microscopio, visto que o agente morbido—o trypanosoma—não fôra até então descoberto. A mortalidade pela hypnose era então representada por um quinto da mortalidade geral. Em 1902, a população do Principe era de 4.096 individuos; pois de doença de somno morreram 246. No anno seguinte, a população diminuiu: 3.818 almas, e o numero de obitos augmentou: 324 mortes. O mal tomava proporções aterradoras.

Em 1907, seguiu para a ilha uma segunda missão medica, constituida pelos drs. Correia Mendes, Damas Mora, Silva Monteiro e Bruto da Costa. Foi essa que lançou as bases em que assentou a campanha sanitaria levada a termo pela ultima missão, que trabalhou de 1912 a 1914 e de que faziam parte os drs. Bruto da Costa, Firmino Sant'Anna, Correia dos Santos e Araujo Alvares.

Os resultados da recente campanha são tudo o que ha de mais lisonjeiro. Em 1913, quando passei no Principe, já a tendencia para o desapparecimento da mosca do somno se accentuava fraticamente. Em abril de 1914 desapparecia por completo a «tsé-tsé». E' invulgar a energia com que se procedeu aos trabalhos de saneamento.

Limparam-se as margens dos ribeiros onde a mosca apparecia, destruiram-se «capoeirões», verdadeiros ninhos de glossinas, derrubaram-se florestas, aterraram-se ou drenaram-se pantanos, fez-se uma mortandade geral nos porcos do matto, cães vadios e gatos selvagens, em summa: nos primeiros mezes do anno passado o mal podia considerar-se dominado.

As glossinas desappareceram. O numero de casos de hypnose, no momento em que a missão medica se dissolveu, não ia muito além de ■, e esses mesmos, isolados nos hospitaes do Estado, são doentes antigos.

O mechanismo que conduziu a este admiravel resultado constitue talvez a parte mais interessante do relatorio a que acima alludimos, e que honrando a medicina portugueza não pouco contribue para justificar a capacidade colonial do nosso paiz, tanta vez posta em duvida e até abertamente contestada por compatriotas renegados e por estrangeiros sem escrupulos.

De quem é o soneto?

Augusto Casimiro reivindica a sua paternidade e desvenda um misterio

Houve quem, zelando com extremos de justa admiração e affecto o bom nome litterario de Augusto Casimiro, classificasse de parvoice a pergunta feita por nós sobre quem seria o auctor de um soneto que appareceu firmado por nomes differentes e cujas pequenas variantes só eram favoraveis, como frisámos, no signatario da carta que em seguida publicamos. O supposto plagiario mereceu tambem, como é natural, uma valente surra e Augusto Casimiro, duas vezes considerado marinheiro, além de poeta, foi-nos apontado como quem é e como se nós o desconhecessemos, e elle, que n'esta casa conta velhos amigos e que já honrou este jornal com a sua collaboração, brindando os nossos leitores com magnificos versos ineditos!

Quando perguntámos de quem era o soneto, não duvidavamos que fosse de Augusto Casimiro; apenas queriamos descobrir a pessoa que usava o nome de Affonso de Athayde ou se occultava sob elle. Conheciamos Augusto Casimiro e a sua obra, que já conta alguns volumes, e sabiamos que não era marinheiro, mas um distincto official do exercito, professor no Collegio Millar. O mysterio desvenda-o o poeta na carta que passamos a reproduzir e em que reconhece o sincero intuito, que da nossa parte houve, de defender a sua propriedade litteraria, e que está em diametral opposição com o qualificativo com que nos distinguiu quem tão bem o conhecia que o suppunha... marinheiro. Eis a carta de Augusto Casimiro:

«Amigo e collega—Muito obrigado estou pela boa defeza que «A Capital» tem feito da minha propriedade litteraria. Só hoje, por graves motivos, posso dispôr de mim para esclarecer o caso e illibar a honra do meu querido e sacrificado amigo Affonso de Athayde.

E' elle um excellente e bom companheiro que não teme, como eu, expôr-se ás ofícusas graves, ás «gralhas» dos typographos, nem aos maus tratos de qualquer. Com reprovação minha e dos meus amigos, o bom desconhecido tomou a iniciativa de enviar o soneto á publicidade, já lá vão dois annos, em circumstancias especiaes. Gesto de sacrificio foi. Que o soneto, publicado pela primeira vez, em 1913, com um bello desenho, na «Illustração Portugueza», vinha irreconhecivel.

Assim o meu bom e ignorado Affonso de Athayde soffreu, por aum, a parte maior de taes torturas.

O auctor da «Patria no canto dos seus filhos» deu-me a honra e teve a piedade de escolher o pobre mutilado dando-lhe a alegria orgulhosa d'uma nobilissima companhia. E para elle aqui deixo expresso os meus agradecimentos com toda a admiração pelo seu lucidissimo trabalho.

Quanto á propriedade do soneto oxalá elle seja de todos quantos, n'esta hora suprema da nacionalidade, no desvairo que cega quasi todos, o sintam com a religiosa devoção que foi a minha quando o escrevi.—Seu admirador muito grato, *Augusto Casimiro.*

Em volta da conflagração

A ultima incursão de zeppelins na Inglaterra

O que diz o chefe da expedição

O major allemão sr. Mathry, que dirigiu a ultima incursão de zeppelins sobre a região de Londres, descreveu esta expedição. D'essa descripção recortamos algumas passagens.

O Tamisa servindo de guia

«A noite estava fria, estrellada e clara embora sem lua; ao longe, distinguia-se o Tamisa correndo para Londres. Era o melhor e mais seguro guia para a grande cidade; podem os inglezes envolver Londres na maior escuridão, mas o que elles não conseguirão nunca é esconder o Tamisa.

Londres conserva-se ■ escuras, mas n'aquella noite estava, ainda assim, sufficientemente illuminada para que a quarenta milhas de distancia se visse a sua claridade reflectir-se no céu.

Um pouco antes das dez horas aproei em direcção a esse reflexo, e depois a um ponto sobre o Tamisa para ter pontos de referencia para os meus ataques; depressa vimos desenhar-se a cidade na nossa frente, muito ao longe. Nos bairros habitados, pontos negros surgiam do meio de manchas luminosas; dirigi-me para elles para os utilisar como guias na cidade.

Londres de noite, vista d'alto, é uma coisa encantadora. Estavamos a grande altura para podermos ver a população nas ruas; nem um unico signal de vida chegava até nós a não ser umas claridades movediças, que deviam ser dos carros electricos. Parecia reinar o maximo socego e tranquillidade.

Mas, de subito, tudo se transformou. Como um relampago, uma estreita fita de luz começou a investigar o céu; dentro em pouco eram dois, tres, quatro, cinco projectores que estavam em acção entrelaçando as suas fitas. Vista do zeppelin, a cidade parecia que de repente voltara á vida; os motores tinham revelado a nossa presença, e as fitas luminosas, como olhares prescrutadores, descobriram-nos. Depois chegaram-nos, de baixo, uns estalidos, e vimos umas curtas chammas produzirem-se pouco acima da terra, apparecendo a norte, a sul, á direita, á esquerda, ao mesmo tempo que ouviamos trovejar os canhões.

O espectaculo era impressionante, soberbo, mas não podiamos perder tempo a admiral-o; tinhamos que occupar-nos da nossa missão.

O ataque

Dirigi-me sobre S. Paulo, em cujas proximidades brilhava um forte projector; embora nos alvejassem de todos os lados, ainda não tinhamos deixado cahir nenhuma bomba.

Quando estavamos por cima do Banco, pelo tubo acustico com que communicava com o meu immediato, ordenei-lhe que fosse deixando cahir bombas, lentamente. Produziu-se uma explosão semelhante á de um tiro de peça, e depois ouvimos como que o ruido de obuzes que rebentam; depressa vimos chammas em varios pontos elevando-se acima do viaducto d'Holborn e deitámos bombas nas proximidades da estação do caminho de ferro d'este nome. Do Banco á Torre de Londres, a distancia é pequena; tentei atingir a ponte da Torre, e creio que o consegui, mas não posso fazer ideia dos estragos produzidos. Chammas partindo da Torre confirmaram-me a existencia ali de peças d'artilharia que me parecia ter notado por occasião dos antecedentes ataques; fizeram contra nós um fogo bem mantido. Quando passámos por cima da rua de Liverpool, ordenei que atirassem bombas em grande porção, e foi uma chuva d'ellas que caiu, a que se seguiram em baixo uma serie de detonações e incendios. Pude observar que tinham sido bem dirigidas, e devem ter causado prejuizos importantes porque logo depois em varios pontos da visinhança elevavam-se altas chammas.

Tendo atirado todas as bombas, encetei o regresso, e a despeito do intenso bombardeamento de que fomos alvo saimos illesos da aventura. Por varias vezes passei revista ao meu zeppelin; nem um buraco, e no entanto foi este o meu mais efficaz ataque sobre Londres.

O vento estava favoravel e o percurso do regresso fez-se rapidamente».

N. B.—A censura ingleza auctorisou a publicação d'esta narrativa, sob reserva quanto á inexatidão d'algumas informações como a da existencia de um canhão especial contra aeronaves collocado ao abrigo da egreja de S. Paulo. Esta invenção dos allemães deve ser para servir de desculpa ao que elles tentam fazer.

O exercito bulgaro

A Bulgaria actual tem, numeros redondos, 4.800:000 habitantes, ou seja mais 450:000 approximadamente do que antes do tratado de Bukarest.

Segundo a regra empirica que fixa em um decimo da população total o numero de homens validos para a guerra, o exercito bulgaro poderá mobilisar-se com 480:000 combatentes e auxiliares; attendendo ás perdas soffridas pela Bulgaria nas duas ultimas guerras póde considerar-se este numero como o maximo.

O almanach de Gotha de 1914 avalia o effectivo bulgaro capaz d'entrar em para constituir um exercito não basta em 233:452 combatentes, 40:000 cavallos e bois, 1:080 canhões, e 8:719 carros.

São verosimeis estes numeros, porque para constituir um exercito não basta reunir homens, é preciso equipal-os, armal-os e municial-os; é pouco provavel que os recursos de que dispõe permittam á Bulgaria produzir de repente um esforço superior. O excedente dos mobilisados disponiveis serão utilisados nas equipagens e serviços da retaguarda, ou então serão destinados a formar depositos de reforços que se tornarão necessarios á medida que as operações forem tomando maior desenvolvimento.

Sem exaggeração de numeros, tão vulgar em occasiões de guerra, póde dizer-se que a Bulgaria enfileirará, seja qual fôr o partido que ajude, 250:000 baionetas e cavallos. Esta massa, em tempo de paz, é dividida em dez divisões d'infanteria e trez de cavallaria, comprehendendo 80 batalhões, 37 esquadrões, 105 baterias e 10 batalhões de sapadores. Como é natural, as formações de mobilisação são conservadas secretas, mas d'uma maneira geral, duplicam.

O armamento para a infanteria é a espingarda de repetição Mannlicher; a artilharia está provida com canhões de tiro rapido, calibre 75, Schneider-Canet, canhões Krupp, de montanha, e obuzes.

E' incontestavel o valor militar do soldado bulgaro; d'elle deu sobejas provas em Lule Burgas. Comtudo é possivel que augmente ainda, principalmente no primeiro choque. Em frente de Tchataldja affirmou-se menos esse valor guerreiro, tendo o exercito bulgaro que recorrer á tenacidade dos servios para rematar gloriosamente o prolongado cerco d'Andrinopla.

O que teem custado as grandes batalhas desde o principio do seculo XIX

Comparando as perdas soffridas nas mais sanguinolentas batalhas desde o inicio do seculo passado, chegámos a uma conclusão que parece paradoxal: até á guerra d'agora, as perdas não seguiam a proporção dos progressos do armamento. Em 1914, porém, as circumstancias mudam, e vê-se que em nenhuma epocha e em nenhum paiz os resultados dos combates foram tão sanguinolentos como agora.

Verifiquemos.

Marengo, 14 de junho de 1800. 20:000 francezes contra 35:000 austriacos. Mortos, feridos e prisioneiros francezes: 6:000 homens, ou seja 20 por cento; mortos, feridos e prisioneiros austriacos: 7:700, ou seja 22 por cento.

Iena, 18 d'outubro de 1806. Os 45.000 francezes perderam 4:050 homens, ou 9 por cento do seu effectivo; os 70:000 prussianos perderam 23:100, ou 33 por cento dos seus combatentes.

Eylau, 7 de fevereiro de 1807. 53:000 francezes perderam 9:540 homens, ou 18 por cento; 72:000 russos perderam 30:960 ou 43 por cento.

Waterloo, 18 de junho de 1815. 72:000 francezes perderam 26:000 homens, ou 36 por cento; os 156:000 alliados perderam 31:200, ou 20 por cento.

Solferino, 18 de junho de 1859. 125:000 francezes perderam 8:750 homens ou 7 por cento; 150:000 austriacos perderam 22:500 dos seus, ou 15 por cento.

Froeschwiller, 6 d'agosto de 1870. 38:000 francezes perderam 6:080 homens, 16 por cento; 120:000 allemães perderam 8:400, ou 7 por cento.

Rezonville, 16 d'agosto de 1870. 130.000 francezes perderam 11:000 homens, ■ por cento; 200:000 allemães perderam 20:000, ou 10 por cento.

Lyao Yang, agosto e setembro de 1904. 95:000 russos perderam 11:400 homens, 12 por cento; 100:000 japonezes perderam 19:000 ou 19 por cento.

Mukden, fevereiro e março de 1905. 350:000 russos perderam 70:000 homens, 20 por cento; 300:000 japonezes perderam 42:000, ou 14 por cento.

Estes algarismos são zero se os compararmos com os da guerra actual; em qualquer dos combates feridos, teem os allemães perdido mais homens do que os seus adversarios perderam nas grandes batalhas do seculo passado. Sob o ponto de vista das perdas, o combate d'Eparges correspondeu a trez Marengo, e o de Notre Dame de Lorette a seis. A batalha do Yser ficou ás tropas imperiaes dez vezes mais cara do que a batalha d'Iena; na batalha do Marne morreram mais allemães do que nas batalhas de Waterloo, Froeschwiller, Rezonville e Saint Privat, todos sommados.

O kronprinz, para se approximar a um tiro de canhão de Verdun, tem feito matar mais allemães em seis mezes do que Bulow, Melas e Wurmser sacrificaram durante as guerras da Revolução, luctando contra Dumouriez, Kellermann, Hoche, Marceau, Jourdan e Bonaparte.

E, por emquanto, não se póde avaliar, nem mesmo approximadamente, quantos mortos teem causado as terriveis e mortiferas batalhas que, ha onze mezes, veem sendo feridas na Prussia Oriental, na Polonia e na Galicia.

Em França, como na Russia, são sem conto os regimentos prussianos, saxonios e bavaros que, depois de muitas vezes renovados, teem perdido mais de 250 por cento do seu effectivo inicial.

Em resumo: na Europa, ha já mais de cinco milhões de cadaveres, e perto de sete milhões de feridos. Isto só n'um anno!

Poeira da Arcada

Não falta quem ame tanto a verdade que a diga mesmo aos mortos. Engrossam a voz e fingem ter na mão uma espada vingadora. E como das campas ninguem rompe o somno eterno para ouvir os rugidos ■ uma alta indignação, imagine-se quão largo campo se offerece a um ambicioso.

O genio ou o talento assim julgados parecem um vime dobrado em arco, para formar a carcassa de um papagaio de papel.

Como surge deficiente, grosseira e desleixada a obra de um escriptor, quando um mancebo corajoso resolve fazer-lhe a critica dos seus pontos fracos! Todavia, esta ainda não é a sentença definitiva que julgará o morto, como tambem não é a eloquencia o grito rouco dos sujeitos que o temor da... gloria dispersa pelas encruzilhadas e pela porta das academias.

* * *

Anthero do Quental queixava-se de não encontrar em Portugal uma sociedade fortemente conservadora. E tinha razão. No seu tempo, como hoje, os conservadores teem tal apego ao seu bem estar, que não se arredam da sombra das tradições para não comprometterem o seu bom appetite. Apresentam um bom aspecto phisico, e isso lhes basta para se não confundirem com os pallidos filhos do Mal. E, firmes n'esta crença, julgam que aguentam um mundo de principios e crenças venerandas contra os vandalismos das revoluções.

* * *

Os ovos chegam a Lisboa em quantidade sufficiente para que não escasseiem no mercado. Porque se somem? Eis um dos grandes misterios do problema das subsistencias. Se uma robusta mão apertasse a guela insaciavel de certos patifes, as linguas sahir-lhes-hiam da bocca mais vorazes do que as de um tigre ou chacal.

VIAGENS NO ALGARVE

A carrinha

E' um dos mais caracteristicos meios de transporte de todo o paiz

PRAIA DA ROCHA, 22.—Quem vem ao Algarve e não anda de carrinha não fica conhecendo um dos mais curiosos meios de transporte do nosso Paiz. Passar pela terra algarvia e não se deixar levar n'essa especie de berlinda, que cavallos pequeninos arrastam aos saltinhos, pelas estradas pulverulentas, o mesmo seria que ir á Madeira e não descer a encosta do Monte nos «cestos» de verga deslisando vertiginosamente pelos seus habituaes trilhos encebados e polidos. A carrinha é genuinamente regional. Póde-se, com facilidade, encontrar semilhanças estreitas entre ella e outros vehiculos, peculiares a todas as regiões e a todos os paizes. Mas não se encontra nenhum que com ella se confunda, que lhe seja perfeitamente egual. Comparticipa da charrete e do *char-à-bancs*. Tem qualquer coisa da diligencia pesada, que mal se arrasta pelos macadames rasgados em sorvedouros e em covas, e do *tilbury* ligeiro e airoso, que parece deixar de andar para voar.

A carrinha é o meio de transporte predilecto do algarvio. Tem duas rodas enormes, sobre as quaes assenta a caixa destinada aos passageiros. Se tivesse só isto, seria uma charrete grosseira, tosca e desgraciosa. Mas tem mais alguma coisa. E' que, sobre essa mesma caixa, assenta o tejadilho egual ao dos *char-à-bancs*, com cortinas como as d'esses monstros suspensas dos mesmos varões de ferro, por argolas que se correm conforme os desejos do viajante e os caprichos do tempo. E tem ainda, em geral, um traço caracteristico que a torna inconfundivel. A carrinha, a autentica carrinha tradicional do Algarve, não deve possuir travão. Por outro lado, a sua lotação não vae alem de quatro passageiros e o cocheiro. Dir-se-ha que é um perigo viajar em taes carriolas. Talvez. Eu, porém, considero a carrinha donairosa a carrinha agil, como uma especie de andôr que nos conduz sem solavancos e depressa, pelas estradas do Algarve, como se nos levasse em triumpho, sem destino, atravez d'uma dulcissima paisagem de maravilha...

Ha a carrinha pobre, a carrinha remediada e a carrinha rica. Todas ellas, porém, são puchadas por um cavallo só, por um d'estes cavalicoques do Algarve que, comparticipando do *pony* e do garrano, constituem exemplares unicos e curiosissimos, cheios de nervos, sempre desesperados por trotar, muito embora os ossos dos quadris lhes ameacem a fragil integridade da pelle. A carrinha pobre tem ruins molas, é destituida de conforto e as suas almofadas perderam de ha muito toda a elasticidade. O uso lambeu-lhe as pinturas e o pó e a lama deram-lhe o aspecto pouco atrahente d'uma coisa que não se lava nunca. Puxam-na, em regra, autenticos bucefalos de Tolentino. Em geral, é o ganha-pão d'um pobre diabo que foi cocheiro e que, para se libertar de alquiladores e de patrões, continuou a exercer assim a sua profissão. A carrinha pobre é para as outras carrinhas o que os carros do Jorge são para os electricos.

A carrinha abastada é a do alquilador, a do proprietario remediado. E' a mais vulgar. E' a que nos espera nas estações do caminho de ferro, de mistura com a sua irmã esfarrapada e que sem esforço aparente, nos transportava outr'ora, quando o automovel era uma coisa apenas entrevista, d'uma ponta a outra do Algarve. E é ella, ainda hoje, quem mais roda pelas estradas da provincia, por ser o meio de transporte mais barato, sem ser, de modo nenhum incommodo. Os animalejos que tiram esta semi-civilisada carrinha permittem-se já o luxo de usar arreios com bisarros jarrebiques e não desdenham chamar sobre si, por meio do guiso cantante, a attenção do freguez e a do transeunte. Já fiz uma vez, ás primeiras horas d'uma madrugada de fevereiro, a viagem, longa de quatro leguas, do Portimão para Lagos. Era a epoca em que a amendoeira verga de flores, perfumando o ar, cantando a sua eterna mocidade, transformando o Algarve inteiro n'um deslumbrador jardim de sonho. Demorámos não sei quantas horas na viagem deliciosa. E tão encantadora ella foi, que ainda agora, a uns poucos de annos de distancia, não posso recordal-a sem uma grande saudade e uma profunda, intensa comoção... Nunca mais, d'então para cá, pude esquecer a carrinha remediada dos alquiladores...

A carrinha rica é a da gente de fortuna. O modelo não differe do das outras. Só as suas molas são mais flexiveis, só as suas cortinas são de tecido mais fino. Os seus vernizes conservam-se sempre frescos e nem o pó nem a lama os mancham. As suas almofadas são immensamente mais fôfas; e ás vezes os cavallos que lhe atrelam, teem já um certo ar de animaes de raça, bem arreiados e ajaezados. Guia-a, frequentemente, o dono, ao lado do qual não é raro ver, fardado e aprumado, o *jockey* que ha de tomar conta d'ella no termo da jornada.

A carrinha faz parte integrante da vida algarvia. Nem o trem de rodas de borracha nem o automovel conseguiram, por ora, destronal-a. E' que, para a fazer viver, basta o seu ar exotico e pittoresco de coisa pouco vulgar, que não se encontra em nenhuma outra região portugueza. As estradas do Algarve são, em grande parte, planas. E' esse um dos motivos porque a carrinha resistirá ao modernismo, que tantas coisas tipicas tem destruido e inutilisado. A's vezes, quando se desce uma ladeira um pouco mais ingreme e a carrinha attinge uma velocidade saltitante mais pronunciada, chega-se a roçar um desastre. Mas o cocheiro substitue o travão pela sua pericia e pelo seu conhecimento profundo do caminho; e assim, muito antes de tomo: nos dominar, attinge a carrinha a estrada direita, pela qual, serena, harmoniosa, veloz, continua a sua marcha como se uma mola lhe imprimisse sempre a mesma força deslocadora...

A carrinha é, sobretudo, o meio ideal de transporte para a mulher algarvia. Ella é o bioco a resguardar-lhe a pelle fina do sol vivo e do pó aggressivo das estradas. Na carrinha, a algarvia viaja como n'um oratorio, livre das curiosidades de quem passa, protegida contra todas as intemperies e, sobretudo, abrigada d'este sol do Algarve que queima por vezes, como um bafo ardente de fornalha. Basta esta missão da carrinha para que ella não desappareça e continue, atravez dos tempos, a encantar quem vem de fóra, com a sua linha airosa e com o seu exotismo original...

Adelino Mendes

Na estação da Cruz Quebrada

descarrilam dois vagons sobre a entrada d'uma praia derrubando duas paredes

Não houve desastres pessoaes

Hoje de madrugada deu-se na estação da Cruz Quebrada, linha ferrea de Cascaes, um descarrilamento que não teve consequencias desastrosas mercê da hora adeantada a que occorreu.

A estação da Cruz Quebrada, como todas, tem a chamada linha de resguardo que serve um pequeno caes de embarque e desembarque que n'esta se prolonga por uns cem metros ao longo da pequena alameda que liga a estação á Avenida Godinho em direcção á estrada Cascaes-Lisboa e Avenida Thomaz Ribeiro.

Ao fundo da linha de resguardo fica a primeira ponte de communicação com o rio para a praia de banhos do José da Rita, separada, a entrada entre a praia e a Avenida, por dois pequenos muros de metro e meio a dois metros de altura, um dos quaes está junto á cancella de ferro que serve a segunda praia, explorada pelo banheiro Francisco Fortunato, ambas as passagens bastante concorridas n'esta epocha do anno pelos inumeros banhistas que habitam o Dafundo e Cruz Quebrada.

A servir de vedação á linha-resguardo, no seu «terminus», junto á referida ponte, existia tambem um pequeno muro, hoje derrubado pelo descarrilamento.

Como o caes é pequeno as manobras fazem-se ali sempre o mais cautelosamente possivel para evitar de-

---

Folhetim d'A CAPITAL —29-9-1915

FERNANDO BRANCO
Official da armada

A acção dos submarinos na actual conflagração

Para que tudo fique relativamente compensado, na segunda operação o couraçado afundado é mais moderno e de maior tonelagem.

Por tudo quanto dissemos a respeito da operação n.° 29, nada mais temos a dizer a respeito d'esta, porque a ella pertencem as mesmas considerações.

Operação n.° 32.—Torpedeamento e afundamento, no mar do Norte, em 12-8-915, do cruzador auxiliar inglez «India». Salva a maior parte das vidas.

Nada tem de notavel, a não ser mais um torpedeamento feito por submarino. Effectivamente pouco ha a dizer, porquanto, sendo o navio afundado um cruzador-auxiliar, apenas podia ter havido a difficultar o exito da operação a velocidade do navio torpedeado.

Operação n.° 33.—Torpedeamento e afundamento, nos Dardanellos, em 12-8-915, dos navios turcos canhoneira «Berk-i-Savol» e transporte «Vidé».

Já discutida quando se descreveram as operações n.os 20 e 31.

Operação n.° 34.—Torpedeamento e afundamento, no Adriatico, em 12-8-915, do submersivel austriaco «U 12», lançado á agua em 1914, custo cêrca de libras 100.000. Vidas perdidas, cerca de 20.

Mais outra operação de submarino contra submarino.

Como se vê pelos quadros, é esta a terceira operação d'este genero, tendo sido a primeira e terceira coroadas de exito para o atacante, que foi de uma vez austriaco e de outra italiano, e a segunda, coroada de exito para o atacado, que foi italiano.

Esta operação não chegou a ser confirmada officialmente, no entanto vae incluida no nosso quadro, porque reputamos muito natural que se tenha effectivamente dado.

E dizemos isto, porque sendo o Adriatico um mar evidentemente apertado, em que operam as duas esquadrilhas inimigas—italiana e austriaca—, que por assim dizer se caçam uma á outra, natural é que alguns dos seus elementos componentes se alcancem por vezes. De resto, se effectivamente se deu—o que, repetimos, parece verdadeiro, tanto mais que se cita o numero «U 12» do submarino—não foi mais do que a desforra da operação n.° 22 (Medusa), que então descrevemos, e da qual hoje vamos novamente fallar.

Operação n.° 35.—Torpedeamento e afundamento, no Egeu, em 17-8-915, do transporte de guerra inglez «Edward». Cerca de mil vidas perdidas.

Cremos que já de uma vez se disse que a enumeração d'estas operações de submarinos se tornava curiosa, quando mais não fosse, pela variedade de circumstancias que as envolviam e pela diversidade de typos de navios torpedeados.

Assim é que com esta operação registaremos o afundamento de um transporte carregado de tropas, e a morte de cerca de 1.000 soldados!

Bastas vezes se tem dito que os inglezes teem conseguido transportar numerosos corpos do exercito desde as mais afastadas regiões do globo, sem que esses mesmos transportes tenham sido afundados pelos submarinos inimigos.

E' verdade, sem duvida, que assim tem succedido; porém, parece-nos a nós que esses transportes teem-se feito completamente a salvo, no mar do Norte, porque quando se fizeram ainda a actividade dos submarinos inimigos não era completa, e nos outros mares longinquos, porque n'esses mares nunca houve submarinos inimigos.

De resto, de hoje em deante não se poderá mais empregar tal affirmação, e, muito pelo contrario, teremos de mais uma vez nos curvar perante a formidavel acção dos submarinos, incluindo em todas as especies de ataques, a de transportes de guerra carregados de soldados.

Não foi, é claro, o afundamento de um navio de guerra propriamente dito, mas não foi tambem a destruição de um innofensivo navio mercante. Foi a destruição de um navio que transportava mais de 1.000 soldados para o campo de operações terrestres, tendo o submarino com a sua acção obstado brilhantemente a que aquelle importante reforço ali chegasse.

Operação n.° 36.—Torpedeamento e afundamento no Baltico, em 23-8-915, do cruzador de batalha allemão «Moltke», de 22.640 ton., lançado á agua em 1911, custo 2.300.000 libras. Vidas perdidas a maior parte.

Fecha a grande serie d'este mez («10 navios afundados») pelo valoroso afundamento do cruzador de batalha allemão «Moltke» por um submersivel inglez, em seguida ao combate naval do golfo de Riga.

Para que as nossas considerações, aliás pessoaes, bem entendido, e por consequencia sujeitas a discussão, sejam completadas perfeitamente, temos hoje que fallar d'esta operação, que não faz mais do que vir confirmar tudo quanto dissemos na nossa chronica anterior quando falámos das operações n.os 10, 11 e 19.

N'essas tres operações, os dreadnoughts «Jean Bart», Viribus Unitis» e «Tegetthoff», respectivamente de 23.100, 20.000 e 20.000 toneladas, foram muito avariados por submarinos inimigos e não foram afundados porque, ou os torpedos não acertaram, ou estavam dentro dos portos, como aliás é proprio dos dreadnoughts.

Disse-se então n'essa occasião que essas eram as unicas razões porque elles não tinham sido afundados.

Effectivamente o «Moltke», que foi encontrado em pleno mar e que foi torpedeado certeiramente, afundou-se com toda a rapidez, sepultando comsigo a maioria da sua guarnição!

E' verdade que este navio com as suas 22.640 toneladas não é um dreadnought propriamente dito, e dizemo-lo, antes que se nos diga, mas esta affirmação não colhe para o nosso caso, porquanto um cruzador de batalha de 22.640 toneladas construido em 1911 tem a mesma compartimentagem e a mesma defeza contra as armas submarinas que qualquer dreadnought.

Como se sabe, as unicas differenças consistem no menor couraçamento e no menor armamento offensivo, compensados com a maior velocidade.

E' esta uma das operações em que o submarino atacante manobrou mais a preceito com as regras do seu emprego tactico, fazendo exactamente aquillo para que o submarino está proprio.

Effectivamente, apoz o combate naval do golpho de Riga, em que a esquadra allemã foi derrotada—derrota esta tão retumbante que até provocou o pedido de exoneração do celebre almirante Von Tirpitz—os submarinos alliados collocaram-se no mar, fóra do golpho, esperando a sahida da esquadra inimiga.

Deu-se a retirada, e quando os navios que á derrota tinham escapado suppunham que chegariam a salvo á sua base, são atacados pelos submarinos, de tal fórma, que o grande cruzador de batalha, com toda a sua potentissima artilharia, que de nada lhe tinha servido para evitar a derrota dos seus companheiros, e que de nada lhe serviu ainda nos seus ultimos momentos, é afundado por uma fórma tal, que só uma pequenissima parte da guarnição consegue escapar.

(Continua).

O funeral de Ramalho Ortigão

Encorporam-se no prestito representantes de todas as classes sociaes

No jazigo dos marquezes de Sabugosa, no cemiterio dos Prazeres, ficaram hoje depositados os restos mortaes do grande escriptor Ramalho Ortigão.

O cortejo que acompanhou o feretro á sua derradeira jazida constituiu, pelo numero e qualidade das pessoas que o formaram, uma verdadeira e sentida manifestação de pezar pela irreparavel perda que representa para a litteratura nacional o desapparecimento do auctor das «Farpas» e da «Hollanda».

Conforme se noticiou, o cadaver do eminente escriptor foi velado durante a noite por amigos e parentes que aos pés da eça collocaram varios «bouquets» de flôres naturaes e corôas. De manhã, o pessoal competente procedeu á soldagem da urna. Pelas 10 horas, o rev. conego Ayres Pacheco apresentou-se a celebrar missa, vendo-se na capella-mór e na nave, junto do catafalco, grande numero de amigos e alguns parentes do extincto.

Ao finalisar a cerimonia religiosa, a egreja das Mercês, que ostenta ainda as floridas e risonhas decorações da recente festividade do orago, apresentava um extraordinario aspecto de movimento. Approximava-se a hora do saimento funebre e os convidados acudiam a inscrever-se nas folhas de registo. Entretanto conclue-se o cerimonial religioso, vindo até junto do feretro o sacerdote, que recita o «porce», ladeado pelos convidados que empunham os brandões accesos. Terminadas as orações do ritual dos mortos, a urna é retirada do catafalco. D'ali até ao côche funerario, prestam a derradeira homenagem ao illustre escriptor, pegando ás borlas da urna, os srs. dr. Bernardino Machado, Affonso Pequito, Ernesto Driesel Schroeter, dr. Silva Amado, conde de Sabugosa, general Firmino do Valle, general Pina Vidal e Henrique Lopes de Mendonça.

O feretro foi collocado sobre o carro de columnas, tirado a duas parelhas, seguindo-se a berlinda com o prior da freguezia e o respectivo acolyto. Os trens e automoveis, que enchem o largo e os arruamentos immediatos ao templo, procuram difficultosamente estabelecer a carreira. Era meio dia quando o prestito, que seguiu pela rua da Escola Polytechnica, chegou ao cemiterio. Desde a entrada até ao jazigo organisaram-se os seguintes turnos:

1.º—Srs. Belfort Ramos, Rangel de Lima, visconde S. Luiz Braga, Levy Bensabat, Urbano Rodrigues, alferes Paulo Pacheco, Nogueira Pinto e José Antonio de Freitas.

2.º—Srs. condes de S. Lourenço e Alcaçovas, general Carlos Roma du Bocage, Antonio da Silveira Vianna, Terra Vianna, D. Luiz de Castro, Serpa Pimentel e dr. Armando Osorio.

3.º—Srs. J. A. Moreira d'Almeida, general Firmino do Valle, Eduardo Schwalbach Lucci, dr. Annibal Soares, Columbano Bordallo Pinheiro, Augusto Rosa, Ferreira da Silva e João do Amaral.

4.º—Conde de Caria, Martins de Carvalho, Simões de Almeida, Antonio de Oliveira Bello, dr. João Ulrich, Antonio Serrão Franco, Achilles Machado e Manuel de Oliveira Bello.

5.º—Srs. Joaquim Leitão, João Franco Monteiro, dr. Mello Breyner, Constant Burnay, Isidoro Pessoa, José Olegario Marinho, Ruy Ulrich e Edgar Prestage.

6.º—Srs. Ramalho Ortigão (filho), José Castello Branco, Manuel Ortigão, dr. Almeida Lima, Vasco Ortigão Sampaio, Carlos Ferreira, dr. Arthur Ricardo Jorge e Ortigão Miranda.

O sr. Henrique Lopes de Mendonça, em nome da Academia de Sciencias, prestou a derradeira homenagem ao illustre extincto, analysando a sua obra de chronista, a expressão em que Ramalho envolveu o seu grande amor patrio. O discurso do representante da primeira collectividade scientifica do paiz, cheio de sentimento e de nobreza, foi acolhido pelo auditorio com frequentes signaes de assentimento e applauso.

Em seguida o sr. João Amaral, da Juventude integralista luzitana, julgou azado o momento para proferir algumas palavras de critica politico-litteraria, como se o cemiterio fosse campo de discussão. Apesar d'uma parte do auditorio ser manifestamente propicia a semelhante doutrina, justo é dizer, que ninguem secundou com um signal de approvação as affirmações do joven integralista.

No funeral encorporaram-se os srs.:

Levy Bensabat, representando o sr. presidente da Republica, dr. Bernardino Machado, Paulo Pacheco, representando o presidente do ministerio, Urbano Rodrigues, representando o sr. dr. Affonso Costa, condes de Caria, S. Lourenço, Cartaxo, Sabugosa, Castello Mendo, da Foz, das Alcaçovas, Paço Lumiar, viscondes de S. Luiz Braga e da Arrochella, barão de Sabroso, generaes Firmino do Valle e Carlos Roma du Bocage, Pereira de Miranda, Justino Guedes, Manuel Terra Vianna, Martins de Carvalho, Achilles Machado, actores Augusto Rosa e Ferreira da Silva, Belford Ramos, 1.º secretario da embaixada do Brazil, Rangel de Lima por si e em nome do sr. dr. Alfredo da Cunha, Nogueira Pinto, José Antonio de Freitas, Antonio da Silveira Vianna, D. Luiz de Castro, Serpa Pimentel, dr. Armando Osorio, J. Moreira d'Almeida, dr. João Moreira d'Almeida, Eduardo Schwalback Lucci, dr. Annibal Soares, Simões d'Almeida, Antonio d'Oliveira Bello, dr. João Ulrich, Antonio Serrão Franco, Manuel d'Oliveira Bello, dr. Thomaz de Mello Breyner, Constant Burnay, José Castello Branco, Alfredo Pereira, Mello Barreto, Luiz Cardoso, João Bernardo Quintella, Luiz Trigueiros, Carlos Silveira Vianna, José dos Santos Netto, Ferreira de Mesquita, dr. João Centeno, monsenhor Gustavo Couto, capitão de mar e guerra Ernesto de Vasconcellos, João Arroyo, Camara Lima, José Sosseti, Eduardo Perestrello de Vasconcellos, Domingos Belffa, Ramiro Leão, dr. Antonio de Lencastre, Alfredo Lamas, Vasconcellos Porto, Ferreira Pinto Bastos, Albino Pimentel, José da Silva Escobar Franco, José Rodrigues Chaves, Antonio Luiz Monteiro, Frederico Batalha Ribeiro, Manuel Bordallo Pinheiro, general Rodrigues da Costa, dr. José da Costa de Sousa Macedo.

No funeral fizeram-se representar a Academia das Sciencias de Lisboa, pelo sr. Henrique Lopes de Mendonça; Sociedade Nacional de Bellas Artes, pelos srs. Columbano, Costa Motta, José Alexandre Soares, D. José de Pessanha, José Queiroz e Adaes Bermudes; Manipuladores de Tabaco; Sociedade de Bibliophilos; Companhia dos Tabacos de Portugal; Sociedade dos Archeologos Portuguezes; Gremio Litterario; Trabalhadores da Imprensa de Lisboa, pelo sr. Alvaro Neves, 1.º secretario da direcção; Club Brazileiro; Sociedade de Beneficencia Brazileira em Portugal; Escola Industrial Marquez de Pombal, etc., etc.

«A Capital» e o seu director fizeram-se representar pelos nossos collegas Avelino de Almeida e Ferreira Martins.

Em casa do illustre extincto foram recebidos mais os seguintes telegrammas:

De D. Maria Beatriz Pacheco e Joaquina Pacheco, Luiza e Raul Esnols, D. Maria Isabel e Jorge O'Neill; condes da Borralha, D. Julia e João Bastos; Leonor e Ricardo Jorge, Eduardo Ferreira Pinto Basto, Alberto Monsaraz, marquez de Tancos, Zoé e Alberto Bralha Reis, viscondes do Marco, condessa de Valenças, visconde de Tondella, Abilio Eça de Queiroz, Oscar da Silva, conde de Tarouca, Affonso Lopes Vieira, D. Anna e João Castello Branco, Joaquim Cerqueira, Egas Moniz, Teixeira de Queiroz, Christovão Ayres, condessa de Caria, condessa de Nossamedes, Thomaz d'Eça Leal, baroneza de S. Cosme, Pedro Vasco Nunes, dr. José d'Almeida e Cassiano Neves, pela Assistencia aos Tuberculosos; Eugenio de Castro, D. Branca e Jorge Collaço, D. Augusta e José d'Azevedo Castello Branco, Velloso Salgado, D. Beatriz e Carlos Ferreira, Henriqueta Arantes, Ventura Terra, Anthero de Figueiredo, condes de Casal Ribeiro, Thomaz de Mello, Magalhães Lima, dr. Trindade Coelho, Antonio Arroyo, Virgilio Machado, D. Christina e Edgar Prestage, Bento Carqueja.

Um trecho das «Farpas»

Da carta dirigida ao principe real D. Carlos de Bragança no ultimo numero das «Farpas» transcrevemos os seguintes interessantes trechos:

...Considere agora vossa alteza os resultados em que a sua educação começou já a fructificar.

Vossa alteza, na edade de vinte annos, continua a assistir todos os dias ao santo sacrificio da missa, e não fez ainda a um companheiro o sacrificio pessoal de um lapis ou de uma penna de aço.

Vossa alteza frequenta ainda regularmente o tribunal da penitencia. Em periodos determinados o cardeal bispo do Porto vem ouvir de confissão a vossa alteza.

...Para os effeitos celestiaes é evidente que não póde haver melhor vida que a que vossa alteza tem, nem melhor morte que a que lhe está destinada.

A unica coisa de recear é que a historia não seja porventura tão accommodaticia como a Providencia, porque, no dizer de um outro padre mestre, o patriarcha Voltaire, a historia só diz bem d'aquelles que praticam o bem. Ella é de um desprezo incivil com todos os que unicamente se encerram na missão discreta de não praticar coisa alguma.

...Creado no meio de cavalheiros de cincoenta a sessenta annos conservadores e cortezãos, mais velhos ainda pelas suas idéas que pelos seus annos, vossa alteza só conheceu do seu tempo os individuos que cessaram de tomar parte no movimento d'elle e pertencem pela sua immobilidade mental ás gerações mortas.

Vossa alteza chegou á maioridade; as côrtes da nação prestaram-lhe venia; em torno de vossa alteza quarenta ou cincoenta servidores, antigos militares, antigos ministros, antigos magistrados, beijam-lhe a mão em cada manhã, fazendo alas, de dorso curvo e de olhos no chão, para que vossa alteza passe, indeferido e majestoso, da sala em que lhe servem o seu latim para a sala em que lhe servem a sua merenda; vossa alteza é o herdeiro presumptivo do throno, é o regente do reino em nome do rei, é o senhor da Guiné e da conquista, navegação e commercio da Ethiopia, Arabia, Persia e da India; e todavia não é senhor de tomar simplesmente um bilhete de ré no vapor da outra banda, e de ir para Cacilhas sem licença prévia de sua augusta mãe.

Todos os dias a augusta mãe de vossa alteza pede a nota das suas lições, e, sempre que vossa alteza não decorou inteiramente o seu verbo, a excelsa soberana prohibe-o de se ir divertir, isto é, de ir á noite aos Recreios Whitoyne entre dois homens de dragonas e de espada á cinta como quem vae para o calabouço.

Quando, porém, ha graves negocios pendentes da deliberação do poder executivo, medidas excepcionaes de administração, tratado importante que assignar com alguma potencia estrangeira, ajustes de paz ou declarações de guerra imminentes, então, quer vossa alteza tenha satisfeito as suas lições quer não, sua majestade a rainha não se oppõe a que vossa alteza saia, porque vossa alteza é conselheiro d'Estado desde os dezoito annos, e sempre que os grandes negocios da republica se complicam, vossa alteza tem por missão deslindal-os.

Se coincidentemente com um conflicto politico nas relações internacionaes do paiz occorre algum erro palmar no thema de vossa alteza, então a pena disciplinar de reclusão por negligencia no estudo é substituida pela privação da sobremeza, a fim de que vossa alteza, corrigido como mau estudante, vá ao mesmo tempo salvar a patria como bom conselheiro.

Além de conselheiro d'Estado vossa alteza é alferes de lanceiros e é segundo tenente da armada.

E' summamente extranhavel—não o esconderemos—que honrando a carreira das armas por meio da adopção d'essas duas potentes assumidas ou absolutas, vossa alteza não honre egualmente as profissões liberaes dignando-se de assumir tambem alguns diplomas nas carreiras scientificas e litterarias.

Não pretenderiamos que logo nos quinze annos de edade o tivessem feito doutor de capello e socio de merito da Academia. Poderiam, porém, com vantagem, segundo nos parece, começar por nomeal-o associado principal da Academia, por exemplo, e pharmaceutico.

Mais tarde, no dia em que vossa alteza celebrou o seu 16.º anniversario natalicio, teriam podido elevel-o á cathegoria de segundannista da faculdade de philosophia e socio do Instituto.

E assim consecutiva e progressivamente. De sorte que, hoje em dia, exactamente assim como é alferes do exercito e segundo tenente da armada, vossa alteza podia muito bem—creia-o—ser socio effectivo da Academia e bacharel formado em direito.

Não podemos tão pouco attingir as razões mysteriosas em virtude das quaes vossa alteza não foi ainda nomeado capellão.

Dados os habitos da devoção de vossa alteza nada mais commodo do que essa patente ecclesiastica.

A qualquer hora que se levantasse para se entregar aos seus estudos, vossa alteza faria a barba e diria missa a si mesmo; e logo em seguida sem mais perda de tempo, vestido de amores, iria tirar significados.

Vossa alteza digna-se talvez de sorrir docemente á idéa comica de ser o seu proprio capellão.

Vossa alteza é extremamente bom e amavel em sorrir.

Esperamos que vossa alteza terá egualmente o espirito sufficiente e a malicia precisa para comprehender perfeitamente que não é, em rigor, muito menos padre do que é tenente de si mesmo.

Tal é, senhor, o absurdo grotesco da etiqueta cortezã na qual o obrigam a vegetar trabalhosamente como uma bella e rica planta de ar livre dentro de uma estufa.

Vossa alteza tem sido submettido aos rigores tenebrosos d'esse regimen no proposito de o tornar mais perfeito e mais feliz.

Está succedendo a vossa alteza o mesmo que succede aos povos a que os reis procuram dar a felicidade por meio da tyrannia. Os povos agradecem, mas preferem o infortunio, porque o coração do homem aspira eternamente á liberdade, e vae para ella, com mais ou menos lentidão mas n'um esforço constante, como vae a crescença da planta para a parte d'onde lhe vem a luz.

Ora como nos não parece justo que para os povos se peça uma coisa, e aos principes se offereça a coisa contraria, toda a nossa opinião ácerca da educação de vossa alteza se resume n'isto:

Que o libertem!

Para conhecer a realidade do mundo, unico fim sério da sciencia, é preciso entrar no combate da vida como entram na liça os paladinos bastardos—sem pae e sem padrinho.

O cinco de Outubro

A divisão naval

Fundeará no Tejo e illuminará de grande gala

Os navios que compõem a divisão naval associar-se-hão e tomarão parte brilhante nos festejos commemorativos do quinto anniversario da proclamação da Republica. E' isso, pelo menos, o que já está assente entre as auctoridades de marinha, o commandante da divisão, sr. capitão de fragata Leote do Rego, e o governo. Os nossos navios de guerra fundearão, em fila, desde as alturas do Mercado do peixe, na Ribeira Nova, até defronte de Belem. São elles o *Vasco da Gama*, *Almirante Reis*, *Adamastor* e *S. Gabriel* e destroyers *Douro* e *Guadiana*. A' noite, todos esses barcos illuminarão de grande gala, desenhando varios emblemas e legendas, allusivos ao acto que se commemora, com enorme profusão de lampadas electricas. Os holophotes funccionarão tambem desde as primeiras horas da noite, projectando as suas cabelleiras de luz para o rio e para a cidade. A bordo de todos os navios, que teem estado a limpar nas docas, incumbindo-se d'essa tarefa as guarnições, trabalha-se activamente para que a comparticipação da nossa esquadra nas festas da commemoração do anniversario do regimen e da posse do novo presidente seja a mais brilhante possivel.

Segundo parece, está tambem já assente que na projectada parada militar, que é um dos numeros do programma dos festejos e que será, decerto, dos mais imponentes, tomem parte para cima de mil marinheiros, que para esse effeito desembarcarão dos vasos de guerra surtos no porto. Esse numeroso contingente ostentará os seus uniformes de serviço, todos brancos, e apparecerá pela primeira vez em publico com os seus novos equipamentos, que produzem o melhor effeito e são extremamente commodos e praticos, feitos de um tecido forte e flexivel, que se adapta perfeitamente ao corpo das praças. O contingente de desembarque será commandado ou pelo sr. capitão tenente Freitas Ribeiro ou pelo sr. capitão-tenente Sousa e Faro, commandante do *Almirante Reis*, que é quem deve substituir o sr. Leote do Rego, na sua qualidade de chefe do estado maior da divisão naval.

Commemorando o anniversario da Republica

Entre as commemorações do 5.º anniversario da implantação da Republica figura a distribuição, pela junta de parochia da freguezia de Alcantara, de um bodo a 1:000 pobres da parochia, que constará de um jantar na cozinha economica e um donativo em dinheiro. A inscripção dos pobres que pretendam ser beneficiados termina ámanhã.

Em banquete de confraternisação, reunem, no Restaurante 5 de Outubro, na proxima segunda feira, alguns revolucionarios civis que tomaram parte na revolução de 5 de outubro, entre elles os srs. Antonio Luiz Horta, Custodio Pinto, José Rodrigues, José de Souza, João Carvalho, e Francisco Fernandes d'Oliveira.

A junta de parochia da freguezia dos Anjos para commemorar o dia 5 de Outubro, resolveu vestir e calçar 100 creanças pobres e distribuir esmolas a 160 pobres, realisando para esse fim, n'esse dia, das 14 ás 16 horas, uma sessão solemne, no theatro Moderno, para a qual foram convidados os srs. *Leote do Rego*, dr. Alexandre Braga, dr. Antonio Macieira, Luiz Filippe da Matta, provedor da Assistencia Publica; dr. Egrico de Seabra, dr. Estevão de Vasconcellos, capitão Tavares de Carvalho, capitão Helder Ribeiro, Alfredo Ladeira, Raymundo Alves, etc.

Foi convidada para abrilhantar estas festas a banda da Sociedade Recreio Operario a Portugal, que gentilmente accedeu ao convite.

sastres. Esta madrugada porem, ou por descuido ou por embalagem maior, dois vagons, saltando a pequena vedação que derrubaram, descarrilaram, vindo o ultimo, o 0,240, um vagon dos grandes que serve vulgarmente para transporte de madeiras e vasilhames, despenhar-se, com enorme fragor, sobre o primeiro muro da esquerda que demoliu quasi por completo. Os enormes pedregulhos derrubados foram cair sobre uma canoa do bombeiro José da Rita arrombando-lhe parte do fundo e lados. O vagon ficou suspenso, os rodados da retaguarda encostados ao muro supporte e os da frente ameaçando despenharem-se no chão.

Participado o caso ás estações competentes foi hoje ali pelas nove horas um dos directores da Companhia, com pessoal technico, vindo mais tarde a machina 0,1 com um «fourgon» para se proceder ao carregamento.

Os trabalhos, difficultosissimos pela posição do vagon despenhado, foram morosos e arriscados. Se o desastre se tem dado de manhã, em que aquella passagem é, como dissemos frequentadissima, teriamos agora certamente graves desastres pessoaes a lamentar. Bom é pois que a Companhia, ao reparar agora as avarias, o faça por modo a evitar que o facto se repita.

ULTIMAS NOTICIAS

A grande guerra

Novos revezes dos allemães na Argonne

PARIS, 28.—Communicação official, das 15 horas—Em Artois ganhámos esta tarde e durante a noite precedente algum terreno, seguindo de ponto para ponto em direcção ás cristas de leste e sueste de Souchez. Em Champagne os allemães resistem nas suas posições de segunda defeza, protegidos por redes de arame extensas e dissimuladas. Realisámos alguns progressos na direcção da cota 185 e oeste da herdade Navarrin, e para os lados de La Justice ao norte de Massiges. Em Argonne, os porfiados ataques do inimigo com 2 a 3 batalhões contra as nossas trincheiras da 1.ª linha do Fille Morte e Bolante redundaram n'um importante revez para o inimigo. Os contra ataques feitos por nós durante a noite tiveram como resultado expulsar a infantaria allemã de quasi todos os pontos onde tinham conseguido penetrar. O terreno em frente das nossas trincheiras ficou juncado de cadaveres de allemães. A noite decorreu calma no resto da noite.—(*Havas*).

Os alliados continuam progredindo

PARIS, 28.—Communicação official das 23 horas.—As nossas tropas continuaram hoje a ganhar terreno palmo a palmo na direcção das cristas a leste de Souchez, fazendo uns 100 prisioneiros, entre elles alguns homens do corpo da guarda, reconduzidos ha poucos dias da fronteira russa. Em Champagne houve tambem novos progressos particularmente ao norte de *Massiges* onde aprisionámos ainda 800 homens. O inimigo dirigiu sobre as nossas trincheiras de Argonne um violento bombardeamento ao qual respondemos efficazmente. O inimigo não tentou, porem, nenhum ataque de infanteria. Os nossos combates em Grande permittiram-nos retomar alguns elementos da nossa primeira linha onde o inimigo se mantinha desde hontem. Na região de Band Sapt e no bosque Le Pretre o canhoneio foi intermittente.—(*Havas*).

A acção das tropas britannicas no theatro occidental

LONDRES, 29.—O marechal *sir* John French telegraphou hontem o seguinte: Continuaram hoje renhidos os combates em volta de Loos e ao norte d'esta praça.

Estamos actualmente senhores de todo o terreno ao norte da cota 70 e que o inimigo retomou no dia 26. Fizemos novos progressos ao sul de Loos e tomámos mais uma peça. O numero total de peças tomadas é actualmente de 21. Ha algumas mais que o inimigo abandonou no terreno que medeia entre nós e elle. O numero de prisioneiros excede 3:000. O numero de metralhadoras tomadas é de 40, tendo sido destruidas pelo nosso bombardeamento muitas mais. As linhas inimigas tomadas por nós eram extraordinariamente fortes. Eram compostas de uma dupla linha de fogo.—(*Havas*)

As operações na peninsula de Gallipoli

LONDRES, 27.—O ministerio da guerra britannico annuncia que as recentes operações na peninsula de Gallipoli se teem limitado principalmente a ataques de ambos os lados por meio de aviões, bombardeamentos de artilharia e algumas minas. Uma occasião os turcos romperam um violento fogo de artilharia sobre toda a extensão da nossa linha em Suvla e Anzac, e que parecia o preludio de um ataque geral. Foi seguido de um ataque por uma pequena força somente sobre a nossa direita e centro em Suvla.

O inimigo foi facilmente dispersado pelo fogo da fuzilaria. Mais duas vezes depois succedeu o mesmo.

Por mais de uma vez os aeroplanos inimigos atacaram as bases dos nossos aviões, mas as bombas por elles lançadas não causaram estragos alguns. Os nossos aeroplanos contra-atacaram e por meio de bombas destruiram um hangar e causaram varios estragos nas forças navaes de Burgas. Durante a noite de 24 os turcos soltaram alguns cães de guarda contra as patrulhas francezas. Os cães foram todos mortos.—(*Havas*).

Encarniçados combates na Russia

PETROGRADO, 29.—Official. Na região de Dewinsk, travaram-se combates encarniçados. Na Vileika repellimos a offensiva. Os allemães tomaram e nós retomamos a villa de Lastdiontzy. Os ataques continuam porfiados. O inimigo desenvolveu as descargas de artilharia, lançando hontem 10,000 grossos projecteis contra um regimento. Ao sul de Pripiat na Galicia o inimigo fez importantes ataques. Tomámos trincheiras a noroeste de Tarnopol.—(*Havas*).

Na frente italo-austriaca

ROMA, 28.—Official. Na zona de Covedale repellimos ainda alguns ataques na direcção de Capanna Cedoc. No Carso tambem repellimos o avanço inimigo na direcção de Selz. O inimigo lançou algumas granadas incendiarias sobre Monte Falcone, Manhia e Adria.

As nossas baterias fizeram cessar o fogo adversario.—(*Havas*).

Crise na Bulgaria—Um russophilo incumbido de fazer ministerio

ATHENAS, 29.—Telegrapham de Sofia que os ministros bulgaros das finanças e do commercio deram a sua demissão. A razão official d'estas demissões é a discordancia de vistas sobre questões internas. O verdadeiro motivo é o seu desaccordo com Radoslavoff sobre a politica externa.

Em consequencia da attitude energica da Grecia o rei Fernando deu ao sr. Molinoff, russophilo, o encargo de constituir o novo gabinete.—(*Havas*).

O dr. Dumba sae dos Estados Unidos

WASHINGTON, 29.—O dr. Dumba, embaixador da Austria Hungria, telegraphou á secretaria de Estados dos negocios estrangeiros dos Estados Unidos communicando ter recebido ordem do seu governo para se retirar da America e pedir o seu salvo-conducto.—(*Havas*)

O que o governo inglez pensa da attitude da Bulgaria

LONDRES, 28.—Camara dos Communs. Sir Edward Grey no seu discurso n'esta camara disse o seguinte: Sei officialmente que a Bulgaria adoptou a situação de neutralidade armada para defender os seus direitos e a sua independencia. Emquanto a Bulgaria nos não fôr aggressiva não se dará nenhuma interrupção nas relações amigaveis. Se porém ella se collocar ao lado dos nossos inimigos daremos aos nossos amigos dos Balkans todo o nosso auxilio.—(*Havas*)

Perda d'um couraçado italiano—Grande numero de victimas

BRINDISI, 28.—Confirma-se a noticia da perda puramente accidental do couraçado italiano *Benedetto Brin*. O numero dos sobreviventes é actualmente de 8 officiaes e 379 praças. No numero das victimas conta-se o contra-almirante Rubin de Vervin.—(*Havas*).

No parlamento francez

PARIS, 28.—O senado approvou por unanimidade o projecto dos duodecimos provisorios para o 4.º trimestre de 1915.—(*Havas*).

Manifestação ás nações alliadas

Por motivo imprevisto, fica transferida para ámanhã, ás 21 e meia horas, a manifestação que hoje se devia realisar. Os manifestantes, partindo da praça dos Restauradores, seguirão pelo Rocio, rua do Carmo, Chiado, calçada do Combro, Poço Novo, calçada do Marquez d'Abrantes, rua de Santos-o-Velho, rua de S. Francisco de Borja, subindo á Estrella, onde na rua do Borja farão uma manifestação á legação da Russia e seguindo de ahi para a legação da Belgica, na rua da Imprensa Nacional, indo tambem á legação da America e á do Italia e ao consulado da Servia, findando no Terreiro do Paço, onde irá cumprimentar os ministros.

Expedições á Africa

Vae ser nomeado commandante da columna expedicionaria a Moçambique que deve partir no dia 7 de outubro, o major de artilharia sr. José Moura Mendes, actual inspector do material de guerra da guarda fiscal.

Para o logar de chefe do estado maior da provincia será nomeado, em substituição do major sr. Baptista Coelho, que se encontra em Lisboa, o actual chefe do estado maior da columna, capitão sr. Cabrita.

A questão das subsistencias

Vindos de varios pontos do paiz, chegaram hoje ás estações de Santa Apolonia, Rocio e Terreiro do Paço, respectivamente, 61.000, 51.000 e 3.000 ovos. Os que vieram para as duas primeiras estações não foram despachados.

Os mercados de peixe foram abastecidos com 810 cabazes de carapau e sardinha de Cezimbra e 165 canastras de Cascaes. No entanto, como vem succedendo de ha muito, houve falta de peixe na cidade.

Por ter augmentado o preço da cebola foi multada a vendedeira da praça da Figueira Floripes Martins, moradora na rua de S. Lourenço, 15, 2.º.

Por não terem comparecido todos os membros da commissão de subsistencias, não se realisou hoje no governo civil a reunião convocada pelo chefe do districto. Ficou adiada para ámanhã, ás 14 horas.

NOTAS DIVERSAS

O sr. ministro dos negocios estrangeiros não dá ámanhã audiencia ao corpo diplomatico, tendo hoje conferenciado largamente com o sr. Carnegie, ministro de Inglaterra.

—Vae ser nomeado escripturario dos caminhos de ferro de Sul e Sueste o 2.º sargento de artilharia sr. Antonio Antunes Guerra.

PEQUENAS NOTICIAS

Numa obra da rua de S. Sebastião da Pedreira cahiu hoje o pintor João da Rosa, que recolheu ao hospital, onde tambem ficou Custodio Pereira Santos Braga, morador na rua de S. Lourenço, 7, 1.º, que cahiu d'um cavalete, por ter ficado muito ferido na cabeça.

—Ao hospital militar da Estrella recolheu Alexandre da Costa soldado do 2.º esquadrão de cavallaria da guarda republicana, que cahiu da montada na rua José Estevam, fracturando a perna esquerda.

NOTA POLITICA

O futuro governo

O sr. dr. José de Castro não póde abandonar o poder precipitadamente

Apesar de correr com insistencia que o sr. dr. José de Castro deseja abandonar o poder no dia 6 d'outubro, fomos hoje informados de que tal boato carece de fundamento. Esse proposito, se fosse inabalavel, só podia explicar-se por uma d'estas duas razões: ou porque s. ex.ª julgasse de absoluta vantagem para a Republica a sua sahida rapida e precipitada, visto que só sentimentos republicanos o animam, ou porque s. ex.ª quizesse significar a sua incompatibilidade com o novo presidente da Republica, o que não póde ser, dadas as suas velhas relações de estima com o sr. dr. Bernardino Machado. De facto, afastadas essas duas hypotheses, não ha razão alguma para que o sr. dr. José de Castro deixe de completar o sacrificio que se impoz, tanto mais que os homens publicos contrahem perante a nação responsabilidades que é impossivel pôr de parte. Só esta consideração bastaria, mesmo que não recebessemos informação alguma, para julgarmos sem fundamento o boato de que s. ex.ª está resolvido a abandonar o poder no dia 6 de outubro.

Sem desconhecermos os serviços prestados pelo actual governo, temos defendido a necessidade de se organisar um novo gabinete, que possa, pela sua homogeneidade e garantia de seguro apoio nas correntes de opinião publica, effectivar medidas que correspondam á gravidade do momento historico que atravessamos. Mas não é atrabiliariamente que isso se faz, sem a ponderação reflectida de todas as circumstancias que podem influir na solução do problema politico. O novo presidente da Republica terá de ouvir as entidades indicadas para se pronunciarem em face da crise, como sejam os «leaders» dos partidos e os presidentes das duas camaras. E' natural ainda, como já dissemos hontem, que o Congresso seja convocado para decidir se deve conceder ou não ao futuro governo os amplos poderes que conferiu ao actual, e talvez d'essa convocação do Congresso saia qualquer indicação que se relacione com a crise.

Evidentemente, tudo isso não poderá fazer-se antes de vinte, vinte e cinco dias, o que quer dizer que só decorrido esse praso após a posse do novo presidente poderá estar constituido o novo governo. Acerca da sua constituição mantemos a opinião que já apresentámos: a sua presidencia cabe ao sr. dr. Affonso Costa, porque o seu nome e as suas responsabilidades são garantia bastante de que entraremos no caminho das realisações praticas que a opinião publica reclama. Vivemos um periodo de incertezas, de hesitações, de receios. E' preciso que essa atmosphera desappareça, que a intranquillidade saia dos espiritos, que o povo portuguez, emfim, pelos factos e não apenas pelas palavras dos seus governantes, saiba que caminhamos para o futuro. Elle surge annuviado nas angustias d'este momento difficil. Quem se recusará a contribuir, com a sua quota parte de energia e dedicação republicana, para que elle se apresente limpido, sem duvidas e sem pesadellos?

Leotte do Rego

Hontem e hoje accentuaram-se as melhoras do sr. Leotte do Rego, tendo diminuido de intensidade as colicas que o assaltavam. A inflamação do figado apresenta-se tambem com melhor caracter, tudo fazendo suppor que, dentro de alguns dias, o illustre commandante da divisão naval entrará em convalescença.

Os srs. ministros dos estrangeiros e das finanças foram informar-se do seu estado, bem como os secretarios de outros ministros e muitos dos amigos e admiradores do sr. Leotte do Rego.

Dr. Bernardino Machado

O illustre presidente eleito da Republica recebeu hoje em sua casa a visita do sr. ministro da Inglaterra.

Dr. Bernardo Nunes Garcia

O seu funeral

Realisou-se hoje, pelas 16 horas e meia, o funeral do senador dr. Bernardo Nunes Garcia, que ante hontem falleceu n'um quarto particular do hospital de S. José onde soffreu uma melindrosa operação. O prestito funebre sahiu do hospital para o cemiterio do Alto de S. João, sendo dispostas sobre o athaude corôas de flores artificiaes da viuva, de seu filho Ernesto, de Antonio José dos Santos, dos genros D. Maria dos Anjos e Fernando e das cunhadas D. Maria José, D. Amelia e D. Gracinda.

O funeral foi dirigido pelo sr. Antonio José dos Santos. No hospital organisou-se até ao carro funerario um turno composto dos srs. dr. Abel de Pinho, dr. Catanho de Menezes, dr. Almeida Ribeiro, Braga Oliveira, dr. Germano Martins, Arthur Costa, José Maria de Souza Andrade e Francisco da Silveira Fernandes.

Entre as numerosas pessoas que tomaram parte no funeral, estavam os srs. Levy Bensabat, representando o sr. presidente da Republica, dr. Catanho de Menezes, ministro da justiça, Urbano Rodrigues, representando o sr. o sr. dr. Affonso Costa.

Fizeram-se representar a Commissão Central de Separação, Gremio Solidariedade, Associação dos Advogados e Commissão Parochial Republicana de E. Mede.

No cemiterio organisaram-se differentes turnos.

ECHOS & NOTICIAS

INFORMAÇÕES—COMMUNICADOS

FRANÇA BORGES

Em busca de allivios á sua doença, partiu hoje para a Suissa, acompanhado pelo sr. dr. Sousa Junior, o sr. França Borges, director do «Mundo», por cujas melhoras fazemos votos. Na estação compareceram a despedir-se do vigoroso jornalista os amigos e correligionarios que tiveram conhecimento da sua partida.

NOTAS MUNDANAS

E' esperada brevemente, de regresso de Bussaco, a sr.ª D. Albertina Parazzo.

—Esteve uns dias em Lisboa, de passagem para a sua casa em Paris, madame Sousa Costa, esposa do sr. Francisco de Sousa Costa, chefe da importante casa commercial Costa Pereira, do Rio de Janeiro.

—Regressa amanhã de Paço d'Arcos, com sua esposa e galantes filhinhas, o capitão de cavallaria sr. Carlos Guerra Quaresma.

—E' esperada por estes dias em Lisboa, onde vem assistir ao casamento de uma sua amiga, a sr.ª D. Aurora de Mello, que se encontra de visita ás suas propriedades em Torres Novas.

—As escriptoras açorianas sr.as D. Alice Moderno e D. Evelina de Sousa foram recebidas pelos srs. drs. Theophilo Braga e Bernardino Machado.

—Vindo de Alfife, encontra-se em sua casa em Lisboa o sr. Antonio Ferreira Gomes.

—Regressou á sua casa n'esta cidade, vindo de Villa Nova de Tazem, o sr. A. Couto.

Marinha de guerra

Foram dadas ordens para se iniciarem com toda a actividade os trabalhos relativos á continuação das obras das escolas de applicação de marinha no Alfeite e estabelecimento do novo Arsenal na outra banda, 1.ª secção, assim como para acquisição de material naval.

Morto por um automovel

Quando hoje atravessava o largo de S. Domingos, foi colhido por um automovel José Pereira, ficando com tão graves lesões internas que momentos depois da sua entrada na enfermaria 8 do hospital de S. José falleceu. O cadaver foi removido para a casa das observações.

PARTE COMMERCIAL

Situação da praça

CAMBIOS.—O mercado fechou ás seguintes cotações:

	Compra	Vende
Londres, cheque	35 1/8	35
Londres, 90 d/v.	35 5/8	—
Paris, cheque	$74	$71,4
Allemanha, cheque	$22,5	$30,5
Hollanda, cheque	[illegible]	[illegible]
Madrid, cheque	1$37,5	1$[illegible]
New York	1$44,5	1$4[illegible]
Rio s/Londres	12	—
Libras	7$00	7$10
Agio do ouro	52 %	56 %

BOLSA — As inscripções effectuaram-se.

	Assent.	Coup.
Titulos de 1.000$	40,00	39,70
» » 500$	—	—
» » 100$	—	40,00

Obrigações do Estado: 3 010 10.5, 0$50; 4 0/0 1845, 21$00; 4 1/2 88-89, coup., 0$0.

Acções: Assucar, 41$50; Zambezia, 1$05, Obrigações: Ambaca, 00$30; Assucar, 41$50.

TOURADAS

Algés

Até hoje á tarde haviam-se inscripto 60 novos discipulos, na escola de toureio de Luciano Moreira, os quaes juntamente com os alumnos do anno passado tomam parte na tourada que no domingo se realisa em Algés. Essa corrida, organisada pela mesma escola, tem um programma cheio de novidades e attractivos, entre os quaes figura a lide de um touro a sós pelo bandarilheiro Luciano Moreira. Ha dois grupos de moços de forcados, um composto de rapazes de Setubal e outro de gente da União Geral de Transportes. Antonio Prelo e a sua *troupe* farão um intervalo comico.

Festas associativas

Na Concentração Musical 5 de Outubro ha amanhã «soirée» familiar desempenhada pelo grupo dramatico Eden, estando a parte musical a cargo de um grupo de saxophones.

Reclamações operarias

Uma commissão de operarios manipuladores de pão procurou o sr. governador civil a fim de lhe expor as reclamações da classe relativamente ao pessoal que nas padarias trabalha a secco o que pede augmento de 4 centavos diarios, pedido que todos os industriaes acham justo mas que só uma pequena parte attendeu, e a resolução em que a classe se encontra de recorrer á greve para obter a satisfação d'essa reclamação.

A commissão foi recebida pelo sr. Alfredo Pinto, que prometteu, em nome do sr. governador civil, envidar todos os esforços para que a pretenção dos operarios seja attendida sem conflictos que a todos são prejudiciaes.

TERRAS DE PORTUGAL

Abrantes e as suas paisagens

Se os pintores d'este paiz pintassem, o valle do Tejo já de ha muito estaria annunciado aos homens como um offertorio eterno de primicias sob uma luz hossanica d'Ascenção.

Mas onde essa estranha e esplendida organisação de poeta e de cavador em cuja carne, irmã da gleba, circulasse um sangue, mixto de seiva e sol, para que só seguindo-lhe o impulso creador, Elle nos désse o grande prodigio d'Arte?

Para mim, o eleito seria um Puvis de Chavannes, com a mesma retina devota de paysagista, mas sem tocar de melancholica idealidade o ambiente nem emmançar a atmosphera de mysticismo; orgiaco, pagão, d'um tal symbolismo harmonico e subtil, que nos petalas se adivinhasse o goso dos polens nas antheses, nos ramos d'arvore, a quebreira languida do musculo e allegorisasse, na mesma fecundidade gemea, o ventre da terra e o ventre da mulher.

O grande pintor que encontrasse ali a sua hora seria, simultaneamente, o grande glorificador da epopea rustica. O homem, n'uma terra sem drama, olharia, como um senhor, a obra do seu braço sempre victorioso; o proprio outomno, uma sabia orchestração, dál-o-hia como os ultimos accordes da grande symphonia nupcial sempre renovada, os fructos, sazonados, cahiriam pelas levadas; uma atmosphera de benção envolveria tudo e as figuras musculosas e idylicas, como marchando ao rythmo d'uma ode bacchica, completariam o scenario propicio á celebração das bôdas do braço com a gleba...

Assim esboçado, de relance, o allegorico projecticulo, que eu não recommendarei ao menos ideativo phincelador, objectivemos, em instantaneo, o todo panoramico. Abrantes, notavel villa acastellada, ficou-se, solitaria e immutavel, ao alto d'um monte, olhando, com tristeza, as vias ferreas que, já de ha muito, deram em drenar para longe as mercadorias que d'antes lhe affluiam, como á praça commercial a mais intensa de todas, em deredor.

Era quando a Beira ali vinha despejar o oiro liquido dos seus ôdres, o alto-Alemtejo para lá comboiava o melhor da sua economia e Abrantes, primeiro caes na via fluvial, por onde o interior estremenho realisava, com a Capital, a mais prompta e melhor troca.

Com patriotico fervor quiz, ainda ha pouco, um vereador do municipio conseguir-lhe a categoria de cidade.

O indigena olhou as velhas ruas abandonadas, fechados os grandes armazens de trafico, ouviu, ao longe, o silvo da locomotiva e encolheu os hombros.

Depois, pensando melhor, achou que isso era para a sua terra uma especie de homenagem posthuma e recusou. E que valeria a Abrantes, pobre villa decadente, passar a ser considerada uma cidade morta?

Não, Abrantes cidade, não, o abrantino não quer. Aquillo que é o seu maior orgulho lá está, inaccessivel aos homens e ao tempo: a vista do castello e o que elle chama: terra de muito boas aguas.

Mas isso, amigos!

Da ajardinada alameda, que quasi circunda a alvenaria dos fortes, topa-se um conjuncto rythmico e colorido que, em extensão, não tem egual a terra portugueza.

Descem a encosta bastos olivaes que, d'um lado, quasi levam as raizes a beber ao Tejo.

Seguem-se pomares, hortados, uberrimos nateiros d'uma fertilidade de pantano, vegetação sanguinea, riquissima, n'uma terra que á gente parece espontaneo tudo que n'ella afflóra, tão fecundamente se abandona ao braço; tão creadora, tão facil que, certo, myriades de sementes reflorescem por cada bago de suor.

No horizonte, ao norte, as ramificações da serra são cordilheiras de nuvens, a evolar-se; para juzante, seguem-se as sinuosidades do rio até perderem-se n'uma ultima curva, junto ás paragens beduinas do Ribatejo onde, em certos dias, os longes se diluem n'uma especie de conjuncto luminoso de que irradia não sei que claridade elysia, singularissima, irreal, inverosimeis tons, que direi d'apotheose lunar ou de auroras d'outros soes.

Em todo o concerto symphonico, o Tejo passa, como uma melodia que diz todo o motivo humanissimo da paysagem. Dir-se-hia que é por elle que a seára aloura, que o fructo cóea, que o gado cria, que o homem vive.

Em baixo corre n'uma immensa varzea mesopotamica, e, sob a trança dos salgueiraes, é d'uma doçura idylica.

Depois, n'uma curva regular, tão perfeita que parece copiada d'uma aguarella rustica, vem contornar o monte, devagar, deixando a varzea saudosamente.

As suas margens, a não ser n'uma estingem longa, não são nunca areias e areias, reverberando ao sol, antes o ultimo comoro das sementeiras já vem beber da sua agua, alimentar-se do seu limo, d'esse elemento vital que toda a terra, em redor, parece assimilar por infinitas ramificações occultas.

Para além, na margem esquerda, o quadro toma uns tons socegados de tela biblica: renques de pinhaes fazendo um fundo veludino á mancha garrula dos vinhedos, casitas dispersas, aqui e ali, brancas sob o azul immenso, revelam vida amorosa e farta; contornando á direita, o olhar afaga o desenho caprichoso dos relevos e volta a surprehender o Tejo a distancia, espraiando-se, liberto de montes e fragas, sobre o leito vastissimo das campinas.

E cada hora tem a sua revelação. Em manhãs de sol, quando a nebilina se vae diluindo em oiro, o iniciado toma-se de assombro, como á vista d'uma creação edenica.

E' uma pintura tocada de celestial magia, como visionada por um asceta, n'algum delirio de febre paradisiaca.

Ao meio dia, é quando attinge a sua mais forte expressão.

Corot não veria ali prejuizo esthetico na revelação dos detalhes, luz sem mysterio, sem poder illusionante, antes tudo revelando até aos mais concretos pormenores, porque tudo ali é harmonico, preciosamente expressivo como em certas obras de arte os infinitamente subtis.

A essa hora o proprio silencio tem não sei quê de triumphal: dir-se-hia que vem de succeder a um colossal cantico dyonisiaco á vida e ao sol eterno, o cantico reboou no espaço, ecchoou na immensa varzea sonora e as coisas, de o escutar, guardam ainda o ar heroico.

A' tarde é uma pastoral enorme e delicada.

Recolhem aos bardos, os rebanhos, as carroças esquilham pelas estradas, as sombras vão apagando, nos montes, a scenographia titanica do poente, começam de velar-se as harmonias sylvestres, os ventos perfumam e, d'onde elles sopram, são decerto perfumes emigrados dos jardins do sul.

E' a hora em que as enxadas abalam para as guerras, a hora em que tudo commungа, na agua, o espirito da creação; estou em dizer que tudo o que durante o dia a natureza exigiu aos homens em energia, em vida, lhes é restituido na agua que descendem as boccas, ao crepusculo.

Regressam da fonte as talhas, bebe-se de bruços pelos bebedouros, bebem gados e bebe a terra.

Vêl-a escorrer, em fio, dos beiços vermelhos dos camponios, vêl-a ou leval-a á bocca na mão concava, a agua que sacia as grandes sêdes estivaes, dá-me, sobretudo, a essa hora, a impressão d'um liquido preciosissimo que só uma grande ventura concede aos homens em abundancia.

Mas os ruidos crepusculares são ainda os echos da grande symphonia de ha pouco.

A noite vem, melodiosa, e, se ha luar, a paysagem torna-se d'essencia astral, transfigura-se, divinamente, e o Tejo é, como sempre, o Genio de Belleza viva, parece correr d'algum paiz de sonho, do mesmo logar d'onde nasceu a lua, como nascido d'ella, dirieis, e a espraiar-se assim, para alem da ultima quebrada, já decerto é tudo nevoa e luar...

Arthur Ribeiro Lopes

ARAGON EM LISBOA

A festa da "Jota,,

Bautista Larrosa, o pontifice da «Jota»—O phenomenal Gayarre de Aragon

Toda a provincia de Aragon, com os seus pittorescos costumes, os seus baturros, os seus cantadores e bailadores da jota, os seus trajes originaes, marca na velha Hespanha um cunho verdadeiramente inconfundivel. E' um rincão de terra, onde as castanholas teem outra vibração, as mulheres outro sorriso e até a alma das coisas tem aspectos differentes.

Zaragoza, a antiga, com a sua famosa ponte e a sua Pilarica, virgem de maior devoção, aquella a quem se fazem todas as preces do anno, aquella para cujos olhos suaves se levantam todos os dias os corações que sangram—toda esta epopeia sagrada que caracterisa um povo é o musculo principal, o musculo motor d'esta patria de cantadores, bailadores, gente da jota.

E' de lá que nos vem agora esse pedaço de Aragon, cristalisado no velho quadro, no mais alegre conjuncto de jota que diante de nós tem desfilado. Bautista Larrosa, o pontifice maximo, aquelle que dirige e organisa todos os bailes, imprescindivel sempre, vae ver Lisboa n'uma epocha propria, com o seu grupo de 15 baturros, do mais authentico baturrismo que existe, e tres parelhas de bailadores, e ainda por cima, com o mais phenomenal prodigio *O Gayarre d'Aragon*.

Festa da Jota, festa de alegria,—que ella seja bemvinda entre nós, para com as suas vozes argentinas, affastar de nós os pesadelos, e podermos cantar, bem alto e para o ceu, a *jota* que é um himno de amor.

Sabbado proximo, Larrosa apresentar-se-ha com o seu extraordinario grupo no Coliseu dos Recreios.

PEQUENAS NOTICIAS

A banda da guarda republicana executa amanhã na parada do quartel do Carmo, das 14 ás 15 1/2 horas, o seguinte programma:

«Allucinados», marcha, Fão; «La Mascherе», ouverture, Mascagni; «Charmes», valse, Turena; «Baile de mascaras», selecção, Verdi; «La corte de Faraона», Bontalo; «Dejanira», suite, «Divertissement», «Marcha do cortejo», S. Saens.

Espectaculos

Cartaz de ámanhã

AVENIDA—A's 20,30, 21,45 e 23—Coração á larga.

POLITEAMA—A's 20,30 e 22,30—Não desfazendo... (Revista).

COLISEU DOS RECREIOS—A's 21 — Companhia de circo.

Circos & Music-halls

Os titulos dos quadros da revista com que se inaugura a epoca de inverno no theatro Salão dos Anjos no proximo sabbado são: «1.º, «Coisas nossas»; 2.º, «Entrevista sem fim»; 3.º, «Ao Deus darás»; 4.º, «Queda de aguia»; 5.º, «A paz universal» (apotheose). O scenario é todo novo, de Reis, filho.

—Tem agradado muito nos seus espectaculos de variedades a «troupe» dirigida pelo actor Eduardo Raposo. Em todas as terras, os artistas que compõem esse grupo teem sido alvo de grandes applausos, salientando-se Rosa Matheus e Marietta Guerin, especialmente na «Fôfa», que dançam primorosamente.

SALÃO DA TRINDADE—A's 20 e 22—Operetta e fitas animatographicas.

ANIMATOGRAPHOS E CONCERTOS—Olympia, *matinées* diarias e sessões á noite; Central, Chiado Terrasse, Salão Foz, Rocio; Sociedade Promotora de Instrucção, em Alcantara, sessões ás quintas feiras, sabbados e domingos.

CINEMATOGRAPHOS OU ESPECTACULOS VARIADOS—Chantecler, Imperio, Salão Graça, na Caixa Economica Operaria, Variedades, na calçada da Estrella.

Coliseu dos Recreios

As estreias da semana

Os espectaculos da grande companhia de circo proseguem no meio do maior enthusiasmo e animação, enchendo-se o Coliseu todas as noites para admirar o emocionante mimodrama em que os leões de Marck teem o principal papel.

As outras attracções do programma chamam tambem a attenção dos espectadores, que se não cançam de as applaudir. Hontem estrearam-se Los Mendez, notaveis equilibristas, que receberam grandes ovações. Hoje, estreia do pequeno e encantador Trio Juliettes, e ámanhã estreia dos artistas Constonx e Ciquila. No sabbado a estreia sensacional da Festa da Jota.

SPORT

Noticias

ENTRE NOS

Concurso Hippico Internacional do Estoril

A Sociedade Hippica Portugueza, organisadora do concurso que nos dias 9, 10 e 14 de outubro se realisa no Estoril, já publicou uma luxuosa edição do seu programma. Os percursos offerecem maiores difficuldades. Ha uma prova nova, a do «Habits Rouges», e uma taça riquissima a disputar, a «Taça Estoril». Está já garantida uma numerosa inscripção de amazonas que disputarão dois artisticos premios, e a regulamentação é a severa e modelar regulamentação dos concursos internacionaes de Palhavã.

No Grande Casino do Estoril, na Sociedade Hippica, rua Ivens, 50, nas tabacarias Americana e Nova, na Maison Blanche, continua animada a procura de bilhetes, e na séde da Sociedade fazem-se, como para os torneios de Palhavã, assignaturas, que teem sido numerosas.

O novo hippodromo do Estoril fica n'um recinto grandioso e vasto. Os trabalhos ali estão quasi concluidos.

Escoteiros independentes

Entre os alistados da Sociedade de Instrucção Militar Preparatoria n.º 5 acaba de fundar-se um grupo intitulado de *Escoteiros independentes*, sendo a séde provisoria na rua do Mundo, 81, 3.º

Concurso nacional de tiro

Começa amanhã o «Campeonato de Portugal», que deve terminar na segunda-feira ás 12 horas. O «Campeonato collectivo», prova das collectividades civis, realisa-se na segunda-feira, ás 14 horas, tendo tambem logar n'esse dia as provas das Sociedades de Instrucção Militar Preparatoria que queiram disputar a Taça Patria, premio da União dos Atiradores Civis Portuguezes.

Desafio de bilhar

No Salon Vigneaux recomeçam no proximo mez os *matches* de billiar, sendo o primeiro no dia 14, de 1.500 carambolas, entre os amadores srs. Antonio Stubbs de Lacerda e Angelo dos Santos.

Uma gymkhana em Carcavellos

Continuam os Recreios de Carcavellos na realisação de uma brilhante serie de festas de arte e de sport. Depois da inauguração das suas patinagens, dos seus *courts de tennis* e do seu cine, vieram animadas reuniões d'aquelles *sports* e por fim o grande torneio de *tennis* effectuado nos dias 12 e 26 do corrente, para disputa da «Taça Recreio de Carcavellos», cabendo esta a D. João de Villa Franca e o segundo premio ao dr. Pinto Coelho, pela sua victoria obtida em 26 sobre o sr. José Mascarenhas, por 15/11 6/1 0/4, n'um *match* que foi presenceado por selecta e numerosa assistencia.

Para hoje annunciam os «Recreios» um sarau lirico no salão do seu cine e para 9 de outubro já está em organisação uma *gymkhana* que se effectuará na sua patinagem ao ar livre, seguindo-se-lhe um baile na patinagem do salão, fazendo-se n'esse occasião a distribuição dos premios.

A inscripção abre ámanhã e fechará no dia 6, sabendo-se já que concorrem muitas senhoras e creanças.

Exames em outubro

Os exames da segunda epoca começam no lyceu de Pedro Nunes para todos os alumnos adiados, licenceados ou esperados na primeira epoca depois d'ámanhã, sendo ás 9 horas os da 2.ª e 3.ª classes e ás 12 os da 7.ª.

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

Centro 27 de abril

Para tratar de assumpto urgentissimo, foi convocado a reunir extraordinariamente hoje, ás 21 horas, o conselho executivo.

A provincia n'A CAPITAL

GOUVEIA, 27. — Continúa bastante doente o importante industrial d'esta villa sr. Antonio d'Almeida Motta.

—Teem nos visitado n'estes ultimos dias umas boas chuvadas que vieram abrevir as vindimas, sendo já grande a azafama. Espera-se uma colheita de vinho abundante.

Bom será que a commissão de viticultura da região do Dão tome desde já as necessarias providencias prohibindo a sahida dos nossos vinhos da região para que não haja falta como tem havido este anno, evitando o logro tanto dos retalhistas como dos lavradores, estes para não irem alem do combinado em Vizeu por occasião d'uma reunião que ali se realisou e que foi não venderem o vinho além de 2$400, e aquelles para que se não queixem de que não teem vinho e tenham que o mandar vir do sul por lhes ficar em melhores condições, mas sujeitos a serlhes apprehendido como tem acontecido a alguns.

—Sahiram para a Covilhã os srs. Antonio Fernandes Nogueira e João d'Almeida Jeronimo. Para Fornos sahiu tambem, acompanhado de sua esposa, o sr. Manuel Almeida Jeronimo.

MORTAGUA, 28.—Recomeçam na proxima semana os trabalhos de construcção da estrada 70 no lanço de Villa Moinho á Portelia de Mortazel.

—A camara municipal d'este concelho acaba de representar ao governo a fim de que sejam concedidos subsidios para a construcção de escolas nos logares do Freixo, Aluinsa, Villa Pouca, Marmelleira e Santa Christina, no valor de 1:200$00 para cada uma e 10:000$00 para a continuação dos trabalhos na estrada de turismo entre esta villa e a de Penacova.

—Consta que vão funccionar duas novas escolas moveis nas povoações do Freixo e Villa Moinhos.

—Nos dias 10, 11 e 13 de outubro realisa-se n'este concelho a inspecção a solipedes e vehiculos.

—No dia 17 de outubro effectua-se a feira annual do Chão de Calvos, onde se costumam effectuar importantes transacções em gado muar, bovino e cavallar.

—Partiu para Vizeu o sr. José Pereira de Figueiredo, ex-secretario de finanças n'este concelho.

Movimento maritimo

Bah., R. J. e San. «Tennyson» (de Liv.)	30
Dak., Tim., etc. «Romã» (do Ams.)	30
Africa oriental, «Clan Ross» (Liverp.)	2
Africa oriental «Moçambique»	3
N. York, via Aço. «Roma» (de Gibral.)	3
Vigo e Inglat. «Demerara» (do Brazil)	4
R. J. e R. Pra. «Divona» (de Bordeus)	5
Archipelago dos Açores «Funchal»	5
Amst. e etc. «Tubantia» (de Batavia)	5

mesmo com dinheiro no bolso quando queriam comer não encontravam onde comprar generos, quando queriam dormir, não encontravam cama. Esperavam em massas compactas nos caes de embarque, ás vezes um dia e uma noite, antes de chegar o navio em que haviam de embarcar.

Desembarcavam n'um estado terrivel de depressão moral e physica. Algumas creanças tinham vindo á luz do dia durante a fuga. Familias tinham perdido parentes durante essa fuga desordenada. E as creanças eram as que mais soffriam.

O problema de attender ás necessidades de familias inteiras que assim davam entrada n'um paiz estranho não era de facil solução. A magnitude da emigração poz á prova a organisação administrativa dos hospitaes inglezes. Os primeiros que desembarcaram eram gente que havia podido pagar a viagem e que trazia o dinheiro sufficiente para prover ás suas primeiras necessidades pelo menos durante alguns dias ou semanas.

Os indigentes começaram a chegar em fins d'agosto e na primeira quinzena de setembro dirigiram-se para Londres, em numero de 500 pessoas approximadamente por dia. A queda de Antuerpia transformou a torrente em inundação. Só um paquete trouxe 2.000 refugiados. N'um dia, mais de 11.000 belgas chegaram a Folkestone, embora o numero dos que poderam desembarcar fosse muito menor.

Na semana que se seguiu á queda de Ostende não menos de 26.000 belgas chegaram a Folkestone, entre elles grande numero de soldados feridos.

Em fins de novembro, chegaram 45.000 refugiados indigentes. Mais de 12.000 vieram em dezembro e mez a mez o numero foi diminuindo gradualmente, até attingir em abril o de 4.642. Os ultimos que chegaram vinham todos da Hollanda e a emigração, que no verão findo se póde computar em 2.000 pessoas por mez, foi finalmente regulamentada e limitada a mulheres que tinham a certeza de encontrar occupação.

A repartição ingleza encarregada do registo dos immigrantes foi incumbida de proceder aos trabalhos necessarios para se saber o numero de belgas refugiados, a fim de se tomar as medidas necessarias para os soccorrer. Registava-se o nome de cada emigrado, da sua morada na Belgica, a sua occupação e a residencia em Inglaterra. N'outro registo eram classificados por occupações e profissões que exerciam.

Esses registos prestavam grandes

Capitão John C. T. Glossop, da guarnição de Sydney

serviços não só quanto a saber-se o numero exacto dos que tinham vindo procurar refugio em Inglaterra, mas ainda em procurar occupação aos que necessitavam trabalhar para adquirir meios de subsistencia. Ainda outra utilidade tinham: a de darem azo ao governo belga a que chamasse ás fileiras os homens validos de 18 a 25 annos, que não eram casados e que por isso podiam e deviam defender a sua patria. Eram, finalmente, postos á disposição dos refugiados que andavam

que, nem mesmo assim se obtinha o numero de navios necessarios para o fim que se tinha em vista. Muitos dos navios mercantes das potencias centraes limitavam o seu trafico aos mares fechados—o Baltico e o Mar Negro.—Os restantes haviam sido empregados pelos respectivos governos em transporte de tropas e outras operações auxiliares da guerra, alguns haviam sido capturados, muitos tinham sido internados. Nenhum, por consequencia, de que a Commissão pudesse dispôr.

Os navios dos outros belligerantes haviam tambem sido desviados pelos seus governos das suas funcções habituaes, estando muitos d'elles transportando tropas e munições para os diversos theatros de operações da guerra.

Outros haviam sido mettidos a pique ou retidos nos portos inimigos onde tinham entrado antes de romper a guerra. Restavam os navios mercantes da Gran-Bretanha e das potencias suas alliadas, assim como os das potencias neutraes. Mas estes, mesmo juntos, formavam uma pequena proporção da quantidade normal de navios cuja tonelagem era pedida.

Chegada como a Commissão se viu a assegurar espaço para carga com mezes de antecedencia, calcula-se de certo as difficuldades com que ella luctava.

Se os navios allemães que estavam retidos nos portos da America pudessem ser utilisados, calculava-se que as despezas mensaes seriam reduzidas immediatamente a 100.000 libras. Negociações foram entaboladas para tal fim, mas não se conseguiu chegar a um accordo com relação a esses navios. Conseguiu-se, porém, estabelecer uma carreira regular de paquetes entre os portos da America do Norte e os do Rio da Prata e uma outra para Rotterdam.

Após a descarga n'este ultimo porto novas difficuldades surgiam. Os caminhos de ferro belgas estavam monopolisados pelo exercito da occupação para fins militares e o seu emprego era na pratica negado á Commissão. Como podiam ser os generos collocados ao alcance de uma população confinada nas suas povoações? Foram os canaes que prestaram magnificos serviços.

Aquelles que n'elles tinham encontrado poderosos alliados contra Luiz XIV e Philippe de Hespanha nunca pensaram decerto que elles prestariam tão valiosos serviços n'um momento de desgraça como o actual. Foi dos canaes que a Commissão teve de se utilisar. Mas, como em muitos logares elles estavam mais ou menos destruidos, teve primeiro de se proceder á sua reparação. E a Commissão instituiu uma repartição de engenharia, que trabalhou rapidamente para em breve praso se poder fazer o transporte.

Os generos descarregados em Rotterdam foram levados, em barcos cobertos com a bandeira da Commissão, para os depositos estabelecidos em diversos pontos da Belgica.

Era necessario a maior parcimonia na distribuição, porque as necessidades das familias augmentavam dia a dia e os recursos da Commissão não eram inexgotaveis. Accrescia a circumstancia de que os privilegios concedidos podiam ser d'um a outro momento retirados por qualquer dos belligerantes. Portanto adoptou-se o principio de que aquelles que pudessem mais ou menos pagar o que recebiam o fizessem.

Teve, assim, de se crear uma nova repartição.

A Belgica é um paiz possuidor de instituições verdadeiramente democraticas. Os grandes centros, como Bruxellas, teem governos municipaes com direitos especialmente definidos na sua esphera propria, e todo o paiz, incluindo esses grandes centros, é dividido em communas, que gerem os negocios locaes.

As communas auxiliam os seus pobres, tendo para isso um serviço especialmente montado. Em cada districto existe o serviço de beneficencia, que serviu de base de organisação para a Commissão estabe-

lecer as suas delegações. Ajudadas por voluntarios locaes, essas subcommissões procederam á distribuição em cada localidade.

Procediam segundo as instrucções do conselho communal, sendo o principio applicado o da maxima socialista: «A cada um conforme os seus meios; a cada um conforme as suas necessidades». A Commissão importou generos alimenticios no valor de cerca de 1.500.000 libras por mez. Essas importações eram escripturadas nos seus livros pelo valor do custo ou, quando offerecidas, pelo seu justo valor.

Dos depositos estabelecidos em diversos pontos da Belgica, como dissémos, os generos eram entregues aos funccionarios communaes, que superintendiam na distribuição final. Cada communa era debitada pelo que recebia. Por seu turno a communa recebia a parte d'aquelles que podiam pagar ou dar alguma coisa por conta.

Os funccionarios communaes faziam uma lista do que era necessario segundo o numero de individuos que tinham de ser soccorridos. A communa fixava o preço do genero a vender.

Quando se tratava de farinha, por exemplo, os padeiros recebiam 250 grammas por adulto, representando 325 de pão. O padeiro era auctorisado a vender, aos que podiam pagar, o pão por quasi o mesmo preço por que lhe tinha sido cedida a farinha. N'algumas provincias, porém, o padeiro, que era um simples agente, recebia oito francos por cada 100 kilos de farinha que manipulava.

Um exemplo frisante dos beneficios prestados é o seguinte: entre novembro de 1914 e março de 1915, o belga pagava o pão por menos do que o habitante de Londres.

Estatuira-se que das provisões que iam para cada communa parte fôsse cedida aos negociantes locaes. O resto ia para as cantinas communaes que haviam sido estabelecidas para alimentar os habitantes mais pobres, isto é, para aquelles que não estavam em situação de pagar aquillo de que careciam. Todos os belgas precisavam egualmente de generos de alimentação, mas nem todos precisavam egualmente de dinheiro. E sob esse ponto de vista as auctoridades dividiram-nos em trez classes: os que podiam provêr ás suas necessidades—classes medias e superiores; os que podiam fazel-o só em parte—as classes trabalhadoras mais pobres; e aquelles que não podiam em absoluto fazel-o—os verdadeiramente indigentes.

A primeira comprava os generos aos negociantes. A segunda e a terceira eram alimentadas em cantinas communaes mediante a apresentação d'um bilhete, que só era passado apoz uma investigação previa. A segunda classe pagava esse bilhete, á terceira era fornecido gratuitamente.

Quando podia fazel-o, a communa pagava esses bilhetes.

Devemos ainda mencionar em especial as cantinas instituidas para as creanças, onde eram fornecidas rações appropriadas á edade de cada uma. Era o medico communal quem a indicava, recebendo a creança um cartão especial. Havia cinco cartões differentes. As creanças, além d'isso, entre a edade dos trez e dos doze annos, eram alimentadas nas escolas.

Além dos generos importados pela Commissão, havia alguns productos belgas e outros que tinham sido destinados e guardados pelos belgas para seu uso. Entre esses generos devemos mencionar o assucar destinado á exportação e os grandes stocks de café do Brazil que estavam nos depositos de Antuerpia e que se destinavam á distribuição em toda a Europa.

Do café e assucar havia, por isso, grande abastecimento, de que a Commissão tomou conta, pagando-os pelo seu justo valor. A Commissão importou tambem batatas, de que havia quantidade sufficiente no paiz, com o fim de obrigar os commerciantes locaes a vendel-as por um preço razoavel.

Difficil e complicado seria descrever todas as operações a que a Commissão de auxilio teve de proceder para supprir a falta de alimentação com que luctavam sete milhões de habitantes da Belgica. E a sua acção benefica estendeu-se ainda á area da França occupada pelos invasores, onde teve egualmente de attender a meio milhão de esfomeados.

Bem mereceram todos os membros d'essa Commissão, devendo citar-se em primeiro logar o sr. Herbert C. Hoover, assim como os seus collegas, como bem mereceram as auctoridades das communas belgas, que, arrostando muitas vezes com a má vontade das auctoridades allemãs, com obstaculos de toda a especie e ordem, tão poderosamente contribuiram para attenuar e mitigar tanto quanto possivel as condições de miseria em que os seus pobres compatriotas ficaram apoz a guerra.

Dadas estas succintas explicações, passemos a outra ordem de idéas.

O refugiado tem sido em Inglaterra, desde seculos, uma figura familiar e sempre acarinhada. Desde a revogação do edito de Nantes, durante toda a revolução franceza e nas guerras de 1848, até á recente lucta constitucional na Russia, tem havido emigrações aos milhares ou ás centenas de victimas das guerras civis e das perseguições religiosas. Nada ha, porém, de commum, a não ser o nome entre esses fugitivos e os belgas que encontraram abrigo em Inglaterra.

Nos primeiros momentos, o numero era relativamente trivial e a emigração menor do que a dos huguenotes, que durou muitos annos. Não eram a principio gente do povo, mas sim membros das classes mais em evidencia, que por isso mesmo estavam mais em perigo de perderem a vida ou a liberdade. A emigração belga não tem precedentes na historia moderna da Europa, a não ser a da peninsula balkanica. Toda a guerra traz comsigo a destruição de casas ou mesmo a de aldeias na area abrangida pela guerra. Mas guerra alguma europea, a oeste de Belgrado, trouxe comsigo desde o seculo decimo setimo a fuga em massa de populações inteiras.

Quando a invasão se deu, não eram já só os habitantes das aldeias incendiadas, não eram já só os membros das classes dirigentes que procuravam refugio na Inglaterra. Os belgas que começaram a ir para Folkestone nos ultimos dias de agosto de 1914 e os que no outomno e no inverno se lhes seguiram formavam uma verdadeira torrente, uma inundação se assim nos é permittido expressar-nos.

Havia familias abastadas e muitos empregados publicos, mas a maior parte d'esses refugiados pertencia ás classes operarias desde o camponez e o descarregador das docas de Antuerpia ou Ostende, até ao empregado do caminho de ferro. Alguns haviam deixado atraz de si a sua aldeia incendiada ou as ruas em chammas de Louvain. Alguns haviam visto seus maridos ou filhos fuzilados á sua vista. Uns tinham fugido á pressa, nada trazendo a não ser a roupa que vestiam, outros traziam o pouco que possuiam em cabazes, em cestos, até mesmo em trouxas.

Dirigiram-se para Folkestone, Tilbury ou Hull em toda a especie de embarcações que podiam encontrar. Não póde imaginar-se sequer a miseria moral e physica dos que chegaram nos primeiros dias da emigração.

Deixaram atraz de si uma terra submergida por uma invasão brutal, um lar destruido, tudo o que os prendia á patria, recordações, laços de familia, tudo despedaçado. Deante d'elles estava uma terra desconhecida, onde a lingua era differente, os costumes differentes, outra a religião, o exilio n'uma palavra.

A jornada para Folkestone havia sido uma peregrinagem cheia de perigos e de riscos. O terror da perseguição allemã seguia-os. Os dias de viagem, de fuga, tinham sido terriveis. Tudo estava fechado e

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.° 1852 — 6.° Anno | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Editor—Camillo Sousa e Almeida — Redacção e Administração—R. do Norte, 5, 1.° | LISBOA — Quinta-feira, 30 de Setembro de 1915 | Telephone n.° 2298 — Endereço teleg. CAPITAL — Composição—Rua do Norte, 5, 1.° — Officina de Impressão—71, Rua da Bica, 71 | Preço 1 centavo

VIAGENS NO ALGARVE

UM SCENARIO PHANTASTICO

Em bellezas naturaes, o littoral algarvio não tem outro que o exceda

PRAIA DA ROCHA, 23.—As *falaises* de Biarritz, na bocca dos francezes, são a belleza maxima, não havendo no mundo, á beira-mar, nada que as exceda. Bem aproveitadas e melhor reclamadas, as bisarrias naturaes d'essa praia, elegante entre as mais elegantes, impostas ao turista com uma teimosia inquebrantavel e com uma persistencia patriotica que só merece louvores, deram a Biarritz fama universal e fizeram d'ella uma das mais frequentadas e mais decantadas praias cosmopolitas, onde a gente rica e o mundanismo tolerante vão divertir-se e gastar prodigamente o seu dinheiro. Entretanto, quem vae a Biarritz e olha para aquillo com olhos de ver reconhece que mais importantes que os recursos naturaes do sitio são os esforços que o homem alli tem empregado para alindar tudo, para aformosear o que era, já de si, digno de apreço e para, multiplicando os attractivos d'esse pedaço do littoral francez, o fazer frequentar por essa população ambulante de nababos e de bohemios do prazer ou da fortuna que pára em toda a parte onde depare com um pouco de encanto, com uma parcella de conforto e com um banho purificador de civilisação.

Entretanto, Biarritz, pelo que respeita a dotes da natureza, não é nem uma sombra d'esta porção extensissima do littoral algarvio que vae desde *Lagos* á *Praia da Armação* e tem o seu mais bello nucleo na Praia da Rocha e nas que se lhe seguem para poente. As *falaises* da Rocha, comparadas com as de Biarritz, são infinitamente mais bellas, excedendo-as em grandeza e em originalidade, ultrapassando-as na bisarria das suas formas, deixando-as a perder a vista em imponencia e magestade. E' preciso percorrer á tardinha na maré vasia, quando o sol caminha apressadamente para o seu tumulo longinquo d'agua e sombra, todo o espaço que vae da Rocha á Praia do Váu para se ter a visão nitida e verdadeira do que valo, como praia de banhos e como sitio de excepcionalissima belleza, essa porção da costa algarvia, sem um dos monstros eriçada de penedias, guardada á vista por barreiras de formas phantasticas, que dir-se-hia terem sido arrancadas da areia por um genio doentio, ancioso por crear novas formas decorativas e desvairado pelo sonho ciclopico de tirar do nada um scenario phantastico, onde outros genios a horas mortas, viessem em bandos, dar largas á sua incomprehendida imaginação.

Quando o sol do cahir da tarde doira a praia, tingindo de amarello vivo as barreiras altas e pondo manchas sanguineas nos barros vermelhos das aurribas; quando esta luz cantante, esta luz estridente, que jámais abandona o seu algarvio, envolve a agua para lhe dar macias transparencias sensuaes e reveste a costa para lhe adoçar as arestas vivas, perder-se a gente pela Praia, transpor a Passagem dos Moiras, deslumbrar-se com as arcarias de João d'Arem e deixar-se ficar por largo tempo embevecido na contemplação do mar, azul ferrete, do ceu, todo seda e oiro, e dos rochedos, que ameaçam despenhar-se a rolar até á linha sinuosa que as vagas desenham, com sabellenas de espuma, na areia rija como asphalto, constitue um dos maiores encantos que se podem gozar e desejar. Simplesmente, n'essas horas de fascinação, ninguem pode deixar de perguntar a si proprio porque motivo tanta maravilha, tanta riqueza, tantos captivantes deslumbramentos, que são outras tantas fontes d'oiro inexgotaveis, teem estado até hoje por aproveitar. Biarritz, ao lado da Rocha, é uma insignificancia. E, todavia, emquanto a celebre praia franceza é conhecida em todo o mundo, a joia maravilhosa do littoral algarvio mal começa a sahir agora da obscuridade em que a indolencia portugueza a tem criminosamente mantido. E' o nosso feitio...

A Rocha é, acima de tudo, uma maravilhosa estação de repoiso. Quem quiser arejar, repoisar o espirito, desneurasthenisar-se, venha para aqui. Abandone tudo e entregue-se, confiadamente, ao mar. Elle operará o milagre de o restituir á vida, de o desopprimir. Entregue-se a esta luz faiscante que estão por toda a parte phantasticos poemas de alegria e de ventura. E verá que as suas maguas se diluem na apotheose gloriosa do sol, como n'um copo d'agua limpida se dissolve um minusculo grão d'assucar. Os esmagados das grandes cidades, as victimas de quantas batalhas a vida nos obriga a travar pelo anno fóra, que se encham de coragem e fujam. A Rocha é o seu grande Paraiso acolhedor, banhado pelo mais humilde e amigo dos gigantes, acariciado por esse musico de estranhas inspirações que é o oceano, povoado de grutas por onde se abrigam todos os genios bons, cheio de resplendores, saturado de imperturbavel paz. Venha á Rocha no verão e no inverno, quando lhe apetecer, porque seja quando fôr que os seus nervos se desafinem, aqui encontrará, para todos os desequilibrios, remedio efficaz. E se um dia o seu desejo o impellir para mais longe, metta-se n'um barco, aproe para a nascente, vá até á Praia da Armação e terá ensejo de vêr desenrolar-se deante dos seus olhos surpresos castellos roqueiros rendilhados pelas aguas, cathedraes de gentis arcarias, ogivas que nenhum architecto ainda entreviu, templos por onde esvoaçam, em bandos, as aves marinhas e onde ás noites, quando a lua cheia rola pelo espaço e inunda a agua de prata em pó, as sereias veem celebrar os seus esponsaes...

Simplesmente tudo isto está ainda por aproveitar. O sanatorio moral que é este pedaço do littoral, sem competidor no nosso paiz e capaz de soffrer o confronto com o que de melhor haja no estrangeiro, é, por ora, ignorado pela maioria da gente da provincia e de poucos mais, que o acaso ou a ancia de espalhar a vista por novos horisontes aqui tem trazido. Bem dito é de lastima esse facto, que bem pode transformar-se apenas n'uma vaga recordação dentro em pouco, se o grupo de homens que tomou sobre si a ardua tarefa de fazer da Praia da Rocha a Biarritz de Portugal e da Andaluzia lograr conduzir a bom termo as suas iniciativas. De contrario, ficará para sempre por valorisar este estupendo scenario phantastico que se desenrola por uns poucos de kilometros, para um e outro lado, á beira-mar, deslumbrando quem por uma calma tarde de setembro, alagada de sol como a de hontem, por elle deixa errar o olhar fascinado e captivo...

Adelino Mendes

A lucta continúa violenta no theatro occidental

PARIS, 29. — Communicação official das 23.

Os combates teem continuado todo o dia. Nas alturas entre Souchez e Vinzy mantivemos todas as novas posições conquistadas. Em Champagne a lucta continua violenta em frente das posições da segunda defeza do inimigo. Foi egualmente violenta no norte d'um saliente ao norte de Meshil onde se mantinham ainda fracções allemãs. Avançámos nos declives do massiço de Tahene e nos pontos de accesso á villa assim como no norte de Massiges. O bombardeamento foi bastante violento e reciproco no bosque Le Prêtre e na floresta do Apremont.—(Havas).

NO CENTENARIO DE ALBUQUERQUE

A glorificação do heroe

Um alvitre de Henrique Lopes de Mendonça sobre a trasladação do vencedor de Goa e a ideia de uma patriotica manifestação junto da sua estatua

A Academia das Sciencias trouxe agora a lume o tomo decimo quinto da «Collecção de monumentos ineditos para a Historia das conquistas dos portuguezes em Africa, Asia e America». Este volume é o quinto das «Cartas de Affonso de Albuquerque seguidas de documentos que as elucidam», publicação feita sob a direcção de Bulhão Pato, a quem succedeu Henrique Lopes de Mendonça.

O illustre academico, que dirige actualmente o importantissimo trabalho, escreveu para o tomo que temos presente um extenso e admiravel prologo. São paginas magnificas de erudição e de estilo, adequado portico dos interessantissimos documentos que encerra o tomo que tamanha luz projectam sobre a descommunal figura do conquistador de Goa. Vamos transcrever algumas d'ellas, que merecem ser attentamente lidas e meditadas e que concluem com o alvitre da trasladação dos restos de Affonso de Albuquerque, em dezembro proximo, para Belem.

Não nos parece que semelhante homenagem, absolutamente justa e necessaria, se possa effectivar dentro de um tão curto lapso de tempo e no actual momento com a grandeza que requer a insigne memoria do inclito capitão, gloria da nossa raça. Mas, em o numero dos actos commemorativos do quarto centenario da morte de Albuquerque, um, principalmente, podia e devia celebrar-se n'aquella data historica, dependendo só das corporações scientificas e litterarias de Lisboa e dos estudantes de todas as escolas a sua realisação. Queremos referir-nos ao acto de culto patriotico que representaria um cortejo ao monumento do heroe, ou qualquer manifestação identica, em que o pedestal da sua estatua ficasse juncado de flores. A personalidade e a obra de Albuquerque, quasi lendarias, seriam previamente evocadas e honradas em conferencias publicas, para que a ninguem restasse duvidas sobre o que valeram e sobre o que significa, n'este instante, a sua exaltação.

Tem a palavra Henrique Lopes de Mendonça.

Não cabe n'estas paginas renovar o estafado debate sobre a preferivel orientação da politica nacional, desde que os impulsos da raça, desafogada do perigo castelhano, determinaram a necessidade fatal de expansão para além das acanhadas fronteiras europeias. O caminho de Africa, ou, para melhor dizer, o caminho de Marrocos, conduziria porventura a uma prosperidade estavel. O caminho do Oriente, com os sinuosos atalhos que levavam á solução dos arduos enigmas geographicos, era decerto o que adrençava ás cumiadas da Historia, por entre as bençãos da Humanidade.

Ceuta estava na encruzilhada d'essas duas estradas. E á grei portugueza, diminuta e mal provida, repugnou escolher: decidiu-se temerariamente por ambas.

Pela primeira guiaram-na caudilhos espertos e valorosos, mas nunca se lhe deparou um d'esses entes privilegiados que a Antiguidade consagrava como semi-deuses e os modernos admiram como genios. Por isso a estirada Iliada de Africa só teve de verdadeiramente sublimo o seu final de tragedia.

Na segunda, apenas desbravou o transito, logo de improviso ascendeu ás alturas vertiginosas, porque o Destino lhe suscitou o mais excelso conductor de homens que desde Alexandre Magno apparecera, e do qual só tres seculos depois surgia um émulo n'uma aspera ilha do Mediterraneo. E como se esphacelou o imperio do Macedonio, e como baqueou o imperio do Corso, assim se pronunciou o desmoronamento do imperio portuguez do Oriente, logo após a morte do grande Albuquerque.

A sua memoria permaneceu comtudo tamanha que Portugal se importuna com o seu peso. Reconheçamol-o á puridade. Como d'outra fórma explicar a persistencia d'essa ingratidão que alanceou a vida do heroe, que lhe amargurou a agonia e que pelos seculos fóra ameaça corroer-lhe a fama? Estrangeiros o prezam, estrangeiros o exaltam. A nação portugueza, de que elle foi a mais alta e acabada expressão perante o mundo, apenas lhe soletra o nome, e exime-se, por apathia enfermiça, a accender uma chamma votiva no seu nimbo apotheotico.

Sinistro fado lhe prolonga, após a morte, as tribulações da existencia!

Os seus ossos esperam meio seculo que, segundo formal disposição testamentaria, sejam trasladados para Lisboa. E é ainda um motivo de egoismo nacional que se invoca para justificar este protrahimento. A sua tumulização em Gôa é a salvaguarda do poder portuguez no Oriente. O seu sarcophago é um paladio tutelar, como os mausoléus dos heroes divinisados da Grecia.

Finalmente, a 19 de maio de 1566, o glorioso cadaver repousa na capella-mór da egreja da Graça, á sombra da bandeira real, esfarrapada e esmaecida, que durante nove annos elle erguera como signal de victoria.

Só a obstinada piedade filial conseguiu o cumprimento da sua vontade postuma. E não consta que com um fio sequer da tela de ouro, que lhe forrava a tumba, contribuisse para a solemnidade das exequias qualquer entidade estranha: nem a corôa que lhe devera o mais fulgurante dos seus fulgores, nem o municipio a quem elle honrava com o seu espolio corporeo, nem a nobreza a quem da sua irmandade cumpria jactar-se, nem a burguezia que á sua longinqua acção era devedora da opulencia, nem o povo que a ignorancia mantinha alheio ás grandes tradições da patria.

Mas a paz do tumulo não a logrou por muito tempo a ossada do inclito capitão. Em meado do seculo XVII, expulsavam-na da capella-mór, posta em almoeda pelos avidos gracianos. Por entre os baldões a que a sujeitaram, como entulho molesto, perdeu-lhe a posteridade o paradeiro. Quando alguem suggeriu a ideia de lhe dar moimento condigno, debalde se basculhou, em cata d'ella, o velho edificio conventual. Só ao cabo de reiterados esforços, ao findar o seculo passado, um devotado archeologo logrou descobrir dentro do sarcophago dos Gomides trez ossadas, uma das quaes identificou, mercê de plausiveis deducções, com a do grande governador da India.

Se os restos materiaes da sua individualidade não se impuzeram ao respeito das gerações, não espanta que só de raras e isoladas homenagens publicas fôsse alvo a sua memoria venoranda. A principal foi o monumento erigido ha doze para treze annos no antigo largo de Belem, o qual hoje tem o seu nome. Mas, vergonha é dizel-o, foi o legado de um publicista benemerito que cabalmente o custeou, sem auxilio do Estado, sem concorrencia d'outros subscriptores.

A verba do legado, se bem que importantissima como espontanea dadiva de um particular, era exigua para a transcendente expressão do reconhecimento da patria. Circumscripto aos acanhados recursos de que dispunha, o talento do artista, aliás transluzindo em pormenores de concepção e de execução, não teve ensanchas para corresponder á grandeza do objectivo. Nem a ella correspondeu a solemnidade da inauguração, realisada com cautelosa modestia, embora com a assistencia do chefe do Estado.

Pois bem! Agora, o quarto centenario da morte de Albuquerque, que, mais talvez do que outra commemoração historica, tanto, pelo menos, como o terceiro centenario da morte de Camões em 1880, deveria influir na alma nacional a alentadora consciencia da sua grandeza, não logra vencer a cioza parcimonia do Estado, nem a turva apathia do povo. Para cumulo de desdita, recahe essa commemoração n'uma quadra tenebrosa e convulsa, em que a Humanidade se interroga angustiosamente sobre o seu futuro. E o alvoroço fremente dos espiritos fornece ao paiz pretextos para justificar a sua indifferença.

A Academia das Sciencias de Lisboa, que durante a sua dilatada existencia jámais descurou o culto dos fastos nacionaes, cumpre o seu dever patriotico para com a memoria de Albuquerque. Testifica-o a presente collecção de documentos historicos, a qual constitue seguramente a mais importante consagração da sua individualidade e do renome de Portugal. Prova-o ainda a iniciativa para que não passasse despercebido o quarto centenario da morte do heroe, a organisação da commissão encarregada das publicações commemorativas dos dois centenarios, que no corrente anno coincidem.

Se as condições excepcionaes da actualidade não consentem avultada cooperação do Estado para uma solemnisação retumbante, consentanea com a grandeza dos feitos, resgate-se pelo menos parte da divida contrahida, preparando-se sepultura condigna aos ossos de Albuquerque, ha quatro seculos expostos a vicissitudes casuaes e a affrontas propositadas. Reclama-os a capella do cruzeiro dos Jeronimos, fronteira áquella onde repousam Camões e Vasco da Gama. Não existe jazida mais adequada para essas venerandas reliquias. Só ali, no sumptuoso monumento erigido ás glorias maritimas de Portugal, caberia o epitaphio d'aquelle que encheu com o seu nome o Oriente inteiro.

Faça-se a imponente trasladação no dia 16 de dezembro de 1915. Restituam-se os ossos de Albuquerque, provisoriamente, ao sarcophago que durante meio seculo os guardou em Gôa. Colham-se recursos para substituir por um mausoléu grandioso esse modesto tumulo. Assim mostrará Portugal ao mundo que não renuncia á herança dos seus maiores.

A nação, que succumbe ao peso das suas tradições, denuncia-se esmorecida para a caminhada do futuro. Não consentirá o governo da Republica que essa humilhante suspeita paire sobre a patria de Affonso de Albuquerque.

Poeira da Arcada

O leão Marral que, no Jardim Zoologico, representava a sua especie em todos os attributos da selva, passou hontem a conhecer os beneficios da civilisação. Cortaram-lhe as unhas e photographaram-no. Conserva as apparencias leoninas, mas uma grande impotencia para exercer a sua soberania. Espera-se que brevemente se torne pessimista e neurasthenico. Nos seus olhos baços a colera relampaguejará nostalgica, para significar que as jaulas cansam nas feras um profundo abatimento, como nos homens de vasto engenho as cadeias do amor.

* * *

Ha quarenta annos a calçada da Gloria ainda não tinha aquelles vehiculos que depois a fizeram celebre sob o nome de elevadores, os quaes todos nós conhecemos por, dentro d'elles, havermos perdido a noção do tempo e um embrulho de compras. Os cocheiros, os grandes mestres da rédea, mostravam a sua pericia subindo-a por aposta. Jeronymo Collaço teve essa gloria. Seguiu-o José Gordo, um cocheiro do tamanho de Falstaff, que, de chicote em punho, se tornava leve como Mercurio. Em nossos dias já ninguem tenta proezas taes—o que não quer dizer que a arte de subir, entre nós, não haja feito progressos, á custa do Estado.

* * *

Pensa-se em estabelecer uma carreira de vapores entre Vigo e New-York. Os bons transatlanticos vencerão a distancia em quatro dias. Isto quer dizer que o nosso porto tem mais uma ameaça na sua frente.

Não chegará nunca o momento de lhe attribuirem, no trafico do mundo, a importancia que compete?

A occasião é mais que nunca azada.

TRANSFORMAR Á TÔA

OS PANORAMAS CITADINOS

E' preciso evitar, emquanto é tempo, as barbaridades que se estão commettendo

O sr. Augusto Barreiros é um dos artistas portuguezes que mais e melhor conhece a vida no estrangeiro. D'ahi o motivo por que o procurámos para que nos dissesse o que pensava ácerca da esthetica da cidade de Lisboa, das suas transformações materiaes e dos seus habitos e costumes citadinos.

O distincto esculptor, que tão alto mantem os creditos da escola de Leandro Braga, accedendo aos nosso desejo, diz:

—O encanto da cidade de Lisboa está certamente na irregularidade do seu solo, circumstancia que nos permitte disfructar de varios pontos, os lindissimos panoramas que raras cidades offerecem. A Natureza dispoz as coisas de modo tal, que, se não fosse a incuria e, sobretudo, a dos nossos antepassados, Lisboa não teria rival no mundo.

Se aqui houvesse habitantes, com a cultura esthetica, por exemplo, que teem os francezes, não se teriam commettido tantas barbaridades. Quem se apear no «terminus» da linha da Graça e, seguindo pela estrada da Penha de França, parar no começo da rua Heliodoro Salgado, dará conta do grande crime que se commetteu quando foram concedidas as licenças para construir os predios que n'uma especie de zig-zag occupam o lado esquerdo da dita estrada. Essas construcções privam os transeuntes do mais lindo panorama que a cidade nos offerece!

Que soberbas coisas se teriam feito ali se em vez de moradias tivessem ajardinado uma parte da encosta!

Mas admittindo que se não podesse desbaratar terreno e que, portanto, havia necessidade de o reservar á edificação, admitte-se que ali se construisse um bairro operario? Ninguem, medianamente criterioso, defende tal ideia. O local, pela sua privilegiada situação, estava reclamando um bairro de construcções luxuosas, ajardinadas, que constituiriam não só o prazer espiritual dos seus moradores, mas ainda o encanto da população lisboeta que ali fosse disfructar os surprehendentes panoramas.

Pois fez-se ali precisamente o contrario, indo a Santa Casa da Misericordia construir um bairro para classes pobres justamente nos pontos menos accessiveis obrigando a subir ladeiras enormes os que extenuados por um trabalho fatigante procuram o tão almejado descanço!

Não conheço nenhum povo na Europa que mais despreso tenha pela esthetica das suas cidades.

Embora de passagem, é conveniente lembrar o pouco cuidado que merece aos habitantes de Lisboa a conservação do asseio da cidade. Quasi por toda a parte topamos com cascas de laranja, com cabeças de peixe e muitas outras immundicie, que a gente relaxada, de parceria com os amigos dos gatos, deitam na via publica. Todo o cidadão que se preza, a unica maneira por que se desfaz dos papeis, é atirando-os pela janella fóra. Fazem isto até com uma certa satisfação, pois não é muito raro surprehender um d'esses figurões a cantarolar, fazendo n'uma bola o papel de que se quer ver livre, e ferrar com elle sobre a cabeça de quem passa! E depois as cabras e as vaquinhas, os bandos de perús pelo Natal.

E já que estamos com a mão na massa, como é costume dizer-se, não quero deixar de fazer uma referencia ao estado dos pavimentos da cidade. Um verdadeiro encanto! O estado em que se encontram esses pavimentos em quasi todas as ruas é verdadeiramente lastimavel, mas ha algumas que merecem especial menção. Dê-se ao incommodo, de dar passeiosinho pela rua Heliodoro Salgado (vulgo Monte Agudo). O estado em que se encontra essa calçada só a experiencia o pode dizer.

Os nossos pavimentos já teem fama no estrangeiro. Falando com um cidadão francez que viajava comigo, disse-lhe: Vamos entrar em Lisboa, não sei se conhece esta linda cidade.

Sim, respondeu-me. E' muito bonita, mas é uma pena que as ruas não estejam calcetadas!

Calculem a cara com que fiquei!

Mas voltando aos pontos altos da cidade.

Ultimamente foi approvado um projecto para se fazerem umas ruas que ligam a Estrada da Penha de França á rua Heliodoro Salgado. Este projecto representa um grande melhoramento, visto estabelecer meios de communicação muito rapidos e vir dar a esta parte da cidade um certo desenvolvimento. Mas a maneira como o projecto foi feito é verdadeiramente lastimavel. Estas ruas atravessam a antiga quinta do Ferragento, onde está situado um dos mais lindos planaltos de Lisboa, local magnifico para a construcção de um hotel em beneficio do qual se poderia aproveitar a orographia do terreno, fazendo ali um local aprasivel, que muito contribuiria para o desenvolvimento da industria do turismo em Portugal. Pois o referido projecto vae destruir uma das mais lindas situações de Lisboa, visto obrigar a rebaixar o planalto, em certos pontos mais de 14 metros!

Depois d'isto não ha razão para affirmar que se varreu o juizo de todo a quem superintende n'estes assumptos que dizem respeito á esthetica, belleza e aformoseamento da cidade?

PARIS DA GUERRA

O avô é Joffre. Assim o tratam familiarmente os soldados ao longo das trincheiras, assim o alcunharam os paisanos da retaguarda. E, na verdade, essa denominação carinhosa, correspondendo bem á affeição que lhe dedicam, á devoção que lhe consagram e que se exprime a cada passo pelas formas mais diversas, corresponde egualmente á fórma porque Joffre tem demonstrado amar a França, á sua maneira de ser, á sua ponderação, ao seu mutismo bonacheirão, á sua boa cara, aos seus cabellos brancos, á sua bondade. Cada francez vê n'elle mais do que um pae. Dizia Victor Hugo que tem havido paes que não amam os seus filhos e nunca houve um avô que não quizesse bem aos seus netos. A França teve a felicidade de entregar os seus destinos na mão d'aquelle homem na hora mais grave da sua historia e a fortuna ajudou-o, porque assim estava escripto no grande livro dos Fados. Elle tinha que ser o salvador. Elle ha de ser o libertador na hora propria, n'aquella que elle ha de sentir antes de ninguem, como sentiu o momento preciso de lançar a sua ordem de combate, que determinou as batalhas do Marne. Ha uma luz que o guia: essa é o genio da França, é a estrella da Patria. Só a elle foi permittido vêl-a, ella lhe appareceu no momento supremo e só o avô a sabe descortinar no ceu nublado dos tempos que vão correndo.

* * *

Diz-se que a alguem que lhe perguntava ha tempos porque não romoiam os francezes uma offensiva que libertasse de vez o territorio invadido, Joffre respondeu:

—N'este momento seria preciso sacrificar n'um só lance duzentos a trezentos mil homens. Esperemos.

E a outro—esse era um senador que visitava officialmente a frente—que queria por força arrancar qualquer informação ao grande taciturno e lhe dizia: —Então que faz agora, generalissimo?—elle com um sorriso nos seus olhos claros, affirmou simplesmente: —«Pour le moment, je les grignote».

E, na verdade, esta guerra de acções diminutas mas continuadas, que não deixam um momento de socego ao inimigo, que o tem sempre de atalaia em todos os pontos da sua linha, dá bem a ideia de quem esteja com muito bons dentes mordiscando ao de leve o contorno d'uma torrada.

Joffre espera e com elle toda a França espera confiada. Aguarda o generalissimo que as fabricas tenham produzido o numero sufficiente de munições e de canhões para que, debaixo d'uma rajada de fogo irresistivel, os soldados possam expulsar o inimigo do solo patrio sem o formidavel dispendio de vidas que necessitaria um ataque geral á velha moda franceza: com a alma na ponta das baionetas.

* * *

Não ha uma casa de Paris—creio eu—onde não haja um retrato ou uma estatueta de Joffre. As montras estão inundadas da sua figura reproduzida por mil maneiras artisticas. Cousa curiosa: não tenho visto uma unica caricatura do grande homem. Photographias, oleographias, gravuras, aguas-fortes, estatuetas coloridas, medalhões de gesso, todos o reproduzem com veneração. Nenhuma casa de photographias deixa de annunciar a excellencia das suas chapas ou das suas objectivas sem exhibir um instantaneo do generalissimo. No emtanto, a ironia, essa que não poupa ninguem, tem recuado pe-

---

Folhetim d'A CAPITAL — 30-9-1915

FERNANDO BRANCO
Official da armada

A acção dos submarinos na actual conflagração

Está pois provado que emquanto os navios de linha forem como são, serão afundados pelos submarinos (especialmente pelos mais modernos), pelo menos, sempre que cheguem ao seu alcance.

Conforme se viu durante esta operação notabilisaram-se pela frequencia da sua acção e brilhantismo dos seus feitos os submarinos inglezes o que vem tambem confirmar o que a tal respeito se disse na nossa chronica anterior.

Como se vê tambem, o campo de operações principal é o estreito dos Dardanellos e mar de Marmara, onde a sua acção tem sido tão valiosa que—como atraz já dissemos—teem conseguido infundir o panico na cidade de Constantinopla.

Foram os Dardanellos forçados pelos submarinos!

Cumpriram com a sua missão, e se mais não fazem é porque não podem.

Falta destruir as fortalezas inimigas que ainda guarnecem a curva do estreito, para que os navios de linha possam penetrar no Mar de Marmara. Se os navios de linha, não os podem destruir, como hão-de os submarinos fazel-o?

A sua missão vae-se cumprindo, no emtanto, e desde que sejam auxiliados, pelo lado do Mar Negro, pelos submarinos russos, a sua missão completar-se-ha...

Com respeito aos fortes turcos, que sejam as trincheiras tomadas á força de homens de desembarque, e os fortes destruidos á força de canhões terrestres de grosso calibre.

Dissemos no começo da nossa chronica anterior que era natural que mais tarde alguma correcção tivessemos de fazer, pelo facto de que muitas vezes os dados de que nos servimos para registar as operações, á falta de melhores, não são de absoluta confiança, mesmo depois de confirmados officialmente.

Assim succedeu effectivamente com a operação n.° 22, isto é, o ataque ao submersivel italiano «Medusa».

Quando discutimos essa operação e ainda não sabiamos positivamente como os factos se tinham passado tal qual como hoje succede com o «Nereide» — apresentámos tres hypotheses que em nossa opinião se podiam ter dado.

Podemos hoje referir perfeitamente como os factos se passaram, porque o soubemos de boa fonte.

Nenhuma das tres hypotheses por nós apresentada se deu, na realidade, o que, se pode representar desdouro para a nossa anterior argumentação, nada representa para com a acção do submersivel, porque ainda foi mais brilhante a sua morte.

Convem antes de mais nada deixar frisado que quando anteriormente discutimos a operação n.° 9, bastante dissemos com respeito á utilidade do emprego conjuncto das duas armas, o submarino e o aeroplano, e como muitas outras vezes o dissemos em artigos espalhados pela imprensa diaria da capital».

O caso do «Medusa» é mais uma prova do que acabamos de dizer, como se vae ver.

O submersivel navegava em immersão desde bastante tempo, em exploração perto da costa inimiga.

Os hidro-aviões austriacos que cruzavam no espaço perto da mesma costa, tambem em exploração, conseguiram observar o «Medusa» navegando em immersão.

Uma vez conseguida esta parte—a mais difficil—o dependente, é claro, da profundidade a que navega o submarino e da altura a que vôa o avião, o restante seguiu-se com relativa facilidade.

Os aviões correram a avisar os submarinos austriacos da presença do «Medusa» n'aquelle local, e aquelles, vindo ao seu encontro, aguardaram em immersão que o «Medusa» viesse á superficie.

Effectivamente o «Medusa» veiu á superficie, ignorando a presença dos submarinos austriacos, sendo immediatamente torpedeado por elles.

D'aqui se infere o seguinte:

1.°—E' possivel o combate entre submarinos;

2.°—E' de grande valor a combinação tactica das operações em conjuncto com aeroplanos e submarinos;

3.°—Os periscopios dos submarinos devem começar a usar objectivas viradas para cima, para os submarinos poderem conhecer sempre a presença de aeroplanos inimigos e imergirem a uma profundidade maior, talvez mesmo tão grande (se o fundo alli o permittir) que o aeroplano não o possa mais avistar.

Comquanto não faça parte da chronica presente o caso que em seguida descrevemos, não podemos deixar de a elle nos referir, porque alem de curioso e de ser a primeira vez n'esta guerra que o caso se dá, representa a confirmação completa de tudo que immediatamente acima dissemos sobre o assumpto.

No dia 26, ao largo de Ostende, o aviador inglez Bigsworth, sósinho no seu aeroplano, conseguiu, com bombas que d'elle lançou, afundar um submarino allemão. Apezar de estar perfeitamente previsto e de confirmar tudo quanto se tem dito sobre o assumpto, é verdadeiramente digna de menção esta operação, não pelo perigo que ella represente para os submarinos, porque esse perigo é pelo menos por emquanto minimo, mas sim porque é sem discussão um feito muito brilhante da parte do aviador.

E dizemos que o perigo é minimo, porque—e isso mesmo é que torna a operação brilhante—bem se pode comprehender a difficuldade que haverá de uma tão grande altura, n'um aeroplano voando a uma velocidade enorme, com toda a sua vibração, acertar n'um submarino que representa um alvo pequenissimo, movel e protegido com uma couraça de agua.

Não diz o telegramma se o submarino navegava á superficie ou em imersão, o que para nós é bastante differente, parecendo-nos comtudo que elle navegasse á superficie, ou pelo menos em uma immersão muito pequena.

De resto, o feito do aviador é muitissimo valoroso, alem de tudo, por ter sido praticado por elle apenas, sem levar no seu aeroplano outra pessoa, como sempre se usa em taes casos.

D'aqui se deve concluir então que o aeroplano, que muito vantajosamente pode operar em conjuncto com o submarino, representa para elle o seu verdadeiro «inimigo», não muito para temer por emquanto, mas talvez bastante no futuro, razão pela qual os submarinos devem continuar no estudo do desenvolvimento dos meios de defeza contra os ataques d'esse genero, taes como as peças de eclipse anti-aereas, e as objectivas proprias nos periscopios.

Resumindo:

Desde o começo da guerra até 31 de agosto ultimo o total dos navios afundados foi 32, o dos avariados 7 e o dos afundados e avariados 39. Total de toneladas afundadas, approximadamente, 194.787. Total de libras perdidas (somma do custo dos navios) approximado, 14.198.979. Total de vidas perdidas, approximado, 6.830. Nacionalidades dos navios avariados e afundados: allemães, 7, austriacos, 3, francezes, 2, inglezes, 18, italianos, 3, russos, 1, turcos, 5.

FIM

rante aquella figura de soldado e de cidadão.

Profunda e fundamentalmente republicano, elle, no seu boletim de victoria depois da semana immortal, affirmou com enthusiasmo que a Republica se podia orgulhar dos exercitos que preparára. A Republica franceza póde, na verdade, legitimamente envaidecer-se de ter produzido aquelle homem, de ter inspirado as suas virtudes de chefe e de ter conduzido a alma dos seus soldados ao ponto de acceitarem e cumprirem aquella ordem formidavel do general: «E' chegado o momento de vencer ou morrer. Uma tropa que tenha occupado um local deverá permanecer ahi, preferindo a destruição completa ao abandono de um palmo de terreno». Joffre foi obedecido, a França salvou-se. Se elle foi grande, ella soube ser immensa e ambos confiam absolutamente um no outro. O generalissimo sabe que póde contar com todos. Todos sabem que podem contar com elle.

As chaminés das fabricas fumegam noute e dia para forjar o gladio da Victoria. Na hora marcada uma mão firme saberá empunhál-o. Annunciam-se para breve grandes acontecimentos. Sejam elles quaes forem, qualquer que seja a importancia dos resultados obtidos, o paiz de França acceital-os-ha naturalmente, tão confiado está no seu destino e no homem que a elle preside. Ultimamente, quando essa asquerosa verrina, que se chama a politique, quiz lançar a discordia dentro do Parlamento, toda a nação falou pela bocca de Viviani, quando elle teceu o elogio de Joffre e o exito fulminante da eloquencia do chefe do governo não foi buscar a sua força á elegancia da phrase ou á razão dos conceitos. Encontrou-a na alma franceza e por isto foi colossal.

* * *

Contaram-me ha pouco uma historia enternecedora, cuja exactidão verifiquei. Joffre habita com sua mulher uma casa em Passy, uma habitação tranquilla, precedida de um pequeno jardim com grade e portão para uma rua silenciosa. Ahi voltará a viver depois de terminada a guerra, ahi o espera a esposa, a unica, talvez, de todas as mulheres de officiaes do quartel general, que não tornou a ver o seu marido depois do rompimento das hostilidades, pois Joffre não veiu ainda a Paris e, para dar o exemplo, não consentiu que sua mulher o fôsse ver.

Pois, no dia seguinte á grande victoria do anno passado, mãos anonymas penduraram na grade do portão um ramo de flôres. O exemplo foi immediatamente seguido. D'ali a pouco a grade estava toda coberta de flores e, desde então, não se passou um dia que não fossem renovadas. Algumas juncam o passeio e por detraz d'aquella clausura florida, d'aquella parede de gratidão, que lhe véda a vista da rua, uma mulher espera, uma mulher sabe bem que «elle» não voltará senão quando tiver vencido.

Paris, 16 de setembro de 1915.

André Brun.

Indecentissimo...

Os «Echos do Minho», orgão catholico bracarense, a proposito de Ramalho Ortigão chama «impio» e «indecentissimo» a Eça de Queiroz.

Está certo. Piedosos e decentes são os clerigos e os beatos falsos da força d'aquelles que o grande romancista maravilhosamente photographou no «Crime do padre Amaro» e na «Reliquia...»

Batalhão de voluntarios academicos

A iniciativa tomada pelo Centro Republicano Academico da formação de um batalhão voluntario academico que vá, nos campos de batalha, honrar o nome portuguez foi bem recebida pela mocidade sempre prompta a derramar o sangue pelas causas justas.

A direcção do Centro, na sua reunião de hontem, deliberou solicitar uma audiencia do sr. ministro da guerra para tratar de tal assumpto, sendo approvado organisar se como base d'esse batalhão um grupo de atiradores que irá instruir-se na carreira do tiro em Pedrouços. A inscripção está aberta na séde do Centro, largo do Intendente, 45, 1.º

"A Justiça"

Em Setubal iniciou a sua publicação um semanario republicano democratico assim intitulado e de que é director o sr. Silverio Junior.

Ao novo collega appetecemos longa vida.

PORTUGAL DESCONHECIDO

A RELIGIÃO DE BARROSO

Era domingo e o guia quiz ouvir a sua missa, como bom catholico. Essa pequena circumstancia permittiu-nos fazer uma idéa do que é o culto catholico em Barroso e vale a pena talvez falar d'isso, se dão licença aquelles livres-pensadores que todos nós temos conhecido envergando as opas do santissimo do Mafra, assoprando os incensarios da Patriarchal ou cantando pela encosta do Sameiro o hymno á Immaculada.

A egreja está sempre no melhor sitio. D'entre as casas, cujos colmos teem reflexos fulvos de pelles de animaes selvagens e cujas paredes parecem os abrigos d'uma caverna dos contemporaneos do periodo terciario, a egreja, com o seu pretencioso telhado de telha vã e a sua gentil torrela em que se abre a bocca amiga e sonora do sino e d'onde uma cruz deixa cahir a sua benção,—a egreja escortina-se sempre da ultima volta do caminho, como um sorriso branco ou como um convidativo acenar de lenço. A casa de Deus não tem porticos, nem naves, nem azulejos, nem talhas, e nas sachristias nem ha thesouros nem paramentos ricos. Mas, ao menos, que o Todo Poderoso, lá do céo, não diga que aquella gente nem o cuidado teve de carregar de Chaves alguns milheiros de telha e uma pipa de cal. Não ha uma archivolta, um nicho, uma lanterna de prata, um manipulo de seda, uma folha d'acanto que o cinzel ou a escoda hajam recortado. Mas que importa? Que mais quererá Deus? A egreja tem a cal, que ninguem mais possue, e tem a telha, que só a Deus é dada.

Em volta da egreja, no pequeno adro, algumas lamagueiras enristam os seus ramos aggressivos. Os cachos vermelhos destacam-se do verde-negro das folhas como pingos de sangue. E' a arvore ornamental barrozã. Encontra-se á volta das egrejas e dos cemiterios, estendendo para o alto os seus braços supplices; encontra-se junto das eiras, offerecendo á gula da passarada as suas florescencias vermelhas; e uma ou outra vez lá se encontra n'um cruzamento de caminhos, n'um alto, á entrada das povoações, como um ponto de referencia para o caminhante.

Antes da missa, o parocho, de sobrepeliz, dá a volta á egreja, com a custodia. E' a procissão. Os canticos elevam-se nos ares como boleres d'azas; as mãos postas parecem fazer parte dos proprios peitos.

Logo começa a missa. As mulheres, com os rostos emoldurados nas capuchas, teem um certo aspecto de freiras. Os homens, apertados junto da teia do altar-mór, com as gorras debaixo dos braços ou os chapeus enfeitados de penas de pavão depostos no pêto do orago, espreguiçam-se familiarmente. Ao crédo um grande rumor enche a pequena egreja. Os homens levantam-se, tossem, espreitam as raparigas, raspam os sócos sobre as campas dos antepassados. Alguns olhos encontram-se e brilham na penumbra propicia com mais fulgor do que as velinhas dos altares. Ao Evangelho, o parocho avisa o povo de alguma rez perdida, do conteudo de algum edital, lê as proclamas de algum casamento, faz a sua praticasinha contra a impiedade dos republicanos.

A hostia ergue-se nas mãos alvas do parocho como uma pequena lua de marfim. Os peitos curvam-se. Passa um sopro de contricção. O calice sóbe, levemente inclinado, refulgindo contra o fundo escuro do altar. O sachristão pega das galhetas, e os beiços esbarbados dos homens distendem-se em longos bocejos. Por fim, o parocho volta-se, desenha uma cruz, ajoelha e emquanto atropela as trez avé-marias e o murmurio das rezas esvoaça sobre as cabeças como uma arcada leve, de violinos, as boccas riam. Já cá fóra, no adro, os moços dilatam orgulhosamente os troncos, mettendo os pollegares nas cavas dos colletes de carapinha ou de pelle de lebre. Algumas velhas ficam-se á porta, falando das vidas alheias, e o regedor convoca o «conto» ou «chamado». Apparece um visinho a queixar-se que a «fazenda» (gado) de outro lhe comeu umas perneiras de milho e pede á assembleia que applique a respectiva multa. O accusado defende-se, nega, brama, blasphema. Formam-se partidos, a discussão accende-se. O regedor apresenta uma proposta conciliatoria. D'esta vez não se applicará a multa; mas o culpado que não alarde da acção e que não repita o feito, ficando elle regedor, no caso de nova queixa, auctorisado a applicar logo a multa. Approva-se a proposta, desfaz-se o adjunto e cada qual vae para a sua cabana comer a sopa de leite desnatado.

O parocho desparamentou-se á pressa, metteu a sobrepeliz e o manipulo n'um pequeno sacco, engoliu duas trutas, folheou nervosamente um sermonario, e assim preparado em carne e em espirito montou na egua e foi prégar a uma freguezia visinha sobre os milagres do seu padroeiro.

Esta é a vida religiosa de todos os domingos. Mas, ao menos uma vez no anno, ha a festa da aldeia. Chama-se o galteiro, arma-se um andor, compram-se na villa os foguetes e as rodinhas de fogo, e todo o dia e toda a noite a mocidade, com os seus harmonios e os seus ferrinhos, enche a aldeia de alegria e de tumulto. Como me dizia um velhote, os corações saltam para as palmas das mãos e as pernas fazem-se azas. Canta-se no desafio. A's vezes, no calor da improvisação, o cantador joga a sua piada a uma moça que o repelliu ou a um rival feliz, e então os lodãos cantam alto, o sangue espirra das cabeças, e não raras vezes a fouce ou a espingarda fazem o seu apparecimento, ficando no terreiro algum dos da mocidade, a empastar com o seu sangue a poeira e a abrir para o céo os olhos parados.

Toda a aldeia tem a sua festa de anno. Ha, porém, terras desgraçadas, perdidas entre os fraguedos, nas quaes apenas uma duzia de visinhos vegeta e não é possivel arranjar dinheiro para armar um andor, comprar as rodas de fogo ou pagar ao prégador. Em taes casos, o mordomo pega no santo ao colo, e abre a procissão; atraz vão os visinhos, com as suas caras compostas e as suas opas emprestadas; e no couce guisalha e espinoteia o cortejo das vaccas, com ramos de carvalho presos das hastes, prestando tambem a sua homenagem á divindade.

De quando em quando, a festa redunda em enorme tragedia. A lagrima d'um foguete cahe sobre um colmado. Levanta-se um pé de vento. Uma chama lambe, como uma grande lingua, a primeira casa. O sino toca a rebate. Uma fogueira immensa se ergue logo até ao céo. E' a aldeia que arde em meia hora. As outras povoações acodem, mas quando chegam apenas veem as paredes denegridas e apenas ouvem as mulheres gritando a sua afflição, emquanto os homens consultam angustiosamente o horisonte.

Entregues á sua sorte, sem o soccorro mutuo e sem o soccorro do Estado, o pobre barrozão vira-se para Deus.

Antonio Granjo

Leiam-se os artigos publicados nos dias 22, 26, 27, 30 e 31 d'agosto, 1, 7, 10, 17, 21, 22 e 26 de setembro...

O CORREIO NAS TRINCHEIRAS

Como escrevem os soldados francezes...

A eloquencia do sentimento através a chuva da metralha

Toda a delicadeza, toda a vibratilidade da alma franceza se documentam dia a dia n'essas cartas repassadas de infinita ternura e saudade, mas sempre animadas por uma grande coragem e fé patriotica que os soldados francezes escrevem das trincheiras, sob a chuva impenitente da metralha, para os entes que lhes são queridos. E será feita um dia a historia das terriveis batalhas que estão encharcando a Europa de sangue, será, emfim, feita completa luz sobre os segredos das chancellarias dos paizes em guerra, mas o que certamente nunca se conseguirá é tornar conhecido todo o interessantissimo tumultuar de sentimentos affectivos e bons, cheios de doçura e de bondade, que se abrigam nas almas dos milhões de homens que se estão batendo como leões... O correio das trincheiras é um pouco a revelação d'esse cerrado misterio. Mas quanto drama intimo fica por conhecer, guardado religiosamente pela discreção das pessoas a quem é dirigida a correspondencia! Valha-nos, porém, a indiscripção, aliás delicadamente intencionada, de outros, porque a uma d'essas devemos os curiosos fragmentos que se vão ler, extrahidos da carta de um soldado francez a um parente muito proximo:

«...Esperamos com fervorosa impaciencia a chegada do correio que deve trazer-nos noticias d'aquelles que amamos. Mas que decepção quando voltamos com as mãos vazias! A esse respeito não tenho de me lamentar, porque sou um dos privilegiados. Durante dez dias repousámos um pouco fóra das trincheiras. Era o primeiro descanço que conseguiamos depois de terminada a batalha. Admirámo-nos de ver que existiam ainda civis, casas inteiras, estradas que não estavam esburacadas, porque estavamos habituados a vêr sómente montes de pedras representando vagamente a construcção das casas que acompanham a linda aldeiasinha cujas ruinas nós defendiamos. A egreja não foi poupada; pelo contrario, foi um dos primeiros edificios a ser demolido, servindo o sino de alvo á artilharia allemã.

«Mas esta aldeia —asseguro-lhe— custou muitos homens aos allemães. Certamente que muitos dos meus camaradas succumbiram, egualmente n'estes horriveis combates e nós deploramos profundamente a sua morte, embora comprehendamos que os allemães fizeram o seu dever, como nós fizemos o nosso.

«Tudo isso, no emtanto, não impede o nosso bom humor, porque todas as noites ha concerto nas trincheiras, sendo os allemães convidados. E' preciso que eu me explique. Quando os soldados francezes entoam uma canção, todas as espingardas se calam e é sómente quando o cantador pára que se ouvem os applausos vindos das trincheiras boches... E' a vez, então, de elles se fazerem ouvir o que fazem de resto com complacencia. Eis o meio em que tenho vivido depois da infeliz chegada.

«Tenho receio de abusar da sua paciencia, alongando-me tanto sobre coisas da guerra, mas não me pude subtrahir ao desejo de lhe descrever um pouco a minha encantadora permanencia n'estes logares que eu não posso nomear, como sabe, por nos ser prohibido.

Sei as suas excellentes impressões sobre esse encantador paiz que é Portugal e que não conheço, mas do qual tenho sufficientemente ouvido falar para saber que é interessante e hospitaleiro...

....

«Espero os acontecimentos como todos os meus camaradas. Ser-nos-ha permittido voltar a ver aquelles que amamos? Espero-o.»

Mezes depois o mesmo corajoso soldado que se está batendo pela França, escrevia o seguinte:

... «Escrevo-lhe das trincheiras. O nosso descanço está terminado, pelo menos durante algum tempo. D'aqui a alguns dias ver-se-ha como os francezes se portam e ver-se-ha ainda de que maneira os pequenos nauvos se teem portado no sitio em que os vamos encontrar.

Talvez d'esta vez cheguemos a um resultado. Eu gostaria bem que houvesse um combate decisivo, em vez de se estar eternisando esta maldita guerra. Tanto peor se lá ficasse... era o destino e tinha feito o meu dever.

Obrigado pelas palavras de consolação que esforça por me dar. Certamente que tenho necessidade d'ellas. Mas não julgue que me devem ser dirigidas só a mim, dirijam-nas principalmente áquelles que lá ficaram e que me amam tanto. Penso muitas vezes n'elles e é essa a causa do meu aborrecimento aliás passageiro. Escrevem-me muitas vezes e tratam de me incutir animo, mas apresso-me a dizer-lhe que estou cheio d'elle. Perdoe-me de a deixar assim tão depressa, mas os boches enviam-nos algumas coisas para nos divertir-mos; tendo demolido mesmo já um trecho da trincheira, e é necessario que eu e os meus homens vamos procurando onde nos abrigar...»

ULTIMAS NOTICIAS

A grande guerra

As operações inglezas contra os turcos na Mesopotamia

LONDRES, 30.—O commandante das forças britannicas na Mesopotamia telegraphou o seguinte em data de hontem.

As operações da 6.ª divisão em toda a linha do Tigre foram coroadas de successo na terça feira. A posição inimiga está a 7 milhas a leste de Kut; é uma posição comprida a cavalleiro do rio Tigre, em ambas as margens, e estende-se desde a margem esquerda n'uma extensão de 6 milhas. Uma columna destacada da divisão, composta de duas brigadas, depois de uma demonstração na segunda feira, atravessou da margem direita para a esquerda e chegou por meio de uma marcha forçada nocturna ao flanco esquerdo inimigo, ao norte da extremidade que foi tomada por um intrepido ataque ás 10 horas da manhã. Depois de muita resistencia esta posição foi tomada ás 2 horas da tarde. Ao anoitecer a força marchou sobre o oeste da posição que está fortemente guarnecida e defendida por obstaculos de arame. O inimigo havia estado cercado durante todo o dia por uma outra brigada. Os automoveis blindados e a cavallaria que guardavam os flancos atacaram a cavallaria turca. As tropas bivacaram nas suas posições todo o dia. As perdas turcas em mortos foram grandissimas. As trincheiras que elles haviam defendido com grande tenacidade estavam cheias de cadaveres. Foram-lhes tomadas algumas peças, muitas espingardas e grande quantidade de munições. Fizemos tambem varias centenas de prisioneiros. As nossas perdas são inferiores a 500.

A posição inimiga em frente de Kut-el-Amara foi tomada com muitos prisioneiros e peças; o inimigo em plena fuga em direcção a Bagdad está sendo perseguido pelas nossas forças. Seguirão pormenores. — (*Informação official recebida na legação britannica*).

Os russos repellem violentos ataques

PETROGRADO, 30. — Official. Na região a noroeste de Friedrichstadt repellimos varios ataques. Na região de Dwinsk houve canhoneio ininterrupto, sendo repellidos os ataques do inimigo. Ao norte de Kravo e a sueste de Oschmiany o inimigo atacou as nossas posições, tendo nós recuado um pouco. Ao sul de Pripinl, o inimigo conseguiu fazer-nos recuar para a margem direita do Slir. Na villa de Novo-Alexovicia repellimos violentos ataques. A oeste de Tarnopol em seguida a um combate encarniçado tomámos algumas trincheiras. —(Havas).

O movimento na fronteira franco-suissa

PARIS, 29.—A pedido da auctoridade militar da fronteira franco-suissa, está fechado temporariamente o trafego de viajantes para a Suissa. Foi tambem suspensa por algum tempo a remessa de cartas, telegrammas, encommendas postaes, incluindo mesmo as destinadas aos prisioneiros de guerra. Os telegrammas destinados a outros paizes estrangeiros tambem poderão ser sujeitos a demora que não irá além de 48 horas.—(Havas).

O 5 de Outubro

Uma petição dos presos do Limoeiro

Em nome de 1:200 presos da cadeia do Limoeiro, dirige-nos um d'elles, o preso Mario Saldanha de Carvalho, um extenso memorial endereçado ao sr. dr. Bernardino Machado, no qual se appella para os sentimentos de bondade do illustre cidadão que vae assumir a presidencia da Republica, pedindo-lhe que commemore esse acto com um largo gesto, indultando, se não todos, pelo menos a maior parte dos que expiam n'aquella prisão delictos commettidos n'um momento de loucura. Tanto mais, diz o memorial que estamos extractando, que ha ali 400 presos postos á disposição do governo, muitos dos quaes são victimas de perseguições politicas ou policiaes, e que tomaram parte na revolução de 5 de outubro, ajudando assim a implantar a Republica.

Aos que não podessem ser indultados, poderia o novo presidente da Republica commutar as penas, fazendo assim que no glorioso dia em que as acclamações d'um povo inteiro vão festejar facto tão notavel a essas acclamações se juntassem as das familias dos presos.

Sessão commemorativa no theatro da Trindade

A junta regional do sul da Federação da propaganda republicana e anti-clerical realisa no theatro da Trindade no proximo dia 5, ás 10 horas e meia, uma sessão commemorativa do 5.º anniversario da proclamação da Republica.

A sessão será abrilhantada pela banda de infanteria 1, orpheon da Tutoria da Infancia, e pelos côros das Educandas do Asilo de Santa Catharina, que gentilmente se prestam a collaborar n'este acto altamente memoravel. Será recitada por um dos nossos mais distinctos actores uma poesia allegorica, devendo tambem fazer uso da palavra alguns dos vultos mais em evidencia no antigo e historico Partido Republicano Portuguez. Assistem ao acto os srs. dr. Bernardino Machado e dr. Theophilo Braga, governo, camara municipal, Directorio, governador civil, commandante de divisão, etc. Os bilhetes continuam a ser distribuidos na chapelaria A. Guerra, travessa de S. Domingos 42, para onde tambem deve ser enviada toda a correspondencia relativa ao assumpto.

A casa da sessão começar ás 10 1/2 da manhã é para que todos possam assistir á posse do novo presidente da Republica, sendo validos os bilhetes marcados para ás 14 horas.

As touradas no Campo Pequeno

A segunda corrida, que se realisa na noite de 6 de outubro, ás 21 horas, é genuinamente á antiga portugueza com o rigor dos antigos torneios, sendo lidados touros dos lavradores Robertos, que capricham em mandar um curro magnifico, demais sabendo-se que na do dia 3 parte do gado foi adquirido na ganaderia Perez de la Concha, de Sevilha.

O emprezario sr. J. Segurado parte amanhã para Salvaterra com um grupo aficionados, a fim de escolher os touros dos Robertos, seguindo depois para Coruche com o fim de apartar o restante gado para a primeira corrida, na qual tomam parte os espadas Gallito e Limeño, com picadores e bandarilheiros.

Bodo aos pobres

Commemorando o restabelecimento do sr. dr. Affonso Costa, o Centro Rodrigues de Freitas, a junta de parochia de Santo André e a commissão politica da mesma freguezia distribuem no dia 5 de outubro um bodo aos pobres.

A excursão do Porto

PORTO, 30.—A excursão que se projectava realisar a Lisboa por occasião das festas commemorativas do anniversario da Republica não pode effectuar-se por a companhia dos caminhos de ferro não fornecer comboio especial.

A questão das subsistencias

A existencia d'ovos no mercado

A associação de classe dos vendedores de viveres a retalho pede-nos a publicação da seguinte carta:

A Associação dos Vendedores de Viveres a Retalho lastima que ao publico se venham dando noticias de caracter officioso, apregoando a existencia de muitos ovos na capital e demonstrando que alguns commerciantes os sonegam para ardilosamente os venderem mais caros ao publico.

Tal asserção carece de fundamento e parece tendenciosa a dispôr mal o publico para com o retalhista.

Para elucidação do publico e de quem superintende ao que respeita a subsistencias, a esta Associação cumpre informar que o commercio de retalho não vende ovos por não encontrar no mercado onde os possa comprar.—O presidente da Associação, *Antonio Marques Nogueira*.

Abastecimento de peixe

Os mercados de peixe foram hoje fornecidos regularmente. De Cascaes vieram 103 cabazes de carapau, e de Cezimbra 426.

Por desrespeitarem os preços da tabella foram multadas as peixeiras: Maria da Conceição, rua do Conselheiro Arantes Pedroso, 6, 4.º; Dulce da Conceição, rua da Cruz, 17, loja; Emilia dos Santos, rua do Guarda-mór, 13, 1.º; José Augusto de Aguiar, rua Direita de Marvilla, 114; Ernestina Ruela, villa Aspera, 6, loja, e Maria José, travessa do Marquez de Sampaio, 9, 2.º

A nova commissão de subsistencias nomeada pelo ultimo decreto, reuniu esta tarde n'um dos gabinetes do governo civil. Apreciou a ultima tabella de preços ainda em vigor, estudando varios assumptos que se prendem com a questão das subsistencias.

A commissão resolveu elaborar por estes dias uma nova tabella de preços.

O presidente eleito

A sessão de homenagem no theatro de S. Carlos

A sessão que no proximo domingo, pelas 15 horas, se realisa em homenagem ao sr. dr. Bernardino Machado deve ser brilhante. Além de outros, farão uso da palavra os srs. drs. Alexandre Braga, Antonio Macieira, Alvaro de Castro, Levy Marques da Costa, Vieira da Rocha, Felix Horta, Julio Martins, Fernandes Costa, Celestino d'Almeida, Eurico de Seabra, Costa Junior, Magalhães Lima e Almeida Lima.

Do governo falarão os srs. drs. José de Castro, que presidirá á sessão, e Catanho de Menezes.

A' sessão assistem os srs. presidente da Republica, governo, representantes do Congresso, general da 1.ª divisão, commandante da guarda nacional republicana, governador civil, camara municipal, representantes do exercito e da armada, etc. e será abrilhantada pela banda da guarda republicana e o orpheon da Tutoria da Infancia, sendo recitada uma poesia do Mayor Garção.

A academia tambem toma parte n'esta festa de confraternisação republicana assistindo em grande numero. A distribuição dos bilhetes é feita hoje e dias seguintes, das 17 ás 19 e das 20 ás 23 horas, na rua Augusta, 141, 2.º, D., para onde deve ser enviada toda a correspondencia.

O banquete na Avenida Palace

E' amanhã, pelas 19 horas e meia, que, como temos dito, se realisa no Avenida Palace o banquete offerecido pela União da Agricultura, Commercio e Industria ao seu presidente honorario, o sr. dr. Bernardino Machado. A inscripção foi numerosissima, fazendo-se representar muitas collectividades industriaes e commerciaes da provincia.

A' festa, que promette decorrer brilhantemente, assistem os srs. ministro do fomento, especialmente convidado pela directoria da União, director geral do commercio e industria e director geral dos negocios commerciaes e consulares.

Durante o banquete tocará um sextetto.

Expedições á Africa

O regresso do sr. general Pereira d'Eça e do batalhão de marinha

A bordo do *Ambaca* embarcou hontem, em Mossamedes, de regresso á metropole o general sr. Pereira d'Eça, que, como dissemos, é substituido provisoriamente no logar de governador geral da provincia de Angola pelo ex-governador da Lunda sr. Ultra Machado, o qual já partiu de Málange para Loanda.

A exercer o commando das forças em operações no sul de Angola fica o coronel sr. Verissimo de Sousa, que d'aqui foi com o general Pereira d'Eça.

O batalhão de marinha expedicionario embarcou hoje no *Zaire*. Segundo telegramma do seu commandante, 1.º tenente sr. Cerqueira, hoje recebido no ministerio da marinha, veem todos bons, encontrando-se os feridos em estado satisfatorio.

Tambem a Sociedade da Cruz Vermelha recebeu telegramma participando-lhe que a bordo do *Zaire* regressa a Lisboa o pessoal da sua ambulancia que estava destacado em Angola e que vem acompanhar os doentes e os feridos.

NOTA POLITICA

A saude do sr. dr. Affonso Costa

O sr. deputado Urbano Rodrigues conta-nos, a tal proposito, interessantes e opportunos pormenores

Temos defendido, e continuamos defendendo, a necessidade do sr. dr. Affonso Costa organisar governo, certos de que traduzimos as aspirações da grande maioria da opinião republicana do paiz. E só uma razão, uma só, nos podia demover do proposito em que insistimos:—a do sr. dr. Affonso Costa não se encontrar inteiramente restabelecido e precisar ainda d'um largo periodo de repouso para completar a sua convalescença. Se assim fosse, facilmente comprehenderiamos que o que os interesses da Republica aconselhavam era que aquelle periodo passasse, a fim de que o illustre «leader» do partido democratico pudesse ingressar novamente na politica com a mesma antiga energia, com as mesmas poderosas faculdades de resistencia e de trabalho.

Mas o sr. dr. Affonso Costa não se encontra, de facto, restabelecido? A sua organisação privilegiada não triumphou, por completo, do desastre que o teve ás portas da morte? Quem vae responder a estas perguntas é o sr. deputado Urbano Rodrigues, que ainda ha poucos dias regressou de Manteigas e que tem acompanhado sempre com a maior das dedicações aquelle illustre homem publico, seguindo de perto todas as phases da sua doença. E o sr. Urbano Rodrigues diz-nos:

—O estado de saude do sr. dr. Affonso Costa avalia-se com exactidão pela vida que elle faz. Trabalha mais do que quando está em Lisboa absorvido pelas preoccupações da advocacia. Todos os dias recebe dezenas e dezenas de cartas e telegrammas. Por via de regra, é elle proprio que responde, inteirando-se cuidadosamente de todos os assumptos para os quaes a sua attenção é sollicitada. Amigos pessoaes e politicos procuram-no com insistencia. A todos recebe, sem que o seu organismo em coisa alguma se resinta d'essa fatigante tarefa. Muitas vezes estão á porta da sua residencia 5 e 6 automoveis, que conduziram pessoas que foram simplesmente visital-o ou expôr-lhe assumptos de caracter politico. Lembro-me que um dia, após ter recebido umas 10 commissões de correligionarios, foi prevenido da chegada do sr. ministro das finanças. Recebeu-o immediatamente, com o maior interesse, demorando essa conferencia cerca de 3 horas. No fim, alguem lhe perguntou se não se sentia fatigado. Respondeu, sorrindo:—Só me fatigam as visitas que tratam assumptos de interesse pessoal; quando se trata de estudar os interesses do Estado, nunca me fatigo.

—Mas diz-se por ahi, como sabe, que o sr. dr. Affonso Costa não deseja agora organisar governo, dando-se precisamente como razão a sua falta de saude.

—Eu sei, e isso só demonstra a intensidade dos affectos que o cercam. Ha correligionarios que julgam, sinceramente, não ter terminado ainda o seu periodo de convalescença, receando que lhe seja prejudicial a sua entrada no governo. Mas não é assim. E' verdade que o sr. dr. Affonso Costa teve este anno um trabalho extenuante, derivado quer da advocacia, quer das preoccupações politicas, principalmente do combate á dictadura, em que a sua energia se revelou d'um modo assombroso, até em particularidades que o publico desconhece. Mas a sua organisação excepcional submetteu-se victoriosamente a todas essas provas, e, a meu vêr, a razão por que o sr. dr. Affonso Costa não desejaria agora organisar gabinete consiste apenas n'uma interpretação rigorosa das disposições constitucionaes, ou antes, do principio parlamentar que é a base da Republica. Assim, devia esperar-se que o Congresso reunisse a 2 de dezembro para se obter uma indicação precisa quanto á permanencia ou substituição do actual gabinete. E' preciso ainda não esquecer que o Congresso votou duas auctorisações a este governo para fins determinados: o afastamento de funccionarios publicos hostis ao regimen e a reforma da policia. Por minha parte, estou convencido de que o sr. dr. José de Castro, um patriota e um homem publico que não foge ás suas responsabilidades, será o primeiro a desejar expôr ao Congresso o uso que o governo da sua presidencia fez d'essas auctorisações.

—Mas se o Congresso fôr convocado ainda no mez d'outubro?

—N'esse caso, e desde que da sua reunião saia expresso o desejo do sr. dr. Affonso Costa ser chamado ao poder, estou convencido de que s. ex.ª acceita immediatamente o encargo, tanto mais que a sua vida é de sacrificios e de dedicações pela Republica. Precisará apenas inteirar-se, em detalhe, de todas as questões que n'este momento interessam o paiz, a fim de preparar as medidas que a sua intelligencia e largo conhecimento dos negocios publicos julgarem uteis e necessarias. Dizendo-lhe isto, creio dizer-lhe o bastante para demonstrar que a saude do sr. dr. Affonso Costa, felizmente para a Republica, não inspira o menor cuidado aos seus amigos.

ECHOS & NOTICIAS

INFORMAÇÕES—COMMUNICADOS

«AO LEME»

A commissão de esthetica municipal visitou hontem, no jardim do caes da Parteria, a estatua «Ao leme», adquirida pela Camara na exposição da Sociedade Nacional de Bellas Artes com destino a um dos parques da cidade. O magnifico trabalho de Francisco dos Santos, que foi elevado ao dobro das proporções da «maquette» que figurou no certamen do salão dos artistas, mereceu da parte da commissão uma approvação unanime. A vigorosa figura do maritimo, segurando a cana do leme, está voltada para o rio. Poisa sobre um forte pedestal de linhas sobrias, elegantes, em cuja face, talhada na pedra, se lê a inscripção «Ao leme». O soco mede dois metros de largura, por 1,60 de altura, surgindo no centro d'um canteiro de verdura. Em volta, procede-se á transformação do desenho do jardim, de forma a facilitar a contemplação da estatua e a estabelecer um recinto de reunião de creanças.

A Camara resolveu fazer a inauguração da estatua «Ao leme» no dia 10 do proximo mez.

DUAS FESTAS ENCANTADORAS

Na Praia das Maçãs, o anniversario de duas gentis creanças, o menino *Alfredo* Braga Junior e a menina Maria Ema Alagôa, motivou duas encantadoras festas, organisadas pelos paes dos pequenitos, os activos e intelligentes industriaes Arthur Alagoa e Alfredo Braga e a qual assistiram muitos amiguinhos dos festejados, familias e convidados. A festa motivou lindos discursos do dr. Magalhães Lima. Houve baile, coros de modinhas populares e recitativos pelo menino Braga, que disse primorosamente um monologo terrorista «O Furibundo», com gesto, com pose, com graça, pouco vulgares n'uma creança de seis annos e que prova a cuidadosa e carinhosa paciencia da sua mãe D. Apresentação Braga, a quem os assistentes, pela palavra fluente do dr. Magalhães Lima, prestaram uma homenagem de felicitações e applausos.

NOTAS MUNDANAS

Partiu para Caldellas a sr.ª D. Anna de Brito Carvalho.

—Segue dentro de poucos dias para o Alemtejo a sr.ª D. Anna de Castro Osorio.

—E' esperado em Lisboa, de regresso de Estremoz, o illustre poeta Luiz Osorio.

—Encontram-se já em Lisboa, de regresso do norte, os srs. condes de Villa Alva.

—Regressa por estes dias da sua casa na Feitoria a illustre poetisa sr.ª D. Branca de Gonta Collaço.

—Regressou do Gerez a sr.ª D. Palmira Villaverde Teixeira Bastos.

—Tem passado incommodada de saude a sr.ª D. Bertha Esther da Guerra Quaresma.

—Regressou hoje no rapido, vindo de Coimbra, acompanhado de sua familia, o sr. dr. Levy Marques da Costa, presidente da commissão executiva do municipio e deputado por Lisboa.

—Da sua viagem ao norte, regressou tambem á capital o sr. Joaquim Rodrigues Simões, vogal do senado municipal.

CHABY NA AMADORA

A Amadora tem o seu theatrinho, em cujo palco já se apresentaram as maiores notabilidades da arte, musicos, poetas e actores. E' um theatro, que pela frequencia que tem serve para consagrar e homenagear artistas. A'manhã cabe a vez ao nosso grande actor Chaby Pinheiro, que com a sua «troupe» ali desempenhará a linda comedia «O genro do sr. Poirier». O caso é que a visita de Chaby tem revolucionado a irrequieta localidade. O notavel artista resolveu ainda e porque se trata da Amadora dizer o «Velho mineiro alsaciano».

PORTUGAL NO ESTRANGEIRO

A Sociedade promotora dos progressos da sciencia em Hespanha realisa este anno o seu congresso em Valladolid, em meados do proximo mez. A fim de tomar parte nos trabalhos d'essa reunião parte na semana que entra para aquella cidade o sr. dr. Costa Lobo, lente da Universidade de Coimbra, que a convite d'essa importante aggremiação fará uma conferencia ácerca das temperaturas na qual apresentará conclusões de grande interesse e novidade scientificas.

LUTUOSA

Falleceram: em Anelião, o sr. Manuel José de Medeiros, pae do sr. José Augusto de Medeiros, presidente da commissão executiva da camara municipal; em Santo Antonio dos Olivaes, Coimbra, o sr. Manuel Maria Gonçalves.

NOTAS DIVERSAS

Por Angola foi eleito por grande maioria o sr. Lisboa de Lima.

Os bancos e casas bancarias sollicitaram do sr. ministro da justiça que fosse publicada uma portaria dispensando o protesto de letras na proxima segunda-feira, visto esse dia estar intercalado entre um domingo e o feriado do anniversario da implantação da Republica.

—Regressa amanhã de Braga, no rapido da tarde, o sr. ministro do fomento. Para Vizella, no rapido da tarde, partiu o sr. ministro dos estrangeiros, que vae buscar sua esposa, regressando na segunda feira.

O conselho de ministros reuniu pelas 18 horas no ministerio da marinha.

—Foi feito convite aos officiaes, sargentos, cabos e praças de marinha que queiram prestar serviço de instructores da Sociedade de Instrucção Militar Preparatoria, cujos trabalhos se iniciam no dia 10 d'outubro.

—Conferenciou hoje com o sr. governador civil o presidente da camara municipal de Almada.

O Porto n'"A Capital"

Serviço telegraphico e telephonico

18,15

A compra do Palacio de Cristal

A commissão nomeada pela camara municipal para estudar as bases da acquisição do Palacio de Crystal apresentou hoje os seus trabalhos. Segundo o seu parecer, a camara poderá tomar a seu cargo a liquidação directa de todo o passivo do Palacio, adquirindo e recebendo todas as acções da sociedade a 10$ cada uma. A proposta ficou para ulterior exame.

A casa onde nasceu Almeida Garrett

Em sessão da camara, o dr. Santos Silva propoz a acquisição da casa onde nasceu Almeida Garrett, sendo destinado parte do edificio a um museu de pedagogia e outra parte a um museu garrettiano.

Ramalho Ortigão

A camara approvou hoje um voto de sentimento pela morte do grande escriptor.

PARTE COMMERCIAL

Situação da praça

CAMBIOS.—O mercado fechou ás seguintes cotações:

	Compra	Venda
Londres, cheque . . .	35 1/16	34 15/16
Londres, 90 d/v. . .	35 1/2	—
Paris, cheque . . .	875,2	873,8
Allemanha, cheque .	$89,5	$89,5
Hollanda, cheque . .	2$6,1	$00
Madrid, cheque . . .	1$87,5	1$88,1
New York	1$41	1$43
Rio s/Londres. . .	12	—
Libras.	7$801	7$812
Agio do ouro. . . .	52 %	56 %

BOLSA — As inscripções effectuaram-se:

	Assent.	Coup.
Titulos de 1.000$	40,00	39,70
» » 500$	39,90	39,85
» » 100$	39,90	40,00

Externas: 1.ª serie, 71$, tit. 5 e 73$30 tit. 1; 3.ª serie 74$80 tit. 5.

Acções: Banco Commercial de Lisboa, 154$; Assucar, 41$50.

Obrigações: Companhia Nacional dos Caminhos de Ferro, 1.ª serie, 77$50; Caminhos de Ferro da Benguella, tit. 5, 76$00.

SPORT

Noticias

ENTRE NOS

Distribuição de premios, com festa em honra dos premiados

No sabbado, volta a estar em festa o «rink» dos Recreios Desportivos da Amadora. Realisa-se, em sessão solemne, a distribuição de premios aos vencedores do torneio de «tennis» ganho por Antonio Casanova em «singles» e Casanova e D. Eugenio de Noronha em «men's double» e do torneio de «sports» athleticos e de «gymkhana», ultimamente realisados. A sessão solemne será seguida d'um baile:

Recebem premios, os srs.:

Saltos em altura: 1.º premio, Luiz Roubaud, relogio, prende-papeis, offerta de Dalfim Guimarães; 2.º, Antonio Pontes, corta-papel em prata, offerta de José Santos Mattos; 3.º, Augusto Monteiro, caneta de prata, offerta de Luiz Roubaud. Saltos com trampolim: 1.º premio, Luiz Roubaud, escova de prata para fato, offerta de Eduardo Dias; 2.º, Antonio Pontes, fosforeira de prata, offerta de D. Lucinda Bezelga; 3.º, João de Sousa, caneta de prata, offerta de Antonio Batalha. Saltos á vara: 1.º premio, Antonio Pontes, estatueta em bronze, offerta dos Recreios Desportivos da Amadora; 2.º, Arnaldo Vieira, raspadeira e caneta em prata, offerta de D. Amelia Rodrigues; 3.º, Luiz Roubaud, caneta de prata, offerta de D. Dores Costa. Assalto de «box»: premio a José Gomes da Silva, caneta de prata, offerta de D. Marianna Rodrigues; premio a Germano Garcez, caneta de prata, offerta de Raul Marques. Corrida de velocidade em patins para senhoras e cavalheiros (para cavalheiros): 1.º premio, João Santos Mattos, tinteiro com pedestal, offerta de D. Carmen Roubaud; 2.º, Fernando Correia, escovas de prata, offerta de Carlos Marques; 3.º, Arnaldo Vieira, escova de prata para unhas, offerta de Zeferino Rocha. (Para senhoras): 1.º premio, D. Maria Luiza Correia, licoreiro, offerta de D. Leopoldina Balsas; 2.º, D. Maria José Outeiro, calçadeira e abotoador de prata, offerta de J. Costa Ribeiro; 3.º, D. Celeste Santos Mattos, pente e escova de prata, offerta de D. Fernanda Outeiro; 4.º, D. Aurora Outeiro, bule de phantasia, offerta de D. Alda Ferreira. Corrida de 3 pernas em patins: 1.º premio, João Santos Mattos, copo com pedestal, offerta de Alfredo Gomes; Arnaldo Vieira, copo com pedestal, offerta de João Santos Mattos; 2.º, Walter Alvarez, fruteiro, offerta de Innocencio Madeira; Jorge Paramos, frasco de agua de Colonia, offerta de D. Maria Cavaca; 3.º, Frederico Flores—calendario, offerta de Raul Venancio; Antonio d'Almeida, calendario, offerta de Raul Venancio. Corrida de cadeiras em patins para senhoras: 1.º premio, D. Maria Santos Mattos, pulverisador, offerta de D. Elvira Ferreira; 2.º, D. Celeste Santos Mattos, guarda-joias, offerta de José Carrasqueiro; 3.º, D. Leonor Santos Mattos, pente de prata, offerta de D. Alice Marques; 4.º, D. Maria Luiza Correia, photo-miniatura, offerta de D. Manuela Bermudes; 5.º, D. Maria José Outeiro, caixa para pó de arroz, offerta de D. Maria Victoria Madeira.

Corrida de obstaculos em patins para senhoras e cavalheiros (para cavalheiros): 1.º premio, João Santos Mattos, estatueta com relogio, offerta de D. Evelina Adão; 2.º, Walter Alvarez, estatueta de biscuit, offerta de V. A.; 3.º, Antonio Adão, estatueta com thermometro, offerta de Carlos Barros. (Para senhoras): 1.º premio, D. Maria Luiza Correia, espelho com pedestal, offerta de Humberto de Sousa; 2.º, D. Maria José Outeiro, talher de prata para morangos, offerta de D. Maria Luiza Correia; 3.º, D. Celeste Santos Mattos, escova de prata para unhas, offerta de D. Laurinda Roubaud; 4.º, D. Aline Sacavem, caixa de loiça, offerta de Nunes Gonçalves. Jogo «Del Desahogo»: premio a Luiz Roubaud, medalha de prata, offerta de Arnaldo Vieira; premio a Zeferino Rocha, medalha de prata, offerta de Victor Carriço. Corrida de luvas para senhoras e cavalheiros: 1.º premio, D. Amelia Rodrigues, caneta de prata, offerta de D. Carolina d'Almeida; Augusto Monteiro, escova de prata, offerta de D. Margarida Costa; 2.º, D. Etelvina Barão, copo de prata, offerta de D. Eduarda Cabrita; Juvenal Silva, jarra com pedestal, offerta de D. Maria José Outeiro; 3.º, D. Eduarda Cabrita, almofada bordada, offerta de D. Alda e D. Laura Seixas; Vasco Freiria, caixa de papel de carta, offerta de Mario Pinhão. Corrida de cigarros para senhoras e cavalheiros: 1.º premio, D. Clotilde Oliveira, estatueta de biscuit, offerta de D. Herminia Gomes; Juvenal Silva, livro (Eurico), offerta de Vasco Ribeiro; 2.º premio, D. Amelia Rodrigues, almofada de setim, offerta de D. Maria e D. Laura Athayde; João de Sousa, porte-relogio, offerta de D. Lia Silva; 3.º premio, D. Margarida Viau, par de jarras, offerta de D. Carolina de Almeida; Mario Viau, jarra, offerta de D. Celeste Santos Mattos. Corrida de gravatas para senhoras e cavalheiros: 1.º premio, D. Maria Santos Mattos, vaso de loiça, offerta de D. Maria Oliveira; Antonio Pontes, vaso de loiça, offerta de D. Clotilde Oliveira; 2.º, D. Maria Athayde, anelleira, offerta de D. Aline Sacavem; Braulio Seixas, jarra, offerta de D. Leonor Santos Mattos; 3.º, D. Leonor Santos Mattos, calendario offerta de Raul Venancio; Antonio Adão, calendario, offerta de Raul Venancio. Corrida de animaes para senhoras: 1.º premio, D. Maria Roubaud, «moinho» em loiça, offerta de D. Virginia Alves; 2.º, D. Leonor Santos Mattos, jardineira, offerta de D. Maria Luiza Santos Mattos; 3.º, D. Maria José Guimarães, estatueta de biscuit, offerta de D. Miquelina Outeiro; 4.º, D. Laurinda Roubaud, pregadeira, offerta de D. Alice Silva; 5.º, D. Clotilde Oliveira, alfineteira, offerta de D. Eugenia Madeira.

Sport Grupo Portugal

Os jogadores de «foot-ball» d'este grupo, devem comparecer no proximo domingo, na estação do Rocio, ás 12 e 30 da manhã prefixas, para irem para o campo no comboio das 12 e 50 para treino.

...as em ouro

...erreira, ind... ...ro de Lon... ...iro, d'este ...mezes em ...na admi... ...n furtado 400 ...va dentro de ...arombada. To... ...o do Transvaal.

Industria corticeira

Uma solução á crise operaria em Evora

A proposito do desenvolvimento da industria corticeira em Evora tivemos occasião de ouvir algumas palavras ao vereador da camara municipal d'aquella cidade, sr. Jacintho Fialho, que, por ser corticeiro e portanto conhecedor pratico do assumpto, nos apressámos a notar.

Dizia elle:

—E' indiscutivel que a industria corticeira tem possibilidade d'um largo desenvolvimento em Evora; mas para o alcançar é indispensavel a iniciativa dos industriaes e a dos productores de cortiça, que, apesar de interessados, nada querem fazer, nem mesmo ajudar a iniciativa official.

«Quando o sr. Antonio Maria da Silva foi ministro do fomento, creou os armazens geraes que, entre varias attribuições, tinham de collocar os productos regionaes no estrangeiro, por intermedio dos nossos agentes consulares.

«Organisada a circumscripção agricola do sul, com séde em Evora, o seu director, o sr. Sá Vianna, immediatamente deu começo aos trabalhos necessarios pedindo informações aos nossos consules ácerca dos mercados estrangeiros; a maior parte d'elles da melhor vontade se prestaram a enviar os indispensaveis esclarecimentos, e a breve trecho tinha a circumscripção do sul no seu archivo uma nota minuciosa de negociantes que acceitavam mercadorias nossas, inclusivé cortiça, quando lh'as remettessem. Logo a circumscripção enviou uma circular a todos os industriaes e lavradores pedindo amostras para mandar para o estrangeiro. Pois nem um só respondeu á circular!

«Mas não foi esta a unica tentativa que se fez; a commissão organisadora da secção portugueza da exposição Panamá-Pacifico mandou a Evora um delegado que procurou pessoalmente alguns industriaes, convidando-os a mandarem amostras dos seus productos para a exposição americana e garantindo-lhes que nenhuma despeza isso lhes causava alem do transporte á estação do caminho de ferro.

«Nem assim os industriaes corticeiros e os productores de cortiça se moveram!

«A iniciativa dos industriaes corticeiros tem-se limitado a reclamar ao Estado a creação de armazens industriaes e abonos, pela Caixa Geral de Depositos, de 50 % do valor das mercadorias n'elles depositadas.

«Mas d'estas medidas os operarios corticeiros quasi nada beneficiaram; a crise affirma-se de dia para dia com maior intensidade, de maneira que o auxilio do Estado só aos industriaes aproveita.

«No entanto, a situação melhoraria enviando agentes commerciaes, devidamente habilitados, aos mercados estrangeiros consumidores com amostras para ali promoverem a venda dos nossos productos. E' certo que a sua acção seria lenta, mas entrementes, para remediar a crise operaria seria desde já imposta a todos os industriaes que levantassem dinheiro da Caixa Geral sobre as mercadorias armazenadas a obrigação de fabricarem uma determinada quantidade de cortiça; e assim se daria trabalho aos operarios».

Matheus Ruivo

Coliseu dos Recreios

A estreia da «Festa da Jota»

Com uma casa cheia effectuou-se hontem a estreia do interessante *Trio Juliettes*, creanças encantadoras, que com a maior desenvoltura e vivacidade cantam e bailam *couplets*, canções, fados etc. E' numero lindissimo que deve fazer carreira no Coliseu.

Hoje estreiam-se os artistas equilibristas comicos *Constans e Claudia* e ámanhã é o primeiro espectaculo para accionistas.

No sabbado, estreia sensacional da famosa e extraordinaria *Festa da Jota*, organisada pelo celebre Bautista Larrosa, com 15 *baturros de verdad*, 3 parelhas de baile, o Nino d'Aarrabal, conhecido pelo *Gayarre d'Aragon* e o notavel grupo Alegria sob a direcção do maestro Povedano.

Todas as noites é muito admirado o assombroso trabalho dos ferozes leões do mimodrama em 2 partes *Vingança de Feras*. Marck e sua filha dão provas de extraordinaria coragem defrontando-se com os leões.

Festas associativas

Na Sociedade Promotora da Educação Popular ha depois de ámanhã, como já noticiámos, recita com a peça *João José* desempenhada pelo grupo dramatico do Club Recreativo Lusitano, seguindo-se baile.

Espectaculos

Cartaz de ámanhã

GIMNASIO—A's 21—O homem macaco.

AVENIDA—A's 20,30, 21,45 e 23—Coração á larga.

POLITEAMA—A's 20,30 e 22,30—Não desfazendo... (Revista).

COLISEU DOS RECREIOS—A's 21—Companhia de circo.

Agenda da semana

AMANHÃ—Gimnasio—Abertura da epocha—*O homem macaco.*

Noticias

Entre nós

O numero hontem estreado no Polyteama «O cortador e a peixeira», com que foi ampliada a celebre revista «Não desfazendo» constituiu uma sensacional novidade que o publico applaudiu com enthusiasmo.

Para a semana realisa-se a festa artistica do Ignacio Peixoto, o impagavel policia da revista com um espectaculo sensacional e cheio de surprezas.

Circos & Music-halls

Realisa-se depois d'ámanhã a reabertura do elegante salão Paradis com um programma sensacional em que se destacam os Ressons, extraordinaria «pareja» de bailes modernos, unica rival de Duque e Gaby, e a gentil couplestista Parita Alhambre, considerada uma das mais formosas artistas de Hespanha. Completa o espectaculo uma curiosa collecção de fitas animatographicas das melhores casas estrangeiras.

A'manhã effectua-se uma recita offerecida á imprensa para exhibição de varios «films» e apresentação dos artistas escripturados pela nova empreza, que introduziu varios melhoramentos no Paradis, tornando-o assim um dos mais confortaveis e elegantes salões da capital.

—Na revista «Tem piada», com que se inaugura a epocha do inverno no theatro Salão dos Anjos, depois d'ámanhã, estreiam-se as actrizes Leopoldina Nilo, Noemia Fernandes, Julia da Conceição, Felismina Silva e a debutante Argentina Massaquiol.

SALÃO DA TRINDADE—A's 20 e 22—Operetta e fitas animatographicas.

ANIMATOGRAPHOS E CONCERTOS.—Olimpia, *matinées* diarias e sessões á noite; Central, Chiado Terrasse, Salão Foz, Rocio; Sociedade Promotora de Instrucção, em Alcantara, sessões ás quintas feiras, sabbados e domingos.

CINEMATOGRAPHOS OU ESPECTACULOS VARIADOS—Chantecler, Imperio, Salão Graça, na Caixa Economica Operaria, Variedades, na calçada da Estrella.

A provincia n'A CAPITAL

COIMBRA, 29.—Começam no dia 1 de outubro e terminam em 18 os exames da segunda epocha no liceu d'esta cidade.

—Hontem e hoje teem cahido algumas chuvadas que muito beneficiaram as hortas e as oliveiras.

—A colheita de vinho, que foi muito regular, está concluida dizendo os entendidos que elle deve ser de primeira qualidade, devido a ter sido creado com grande estiagem. A aguardente de bagaço está-se vendendo em alguns logares do concelho a 2$00 cada 20 litros.

ANCIÃO, 29.—Refrescou o tempo, tendo chovido por vezes.

Movimento maritimo

Bab., R. J. e San. «Tennyso» (de Liv.)	30
Bat., Tim., etc. «Remb.» (de Ams.)	30
Africa oriental, «Glen Rosa» (Liverp.)	2
Africa oriental «Moçambique»	3
N. York, via Aç. «Roma» (da Giural.)	3
Vigo e Inglat. «Demar.» (do Brazil)	4
R. J. e B. Pra. «Divona» (de Bordeus)	5
Archipelago dos Açores «Funchal»	5
Amst. e esc. «Tubantia» (de Batavia)	5

tos districtos as necessidades do novo exercito que estava sendo formado tornaram impossivel accommodar refugiados. Como a emigração augmentava, teve de se proceder differentemente. Os refugiados foram mandados, primeiro ás centenas, depois aos milhares para a beira-mar, onde era facil achar-lhes alojamentos. As praias de Devonshire e da Galles do Norte, com Blackpool, foram os logares escolhidos.

Esse plano tinha certas vantagens. Os refugiados eram collocados em agradaveis e saudaveis alojamentos e as creanças, se fôssem consultadas, teriam preferido o nôvo alojamento. E para essas localidades a ida dos refugiados representava tambem um beneficio, pois haviam soffrido muito com a rebentar da guerra quando a estação das praias estava no seu auge.

Quando os refugiados para ali foram mandados, ninguem esperava que um grande numero d'elles ia ser absorvido pelas industrias inglezas, nem ninguem supponha que a guerra duraria tanto. A experiencia mostrou que esse systema tinha graves defeitos. Essas povoações á beira-mar não tinham industrias e ainda que com a melhor boa vontade apenas um pequeno numero de homens podiam ali encontrar trabalho.

Blackpool, por exemplo, tendo 2.000 refugiados, em junho findo apenas encontrára trabalho para cerca de 200 d'ambos os sexos, alguns no caminho de ferro, outros como alfaiates militares e uns cincoenta nas obras publicas. N'um alto centro industrial teria sido empregado muito maior numero e com muito maior facilidade. Se para os homens era difficil a collocação, para as mulheres ainda essa difficuldade augmentava.

Em Glasgow teriam ellas sido facilmente empregadas; em Blackpool eram apenas pensionistas. Alguns dos refugiados, assim na inacção, podiam ter-se desmoralisado, mas tal não succedeu, pois no espaço de quatro mezes esses dois mil refugiados, muitos d'elles camponezes e trabalhadores das docas, apenas deram motivo á intervenção da policia em meia duzia de casos de somenos importancia.

Uma sala de leitura e um club que abriram no principio de junho e que tinham sido constituidos com auxilio dos seus amigos inglezes ajudaram-nos a passar a vida utilmente. Apoz a longa experiencia feita, arbitrou-se que cada refugiado recebesse o subsidio de 11 shillings.

Como sempre succede em casos

O fallecido vice-almirante inglez sir Christopher Cradock

semelhantes, os mais felizes dos refugiados eram as creanças, que aproveitavam immenso com a sua estada á beira-mar. A nova vida que tinham era para ellas interessante. Aprendiam o inglez muito mais rapidamente que seus paes e fallavam-no com um delicioso accento estrangeiro. Frequentavam regularmente as escolas, tendo-se em Blackpool instituido duas para seu uso particular.

N'uma d'ellas, frequentada por perto de 250 creanças, a instrucção era ministrada em flamengo por irmãs da caridade belgas. Na outra,

procurando parentes ou amigos de quem não sabiam o destino que haviam tido.

O numero total que constava de esse registo era só de per si impressionador. O numero de fugitivos que chegou da Belgica até principios de junho de 1915 foi approximadamente de 265.000. Entre elles vieram 40.000 soldados feridos, dos quaes 18.000 voltaram para os campos de batalha.

D'esses 265.000 refugiados, cerca de 15.000 não eram belgas, mas principalmente judeus russos empregados no commercio de diamantes de Antuerpia; uns 6.000 foram transportados á sua custa ou á custa da communidade judaica de Londres. Uns 10.000 tiveram de voltar para a Belgica, por causa dos impostos que as auctoridades allemãs lançaram ás propriedades cujos donos se tivessem ausentado do paiz. Tambem do numero total temos a abater uns 5.000 que mais tarde foram para o exercito, devendo esse numero, no momento em que escrevemos, ser muito maior.

Póde, portanto, calcular-se que o numero de refugiados belgas, em principio de junho, em Inglaterra andava por 211.000, sendo 51.000 homens de mais de 25 annos, ao passo que 80.000 eram mulheres e raparigas de mais de 16 annos.

A noticia de que os refugiados belgas estavam principiando a chegar á Inglaterra encontrou o povo inglez absorvido com as suas proprias necessidades. A idéa de preparar tudo para a recepção dos refugiados acudiu simultaneamente a dois grupos.

A organisação das mulheres do Ulster immediatamente preparou tudo para que casas fossem destinados em Inglaterra á recepção dos emigrados.

Tinha as suas listas de hospedeiros promptas e um comité foi organisado, de que lord Hugh Cecil tomou a presidencia, sendo lord Gladstone o thesoureiro. O conde de Lytton, que ajudára a organisar as secções britannicas nas exposições de Bruxellas e de Ghent, tomára uma iniciativa independente. Fizera circular listas de subscripções entre os expositores a fim de formar um fundo de auxilio e uma commissão foi a Ostende a fim de inquirir das necessidades dos refugiados.

O primeiro appello publico do Comité de Refugiados da Guerra appareceu nos jornaes de 24 d'agosto. Pedia-se n'elle hospitalidade, dinheiro, vestuario, alimento e serviços pessoaes. A resposta foi magnifica e rapida. Mais de mil cartas offerecendo hospitalidade chegaram no primeiro dia e essas offertas continuaram nos dias seguintes, sendo recebidas n'um só dia 5.000 cartas. N'uma quinzena dispunha-se de hospitalidade para 100.000 refugiados.

Era muito mais do que uma resposta á chamada do dever, pois era a manifestação de piedade pela desgraça. Todos sabiam que a Belgica tinha attrahido sobre si a inimizade da Allemanha por se não prestar aos seus designios, todos avaliavam o immenso serviço que a sua rapida e vigorosa resistencia tinha prestado á causa dos alliados.

Se essas offertas de hospitalidade revelavam piedade pelos sem lar e indignação pelos soffrimentos immerecidos, tambem revelavam admiração por uma pequena nação valente e, acima de tudo, gratidão pelo que ella havia feito. Vieram de todas as partes do Reino Unido e de todas as classes sociaes. Muitos trabalhadores offereceram um logar em sua casa a um camarada da Belgica e grupos de visinhos combinaram partilhar a responsabilidade de sustental-os e darem alojamento a uma ou mais familias.

Nunca um eschema puramente official encontrou acceitação mais generosa e a mera dadiva de dinheiro foi um pallido meio de a expressar. O povo que fazia as offertas queria não só dar alimento, vestuario e alojamento aos refugiados, mas queria ainda mais do que isso: desejava estar em contacto intimo com elles, exprimir-lhes nos cuidados diarios que se teem por um hospede a

gratidão e a sympathia que sentia por toda a nação belga.

O problema immediato que se apresentava ao Comité dos Refugiados da Guerra era não tanto o organisar a hospitalidade, como o de prover ás necessidades urgentes dos refugiados que estavam chegando primeiro ás centenas, em seguida aos milhares, diariamente. Vinham exhaustos, cançados, muitos doentes, e a mais perfeita organisação não podia mandar as familias que desembarcavam em Folkestone, sem demora de uma hora, para Yorkshire ou para Glasgow.

Os refugiados quasi sempre precisavam de descanço, algumas vezes cuidados medicos e vulgarmente careciam tambem de alguns artigos de vestuario. Foram organisados depositos de recepção temporarios e transportes tiveram de ser organisados em todos os seus complicados pormenores.

As offertas vindas do Ulster apenas offereciam alojamento a mulheres e creanças, mas as mulheres belgas recusaram-se a separar-se dos maridos.

Essas offertas foram no depois verificadas; a boa fé e a respeitabilidade dos que offereciam hospitalidade tiveram de ser attestadas por pessoas dignas de fé, porque se receiava que algumas offertas fôssem feitas por gente que quizesse explorar os refugiados. Finalmente, tinha de se proceder á delicada tarefa de distribuir os belgas pelas casas que mais em harmonia estivessem com os seus habitos de vida ou com as suas profissões. Claro era que, por exemplo, o mineiro de Yorkshire que offerecia alojamento e casa a um refugiado, desejaria que este fôsse um companheiro de trabalho. Os grupos de vizinhos que haviam offerecido alojamento e alimentação a mais d'uma familia desejavam que aquelles a quem tal offerecimento aproveitasse fôssem tambem vizinhos, parentes ou amigos. Não havia, porém, tempo para resolver tão delicado problema, contentando-se os que faziam a distribuição com escolherem o melhor que podiam, em harmonia com o que deixamos indicado.

Serviços especiaes foram montados para attender a tudo o que se relacionava com os emigrados, sendo os principaes auxiliares mulheres, que se mostraram infatigaveis e que a tudo attendiam com um zelo e carinho dignos dos maiores louvores.

A emigração em breve excedeu os limites a que a iniciativa particular podia prover. Contava-se com o numero de 100.000 refugiados; esse numero excedeu a duzentos e cincoenta mil. O governo tinha de attender ao problema dos refugiados, tanto mais que havia a certeza de que espiões allemães vinham entre elles, disfarçados. A 10 de setembro, Herbert Samuel, em nome do governo inglez, offereceu aos refugiados belgas hospitalidade em nome da nação. Foi ao mesmo tempo uma garantia e um convite e teve por effeito augmentar a torrente dos que chegavam. Era um bom meio do governo incitar a iniciativa particular e a generosidade a darem o mais que podiam.

O Comité de Refugiados da Guerra foi encarregado de continuar a obra que tão bizarramente tinha encetado, mas em caso de qualquer falta de recursos por detraz d'elle estava a nação. Formaram-se comités locaes, que em breve subiram a 2.000 em todo o paiz. Tudo foi organisado methodicamente, sendo até as creanças, em numero de duas a tres mil, mettidas em collegios, escolas ou conventos inglezes onde havia professores que fallavam francez e flamengo. Aos que tinham profissões tratou-se de os collocar, a fim de poderem provêr á sua subsistencia.

Mais difficil era ao Comité arranjar emprego aos exilados das classes médias, que muitas vezes não tinham meios, mas que mais difficilmente encontravam collocação do que os artifices. Foram enviados principalmente para Battersea e Brixton, onde se lhes arranjou alojamento e comida por preços que variavam de 6 shillings e 6 pences a 15 shillings e 6 pences por semana. Perto de 1.100 ficaram em Londres,

recebendo um subsidio de 10 shillings por cada membro de familia. Para outros refugiados das classes médias, em numero de cêrca de 400, onze alojamentos foram organisados por lady Lugard. A provisão de generos alimenticios foi organisada pelo Fundo Nacional de Alimentação. Receberam-se dadivas de generos dos governos das colonias e de firmas inglezas e, assim, distribuindo esses generos, conseguiu-se que os belgas assim soccorridos pudessem viver com os modestos subsidios que recebiam.

Sigamos agora os refugiados desde que chegavam a Inglaterra até á sua installação definitiva. O primeiro estagio era a sua recepção em abrigos temporarios que lhes serviam de casa por alguns dias emquanto se tratava de lhes arranjar alojamento. O encargo de provêr ás suas necessidades durante esse periodo competia á repartição governamental de azylos. Alojou o maior numero de refugiados á sua chegada á Inglaterra primeiro em Alexandra Palace, depois nos edificios da exposição em Earl's Court.

Esses refugiados chegaram ao numero de 12.000. A obra, tanto dos funccionarios governamentaes como dos comités voluntarios de senhoras que com elles cooperavam, foi tão generosa como magnificamente executada. Não se limitaram a fornecer-lhes um abrigo quente e uma alimentação boa. Trataram, apezar da pressa e da grande escala da emigração, de completar o que faziam com uma certa graça e de imprimirem a tudo o que faziam um ar de sympathia e de boas vindas. A primeira impressão que recebia quem visitava esses abrigos era a de que se entrava n'um recinto onde grande numero de lindas creanças estavam reunidas para assistirem a um pic-nic. Cada pequenita que se via trazia uma boneca na mão e rapazes e raparigas juntos brincavam alegremente, não parecendo ter pena das ruas de Antuerpia, nem sequer n'ellas pensarem. As espaçosas salas da Exposição em Earl's Court tinham sido convertidas em grandes dormitorios.

O «hall» central fôra transformado em sala de jantar. Para as creanças havia uma sala-escola e para as creancinhas uma crèche. As mulheres tinham uma lavanderia, com todos os apprestos para tratarem da roupa. Um pequeno theatro havia sido adaptado temporariamente a capella. E não faltava um club, intitulado «Club dos Bemvindos», enfeitado de flôres e que no seu jardim era um perfeito recreio para os doentes.

Depois de permanecerem tres ou quatro dias em Earl's Court ou em Alexandra Palace, os refugiados eram mandados para outros alojamentos. A principio iam principalmente para casas particulares. A's vezes ficavam ahi permanentemente, mas na maioria dos casos apenas por alguns mezes. Casas eram alugadas pelo «Comité», onde se reuniam duas ou mais familias belgas, formando assim uma pequena colonia.

Algumas vezes, os trabalhadores d'uma aldeia, embora não gozassem de prosperidade, juntavam-se e contribuiam com um shilling semanalmente para manter uma ou duas familias belgas entre elles. A vantagem d'esse plano era dupla. Em primeiro logar o refugiado era cercado de amigos; em segundo, quando os homens não encontravam trabalho pelo menos as mulheres tinham as suas occupações habituaes.

O que aldeias e pequenas cidades fizeram por uma duzia ou um grupo de refugiados, as grandes cidades fizeram-no por milhares. Glasgow, com ajuda financeira do resto da Escocia, encarregou-se do sustento de 10.000 refugiados, tendo além d'isso contribuido com 130.000 libras para o fundo official belga de auxilio na Belgica. Só n'um grande edificio foram alojados cento e cincoenta refugiados, mas seguia-se habitualmente o plano de alojar cada familia em separado n'uma pequena casa ou em duas salas e um jardim.

Havia comtudo limites ao numero de refugiados que mesmo as grandes cidades podiam sustentar. Em mui-